

Outlander 8

DIANA  
GABALDON



ESCRITO COM  
SANGUE DO MEU  
PRÓPRIO CORAÇÃO

A small, stylized signature or logo at the bottom center of the page. It appears to be a calligraphic flourish or a small emblem, possibly related to the author or publisher.

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

a

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [lelivros.com](http://lelivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

***"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."***



# *Escrito com Sangue do Meu Próprio Coração*

## **Diana Gabaldon**

Serie Outlander 08



capa font fina

Em seu romance clássico *Outlander*, Diana Gabaldon contou a história de Claire Randall, uma enfermeira ex-combatente do exército Inglês que anda através de um círculo de pedra na Escócia em 1946, e desaparece... em 1743. A história se desenrolou a partir daí em sete romances Best-sellers, que a CNN chamou de — uma grande aventura escrita em uma tela que investiga o coração, pesa a alma e mede o espírito humano através dos séculos. — Agora a história continua em *Escrito Com Sangue do Meu Próprio Coração*.

1778: A França declara guerra à Grã-Bretanha, o exército Britânico deixa a Filadélfia, e as tropas de George Washington saem de Valley Forge perseguindo-o. Neste momento, Jamie Fraser retorna de uma suposta sepultura sob as águas para descobrir que seu melhor amigo se casou com sua esposa, seu filho ilegítimo descobriu (para seu horror) quem seu pai realmente é, e seu amado sobrinho Ian, quer se casar com uma Quaker. Enquanto isso, a esposa de Jamie, Claire, e sua irmã, Jenny, estão ocupadas juntado às peças.

Os Fraser só podem agradecer porque sua filha Brianna e sua família estão seguros no século XX na Escócia. Ou não. Na verdade, Brianna está à procura de seu próprio filho, que foi sequestrado por um homem determinado a descobrir os segredos de sua família. Seu marido, Roger, se aventurou no passado em busca do menino desaparecido... sem suspeitar que o objeto de sua busca não saísse do presente. Agora, com Roger fora do caminho, o sequestrador pode se concentrar em seu verdadeiro alvo: a própria Brianna.

*Escrito Com Sangue do Meu Próprio Coração*, é um brilhante capítulo da próxima obra-prima da imaginação, diferente de qualquer outra.

### **PRÓLOGO**

À luz da eternidade, o tempo não tem sombra.

*Nossos velhos sonharão e nossos jovens terão visões. Mas o que é que as mulheres mais velhas veem?*

*Vemos a necessidade, e fazemos as coisas que devem ser feitas.*

*As mulheres jovens não veem, e a primavera da vida passa por elas.*

*Nossa é a guarda da primavera, nossa a blindagem da luz que temos que acender a chama que somos.*

*O que eu vi? A visão da minha juventude, o sonho constante de todas as minhas idades.*

*Aqui estou à beira da guerra, novamente, uma cidadã de nenhum lugar, nenhum tempo, nenhum país, além do meu próprio... e em uma terra banhada pelo mar, mas sem sangue, limitada apenas pelos contornos de um rosto sempre amado.*

## *Parte I - Conexão*

### *Capítulo 01 – Um Quintal de Pedras*

*16 de junho de 1778*

*A floresta entre Filadélfia e Valey Forge*

**Ian Murray estava em pé com uma pedra na mão, olhando para o chão, que ele escolhera. A pequena clareira, fora do caminho, entre uma dispersão de grandes pedregulhos e líquen, sob a sombra de pinheiros e ao pé de um grande cedro vermelho; um lugar aonde nenhum transeunte ocasional iria, mas não inacessível. Queria trazê-los para cá – a família.**

**Fergus, para começar. Talvez apenas o próprio Fergus. Mamãe criara Fergus desde que ele tinha dez anos, e antes disso ele não teve mãe. Fergus conhecera sua Mãe a mais tempo do que Ian, e a amava tanto quanto ele. *Talvez mais*, ele pensou sua tristeza agravada pelo sentimento de culpa. Fergus ficara com ela em Lallybroch, ajudara a cuidar dela e do lugar, ele não ficara. Engoliu em seco e caminhou rumo ao pequeno espaço claro, posicionando sua pedra no meio, então recuou para olhar.**

**Até mesmo quando fez isso, viu-se sacudindo a cabeça. Não, tinham que ser dois marcos. Sua Mãe e Tio Jamie eram irmão e irmã, e a família poderia lamentá-los juntos aqui — mas havia outros que ele**

podia trazer, talvez, para lembrar e prestar suas homenagens. E aquelas eram as pessoas que teria conhecido e amado Jamie Fraser, mas não teriam conhecido Jenny Murray de dentro de um buraco no...

A imagem de sua mãe *dentro* de um buraco no chão esfaqueava como um garfo recuou com a lembrança de que ela não estava, no fim das contas, em uma cova, e esfaqueou novamente mais duro por isso. Ele realmente não podia suportar a visão deles se afogando, talvez agarrados uns aos outros, lutando para permanecer...

—A *Dhia!*— Disse violentamente, e deixou que a pedra caísse, voltando uma vez mais para encontrar mais. Ele vira pessoas se afogarem.

Lágrimas corriam por seu rosto com o suor do dia de verão, ele não se importou, só parando de vez em quando para limpar o nariz na manga. Amarrou um lenço enrolado em volta de sua cabeça para manter o cabelo e o suor fora de seus olhos; estava encharcado antes que ele adicionasse mais de 20 pedras para cada um dos montes de pedras.

Ele e seus irmãos construíram um belo marco para o seu pai, no alto da pedra esculpida que levava o seu nome, — todos os seus nomes, não importando quantos fossem — no local dos sepultamentos em Lallybroch. A então mais tarde, no funeral, os membros da família, seguidos pelos inquilinos e servos, vieram um por um para adicionar uma pedra cada um pelo o peso da lembrança.

Fergus, então. Ou... não, o que ele estava pensando? Tia Claire devia ser a primeira que traria aqui. Ela mesma não era escocesa, mas sabia bem o que um monte de pedras significava, e talvez se consolasse um pouco, ao ver as de tio Jamie. Sim, certo. Tia Claire, em seguida Fergus. Tio Jamie era pai adotivo de Fergus, ele tinha o direito. E então talvez Marsali e as crianças. Mas talvez Germain, fosse velho o suficiente para vir com Fergus? Estava com quase dez, perto o suficiente de ser entendido como um homem, de ser tratado como um homem. E tio Jamie era seu avô, era adequado.

Afastou-se de novo e enxugou o rosto, respirando pesadamente. Insetos gemiam e zumbiam por seus ouvidos e pairavam sobre ele, querendo seu sangue, mas ele despiu-se e besuntou-se com gordura de urso e hortelã à moda dos Mohawks; eles não tocaram.

—Zelee por eles, Espírito do Cedro Vermelho — ele disse suavemente em Mohawk, olhando para os galhos perfumados da árvore. — Guarde suas almas e mantenha sua presença aqui, fresca como seus ramos.

Ele se benzeu e se inclinou para cavar ao redor do molde macio de folhas. Um pouco mais de pedras, pensou. Para o caso de que fossem espalhadas por algum animal que passasse. Espalhadas como seus pensamentos, que vagavam inquietos para lá e para cá entre os rostos de sua família, o povo de Ridge — Deus, ele poderia alguma vez voltar para lá? Brianna. Oh, Jesus, Brianna...

Ele mordeu o lábio e sentiu o sabor do sal, lambeu-o e seguiu em frente, forrando. Ela estava segura com Roger Mac e as crianças. Mas Jesus, ele poderia ter ouvido mais de seus conselhos — ainda mais os de Roger Mac.

Quem ficou para que ele consultasse, caso precisasse de ajuda tomando conta de todos eles?

O pensamento em Rachel veio a ele, e o aperto no peito diminuiu um pouco. Sim, se tivesse Rachel... ela era mais nova que ele, ou melhor, tinha dezenove anos, e sendo uma Quaker, tinha noções muito estranhas de como as coisas deveriam ser, mas se a tivesse, ele teria uma rocha sólida debaixo de seus pés. Ele esperava que a *tivesse*, mas ainda havia coisas que devia dizer a ela, e o pensamento dessa conversa fez o aperto no peito voltar.

A imagem de sua prima Brianna voltou, também, e permaneceu em sua mente: alta, de nariz comprido e de ossos fortes como o pai... e com ela veio à imagem de seu outro primo, o meio irmão de Bree. Santo Deus, William. E o que deveria fazer com William? Duvidava que o homem soubesse a verdade, que soubesse que era filho de Jamie Fraser — seria responsabilidade de Ian contar? Trazê-lo aqui?

Deve ter gemido com o pensamento, por que seu cão Rollo levantou a enorme cabeça e olhou para ele com preocupação.

—Não, não sei disso, também — Ian disse a ele. —Vamos esperar que, sim? — Rollo colocou a cabeça para trás em suas patas, estremeceu seu couro peludo contra as moscas e relaxou em paz.

Ian trabalhou um pouco mais, e deixou os pensamentos escorrerem com o seu suor e suas lágrimas. Ele finalmente parou quando o sol poente tocou o topo das pedras, sentindo-se cansado, mas mais em paz.

As pedras subiam à altura do joelho, lado a lado, pequenas, mas sólidas.

Ele parou um pouco, não pensando mais, apenas ouvindo a agitação das pequenas aves na grama e na respiração do vento entre as árvores. Então ele suspirou profundamente, agachou e tocou um dos marcos.

— *Tha gaol agam oirbh, a Mhàthair* — ele disse suavemente. *Meu amor está em você, mãe.* Fechou os olhos e pousou a mão arranhada na outra pilha de pedras. O chão de terra em sua pele fez com que seus dedos parecessem estranhos, como se pudessem talvez chegar direto através da terra e tocar o que ele precisava.

Permaneceu quieto, respirando, depois abriu os olhos.

—Ajude-me com isso, tio de Jamie— disse. —Eu não acho que possa fazê-lo sozinho.

## *Capítulo 02 – O Bastardo Sujo*

William Ransom, nono conde de Ellesmere, Visconde de Ashness, Barão de Derwent, abriu caminho aos empurrões em meio à multidão na Market Street, obviamente ignorando as queixas daqueles que se recuperavam do impacto.

Ele não sabia para onde estava indo, ou o que deveria fazer quando chegasse lá. Tudo o que sabia era que explodiria se ficasse parado.

Sua cabeça latejava como um furúnculo inflamado. Tudo latejava. Sua mão — provavelmente quebrara alguma coisa, mas não se importava. Seu coração batia dolorido dentro de seu peito. Seu pé, pelo amor de Deus — o que, chutara alguma coisa? Atacou violentamente um paralelepípedo solto, e o mandou vertiginosamente por uma multidão de gansos, que grasnaram furiosos e saltaram em sua direção, assobiando e batendo em suas canelas com suas asas.

Penas e merda de ganso voavam longe, e a multidão dispersou em todas as direções.

—Bastardo!— Gritou a menina que cuidava dos gansos, e batendo com seu cajado, dando um murro astuto na orelha. —O Diabo que te carregue bastardo *dreckiger!*

Este sentimento foi ecoado por uma série de outras vozes iradas, e ele virou em um beco, perseguido por gritos e buzinas de agitação.

Ele esfregou a orelha latejando, cambaleando por entre as construções pelas quais passava alheio a tudo, a não ser a única palavra pulsando cada vez mais alta em sua cabeça. *Bastardo*.

—Bastardo! — Disse em voz alta, e gritou: —Bastardo, bastardo, *bastardo!*— A plenos pulmões, batendo na parede de tijolos ao lado dele com o punho fechado.

—Quem é bastardo?— Disse uma voz curiosa por trás dele. Ele virou para ver uma jovem mulher olhando para ele com algum interesse. Seus olhos moveram-se lentamente por sua estrutura, tomando nota do peito arfante, das manchas de sangue na lapela do casaco de seu uniforme e das manchas verdes da merda de ganso em suas calças chegando aos sapatos de fivela de prata, e voltaram ao seu rosto com mais interesse.

—Eu sou— disse rouco e amargo.

—Ah, é mesmo? — Ela deixou o abrigo da soleira em que estava apoiada, e atravessou o beco para ficar bem na frente dele. Era alta e magra, e tinha um belíssimo par de seios jovens e altos — que estavam claramente visíveis sob a fina musselina de sua roupa, porque, enquanto ela tinha uma saia de seda, ela não usava anáguas. Sem touca também — seu cabelo caia solto sobre os ombros. Uma prostituta.

—Eu mesma sou meio bastarda — disse e tocou de leve no braço. — De que tipo é você? Um travesso? Um malvado?

—Um desgraçado — disse, e fez uma careta quando ela riu. Ela viu a carranca, mas não recuou.

—Entre, — ela disse, e pegou sua mão. — Parece estar precisando de uma bebida. — Ele a viu olhar para os nós de seus dedos, dilacerados e sangrando, e ela capturou o lábio inferior com seus pequenos dentes brancos. No entanto, ela não parecia ter medo, e ele se viu tragado sem protestos, para dentro da entrada sombria atrás dela.

*O que isso importava? Pensou, com um cansaço súbito selvagem. O que qualquer coisa importava?*

*Capítulo 03 - Em que as mulheres, como de costume, juntam os pedaços.*

Número 17, Chestnut Street, Filadélfia.

## A residência de Lord e Lady John Grey

William deixara a casa como um trovão e o lugar se parecia como tivesse sido atingido por um raio. Eu certamente me sentia como a sobrevivente de uma enorme tempestade elétrica; cabelos e terminações nervosas todos de pé em riste, ligados em agitação.

Jenny Murray entrou na casa na esteira de saída de William, e enquanto a visão dela era um choque menor de qualquer um dos outros até agora, ainda me deixava sem palavras. Arregalei os olhos para minha antiga cunhada — embora, chegasse a pensar que ainda era minha cunhada... porque Jamie estava vivo. *Vivo*.

Ele estivera em meus braços há não menos de dez minutos atrás, e a memória de seu toque faiscava por mim como um raio em uma garrafa. Estava vagamente consciente de estar sorrindo como um mergulhão, apesar da destruição em massa, das cenas horríveis, da angústia de William — se é que se poderia chama tamanha explosão como aquela de *angústia* — o perigo para Jamie, e um assombro fraco, com o que Jenny ou a Sra. Figg, a cozinheira de John e dona da casa, poderiam estar prestes a dizer.

Sra.Figg era suavemente esférica, reluzindo em preto, e inclinada a deslizar silenciosamente por trás, ameaçadoramente rolando.

—O que é isso?— Ela latiu, manifestando-se de repente por trás de Jenny.

—Santa Mãe de Deus!— Jenny girou, com olhos redondos e a mão apertada contra o peito. —Quem em nome de Deus é você?

—Esta é a Sra. Figg, — eu disse, sentindo uma vontade surreal de rir, apesar —ou talvez por causa — dos recentes eventos. — ela cozinha para Lord John Grey. E Sra. Figg, esta é a senhora Murray. Minha, hum... minha...

—Sua boa-irmã— Jenny disse com firmeza. Ela levantou uma sobrelha preta. —Se você ainda me quiser?— Seu olhar era direto e aberto, e a vontade de rir mudou abruptamente em um desejo igualmente forte de chorar. De todas as fontes de socorro improváveis que eu poderia ter imaginado... Eu respirei fundo e pus minha mão.

—Vou querer.

Seus pequenos dedos entrelaçaram-se com os meus, e apertaram duro, e simples assim, estava feito. Sem necessidade de desculpas ou

pedidos de perdão. Ela nunca teve que usar a máscara que Jamie usava. O que ela pensava e sentia estava lá em seus olhos, aqueles olhos azuis inclinados como os de um gato, que ela compartilhava com seu irmão. Ela agora conhecia a verdade do que eu era, e ela sabia que eu amava — que sempre amara — seu irmão com todo meu coração e alma, apesar das complicações menores de estar atualmente casada com outra pessoa.

Ela soltou um suspiro, fechando os olhos por um instante, depois abriu e sorriu para mim, a boca tremendo só um pouco.

—Bem, não poderia ser melhor — disse a Sra. Figg, imediatamente. Ela estreitou os olhos e girou suavemente em seu eixo, tendo o panorama da destruição. O corrimão no topo da escada foi arrancado, e rachado, marcando as paredes, e manchas de sangue marcavam o caminho da descida de William. Os vidros quebrados do candelabro se espalhavam pelo chão, brilhando festivamente na luz que se derramava pela porta da frente aberta, a porta pendurava meio bêbada em uma dobradiça.

—*Merde* nas torradas— murmurou a Sra. Figg. Ela virou-se abruptamente para mim, seus pequenos olhos como groselhas negras ainda estreitando-me. —Onde está seu senhorio?

—Ah — eu disse. Isso ia ser um pouco pegajoso, eu percebi. Embora desaprovasse profundamente a maioria das pessoas, a Sra. Figg era dedicada a John. Ela não ficaria nada satisfeita ao ouvir que ele foi sequestrado.

— A propósito, onde está meu irmão?— Jenny perguntou, olhando ao redor como se esperasse que Jamie de repente aparecesse debaixo do sofá.

—Oh, — eu disse. —Hm. Bem... — Possivelmente pior do que pegajoso. Por que...

—E onde está o meu querido William? — A Sra. Figg exigiu, farejando o ar. —Ele esteve aqui, sinto a colônia fedida que ele coloca em sua roupa. — Ela cutucou um pedaço de gesso desalojando em desaprovação com a biqueira do sapato.

Eu respirei longa e profundamente, e um controle apertado sobre o que restava da minha sanidade.

— Sra. Figg, — Eu disse, —talvez a senhora fosse tão gentil e faria para todos nós uma xícara de chá?

Sentamos na sala, enquanto a Sra. Figg ia e vinha da cozinha, mantendo um olho em seu guisado de tartaruga de água doce.

—Você não quer queimar a tartaruga, não, você não quer — nos disse severamente, posicionando o bule de chá em seu acolchoado amarelo quando voltou. —Não com tanto xerez com o tanto de xerez que sua senhoria gosta que se coloque nisso. Quase uma garrafa inteira — terrível desperdício de bom licor, isso seria.

Minhas entranhas prontamente deram voltas. Sopa de tartaruga — com muito xerez — tinha certas associações fortes e particulares para mim, sendo estas relacionadas com Jamie, delírio febril, e a maneira em que a ondulação de um navio auxiliava na relação sexual. Uma contemplação que não ajudaria na discussão iminente no mínimo. Eu esfreguei um dedo entre minhas sobrancelhas, na esperança de dissipar o zumbido da nuvem de confusão se formando lá. O ar da casa ainda parecia elétrico.

—Por falar em xerez— eu disse. —Ou qualquer outro tipo de fortalecedor de espíritos, poderia ser que os ache convenientes, Sra. Figg...

Ela me olhou pensativa, assentiu, e pegou a garrafa no aparador.

—Brandy é mais forte, — disse, e o colocou à minha frente.

Jenny olhou para mim com a mesma preocupação, e estendendo a mão, derramou uma dose de bom tamanho do conhaque no meu copo, em seguida, um similar em seu próprio.

—Apenas para garantir — disse, levantando uma sobrancelha, e bebemos por alguns momentos. Achei que poderia ter algo mais forte do que conhaque dentro do chá para lidar com o efeito dos acontecimentos recentes nos meus nervos —láudano, digamos, ou uma grande dose de uísque escocês, — mas inegavelmente o chá ajudava, quente e aromático, estabelecendo em um suave calor escorrendo a meio caminho.

—Bem, então. Estamos animadas, não estamos?—Jenny pousou o próprio copo e olhou expectante.

—É um começo. — Respirei fundo e dei um resumo dos acontecimentos da manhã.

Os olhos de Jenny eram perturbadoramente como os de Jamie. Ela piscou para mim uma vez, em seguida, duas vezes, e balançou a cabeça

como que para limpá-la, aceitando o que eu apenas disse a ela.

—Então Jamie foi embora com seu Lord John, e o exército britânico está atrás deles, o rapaz jovem que eu encontrei na varanda soltando vapor pelas orelhas é o filho de Jamie — bem, é claro que ele é; um homem cego poderia vê-lo e os soldados da cidade verão. É isso, então?

—Ele não é exatamente o *meu* Lord John — eu disse. —, mas, sim, essa é essencialmente a situação. Presumo que Jamie contou sobre William, então?

—Sim, ele contou. —Ela sorriu para mim por cima da borda de sua xícara de chá. —Estou tão feliz por ele. Mas o que está incomodando o rapaz, então? Ele parecia estar a caminho de caçar um urso.

—O que disse?— A voz da Sra. Figg cortou de forma abrupta. Ela baixou a bandeja que acabara de trazer, a jarra de prata com leite e o pote de açúcar chacoalharam como castanholas. — William é filho de quem?

Tomei um gole fortificante de chá. A Sra. Figg sabia que eu fora casada, teoricamente, viúva de um James Fraser. Mas isso era tudo que ela sabia.

—Bem — eu disse, e fiz uma pausa para limpar a minha garganta. — O cavalheiro, alto com o cabelo vermelho que estava bem aqui, você o viu?

—Vi. — A Sra. Figg me olhou de forma aguçada.

—Deu uma boa olhada nele?

—Não prestei muita atenção ao seu rosto quando ele veio até a porta e perguntou onde você estava, mas eu vi sua parte traseira bastante bem, quando ele me empurrou e correu até as escadas.

—Possivelmente a semelhança é menos acentuada a partir desse ângulo. — Tomei outro gole de chá. — Hum... aquele cavalheiro é James Fraser, meu... er... meu... — *primeiro marido*, não era preciso, e nem era o último marido, ou mesmo, infelizmente, o marido mais recente. Eu me conformei com a alternativa mais simples. —Meu marido. E, o... pai de William.

A boca ad Sra. Figg abriu, silenciosa por um instante. Ela apoiou-se lentamente e sentou em um pufe bordados com um suave *phumph*.

— William sabe disso?— Perguntou ela, depois da contemplação de um momento.

— *Agora, sabe* — eu disse com um breve gesto em direção à devastação na escada, claramente visível através da porta da sala onde estávamos sentadas.

— *Merde quero dizer, Cordeiro Santo de Deus nos preserve.* —O segundo marido da Sra. Figg era um pregador metodista, e ela se esforçava para dar crédito a ele, mas seu primeiro marido foi um jogador francês. Seus olhos fixos em mim como a mira de uma arma.

—Você é mãe dele?

Engasguei com meu chá.

—Não— eu disse, limpando o meu queixo com um guardanapo de linho. — Isso não é assim, *tão complicado.* — Na verdade, era mais complicado, mas eu não explicaria como Willie nasceu, nem para Sra. Figg ou Jenny. Jamie tinha que ter dito a Jenny quem era a mãe de William, mas eu duvidava que ele dissesse a sua irmã que a mãe de William, Geneva Dunsany, o forçara à sua cama, ameaçando a família de Jenny. Nenhum homem de espírito gostaria de admitir que fora efetivamente chantageado por uma menina de dezoito anos de idade.

— Lord John tornou-se o tutor legal de William, quando o avô de William morreu, e nesse ponto, Lord John também se casou com Lady Isobel Dunsany, irmã da mãe de Willie. Ela cuidou de Willie desde a morte de sua mãe durante o parto, e ela e Lord John foram essencialmente os pais de Willie já que ele era muito jovem. Isobel morreu quando ele tinha onze anos ou assim.

Sra. Figg aceitou esta explicação no tranco, mas não estava disposta a se distrair do ponto principal em questão.

—James Fraser — disse, batendo um par de dedos largos em seu joelho e olhando acusadoramente para Jenny. —Como ele não está morto? A notícia era que ele se afogou. —Ela cortou os olhos para mim. —Achei que a sua senhoria se jogaria no porto, também, quando ouviu isso.

Fechei meus olhos com um estremecimento súbito, o horror gelado e salgado daquilo derramando-se sobre mim numa onda de memória. Até mesmo com o toque de Jamie ainda alegrando minha pele e a consciência dele brilhando em meu coração, eu revivia a dor esmagadora de ouvir que ele estava morto.

—Bem, eu posso esclarecer vocês sobre esse ponto, pelo menos.

Abri meus olhos para ver Jenny deixar cair um torrão de açúcar em seu chá fresco e acenar para a Sra. Figg. —Estávamos para comprar uma

passagem em um navio chamado *Euterpe* — meu irmão e eu — para fora da Brest. Mas o bandido de coração negro que era o capitão navegou sem nós. Muito bom que ele fez isso — acrescentou ela, franzindo a testa.

Muito bom, de fato. O *Euterpe* afundara em uma tempestade no Atlântico, perdido com todas as mãos. Como fora dito — tanto para mim quanto para John Grey.

—Jamie nos encontrou outro navio, mas desembarcamos na Virginia, e tivemos que fazer o nosso caminho até a costa, em parte por carroça, em parte, por pacote, ficando fora do caminho dos soldados. Aquelas agulhinhas que você deu a Jamie contra o enjoo funcionaram maravilhosamente — disse, virando-se para mim com aprovação. —Ele me mostrou como colocá-las nele. Mas quando chegamos a Filadélfia ontem — continuou ela, voltando para sua história, — entramos sorrateiramente na cidade durante a noite, como um par o *ladrões*, e chegamos à tipografia de Fergus. Senhor, eu pensei que meu coração iria parar de uma dúzia de vezes!

Ela sorriu ante a lembrança, e fiquei impressionada com a mudança nela. A sombra de tristeza ainda estava em seu rosto, e ela estava magra e estava cansada pela viagem, mas a terrível tensão da longa morte de seu marido Ian desfizera-se. Havia cor em suas bochechas novamente e um brilho em seus olhos que eu não vi desde que a encontrei pela primeira vez trinta anos antes. Encontrou a sua paz, eu pensei, e senti uma gratidão que aliviou minha própria alma.

— ... assim Jamie bate na porta na parte de trás, e não há nenhuma resposta, embora pudéssemos ver a luz de um fogo vindo através das persianas. Ele bate de novo, fazendo uma pequena melodia...

Ela bateu seus dedos levemente sobre a mesa, *bump-ba-da-bump-ba-da-bump-bump-bump*, e meu coração deu uma cambalhota, reconhecendo o tema do *The Lone Ranger*, que Brianna lhe ensinara.

—E depois de um momento, — Jenny continuou, —uma voz de mulher grita feroz, *Quem está aí?* E Jamie diz em Gaélico, *É seu pai, minha filha, e ele é um homem gelado, molhado e com fome também.* Porque a chuva estava martelando e espetando, e nós estávamos molhados até os ossos.

Ela se balançou um pouco, apreciando a narração.

—A porta se abre, então, apenas uma fresta, e há Marsali com uma pistola cavalariça em sua mão, e suas duas mocinhas atrás dela, ferozes como arcanjos, cada uma com um porrete de madeira, prontas para quebrar um

ladroão através de suas canelas. Eles veem o brilho luz do fogo no rosto de Jamie, então, e as três soltam gritos felizes que acordariam os mortos e caem sobre ele e arrastam para dentro e tudo são conversas de uma vez e gritos, perguntando se ele era um fantasma e por isso era ele não se afogou, e que foi aí a primeira vez que ouvimos que o *Euterpe* afundara. —Ela se benzeu. —Deus lhes dê descanso, pobres almas — disse, balançando a cabeça.

Benzi-me também, também, e vi a Sra. Figg olhar de soslaio para mim; ela não sabia que eu era um papista.

—Eu entrei, também, é claro, — Jenny continuou, —, mas toda a gente está falando de uma vez e correria para lá e para cá em busca de roupas secas e bebidas quentes e eu estava apenas olhando para o lugar, por que nunca estive dentro de uma tipografia antes, e o cheiro da tinta e do papel e chumbo era uma maravilha para mim, e, subitamente, há um puxão em minha saia e este menino pequenino de rosto doce me diz: —E quem é você, madame? Gostaria de um pouco de cidra?

—Henri-Christian — eu murmurei, sorrindo ante o pensamento do mais novo de Marsali, e Jenny assentiu.

—Por que, eu sou sua vovó Janet, filho — disse eu, e seus olhos giraram, e ele soltou um grito e me agarrou pela volta das pernas e me deu tamanho abraço, que para me fez perder o equilíbrio e cair para baixo sobre o chão. Tenho um hematoma na minha bunda do tamanho da sua mão — acrescentou ela com o canto da boca para mim.

Senti um pequeno nó de tensão que eu não percebi que estava lá relaxar. Jenny naturalmente sabia que Henri-Christian nascera um anão, mas saber das coisas e vê-las às vezes é diferente. É claro que não eram por Jenny.

Sra. Figg estava seguindo a história com interesse, mas manteve sua reserva. Ante a menção da gráfica, no entanto, esta reserva endureceu um pouco.

— Esta moça — Marsali é a sua filha, então, senhora?— Eu poderia dizer que ela estava pensando. Toda a cidade de Filadélfia sabia que Jamie era um rebelde — e, por extensão, eu também era. Foi à ameaça de minha prisão iminente que fez com que John insistisse que nos casássemos, na esteira do tumulto após a suposta morte de Jamie. A menção dos impressos sobre a ocupação da Filadélfia pelos Britânicos, estava ligada às questões levantadas sobre *o que* estava sendo impresso e por quem.

—Não, seu marido é filho adotivo do meu irmão— explicou Jenny. — Mas eu cuidei de Fergus desde que era um rapazinho, então ele é meu filho adotivo, pela forma como é reconhecido nas Highlands.

A Sra. Figg piscou. Ela estava corajosamente tentando apegar-se a gama de personagens em algum tipo de ordem a este ponto, mas agora acenou com a cabeça que fez as fitas cor de rosa em sua touca parecerem como antenas.

—Bem, onde diabos — quero dizer, para onde na terra seu irmão foi com sua senhoria? — Ela exigiu. — Para esta tipografia, você acha?

Jenny e eu trocamos olhares.

—Duvido— disse eu. — O mais provável é que ele se foi para fora da cidade, usando John..., seu senhorio, quer dizer, como um refém para passar pelos piquetes, se necessário. Provavelmente o deixará ir logo que eles estejam longe o suficiente em segurança.

**A Sra. Figg fez um zumbido profundo de desaprovação.**

**—E talvez ele vá para Valley Forge e o entregue aos Rebeldes ao invés.**

—Oh, eu não pensaria assim — disse Jenny, suavemente. — O que iriam querer com ele, afinal de contas?

Sra. Figg piscou, surpresa com a ideia de que qualquer pessoa poderia não valorizar seu senhorio com a mesma intensidade que ela, mas depois de morder o lábio por um momento, permitiu que isso pudesse ser assim.

—Ele não foi de uniforme, não é, senhora?— Ela me perguntou a testa franzida. Eu balancei minha cabeça. John não detinha uma comissão ativa. Ele era um diplomata, embora tecnicamente ainda tenente-coronel do regimento de seu irmão, e, portanto, usava seu uniforme para fins de cerimônia ou intimidação, mas ele estava oficialmente aposentado do exército, não um combatente, e à paisana, ele seria tomado como cidadão em vez de soldado, portanto, de nenhum interesse particular para as tropas do general Washington em Valley Forge.

Eu não achava que Jamie estivesse indo para Valley Forge de qualquer maneira. Eu sabia que, com absoluta certeza, ele voltaria. Para cá. Para mim.

O pensamento floresceu em minha barriga se espalhou em uma onda de calor que me fez enterrar o nariz na minha xícara de chá para

esconder o rubor resultante.

Vivo. Eu acariciava a palavra, embalando-a no centro do meu coração. Jamie estava vivo. Tão feliz quanto estava em ver Jenny — e mais feliz por vê-la estender um ramo de oliveira em minha direção — o que eu realmente queria era ir para o meu quarto, fechar a porta, e me apertar contra a parede com os olhos fechados, revivendo os segundos após ele entrar na sala, quando ele me segurou em seus braços e me apertou contra a parede, me beijando, o simples fato sólido, quente de sua presença tão grande que eu poderia ter caído no chão sem o apoio da parede.

Vivo, eu repeti silenciosamente para mim mesma, ele está vivo.

Nada mais importava. Apesar de eu rapidamente imaginar o que ele faria com John.

*Capítulo 04 – Não faça perguntas para as quais não quer ouvir as respostas*

*Na floresta, à uma hora de caminhada nos arredores da Filadélfia*

John Grey estivera bastante resignado a morrer. Esperara por isso desde o momento ele deixara escapar: — Tive conhecimento carnal de sua esposa. — A única questão em sua mente seria se Fraser atiraria nele, o esfaquearia, ou o estriparia com as próprias mãos.

Ter um marido ferido contemplando-o calmamente e dizendo apenas: — Ah? Por quê?— Não era apenas inesperado, mas... infame. Absolutamente infame.

—Por quê?— John Grey repetiu incrédulo. —Você disse, Por quê?

—Disse. E eu apreciaria uma resposta.

Agora que Grey tinha os dois olhos abertos, ele podia ver que a calma exterior de Fraser não era tão impermeável quanto ele achou primeiramente. Havia uma veia pulsando na têmpora de Fraser, e ele mudou o peso um pouco, como um homem poderia fazer à proximidade de uma briga de taverna, não estando completamente pronto para cometer a violência, mas preparando-se para enfrentá-la. Perversamente, Grey achou visão harmoniosa.

—O que no inferno quer dizer com, *Por quê?*— Disse, de repente, irritado. —E por que você não está fodidamente morto?

—Muitas vezes me pergunto isso— Fraser respondeu educadamente. — Entendo que pensou que eu estivesse?

—Sim, e assim fez a sua esposa! Tem a mais vaga ideia do que o conhecimento de sua morte fez a ela?

Os olhos azuis escuros estreitaram só um pouco.

—Está dizendo que a notícia da minha morte a desequilibrou a tal ponto que o levou a força para cama? Porque — continuou ele, ordenadamente cortando a resposta aquecida de Grey, — a menos que tenha estado seriamente enganado a respeito de sua própria natureza, seria preciso força substancial para obrigá-lo a tal ação. Ou estou errado?

Os olhos ficaram estreitos. Grey olhou para eles. Então fechou os olhos por um instante e esfregou as duas mãos sobre o rosto duro, como um homem acordando de um pesadelo. Deixou as mãos caírem e abriu os olhos de novo.

— Não está enganado — disse, com os dentes cerrados. —E você está errado.

As sobrancelhas avermelhadas de Fraser dispararam em espanto genuíno, ele pensou.

—Foi para ela, por que — sentiu desejo?— Sua voz se elevou, também. —E ela permitiu? Não acredito nisso.

A cor foi subindo pelo pescoço bronzeado de Fraser, vívida como uma escalada rosa. Grey viu isso acontecer antes, e decidiu de forma imprudente que a melhor — a única — defesa era liberar o próprio temperamento primeiro. Foi um alívio.

—Nós achávamos que estava morto, seu maldito idiota!— Disse, furioso. — Nós dois! Morto! E nós ... nós... bebemos demais uma noite muito, muito... falamos de você... e... Maldição, nenhum de nós estava fazendo amor um com o outro — estávamos fodendo você!

O rosto de Fraser ficou abruptamente em branco e seu queixo caiu. Grey desfrutou de uma fração de segundo de satisfação ante a visão, antes que um pesado punho viesse duro debaixo de suas costelas e ele fosse arremessado para trás, cambaleasse alguns passos mais, e caísse. Ele caiu sobre as folhagens, completamente sem fôlego, a boca abrindo e fechando automaticamente.

**Tudo bem, então, pensou vagamente. Será com as próprias mãos.**

**As mãos enrolaram em sua camisa e o levantaram. Ele conseguiu ficar de pé, e um punhado de ar penetrou em seus pulmões. O rosto de Fraser estava a uma polegada do seu. Fraser estava de fato tão perto que ele não podia ver a expressão do homem apenas uma visão close-up de dois olhos vermelhos e azuis, ambos frenéticos. Isso era o suficiente. Ele se sentiu bastante calmo agora. Não levaria muito tempo.**

**—Você me diz exatamente o que aconteceu, seu pervertidozinho imundo — Fraser sussurrou sua respiração quente no rosto de Grey e cheirando a cerveja. Ele balançou Grey um pouco. —Cada palavra. Cada movimento. Tudo.**

**Grey tinha fôlego suficiente para responder.**

**—Não— disse definitivamente. —Vá em frente e me mate.**

Fraser o sacudiu violentamente, de modo que seus dentes batiam dolorosamente e ele mordeu a língua. Ele fez um ruído estrangulado, e um golpe que ele não viu chegando atingiu seu olho esquerdo. Ele caiu de novo, com a cabeça repleta de cor fraturada e pontos pretos, o cheiro pungente de folhas mofadas em seu nariz. Fraser num safanão o colocou em pé mais uma vez, mas depois parou, provavelmente decidindo a melhor forma de continuar o processo de vivisseção.

Com o sangue latejando em seus ouvidos e o ruído áspero da respiração de Fraser, Grey não ouviu nada, mas quando ele cautelosamente abriu o olho bom para ver onde o próximo golpe estava vindo, ele viu o homem. Um bandido de aparência rude e suja, com uma camisa de caça com franjas, de boca aberta estupidamente debaixo de uma árvore.

—Jethro!— O homem gritou, tendo um dedo apertado sobre a arma que ele carregava.

Alguns homens saíram dos arbustos. Um ou dois usavam os rudimentos de um uniforme, mas a maioria deles estava vestida à paisana, mas com a adição dos bizarros gorros de lã da *liberdade* enterrados em suas cabeças e orelhas, o que através do olho lacrimejante de Jonh, conferia aos homens aspecto francamente ameaçador de bombas animadas.

As esposas que presumivelmente costuraram essas peças de vestuário, tricotaram os lemas LIBERDADE ou INDEPENDÊNCIA nos laterais, embora alguma Abigail sanguinária tenha tricotado MORTE! no chapéu de

seu marido. O marido em questão era Grey observou, um espécime pequeno e magricela usando óculos com uma lente quebrada.

Fraser parou ao som dos homens se aproximando e agora se virou para eles como um urso acuado por cães. Os cães pararam abruptamente, a uma distância segura.

Grey pressionou uma mão sobre o fígado, o que ele achava que provavelmente estava rompido, e arquejou. Ele precisaria de todo o ar que pudesse conseguir.

—Quem é você?— Um dos homens perguntou, apontando belicosamente para Jamie com o fim de uma longa vara.

—Coronel James Fraser, da artilharia de Morgan — Fraser respondeu friamente, ignorando a vara. —E você?

O homem parecia um pouco desconcertado, mas coberto com arrogância.

—Cabo Jethro Woodbine, patrulheiro de Dunning, — disse, muito áspero. Ele sacudiu a cabeça em direção a seus companheiros, que ao mesmo tempo se espalharam de forma eficiente, em torno da clareira.

—Quem é seu prisioneiro, então?

Grey sentiu seu estômago apertar, o que, dada a condição de seu fígado, doía. Ele respondeu com os dentes cerrados, e não esperando por Jamie.

— Sou Lord John Grey. Se for de algum interesse para vocês. — Sua mente estava pulando como uma pulga, tentando calcular se suas chances de sobrevivência eram melhores com Jamie Fraser, ou com esse bando de brutamontes. Alguns momentos antes, ele estaria conformado com a ideia da morte pelas mãos de Jamie, mas, como muitas ideias, essa era mais atraente em termos de conceito do que na execução.

A revelação de sua identidade pareceu confundir os homens, que apertaram os olhos e murmuraram, olhando-o com ar de dúvida.

**— Ele não está de uniforme — um deles observou para o outro em voz baixa. —Seria um soldado de fato? Não temos nenhum negócio com ele se ele não for, temos?**

**— Sim, temos — declarou Woodbine, recuperando um pouco de sua autoconfiança. —E se o coronel Fraser o tomou como prisioneiro, eu acho que ele tem razão?— Sua voz subiu relutantemente interrogatória. Jamie não respondeu, com os olhos fixos em Grey.**

**—Ele é um soldado. — Heads virou para ver quem falou. Era o homenzinho com os óculos quebrados, que os ajustava com uma mão,**

para melhor espiar Grey através do restante de suas lentes. Um olho azul lacrimejante inspecionava Gray, em seguida, o homem acenou com a cabeça, mais certo.

—Ele é um soldado— repetiu o homem. —Eu o vi na Filadélfia, sentado na varanda de uma casa na Chestnut Street em seu uniforme, grande como a vida. Ele é um oficial— acrescentou, desnecessariamente.

—Ele não é um soldado— disse Fraser, e virou a cabeça para fixar o homem de óculos com um olhar firme.

—Eu o vi— resmungou o homem. —Claro como o dia. Tinha trança de ouro— ele murmurou quase inaudível, baixando os olhos.

—Huh. — Jethro Woodbine aproximou-se de Grey, examinando-o com cuidado. —Bem, você tem algo a dizer a seu favor, Lord Grey?

—Lord John— disse Grey, irritado, e afastou um fragmento de folha esmagada de sua língua. — Não sou nobre... Meu irmão mais velho é. Grey é meu nome de família, quanto a ser um soldado, fui colocado dentro do meu regimento, mas a minha comissão não está ativa. Isso é suficiente, ou você quer saber o que eu comi no café da manhã?

Ele os estava contrariando propositadamente, uma parte dele decidiu que preferia ir com Woodbine e suportar a inspeção dos Continentais do que permanecer aqui para enfrentar as novas inspeções de Jamie Fraser. Fraser foi sobre ele com os olhos apertados. Ele lutou contra a vontade de desviar o olhar.

*É a verdade, Ele pensou em tom desafiador. O que eu disse é a verdade. E agora você sabe.*

*Sim, Disse o olhar escuro de Fraser. Você acha que eu vou viver tranquilamente com isso?*

—Ele não é um soldado— Fraser repetiu, virando as costas deliberadamente para Grey, alternando sua atenção para Woodbine. —Ele é meu prisioneiro porque quero interrogá-lo.

—Sobre o quê?

—Isso não é da sua conta, Sr. Woodbine— disse Jamie, de voz suave, mas profunda afiada com aço. Jethro Woodbine, no entanto, não era tolo e fez questão de deixar isso claro.

—Eu vou ser juiz do que é o meu negócio. Sir — acrescentou, com uma pausa notável. —Como é que nós sabemos que você é quem você diz que é,

hein? Você não está no uniforme. Qualquer um de vocês companheiros conhece este homem?

Os companheiros, assim se dirigiram, parecendo surpresos. Eles olharam de um para o outro, incertos; uma ou duas cabeças balançando negativamente.

—Bem, então— disse Woodbine, encorajado. —Se você não pode provar que você é, então eu acho que nós vamos ter esse homem de volta ao acampamento para interrogatório. — Ele sorriu desagradavelmente, outro pensamento, evidentemente, lhe ocorrendo. —Acho devêssemos levá-lo, também?

Fraser ficou imóvel por um momento, respirando lentamente e contemplando Woodbine como um tigre pode contemplar um ouriço: sim, ele poderia comê-lo, mas valerei a pena o inconveniente de engoli-lo?

—Leve-o, então, — ele disse abruptamente, dando um passo para trás de Grey. —Tenho negócios em outro lugar.

Woodbine esperava argumentos; e ele piscou, desconcertado, e meio que levantou a vara, mas não disse nada enquanto Fraser seguiu em direção à borda da clareira. Apenas sob as árvores, Fraser virou-se e deu a Gray um olhar direto, escuro.

—Nós não terminamos, sir— disse.

Grey colocou-se de pé, ignorando tanto a dor em seu fígado quanto as lágrimas que escapavam de seu olho danificado.

—Ao seu serviço, sir— ele retrucou. Fraser olhou para ele e moveu-se em direção às tremeluzentes sombras verdes, ignorando completamente Woodbine e seus homens. Um ou dois deles olharam para o corporal, cujo rosto mostrava sua indecisão. Grey não compartilhou. Pouco antes a silhueta alta de Fraser desapareceu de vez, ele segurou as mãos à boca.

—Não lamento nem um pouco!— Ele gritou.

### ***Capítulo 05 – As paixões dos Homens Jovens***

**Embora fascinada por ouvir falar de William e das circunstâncias dramáticas em pelas quais acabara de descobrir sua paternidade, a preocupação verdadeira de Jenny era por outro rapaz.**

**— Sabe onde o Jovem Ian está? — Ela perguntou ansiosamente. —E ele encontrou a jovem, a moça Quaker da qual me contou a respeito?**

Eu relaxei um pouco com isso; o Jovem Ian e Rachel Hunter *não* estavam —graças a Deus — na lista de situações tensas. Pelo menos não agora.

—Ele encontrou— eu disse, sorrindo. —Quanto a onde ele está... Não o vejo há vários dias, mas ele muitas vezes some por mais tempo. Vez por outra atua como batedor do exército Continental, no entanto, desde que eles estão em seus quartéis de inverno em Valley Forge por tanto tempo tem havido pouca necessidade de batedores. Ele passa boa parte de seu tempo lá, embora seja por que Rachel passa.

— Ela passa? Por quê? Os Quakers não detestam guerras e coisas assim?

— Bem, mais ou menos. Seu irmão Denzell é cirurgião do exército — embora seja um médico real, não o costumeiro sanguessuga de cavalo ou charlatão que o exército geralmente usa em Valley Forge, — e ele esteja em Valley Forge desde o último Novembro. Rachel vem e vai a Filadélfia — ela consegue passar pelos piquetes, então traz alimentos e suprimentos — mas ela trabalha com Denny, então está fora, ajudando com os pacientes, muito mais vezes do que está aqui.

—Fale-me sobre ela — disse Jenny, inclinando-se atentamente. — É uma boa moça? E me diga se acha que ela ama o Jovem Ian? Pelo que Ian me disse, o rapaz estava desesperadamente apaixonado por ela, mas ainda não conversou com ela, não sabendo se ela o aceitaria, ele não tinha certeza de que ela poderia lidar com ele... sendo ele quem é. — Seu gesto rápido abrangeu a história do jovem Ian e do caráter do rapaz das Highlands convertido em um guerreiro Mohawk. — Deus sabe que ele nunca será um Quaker decente, e eu espero que o jovem Ian saiba disso também.

Ri ante esse pensamento, embora na verdade o problema pudesse ser sério, eu não sabia o que os Quakers poderiam pensar de tal casal, mas preferia achar que veriam a perspectiva com atenção. Não sabia nada sobre o casamento Quaker, no entanto.

—Ela é uma menina muito boa — assegurei a Jenny. — Extremamente sensível muito capaz e claramente apaixonada por Ian, embora eu não ache que ela tenha dito isso a ele, também.

—Ah. Você conhece seus pais?

—Não, ambos morreram quando ela era criança. Ela foi criada principalmente por uma viúva Quaker, e então veio para cuidar da

casa de seu irmão quando tinha dezesseis ou algo assim.

—Aquela garotinha Quaker?— A Sra. Figg entrou com um vaso de rosas de verão, com cheiro de mirra e açúcar. Jenny respirou forte e sentou-se em linha reta. — Mercy Woodcock a tem em grande consideração. Ela vem à casa de Mercy toda vez que está na cidade, para visitar aquele jovem.

—Jovem?— Jenny perguntou as sobrancelhas escuras desenhando juntos.

—O primo de William, Henry— apressei a explicar. — Denzell e eu realizamos uma operação muito séria nele durante o inverno. Rachel conhece William e Henry, e é muito gentil e visitando-o para ver como Henry está. Sra. Woodcock é sua senhoria.

*E o que dizer de Mercy Woodcock?* Eu me perguntava, com um pequeno choque na boca do estômago. Era claro para mim, como era para John, que havia uma séria afeição — que se aprofundava — entre a mulher negra livre e seu jovem inquilino aristocrata. Conheci o marido de Mercy, quando estava gravemente ferido, durante o êxodo de Fort Ticonderoga um ano antes — e, sem qualquer informação sobre ele, achei que era muito provável que tivesse morrido depois de ter sido feito prisioneiro pelos britânicos.

Ainda assim, a possibilidade de Walter Woodcock voltar milagrosamente dos mortos — as pessoas *voltavam*, no final das contas, e a bolha fresca de alegria cresceu sob meu coração ante esse pensamento — era finalmente o que importava. Eu não poderia imaginar que o irmão de John, o muito firme de espírito Duque Pardloe, ficasse encantado em ouvir que seu filho mais novo queria casar com uma viúva de um carpinteiro, qualquer que fosse sua cor.

E então havia sua filha, Dottie, falando de Quakers: ela estava noiva de Denzell Hunter, e eu me pergunto o que o duque pensaria disso. John, que gostava de uma aposta, não me dera nada melhor do que as mesmas probabilidades entre Dottie e seu pai.

Balancei a cabeça, descartando a dúzia de coisas sobre as quais eu não podia fazer nada. Durante este pequeno devaneio, Jenny e a Sra. Figg pareciam ter estado discutindo a respeito do William e sua abrupta saída de cena.

—Para onde ele teria ido, eu me pergunto?— Sra. Figg olhou preocupada para parede da escada, crivadas com manchas de sangue

deixadas pelo punho de William.

—Saiu para encontrar uma garrafa, uma luta, ou uma mulher— disse Jenny, com a autoridade de uma esposa, uma irmã, e mãe de filhos. —Talvez todos os três.

### *Beco de Elfreth*

Passava do meio-dia, e as únicas vozes na casa eram as das conversas distantes das mulheres. Não havia ninguém visível na sala enquanto eles passavam, e ninguém apareceu quando a menina levou William até uma escada para o seu quarto. Deu-lhe uma sensação estranha, como se ele fosse invisível. Encontrou conforto nessa ideia; não podia suportar a si mesmo.

Ela entrou antes dele, e abriu as persianas. Ele queria dizer a ela para fechá-las, sentia-se miseravelmente exposto sob a da luz do sol. Mas era verão, a sala estava quente e sem ar, e ele já estava suando muito. O ar circulava ali dentro, pesado com o cheiro das árvores, da seiva, e o sol brilhou brevemente no topo suave da cabeça dela, como o brilho em uma castanha fresca. Ela se virou e sorriu para ele.

— Antes de qualquer coisa — ela anunciou rapidamente. —Tire seu casaco e colete antes de sufocar. — Não esperando para ver se ele faria, ela virou-se para alcançar a bacia e o jarro. Encheu a bacia e recuou, apontando para o lavatório, onde uma toalha e uma lasca muito usada de sabão estavam na madeira gasta.

— Vou buscar uma bebida para nós, certo?— E com isso, ela se foi, pés descalços tamborilando ocupada pelas escadas.

Mecanicamente, começou a se despir. Piscou estupidamente ante a visão da bacia, mas em seguida lembrou que nos melhores tipos de casa, às vezes, um homem era obrigado a lavar suas partes primeiro. Já conhecera esse hábito antes, mas naquela ocasião, a prostituta realizou a ablução, para ele, fazendo o efeito do sabão terminar o primeiro encontro ali mesmo no lavatório.

A memória fez seu rosto arder novamente, e ele arrancou o botão da braguilha e o fez voar. Ainda estava tremendo todo, mas a sensação foi se tornando mais centralizada.

Suas mãos estavam instáveis, e ele amaldiçoou em voz baixa, lembrado pela pele cortada em seus dedos de sua saída precipitada da

**casa de seu pai — não a maldita casa de seu pai. A casa de Lord John.**

**—Seu bastardo maldito!— Ele disse baixinho. —Você sabia, sabia o tempo todo!— Isso o enfurecia quase mais do que a terrível revelação de sua própria paternidade, que seu padrasto, a quem amava, em quem confiava mais do que ninguém na terra — o maldito Lord John Grey — mentira a ele por toda sua vida!**

**Todos mentiram para ele.**

**Todos.**

Sentia-se de repente como se tivesse quebrado através de uma crosta de neve congelada e mergulhado diretamente para baixo em um rio desconhecido. Empurrado para dentro de um negrume sem ar debaixo do gelo, impotente, sem voz, um calafrio feral arranhando em seu coração.

Houve um pequeno som atrás dele e ele virou-se por instinto, ciente, somente quando ele viu o rosto pálido da jovem prostituta, de que ele estava chorando selvagememente, as lágrimas rolando pelo rosto, e seu pênis molhado, meio duro, aparecendo para fora das calças.

—Vá embora— ele resmungou, fazendo um esforço frenético para se vestir.

Ela não foi embora, mas veio em sua direção, a garrafa em uma mão e um par de copos de estanho na outra.

—Está tudo bem?— ela perguntou, olhando-o de lado. —Aqui, deixe-me servir uma bebida para você. Você pode me contar tudo sobre isso.

—Não!

Ela veio em sua direção, mas mais lentamente. Através dos olhos molhados, ele viu a contração de sua boca quando ela viu seu pênis.

—Eu quis dizer a água para as suas pobres mãos — disse, tentando claramente não rir. —Eu vou dizer que você é um verdadeiro cavalheiro, apesar de tudo.

—Não sou!

Ela piscou.

—É um insulto chamá-lo de cavalheiro?

Tomado pela fúria na palavra, ele atacou cegamente, batendo a garrafa de sua mão. Ela explodiu em um spray de vidro e vinho barato, e ela gritou quando o vermelho embebeu-se por sua saia.

— Seu *bastardo*— Ela gritou, e, afastando-lhe o braço, jogou os copos em sua cabeça. Não acertou, e eles tiniram e rolaram pelo chão. Ela estava

voltando-se para a porta, gritando: —Ned! Ned! — Quando ele pulou e a pegou.

Só queria impedi-la de gritar, impedi-la de trazer à cena todos os empregados masculinos da casa. Ele tinha uma mão em sua boca, arrancando-a de volta da porta, lutando com uma mão para tentar controlar seus braços agitados.

—Eu sinto muito, sinto muito— ele continuou dizendo. —Eu não quis dizer — não quero dizer — *Caralho* — Ela atingiu seu nariz abruptamente com o cotovelo e ele a soltou, recuando com uma mão em seu rosto, o sangue escorrendo por entre os dedos.

Seu rosto estava marcado com vermelho onde ele segurou-a, e seus olhos eram selvagens. Ela se afastou, esfregando-a boca com as costas da mão.

—Saia... *daqui*— Ela engasgou.

Não precisou dizer duas vezes. Ele passou correndo por ela, abriu caminho passando por um homem corpulento subindo as escadas, e correu para o beco, percebendo apenas quando chegou à rua que ele estava em mangas de camisa, tendo deixado casaco e colete para trás, e as calças abertas.

—Ellesmere!— Disse uma voz horrorizada nas proximidades. Ele olhou para cima em horror para se encontrar no centro de atração de vários oficiais ingleses, incluindo Alexander Lindsay.

—Bom Cristo, Ellesmere, o que aconteceu?— Sandy abriu caminho, e como era amigo, já estava puxando um volumoso lenço branco de sua manga. Colocou-o no nariz de William, beliscando as narinas e insistindo que ele pusesse a cabeça para trás.

—Você foi atacado e roubado?— Um dos outros exigiu. —Deus! Este lugar imundo!

Sentia-se ao mesmo tempo confortado pela sua companhia e horripilantemente envergonhado. Ele não era um deles, não mais.

—Foi isso? Um assalto? —Outro disse, olhando em volta ansiosamente. —Nós vamos encontrar os bastardos que fizeram isso — por minha honra que vamos! Vamos ter suas coisas de volta e ensinar quem fez isso uma lição!

O sangue estava escorrendo no fundo de sua garganta, o gosto duro de ferro, e ele tossiu, mas fez o possível para acenar e dar de ombros

simultaneamente. Ele *foi* roubado. Mas ninguém daria de volta o que perdera hoje.

### *Capítulo 06 – Sob Minha Proteção*

O sino da igreja presbiteriana a dois quarteirões de distância tocou anunciando dez e meia, e meu estômago ecoou, lembrando-me de que —com uma coisa e outra — eu não comi nada no café da manhã.

Jenny comeu alguma coisa com Marsali e os filhos, mas ela mesma informou que aceitaria um ovo, se pudesse ter um, então eu mandei a Sra. Figg verificar se havia, e dentro de vinte minutos, estávamos atoladas — em uma elegante porção — de ovos cozidos, misturados com peru frito e biscoitos de aveia com manteiga e mel, que Jenny nunca vira antes, mas comeu com o maior entusiasmo.

—Olha como ele absorve a doçura!— Exclamou, apertando o pequeno bolo esponjoso com um garfo, em seguida, soltando. —Nada como pão de aveia no fim das contas!— Ela olhou por cima do ombro, e depois inclinou para mim, baixando a voz. —Acha que ela me ensinaria como fazer isso na cozinha se eu pedisse?

Um barulho tímido na danificada porta da frente interrompeu-a, e quando me virei para olhar, a porta rachada foi aberta num empurrão, e uma longa sombra caiu sobre o tapete de tela pintada, rapidamente precedida por seu proprietário. Um jovem britânico subalterno olhou para a sala, parecendo desconcertado com os destroços no foyer.

—Tenente Coronel Grey?— Ele perguntou esperançosamente, olhando para trás e para frente entre Jenny e eu.

—Sua senhoria não está nesse momento — eu disse, tentando soar confiante. Gostaria de saber quantas vezes mais eu teria que dizer isso — e para quem.

—Oh. — o jovem parecia ainda mais desconcertado. —Poderia me dizer onde ele está, senhora? O Coronel Graves enviou uma mensagem nesta manhã, pedindo ao tenente-coronel Gray que atendesse o General Clinton, e o general estava, er ... sim perguntando por que o tenente-coronel ainda não chegou.

—Ah— eu disse, com um olhar de lado para Jenny. —Bem. Receio que seu senhorio foi chamada com bastante urgência para longe antes

que ele recebesse a mensagem do general. — Deveria ter sido aquele papel que John recebeu momentos antes do dramático reaparecimento de Jamie da sepultura. Ele a vira, mas, em seguida, empurrou-a nos bolsos de suas calças sem ler.

O soldado deu um pequeno suspiro com isso, mas não se intimidou.

—Sim, senhora. Se me disser onde seu senhorio está, eu o buscarei lá. Realmente não posso voltar sem ele, você sabe. — Ele me deu um olhar de desculpas, porém com um toque de um sorriso encantador. Eu sorri de volta, com um pequeno toque de pânico em minhas entranhas.

—Sinto muito, mas realmente *não sei* onde ele está nesse momento, — eu disse, levantando, na esperança de dirigi-lo de volta para a porta.

—Bem, senhora, se apenas me disser por qual caminho ele estava indo, eu o procurarei nessa direção — disse, obstinadamente permanecendo em sua posição.

—Ele não me disse. — Dei um passo em sua direção, mas ele não recuou. Isso estava subindo na escala de além do absurdo para algo mais sério. Encontrara o General Clinton brevemente no baile de Mischianza há algumas semanas — Deus, fora apenas semanas? Pareciam vidas inteiras atrás — e ao mesmo tempo em que foi bastante cordial comigo, não acredito que receberia um *nolle prosequi* de minha parte com qualquer tipo de complacência. Generais tendem a pensar muito de sua própria importância.

—Você sabe seu senhorio não possui uma comissão ativa— eu disse, na vaga esperança de colocar o jovem para fora. Ele pareceu surpreso.

—Sim, ele tem senhora. O General enviou um aviso com a mensagem esta manhã.

—O quê? Ele não pode fazer isso — pode?— Eu perguntei um pavor súbito subindo minha espinha dorsal.

—Fazer o quê, senhora?

—Simplesmente – simplesmente dizer a seu senhorio que sua comissão está ativa?

—Oh, não, senhora— ele me assegurou. —O coronel do regimento do tenente-coronel Gray o reconvocou. O Duque de Pardloe.

—Jesus H. Roosevelt Cristo— eu disse, sentando. Jenny pegou o guardanapo para abafar o que era claramente uma risada; passaram-se 25 anos desde que ela me ouvira dizer isso. Lancei-lhe um olhar, mas não era o momento para tentar retomar o assunto.

—Tudo bem, — eu disse, virando para o jovem de novo e respirando profundamente. —É melhor que eu vá com você para ver o general. — Fiquei de pé novamente e só neste momento percebi que, depois de ser surpreendida enquanto me trocava, eu ainda não estava vestindo nada além de minha camisola e roupão.

—Vou ajuda-la a se vestir— disse Jenny, levantando-se apressadamente. Ela deu o soldado um sorriso encantador e fez um gesto para a mesa, agora cheia de torrada, geleia, e um prato fumegante de arenque. —Dê uma mordida enquanto espera, rapaz. Não adianta desperdiçar boa comida.

Jenny enfiou a cabeça para fora pelo corredor e escutou, mas o som fraco de um garfo na porcelana e a voz da Sra. Figg abaixo indicava que o soldado aceitou sua sugestão. Ela fechou a porta.

— Vou com você — disse. — A cidade está cheia de soldados, não devemos sair sozinhas.

—Eu irei... — comecei, mas depois parei, sem saber. A maioria dos oficiais britânicos na Filadélfia me conhecia como Lady John Grey, mas isso não significava que os soldados rasos compartilhavam do conhecimento ou do sentimento de respeito que normalmente era inerente. Eu também me sentia como uma impostora, mas era irrelevante, e não me importei.

—Obrigada — disse abruptamente. — Ficaria feliz com sua companhia. — Incerta sobre como me sentia a respeito de tudo a não ser minha convicção de que Jamie estava chegando, eu *estava* contente com um pouco de apoio moral — embora imaginasse se eu realmente precisaria alertar Jenny sobre a necessidade de certa circunspeção quando eu falasse com o general Clinton.

— Não direi nem uma palavra, eu mesma, — Jenny me garantiu, grunhindo ligeiramente enquanto puxava meus laços apertando-os. — Você acha que deve dizer o que aconteceu com Lord John?

—Não, eu definitivamente não acho— eu disse, exalando força. — Isso está... apertado o suficiente.

—Mm. —Ela já estava no fundo do armário, pegando meus vestidos. — Que tal este? Tem um decote profundo, e seus peitos ainda estão bons.

—Eu não estou querendo seduzir um homem!

—Oh, sim você quer— ela disse a questão com naturalidade. — Ou pelo menos distraí-lo. Se não está indo para contar a verdade, quero dizer, e eu acho que você não está. — Uma sobancelha preta levantou elegantemente. — Se eu fosse um General britânico e me dissessem que o meu pequeno coronel foi raptado por um homem mau e grande das Highlands, acho que não aceitaria isso tão bem.

Eu realmente não poderia contradizer este pedaço do raciocínio, e com um breve encolher de ombros, me contorci no caminho da seda amarela, que era de cor creme nas costuras e fitas creme pregueadas delineando a borda do corpete. —Oh, sim, isso está ótimo— disse Jenny, olhando para o efeito com a aprovação. — A fita de perto é da mesma cor de sua pele, de modo que o pescoço parece ainda menor do que é.

— Alguém poderia pensar que você passou os últimos 30 anos trabalhando em um salão de costureira ou em um bordel, ao invés de uma fazenda— comentei nervosa, passando por ela. Ela bufou.

—Eu tenho três filhas, nove netas mulheres, e há dezesseis sobrinhas e sobrinhas-netas pelo lado da irmã de Ian. Muitas vezes é o mesmo tipo de coisa.

Isso me fez rir, e ela sorriu para mim. Então eu estava piscando as lágrimas de volta, e ela também o pensamento de Brianna e de Ian, os nossos queridos perdidos, vindo de repente e depois estávamos nos abraçando, aferrando-se duramente uma na outra para manter a dor sob controle.

—Está tudo bem — ela sussurrou, abraçando-me ferozmente. — Você não perdeu sua moça. Ela ainda está viva. E Ian ainda está comigo. Ele nunca sairá do meu lado.

—Eu sei, — eu disse, engasgando. —Eu sei. — Eu deixei ir e me endireitei, limpando as lágrimas como um dedo, fungando. —Você tem um lenço?

Ela tinha um na mão, na verdade, mas enfiou a mão no bolso em sua cintura e puxou o outro, lavado e dobrado, o que ela me entregou.

—Eu sou uma avó— disse, e assuou o nariz vigorosamente. — Sempre tenho um lenço de reposição. Ou três. Agora, o que acontece com o seu cabelo? Você não pode sair na rua desse jeito.

No momento em que meu cabelo estava arrumado em algo para se assemelhar a algum tipo de ordem, controlado por um laço e

respeitavelmente preso sob um chapéu de palha tecido de abas largas, eu tive pelo menos uma noção aproximada do que dizer para o general Clinton. *Atenha-se a verdade, tanto quanto possível.* Esse era o primeiro princípio de uma mentira bem sucedida, apesar de ser algum tempo desde que fui obrigada emprega-lo pela última vez.

Bem, então. Um mensageiro viera para Lord John com uma nota. Não tinha ideia do que havia na nota — totalmente verdade. Lord John teria então saído com o mensageiro sem porém dizer-me para onde estava indo. Também tecnicamente verdade, a única variação é que ele recebeu um mensageiro diferente. Não, eu não vi que direção tomaram; não, eu não sabia se foram a pé ou selaram o cavalo de Lord John ou se foram no libré de Davison na Fifth Street, a dois quarteirões de distância.

**Isso parecia bom. Se o general Clinton optasse por fazer perguntas, eu estava razoavelmente certa de que ele descobriria que o cavalo ainda estava no estábulo e, assim, concluiria que John estava em algum lugar na cidade. Ele também presumivelmente perderia o interesse em mim como uma fonte de informações e enviaria soldados para assombrar qualquer homem que Lord John Grey supostamente poderia estar visitando.**

**E com um pouco de sorte no fim das contas, no momento em que o general esgotasse as possibilidades que a Filadélfia oferecia, John estaria de volta e poderia responder às suas próprias malditas perguntas.**

—E quanto a Jamie— perguntou Jenny, seu rosto mostrando pequenos sinais de ansiedade. —Ele não vai voltar para a cidade, não é?

—Espero que não. — Eu mal podia respirar, e não apenas por causa do laço apertado. Podia sentir as batidas do meu coração contra as barbatanas do corpete.

Jenny me deu um olhar longo, considerando, os olhos apertados, e balançou a cabeça.

—Não, você não espera— disse. —Você acha que ele vai vir direto para cá. Para você. E você está certa. Ele virá. — Ela pensou por um momento mais longo, com a testa franzida. — É melhor eu ficar aqui— disse abruptamente. —Se Jamie voltar enquanto você estiver com o general, ele precisará saber qual é o estado das coisas. E não acho que

**eu confie naquela lá na cozinha para não esfaqueá-lo com um garfo de brinde, se ele pairar em sua porta sem aviso prévio.**

**Eu ri, muito facilmente prevendo a resposta da Sra. Figg à súbita aparição de um Highlander em seus domínios.**

**—Além disso, — Jenny acrescentou —alguém tem que limpar a bagunça, e eu tive uma boa prática disso, também.**

O jovem soldado recebeu minha reparação tardia com alívio e, embora não tivesse realmente agarrado meu braço e me apressado para sair à calçada, me ofereceu o seu próprio braço e, em seguida, caminhou, de tal forma que fui forçada ao que era próximo a um trote para manter-me com ele. Não era longe da mansão onde Clinton fez seu quartel-general, mas o dia estava quente e eu cheguei úmida e ofegante, com mechas de cabelo escapando debaixo do meu chapéu de palha e aderindo a meu pescoço e rosto, e traços de suor serpenteando e fazendo cócegas de forma lenta para baixo dentro do meu sutiã.

Minha escolta entregou-me — com um audível suspiro de alívio — a outro soldado no espaçoso hall de entrada com piso em parquet, e eu tive um momento para sacudir a poeira das minhas saias, endireitar meu chapéu, e secar meu rosto e pescoço discretamente com um lenço de renda de dama. Estava suficientemente ocupada com isso no momento antes de eu reconhecer o homem sentado em uma das pequenas cadeiras douradas do outro lado do hall de entrada.

—Lady John— disse, levantando-se quando viu que eu o notei. —Seu servo, senhora. — Ele sorriu levemente, embora não emprestasse absolutamente nenhum calor aos seus olhos.

—Capitão Richardson— eu disse, sem rodeios. —Que bom. — Não ofereci a mão e ele não se curvou. Não havia sentido em tentar fingir que éramos qualquer coisa além de inimigos e não daqueles muito cordiais. Ele precipitou meu casamento com Lord John questionando se John tivesse um interesse pessoal em mim, enquanto ele, Richardson, estava pensando em minha imediata prisão por razões de espionagem e por divulgação de materiais sediciosos. As duas acusações eram bem verdadeiras, e ainda que John pudesse não saber disso, ele tomou a palavra de Richardson considerando suas intenções, e disse educadamente a Richardson que não, não havia nenhum interesse pessoal — também uma declaração verdadeira, na medida do possível — e duas horas depois eu estava de pé em seu salão

em um atordoamento pelo choque e pesar, dizendo mecanicamente, *Aceito*, em resposta a perguntas que eu não ouvi nem compreendi.

Eu mal ouvi o nome de Richardson, no momento, muito menos o conhecimento de vista. John me apresentou fria e formalmente, quando Richardson veio até nós em Mischianza, a enorme bola lançada para os oficiais britânicos pelas senhoras legalistas de Filadélfia um mês antes. E só *depois* ele me contou sobre as ameaças de Richardson, com uma breve advertência para evitar o companheiro.

— Está esperando para ver o general Clinton?— Perguntei educadamente. Se ele estivesse, eu tinha metade da mente para executar uma espreitada tranquila pela casa e para fora da porta para trás enquanto ele estava acomodado com o general.

—Estou— respondeu ele, acrescentando graciosamente —, mas você certamente deve ir antes de mim, Lady John. Meu negócio vai esperar.

Havia um leve toque sinistro ali, mas eu simplesmente inclinei a cabeça educadamente, com um evasivo —Hmm.

Aquilo me atingiu, como um caso incipiente de indigestão, que a minha posição em relação ao exército britânico, em geral, e ao capitão Richardson em particular, estava à beira de uma reavaliação marcada. Uma vez que se tornasse de conhecimento comum que Jamie não estava morto, então eu não seria mais lady John Grey. Seria novamente a Sra. James Fraser, e enquanto isso era certamente motivo de regozijo em êxtase, também eliminaria qualquer restrição que o mais vil do capitão Richardson tivesse a meu respeito.

Antes que eu pudesse pensar em algo útil a dizer para o homem, um jovem tenente magro apareceu para me conduzir à presença do general. A sala, que fora convertida na sede de Clinton, estava agora em um estado de desordem organizada, com caixas de embalagem revestindo uma parede e mastros nus amarrados como um feixe de lenha, as bandeiras militares costumam ostentar ser dobrado rapidamente em arrumado pacotes por um cabo perto da janela. Eu ouvira — provavelmente a cidade inteira ouvira — falar que o exército britânico foi retirado da Filadélfia. Evidentemente, eles estavam fazendo isso com presteza considerável.

Havia vários outros soldados carregando as coisas para dentro e para fora, mas dois homens estavam sentados, um de cada lado da mesa.

—Lady John— disse Clinton, parecendo surpreso, mas levantando-se da mesa e vindo a se curvar sobre a minha mão. —Seu criado mais obediente,

minha senhora.

—Bom dia para você, senhor— eu disse. Meu coração já batendo rápido; ele acelerou consideravelmente ante a visão do homem que levantava de sua cadeira e estava parado logo atrás da geral. Ele estava de uniforme e parecia surpreendentemente familiar, mas eu tinha certeza que nunca o vira antes. Quem?

—Lamento muito tê-la perturbado, Lady John. Eu tinha a esperança de surpreender o seu marido— o general estava dizendo. —, mas eu entendo que ele não está em casa?

—Er... não. Ele não está. — O estranho — um coronel de infantaria, embora seu uniforme parecesse ostentar ainda mais ouro do que o de costume — levantou uma sobrancelha por isso. A familiaridade súbita do gesto me deu uma ligeira sensação da cabeça girar.

—Você é parente de Lord John Grey, — eu soltei, olhando para ele. Ele tinha que ser. O homem usava seu próprio cabelo, como John, embora fosse escuro sob o talco. A forma de sua cabeça de ossos finos e longos, era igual à de John, e assim era o conjunto de seus ombros. Suas feições eram muito parecidas com as de John, também, mas seu rosto era profundamente desgastado e magro, marcado com linhas duras esculpidas pelo pesado fardo e o estresse de comando. Eu não precisava do uniforme para me dizer que ele fora um soldado ao longo da vida.

Ele sorriu, e seu rosto estava repentinamente se transformando. Aparentemente, ele tinha o charme de John, também.

—Você é muito perspicaz, madame, — ele disse, dando um passo à frente, suavemente pegou minha afastando-a do general e beijou-a rapidamente na forma continental antes de alisar e olhar com interesse.

—General Clinton me informou que você é a esposa do meu irmão.

—Oh, — eu disse, lutando para recuperar meus pensamentos. — Então você deve ser Hal! Er ... Eu imploro seu perdão. Quero dizer, você é o ... Eu sinto muito, eu sei que você é um duque, mas receio que não me lembre de seu título, sua graça.

—Pardloe — disse, ainda segurando minha mão e sorrindo para mim. —Mas o meu nome cristão é Harold, use-o se quiser. Bem-vinda à família, minha querida. Eu não tinha ideia de John havia se casado. Eu entendo que o evento foi muito recente?—Ele falou com grande

cordialidade, mas eu estava ciente da intensa curiosidade por trás de suas boas maneiras.

—Ah— eu disse, sem me comprometer. — Sim, bastante recente. — Não me ocorrera nem por um instante perguntar se John escreveu para contar a sua família sobre mim, e se tivesse, eles mal podiam ter recebido a carta até agora. Eu nem sabia quem eram todos os membros da sua família mas, ouvi falar de Hal, sendo ele o pai do sobrinho de John, Henry.

— Oh, é claro, você veio ver Henry!— Exclamei. — Ele ficará tão contente de vê-lo! Ele está passando muito bem. —eu assegurei a ele.

—Eu já vi Henry— o duque me assegurou, por sua vez. — Ele fala com a maior admiração sobre sua habilidade na remoção de pedaços de seu intestino e reunindo os remanescentes. Apesar de naturalmente ansioso como eu estava por ver meu filho — e minha filha — seus lábios comprimiram por um momento, aparentemente Dottie falou a seu pai sobre seu noivado — e encantado como estou, naturalmente, de ver meu irmão novamente, na verdade o dever que me chamou à América. Meu regimento recém-desembarcou em Nova York.

—Oh, —eu disse. —Er... que bom. —John claramente não sabia que seu irmão estava vindo, e muito menos o seu regimento. Ocorreu a mim que mal deveria estar fazendo perguntas e descobrir que eu podia saber os planos do general, mas ele não parecia ter tempo ou ser o lugar.

O general tossiu educadamente.

—Lady John, por acaso sabe o paradeiro de seu marido no momento?

O choque de encontrar Harold, Duque de Pardloe, limpou bastante da razão da minha presença fora da minha mente, mas isso trouxe de volta com pressa.

—Não, receio que não saiba — eu disse, com toda a calma possível. — Disse ao seu soldado. Um mensageiro chegou há algumas horas, com uma nota, e Lord John foi embora com ele. Ele não disse para onde estava indo, no entanto.

Os lábios do general contraíram.

—Na verdade— disse, ainda educado — ele não o fez. Coronel Graves enviou o mensageiro, com uma nota informando Lord John de sua recomissão e ordenando-o que viesse aqui imediatamente. Ele não o fez.

—Oh que coisa!— eu disse, soando tão tola como eu me sentia. Dadas às circunstâncias, parecia correto dar aquele show, e eu fiz. —Então. Nesse caso... ele foi para fora com *alguém*.

—Mas você não sabe com quem?

—Não o vi sair — disse, cuidadosamente evitando a pergunta. — Receio que ele não tenha dito nenhuma palavra sobre onde iria.

Clinton levantou uma sobrancelha negra fortemente marcada e olhou para Pardloe.

—Suponho que, nesse caso, ele voltará em breve— disse o Duque com um encolher de ombros. —O assunto não é urgente, em absoluto.

O General Clinton parecia divergir dessa opinião mas, com um breve olhar para mim, não disse nada. Ele claramente tinha pouco tempo a perder, no entanto, e, curvando-se educadamente, desejou-me bom dia.

**Despedi-me com entusiasmo, mal parando para assegurar ao Duque que tive prazer em encontrá-lo e perguntar onde seu irmão poderia achá-lo...?**

—Tenho quarto no King's Arms — disse Pardloe. — Devo...

—Não, não — eu disse rapidamente, para evitar a sua oferta de me ver em casa. — Está tudo bem. Obrigada, senhor. — Inclinei-me para o general, em seguida, para Hal, e me dirigi para a porta em um turbilhão de saias e emoções.

O Capitão Richardson já não estava no hall de entrada, mas não tinha tempo de imaginar para onde ele teria ido. Dei ao soldado na porta de um rápido aceno e um sorriso e, em seguida, fui para fora, ao ar livre, respirando como se eu tivesse acabado de escapar de um submarino.

*E agora?* Eu me perguntava, desviando para evitar dois meninos com um aro, que rolavam na rua, saltando fora das pernas dos soldados carregando pacotes e móveis para uma grande carroça. Os meninos deviam pertencer a um dos oficiais de Clinton, uma vez que os soldados os estavam tolerando.

John falou com bastante frequência de seu irmão e comentou sobre a tendência de Hal ter uma inclinação implacável à prepotência. Tudo o que a atual situação precisava era de um bisbilhoteiro com um gosto pela autoridade se intrometendo e eu me perguntava brevemente se William estava em bons termos com seu tio; se assim fosse, talvez Hal pudesse ser desviado e bem aproveitado em inculcar um pouco de bom

senso – não, claro que não. Hal não devia saber ainda pelo menos sobre Jamie, e ele não conseguia trocar duas palavras com Willie sem descobrir que William *faria* falar sobre isso, mas então...

—Lady John. — Uma voz atrás de mim interrompeu-me em meu caminho, apenas momentaneamente, mas o tempo suficiente para o Duque de Pardloe chegasse ao meu lado. Ele me pegou pelo braço, me detendo.

—Você é uma péssima mentirosa— ele observou com interesse. — Sobre o que você está mentindo, porém, eu me pergunto?

—Faço isso melhor com um pequeno aviso — Rebatí. —No entanto, na verdade, *não* estou mentindo nesse momento.

Isso o fez rir. Ele se inclinou mais perto, examinando meu rosto de perto. Seus olhos eram de um azul pálido, como os de John, mas suas sobrancelhas e cílios escuros conferiam-lhe uma qualidade particularmente penetrante.

—Talvez não, — ele disse, ainda parecendo divertido. —Mas se não está mentindo, também não está me contando tudo o que sabe, de qualquer maneira.

—Não sou obrigada a dizer *nada* que eu saiba, —eu disse com dignidade, tentando recuperar meu braço. — Solte-me.

Ele a soltou, com relutância.

—Eu imploro seu perdão, Lady John.

—Certamente— disse rapidamente e dei uma volta em torno dele. Ele Num movimento inteligente ele colocou-se à minha frente, bloqueando meu caminho.

—Quero saber onde meu irmão está — disse.

—Gostaria de sabê-lo eu mesma — respondi, tentando desviar dele pelos lados.

— Para onde está indo, posso perguntar?

— Para casa. — Causou-me uma sensação estranha, ainda, chamar a residência de Lord John de *casa*, e ainda assim eu não tinha outra. *Sim, você tem*, Uma voz baixinha, clara, disse em meu coração. *Você tem Jamie*.

—Por que está sorrindo?— Perguntou Pardloe, parecendo assustado.

—Por pensar em chegar a casa e tirar estes sapatos— eu disse, apressadamente apagando o sorriso. — Eles estão me matando.

Sua boca se contorceu um pouco.

—Permita-me oferecer o uso da minha cadeira, Lady John.

—Oh, não, eu realmente não... —, mas ele tirara o apito de madeira de seu bolso e soprou um som afiado que trouxe dois homens atarracados e musculosos, que tinham que ser irmãos, tal era a semelhança entre eles — trotando na esquina, uma liteira suspensa em postes entre eles.

—Não, não, isto não é absolutamente necessário — eu protestei. —Além disso, John disse que você sofre da gota; precisará da cadeira para si mesmo.

Ele não gostou disso; seus olhos se estreitaram e os lábios comprimiram.

—Cuidarei com isso, senhora — respondeu afiado, e, me agarrando pelo braço de novo, me arrastou para a cadeira e me empurrou para dentro, batendo o meu chapéu sobre os olhos enquanto o fazia. —A senhora está sob minha proteção. Leve-a para o King's Arms — ele instruiu Tweedledum e Tweedledee, fechando a porta. E antes que eu pudesse dizer: —Cortem a cabeça!— Fomos sacudindo abaixo pela High Street em um ritmo fantástico.

Agarrei a maçaneta da porta, com a intenção de pular para fora, mesmo à custa de cortes e contusões, mas o bastardo colocou o pino de travamento através da alça do lado de fora, e eu não conseguia alcançá-la por dentro. Gritei para os brutamontes pararem, mas eles me ignoraram completamente, batendo ao longo das pedras como se levassem as notícias de Aix para Ghent.

Sentei-me, ofegante e furiosa, e empurrei o chapéu. O que Pardloe pensava que estava fazendo? Pelo que John disse, e de outras observações feitas pelos filhos do Duque sobre o seu pai, ficou claro para mim que ele estava habituado a fazer o seu próprio caminho.

—Bem, vamos ver que *vence*, —Eu murmurei, apunhalando a cabeça de alfinete de pérolas longo através da aba do chapéu. A baixada que continha o meu cabelo tinha de sair com o chapéu; Eu abarrotei por dentro e balancei meu cabelo solto para fora sobre os meus ombros.

Viramos para Fourth Street, que estava pavimentada com tijolos em vez de pedras, e os solavancos pareceram diminuir. Era capaz de me segurar sobre o assento e remexi a janela. Se eu pudesse abri-la, eu conseguiria alcançar o pino de travamento, e ainda que a porta se abrisse e eu caísse na rua, acabaria com as maquinações do duque.

A janela funcionava em um arranjo deslizante no painel, mas não tinha nenhum tipo de trava que a controlasse; a única maneira de abrir era inserindo os dedos dentro de uma ranhura superficial de um lado e de

empurrando. Eu estava severamente tendendo a fazer isso, apesar de sacolejo renovado da cadeira, quando ouvi a voz do Duque e paramos no meio de alguns gritos de direção aos condutores.

—Pa... pare. Eu... não consigo... —Suas palavras pararam, os brutamontes vacilaram a um impasse, e eu pressionei meu rosto contra a janela subitamente imóvel. O Duque estava de pé no meio da rua, um punho prensado em seu colete, lutando para respirar. Seu rosto estava profundamente corado, mas seus lábios estavam tingidos de azul.

—Ponha-me no chão e abra essa maldita porta neste instante!— Eu gritei através do vidro para um deles, que estava olhando por cima do ombro, um olhar de preocupação em seu rosto. Eles obedeceram, e saí da cadeira em uma explosão de saias, apunhalando o alfinete para dentro do bolso do meu corpete quando eu fiz isso. Eu poderia precisar dele ainda.

— Condenadamente sente-se, — eu disse, alcançando Pardloe. Ele balançou a cabeça, mas deixou-me conduzi-lo à cadeira, onde o obriguei a sentar-se, o meu sentimento de satisfação com esta inversão de posição um pouco temperada pelo medo de que ele só poderia, eventualmente, estar prestes a morrer.

Meu primeiro pensamento, que ele estava tendo um ataque cardíaco, desapareceu no momento em que o ouviu respirar ou tentar. O suspiro ofegante de alguém no meio de um ataque de asma era inconfundível, mas agarrei o pulso e chequei seu pulso para garantir. Martelando, mas constante, e ainda que estivesse suando, era o suor quente normal, causado por clima quente e não a exsudação pegajosa repentina que muitas vezes acompanhava um infarto do miocárdio.

Toquei seu punho, ainda incorporado em sua barriga.

—Sente dor aqui?

Ele balançou a cabeça, tossiu forte, e tirou sua mão.

—Preciso de... pílula... b... —Ele balbuciou, e eu vi que havia um pequeno bolso no colete ao qual estava tentando chegar. Coloquei dois dedos e tirei uma pequena caixa esmaltada, que provou conter um pequeno frasco arrolhado.

—O que — não importa. — Tirei a rolha, inalando, e ofeguei quando inalei a brusca fumaça de amônia que veio ao meu nariz.

—Não — eu disse, definitivamente, coloquei a rolha empurrando o frasco e caixa de volta no bolso. —Isso não vai ajudar. Faça bolsas com os

lábios e sopra — Seus olhos se arregalaram um pouco, mas ele fez isso; Eu podia sentir o leve movimento do ar em meu próprio rosto suado.

— Certo. Agora, relaxe, *não* lute pelo ar, apenas deixe vir. Sopra, na contagem de quatro. Um... dois... três... quatro. Em uma contagem de dois, mesmo ritmo... Sim. Sopra, contagem de quatro... deixe entrar, contar de dois... sim, bom. Agora, não se preocupe; você não sufocará, pode continuar fazendo isso o dia todo. — Sorri, encorajando-o, e ele conseguiu assentir. Endireitei e olhei em volta; estávamos perto da Locust Street, e uma taverna não estava a mais que um quarteirão de distância.

— Você — eu disse a um dos brutamontes, — corra e traga de volta uma jarra de café forte. Ele pagará — acrescentou, com um movimento da mão em direção ao Duque.

Estávamos começando a atrair uma multidão. Mantive um olho atento para fora; estávamos perto o suficiente do consultório do Dr. Hebdy que ele poderia sair para ver o problema, e a última coisa que eu precisava era um charlatão se materializando com uma lanceta pronta.

— Você tem asma — disse, voltando minha atenção para o duque. Ajoelhei-me, para que eu pudesse ver seu rosto enquanto eu monitorava sua pulsação. Era melhor, visivelmente mais lenta, mas eu pensei que eu pudesse sentir a condição ímpar chamada *pulso paradoxal*, um fenômeno às vezes você via em asmáticos, em que o ritmo cardíaco acelerava durante a expiração e caía durante a inalação. Não que eu estivesse em dúvida. — Sabia disso?

Ele assentiu, ainda franzindo os lábios e soprando.

— Sim — ele arquejou, antes de inspirar novamente.

— Foi a médico para isso? — Um aceno de cabeça. — E ele realmente recomendou *sal volátil*? — Fiz um gesto em direção ao frasco no bolso. Ele balançou a cabeça.

— Para o des...maio — ele conseguiu. — Era tudo o que eu... tinha.

— Certo. — Eu coloquei a mão sob o queixo e inclinei a cabeça para trás, examinando seus olhos, que estavam bastante normais. Podia sentir o espasmo melhorando, assim como ele; seus ombros estavam começando a cair, e a coloração azul se desvanecia de seus lábios. — Você não quer usá-lo quando você está tendo um ataque de asma; a tosse e os olhos lacrimejando vão se tornar piores pela produção de catarro.

— Que diabos está aí parado sem fazer nada, seu preguiçoso? Vá correndo buscar um médico, rapaz! — Ouvi a voz aguda de uma mulher

dizer no meio da multidão atrás de mim. Fiz uma careta, e o duque percebeu; ele ergueu as sobancelhas perguntando.

—Acredite-me, você não quer esse médico. —Levantei-me e enfrentei a multidão, pensando.

—Não, nós não precisamos de um médico, muito obrigada— eu disse, o mais encantadoramente possível. —Ele só foi acometido por uma indigestão algo que ele comeu. Ele é muito bem agora.

—Ele não parece tão bom para mim, minha senhora— disse outra voz, duvidosa. —Acho que é melhor buscarmos o médico.

—Deixe-o morrer!— Veio um grito de parte de trás da multidão reunida. —Lagosta do caralho!

Um tipo estranho de brilho percorreu a multidão depois disso, e eu senti um nó de pavor formar-se em meu estômago. Não estiveram pensando nele como um soldado Britânico, apenas como um espetáculo. Mas agora...

—Vou chamar o médico, Lady John!— Para meu horror, o Sr. Caulfield, um Tory proeminente, forçou seu caminho para frente, sendo razoavelmente livre com sua bengala com cabeça de ouro. —Afastem-se, seu piolho!

Ele inclinou-se para perscrutar a liteira, levantando o chapéu para Hal.

—Seu servo, Senhor. Ajuda vai estar aqui hoje, tenha certeza!

Agarrei-o pela manga. A multidão era, graças a Deus, dividida. Embora houvesse vaias e insultos dirigidos a Pardloe e a mim, havia vozes discordantes, também, os legalistas (ou talvez apenas os tipos mais sensatos que não pensam que ataca um homem doente na rua seja parte de sua filosofia política) berrando, com razão, seus próprios protestos — e não poucos insultos.

—Não, não!— Disse. —Deixe que outra pessoa vá atrás do médico, por favor. Não ousaríamos deixar sua graça aqui sem proteção!

—Sua Graça?— Caulfield piscou e, cuidadosamente, seus *pince-nez* com aros de ouro *brilharam* de dentro de uma pequena caixa, colocando-o em seu nariz e inclinando-se para olhar para Pardloe na cadeira, que lhe deu um pequeno e digno aceno, embora continuasse assiduamente com o exercício de respiração.

—O Duque de Pardloe— eu disse às pressas, ainda mantendo um aperto na manga do Sr. Caulfield. —Vossa Graça, poderia apresentar-lhe o Sr. Phineas Graham Caulfield? — Com a mão livre acenei entre eles, então, avistando o condutor brutamente trotando de volta com um jarro, corri em

sua direção, na esperança de alcançá-lo antes que ele chegasse ao alcance da voz da multidão.

—Obrigada— eu disse, ofegante quando peguei o jarro dele. —Nós temos que levá-lo para longe antes que a multidão se torne desagradável, desagradável, — Eu alterei, ouvindo um forte *crack!* Como uma pedra jogada ricocheteando no teto da liteira. Sr. Caulfield abaixou.

—Oh!— Gritou o brutamonte, furioso com este ataque ao seu ganha-pão. — Cai fora!— Ele começou para a multidão, com os punhos cerrados, e agarrei-o pelas aba com a mão livre.

—Pegue-o — e a sua cadeira — agora! — eu disse, com tanta força quanto possível. —Levem-no para a... — Não para o King's Arms; que era um conhecido reduto legalista apenas inflamaria quem nos seguisse. Nem eu queria estar à mercê do duque, uma vez dentro do local.

—Leve-nos para o número dezessete Chestnut Street!— Eu disse apressadamente, e, cavando uma mão no meu bolso, peguei uma moeda e coloquei em sua mão. — Agora!— Ele não parou para pensar, mas pegou a moeda e se dirigiu para a cadeira na corrida, com os punhos cerrados ainda, e eu trotava atrás dele o mais rápido que meus saltos vermelhos me levariam, segurando o café. Seu número foi costurada em uma faixa em volta de sua manga: trinta e nove.

**Uma chuva de pedras foi despejada dos lados da cadeira, e o segundo brutamontes — Número Quarenta — as estava espantando como se fossem um enxame de abelhas, gritando — Fodam-se! — Para a multidão de forma eficiente ainda que repetitiva.**

**Sr. Caulfield o apoiou mais calmamente, gritando: —Fora com você! E saiam daqui de uma vez!— Pontuando com cutucões de sua bengala nas crianças mais ousadas que estavam arremessando-se à frente para ver a diversão.**

—Aqui, —eu engasguei, inclinando na cadeira. Hal ainda estava vivo, ainda respirando. Ele ergueu uma sobrancelha para mim e acenou para a multidão do lado de fora. Eu balancei minha cabeça e empurrei o café em suas mãos.

—Beba..., — eu consegui— e continue respirando. — Fechando a porta da cadeira, eu deixei cair o pino de travamento em na fechadura com um instante de satisfação, e me endireitei para encontrar o filho mais velho de Fergus, Germain, de pé ao meu lado.

— Por acaso está começando algum problema novo, *Grand-Mère*— ele perguntou, sem se perturbar com as pedras — que agora estavam junto com pedaços de estrume fresco — passando zunindo por nossas cabeças.

—Pode-se dizer que sim — eu disse. — Não... —Mas antes que eu pudesse falar mais, ele se virou e gritou para a multidão, com uma voz surpreendentemente alta, —ESTA É MINHA GRANNIE. Toque em um só fio do cabelo em sua cabeça e... — Várias pessoas na multidão riram, e eu coloquei a mão na minha cabeça. Eu esqueci completamente que perdi a minha touca, e meu cabelo estava de pé em uma nuvem rodada de cogumelo em minha cabeça quando não estava aderindo ao meu rosto e pescoço suado. —... E eu vou **TORRAR** você! —Germain gritou. —Sim, estou falando com **VOCÊ**, Shecky Loew! E você, também, Joe Grume!

Dois meninos meio crescidos hesitaram, aglomerando o lixo na mão. Evidentemente, conheciam Germain.

— E minha Grannie vai contar aos seus pais o que vocês fizeram também! — Isso fez com o que os meninos decidissem e recuassem um passo, derrubassem os seus torrões de terra e olhassem para eles como se não tivessem ideia de onde eles vieram.

— Vamos lá, *Grand-Mère* — disse Germain, pegando minha mão. Os condutores da cadeira, não perderam tempo, já havia amarrado os postes e hasteado a cadeira. Eu não conseguia acompanhar seu ritmo com aqueles sapatos de saltos altos. Enquanto eu os chutava, vi o gordo Dr. Hebby ofegando no fim da rua, na esteira da mulher prepotente que sugeriu chamá-lo e que agora estava navegando em nossa direção na brisa de seu heroísmo, o rosto definido em triunfo.

—Obrigado, Sr. Caulfield, — eu disse afobada, e, com os sapatos em uma das mãos, seguia da cadeira, incapaz de manter minhas saias longe das pedras sujas mas não muito preocupada com isso. Germain recuou um pouco, fazendo gestos ameaçadores para desencorajar a perseguição, mas eu poderia dizer a partir do som da multidão que sua hostilidade momentânea se transformou em diversão, e apesar de mais vaias nos seguiram, nenhum míssil veio em seu rastro.

Os condutores desaceleraram um pouco, uma vez que viraram a esquina, e eu conseguia fazer progressos no calçamento plano da Chestnut Street, chegando ao lado da cadeira. Hal estava olhando através da janela lateral,

parecendo consideravelmente melhor. A jarra de café estava no banco ao seu lado, evidentemente vazia.

—Onde estamos... indo senhora? — gritou pela janela quando me viu. Até onde eu podia dizer, com base na batida constante dos sapatos dos condutores e através do vidro da janela, ele parecia muito melhor, também.

—Não se preocupe, Sua Graça— eu gritei de volta, correndo junto. — Você está sob minha proteção!

## ***Capítulo 07 - As Consequências Não Intencionais das Ações Sem Reflexão***

Jamie andou no meio do mato, sem se importar com os arranhões dos arbustos ou os galhos batendo. Tudo o que estava em seu caminho poderia sair ou ser pisoteado.

Ele hesitou por não mais que um instante, quando alcançou os dois cavalos, mancando e pastando. Ele desamarrou os dois e, batendo na égua, mandou-a bufando para o mato. Mesmo que ninguém pegasse o cavalo extra antes que a milícia deixasse John Grey ir, Jamie não queria tornar mais fácil para o homem voltar para a Filadélfia. Qualquer que fosse o acordo ali, seria feito com muito mais facilidade sem a complicação da presença de sua senhoria.

E o que *deveria* ser feito? Ele se perguntou, fincando os calcanhares nos flancos de seu cavalo e conduzindo-o de volta a estrada. Ele notou com alguma surpresa que suas mãos tremiam, e apertou com força sobre o couro para fazer isso parar.

Os nós dos dedos de sua mão direita latejavam, e uma facada branca de dor onde seu dedo faltando estava correu através de sua mão, fazendo-o silvar por entre os dentes.

—O que o diabo tinha que me dizer, seu pequeno idiota?— Ele disse baixinho, fazendo seu cavalo galopar. —O que *achava* que eu ia fazer?

*Apenas o que você fez muito bem*, foi à resposta. John não resistiu, não revidou. *Vá em frente e me mate*, o pequeno pederasta disse. Um surto fresco de raiva enrolou nas mãos de Jamie quando ele imaginava muito bem fazendo aquilo. Ele teria ido em frente e feito, se o formiga do Woodbine e sua milícia não aparecessem?

Não. Não, ele não faria isso. Mesmo que desejasse momentaneamente voltar e sufocar a vida de Grey, ele estava começando a responder sua própria pergunta, a razão lutando para fazer seu caminho através da névoa de fúria. Por que Grey *contara*? Havia a razão óbvia — a razão pela qual ele atacara o homem por puro reflexo, à razão pela qual ele estava tremendo agora. Porque Grey dissera a verdade.

*Nós dois estávamos fazendo sexo com você.* Ele respirou lenta e profundamente, rápido o suficiente para ficar tonto, mas isso parou a tremedeira e ele desacelerou um pouco, as orelhas de seu cavalo foram para trás, contraindo em agitação.

— Está tudo bem, *a bhalaich* — disse, ainda respirando com dificuldade, mas mais lento, agora. — Está tudo bem.

Ele pensou que por um momento poderia vomitar, mas conseguiu não fazê-lo, e recostou-se na sela, mais estável.

Ele ainda podia tocá-lo, aquele lugar bruto que Jack Randall deixou em sua alma. Ele pensara que estava tão bem cicatrizado que estava a salvo agora, mas não o maldito Jonh Grey o escancarara com sete palavras. *Nós dois estávamos fazendo sexo com você.* E ele não podia culpá-lo por isso — não deveria, de qualquer maneira, ele pensou, a razão obstinadamente empurrando a fúria para trás, embora soubesse muito bem o quanto a razão era uma arma fraca contra esse espectro. Grey não poderia saber o que aquelas palavras fariam com ele.

A razão tinha os seus usos, no entanto. Foi à razão que o lembrou do segundo golpe. O primeiro foi um reflexo cego, o segundo não. Esse pensamento trouxe a raiva também, e dor, mas de uma espécie diferente.

— *Tive conhecimento carnal de sua esposa.*

— Seu sodomita — ele sussurrou, segurando as rédeas com uma violência reflexiva que fez o cavalo sacudir a cabeça, assustado. — Por quê? Por que me disse isso, seu sodomita!

E a segunda resposta veio tardiamente, mas tão claramente quanto à primeira: *Porque ela me diria, no momento em que tivesse chance. Ele sabia bem disso. Ele pensou se eu ficaria violento quando ouvisse, melhor que o fizesse por ele.*

Sim, ela teria dito a ele. Ele engoliu em seco. E ela vai me dizer. O que ele poderia dizer ou fazer quando ela o fizesse?

Ele estava tremendo de novo e abrandou, inadvertidamente, para que o cavalo estivesse quase em uma caminhada, a cabeça virando de um lado para outro quando ele cheirava o ar.

*E não era culpa dela. Eu sei disso. E não era culpa dela.* Eles pensavam que eu estava morto. Ele sabia o que abismo parecia; ele viveu lá por um longo tempo. E ele entendia o que o desespero e a bebida forte poderiam fazer. Mas a visão ou a falta de uma... Como isso aconteceu? Onde? Saber que aconteceu já era ruim o suficiente; sem saber o como e o porquê disso era quase insuportável.

O cavalo parou; as rédeas penduradas folgadas. Jamie estava sentado no meio da estrada, de olhos fechados, apenas respirando, tentando não imaginar, tentando rezar.

A razão tinha limites; a oração não. Demorou um pouco para a sua mente relaxasse o aperto, a curiosidade perversa, a necessidade de *saber*. Mas, depois de um tempo, ele sentiu que poderia continuar e recolheu as rédeas novamente.

Tudo aquilo poderia esperar. Mas ele precisava ver Claire antes que fizesse qualquer outra coisa. Só agora ele não tinha ideia do que diria ou faria quando a encontrasse, mas precisava vê-la, com o mesmo tipo de necessidade que um homem pode sentir quando é lançado ao mar, abandonado, sem comida ou água por semanas a fio.

O sangue de John Grey vibrou nos ouvidos tão alto que mal ouviu a discussão entre os seus captores, que — tomando precauções elementares revistando-o e amarrar suas mãos à frente — se reuniram em um ponto alguns metros de distância e foram calorosamente assobiando um para o outro como gansos em um curral, lançando olhares hostis ocasional em sua direção.

Ele não se importava. Ele não podia ver com o olho esquerdo e estava até agora bastante certo de que seu fígado se rompera, mas não se importava com isso, também. Ele disse a Jamie Fraser a verdade — *toda* a maldita verdade — e sentiu a mesma constelação feroz de sentimentos que está presente na vitória: o profundo alívio de estar vivo, o aumento vertiginoso da emoção que o leva em uma onda muito parecida com a embriaguez, então ia deixando você incrivelmente tonto na praia com uma incapacidade absoluta para contar o custo até mais tarde.

Seus joelhos experimentaram muito das mesmas sensações pós-batalha e cederam. Sentou-se sem cerimônia nas folhas e fechou o olho bom.

Depois de um curto intervalo de tempo em que não estava ciente de nada muito além da desaceleração gradual do seu coração, o barulho vibrando em seus ouvidos começou a diminuir, e ele percebeu que alguém estava chamando seu nome.

—Lord Grey!— A voz disse novamente, mais alto, e perto o suficiente para que ele sentisse uma rajada de ar fétido e quente de tabaco em seu rosto.

—Meu nome não é Lord Grey— disse, mal humorado, abrindo seus olhos. —Eu disse a você.

—Você disse que era Lord John Grey— disse seu interlocutor, franzindo a testa através tapete grisalho de pelos faciais. Era o homem imundo grande com camisa de caça que primeiramente o encontrara com Fraser.

—Eu sou. E se você malditamente tem que falar comigo, *my lord*, ou apenas *senhor*, se quiser. O que você quer?

O homem recuou um pouco, parecendo indignado.

—Bem, já que você perguntou... *senhor*, Em primeiro lugar, queremos saber se seu irmão mais velho é o major-general Charles Grey.

—Não.

—Não?— As sobrancelhas despenteadas do homem se juntaram. —Você *conhece* o general major Charles Grey? Ele é parente seu?

—Sim, ele é. Ele é... —Grey tentou calcular o grau exato, mas desistiu e bateu uma mão. —Um primo de algum tipo.

**Houve um estrondo satisfeito dos rostos agora olhando para ele. O homem chamado Woodbine agachou-se ao lado dele, um quadrado de papel dobrado na mão.**

**—Lord John— disse, mais ou menos com educação. —Você disse que você não mantém uma comissão ativa no exército de Sua Majestade no momento?**

**—Isso é correto. — Grey lutou com uma vontade súbita de bocejar. A excitação em seu sangue desvanecia agora e queria deitar.**

**—Então, você se importaria de explicar estes documentos, meu senhor? Nós os encontramos em suas calças. —Ele desdobrou os papéis com cuidado e os colocou debaixo do nariz de Grey.**

**John olhou para eles com o olho que funcionava. A nota no topo era do ajudante do general Clinton: um breve pedido para que Grey**

comparecesse na presença do general na primeira oportunidade. Sim, vira aquilo, embora mal lançasse os olhos sobre a nota antes da chegada cataclísmica de Jamie Fraser, ressuscitado de entre os mortos, dominasse mente. Apesar do que ocorreu, entretanto, ele não pôde deixar de sorrir. *Vivo. O maldito homem estava vivo!*

Então Woodbine pegou o bilhete, revelando o papel embaixo: o documento que estava anexado à nota de Clinton. Era um pequeno pedaço de papel, com um selo de cera vermelha e imediatamente identificável; era um mandado de um oficial, sua identificação de comissão, para ser carregado em pessoa por todos os momentos. Grey piscou para ela em simples descrença, a escrita arranhada do funcionário vacilando diante de seus olhos. Mas escrito na parte inferior, abaixo da assinatura do Rei, estava outra, este desenhado em um rabisco corajoso, preto, absolutamente reconhecível.

—Hal— ele exclamou. — Seu *bastardo!*

—Eu disse que ele era um soldado— disse o homenzinho com os óculos rachados, olhando de Grey sob borda da palavra MORTE! tricotado em seu chapéu com uma avidez que Grey achou muito desagradável. — Não é apenas um soldado, também; é um espião! Pelo que, poderíamos enforcá-lo, neste mesmo instante!

Houve uma notável explosão de entusiasmo para essa possibilidade de ação, reprimida com alguma dificuldade pelo Cabo Woodbine, que se levantou e gritou mais alto do que os defensores da execução imediata, até aqueles que a defendiam relutantemente retrocederam, resmungando. Grey sentou segurando a nota amassada em suas mãos atadas, seu coração martelando.

Eles bem que poderiam enforca-lo. Howe fizera exatamente isso com um capitão Continental chamado Hale, não dois anos antes, quando Hale foi pego coletando informações, enquanto estava vestido como um civil, e os rebeldes não gostariam de nada melhor do que uma oportunidade para retaliar. William esteve presente, tanto na prisão de Hale quanto em sua execução, e deu a Grey um breve relato sobre o assunto, chocando em sua aridez.

*William.* Jesus, William! Levado pelo imediatismo da situação, Grey mal tivera um pensamento dedicado a seu filho. Ele e Fraser fugiram como ladrões pelo telhado e para baixo em um cano de esgoto, deixando William,

claramente recuperando-se do choque da revelação, sozinho no corredor no andar de cima.

Não. Não, não sozinho. Claire estava lá, e pensar nela o estabilizou um pouco. Ela teria conseguido conversar com Willie, acalmá-lo, explicar... Bem, possivelmente não explicar e, possivelmente, não acalmá-lo, também, mas pelo menos se Grey fosse enforcado nos próximos minutos, William não seria deixado para enfrentar as coisas completamente sozinho.

— Estamos levando-o de volta para o acampamento, — Woodbine dizia obstinadamente, não pela primeira vez. — O quanto seria bom pendurá-lo aqui?

— Um casaca vermelha a menos? Parece ser uma coisa boa para *mim* — Replicou o bandido corpulento com a camisa de caça.

— Agora, Gershon, não estou dizendo que não devemos enforcá-lo. Eu disse que não aqui, e não agora. — Woodbine, com o mosquete em ambas as mãos, olhou lentamente em volta do círculo de homens, fixando cada um com o seu olhar. — Não aqui, não agora — repetiu ele. Grey admirava a força de caráter de Woodbine e por pouco se impediu de assentir concordando.

— Vamos levá-lo de volta ao acampamento. Vocês todos ouviram o que ele disse; O Major General Charles Grey é seu parente. Pode ser ainda que o Coronel Smith queira enforca-lo no acampamento, ou pode até mesmo ser que ele queira mandar este homem para o general Wayne. Lembre-se de Paoli!

— Lembre-se de Paoli! — Gritos irados fizeram eco à chamada, e Grey esfregou o olho inchado com a manga, as lágrimas estavam vazando e irritando seu rosto. Paoli? Quem diabo era Paoli? E o que isso tinha a ver com o quando e como ele deveria ser enforcado? Ele decidiu não perguntar naquele momento e, quando se levantou, foi junto com eles sem reclamar.

### ***Capítulo 08 - Homo Est Obligamus Aerobe ("O homem é um Obligamus Aerobe[1]" - Hipócrates)***

O rosto do Duque estava perigosamente corado quando o numero trinta e nove cerimoniosamente abriu a porta da liteira, e não era, eu pensei, pelo calor.

—Você queria ver o seu irmão, não é?— Perguntei, antes que pudesse reunir fôlego suficiente para dizer-lhe algumas das coisas em sua mente. Fiz um gesto em direção a casa. —Esta é a sua casa. — O fato de que John não estar nesse presente momento *na* casa podia esperar.

Ele lançou-me um olhar afiado, mas ele ainda estava com falta de ar e sabiamente poupou-se, irritado, acenou recusando a mão amiga do Número Quarenta enquanto ele lutava para sair da liteira. Pagou ao rapaz — sorte dele, já que eu não tinha nenhum dinheiro comigo — e, chiando, curvou-se e ofereceu-me o braço. Levei-o, não querendo que ele caísse de cara no jardim da frente. Germain, que acompanhou a cadeira sem esforço perceptível, seguia cautelosamente à distância.

Sra. Figg estava de pé na soleira da porta da frente, olhando a nossa chegada com interesse. A porta quebrada agora estava deitada em alguns cavaletes ao lado de um arbusto de camélia, suas dobradiças foram removidas, e estava provavelmente aguardando algum tipo de atenção profissional.

—Posso apresentar a Sra. Figg Mortimer, Sua Graça?— Eu disse educadamente, com um aceno de cabeça em sua direção. — A Sra. Figg é cozinheira e cuida da casa de sua senhoria. Sra. Figg, esta é a Sua Graça, o Duque de Pardloe. O irmão de Lord John.

Vi seus lábios formarem as palavras *Merde no brique*, mas felizmente sem som. Ela moveu-se agilmente a desceu os degraus, apesar de sua massa e levou Hal pelo outro braço, escorando-o, já que ele estava começando a ficar azul novamente.

—Franza os lábios e sopra— disse eu apressada. —Agora!— Ele fez um ruído feio de asfixia, mas começou a soprar, embora fazendo caretas horríveis em minha direção.

—O que em nome do eterno Espírito Santo que você fez com ele?— Sra. Figg me perguntou em tom acusador. —Parece que ele está prestes a morrer.

—Salvei sua vida, para começar, — rebati. — Para cima, Sua Graça!— E entre nós o fizemos subir os degraus. — Em seguida, o salvei de ser apedrejado e espancado por uma multidão, com a inestimável ajuda de Germain— acrescentei, olhando para Germain, que abriu um enorme sorriso. Eu também estava a meio caminho de sequestra-lo, mas achei que não precisávamos entrar em detalhes.

—E eu estou a ponto de salvar a sua vida novamente, eu acho, — eu disse, fazendo uma pausa na varanda a ofegando por um momento sozinha. —Temos um quarto em que podemos acomodá-lo? O de William, talvez?

—Será que, — o duque começou, mas, em seguida, começou a tossir convulsivamente, passando um tom desagradável. —Por... por...

—Oh, eu estava esquecendo— disse eu. —Naturalmente, o seu sobrinho William, não é? Ele não está aqui agora. —Lancei um olhar afiado a Sra. Figg, que bufou brevemente, mas não disse nada. — Sobre, Sua Graça.

Lá dentro, vi que alguns progressos foram feitos em direção a restaurar a ordem. Os destroços foram arrastados para uma pilha arrumada pela porta aberta, e Jenny Murray estava sentada em uma poltrona ao lado dele, pegando cristais intactos do lustre caído do lixo e colocando-os em uma tigela. Ela ergueu uma sobrancelha para mim, mas levantou-se sem pressa, colocando a tigela de lado.

—O que você precisa, Claire? — Disse.

—Água fervendo — eu disse, grunhindo ligeiramente à medida que manobrava Pardloe em uma poltrona, ele era magro e de ossos finos, como John, mas era um homem sólido, no entanto. —Sra. Figg? Copos, muitos copos e, Jenny, minha caixa de remédios. Não perca o seu ritmo, Vossa Graça — sobre... dois... três... quatro — *não* arqueje. Tome goles de ar — terá o suficiente, eu prometo. —O rosto de Hal estava se contorcendo, brilhando de suor, e enquanto ele ainda tinha o controle sobre si mesmo, eu podia ver o pânico vincando as linhas ao redor dos olhos enquanto suas vias aéreas se fechavam.

**Eu lutei contra uma sensação semelhante de pânico; não serviria a qualquer um de nós. O fato era que ele *poderia* morrer. Estava tendo um grave ataque de asma, e até mesmo com acesso às injeções de adrenalina e às facilidades de um grande hospital, as pessoas morriam em tais circunstâncias, ou por um ataque cardíaco causado por estresse e falta de oxigênio ou por asfixia simples.**

Suas mãos estavam cerradas sobre os joelhos, as calças de fustão amassadas e escuras de suor, e as cordas do seu pescoço se destacavam com a tensão. Com alguma dificuldade, eu arranquei uma de suas mãos e a agarrei firmemente na minha; Eu tinha que distraí-lo do pânico escurecendo sua mente, se quisesse ter alguma chance em tudo.

—Olhe para mim— eu disse, inclinando e olhando diretamente em seus olhos. —Vai dar tudo certo. Você pode me ouvir? Acene se você

puder me ouvir.

Ele conseguiu um breve aceno de cabeça. Ele estava soprando, mas muito rápido; não mais do que um punhado de ar tocou minha bochecha. Eu apertei sua mão.

—Mais devagar— eu disse, minha voz tão calma quanto era possível. —Respire comigo, agora. Junte os lábios... sopra... — Marquei a contagem de uma batida regular de quatro no joelho com a mão livre, tão lento quanto ousei. Ele soltou o ar entre dois e três, mas manteve os lábios franzidos, esforçando-se.

— Devagar — eu disse rispidamente enquanto sua boca se abria, faminta por ar. — Deixe que venha por si só; um... dois... sopra! — Eu podia ouvir Jenny correndo pelas escadas com minha caixa de remédios. Sra. Figg partiu como um grande vento impetuoso na direção da cozinha da casa, onde guardava um caldeirão fervente, sim, aqui estava ela, três xícaras de chá em enganchadas nos dedos de uma mão, uma jarra de água quente enrolada em uma toalha agarrada ao peito com a outra.

—... três... quatro — o abeto, Jenny — um... dois... *sopra agora*, dois... três... quatro — uma mão bem cheia em cada copo — dois, sim, é isso... sopra... — Ainda segurando seu olhar, desejando que ele soprasse — era tudo o que estava mantendo suas vias aéreas abertas. Se ele perdesse o ritmo, perderia a pouca pressão de ar que ele tinha, e as vias aéreas entrariam em colapso, e então eu empurrei o pensamento de lado, apertando a mão dele tão duro quanto eu podia, e dei orientações disjuntas entre cantar o ritmo. Abeto... quanto diabos mais eu tenho?

Não muito, foi à resposta. Raiz de Bowman, figueira-brava — muito perigosamente tóxica também, e não rápida o suficiente. — Nardo, Jenny, — eu disse abruptamente. — A raiz — amasse-a. — Apontei para o segundo copo, depois o terceiro. —... dois... três... quatro... — Um punhado grande abeto moído (apropriadamente chamando, parecia uma pilha de gravetos em miniatura) foi colocado em cada copo e já estava macerando. Eu daria a ele o primeiro, logo que ele esfriasse o suficiente para beber, mas levaria uma boa meia hora de maceração para conseguir uma concentração verdadeiramente eficaz. —Mais copos, por favor, a Sra. Figg, um... dois... isso é bom...

A minha mão dele na minha estava escorregadia com suor, mas ele estava me segurando com toda a força que ele tinha; eu podia sentir

meus ossos moendo, e torci minha mão um pouco para aliviar. Ele viu e relaxou um pouco a pressão. Inclinei-me, segurando sua mão nas minhas — não por acaso tendo a oportunidade de colocar meus dedos em seu pulso.

— Você não vai morrer— disse a ele, em voz baixa, mas com tanta força que pude. —Eu não vou deixar. — O lampejo de algo muito fraco para ser um sorriso passou por trás daqueles afiados olhos azuis de inverno, mas não tinha fôlego suficiente sequer para pensar em falar. Seus lábios ainda estavam azuis e seu rosto branco como papel, apesar da temperatura.

A primeira xícara de chá ajudou brevemente, o calor e a umidade fazendo tanto como a erva; o abeto continha adrenalina e era o único tratamento realmente bom para a asma que eu tinha disponível, mas não havia princípio ativo o suficiente em um copo do material após apenas dez minutos de infusão. Ainda assim a sensação momentânea de alívio o estabilizasse, no entanto. Sua mão se virou, os dedos conectados aos meus, e ele apertou de volta.

Um lutador. Eu conhecia um quando via e sorri involuntariamente.

—Inicie mais três xícaras, por favor, Jenny?— Se ele bebesse lenta, — e ele não conseguia mais do que pequenos goles rápidos entre arquejos — e continuamente, deveríamos conseguir uma quantidade decente de estimulante para até o final do copo mais concentrado. — E, Sra. Figg, poderia ferver três punhados de abeto e metade daquele nardo em um litro de café por um quarto de hora, em seguida, deixe descansar?— Se ele não ia morrer, eu tinha que querer uma tintura concentrada de *Efedrina* facilmente à mão; isto, obviamente, não era o seu primeiro ataque, — e se não fosse seu — haveria outro a qualquer momento. E muito possivelmente em breve.

A parte de trás da minha mente estava correndo através dos possíveis diagnósticos, e agora que eu tinha certeza que ele sobreviveria ao momento, eu poderia poupar tempo para pensar sobre eles de forma consciente.

O suor estava correndo por seu rosto de ossos bem talhados; Observei seu casaco, colete, e bota de couro, e sua camisa que estava colada ao peito, calças pretas molhadas nas dobras de sua virilha. O que não era de admirar, no entanto, entre o calor do dia, seus esforços, e o chá quente. A coloração azul estava desaparecendo de seus lábios, e não havia nenhum sinal de edema da face ou mãos... nenhuma distensão dos vasos sanguíneos do pescoço, apesar de seu esforço.

Eu podia ouvir os estertores crepitantes em seus pulmões facilmente sem um estetoscópio, mas ele não mostrava alargamento torácico; seu tronco era uma guarnição como o de John, um pouco mais estreito no peito. Provavelmente não era uma condição pulmonar obstrutiva crônica, então... e eu não *achava* que ele tivesse insuficiência cardíaca congestiva. Sua cor quando o conheci estava boa, e seu pulso estava atualmente batendo contra os meus dedos muito constante, rápido, mas não vibrando, não arritmico...

**Tomei consciência de Germain pairando em cima de meu cotovelo, olhando com interesse para o duque, que estava agora suficientemente em si mesmo para levantar uma sobrancelha em direção do rapaz, embora ainda incapaz de falar.**

—Mm? —Eu disse, antes de retomar a minha contagem agora automática de respirações.

—Eu só estou pensando, Grand-Mère, pela forma que ele chegou ...  
—Germain acenou para Pardloe — sua falta pode ser sentida. Talvez fosse melhor eu levar uma mensagem a alguém, de modo que não enviassem soldados atrás dele? Os soldados vão falar, não vão?

—Ah. —Isso era um pensamento, tudo bem. O General Clinton, por exemplo, certamente sabia que Pardloe estava na minha companhia, quando o vi pela última vez. Não tinha ideia de com quem Pardloe poderia estar viajando, ou se estava no comando de seu regimento. Se ele estivesse, as pessoas estariam procurando por ele agora, um oficial não poderia ficar fora do seu posto por muito tempo sem que alguém percebesse.

E Germain — um rapaz observador, se alguma fora um — estava certo sobre os soldados. Os números neles significavam que estavam registrados com a companhia central na Filadélfia, e seria o trabalho de um momento para o pessoal do quartel general localizar os números Trinta e Nove e Quarenta e descobrir onde eles entregaram o Duque Pardloe.

Jenny, que estivera cuidando da várias xícaras de chá, entrou em cena agora com a terceira e ajoelhou-se ao lado de Pardloe, acenando para mim para que fosse ver a sua respiração enquanto eu conversava com Germain.

—Ele disse aos soldados que me levasse para os King's Arms — eu disse para Germain, levando-o para a varanda onde poderíamos

conversar em particular. —E eu o conheci no escritório do general Clinton no...

—Eu sei onde é, Grand-Mère.

—Eu ousou dizer que você sabe. Já tem alguma coisa em mente?

—Bem, eu estou pensando... —Ele olhou para trás, para dentro da casa, em seguida, de volta para mim, os olhos apertados em seus pensamentos. — Por quanto tempo pensam mantê-lo prisioneiro, Grand-Mère?

Então, meus motivos não escaparam a Germain. Não fiquei surpresa, ele, sem dúvida, ouviu tudo sobre as excitações da manhã da Sra. Figg — e conhecendo Jamie como ele conhecia, provavelmente deduzira o resto. Estava imaginando se ele viu William? Se assim fosse, provavelmente sabia de tudo. Se não sabia, no entanto, não havia necessidade de revelar essa complicação até que fosse necessário.

—Até que seu avô volte — eu disse. —Ou, eventualmente, Lord John —eu adicionei como uma reflexão tardia. Eu esperava que, com todo o meu ser que Jamie voltasse em breve. Mas podia ser que ele achasse necessário ficar fora da cidade e enviar John para trazer notícias. —No minuto em que eu deixasse o duque ir, ele estará virando a cidade de cabeça para baixo em busca de seu irmão. Sempre assumindo por causa do argumento de que ele não caísse morto no processo. —E a última coisa que eu queria era instigar um arrastão em que Jamie poderia ser enlaçado.

Germain esfregou o queixo pensativamente um gesto peculiar em uma criança muito jovem para bigodes, mas era todo seu pai, e eu sorri.

—Isso não seja talvez muito tempo, —disse. —Grand-père voltará diretamente, ele estava selvagem por vê-la na noite passada. —Ele sorriu para mim, em seguida, olhou para trás através da porta aberta, franzindo os lábios.

—Quanto a ele, você pode esconder onde ele está —disse. —Mas, se enviar uma nota para o General, e talvez outra para os King's Arms, dizendo que sua Graça estava com Lord John, eles não comecem imediatamente a procura-lo. E mesmo que alguém esteja prestes a vir aqui mais tarde e perguntar, acho que pode dar um trago de uísque que o mantenha quieto para que possa dizer que ele se foi? Ou talvez trancá-lo em um armário? Amarrá-lo e amordaça-lo se recuperar sua

voz até lá, então —ele acrescentou. Germain era um tipo muito lógico, completamente focado, ele herdou isso de Marsali.

— Excelente ideia, —eu disse, me abstendo de comentar sobre os méritos relativos das opções para manter Pardloe incomunicável. — Deixe-me fazer isso agora.

—Parei para um rápido olhar para Pardloe, que estava melhor, embora ainda ofegando fortemente, eu corri ao andar de cima e abri a escrivaninha de John. Levou um momento para misturar o pó de tinta e escrever as notas. Hesitei por um momento sobre a assinatura, mas depois vi o sinete de John sobre a penteadeira, ele não teve tempo de colocá-lo em esta manhã.

O pensamento me deu uma ligeira pontada; na grande alegria de ver Jamie vivo, e, em seguida, o choque do advento de William, tendo John refém de Jamie, e a violência da saída de William, onde estava William agora? Eu empurrei o próprio John para a parte de trás da minha mente.

Ainda assim, eu disse a mim mesma, ele estava bastante seguro. Jamie não deixaria nenhum dano acontecer a ele, e ele voltou diretamente a Filadélfia... o repicar do relógio sobre a lareira me interrompeu, e eu olhei para ele: quatro horas.

—O tempo voa quando você está se divertindo — murmurei para mim mesma, e rabisquei uma assinatura razoável de John, acendendo a vela das brasas da lareira, pingando cera sobre as notas dobradas, e carimbando-as com a meia lua sorridente do anel. Talvez John estivesse de volta antes que as notas fossem entregues. E Jamie, certamente, estaria comigo, logo que a escuridão se tornasse segura.

### *Capítulo 09 - Uma maré nos assuntos dos homens*

Jamie não estava sozinho na estrada. Ele esteve vagamente consciente dos cavalos passando, ouviu a conversa distante de homens a pé, mas agora que saíra de sua névoa vermelha, ficou surpreso ao ver quantos eram. Viu o que era claramente uma companhia, não de milícia marchando, mas em movimento como um corpo, nós e aglomerações de homens, os cavaleiros solitários e alguns vagões provenientes da cidade, empilhados com bens, mulheres e crianças a pé ao lado deles.

Viu alguns poucos deixando a Filadélfia, quando chegou no dia anterior e Deus, foi só *ontem*? Pensou em perguntar a Fergus sobre isso, mas na empolgação da chegada e as complicações posteriores esqueceu completamente.

Seu senso de perturbação aumentou e ele chutou incitando seu cavalo a um ritmo mais rápido. Havia mais de dezesseis quilômetros até a cidade; ele estaria lá muito antes do anoitecer.

*Talvez só assim se estivesse escuro*, Pensou sombriamente. Mais fácil resolver as coisas com Claire sozinha e sem perturbações — e se isso o levaria a uma briga ou à cama, ele não queria interferência.

O pensamento era como um movimento de um dos jogos de Brianna. Apenas a palavra *cama*, e ele estavam em chamas com raiva fresca.

—*Ifrinn!*— disse em voz alta, e bateu com o punho contra o pomo. Toda a dificuldade para se acalmar, e tudo a perder em um instante! Deus *maldição* seu maldito, maldição, John Grey maldito de tudo!

—**Sr. Fraser!**

**Ele chacoalhou como se tivesse levado um tiro nas costas, e o cavalo desacelerou de uma só vez, bufando.**

—**Sr. Fraser! — Veio à voz, ofegante de novo, e Daniel Morgan chegou trotando ao lado em um pequeno e resistente cavalo baio, o sorriso se espalhando em todo o seu grande rosto cheio de cicatrizes. — Sabia que era você, sabia! Não há outro patife desse tamanho com essa cor do cabelo, e se houver um, eu não quero conhecê-lo.**

—**Coronel Morgan— disse, notando o Velho Dan desacostumado ao seu uniforme com novíssimas insígnias no colarinho — Em seu caminho para um casamento?— Ele fez o seu melhor para sorrir, embora o tumulto dentro dele era como os redemoinhos fora das rochas do Stroma.**

—**O quê? Oh, isso — disse Dan, tentando olhar para o lado para baixo seu próprio pescoço. — Não é nada. Washington é um maldito defensor do uso da roupa adequada. O Exército Continental tem mais generais do que soldados, nos dias de hoje. Se um oficial sobrevive mais de duas batalhas, fazem dele uma espécie de general no local. Agora, daí a conseguir qualquer pagamento por isso, é outra vasilha de peixes.**

**Ele inclinou o chapéu para trás e olhou para Jamie cima e para baixo.**

—Acabou de voltar da Escócia? Ouvi dizer que foi com o corpo do Brigadeiro Fraser e sua família, não é? —Ele balançou a cabeça com pesar. — Não tenha vergonha de chorar. Belo soldado, bom homem.

—Sim, ele era isso. Nós o enterramos perto de sua casa em Balnain.

Continuaram juntos, o velho Dan fazendo perguntas e Jamie respondendo tão brevemente quanto as boas maneiras e sua verdadeira afeição por Morgan permitiam. Não se encontravam desde Saratoga, onde ele serviu sob as ordens de Morgan como um oficial da sua Divisão de Rifles, e foi uma boa coisa para se disser. Ainda assim, ele estava feliz pela companhia, e até mesmo pelas perguntas; que o distraíam e impediam que sua mente o induzisse novamente em uma infrutífera fúria e confusão.

—Acho que devemos nos separar aqui— disse Jamie, depois de um pouco. Eles estavam se aproximando de uma encruzilhada, e Dan diminuiu o ritmo um pouco. — Tenho que ir à cidade.

—Para quê?— Perguntou Morgan, um pouco surpreso.

—Para ver a minha esposa. — Sua voz queria tremer na palavra *esposa*, e ele mordeu afiado.

—Ah, sim? Poderia talvez esperar por um quarto de hora? —Dan estava dando a ele uma espécie de olhar calculado que fez Jamie imediatamente desconfortável. Mas o sol ainda estava alto; ele não queria entrar na Filadélfia antes de escurecer.

—Sim, talvez— ele respondeu com cautela. —Para fazer o quê?

—Eu estou no meu caminho para ver um amigo e quero você o encontre. Está bem próximo, não vai demorar nada. Vamos! —Morgan desviou para a direita, acenando para Jamie para segui-lo, e, xingando a si mesmo por ser um tolo, ele o seguiu.

*Número 17 Chestnut Street*

Eu estava suando tanto quanto o duque no momento em que o espasmo aliviou o suficiente para ele respirar sem o exercício de pressão positivo. Eu não estava tão cansada quanto ele — ele deitou-se na cadeira, exausto, de olhos fechados, com respirações rasas e lentas, mas livres! ainda que próximas. Senti-me tonta, também, não era possível ajudar alguém a respirar sem que você mesmo fizesse um monte, e eu estava hiperventilado.

—Aqui, piuthar-chèile<sup>[2]</sup>. — A voz de Jenny falou ao meu ouvido, e foi só quando eu abri os olhos surpresos que eu percebi que estavam fechados. Ela colocou um pequeno copo de conhaque na minha mão. — Há uísque melhor na casa, mas espero que isso ajude. Devo dar a sua graça um trago, também?

— Sim, você deve— o duque disse, com grande autoridade, embora ele não mexesse um músculo ou abrisse os olhos. —Obrigado, minha senhora.

— Isso não lhe causará mal — eu disse tentando esticar minhas costas. —Ou a você, de qualquer maneira. Sente-se e tome uma bebida. Você também, Sra. Figg . — Jenny e Sra. Figg trabalharam tão duro quanto eu, pegando e moendo e fermentando, trazendo panos frios para enxugar o suor, ajudando-me de vez em quando com a contagem, e, combinando a sua força de vontade nem um pouco negligenciável com a minha, ajudando a mantê-lo vivo.

Sra. Figg tinha noções muito firmes do que era apropriado, e essas não incluíam sentar-se para partilhar um trago com seu empregador, e muito menos um duque de visita, mas mesmo ela foi obrigada a admitir que as circunstâncias fossem incomuns. Copo na mão, ela empoleirou em uma poltrona perto da porta da sala, onde poderia lidar com quaisquer potenciais invasões ou emergências domésticas.

Ninguém falou por algum tempo, mas havia uma grande sensação de paz na sala. O ar quente e parado carregado com a sensação de uma estranha camaradagem que une as pessoas que passaram juntas por uma tribulação, mesmo que apenas temporariamente. Eu gradualmente me tornei consciente de que o ar estava carregando ruídos também, da rua, do lado de fora. Grupos de pessoas que se deslocavam apressadamente, gritos da quadra seguinte, e um rumor de vagões. E um rufar distante de tambores.

A Sra. Figg estava ciente também, eu vi a sua ascensão de cabeça, as fitas de seu trêmulo gorro com curiosidade.

—Jesus tenha misericórdia— disse, pousando o copo vazio com cuidado. —Alguma coisa está vindo.

Jenny olhou assustada e me olhou, apreensiva.

—Vindo?— Disse. —O que está vindo?

—O Exército Continental, eu espero— disse Pardloe. Ele deixou a cabeça tombar para trás, suspirando. — Querido Deus. O que faço...

para respirar. — Sua respiração ainda estava curta, mas não muito limitada. Ergueu o copo cerimoniosamente para mim. —Obrigado, minha... querida. Eu estava... já em dívida para com você... pelos serviços para o meu filho, mas...

—O que quer dizer, com o Exército Continental?—Eu interrompi. Pousei o meu próprio copo, agora vazio. Minha frequência cardíaca se acalmou depois que os esforços de última hora, mas agora de repente acelerando novamente.

Pardloe fechou um olho e me olhou com o outro.

—Os norte-americanos— ele disse suavemente. —Os Rebeldes. O que mais... eu diria?

—E quando você diz que estão vindo— disse com cuidado...

—Eu não disse — ressaltou ele, em seguida, acenou para a Sra. Figg. —Ela disse. Ela está certa, porém. As forças do General Clinton... retiraram-se da Filadélfia... Eu ousou dizer Wa... Washington está... pronto para entrar.

Jenny fez um pequeno ruído escocês e a Sra. Figg realmente disse alguma blasfêmia em francês, em seguida, levando, num tapa, a ampla mão rosada à boca.

—Oh, —eu disse, sem dúvida, soando tão tola quanto me sentia. Eu estava tão distraída durante meu encontro com Clinton no início do dia que as consequências lógicas de uma retirada britânica absolutamente não me ocorreram.

A Sra. Figg se levantou.

—É melhor eu ir e enterrar a prata, então— disse de forma inexpressiva. — Ela estará sob o arbusto de laburno na cozinha, Lady John.

—Espere, — eu disse, levantando a mão. — Não acredito que precisemos fazer isso ainda, Sra. Figg. O Exército ainda não deixou a cidade, os norte-americanos não estão precisamente mordendo nossos calcanhares. E vamos precisar de alguns garfos para jantar.

Ela fez um ruído baixo retumbando em sua garganta, mas pareceu ver o sentido disso, balançou a cabeça e começou a recolher os copos de conhaque ao seu lugar.

— O que vai ser querer para o jantar, então? Tenho um presunto cozido frio, mas estava pensando em fazer um frango fricassé, William gosta muito disso. — Ela lançou um olhar sombrio no corredor, onde as

manchas de sangue no papel de parede agora estavam marrons. — Acha que ele voltará para a ceia?—William tinha um quarto oficial em algum lugar da cidade, mas muitas vezes passava a noite em casa, particularmente quando a Sra. Figg estava fazendo o fricassé de frango.

—Só Deus sabe — eu disse. Não tivera tempo para contemplar a situação de William, com todo o resto. Ele *podia* voltar, quando se acalmasse, determinado a esclarecer as coisas com John? Já vira um Fraser em ebulição, muitas vezes, e como regra, eles não ficavam de mau humor. Eles tendiam a ter uma intervenção direta, de uma só vez. Olhei para Jenny especulativamente; Ela devolveu o olhar e casualmente se apoiou o cotovelo na mesa, o queixo na mão, e bateu os dedos pensativamente contra seus lábios. Dei um sorriso meio secreto para ela.

—Onde *está* meu sobrinho — perguntou Hal, finalmente capaz de tomar nota de algo que não fosse o seu próximo fôlego. — De fato... onde está meu irmão?

—Não sei— eu disse a ele, colocando o meu próprio copo na bandeja da Sra. Figg e enchendo-o até completá-lo. —Eu realmente não estava mentindo sobre isso. Mas espero que ele esteja de volta em breve. —Esfreguei a mão no meu rosto e alisei meu cabelo para trás, tanto quanto eu podia. Começando pelo início. Tinha um paciente para cuidar.

—Tenho certeza que John quer vê-lo tanto quanto você. Mas...

—Oh, eu duvido— disse o duque. Seus olhos viajaram lentamente sobre mim, dos pés descalços ao cabelo despenteado, e o olhar lânguido divertido em seu rosto se aprofundou. —Você tem que me dizer como John... resolveu se casar com você... quando há tempo.

—Uma medida desesperada— disse em breve. —Mas, enquanto isso, devemos levá-lo para a cama. Sra. Figg, o quarto detrás...

—Obrigado, Sra. Figg, — o duque interrompeu, —eu não irei... exigir... —Ele estava tentando lutar para fora da cadeira e mal tinha fôlego o suficiente para falar. Eu fui até ele e deu-lhe o meu melhor olhar perfurante de enfermeira chefe.

—Harold— eu disse em tom comedido. —Não sou apenas sua cunhada. — O termo causou-me um estranho *frisson*, Mas eu ignorei. —Sou sua médica. Se você — o que? — Eu exigi. Ele estava olhando

para mim com uma expressão mais peculiar em seu rosto, algo entre surpresa e diversão. —Você me convidou para usar o seu nome de batismo, não é?

—Convidei — ele admitiu. —Mas não acredito que alguém tenha... realmente me chamado Harold desde que... eu tinha três anos de idade. —Ele sorriu então, um sorriso encantador absolutamente particular. — A família me chama de Hal.

— Hal, então, — eu disse, sorrindo de volta, mas me recusando a se distraída. —Você terá um bom banho refrescante de esponja, Hal, e em seguida vai para a cama.

Ele riu — embora o interrompesse rapidamente quando começou a bufar. Ele tossiu um pouco, o punho fechado sob suas costelas, e parecia desconfortável, mas ele parou, e limpou a garganta e olhou para mim.

—Você acha que eu *tenho*... três anos de idade. Cunhada. Tentando me mandar... para a cama sem o meu chá? —Ele apertou-se cautelosamente na posição vertical, ficando os pés debaixo dele. Eu coloquei a mão no peito e o empurrei. Ele não tinha nenhuma força nas pernas e caiu para trás na cadeira, surpreso e ofendido. E com medo: ele não percebeu, ou pelo menos não admitiu sua própria fraqueza. Um ataque severo geralmente deixava a vítima completamente drenada, e muitas vezes com os pulmões ainda perigosamente fracos.

—Você vê?— Eu disse, temperando com o meu tom de doçura. — Você já teve ataques como esse antes, não é?

—Bem... sim — disse de má vontade—, mas...

—E por quanto tempo ficou de cama depois do último?

Seus lábios comprimiram.

—Uma semana. Mas o médico tolo...

Eu coloquei a mão em seu ombro e ele parou, tanto porque temporariamente estava com falta de ar, quanto por causa do toque.

— Você. Não. Consegue. Respirar. Por. Conta. Própria. — eu disse, separando as palavras para dar ênfase. —Ouça-me, Hal. Veja o que aconteceu esta tarde, está bem? Você teve um severo ataque na rua; havia aquela multidão na Fourth Street decidindo cair em cima de nós, e teria estado bastante indefeso então não discuta comigo, Hal, eu estava lá. — Estreitei os olhos para ele. Ele fez o mesmo para mim, mas não discutiu.

— Então, a caminhada da rua até a porta da casa a uma distância de cerca de seis metros — levou-o diretamente a um início de *status asthmaticus* já ouviu esse termo antes?

— Não — ele murmurou.

— Bem, agora que você já, e agora sabe o que é. E você ficou de cama por uma semana a última vez? Foi tão ruim esse?

Seus lábios eram uma linha fina e os olhos faiscavam. Imaginei que a maioria das pessoas não falava com um duque, e muito menos com o comandante de seu próprio regimento, assim. Seria bom para ele, pensei.

— O maldito médico... disse que era o meu coração. — Seu punho se desenrolou e os dedos estavam esfregando lentamente seu peito. — Sabia que não era isso.

— Acho que provavelmente está certo sobre isso — eu concedi. — Foi este o mesmo médico que lhe deu sais aromáticos? Completo charlatão, em caso afirmativo.

Ele riu, um som breve, sem fôlego.

— Sim, ele é. — Ele fez uma pausa para respirar por um momento. — Embora ... para ser justo, ele... ele não me deu... os sais. Eu mesmo... os carrego. Para desmaio... disse.

— Então desmaiou. — Sentei-me ao lado dele e peguei seu pulso. Ele me deixou, observando com curiosidade. Seu pulso estava bem; ele abrandara e batia muito firmemente.

— Há quanto tempo você tem estado sujeito a desmaios — eu perguntei, inclinando-se para olhar de perto em seus olhos. Nenhum sinal de hemorragia petequial, nada de icterícia, as pupilas do mesmo tamanho...

— Há muito tempo — disse, e puxou seu pulso abruptamente. — Não tenho tempo para conversar sobre a minha saúde, minha senhora. Eu...

— Claire, — eu disse, e coloquei uma mão em seu peito, sorrindo amavelmente para ele. — Você é Hal, eu sou Claire e você não está indo a lugar algum, Sua Graça.

— Tire a mão de cima de mim!

— Estou seriamente tentada a fazer exatamente isso e deixá-lo cair de cara, — eu disse a ele —, mas espere até que a Sra. Figg termine de fazer a tintura. Não quero você se debatendo no chão, ofegante como um peixe recém pescado, sem jeito de tirar o anzol de sua boca.

Eu tinha, na verdade, tirado minha mão de seu peito, porém, e, levantando-me, eu saí para o corredor antes que ele pudesse encontrar fôlego para dizer qualquer coisa. Jenny tomou uma posição pela porta aberta, olhando para cima e para baixo na rua.

—O que está acontecendo lá fora?— Perguntei.

—Não sei— disse, sem tirar os olhos de um par de homens mal-encarados que estavam descansando do outro lado da rua. —Mas eu não gosto da sensação nem um pouco. Você acha que ele está certo?

—Que o exército britânico está indo embora? Sim. Eles estão. E muito provável que metade dos legalistas na cidade vá com eles. —**Eu sabia exatamente o que ela queria dizer com não estar gostando da sensação das coisas. O ar estava quente e grosso, cheio de cigarras, e as folhas das árvores de castanha ao longo da rua penduravam moles como panos de prato. Mas algo estava se movendo na atmosfera. Excitação? Pânico? Medo? Todos os três, pensei.**

—Seria melhor se eu fosse para a tipografia, o que você acha? —Ela perguntou, virando-se para mim com um leve franzido. —Será que Marsali e as crianças estariam mais seguros se os trouxesse aqui, eu quero dizer? Se não era para ser um motim ou algo semelhante?

Eu balancei minha cabeça.

—Acho que não. Eles são Patriotas bem conhecidos. São os Legalistas que estarão em perigo, se o Exército Britânico está saindo. Eles não terão qualquer proteção, e os Rebeldes podem muito bem... fazer coisas com eles. E —um sentimento muito desagradável serpenteava pela minha espinha dorsal, como um gelado dedo viscoso — esta é uma casa Legalista. —*Sem sequer uma porta e fechadura* — Eu poderia ter acrescentado, mas não fiz.

Houve um baque alto do salão, vindo de um corpo batendo no chão, mas Jenny não virou um fio de cabelo, nem eu. Ambas tínhamos muita experiência com homens teimosos. Eu podia ouvi-lo ofegando; se ele começasse a respirar com dificuldade de novo, eu voltaria.

—A colocará em perigo, então, tê-lo aqui— ela perguntou, *em voz baixa*, Com uma inclinação de sua cabeça em direção à sala de estar. —Talvez fosse melhor você ir à tipografia.

Fiz uma careta, tentando avaliar as possibilidades. As notas que eu enviei com Germain atrasariam as investigações, e eu poderia atrasar qualquer um que viesse. Mas isso também significava que eu não poderia

esperar nenhuma ajuda imediata do exército, se ela fosse necessária. E podia ser; alguém naquela multidão hostil em Fourth Street poderia muito bem ter-me ouvido falar para onde os condutores deveriam vir. Essa hostilidade agora se mostrando em uma luz diferente.

**Se os Rebeldes na cidade estavam prestes a se levantar e voltar-se contra os Legalistas e indefesos — e as correntes que eu sentia começando a rodar pelas ruas eram as mais escuras.**

**—Alguém pode simplesmente aparecer em sua varanda com um barril de alcatrão e um saco de penas — Jenny observou, antecipando o meu pensamento de uma forma mais enervante.**

**—Bem, isso não ajudaria a asma da sua graça um pouco— eu disse, e ela riu.**

**—Talvez seja melhor devolvê-lo ao general Clinton?— Sugeriu. — Eu tive soldados vasculhando minha casa, supostamente procurando por um homem escondido no fundo de meu guarda-roupa com meu menino recém-nascido em seus braços. Não acredito que seria um grande negócio para acalmar os nervos ter os Filhos da Liberdade vindo aqui atrás de Sua Graça, se metade do que Marsali me contou sobre eles é verdade.**

**— Provavelmente é. — O som de um tiro estalou no ar pesado, plano maçante, de algum lugar perto do rio, e nós duas ficamos tensas. No entanto não se repetiu, e após um momento eu respirava novamente.**

**— O fato é ele não é estável. Não posso arriscar levá-lo através de ruas cheias de poeira e pólen de árvore e, em seguida, deixar aos cuidados de um cirurgião do exército, ou mesmo de um charlatão. Se ele tivesse outro ataque e ninguém conseguisse fazê-lo passar por isso...**

**Jenny fez uma careta.**

**—Sim, você está certa— disse com relutância. —E não pode deixa-lo aqui e sair pela mesma razão.**

**—Isso mesmo. — E Jamie estaria vindo para cá, para me encontrar. Eu não sairia.**

**— Sabe, se Jamie vier e não a encontrar aqui, ele iria para a tipografia por sua vez — Jenny observou, fazendo o cabelo formigar na parte de trás do meu pescoço.**

**—Você vai parar de fazer isso?**

**—O quê?— Disse, assustada.**

**—Ler minha mente!**

—Oh, isso. — Ela sorriu para mim, olhos azuis vincando em triângulos. —Você mostra tudo em seu rosto, Claire. Certamente Jamie já disse isso a você,?

Um profundo rubor queimou para cima do meu decote de corte baixo, e só então eu me lembrei de que eu ainda estava usando a seda cor de âmbar, que agora estava encharcada de suor com pó, e absolutamente um tanto ruim para usar. E o corpete estava muito apertado. Preferia esperar que *nem tudo* que eu estava pensando aparecia em meu rosto, porque havia um pouco de informação que eu não tinha a intenção de compartilhar com Jenny ainda.

—Bem, eu não li *todos* os pensamentos — admitiu ela fazendo-o novamente, Caramba! —, mas é fácil dizer quando você está pensando em Jamie.

Eu decidi que realmente não queria ouvir como eu me parecia quando pensava em Jamie e estava prestes a desculpar-me para ir ver o duque, que eu podia ouvir tossindo e amaldiçoando sem fôlego para si mesmo em alemão, quando minha atenção foi distraída por um menino correndo pela rua como se o diabo estivesse atrás dele, o casaco do avesso e fluindo atrás dele.

—Colenso!— Exclamei.

—O quê?— Disse Jenny, assustada.

—Não é o que. Quem. Ele, — eu disse, apontando para a pequena criatura suja ofegante correndo. — Colenso Baragwanath. Ordenança de William.

Colenso, que sempre parecia como se estivesse de cócoras em cima de um cogumelo, veio caminhando para a porta com tal violência que Jenny saltamos para fora do caminho. Colenso tropeçou na soleira da porta e caiu de cara no chão.

—Você parece como se o próprio velho Hornie viesse depois de você, rapaz— disse Jenny, curvando-se para levanta-lo a seus pés. —E o que aconteceu com suas calças?

Com certeza, o menino estava descalço e vestindo apenas a camisa por baixo do casaco.

—Eles a pegaram — ele deixou escapar, tentando recuperar o fôlego.

—Quem?— Eu disse, puxando o casaco e colocando do lado direito para fora novamente.

—Eles — disse gesticulando desesperadamente para Locust Street. — Fui à taberna, para ver se Lord Ellesmere estava lá, — ele vai às vezes — e havia um grupo de homens todos gritando como uma colmeia de abelhas juntas. Eles tinham grandes rapazes com eles, e um deles me reconheceu quando me viu e elevou um grande grito, gritando quando eu espiava e tentava levar algo de volta para o exército, e, em seguida, eles me agarraram e me chamaram de traidor e colocaram meu casaco do avesso e o homem disse que ia me bater e me ensinar a não fazer mais aquilo e tirou as calças e... e... de qualquer maneira, eu me contorci e caí no chão no chão e me arrastei para fora debaixo das mesas e corri. — Ele passou a luva sob o nariz escorrendo. — Sua senhoria está aqui, senhoria?

—Não— eu disse. —O que quer com ele?

—Oh, eu não, minha senhoria— ele me assegurou, com evidente sinceridade. —Major Findlay o quer. Agora.

—Hmm. Bem... onde quer que esteja nesse momento, ele provavelmente vai voltar ao regimento de sempre esta noite. Você sabe onde é, não é?

—Sim, senhoria, mas eu não vou voltar para a rua *sem minhas calças!* — Ele parecia ao mesmo tempo horrorizado e indignado, e Jenny riu.

—Não culpo você nem um pouco, rapaz— disse. —Te digo, no entanto, é provável que meu neto mais velho tenha um velho par de calças que ele poderia emprestar. Vou dar um pulo lá na tipografia — ela me disse:— pego as calças, e conto a Marsali sobre toda a agitação.

—Tudo bem, — eu disse, um pouco relutante em vê-la ir. —Mas volte logo. E diga a ela para não publicar *nada* sobre isso no jornal!

### ***Capítulo 10 - A descida do Espírito Santo sobre um discípulo relutante***

Dan Morgan *estava* nas proximidades: a cabana em ruínas situada num pequeno bosque de olmo abaixo numa pequena entrada de terra na saída da estrada principal. Havia um grande cavalo castrado cinza que mancava e comia a grama nas proximidades, suas rédeas descansando na varanda; ele olhou para cima rapidamente e relinchou nos recém-chegados.

Jamie se abaixou sob o lintel após Dan e encontrou-se em um quarto escuro, pobre que cheirava a água de repolho, sujeira, e com odor acentuado de urina. Havia uma janela, suas persianas foram deixadas abertas, e a luz do sol entrando por elas delineava-se ao longo do crânio de um homem grande sentado à mesa, que levantou a cabeça quando a porta abriu.

—Coronel Morgan— disse, com uma voz suave com um toque do sotaque da Virgínia. —Você me trouxe uma boa notícia?

—Isso é *exatamente* o que eu trouxe, general, —o velho Dan disse, e empurrou Jamie pela frente em direção à mesa. —Eu encontrei este patife na estrada e o convidei pra vir junto. Este é o coronel Fraser, de quem eu já lhe falei antes. Acabou de voltar da Escócia, é justamente o homem certo para assumir o comando das tropas de Taylor.

O grande homem ergueu-se da mesa e estendeu a mão, sorrindo, embora sorrisse com os lábios apertados, como se temesse que algo pudesse escapar. O homem era tão alto quanto o próprio Jamie, e Jamie viu-se olhando direto nos astutos olhos cinza-azulados, que teve sua medida no instante que levou para apertar as mãos.

—George Washington— disse o homem. —Seu servo, Senhor.

—James Fraser— disse Jamie, sentindo-se levemente atordoado. —Seu... mais obediente. Senhor.

—Sente-se comigo, Coronel Fraser. — O grande da Virgínia gesticulou para um dos bancos ásperos na mesa. —Meu cavalo parou coxo, e meu

escravo saiu para encontrar outro. Sem noção de quanto tempo isso pode levar, já que eu preciso de um bom animal resistente para suportar o meu peso, e esses são magros e fracos nos dias de hoje —Ele olhou Jamie cima e para baixo com a avaliação franca; eles eram praticamente do mesmo tamanho. —Suponho que não tenha um cavalo decente com você, senhor?

—Sim, eu tenho. — Ficou claro que Washington esperava, e Jamie cedeu graciosamente. — O General me honraria aceitando-o?

O velho Dan fez um barulho descontente e trocou de pé para pé, claramente querendo protestar, mas Jamie lhe deu um breve aceno de cabeça. Não era tão longe até a Filadélfia; ele podia andar.

Washington parecia satisfeito e agradeceu a Jamie com graça, por sua vez, dizendo que o cavalo deveria ser devolvido para ele assim que outro adequado pudesse ser adquirido.

**—Mas de alguma forma é necessário que eu seja ágil no momento, coronel, —Washington comentou, com um ar de desculpas. —Você sabe, não sabe, que Clinton está se retirando da Filadélfia?**

**Um choque passou por Jamie como um centavo quente caiu em manteiga.**

**—Ele, não, senhor. Eu não sabia.**

**—Eu estava prestes a chegar a isso— disse Dan irritado. —Mas digo que ninguém me permite dar uma palavra primeiro.**

**—Bem, agora você falou — disse Washington, divertido. —Pode falar novamente, se você for rápido o suficiente para falar antes de Lee chegar aqui. Sentem-se, senhores, se quiserem. Estou esperando ah, lá estão eles. —Sons da porta abrindo indicavam um número de cavaleiros que chegavam, e dentro de alguns instantes a cabana estava cheia de soldados Continentais.**

**Eles eram muito vincados e curtidos, em sua maior parte, vestidos com pedaços heterogêneos de uniforme, estes unidos desconfortavelmente com camisas de caça ou calças simples. Mesmo os ternos completos de roupas estavam desgastados e sujos de lama e o cheiro que rescendia dos homens era áspero e superava muito os cheiros domésticos e suaves da cabana.**

**Entre os barulhos e saudações animados, Jamie, porém viu a fonte do cheiro de urina: uma mulher de rosto magro estava de pé com as costas pressionadas em um canto da sala, segurando um bebê enrolado em um xale rasgado contra seu peito, seus olhos arremessando para lá e**

para cá entre os intrusos. Um pano molhado escuro se mostrava no xale, mas estava claro que a mulher estava com medo de se mover de seu lugar para trocar a criança e, ao invés disso deslocava-se mecanicamente de pé para pé, acariciando a criança a acalmando.

—Coronel Fraser! Que bom encontrá-lo! Que bom encontrá-lo! —A voz arrancou sua atenção para longe, e, para sua surpresa, ele viu que sua mão estava sendo chacoalhada com entusiasmo por Anthony Wayne conhecido abertamente até agora como *Louco Anthony*, a quem ele vira pela última vez algumas semanas antes da queda de Ticonderoga.

—Sua esposa está bem, senhor, e seu sobrinho índio?— Wayne estava perguntando, sorrindo para o rosto de Jamie. Anthony era baixo e atarracado, com as bochechas cheias de um esquilo, mas também era equipado com uma espécie de nariz afiado, sobre o qual seus olhos de vez em quando pareciam brilhar fogo. Nesse momento, Jamie ficou aliviado ao vê-los simplesmente iluminados com interesse amigável.

—Tudo bem, senhor, agradeço. E...

—Diga-me, sua esposa está à mão?— Wayne se moveu um pouco mais perto e baixou a voz um pouco. — Eu tenho tido o tempo mais do que condenado com a gota no pé, e ela fez maravilhas com o abscesso na base da minha espinha enquanto estávamos em Ti...

—Coronel Fraser, permita-me apresenta-lo ao major-general Charles Lee e ao general Nathanael Greene. — A voz de George Washington parecia um calço suave da Virginia entre ele e a base da espinha do Louco Anthony, para alívio de Jamie.

Além do próprio Washington, Charles Lee era o mais bem equipado do grupo, usando o uniforme completo de botas polidas. Jamie não o encontrara antes, mas poderia tê-lo escolhido entre uma multidão como um soldado profissional, não importando como ele estava vestido. Um Inglês do tipo que parecia sempre estar cheirando algo duvidoso, mas ele estendeu as mãos com bastante cordialidade com um —Seu servo, Senhor — Jamie sabia exatamente duas coisas a respeito de Charles Lee, ambas ditas a ele pelo Jovem Ian: a sagacidade, que o homem tinha uma esposa e Mohawk — e que o Mohawk o chamavam de *Ounewaterika*. Ian disse que significava *Água Fervente*.

Entre Louco Anthony e *Água Fervente*, Jamie estava começando a sentir que ele deveria ter engendrado uma corrida quando reconheceu

**o Velho Morgan na estrada, mas era tarde demais para arrependimentos.**

—Sentem-se, senhores, não temos tempo a perder. — Washington virou-se para a mulher no canto. —Tem alguma coisa para beber, Sra. Hardman?

Jamie viu seu movimento de garganta quando engolia, apertando a criança com tanta força que ele gritou como um leitão e começou a chorar. Sentiu vários homens, pais sem dúvida, estremecerem ao som.

—Não, Amigo— disse, e ele percebeu que ela era uma Quaker. —Nada, além de água do poço. Devo buscar um balde?

—Não se dê o trabalho, Amiga Hardman— disse Nathanael Greene, de voz suave. —Eu tenho duas garrafas no meu alforje que servirão para nós. — Ele se moveu lentamente em direção à mulher, para não assustá-la, e levou-a suavemente pelo braço. —Venha para fora. Não precisa ser perturbada por este negócio. —Ele era um homem pesado imponente, que andava mancando perceptivelmente, mas ela parecia tranquilizada por seu discurso simples e foi com ele, embora olhando para trás com uma cara ansiosa, como se temendo que os homens pudessem incendiar o lugar.

Um quarto de hora mais tarde, Jamie não tinha tanta certeza de que eles não poderiam inflamar a cabana pela pura força de sua excitação. Washington e suas tropas estiveram retidas em Valley Forge pelos últimos seis meses, adestrando-se e preparando-se, e os generais estavam em chamas para estar ante o inimigo.

Muita conversa, proposta de planos, discussões a respeito, rejeições, retorno a eles. Jamie escutou com metade de uma mente; a outra metade estava na Filadélfia. Ouvira o suficiente de Fergus para saber que a cidade estava dividida, com confrontos regulares entre Patriotas e Legalistas, estes mantidos sob controle apenas pela presença dos soldados britânicos, mas os Legalistas eram minoria. No momento em que a proteção do exército fosse retirada, os Legalistas estariam à mercê dos Rebeldes e Rebeldes que foram suprimidos durante meses não eram susceptíveis a serem misericordiosos.

**E Claire... Sua boca ficou seca. Claire era, tanto quanto qualquer um na Filadélfia sabia, a esposa de Lord John Grey, que visivelmente apoiava os Legalistas. E o próprio Jamie acabou de tirá-la da proteção de John Grey, deixando-a sozinha e indefesa em uma cidade prestes a explodir.**

**Quanto tempo ele teria antes dos britânicos deixarem a cidade? Ninguém à mesa sabia.**

Ele tomou como pequena parte possível da conversa, tanto porque ele estava estimando o quão rápido poderia chegar a pé à Filadélfia, — versus a possibilidade de ir ao alpendre e roubar de volta o cavalo que acabara de ceder a Washington — e porque ele não esquecera o que o Velho Dan disse ao general Washington quando ele arrastou Jamie aqui. A última coisa que ele queria era...

—E você, coronel Fraser— disse Washington. Jamie fechou os olhos e recomendou sua alma a Deus. — Aceitará fazer o serviço de sinal de comando do batalhão de Henry Taylor? General Taylor adoeceu e morreu há dois dias.

—Eu... estou honrado, senhor — Jamie conseguiu, pensando freneticamente. — Mas tenho negócio muito urgente... na Filadélfia. Ficaria feliz em atendê-lo, tão logo o meu negócio esteja realizado, e eu poderia, é claro, retornar com palavras exatas de como estão às coisas com as forças do general Clinton. — Washington estava procurando gravemente durante a primeira parte do seu discurso, mas a última frase fez Greene e Morgan fazer um *hum* com a aprovação e Wayne acenar com a cabecinha esquilo.

—Você pode cuidar do seu negócio dentro de três dias, coronel?

—Sim, senhor!— Estava a mais de dez quilômetros da cidade; ele poderia fazer isso em duas ou três horas. E não levaria mais de trinta segundos para tirar Claire daquela casa, uma vez que ele chegasse a isso.

—Muito bem, então. Você está nomeado para o posto de campo temporário de General do Exército. Que...

—*Ifrinn!*

—Perdoe-me, coronel?— Washington pareceu confuso. O velho Morgan, que ouviu Jamie dizer *inferno* em *Gaélico* antes, balançou silenciosamente ao lado dele.

—Eu... Obrigado, senhor. — Ele engoliu em seco, sentindo uma onda de tontura passando sobre ele.

—Ainda que o Congresso tenha de aprovar a sua nomeação— Washington continuou, franzindo um pouco a testa — e que não haja nenhuma garantia quanto ao que esses contenciosos, lojistas filhos da puta vão fazer.

—Eu entendo, senhor— Jamie assegurou. Ele só podia esperar. O Velho Morgan passou uma garrafa, e ele bebeu profundamente, mal

**percebendo o que estava nela. Suando em bicas, ele afundou no banco, na esperança de evitar qualquer outra notícia.**

Jesus, e agora? Ele tinha a intenção de escapar tranquilamente para a cidade e para fora outra vez com Claire, em seguida, seguir para o sul para recuperar sua máquina de impressão, talvez estabelecer um negócio pequenino em Charleston ou Savannah até que a guerra acabasse e eles pudessem voltar para casa em Ridge. Mas ele *sabia* que havia um risco; qualquer homem com idade inferior a sessenta poderia ser compelido ao serviço da milícia, e se ele descesse a ele, ele era provavelmente um pouco mais seguro ser um general do que um comandante da milícia. Talvez. E um general poderia renunciar; esse era um pensamento reconfortante.

**Apesar de toda a conversa e as preocupantes perspectivas para o futuro imediato, Jamie viu-se a prestar mais atenção ao rosto de Washington do que no que ele falava, tomando a nota de como o homem falava e se portava, de modo que ele poderia dizer a Claire. Ele desejou que ele pudesse dizer a Brianna; ela e Roger Mac, por vezes, especularam sobre o que poderia ser ao encontrar alguém como Washington, embora tendo reunido um número de pessoas famosas a si mesmo, ele diria a ela que a experiência seria provavelmente mais como uma decepção.**

**Admitiria, porém, que Washington sabia o que estava fazendo; ouvia mais do que falava, e quando dizia algo, ia direto ao ponto. E ele exsudava um ar de autoridade relaxado, embora ficasse claro que perspectiva atual o excitava muito. Seu rosto era cheio de sulcos, muito marcado, e longe de ser bonito, mas tinha um bom bocado de dignidade e presença.**

**Sua expressão tornou-se muito animada, e ele foi tão longe a ponto de rir de vez em quando, mostrando dentes muito ruins e manchados. Jamie estava fascinado; Brianna lhe disse que eram falsos, feitos de madeira ou marfim de hipopótamo, e ele tinha uma súbita lembrança deslocada de seu avô: a Velha Raposa tinha um conjunto de dentes feitos de madeira de faia. Jamie jogou-os no fogo durante uma discussão em Beaufort Castle e apenas por um instante, ele estava lá, cheirando fumaça de turfa e assando carne de veado, todos os pelos em seu corpo um arrepio com aviso, rodeado por parentes que poderiam simplesmente mata-lo.**

E de repente ele estava de volta, pressionado entre Lee e o Velho Dan, cheirando suor e alegria e, apesar de si mesmo, sentindo a excitação crescente entre eles começando a infiltrar-se em seu sangue.

Dava-lhe uma sensação estranha em seu abdômen, sentar-se a não mais do que alguns metros de distância de um homem que ele conhecia não absolutamente, mas sobre quem ele talvez soubesse mais do que o próprio homem.

Verdade, ele sentou-se com Charles Stuart muitas noites, sabendo e acreditando no que Claire disse que aconteceria com ele. Mas ainda assim... Cristo disse ao incrédulo Tomé, *Bem-aventurados os que não viram, mas creram*. Jamie se perguntou como se chamavam aqueles que *viram* e foram obrigados a viver com o conhecimento resultante. Ele pensou: bem-aventurados talvez não fosse à palavra.

Passou mais de uma hora antes de Washington e os outros se despedirem uma hora durante a qual Jamie repetidamente pensou que ele simplesmente poderia levantar, virar a mesa, e correr porta afora, deixando o exército Continental para fazer mudança sem ele.

Ele sabia perfeitamente que os exércitos se moviam lentamente, salvo durante a luta. E claramente Washington esperava que fosse uma semana ou mais antes que os britânicos realmente saíssem da Filadélfia. Mas não adiantava tentar colocar bom senso em seu corpo, que como de costume tinha suas próprias medidas de importância. Ele poderia ignorar ou suprimir a fome, sede, fadiga e lesões. Ele não podia suprimir a necessidade de ver Claire.

Provavelmente era o que ela e Brianna chamavam de envenenamento de testosterona, pensou preguiçosamente — os termos que elas usavam para as coisas que os homens faziam e as mulheres não entendiam. Algum dia ele devia perguntar a ela o que era testosterona. Ele moveu-se desconfortavelmente no banco estreito, forçando sua mente de volta para o que Washington estava dizendo.

Finalmente, veio uma batida na porta, e um homem negro colocou a cabeça e fez um sinal para Washington.

—Pronto, *suh*— disse, no mesmo sotaque suave da Virginia de seu mestre.

—Obrigado, César. — Washington acenou de volta, em seguida, colocou as mãos sobre a mesa e se levantou rapidamente. —Estamos de acordo, então, meus senhores? Você está vindo comigo, General Lee. Vou ver o

resto de vocês, em devido tempo na fazenda de Sutfin, senão você ouve de outra forma.

O coração de Jamie saltou e fez a subir também, mas O Velho Dan colocou a mão em sua manga.

—Fique um pouco, Jamie— disse. —Você vai precisar saber algo sobre o seu novo comando, não vai?

—Eu... — ele começou, mas não havia nenhuma ajuda para ele. Ele sentou-se e esperou enquanto Nathanael Greene agradecia a Sra. Hardman por sua hospitalidade e pedia para aceitar uma pequena recompensa do exército para sua recepção civil. Jamie teria apostado um bom negócio que as moedas que ele arrancou de sua bolsa eram suas próprias, e não do exército, mas a mulher pegou-as, uma aceitação muito fraca para ter prazer mostrando em seu rosto desgastado. Ele viu seus ombros sacudirem de alívio quando a porta se fechou atrás dos generais e percebeu que a sua presença poderia ter colocado ela e seu filho em perigo considerável, se as pessoas erradas vissem os soldados uniformizados Continentais visitando sua casa.

Ela olhou pensativamente para ele e Dan, mas eles pareciam incomodá-la, muito menos em suas ásperas roupas civis. Dan tirou o casaco do uniforme e dobrou de dentro para fora, colocando-o no banco ao lado dele.

—Sente quaisquer línguas de fogo descendo em sua cabeça agora, Jamie?— perguntou Dan, vendo o seu olhar.

—O quê?

—*Então, no mesmo dia, à tarde, sendo o primeiro dia da semana, quando as portas foram fechadas onde os discípulos estavam reunidos por medo dos judeus, veio Jesus, pôs-se no meio deles e disse-lhes: A Paz esteja convosco* — Dan citou, e sorriu abertamente ante o olhar de espanto de Jamie.

—Minha Abigail é uma mulher de leitura, e ela lê os versículos da Bíblia para mim regularmente, na esperança de que vá fazer algo de bom, mas não teve muita sorte nesse sentido ainda. — Ele pegou a mochila que trouxera e procurando nela, saiu com um maço de papéis dobrados surrados, um tinteiro, e um par de penas esfarrapadas.

—Bem, agora que o Pai, o Filho e o Espírito Santo foram sobre o seu próprio negócio, deixe-me escrever os nomes de comandantes da sua companhia, tudo que você tem no caminho da milícia, de onde todos eles são, não é como todos estivessem em barracas, ou mesmo na mesma aldeia.

Senhora Hardman, eu poderia incomodá-la, minha senhora, por uma gota de água para minha tinta?

Jamie inclinou a cabeça com dificuldade para o negócio na mão, o melhor para despachá-la rapidamente, e dentro de um quarto de hora estava reunindo as listas, feitas lentamente pelas mãos de caranguejo de Dan. *Duas horas para a Filadélfia... talvez três...*

—Por falar nisso, tem dinheiro com você?— Perguntou Dan, parando junto à porta.

—Nem um centavo— Jamie admitiu, com um olhar para o local em seu cinto, onde sua bolsa estava normalmente apertada. Ele deu a Jenny para continuar a viagem, quando ela desejou a fazer suas pequenas compras. E esta manhã, ele esteve tão afogueado para ver Claire que ele deixou a tipografia com nada, além das roupas do corpo e os pacotes de papéis para Fergus. Ele poupou um instante a se perguntar se as coisas seriam diferentes agora, se ele não tivesse sido visto dando os papéis de Fergus e sido seguido para a casa de Lord John pelos soldados — e por William—, mas não havia nenhum ponto em arrependimentos.

Dan apalpou no seu saco de novo, saiu com um saco menor e uma bolsa tilintando, os quais jogou para Jamie.

—Um pouco de comida para o caminho, e um adiantamento no seu pagamento como general — disse, e riu com diversão em sua própria inteligência. —Você terá que pagar em dinheiro alto por um uniforme nos dias de hoje; não existe alfaiate na Filadélfia para um Continental. E ai de você se apresentar-se ao seu adorado George Washington sem estar vestido adequado. Ele é um defensor de uniforme adequado, diz que você não pode esperar impor respeito, sem parecer como se o merecesse. Mas eu acho que você sabe tudo sobre isso.

Dan, que lutou em ambas as batalhas de Saratoga em uma camisa de caça, deixando o casaco uniforme pendurado sobre um galho de árvore no acampamento por causa do calor, abriu um largo sorriso para Jamie, a cicatriz em seu lábio superior, onde a bala rasgou através de seu rosto, mostrando o branco contra a pele resistiu.

—Adeus a você, o general Fraser!

Jamie bufou, mas sorriu, no entanto, enquanto apertava a mão de Dan. Então ele virou-se para as coisas em cima da mesa, arrumou os papéis e bolsa e uma pena perdida que Dan abandonara, esquecida, dentro do saco. Ele estava grato pela comida; o cheiro de carne seca e *journeycake*[3]

flutuavam das profundezas de lona, e ele podia sentir a forma dura de maçãs na parte inferior. Ele saiu da gráfica, sem café da manhã, também.

Ele se endireitou, e uma dor como um relâmpago branco no meio da sua coluna para baixo a parte de trás de sua perna para a planta do pé. Ele engasgou e desabou sobre um banquinho, sua parte inferior das costas e nádega direita apertando com cãibra.

—Jesus, Maria e Santa Brígida não *agora*— Disse entre dentes, pretendendo que isso estivesse em algum lugar entre a oração e a maldição. Sentiu uma pequena pontada ou rasgo nas costas quando bateu em John Grey, mas no calor do momento, não pareceu importante. Não o perturbou muito e ele mal notou, com tudo o que havia em sua mente, mas agora que sentou por um tempo e os músculos esfriaram...

**Tentou erguer-se novamente, com cuidado, desabou novamente. Curvou-se suando sobre a mesa com os punhos cerrados, ele disse uma série de coisas em gaélico que não eram absolutamente uma oração.**

—Estás bem, amigo?— A mulher da casa inclinou-se perto, olhando de perto para ele com preocupação.

—Um... momento — ele conseguiu, tentando fazer como Claire disse a ele e respirar pelo espasmo.

—Como as dores de parto— dissera a ele, divertida. Ele não achou engraçado na primeira vez e nem agora.

A dor diminuiu. Ele estendeu a perna, então flexionou de volta, com muito cuidado. Até agora, tudo bem. Mas quando tentou, mais uma vez, se levantar, a parte inferior de suas costas estava travada em um torno, e uma dor que o fazia segurar seu fôlego que o esfaqueava por sua nádega.

—Teria... algo parecido... com uísque? Rum? —Se pudesse chegar a seus pés... Mas a mulher estava balançando a cabeça.

—Sinto muito, amigo. Não tenho nem mesmo um pouco de cerveja. Nem mesmo o leite para as crianças por mais tempo — acrescentou com certa amargura. —O Exército tomou minhas cabras.

Ela não disse qual exército, mas ele supôs que não importava para ela. Ele fez um som de desculpas, apenas no caso de ser o Continental ou a milícia, e diminuiu, respirando pesadamente. Isso aconteceu três vezes antes, apenas a mesma dor intermitente súbita, a incapacidade de se mover. Uma vez, ele levou quatro dias antes que ele pudesse mancar; as outras duas vezes, ele ficou de pé dentro de dois dias, e enquanto ela

tinha uma pontada esporadicamente por semanas, ele foi capaz de andar, se lentamente.

—Estás doente? Eu poderia te dar xarope de ruibarbo — ela ofereceu. Ele conseguiu sorrir, sacudindo a cabeça.

—Agradeço, senhora. Não é nada além de um aperto nas costas. Quando se alivia, tudo ficará bem. —O problema era que *até* aliviar, ele estava completamente impotente, e a essa percepção o tomando dava-lhe uma sensação de pânico.

—Oh. — A mulher hesitou por um instante, pairando, mas, em seguida, o bebê começou a chorar e ela virou-se para pegá-lo. Uma menina de cinco ou seis anos, ele pensou, a criatura um pouco mirrada rastejou de debaixo cama e olhou para ele com curiosidade.

—Vai ficar para jantar?— Ela perguntou, em voz alta e precisa. Ela lançou uma carranca avaliadora em sua direção. —Parece que ele comeria muito.

Ele reavaliou a estimativa de idade da menina para oito ou nove, e sorriu para ela. Ele ainda estava suando com a dor, mas aliviou um pouco.

—Não vou comer sua comida, *a nighean* — assegurou a ela. —Na verdade, há um bom pão e um pouco de carne seca em meu saco, e é seu. — Seus olhos ficaram redondos como uma moeda de um centavo, e ele emendou: —De sua família, quero dizer.

Ela olhou ansiosamente para o saco, engolindo dolorosamente quando sua boca molhou, ele podia ouvir o pequeno gole e torceu seu coração.

—Pru— ela sussurrou, virando com urgência para a mesa. — Comida!

Outra menina pequena se arrastou para fora ficou ao lado de sua irmã. Ambas eram magras como postes de cercas, embora, por outro lado, elas não se parecessem muito com postes.

—Eu ouvi— disse a recém-chegada a sua irmã, e virou um olhar solene para Jamie.

—Não deixe mamãe te dar xarope de ruibarbo— ela aconselhou. — Faz a merda parecerem chamas e se você não pode chegar à latrina, ela...

—Prudence!

Prudence gentilmente fechou a boca, mas ela continuou a olhar com interesse para Jamie. Sua irmã se ajoelhou e procurou debaixo da cama, emergindo com o utensílio familiar, este objeto caseiro de louça marrom, que ela apresentou gravemente para sua inspeção.

—Nós vamos virar as costas, senhor, o senhor deve precisar...

—Patience!

Com o rosto vermelho, a Sra. Hardman levou o penico de mijo de sua filha e enxotou as meninas para a mesa, onde com um olhar para Jamie para ter certeza que ele falou sério para que ela pegasse o pão, a carne e as maçãs de sua bolsa, dividindo a comida escrupulosamente em três partes, duas porções grandes para as meninas, e uma menor de si mesma, pondo de lado para mais tarde.

Ela deixou o penico no chão ao lado da cama, e quando ela pôs cuidadosamente sobre o colchão de casca de milho, Jamie avistou letras pintadas de branco na parte inferior. Ele apertou os olhos para ver fora na penumbra, depois sorriu. Era um lema latino, cercado uma abelha vividamente executada com uma expressão jovial e uma piscadela pronunciada. —*Iam apis potanda Fineo ne.*

Ele vira essa brincadeira antes — no bordel em Edimburgo, onde ele uma vez manteve um quarto que estivera totalmente equipado com utensílios esportivos em toda uma variedade de frases latinas, a maioria delas lascivas, mas algumas delas meros trocadilhos, como esse. Era uma frase latina, meio tola: *Beba não a abelha agora*, mas se lida foneticamente em Inglês, ignorando o espaçamento, dizia *sou um bêbado idiota*. Olhando para a Sra. Hardman em especulação, mas achando que não parecia como um trabalho dela. O ausente Sr. Hardman devia ser — *ou ter sido*, ele pensou, dada a pobreza óbvia da casa, e ele benzeu-se discretamente ante o pensamento — um homem educado.

O bebê acordou e estava mexendo em seu berço, dando pequenos gritos cortantes, como uma raposa. A Sra. Hardman pegou a criança, puxando uma cadeira de enfermagem gasta para o fogo com um pé. Ela colocou o bebê momentaneamente na cama ao lado de Jamie, abrindo a blusa com uma mão, a outra atingindo automaticamente para salvar uma maçã que estava rolando em direção à borda da mesa, cutucando pelo cotovelo de uma menina.

O bebê bateu os lábios, com fome, como suas irmãs. —E esta deve ser a pequena Chastity, estou errado?— Disse.

Sra. Hardman ficou boquiaberta. —Como é que sabe o nome da criança?

Ele olhou para Prudence e Patience, que estavam silenciosamente enchendo pão e carne em suas bocas tão rapidamente quanto elas poderiam comer. —Bem, eu também conheci uma garota chamada Sobriety ou Fortitude — disse suavemente. —O bebe esta encharcado; tem uma roupa limpa para ela?

Havia dois retalhos gastos pendurados para secar diante do fogo; ela trouxe um, ao descobrir que Jamie já tirava a fralda encharcada do bebê — que é como Claire as chamava — então limpou a merda do seu traseiro, segurando seus pequenos tornozelos em uma das mãos.

—Você tem filhos, eu vejo. — De sobrelhas erguidas, a Sra. Hardman tomou a roupa suja dele com um aceno de agradecimento e deixou-a cair em um balde de água e vinagre que ficava no canto mais distante.

—E netos — disse, balançando o dedo na frente do pequenino nariz de Chastity. Ela borbulhava e ficava vesga, chutando as pernas com entusiasmo. —Para não falar de seis sobrinhos e sobrinhas. — *E onde estão Jem e a pequena Mandy, eu me pergunto? Ela consegue respirar mais fácil agora, pobre garota?* Ele gentilmente fez cócegas nos pés rosa macios do bebê, lembrando o estranhamente belo de cortar o coração a coloração azulada aos pés perfeitos de Mandy, longos e articulados e graciosos como um sapo.

—*Eles são como os seus*— Claire lhe disse, desenhando uma unha levemente para baixo a planta do pé de Mandy, tornando a longo plano de repente longe dos outros. Como os chamou?

Ele tentou fazê-lo a si mesmo, cautelosamente, e sorriu com prazer de vê-lo acontecer com os dedos gordinhos de Chastity.

—Babinski[4]— disse a Sra. Hardman, com um sentimento de profunda satisfação em lembrar o nome. —é como é chamado quando o dedão do bebe faz isso. Um reflexo Babinski.

Sra. Hardman parecia atônita, embora muito mais quando ele habilmente colocava uma nova fralda em Chastity e a enrolava de novo em seu cobertor. Ela pegou o bebê dele e, com uma expressão incerta, afundou-se na cadeira e puxou o xale surrado sobre a cabeça do bebê. Incapaz de virar

facilmente, Jamie vez fechou os olhos para permitir a sua privacidade, tanto quanto podia.

### *Capítulo 11 - Lembrando Paoli!*

Era difícil enxugar o suor com as mãos amarradas, e impossível afastar a ardência do sal longe de seu olho machucado, uma fenda tão inchada que não podia fechá-lo firmemente. A água que escorria por seu rosto uma em fluxo constante, pingando do queixo. Piscando numa vã tentativa de clarear visão, John Grey não percebeu um galho caído em seu caminho, tropeçou e caiu pesadamente.

Aqueles atrás dele na trilha estreita pararam abruptamente, com sons de colisões suaves, armas e cantis tilintando, confusão e impaciência. Mãos ásperas o agarraram e levantaram novamente, mas o homem alto e ossudo que estava encarregado de acompanhá-lo apenas disse em um tom suave de voz:—Preste atenção onde anda, meu senhor, — dando-lhe uma cotovelada e em seguida um impulso.

Encorajado por essa prova de consideração, ele agradeceu ao homem e perguntou seu nome.

—Eu?—O homem pareceu surpreso. — Oh. Bumppo. Natty Bumppo. —Acrescentou, após um momento, — Porém, a maioria das pessoas me chama de Hawkeye.

—Não estou surpreso, —Grey disse, meio baixinho. Ele inclinou-se o tanto quanto podia em meio à caminhada, e acenou para a espingarda longa que balançava como um estilingue nas costas do homem. — Seu servo, senhor. Deduzo que é um atirador bom, então?

—Me vanglorias por isso não seria educado, meu Lord. —A voz de Bumppo soou divertida. —Por quê? Quer que eu atire em alguma coisa? Ou alguém?

—Estou fazendo uma lista, —Grey disse. —E o avisarei quando estiver pronta.

Sentiu, ao invés de ouvir, outro riso a diversão era palpável, mas ele fez pouco som.

—Deixe-me adivinhar quem é o primeiro em sua lista, o companheiro escocês grandalhão que lhe te nocauteou?

—Ele estaria perto do topo da lista, sim. —Na verdade, ele não poderia decidir quem ele preferia ver atingido primeiro: Jamie Fraser ou seu irmão de sangue. Provavelmente Hal, considerando todas as coisas. Bastante irônico, se Hal conseguisse que *ele* fosse baleado. Apesar de seus captos parecerem bastante convencidos de que o enforcamento era o método preferido.

Isso o lembrou do desconfortável trecho de conversa que precedera seu infortúnio pela floresta em uma trilha de veados generosamente equipada com arbustos, galhos baixos, carrapatos e moscas do tamanho da ponta de seu polegar o picando.

—Você por acaso sabe o que — ou possivelmente quem — é Paoli, Sr. Bumpo? — Perguntou educadamente, chutando um cone abeto longe do seu caminho.

—Quem é Paoli?— A voz do homem estava cheia de espanto. —Por que, homem, acabou de chegar a este pedaço da floresta?

—Bastante recentemente, — Grey respondeu cautelosamente.

—Oh. — Bumpo considerou, cuidadosamente combinando seu longo passo com o mais curto de Grey. —Por que, houve um ataque infame, pode ter certeza. Seu parente — Major General Grey, pelo que eles disseram — e suas tropas esgueiraram-se de noite onde os homens do general Wayne estavam acampados. Grey não quis arriscar uma perder munição provocando e dando fora, então ele deu a ordem para tirar todas as pedras de suas armas e usar as baionetas. Caiu em cima dos americanos e apunhalaram perto de cem homens com a baioneta enquanto estavam em suas camas, a sangue frio!

—Sério?—Grey tentou reconciliar esta informação com alguma batalha recente, que *ele* soubesse, e falhou. — E... Paoli?

—Oh. Esse é o nome de uma taberna nas proximidades — Taberna do Paoli.

—Ah. Onde fica? Geograficamente, quero dizer. E quando, exatamente, essa batalha ocorreu?

Os lábios prensados de Bumpo empurraram para fora em pensamento, em seguida, falou.

—Perto de Malvern, em setembro passado. O Massacre Paoli, vão chama-lo— acrescentou com certa dubiedade.

—Massacre?— Grey repetiu. A ação ocorrera antes de sua chegada, mas ouvira brevemente falar sobre o assunto, e não em termos de

massacre, com certeza. Mas então, as perspectivas do evento eram obrigatoriamente diferentes, dependendo de sua posição no assunto. William Howe falara sobre isso com aprovação — quando uma intervenção bem sucedida em que o número mínimo de tropas Britânicas encurralou uma divisão americana inteira, com perda de apenas sete homens.

Bumppo parecia disposto a partilhar a opinião de Grey de natureza retórica do nome, embora a partir de perspectiva ainda de um terceiro.

—Bem, você sabe como a gente vai falar— disse, levantando um ombro. — Não é o que *eu* chamaria de um massacre também, mas então, não há muita gente tenha visto um, e eu vi.

—Você viu?— Olhando para cima, para o rufião alto, barbudo, Grey achou que era muito provável que sim.

—Fui criado como um índio — disse Bumppo, com visível orgulho. — Pelos Moicanos, minha família morreu quando eu era apenas um garoto. Sim, eu vi um massacre ou dois.

—É mesmo?— Disse Grey, a cortesia inata obrigando-o a incentivar o homem a elaborar, se ele quisesse. Além disso, passaria o tempo; eles pareciam ter andado durante horas, e sem final à vista, não que ele estivesse esperando ansiosamente o fim...

Como era de se esperar, as reminiscências do Sr. Bumppo para passar o tempo, tiveram tão bom efeito que Grey ficou surpreso quando o Cabo Woodbine, na liderança, ordenou que o regimento parasse na beira de um acampamento bastante considerável. Ele estava feliz o suficiente por parar; estava usando sapatos da cidade, de forma alguma adequados para esse terreno, e eles se desgastaram por suas meias e abrasavam seus pés até sangrassem e se encherem de bolhas.

—Soldado Bumppo— disse Woodbine, com um breve aceno de cabeça para o companheiro de Grey. —Leve o regimento para onde Zeke Bowen está. Vou entregar o prisioneiro ao coronel Smith.

Esta declaração deu origem à verbalização de um descontentamento, a partir do qual Grey concluiu que o regimento desejava muito acompanhar Woodbine, a fim de não perder a execução de Grey, que eles esperavam confiantemente ocorreria no momento em que fosse entregue ao referido coronel Smith. Woodbine foi firme sobre isso, embora ainda que com democráticos murmúrios e execrações, a milícia moveu-se relutantemente para longe sob a orientação de Natty Bumppo.

Woodbine os observou sumir de vista, em seguida, ergueu-se, espantando uma lagarta de rua do peito de seu casaco rasgado e endireitou o infame chapéu.

—Bem, o tenente-coronel Grey. Podemos ir?

As reminiscências de Natty Bumppo sobre a maneira adequada de conduzir um massacre deixou Grey com a sensação de que talvez, por incrível que parecesse, ser enforcado não era a pior maneira de morrer. Mas, ainda que ele pessoalmente não tivesse testemunhado qualquer massacre em primeira mão, vira muito de perto homens serem enforcados, e essa memória secava sua garganta. O vazamento de seu olho não parou completamente mas diminuiu; a pele parecia em carne viva e inflamada, porém, o inchaço dava-lhe a sensação irritante que sua cabeça estava muito deformada. Ainda assim, obrigou-se a levantar e erguendo o queixo saiu para a tenda de lona esfarrapada à frente de Cabo Woodbine.

Coronel Smith olhou para cima de sua mesa de trabalho, assustado com a invasão, embora não tão assustado quanto Grey.

**Da última vez que o vira, Watson Smith estava na sala de sua cunhada em Londres dois anos atrás, comendo sanduíches de pepino. Usando uniforme de capitão dos Buffs.**

**— Sr. Smith — disse, recuperando primeiro a compostura. Curvou-se, muito corretamente. — Seu servo, senhor. — Não se preocupou em tentar afastar o nervosismo de sua voz ou expressão. Ele se sentou em cima de um banquinho vago sem ser convidado, e deu a Smith como olhar um tão direto quanto podia, com um olho operante.**

As bochechas de Smith avermelharam, mas ele se inclinou um pouco para trás, reunindo reagrupando-se de responder, e deu de volta a Grey um olhar, com interesse. Ele não era um homem grande, mas tinha ombros largos e considerável presença — e Grey sabia que ele era um soldado muito competente. Competente o suficiente para não responder diretamente a Grey, mas em vez disso, chamou o Cabo Woodbine.

**—Cabo. Como este cavalheiro chegou aqui?**

**—Este é o tenente-coronel Lord John Grey, senhor— disse Woodbine. Ele estava quase estourando de orgulho por sua captura, e colocou o comissionamento do Rei a Gray e a nota de Graves que a acompanhava sobre a mesa bamba com um mordomo que apresenta um faisão assado com olhos de diamante a um monarca Regente. —O pegamos na floresta. Sem uniforme. E... como você vê, senhor. —Ele**

limpou a garganta de ênfase. — E ele admite ser um primo do major-general Charles Grey. Ele sabe do Massacre de Paoli.

—Sério?—Smith pegou os papéis, mas levantou uma sobrancelha para Grey. —O que ele estava fazendo lá?

—Levou uma surra do Coronel Fraser, senhor, ele é um dos oficiais de Morgan. Ele disse. — Woodbine acrescentou, com menos certeza.

Smith olhou impassivo.

—Fraser... não acredito que o conheça. — Voltando a sua atenção para Grey, ele se dirigiu a ele pela primeira vez. —*Conhece* o coronel Fraser... Coronel Grey?—A hesitação aumentou. Bem, ele não esperava outra coisa. Grey limpou o nariz, assim como ele podia levantar sobre o antebraço e sentou em linha reta.

—Recuso-me a responder às suas perguntas, senhor. São indevidamente colocadas. Você sabe o meu nome, posto e regimento. Qualquer coisa além disso, é negócio meu.

Smith olhou para ele, os olhos apertados. Os olhos de Smith eram bastante atraente, cinza pálidos com sobrancelhas e cílios pretos muito dramático. Grey os notou quando o homem veio para o chá com Minnie.

Woodbine tossiu.

—Er... Coronel Fraser disse que o homem era seu prisioneiro, sir. Mas não quis dizer o motivo, e quando eu apertei o assunto, ele... er... partiu. Foi quando revistamos Lord... er, o Lord Coronel aqui, e encontramos seus papéis.

—Ele partiu, — Smith repetiu cuidadosamente. —E você permitiu que ele partisse, cabo?

Woodbine estava parecendo menos confiante na virtude de sua conduta, mas não era o tipo que seria facilmente intimidado, Grey viu. Ele baixou a testa e deu uma olhada Smith toda particular.

—Não poderia tê-lo impedido, menos do que atirasse nele. Sir — acrescentou, sem rodeios. A carne em volta das narinas de Smith embranqueceu, Grey teve a nítida impressão de que o inglês descobriria seu que seu novo comando não era bem o que ele estava acostumado.

Os alojamentos certamente não eram. Enquanto o uniforme Continental de Smith era elegante e bem cuidado, e sua peruca estava em boa ordem, a sua tenda, ainda que grande, parecia ter estado por várias campanhas, tendo pedaços gastos em alguns lugares e remendos em outros. Não que fosse inteiramente ruim, Grey pensou, fechando brevemente os olhos, quando

uma brisa da noite fraca veio flutuando através das paredes da tenda, aliviando o calor sufocante. Ele tinha uma dor de cabeça perceptível, e até mesmo um pequeno alívio era bem-vindo.

—Muito bem, Cabo — disse Smith, após um momento, depois de ter tentado, e evidentemente, não conseguido pensar em algo novo para perguntar. — Bom trabalho — acrescentou, oferecendo uma nota tardia de congratulações.

— Obrigado, senhor. — Woodbine pairou, obviamente relutante em entregar sua parte da excitação. — Se posso perguntar, senhor o que pretende fazer com o prisioneiro?

Grey abriu o olho e meio, interessado em ouvir o que a resposta pode ser, e encontrou Smith olhando-o no que parecia uma forma levemente carnívora. O vira-casaca sorriu.

— Oh, eu pensarei em algo, Cabo Woodbine, — disse. — Está dispensado. Boa noite.

Smith levantou-se e aproximou de Grey, inclinando-se para examinar seu rosto. Grey podia sentir o cheiro de seu suor, afiado e almiscarado.

— Precisa de um médico? — ele perguntou friamente, mas sem hostilidade.

— Não — disse Grey. Ambos, sua cabeça e a lateral de seu corpo doíam profundamente, e ele sentia-se tonto, mas ele duvidava que houvesse qualquer coisa que um médico pudesse fazer sobre qualquer condição. E ele descobriu que, após o contato prolongado com Claire e suas opiniões, ele tinha muito menos confiança em médicos do que tivera até agora, e para começo de conversa, nunca confiara muito neles.

Smith concordou e, endireitando-se, foi até um baú campanha desgastado e cavou dois copos de estanho amassados e uma garrafa de pedra do que provou ser aguardente de maçã. Serviu dois goles generosos, e eles ficaram em silêncio por um tempo, bebendo.

Tão perto do dia de São João[5], que ainda estava claro e brilhante lá fora, embora Grey pudesse ouvir o barulho e confusão de um acampamento prestes a iniciar a rotina da noite. Uma mula zurrava em voz alta, e vários outras responderam em coro estridente. Carroças, então... talvez artilharia? Ele respirou fundo, as narinas dilatadas; um regimento de artilharia tinha um cheiro diferente, uma espécie de destilação de suor, pó preto, e metal quente, muito mais pungente do que o cheiro de um regimento de infantaria

com seus mosquetes o cheiro de ferro queimando infiltrado nas roupas de um artilheiro, como bem como em sua alma.

O que chegou a ele não era o fedor de armas de fogo, mas o cheiro de carne assada. Flutuava através da tenda, e seu estômago roncou alto; não comera além de uma cerveja que foi fora a preliminar a uma refeição apropriada. Ele achou que a boca de Smith se contraiu um pouco com o barulho, mas o coronel educadamente ignorou.

Smith terminou sua bebida, completou os dois copos, e limpou a garganta.

— Não o atormentarei com perguntas, já que não deseja respondê-las — disse com cuidado —, mas no interesse de conversa civilizada, se talvez quiser perguntar-me algo, não tomarei como ofensa.

Grey sorriu ironicamente.

—Muito gentil da sua parte, senhor. Deseja justificar sua presente dedicação a mim? Eu lhe asseguro, é desnecessário.

Pequenas manchas vermelhas surgiram imediatamente nas maçãs do rosto de Smith.

—Essa não foi minha intenção, senhor— disse rigidamente.

—Então, eu peço desculpas— disse Grey, e tomou outro gole. A cidra forte doce saciaram suas dores da fome, bem como a dor em sua lateral, embora reconhecidamente não estivesse fazendo muito para a tontura.

— Que tipo de pergunta que achou que eu poderia fazer? Qual é o estado atual do exército Continental? Eu poderia deduzi-lo facilmente, eu acho que, a partir da condição dos senhores que me capturaram, e... por outras provas — Ele deixou seus olhos vaguearem deliberadamente ao redor da tenda, tendo um utensílio de cerâmica lascados sob o berço torto, indícios de roupa suja saindo de uma maleta no canto; evidentemente ou Smith não tinha um ordenança, ou o que tinha era incompetente. Por um instante, Grey sentiu uma pontada de nostalgia por Tom Byrd, o melhor ordenança já tivera.

O rubor de Smith desapareceu; ele deu uma risadinha irônica. — Imagino que poderia. Não é um grande segredo. Não, ao invés disso você poderia estar curioso a respeito do que pretendo fazer com você.

—Oh, isso. — Grey pousou o copo e esfregou delicadamente a testa, tentando não tocar na área inchada ao redor de seu olho. — Francamente, eu esqueci, ante a surpresa de vê-lo. E o prazer da sua

generosa hospitalidade — acrescentou, erguendo a taça sem nenhuma ironia. — Cabo Woodbine e seus homens parecem pensar que devo ser prontamente enforcado, tanto pela acusação de espionagem e mais seriamente por ser parente do major-general Charles Grey, quem eu presumo se acredita ter cometido alguma atrocidade em um lugar chamado Paoli.

A testa de Smith dobrou.

—Você nega ser um espião?

—Não seja ridículo, Smith. Sou um tenente-coronel. O que diabos eu estaria fazendo, espionando em uma floresta deserta? Bem, deserta até que Woodbine e seus alegres homens apareceram — acrescentou. Seu copo estava vazio; ele olhou para ele, perguntando como isso acontecera. Com um pequeno suspiro, Smith o completou.

—Além disso, não estava carregando nenhum documento com informações, nenhum segredo escrito ou qualquer evidência de espionagem.

—Sem dúvida, você gravou na memória qualquer informação que tivesse — disse Smith, soando cinicamente divertido. — Recordo-me de que você tem uma memória prodigiosa. — Ele deu um pequeno bufo que talvez pudesse ser chamado de um risinho. — *Assim disse Sally, ágeis dedos, enquanto o aperto sobre seu pau se prolongava...*

Na verdade, a memória de Grey era muito boa. Boa o suficiente para se lembrar de um jantar em que um número de oficiais de diferentes regimentos foi convidado. Quando os senhores já haviam tomado seus Portos, Grey — atendendo a convites e sob aplausos estrondosos — recitara inteiramente de memória uma das odes mais escabrosas de Harry Quarry do infame *Certos Versos sobre o assunto de Eros*, cópias das quais ainda eram avidamente procuradas e secretamente passavam em torno dos círculos da sociedade, ainda que o livro tivesse sido publicado quase vinte anos antes.

— O que diabos há ali para se *espionar* — Ele perguntou, percebendo a armadilha lógica tarde demais. A boca de Smith transformou-se em um canto.

—Você espera que eu diga?— Porque a resposta, é claro, era que a força inteira de Washington provavelmente estava em movimento em sua vizinhança imediata, posicionando-se para entrar na Filadélfia, muito possivelmente, para atacar na retirada das tropas de Clinton.

Grey rejeitou a questão de Smith como retórica e tomou outro rumo, embora perigoso.

—Woodbine deu uma correta avaliação das circunstâncias em que me encontrou — disse. —Claramente não fui pego *in flagrante* pelo coronel Fraser, ainda que ele simplesmente tenha feito o que o Cabo Woodbine fez e me detido.

—Você está afirmando que o coronel Fraser combinou encontrá-lo, para passar informações?

*Jesus Cristo.* Ele sabia que esta aderência era perigosa, mas não previu que possibilidade que Jamie Fraser poderia ser suspeito de ser seu cúmplice. Mas é claro que Smith seria particularmente sensível a essa possibilidade, dada a sua própria mudança de lealdades.

—Certamente que não— disse Grey, permitindo certa aspereza à fluência em seu tom. —O encontro que Cabo Woodbine testemunhou era de natureza puramente pessoal.

Smith, que claramente sabia uma coisa ou duas sobre o interrogatório, levantou uma sobrancelha para ele. Grey sabia uma coisa ou duas sobre o assunto, também, e sentou-se, bebericando sua aguardente despreocupadamente, como se a certeza de sua declaração resolvesse as questões.

—Eles provavelmente *irão* enforcá-lo, você sabe — disse Smith, após uma pausa adequada. Ele falou muito casualmente, com os olhos no fluxo âmbar quando encheu os dois copos novamente. —Depois do que Howe fez o Capitão Hale? Ainda mais, depois de Paoli. Charles Grey é o seu primo, não é?

— Segundo ou terceiro primo, sim. — Grey conhecia o homem, embora não nos estivessem mesmos círculos, seja social ou militarmente. Charles Grey era um assassino profissional com cara de porco, em vez de um soldado, e enquanto ele duvidava que o Massacre de Paoli fosse inteiramente como foi descrito — que tipo de idiotas se deitaria no chão à espera de ser atingido por baionetas em suas camas? Porque não pensaria nem por um instante que um regimento de infantaria conseguiria esgueirar-se no escuro no terreno acidentado para entrar apunhalando sem dar qualquer indício se sua presença, ele *sabia* das impiedosas táticas com baioneta de Charles em Culloden.

— Bobagem— disse Grey, com tanta confiança quanto poderia convocar. — Seja lá que se pense a respeito do Alto Comando Americano, duvido que seja composto inteiramente por tolos. Minha execução não

renderia nada, enquanto que minha troca pode ser valiosa. Meu irmão tem alguma pequena influência.

Smith sorriu, não sem simpatia.

—Um excelente argumento, Lord John, e um que estou certo que encontraria apoio com o General Washington. Infelizmente, o Congresso e o Rei permanecem em desacordo sobre a questão da troca; no momento, não há nenhum mecanismo para permitir a troca de prisioneiros.

Aquele golpe feriu na boca do estômago. Ele sabia muito bem que não havia canais oficiais de troca; estivera tentando promover a troca de William durante meses.

Smith inverteu a garrafa, deixando o último gole de âmbar cair no copo de Grey.

**—É um homem que lê a Bíblia, Coronel Grey?**

**Grey olhou para ele sem expressão.**

**—Não habitualmente. Porém, já li. Parte dela. Bem... versículos. Por quê?**

**—Gostaria de saber se você estava familiarizado com o conceito de um bode expiatório. — Smith balançou um pouco para trás em seu banco, olhando para Grey com seus encantadores e profundos olhos, que pareciam ter certa simpatia, embora talvez fosse apenas pela aguardente —Porque receio que seja onde sua principal coragem reside, Coronel. Não é segredo que o exército Continental está em mau estado, falta de dinheiro, desilusão e abandono de armas. Nada poderia animar e unificar mais as tropas — ou enviar uma mensagem mais potente ao general Clinton — do que o julgamento e execução pública de um oficial britânico de alta patente, um espião condenado com estreita relação com o infame Grey *Nada de Pederneiras*.**

**Ele arrotou baixinho e piscou, os olhos ainda fixos em Grey.**

**—Você perguntou o que eu queria fazer com você.**

**—Não, eu não perguntei.**

**Smith ignorou, apontando um dedo longo esticado para ele.**

**— Vou enviá-lo ao general Wayne, que, acredite em mim, tem *Paoli* esculpido em seu coração.**

**—Deve ser muito doloroso para ele— disse Grey educadamente, e esvaziou o copo.**

*Capítulo 12 - Eine Kleine Nachtmusik.*

O dia interminável estava relutantemente em acabar, o calor finalmente começando a desvanecer na floresta junto com a luz diminuindo. Não supôs que seria levado diretamente ao general Wayne, a menos que estivesse muito próximo, ao alcance da mão, e ele achava que não. Ele poderia dizer com base nos sons e na sensação do campo que esse era um dos pequenos, e claramente o coronel Smith era o oficial presente mais velho.

**Smith perguntou-lhe, *pró-forma*, se queria pedir liberdade condicional, e ficou substancialmente surpreso quando Grey educadamente recusou-se a fazê-lo.**

**—Se eu sou, de fato, um oficial britânico devidamente comissionado, — Grey apontou — então é claro que é meu dever escapar.**

**Smith olhou para ele, a falta de luz sombreando seu rosto com ambiguidade o suficiente para que Gray não tivesse certeza se ele estava lutando ou não contra o impulso de sorrir. Provavelmente não.**

**—Você não vai escapar — disse, definitivamente, e saiu. Grey podia ouvir uma breve discussão acalorada, conduzida em voz baixa do lado de fora da tenda, a respeito do que fariam com ele. Um acampamento de milícia em movimento não tinha instalações para os presos. Grey se divertiu compondo um entretenimento mental em que Smith era obrigado a compartilhar sua cama estreita com Grey, no interesse de manter o prisioneiro seguro.**

**No final, porém, um cabo entrou, carregando um conjunto enferrujado de grilhões que parecia que viram uso pela última vez durante a Inquisição espanhola, e levou Grey para os limites do campo, onde um soldado que foi um ferreiro na vida privada colocou-os no lugar com um martelo forte, usando uma pedra achatada como uma bigorna.**

**Ele teve sensações estranhas, ajoelhando-se no chão, ao crepúsculo, um grupo interessado de milicianos se reunia em círculo para assistir. Foi forçado a se inclinar para frente em uma postura agachada, mãos colocadas diante dele, como se ele estivesse prestes a ser decapitado, e os golpes de martelo ecoaram pelo metal, para os ossos de seus pulsos e braços.**

**Ele manteve os olhos sobre o martelo, e não só pelo medo de que aquele desconhecido erraria o alvo com a crescente poeira e esmagasse**

uma de suas mãos. Sob a influência do álcool e do profundo e crescente receio que ele não queria reconhecer, ele sentiu um misto de curiosidade e animação em torno dele e o sentiu como se houvesse uma tempestade nas proximidades, a eletricidade rastejando sobre sua pele, a ameaça de aniquilação relâmpago tão perto que ele podia sentir o cheiro seu odor acentuado, misturado com pólvora e com o pesado cheiro de suor dos homens.

*Ozônio.* Sua mente agarrou-se à palavra, uma pequena fuga para a racionalidade. Isso era o que Claire chamava o cheiro de um raio. Ele disse a ela que achava que era do grego *ozon*, O neutro particípio presente de *ozein*, Que significava *cheirar*.

Ele começou a trabalhar o seu caminho metodicamente através da conjugação completa; quando ele terminasse, certamente eles teriam acabado com isso. *Ozein*, Cheirar. Eu cheiro...

Ele podia cheirar seu próprio suor, afiado e doce. Nos velhos tempos, isso era considerado uma melhor morte, decapitação. Ser enforcado era vergonhoso a morte de um cidadão comum, a morte de um criminoso. Mais lenta. Ele sabia de fato.

**Um golpe final reverberante, e um som visceral de satisfação dos homens assistindo. Ele foi feito prisioneiro.**

Não havendo nenhum outro abrigo além dos restos de lona e cabanas que os milicianos manipulavam perto de suas fogueiras, ele foi escoltado de volta à grande tenda puída de Smith, depois da ceia — que ele forçou-se a comer, não notando o que comeu — e, em seguida, foi preso ao pau da barraca com uma longa e fina corda amarrada através da cadeia de seus ferros, com folga suficiente para permitir-lhe se deitar ou usar o utensílio.

Por insistência de Smith, ele tomou o catre e deitou com um leve gemido de alívio. Suas têmporas latejavam com cada batimento cardíaco, e assim como todo o lado esquerdo de seu rosto, que agora estava irradiando pequenos choques para baixo em seus dentes superiores, muito desagradável. A dor na lateral de seu corpo entorpeceu a uma dor profunda, quase insignificante, por comparação. Felizmente, ele estava tão cansado que sono sobrepujou todo o desconforto, e ele adormeceu com um sentimento de profunda gratidão.

Acordou no completo escuridão algum tempo depois, coberto de suor, o coração batendo a partir de um sonho desesperado. Ele levantou a mão para empurrar o cabelo encharcado de seu rosto e sentiu o forte atrito peso, dos

grilhões, que ele esqueceu. Eles chiavam, e a figura escura da silhueta de um sentinela no brilho do fogo na entrada da tenda virou-se bruscamente em direção a ele, mas depois relaxou quando ele se virou na cama, fazendo um barulho a mais.

*Pederasta*, pensou, ainda grogue de sono. *Não poderia mesmo me masturbar se quisesse*. O pensamento o fez rir, embora, felizmente, saiu como um mero sopro de som.

Outro corpo virou-se, farfalhando, movendo-se muito perto dele. Smith, ele supôs, dormindo em um saco de lona recheado com grama; Grey podia sentir o cheiro de feno seco do prado, levemente mofado no ar úmido. O saco feito de cama era padrão para o exército britânico; Smith deveria ter mantido, juntamente com a sua tenda e outros equipamentos, mudando apenas o uniforme.

Por que ele virou a casaca? Grey perguntou-se vagamente, olhando a forma corcunda de Smith, apenas visível contra a tela pálida. Avanço na carreira? Famintos como estavam os soldados profissionais, os Continentais ofereciam patentes como incentivo; um capitão em qualquer exército europeu pode se tornar qualquer coisa, desde major até um general em um piscar de olhos, enquanto que o único meio de alcançar a maior pontuação na Inglaterra era encontrar o dinheiro e comprá-la.

O que era uma patente sem remuneração, embora? Grey já não era espião, mas fora uma vez, e ainda conhecia homens que trabalhavam nesses campos escuros. Pelo que ele ouviu, o Congresso Americano não tinha nenhum dinheiro e dependia de empréstimos — estes imprevisível em quantidade e errático na ocorrência. Algumas de fontes francesas ou espanholas, embora os franceses não admitissem, é claro. Um pouco de agiotas judeus, segundo disse um de seus correspondentes. *Salomon, Salomão... algum nome parecido*.

Estas reflexões aleatórias foram interrompidas por um som que o fez endurecer. O riso de uma mulher.

Havia mulheres no acampamento, esposas que foram para a guerra junto com seus maridos. As viu quando o levaram todo o acampamento, e um trouxeram o jantar, olhando desconfiado para ele de debaixo de sua touca. Mas ele achava que *conhecia* aquele riso profundo, borbulhante, e totalmente consciente.

—Jesus— ele sussurrou baixinho. —Dottie?

Não era impossível. Ele engoliu em seco, tentando clarear seu ouvido esquerdo, para ouvir através da multiplicidade de pequenos sons externos. Denzell Hunter era um cirurgião Continental, e Dottie tinha — para horror de seu irmão, primo, e tio — se juntado ao acampamento para segui-lo em Valley Forge, a fim de ajudar seu noivo, embora entrasse regularmente na Filadélfia para visitas seu irmão Henry. Se as forças de Washington estavam se movendo — e muito claramente que eles estavam — era perfeitamente possível que um cirurgião pudesse estar em qualquer lugar entre eles.

Uma voz alta, clara, fez uma pergunta. Uma voz inglesa, e não comum. Ele se esforçou para ouvir, mas não conseguiu distinguir as palavras. Desejou que ela risse de novo.

Se fosse Dottie... respirou fundo, tentando pensar. Não podia chamá-la; ele sentiu a ávida hostilidade dirigida a ele por todos os homens no acampamento, deixar que o relacionamento entre eles fosse conhecido seria perigoso para ela e Denzell, e certamente não ajudaria Grey. Ainda assim, ele tinha que arriscar — eles o moveriam na manhã seguinte.

Por pura incapacidade de pensar em algo melhor, ele se sentou na cama e começou a cantar *Die Sommernacht*. Silenciosamente no início, mas aumentando a força e o volume. Quando chegou a *In den Kulungen wehn* estava no topo de sua voz de tenor muito ressonante, Smith sentou-se como um boneco saindo da caixa e disse: —*O quê?*— em tom de espanto.

*“So umschatten mich Gedanken an das Grab  
Meiner Geliebten, und ich seh' im Walde  
Nur es dämmern, und es weht mir  
Von der Blüte nicht her.”*

Grey continuou, reduzindo de alguma forma o volume. Não queria que Dottie — se fosse Dottie — viesse olhar, só queria deixá-la saber que ele estava aqui. Ele ensinara essa *canção* quando ela tinha quatorze anos; e ela a cantava sempre nos musicales.

*“Ich genoß einst, o ihr Toten, es mit euch!  
Wie umwehten uns der Duft und die Kühlung,  
Wie verschönt warst von dem Monde,  
Du, o schöne Natur!”*

Ele parou, tossiu um pouco, e falou no silêncio marcado diante dele, pronunciando suas palavras lentamente, como se ainda bêbado. Na verdade,

ele descobriu que estava.

—Posso ter um pouco de água, coronel?

—Cantará mais se eu der?— perguntou Smith, profundamente desconfiado.

—Não, acho que eu acabei agora— Grey assegurou. —O sono não vinha, você sabe bebi demais, mas descobri que a música acalma a mente ad-admiravelmente.

—Oh, é mesmo?— Smith respirava pesadamente, por um momento, mas pôs-se de pé e pegou a jarra de sua bacia. Grey podia senti-lo reprimir um desejo de apagar seu prisioneiro com o conteúdo, mas Smith era um homem de caráter forte e apenas segurou o jarro para ele beber, em seguida, colocou-o de volta e retomou a sua própria cama com não mais do que alguns roncos irritáveis.

A *canção* causou algum comentário no campo, e algumas almas musicais tomaram como inspiração e começaram a cantar de tudo, desde *Greensleeves* — um muito pungente e terno rendição — a *Chester*. Grey gostava bastante de cantar, embora fosse apenas por exercício de seu próprio caráter forte que ele se absteve de sacudir os grilhões no final:

—*Vamos tiranos agitem suas barras de ferro. E escravizados batam suas irritantes correntes.*

Eles ainda estavam cantando quando ele caiu no sono novamente, para sonhar em fragmentos ansiosos, os vapores da aguardente à deriva através dos espaços vazios de sua cabeça.

### *Número 17 Chestnut Street*

O sino da igreja presbiteriana bateu meia-noite, mas a cidade não estava dormindo. Os sons eram mais furtivos agora, abafados pela escuridão, mas as ruas ainda estavam vivas, com pés que se apressam e o som do movimento das carroças e, ao longe, ouvi um leve grito de *Fogo!* que fora iniciado.

Eu estava em pé, perto da janela aberta, farejando o ar a procura da fumaça e atenta para qualquer sinal de chamas que pudessem se espalhar em nossa direção. Eu não sabia de a Filadélfia alguma vez foi incendiada até o chão como Londres ou Chicago, mas um fogo que simplesmente tomasse conta do bairro seria tão ruim quanto, do meu ponto de vista.

Não havia nenhum vento; o que já era alguma coisa. O ar de verão pendurava-se pesado, úmido como uma esponja. Esperei um pouco, mas os gritos pararam, e não vi nenhum reflexo vermelho de chamas contra o céu meio nublado. Nenhum traço de fogo salvo as faíscas verdes frescas dos vaga-lumes, à deriva entre as folhas sombreadas no jardim da frente.

Eu fiquei um pouco, deixando meus ombros caírem, deixando de lado os meus planos meio formados de uma escapada de emergência. Estava exausta, mas não conseguia dormir. Além da necessidade de manter um olho em meu inquieto paciente, e na atmosfera instável além do quarto silencioso, eu mesma estava mais inquieta. Estivera ouvindo o dia todo, constantemente em alerta por um passo familiar, pelo som da voz de Jamie. Mas ele não veio.

E se ele descobrira de John que eu havia compartilhado sua cama em uma noite de bebedeira? Será que o choque disso, dado sem preparação ou explicação adequada, seria o suficiente para fazê-lo fugir para o bem?

Senti lágrimas repentinas virem aos meus olhos e os fechei, duro, para conter o fluxo, agarrando o peitoral com as duas mãos.

*Não seja ridícula. Ele virá assim que puder, não importa o quê. Você sabe que sim.* Eu sabia. Mas o alegria chocada de vê-lo vivo despertou nervos que estavam dormentes por um longo tempo, e enquanto eu poderia parecer calma externamente, por dentro as minhas emoções estavam fervendo. O vapor estava se construindo, e eu não tinha nenhuma maneira de liberar a pressão — salvo pelas lágrimas inúteis e eu não iria dar lugar a elas.

Por um lado, eu poderia não ser capaz de parar. Pressionei a manga do meu roupão brevemente em meus olhos, depois voltei resolutamente para a escuridão da sala.

**Um pequeno braseiro queimava perto da cama sob um pano molhado de tendas, lançando uma luz vermelha piscando no rosto afiado de Pardloe. Ele estava respirando com audível rouquidão e eu podia ouvir seus pulmões chacoalhando com cada expiração, mas era uma respiração profunda e regular. Ocorreu-me que eu não poderia ser capaz de sentir o cheiro da fumaça de fogo do lado de fora, se houvesse uma: a atmosfera no quarto era pesada com óleo de hortelã-pimenta, eucalipto... e cannabis. Apesar do pano molhado, fumaça suficiente havia escapado do braseiro para formar uma nuvem pairando em um**

redemoinho de tufos, movendo-se pálidas como fantasmas no ar escurecido.

Polvilhei mais água na tenda de musselina e sentei na pequena poltrona ao lado da cama, respirando a atmosfera saturada em cautela, mas com uma pequena sensação agradável de prazer ilícito. Hal me disse que ele tinha o hábito de fumar cânhamo para relaxar os pulmões e que parecia ser eficaz. Ele dissera *cânhamo*, e isso era, sem dúvida, o que ele estava fumando; a forma psicoativa da planta não crescia na Inglaterra e não era comumente importada.

Eu não tinha quaisquer folhas de cânhamo na minha fonte médica, mas tinha um bom bocado de ganja, que John adquiriu de um comerciante de Filadélfia que tinha dois Indiamen. Era útil no tratamento de glaucoma, como eu descobri quando tratei a tia de Jamie, Jocasta, e alivia náuseas e ansiedade — e ocasionalmente tinha fins não medicinais, como John havia me informado, para minha diversão privada.

Pensamento em John me deu um pequeno remorso, para adicionar à minha ansiedade sobre Jamie, e eu deliberadamente respirei fundo, o ar doce, picante. Onde estava *ele*? O que Jamie fez com ele?

—Alguna vez faz barganhas com Deus?— A voz de Hal veio silenciosamente para fora da metade escura.

Devo inconscientemente ter sabido que ele não estava dormindo, porque eu não estava assustada.

—Todo mundo faz— eu disse. — Mesmo as pessoas que não acreditam em Deus. E você?

Houve o fôlego de uma risada, seguida por tosse, mas parou rapidamente. Talvez a fumaça *estivesse* ajudando.

—Tem uma barganha em mente?— Eu perguntei, tanto por real curiosidade quanto para conversar. —Você não vai morrer, você sabe. Eu não vou deixar.

—Sim, você disse isso— ele respondeu secamente. Após um momento de hesitação, ele virou de lado para me encarar. — Acredito em você— disse, dessa vez mais formalmente. —E... Agradeço.

—Não há de que. Não posso deixá-lo morrer na casa de John, você sabe; ele ficaria chateado.

Ele sorriu o rosto visível no brilho do braseiro. Nós não conversamos por um pouco de tempo, mas sentamos olhando um para o outro, sem

nenhum senso particular de constrangimento, nós dois acalmados pela fumaça e pelo canto sonolento dos grilos lá fora. O som das rodas das carroças cessando, mas ainda havia pessoas que passavam. Certamente eu reconheceria os passos de Jamie, conseguiria distingui-lo, mesmo em meio a tantos...

—Você está preocupada com ele, não está?— Questionou. —John.

—Não — eu disse rapidamente, mas vi uma sobrelha escura erguer-se e lembrei que ele já sabia que eu era uma péssima mentirosa. —Isso é... Tenho certeza de que ele está bem. Mas eu *esperaria* que estivesse em casa agora. E com tanta comoção na cidade... —Eu acenei com a mão em direção à janela. —Você não sabe o que pode acontecer, não é?

Ouvi-o respirar, o peito sacudindo fracamente, e limpar a garganta.

—E ainda assim recusa-se a me dizer onde ele está.

Eu levantei um ombro e o deixei cair; parecia inútil repetir que eu não sabia, apesar de que *era* a verdade. Em vez disso, eu peguei um pente da mesa e comecei a lidar lentamente com o meu cabelo, desembaraçando e alisando a massa desregrada, apreciando a sensação fresca em minhas mãos. Depois de termos dado banho em Hal e o colocado na cama, eu tomei um quarto de hora para uma lavagem um pouco mais lenta do meu próprio suor e lavei a poeira do meu cabelo, apesar de saber que levaria horas para secar no ar úmido.

—A barganha que eu tinha em mente não era por minha própria vida— disse depois de um pouco. —Como parece.

—Tenho certeza que John não vai morrer também, se é isso que você...

—Não John. Meu filho. Minha filha. E o meu neto. Você tem netos, eu suponho? Creio ter ouvido aquele jovem robusto chamá-la de *vovó*, esta tarde, não ouvi? —Sua voz tinha um traço de diversão.

—Ouvii, e eu tenho. Quer dizer Dorothea? Aconteceu alguma coisa com ela? —Uma pontada de alarme fez repousar o pente. Eu vi Dottie apenas alguns dias antes, na casa onde seu irmão Henry estava hospedado.

—Além do fato de que ela parece estar à beira de se casar com um rebelde e declara sua intenção de acompanhar o homem em campos de batalha e viver com ele sob as condições mais insalubres que se possa imaginar?

Ele se sentou na cama e falou com paixão evidente, mas eu não podia deixar de sorrir ao seu modo de expressão; evidentemente os irmãos Grey compartilhavam o mesmo hábito de expressão. Tossi para esconder isso, porém, e respondi com tanto tato quanto possível.

—Hum... você já viu Dottie, então?

—Sim, eu vi — disse em breve. —Ela estava com Henry quando cheguei ontem, e vestindo a roupa mais extraordinária. Evidentemente, o homem por quem se considera apaixonada é um Quaker, e ela declara que ela se tornou uma, bem!

—Então, eu entendo— eu murmurei. —Vocês... er... não ouviu falar sobre isso?

—Não, eu não ouvi! E eu tenho algumas coisas a dizer a John a respeito tanto por sua covardia em não me contar sobre isso quanto pelas maqui... maquinações imperdoáveis de seu filho — A cólera neste discurso literalmente o sufocou, e ele teve que parar e tossir, envolvendo os braços em volta dos joelhos para se firmar contra os espasmos desgastantes.

Peguei o abanador que deixei em cima da mesa mais cedo e empurrei um pouco de fumaça do braseiro em seu rosto. Ele engasgou, tossiu mais difícil por um momento, e depois diminuiu, pigarreou.

—Eu diria a você para não se excitar, se eu achasse que haveria a menor chance de você ouvir — comentei, entregando-lhe uma xícara de tintura fervida de *Efedrina* com café. —Beba isso. Lentamente.

—Quanto a John, — eu continuei, observando-o fazer caretas pelo gosto amargo — ele pensou em escrever para você, quando ele descobriu o que Dottie pretendia. Ele não o fez, porque naquele momento ele achou que aquilo poderia ser nada mais do que um capricho passageiro e que uma vez que ela visse a realidade de Denny — err, do seu noivo, Dr. Hunter — de sua vida, ela poderia pensar melhor. E se o fizesse, não haveria necessidade de alarmar você e sua esposa. Ele nunca esperou que você viesse para cá.

Hal tossiu uma vez, então respirou de forma hesitante.

—Eu não sabia, também— disse, e, colocando o copo de lado, tossiu de novo e deitou-se contra os travesseiros empilhados. —O Ministério da Guerra decidiu enviar meu regimento para apoiar Clinton, quando a nova estratégia foi decidida; não houve tempo para escrever.

—Que nova estratégia é essa?— Eu perguntei apenas levemente interessada.

—Separar as colônias do sul e norte, suprimir a rebelião lá, e exaurir as colônias do norte até sua submissão. Manter os malditos Franceses longe das Índias Ocidentais também — acrescentou como uma reflexão tardia. — Acha que Dottie pode mudar de ideia?— Ele parecia duvidoso mas esperançoso.

—Na verdade, não— eu disse. Estiquei-me e corri os dedos pelo meu cabelo úmido, que se assentava suavemente sobre meu pescoço e ombros levemente cacheado e fazendo cócegas ao redor de meu rosto. — Eu me perguntava se foi de você ou de sua esposa de quem ela herdou os traços de teimosia de você ou de sua esposa, mas no instante em que o conheci ficou claro.

Ele me deu um olhar afiado, mas teve a graça de sorrir.

—Ela herdou — ele admitiu. —O mesmo acontece com Benjamin, meu filho mais velho. Henry e Adam são mais como a minha esposa, em termos de temperamento. O que não significa que não sejam capazes de buscar o seu próprio caminho — acrescentou, pensativo. —Só que são um pouco mais diplomáticos sobre isso.

— Gostaria de conhecer a sua esposa, — eu disse, sorrindo também. — O nome dela é Minnie, pelo que John me disse?

—Minerva— disse, com um sorriso cada vez mais genuíno. —Minerva Cunnegunda, para ser exato. Não poderia chamá-la de *Cunny*, poderia?

—Provavelmente não em público, não.

—Não tentaria experimentá-lo em particular também, — ele me assegurou. —Ela é muito recatada no olhar.

Eu ri, e lancei um olhar para o braseiro. Não pensei que o princípio ativo em ganja seria muito forte, se queimado diretamente na atmosfera ao invés de fumado diretamente. Ainda assim, obviamente, teria um efeito benéfico sobre o humor de Hal, bem como em sua asma, e eu estava consciente de uma ligeira sensação de bem-estar começando a rastejar em minha própria perspectiva. Eu ainda estava preocupada com Jamie e John, mas a preocupação foi tirada dos meus ombros e parecia estar flutuando um pouco acima da minha cabeça: ainda visível, e uma maçante cor roxo-acinzentada mas flutuante. *Como um balão de chumbo*, pensei, e dei um pequeno bufo, divertido.

Hal estava deitado, os olhos semicerrados, olhando-me com uma espécie de interesse destacado.

—Você é uma mulher bonita— disse, parecendo ligeiramente surpreso. —Não é recatada, porém, — ele acrescentou, e fez um ruído baixo de risada. —O que John poderia estar pensando?

Eu sabia o que John estava pensando, mas não queria falar sobre isso, por motivos variados.

—O que quis dizer mais cedo, — Eu perguntei curiosamente, — sobre estar fazendo barganhas com Deus?

—Ah. — Suas pálpebras fechadas lentamente. —Quando cheguei ao escritório do general Clinton esta manhã — por Deus, foi só hoje de manhã? Ele tinha sim uma má notícia para mim, e uma carta. Enviada a algumas semanas de New Jersey, eventualmente encaminhadas a ele por meio do posto do exército.

—Meu filho mais velho, Benjamin, foi capturado pelos rebeldes em Brandywine— disse, quase sem paixão. Quase; não havia luz suficiente para eu ver o vulto de seu músculo da mandíbula. —Não há no momento nenhum acordo com os americanos, envolvendo a troca de prisioneiros, então ele permanece em cativeiro.

—Onde?— Eu perguntei, perturbada com a notícia.

—Não sei— disse em breve. —Ainda. Mas vou descobrir o seu paradeiro, o mais rapidamente possível.

—Boa sorte— eu disse com sinceridade. —Era uma carta de Benjamin?

—Não. — Sua mandíbula se apertou um pouco mais.

A carta era de uma jovem chamada Amaranthus Cowden, que informou Sua Graça, o Duque de Pardloe, que ela era a esposa de seu filho Benjamin e da mãe do filho de Benjamin, Trevor Wattiswade Grey, que tinha três meses. *Nascido depois de Benjamin ser capturado*, Pensei, e me perguntei se Benjamin sabia sobre o bebê.

A jovem senhora Grey encontrava-se em circunstâncias difíceis, escreveu ela, devido a triste ausência do marido, e, portanto, estava disposta a ir aos seus parentes em Charleston. Sentia-se um tanto constrangida em abordar sua Graça por assistência, mas seu estado era tal que ela sentia que tinha pouca escolha no assunto e esperava que perdoasse a petulância e olhasse com bondade para seu pedido. Ela anexou uma mecha de cabelo de seu filho, sentindo que Sua Graça gostaria de ter tal lembrança de seu neto.

—Meu Deus— eu disse. Hesitei por um momento, mas o mesmo pensamento certamente deve ter ocorrido. —Acha que ela está dizendo a verdade?

Ele suspirou, um misto de ansiedade e de agravamento.

—É quase certo que esteja. O nome de solteira da minha esposa era Wattiswade, mas ninguém fora da família saberia disso. —Ele apontou para o guarda-roupa onde a Sra. Figg pendurou o uniforme. —A carta está em meu casaco, se você deseja lê-la.

Acenei uma mão na demissão educada.

—Entendo o que você quis dizer sobre fazer barganhas com Deus. Você quer viver para ver seu neto e seu filho, é claro.

**Ele suspirou novamente, seu corpo magro parecendo diminuir ligeiramente. Sra. Figg desmanchara sua trança — e muito contra sua vontade — escovara seu cabelo, e amarrando-o em um rabo solto que agora caía por cima do ombro, um amontoado macio marrom escuro com mechas brancas que brilhava em tons de vermelho e dourado com o brilho do fogo.**

—Não necessariamente. Quero isso, é claro, mas... —Ele tateou as palavras, muito diferente de sua elegante loquacidade mais cedo. — Você morreria por eles, feliz. Sua família. Mas, ao mesmo tempo você pensa, *Cristo, eu não posso morrer! O que poderia acontecer a eles se eu não estivesse aqui?*—Ele me deu um sorriso irônico e triste. —E você sabe muito bem que na maioria das vezes não poderia ajuda-los de forma alguma; eles teriam que conseguir superar isso — ou não — por si mesmos.

—Infelizmente, sim. — Uma corrente de ar moveu as cortinas de musselina e agitou a mortalha de fumaça pairando. —Não os netos, embora. Você pode ajudá-los —E de repente eu sentia falta do peso suave de Henri-Christian, com a cabeça sólida contra meu ombro; eu salvei sua vida, removendo suas amígdalas e adenoides, e agradei a Deus que eu cheguei a tempo de fazê-lo. E Mandy... *Deus, tome conta dela*, Rezei intensamente. Eu fui capaz de dizer a Bree o que estava errado e que poderia ser corrigido, mas *Eu* não poderia consertar seu defeito cardíaco, e lamentava sua perda todos os dias da minha vida. Se eu pudesse ter feito à cirurgia necessária, neste momento, todos eles ainda estariam aqui... .

**As cortinas mudaram novamente, e a atmosfera pesada chamou um sopro repentino limpo. Eu respirei fundo, pegando o perfume fraco de ozônio. — Chuva— eu disse. —A chuva está vindo.**

O duque não respondeu, mas virou-se, levantando o rosto para a janela. Levantei-me e ergui a faixa mais elevada, com gratidão deixando entrar uma brisa fresca. Olhei para a noite de novo; nuvens estavam a derivando rapidamente através da lua, então a luz parecia pulsar ao invés de cintilar, como a batida de um coração palpitante. As ruas estavam escuras, com não mais do que o brilho ocasional de uma lanterna em movimento para marcar a agitação silenciada da cidade.

Chuva podia aplacar o movimento, tanto dos legalistas em fuga quanto do exército se preparando para partir. Será que a tempestade tornaria mais fácil para Jamie vir para a cidade? Uma forte tempestade podia dificultar, transformando as estradas em lama. O quanto ele estava longe?

O balão de chumbo desceu sobre a minha cabeça. Meu humor deu um mergulho, se de fadiga, se pela tempestade que se aproximava, ou simplesmente como um efeito natural de canabinol, eu não sabia. Eu tremi, embora o ar ainda estivesse quente, incapaz de impedir meu cérebro de projetar imagens vivas de todas as possibilidades terríveis que podiam acontecer a um homem preso entre dois exércitos, sozinho no meio da noite.

Talvez só. O que *teria feito* com John? Certamente não teria...

**—Eu tinha vinte e um, quando meu pai morreu— comentou Hal subitamente. —Adulto. Tinha a minha própria vida, tinha uma esposa... —Ele parou abruptamente, sua boca torcendo. —Não achava que precisasse dele de qualquer forma, até que de repente ele não estava lá.**

**—O que ele poderia ter feito por você — eu perguntei, sentando-me novamente. Fiquei curiosa, mas também ansiosa por evitar os meus próprios pensamentos correndo.**

Hal levantou um ombro delgado. O pescoço da camisola estava desabotoado, tanto por causa do calor quanto para que eu pudesse ver mais facilmente o pulso em seu pescoço. Estava aberto, o tecido pesado com umidade, e sua clavícula limpa e arqueada à mostra, agudamente sombreada contra sua pele.

**—Estava lá, — ele disse simplesmente. —Ouvido. Talvez... aprovando o que eu estava fazendo. —As últimas palavras veio baixa, quase inaudível. —Ou talvez não. Mas... estava lá.**

—Sei o que quer dizer— eu disse, mais para mim do que para ele. Eu tive sorte; Eu era muito jovem quando meus pais morreram, e meu tio imediatamente prontificou-se em minha vida, esteve lá para mim. E tão casual quanto sua própria vida fora, ele sempre esteve lá. Senti duramente sua perda quando ele morreu, mas eu era casada então um espasmo de culpa se apoderou de mim, do nada, ante o pensamento em Frank. E outra, pior, o pensamento em Brianna. Eu a deixei, uma vez e, em seguida, ela me deixou.

Isso desencadeou uma confusão de pensamentos mórbidos: de Laoghaire, abandonada por ambas as filhas, provavelmente nunca veria seus netos, agora meus. Em Jem e Mandy... e Jamie.

Onde estava ele? E por que não estava ali? Certamente, tudo o que John poderia ter dito a ele...

—Oh, Deus — disse desesperadamente, sob a minha respiração. Eu podia sentir as lágrimas arderem e bem, pressionando contra a barragem da minha determinação.

—Você sabe, estou notavelmente faminto — disse Hal, parecendo surpreso. —Há alguma comida em casa?

O estomago de Jamie grunhiu, e ele tossiu para cobrir o som, mas não havia necessidade. As meninas estavam enroladas como um par de ouriços sob uma colcha esfarrapada ao lado da lareira, de costas uma para outra e roncando como abelhas bêbadas. Sra. Hardman estava na cadeira, cantando baixinho para o bebê. Ele não conseguia distinguir as palavras, por isso não poderia dizer que música era, mas imaginou que fosse uma canção de ninar. Por outro lado, ele ouviu mulheres das montanhas cantarem para seus bebês dormindo muitas vezes com coisas como *Nighean Nan Geug* que tratava de cabeças decepadas e terra encharcada de sangue. Mas a Sra. Hardman era uma Amiga; presumivelmente não teria um caminhão com esse tipo de canção de ninar. Talvez *The Great Silkie de Sule Skerry*, pensou, começando a relaxar. Claramente Amigos tinha nenhuma objeção a relações carnavais pelo que parecia...

Isso o lembrou de John Grey, e ele fez uma careta, então reprimiu um grunhido quando suas costas enviaram uma pontada de aviso à perna, indicando que até mesmo aquele movimento ainda não seria tolerado.

A canção não era mais música para ele do que o ronco, mas ambos eram sons suaves, e ele moveu-se com cautela, verificou a faca e a pistola facilmente a mão e fechou os olhos. Ele estava cansado até os ossos, mas

duvidava que fosse dormir. Ele não poderia sequer mover-se na cama sem golpes lancinantes de dor espetando na parte traseira como tridente do diabo.

Fazia anos desde que suas costas o faziam passar por isso. Doía com frequência, de vez em quando ficava dura pela manhã, mas não era assim em... 10 anos? Lembrou-se vividamente. Foi logo depois de terem chegado ao cume, logo após ele e Ian construírem a cabana. Ele saiu para uma caça, saltou sobre um banco em busca de um alce que fugia, e encontrou-se deitado com o rosto no pé do banco, completamente incapaz de se mover.

Claire, abençoada seja, viera à sua procura, ele sorriu ironicamente ao pensar nisso; ela estava tão orgulhosa por rastreá-lo através da floresta. Se ela não o tivesse encontrado... bem, teria sido uma questão de sorte enquanto um leão da montanha, urso, lobo ou veado viesse sobre ele antes de suas costas o liberassem de seu aperto e o deixassem passar. Supôs que não teria morrido de frio, embora pudesse muito bem ter perdido alguns dedos congelados.

Ela...

Um som o fez erguer a cabeça, rapidamente. Suas costas esfaquearam violentamente, mas ele cerrou os dentes, ignorando e puxou a pistola para fora debaixo de seu travesseiro.

A cabeça da Sra. Hardman se ergueu em seu movimento. Ela o encarou com olhos arregalados, então ouviu o que ele ouvira e levantou-se apressadamente. Pés na entrada da casa, mais do que um par. Ela virou-se, olhando para o berço, mas ele balançou a cabeça.

—Mantenha a bairnie[6] com você— disse, em voz baixa. —Atenda quando eles baterem abra se eles pedirem.

Ele a viu engolir, mas ela fez o que ele disse. Havia três ou quatro, ele pensou, mas não determinados à maldade. Havia pé na varanda, os murmúrios baixos, e umas poucas risadas. Uma batida, e a Sra. Hardman respondeu: —Quem está aí?

—Amigos, senhora— disse uma voz de homem, arrastada com a bebida. —Deixem-nos entrar.

Ela lançou um olhar assustado para Jamie, mas ele balançou a cabeça, e ela levantou o trinco, abrindo a porta para a noite. O primeiro homem começou a entrar, mas depois viu Jamie na cama e parou, a boca aberta.

—Boa noite a vocês— disse Jamie, educado, mas prendendo os olhos do outro homem com os seus. A pistola estava à vista de todos, debaixo da sua

mão.

—Oh, — disse o outro homem, desconcertado. Ele era jovem e bastante corpulento, vestido com traje de caça, mas com um crachá milícia; ele olhou por cima do ombro para seus companheiros, que pararam no limiar. —Eu... er boa noite para o senhor. Nós não pensávamos... —Ele limpou a garganta.

Jamie sorriu, bem ciente do que ele pensava. Mantendo o homem à vista a partir do canto do olho, ele se virou para a Sra. Hardman e fez um gesto para que ela se sentasse. Ela obedeceu e inclinou a cabeça sobre a criança, roçando os lábios sobre pequena touca de Chastity.

—Não temos nenhuma comida a oferecer, senhores— disse Jamie. — Mas há água fria do poço, e uma cama no galpão, se precisarem dela.

Os outros dois homens do lado de fora, arrastando desajeitadamente. Havia um forte cheiro de bebida alcoólica saindo deles, mas eles não chegaram a um modo de fazer estragos.

—Está tudo bem— disse o jovem, fazendo a volta para seus amigos. Seu rosto redondo estava corado, tanto de vergonha quanto da bebida. —Vamos apenas... desculpe incomodá-lo. Senhor.

Os outros dois balançavam suas cabeças, os três recuaram, arrastando-se e batendo um no outro em sua pressa para sair. O último abriu a porta, mas não todo o caminho. Sra. Hardman levantou-se e empurrou-a com um pequeno estrondo, e depois inclinou contra ela, com os olhos fechados, a criança apertada contra seu peito.

—Obrigada— ela sussurrou.

—Está tudo bem— disse. —Eles não vão voltar. Deite a bairn[7] e tranque a porta, sim?

Ela, em seguida, virou-se e inclinou-se contra a porta, com as mãos achatadas contra ela. Ela olhou para o chão entre seus pés, respirando de forma audível por um momento, então lentamente se endireitou.

Seu casaco liso estava preso com alfinetes, ele não sabia se isso era para evitar a vaidade de botões, como os Morávios faziam, ou se ela era simplesmente demasiado pobre para ter algum. Seus dedos brincavam nervosamente com o pino superior, em seguida, de repente ela puxou para fora e colocou-o brilhando na prateleira. Ela olhou diretamente para ele, então, os dedos segurando a cabeça do próximo pino. Seu longo lábio superior foi pressionado para baixo, e um suor nervoso brilhava sobre ele.

—Nem sequer pense sobre isso— disse sem rodeios. —Na minha condição atual, eu poderia me deitar com uma ovelha morta. Para não falar de que, eu sou velho o suficiente para ser seu pai, moça, e eu sou casado, de qualquer maneira.

Sua boca tremia um pouco, embora não pudesse dizer se com a decepção ou alívio. Seus dedos relaxaram, porém, e sua mão caiu para seu lado.

—Não precisa pagar pela comida, moça— disse. —Foi um presente.

—Eu, sim, eu sei. Obrigado, amigo. —Ela olhou para o lado, engolindo um pouco. —Eu só... eu esperava que talvez pudesse ficar. Por um tempo.

— Estou casado, moça — ele repetiu suavemente, em seguida, depois de uma pausa desconfortável, se sentiu obrigado a perguntar:— Recebe esse tipo de visitas muitas vezes? —Era claro para ele que os homens eram estranhos para ela, mas ela não era para eles. Eles ouviram falar da mulher Quaker que morava sozinha com três meninas.

—Eu os levo para o galpão— ela deixou escapar, seu rosto ficava mais vermelho do que as chamas fez. —Depois que as meninas estão dormindo.

—Mmhm— disse, depois de outra pausa que durou tempo demais. Seus olhos foram para o berço, mas, em seguida, desviou o olhar. Perguntou-se há quanto tempo o Sr. Hardman fora embora de casa, mas não era o seu negócio. Nem era o seu negócio como ela conseguia alimentar suas meninas.

—Durma, moça— disse. —Vou ficar de guarda.

### ***Capítulo 13 - Ar da manhã repleto de anjos.***

*No dia seguinte,*

Jamie acordou com o cheiro de carne frita e endireitou-se na cama, esquecendo-se de costas.

—Senhor, tenha piedade— disse a Sra. Hardman, olhando por cima do ombro. —Eu não ouvi um barulho como esse desde a última vez que meu marido, Gabriel, matou um porco. — Ela balançou a cabeça e voltou para a sua cozinha, despejando a massa em uma panela de ferro fundido oleada que se sentou na brasa, o tabagismo e cuspiendo em uma espécie de forma maléfica.

—Perdão, minha senhora...

—Silvia é meu nome, Amigo. E o seu? — Ela perguntou, levantando uma sobrancelha para ele.

—Amiga Silvia— disse com os dentes cerrados. —Meu nome é Jamie. Jamie Fraser. —Ele levantou os joelhos no empurrão involuntário que o trouxe de pé, e agora ele passou os braços ao redor deles e pôs o rosto suado contra a colcha desgastada que os cobria, tentando esticar as costas recalcitrantes. O esforço criou uma dor para baixo sua perna direita e provocando uma instantânea câibra afiada no músculo da panturrilha esquerda, o que o fez grunhir e gemer até que passasse.

—Teria prazer em vê-lo sentado, Amigo Jamie— comentou Silvia Hardman, trazendo um prato cheio de salsicha, cebola frita, e *johnnycake*[8]. —Suas costas estão um pouco melhores, eu percebo— Ela sorriu para ele.

—Um pouco— ele conseguiu, e sorriu de volta, tanto quanto pôde, tentando não gemer. —Você tem comida fresca, eu vejo.

—Sim, graças a Deus— disse com fervor. —Enviei Pru e Patience para a estrada principal de madrugada para ver as carroças chegando para o mercado, na Filadélfia, e elas voltaram com um quilo de linguiça, dois de farinha de milho, um saco de aveia, e uma dúzia de ovos. Coma! —Ela colocou a placa de madeira na cama ao lado dele, com uma colher de pau.

Jamie podia ver Prudence e Patience por trás de sua mãe, diligentemente limpando a gordura da linguiça de seus pratos vazios com pedaços de *johnnycake*. Movendo-se cuidadosamente ao redor, a fim de colocar as costas contra a parede, ele esticou as pernas, pegou o prato, e seguiu o exemplo.

**A comida o encheu de uma surpreendente sensação de bem-estar, e ele pôs de lado o prato vazio apesar do esforço.**

**—Pretendo visitar sua latrina, Amigo Silvia. Mas posso precisar de alguma ajuda para levantar-me.**

**Uma vez em seus pés, descobriu que ele poderia se mexer e se erguer por poucos centímetros de cada vez, e Prudence e Patience ao mesmo tempo correram para agarrá-lo pelos cotovelos, na forma de pequenos arcobotantes.**

**—Não se preocupe, — Prudence aconselhou-o, enquadrando os ombros franzinos e olhando com confiança para ele. —Nós não o deixaremos cair.**

**—Tenho certeza que não deixarão— disse gravemente. Na verdade, as meninas tinham uma força rija que desmentia sua aparência frágil, e**

ele achou sua presença verdadeiramente uma ajuda, à medida que o proviam de algo em que ele poderia se segurar para manter equilíbrio quando era preciso parar — o que acontecia em todos os pouquíssimos metros.

—Conte-me sobre as carroças que vão para a Filadélfia— disse em uma parada, tanto para conversar, quanto porque ele precisava da informação. — Chegaram apenas no início da manhã?

—A maioria — disse Patience. — Voltarão vazias uma ou duas horas antes de anoitecer. — Ela colocou seus pés mais amplo, preparando-se. — Está tudo bem— assegurou. — Encoste-se a mim. Você parece muito instável.

Ele apertou seu ombro suavemente em agradecimento e deixou-a tomar apenas um pouco de seu peso. Trêmulo, de fato. Era mais de meia milha da estrada principal; levaria mais de uma hora cambaleando agora, mesmo com ajuda das meninas, e a probabilidade das costas congelarem novamente e ele encalhar no meio do caminho ainda era alta demais para arriscar. Para não falar do risco de chegar a Filadélfia completamente incapaz de se mover. Amanhã, no entanto...

—E vocês viram soldados na estrada?— ele perguntou, ensaiando um passo enérgico que atirou a dor do quadril aos pés. —Ai!

—Nós vimos — disse Patience, tendo um controle firme sobre o cotovelo. — Coragem, Amigo. Você prevalecerá. Vimos duas companhias de milícia, e um oficial Continental em uma mula.

—Vimos alguns soldados britânicos, também, no entanto, — Prudence colocou, ansiosa para não esquecer. — Eles estavam com um trem de carros, indo à outra direção.

—Outra direção — longe da Filadélfia?— perguntou Jamie, seu coração saltando. Será que a evacuação do exército britânico já começou? — Você pode ver o que estava nos carros?

Prudence encolheu os ombros. — Móveis. Baús e cestas. Havia senhoras montadas sobre alguns dos carros, embora na maior parte andando lado a lado. Não havia espaço, — esclareceu ela. — Cuidado com a fralda de sua camisa, Amigo, ou sua modéstia estará em risco. — A manhã estava fria e ventosa, e uma rajada de vento errante levantou a beirada de sua camisa, o que foi maravilhoso em seu corpo suado, mas definitivamente um risco para os olhos de uma moça solteira.

—Quer que eu dê um nó nas barras entre as tuas pernas?— Patience perguntou. —Eu posso fazer um nó de vovó, um nó transpassado, ou um nó quadrado. O meu pai me ensinou!

—Não seja boba, Patience — disse a irmã irritada. —Se fizermos nós em sua camisa, como ele vai limpar a merda? Ninguém pode desatar seus nós — ela confidenciou a Jamie. —Ela sempre os faz muito apertados.

—Oh, eu não faço, mentirosa!

—Fale sobre você, irmã! Vou contar à mamãe o que disse!

—Onde está o seu pai?— Jamie interrompeu, querendo parar a acrimônia antes que elas começassem a puxar o cabelo uma da outra. Elas pararam e se entreolharam por um momento antes de responder.

—Não sabemos— Prudence disse, sua voz pequena e triste. —Ele foi caçar um dia, um ano atrás e não voltou.

—Pode ser que os índios o tenham levado — disse Patience, tentando parecer esperançosa. —Se assim for, pode ser que ele vá escapar um dia e voltar para casa.

Prudence suspirou.

—Talvez— disse, sem rodeios. —Mamãe acha que a milícia atirou nele.

—Por quê?— perguntou Jamie, olhando para ela. —Por que eles iriam matá-lo?

—Por ser um Amigo, — Patience explicou. — Ele não lutaria, e também porque eles disseram que ele era um legalista.

—Entendo. Ele era..., quero dizer... ele é?

Prudence olhou para ele, grata pelo é.

—Acredito que não. Mas mamãe disse na reunião anual da Filadélfia a todos que todos os Amigos deviam ser fiéis ao Rei, assim o Rei iria manter a paz e os Rebeldes procurariam quebrá-las. Assim, —ela deu de ombros— as pessoas pensam que todos os amigos são legalistas.

—Papai *não é*, —Patience colocou — Ele costumava dizer todos os tipos de coisas sobre o Rei, e mamãe ficava preocupada e pedia que ele segurasse a língua. Aqui estamos — ela anunciou desnecessariamente, deixando de lado o cotovelo de Jamie, a fim de abrir a porta. —Não limpe com a toalha; é para as mãos. Há espigas de milho na cesta.

**John Grey acordou febril e com os braços e pernas pesados, com a cabeça latejando, e uma dor aguda em seu olho esquerdo, quando tentou abri-lo. Seus olhos estavam cobertos de crostas e remela. Tivera um sonho vívido, com trechos fraturados, uma confusão de imagens,**

vozes, emoções... Jamie Fraser gritando com ele, o rosto escuro com paixão, mas, em seguida, algo mudou, algum tipo de perseguição começou, e ele caiu de costas em um pesadelo enjoado. Eles estavam correndo juntos através de um pântano, um lamaçal que os sugava puxando os seus passos e Fraser estava lutando na sua frente, preso, gritando com ele para voltar, mas não podia, seus pés estavam atolando rápido e ele estava afundando, batendo loucamente, mas não era possível levantar ou qualquer coisa...

—Gaah!— Uma mão apertou-lhe o ombro, arrancando-o para fora do pântano. Ele abriu o olho bom e viu a forma de um jovem bem apessoado oscilando com um casaco escuro e óculos, olhando para ele de uma forma estranhamente familiar.

—John Grey?— Disse o jovem.

—Sou eu — disse. Ele engoliu dolorosamente. —Tenho a honra de conhecê-la, senhor?

O jovem corou um pouco.

—Você tem, Amigo Grey— disse, em voz baixa. —Eu sou...

—Oh!— Disse Grey, sentado em uma corrida. —Claro, você, oh. Oh, Jesus. —Sua cabeça, perturbada pela brusca mudança de postura, aparentemente decidiu voar fora de seus ombros e bater na parede mais próxima. O rapaz... *Hunter*, ele pensou, encontrando o nome aparecendo com um asseio estranho entre o caos dentro de seu crânio. *Dr. Hunter. O Quaker de Dottie.*

—Acho que é melhor deitar-se, Amigo.

—Acho que seria melhor eu vomitar antes.

Hunter pegou o pote de debaixo da cama na hora certa. Até o momento ele administrou a água —Beba devagar, Amigo, se deseja mantê-la — e posicionou Grey de volta ao catre, o coronel Smith estava aparecendo por trás dele.

—O que acha, doutor?— Smith estava franzindo a testa e parecia preocupado. —Ele está em seu juízo perfeito? Ele estava cantando na noite passada, agora ele está gemendo e dizendo coisas estranhas, e o olhar dele... —Smith fez uma careta de uma forma que fez Grey se perguntar o que o Diabo, *fez parecer.*

—Ele está terrivelmente febril — disse Hunter, com um olhar penetrante através de seus óculos quando ele se inclinou para pegar o pulso de Grey. —

E veja a condição do olho. Seria perigoso movê-lo. Outro extravasamento de sangue para o cérebro...

Smith fez um barulho descontente e comprimiu os lábios. Ele cutucou Hunter de lado e se inclinou sobre Grey.

— Pode me ouvir, coronel?— Perguntou ele, falando lento, uma maneira diferente usada com idiotas e estrangeiros.

—*Ich bin ein Fisch...* — Grey murmurou beatificamente, e fechou os olhos.

—O pulso está muito desordenado— disse Hunter em advertência, seu polegar pressionando o pulso de Grey. A mão dele estava fria e firme; Grey achou o toque reconfortante. —Eu realmente não posso responder pelas consequências caso ele seja movido abruptamente.

—Entendo. — Smith ficou parado por um momento; Grey podia ouvir sua respiração pesada, mas absteve-se de abrir os olhos. —Muito bem, então. — Ele deu uma risada curta e sem humor. —Se Maomé não pode ir à montanha, a montanha terá que vir bem alegre até aqui. Vou enviar uma nota ao general Wayne. Faça o que puder, por favor, para ver que ele esteja coerente, doutor?

Ele podia ver Denzell Hunter fora de seu olho danificado; isso era reconfortante: ele não estava cego. Ainda. Hunter tirou os óculos, a fim de espiar mais de perto no órgão ferido; ele tinha olhos muito bons mesmo, Grey pensou uma íris apenas de cor marrom-clara da carne de uma azeitona madura, com pequenas manchas de verde profundo.

—Olhe para cima, por favor, — Hunter murmurou.

Grey tentou atendê-lo.

—Ai!

—Não? Olhe para baixo. —Esta tentativa não foi mais bem sucedida, nem podia mover os olhos para a direita ou para a esquerda. Ele parecia ter solidificado em seu soquete, como um ovo cozido. Ele colocou essa teoria para Hunter, que sorriu, embora de uma forma bastante preocupada.

—*Há* uma grande quantidade de inchaço, certamente. Seja o que for que o atingiu, o fez com uma boa dose de força. —Os dedos de Hunter mudaram suavemente sobre o rosto de Grey, cutucando aqui e ali de uma forma de questionamento. —Ele fez...

—Sim, ele fez. Não fique perguntando se dói; tudo desde o meu couro cabeludo até meu queixo dói, incluindo a minha orelha esquerda. O que

—você disse a respeito de extravasamento de sangue para o cérebro que você quis dizer isso?

—É possível—. Hunter sorriu com isso, no entanto. —, mas desde que não mostrou disposição a convulsões ou inconsciência — salvo aquela devido ao álcool você aparentemente andou por várias horas após a lesão, eu acho que, talvez, a probabilidade seja menor. Todavia *existe* sangramento sob a esclera. —Seus dedos frios roçaram o inchaço. —Seu olho está vermelho, assim como está o revestimento de sua pálpebra. É bastante... dramático. —Havia um tom distinto de diversão neste, que Grey achou reconfortante.

—Ah, bom— disse secamente. —Quanto tempo vai demorar em ir embora?

Isso fez com que o Quaker fizesse uma careta e sacudisse a cabeça.

—O sangue vai levar de uma semana a um mês para limpar; é essencialmente o mesmo com as contusões o estouro de pequenos vasos sanguíneos sob a pele. O que me preocupa é sua incapacidade de mover o olho. Eu acho que tem uma fratura da órbita óssea, que está de alguma forma prendendo o músculo orbicular. Eu desejaria que sua esposa estivesse aqui; ela tem uma muito maior...

—Minha esposa— disse Grey sem expressão. —Oh!— Memória e realização colidiram, e sentiu-se um salto repentino de espírito. —Ela não é minha esposa! Não mais — acrescentou, e encontrou-se sorrindo. Ele se inclinou para sussurrar no ouvido atônito de Hunter, —Jamie Fraser não está morto!

Hunter olhou para ele, piscou os olhos, colocando os óculos de volta, e voltou a olhar, obviamente repensando sua avaliação do cérebro de Grey.

—Foi ele a pessoa quem me bateu— disse Grey prestativo. —Está tudo bem— acrescentou a carranca de Hunter. —Eu estava pedindo por isso.

—Deus seja louvado— sussurrou Hunter, invadindo um sorriso enorme, aparentemente com a notícia da sobrevivência de Fraser, em vez de garantia da moralidade de suas ações de Grey. — Ian ficará... — Ele parou com um gesto indicando a sua incapacidade de descrever prováveis emoções de Ian Murray.

—E a Amiga Claire— ele exclamou, os olhos enormes por trás de seus óculos. —Será que ela sabe?

—Sim, mas— passos que se aproximavam fizeram Grey lançar-se de volta para a cama, com uma exclamação de dor completamente autêntica.

Ele fechou os olhos e virou a cabeça para um lado, gemendo.

—A montanha parece estar com o general Washington— disse Smith, claramente desencantado. Grey sentiu chegar a uma paragem no catre, batendo-o com as pernas. —Faça o que puder para ver que ele seja capaz de viajar de amanhã, doutor. Vamos colocar ele em um das carroças, se necessário.

*Número 17 Chestnut Street*

Sua Graça acordou de manhã com os olhos vermelhos como um furão e aproximadamente com o mesmo temperamento de um texugo raivoso. Se eu tivesse um dardo de tranquilizante, teria atirado nele, sem um instante de hesitação. Do jeito que estava, eu prescrevi que um grande gole de conhaque fosse adicionado ao seu café no desjejum e depois de uma breve luta com a minha consciência de Hipócrates adicionei uma pequena quantidade de láudano para ele.

Não poderia dar muito; aquilo complicaria a respiração, entre outras coisas. Ainda assim, eu raciocinei, contando os aromáticas gotas marrom-avermelhado enquanto elas pingavam no brandy, que era uma forma mais humana de lidar com ele do que coroa-lo com o penico ou chamar a Sra. Figg para sentar-se sobre ele, enquanto eu o amordaçava e o amarrava ao leito.

E exigi dele que ficasse imóvel e em silêncio por um curto período. Sra. Figg, uma pregadora da Sociedade Metodista, estava trazendo dois jovens da sociedade que eram carpinteiros para consertarem a porta da frente e os arranhões de unhas sobre as persianas das janelas do andar de baixo, para o caso de ataques itinerantes. Disse a Sra. Figg que naturalmente ela poderia confiar nossas circunstâncias ao seu marido — não poderia nem mesmo tentar impedi-la, — mas talvez, ele pudesse ser persuadido a não mencionar a presença de Sua Graça, no interesse de proteger a segurança de Lorde John e a propriedade para não falar da sua Graça, que era, afinal, o presumivelmente irmão amado de Lord John.

Sra. Figg alegremente entregaria o duque para que fosse coberto com alcatrão e penas, mas um apelo em nome de Lord John sempre tinha apelo com ela, e ela balançou a cabeça em sóbria concordância. Enquanto Sua Graça não chamasse a atenção para si mesmo, gritando

**para fora da janela no andar de cima ou arremessasse coisas nos operários, ela pensou que sua presença poderia ser ocultada.**

—O que você pretende fazer com ele, porém, Lady John— ela perguntou, olhando cautelosamente em direção ao teto. Estávamos na sala de estar, conferindo, em voz baixa, enquanto Jenny administrava o almoço de Hal e fazia com que todo o café cheio de brandy fosse tomado. —E se o exército enviar alguém de volta a perguntar por dele?

Fiz um gesto de impotência.

—Eu não tenho ideia — eu confessei. —Eu só preciso mantê-lo aqui até que Lord John ou meu... er, o Sr. Fraser venha. Eles saberão o que fazer com ele. Quanto ao exército, se alguém vier perguntar por sua Sua Graça, eu vou... um... falar com eles.

Ela me deu um olhar que indicava que ela ouviu melhores planos, mas assentiu com relutância e saiu para buscar sua cesta de mercado. A primeira coisa que acontece em uma cidade recém ocupada é que há escassez de alimentos, e com o exército Continental prestes a descer sobre a Filadélfia como uma praga de gafanhotos, as carroças que normalmente traziam os produtos do campo provavelmente seriam escassa. Se um exército já *estivesse* na estrada, eles estariam aproveitando tudo o que viesse junto.

**Na porta, porém, Sra. Figg parou e se virou.**

—E quanto a William?— Ela exigiu. —Se ele voltar... —Ela estava, obviamente, dividida entre a esperança de que ele *voltaria* e ela estava preocupada por ele e consternada pelo que poderia acontecer se ele encontrasse o seu tio em cativeiro.

—Falarei com ele — repeti com firmeza, e acenei com a mão para a porta.

Correndo ao andar de cima, achei Hal bocejando sobre uma bandeja de café quase vazio e Jenny meticulosamente limpando a gema de ovo do canto de sua boca. Ela passou a noite na tipografia, mas voltou para ajudar, trazendo com ela uma maleta surrada cheia de itens possivelmente úteis.

—Sua Graça teve um bom café— ela relatou, dando um passo para trás para examinar seu trabalho de forma crítica. —E seus intestinos funcionaram. Eu o fiz fazer isso antes que tomasse o café, apenas para garantir. Não tinha certeza do quanto isso seria rápido.

Hal franziu o cenho para ela, embora se fosse por perplexidade ou ofensa, eu não poderia dizer. Suas pupilas já estavam visivelmente

**constritas, o que lhe conferia um olhar um pouco sonolento. Ele piscou para mim e balançou a cabeça, como se estivesse tentando clareá-la.**

**—Deixe-me fazer uma rápida verificação de seus sinais vitais, Sua Graça, — disse, sorrindo e me sentindo como Judas. Ele era meu paciente, mas Jamie era meu marido, e eu endureci a minha determinação.**

Seu pulso estava lento e bastante regular, o que me tranquilizou. Peguei meu estetoscópio, desabotoei a camisa de dormir, auscultei: batimentos cardíacos bons e estáveis, sem palpitações, mas os pulmões estavam borbulhando como uma cisterna com vazamento, e sua respiração era interrompida por pequenos suspiros.

—Ele estaria melhor se tomasse um pouco de tintura de *Efedrina*, — eu disse, endireitando-me. Era um estimulante e iria contrapor-se ao ópio em seu sistema, mas eu não podia arriscar a respiração parar durante o sono. — Eu vou ficar com ele; você vai descer e pegar uma xícara não se incomode em aquecer, frio funcionará. —Eu não tinha certeza que ele ia ficar consciente o tempo suficiente para tomar uma xícara aquecida.

—Eu realmente preciso ir ver General Clinton esta manhã— disse Pardloe, com firmeza surpreendente, considerando o seu estado mental nebuloso. Ele limpou a garganta e tossiu. —Existem acordos para fazer... . Meu regimento...

—Ah. Er... onde *está* seu regimento agora? —Eu perguntei cautelosamente. Se eles estavam na Filadélfia, o ajudante de Hal estaria começando a procurar por ele com seriedade a qualquer momento. Ele poderia razoavelmente ter passado a noite com um filho ou filha, mas por agora... e eu não sabia exatamente o quanto de valor distração minhas notas falsas poderia ter tido.

—Nova York— ele respondeu. —Ou pelo menos eu sinceramente espero que sim. — Ele fechou os olhos, balançava levemente, em seguida, endireitou as costas com um sacolejo. —Acamparam lá. Vim para a Filadélfia... ver Henry... Dottie. —Seu rosto se contorceu de dor. — Com intenção... de voltar com Clinton.

**—É claro— eu disse suavemente, tentando pensar. Quando, exatamente, Clinton sairia com suas tropas? Assumindo que Pardloe estaria suficientemente recuperado que ele realmente não morreria sem a minha presença, eu poderia devolvê-lo assim que o êxodo estivesse a caminho. Nesse ponto, ele não teria nenhuma maneira de começar uma**

grande busca por John e colocar Jamie em risco. Mas Jamie, certamente — com ou sem John — estaria de volta a qualquer momento?

Quem voltou foi Jenny, com a tintura de *Efedrina* e um martelo no bolso do avental e três ripas robustas debaixo do braço. Ela me entregou a xícara sem comentários e começou a pregar as ripas sobre a janela, de uma forma surpreendentemente rápida e competente.

Hal tomou um gole de *Efedrina* lentamente, observando Jenny com estupefação.

—Por que ela está fazendo isso?— Ele perguntou, embora não como se realmente estivesse preocupado com a resposta.

—Furacões, sua graça— disse com uma cara séria, e voltou-se para continuar a martelar as madeiras, cujo barulho alegre soava como um batalhão de pica-paus atacando a casa.

—Oh, — disse Hal. Ele estava olhando vagamente em volta da sala, possivelmente em busca de suas calças, que a Sra. Figg cuidadosamente levou e escondeu na cozinha. Seu olho repousava sobre a pequena pilha de livros de Willie eu movi para o topo da mesa de limpeza. Evidentemente, ele reconheceu um ou mais, porque ele disse: —Ah. William. Onde *está* William?

—Tenho certeza de que muito ocupado hoje— eu disse, e peguei seu pulso novamente. —Talvez nós vamos vê-lo mais tarde. — Seu coração estava lento, mas ainda forte. Assim que seu aperto afrouxou, eu peguei o copo vazio e coloquei-o sobre a mesa. Sua cabeça pendia, e posicionou-se cuidadosamente de volta no travesseiro, apoiado pela respiração mais fácil.

—*Se ele voltar...* — Sra. Figg disse de Willie, com a implicação óbvia, — *E depois?*

O que, de fato?

Colenso não voltara, então, presumivelmente, ele encontrou William; isso era reconfortante. Mas o que William estava fazendo ou pensando...

### ***Capítulo 14 - Trovão incipiente.***

—Uma tarefa condizente *sua situação peculiar* — Major Findlay disse. Findlay não sabia da missa a metade, William refletiu amargamente. Não

que a sua situação não fosse *peculiar*, mesmo sem suas descobertas recentes.

Ele rendeu-se em Saratoga, com o resto do exército de Burgoyne, em outubro de 77. Os soldados britânicos e seus aliados alemães foram obrigados a ceder suas armas, mas não foram mantidos prisioneiros; a Convenção de Saratoga, assinada por Burgoyne e pelo general Continental, Gates, afirmou que todas as tropas seriam autorizadas a voltar para a Europa, uma vez que dessem a sua palavra que não pegariam em armas novamente no conflito americano.

Mas os navios não podiam navegar durante as tempestades de inverno, e algo tinha de ser feito com os soldados capturados. Conhecido como o exército de Convenções, estes marchavam em massa para Cambridge, Massachusetts, para ali aguardar a primavera e o repatriamento. Todos, com exceção de William e uns poucos como ele, que tinham tantas conexões na América com influência, ou conexões com Sir Henry, que sucedeu Howe como comandante-em-chefe da campanha americana.

William, camarada de sorte, tinha os dois; servira na equipe pessoal de Howe, seu tio era o coronel de um regimento, e seu pai era um diplomata influente, atualmente, na Filadélfia. Foi solto sob uma excepcional concessão de liberdade condicional, como um favor ao General Lord Howe, e enviado para Lord John. Ele era, no entanto, ainda parte do exército britânico, apenas impedido da luta real. E o exército teve qualquer número de tarefas desagradáveis que não envolviam combate; Geral Clinton esteve encantado para fazer uso dele.

Profundamente preso por sua situação, William pedira a seu pai para tentar transferi-lo; o que removeria as restrições de sua liberdade condicional e permitiria retomar os deveres militares. Lord John esteve bastante disposto a fazer isso, mas em janeiro de 1778 houve um desentendimento entre o general Burgoyne e o Congresso Continental sobre a recusa do primeiro em fornecer uma lista dos *soldados* rendidos. A Convenção de Saratoga foi repudiada pelo Congresso, que, em seguida, declarou que deteria o exército inteiro de Convenções até que a convenção e a lista exigida fossem ratificadas pelo Rei George — e o Congresso sabendo perfeitamente bem que o Rei não faria tal coisa, que tal ato equivaleria a reconhecer a independência das colônias. O resultado disso era que não havia no momento nenhum mecanismo em absoluto para a troca de prisioneiros. Qualquer prisioneiro.

O que deixava William em uma posição profundamente ambígua. Tecnicamente, ele era um prisioneiro em fuga, e no caso altamente improvável que ele fosse recapturado pelos norte-americanos e descoberto como um dos oficiais Saratoga, ele prontamente marcharia para Massachusetts e definharia pelo resto da guerra. Ao mesmo tempo, ninguém estava muito certo se era apropriado para ele a pegar em armas novamente, uma vez que, mesmo com a convenção tendo sido repudiada, foi concedida a liberdade condicional pessoal a William.

**O que conduzia à atual desagradável situação de William, no comando das tropas que auxiliavam a evacuação de legalistas mais ricos da Filadélfia. A única coisa que ele podia pensar que poderia ser pior seria dirigir um rebanho de suínos pelo buraco de uma agulha.**

Enquanto os cidadãos mais pobres, que se sentiam ameaçados pela proximidade das milícias do general Washington e eram obrigados a enfrentar os perigos da estrada, fazendo seu êxodo com carroças, carrinhos de mão e a pé, os legalistas mais ricos eram autorizados à remoção mais segura e, teoricamente, mais luxuosa de navio. E nenhum deles poderia ser levado a compreender que não era, mas *um* navio atualmente disponível — o navio de propriedade do General Howe — e com pouquíssimo limite de espaço a bordo.

—Não, minha senhora, eu sinto muito, mas é completamente impossível acomodar...

—Bobagem, meu jovem, o avô do meu marido comprou esse relógio de pé na Holanda, em 1670. Ele mostra não só o tempo, mas também as fases da lua e uma tabela completa de marés para a Baía de Nápoles! Certamente você não espera que eu permita que tal instrumento caísse nas garras dos rebeldes?

—Sim, minha senhora, receio que eu espere. Não, senhor, sem servos; apenas os membros de sua família imediata e uma pequena quantidade de bagagem. Tenho certeza de que os seus servos de títulos estarão perfeitamente seguros seguindo por...

—Mas morrerão de fome!— Exclamou um senhor de aparência cadavérica que estava relutante em separar-se de sua talentosa cozinheira e empregada doméstica voluptuosa, que, se não fosse talentoso em varrer, obviamente, tinha outras habilidades desejáveis, estas claramente em exibição. —Ou serão abduzidas! Elas são minha responsabilidade! Certamente você não pode...

—Eu posso— disse William com firmeza, com um apreciativo olhar de soslaio para a empregada doméstica — e eu devo. Cabo Higgins, conduza as servas do Sr. Hennings com segurança para fora do cais. Não, minha senhora. Concordo que as poltronas combinadas são muito valiosas, mas assim são as vidas das pessoas que se afogam, se o navio afundar. Você pode tomar o relógio de carruagem, sim. —Ele levantou a voz e gritou, — Tenente Rendill!

Rendill, rosto vermelho e suando, abriu caminho através da multidão de empurrões, xingamentos, arfando, gritando evacuados. Chegando à frente de William, que estava no cimo de uma caixa, a fim de evitar ser pisoteado ou empurrado para dentro da água por meio da multidão, o tenente saudou, mas foi rudemente empurrado por várias pessoas que tentavam ganhar a atenção de William e terminou com sua peruca empurrada sobre seus olhos.

—Sim, senhor— ele disse corajosamente, empurrando-o para trás e cotoveladas um cavalheiro fora do caminho o mais educadamente possível.

—Aqui está uma lista de conhecidos pessoais do general Howe, Rendill. Vá a bordo e veja se todos eles embarcaram — se não tiverem... —Ele lançou um olhar eloquente sobre a multidão afluindo das docas, rodeado por montanhas de bens semiabandonados e bagagens pisoteadas e empurrou a lista sem a menor cerimônia na mão do tenente. —Encontre-os.

—Oh, Deus — disse Rendill. —Quero dizer... sim, senhor. Agora mesmo, senhor. —E, com um ar desesperado, ele se virou e começou a nadar por entre a multidão, fazendo uma forma modificada, mas vigorosa de peito.

—Rendill!

Rendill obedientemente se virou e fez resignadamente o seu caminho de volta ao alcance da voz, um boto vermelho abrindo seu caminho através de cardumes de arenque histéricos.

—Senhor?

William inclinou-se e baixou a voz para um nível inaudível para a imprensa de pessoas ao seu redor, em seguida, acenou para as pilhas de móveis e bagagem amontoadas e utensílios de todo o modo muitos deles perigosamente perto da borda.

—À medida que passar, diga aos companheiros na doca que eles não devem fazer nenhum grande esforço em impedir que esses montes de coisas caíssem no rio, sim?

O rosto suado de Rendill iluminou-se espantosamente.

—Sim, senhor! — Saudou e nadou novamente, irradiando entusiasmo renovado, e William, com a alma um pouco aliviada, virou-se cortesmente para atender a reclamação de um pai alemão atormentado com seis filhas, todas elas carregando o que pareciam ser seus pródigos roupeiros inteiros, rostos redondos ansiosos espiando entre as abas largas de seus chapéus de palha e as pilhas de seda e renda em seus braços.

Paradoxalmente, o calor e trovões incipientes no ar adequavam-se ao seu humor, e absoluta impossibilidade de sua tarefa o relaxou. Uma vez que ele percebeu a futilidade de satisfazer todas essas pessoas, ou mesmo um em cada dez deles, parou de se preocupar com isso, adotou os procedimentos que podia para preservar a ordem, e deixou sua mente voar para outro lugar enquanto se inclinava cortesmente e fazia ruídos tranquilizadores para a falange de rostos prementes pairando sobre ele.

Se ele estivesse em um clima de ironia, ele refletiu, haveria muito disso para contornar. Não era nem peixe nem frango nem mesmo uma boa carne vermelha, como a gente do campo, como a gente do campo costumava dizer de um corte de carne duvidoso. Não era um soldado completo, e não era um civil livre. E, evidentemente, não um inglês, nem conde... e ainda... como ele não poderia possivelmente ser um inglês, pelo amor de Deus?

Uma vez que ele recuperou o suficiente de seu temperamento para pensar, percebeu que ainda era *legalmente* o Nono conde de Ellesmere, independentemente de sua paternidade. Seus pais — seus verdadeiros pais — seus *teoricamente* verdadeiros pais — estavam inegavelmente casados na época de seu nascimento. No momento, porém, aquilo pareceu piorar a situação: como ele poderia deixar que pessoas pensassem e agissem como se ele fosse o herdeiro de sangue ancestral de Ellesmere quando ele sabia muito bem que ele era realmente o filho de...

Ele engasgou ante aquele pensamento, empurrando-o violentamente para o fundo da sua mente. “*Filho de*” trouxe Lord John vividamente à

mente, no entanto. Ele respirou fundo, no ar quente, cheirando a peixe, tentando acabar com a angústia repentina que lhe sobreveio ante o pensamento em Papa.

Não queria admitir isso para si mesmo, mas estava olhando através da multidão durante todo o dia, examinando os rostos em busca de sua fa... sim, caramba, do seu pai! John Grey era tanto seu pai agora como sempre foi. *Sendo um maldito mentiroso ou não.* E William estava ficando preocupado com ele. Colenso informou mais cedo que Lord John não retornara à sua casa e Lord John *deveria* ter retornado até agora. E se ele o fizesse, teria vindo encontrar William, ele tinha certeza disso. A menos que Fraser o tivesse matado.

Ele engoliu a bÍlis com esse pensamento. Por que ele? Os homens foram uma vez amigos, bons amigos.

É verdade, a guerra cortava tais títulos. Mas, mesmo assim...

Por causa da Mãe Claire? Ele recuou a partir desse pensamento, também, mas obrigou-se a voltar a ele. Ainda podia ver seu rosto, brilhando, apesar do tumulto, feroz como a chama com a alegria de ver Jamie Fraser, e sentiu uma picada de ciúme em nome de seu pai. Se Fraser sentia paixão similar, talvez ele... mas isso era um absurdo! Certamente ele deve perceber que Lord John só a tomou sob sua proteção, e fez isso por causa de seu bom amigo!

Mas, então, eles *estiveram* casados... e seu pai sempre foi muito aberto sobre as questões do sexo... Seu rosto ficou ainda mais quente, com constrangimento com a visão de seu pai entusiasmo em deitar-se com a-quase-ex-Sra. Fraser. E se Fraser descobriu que...

—Não, senhor— ele disse bruscamente para o comerciante que o importunava percebendo, tardiamente, que acabara de tentar suborná-lo a admitir a família do comerciante para o navio de Howe. —Como você se atreve? Vá embora, e considere-se afortunado que eu não tenha tempo para lidar com você como eu deveria!

O homem arrastou-se desconsolado para longe, e William sentiu uma pequena pontada de arrependimento, mas havia, de fato, pouco que pudesse fazer. Mesmo se ele tivesse se sentindo capaz de esticar um ponto a favor do comerciante, uma vez que um suborno foi oferecido, ele não tinha escolha.

Mesmo se fosse verdade, como é que Fraser teria descoberto? Certamente Lord John não teria sido tolo o suficiente para dizer a ele. Não,

devia haver outra coisa que estava atrasando retorno de Papa — sem dúvida, a confusão de pessoas que deixavam a Filadélfia; as estradas devem estar lotadas...

—Sim, senhora. Acho que tem espaço para você e sua filha — disse a uma jovem mãe, muito assustada pelo futuro, com um bebê agarrado em seu ombro. Ele estendeu a mão e tocou o rosto da criança; ela estava acordada, mas não preocupada com a multidão, e olhou-o com os olhos de cílios longos castanhos. — Olá, querida. Quer ir a um barco com sua mamãe?

A mãe deu um soluço abafado de alívio.

—Oh, obrigado, Lord, é Lord Ellesmere, não é?

—É— ele disse automaticamente e, em seguida, sentiu como se alguém tivesse dado um soco na barriga. Ele engoliu em seco e seu rosto queimou.

—Meu marido é o tenente Beaman Gardner— disse, oferecendo o nome na justificção ansiosa de sua misericórdia, e balançava uma pequena reverência. —Nós nos conhecemos. No Mischianza?

—Sim, claro— ele disse, curvando-se, embora ele não se lembrasse Sra. Tenente Gardner em absoluto. —Honrado por estar de serviço para a esposa de um oficial irmão, minha senhora. Teria a gentileza de subir a bordo diretamente, por favor? Cabo Anderson? Escolte a Sra. Gardner e Miss Gardner a bordo.

Ele curvou-se de novo e virou-se, sentindo-se como se suas entranhas escavadas. *Oficial Irmão. Meu senhor.* E o que a senhora Tenente Gardner teria pensado se ela tivesse conhecido? O que o tenente acharia?

Ele suspirou profundamente, fechando os olhos por instante de fuga. E quando os abriu, viu-se cara a cara com o capitão Ezequiel Richardson.

—*Stercus!*— ele exclamou, assustado adotando o hábito de Hal de amaldiçoar em Latim no momentos de estresse extremo.

—Na verdade, — Richardson comentou educadamente. —Posso ter uma palavrinha com você? Sim, basta tenente —Ele acenou para Rendill nas proximidades, que estava olho a olho com uma mulher idosa de roupa preta com nada menos que quatro cães de pequeno porte latindo nos seus calcanhares, estes detidos por um longo sofrimento de um menino pequeno preto. Rendill fez um movimento reprimido para ela e virasse para Richardson.

—Senhor?

—Substitua o Capitão Lord Ellesmere, por favor. Eu preciso de um momento de seu tempo.

Antes que William pudesse decidir se iria se opuser ou não, Richardson o tinha pelo braço e estava rebocando-o para fora o impelindo a uma pequena casa de barcos azul-celeste puro que ficava na beira do rio.

William respirou fundo de alívio quando a sombra caiu sobre ele, mas até então tinha reunido o juízo. Seu primeiro impulso fora de falar bruscamente com Richardson — seguido, talvez, por derrubá-lo no rio, mas a sabedoria falou em seu ouvido, aconselhando-o o contrário.

Foi por incentivo de Richardson que William se tornara por um curto período de tempo um informante para o exército, coletando informações em várias viagens e repassando-as para Richardson. Na última dessas missões, porém, numa viagem para o Grande Pântano Sombrio da Virgínia, William teve a infelicidade de se perder, ser ferido, e sofrer uma febre que certamente o teria matado se Ian Murray não o tivesse encontrado e resgatado — e no meio do resgate, informado a William que ele estava quase certo que fora enganado e enviado não ao seio dos aliados Britânicos, mas para o ninho dos Rebeldes, que o enforcariam se descobrissem quem ele era.

William tinha a mente dividida agora, se a acreditava em Murray ou não — especialmente após a chegada de Jamie Fraser tornando patentemente claro que Murray era seu primo, mas não sentiu necessidade de informá-lo do fato. Mas uma profunda suspeita de Richardson e seus motivos permaneciam, e não foi com um rosto amigável que ele se virou para o homem.

—O que você quer?— Disse abruptamente.

—Seu pai, — Richardson respondeu, fazendo com que o coração de William parasse de dar um grande golpe que ele pensou que devia ser audível para o outro. —Onde está Lord John?

—Não tenho a menor ideia — disse William em breve. —Não o vejo desde ontem. — *O dia em que minha maldita vida terminou.* —O que quer com ele?— Ele perguntou, sem se preocupar com qualquer aparência de cortesia.

Richardson contraiu uma sobrancelha, mas não de outra forma respondeu ao seu tom.

—Seu irmão, o Duque de Pardloe, desapareceu.

—O quê?— William olhou para ele por um momento, sem compreender.  
—Seu irmão? Desaparecido... de onde? Quando?

—Evidentemente da casa de seu pai. Quanto ao momento: Lady John disse que ele saiu de casa logo após o chá na tarde de ontem, supostamente em busca de seu pai. Você o viu desde então?

—Não o vi de forma alguma. — William sentiu um toque diferente em seus ouvidos, provavelmente seu cérebro tentando sair através deles. —O que quer dizer, eu não tinha ideia de que ele estava na Filadélfia. Nem mesmo nas colônias, se é que o quer saber. Quando ele chegou? — *Jesus, ele veio para lidar com Dottie e seu Quaker? Não, não pode ser isso, ele não poderia ter tido tempo... poderia?*

Richardson foi apertando os olhos para ele, provavelmente, tentando determinar se ele estava dizendo a verdade.

—Não vi nenhum dos dois— disse William categoricamente. —Agora, se me der licença, Capitão... —Havia um tremendo barulho na direção das docas e um coro alto de choque e consternação da multidão. —Com licença — William repetiu, e se afastou.

Richardson agarrou-o pelo braço e fez um esforço para prender o olhar de William com o seu. William olhou deliberadamente na direção de seu dever negligenciado.

—*Quando vir qualquer um deles, Capitão Ransom, seja tão bom quanto a enviar uma palavra a mim. Seria uma grande ajuda a muitas pessoas.*

William puxou seu braço e saiu sem resposta. Richardson usou seu nome de família, em vez de seu título que significava nada além da mera grosseria? No momento, ele não se importava. Ele não poderia lutar, não poderia ajudar alguém, não poderia dizer a verdade, e ele não viveria uma mentira. Puta que pariu, ele estava preso como um porco, atolado até os jarretes.

Limpou o suor do rosto com a manga, endireitou os ombros e caminhou de volta para a briga. Tudo o que havia a fazer era seu dever.

### ***Capítulo 15 - Um exército em movimento.***

Estávamos exatamente no horário. Assim que fechei a porta do quarto sobre o ronco suave de Pardloe, uma batida soou na recém instalada porta no andar de baixo. Corri as escadas para encontrar Jenny cara-a-cara com

um soldado britânico, desta vez um Tenente. General Clinton o escalou para seus inqueritos.

—Ora, não, rapaz— ela dizia, em tom de surpresa leve — o Coronel não está aqui. Ele tomou chá com Lady John ontem, mas, em seguida, saiu para procurar seu irmão. Sua senhoria não voltou, e — eu a vi inclinar-se mais perto, sua voz baixou drasticamente, — que se preocupava por sua senhoria. Você não tem notícias dele, não é?

Essa era minha deixa, e eu desci ao andar térreo, bastante surpresa ao descobrir que eu estava de fato *preocupada*. Tive Hal me distraíndo da situação temporariamente, mas agora não havia como negar que algo deu muito errado.

—Lady John. Tenente Roswell, seu servo, senhora. — O tenente fez uma reverência, com um sorriso profissional, que não escondeu o ligeiro franzir de testa. O exército estava ficando preocupado, também, e que era muito perigoso. —Seu servo, senhora. Você na verdade não tem uma palavra de Lord John ou de Lord Melton, oh, eu imploro seu perdão, minha senhora, eu quero dizer de Sua Graça?

—Você acha que sou mentirosa, rapaz? — Disse Jenny sarcasticamente.

—Oh! Não, senhora, não de forma alguma — disse, corando. —, mas o general vai querer saber que eu falei com sua senhoria.

—É claro— eu disse suavemente, embora meu coração estivesse batendo na minha garganta. —Diga ao General que eu não ouvi nada sobre meu marido— *nenhum deles* — de forma alguma. Estou mais do que perturbada. —Eu não era uma boa mentirosa, mas não estava mentindo agora.

Ele fez uma careta.

—A coisa é, madame, o exército começou a se retirado da Filadélfia, e todos os legalistas remanescentes na cidade estão sendo avisados de que podem desejar... er... fazer os preparativos. —Seus lábios comprimiram por um momento, ele olhou para a escada, com seu corrimão em ruínas e marcas punho. —Eu... vejo que já experimentaram alguma... dificuldade?

—Och, não— disse Jenny, e com um olhar depreciativo para mim, deu um passo mais perto do tenente e colocou a mão em seu braço, empurrando-o suavemente em direção à porta. Ele automaticamente se afastou com ela, e eu a ouvi murmurar, —... não, a não ser uma pequena briga de família... seu senhorio...

O tenente me lançou um olhar rápido, em que surpresa misturava-se com certa simpatia. Mas as linhas na testa diminuíram. Ele tinha uma explicação para levar para Clinton.

O sangue inflamou em meu rosto ante seu olhar, como se houvesse realmente uma discussão em família, durante a qual Lord John saíra de casa, deixando em sua esteira destroços e uma esposa à mercê dos rebeldes. É verdade que *houvera* uma briga em família, mas as circunstâncias estavam além do que via através espelho do que uma mera questão de escândalo comum.

O Coelho Branco fechou firmemente nossa nova porta sobre o Tenente Roswell e virou para mim, costas pressionadas contra ele.

—Lord Melton— ela perguntou, com uma sobranceira preta levantada.

—É um dos títulos do duque, que ele usou antes de se tornar Duque de Pardloe. Tenente Roswell deve tê-lo conhecido há alguns anos — expliquei.

—Oh, sim. Bem, Lord ou duque, quanto tempo podemos ficar com ele dormindo — ela perguntou.

—O láudano o deixará fora por duas ou três horas — respondi, olhando para o relógio de carrilhão dourado sobre a lareira, que, de alguma forma escapou da carnificina. —, mas ele teve um dia muito difícil ontem e uma noite bastante perturbada; pode muito bem cair direto para um sono natural quando a droga desaparecer. Isso se ninguém vier botar a casa abaixo — acrescentei, estremecendo com sons de uma alteração violenta em algum lugar próximo.

Jenny assentiu. —Sim. É melhor que eu vá à tipografia agora, então, para ver o que é a notícia na cidade. E, talvez, Jamie apareça por lá — acrescentou ela, esperançosa. —Não achando que é seguro vir aqui, eu quero dizer, com as ruas cheias de soldados.

**Uma centelha de esperança irrompeu como um fósforo aceso ante a sugestão. Embora mesmo que até imaginasse a possibilidade, eu sabia que, se Jamie estivesse na cidade de qualquer forma, ele estaria em pé diante de mim agora. Possivelmente enfurecido, possivelmente perturbado, mas diante de mim.**

**Com o exército já começando a sua retirada, e os distúrbios públicos concomitantes, ninguém teria tempo ou inclinação para notar e muito menos prender um escocês alto suspeito de nada mais do que passar documentos suspeitos. Não era como se houvesse um boletim de todos os pontos fora sobre ele, pelo menos eu esperava que não houvesse.**

William era o único soldado que sabia que Jamie tomara Lord John como refém, e pela forma como ele saiu, prefiro pensar que a última coisa que William teria feito seria dar um relatório completo da situação aos seus superiores.

Disse isso a Jenny, mas concordamos que ela deveria voltar para a tipografia, para verificar o bem-estar de Fergus e da família de Marsali, bem como para descobrir o que estava acontecendo entre os rebeldes da cidade.

—Você estará segura nas ruas? — perguntei, desdobrando seu manto e segurando-o para ela vesti-lo.

—Oh, eu espero que sim— ela disse rapidamente. —Ninguém tem muito que pensar quando olhar para uma mulher velha. Mas acho que é melhor eu exibir minhas pequenas riquezas. — A pequena riqueza em questão era um relóginho de prata, coberto com um delicado filigrana, que ela usava preso ao seio de seu vestido.

— Jamie comprou para mim em Brest— explicou ela, vendo-me olhar para ela enquanto o prendia. —Disse a ele que era tolice; eu não precisava de uma coisa dessas para saber o tempo, não mais do que ele mesmo precisava. Mas ele disse, que não, que eu deveria tê-lo, saber as horas e ter a ilusão de que se tem algum controle sobre suas circunstâncias. Sabe como ele é — disse, colocando o relógio cuidadosamente afastado no bolso — sempre explicando as coisas para si mesmo. Embora eu vá dizer que ele às vezes ele não está errado.

—Agora, então, — ela acrescentou, virando-se para mim quando abriu a porta. —Estarei de volta antes que ele lá em cima acorde, a não ser que não consiga, e se eu não conseguir, vou mandar Germain avisar.

—Por que você não conseguiria?— eu perguntei, com alguma surpresa.

—Jovem Ian, — ela disse, igualmente surpresa que eu não tivesse pensado nisso. — Com o exército saindo, ele deve poder voltar para Valley Forge agora — e você sabe, o pobre rapaz acha que estou morta.

## *Capítulo 16 - Quarto de segredos.*

*Na floresta, a cinco quilômetros de Valley Forge*

—Os Quakers não acreditam no céu?— Ian Murray perguntou.

—Alguns acreditam — Rachel Hunter respondeu, fazendo uma pausa para virar um grande cogumelo com a ponta do sapato. — Não, cão, não toque isso. Vê a cor de suas brânquias?— Rollo, que veio cheirar o fungo, rejeitou com um espirro superficial e ergueu o focinho ao vento, na esperança da rapina ser mais promissora.

—Tia Claire diz que os cães não podem ver cores— Ian comentou. —E o que você quer dizer com alguns acreditam? Existe diferença de opiniões sobre o assunto?— A crença Quaker o intrigava além da medida, mas ele achava as explicações de Rachel invariavelmente divertidas.

—Talvez eles cheirem ao invés. Os cães, quero dizer. Mas voltando a sua pergunta, nós consideramos a nossa vida aqui na terra como sendo um sacramento, vivendo na luz de Cristo. Pode haver vida após a morte, mas como ninguém voltou para dizer, é uma questão de especulação, deixada para cada pessoa individualmente.

Eles pararam na sombra de um pequeno bosque de nogueiras, e o suave sol verde que caiu cintilando por entre as folhas dava a Rachel um brilho sobrenatural que qualquer anjo poderia invejar.

—Bem, eu não estive lá também, então eu não vou dizer que está errado— ele disse, e inclinou-se para beijá-la um pouco acima da orelha. Uma corrida leve de pequenos arrepios pontilharam por sua testa por um instante, e a visão tocou seu coração.

—Por que pensas no céu — ela perguntou curiosa. —Vais lutar na cidade, acredito? Não sabia que eras excessivamente temeroso por tua vida antes. —Valley Forge era bom como um grão num saco cheio de besouros quando eles partiram uma hora antes, os soldados resgatando tudo o que podiam do acampamento, arrumando os mosquetes e as bolas e cartuchos de embalando, preparando-se para marchar para Filadélfia, quando foi dada a ordem para que os homens de Clinton saíssem.

—Ach, não. Não haverá mais luta na cidade. Washington tentará pegar os homens de Clinton em retirada. — Ele pegou a mão dela, pequenas, marrom ásperas do trabalho, mas os dedos pareceram tranquilizadores fortes quando se viraram e enroscaram-se nos dele. — Não, eu estava pensando em minha mãe — que eu teria gostado de mostrar lugares como esse. — Ele fez um gesto em direção à pequena clareira em que estavam uma afluenta de um improvável azul profundo

brotando da rocha em seus pés, coberta por uma roseira amarela silvestre com espinhos, repleta de abelhas cantarolando em junho. — Ela tinha uma grande roseira amarela crescendo pela a parede em Lallybroch; minha avó plantou. — Ele engoliu um pequeno nódulo na garganta. — Mas depois achei, que pode ser que ela esteja mais feliz no céu com meu pai, do que ela estaria aqui sem ele.

A mão de Rachel apertou a dele, duro.

— Ela estaria com ele sempre, na vida ou na morte, — ela sussurrou, e ficou na ponta dos pés para beijá-lo de volta. — E você vai me levar um dia para ver a roseira de sua avó, na Escócia.

Ficaram em silêncio por um tempo, e Ian sentiu seu coração apertar com uma dor repentina ao pensar em sua mãe, a facilidade na companhia simpática de Rachel. Ele não disse isso, mas o que ele mais lamentava não era sua incapacidade de mostrar a sua mãe as belezas da América, mas o fato de que ele não poderia mostrar-lhe Rachel.

— Ela teria gostado de você — ele desabafou. — Minha mãe.

— Espero que sim — disse Rachel, embora com um tom de dubiedade. — Você contou a ela sobre mim, na Escócia? Que eu sou uma Amiga quero dizer. Alguns católicos nos acham escandalosos.

Ian tentou se lembrar de se ele mencionou a sua mãe, mas não conseguiu. Não fazia diferença, em qualquer caso, e ele deu de ombros, descartando.

— Disse a ela que eu amava você. Isso parecia ser o suficiente. Agora pensando, eles fizeram todos os tipos de perguntas sobre você; eles queriam saber tudo o que pudessem. Eles sabem que você é uma Quaker, o que significa que ela sabe, também. — Ele tomou seu cotovelo para ajudá-la a descer da pedra.

Ela assentiu com a cabeça, pensativa, mas quando o seguiu para fora da clareira, ele a ouviu perguntar atrás dele: — Achas que um casal deve ter confiança completa no outro — dividir não apenas suas histórias, quero dizer, mas cada pensamento?

Isso enviou um onda de mal-estar deslizando para baixo em sua coluna vertebral como um rato com os pés frios, e ele respirou fundo. Amava Raquel com cada fibra do seu ser, mas achava sua aparente capacidade de lê-lo como um livro — se por realmente ouvir seus pensamentos, e às vezes ele achava que certamente ela realmente o fazia também — inquietante.

Ele, de fato, sugerira que caminhassem juntos para Ford de Marston, e encontrassem Denzell com a carroça lá, em vez de andar com ele de Valley Forge, para que pudesse ter um tempo só o suficiente para compartilhar algumas coisas necessárias com ela. Ele preferia ser torturado por Abenakis que dizer algumas dessas coisas, mas era certo que ela devia sabê-las, não importando qual resultado pudesse ser.

—Aye. Quero dizer... bem, até onde um deles conseguir, acho que eles talvez devessem. Não todos os pensamentos, eu não quis dizer, mas coisas importantes. Ahh... histórias, como disse. Aqui, vamos sentar um pouco moça. —Havia um grande tronco caído, meio apodrecido e coberto de musgo e líquenes cinzentos nebulosos, e ele levou-a a ele, sentando-se ao lado dela na sombra perfumada de um grande cedro vermelho.

Ela não disse nada, mas levantou uma sobrancelha inquisitiva.

—Bem. — Ele respirou fundo, sentindo que não havia ar suficiente em toda a floresta para isso. —Sabia... Que estive casado antes?

O rosto dela piscou, surpresa superada pela determinação tão rápido que ele teria perdido se não a estivesse observando tão perto.

—Não sabia — disse, e começou a dobrar a prega de sua saia com uma mão, olhos castanhos claros fixos atentamente em seu rosto. — Disseste que *estiveste* casado. Não o estás agora, eu suponho?

Ele balançou a cabeça, sentindo-se um pouco mais leve — e muito grato a ela. Nem toda jovem teria aceitado com tanta calma.

—Não. Não teria falado com você – pedido para casar comigo, quero dizer – de outra forma.

Ela apertou os lábios um pouco e seus olhos se estreitaram.

—Na verdade — disse, pensativa, — Nunca me *pediste* para casar contigo.

—Não pedi?— Disse, cambaleando. — Tem certeza?

—Eu teria notado— ela assegurou gravemente. —Não, não o fizeste. Embora eu me lembre de algumas declarações muito comoventes, não havia sugestão de casamento entre elas.

—Mas — bem. — calor subindo ao seu rosto. — Eu, mas você... disse... —Talvez ela estivesse certa. Ela *dissera*... ou dissera? — Não disse que me amava?

Sua boca virou-se um pouco, mas ele podia vê-la rindo dele na parte de trás de seus olhos.

—Não com tantas palavras. Mas eu dei a entender que sim. Ou pelo menos eu quis.

—Oh. Bem, então — disse, muito mais feliz. —Você fez. — E ele a puxou para seu braço forte e beijou-a com grande fervor. Ela o beijou de volta, um pouco ofegante, seus punhos enrolado no tecido de sua camisa, em seguida, afastou-se, parecendo levemente atordoada. Seus lábios estavam inchados, a pele ao redor deles rosa, arranhadas pela barba.

—Talvez, — ela disse, e engoliu em seco, empurrando-o com uma mão sobre o peito — talvez deva terminar contando-me sobre não estar casado, antes de ir mais longe? Quem era sua, sua esposa e o que aconteceu com ela?

Ele soltou-a com relutância, mas não liberaria a mão dela. Parecia uma pequena coisa viva, quente na sua.

—O nome dela é Wakyo'teyehsnohnsa — disse, e sentiu a costureira mudança interior ao falar dela, como se a linha entre ser um Mohawk e ser branco momentaneamente desaparecesse, deixando-o sem jeito suspenso em algum lugar no meio. — Isso significa que funciona com as mãos. — Ele limpou a garganta. —Eu a chamava de Emily. A maior parte do tempo.

A mão pequena e suave de Rachel empurrou na sua.

— Significa?— Disse, piscando. —Disseste significa? Sua mulher está viva?

—Ela estava um ano atrás— disse, e, com um esforço, não agarrou sua mão, mas deixou que ela a retirassem. Ela cruzou as mãos no colo, fixou os olhos nele, e engoliu em seco; ele viu seu movimento garganta.

—Tudo bem— ela disse, com não mais do que um leve tremor em sua voz. —Conte-me sobre ela.

Ele respirou fundo, tentando pensar como fazer isso, mas, em seguida, abandonou o esforço e falou simplesmente.

—Você realmente quer saber isso, Rachel? Ou vocês só quer saber se eu a amava ou se eu a amo agora?

—Comece por aí— disse, levantando uma sobrancelha. —*Tu amas?*

—Eu, sim— disse, incapaz de falar algo que não fosse à verdade para ela. Rollo, sentindo alguma perturbação entre no grupo, se levantou do seu lugar de descanso e caminhou até Rachel. Sentou-se aos seus pés, deixando clara a sua fidelidade na questão, e lançou a Ian

**aquele olhar de lobo amarelado, sobre os joelhos de Rachel, que carregava uma semelhança desconfortável com o olhar dela. —Mas...**

**A sobrançelha erguida uma fração de uma polegada maior.**

**—Ela... era o meu refúgio — ele desabafou. —Quando eu deixei a minha própria família e me tornei um Mohawk, foi muito mais sobre estar com ela do que porque eu tivesse que fazê-lo.**

**—Teve que... o quê? —Ela parecia perplexa, e ele viu seus olhos caírem um pouco, traçando as linhas tatuadas nas maçãs de seu rosto. —Tiveste que te tornares um Mohawk? Por quê?**

**Ele balançou a cabeça, sentindo-se momentaneamente em terreno mais firme. Ele poderia contar esta história; era apenas o que acontecera. Os olhos dela giraram ao redor, quando ele explicou como ele e tio Jamie encontraram Roger Wakefield, não percebendo quem ele era e pensando que ele talvez fosse o homem que estuprara sua prima Brianna e a engravidara, chegaram perto de matá-lo, mas pensaram melhor a noção de...**

**—Ah, bom— disse Rachel, meio baixinho. Ele olhou de lado para ela, mas não podia dizer se ela falou sério, ironicamente ou não, então ele tossiu e continuou, dizendo como, ao invés disso, eles deram o homem para o Tuscarora, que por sua vez o venderam como escravo para os Mohawk mais ao norte.**

**—Não queríamos correr o risco de que ele alguma vez voltasse a causar problemas para Brianna, sim? Então — Ele engoliu em seco, revivendo na memória tanto o terror de pedir a Brianna para se casar com ele quanto o horror absoluto quando sua prima Bree mostrou um desenho do homem que amava, o homem que ela estava esperando e as fortes características escuras do homem que deram para os Mohawk saltaram à vista.**

**—Pedi a sua prima para casar contigo? Ela aceitou? —Ela parecia desconfiada; ele supôs que ela devia estar pensando que ele andava propondo casamento a cada terceira ou quarta mulher que ele conhecia e se apressou em corrigir essa impressão.**

**—Não, eu quero dizer, bem, Brianna é uma... bem, eu não me importaria, sabe, nós nos dávamos bem, e ela — bem... Quero dizer, não, não exatamente — acrescentou apressadamente, vendo as sobrançelhas graciosas de Rachel se juntarem. A verdade era que ele tinha dezessete anos e Brianna era vários anos mais velha; ela o**

aterrorizava, mas o pensamento de estar em sua cama o fez engasgar como se esse pensamento fosse uma cobra venenosa.

—Foi ideia de tio Jamie— disse, com tanto ar de casual negação quanto pode assumir em curto prazo. Ele ergueu um ombro. —Para dar um nome ao *bairn*, sim? Disse que o faria, pela honra da família.

—A honra da família— ela repetiu, dando-lhe um olhar suspeito. — Por certo. Mas então...

—Mas depois descobrimos que era Roger Mac e ele teria seu próprio nome dos Mackenzie, é por isso que não o reconheci quando demos aos índios por engano, e por isso fomos para recuperá-lo — ele disse rapidamente. No momento em que ele terminou de explicar todos os acontecimentos que culminaram com ele se voluntariando para tomar o lugar de um Mohawk morto durante resgate de Roger, a lavagem de seu corpo no rio, as mulheres Mohawk esfregando-o com areia para remover o último traço de seu sangue branco, o arrancar de seu cabelo e as tatuagens, ele pensou que seu casamento com Emily poderia parecer apenas um detalhe mais pitoresco.

Mas é claro que isso não aconteceu.

—Eu... — Ele parou, percebendo de repente que a conversa estava prestes a se tornar ainda mais rígida do que ele pensava. Ele olhou para ela, apreensivo, coração batendo na garganta e nos ouvidos. Mas ela ainda estava olhando para trás; a coloração rosa em volta de sua boca mostrando mais vividamente porque ela estava um pouco pálida, mas olhando, claro e firme.

—Eu não era virgem quando me casei— ele desabafou.

A sobrelha subiu novamente.

—Realmente, não estou muito certa do que perguntar— disse, examinando a maneira que ele viu sua tia Claire parecer horrivelmente fascinada, ao invés de repelida, mas com um ar firme decidindo exatamente a melhor forma de lidar com algo um pouco ofensivo. Ele esperava ardentemente que ela não quisesse cortá-lo fora de sua vida como uma verruga ou amputá-lo como um dedo do pé gangrenado.

—Direi a você... o que quiser saber— disse bravamente. —Qualquer coisa.

—Uma oferta generosa— disse, — e uma que aceitarei, mas acho que devo te oferecer o mesmo. Não queres perguntar se sou virgem?

Sua boca se abriu, e seus ombros tremeram por alguns instantes.

—Não é?— Ele resmungou.

—Não, eu sou— assegurou, ainda tremendo com o esforço para não rir. —, mas por que deverias assumi-lo?

—Por quê?—Ele sentiu o sangue subir em seu rosto. — Porque qualquer um que olhasse para você saberia no mesmo instante que mulher virtuosa é! — Concluiu, com uma sensação de alívio por ter encontrado uma resposta razoável.

—Eu poderia ter sido estuprada— ressaltou. — Isso não quer dizer que eu não fosse virtuosa, não é?

—Eu — bem. Não, suponho que não — Ele sabia que muita gente boa achava que uma mulher estuprada não era virtuosa e Rachel sabia disso. Ele estava à beira de se tornar completamente confuso, e ela sabia disso, também, ele podia vê-la tomando um grande esforço para não rir. Ele endireitou os ombros e deu um grande suspiro, em seguida, encontrou seus olhos diretamente.

—Você quer ouvir sobre cada mulher cujo leito eu compartilhei? Porque eu vou dizer, se você quiser. Eu nunca tive uma mulher contra sua vontade ainda que fossem prostitutas em sua maioria prostitutas. Não estou pustulento, embora— assegurou. —Você deveria saber isso.

Ela pensou por um momento.

—Acho que não preciso conhecer os detalhes — disse finalmente. —, mas se encontramos uma mulher com quem te deitaste, eu gostaria de sabê-lo. Tu não pretendes continuar fornicando com prostitutas, uma vez que nos casarmos, porém, certo?

—Não!

—Bom— ela disse, mas balançou um pouco sobre a tora as mãos unidas em torno de seus joelhos, segurando seu olhar. —Eu gostaria de ouvir mais sobre a sua esposa. Emily.

Ele podia sentir o calor de sua perna, seu corpo, próximo ao seu lado. Ela não se moveu para longe dele quando ele disse sobre dormir com prostitutas. O silêncio cresceu em torno deles, e um chamado em algum lugar no bosque além.

—Nós nos amávamos— ele disse finalmente, em voz baixa, olhos no chão. —E eu a queria. Eu podia falar com ela. Pelo menos isso.

Rachel respirou fundo, mas não disse nada. Ele tomou coragem em suas mãos e olhou para cima. Seu rosto estava cuidadosamente inexpressivo, os olhos a intenção de seu rosto.

—Eu não soube como dizê-lo — disse. —Não era do mesmo jeito que eu quero você, mas eu não tive a intenção de parecer como se... como se Emily não importasse para mim. Ela importava — acrescentou, com a voz muito baixa, e olhou para baixo novamente.

—E... ela importa? — perguntou Rachel calmamente, depois de uma longa pausa. Depois de um mais longo, ele acenou com a cabeça, engolindo.

—Mas— ele disse, e parou, procurando a maneira de seguir em frente, porque agora eles estavam vindo para a parte mais perigosa de sua confissão, a única coisa que poderia fazer Rachel se levantar e ir embora, arrastando seu coração atrás dela através as rochas e arbustos.

—Mas— ela disse, e sua voz era suave.

—Os Mohawk— começou, e teve que parar para respirar. —É a escolha da mulher, estar casada. Se uma mulher deve ir contra seu o marido, por algum motivo, se ele bate nela, ou ele é um beberrão preguiçoso, ou cheira muito ruim quando ele peida — ele deu uma olhada e viu o canto de sua boca se contrair, o que o animou um pouco —ela coloca suas coisas fora da cabana, e ele tem que voltar a viver com os homens solteiros ou encontrar outra mulher que vai tê-lo em seu fogo. Ou deixar por completo.

—E Emily o colocou para fora?— Ela parecia tanto assustada e um pouco indignada. Ele deu um sorriso pequenino em troca.

—Sim, ela colocou. Não porque eu bati nela, no entanto. Por causa... dos *bairns*.

Ele sentiu as lágrimas em seus olhos e apertou as mãos em frustração sobre os joelhos. Maldição, jurara a si mesmo que não choraria. Ou ela acharia que ele fez um show de sua dor para ganhar sua simpatia ou ela veria muito profundo; ele não estava pronto... mas ele tinha que dizer a ela, ele começou isso de propósito para dizer a ela, ela tinha que saber...

—Eu não poderia lhe dar filhos— ele desabafou. —O primeiro que tivemos uma filha pequenina, nasceu muito cedo, que morreu. Dei o nome de Isebaïl. —Ele limpou a palma de sua mão violentamente debaixo de seu nariz, engolindo sua dor. —Depois disso, ela Emily, ela teve vontade de ter uma criança novamente. E mais uma vez. E, quando ela perdeu o terceiro... seu coração por mim morreu com ele.

Rachel fez um pequeno som, mas ele não olhou para ela. Não era possível. Apenas sentou debruçado sobre a tora como um cogumelo, ombros colados em torno de suas orelhas e os olhos borrados com as lágrimas que não podia derramar.

Uma pequena mão quente enfiou-se na sua.

—E o seu coração— ela perguntou. — Morreu, também?

Ele fechou sua mão sobre a dela e assentiu. E depois é só respirou um pouco, segurando a sua mão, até que ele pudesse falar de novo sem a sua voz embargada.

—Os Mohawk acham que o espírito do homem lutará com o da mulher quando eles se... deitam. E ela não segurará uma criança, a menos que seu espírito dele possa conquistar o dela.

—Oh, entendo — disse Rachel suavemente. —Então, ela culpou você.

Ele deu de ombros.

—Não sei dizer se ela estava errada. — Ele virou-se um pouco sobre a tora, para olhá-la diretamente. —E eu não sei dizer que seria diferente com a gente. Mas eu perguntei a tia Claire, e ela me disse sobre as coisas no sangue... bem, talvez você possa perguntar a ela para explicar; eu não faria um trabalho decente com isso. Mas o fim de tudo é que ela pensou que *pode* ser diferente com outra mulher. Que eu talvez pudesse. Dar bairns, quero dizer.

Ele só percebeu que Rachel estava segurando a respiração quando ela a exalou, um suspiro que roçou sua bochecha.

—Você — ele começou, mas ela subiu um pouco, para ele, e ela o beijou suavemente na boca, depois segurou a cabeça contra seu peito e tomou o final de seu lenço e enxugou os olhos e, em seguida, ela própria.

—Oh, Ian, — ela sussurrou. —Eu realmente o amo.

### *Capítulo 17- Liberdade!*

Grey passou outro interminável, embora menos agitado dia, quebrado apenas por ver o Coronel Smith escrevendo despachos, o que fazia a um ritmo furioso da pena arranhando com o som de uma barata sendo esmagada. Esse pouco de imaginação não fez nada para a digestão de Grey,

que, na sequência da intoxicação, não lidara tão bem com o bolo frio endurecido de gordura e café queimado que foi dado como café da manhã.

Apesar da infelicidade física e um futuro incerto, porém, viu-se surpreendentemente alegre. Jamie Fraser *estava* vivo, e ele, John, não era casado. Diante desses dois fatos maravilhosos, as perspectivas duvidosas de fuga e a probabilidade muito maior de ser enforcado parecia apenas levemente preocupante. Ele sentou-se para esperar com a graça que pode, dormindo tanto quanto sua cabeça permitia, ou cantando baixinho para si mesmo, uma prática que fazia com que Smith curvasse os ombros até as orelhas e riscasse mais rápido.

Messageiros iam e vinham com grande frequência. Se ele não soubesse já que os Continentais estavam não só em movimento, mas se preparando para uma luta, estaria claro para ele dentro de uma hora. O ar quente estava sobrecarregado com o cheiro de chumbo derretido e o gemido de uma roda de afiar, e o acampamento tinha um senso de urgência crescente de que qualquer soldado teria sentido ao mesmo tempo.

Smith não fez nenhuma tentativa de impedi-lo de ouvir o que era dito por ali e para os mensageiros e subalternos; claramente ele não esperava que a informação obtida fosse de alguma utilidade para Grey. Bem... tampouco Grey, para ser honesto.

Rumo à noite, a porta da tenda foi escurecida por uma forma feminina delgada, porém, e Grey elevou-se a uma posição sentada, tomando cuidado com a cabeça, porque seu coração começou a bater forte novamente e isso fez seu olho latejar.

Sua sobrinha Dottie estava em sóbrios trajes Quaker, mas o azul suave do índigo muito lavado era surpreendentemente lisonjeiro para sua coloração tipicamente inglesa e ela estava incrível e parecia bem. Ela acenou para o Coronel Smith e pousou a bandeja sobre a mesa, antes de olhar por cima do ombro para o prisioneiro. Seus olhos azuis arregalaram-se em choque, e Grey sorriu para ela por cima do ombro do coronel. Denzell deve tê-la avisado, mas ele supôs que devia estar mais do que literalmente assustador, com um rosto grotescamente inchado e um olho vermelho fixo e gritante.

Ela piscou e engoliu em seco, em seguida, disse algo em voz baixa com Smith, com um breve gesto de questionamento na direção de Grey. Ele balançou a cabeça, impaciente, já a tomar a sua própria colher, e ela colocou

um pano grosso em torno de uma das latas fumegantes na bandeja e se deparou com a cama de Grey.

—Meu Deus, Amigo— disse suavemente. —parece muito ferido. Dr. Hunter diz que pode comer o quanto é confortável, e ele vai atendê-lo depois de colocar um curativo em seu olho.

—Obrigado, jovem— disse gravemente, e, olhando por cima do ombro para ter certeza das costas de Smith transformando, acenou com a cabeça para ela. —É ensopado de esquilo?

—Gambá, Amigo— disse. —Aqui, eu trouxe uma colher. O cozido está fervendo; seja cuidadoso. —Colocando cuidadosamente entre ele e Smith, ela colocou a lata envolta em pano entre os joelhos e rapidamente tocou os trapos, as ligações de seus grilhões, as sobancelhas levantadas. Uma colher de chifre foi produzida a partir do bolso amarrado na cintura e uma faca com ele, que foi colocada por debaixo de seu travesseiro, rápido como qualquer mágico poderia ter conseguido isso.

Seu pulso estava batendo rápido em sua garganta, e transpiração brilhava nas têmporas. Ele tocou a mão dela uma vez, suavemente, e pegou a colher.

—Obrigado— disse de novo. —Diga Dr. Hunter que estou ansioso para vê-lo novamente.

A corda era de crina de cavalo e a faca cega, e era muito tarde e com os inúmeros pequenos cortes ardendo nas mãos e dedos que Grey ergueu cautelosamente a partir do catre. Seu coração estava batendo; ele podia senti-lo batendo rapidamente atrás de seu olho ferido e esperava que o olho em si não explodisse sob o impacto.

Ele inclinou-se e pegou o penico e usou-o; Smith tinha um sono com muito som, graças a Deus; se ele despertasse de qualquer forma, ele ouviria o barulho familiar, ele assegurou-se e — presumivelmente — cairia no sono, inconscientemente ignorando quaisquer outros pequenos ruídos como sendo Grey ajeitando-se na cama.

A respiração de Smith não se alterou. Ele emitia um pequeno zumbido como um ronco, como uma abelha trabalhando em uma flor, um som limpo, ocupado que Grey achou levemente cômico. Ele abaixou-se de joelhos, lentamente, entre o catre e o colchão de Smith, lutando contra um impulso insano momentâneo de beijar as orelhas de Smith — ele tinha orelhas doces pequenas, muito rosadas. Esse impulso desapareceu em um instante, e ele rastejou sobre as mãos e joelhos até a borda da tenda. Enfiou os trapos e a

gaze com que Denzell Hunter embalou seu olho através das fechaduras de seus grilhões, mas ainda se movia com a máxima cautela. Ser pego seria ruim para ele; seria desastroso para Hunter e Dottie.

Ele estava ouvindo atentamente as sentinelas por horas. Havia dois guardas na tenda do coronel, mas ele tinha certeza de que ambos estavam atualmente perto da aba frontal, aquecendo-se ao fogo; quente como fora o dia, a essa hora da noite o sangue da floresta gelou. Assim como o seu.

Ele se deitou e se contorceu o mais rápido que pôde sob a borda da tenda, agarrando-se à tela para minimizar qualquer agitação da tenda em si, se ele tivesse se esforçado para empurrar em sua corda de vez em quando com a noite, de modo que qualquer mudança da estrutura pudesse ser colocado para baixo para seus movimentos normais.

Fora! Ele se permitiu um grande gole de ar fresco, frio e arborizado, então levantou, agarrando os grilhões acolchoados perto contra seu corpo, e foi o mais silenciosamente possível para longe da barraca. Não deveria correr.

Tivera uma discussão curta, áspera e sussurrada, com Hunter durante sua tardia visita noturna, aproveitando o breve momento em que Smith deixou a tenda para visitar a latrina. Hunter insistiu que Grey se escondesse em sua carroça; ele estava indo para a Filadélfia, todos sabiam, não havendo nenhuma suspeita, e Grey estaria a salvo de patrulhas. Grey apreciou o desejo de Hunter em resgatá-lo, mas ele não poderia colocar o doutor — sem falar em Dottie — em risco, e seria ariscado. No lugar de Smith, a primeira coisa que faria seria impedir que qualquer um saísse, o segunda, procurar pelo o acampamento e em tudo o que estivesse nele.

— Não há tempo— disse Hunter, rapidamente colocando no final da bandagem que enrolou em torno da cabeça de Grey. — Pode ser que esteja certo — Ele olhou por cima do ombro; Smith estaria de volta a qualquer minuto. — Deixarei um pacote de alimentos e roupas em minha carroça para você. Se escolher para fazer uso dele, eu estou feliz. Se não, Deus esteja contigo!

— Espere! — Grey apreendeu Hunter pela manga, fazendo seus grilhões chacoalharem. — Como vou saber qual carroça é a sua?

— Oh. — Hunter tossiu, parecendo envergonhado. — É... tem um, um, sinal pintado na tampa traseira. Dottie pintou agora, deve tomar cuidado, Amigo, — disse, levantando abruptamente sua voz. — Coma generosa mas

lentamente, não beba nada com álcool, e tenha cuidado em movimento. Não se levante depressa demais.

Coronel Smith entrou e, ao ver o médico presente, veio para inspecionar o próprio paciente.

—Você está se sentindo melhor, coronel?— Ele perguntou educadamente. —Ou você ainda está sofrendo com a necessidade de começar a cantar? Se for assim, eu poderia sugerir que você faça isso agora e o tire do seu sistema, antes de me aposentar para a noite?

Hunter que tinha, naturalmente, ouvido *Die Sommernacht* na noite anterior, fez um pequeno ruído em sua garganta, mas conseguiu se despedir, sem perder o controle.

Grey sorriu para si mesmo, lembrando o olhar de Smith furioso e imaginando o que o coronel poderia parecer, em poucas horas, quando acordasse para descobrir que seu pássaro cantor voou. Ele fez o seu caminho em torno da borda do campo, evitando os piquetes de mulas e cavalos fáceis de detectar com o cheiro de estrume. Os vagões estavam estacionados nas proximidades: sem artilharia, observou.

O céu estava nublado, uma lua como foice brilhando inquieta entre corridas de nuvens e o ar cheio do cheiro de chuva iminente. Bem. Havia coisas piores do que estar frio e molhado, e chuva prejudicaria a perseguição, se alguém descobrisse sua ausência antes do amanhecer.

Nenhum som anormal do campo atrás dele; nenhum que ele pudesse ouvir acima do barulho de seu próprio coração e respiração. A carroça de Hunter foi fácil de encontrar, mesmo no escuro faiscante. Ele achara que por *senal* o médico quisera dizer um nome, mas era um dos sinais do celeiro que alguns dos imigrantes alemães pintavam em suas casas e galpões. Ele sorriu quando as nuvens se abriram, revelando este claramente, e ele viu por que Dottie escolheu: era um grande círculo, em que dois pássaros cômicos se enfrentaram, bicos abertos na forma de pombinhos. *Distlefink*. A palavra flutuou em sua cabeça; alguém, em algum lugar, disse o nome dessa espécie de pássaro, dizendo que era um símbolo de boa sorte.

—Bom— ele disse baixinho, subindo na carroça. —Eu vou precisar disso.

Ele encontrou o pacote debaixo do assento, onde Hunter dissera, e levou um momento para remover as fivelas de prata de seus sapatos, amarrando as abas juntas em vez de fazê-lo com o comprimento de laço de couro que evidentemente foram feito para o seu cabelo. Ele deixou as fivelas debaixo

do assento, colocando o casaco rasgado, que cheirava a cerveja velha e do que ele achava que fosse sangue velho, e olhou para a touca de malha, em que estavam embalados dois bolos, uma maçã e um pequeno cantil de água. Voltando-se a borda do chapéu, leu pela luz da lua irregular, LIBERDADE OU MORTE, em letras brancas.

Ele não estava indo em qualquer direção particular; ainda quando o céu ficou claro, não estava suficientemente familiarizado para ser capaz de traçar sua direção pelas estrelas. Seu único objetivo era chegar o mais longe de Smith possível, sem correr para outra companhia da milícia ou uma patrulha da Continental. Uma vez que o sol estava alto, ele poderia orientar-se; Hunter disse que a estrada principal ficava ao sul/sudoeste do acampamento, cerca de quatro quilômetros de distância.

O que as pessoas poderiam fazer de um homem passeando pela estrada principal em grilhões era outra questão, mas não aquela que ele precisava para responder agora. Depois de caminhar por uma hora ou assim, ele encontrou um local abrigado entre as raízes de uma enorme árvore de pinho e, tirando a faca, cortou o seu cabelo o melhor que pôde. Ele enfiou as mechas tosquiadas bem para trás em uma raiz, esfregou as mãos no chão, em seguida, aplicou vigorosamente no cabelo e rosto antes de vestir o chapéu.

Assim, devidamente escondido, ele empilhou um cobertor grosso de agulhas secas caídas sobre si mesmo, enrolou-se, e foi dormir ao som da chuva tamborilando nas árvores acima, mais uma vez um homem livre.

***Capítulo Dezoito- Sem nome, sem abrigo, indigente e muito bêbado de fato.***

**Quente, desgrenhado, e ainda completamente fora do temperamento de seu encontro com Richardson, William fez o seu caminho de volta pelas ruas apinhadas. Mais uma noite em uma cama decente, pelo menos. Amanhã ele deixaria Filadélfia com as últimas companhias do exército, seguindo Clinton para o norte e deixando os legalistas restantes para se defenderem sozinhos. Ele estava dividido entre alívio e culpa ante esse pensamento, mas tinha pouca restara pouca energia para considerá-lo.**

**Chegou a seu quarto para descobrir que seu ordenança o abandonara, e que levava com ele o melhor casaco de William, dois pares de meias de seda, meia garrafa de conhaque, e a pérola incrustada em miniatura dupla da mãe de William, Genebra e sua outra mãe, sua irmã Isabel.**

**Isso estava até agora acima do maldito limite do que ele poderia suportar que nem mesmo amaldiçoou, simplesmente afundou na beira da cama, fechou os olhos e respirou com os dentes cerrados até que a dor em seu estômago diminuiu. Ele deixou um buraco oco. Ele tinha aquela miniatura desde que ele nasceu, estava acostumado a dar boa noite antes de dormir, embora desde que ele saiu de casa, ele fez isso em silêncio.**

**Disse a si mesmo que não importava, era improvável que esquecesse como suas mães pareciam — havia outras pinturas, em casa em Helwater. Lembrou-se de Mamãe Isobel. E ele podia ver os traços de sua verdadeira mãe em seu próprio rosto... Involuntariamente, olhou para o espelho de barbear, — que estava pendurado na parede — o asseio de algum modo esquecido que em seu voo — e sentiu o vazio dentro dele encher como piche quente. Não viu a curva da boca de sua mãe, seu cabelo castanho escuro ondulado, vendo uma vez um nariz muito longo com uma lâmina de faca, os olhos puxados e uma maçã do rosto larga.**

**Ele olhou fixamente para esta prova contundente de traição por um instante, depois virou e saiu.**

**—Foda-se a semelhança!— Disse, e bateu a porta atrás de si.**

**Não se importava para onde estava indo, mas dentro de algumas ruas se deparou com Lindsay e um par de companheiros que ele conhecia, todos com a intenção de fazer o máximo de sua última noite em uma cidade semicivilizada.**

**—Venha, jovem Ellesmere — disse Sandy, segurando com firmeza e empurrando-o para baixo na rua. —Vamos fazer algumas lembranças para passarmos através das longas noites de inverno no norte, hein?**

**Algumas horas mais tarde, vendo o mundo através do fundo de um copo de cerveja, William imaginava com olhos turvos, se memórias contavam, se você não se lembrava delas. Ele perdera a conta a algum tempo de que e quantos que ele bebeu. Achava que perdeu um ou dois**

**ou três dos companheiros com quem ele começou a noite também, mas não podia jurar.**

Sandy ainda estava lá, balançando na frente dele, dizendo alguma coisa, instando-o a seus pés. William sorriu vagamente para a garçonete, procurou no bolso, e colocou sua última moeda sobre a mesa. Isso foi tudo bem, ele tinha mais em seu baú, enrolado em seu par de sobressalente de meias.

Ele seguiu Sandy para fora rumo a uma noite que capturava e agarrava, o ar quente tão espesso que era difícil respirar, entupido com o cheiro de excrementos de cavalo, esterco humano, escamas de peixe, legumes murchos e de carne recém abatida. Era tarde, e escuro; a lua ainda não subira, e ele tropeçou nas pedras, cambaleando em Sandy, uma mancha mais escura na noite diante dele.

Então havia uma porta, um borrão de luz, e um envolvente perfume quente de bebidas alcoólicas e mulheres — sua carne, seu perfume, o cheiro mais atordoante do que a luz repentina. Uma mulher de uma costela desossada estava sorrindo para ele, cumprimentando-o, velha demais para ser uma prostituta. Ele acenou amigavelmente para ela e abriu a boca, só para estar um pouco surpreso pelo fato de que ele esquecera como falar. Fechou a boca e continuou balançando a cabeça; a mulher riu de uma forma praticada e guiou-o a uma cadeira velha, onde ela o depositou como se pudesse deixar uma parcela a ser chamado para mais tarde.

Sentou e caiu em transe durante algum tempo, o suor escorrendo pelo seu pescoço sob a gola e ensopando sua camisa. Havia um fogo queimando em uma lareira perto de suas pernas, um pequeno caldeirão de ponche de rum fumegante sobre a placa, e o cheiro o enjoou. Tinha a sensação de que estava derretendo como uma vela, mas não podia mover-se sem passar mal. Ele fechou os olhos.

Algum tempo depois, ele lentamente se tornou consciente de vozes perto dele. Ele escutou por um pouco, incapaz de dar sentido a todas as palavras, mas sentindo o fluxo vagamente calmante, como ondas do mar. Seu estômago assentado agora, e com as pálpebras a meia haste, olhou placidamente em uma areia movediça de luz e sombra, picado com cores brilhantes, como arremessando pássaros tropicais.

Ele piscou algumas vezes, e as cores brilhavam em coerência: o cabelo e as fitas brancas e turnos das mulheres, os casacos vermelhos de infantaria, o azul de um artilheiro movendo-se entre eles. Suas vozes dando a impressão de aves, altas e trinadas, gritando de vez em quando, ou repreendendo como

os sabiás que viveram no grande carvalho perto da casa da fazenda no Monte Josias. Mas não foi o vozerio das mulheres que chamou sua atenção.

Um par de dragões estavam descansando no sofá próximo, bebendo ponche de rum e olhando as mulheres. Achava que estiveram falando por algum tempo, mas agora ele conseguia distinguir as palavras.

—Já sodomizou uma garota?— Um dos dragões estava dizendo para o amigo. O amigo riu e corou, balançou a cabeça, murmurou algo que soou como: —Muito caro para *minha* bolsa.

—O que você quer é que uma garota odeia. — O dragão não se moveu o olhar das mulheres em todo o quarto. Ele levantou a sua voz, só um pouco. — Elas subitamente o rejeitam, tentando se livrar de você. Mas eles não conseguem.

William virou a cabeça e olhou para o homem, repellido, e fazendo seu desgosto evidente. O homem ignorou. Ele parecia vagamente familiar, escuro e pesado de recursos, mas ninguém conhecia William pelo nome.

—Então você pega a mão dela e a faz recuar e senti-lo. Deus, as contrações — ordenham você como uma vaca leiteira, ela o fará! —O homem riu alto, ainda olhando do outro lado da sala, e pela primeira vez, William olhou para ver o alvo desta miscelânea brutal. Havia três mulheres que estavam em um grupo, duas em anáguas, o tecido fino moldado seus corpos, uma em uma saia bordada, mas era fácil de ver para quem as insinuações do dragão eram feitos: a mais alta com anágua, que estava ali em pé com os punhos cerrados, olhando para trás para na direção do dragão pronta para queimar um buraco por sua cabeça.

A senhora estava um pouco distante, franzindo a testa para o dragão. Sandy desapareceu. Os outros homens presentes estavam bebendo e conversando com quatro meninas na outra extremidade da sala; eles não ouviram essa impertinência vulgar. O amigo do dragão estava escarlate como o casaco, entre bebidas, diversões, e constrangimento.

O dragão escuro estava corado, também, uma linha lívida através de suas bochechas cheias e pesadas onde pressionavam contra o couro do colarinho. Uma mão puxava distraidamente na virilha manchada de suor de suas calças de fustão. Ele estava se divertindo muito com a sua presa para cortar a perseguição curta, porém.

— Imagino, que você não quer uma que esteja acostumada com isso. Você a quer apertada. —Ele se inclinou um pouco, cotovelos sobre os

joelhos, olhos atentos na menina alta. —Mas você não quer alguém que nunca teve antes, também. Melhor se ela sabe o que está vindo, não é?

Seu amigo murmurou algo incompreensível, olhou para a menina e apressadamente desviou. William olhou para a menina, também, e quando ela fez um pequeno movimento involuntário, — algo como um tremor — a luz da vela brilhou por um instante sobre a parte macia do topo de sua cabeça: o bom corar de sua cabeça: um suave marrom, com o brilho castanhas frescas. Jesus Cristo.

Antes que percebesse, estava de pé. Deu dois passos balançando para o lado da madame, tocou seu ombro educadamente, e quando ela virou o rosto surpreso até ele, toda a sua atenção estava no dragão, uma linha de preocupação entre as sobrancelhas, ele disse lentamente, de modo a não calúnia de suas palavras, — Ficarei com aquela, por favor. A — a garota alta. De anágua. Para a noite.

Sobrancelhas depenadas da madame levantaram, mas desapareceu em seu boné. Ela olhou rapidamente para o dragão, que ainda estava tão fixado em sua presa que não notou William de forma alguma. Seu amigo notara, embora; cutucou o dragão e murmurou em seu ouvido.

—Eh? O que é isso? —O homem já estava em movimento, lutando para seus pés. William tateou apressadamente no bolso, lembrando-se tarde demais que ele estava sem um tostão.

—O que é isso, Madge?— O dragão estava com eles, dividindo uma carranca entre a senhora e William. William instintivamente esticou-se — tinha uns quinze centímetros a mais do que o homem — e aprumou-se. O dragão avaliou seu tamanho e sua idade e levantou o canto do lábio superior para mostrar um dente canino. — Arabella e minha, senhor. Tenho certeza de que Madge encontrará outra moça para acomodá-lo.

—Eu o antecedi, senhor— disse William, e inclinou a cabeça, inclinando a cabeça um quarto de polegada, mantendo um olhar atento rude. Não ficaria surpreso se aquele inseto imundo tentasse chutá-lo nas bolas — o olhar em seu rosto, não ficaria nisso.

—Ele antecedeu, Capitão Harkness— disse a senhora rapidamente, pisando entre os homens. —Ele já tinha se oferecido para a menina, e como você ainda não se não havia se decidido... —Ela não estava olhando para Harkness; ela levantou o queixo apontando com urgência a uma das meninas, que parecia assustada, mas rapidamente desapareceu por uma

porta na parte de trás. *Foi atrás de Ned*, William pensou automaticamente, e se perguntou vagamente por um instante como ele sabia o nome do porteiro.

—Ainda não viu a cor do dinheiro dele, no entanto, não é?— Harkness enfiou a mão no peito e tirou uma carteira bem recheada, a partir do qual retirou um maço descuidado de papel-moeda. —Eu vou tê-la. — Ele sorriu desagradavelmente para William. —Para a noite.

William prontamente tirou o gorget de prata, tomou a mão da senhora, e pressionou o crescente nele.

—Para a noite— repetiu ele educadamente, e sem mais delongas virou-se e atravessou a sala, embora o chão parecesse ondular ligeiramente sob seus pés. Ele tomou Arabella, *Arabella?* pelo braço e conduziu-a em direção à porta dos fundos. Ela parecia ultrajada — claramente o reconheceu — mas um rápido olhar para o Capitão Harkness decidiu que William era o menor de dois besouros, como ele ouviu um amigo marinheiro de seu pai colocar.

Ele podia ouvir o grito de Harkness atrás deles, mas em seguida, a porta se abriu e um homem muito grande, duro de aparência entrou. Ele tinha apenas um olho, mas que se concentrou imediatamente em Harkness. O homem avançou para o capitão, andando levemente nas pontas dos seus pés, os punhos meio enrolados. *Ex-pugilista*, William pensou, satisfeito. *Ponha isso no seu cachimbo e fume, Harkness!*

Em seguida, com uma mão na parede escada para impedi-lo tropeçar, viu-se seguindo ao redor, vagabundeando agitado, subindo as mesmas escadas gastas cheirando a lixívia que subira ontem, imaginando que diabos diria a ela quando ele chegasse ao topo.

Estivera vagamente esperançoso de que não ficaria no mesmo quarto, mas não foi assim. Era noite agora, porém, e as janelas estavam abertas. O calor do dia permanecia nas paredes e no chão, mas *havia* brisa, picante com seiva de árvore e respiração do rio, que fez a chama da única vela lampear e dobrar. A menina esperou que ele entrasse, em seguida, fechou a porta e ficou com as costas contra ela, com a mão ainda na maçaneta.

—Não vou machuca-la— ele desabafou. —Não tinha a intenção, pela última vez. — Sua mão relaxou um pouco, mas ela continuou a olhar estritamente para ele. Estava escuro onde estava, e ele mal podia ver o brilho de seus olhos. Ela não parecia amigável.

—Você não me machucou— disse. — Estragou a minha melhor anágua, porém, e uma garrafa de vinho. Custou-me uma surra e o salário de uma semana, isso.

— Sinto muito— disse. — De verdade. Vou, vou pagar pelo vinho e pela saia. — *Usando o que?* ele perguntou. Tardiamente ocorreu-lhe que as peças de meias em que ele guardava seu salário desapareceram com a sua ordem, e, sem dúvida, o dinheiro sumira. Bem, ele penhoraria alguma coisa, se fosse preciso, ou pediria um pouco emprestado. — Não posso fazer nada a respeito da surra. Mas eu me desculpo.

Ela fez um pequeno ruído bufando pelo nariz, mas pareceu aceitá-lo. Ela tirou a mão na maçaneta da porta e veio um pouco no quarto, para que ele pudesse ver seu rosto à luz das velas. Ela era muito bonita, apesar do olhar de desconfiança suspeito, e ele sentiu uma agitação suave.

—Bem. — Ela o olhou de cima e para baixo, tanto quanto ela fez quando ela o conheceu no beco. —William, você disse que esse é seu nome?

—Sim. — O silêncio se prolongou um batimento cardíaco passado o conforto, e ele perguntou, quase ao acaso, —Seu nome é realmente Arabella?

Isso a surpreendeu, e sua boca se contraiu, mas ela não riu.

—Não. Eu sou um pedaço de fantasia, porém, e Madge acha que as fantasias devem ter nomes como de senhoras? —Ela levantou uma sobrancelha, e ele não tinha certeza se ela estava questionando se as senhoras tinham nomes como Arabella ou o que ele achava de A filosofia de Madge.

—Eu *conheço* algumas Arabellas — ele ofereceu. —Uma delas de seis e outra de oitenta e dois.

—São senhoras?— Ela acenou com a mão, descartando a questão assim que foi perguntado. —Claro que são. Você não iria conhecê-las, caso contrário. Você quer que eu mande vir vinho? Ou um soco? —Ela deu-lhe um olho avaliar. —Só que, se você quer fazer alguma coisa, eu realmente acho que é melhor você ficar fora da bebida. Sua escolha, no entanto. —Ela colocou a mão para o empate de sua anágua em convite morno, mas não puxando solto. Claramente, ela não fez questão de induzi-lo a *fazer qualquer coisa*.

**Ele esfregou a mão sobre o rosto suado, imaginou que cheirava a álcool escorrendo de seus poros, e limpou-o em seus calções.**

—Não quero vinho, não. Nem quero... fazer... bem, isso não é verdade — admitiu. —Quero muito— acrescentou apressadamente, para que ela não achasse que era um insulto —, mas eu não vou.

Ela olhou para ele de boca aberta.

—Por que não?— Disse, por fim. —Você pagou bem mais por qualquer coisa que queira fazer. Incluindo sodomia, se esse é o seu prazer. —Seu lábio enrolou um pouco.

Ele corou até o couro cabeludo.

—Você acha que eu a salvaria — disse, e então *eu mesmo* o faria?

—Sim. Muitas vezes os homens não pensam em algo até que outro o mencione, e, em seguida, todos ficam ávidos por experimentá-lo eles mesmos.

Ele ficou indignado.

—Você deve ter a opinião mais insignificante dos cavalheiros, minha senhora!

Sua boca se contraiu de novo, e ela deu um olhar com tamanha diversões mal velada que o sangue ardeu em seu rosto e orelhas.

—Certo— ele disse secamente. —Eu aceito o seu ponto.

—Bem, isso é uma novidade— disse, a contração invadindo um sorriso malicioso. —Em geral, é o contrário.

Ele respirou profundamente pelo nariz.

—Eu... entenda como um pedido de desculpas, se você quiser. —Foi uma luta para continuar encarando-a. —Pelo o que aconteceu da última vez.

Uma leve brisa entrou, despenteando o cabelo sobre os ombros e levantou o tecido de sua roupa que inflou um pouco, o que lhe proporcionou um vislumbre de seu mamilo, como um rosa escuro à luz das velas. Ele engoliu em seco e desviou o olhar.

—Meu... um... meu padrasto... contou-me uma vez que uma senhora de seu conhecimento, disse que uma noite de sono era o melhor presente que você poderia dar uma prostituta.

—Ele é de família, não é? Frequenta bordéis? —Ela não parou por uma resposta a isso. —Ele está certo, no entanto. Você realmente fala sério quanto diz que pretende que eu... durma? — Pelo tom de incredulidade em sua voz, parecia que ele poderia ter pedido a ela que se engajasse em alguma perversão com sodomia.

Ele manteve a calma com alguma dificuldade.

—Você pode cantar canções ou estar em sua cabeça, se você preferir, madame — disse. —Eu não pretendo... er... molestá-la. Além disso, suas ações são completamente suas.

Ela olhou para ele, uma pequena carranca entre as sobrancelhas, e ele podia ver que ela não acreditou nele.

— Eu... deveria ir — disse, sentindo-se desconfortável de novo—, mas eu preocupo-me de que o Capitão Harkness ainda possa estar no local, e que ele saiba que está sozinha... — E de alguma forma ele não poderia enfrentar o seu próprio quarto escuro e vazio. Hoje não.

— Imagino que Ned o eliminou— Disse, em seguida, limpou a garganta. —Mas não vá. Se fizer isso, Madge enviará alguém para cima. —Ela tirou o saiote, sem exibição de coquetismo ou artifício no movimento. Havia uma tela, no canto; ela passou por trás disso, e ele ouviu o barulho dela usando um penico.

Ela saiu, olhou para ele e, com um breve aceno para a tela disse: — Bem ali. Se você...

—Uh... obrigado. —Ele fez de fato precisava muito mijar, mas a ideia de usar o penico, logo depois que ela o usara, causava uma quantidade razoável de embaraço. —Ficarei bem. — Ele olhou em volta, encontrou uma cadeira e sentou-se nela, ostensivamente empurrando suas botas para fora e recostando-se numa atitude de relaxamento. Ele fechou os olhos, principalmente.

Através das pálpebras semicerradas, viu-a observá-lo de perto por um momento, em seguida, ela inclinou-se e apagou a vela. Fantasmas na escuridão, ela subiu em sua cama as cordas rangiam com seu peso e arrumou a roupa. Um suspiro fraco veio a ele sobre os sons do bordel abaixo.

—Er... Arabella? —Ele não esperava, obrigado, exatamente, mas ele queria *algo* dela.

—O quê?— Ela parecia resignada, obviamente esperando que ele dissesse que ele mudou de ideia sobre sodomia.

—Qual é o seu nome verdadeiro?

Houve silêncio por um minuto, quando ela pensava. Não havia nada de hesitante sobre a jovem, no entanto, e quando ela fez resposta, foi sem relutância.

—Jane.

—Oh. Mais uma coisa. Meu casaco...

—Eu vendi.

—Oh. Er... boa noite, então.

**Houve um momento prolongado, preenchido com os pensamentos tácitos de duas pessoas, então um profundo suspiro exasperado.**

—Venha para a cama, seu idiota.

Ele não poderia ir para a cama de uniforme completo. Ele manteve sua camisa, com uma ideia de preservar sua modéstia e sua intenção original. Deitou bastante rígido ao lado dela, tentando imaginar-se como a figura em um túmulo de um cruzado: um monumento de mármore ao comportamento nobre, jurou pela castidade forçada por sua personificação de pedra.

**Infelizmente, era uma cama pequena e William era bastante grande. E Arabella/Jane não estava absolutamente tentando evitar tocá-lo. Certamente, ela não estava tentando despertá-lo, também, mas sua mera presença fazia isso sem que *meia* tentativa.**

Ele estava intensamente consciente de cada centímetro de seu corpo e quais deles estavam em contato com os dela. Ele podia cheirar seu cabelo, um leve cheiro de sabonete misturado com a doçura da fumaça do tabaco. Sua respiração era doce, também, com o cheiro de rum queimado, e ele queria sentir o gosto na boca, compartilhar a rigidez persistente. Ele fechou os olhos e engoliu em seco.

Só o fato de que ele precisava desesperadamente urinar, tornou possível manter as mãos longe dela. Estava naquele estado de embriaguez em que ele podia perceber um problema, mas não poderia analisar uma solução para isso, a simples incapacidade de pensar em duas coisas ao mesmo tempo o impediu de falar com ela ou colocar a mão sobre ela.

—Qual é o problema?— Ela sussurrou com voz rouca. —Você está se mexendo como se tivesse girinos em suas bolas... você tem bolas, não é?— Ela riu, e sua respiração fez cócegas seu ouvido. Ele gemia baixinho.

—Aqui, agora, — Sua voz assumiu um tom de alarme, e ela se sentou na cama, torcendo e volta para olhá-lo. —Você não vai ficar doente na minha cama! Levante-se! Levante-se agora mesmo! —Ela empurrou-o com as mãos pequenas e urgentes, e ele tropeçou para fora da cama, balançando e agarrando-se a mobília para não cair.

A janela escancarou-se diante dele, aberta para a noite, uma linda lua de foice pálida acima. Tomando isto como o convite celestial certamente era,

ele levantou a camisa, agarrou a moldura da janela, e mijou na noite em uma corrida majestosa arqueando de cega felicidade.

**A sensação de alívio foi tão intensa que ele não percebeu nada sua esteira, até Arabella agarra-lo pelo braço e puxá-lo para fora da janela.**

**—Saia da vista, pelo amor de Deus!—Ela arriscou um olhar apressado para baixo, em seguida, esquivou para trás, sacudindo a cabeça. —Oh, bem. Não é como se o capitão Harkness estivesse vindo propor a ser um membro de seu clube favorito, não é?**

**—Harkness?—William balançou em direção à janela, piscando. Houve uma notável quantidade de gritos e abuso vindo de baixo, mas ele estava tendo dificuldade em focalizar seus olhos, e não percebeu nada só o lampejo de uniformes vermelhos, mais vermelhos ainda à luz da lanterna sobre a porta do estabelecimento.**

**—Não importa. Ele provavelmente acha que eu fiz isso, —disse Arabella, uma nota escura em sua voz.**

**—Você é uma menina— William apontou logicamente. — Não pode mijar pela janela.**

**—Não sem fazer um espetáculo nobre sobre mim mesmo, não é— ela concordou. —, mas não é desconhecido que uma prostituta joga fora o conteúdo de seu penico em alguém, acidentalmente de propósito. Bem. — Ela encolheu os ombros, foi atrás da tela, e surgiu com o receptáculo acima mencionado, que ela prontamente derrubou fora da janela aberta. Em resposta a uivos renovados a partir de baixo, ela inclinou e gritou vários insultos que um sargento do regimento teria ficado orgulhoso em proferir, antes esquivar-se de volta e fechar as janelas com uma batida.**

**—Poderia muito bem ser enforcada — ou sodomizada — tanto por uma ovelha quanto por um cordeiro— comentou, pegando-o pelo braço. — Volte para a cama.**

**—É só na Escócia que eles sodomizam ovelhas — disse William, seguindo obedientemente. — E talvez em parte de Yorkshire. Northumbria também, talvez.**

**—Ah, é mesmo? Harkness é o capitão de um desses lugares, então?**

**—Ah, ele?—William sentou-se na cama, de repente, quando sala começou a girar em uma rodada de maneira imponente. — Não. Eu diria que talvez Devon, pelo sua... sua... fala. — concluiu satisfeito por ter encontrado a palavra.**

—Então, eles têm ovelhas em Devon, também, eu acho. —Arabella estava desabotoando sua camisa. Ele levantou a mão para pará-la, perguntou por que ele deveria, e deixou a mão pendurada no ar.

—Montes de ovelhas— disse. — Montes de ovelhas em toda a Inglaterra.

—Deus salve a rainha, então, — ela murmurou, concentrada em sua tarefa. O último botão se soltou e um projeto fraco do ar agitou os cabelos no peito de William.

Lembrou-se então por que ele deveria ter impedido, mas ela colocou a cabeça dentro da frente de sua camisa aberta e lambeu seu mamilo antes que ele pudesse por a sua mão presa completar em movimento, e quando fez, ele apenas moveu suavemente a cabeça, que estava surpreendentemente quente. Assim foi a respiração. Assim foi a mão dela, que se envolveu em torno de seu pênis de um jeito possessivo.

—Não— ele disse, depois do que pareceu um tempo muito longo, mas poderia ter sido mais do que segundos. Sua mão desceu e fechou-se — pesarosamente — sobre a dela que o agarrava. — Eu... Eu falei sério. Não vou incomodá-la.

Ela não se deixou ir, mas sentou-se e considerou com um ar de impaciência perplexa, apenas visível à luz da lanterna que atravessou as persianas.

—Se você me incomodar, eu vou dizer para parar; que tal isso? — ela ofereceu.

—Não— ele repetiu. Ele estava se concentrando ferozmente agora; parecia extremamente importante que ela entendesse. —Honra. É a minha honra.

Ela fez um pequeno som que poderia ter sido impaciência ou diversão.

—Talvez você devesse ter considerado a sua honra antes de vir para um bordel. Ou será que alguém o arrastou para dentro contra a sua vontade?

—Eu vim com um amigo— disse com dignidade. Ela ainda não deixou ir, mas não podia se mover sua mão, não com a dele agarrada firmemente em torno dele. — Isso é... não o que eu quero dizer. Quero dizer... —As palavras que vieram facilmente um momento antes escaparam de novo, deixando-o em branco.

—Você poderia me dizer mais tarde, uma vez que tenha pensado— ela sugeriu, e ele ficou surpreso ao descobrir que ela tinha *duas* mãos e sabia o que fazer com a outra, também.

—Solte meu... — *Droga, qual é a palavra maldita?* —Solte meus testículos por favor, minha senhora.

—Assim como você gosta— ela respondeu secamente, e, fazendo isso, colocou a cabeça para trás dentro de sua camisa úmida, mal cheirosa, tomou um mamilo entre os dentes, e chupou com tanta força que arrancou até a última palavra para fora de sua cabeça.

As coisas depois ficaram inquietas mas em grande parte agradáveis, embora em um ponto ele se visse pairando sobre ela, o suor do rosto pingando em seus seios, murmurando: — Sou um bastardo, sou um bastardo, sou um *bastardo*, Você não entende?

Ela não respondeu a isso, mas estendeu-se um braço longo branco, segurou a mão dela em volta da parte de trás de sua cabeça, e puxou-o para baixo novamente.

—É por isso. — Voltou gradualmente a si mesmo, consciente de que estava falando e, evidentemente, o estivera durante algum tempo, apesar de sua cabeça que estar sendo embalada na curva de seu ombro, seus sentidos imersos em seu almíscar (*como* uma flor transpirando, pensou sonhador), e seu mamilo uma coisa doce e escura a uma ou duas polegadas de seu nariz. —A única honra que me resta é a minha palavra. Tenho que mantê-la. — Então, de repente, as lágrimas vieram-lhe aos olhos, com recolhimento dos momentos apenas do passado. —Por que você me fez quebrar minha palavra?

Ela não respondeu por um tempo, e ele teria pensado que ela adormecera, a não ser por sua mão que vagava por suas costas nuas, suave como um sussurro.

—Já pensou que talvez uma prostituta tenha um senso de honra, também?— Disse, por fim.

Francamente, não pensara, e abriu a boca para dizer isso, mas mais uma vez suas palavras desapareceram. Ele fechou os olhos e adormeceu em seu peito.

## ***Capítulo 19 - Medidas Desesperadas***

Silvia Hardman estava em pé encarando Jamie com uma sobrancelha curvada, os lábios franzidos em concentração. Finalmente, ela balançou a cabeça, suspirou e endireitou-se.

—Falas sério, eu suponho?

—Falo, Amiga Silvia. Devo estar na Filadélfia tão rapidamente quanto posso estar. E para fazer isso, tenho que chegar à estrada. Eu devo ser capaz de andar amanhã de manhã, ainda que hesitantemente.

—Bem, então. Patience, traga-me frasco especial de seu pai. E, Prudence, vais moer uma boa medida da semente de mostarda... —Ela deu um passo um pouco mais perto da cama, olhando parecendo meio míope nas costas de Jamie, como se para avaliar a área cultivada. —Um bom punhado não, pegue dois; tuas mãos são pequenas. —Ela pegou uma vara de escavação da prateleira perto da porta, mas hesitou antes de abrir. —Não toque em teus olhos ou rosto, Pru e de modo algum toque em Chastity sem lavar as tuas mãos pela antes. Deixes que Patience cuide dela se ela chorar.

Chastity estava fazendo barulhos irritáveis, embora recém-alimentada e trocada. Patience, porém, já corria para fora da porta, fazendo com que Jamie se perguntasse onde o frasco especial de seu pai poderia estar. Escondido, aparentemente.

**—Coloque o bebê ao meu lado— sugeriu. —Eu posso cuidar dela um pouco. Silvia o fez sem hesitação, o que o agradou, e ele se deitou cara-a-cara com a pequenina Chastity, divertindo os dois fazendo caretas para ela. Ela riu — e assim o fez Prudence, enquanto socava o pilão e o cheiro quente do grão de mostarda engrossava o ar. Ele mostrou a língua e balançou; Chastity balançou como uma pequena geleia e colocou para fora a ponta da pequena da língua rosa, por sua vez, o que o fez rir.**

**—Do que estão rindo? — Patience exigiu, abrindo a porta. Franziu a testa censurando de uma irmã para a outra, fazendo todos rirem mais. Quando a Sra. Hardman veio em poucos momentos depois com uma grande raiz suja na mão, eles chegaram ao ponto de rir de absolutamente nada, e ela piscou em confusão, mas, em seguida, balançou a cabeça e sorriu.**

**—Bem, dizem que o riso é um bom remédio— comentou, quando as risadas diminuíram, deixando as meninas de rosto rosado e Jamie se sentindo um pouco melhor, para sua surpresa. — Pode me emprestar**

tua faca, Amigo James? É mais adequado para a finalidade que a minha.

Este foi claramente verdadeiro; a faca era uma lâmina de ferro bruto terrivelmente afiada, o punho amarrado com corda. Jamie tinha uma boa faca de cabo de marfim, comprada em Brest, de aço temperado, com uma borda de raspar os pelos de seu antebraço. Ele viu seu sorriso de prazer involuntário a sensação de que em sua mão e teve um lampejo momentâneo da memória de Brianna, delicadamente desdobrando uma lâmina de seu canivete suíço, um ar de prazerosa satisfação no rosto.

Claire apreciava boas ferramentas também. Mas ela tocava as ferramentas com o pensamento imediato do que ela pretendia fazer com elas, em vez de simples admiração pela elegância e funcionalidade. A lâmina na mão não era mais uma ferramenta, mas uma extensão da sua mão. Sua própria mão fechada, polegar esfregando suavemente contra as pontas dos dedos, lembrando a faca que ele fez para ela, a alça sulcada com cuidado e lixada para caber na sua mão, para combinar exatamente com sua empunhadura. Então ele cerrou os punhos apertados, não querendo pensar nela tão intimamente. Simplesmente não agora.

Incitando as meninas a recuarem e saírem do caminho, Silvia cuidadosamente descascou a raiz que ralou em uma tigela pequena de madeira, mantendo o rosto, tanto quanto possível, longe da fumaça saindo do rábano fresco, mas ainda com lágrimas escorrendo por seu rosto. Então, enxugando os olhos no avental e pegando o *frasco especial* sendo este uma garrafa de grés castanho escuro manchado com terra (a moça o enterrara?) ela cautelosamente derramou uma pequena quantidade do conteúdo muito alcoólico e o que era? Jamie perguntou, farejando com cautela. A aguardente estava velha? Conhaque de ameixa duplamente fermentado? Aquilo provavelmente começara a vida como uma espécie de fruto, mas já se passara algum tempo desde que a fruta esteve pendurada em uma árvore.

Sra. Hardman relaxou, colocou a rolha de volta na garrafa como que aliviada de que o conteúdo não explodiu ao ser decantado.

—Bem, então— disse, e enxugou seu rosto quando veio pegar Chastity, que gritou preocupada em ser removida de Jamie a quem ela claramente considerava um grande brinquedo.

—Isso deve assentar por algumas horas. Deve dormir se puder. Sei que passou uma noite de vigília e hoje não pode ser muito melhor.

Jamie preparou-se para a perspectiva de beber licor rábano com uma mistura de medo e curiosidade. A primeira dessas emoções foi momentaneamente aliviada quando descobriu que a Sra. Hardman não queria que ele bebesse, mas o receio voltou com força quando ele encontrou-se um momento depois de bruços na cama com sua camisa levantada até seus ombros e sua anfitriã esfregando vigorosamente o material em suas nádegas.

—Tenha cuidado, Amiga Silvia, — ele falou, tentando virar a cabeça o suficiente para obter a sua boca longe do travesseiro sem torcer as costas ou levantar o traseiro. —Se isso escorrer para baixo na divisão da minha bunda, eu posso ser curado com uma vontade súbita de violência.

Um pequeno bufo de diversão fez cócegas nos cabelos pequenos das suas costas, onde a carne ainda estava sofrendo e formigamento de suas administrações.

—Minha avó disse que essa receita ressuscitaria os mortos— disse, sua voz baixa, para não perturbar as meninas, que estavam enroladas na lareira em seus cobertores como lagartas. —Talvez ela fosse menos cuidadosa em suas aplicações.

— Precisa de calor— ela disse. Entre o linimento rábano e o emplastro de mostarda descansando na parte inferior das costas, ele pensou que poderia sofrer combustão espontânea a qualquer momento. Tinha certeza de que sua pele estava com bolhas. *Sei que passaste uma noite de vigília e hoje não pode ser muito melhor.* Ela tinha razão.

Ele se mexeu, tentando mover-se furtivamente para o lado sem fazer barulho ou tirar o emplastro que ela colocou em sua região lombar por meio de tiras de flanela rasgadas amarradas em volta de seu corpo, mas elas tendiam a escorregar. A dor quando se mexia era de fato muito menor, que o animou muito. Por outro lado, ele sentia como se alguém estivesse passando repetidamente um ramo de pinheiro a poucos centímetros de seu corpo. E ainda que ela *tivesse* sido muito cuidadosa ao trabalhar o linimento dos joelhos a caixa torácica, um pouco do líquido feroz havia tocado suas bolas, dando um sentido não desagradável de calor notável entre as pernas, mas também um desejo incontrolável de se contorcer.

Ele não o fez, enquanto ela estava trabalhando nele, e não disse uma palavra. Não depois de ver o estado das suas mãos: vermelhas como um casaco vermelho, e uma bolha leitosa que se ergueu no seu polegar. Ela não disse uma palavra, ou, apenas levantou a camisa quando ela fez e afagou gentilmente na parte detrás antes de ir para lavar e passar uma gordura lisa devagar em suas mãos.

Ela estava dormindo agora, também, uma forma arqueada enrolada no canto. Deitou perto do berço de Chastity aos seus pés, com segurança longe das brasas inclinada para o fogo. Vez ou outra, um dos brilhantes pedaços de madeira rompia em um estalo alto em uma pequena fonte de faíscas.

Ele se estendeu cuidadosamente, experimentando. Melhor. Mas se ele estivesse ou não curado pela manhã, ele estava saindo, mesmo se tivesse de se arrastar nos cotovelos para a estrada. Os Hardmans deviam ter sua cama de volta e ele devia ter a sua. A cama de Claire.

O pensamento fez o calor em sua carne crescer através de sua barriga, e ele se contorceu. Seus pensamentos se contorceram, também, pensando nela, e ele pegou um, prendendo-o como um cão desobediente.

*Não é culpa dela,* Ele pensou ferozmente. *Ela não me fez mal.* Pensaram que estava morto — Marsali contara a ele que Lord John se casou com Claire às pressas após a notícia da morte de Jamie, a fim de proteger, não só ela, mas também Fergus e Marsali, de uma prisão iminente.

*Sim, e, em seguida, ele a levou para sua cama!* Os nós dos dedos de sua mão esquerda torceram quando ele curvou o punho. —*Nunca bata na cara, rapaz.* — Dougal dissera há uma vida, uma vez que viu uma luta entre dois dos homens de Colum no pátio em Leoch. —*Bata nas partes moles.*

Eles o atingiram nas partes moles.

—Não é culpa dela— ele murmurou baixinho, voltando inquieto em seu travesseiro. Que maldito *inferno* aconteceu, embora? Como eles fizeram isso por quê?

Ele sentiu como se estivesse febril, sua mente atordoada com as ondas de calor que pulsavam sobre seu corpo. E como meio vislumbres

em sonhos febris, ele viu sua carne nua, pálida e brilhante de suor na noite úmida, escorregadia sob a mão de John Grey...

*Nós dois estávamos fodendo você!*

Parecia como se alguém tivesse colocado um cinto quente em suas costas. Com um profundo grunhido de exasperação, virou-se para o lado novamente e se atrapalhou nas ataduras segurando as queimaduras em sua pele, enfim contorcendo de seu abraço tórrido. Ele deixou-a cair no chão e atirou de volta a colcha que o cobria, buscando o alívio de ar frio sobre o corpo e a mente.

Mas a cabana estava cheia até o teto com o calor abafado do fogo e dos corpos adormecidos, e o calor que inflamava sobre ele parecia ter se enraizado entre as pernas. Ele cerrou os punhos nas roupas de cama, tentando não se contorcer, tentando acalmar sua mente.

—Senhor, deixe-me passar por isso — ele sussurrou em *Gaélico*. — Conceda misericórdia e perdão. Conceda-me entendimento!

O que sua mente lhe deu presente ao invés foi um sentimento fugaz, uma memória de frio, tão surpreendente quanto refrescante. Ela se foi num piscar de olhos, mas deixou o sua mão formigar com o toque de pedra fria, terra fria, e ele agarrou-se à memória, fechando os olhos, na imaginação pressionando sua bochecha quente para a parede da caverna.

Porque era sua caverna. O lugar onde ele se escondera, onde vivera, nos anos após Culloden. Ele pulsou lá, também, pulsando com calor e mágoa, raiva e febre, desolação e o consolo breve e doce dos sonhos onde encontrava sua esposa novamente. E sentia a frieza, o gelo escuro que ele pensou que o mataria, achando-o agora um alívio no deserto de seus pensamentos. Ele se imaginou pressionando nu, escaldado de volta à umidade áspera da parede da caverna, desejando que a frieza passasse por sua carne, para aplacar o fogo.

Seu corpo rígido aliviou um pouco, e ele respirava mais lento, teimosamente ignorando os cheiros maduros de cabana, os vapores de rábano e conhaque de ameixa e mostarda, de cozinhar e corpos lavados sem frequência. Tentando respirar a limpeza aguda do vento norte, os aromas de giestas e urze.

E o que ele cheirava era...

—Mary— ele sussurrou, e seus olhos se abriram, em choque.

O cheiro de cebolas verdes e cerejas, não muito maduras. A ave fria cozida. E o cheiro quente de carne de uma mulher, ligeiramente acre com o suor em suas roupas, coberta pelo cheiro suave de gordura de sabão de soda cáustica de sua irmã.

Ele respirou fundo, como se pudesse capturar mais do mesmo, mas o ar frio das Highlands evadira-se, e ele inalou um gole grosso de mostarda quente, e tossiu.

—Sim, tudo bem— ele murmurou ingrato a Deus. —Você fez o seu ponto.

Ele não procurou uma mulher, mesmo em sua solidão mais extrema, vivendo na caverna. Mas quando Mary MacNab chegou a ele, na véspera da sua partida para uma prisão Inglesa, ele encontrou consolo para sua dor em seus braços. Não como substituta para Claire, que nunca, mas só pela necessidade desesperadora, e aceitando com gratidão, o dom de tocar, de não estar só por pouco tempo. Como ele poderia achar que é errado que Claire fazer o mesmo?

Ele suspirou, se contorcendo para encontrar uma posição mais confortável. A pequena Chastity emitiu um grito fraco, e Silvia Hardman sentou-se ao mesmo tempo em um farfalhar de roupas, curvando-se para o berço com um murmúrio sonolento.

Pela primeira vez, o nome da criança o feriu. O bebê tinha, talvez, três ou quatro meses de idade. Quanto tempo tinha quando Gabriel Hardman foi embora? Mais de um ano, pensou ele, a partir do que as meninas disseram. Chastity[9], na verdade. Era simplesmente o nome natural para acompanhar Prudence e Patience ou para privar a amargura pungente da Sra. Hardman, uma vergonha por seu marido desaparecido?

Ele fechou os olhos e procurou uma sensação de frescor no escuro. Achava que já queimara o suficiente.

## ***Capítulo 20 – De Repolhos e Reis.***

**Ele caminhou até a estrada pouco antes do amanhecer, declinando a ajuda de Prudence e Patience, embora insistissem em vir com ele, no caso dele cair de cara no chão, ser acometido de paralisia súbita, ou cair em um buraco de esquilo e torcer o tornozelo. Elas não tinham uma grande opinião sobre seus poderes, mas eram bem-educadas o**

suficiente para manter uma distância de um pé ou assim em ambos os lados, as mãos pairando como pequenas borboletas brancas perto de seus cotovelos, pálidas na semi escuridão. — Não há tantas carroças chegando, nestes últimos dias, —Patience observou, num tom em algum lugar entre a ansiedade e a esperança. —Poderá não encontrar um meio de transporte adequado.

—Eu deveria estar satisfeito com uma carroça cheia de repolhos — assegurou, já olhando para baixo na estrada. —Meu negócio é um pouco urgente.

—Nós sabemos — lembrou Prudence. —Nós estávamos debaixo da cama quando Washington nomeou você. — Ela falou com certa reserva, como uma Quaker era contrária a prática da guerra, e ele sorriu para o rosto, pequeno e sério, de longos lábios e tipo de olhos como de sua mãe.

—Washington não é a maior das minhas preocupações— disse. —Eu preciso ver minha esposa, antes de ... —Eu preciso ver minha esposa, antes de... antes de tudo.

—Não a vê há muito tempo?—Prudence perguntou, surpresa. —Por quê?

—Eu estava preso em um negócio na Escócia— disse, não querendo falar que ele a viu, há dois dias. —Há uma carroça vindo, você acha?

Era um tropeiro com uma manada de porcos, de fato, e eles foram obrigados a voltar para a beira da estrada com certa pressa, a fim de evitar serem mordidos ou espezinhados. No momento em que o sol foi totalmente para cima, porém, o tráfego regular começou a fluir ao longo da estrada.

A maior parte estava vindo da Filadélfia, como as meninas disseram; famílias legalistas que não podiam pagar um navio fugindo da cidade levavam o que podiam carregar alguns com carroças ou carros de mãos, muitos deles com não mais do que podiam carregam em suas costas ou nos braços. Havia também soldados britânicos em grupos e colunas, presumivelmente ajudando o êxodo e protegendo os legalistas de serem atacados ou roubados, deviam se rebelar contra a milícia de repente saindo das árvores.

Esse pensamento o fez lembrar-se subitamente de John Grey que felizmente estivera ausente de sua mente por várias horas. Jamie brutalmente o empurrou para fora outra vez, murmurando, —Sim,

**fique fora— sob sua respiração. Mas um relutante segundo pensamento lhe ocorreu — e se Grey tivesse se livrado da milícia de uma vez e já fazia seu caminho de volta para a Filadélfia?**

**Por um lado... ele cuidaria da segurança de Claire, ele poderia confiar no homem para isso.**

**Mas por outro lado. Sim, também. Se ele entrasse na casa e encontrasse Grey lá com ela, ele acabaria de levá-la embora com ele. A menos que...**

**—A você ainda sofre com a raiz-forte, amigo Jamie?— Patience perguntou educadamente. — Esse bufo dá muito medo. Talvez seja melhor pegar meu lenço.**

*No bosque longe da Filadélfia*

Grey acordou abruptamente a plena luz do dia e um barril de mosquete espetou na barriga.

—Saia daí com as mãos para cima— disse uma voz fria. Ele tinha o olho bom suficientemente aberto a ver que o seu interlocutor usava casaco esfarrapado de um oficial Continental sobre calças simples e uma camisa de colarinho aberto, coberto por um chapéu desabado apareceu com uma pena de peru através da borda. Milícia rebelde. Com o coração em sua garganta, ele se arrastou com dificuldade fora do seu refúgio e se levantou, com as mãos no ar.

Seu captor piscou ante o rosto machucado de Grey, depois para os grilhões, para as tiras de musselina das bandagens penduradas nas correntes enferrujadas. Ele retirou o mosquete um pouco, mas não baixou. Agora que Grey estava de pé, ele podia ver vários outros homens, bem, todos olhando para ele com extremo interesse.

—Ah... de onde você escapou? — o oficial com o mosquete perguntou cuidadosamente.

Havia duas respostas possíveis, e ele escolheu a opção mais arriscada. Dizer *prisão* provavelmente os teria levado a deixá-lo sozinho ou, na pior das hipóteses, levando-o com eles, mas deixando-o em ferros; de qualquer forma, ele ainda estaria usando algemas.

—Eu fui colocado a ferros por um oficial britânico que me pegou como um espião — disse corajosamente. *Inteiramente verdade, Refletiu, até onde isso iria.*

Um profundo zumbido de interesse correu entre os homens, que se pressionaram mais próximos para olhar para ele, e o barril do mosquete como estímulo foi retirado por completo.

—Na verdade— disse seu captor, que tinha uma voz Inglesa educada, com um leve sotaque de Dorset. —E o que poderia saber o seu nome, senhor?

—Bertram Armstrong— ele respondeu prontamente, com dois de seus nomes do meio. —E que eu possa ter o prazer de conhecer o seu próprio nome, senhor?

O homem apertou os lábios um pouco, mas respondeu prontamente o suficiente.

—Eu sou o reverendo Peleg Woodsworth, Capitão da Décima Sexta Pensilvânia, senhor. E sua companhia? —Grey viu os olhos firmes de Woodsworth irem em direção ao seu barrete frígido com seu lema negro.

—Eu ainda não aderi à companhia, senhor— disse, suavizando o seu próprio sotaque um pouco. —Eu estava no meu caminho para fazê-lo, de fato, quando eu entrei em conflito com uma patrulha britânica e logo depois me encontrei no estreito como você vê. — Ele levantou os punhos um pouco, fazendo barulho. O zumbido de interesse veio de novo, desta vez com uma nota diferente de aprovação.

—Bem, então— disse Woodsworth, e levantou a espingarda ao ombro. —Venha com a gente, Sr. Armstrong, e eu acho que pode ser capaz de aliviar suas angústias.

## ***Capítulo 21 – Malditos Homens***

Assim que alcançaram a trilha, havia cavalos, mulas e carroças, bem como companhias de milícias. Rachel conseguiu carona na carroça de um carroceiro cheia de sacos de cevada, Ian e Rollo trotando ao lado, até Matson Ford, onde eles foram para atender Denzell e Dottie. Eles esperaram no vau até meio da manhã, mas não havia nenhum sinal de carroça de Denzell, e nenhum dos grupos de milícias com quem cruzaram os viram.

—Ele deve ter tido uma situação de emergência— disse Rachel, levantando um dos ombros, resignado. —melhor irmos por nós mesmos; talvez possamos encontrar uma carroça na estrada principal que nos leve

para a cidade —Ela não estava preocupada; a família de qualquer médico estava acostumada a virar por si mesmos de forma inesperada. E adorava ficar sozinha com Ian, conversando, olhando para seu rosto.

**Ian concordou que isso fazia sentido, e chapinharam ao redor, com os sapatos na mão, a água fria um alívio. Mesmo na floresta, o ar estava fechado e quente, inquieto com rondando trovão que nunca chegava perto o suficiente para fazer muita coisa boa.**

**—Aqui— ele disse a Rachel, e entregou-lhe os mocassins, seu rifle, e seu cinto, com o chifre de pó, saco de munição, e punhal. —Afastese um pouco, sim?— Ele podia ver a vasculhar no leito, onde um redemoinho persistente esculpia um buraco profundo, escuro, convidando sombra nas ondulações do riacho. Ele saltou de pedra em pedra e pulou da última, indo para o buraco com um *PLUNK!* como uma pedra caiu. Rollo, de barriga caiu profundamente e encharcado até os ombros, latiu e espirrou em Rachel com água da enorme cauda abanando.**

**A cabeça de Ian pulou para trás em vista, água fluindo, e ele chegou a um braço longo e magro para sua perna, acenando para se juntar a ele. Ela não recuou, mas segurou o rifle para fora no comprimento do braço e levantou uma sobrancelha, e ele deixou cair o convite, lutando para fora do buraco com as mãos e joelhos. Ele se levantou na beira e sacudiu-se como Rollo, salpicando-a com gotas geladas.**

**—Quer entrar?— Ele perguntou, sorrindo quando ele tomou de volta as suas armas. Ele limpou a água de suas sobrancelhas e queixo com as costas da mão. —Vai esfria-la.**

**—Eu faria— disse, espalhando as gotas frias sobre seu rosto suado com uma mão, —se minhas roupas fossem tão impermeáveis aos elementos como as suas coisas são. — Ele vestia calças de camurça gastas e colete com uma camisa de chita de modo que as flores desbotadas vermelhas que eram quase da mesma cor que o fundo castanho. Nem água nem sol faria qualquer diferença para as suas vestes, e ele ficaria assim mesmo molhado ou seco, agora ela, ela se pareceria com um rato afogado durante todo o dia, e um rato imodesto afogado em que, andando e vestindo uma meia transparente com água e aderindo a ela.**

**O pensamento ocasional coincidiu com Ian encurvando em seu cinto, e o movimento chamou sua atenção para a aba de sua tanga, ou melhor,**

para onde estava antes, ele levantou-a para puxar sobre o cinto.

Ela soprou fôlego de forma audível e ele olhou para ela, surpreso.

—Eh?

—Não importa— disse, seu rosto quente, apesar da água fria. Mas ele olhou para baixo, seguindo a direção de seu olhar e depois olhou para trás, para a direita em seus olhos, e ela teve um forte impulso para saltar direto para a água, danos ao seu guarda-roupa, depois.

—Está preocupada com isso?— Disse, as sobrancelhas levantadas, quando ele puxou o pano molhado de sua tanga, depois deixando cair à aba.

—Não — ela disse, com dignidade. — Eu vi um antes de conhecê-lo. Muitos deles. Só não... — *Nem um com o qual estou prestes a estar intimamente familiarizada.* — Apenas não... o seu.

—Eu não acho que seja nada de fora do comum— ele assegurou gravemente. —Mas você pode olhar, se gosta. Apenas no caso. Eu não gostaria que você ficasse assustada, quero dizer.

—Assustada — ela repetiu, dando um olhar. —Se pensa que eu estou, sob quaisquer ilusões sobre o objeto ou o processo, depois de viver durante meses em um acampamento militar... Eu duvido que fique chocada, quando ocorresse dele —Ela parou, um momento tarde demais.

—Crescer— ele terminou por ela, sorrindo. —Eu acho que vou ser muito desapontado se você não estiver, sabe?

Apesar do rubor quente, que parecia correr de seu couro cabeludo direto para baixo em suas regiões inferiores, ela não se chateava que ele se divertisse às suas custas. Tudo o que o fizesse sorrir daquela forma era um bálsamo para seu próprio espírito.

Ele estava profundamente oprimido, desde a terrível notícia do naufrágio do navio chegando, e enquanto ele ia ter com um estoicismo pensou natural para ambos os escoceses e os índios, falando pouco sobre isso, ele não tentou esconder sua desolação dela, também. Ela estava contente de que, apesar de sua própria tristeza pelo Sr. Fraser, para quem ela tinha um respeito e carinho profundo.

Queria saber sobre a mãe de Ian e como ela poderia ter lidado com aquela senhora. Na melhor das hipóteses, ela poderia ter tido uma mãe novamente a si mesma o que teria sido uma grande bênção. Ela não estava esperando o melhor, embora; duvidava que Jenny Murray estivesse mais

satisfeita com a ideia de seu filho se casar com um Amigo do que com uma Quaker encontrando-a poderia ouvir a intenção de Rachel de se casar com um homem violento — e católico, além de tudo. Ela não tinha certeza de qual desses seria maior motivo de consternação, mas *era* certo que as tatuagens de Ian desvaneciam em contraste com a sua filiação com o Papa.

—Como será nosso casamento, você sabe? — Ian, que estava andando na frente dela para empurrar as folhas fora de seu caminho, parando e virando para deixá-la vir ao lado, o caminho aqui era amplo o suficiente para andar lado a lado um pouco.

—Não sei— ela disse com franqueza. — Acho que não posso, em sã consciência ser batizada católica, não mais do que você em sã consciência poderia viver como um Amigo.

—Os Amigos casam apenas com outros Amigos, então?— Um lado de sua boca se curvou. — Acho que a escolha pode ser um pouco escassa. Ou vocês acabam se casando com seus primos?

—Eles se casam com outros Amigos ou eles se casam fora do grupo — disse, ignorando o escárnio sobre primos. — Com raras exceções. Um casamento entre um amigo e um não amigo pode ser permitido em caso de circunstância extrema, depois de uma comissão esclarecer e conferir com a noiva e o noivo, mas é raro. Temo que, até mesmo Dorothea pode ter dificuldade, apesar de sua sinceridade e muito evidente conversão.

Ian riu ao pensar na noiva de Denny. Lady Dorothea Jacqueline Benedicta Grey não era a imagem que alguém faria de uma Quaker recatada — embora, para falar a verdade, Rachel achava que qualquer um que desse por certo que uma Amiga seria recatada nunca tinha visto uma.

— Perguntou ao Denny o que eles pretendem fazer?

— Não — ela admitiu. — Para dizer a verdade, estou um pouco receosa de perguntar.

As sobrancelhas de penas de Ian dispararam.

—Receosa? Por quê?

—Tanto por conta da situação dele quanto pela nossa. Você sabe que fomos colocados para fora do nossa Sociedade na Virgínia, ou melhor, ele foi, e eu fui com ele. Isso o afetou muito, e eu sei que ele quer acima de tudo se casar com Dottie corretamente, diante de uma Sociedade da qual os dois pertençam.

Ian lançou um olhar rápido, e ela sabia que ele estava prestes a perguntar se ela se sentia da mesma forma. Ela se apressou em diante, para evita-lo.

—Há outros Amigos na mesma situação, quais sejam: homens que não podem suportar a ideia de capitulação do Rei e se sentem obrigados a ajudar o exército continental. *Quakers de combate*, como chamam a si mesmos — Ela não pôde deixar de sorrir ao ouvir o nome; ele conjurou tais imagens incongruentes.

— Alguns deles organizam reuniões de vez em quando em Valley Forge, mas eles não são aceitos pela Sociedade Anual de Filadélfia. Denny tem falado com eles, mas não se juntou a eles ainda.

—Sim?— A trilha diminuiu novamente e Ian avançou, virando a cabeça para falar por cima do ombro para que ela soubesse que ele participava. Ela estava um pouco distraída, a pele de veado estava secando lentamente, moldando-se às longas pernas vigorosas de Ian, e lembrando-a de sua tanga.

—Sim— ela disse, recuperando sua linha de pensamento. —A coisa é — estás familiarizado com disputas religiosas, Ian?

Isso o fez rir de novo.

—Achei que não, — ela disse secamente. —Eu estou. E a coisa é, quando um grupo de... de... pessoas que não concorda com um ensinamento central...

—Hereges — ele ofereceu amavelmente. — Os Quakers não queimariam as pessoas, não é?

—Aqueles que são guiados pelo espírito a seguir um caminho diferente, digamos, — ela disse, um pouco tensa. —E, não, eles não queimariam. Mas o que estou falando é que, quando tal grupo se rompe sobre de algum ponto de doutrina, eles tendem a se apegar ainda mais rigorosamente ao resto de suas crenças e tornar-se mais forte ainda do que o grupo original.

A cabeça de Ian levantou; assim como a de Rollo. Ambos os caçadores viraram para lá e para cá, as narinas dilatadas, mas, em seguida, sacudiram um pouco e voltaram a caminhar. —Sim, e daí?— Disse Ian, lembrando-a de seu ponto.

**—Assim, mesmo que Denny convença-se de que ele deve pertencer a uma Sociedade dos Quakers de combate, eles podem ser muito mais relutantes em aceitar um membro como Dottie. Embora, por outro lado, eles devem estar dispostos a fazê-lo, que *pode* significar que eles pelo menos, considerem o nosso casamento... —Ela tentou parecer esperançosa sobre essa perspectiva, mas na verdade achava que os porcos poderiam voar antes de qualquer grupo de Amigos aceitassem Ian Murray ou vice-versa. — Está prestando atenção, Ian?— ela**

perguntou um pouco bruscamente, para o homem e o cão que ainda estavam se movendo, mas com uma nova cautela. As orelhas de Rollo inclinadas em alerta e Ian trocou seu rifle do ombro à mão. Em poucos passos, ela ouviu o que eles ouviram — os sons distantes de rodas de carroça e pés marchando. Um exército em movimento, e o pensamento fez os pelos finos de seus braços formigarem, apesar do calor.

—O quê? — Ian virou um rosto em branco para ela, em seguida, caiu em si e sorriu. —Bem, não. Eu queria saber o que poderia ser uma circunstância extrema. Para os amigos.

Rachel perguntara-se o mesmo, ainda que rapidamente. — Bem... — Ela começou hesitante. Na verdade, ela não tinha ideia de que tipo de circunstância terrível faria tal casamento pensável, muito menos aceitável.

—Só estava pensando — ele continuou, antes que ela pudesse pensar em algo. —Tio Jamie me contou como foi quando seus pais casaram. Seu pai roubou sua mãe de seus irmãos, e eles foram obrigados a se esconder onde pudessem, porque os Mackenzie de Leoch não era nada do que queriam enfrentar, quando descobrissem.

Seu rosto estava animado, contando a história.

—Eles não poderiam se casar na igreja, porque os proclamas não poderiam ser anunciados, e seriam descobertos no momento em que saíssem do esconderijo para falar com um padre. Então eles ficaram escondidos até que Ellen, que seria a minha avó, sim? Estivesse grande com uma criança, e depois saísse. Seus irmãos não poderiam se interpor ao casamento, nesse ponto, e assim eles se casaram. —Ele encolheu os ombros. —Então, eu estava apenas me perguntando: será que os Amigos acham que uma criança chegando seria uma circunstância calamitosa?

Rachel olhou para ele.

—Se pensas que vou me deitar contigo sem casamento, Ian Murray — disse, em tom comedido, — não tens noção do quanto suas próprias circunstâncias pode tornar-se calamitosa.

No momento em que chegou à estrada principal que levava a Filadélfia, o som cresceu espantosamente — assim como o tráfego responsável por ele. Normalmente uma estrada movimentada, transportando passageiros e carroças cheias de produtos oriundos e para a zona rural nas proximidades, estava quase atravancada agora, mulas zurrando, crianças gritando, pais

atormentados chamando por seus descendentes, empurrando carriolas e carrinhos de mão cheios de posses ao longo da estrada, muitas vezes com um porco ressentido rebocado ao lado por uma corda em volta de seu pescoço ou uma cesta de galinhas balançando no topo da pilha.

E dentro, ao redor, e em meio à luta dos civis que fugiam a pé, estava o exército. Colunas marchando, duas a duas, tiras de couro e polainas rangendo enquanto suavam em seus casacos, enfrentando o calor em seus uniformes desgastados. Pequenos pelotões de cavalaria, ainda muito bem em seus cavalos, muitos vestidos com verde hessianos e, aqui e ali, companhias de infantaria estacionadas na beira da estrada, oferecendo suporte para os oficiais que estavam parando as carroças, às vezes comandando, às vezes os mandando seguir.

Ian fez uma pausa na sombra das árvores, para julgar a situação. O sol estava quase a pino — tempo de sobra. E eles não tinham nada que o exército fosse querer; ninguém os impediria.

Ele estava ciente das companhias de milícias, também. Encontraram muitas, passando pela floresta. Estes, em sua maioria, ficavam fora da estrada, fazendo o seu caminho cuidadosamente por entre as margens, em um, dois ou três, sem esconder-se, mas não chamando a atenção para si, também.

—Olhe!— Rachel exclamou, apertando-lhe a mão em seu braço. — É William!— Ela apontou para um oficial alto do outro lado da estrada e olhou para Ian, seu rosto brilhante como o sol sobre as águas. —Precisamos falar com ele!

A mão de Ian apertou em seu ombro, em resposta, e ele sentiu a urgência de sua carne, mas também a terrível fragilidade dos ossos sob ela.

—Você não — ele disse, e ergueu o queixo em direção às fileiras de soldados descontentes se arrastando, suando e com manchas de poeira. — Não gostaria que ficasse em qualquer lugar à vista dele.

Seus olhos se estreitaram só um pouco, mas Ian foi casado uma vez e prontamente tirou a mão de seu ombro.

—Quer dizer— disse apressadamente, —Eu vou falar com William. Vou trazê-lo aqui para você.

Rachel abriu a boca para responder, mas ele já fazia seu caminho apressadamente por entre os arbustos de triagem antes que ela pudesse falar.

—Pare— ele disse com firmeza para Rollo, voltando-se por um instante. O cão, que não saiu de seu lugar confortável aos pés de Rachel, contraiu

uma orelha.

William estava parado à beira da estrada, parecendo quente, cansado, descabelado e completamente infeliz. Assim ele poderia, Ian pensou com alguma simpatia. Ele sabia que William rendera-se em Saratoga; seu destino, provavelmente era a Inglaterra, se tivesse sorte, ou uma longa liberdade condicional em algum alojamento áspero em algum lugar distante ao norte. Em ambos os casos, o seu papel ativo como um soldado terminara há algum tempo.

Seu rosto mudou abruptamente à vista de Ian. Surpresa, o início de indignação, então uma rápida olhada em volta, a decisão de fixação para baixo sobre suas feições. Ian ficou surpreso por um momento que ele pudesse ler o rosto de William com tanta facilidade, mas depois lembrou por que. Tio Jamie guardou sua própria expressão na companhia, mas não com Ian. O rosto de Ian não mostrava seu conhecimento, no entanto, mais do que William agora mostrava mais do que um reconhecimento irritável.

—Soldado— disse William, com um breve aceno. O cabo, a quem ele falou deu a Ian um breve olhar, indiferente, então saudou William e mergulhou de volta para a corrente marchando.

—O que diabos você quer? —William passou uma luva suja em seu rosto suado. Ian estava levemente surpreso com essa hostilidade evidente; eles se separaram em boas condições na última vez que se viram não havendo pouca conversa na época, William tendo apenas colocando uma bola de pistola através do cérebro de um louco tentando matar Rachel, Ian, ou ambos, com um machado. O braço esquerdo de Ian curou o suficiente para dispensar uma luta mas ainda estava duro.

—Há uma senhora que gostaria de falar com você— disse, ignorando os olhos apertados de William. Os olhos relaxaram um pouco.

—Senhorita Hunter?— Um pequeno brilho de prazer iluminou os olhos de William, e os de Ian diminuíram ligeiramente. *Sim, bem*, pensou ele, *deixe-a dizer a ele, então*.

William acenou para outro soldado no fim da fila, que acenou de volta, então deu um passo para fora da estrada seguindo Ian. Alguns soldados olharam para Ian, mas ele era comum, a linha dupla pontilhada de tatuagem em seu rosto, seus calções de camurça, e sua pele bronzeada pelo sol marcando-o como um índio batedor, um bom número deles desertou do exército britânico, mas ainda havia um bom número foi deixado, em sua maioria legalistas como Joseph Brant, que ocupou terras na Pensilvânia e

Nova York; também havia alguns divagando entre destacamentos que vieram das nações Iroquês e que lutaram em Saratoga.

—William!— Rachel voou pela pequena clareira e apertou as mãos do capitão alto, sorrindo para ele com tanta alegria que ele sorriu de volta para ela, toda irritabilidade desaparecendo Ian ficou um pouco para trás, para dar tempo. Não houve nenhum, realmente, com Rollo rugindo e rosnando e destruindo a carcaça velha de Arch Bug, Rachel esparramada no chão, paralisada de horror, ele mesmo deitado no chão, sangrando, e metade da rua gritar ameaças.

William puxou Rachel de pé e empurrou-a para os braços da primeira mulher disponível, que, por acaso, era Marsali.

—Tirem-na daqui!—William gritou. Mas Rachel, a noiva de cabelos castanhos de Ian, que estavam menos castanhos com muito sangue respingado, se recuperou totalmente em um instante, rangendo seus dentes, — Ian a vira fazer isso, perplexo, em choque, enquanto estava deitado no chão, vendo as coisas acontecerem como em um sonho — passou por cima do corpo do velho Arch, caindo de joelhos na bagunça do cérebro e sangue, envolvendo seu avental apertado sobre o braço ferido e amarrando com o lenço, e depois com Marsali, o arrastaram para fora da tipografia e para a rua, onde ele imediatamente desmaiou, acordando apenas quando tia Claire começou a costurar seu braço.

Ian não tivera tempo de agradecer a William, mesmo se ele tivesse sido capaz de falar, e ele quis transmitir seus próprios agradecimentos, logo que pode. Mas é evidente que Rachel queria falar com ele primeiro, e ele esperou, pensando no quanto ela parecia bonita, seus olhos cor de avelã mesclado com forte traço de verde, o rosto inteligente e rápido como uma chama.

—, mas parece cansado, William, e magro — ela estava dizendo, desenhando um dedo de desaprovação do lado de seu rosto. — Eles não o estão alimentando? Achei que somente os Continentais estavam com poucas rações. —

— Oh. Eu... eu ainda não tive tempo recentemente. — A felicidade que iluminou o rosto de William enquanto ele falava com Rachel desapareceu visivelmente. — Nós, bem, você entende. — Ele acenou com o braço em direção à estrada invisível, onde os cânticos roucos dos sargentos soaram como a convocação de corvos descontentes acima do arrastar de pés.

— Entendo. O que está acontecendo?

William esfregou as costas da mão na boca, e olhou para Ian.

— Suponho que ele não deveria dizer, — Ian disse, cruzando e tocando o braço de Rachel, sorrindo para William como um pedido de desculpas. — Somos o inimigo, a *nighean donn*.

William olhou atentamente para Ian, pegando o tom de sua voz, depois de volta para Rachel, cujo braço ele ainda estava segurando.

— Estamos noivos, William, Ian e eu — disse, gentilmente puxando a mão dele e colocando na de Ian.

O rosto de William mudou abruptamente, perdendo seu aspecto de felicidade por completo. Olhou Ian como algo notavelmente perto de desagrado.

— Vocês estão — disse categoricamente. — Suponho que devo desejar toda a felicidade, então. Bom dia. — Ele virou as costas, e Ian, surpreso, estendeu a mão para puxá-lo de volta.

— Espere — ele disse, e depois William virou e o golpeou na boca.

Ele estava deitado de costas nas folhas, piscando em descrença, enquanto Rollo arremessava sobre ele e cravava os dentes em alguma parte macia de William, a julgar pelo grito e o breve grito de espanto de Rachel.

— Rollo! Cão *Ruim* — e é um cão ruim, também, William Ransom! O que o diabo o incitou a fazer?

Ian sentou-se, com tocando suavemente o lábio, que estava sangrando. Rollo recuou um pouco ante a repreensão de Rachel, mas manteve um olho amarelo fixo em William e um lábio enrolado levantado sobre os dentes arreganhados, o estrondo mais fraco de um rosnado vindo de seu peito enorme.

— *Fuirich* — Ian disse brevemente, e ficou de pé. William se sentou e estava examinando a panturrilha, que estava sangrando por sua meia de seda rasgada, embora não muito. Quando ele viu Ian, ele ficou de pé. Seu rosto estava vermelho e ele parecia estar disposto a cometer assassinato ou cair em prantos. *Talvez ambos*, Ian pensou, surpreso.

Teve o cuidado de não tocar William novamente, mas ficou um pouco para trás, na frente de Rachel, apenas no caso de o homem querer atingi-lo de novo. Ele *estava* armado, afinal de contas; havia uma pistola e uma faca em seu cinto.

— Está tudo bem, homem? — Perguntou Ian, no mesmo tom de preocupação leve que ouviu o uso da companhia e, em seguida, sua mãe ou

tio Jamie. Evidentemente que era na verdade o tom certo para levar com um Fraser prestes a perder as estribeiras, por William respirava como um Grampus por um momento ou dois, então estaria sob controle.

—Peço perdão, senhor— disse, de volta duro como uma vara de bordo de açúcar. —Isso foi imperdoável. Farei... deixe. Eu e a Senhorita Hunter... Eu... —Ele virou-se, tropeçando um pouco, e que deu tempo de Rachel rodar na frente de Ian.

—William!— Seu rosto estava cheio de aflição. —O que é isso? Tenho... Ele olhou para ela, com o rosto contorcido, mas balançou a cabeça.

—Você não fez nada— disse, com um esforço óbvio. —Vocês... você nunca poderia fazer qualquer coisa... —Ele virou-se em direção a Ian, punho fechado sobre a sua espada. —Mas  *você*, Maldito baixo seu filho da puta! *Primo!*

—Oh, — disse Ian estupidamente. —Você bem sabe, então.

—Sim, eu sei idiota! Você poderia ter me dito porra!

—Saber o quê?— Rachel olhou dele para William e de volta.

—Não diga a ela!— William estalou.

—Não seja bobo— disse Rachel razoavelmente. —Claro que ele vai me dizer, no momento em que estivermos sozinhos. Não gostaria de me contar você mesmo? Acho que talvez possa não confiar em Ian dizendo corretamente. — Seu olhar descansou no lábio de Ian, e sua própria boca se contorceu. Ian poderia ter se ofendido com isso, a ressalva de que a angústia de William era tão aparente.

**—Não é realmente uma desgraça... — Ian começou, mas então entrou às pressas de volta quando o punho cerrado William recuava.**

**—Acha que não?—William estava tão furioso, sua voz era quase inaudível. — Descobrir que eu sou... sou... o... o cria de um criminoso escocês? Que eu sou um fodido *bastardo*?**

**Apesar de sua determinação em ser paciente, Ian sentiu seu próprio temperamento começar a subir.**

**—Criminoso, além disso— ele retrucou. — Qualquer homem poderia estar orgulhoso de ser o filho de Jamie Fraser!**

**—Oh— disse Rachel, prevenindo o próximo comentário aquecido de William. — Isso.**

**— O que?—Ele olhou para ela. — Que diabo você quer dizer com *isso*?**

— Achávamos que deve ser o caso, Denny e eu —Ela levantou um ombro, apesar de manter uma estreita vigilância sobre William, que parecia que estava prestes a explodir como uma argamassa de 12 quilos. —, mas demos por certo que não queria falar do assunto. Eu não sabia que você — como você não sabia?—Ela perguntou curiosamente. — A semelhança...

—Foda-se a semelhança!

Ian esqueceu-se de Rachel e atingiu a cabeça de William com um baque duplo de punho que o deixou de joelhos, em seguida, o chutou no estômago. O chute pousou o atingiu em cheio..., ela teria terminado o assunto ali mesmo, mas William era um bom negócio, mais rápido do que Ian esperava que ele fosse.

Ele torceu ao lado, pegou o pé de Ian e puxou. Ian bateu no chão sobre um cotovelo, enrolado e pegou ouvido William. Ele estava vagamente consciente de Rachel gritando e ficou momentaneamente triste por isso, mas o alívio da luta era muito grande para pensar em outra coisa, e ela desapareceu quando sua fúria aumentou.

Havia sangue em sua boca e as orelhas estavam zunindo, mas ele tinha uma mão no pescoço de William e a outra o atacando nos olhos, quando as mãos o agarraram pelos ombros e o arrancaram do corpo de primo que se contorcia.

Ele balançou a cabeça para limpá-la, ofegante e empurrando a quem quer que o estivesse segurando lá foram dois dos vilões. Isso valeu uma pancada nas costelas que arrancou o pouco fôlego que tinha.

William não estava fazendo muito melhor. Ele levantou-se, limpando a parte de trás da sua mão debaixo de seu nariz, que estava sangrando profusamente. Ele olhou para o resultado e fez uma careta de desgosto, limpando a mão em seu casaco.

—Leve-o — ele disse, meio sem fôlego, mas no controle de si mesmo. Um dos seus olhos estava inchado e fechado, mas o outro lançou um olhar a Ian de simples sede de sangue e, apesar das circunstâncias, Ian mais uma vez assustou-se ao ver uma das expressões do tio Jamie em outra face.

Houve um rugido ensurdecido de Rollo. Rachel tinha a nuca do grande cão torcida e apertada, mas Ian sabia bem o suficiente para que ela não poderia segurá-lo se ele decidisse endurecer William. —*Fuirich, um cu!*— ele disse, com toda a autoridade que pode convocar. Os soldados matariam Rollo sem pensar duas vezes se ele pulasse na garganta de William. O cão

recuou para baixo sobre as patas traseiras, mas ficou tenso, os lábios puxados para trás a partir de dentes pingando saliva e um profundo rosnado constante ecoando através de seu corpo.

William olhou para Rollo, então virou as costas para o cão. Ele cheirou, apregoados, e cuspiu sangue para um lado, depois continuou, ainda respirando com dificuldade. —Leve-o para frente da coluna, para o coronel Prescott. Ele está preso por agredir um soldado; ele vai ser tratado no acampamento esta noite.

—O que quer dizer, *tratado*?— Rachel exigiu, empurrando seu caminho passado os dois soldados segurando Ian. —E como se atreve, William Ransom? Como... como *ousa*? —Ela estava pálida de fúria, os pequenos punhos cerrados e tremendo em seus lados, e Ian sorriu para ela, lambendo o sangue fresco de seu lábio cortado. Ela não estava prestando atenção a ele, no entanto, toda a sua ira focada em William, que se ergueu em toda sua estatura e olhou para baixo da ponte íngreme do nariz para ela.

—Isto já não é a sua preocupação, minha senhora— disse, tão friamente quanto um homem que estava vermelho como um pedaço de flanela e soltando faíscas pelas orelhas.

Ian pensou que Rachel poderia realmente chutar as canelas de William, e teria pagado um bom dinheiro para ver isso, mas seus princípios Quaker levaram a melhor sobre a situação e ela endireitou-se a ela própria de significativa altura — era tão alta quanto tia Claire — e empurrou o queixo para cima belicosamente em William.

—Você é um covarde e um bruto— declarou ela no topo de sua voz. Balançando rodada para os homens segurando Ian, ela acrescentou: — Assim como vocês brutos e covardes, que estão seguindo uma ordem tão carente de justiça!

Um dos soldados riu, então tossiu quando ele chamou a atenção dos olhos injetados de William sobre ele.

—Leve-o, — William repetiu. — Agora. — E, virando as costas, se afastou. Havia uma larga faixa de poeira da estrada pálida nas costas de seu casaco e uma boa dose dela em seu cabelo.

—Melhor ficar fora disso, senhorita, — um dos soldados aconselhou Rachel, sem maldade. —Você não quer ficar entre as tropas, como, e não em seu próprio país.

—Não vou ficar de fora— disse Rachel, estreitando os olhos para o homem de uma forma que lembrou Ian de uma pantera prestes saltar. —O

que pretende fazer com este homem?— Ela apontou para Ian, que estava recebendo o seu próprio fôlego agora.

—Rachel— ele começou, mas foi interrompido por outro soldado.

—Agredir um oficial? Provavelmente quinhentas chicotadas. Não o enforcariam, suponho que não, —o homem acrescentou desapaixonadamente. —Vendo como o jovem Galahad não está aleijado, eu quero dizer.

Rachel ficou ainda mais branca com isso, e Ian empurrou duro em seus braços, ficando os pés solidamente sob ele.

—Vai ficar tudo bem, *um nighean*— Disse, esperando parecer reconfortante. — Rollo! *Sheas!* Mas ele está certo, — o acampamento não é lugar para você, e não me fará nenhum bem vindo comigo. Volte para a cidade, sim? Conte a Tia Claire o que aconteceu — ela pode falar com *L-ungk!*—Um terceiro soldado, vindo do nada, atingiu na boca do estômago com uma a ponta rotunda do mosquete.

—Do que tanto está falando? Vamos! E você, —O soldado apontou a Rachel e o cão, carrancudo. —Shoo. — Ele empurrou a cabeça para os captores de Ian, que gentilmente rebocaram Ian ao redor.

Ian tentou virar a cabeça para dar a Rachel uma palavra final, mas empurrou de volta e com firmeza no caminho.

Ele tropeçou ao longo, de preferência a ser arrastado, pensando furiosamente. Tia Claire era sua melhor chance, provavelmente a única. Se ela pudesse fazer Lord John tomar um lado, falar com Willie ou diretamente a esse coronel Prescott... Ele olhou para o sol. Meio-dia, mais ou menos. E os ingleses na marcha realizando a flagelação de rotina e outra punição após a refeição da noite; ele viu de vez em quando, e ele vira as costas de seu tio agora e, em seguida, também. Um frio rastejou através de sua barriga dolorida.

Seis horas. Talvez.

Ele arriscou outro olhar rápido para trás. Rachel estava correndo, Rollo galopando ao lado.

**William limpou o rosto com o que restava de seu lenço. Suas feições pareciam estranhas para ele, aglomeradas e inchadas, e ele explorou o interior de sua boca cuidadosamente com sua língua, sem dentes faltando, talvez um par solto e um corte coçando dentro de sua bochecha. Não era ruim. Achava que Murray estivesse pior e estava contente com isso.**

Ainda estava tremendo de choque, mas com o desejo de rasgar alguém membro a membro. Ao mesmo tempo, estava começando a *sentir* o choque, embora pensamentos conscientes ainda viessem em fragmentos fugazes. Que diabo ele fez?

Uma pequena coluna de soldados desfilou alguns deles abertamente olhando para ele. Lançou a eles um olhar vicioso, e suas cabeças bateram para frente tão rápido que ele podia ouvir o rangido de couro de suas ações.

*Ele não fez isso. Murray o atacara. Quando Rachel Hunter perdeu a paciência, chamando-o de covarde bruto? Ele sentiu as cócegas do sangue rastejando de uma narina e estancado, bufando no pano imundo. Ele viu alguém se aproximando, chegando até a estrada, e se endireitou, colocando o lenço no bolso.*

—Falando da maldita diaba — ele murmurou, e tossiu sua garganta em carne viva com o gosto de ferro do sangue.

Rachel Hunter estava pálida de raiva. Aparentemente, não viera para pedir desculpas por seus insultos. Ela arrancou a touca e segurou-a em uma mão ela pretendia jogá-lo nele? Ele perguntou-se com um espanto enevoado.

—Senhorita Hunter— ele começou com uma voz rouca, e inclinou, ele só temia que o movimento fizesse seu nariz sangrar novamente.

—Não pode fazer isso, William!

—Fazer o quê?— Disse, e ela deu um olhar que poderia ter chamuscado os pequenos pelos de seu corpo, se ele não estivesse ainda quente como o ferro fundido em si mesmo.

—Não seja obtuso!— Ela retrucou. —O que o possuía, para...

—O que possuiu seu — seu *noivo*? — Ele retrucou. —Eu o ataquei? Não!

—Sim, você fez! Você o feriu na boca, sem a menor provocação...

—E ele me bateu na cabeça, sem o menor aviso! Se alguém é um covarde...

—Não se atreva a chamar Ian Murray de covarde, você... você...

—Eu o chamarei malditamente como — como ele é. Exatamente como o seu maldito tio, maldito bastardo Escocês fod... quero dizer...

—O tio dele? Seu *pai*?

—Cale a boca!— Ele gritou, e sentiu a onda de sangue em seu rosto, picando todos os lugares crus. —Não o chame de meu pai!

Ela respirou entrecortado pelo nariz por um momento, olhando para ele.  
—Se permitir que isso seja feito, William Ransom, eu vou, eu vou...

**William podia sentir a poça de sangue na barriga e pensou que ele poderia desmaiar, mas não por causa de suas ameaças.**

**—Você vai o quê?— Ele perguntou, meio sem fôlego. —Você é uma Quaker. Não acredita em violência. Quer dizer, você não pode ou pelo menos não faz — corrigiu-se, vendo o olhar perigoso em seus olhos— me apunhalar. Você provavelmente nem mesmo me atacará. Então o que você tem em mente?**

**Ela bateu nele. Sua mão sacou como uma serpente e deu um tapa no rosto com força suficiente para fazê-lo cambalear.**

**—Então, agora que condenou teu parente, repudiou a teu pai, e me fez trair meus princípios. O que vem depois?**

**—Oh, maldito inferno— ele disse, e agarrou seus braços, puxou-a mais ou menos a ele, e beijou-a. Ele soltou e se afastou rapidamente, deixando-a de ofegante e de olhos esbugalhados.**

**O cão rosnou para ele. Ela olhou para ele, cuspiu no chão a seus pés, em seguida, limpou os lábios com a manga e, virando-se, marchou, o cão em seus calcanhares lançando um olhar de olhos vermelhos em William.**

**—Cuspir nas pessoas é uma parte de seus sangrentos *princípios*? — Gritou atrás dela.**

**Ela virou-se, com os punhos cerrados ao lado do corpo.**

**—Agredir mulheres é parte dos teus?— Ela gritou de volta, para a diversão dos soldados de infantaria que estavam ainda de pé pela estrada, inclinando-se sobre as suas armas e escancarado no show fornecido.**

**Arremessando o boné no chão a seus pés, ela girou nos calcanhares e marchou para longe, antes que ele pudesse dizer algo mais.**

Jamie avistou um pequeno grupo de casacas vermelhas descendo a estrada e caiu no banco do carroça, chapéu puxado sobre os olhos. Ninguém estaria olhando para ele, com o exército britânico em movimento, e mesmo se fosse reconhecido, provavelmente ninguém se incomodaria tentar deter ou questioná-lo no meio de tal êxodo, mas a visão de soldados britânicos provavelmente colocaria um nó em seu cóccix para o resto de sua vida, e hoje não foi exceção.

Virou a cabeça casualmente longe em direção ao lado oposto da estrada, os soldados passaram, mas, em seguida, ouviu um alto —*Ifrinn!*— em uma voz muito familiar, moveu-se num supetão em reflexo para encontrar-se olhando diretamente para o rosto horrorizado de seu assustado sobrinho Ian.

Estava igualmente assustado e quase tão horrorizado em ver Ian, as mãos amarradas às costas, coberto com terra e sangue e, obviamente, ferido, sendo empurrado ao longo de dois soldados britânicos, com o rosto vermelho e suando em seus uniformes pesados.

Reprimiu o desejo imediato de pular fora do carroça e olhou fixamente para Ian, desejando que o rapaz não falasse. Ele não o fez, apenas arremeteu a cabeça para trás, com os olhos esbugalhados para fora das órbitas e seu rosto pálido, como se tivesse visto um fantasma, e passou, sem palavras.

—Jesus— Jamie murmurou baixinho, percebendo. —Ele acha que viu minha assombração.

—Quem pensa o quê?— Perguntou o condutor, embora sem muito interesse.

—Acho que tenho que parar aqui, senhor, se pudesse ser gentil e parar? Sim, obrigado —sem pensar em suas costas, ele desceu da carroça; ardeu, mas não havia a alarmante facada de dor pela perna — e se tivesse havido, ainda teria ido até a estrada o mais rápido que pudesse, **porque ele viu uma pequena figura um pouco à frente, correndo como um coelho com a cauda em chamas. A figura era claramente feminina, ela estava acompanhada por um cão de grande porte, e ele tinha o pensamento repentino que pode ser Rachel Hunter.**

Era, e ele acabara de conseguir pegá-la, agarrando-a pelo braço, enquanto ela corria, anáguas seguras em seus braços e o pés martelando a poeira.

—Venha comigo, moça— disse com urgência, pegando-a pela cintura e puxando-a para fora da estrada. Ela soltou um grito abafado e, em seguida, um muito mais alto um, quando ela olhou para cima e viu seu rosto.

—Não, eu não estou morto — disse apressadamente. —Mais tarde, sim? Volte comigo pela estrada agora, ou então alguém virá para ver se eu a estou estuprando nos arbustos. *Ciamar um thu tha, um Choin?* — Acrescentou a Rollo, que estava cheirando ele diligentemente.

Ela fez um barulho estranho de gargarejo em sua garganta e continuou a olhar, mas depois de um instante, piscou e acenou com a

cabeça e eles estavam de volta na estrada. Jamie sorriu e reconheceu um homem que parou no meio da estrada, deixando cair às alças de um carrinho de mão que estava empurrando. O homem olhou desconfiado para eles, mas Rachel, depois de espanto atordoado por um momento, acenou para ele com um sorriso medonho, e ele deu de ombros e pegou o carrinho de mão.

— O qu... que— ela resmungou. Ela parecia como se pudesse entrar em colapso ou vomita, o peito arfava e seu rosto ia do escarlate ao branco e escarlate novamente. Ela perdeu sua toca, e seu cabelo escuro estava emaranhado com suor e aderindo ao rosto.

—Mais tarde— disse de novo, mas com cuidado. —O que aconteceu com Ian? Onde eles estão o levando?

Entre suspiros dolorosos, ela disse a ele o que aconteceu.

—*Um mh'ic um diabhail*— ele disse suavemente, e se perguntou por uma fração de segundo o que — ou para quem ele quis dizer isso. O pensamento desapareceu, embora, quando ele olhou para cima da estrada. Talvez um quarto de milha de atrás, ele podia ver o grande e lento nó de evacuados, uma massa de carroças se alastrando lentamente e pessoas caminhando, com as redes de colunas vermelhas de soldados dividindo a fluxo em volta deles, aproximando-se agora quatro lado a lado.

—Sim, então, — ele disse severamente, e tocou o ombro de Rachel. — Não se preocupe, moça. Respire e volte atrás de Ian, mas não chegue perto o suficiente para que os soldados tomem conhecimento de você. Quando ele estiver livre, diga para voltarem de imediato para a cidade. Vá para a tipografia. Oh e a melhor coleira do cão será o seu cinto. Não gostaria que ele comesse alguém.

—Livre? Mas o que — o que você vai fazer? —Ela tirara o cabelo de seus olhos e estava mais calma, embora o branco de seus olhos ainda mostrassem tudo. Ela lembrava um jovem texugo na baía, mostrando os dentes em pânico, e o pensamento o fez sorrir um pouco.

—Pretendo ter uma palavra com meu filho — disse, e, deixando-a, caminhou com determinação pela estrada.

**Distinguiu William a uma distância considerável. O jovem estava em pé ao lado da estrada, com a cabeça descoberta, desgrenhado, e um pouco maltratado, mas, evidentemente, tentava parecer calmo; suas mãos estavam dobradas nas costas, e ele parecia estar contando às carroças que passavam por ele. Ele estava sozinho, e Jamie apressou o**

passo para alcançar o rapaz antes que alguém viesse falar com ele; precisava de privacidade para a sua própria conversa.

Estava razoavelmente certo de Rachel não contou a ele tudo sobre o recente alvoroço e perguntava-se se ela foi, em parte, a causa do mesmo. Ela *dissera* que o problema começou logo depois que ela disse William sobre seu noivado com Ian. Sua história fora um pouco confusa no geral, mas tinha a essência suficientemente bem, e sua mandíbula se apertou quando chegou a William e viu o olhar em seu rosto.

*Cristo é assim que eu pareço quando estou irado?* perguntou-se brevemente. Era desanimador para falar com um homem que parecia como se não pedisse mais nada ao mundo que não fosse à chance de despedaçar alguém membro a membro e dançar sobre os restos.

—Bem, desça rapaz— disse em voz baixa. —E nós vamos ver quem dança. — Ele deu um passo ao lado de William e tirou o chapéu.

—Você — disse sem rodeios, sem querer chamar o moço por qualquer título ou nome, — vêm de lado. Agora.

O olhar no rosto de William mudou de assassinato incipiente para o mesmo olhar de horror assustado Jamie acabara de surpreender em Ian. Tivessem os assuntos corrido de outra forma, ele teria rido. Da forma como era, agarrou William duro pelo braço, empurrou desequilibrando-o, e mandou-o ao abrigo de um telão de mudas antes que ele pudesse fincar os pés.

—Você!— William desabafou, arrancando solto. —Que diabos está fazendo aqui? E onde está o meu o que você... —Ele fez um gesto convulsivo de demissão. —O que *fazendo* aqui?

—Conversando com você, se você fechar a boca por um momento— disse Jamie friamente. —Ouça-me, rapaz, porque eu estou dizendo a você o que você vai fazer.

—Você não está me dizendo *nada* —William começou furiosamente, e levantou um punho. Jamie agarrou-o pelo braço de novo, e desta vez enfiou os dedos com força no local que Claire mostrou, na parte inferior do osso. William soltou um estrangulado —Agh!— E começou a ofegar, os olhos arregalados.

—Você alcançará os homens que enviou com Ian e dirá para libertá-lo— disse Jamie uniformemente. —Se não o fizer, eu descerei ao acampamento sob uma bandeira de trégua, onde o levarão, me apresentarei, direi ao

comandante quem *você* é, e explicarei o motivo da briga. Você estará ali ao meu lado. Faça-me entender? — Perguntou ele, aumentando a pressão de seus dedos.

—Sim!— A palavra saiu em um silvo, e Jamie o soltou de repente, cruzando os dedos em um punho para esconder o fato de que eles estavam tremendo e se contraindo com o esforço.

—Maldito seja, senhor— William sussurrou, e seus olhos eram negros com violência. —Maldito seja para o inferno. — Seu braço pendurou e deve ter doído, mas ele não iria esfregá-lo, não com Jamie assistindo.

Jamie assentiu. — Não duvide— disse em voz baixa, e entrou na floresta. Uma vez fora da vista da estrada, inclinou-se contra uma árvore, sentindo o suor escorrer de seu rosto. Suas costas pareciam engessadas em cimento. Todo o seu corpo tremia, mas esperava que William estivesse muito distraído para notar.

*Deus, se tivesse chegado as via de fato, eu não poderia toma-lo.*

Ele fechou os olhos e ouviu o seu coração, que batia como um bodhran. Depois de um pouco, ele ouviu o som de cascos na estrada, a galope, e, voltando para espreitar por entre as árvores, um vislumbre de William passando trovejando, indo na direção que Ian tomou.

## ***Capítulo 22: A ameaça de tempestade.***

No café da manhã da quinta feira, eu chegara à firme conclusão de que ou era o Duque de Pardloe ou eu. Se eu ficasse em casa, só um de nós ficaria vivo até o por do sol. Denzell Hunter deveria ter chegado à cidade há essa hora, eu deduzi; ele ia diariamente à casa da Sra. Woodcock, onde Henry Grey estava convalescendo. Um médico muito gentil e capaz, ele poderia facilmente gerenciar a recuperação de Hal e, quem sabe, seu futuro sogro ficaria grato por sua atenção profissional.

O pensamento me fez rir em voz alta, apesar da minha crescente ansiedade.

*Para Dr. Denzel Hunter.*

*De Dr. C.B. R. Fraser*

*Fui convocada a ir a Kingsessing hoje. Entrego sua Graça o Duque de Pardloe aos seus competentes cuidados, na feliz confiança de que seus*

*escrúpulos religiosos o impedirão de bater em sua cabeça com um machado.*

*Sua muito sinceramente,*

*C.*

*Post scriptum: Na volta trarei um pouco de assa-fétida e raiz de ginseng como recompensa.*

*Pós-post scriptum: Sugiro fortemente que não traga Dottie, a menos que possua um par de algemas. De preferência, dois.*

Fechei a carta, e dei-a a Colenso para que a entregasse na casa da Sra. Woodcock, e fiz uma saída discreta pela porta da frente antes que Jenny ou a Sra. Figg aparecessem e exigissem saber onde eu estava indo.

Eram quase sete horas, mas o ar já estava quente, aquecendo aos poucos a cidade. Ao meio-dia, a mistura pungente de animais, seres humanos, esgoto, matéria vegetal em decomposição, árvores resinosas, lama do rio, e tijolo quente seria sufocante, mas naquele momento, o cheiro fraco emprestava um toque picante ao ar gentil. Fiquei tentada a andar, mas até mesmo os meus sapatos mais confortáveis não resistiriam à uma hora de caminhada nas estradas do país — e se eu esperasse o por do sol e o frescor do fim de tarde para fazer o caminho de volta, eu estaria irremediavelmente atrasada.

Também não era uma boa ideia uma mulher estar sozinha nas estradas, a pé. De dia *ou* noite.

Achei que eu conseguiria percorrer as três quadras para o estábulo sem incidentes, mas na esquina da Walnut fui saudada por uma voz familiar da uma janela do carro.

—Sra. Fraser? Eu digo Sra. Fraser!

Olhei para cima, assustada, ao ver o rosto com nariz de falcão de Benedict Arnold sorrindo para mim. Suas feições eram normalmente ossudas e sulcadas, e sua tez normalmente corada havia se sucumbido a uma palidez dos lugares fechados, mas não havia dúvida que era ele.

—Oh!— Eu disse, e acenei rapidamente. —Como é bom vê-lo, General!

Meu coração acelerou. Ouvira Denny Hunter falar que Arnold fora nomeado governador militar da Filadélfia, mas não esperava vê-lo tão cedo — de forma alguma.

Deveria tê-lo deixado lá, mas não pude evitar perguntar: — Como está a perna? — Sabia que fora gravemente ferido em Saratoga baleado na mesma perna que recebera um ferimento num curto período de tempo, e em seguida fora esmagada por seu cavalo que caiu sobre ele durante a emboscada de Breymann Redoubt, mas eu não o vira, então. Os cirurgiões habituais do exército o atenderam, e pelo que eu conhecia do trabalho deles, fiquei um pouco surpresa que ele não só estava vivo, mas ainda *tinha* duas pernas.

Seu rosto obscureceu um pouco com isso, mas ele continuou a sorrir.

—Ainda presentes, Sra. Fraser. Dois centímetros mais curta do que a outra. Aonde vai esta manhã? —Ele olhou automaticamente atrás de mim, registrou a ausência de uma empregada ou companheiro, mas não parecia perturbado por isso. Ele me encontrou no campo de batalha e me conhecia — e me apreciava — pelo que eu era.

Eu sabia o que ele era, também — e no que ele se converteria.

O inferno era que eu *gostava* do homem.

—Ah... Eu estou no meu caminho para Kingsessing.

—A pé?— Sua boca se contorceu.

—Na verdade, eu tinha em mente para contratar um coche no estábulo. — Eu balancei a cabeça na direção do estábulo de Davison. — Logo ali na esquina. Adorável vê-lo, General!

—Espere um momento, Sra. Fraser, se você faria... —Ele virou a cabeça na direção de seu assessor, que estava inclinando-se por cima do ombro, apontando para mim e dizendo algo inaudível. A próxima coisa que eu soube, é que a porta da carruagem se abriu e o assessor pulou, oferecendo-me um braço.

—Suba, minha senhora.

—Mas...

—Capitão Evans aqui diz que o aluguel de coches está fechado, Sra. Fraser. Permita-me a colocar o meu carro ao seu serviço.

—Mas... — Antes que eu pudesse pensar em alguma coisa para completar este protesto, fui conduzida ao lado oposto do General e a porta foi firmemente fechada, Capitão Evans pulou agilmente ao lado do motorista.

—Conclui que o Sr. Davison era um legalista— disse o General Arnold, olhando-me.

—*Era?*— Eu disse, e alarmada. —O que aconteceu com ele?

—Capitão Evans diz que Davison e sua família deixaram a cidade.

Eles deixaram. A carruagem virou para a 15 Street, e eu pude ver a estrebaria, as suas portas escancaradas — um dos coches completamente para fora e vagando na rua. O estábulo estava vazio, assim como a área das baias — as carroça, os cocheiros e os pequenos treinadores se foram com os cavalos. Vendidos, ou roubados. Da casa dos Davisons, ao lado do estábulo, os farrapos de cortinas de renda da Sra. Davison vibrando moles em uma janela quebrada.

—Oh, — eu disse, e engoli em seco. Lancei um rápido olhar para o General Arnold. Ele me chamou de *Sra. Fraser*. Obviamente, ele não sabia qual era a minha situação atual, e eu não conseguia decidir se o diria. Num impulso, decidi não fazê-lo. Quanto menos oficiais perguntassem a respeito dos eventos no número 17 da Chestnut Street, melhor, tanto para perguntas dos britânicos quanto dos americanos.

— Disseram-me que os britânicos mantêm uma espécie de grampo sobre Whigs na cidade — ele continuou, me olhando por cima com interesse. — Espero que não estejam muito preocupados, você e o coronel?

—Oh, não— eu disse. —Na verdade não. — Respirei fundo, tateando em busca de algum meio de desviar a conversa. —Mas tenho tido poucas notícias... er, notícias americanas, quero dizer. Houve algum... desenvolvimento notável tardio?

Ele riu, mas ironicamente.

—Por onde devo começar minha senhora?

Apesar do meu desconforto pelo encontro com Benedict Arnold, novamente, eu estava feliz por sua cortesia em oferecer-me um passeio; o ar estava pesado com a umidade e o céu branco como uma folha de musselina. A minha anágua estava úmida de suor depois de apenas uma breve caminhada; Eu a estaria torcendo de tanta umidade — e provavelmente à beira da insolação — pelo tempo que eu andasse até Kingsessing.

O General estava animado, tanto por seu novo compromisso quanto pelos desenvolvimentos militares iminentes. Ele não tinha a liberdade de me dizer quais eram, disse, mas Washington estava em movimento. Ainda assim, eu podia ver que sua emoção estava muito temperada por arrependimento; ele era um guerreiro natural, sentado atrás de uma mesa, não importa o quão importante e ornamentado, nada era substituto para a emoção até os ossos dos principais homens em uma luta desesperada.

Ao vê-lo mover-se em seu assento, com as mãos abrindo e fechando em suas coxas enquanto falava, eu sentia minha inquietação se aprofundar. Não apenas sobre ele, mas sobre Jamie. Eles eram homens de tipo muito diferentes, mas o sangue de Jamie acordava ao sentir o cheiro de batalha também. Eu só podia esperar que ele não fosse estar em qualquer lugar nas proximidades de qualquer batalha iminente.

**O general me deixou na balsa; Kingsessing estava no outro lado de Schuylki. Desceu do carro e estendeu a mão para ajudar a descer, apesar de sua perna ruim, e apertou a minha mão na despedida.**

—Devo enviar o carro para pegá-la, Sra. Fraser?— ele perguntou, olhando para o céu branco nebuloso. —O céu parece indigno de confiança.

—Oh, não— eu assegurei a ele. — Não devo demorar muito mais do que uma ou duas horas sobre o meu negócio; não vai chover antes de quatro horas isso nunca acontece nesta época do ano. Ou então o meu filho me acompanhará.

—Seu filho? Conheço seu filho? —Sua testa enrugou; ele se orgulhava de sua memória, Jamie disse.

—Não creio que conheça. Ele chama-se Fergus Fraser; ele é filho adotivo do meu marido, na verdade. Ele e sua esposa possuem a tipografia na Market Street.

—É mesmo?— Seu rosto iluminou com interesse, e ele sorriu. —Um jornal chamado... *The Onion*? Ouvi uma menção superficial a respeito onde eu tomava desjejum esta manhã. Um jornal Patriot, suponho, e um pouco dado à sátira?

—*L'Oignon*— Eu concordei, rindo. —Fergus é um francês, e sua esposa tem um senso de humor. Eles imprimem outras coisas, no entanto. E vendem livros, é claro.

—Falarei com eles — declarou Arnold. —Estou meio sem livros, deixei que esses pertences seguissem depois. Mas, realmente, minha cara, como vai voltar para a Filadélfia?

—Tenho certeza de que pode conseguir alguma forma de transporte dos Bartrams, — assegurei a ele. — Estive em seus jardins várias vezes; eles me conhecem. — Na verdade, eu pretendia voltar a pé. Não estava com pressa de voltar para a casa da Chestnut Street e meu prisioneiro rabugento (o que diabos é que vou fazer com *ele*? Especialmente agora que os britânicos estavam partindo...), E não estava a mais que uma

hora a pé, mas sabia que não devia dizer isso a ele, e nos despedimos com expressões mútuas de estima.

Era apenas um quarto de hora a pé do porto para o jardim de Bartram, mas eu levei o meu tempo com isso, tanto porque minha mente ainda estava no General Arnold quanto por causa do calor.

*Quando?* Perguntava-me inquieta. Quando começaria a acontecer? Ainda não; Tinha quase certeza disso. O que fosse, o que seria, que transformaria este galante, honrado homem de patriota a traidor? Quem falaria com ele, o que plantaria a semente mortal?

*Senhor, Pensei em um momento de súbita oração horrorizada, por favor! Não deixe que isso seja algo que eu disse a ele!*

A mera ideia me fez tremer, apesar do calor opressivo. Quanto mais eu via como as coisas funcionavam, a menos eu sabia. Roger se preocupava muito sobre isso, eu sabia: o *motivo*. Por que algumas pessoas eram capazes de fazê-lo? O efeito —consciente ou inconsciente — que os viajantes causavam? E o que deveria ser feito com o que eles — nós — provocávamos?

Saber o que aconteceria com Charles Stuart e a Resistência não o impediu, e ele não parou de ser arrastado para a tragédia, também. Mas talvez salvara a vida de certo número de homens a quem Jamie levara de Culloden antes da batalha. *Talvez* tivesse salvado a vida de Frank, ou assim eu pensava. Teria dito a Jamie, porém, se eu soubesse o custo daquilo para ele e para mim? E se eu *não tivesse* dito a ele, teríamos sido arrastados àquilo de qualquer maneira?

Bem, não havia nenhuma maldita resposta, não mais do que havia para as outras centenas de vezes que eu me fiz essas perguntas, e eu dei um suspiro de alívio quando o portão do jardim de Bartram veio à vista. Uma hora no meio de hectares de vegetação era exatamente o que eu precisava.

### ***Capítulo 23: Na qual Sra. Figg intervém***

A respiração de Jamie ficou curta, e ele descobriu que estava abrindo e fechando os punhos quando se virou para Chestnut Street. Não como um meio de controlar seu temperamento — ele o tinha bem controlado e assim ficaria — mas apenas para deixar sair mais da energia dentro dele.

Ele tremia, com a necessidade de vê-la, tocá-la, tê-la apertada contra ele. Nada mais importava. Haveria conversas, haveria necessidade de conversas — mas aquelas podiam esperar. Tudo poderia esperar.

Deixara Rachel e Ian na esquina da Market e Second, para ir à tipografia e encontrar Jenny, e ele elevou uma rápida oração de um instante para que sua irmã e a pequena Quaker pudessem se dar bem juntas, mas esta desapareceu como fumaça.

**Havia uma queimação logo abaixo de suas costelas que se espalhava através de seu peito e pulsava em seus dedos inquietos. A cidade cheirava a queimado, também; fumaça pairava sob um céu sombrio. Ele observou automaticamente os sinais de saques e violência numa parede meio-queimada, a mancha de fuligem como uma impressão digital gigante no gesso, janelas quebradas, uma touca de uma mulher presa a um arbusto voando no ar pesado — e as ruas ao redor estavam cheias de pessoas, mas não aquelas que tratavam de negócios. Principalmente homens, muitos deles armados, metade deles andando com cautela, olhando em volta, o resto de pé em grupos soltos de conversa animada.**

Ele não se importava com o que estava acontecendo, contanto apenas que não estivesse acontecendo com Claire.

**Lá estava, número 17; a casa de três andares de tijolos para onde ele correria e saíra — três dias atrás. A visão daquilo o atingiu na boca do estômago. Estivera lá, por talvez cinco minutos e lembrava a cada segundo. O cabelo de Claire, meio escovado e ocupando como uma nuvem ao redor de seu rosto quando ele se inclinou para ela, com cheiro de bergamota, baunilha, e seu próprio cheiro verde. Seu calor e solidez em seus braços, com as mãos; ele a agarrou pelo traseiro, seu lindo traseiro redondo tão quente e firme sob a fina anágua, e as palmas das mãos formigavam com a memória de luxúria instantânea. E não mais do que um instante depois...**

Ele empurrou a visão de William fora de sua mente. William podia esperar, também.

Sua batida na porta foi atendida pela mulher negra rotunda que viu em sua primeira chegada, e ele cumprimentou-a da mesma maneira, embora não exatamente com as mesmas palavras.

—Bom dia para você, senhora. Eu vim por minha esposa. —Ele entrou, passando por ela de boca aberta e levantou as sobrancelhas e

fez uma pausa, piscando para o dano.

—O que aconteceu?— Ele exigiu, arredondando a governanta. — Ela está bem?

—Espero que esteja, se está falando de Lady John— disse a mulher, com uma forte ênfase sobre o nome. —Quanto a isso tudo — ela girou sem problemas no seu eixo, fazendo um gesto em direção à, parede arrancada e manchada de sangue, o corrimão quebrado, e o esqueleto de ferro de um lustre, deitado bêbado em um canto do hall de entrada, — teria sido o capitão Lorde Ellesmere. Filho de Lord John. —Ela estreitou os olhos e olhou para Jamie, de forma que tornou evidente para ele que ela sabia muito bem o que aconteceu no corredor acima, quando ele ficara cara-a-cara com William, e ela não estava nada satisfeita.

Ele não tinha tempo de se preocupar com os sentimentos dela e empurrou-a o mais educadamente possível, subindo as escadas tão rápido quanto os músculos doloridos das costas permitiram.

Quando ele chegou ao topo da escada, ouviu uma voz feminina — mas não a de Claire. Para seu espanto, era a voz de sua irmã, e ele se aproximou do quarto mais distante para vê-la de volta a bloquear a entrada. E por cima do ombro...

Ele sentia irreal desde sua conversa com William na estrada. Agora, ele estava convencido de que ele estava tendo alucinações, porque o que ele *pensou* que ter visto o Duque de Pardloe, o rosto contorcido em aborrecimento, levantando de uma cadeira, vestido com nada além de uma camisola.

—Sente-se. — As palavras eram ditas em voz baixa, mas seu efeito sobre Pardloe foi instantâneo. Ele congelou, e tudo em seu rosto salvo seus olhos ficaram em branco.

Inclinado para frente, Jamie olhou sobre o ombro de Jenny para ver uma grande pistola das Highlands, o cano de 18 polegadas apertando firme no peito do duque. O que ele podia ver do rosto era branco, e definido como o mármore. —Você me ouviu— disse, sua voz pouco mais que um sussurro.

Muito lentamente, Pardloe — sim realmente era ele, os olhos de Jamie informaram sua mente atordoada — deu dois passos para trás e abaixou na cadeira. Jamie podia sentir o cheiro da pólvora na bandeja, e pensou que o Duque muito provavelmente poderia, também.

— Senhor Melton, — Jenny disse, movendo ligeiramente, de modo a tê-lo com silhueta contra a luz fraca que filtrada através das persianas. — Minha boa irmã disse que você é ou era Lorde Melton. É isso mesmo?

— Sim — disse Pardloe. Ele não estava se movendo, mas Jamie viu que ele se sentou com as pernas flexionadas, ele poderia estar fora da cadeira em um piscar de olhos, se ele quisesse. Muito calmamente, Jamie foi para o lado. Ele estava perto o suficiente para que Jenny o percebesse atrás dela, mas ele podia ver porque ela não fez, suas omoplatas estavam pressionadas juntas em sua concentração, afiada sob o pano como um par de asas de gavião.

— Foram seus homens que vieram à minha casa — ela disse, com voz baixa. — Vieram mais de uma vez, para pegar e destruir, para levar a comida de nossas bocas. Que levou o meu marido para longe — por um instante, o barril tremeu, mas depois estabilizou novamente. — Para a prisão, onde ele pegou o mal que o matou. Mova um centímetro, meu senhor, e eu vou atirar em seus intestinos. Você vai morrer mais rápido do que ele fez, mas eu ousou dizer que você não vai pensar rápido o suficiente.

Pardloe não disse uma palavra, mas moveu a cabeça uma fração de uma polegada para indicar que ele a entendeu. Suas mãos, que estavam agarradas nos braços da cadeira, relaxaram. Seus olhos deixaram a pistola e viu Jamie. Sua boca se abriu, os olhos saltaram, e o dedo de Jenny ficaram leves no gatilho.

Jamie colocou a mão sob a arma exatamente quando a nuvem de fumaça negra saiu, o crack do disparo simultâneo com a explosão de uma figura de porcelana sobre a lareira.

Pardloe sentou congelado por um instante, então com muito cuidado estendeu a mão e tirou um pedaço grande de branco gumes de porcelana de seu cabelo.

— Sr. Fraser — disse, numa voz que era quase constante. — Seu servo, senhor.

— O mais obediente, sua Graça, — Jamie respondeu, sofrendo um desejo insano de rir, impedindo-se apenas pelo conhecimento da certeza de que sua irmã imediatamente recarregaria e atiraria à queima-roupa, se ele fizesse. — Vejo que você está familiarizado com a minha irmã, a senhora Murray.

—Sua — querido Deus, ela é. —Olhos de Pardloe foram para frente e para trás entre os seus rostos, e agora ele respirava longa e lentamente. — Toda a sua família é dada a irritabilidade?

—Sim, sua Graça, e agradeço a pelo elogio— disse Jamie, e colocou uma mão nas costas de Jenny. Ele podia sentir seu coração acelerando como um bate-estaca, e sua respiração estava vindo em fôlegos rasos. Colocando a pistola de lado, ele pegou a mão dela entre as suas. Estavam frias como gelo, apesar da temperatura no quarto, que era um pouco mais quente do que Hades, com a janela fechada e abafando o local.

—O senhor seria tão amável a ponto de servir um trago de que quer que tenha garrafa, Sua Alteza?

Pardloe fez e se aproximou com cautela, segurando o copo de conhaque e; Jamie podia sentir o cheiro da fumaça quente.

—Não deixe que ele— disse Jenny, recompondo-se. Ela olhou para Pardloe e pegou o conhaque, em seguida, olhou para Jamie. —E onde, em nome de Santa Maria Madalena você esteve nestes últimos três dias?

Antes que ele pudesse responder, passos pesados vieram às pressas para o corredor e a governanta negra apareceu na porta, respirando de forma audível e segurando uma pistola de prata incrustada de uma maneira que sugeria que ela sabia o que fazer com ela.

—Vocês dois podem apenas aquietar-se neste momento— disse, movendo o cano da arma para trás entre Pardloe e Jamie em uma forma profissional. —Se acha que vai levar esse homem daqui, você...

—Já disse, — e peço desculpas, minha senhora, minha senhora, — mas me honraria com o seu nome?

—Você o quê?— A governanta piscou, desconcertada. —Eu a Sra. Mortimer Figg, se é que é da sua conta, o que eu *duvido*.

—Eu também, — Jamie assegurou, não sentando. O duque, ele viu, sentara. —Sra. Figg, como eu disse no andar de baixo, eu vim por a minha esposa e nada mais. Se me disser onde ela está, a deixarei com seus negócios. Seja lá o que pode ser — acrescentou, com um olhar para Pardloe.

—Sua esposa — a Sra. Figg repetiu, e o barril virou em direção a ele. — Bem, agora. Estou pensando que talvez deva apenas se sentar e esperar até que a sua senhoria venha e veremos o que ele tem a dizer sobre tudo isso.

—Não seja idiota, Jerusha— disse Jenny, mais impaciente. —A mulher do meu irmão que você sabe que é Claire; ela disse a você isso.

—Claire?— Exclamou Pardloe, levantando-se de novo. Ele bebeu da garrafa e ainda segurou descuidadamente em uma das mãos. —A esposa do meu irmão?

—Ela não é tal coisa— disse Jamie irritada. —Ela é minha, e eu agradeceria a alguém se me dissessem onde diabos ela está.

—Ela foi para um lugar chamado Kingsessing— disse Jenny prontamente. —Para escolher as ervas e afins. Fomos medicar esta *mac na galladh* —Ela fez uma careta para Pardloe. —Se eu tivesse em Kent, que seria, *um mh'ic um diabhail*, Eu teria colocado vidro moído em sua comida.

—Eu diria que, — Pardloe murmurou, e tomou outro gole da garrafa. Ele voltou sua atenção para Jamie. —Não suponho que você saiba onde meu irmão está no momento?

Jamie olhou para ele, uma súbita sensação de mal-estar agarrando na parte de trás do seu pescoço. —Ele não está aqui?

Pardloe fez um gesto largo em volta da sala, sem palavras convidando Jamie a olhar. Jamie ignorou e virou-se para a governanta. —Quando o viu por último, minha senhora?

—Pouco antes de ele e você saírem da janela do sótão— respondeu em breve, e cutucando as costelas com o cano da arma. —O que você fez com ele, *fiis de salope*?

Jamie apertou o barril com cautela de lado com um dedo. A arma estava pronta, mas ainda não levantada.

—Deixei-o na floresta fora da cidade, há dois dias— disse, uma súbita sensação de inquietação apertando os músculos na base de sua espinha. Ele apoiou contra a parede, pressionando discretamente a bunda nela, para aliviar as costas. —Eu esperava encontrá-lo aqui, com minha esposa. Posso perguntar como veio parar aqui, Vossa Graça?

—Claire o sequestrou— disse Jenny, antes de Pardloe pudesse falar. Os olhos do duque arregalaram um pouco, embora fosse à observação ou pelo fato de que Jenny estava recarregando sua pistola, Jamie não poderia dizer.

—Ah, sim? O que ela quer que ele faça, que ela disse?

Sua irmã lhe deu um olhar.

—Ela estava com medo que ele virasse a cidade de cabeça para baixo à procura de seu irmão e você seria retomado no tumulto.

—Sim, bem, eu acho que estou seguro o suficiente agora— assegurou Jenny. —Deveria soltá-lo, você acha?

—Não. — ela disse rapidamente, batendo em casa sua bola e patch. Ela enfiou a mão no avental e saiu com um pequeno chifre de pó. —Não podemos; ele poderia morrer.

—Oh. — Ele considerou isso por um momento, vendo o duque, cujo rosto assumiu uma ligeira coloração roxa. —Por que isso?

—Ele não sabe respirar corretamente, e ela estava com medo, que se o libertasse, antes que ele estivesse bem, ele morreria na rua, e sua consciência não a deixaria fazê-lo.

—Eu sei. — A vontade de rir estava de volta, mas ele controlava corajosamente. —Então vocês estavam prestes a matá-lo em casa, a fim de evitar que ele morresse na rua.

Seus olhos azuis-escuros se estreitaram, embora ela mantivesse o olhar fixo no pó que ela estava derramando da arma.

—Eu realmente não teria atirado na barriga— disse, embora a partir da pressão de seus lábios era evidente que ela teria gostado nada mais. —Teria apenas atirado na perna. Ou talvez disparado em alguns dedos dos pés.

Pardloe fez um som que poderia ser de indignação, mas, conhecendo o homem, como ele conhecia, Jamie reconheceu-o como o riso abafado. Ele esperava que sua irmã não. Ele abriu a boca para perguntar quanto tempo Pardloe esteve mantido em cativeiro, mas antes que ele pudesse falar, houve uma batida na porta de baixo. Ele olhou para a Sra. Figg, mas a governanta ainda estava olhando para ele com os olhos apertados e não fez nenhum movimento ou para abaixar a arma ou para descer e abrir a porta.

—Entre!— Jamie gritou, enfiando a cabeça para fora para o corredor, em seguida, empurrando de volta para a sala antes que a Sra. Figg tomasse em sua cabeça que ele estava tentando fugir e descarregar uma carga de chumbo grosso em sua parte traseira.

A porta se abriu, fechou e houve uma pausa enquanto que chamava aparentemente olhava ao redor da entrada devastada, em seguida, passos rápidos e leves subiram as escadas.

—Lord John!— Soprou Sra. Figg, seu rosto austero se iluminando.

—Aqui!— Chamou o duque, à medida que os passos chegaram ao patamar. Um instante depois, a forma ligeira, os óculos de Denzell Hunter apareceu na porta.

—*Merde!*— disse a Sra. Figg, trazendo a espingarda para suportar sobre o recém-chegado. —Quero dizer, Pastor da Judéia! Quem, em nome da Santíssima Trindade é você?

Hunter estava quase tão pálido quanto Jenny, Jamie pensou. No entanto, ele não piscou ou fez uma pausa, mas caminhou até Pardloe e disse: — Sou Denzell Hunter, Amigo Grey. Sou médico, vim a pedido de Claire Fraser para tratá-lo.

O duque deixou cair à garrafa, que caiu e derramando as gotas que ainda continham sobre o tapete da lareira trançada.

—Você!— Disse, elevando-se abruptamente a sua altura máxima. Ele de fato não era mais alto do que Hunter, mas era óbvio que ele tinha o hábito do comando. —Você é o covarde que teve a ousadia de seduzir minha filha, e atreve-se a vir aqui e me oferecer remédio? Saia da minha frente, antes que eu... —Neste momento, ocorreu a Pardloe que ele estava em seu pijama, e desarmado. Nada intimidado, ele aproveitou a garrafa no chão e bateu com ele na cabeça de Denzell.

Denzell se esquivou, e Jamie sem esperar pegou o pulso de Pardloe, antes que ele pudesse tentar novamente. Denny endireitou-se, o fogo brilhando atrás dos óculos.

—Eu discordo um pouco de sua descrição do meu comportamento e a calúnia sobre a reputação de sua filha— disse bruscamente. — Só posso conceber que no final sua mente está perturbada por motivo de doença ou drogas, pois certamente o homem que gerou e criou uma pessoa como Dorothea não podia falar tão mal dela, ou ter tão pouca fé em sua força de caráter e sua virtude a ponto de pensar que alguém poderia seduzi-la.

—Tenho certeza de Sua Graça não se referiu à sedução física — disse Jamie apressadamente, torcendo o pulso de Pardloe para fazê-lo largar a garrafa.

—É o ato de um cavalheiro, senhor, induzir uma jovem a fugir com ele? Oh! Vamos, maldito! — Disse, deixando cair à garrafa quando Jamie empurrou o braço por trás das costas. Caiu para a lareira e explodiu em uma chuva de vidro, mas o duque desconsiderou esta inteiramente.

—Um cavalheiro teria procurado a aprovação do pai da jovem, senhor, antes mesmo de se aventurar a falar com ela!

—Eu fiz— disse Denzell mais suavemente. —Ou melhor, escrevi aos seus cuidados uma vez, pedindo desculpas por ter sido incapaz de falar contigo em pessoa antes, e explicando que Dorothea e eu desejávamos nos

tornar noivos e esperávamos por sua benção a respeito de nossos desejos. Duvido que receba minha carta antes de embarcar para a América, embora.

—Oh, escreveu, não escreveu? Seu *desejo*? —Pardloe bufou, jogando uma mecha de cabelos soltos fora de seu rosto. —Me solte, maldito escocês! O que acha que eu vou fazer, estrangulá-lo com sua própria gravata?

—Você poderia — disse Jamie, aliviando o aperto, mas mantendo a pressão no pulso de Pardloe. —Jenny, você quer colocar isso em algum lugar fora do alcance de Sua Graça?

Jenny prontamente entregou a pistola recém-carregada a Denzell, que a pegou por reflexo, então considerava a coisa na mão com espanto. —Precisa disso mais do que eu — disse, e olhou sombriamente no duque. —Se atirar nele, vamos todos jurar que foi em legítima defesa.

**—Nós não vamos— disse a Sra. Figg indignada. —Ou você acha que eu vou dizer a meu senhorio que deixei seu irmão ser assassinado a sangue frio...**

**—Amigo Jamie, —Denny interrompeu, segurando a pistola. —Ficaria feliz se liberasse o pai de Dorothea e assumisse o controle dessa arma. Acho que isso poderia aumentar a civilidade da nossa conversa.**

**—Poderia— disse Jamie duvidoso, mas deixou Pardloe ir e pegou a pistola.**

Denny aproximou-se do duque, afastando cacos de vidro do caminho, e olhou atentamente para o rosto dele.

**—Terei o prazer de falar e o aconselhar Amigo, e oferecer todas as garantias que se encontram dentro do meu poder sobre sua filha. Mas sua respiração me alarma, e eu gostaria de examiná-lo primeiro.**

O duque estava, de fato, fazendo um leve chiado, e Jamie observou que a coloração roxa em seu rosto ficou mais pronunciada. Com a observação de Denzell, esta foi se agravado para uma lavagem de vermelho fosco.

**— Você não me toque, ser qu... charlatão!**

Denzell olhou em volta, e aproveitando-se de Jenny como uma fonte mais provável de informações.

**—O que a amiga Claire diz a respeito dele, em termos de doença e tratamento?**

**—Asma, e abeto fermentado no café. Ela o chama de *Ephedra* — Jenny respondeu prontamente, virando-se para adicionar a Pardloe, —**

Sabe, não tenho que dizer isso a ele. Eu poderia ter deixado você estrangular, mas suponho que há uma maneira cristã de levar a situação. A propósito, os Quakers são cristãos? — Ela perguntou a Denny com curiosidade.

—Sim— respondeu ele, avançando mais de perto e com cuidado em direção a Pardloe, que fora forçado a sentar pela pressão de Jamie em seu ombro. —Acreditamos que a luz de Cristo está presente em todos os homens embora em alguns casos, percebê-la é um pouco difícil — acrescentou baixinho, mas alto o suficiente para Jamie e o Duque ouvirem.

Pardloe parecia estar tentando assobiar, soprando com os lábios franzidos, entretanto olhando para Denzell. Ele engasgou no ar e conseguiu mais algumas palavras.

—Não serei... medicado... por você, senhor. — Outra pausa para soprar e arquejar. Jamie observou a Sra. Figg agitar-se inquieta e dar um passo em direção à porta. — Não vou... deixar minha filha... em suas garras... — Engasgo. Arquejo. —Se me matar. —Engasgo. Arquejo. —Sem risco... de você salv... ndo minha vida... e... colocando-me em ... dívida. —O esforço envolvido para dizer aquela frase converteu-o em um cinza medonho, e Jamie ficou seriamente alarmado.

—Será que ele precisa de remédio, Jenny? — ele perguntou com urgência. Sua irmã comprimiu os lábios, mas acenou com a cabeça, e com um brilho final no duque, correu para fora da sala.

Com um movimento ágil, como se abraçando um crocodilo, Denzell Hunter abaixou, pegou o pulso do duque e olhou atentamente em seus olhos, esses órgãos retribuíram sua inspeção estreitando-se da forma mais ameaçadora possível para um homem morrendo de asfixia. Não pela primeira vez, Jamie relutantemente admitiu a admiração pela força de caráter de Pardloe, embora ele também fosse obrigado a reconhecer que Hunter estivesse quase parelho.

Sua concentração no quadro à sua frente foi quebrada pelo som de um animado punho martelando a porta abaixo. A porta se abriu, e ele ouviu seu sobrinho Ian exclamar: —Mãe!— Com uma voz rouca, concomitante com a surpresa exclamação de sua irmã —Ian— Jamie saiu da sala e, alcançando o corrimão quebrado em poucos passos, viu sua irmã ser engolida e quase escondida pelo abraço de seu filho alto.

Os olhos de Ian estavam fechados e seu rosto molhado, braços em volta apertados sua pequena mãe, e Jamie sentiu um repentino nó em sua própria garganta. O que não daria para abraçar sua filha dessa maneira, mais uma vez?

Um leve movimento chamou sua atenção, e ele viu Rachel Hunter de pé timidamente atrás, sorrindo para mãe e filho, os seus próprios olhos cheios de lágrimas. Ela enxugou o nariz com um lenço, então, subitamente olhou para cima, viu Jamie e piscou.

—Senhorita Rachel— disse, sorrindo para ela. Ele apontou para um jarro sobre a mesa de apoio ao lado da porta, que ele assumira ser o remédio de Pardloe. —Poderia trazer esse jarro pequenino aqui em cima? Rapidamente — Ele podia ouvir a respiração pesada de Pardloe da sala atrás dele; não parecia estar piorando, mas ainda era preocupante.

Os arquejos foram momentaneamente abafado pelos passos da Sra. Figg, aparecendo atrás dele com sua espingarda de caça. Ela olhou por cima do corrimão na cena comovente abaixo, em seguida, para Rachel Hunter, trotando até as escadas, jarro na mão.

—E quem é *esta*? —Ela exigiu de Jamie, quase não brandindo a arma debaixo do seu nariz.

—A irmã do Dr. Hunter — ele disse a ela, interpondo seu corpo entre Rachel, que pareceu surpresa, e a agitada governanta. —Seu irmão quer o material do jarro, senhorita Rachel.

Sra. Figg fez um ruído baixo gutural, mas recuou e permitiu Rachel passasse. Com um sombrio olhar para Jenny e Ian, que agora se separaram o suficiente para falar e agitavam suas mãos e se interrompiam num animado *Gaélico*, Ela desapareceu de volta para o quarto nos calcanhares de Rachel. Jamie hesitou, querendo sair correndo pela porta da frente em direção a Kingsessing, mas um mórbido senso de responsabilidade o obrigou a segui-la.

**Denny puxou o banquinho da penteadeira e ainda estava segurando o pulso de Pardloe, dirigindo-se a ele em tons calmos.**

— Não está em perigo imediato, como provavelmente sabe. Seu pulso está forte e regular, e enquanto a sua respiração está claramente comprometida, acho ah!, essa é a tintura que a Escocesa mencionou? Obrigado, Rachel; coloque... —Mas Rachel, muito acostumada às situações médicas, já estava decantando num copo de conhaque um

pouco da mistura castanho-escuro que se parecia com o conteúdo de uma escarradeira.

—Devo... — a tentativa de Denzell para segurar o copo para o duque foi interrompida por Pardloe que pegou o copo e tomou o conteúdo um gole, mas engasgou. Hunter calmamente o observou tossir e cuspir, em seguida, entregou-lhe um lenço.

—Ouvi dizer que a teoria para esses cataclismos de respiração, como esses pelo quais está passando, podem ser precipitados por exercício violento, uma rápida mudança de temperatura, exposição à fumaça ou poeira, ou, em alguns casos, por uma onda de emoção violenta. No presente caso, acredito que eu possa, eventualmente, ter causado a sua crise por minha aparição, e se assim for, peço teu perdão. — Denny pegou o lenço e entregou o copo de volta a Pardloe, sábio o suficiente para não dizer a ele para sorver o conteúdo.

—Talvez eu possa recompensá-lo de alguma forma por esse dano, porém, — disse. —Percebi que seu irmão não está em casa, já que não consigo imaginar que ele permaneceria ausente de um encontro como esse, a menos que estivesse morto no porão, e que eu deveria esperar que não fosse o caso. Já o viu recentemente?

—Não tenho, não. — A respiração de Pardloe estava de fato ficando mais suave e seu rosto com uma cor mais normal, embora a expressão ainda fosse selvagem. —E você?

Hunter tirou os óculos e sorriu, e Jamie ficou impressionado com a bondade dos seus olhos. Ele olhou para Rachel; seus olhos eram castanhos, em vez do suave marrom esverdeado de seu irmão, e, ainda que bondosos, os dela eram muito mais cautelosos. Jamie pensou que cautela era uma coisa boa em uma mulher.

—Eu o vi, Amigo. Sua filha e eu o encontramos em um campo de milícia a alguma distância da cidade. Ele estava preso, e — A exclamação de Pardloe colidiu com a de Jamie, e Hunter deu um tapinha no ar com a mão, pedindo atenção. —Conseguimos ajuda-lo a fugir, e, desde que ele foi ferido durante sua captura, o tratei; seus ferimentos não eram intrinsecamente sérios.

—Quando?— Perguntou Jamie. —Quando o viu?— Seu coração deu um pequeno solavanco, inquietantemente feliz com a notícia de que John Grey não estivesse morto.

—Ontem à noite, — Denny disse a ele. —Nós ouvimos sua fuga, esta manhã e não ouvimos nada de sua recaptura quando fizemos o nosso caminho de volta para a Filadélfia, embora eu perguntasse a cada grupo de frequentadores ou milícia que encontramos. Ele precisará ir com cuidado, ambas as estradas estão fervilhando com os homens, mas imagino que ele estará com vocês em breve.

Pardloe respirou longa e profundamente.

—Oh, Deus— disse, e fechou os olhos.

### ***Capítulo 24: Frescor bem-vindo no calor, conforto em meio ao desgosto.***

Havia muita verdura fresca disponível; os jardins cobriam a melhor parte de uma centena de hectares, com árvores, arbustos, azaleias, trepadeiras e flores de todas as descrições — e o curioso e exótico fungo jogado aqui e ali para variar. John Bartram passou grande parte de uma longa vida revirando a América em busca de espécimes botânicos, a maioria dos quais ele rebocou para casa e induziu a crescer. Lamentava não ter conhecido o homem mais velho; ele morreu um ano antes, deixando o seu famoso jardim nas mãos capazes de seus filhos.

**Encontrei o jovem Sr. Bartram, — ele tinha cerca de quarenta anos, mas era assim chamado para distingui-lo de seu irmão mais velho, — no centro dos jardins, sentado sob a sombra de uma imensa trepadeira que cobria metade da varanda de sua casa, um caderno aberto sobre a mesa diante dele, fazendo desenhos cuidadosos de um punhado de pernas tortas e raízes pálidas que estavam em um guardanapo.**

—Ginseng? — eu perguntei, inclinando-se para olhar para eles.

—Sim — ele disse, sem tirar os olhos da linha delicada de sua pena.

—Bom dia, Lady John. Está familiarizada com a raiz, eu vejo.

—É bastante comum nas montanhas da Carolina do Norte, onde eu... costumava viver. — A sentença ocasional ficou presa na minha garganta com espantosa surpresa. Do nada, eu sentia o perfume da floresta em Fraser Ridge, pungentes com bálsamo de pinheiro e sua seiva, pesado com o cheiro de mofo das orelhas de madeira e o dos musgos selvagens.

—Sim, é verdade. — Chegando ao fim do seu desenho, ele largou a pena, tirou os óculos e olhou para mim com o rosto brilhante de um homem que vive para as plantas e absolutamente espera que o mundo compartilhe sua obsessão. — Estes são ginsengs chineses; Quero ver se eu serei capaz de fazê-lo crescer aqui, —Ele acenou com a mão em direção aos hectares abrangendo o jardim exuberante. —A variedade Carolina definha, e o ginseng canadense obstinadamente se recusa até mesmo a tentar!

—Quanto isso é perverso. Embora eu espere que ele seja muito quente — eu observei, pegando as fezes que ele me apontou e colocando a minha cesta no chão. Minha roupa estava grudada em mim, e eu podia sentir uma grande mancha de umidade se espalhando entre as minhas omoplatas, onde meu cabelo pingava suor nas minhas costas. — Eles gostam de frio.

A memória viva da floresta se transformou em um desejo visceral de estar em Ridge, tão imediato que eu senti o fantasma da minha casa desaparecida erguendo-se a minha volta, uma o vento gelado da montanha soprando pelas paredes, e pensei que, se eu me abaixasse, eu podia sentir a pele cinza macia de Adso sob meus dedos. Engoli em seco, duro.

—É quente — disse, embora ele mesmo parecesse tão seco quanto uma das raízes sobre a mesa, salpicadas com sombra de sua videira. — Posso oferecer-lhe um pouco de frescor, Lady John? Eu tenho alguns Negus gelado na casa.

—Eu adoraria — eu disse, seriamente. —, mas — gelado?

—Oh, nós temos bastante um grande casa de gelo pelo rio, Sissy e eu — disse, orgulhoso. —Deixe-me apenas dizer-lhe...

Eu *tive* a suficiente bom senso como para trazer um leque comigo e agora o tirei da minha cesta. O sentimento nostálgico, de repente se transformou em uma nova e maravilhosa percepção. *Nós poderíamos ir para casa.* Jamie fora liberado do serviço com o exército continental, a fim de levar o corpo de seu primo de volta para a Escócia. Ele pretendia, retornássemos, voltar para a Carolina do Norte, recuperar sua prensa, e pegar em armas em nome da revolução através da caneta ao invés da espada.

Esse plano desapareceu, junto com o resto da minha vida, quando ele foi dado como afogado. Mas agora... Um arrepio de excitação percorreu-me e

deve ter sido mostrado em meu rosto, já que o Sr. e Srta. Bartram piscaram para mim quando saíram para a varanda. Eles eram gêmeos, e ainda que houvesse apenas leve semelhança em seus rostos, muitas vezes eles compartilhavam a mesma expressão e era o que faziam nesse momento, ambos parecendo um pouco perplexos, mas satisfeitos.

Eu mal podia me impedir de partilhar o meu pensamento maravilhoso com eles, mas não o fazia, e eu consegui tomar goles de negus — vinho do porto misturado com água quente, açúcar e especiaria, e então refrigerado até gelar — *verdadeiramente* gelado! — água frizada encanta — e envolve em admiração civil pelas melhorias contínuas para o jardim de Bartram, sendo estes já famosos por sua beleza e variedade. O velho Sr. Bartram estivera planejando e plantando e estendendo-os por 50 anos, e seus filhos evidentemente herdaram a mania de família, bem como os jardins.

—... e temos melhorado o trajeto do rio, e nós apenas colocamos um envasamento *muito* maior — Sissy Bartram estava dizendo ansiosamente. — Muito clientes querem plantar videiras e flores em suas salas de estar e solários! Embora eu não saiba... — Seu entusiasmo diminuiu um pouco, e ela fez uma careta de dúvida. — Com todo esse tumulto da guerra é *assim* mau para o negócio!

Sr. Bartram tossiu um pouco. — Depende do tipo de negócio — disse suavemente. — Receita que teremos um aumento da demanda para os medicinais.

— Mas se o exército está saindo... — Senhorita Bartram começou esperançosamente, mas seu irmão balançou a cabeça, seu rosto ficando ainda mais sóbrio.

— Não o sente no ar, Sissy? — Disse em voz baixa. — Alguma coisa está por vir. — Ele levantou o rosto, como se estivesse farejando alguma coisa no ar pesado, e ela chegou a colocar a mão em seu braço, em silêncio, ouvindo com ele o som da violência distante.

— Eu não percebi que eram Amigos, Sr. Bartram, — eu disse, para quebrar o silêncio sinistro. Ambos piscaram e sorrindo para mim.

— Oh, — disse Srta. Bartram. — Papai foi expulso da Sociedade há alguns anos. Mas às vezes os hábitos de infância voltam quando você menos espera. — Ela levantou um ombro rechonchudo, sorridente, mas com algo arrependido por trás dele. — Vejo que você tem uma lista, Lady John?

Isso me lembrou de repente meu negócio, e passei a próxima hora em ocupada exploração, a discussão sobre os méritos e as desvantagens de

várias ervas medicinais, a seleção de ervas secas dos vastos galpões de secagem, e corte de outras novas a partir das camas. Com a minha súbita percepção de que poderíamos voltar à montanha muito em breve, e a observação muito aguda do Sr. Bartram sobre a demanda iminente por plantas medicinais, eu comprei muito mais do que eu previ inicialmente, não só minhas reposições habituais (incluindo uma libra de abeto Chinês desidratado, só para o caso de precisar. O que eu faria com o maldito homem?) Mas também uma boa quantidade de casca jesuíta, helênio, e até mesmo lobélia, mais a assa-fétida e ginseng que eu prometera a Denny.

No fim das contas, havia muito mais em minha cesta, e a Srta. Bartram disse que iria colocá-los em um pacote e pediria a um dos jardineiros assistente que viviam na Filadélfia que os levasse para a cidade quando fosse para casa à noite.

—Gostaria de ver o trajeto do rio, antes de ir?— Ela me perguntou, com um rápido olhar para o céu. —Não está terminado ainda, é claro, mas temos algumas coisas surpreendentes colocadas, e é maravilhosamente frio a essa hora do dia.

—Oh, muito obrigada. Eu realmente — espere. Você não teria ponta de seta lá em baixo, não é? — Não pensei em coloca-la na minha lista, mas se estiver disponível...

—Oh, sim— ela respondeu, radiante. —Muito disso!— Nós estávamos no maior dos galpões de secagem, e a luz de fim de tarde caía através das placas listradas das paredes com barras de ouro nadando, iluminando a chuva constante de minúsculos grãos de pólen das flores de secagem. Havia muitas ferramentas dispersas em cima da mesa, e ela pegou uma espátula de madeira e uma faca atarracada da ninhada sem hesitação. —Gostaria de escavar você mesma?

Eu ri com prazer. A oportunidade de fuçar na lama molhada não era uma oferta que a maioria das mulheres teria feito, especialmente para outra mulher vestida de musselina azul-claro. Mas a senhorita Bartram falava a minha língua. Não tivera as mãos na terra, em um mês, e a mera sugestão fez meus dedos formigarem.

**O trajeto do rio era adorável, ladeado por salgueiros e vidoeiros de prata que lançam uma sombra bruxuleante sobre os bancos de capuchinha e Azaléia e as massas flutuantes de agrião verde-escuro.**

Senti minha pressão arterial cair enquanto passeávamos, conversando disto e daquilo.

— Se importa se eu perguntasse algo sobre os Amigos — eu perguntei. — Tenho um colega que foi expulso da Sociedade, ele e sua irmã, porque ele se ofereceu para trabalhar como um cirurgião no exército continental. Desde que você mencionou seu pai... Eu me perguntava: o quanto uma coisa como essa é importante? Quero dizer, pertencer a uma Sociedade?

—Oh!— Ela riu, para minha surpresa. — Imagino que depende do indivíduo, — tudo é importante, realmente, quando se é Amigo. Meu pai, por exemplo: ele *foi* expulso da Sociedade, por se recusar a reconhecer a divindade de Jesus Cristo, mas ele seguiu indo aos encontros; não fazendo diferença especial para ele.

—Ah. — Isso era bastante tranquilizador. — E quanto — e quanto ao casamento Quaker? Um deles teria que pertencer a uma Sociedade para poder se casar?

Ela achou aquilo interessante e fez um zumbido baixo por uns segundos.

—Bem, um casamento entre Amigos é... entre os Amigos casando. Sem clérigo, quero dizer, e nenhuma oração ou serviço específico. Os dois Amigos se casam *um com ao outro*, em vez de isso ser considerado um Sacramento administrado por um padre ou semelhantes. Mas isso precisa ser feito antes de testemunhas — de outros Amigos, você sabe — ela acrescentou, uma pequena ruga se formando entre as sobrancelhas. —E acho que pode haver considerável objeção se os Amigos envolvidos — ou um deles — for formalmente expulso.

—Que interessante obrigada. — Eu me perguntava como isso poderia afetar Denzell e Dorothea; mais ainda, como isso poderia afetar Rachel e Ian. —Um Amigo pode se casar com uma, er, não Amigo?

—Oh, sim, claro. Embora eu ache que eles seriam expulsos da Sociedade, como resultado — acrescentou com ar de dúvida. —Mas pode haver uma consideração especial por circunstâncias terríveis. A Sociedade nomearia uma comissão para esclarecer a situação, eu suponho.

Eu não tinha até agora me preocupado com as terríveis circunstâncias, mas agradei e a conversa voltou para as plantas.

Ela estava certa sobre a ponta da seta: *havia* muitas do mesmo. Ela sorriu alegremente ao meu espanto, mas depois me deixou escavando, assegurando-me de que eu poderia tirar um pouco da lótus e alguns rizomas de Bandeira Doce, bem, se eu quisesse. —E agrião fresco, é claro!— Acrescentou por cima do ombro, acenando com a mão jovial para a água. —Tudo o que você quiser!

Ela cuidadosamente trouxe um saco de estopa para me ajoelhar; eu o abri com cuidado, para não esmagar qualquer coisa, e recolhi minhas saias o melhor que pude. Houve uma leve brisa; havia uma brisa suave; sempre havia, sobre a água em movimento, e eu suspirei de alívio, tanto pelo frescor quanto pela súbita sensação de solidão. A companhia de plantas é sempre reconfortante, e após o incessante assédio — bem, você não poderia chamá-lo de sociabilidade, exatamente, mas pelo menos a incessante *presença* de pessoas que precisavam conversar, ser dirigidas, intimadas, repreendidas, consultadas, persuadidas, enganadas — que eu experimentei ao longo dos últimos dias, descobri que o silêncio enraizado, a correnteza do córrego, e o farfalhar das folhas um bálsamo para o espírito.

Francamente, eu pensei, meu espírito poderia se acostumar a um pouco de bálsamo. Entre — ou melhor, em meio à — Jamie, John, Hal, William, Ian, Denny Hunter, e Benedict Arnold (para não falar do capitão Richardson, General Clinton, Colenso, e todo o maldito exército Continental), os machos da espécie estiveram usando bastante meus nervos ultimamente.

Cavei lenta e pacificamente, levantando as raízes colocando-as na minha cesta e embalando cada camada entre esteiras de agrião. O suor escorria pelo meu rosto e entre os meus seios, mas eu não percebi; Estava derretendo em silêncio com a paisagem, a respiração e os músculos conectados com o vento, a terra e a água.

Cigarras zumbiam fortemente nas árvores nas proximidades, e mosquitos e pernilongos estavam começando a juntar-se numa nuvem inquieta acima. Estes felizmente eram apenas um incômodo quando eles voavam no meu nariz ou pairavam muito perto do meu rosto; aparentemente o meu sangue do século XX não era atraente para os insetos do século XVIII, e eu quase nunca fui mordida, uma grande bênção para uma jardineira. Embalada em meus devaneios, eu perdi bastante a noção do tempo e do lugar, e quando um grande par de

**sapatos desgastados apareceu em meu campo de visão, eu apenas pisquei para eles por um momento, como eu faria com o aparecimento repentino de um sapo.**

**Então olhei para cima.**

—Oh, — eu disse, um pouco sem expressão. Então, —Aí está você!— Eu disse, soltando a minha faca e lutando para erguer-me em uma onda de alívio alegre. —Onde diabos você esteve?

Um sorriso cintilou brevemente no rosto de Jamie, e ele segurou minhas mãos, molhado e enlameado como estavam. Sua eram grandes e quente e sólida.

—Em um carroça cheio de repolhos, mais recentemente— disse, e o sorriso tomou conta quando ele me olhou. —Você parece bem, Sassenach. Muito bem.

—Você não — eu disse com franqueza. Ele estava sujo, muito magro, e claramente não estava dormindo bem; ele tinha se barbeado, mas seu rosto estava magro e sombrio. —O que aconteceu?

Ele abriu a boca para responder, mas depois pareceu pensar melhor. Ele soltou minhas mãos, limpou a garganta com um ruído baixo escocês, e fixou os olhos nos meus. O sorriso tinha ido.

—Você foi para a cama com John Grey, sim?

Eu pisquei, surpresa, então franzi o cenho para ele. —Bem, não, eu não diria isso.

Suas sobrancelhas se ergueram.

—Ele me disse que foram.

—Foi isso o que ele disse?— Eu perguntei, surpresa.

—Mmphm. — Agora é a sua vez de franzir a testa. —Ele me disse que a conheceu carnalmente. Por que mentiria sobre uma coisa como essa?

—Oh, — eu disse. —Não, isso é certo. Conhecimento Carnal é uma descrição muito razoável do que aconteceu.

—Mas...

— *Ir para a cama*, embora... Por um lado, não fizemos. Tudo começou em uma penteadeira e terminou até onde me lembro no chão. —Os olhos de Jamie alargaram sensivelmente, e eu me apressei em corrigir a impressão que ele estava obviamente formando. —Por outro lado, a fraseologia implica que nós decidimos fazer amor um com o outro e caminhamos de mãos dadas para isso, e não foi assim que aconteceu. Umm... talvez

devêssemos sentar? —Fiz um gesto em direção a um banco rústico, enterrado em ranúnculos cremosos errantes.

Não tive um único pensamento daquela noite desde que descobri que Jamie estava vivo, mas estava começando perceber que poderia possivelmente parecer importante para Jamie — e que explicar o que *realmente* aconteceu poderia ser um pouco complicado.

Ele assentiu, e rigidamente virou-se para o banco. Segui, observando com alguma preocupação o conjunto de seus ombros.

—Você machucou suas costas?— Eu perguntei, franzindo a testa enquanto eu via o cuidado com que ele se sentava.

—O que *aconteceu*? — ele perguntou, ignorando a pergunta. Educadamente, mas com inegável impaciência.

Respirei fundo e soprei as bochechas em um gesto de impotência.

Ele rosnou. Olhei para ele, surpresa, nunca ouvira tal barulho dele antes, pelo menos, não destinado a mim. Aparentemente, aquilo era um pouco mais do que importante.

—Er... —Eu disse cautelosamente, sentando ao lado dele. —O que John disse *exatamente*? Depois de contar sobre o conhecimento carnal, eu quero dizer?

—Ele desejou que eu o matasse. E se você me disser que quer eu e a mate ao invés de dizer o que aconteceu, eu advirto, não serei responsável pelo que acontecer *depois*.

Lancei-lhe um olhar afiado. Ele parecia seguro de si, mas havia uma tensão inegável em sua postura.

—Bem... Lembro-me de como tudo começou, pelo menos...

—Comece por aí— sugeriu ele, a borda mais pronunciada.

—Eu estava sentada no meu quarto, bebendo aguardente de ameixa e tentando justificar meu suicídio, se você quer saber, — eu disse, com uma pontada. Olhei para ele, desafiando-o a dizer algo, mas ele simplesmente inclinou a cabeça para mim em um gesto de *Vá em frente, e siga*.

—Tomei todo o brandy e estava tentando decidir se eu deveria descer as escadas para procurar mais sem quebrar meu pescoço, ou se eu tivera o suficiente para não me sentir culpada por beber toda a garrafa de láudano em seu lugar. E então John entrou —Engoli em seco, minha boca repentinamente seca e pegajosa, como esteve aquela noite.

—Ele disse que havia bebida— Jamie observou.

—Muita. Ele parecia tão bêbado quanto eu, a ressalva de que ele ainda estava de pé. —Eu podia ver o rosto de John na memória, branca como osso, exceto por seus olhos, que estavam tão vermelhos e inchados que eles poderiam ter sido lixados. E a expressão nos olhos. —Ele parecia como um homem se parece pouco antes de jogar-se de um penhasco— eu disse em voz baixa, os olhos em minhas mãos dobradas. Tomei outro fôlego.

—Ele tinha uma nova garrafa em sua mão. Colocou-a sobre a penteadeira ao meu lado, olhou para mim e disse: *Não o lamentarei sozinho esta noite* —Um tremor profundo percorreu-me com a lembrança daquelas palavras.

—E... ?

—E ele não fez— eu disse, um pouco bruscamente. —Eu disse para se sentar e ele fez, e ele serviu mais brandy e bebeu, e não tenho a menor noção do que dissemos, mas nós estávamos falando sobre você. E então ele se levantou, e me levantei. E... Eu não podia suportar ficar sozinha e eu não poderia suportar que *ele* ficasse sozinho e eu mais ou pior atirei nele, porque eu precisava muito de alguém me tocando naquele momento.

— E você o obrigou, eu suponho.

O tom era nitidamente cínico, e eu senti um aumento do rubor em meu rosto, não de vergonha, mas de raiva.

— Ele sodomizou você?

Olhei para ele por um bom minuto de duração. Ele falava sério.

—Seu bastardo, — eu disse, tanto de espanto quanto com raiva. Então, um pensamento me ocorreu. —Você disse que ele desejava que você o matasse — eu disse lentamente. —Você... não, não é?

Ele segurou meus olhos, os seus firmes como um barril de rifle.

— Se importaria se o fizesse? — ele perguntou em voz baixa.

—Sim, eu me importaria muito, — eu disse, com a vivacidade que eu pude convocar em meio à crescente confusão dos meus sentimentos. —, mas você não o matou — *Sei* que não o fez.

—Não— disse, ainda mais suavemente. —Você não sabe.

Apesar da minha convicção de que ele estava blefando, um pequeno calafrio arrepiou os cabelos do meu antebraço.

—Eu estaria em meus direitos— disse.

—Não estaria — eu disse, o calafrio sumindo. —Você não tem nenhum direito. Você estava malditamente morto. —Apesar do mau humor, a minha

voz falhou um pouco sobre a palavra *morto*, e seu rosto mudou de uma só vez.

—O quê?— Eu disse, virando o meu próprio rosto. —Acha que isso não *importava*?

—Não— ele disse, e pegou minha mão manchada de lama na sua. — Mas não sabia que importasse tanto assim. — Sua própria voz era rouca agora, e quando eu me virei de costas para ele, vi que as lágrimas estavam em seus olhos. Com um ruído incoerente, eu me atirei em seus braços e agarrei-me a ele, soluçando tolamente.

Ele me abraçou forte, seu hálito quente no topo da minha cabeça, e quando eu parei, finalmente, ele me arrumou um pouco e segurou meu rosto em suas mãos.

—Eu a amei desde que a vi, Sassenach— disse calmamente, segurando meus olhos com os dele, vermelhos e cobertos com cansaço, mas muito azuis. —Eu vou amar você para sempre. Não importa se você dormir com o todo exército Inglês, não — ele se corrigiu, — seria importante, mas não me impediria de te amar.

—Não achei que impedisse. — Eu funguei e ele tirou um lenço da manga e entregou-o para mim. Era usado de cambráia branca e tinha a inicial *P* bordada desajeitadamente em um canto na linha azul. Eu não poderia imaginar onde ele conseguiu tal coisa, mas não me preocupei em perguntar, dadas as circunstâncias.

O banco não era muito grande, e seu joelho estava a uma ou duas polegadas do meu. Ele não me tocou de novo, embora, e meu ritmo cardíaco estava começando a acelerar sensivelmente. Ele falava sério, sobre me amar, mas isso não significava que a sequência seria agradável.

—Tive a impressão de que ele me contou porque estava certo de que *você* me contaria — disse com cuidado.

—E eu contaria — eu disse rapidamente, limpando o nariz. —Embora eu poderia possivelmente ter esperado até que você chegasse a casa, tomasse um banho e fosse comido seu jantar. Se há uma coisa que eu sei sobre os homens, é que você não joga coisas como essas quando eles estão com o estômago vazio. Quando foi a última vez que você comeu?

—Esta manhã. Salsichas. Não mude de assunto — Sua voz estava nivelada, mas havia uma boa dose de sentimento borbulhando sob ela; ele poderia muito bem ter sido uma panela de leite fervendo. Um grau extra de

calor e haveria uma erupção e leite queimado em todo o fogão. —Eu entendo, mas eu quero — preciso— saber o que aconteceu.

—Você entende?— Eu repeti, parecendo surpresa mesmo para os meus próprios ouvidos. Eu esperava que ele *entendesse*, mas suas maneiras estavam mais do que um pouco em desacordo com suas palavras. Minhas mãos não estavam mais frias; estavam começando a suar, e eu agarrei a saia sobre os joelhos, sem me importar com as manchas de lama.

—Bem, não *gosto* disso — ele disse, não exatamente entre os dentes cerrados. —Mas eu entendo.

—Você entende?

—Entendo— disse, olhando-me. —Vocês dois pensaram que eu estava morto. E eu sei como você é quando fica bêbada, Sassenach.

Dei um tapa nele, tão rápido e com tanta força que ele não teve tempo de se abaixar e pulou para trás com o impacto.

—Você, você, — eu disse, incapaz de articular qualquer coisa ruim o suficiente para atender a violência dos meus sentimentos. —Como, no inferno, você *ousa*!

Ele tocou seu rosto delicadamente. Sua boca estava se mexendo.

—Eu... uh... não quis que saísse da maneira como soou, Sassenach — disse. —Além disso, eu já sou a parte prejudicada aqui?

—Não, você malditamente *não é*— Eu atirei. —Você saiu e — e se afogou, e me deixou sozinha no m... meio de espiões e s... soldados e com as crianças — você e Fergus os dois, seus bastardos! Deixaram a mim e a Marsali pa-pa... —Eu estava tão embargada pela emoção que não poderia continuar. Mas seria condenada se eu chorasse, porém, *mais condenada* se eu chorasse mais na frente dele.

**Ele estendeu a mão com cuidado e pegou minha mão novamente. Eu deixei, e deixei que ele me trouxesse mais para perto, perto o suficiente para ver ao sombra fraca de sua barba incipiente, para sentir o cheiro da poeira da estrada e suor seco em suas vestes, para sentir o calor radiante de seu corpo.**

**Sentei-me e tremi, fazendo pequenas bufadas de sons em vez de discurso. Ele ignorou isso, espalhando meus dedos entre os seus, acariciando suavemente a palma da minha mão com o polegar grande, calejado.**

**—Não quis insinuar que é uma bêbada, Sassenach — disse, fazendo um esforço óbvio para ser conciliador. — Você simplesmente pensa com**

seu corpo, Claire; sempre pensou.

Com um tremendo esforço de minha parte, eu encontrei as palavras.

—Então, eu sou uma... uma... do que você está me chamando agora? Uma mulher perdida? Uma rameira? Uma prostituta? E você acha que isso é melhor do que me chamar de bêbada!?

Ele deu um pequeno bufo de que poderia ter sido de brincadeira. Eu puxei a minha mão, mas ele não deixou ir.

—Eu disse o que disse, Sassenach— disse, intensificando o aperto em minha mão, e aumentando-o com a outra mão no meu antebraço, impedindo-me de levantar. —Você pensa com seu corpo. É o que a faz uma cirurgiã, não?

—Eu, oh. — Superando minha indignação momentaneamente, fui obrigada a admitir que houvesse algo nesta observação.

—Possivelmente, — eu disse com firmeza, olhando para longe dele. —Mas eu não acho que foi isso que quis dizer.

—Não inteiramente, não. — Havia uma ligeira aspereza em sua voz novamente, mas eu não iria encontrar seus olhos. —Ouça-me.

Sentei-me teimosamente em silêncio por um momento, mas ele simplesmente segurou, e eu sabia que ele, por natureza, era mais teimoso do que eu poderia ser se trabalhasse nisso durante cem anos. Eu ouviria o que ele tinha a dizer, e eu diria a ele o que ele queria ouvir se eu gostasse ou não.

—Estou ouvindo— eu disse. Ele respirou fundo e relaxou um pouco, mas não diminuiu seu aperto.

—Eu a tomei em minha cama umas mil vezes, pelo menos, Sassenach— disse suavemente. —Você acha que eu não estava prestando atenção?

—Dois ou três mil, pelo menos, — eu disse, no interesse da exatidão rigorosa, olhando para a faca de escavação que eu deixara cair no chão. —E não.

—Bem, então. Eu sei do que você gosta na cama. E eu entendo — tudo muito bem — acrescentou, com a boca comprimida momentaneamente —como isso provavelmente foi.

—Não, você não entende — eu disse calorosamente.

Ele fez outro ruído escocês, este indicando hesitação.

—Entendo — disse, mas com cuidado. —Quando eu a perdi, depois de Culloden eu sabia que você não estava morta, mas isso fez tudo o

pior, se me perguntar... eh?

Eu fiz um barulho próprio, mas gesticulei brevemente para ele para ir em frente.

—Contei a você sobre Mary MacNab, sim? Como ela veio a mim, na caverna?

—Vários anos após o fato, —eu disse, friamente. —Mas, sim, você contou sobre ela eventualmente. —Eu dei um olhar. —Certamente não o culpo por isso e eu não pedi detalhes, de qualquer maneira.

—Não, você não pediu —admitiu. Ele esfregou a ponta do nariz com uma junta. —Eu diria a você, como foi, se quisesse saber.

Eu olhei para ele, mordendo meu lábio na dúvida. Será que eu quero saber? Se eu não quero e eu não tenho certeza se eu quero ou que ele não iria levar isso como prova de que eu não me importava?

Eu respirei fundo, aceitando a barganha implícita.

—Diga-me —disse eu. —Como é que foi.

Agora, ele desviou o olhar, e o vi engolir quando ele engoliu em seco.

—É... foi afetuoso —disse em voz baixa, depois de um momento. —Triste.

—Triste —Eu ecoei. —Como?

Ele não olhou para cima, mas manteve os olhos fixos nas flores, seguindo os movimentos de uma grande abelha preta entre as flores enroladas.

—Nós dois lamentávamos coisas que perdemos —disse lentamente, sobranceiras para baixo no pensamento. —Ela disse que pretendia manter você viva para mim, para me deixar... deixar imaginar que era você, eu acho que ela quis dizer isso.

—Não funcionou exatamente dessa forma?

—Não. —Ele olhou para cima, em seguida, em frente, e seus olhos passaram por mim como um florete através de um espantalho. —Não há ninguém como você.

Não foi dito com um ar de elogio, mais com uma intenção monótona ou, até mesmo, de ressentimento.

Eu levantei um ombro brevemente. Não havia muito de uma resposta que eu pudesse dar.

—E então?

Ele suspirou e olhou para suas mãos atadas. Ele estava apertando os dedos de sua mão direita se estreitaram com a esquerda, como se quisesse

lembrar-se do dedo faltando.

—Foi tranquilo— disse para o polegar. —Não conversamos, de verdade, não uma vez que tínhamos... começado. —Ele fechou os olhos, e eu me perguntava, com uma pequena pontada de curiosidade, apenas o que via. Fiquei surpresa ao perceber que a curiosidade era tudo que eu sentia, talvez, pena deles. Eu vi a caverna em que fizeram amor, um túmulo de granito frio, e eu sabia o quanto era desesperador o estado das coisas nas Highlands então. Apenas a promessa de um pouco de calor humano... —*Nós dois lamentávamos coisas que perdemos* — ele disse.

—Foi apenas uma vez. Não durou muito tempo; eu estava um longo tempo — disse, e um leve rubor mostrou através de suas maçãs do rosto. —, mas... Eu precisava disso, muito. Ela me segurou depois, e... Eu precisava ainda mais disso. Adormeci em seus braços; ela se foi quando eu acordei. Mas eu carregava seu calor comigo. Por um longo tempo — disse baixinho.

Isso provocou uma facada bastante inesperada de ciúme, e eu endireitei um pouco, lutando para trás com as mãos crispadas. Ele sentiu isso e virou a cabeça para mim. Ele sentiu aquela chama acender — uma que combinava com a dele.

—E você?— Disse, dando-me um olhar duro e direto.

—Não foi suave— eu disse com uma borda. —E não foi triste. Deveria ter sido. Quando ele entrou no meu quarto e disse que não lamentaria sozinho por você, e nós conversamos, então eu me levantei e fui até ele, esperando — se é que eu tinha muito mais do que expectativas; não acho que tivesse qualquer pensamento consciente...

—Não— Ele combinava minha borda com a sua. — Vocês estavam cegos de tão bêbados, não é?

—Sim, por Deus eu estava, e ele também. — Eu sabia o que ele estava pensando; ele não estava fazendo nenhum esforço para escondê-lo, e eu tive uma súbita e vívida lembrança se sentar-me com ele no canto de uma taverna em Cross Creek, ele repentinamente tomando meu rosto em suas mãos e me beijando, e a doçura quente do vinho que passava de sua boca para a minha. Eu pulei para os meus pés e bati a mão no banco.

—Sim, eu estava!— Eu disse novamente, furiosa. —Estive bêbada todos malditos dias desde que eu ouvi que você estava morto.

Ele desenhou uma respiração profunda, profunda, e eu vi seus olhos fixarem em suas mãos, apertando os joelhos. Ele soltou o ar bem devagar.

—E o que ele deu a você, então?

—Alguma coisa para bater — disse. —Pelo menos, no começo.

Ele olhou para mim, assustado.

—Você bateu nele?

—Não, eu bati em *você* —Eu redargui. Meu punho enrolou, sem que eu percebesse, apertando contra minha coxa. Lembrei-me do primeiro golpe, um golpe cego, frenético na carne, toda a força da minha dor por trás dele. O recuo flexível que afastou a sensação de calor, por um instante, trouxe de volta com uma quebra que me atirou a mesa de vestir, sob o peso de um homem, seu aperto em meus pulsos, e me teve gritando com fúria. Não me lembro dos detalhes do que veio a seguir, ou melhor, lembro-me de certas coisas muito vividamente, mas não tinha ideia da ordem em que aconteceu.

—*Foi um borrão*— as pessoas dizem. O que eles realmente querem dizer é a impossibilidade de qualquer pessoa realmente entrar como uma experiência de fora, a futilidade de explicação.

—Mary MacNab— eu disse abruptamente. —Deu a você... ternura, você disse. Deve haver uma palavra para o que houve, para o que John me deu, mas não pensei nisso ainda. —Eu precisava de uma palavra que pudesse transmitir, resumir.

—Violência— eu disse. —Isso foi parte dela. — Jamie endureceu e me deu um olhar afiado. Eu sabia o que ele estava pensando e balancei a cabeça. —Não é isso. Eu estava entorpecida deliberadamente insensível, porque eu não podia suportar sentir. Ele podia; ele tinha mais coragem do que eu. E ele me fez sentir isso também. É por isso que eu bati nele.

Eu estava paralisada, e John arrancara meu curativo de negação, os invólucros das pequenas necessidades diárias que me mantinham em posição vertical e funcionando; sua presença física arrancou as bandagens de tristeza e mostrou o que estava abaixo: eu, sangrando e não cicatrizada.

Senti o ar espesso na minha garganta, úmido e quente e coçando minha pele. E, finalmente, eu encontrei a palavra.

—Triage— eu disse abruptamente. —Sob o entorpecimento, eu estava... crua. Sangrando. *Descascada*. Você faz a triagem, você... para o sangramento em primeiro lugar. Você para. Você para com isso, ou o paciente morre. Ele parou.

Ele parou batendo seu próprio sofrimento, sua própria fúria, sobre o sangue jorrando do meu. Duas feridas, pressionadas juntas, o sangue continua fluindo livremente — mas não mais perdido e drenando, fluindo

vez em outro corpo, e o outro de sangue para o meu, quente, escaldante, não bem-vindo, mas vida.

Jamie disse algo baixinho em gaélico. Eu não entendi a maioria das palavras. Ele estava sentado com a cabeça inclinada, os cotovelos sobre os joelhos e a cabeça nas mãos, e respirava audivelmente.

Depois de um momento, eu me sentei ao lado dele e respirei também. As cigarras ficaram mais altas, um zumbido urgente que abafava a pressa da água e do farfalhar das folhas, cantarolando em meus ossos.

—Maldito— Jamie murmurou por fim, e sentou-se. Ele parecia perturbado, zangado, mas não com raiva de mim.

—John, um, *está* bem, não é? —Eu perguntei hesitante. Para minha surpresa — e ligeiro desconforto — os lábios de Jamie torceram levemente.

—Sim. Bem. Tenho certeza que ele está — disse, em um tom que admitia certa dúvida, que eu achei alarmante.

—O que diabos você fez com ele?— Eu disse, sentando-se ereta.

Seus lábios comprimiram por um instante.

—Eu bati nele— disse. —Duas vezes— acrescentou ele, olhando para longe.

—Duas vezes?— Eu ecoei, de algum choque. —Ele lutou com você?

—Não— disse em breve.

—Realmente. — Eu balancei um pouco para trás, olhando-o. Agora que eu me acalmei o suficiente para tomar conhecimento, eu pensei que ele estava exibindo... o quê? Preocupação? Culpa?

—Por que bateu nele?— Eu perguntei, esforçando por um tom de leve curiosidade, em vez de um de acusação. Evidentemente, tive menos sucesso com isso, quando ele se virou para mim como um urso picado no traseiro por uma abelha.

—*Por quê?* Você se atreve a me perguntar *por quê?*

—Certamente, que sim — eu disse, descartando o tom suave. —O que ele fez para fazer você acertá-lo? E *duas vezes?* —Jamie não tinha nenhum problema com o caos, mas normalmente ele exigia algum motivo.

Ele fez um ruído escocês profundamente descontente, mas ele me prometeu honestidade há muito tempo e não via em forma de quebrar essa promessa ainda. Ele endireitou os ombros e olhou diretamente para mim.

—O primeiro foi entre ele e eu; foi um golpe que eu devia por um bom tempo.

—E você só aproveitou a oportunidade para socá-lo, porque era conveniente?— Eu perguntei, um pouco desconfiada de perguntar diretamente o que o diabo ele quis dizer com *entre ele e eu*.

—Não pude evitar — disse, irritado. —Ele disse alguma coisa e eu o atingi.

Não disse nada, mas inalei pelo nariz, o que significa que ele ouviu isso. Houve um longo momento de silêncio, ponderado com expectativa e quebrado apenas pelo som do rio.

—Ele disse que vocês não fizeram amor um com o outro— ele finalmente murmurou, olhando para baixo.

—Não, fizemos — disse eu, um pouco surpresa. —Eu disse a você. Nós dois estávamos, oh!

Ele levantou os olhos em minha direção, e encarou-me.

—Oh, — ele disse, a palavra cheia de sarcasmo. —Vocês dois estavam fodendo, — disse.

—Oh, entendo — eu murmurei. — Bem. Hum. Sim, isso é verdade. — Eu esfreguei a ponta do meu nariz. — Entendo — eu disse de novo, e pensei que provavelmente sabia. Havia uma profunda amizade de longa data entre Jamie e John, mas eu estava ciente de que um dos pilares sobre o qual essa amizade descansava era uma rigorosa evasão de qualquer referência à atração sexual de John por Jamie. Se John perdesse a compostura suficiente como para chutar esse pilar para fora...

— E o segundo soco?— eu perguntei, optando por não pedir para que ele elaborasse mais sobre o primeiro.

— Sim, bem, esse foi por sua conta— disse, voz e rosto relaxando um pouco.

—Sinto-me lisonjeada, — eu disse, tão secamente quanto possível. — Mas você realmente não deveria tê-lo feito.

—Bem, eu sei agora— o admitiu, corando. —Mas eu perdi minha paciência e não a achei de novo. *Ifrinn* — Ele murmurou, e, inclinando-se, pegou a faca de escavação descartada e enfiou com força no banco ao lado dele.

Ele fechou os olhos, em seguida, apertou os lábios, e sentou-se tocando os dedos de sua mão direita contra a perna. Ele não fazia isso desde que eu amputei os restos de seu quarto dedo congelado, e fiquei surpresa ao vê-lo fazer isso agora. Pela primeira vez, eu comecei a apreciar as verdadeiras complexidades da situação.

—Diga-me, — eu disse, com uma voz não muito mais alta do que as cigarras. —Diga-me o que você está pensando.

—Sobre John Grey. Sobre Helwater. —Ele arrancou uma respiração profunda, exasperada e abriu os olhos, mas não olhou para mim. —Eu consegui lá. Ficando entorpecido, como você disse. Acho que eu poderia ter ficado bêbado, também, se eu tivesse sido capaz de pagar pela bebida —Sua boca torceu, e ele dobrou a mão direita em um punho, em seguida, olhou para aquilo, surpreso; não fora capaz de fazer isso por trinta anos. Abriu-a e colocou a mão sobre o joelho.

—Eu consegui— repetiu ele. —Mas então houve Geneva, e eu disse como isso aconteceu, também, não disse?

—Você disse.

Ele suspirou. — E então havia William. Quando Geneva morreu e isso foi culpa minha, foi uma facada no meu coração e, em seguida, William... —Sua boca se suavizou. —O bairn me destróçou, Sassenach. Ele derramou minhas tripas para fora em minhas mãos.

Coloquei minha mão sobre a dele, e ele virou, seus dedos enrolando sobre os meus.

— E esse sodomita Inglês sangrento me enfaixou — disse, tão baixo que eu mal podia ouvi-lo acima do som do rio. —Com a sua amizade.

Ele respirou fundo novamente e deixou fora de forma explosiva. —Não, eu não o matei. Não sei se estou contente com isso ou não, mas eu não o fiz.

Eu deixei a minha própria respiração em um suspiro profundo e me inclinei contra ele.

—Eu sabia disso. Estou feliz.

A neblina engrossou em nuvens de cinza de aço, vindo propositadamente até o rio, murmurando com um trovão. **Tomei uma profunda, uma lufada de ar para encher meu pulmão de ozônio e depois outra, de sua pele. Detectei o animal macho básico, muito apetitoso em si, mas parecia que ele adquirira outro bouquet um tanto incomum — ainda que saboroso — : um leve cheiro de salsicha, o forte cheiro amargo de repolhos, e... sim, mostarda, com algo estranhamente picante. Cheirei novamente, reprimindo a vontade de lambê-lo.**

—Você cheira...

—**Eu cheiro como um grande prato de *choucroute garnie*— Ele interrompeu, com uma ligeira careta. —Dê-me um momento; Vou me lavar. — Ele fez como se quisesse levantar e ir para o rio, e eu estendi a mão e agarrei pelo braço.**

Ele me olhou por um momento, depois respirou fundo e, chegando lentamente para fora, por sua vez, me puxou contra ele. Não resisti. Na verdade, meus braços foram ao redor dele no reflexo, e nós dois suspiramos juntos, no puro alívio de abraço.

Eu ficaria muito contente em ficar lá sentada para sempre, respirando o cheiro almiscarado, empoeirado, de repolho nele e ouvindo a batida do seu coração sob meus ouvidos. Tudo o que dissemos — todas as coisas que aconteceram — pairando no ar ao nosso redor como nuvens turbulentas de uma caixa de Pandora, — mas naquele momento, não havia nada a não ser nós.

Depois de um pouco, sua mão se moveu, alisando os cachos úmidos, soltos atrás da minha orelha. Ele limpou a garganta e se moveu um pouco, levantando-se e eu relutantemente o deixei ir, mas eu deixei a minha mão sobre sua coxa.

—Eu gostaria de dizer alguma coisa— disse, no tom de quem faz uma declaração formal perante um tribunal. Meu coração se acalmou enquanto ele me segurou; agora ele vibrou na renovada agitação.

—O quê?— Eu parecia tão apreensiva que ele riu. Apenas um fôlego, mas ele riu, e eu era capaz de respirar novamente. Ele pegou minha mão e segurou-a firmemente, olhando nos meus olhos.

—Não digo que eu não me importei com isso, porque me importo. E eu não digo que eu não vou fazer um alarido sobre isso mais tarde, porque eu provavelmente vou. Mas o que eu digo é que não há nada neste mundo ou no outro que possa tirá-la mim — ou eu de você. —Ele levantou uma sobrancelha. —Você discorda?

—Oh, não— eu disse com fervor.

Ele respirou novamente, e seus ombros desceu uma fração de uma polegada.

—Bem, isso é bom, porque não seria nada bom se discordasse. Apenas uma pergunta — disse. —Você é minha esposa?

—Claro que eu sou— disse, em espanto. —Como eu poderia não ser?

Seu rosto mudou então; trouxe uma quantidade enorme de fôlego e me tomou em seus braços. Abracei-o, duro, e, juntos, soltamos um grande suspiro, nos acalmando, sua cabeça inclinada sobre a minha, beijando meu cabelo, meu rosto voltado sobre seu ombro, de boca aberta no pescoço de sua camisa aberta, os nossos joelhos lentamente

**cedendo mutuamente em alívio, para que nos ajoelhássemos na terra fresca revirada, agarrando-nos, enraizados como uma árvore, como folha e galhos mas compartilhando um único tronco sólido.**

As primeiras gotas de chuva começaram a cair.

Seu rosto estava aberto agora e seus olhos azuis claros e livres de turbulências para o momento, pelo menos. —Onde há uma cama? Eu preciso estar nu com você.

Eu estava totalmente em sintonia com esta proposição, mas a pergunta me pegou de surpresa momentaneamente. Claro que não poderia ir para casa ou de John, pelo menos não para ir para a cama juntos. Mesmo que o próprio John não estivesse em posição de se opor, o pensamento do que a Sra. Figg diria se eu entrasse na casa com um escocês grandalhão e imediatamente subisse as escadas para o meu quarto com ele... e então havia Jenny... Por outro lado, ansiosa como eu estava, eu realmente não queria ficar nua com ele no meio do ranúnculo, onde podíamos ser interrompidos a qualquer momento pelos Bartrams, por zangões, ou pela chuva.

—Uma pousada?— Sugeriu.

—Existe alguma na vila em que as pessoas não te conheçam? Uma decente, eu quero dizer?

Juntei as sobrancelhas, tentando pensar em uma. Não o King's Arms, definitivamente essa não. Por outro lado... Estava familiarizada apenas com as duas ou três comuns onde Marsali comprava cerveja ou pão e as pessoas lá com toda a certeza me conheciam como Lady John Grey.

Não é que Jamie por si mesmo precisasse evitar a notoriedade — mas sua suposta morte e meu casamento com John foi objeto de uma enorme quantidade de interesse público, em razão de sua tragédia. Até que se tornasse amplamente conhecido que o presumivelmente falecido coronel Fraser, de repente reapareceu dos mortos para recuperar sua esposa seria um assunto de conversa que superaria a retirada do exército britânico da cidade. Tive um flash rápido de memória de nossa noite de núpcias, testemunhada de perto por uma multidão de ruidosos bêbados da Highland e imaginei uma reprise desta experiência, com comentários interessado pelos cidadãos comuns.

Olhei para o rio, imaginando se, no fim das contas, um bom abrigo de arbusto — mas era final de tarde, nublado, e os mosquitos estavam

pendurados em pequenas nuvens carnívoras de suas próprias árvores. Jamie se inclinou de repente e arrastou-me em seus braços.

—Eu vou encontrar um lugar.

Houve um baque na madeira quando ele chutou a porta do novo galpão de envasamento, e de repente estávamos em uma escuridão listrados de luz com cheiro das placas de sol-aquecido, terra, água, barro úmido e plantas.

—O que, *aqui*?

Estava claro que ele não estava à procura de privacidade com o objetivo de mais investigação, discussão, ou censura. Por falar nisso, a minha pergunta era em grande parte retórica.

Ele me levantou em meus pés, me virou, começando a desfazer meus cadarços. Eu podia sentir sua respiração sobre a pele nua de meu pescoço, e os minúsculos pelos lá estremecendo.

— Você... — eu comecei, só para ser interrompida por um lacônico *Silêncio*. — Eu me calei. Pude ouvir, em seguida, o que ele ouvira: os Bartrams, conversando entre si. Estavam a certa distância, porém — na varanda dos fundos da casa, pensei, projetando a partir do trajeto do rio por uma espessa coluna de teixo inglês.

**— Não acho que possam nos ouvir— disse eu, embora eu abaixasse minha voz.**

**— Terminamos com conversas — ele sussurrou, e, inclinando-se para frente, fechou os dentes suavemente sobre a minha nuca exposta.**

**—Silêncio— ele disse de novo, embora ligeiramente. Eu realmente não disse nada, e o som que eu fiz era muito estridente para chamar a atenção de qualquer coisa, salvo um morcego de passagem. Exalei fortemente pelo nariz e o ouvi rir no fundo de sua garganta.**

**Meus laços de soltaram, e o ar frio inundou a musselina úmida da minha roupa. Ele fez uma pausa, com uma mão nas fitas da minha anágua, para alcançar ao redor com a outra e levantar cuidadosamente um peito, pesado e livre, polegar esfregando o mamilo, duro e redondo como uma pedra de cereja. Eu fiz outro som, este de baixa frequência.**

**Pensei vagamente que sorte ele fosse canhoto, como sua mão era ágil envolvia em desfazer as fitas das minhas saias. Estas caíram em uma pilha sibilante ao redor de meus pés, e eu tinha a súbita visão — enquanto sua mão esquerda deixava meu peito e movia-se numa lufada ao redor de minhas orelhas — do Jovem Sr. Bartram repentinamente**

percebendo a extrema necessidade de uma panela de um lote de mudas de alecrim . O choque provavelmente não o mataria, mas...

— Posso tanto ser enforcado pela ovelha quanto pelo cordeiro — disse Jamie, tendo evidentemente adivinhado o meu pensamento pelo fato de que eu me virei e estava protegendo as minhas partes mais privadas como uma de Vênus de Botticelli. —E eu o terei nu.

Ele sorriu para mim, arrancou a própria camisa manchada de sujeira jogando fora seu casaco quando ele me colocou no chão e puxou para baixo suas calças sem parar para desfazer os laços. Ele estava magro o suficiente para que isso fosse possível; as calças penduradas em seus quadris, apenas ficando lá por elas mesmos, e eu vi a sombra de suas costelas sob a pele quando ele se inclinou para tirar suas meias.

Ele se endireitou e eu coloquei a mão em seu peito. Estava úmido e quente, e os cabelos avermelhados arrepiaram ao meu toque. Eu podia sentir o cheiro do perfume quente, ansioso dele, mesmo através do cheiro agrícola do galpão e o cheiro persistente de repolho.

—Não tão rápido— eu sussurrei.

Ele fez um som escocês de interrogatório, chegando para mim, e eu cavei meus dedos no músculo do peito.

—Eu quero um beijo primeiro.

Ele colocou a boca contra a minha orelha e as duas mãos firmemente na minha bunda.

—Não está em posição de fazer exigências, não acha? — Ele sussurrou, apertando suas mãos. E eu fiquei um pouco irritada *com isso*.

—Sim, pode apostar que estou — eu disse, e ajustei meu próprio aperto um pouco mais abaixo. *Ele* não estaria atraindo quaisquer morcegos, pensei.

Ficamos cara a cara,ostos e respirando a respiração um do outro, perto o suficiente para ver a menor nuance de expressão, mesmo na penumbra. Eu vi a seriedade que subjaz o riso e da dúvida sob o bravata.

—Eu *sou* sua esposa, —eu sussurrei, meus lábios roçando o dele.

—Sei disso— ele disse, muito suavemente, e me beijou. Suavemente. Em seguida, fechou os olhos e roçou os lábios no meu rosto, não tanto beijando, sentindo os contornos da maçã do rosto e da testa, da mandíbula e da pele macia abaixo da orelha, buscando conhecendo

**mais uma vez passando pele e a respiração, a conhecendo pelo sangue e ossos, o coração que pulsava por baixo.**

Fiz um pequeno som e tentei encontrar sua boca com a minha, apertando-me contra ele, os corpos nus frescos e úmidos, raspando o cabelo docemente, e a encantadora firmeza dele rolando entre nós. Ele não me deixou beijá-lo, no entanto. Sua mão agarrou o meu cabelo na base do meu pescoço, embalando a minha cabeça, o outro lado buscando o mesmo jogo de cabra-cega.

Houve um baque chocalho; Eu me apoiei em um banco de envasamento, posicionando-me numa bandeja de minúsculos vasos de mudas que vibravam, as folhas picantes de manjerição tremulando em doce agitação. Jamie empurrou a bandeja de lado com uma mão, então me agarrou pelos cotovelos e levantou-me no banco.

— Agora, — ele disse, meio sem fôlego. — Tenho que tê-la agora.

Ele teve, e deixei não me importando se havia estilhaços no banco ou não.

Envolvi minhas pernas ao redor dele e ele me deitou plana e se inclinou sobre mim, mãos apoiadas no banco, com um som meio caminho entre a felicidade e a dor. Ele se moveu lentamente em mim e eu engasguei.

A chuva se intensificou de uma tagarelice a um estrépito soando no telhado de zinco do galpão, que sobrepujava todos os sons que eu poderia fazer, o que era uma coisa boa, também, pensei vagamente. O ar esfriou, mas estava cheio de umidade; nossas peles estavam escorregadias e calor brotando onde carne tocava carne. Ele era lento, deliberado, e eu arqueei minhas costas, pedindo mais. Em resposta, ele me tomou pelos ombros, curvou mais baixo, e me beijou levemente, mal se movendo.

— Eu não vou fazer isso — ele sussurrou, e me segurou firme quando eu lutava contra ele, tentando em vão incitá-lo para a resposta violenta que eu desejava, precisava.

— Não vai fazer o quê? — Eu estava ofegante.

— Não vou castigá-la por isso — disse, em voz tão baixa que eu mal podia ouvi-lo, tão perto quanto ele estava. — Não vou fazer isso, você me ouve?

— Não *quero* que me puna, seu bastardo. — Resmunguei com esforço, meus ombros rangendo nas articulações enquanto tentava se libertar de suas garras. — Eu quero que você... Deus, você sabe o que eu quero!

—Sim, eu sei. — Sua mão esquerda no meu ombro e colocou debaixo da minha nádega, tocando a carne de nossa união, esticada e escorregadia. Fiz um pequeno som de rendição, e meus joelhos soltaram.

Ele se afastou, depois voltou para dentro de mim, com força suficiente que eu dei um pequeno grito, agudo de alívio.

—Me chame para sua cama — disse, sem fôlego, as mãos nos meus braços. —Eu virei para você. Por tudo o que importa — eu virei, se pedir ou não. Mas lembre-se, Sassenach eu sou o seu homem; Eu a servirei como eu quiser.

—Faça— eu disse. —*Por favor* faça. Jamie, quero que faça!

Ele agarrou minha bunda com as duas mãos, com força suficiente para deixar hematomas, e arqueou-se contra ela, segurando, mãos deslizando sobre sua pele suada.

—Deus, Claire, eu preciso de você!

Chuva rugia no telhado de zinco agora, e um raio atingiu perto, azul-branco e afiado com o ozônio. Seguimos juntos, bifurcados e levemente cegos, sem fôlego, e o trovão rolou através de nossos ossos.

## ***Capítulo 25 : Dê-me a Liberdade***

E à medida que o sol nasceu ao terceiro dia desde que ele deixou sua casa, Lord John William Bertram Armstrong Grey viu-se mais uma vez um homem livre, com a barriga cheia, uma cabeça nadando, um mosquete mal remendado, e pulsos severamente irritados, em pé em frente ao Reverendo Peleg Woodsworth, a mão direita erguida, recitando conforme solicitado:

—Eu, Bertram Armstrong, juro ser verdadeiro para os Estados Unidos da América, e para atendê-los de forma honesta e fielmente contra todos os seus inimigos e opositores de qualquer natureza, e observar e obedecer às ordens do Congresso Continental e as ordens dos generais e oficiais que estiverem acima de mim por eles.

*Maldição, Pensou. O que vem a seguir?*

## ***SEGUNDA PARTE***

*Enquanto isso, de volta à fazenda...*

## ***Capítulo 26 - Um passo a escuridão***

*30 de outubro de 1980 Craigh na Dun*

A mancha de suor escureceu a camisa entre as omoplatas de William Buccleigh; o dia estava fresco, mas era uma subida íngreme até o topo da Craigh na Dun — e o pensamento do que os esperava no topo era o suficiente para fazer qualquer um suar.

—Você não tem que vir— Roger disse às costas de Buccleigh.

—Não encha, — seu tatara-tatara-tatara-tatara-tataravô respondeu brevemente. Buck falou distraidamente, embora toda sua atenção, como a de Roger, estivesse voltada para o longínquo pico do morro.

Roger podia ouvir as pedras daqui. Um zumbido baixo, mal-humorado, como uma colmeia de abelhas hostis. Ele sentia o som se movendo, rastejando sob sua pele, e coçou violentamente em seu cotovelo, como se ele pudesse extirpá-lo.

—Tem pedras, sim?—Buck parou, agarrando-se com uma mão a uma muda de bétula enquanto olhava para trás por cima do ombro.

—Tenho— disse Roger em breve. —Quer a sua agora?

Buck sacudiu a cabeça e tirou os cabelos louros da testa com as costas da sua mão livre.

—Na hora certa— disse, e começou a subir novamente.

Roger sabia que os diamantes estavam lá e sabia que Buck sabia, também, mas colocou a mão no bolso da jaqueta de qualquer maneira. Duas peças brutas de metal tilintaram em conjunto, as metades de um broche antigo que Brianna cortou com tesouras para aves domésticas, cada metade com uma dispersão de pequenos diamantes, pouco mais do que chips. Ele pediu a Deus que eles fossem suficiente. Se não...

O dia estava apenas fresco, mas um profundo arrepio percorreu seus ossos. Fizera isso duas — três vezes, se contasse a primeira tentativa, que quase o matou. Ficava pior, a cada vez. Achou que não conseguiria da última vez, voltando para Ocracoke, o corpo e a mente fragmentando-se naquele lugar que não era nem lugar, nem uma passagem. Fora apenas a sensação de Jem em seus braços que o manteve firme, e passar. E era apenas a necessidade de encontrar Jem agora que o faria passar por aquilo novamente.

*Um túnel sob a barragem hidrelétrica Loch Errochty*

Ele devia estar chegando perto do fim do túnel. Jem poderia dizê-lo pela forma como o ar empurrava para trás contra o seu rosto. Tudo o que ele podia ver era a pequena luz vermelha no painel do trem — o nome disso é painel de trem? Ele se perguntou. Não queria parar, porque isso significaria que teria que sair do trem, no escuro. Mas o trem estava fora da pista, por isso não havia muita coisa que pudesse fazer.

Afastou um pouco a alavanca que fazia o trem passar, e começou a parar. Mais. Só mais um pouco, e a alavanca clicou em uma espécie de slot e o trem parou com um pequeno solavanco que o fez tropeçar e agarrar a borda da cabine.

Um trem elétrico não fazia nenhum ruído de motor, mas as rodas sacudiam na pista e faziam o trem ranger e dar golpes enquanto se movia. Quando parou, o barulho parou também. Foi muito tranquilo.

—Hei!— ele disse em voz alta, porque não queria ouvir seu coração batendo. O som ecoou, e ele olhou para cima, espantado. Mamãe disse que o túnel era realmente alto, mais de nove metros, mas ele se esqueceu disso. A ideia de que havia um monte de espaço vazio que pairava sobre ele e que não podia ver o incomodava muito. Ele engoliu em seco, e saiu do pequeno vagão, segurando na estrutura com uma mão.

—Hei!— ele gritou para o teto invisível. —Tem morcegos aí em cima?—

Silêncio. Ele meio que esperava que houvesse morcegos. Não tinha medo deles, havia morcegos na velha Torre, e ele gostava de sentar e vê-los sair para caçar à noite no verão. Mas ele estava sozinho. Exceto pelo o escuro.

Suas mãos suavam. Ele soltou a cabine metálica e esfregou as duas mãos na calça jeans. Agora ele podia ouvir-se respirar também.

—Merda, — ele sussurrou sob sua respiração. Isso o fez se sentir melhor, então ele disse novamente. Talvez ele devesse estar orando, ao contrário, mas não se sentia assim, ainda não.

Havia uma porta, mamãe disse. No final do túnel. Que conduzia a uma câmara de serviço, onde as grandes turbinas poderiam ser levantadas a partir da barragem se precisassem ser consertadas. As portas estariam trancadas?

De repente, ele percebeu que ele se afastou do trem e não sabia se estava enfrentando o fim do túnel ou voltando de onde veio. Em pânico, andou para lá e para cá, com as mãos para fora, olhando para o trem. Tropeçou na parte da pista e caiu estatelado. Ficou ali por um segundo dizendo —Merda-merda-merda-merda-merda!— porque esfolou os joelhos e a palma da mão, mas ele estava OK, realmente, e agora sabia onde a pista estava então poderia segui-la e não ficaria perdido.

Ele se levantou, limpou o nariz, e se arrastou lentamente, chutando a pista em todos os poucos passos para ter certeza que ficaria nela. Achou que estava na frente de onde o trem parara, por isso realmente não importava o caminho que estava tomando, seja para encontrar o comboio ou encontrar o fim do túnel. E então a porta. Se estivesse bloqueada, talvez...

Algo como um choque elétrico correu direito por dele. Ele suspirou e caiu para trás. A única coisa em sua mente era a ideia de que alguém bateu nele com um sabre de luz como o do Luke Skywalker, e por um minuto, pensou que talvez alguém tivesse cortado sua cabeça.

Não conseguia sentir seu corpo, mas podia ver em sua mente seu corpo deitado sangrando no escuro e cabeça sentada ali no trem no escuro, não sendo capaz de ver o seu corpo e nem mesmo sabendo que não estava mais ligado. Ele fez uma espécie de ruído de fôlego que estava tentando ser um grito, mas isso fez com que seu estômago se movesse e ele sentiu aquilo, *sentiu*, e subitamente sentiu que precisava orar.

—*Gratia... Deo*— ele conseguiu dizer. Era assim que vovô dizia quando ele falava sobre a luta ou algum assassinato e isso não era bem esse tipo de coisa, mas parecia uma boa coisa a dizer de qualquer maneira.

Agora podia sentir tudo de si mesmo novamente, mas ele sentou-se e agarrou seu pescoço, só para ter certeza de que sua cabeça ainda estava ligada. Sua pele estava pulando de uma forma estranha. Como faz um cavalo quando é picado por uma mosca, mas por toda a parte. Ele engoliu em seco e sentiu o gosto prata açucarada e suspirou de novo, porque agora ele sabia o que bateu nele. Mais ou menos.

Não foi bem assim, quando todos entraram nas rochas em Ocracoke. Num minuto, estava nos braços de seu pai, e no minuto seguinte era como se ele se espalhasse por toda parte em pequenos pedaços

ondulando como o mercúrio derramado na cirurgia de vovó. Então ele estava de volta, e papai ainda o estava segurando com força suficiente para tirar o fôlego e ele podia ouvir papai soluçando e o assustou-se e ele tinha um gosto engraçado em sua boca e pequenos pedaços ainda estavam mexendo tentando fugir, mas estavam presos dentro de sua pele...

Sim. Isso era o que estava fazendo a pele saltar agora, e ele respirou mais fácil, sabendo o que era. Que estava OK, então, ele estava OK, isso pararia.

Já estava parando, o sentimento inquieto indo embora. Ele ainda sentia um pouco inseguro, mas ele se levantou. Cuidadosamente, porque não sabia onde estava.

Esper... ele *sabia*. Ele sabia exatamente.

—Isso é estranho— disse, em voz alta sem realmente percebê-lo, porque não estava mais com medo do escuro, isso não era importante.

Não podia *ver*, não com os olhos, não exatamente. Ele apertou os olhos, tentando pensar como ele *estava* vendo, mas não havia uma palavra para o que ele estava fazendo. Como se estivesse ouvindo ou cheirando ou tocando, mas sem fazer realmente qualquer um desses.

Mas sabia onde estava. Era exatamente *ali*, uma espécie de arrepio... no ar, e quando ele olhou, tinha um sentimento no fundo de sua mente como se alguma coisa muito brilhante, como o sol sobre o mar e a forma como a chama de uma vela parecia quando o brilho passava através de um rubi, mas ele sabia que não estava vendo nada assim.

Percorreu todo o caminho através do túnel, e até o teto alto, também, que ele poderia dizer. Mas não era grosso, era fino como o ar.

Supôs que era porque não fora engolido como a coisa nas rochas na Ocracoke fez. Pelo menos... ele achava que não, e por um instante, preocupou-se que talvez ele estivesse em algum outro lugar. Mas achava que não. O túnel parecia o mesmo, e assim ele, agora sua pele parou de saltar. Quando isso aconteceu, em Ocracoke, soube imediatamente que era diferente.

Ficou lá por um minuto, apenas olhando e pensando, e depois balançou a cabeça e virou-se, sentindo a pista com o pé. Não voltaria a atravessar *aquilo*, de jeito nenhum. Só tinha a esperança de que a porta não estivesse trancada.

*Escritório, propriedade de Lallybroch.*

A mão de Brianna se fechou no abridor de carta, mas mesmo que ela calculasse a distância envolvida, o obstáculo da mesa entre Rob Cameron e ela, e a fragilidade da lâmina de madeira, ela estava relutantemente concluindo que não poderia matar o desgraçado. Ainda não.

—Onde está meu filho?

—Ele está OK.

Ela se levantou de repente, e ele recuou um pouco no reflexo. Seu rosto corado e endurecendo sua expressão.

—E bem melhor que ele esteja *mais* do OK— ela retrucou. —Eu disse, onde está ele?

—Oh, não, mulher — ele disse, balançando um pouco para trás sobre os calcanhares, mostrando indiferença. —Isso não é como estamos jogando. Hoje não.

Deus, por que Roger não mantinha um martelo ou um formão ou algo de *útil* na gaveta da escrivaninha? Será que ele esperava que ela grampeasse este idiota? Ela preparou-se, ambas as mãos sobre a mesa plana, para não saltar sobre ele e ir a sua garganta.

—Eu não estou jogando— disse através de seus dentes. —E nem você. Onde está Jemmy?

Ele nivelou um dedo longo para ela.

—Você não é mais a chefe, *Sra.* Mackenzie. Eu dou as cartas agora.

—Oh, você pensa assim, não é?— Ela perguntou tão levemente quanto pode. Seus pensamentos foram deslizando passando como grãos de areia em uma ampulheta, uma cascata deslizando de *e se, como, posso, não, sim...*

—Sim, eu penso, sim. — Sua cor, já vermelha, acentuou-se ainda mais, e ele lambeu os lábios. —Você vai descobrir como é estar no fundo, mulher.

Os olhos de Cameron eram muito brilhantes, e seu cabelo estava cortado tão curto que ela podia ver as gotas de suor brilhando acima das orelhas. Ele estava sob efeito de alguma coisa? Ela achava que não. Ele estava usando calças de tecido, e seus dedos inconscientemente brincando na frente, onde uma protuberância substancial estava começando a mostrar. Seus lábios se apertaram com a visão.

*Não em sua vida, amigo.*

Ela ampliou seu olhar, tanto quanto possível, para prendê-lo sem deixar que seus olhos se movessem fora dela. Não *achava* que ele estivesse armado, embora tivessem coisas nos bolsos de sua jaqueta. Ele realmente achava que ele poderia fazê-la fazer sexo com ele, sem um conjunto de algemas e uma marreta?

Ele girou o dedo, apontando para o chão na frente dele.

—Vem aqui, mulher — ele disse suavemente. —E tire o seu jeans. Talvez seja bom aprender como é tomar na bunda regularmente. Fez isso comigo por meses — o que é justo é justo, não é?

Muito lentamente, ela deu a volta na mesa, mas parou bem aquém dele, mantendo-se fora do alcance. Ela se atrapalhou com os frios dedos no botão de sua calça, sem vontade de olhar para baixo, sem vontade de tirar os olhos dele. Seu coração estava batendo tão forte em seus ouvidos que ela mal podia ouvir sua respiração pesada.

A ponta da língua mostrou brevemente, involuntariamente, quando ela empurrou o jeans para baixo sobre os quadris, e ele engoliu em seco.

—A calcinha, também, — ele disse, meio sem fôlego. —Tire.

—Você não estupra as pessoas, muitas vezes, não é?— Disse bruscamente, saindo do jeans amassado. —Qual é a pressa?— Ela se inclinou e pegou as pesadas calças jeans, sacudiu as pernas e se virou como se quisesse colocá-las sobre a mesa. Então chicoteou para trás, segurando as calças de brim no tornozelo, e atacou tão duro quanto podia em sua cabeça.

O tecido pesado com o seu zíper e botão de bronze atingiu-o em cheio no rosto, e ele cambaleou para trás com um grunhido de surpresa, agarrando os jeans. Ela soltou-os instantaneamente, pulou em cima da mesa, e lançou-se sobre ele, ombro primeiro.

Eles caíram junto com um estrondo que sacudiu o piso de madeira, mas ela caiu em cima, joelhada dura na barriga, e, em seguida, agarrou-o por ambas as orelhas e bateu com a cabeça no chão tão duro quanto podia. Ele soltou um grito de dor, agarrou os pulsos, e ela prontamente soltou de suas orelhas, inclinou-se para trás, e agarrou sua virilha.

Se conseguisse um agarre decente em suas bolas através do tecido macio, poderia tê-las esmagado. Do jeito que era conseguiu um apertá-las superficialmente, mas com força suficiente para fazê-lo ganir e convulsionar, quase a desalojando de cima dele.

Ela não poderia ganhar uma briga. Não poderia deixar que ele batesse nela. Ela ficou de pé, olhando freneticamente ao redor do escritório para

algo pesado para acertá-lo, aproveitando a caixa de correio de madeira, e esmagou-o sobre a sua cabeça quando ele começou a subir. Ele não caiu, mas balançou a cabeça, atordoado entre a cascata de cartas, e ela chutou na mandíbula tão duro quanto podia seus próprios dentes cerrados. Foi um deslizamento, impacto suado, mas ela machucou.

Ela se machucou, também, chutou com o calcanhar, o máximo que podia, mas ela sentiu uma explosão de dor no meio do pé; ela rasgou ou quebrou alguma coisa, mas isso não importava.

Cameron balançou a cabeça violentamente, tentando limpá-la. Ele estava em suas mãos e joelhos agora, rastejando em direção a ela, pegando sua perna, e ela apoiou-se contra a mesa. Com um grito de guerra, ela deu uma joelhada em sua cara, se contorcia fora de seu alcance, e correu para a sala, mancando muito.

Havia armas nas paredes do hall de entrada, algumas pistolas e espadas mantidas para o ornamento, mas todas penduradas alto, para estar fora do alcance das crianças. Havia uma mais facilmente a mão, no entanto. Ela chegou por trás do cabide e pegou bastão de críquete de Jem.

*Não pode matá-lo*, Ela não parava de pensar, vagamente surpresa com o fato de que sua mente ainda estivesse funcionando. *Não o mate. Ainda não. Não até que ele diga que é Jemmy.*

—Porra... *cadela* —Ele estava quase em cima dela, ofegante, meio cego pelo sangue escorrendo pela testa, meio soluçando com o sangue escorrendo de seu nariz. —Foda-se, vou racha-la ao meio, foda-se se o...

—*Caistéal DOOON!*— ela gritou, e, saindo de trás do cabideiro, balançou o bastão em um movimentando-o em arco, como se estivesse ceifando, atingindo-o nas costelas. Ele fez um barulho borbulhante e dobrou, braços sobre o meio. Ela respirou fundo, girou o bastão tão alto quanto pôde, e trouxe-o para baixo com toda a força no alto da cabeça.

O choque fez vibrar os braços até os ombros e ela caiu de cara com um *clunk* e ficou ali ofegante, tremendo e encharcado de suor.

—Mamãe?— Disse uma pequena voz, trêmula no pé da escada. —Por que você não com suas calças, mamãe?

**Agradeceu a Deus por instinto, foi seu primeiro pensamento coerente. Ela cruzou o comprimento do hall de entrada, pegou Mandy no colo e estava acariciando confortavelmente antes que qualquer tipo de decisão consciente de se mover fosse tomada.**

—Calças? — ela disse, olhando para a forma flácida de Rob Cameron. Ele não se mexera desde que caíra, mas ela não achava que o tivesse matado. Ela teria que tomar medidas mais certas para neutralizá-lo, e rápido. —Oh, calças. Eu estava apenas me preparando para dormir quando esse homem danado apareceu.

—Oh— Mandy inclinou para fora de seus braços, olhando para Cameron. — É shenhô Rob! Ele é um ladão? É um homem mau?

—Sim, ambos, —disse Brianna, deliberadamente casual. O discurso de Mandy mostrou o sotaque que tinha quando ela ficava excitada ou perturbada, mas a menina parecia estar se recuperando muito rápido a partir do choque de ver sua mãe batendo em um assaltante no hall de entrada, enquanto estava vestindo apenas uma camiseta e roupa íntima. O pensamento a fez querer bater nas bolas de Cameron, mas ela engasgou de volta. Não há tempo para isso.

Mandy se agarrou ao pescoço, mas Brianna definiu sua firmeza nas escadas.

—Mamãe quer que você fique aqui, *a ghraidh*. Tenho que colocar o Sr. Rob em algum lugar seguro, onde ele não possa fazer nada de mal.

—Não!—Mandy chorou, movendo a cabeça de sua mãe em direção ao amassado Cameron, mas Brianna acenou para ela, no que esperava que fosse uma forma tranquilizadora, pegou o bastão de críquete apenas para garantir, e cutucou o preso nas costelas com um dedo cauteloso. Ele vacilou, mas não se mexeu. Apenas no caso, moveu-se para trás dele e empurrou-o bruscamente entre as nádegas com o bastão de críquete, o que fez Mandy rir. Ele não se mexeu, e ela respirou fundo pela primeira vez no que pareceram horas.

Voltando para as escadas, ela deu a Mandy o bastão para segurar e sorriu para ela. Empurrou uma mecha do cabelo suado para trás da orelha.

—OK. Nós vamos colocar Sr. Rob no buraco do padre. Você vai abrir a porta para a mamãe, tudo bem?

—Eu bato nele?—Mandy perguntou esperançosamente, segurando o bastão.

—Não, não acredito que precise fazer isso, querida. Basta abrir a porta.

Sua bolsa de trabalho estava pendurada no cabide, um grande rolo de fita adesiva facilmente à mão. Ela atou nos tornozelos e pulsos de

Cameron, uma dúzia de voltas cada, em seguida, curvou-se, e segurando pelos tornozelos, arrastou-o para a porta vai-e-vem no final do corredor que separava a cozinha do resto da casa.

Ele começou a se mexer enquanto elas contornavam a grande mesa na cozinha, e ela caiu a seus pés.

—Mandy— a disse, mantendo sua voz o mais calma possível. — Preciso ter uma conversa adulta com o Sr Rob. Dê-me o bastão. Então você vá direto para fora para o vestíbulo e espere por mim lá, OK?

—Mamãe... —Mandy estava encolhendo de volta contra o armário da pia, olhos enormes e fixos no gemido de Cameron.

—Vai, Mandy. Agora mesmo. Mamãe vai estar lá antes que você possa contar até cem. Comece a contar agora. Um... dois... três... —Ela ficou entre Cameron e Mandy, apontando firmemente com a mão livre.

Relutantemente, Mandy se moveu, murmurando, —Quatro... cinco... seis... sete... —e desapareceu pela porta da cozinha de trás. A cozinha estava quente pelo gás, e apesar de sua falta de roupas, Bree ainda estava fluindo com o suor. Ela podia sentir seu próprio cheiro, selvagem e picante, e descobriu que o cheiro a fazia sentir-se mais forte. Não estava certa que já havia entendido verdadeiramente o termo *sanguinário* antes, mas agora o fazia.

—Onde está meu filho?—Ela disse a Cameron, mantendo uma distância cautelosa no caso ele tentasse rolar para ela. —Responda-me, seu pedaço de merda, ou eu vou dar uma surra em você e então chamar a polícia.

—Sim?—Ele rolou lentamente para o lado, gemendo. —E dizer o que, exatamente? Que eu levei o seu menino? Que prova que você têm —Suas palavras foram arrastadas, seu lábio estava inchado de um lado, onde ela o chutou.

—Tudo bem— ela respondeu. —Simplesmente vou dar uma surra em você.

—O quê, bater um homem indefeso? Bom exemplo para sua pequenina. —Ele rolou de costas com um gemido abafado.

—Quanto à polícia, posso dizer que você invadiu a minha casa e me agrediu. — Ela apontou um pé para ele, para que ele pudesse ver os arranhões lívidos sobre sua perna. — Haverá célula da minha pela sob suas unhas. E ainda que eu prefira que Mandy não passe por isso novamente, certamente ela contaria o que você estava dizendo no corredor. — *Ela faria,*

*também*, Bree pensou. Mandy era um gravador muito fiel, especialmente no que se referia à linguagem ruim.

—Nng— Cameron fechou os olhos, fazendo uma careta contra a luz em cima da pia, mas agora os abriu novamente. Ele estava menos atordoado; ela podia ver a luz do cálculo de volta em seus olhos. Como a maioria dos homens, pensou, ele era provavelmente mais inteligente quando ele não estava sexualmente excitado e ela tomou cuidado.

—Sim. E eu digo que era apenas um joguinho sexual que saiu do controle, e você diz que não, e eles dizem: —Sim, tudo bem, senhora, e onde está seu marido, então?— O lado sem danos de sua boca torceu-se. —Você não é tão rápida, esta noite, mulher. Mas, então, vocês geralmente não são.

Sua menção de Roger fez a onda de sangue em seus ouvidos. Ela não respondeu, mas agarrou-o pelos pés e puxou-o mais ou menos até a cozinha e para a passagem de volta. A grade que cobria o buraco do padre estava escondida por um banco e várias caixas de garrafas de leite, pedaços de equipamento agrícola aguardando reparo e outros itens que não iam a qualquer outro lugar. Ela deixou cair os pés de Rob, empurrou o banco e caixas de lado, e puxou a grade. Havia uma escada que levava para baixo no espaço sombrio; ela puxou isso e deslizou atrás do banco. *Aquela* pequena amenidade não seria necessária.

—Hei!— Os olhos de Rob se arregalaram. Ou ele não sabia realmente que havia um buraco do padre na casa ou não pensou que ela o faria. Sem dizer uma palavra, ela agarrou-o por baixo dos braços, arrastou-o para o buraco, e empurrou-o. Entrou primeiro, porque se ele quebrasse o pescoço, não podia dizer a ela onde Jem estava.

Ele caiu com um grito, que foi interrompido por um baque pesado. Antes que ela pudesse se preocupar ele conseguiu pousar em sua cabeça depois de tudo, ela o ouviu gemer e um sussurro quando ele começou a se mexer. Um murmúrio de muito má língua tranquilizou-a, ainda, que ele estava em boa forma suficiente para responder às perguntas. Ela foi buscar a grande lanterna da gaveta da cozinha e ascendeu para baixo no buraco. O rosto de Cameron, congestionado e cheio de sangue, olhou para ela. Ele curvou-se e, com alguma dificuldade conseguiu colocar-se em uma posição sentada.

—Você quebrou a minha perna, sua puta!

—Bom— ela disse com frieza, mas ela duvidava. —Assim que eu receber Jem de volta, vou levá-lo a um médico.

Ele respirou fundo pelo nariz, fazendo um barulho fungado desagradável, e enxugou o rosto com as mãos atadas, espalhando o sangue através de uma bochecha.

—Você o quer de volta? Tire-me daqui, e rápido!

**Ela estava considerando e descartando os diferentes planos de ação, baralhando por eles como um bando mental de cartões, desde que ela o amordaçasse com fita crepe. E deixá-lo ir não era algo que considerou. Ela *tinha* pensando em ir buscar o rifle calibre 22 que a família usava para caçar ratos e atirar nele em alguns lugares que não eram essenciais, mas havia algum risco de ou desativa-lo muito mal para ser de ajuda ou mata-lo acidentalmente por bater algo vital se ele se contorcesse.**

—Pense rápido— ele gritou para ela. —Sua mocinha vai chegar aos cem e estará de volta a qualquer momento!

Apesar da situação, Brianna sorriu. Mandy muito recentemente introduziu a ideia de que os números eram infinitos e estava encantada com o conceito. Ela não iria parar a contagem até que ela ficasse sem fôlego ou alguém a parasse. Ainda assim, ela não ia se envolver na conversa inútil com seu prisioneiro.

—Tudo bem— ela disse, e estendeu a mão para a grelha. —Vamos ver como você é tagarela depois de vinte e quatro horas sem comida ou água, não é?

—Sua puta desgraçada!— Ele tentou ficar em seus pés, mas caiu para o lado, contorcendo-se impotente. —Você — você apenas acha isso, sim? Se eu ficar sem comida e água, assim está o seu rapazinho!

Ela congelou a ponta de metal da grade cavando seus dedos.

—Rob, você não é brilhante — disse. Ficou espantada que sua voz parecesse de conversa; ondas de horror e alívio e horror renovado estavam passando por seus ombros, e algo primitivo na parte de trás de sua mente estava gritando.

Um silêncio soturno de baixo, enquanto ele tentava descobrir o que ele acabou de dar.

—Agora eu sei que você não enviou Jem de volta através das pedras — ela esclareceu para ele. Ela cuidadosamente não gritou, *Mas você mandou Roger para lá para procurar por ele! E ele nunca vai encontrá-lo. Você... você...* —Ele ainda está aqui, neste momento.

Outro silêncio.

—Sim— ele disse lentamente. —Ok, você sabe disso. Mas você não sabe onde ele está. E não saberá, até que me solte. Estou falando sério, mulher. Ele vai estar com sede agora. *E* fome. Vai ser muito pior para ele, pela manhã.

Sua mão apertou na grade. — É melhor estar mentindo — disse calmamente. —Para o seu bem. — Ela empurrou a grade de volta no lugar e deu um passo sobre ela, clicando em seu quadro. O buraco do padre era literalmente um buraco: um espaço de cerca de seis metros por oito e doze metros de profundidade. Mesmo que Rob Cameron não estivesse amarrado pelos pés e mãos, não poderia saltar alto o suficiente para se apossar da grelha, e muito menos chegar à trava que segurou para baixo.

Ignorando os gritos furiosos de baixo, Brianna foi recuperar sua filha e seus jeans.

**O vestibulo estava vazio, e por um instante, ela entrou em pânico, mas depois que ela viu o minúsculo pé nu saindo debaixo do banco, os dedos longos relaxados como os de um sapo, seu batimento cardíaco caiu. Um pouco.**

**Mandy estava enrolada em um casaco velho de Roger, meio polegar na boca, dormindo. O impulso foi o de levá-la para sua cama, deixar a luz do dia vir até o sono. Brianna colocou uma mão suave no cabelo crespo negro de sua filha, preto como de Roger, e seu coração se apertou como um limão. Havia outra criança a considerar.**

**—Acorde, meu amor— disse, agitando a criança. —Acorda querida. Precisamos ir e procurar Jem.**

**Foi preciso um pouco de adulação e um copo de Coca-Cola — um deleite raro, e absolutamente, e absolutamente inédito tão tarde da noite, que emocionante! — Para conseguir Mandy em um estado de alerta, mas uma vez lá, ela era toda ansiedade para sair e caçar seu irmão.**

**—Mandy— disse Bree, tão casualmente quanto podia, abotoando casaco rosa acolchoado de sua filha — pode sentir Jem? Agora?**

**—Uh-huh— Mandy respondeu com descaso, e o coração de Brianna saltou. Duas noites antes, a criança acordou gritando de um sono profundo, chorando histericamente e insistindo que Jem fora embora. Ela estava inconsolável, lamentando que seu irmão fosse comido pelas *pedas gandes*!**

Uma afirmação que aterrorizou seus pais, que conheciam os horrores daquelas rochas particulares muito bem.

Mas, em seguida, alguns minutos depois, Mandy de repente se acalmou. Jem estava lá, disse. Ele estava lá em sua cabeça. E ela voltou a dormir como se nada tivesse acontecido.

Na consternação que seguira este episódio —a descoberta de que Jem fora pego por Rob Cameron, um dos colegas de trabalho de Brianna na hidrelétrica, e presumivelmente o levava através das pedras para o passado — não houvera tempo para recordar a observação de Mandy sobre Jem estar de volta em sua cabeça, deixando-a sozinha para fazer novas investigações. Mas agora a mente de Brianna estava se movendo na velocidade da luz, saltando de uma constatação terrível para a próxima, fazendo conexões que poderia ter levado horas para fazer a sangue frio.

Compreensão Aterrorizante Número 1: Jem não fora para o passado, afinal de contas. Enquanto que isso, por si só, era uma *boa* coisa, isso os levava à Compreensão Aterrorizante Número 2 que era muito pior: Roger e William Buccleigh *passaram*, sem dúvida, através das pedras, em busca de Jemmy. Ela esperava que eles estivessem de fato no passado, e não mortos — viajando através de qualquer tipo de coisa que as pedras fossem a uma proposição perigosa sangrenta — mas, se assim fosse, isso a traria de volta Compreensão Aterrorizante Número 1 novamente: Jem não estava no passado. E se ele não estava lá, Roger não o encontraria. E uma vez que Roger nunca desistiria de procurar...

Ela empurrou Compreensão Aterrorizante Número 3 de lado com muita força, e Mandy piscou os olhos, surpresa.

—Por que você fazendo caretas, mamãe?

—Praticando para o Halloween. — Ela se levantou, sorrindo o melhor que pôde, e estendeu a mão para seu próprio casaco na mochila.

A testa de Mandy vincou com o pensamento.

—Quando é o Dia das Bruxas?

Frio ondulou sobre ela, e não apenas por causa da fresta debaixo da porta detrás. *Eles fizeram isso?* Eles pensavam que o portal era mais ativos nas festas dos sol e festas do fogo — e o Samhain era uma importante festa do fogo —mas eles não podiam esperar o dia extra,

por medo de que Jem fosse levado para muito longe de Craigh na Dun, depois de passar através das pedras.

—Amanhã— disse. Seus dedos deslizaram e se atrapalharam com os botões, instáveis com adrenalina.

—Bom, bom, bom!— Mandy disse, pulando para lá e para cá como um grilo. —Posso usar a minha máscara para procurar Jemmy?

### *Capítulo 27- Nada é tão difícil que se procurando não ache*

Ele sentiu os diamantes explodirem. Por algum tempo, era o único pensamento em sua mente. Sentiu aquilo. Um instante, mais breve do que a batida de um coração, e um pulso de luz e calor na mão e, **em seguida**, o pulsar de algo passando por ele, ao seu redor, e em seguida...

Não “em seguida” **pensou confuso**. Não havia nenhum em seguida. Não havia nenhum agora. Agora há, **embora**...

Ele abriu os olhos para descobrir que havia um agora. Ele estava deitado sobre pedras e urzes e havia uma respiração de uma vaca... não, não uma vaca... ele levantou e conseguiu virar a cabeça meia polegada. Era um homem, **acolorado no** solo. Tomando enormes e irregulares goles de ar. Quem...?

—Oh, —ele disse em voz alta, **ou quase**. —**É você**. —As palavras saíram meio mutiladas o que prejudicou sua garganta e ele tossiu. Isso doeu também. —Você... está OK?— **Perguntou ele** com voz rouca.

—Não. —**Ele respondeu** em um grunhido, cheio de dor, e alarmado Roger para ficou de quatro, girando a cabeça. Ele mesmo parecia um pouco ofegante, **mas** rastejou tão rápido quanto pode em direção a Buck.

William Buccleigh estava enrolado, **braços cruzados**, segurando seu braço esquerdo com a mão direita. Seu rosto estava pálido e coberto com suor, lábios pressionados com tanta força juntos que havia um anel branco em volta de sua boca.

—**Dói?**—Roger levantou a mão, incerto sobre onde verificar. Não podia ver nenhum sangue.

—**Oh**... meu peito... — Buck ofegante. — Braço.

—Oh, **Jesus**, — disse Roger, os últimos remanescentes de confusão arrancados por uma explosão de adrenalina. —**Você está tendo** um ataque cardíaco porra?

—O que... — Buck fez uma careta, **então algo** pareceu aliviar um pouco. Ele engoliu um pouco de ar. — Como diabo eu saberia?

—É que — não importa. Deite-se, você consegue? — Roger olhou descontroladamente para os lados, mas mesmo quando o fez, percebeu a absoluta inutilidade do gesto. A área perto de Craigh na Dun era selvagem e despovoada em seu próprio tempo, e muito menos neste. E mesmo que alguém aparecesse fora das pedras e urzes, as chances de quem quer que fosse ser médico eram remotas.

Ele tomou Buck pelos ombros e o empurrou suavemente para baixo, então se inclinou e colocou o ouvido no peito do homem, sentindo-se como um idiota.

—Ouve alguma coisa?—Buck perguntou ansiosamente.

—Não com você falando, não. Cale a boca. Ele pensou que poderia ouvir uma batida do coração de algum tipo, mas não tinha ideia se havia algo errado com ele. Ele ficou dobrado por mais um momento, mesmo que apenas para se recompor.

Sempre aja como se soubesse o que está fazendo, mesmo que não saiba. Esse conselho lhe foi dado por inúmeras pessoas, desde artistas com quem compartilhara o palco até consultores acadêmicos... e, muito mais recentemente, por seus sogros.

Colocou a mão no peito de Buck e olhou para o rosto do homem. Ele ainda estava suando e claramente com medo, mas havia um pouco mais de cor em suas bochechas. Seus lábios não estavam azuis; que parecia um bom sinal.

—Apenas continue respirando — ele aconselhou seu antepassado. — Devagar, sim?

Tentou ele mesmo seguir esse pequeno conselho; o seu coração estava acelerado e suor corria pelas costas, apesar de um vento gelado que zunia em seus ouvidos.

—Nós fizemos isso, sim?— O peito de Buck estava se movendo mais lentamente debaixo da sua mão. Ele virou a cabeça para olhar em volta. —É... diferente. Não é?

—Sim. — Apesar da situação atual e a preocupação esmagadora por Jem, Roger sentiu uma onda de alegria e alívio. Era diferente: a partir daqui, ele podia ver a estrada abaixo agora não mais do que o rastro de mato para tropeiros, ao invés de uma fita de asfalto cinzento. As árvores e arbustos, eles eram diferentes, também havia pinheiros, os

grandes pinheiros da Caledônia que pareciam talos de brócolis gigantes. Eles haviam feito isso.

Ele sorriu para Buck. —Nós fizemos. Não morra agora, seu pederasta.

—Vou fazer o meu melhor. — Buck era rude, mas talvez começasse a parecer melhor. —O que acontece se você morrer fora de seu tempo? Você simplesmente desaparece como você nunca tivesse existido?

—Talvez você exploda em pedaços. Eu não sei, e eu não quero descobrir. Não enquanto eu estou de pé ao seu lado, pelo menos. — Roger mexeu seus pés debaixo dele, e lutou contra uma onda de tontura. Seu coração ainda estava batendo duro o suficiente para que o sentisse na parte de trás de sua cabeça. Ele respirou tão profundamente quanto podia, e se levantou.

—Eu vou... pegar um pouco de água. Fique aí sim?

Roger trouxera uma pequena cantina vazia, embora estivesse preocupado com o que poderia acontecer com o metal durante a travessia. Evidentemente o que quer que fazia com que as pedras preciosas vaporizassem não se aplicava ao estanho, embora; a cantina estava intacta, bem como a pequena faca e o frasco de bolso de prata com conhaque.

Buck estava sentado no momento em que Roger voltou do riacho mais próximo com a água, e depois de esfregar o rosto com água e beber a metade do brandy, declarou-se recuperado.

Roger não estava tão certo; o olhar do homem estava um pouco fora de cor ainda, mas ele estava muito ansioso a respeito de Jem para sugerir esperar mais. Eles falaram sobre isso um pouco a caminho de Craigh na Dun, concordando com uma estratégia básica, pelo menos para começar.

Se Cameron e Jem fizeram a travessia sem contratempos — e o coração de Roger apertava com esse pensamento, lembrando a coleção de Geillis Duncan de reportagens envolvendo pessoas encontradas perto de círculos de pedra, a maioria delas mortas, eles deveriam estar a pé. E enquanto Jem era um menino robusto e capaz de andar uma boa distância, ele duvidava que pudesse fazer muito mais do que 10 milhas em um dia sobre terreno acidentado.

A única estrada era trilha dos tropeiros que levava perto da base da colina. Então um deles tomaria a direção que se cruzava com uma das boas estradas de General Wade que levaram à Inverness; o outra seria seguir a

pista oeste em direção ao caminho que levava a Lallybroch e, além dele, Cranesmuir.

—Eu acho que Inverness é a mais provável— Roger repetiu, provavelmente, pela sexta vez. —É o ouro que ele quer, e ele sabe que está na América. Ele não pode ir a pé das Highlands para Edimburgo para encontrar um navio, não com o inverno respirando no seu pescoço.

—Ele não vai encontrar um navio em qualquer lugar no inverno, — Buck objetou. —Nenhum capitão atravessaria o Atlântico em novembro!

—Você acha que ele sabe disso?— perguntou Roger. —Ele é um arqueólogo amador, não um historiador. E a maioria das pessoas no século XX têm dificuldade em pensar qualquer coisa sempre diferente no passado, acham as roupas engraçadas e sem água encanada. A noção de que o tempo poderia impedi-los de ir a qualquer lugar que tenham uma mente, ele pode muito bem pensar navios correndo o tempo todo, um calendário regular.

—Mmhm. Bem, talvez ele queira se esconder em Inverness com o rapaz, talvez encontre trabalho, e espere até a primavera. Quer ir a Inverness, então? —Buck ergueu o queixo na direção da cidade invisível.

—Não. — Roger sacudiu a cabeça e começou a dar tapinhas bolsos, verificando seus suprimentos. —Jem conhece este lugar. — Ele apontou para as pedras acima deles. —Eu o trouxe aqui, mais de uma vez, para ter certeza que ele nunca se surpreendesse quando viesse aqui. Isso significa que ele sabe aproximadamente, pelo menos, como chegar a casa em Lallybroch, quero dizer daqui. Se ele escapasse de Cameron e, meu Deus, eu espero que ele escape! Ele correria para casa.

Ele não se deu ao trabalho de dizer que mesmo que Jem não estivesse lá, os parentes de Brianna estavam, seus primos e sua tia. Ele não os conheceu, mas eles sabiam pelas cartas de Jamie quem eles eram; se Jem não estava lá e, Senhor, como ele esperava que ele estivesse, achava que eles ajudariam a procurar. A respeito de quanto ele poderia tentar dizer... podia esperar.

—Certo, então. — Buck abotoou o casaco e colocou o xale de lã em volta do pescoço contra o vento. —Três dias, talvez, até Inverness e tempo para procurar pela cidade, dois ou três para voltar. Encontro aqui daqui a seis dias. Se você não estiver aqui, sigo para Lallybroch.

**Roger concordou. —E se eu não os encontrar, mas ouvir algo sobre eles, vou deixar uma mensagem em Lallybroch. Se... —Ele hesitou, mas tinha que ser dito. —Se você encontrar a sua esposa, e as coisas piorarem...**

Os lábios de Buck apertaram.

—Já pioraram disse. —Mas, sim. Se. Eu ainda vou voltar.

—Sim, certo. — Roger curvou os ombros, ansioso para ir, e se sentindo diferente com ele. Buck já estava se afastando, mas de repente virou o rosto e agarrou a mão de Roger, com força.

—Nós vamos encontrá-lo— disse Buck, e olhou nos olhos de Roger, com aqueles olhos brilhantes de musgo que eram o mesmo que os dele. —Boa sorte— Ele apertou a mão de Roger, duro e, em seguida, estava fora, os braços estendidos para equilibrar-se quando ele pegou seu caminho através das rochas e tojo. Ele não olhou para trás.

### *Capítulo 28- Quente, Frio*

—Você pode dizer quando Jem está na escola?

— Sim. Ele vai de ônibus. —Mandy se arrumou um pouco em seu assento, inclinando para espiar pela janela. Ela estava usando a máscara de Halloween que Bree ajudara a fazer, sendo essa uma princesa ratinha: um rosto de rato desenhado com lápis de cor sobre um prato de papel, com orifícios abertos para os olhos e em ambos os lados laços de fio rosa, mais fio rosa colado para os bigodes, e uma precária pequena coroa feita com papelão, colada mais e mais com uma garrafa de glitter dourado.

Os Escoceses celebravam o Samhain com nabos ocos com velas enfiadas, mas Brianna queria uma tradição um pouco mais festiva para seus filhos meio-americanos. O banco da frente todo brilhava como se o carro fosse polvilhado com pó de pirlimpimpim.

Ela sorriu, apesar de sua preocupação.

—Eu quis dizer, se você jogasse quente/frio com Jem, você poderia fazê-lo se ele não estivesse respondendo a você em voz alta? Você saberia se ele estivesse mais perto ou mais longe?

Mandy chutou a frente do assento em uma posição pensativa.

—Talvez.

— Pode tentar?—Eles estavam indo em direção a Inverness. Era lá que Jem supostamente estaria passando a noite com o sobrinho de Rob Cameron.

—OK— Mandy disse gravemente. Não perguntara onde Rob Cameron estava. Brianna propôs um pensamento quanto ao destino de

seu prisioneiro. Ela realmente dispararia em seus tornozelos, cotovelos, joelhos, ou qualquer outra coisa necessária para descobrir onde estava Jem, mas se houvesse maneiras mais calmas para descobrir, seria melhor para todos. Não seria bom para Jem e Mandy ter sua mãe mandada para prisão por toda vida, especialmente se Roger — jogou fora esse pensamento e pisou mais duramente no acelerador.

—Frio —Mandy anunciou tão de repente que Brianna quase parou o carro.

—O quê? Quer dizer, estamos ficando mais distantes de onde Jemmy está?

—Uh –huh.

Brianna respirou fundo e fez uma inversão de marcha, evitando por pouco um furgão que se aproximava, que as xingou aborrecido.

—Certo— ela disse, segurando o volante com as mãos suadas. — Vamos para o outro lado.

A porta não estava trancada. Jem abriu com o coração batendo aliviado, e, em seguida, bateu com mais força, quando ele percebeu que as luzes também não estavam acesas na câmara de turbina.

Havia *alguma* luz. As pequenas janelas na parte superior do espaço enorme, onde a sala dos engenheiros ficava: havia luz vindo de lá. Apenas o suficiente para que ele pudesse ver os monstros na sala enorme.

— São só máquinas, —ele murmurou, pressionando suas costas com força contra a parede ao lado da porta aberta. — Sómáquinassómaquinassómaquinas! —Ele sabia os nomes delas, o guincho de polia gigante que corria em cima com os grandes ganchos balançando, e as turbinas, mamãe dissera a ele. Mas eles estavam lá *em cima*, na ocasião, e havia luz, e fora durante o dia.

O chão sob seus pés vibrou e ele podia sentir os botões em sua coluna vertebral batendo contra a parede enquanto aquilo se chocava com o peso da água correndo através da barragem sob ele. Toneladas de água, mamãe disse. Toneladas e toneladas e toneladas de água escura, todos ao redor dele, com ele... se a parede ou o chão rachasse, ele...

—Cale-se, bebezão! —Disse ferozmente para si mesmo, e passou a mão duramente sobre o rosto e as enxugou em seu jeans. —Tem que se

**mover. Vá!**

Havia escadas; tinha que haver escadas. E estavam em algum lugar aqui, entre as grandes corcovas negras das turbinas que faziam barulho. Ficavam mais elevadas do que as grandes pedras na colina onde o Sr. Cameron o levava. Esse pensamento o acalmou um pouco; estava muito mais assustados nas pedras. Mesmo com ruído profundo e ensurdecedor que as turbinas faziam — aquilo estava fazendo seus ossos se contorcerem, mas realmente não chegavam *dentro* de seus ossos.

A única coisa que o impedia de voltar pelo túnel e esperar por alguém para encontrá-lo na parte da manhã era a... coisa lá dentro. Não queria estar em qualquer lugar perto daquilo.

Não podia mais ouvir seu coração. Estava muito barulhento na câmara de turbina para ouvir qualquer coisa. Ele com certeza não podia ouvir seu próprio pensamento, mas as escadas tinham que estar próximas às janelas, e ele balançou dessa forma, mantendo-se o mais longe que pôde das enormes corcovas duplas e negras esticando-se pelo chão.

Foi só quando ele finalmente encontrou a porta, abriu-a, e caiu na escadaria iluminada que ocorreu perguntar se o Sr. Cameron estava talvez lá em cima, esperando por ele.

### ***Capítulo 29- De Volta a Lallybroch***

Roger abriu laboriosamente seu caminho em direção ao cume da passagem da montanha, murmurando baixinho (como fez nos últimos milhas):

— *Se tivesse visto essa estrada antes que estivesse feita, você levantaria as mãos e abençoaria o General Wade.*

O General irlandês Wade passou 12 anos construindo quartéis, pontes e estradas em toda Escócia, e se aquele pedaço admirável de verso não estivesse, na verdade esculpido em uma pedra numa das estradas do general, deveria ser, Roger pensou. Ele pegou uma das estradas do general perto de Craigh na Dun, que o levou tão rapidamente quanto ele poderia caminhar até a poucos quilômetros de Lallybroch.

Estes últimos quilômetros, no entanto, não tiveram o benefício da atenção de Wade. A trilha rochosa, marcada por pequenos pântanos de lama

e densamente cobertas de urze e carqueja, ia através da passagem íngreme que dava — e protegia — Lallybroch. As encostas mais baixas eram arborizadas com faias, amieiros e robustos pinheiros da Caledônia, mas nessa altura não havia nem sombra nem abrigo, e um vento forte, frio batendo enquanto ele subia.

Poderia Jem ter chegado tão longe por si mesmo, se tivesse escapado? Roger e Buck olharam nas proximidades da Craigh na Dun, na esperança de que, talvez, Cameron parasse para descansar após a tensão da passagem, mas não houvera nenhum sinal — nada como as pegadas de um tênis tamanho quatro em um terreno acidentado e enlameado. Roger veio em seguida, por si mesmo, o mais rápido que podia, fazendo uma pausa para bater à porta de qualquer lugar que ele veio e não havia muitos ao longo deste caminho, mas ele fez bom tempo.

Seu coração batia forte, e não apenas a pelo esforço da subida. Cameron teria, talvez, uma vantagem de dois dias, no máximo. Se Jem não fugisse e corresse para casa, no entanto... Cameron não viria para Lallybroch, com certeza. Mas aonde ele *iria*? Pela estrada boa, restaria agora 10 milhas para trás, na direção oeste, talvez, para os territórios dos Mackenzie, mas por quê?

**—Jem!—Ele gritava de vez em quando enquanto seguia, embora as charnecas e montanhas estivessem vazias salvo pelo farfalhar de coelhos e arminhos, e em silêncio, a não ser pelo chamado dos corvos e o grito ocasional de uma gaivota voando lá no alto, a promessa do mar distante.**

**—Jem!—Ele chamou como se pudesse obrigar uma resposta por pura necessidade, e naquela necessidade às vezes, imaginava que ouvia um grito fraco em resposta. Mas quando parava para ouvir, era o vento. Só o vento, zunindo em seus ouvidos, entorpecendo-o. Ele podia andar dez pés de Jem e nunca vê-lo, e ele sabia disso.**

Seu coração elevou-se apesar de sua ansiedade, quando ele chegou ao topo do vale e viu Lallybroch abaixo dele, seus edifícios brancos brilhando a luz que desvanecia. Tudo estava tranquilo diante dele; repolhos e nabos plantados em fileiras ordenadas dentro das paredes do quintal, ovelhas salvas pastando, havia um pequeno rebanho no pasto agora, já na cama para a noite, como ovos cheios de penugem em um ninho de capim verde brilhante, como uma criança com uma cesta de Páscoa.

O pensamento travou sua garganta, com as memórias da horrível grama de celofane que estava em toda parte, Mandy com seu rosto e tudo mais untado com chocolate, Jem cuidadosamente escrevendo *pai* em um ovo cozido com um giz branco, em seguida, franzindo a testa sobre a matriz de tinta nos copos, tentando decidir se azul ou roxo era o que papai mais gostava.

—Senhor, permita que ele esteja aqui! — Ele murmurou baixinho, e correu pela trilha esburacada, meio deslizando sobre pedras soltas.

A porta do pátio estava arrumada, a grande roseira de espinhos amarela aparadas para trás para o inverno, e o pátio varrido. Ele teve a repentina sensação de que se simplesmente abrisse a porta e entrasse, ele se encontraria seu próprio hall de entrada, as pequenas galochas vermelhas de Mandy arremessadas de qualquer jeito sob a chapeleira, onde estava o vergonhoso casaco de lona de Brianna, sujo com lama seca e com cheiro de sua dona, sabão e almiscaro e o leve cheiro de sua maternidade: o leite azedo, pão fresco e manteiga de amendoim.

—Maldição— ele murmurou, — ficar chorando pelo caminho, era a próxima coisa. — Ele martelou na porta, e um cachorro enorme veio a galope rodando do canto da casa, latindo como o cão dos Baskervilles. Ele deslizou até parar na frente dele, mas continuou latindo, tecendo a sua enorme cabeça para lá e para cá como uma serpente, orelhas em pé, como se ele pudesse fazer um movimento em falso que o permitiria devorá-lo com a consciência limpa.

Não arriscaria nenhum movimento; parou contra a porta quando o cão apareceu e agora gritou: —Socorro! Venha chamar sua besta!

Ele ouviu passos dentro, e um instante depois, a porta se abriu, quase o tragando para o corredor.

— Cale a boca, cão— disse, um homem alto e moreno em um tom tolerante. —Venha, senhor, e não se importe com ele. Ele não iria comê-lo; já teve o seu jantar.

—Fico contente em ouvi-lo, senhor, e agradeço sua gentileza. — Roger tirou o chapéu e seguiu o homem para as sombras do corredor. Era seu próprio salão familiar, as chapas do assoalho da mesma forma, embora não tão desgastadas, os painéis de madeira escura brilhando com cera e polimento. Ali *estava* a chapeleira, no canto, embora, naturalmente, diferente do sua; esta era robusta feita de ferro forjado, e uma coisa boa, também, já que estava apoiando uma carga enorme de

casacos, xales, casacos e chapéus, que teria amassado uma peça mais frágil de mobiliário.

Ele sorriu para ela, no entanto, e depois parou, sentindo-se como se tivesse levado um soco no peito.

Os painéis de madeira atrás da árvore no salão brilhavam serenos, sem mácula. Nenhum sinal dos riscos dos sabres invertidos deixados pelos soldados de casaca vermelha frustrados buscando o latifundiário banido de Lallybroch depois de Culloden. Esses riscos foram cuidadosamente preservado durante séculos, ainda estavam lá, escurecidos pelo tempo, mas ainda distintos, quando ele possuía — possuiria, corrigiu mecanicamente — este lugar.

—*Nós mantemos assim para as crianças*— Bree citou seu tio Ian dizendo. —*Nós dizemos a eles: Isto é o que o Inglês faz.*

Não teve tempo para lidar com o choque; o homem moreno fechou a porta com um impropério gaélico firme para o cão e agora virava para ele, sorrindo.

—Bem-vindo, senhor. Jantarão conosco? A moça já quase o terminou.

—Sim, eu aceito, e obrigado— Roger inclinou-se ligeiramente, tateando em busca de suas maneiras do século XVIII. —meu nome é Roger Mackenzie. De Kyle de Lochalsh — acrescentou ele, pois nenhum homem respeitável omitiria suas origens, e Lochalsh era longe o suficiente das terras desse homem, quem era ele? Ele não tinha atitude de um serviçal — que conhecia seus habitantes em qualquer detalhe isolado.

Ele esperava que a resposta imediata fosse, *Mackenzie? A sim, você deve ser o pai de pequenino Jem!* Não foi, no entanto; o homem voltou seu arco e ofereceu sua mão.

—Brian Fraser de Lallybroch, seu servo, Senhor.

Roger não sentiu absolutamente nada por um momento. Havia um leve clique que lembrava o barulho de arranque que um carro faz quando a bateria está morta, e por um momento o desorientou, ele assumiu que aquilo estava sendo feito pelo seu cérebro. Então seus olhos voltaram para o cão, que, impedido de comê-lo, chegou a casa e estava andando pelo corredor, suas unhas clicando no chão em parquet.

*Oh. Então foi isso que deixou os arranhões na porta da cozinha,* Pensou ele, atordoado, à medida que a besta empinava e soltava seu peso na porta de vaivém no final da passagem, e então passou num tiro, uma vez que se abriu.

—Está bem, senhor?— Brian Fraser estava olhando para ele, sobrancelhas pretas grossas levantadas em preocupação. Ele estendeu a mão. —Venha ao meu estúdio e sente-se. Eu possivelmente deva pegar-lhe uma bebida?

—O... obrigado— disse Roger abruptamente. Ele pensou que seus joelhos poderiam ceder a qualquer momento, mas conseguiu seguir o mestre de Lallybroch para seu espaço particular de conversas, o escritório do proprietário de terras e estúdio. Seu próprio estúdio.

As prateleiras eram as mesmas, e atrás da cabeça de seu anfitrião estava a mesma coluna de livros de fazenda que ele muitas vezes folheava, evocando a partir de suas entradas desbotadas a vida de um fantasma de Lallybroch antes. Agora, os livros eram novos, e Roger sentiu o fantasma. Não gostava da sensação de forma alguma.

Brian Fraser entregou um copo pequeno, grosso, de fundo chato meio cheio do bebida alcoólica. Uísque, e um uísque muito digno também. O cheiro começou a trazê-lo para fora de seu estado de choque, e a queimadura quente descendo pela sua garganta afrouxou o aperto na garganta.

Como faria ele para perguntar o que ele tanto precisava saber? *Quando?!* Ele olhou por cima da mesa, mas não havia nenhuma carta semiacabada, convenientemente datada, sem plantio que ele pudesse olhar casualmente passando. Nenhum dos livros na prateleira era de ajuda; o único que reconheceu foi Defoe da *À Vida e as Estranhas e Surpreendentes Aventuras de Robinson Crusoe, de York, Marinheiro*, Que foi publicado em 1719 mas ele sabia devia ser mais tarde do que isso; a própria casa ainda não havia sido construída em 1719.

Ele refreou a força a crescente onda de pânico. Não importava; não importava se ele não estava no momento que ele esperava, não se Jem estivesse aqui. E ele devia estar. Era *necessário* que estivesse.

—Lamento muito perturbar sua família, senhor— o disse, limpando a garganta quando ele pousou o copo. —Mas o fato é que eu perdi o meu filho e o estou à sua procura.

—Perdeu seu filho!— Exclamou Fraser, os olhos arregalados de surpresa. —Que Santa Brígida esteja contigo, senhor. Como isso aconteceu?

Ainda bem que podia dizer a verdade, onde ele pudesse, ele pensou, e, afinal de contas, o que mais ele poderia dizer?

—Ele foi sequestrado há dois dias e o levaram, ele tem apenas nove anos de idade. E tenho alguma razão para pensar que o homem que o levou veio para essa área. Por acaso viu um homem alto, magro e moreno, viajando com um jovem rapaz de cabelos vermelhos, mais ou menos dessa altura? — Ele colocou a borda de sua mão contra o seu próprio braço, cerca de sete centímetros acima do cotovelo; Jem era alto para sua idade e ainda mais alto para a idade, — mas, então, Brian Fraser era um homem alto, e *seu* filho...

Um novo choque passou por Roger com o pensamento: Jamie estava aqui? Em casa? E se ele estivesse, quantos anos poderia ter? Quantos anos teria quando Brian Fraser morreu...

Fraser estava balançando a cabeça, o rosto perturbado.

—Eu não vi, senhor. Qual é o nome do homem que levou o seu rapaz?

—Rob... Robert Cameron, é o nome dele. Eu não conheço seu clã — assumindo naturalmente no forte sotaque de Fraser.

—Cameron... —Fraser murmurou, batendo com os dedos na mesa enquanto procurava sua memória. O movimento jogou algo na memória de Roger; que era o fantasma de um dos gestos característicos de Jamie quando pensava, mas Jamie, que tinha o dedo enrijecido, o fazia com os dedos esticados, com seu pai havia uma ondulação suave.

Ele pegou o copo de novo e tomou outro gole, olhando tão casualmente quanto possível para o rosto de Fraser, em busca de semelhança. Estava lá, mas sutil, principalmente em cima da cabeça, o conjunto dos ombros e os olhos. O rosto era bem diferente, quadrado na mandíbula, mais amplo na testa, e os olhos de Brian Fraser eram de um avelã escuro, não azul, mas sua forma inclinada, a boca larga era como a de Jamie.

—Não temos muitos Camerons mais perto do que Lochaber— Fraser estava balançando a cabeça. —E eu não ouvi nada de um andarilho no distrito. — Ele deu a Roger um olhar direto, não acusatório, mas definitivamente interrogatório. —Por que é que você acha que o homem veio para cá?

—Eu... ele foi visto— desabafou Roger. —Perto de Craigh na Dun.

Isso assustou Fraser.

—Craig na Dun— o repetiu, inclinando-se um pouco para trás, seus olhos estavam cautelosos. —Ah... e de onde você poderia ter vindo, senhor?

—De Inverness, — Roger respondeu prontamente. —Segui de lá. — *Perto o suficiente*. Ele estava se esforçando para não lembrar que ele deixou em sua busca para encontrar Cameron e Jem, desde o ponto em que ele estava sentado. —Eu... um amigo, um parente, veio comigo. Enviei-o para Cranesmuir para procurar.

A notícia de que ele aparentemente não era um maluco solitário parecia tranquilizar Fraser, que empurrou de volta na mesa e se levantou, olhando para a janela, onde um grande espinho subia e curvava-se magro e negro contra o céu desaparecendo.

—Mmphm. Bem, espere um pouco, senhor, e fique a vontade. É final do dia, e você não percorrerá grandes distâncias antes que a noite caia. Coma com a gente, e vamos ver para você uma cama para a noite. Talvez o seu amigo o encontre com uma boa notícia, ou um dos meus inquilinos pode ter visto alguma coisa. Vou mandar notas na parte da manhã, para perguntar.

As pernas de Roger tremiam com a vontade de saltar para cima, sair correndo, *fazer* alguma coisa. Mas Fraser estava certo: seria inútil — e perigoso — vagar pelas montanhas no escuro, perdendo a trilha, talvez, sendo pego por uma tempestade assassina nesta época do ano. Ele podia ouvir o vento pegar; o espinho da rosa bater no vidro da janela. Choveria em breve. *E Jem lá fora, no meio daquilo?*

—Eu, sim. Agradeço, senhor — disse. —Muita gentileza de sua parte.

Fraser deu um tapinha em seu ombro, saiu para o corredor, e chamou — Janet! Janet, nós temos um convidado para o jantar!

*Janet?*

Ele se levantou sem pensar e saiu do escritório, a porta da cozinha se abriu e uma forma pequena e esbelta estava momentaneamente parada em uma silhueta contra o brilho da cozinha, esfregando as mãos no avental.

—Minha filha, Janet, senhor— disse Fraser, chamando a sua filha para a luz desaparecendo. Ele sorriu com carinho para ela. —Este é o Sr. Roger Mackenzie, Jenny. Ele perdeu seu rapazinho em algum lugar.

—Ele perdeu?— A menina fez uma pausa, no meio de uma reverência, e seus olhos se arregalaram. —O que aconteceu, senhor?

Roger explicou novamente brevemente sobre Rob Cameron e Craig na Dun, mas o tempo foi consumido pelo desejo de perguntar a jovem quantos anos ela tinha. Quinze? Dezessete? Vinte e um? Ela era incrivelmente

bonita, com a pele branca clara que florescia a partir do calor do cozimento, cabelo preto encaracolado macio amarrado para trás de seu rosto, e uma bela figura que ele se esforçou para não encarar, mas o que era mais preocupante era que, apesar de sua feminilidade óbvia, ela tinha uma semelhança surpreendente com Jamie Fraser. *Ela poderia ser sua filha*, Pensou ele, e em então parou em choque, percebendo novamente — e lembrando, com um golpe no coração que quase o deixou de joelhos — quem realmente era a filha de Jamie Fraser.

*Oh, Deus. Bree. Oh, Jesus, me ajude. Será que eu vou vê-la novamente?*

Ele percebeu que caiu em silêncio e estava olhando para Janet Fraser com a boca aberta. Aparentemente, ela estava pronta para este tipo de resposta da parte dos homens, embora; deu um recatado sorriso de olhos puxados, dizendo que o jantar estaria em cima da mesa em alguns momentos e, talvez, devesse mostrar ao Sr. Mackenzie o caminho para o banheiro? Em seguida, ela estava andando de volta para o corredor, a grande porta balançando atrás dela, e ele descobriu que podia respirar de novo.

A ceia foi simples, mas abundante e bem preparada, e Roger descobriu que alimentos surpreendentemente o restauraram. Não admira, ele não conseguia se lembrar de quando ele comeu.

Comeram na cozinha, com algumas empregadas domésticas chamadas Annie e Senga e um trabalhador chamado Tom McTaggart compartilhando a mesa com a família. Todos estavam interessados em Roger e, ao mesmo tempo demonstrando grande simpatia no assunto do desaparecimento de seu filho, estavam ainda mais interessados em onde ele poderia ter notícias e o que ele poderia suportar.

Aqui, ele estava em uma espécie de perda, enquanto não tinha a menor noção do ano que estava (*Brian morreu pela vontade de Deus, quando Jamie tinha dezenove anos, e se Jamie nasceu em maio de 1721 ou seria 1722? e ele era dois anos mais novo do que Jenny...*) e, portanto, nenhuma ideia do que poderia ter acontecido no mundo nos últimos tempos, mas demorou-se um pouco, explicando seus antecedentes com algum detalhes — se por um lado isso seriam boas maneiras, por outro, a sua terra natal, em Kyle de Lochalsh era longe o suficiente de Lallybroch para que os Fraser dificilmente tivessem conhecido qualquer um de seu clã.

Então, finalmente, ele teve um pouco de sorte, quando McTaggart falou tirando o sapato para sacudir uma pedra, depois de ver um dos porcos esquivar por baixo da cerca e dirigir-se para a horta em um trote. Correu atrás do porco, é claro, e conseguiu captura-lo, mas arrastou de volta apenas para descobrir que o outro porco também se contorcia para fora e estava pacificamente comendo seu sapato.

—Isso foi tudo que ela deixou— ele disse, puxando meia sola de couro desfiado do bolso e acenando para eles em tom de censura. —E uma luta rara eu tive que retirá-lo de suas garras!

—Por que você se incomoda— perguntou Jenny, franzindo o nariz para o objeto úmido. —Não se preocupe, Taggie. Vamos abater os porcos na próxima semana, e pode ter um pouco da pele para fazer um novo par de sapatos.

—E suponho que eu tenha que ficar descalço até lá, sim?— Perguntou McTaggart, descontente. —Há neve no chão pela manhã, sim? Eu poderia pegar um frio e morrer de pleurisia antes do porco comer seu último balde de água suja, e muito menos morrer.

Brian riu e ergueu o queixo em direção a Jenny. —Seu irmão não deixou um par de seus sapatos para trás quando partiu para Paris? Acredito que ele deixou, e se você ainda não o deu aos pobres, pode ser então que Taggie os use um pouco.

Paris. A mente de Roger trabalhou furiosamente, calculando. Jamie não passou exatamente dois anos, em Paris, na *université* e voltou... quando? Quando estava com dezoito anos, ele pensou. Jamie teria feito — faria — dezoito em maio de 1739. Então, agora seria 1737, 1738, ou 1739.

A diminuição da incerteza o acalmou um pouco, e ele conseguiu colocar sua mente para pensar em eventos históricos que ocorreram nessa lacuna que ele poderia oferecer como notícia atual na conversa: absurdamente, a primeira coisa que veio à mente foi que o abridor de garrafa foi inventado em 1738. A segunda foi que houve um enorme terremoto em Bombaim em 1737.

Sua audiência estava inicialmente mais interessada pelo abridor de garrafas, que ele foi obrigado a descrever em detalhes — inventados impetuosamente, à medida que ele não tinha noção de como a coisa realmente parecia, embora houvesse murmúrios de simpatia aos moradores de Bombaim e uma breve oração pelas almas daqueles que foram esmagados pela queda de casas e afins.

—Mas onde é Bombay — perguntou a mais jovem das criadas, franzindo a testa e olhando de um rosto para o outro.

—Índia— disse Jenny rapidamente, e empurrou a cadeira para trás. — Senga, pegue o cranachan, sim? Vou mostrar onde a Índia é.

Ela desapareceu pela porta de vaivém, e a agitação da remoção de pratos deixou Roger com espaço para respirar por alguns instantes. Ele estava começando a se sentir um pouco mais tranquilo, mais seguro de suas possibilidades, embora ainda agonizasse com preocupação para Jem. Ele reservou um momento de reflexão para William Buccleigh e como Buck pudesse aceitar a notícia da data de sua chegada.

Mil setecentos e trinta-e-tanto... Jesus, o próprio Buck ainda não nascera! Mas, afinal, que diferença isso fazia? perguntou. *Ele* ainda não nascera, tampouco, e viveu muito feliz em um tempo antes de seu nascimento antes... Poderia sua proximidade com o início da vida de Buck ter algo a ver com isso, embora?

Ele sabia — ou achava que sabia — que você não conseguiria voltar no tempo em sua própria vida. Tentando existir fisicamente, ao mesmo tempo, enquanto você mesmo não estava lá. Isso quase o matou uma vez; talvez se ficassem muito próximos à linha de vida original de Buck, e Buck, de alguma forma recuou, tendo Roger com ele?

Antes que pudesse explorar as implicações desse pensamento inquietante, Jenny voltou, carregando um grande livro fino. Isto pareceu ser um atlas pinto à mão — com mapas e mapas surpreendentemente precisos, em muitos casos com descrições das “*Nações do Mundo*”.

—Meu irmão enviou-me de Paris, — Jenny disse com orgulho, abrindo o livro em uma página dupla no continente da Índia, onde o círculo estrelado indicava Bombay cercado por pequenos desenhos de palmeiras, elefantes, e algo que, após um exame minucioso acabou por ser uma planta do chá. — Ele está na *université de* lá.

—Sério?— Roger sorriu, tendo a certeza de parecer impressionado. Isso era, tanto mais que a realização do esforço e do custo envolvido em ir a partir deste deserto de montanha remota para Paris. —Há quanto tempo ele está lá?

—Oh, quase dois anos— respondeu Brian. Ele estendeu a mão e tocou a página com cuidado. —Sentimos cruelmente a falta do rapaz, mas ele escreve com frequência. E ele nos envia livros.

—Ele estará de volta em breve— disse Jenny, embora com um ar de convicção de que parecia um pouco forçado. —Ele disse que ia voltar.

Brian sorriu, embora este também fosse um pouco forçado.

—Sim. Tenho certeza que eu espero que sim, *a nighean*. Mas você sabe que ele pode ter encontrado oportunidades que o mantenham no exterior por um tempo. —Oportunidades? Você quer dizer uma mulher Marillac[10]? — Jenny perguntou, um tom diferente em sua voz. —Não gosto do jeito que ele escreve sobre ela. Nem um pouco.

—Ele poderia escolher uma esposa pior, moça. — Brian levantou um ombro. —Ela é de uma boa família.

Jenny fez um som muito complicado em sua garganta, indicando respeito suficiente para seu pai como para impedi-la expressar uma opinião mais completa *daquela mulher* e ainda ter uma opinião comum. Seu pai riu.

—Seu irmão não um tolo *completo* — assegurou a ela. —Duvido que ele se case com uma simplória ou uma... — Ele obviamente pensou melhor ao invés de dizer *prostituta*, seus lábios começaram a moldar a palavra, mas não conseguia pensar em um substituto a tempo.

—Ele seria, — Jenny estalou. —Ele poderia cair diretamente numa teia de aranha com seus olhos arregalados, se a aranha tiver um rosto lindo e uma bunda redonda.

—Janet— Seu pai tentou parecer chocado, mas não totalmente. McTaggart gargalhou abertamente, e Annie e Senga riram por trás de suas mãos. Jenny os encarou, mas, em seguida, ergueu-se com dignidade e dirigiu-se a seus hóspedes.

—Assim, então, Sr. Mackenzie. Sua própria esposa vive, eu espero? E ela é a mãe do seu rapaz?

—Será que ela... — Ele sentiu a pergunta como um golpe no peito, mas depois se lembrou de onde estava. As chances de uma mulher sobreviver ao parto não eram mais do que até mesmo em muitos lugares. —Sim. Sim, Ela, está em Inverness, com a nossa filha.

*Mandy. Oh, meu doce amor. Mandy. Bree. Jem.* De repente, a enormidade daquilo o atingiu. Conseguira, até agora, ignorar, concentrando-se na necessidade de encontrar Jem, mas agora um vento frio assobiou através dos buracos em seu coração deixado probabilidades lançadas. As chances eram de que nunca mais veria qualquer um deles novamente. E eles nunca saberiam o que aconteceu com ele.

—Oh, senhor. — Jenny sussurrou, inclinando-se para colocar a mão em seu braço, com os olhos arregalados de horror com o que ela provocou. — Oh, senhor, eu sinto muito! Eu não queria...

—Está tudo bem— ele conseguiu, forçando as palavras através de sua laringe mutilada em um coaxar. —Eu... — Ele acenou com a mão na apologia cega e tropeçou. Ele foi direto para fora através do escritório na parte de trás da casa e viu-se no meio da noite do lado de fora.

Havia uma fenda estreita de luz soturna apenas nos topos das montanhas, onde a nuvem ainda não tinha ido embora, mas o quintal era profundo na sombra, e o vento tocou seu rosto com o cheiro de chuva fria. Ele estava tremendo, mas não de frio, e sentou-se abruptamente na pedra grande pelo caminho onde eles penduravam as galochas das crianças quando estavam barrentas.

Ele colocou os cotovelos sobre os joelhos e sua cabeça entre as mãos, sobrepujado por um momento. Não só por sua própria situação, mas, por aqueles na casa. Jamie Fraser estava voltando para casa em breve. E logo depois viria a tarde quando os soldados de casacas vermelhas marchariam pelo quintal em Lallybroch, encontrando Janet e os servos sozinhos. E os acontecimentos seriam definidos em um trem que acabaria com a morte de Brian Fraser, atingido por uma apoplexia, enquanto observa o seu único filho ser açoitado, pensou até a morte.

Jamie... Roger estremeceu, vendo em mente não o seu indomável sogro, mas o jovem alegre que, entre as distrações de Paris, ainda pensava em enviar livros para a irmã. Quem...

Começou a chover, com um rigor tranquilo que alisou seu rosto em segundos. Pelo menos ninguém saberia se ele chorava por desespero. *Eu não posso pará-lo*, Pensou. *Eu não posso dizer que está por vir*.

Uma forma enorme que surgia da escuridão, assustando-o, e o cão se apoiou pesadamente contra ele, quase empurrando para fora da pedra, ele sentou. Um grande, nariz peludo foi empurrado com simpatia em seu ouvido, tremendo e mais úmido do que a chuva.

—Jesus, cão— disse, meio rindo, apesar de tudo. —Deus— Ele colocou seus braços em volta da grande criatura fedorenta e descansou sua testa contra seu enorme pescoço, sentindo o conforto incipiente.

Não pensou em nada por um tempo e ficou inexplicavelmente aliviado. Pouco a pouco, porém, o pensamento coerente voltou. Talvez não fosse verdade que as coisas do passado não pudessem ser alteradas. Não as

grandes coisas, talvez, não os reis e as batalhas. Mas talvez, apenas talvez, as pequenas pudessem. Se ele não poderia vir a público e contar aos Fraser de Lallybroch o castigo que estava por vir sobre eles, talvez houvesse *algo* que ele pudesse dizer, algum aviso que pudesse prevenir...

E se ele fizesse? Se eles ouvissem? Será que o bom homem da casa morreria de sua apoplexia de qualquer maneira, alguma fraqueza em seu cérebro dando forma quando ele saísse do celeiro um dia? Mas isso deixaria seu filho e sua filha seguros depois?

Será que Jamie ficaria em Paris e se casaria com a paquera francesa? Será que ele voltaria para casa em paz para viver em Lallybroch e herdar sua propriedade e de sua irmã?

De qualquer maneira, ele não estaria andando perto de Craigh na Dun em cinco ou seis anos, perseguido por soldados ingleses, ferido e precisando da ajuda de um viajante do tempo aleatório que acabasse de sair das pedras. E se ele não conhecesse Claire Randall... . *Bree*, Pensou. *Oh, Cristo. Bree.*

Houve um som atrás dele, a porta da casa abrindo e o feixe de uma lanterna caiu sobre o caminho nas proximidades.

—Sr. Mackenzie? —Brian Fraser chamava na noite. —Está tudo bem, homem?

—Deus— ele sussurrou, segurando o cachorro. —Mostre-me o que fazer.

### ***Capítulo 30- Luzes, Ação, Sirenes***

A porta no topo da escada *estava* trancada. Jem bateu nela com os punhos, chutou com os pés, e gritou. Podia sentir *aquilo* lá em baixo atrás dele, no escuro, e a sensação de que se arrastava até suas costas, como se estivesse vindo para buscá-lo, e o pensamento o assustou tanto que ele gritou como um *ban-Sidhe* e se jogou com força contra a porta, mais e mais, e...

A porta se abriu e ele caiu de um piso sujo de linóleo, cheio de pegadas e bitucas de cigarro.

—Que diabos — quem é você, rapaz, e o que em nome de Deus estava fazendo lá?

Uma grande mão agarrou-o pelo braço e puxou-o para cima. Ele estava sem fôlego de gritar e quase chorando de alívio, e levou um minuto para lembrar quem ele era.

—Jem. — Ele engoliu em seco, piscando na luz, e enxugou o rosto com a manga. —Jem Mackenzie. Minha mãe... —Ele ficou em branco, de repente incapaz de se lembrar de qual o primeiro nome da mãe. —Ela trabalha aqui às vezes.

—Conheço sua mãe. Não há como confundir *aquele* cabelo, rapazinho. —O homem que o puxou para cima era um guarda de segurança; o emblema na manga de seu uniforme o dizia. Ele inclinou a cabeça para um lado e para o outro, olhando por sobre Jem, a luz intermitente refletindo em sua cabeça calva e óculos. A luz vinha daquelas lâmpadas de tubo longo no teto que seu Pai dissera que eram fluorescentes; elas zumbiam e lembravam coisa no túnel, e ele virou-se rapidamente e empurrou a porta com um estrondo.

—Alguém está te perseguindo, rapaz?— O guarda estendeu a mão na direção da maçaneta, e Jem colocou suas costas com força contra a porta.

—Não!— Ele podia sentir isso lá atrás, atrás da porta. Esperando. O guarda estava franzindo a testa para ele. —Eu... eu... só que está muito escuro lá em baixo.

—Você estava lá embaixo no escuro? Como você foi para lá? E onde está sua mãe?

—Eu não sei. — Jem começou a ficar assustado novamente. *Realmente* com medo. Porque o Sr. Cameron o prendeu no túnel para que ele pudesse ir a algum lugar. E ele poderia ter ido para Lallybroch.

—Sr. Cameron me colocou lá — ele desabafou. —Ele deveria me levar para passar a noite com Bobby, mas ao invés disso ele me levou para Craigh na Dun, e então ele me levou para a casa dele e me trancou em um quarto durante a noite, e depois, na manhã seguinte ele me trouxe aqui e me prendeu no túnel.

—Cameron quem, Rob Cameron?— O guarda se abaixou para que ele pudesse franzir direito no rosto de Jem. —Por quê?

—Eu... eu não sei. — *Nunca diga a ninguém*, Papai disse. Jem engoliu em seco. Mesmo que ele quisesse dizer, ele não sabia como começar. Ele poderia dizer que o Sr. Cameron o levara ao morro em Craigh na Dun, às pedras, e empurrou-o numa delas. Mas não podia dizer o que acontecera na hora, não mais do que ele poderia dizer ao Sr. MacLeod — que era o nome

que estava em seu crachá, JOCK MACLEOD — o que era a coisa brilhante no túnel.

Sr. MacLeod fez um barulho em sua garganta, sacudiu a cabeça e levantou-se.

—Bem, é melhor ligar aos seus pais para que venham busca-lo e levá-lo para casa, sim? Eles podem dizer se eles talvez queiram falar com a policia.

—Por favor, — Jem sussurrou, sentindo seus joelhos se derretiam como água com o pensamento de Mamãe e Papai vindo para buscá-lo. —Sim, por favor.

Sr. MacLeod levou-o para um pequeno escritório onde o telefone estava, deu uma lata de Coca-Cola quente, e disse para se sentar lá e dizer apenas o número de telefone de seus pais. Ele tomou um gole da bebida e se sentiu bem melhor imediatamente, observando o grosso dedo parecendo um turbilhão do Sr. MacLeod discando o telefone. Uma pausa, e então ele podia ouvir tocar na outra extremidade. *Beep-beep... beep-beep... beep-beep...*

Estava quente no escritório, mas ele estava começando a sentir frio em torno de seu rosto e mãos. Ninguém atendeu ao telefone.

—Talvez eles estejam dormindo— disse, sufocando um arrotos da Coca-Cola. Sr. MacLeod lançou um olhar de lado e balançou a cabeça, empurrou para baixo o receptor, e discou o número de novo, fazendo Jem dizer os números um de cada vez.

*Beep-beep... . beep-beep...*

Estava tão concentrado em alguém disposto a pegar o telefone que não percebeu nada até que o Sr. MacLeod, de repente virou a cabeça em direção à porta, parecendo surpreso.

—O que... — o guarda disse, e então houve um borrão e um ruído parecido com o que o primo Ian fazia quando matava um cervo com um flecha, e o Sr. MacLeod fez um barulho horrível e caiu de sua cadeira diretamente para chão, a cadeira voou longe e caiu com um estrondo.

Jem não se lembrava de ficar de pé, mas estava pressionado contra o armário de arquivamento, apertando a lata com tanta força, que a Coca-Cola borbulhou e escorreu em espuma sobre seus dedos.

—Você vem comigo, garoto— disse o homem que atingiu o Sr. MacLeod. Ele estava segurando o que Jem achava que fosse um cassete, embora nunca tivesse visto um. Ele não podia se mover, mesmo que quisesse.

O homem fez um barulho impaciente, passou por cima do Sr. MacLeod como se fosse um saco de lixo, e agarrou Jem pela mão. Tomado de puro terror, Jem mordeu com força. O homem gritou e deixou ir, e Jem jogou a lata de Coca-Cola bem no seu rosto, e quando o homem se abaixou, ele pulou por ele e foi para fora do escritório pelo longo corredor, correndo por sua vida.

**Estava ficando tarde; passavam cada vez menos carros na estrada, e a cabeça de Mandy começava oscilar. A máscara de princesa-ratinha estava no topo se sua cabeça, os bigodes cutucavam como antenas. Vendo isso pelo espelho retrovisor, Brianna teve a súbita visão de Mandy como uma pequena estação de radar, varrendo o campo sombrio a procura de pequenos sinais de Jem.**

***Poderia?* Ela balançou a cabeça, não para dissipar a noção, mas para impedir que sua mente deslizesse todo o caminho para fora da realidade. A adrenalina de sua raiva anterior e o terror escoaram, suas mãos tremiam um pouco sobre o volante, e as trevas ao redor delas pareciam um enorme vazio bocejando que a engoliria em um instante se ela parasse de dirigir, se o feixe fraco dos faróis desligasse...**

**—Quente. — Mandy murmurou sonolenta.**

**—O que, bebê?—Ela ouvira, mas estava muito hipnotizada pelo esforço de manter seus olhos na estrada para levá-la em conscientemente.**

**—Quente... *mais quente.* — Mandy lutou para sentar-se ereta. Os elásticos de sua máscara estavam presos em seu cabelo fizeram um barulho muito alto quando ela os puxou.**

**Brianna parou cuidadosamente no acostamento, acionando o freio de mão, e voltando, começou a desenroscar a máscara.**

**—Quer dizer que estamos indo em direção a Jem?— ela perguntou, com cuidado para afastar o tremor de sua voz.**

**—Uh-huh— Livre do incômodo, Mandy deu um grande bocejo e estendeu a mão na direção da janela. —Mmp. —Ela colocou a cabeça sobre os braços e reclamou sonolenta.**

Bree engoliu, fechou os olhos, depois os abriu, olhando com cuidado na direção que Mandy apontou. Não havia estrada... mas não estava, e com um fio de água gelada por sua espinha, ela viu o pequeno sinal marrom que

disse: Serviço de Estrada. Sem acesso público. Norte da Escócia  
HIDRELETRICA. Barragem de Loch Errochty. O túnel.

—Maldição!— Disse Brianna, e pisou no acelerador, esquecendo o freio de mão. O carro deu um salto e parou, e Mandy sentou-se, com os olhos vidrados e enormes como um sol atordoado como uma coruja.

—Nos vamos para casa?

Jem correu pelo corredor e atirou-se pela porta que balançava, no final, com tanta força que ele derrapou todo o caminho entre o desembarque do outro lado e caiu pela escada além, batendo e batendo e terminando em uma pilha atordoada embaixo.

Ele ouviu os passos vindo rápido pela porta acima e, com um pequeno grito aterrorizado, andando de quatro em volta do segundo patamar e lançou-se de cabeça para baixo no próximo voo, seu estômago em um tobogã por algumas escadas, em seguida, caindo sentado de bunda e dando cambalhotas para baixo no resto.

Ele estava chorando de terror, engolindo ar e tentando não fazer barulho, tropeçando em seus pés, atingindo a tudo, tudo — menos a porta: tinha que sair. Ele cambaleou através do lobby meio-escuro, as únicas luzes brilhando através da janela de vidro, onde a recepcionista geralmente ficava. Aquele homem estava vindo; podia ouvi-lo praguejando no fim das escadas.

A porta principal tinha uma corrente enrolada através das grades. Limpando as lágrimas em sua manga, ele correu de volta para a recepção, procurando freneticamente. Saída de Emergência, lá estava ela, o sinal vermelho sobre a porta na extremidade de outro pequeno corredor. O homem invadiu o saguão e viu-o.

—Volte aqui, seu desgraçado!

Ele olhou em volta freneticamente, pegou a primeira coisa que ele viu, que era uma cadeira de rodinhas, e empurrou tão duro quanto podia para o saguão. O homem praguejou e pulou para o lado, e Jem correu para a porta e atirou-se contra ela, explodindo na noite com um grito de sirenes e o flash de luzes ofuscantes.

**—Que isho, mamãe? Mamãe, tô shustada, shustada!**

**—E você acha que eu não estou?—Bree resmungou baixinho, seu coração na boca. — Está tudo bem, querida —ela disse em voz alta, fincou o pé no assoalho. —Nós apenas estamos indo para pegar Jem.**

O carro derrapou parando no cascalho, e ela pulou, mas vacilou por um momento, precisando urgentemente de correr em direção ao prédio, onde as sirenes e as luzes estavam saindo por uma porta aberta para o lado, mas incapaz de sair sozinha com Mandy no carro. Ela podia ouvir o barulho de água do vertedouro.

—Venha comigo, querida— ela disse, apressadamente desfazendo o cinto de segurança. —É isso mesmo, aqui, deixe-me levá-la... —Mesmo enquanto falava, ela estava olhando aqui, ali, nas luzes da escuridão, cada nervo gritando que seu filho estava aqui, ele estava aqui, ele tinha que estar... água correndo... a sua mente cheia de horror, pensando em Jem caindo no vertedouro, ou Jem no serviço de túnel de Deus, por que não foi lá pela primeira vez? É claro que Rob Cameron teria colocado ele lá, ele tinha as chaves, ele... mas as luzes, as sirenes...

Ela quase o fez — um corrida de morte, impedida apenas por menos de quinze quilos de sua pequena — quando viu um homem grande no limite da via, se debatendo por entre os arbustos, com um pedaço de pau ou algo assim, amaldiçoando em grande velocidade.

—O que acha que está *fazendo* —ela gritou. Mandy, alarmada novamente, soltando um grito como um babuíno escaldado, e o homem pulando, girando para enfrentá-las, vara levantada.

—O que diabos está fazendo aqui sua maldita?— Disse, tão surpreso que ele falou quase normalmente. —Você deveria estar...

Bree desceu Mandy. Colocando sua filha para baixo atrás dela, se preparando para levar o homem além com suas mãos, se necessário. Evidentemente essa intenção se mostrou, porque o homem deixou cair o bastão e de repente desapareceu na escuridão.

Então, luzes piscando vieram sobre a unidade e ela percebeu que não era o seu próprio aspecto que o assustou. Mandy estava agarrada a sua perna, com muito medo mesmo e chorava mais. Bree pegou, acariciando-a gentilmente, e se virou para os dois policiais que avançavam cautelosamente em direção a ela, as mãos em seus bastões. Sentia-se vacilante das pernas e onírica, as coisas entrando e saindo de foco com as luzes estroboscópicas. A corrida de toneladas de água caindo encheu seus ouvidos.

—Mandy — ela disse com o rosto colado nos cabelos cacheados e quentes de sua filha, sua voz quase abafada pelas sirenes. —Pode sentir Jem? Por favor me diga que você pode senti-lo.

—Aqui estou eu, mamãe— disse uma voz atrás dela. Convencida de que estava tendo alucinações, ela levantou uma mão restritiva em direção aos policiais e girou lentamente. Jem estava na via, a dois metros de distância, todo molhado, repleto de folhas mortas, e balançando como um bêbado.

Em seguida, ela estava sentada de pernas sobre o cascalho, uma criança segura em cada braço, tentando não tremer, para que eles não notassem. Ela não começou a soluçar, porém, até que Jemmy levantou um rosto manchado pelas lágrimas de seu ombro e disse: —Onde está o papai?

### ***Capítulo 31- O brilho dos olhos de um cavalo de balanço***

Fraser não perguntou, aos invés disso os serviu de cada trago de uísque, o cheiro quente e fumaça tingida. Havia algo confortável em beber uísque acompanhado, não importa o quanto o uísque fosse ruim. Ou a companhia, para falar a verdade. Esta garrafa particular era algo especial, e Roger estava grato, tanto pela garrafa e seu doador, como pela sensação de conforto que se erguia acenando da garrafa, um gênio da garrafa.

—*Slàinte*— disse, erguendo o copo e viu Fraser olhar para ele com interesse repentino. Senhor, o que ele disse? *Slàinte* era uma das palavras que tinham uma pronúncia diferente, dependendo de onde você vinha, os homens de Harris e Lewis diziam *Slan-ya* enquanto o norte era mais como *Slànj*. Ele a usou da forma como aprendeu em Inverness; e era surpreendentemente errado de onde ele disse que veio? Não queria que Fraser pensasse que ela um mentiroso.

— O que é que disse que faz, *a chompanaich*? —Fraser perguntou, tomando um gole, fechando momentaneamente os olhos em respeito à bebida, então abriu para encarar Roger com uma espécie de curiosidade — tingida talvez com alguma cautela, a fim de desequilibrar seu visitante. — Estou acostumado a reconhecer o trabalho de um homem por suas roupas e maneiras — não que você ache muita gente incomum por aqui. — Ele sorriu um pouco com isso. —E tropeiros, funileiros, e ciganos não precisam muito esforço para se distinguirem. Claramente você não é nenhum desses.

—Eu tenho um pouco de terra— respondeu Roger. Era uma pergunta esperada; ele estava pronto para uma resposta, mas descobriu-se querendo dizer mais. Dizer a verdade — até onde ele a entendia.

—Deixei minha mulher conduzindo as coisas, enquanto eu vim para buscar o nosso rapaz. Além disso, —Ele ergueu um ombro brevemente. —

Fui treinado como um ministro.

—Ah, sim?— Fraser recostou-se, observando-o com interesse. — Pude ver que você é um homem educado. Eu estava pensando, talvez um professor ou um escriturário, talvez um advogado.

—Fui professor e escriturário — disse Roger, sorrindo. — Não subi muito — ou caí, talvez — para a prática da lei ainda.

—E uma coisa boa, também. — Fraser tomou um gole, meio sorrindo.

Roger deu de ombros. —A Lei é um poder corrupto mas é aceitável para os homens em razão de ter surgido por causa dos homens — é uma forma de prosseguir com as coisas, é o melhor que se pode dizer a respeito.

—E não é uma coisa ruim para se dizer também. — Fraser concordou. —A lei é um mal necessário, do qual não se pode viver sem, mas você não acha que é um substituto pobre para a consciência? Falando como um ministro, eu quero dizer?

—Bem... sim. Eu acho — disse Roger, um pouco surpreso. —Seria melhor para os homens se lidassem decentemente um com o outro de acordo com... bem, com os princípios de Deus, se me perdoa por colocar dessa forma. Mas o que tem se analisar, em primeiro lugar, é se você tem homens que não levam Deus em consideração, e, em segundo lugar, se você tem homens — e você tem, sempre — que não reconhecem nenhum poder maior além do próprio?

Fraser assentiu, interessado.

—Sim, bem, é verdade que a melhor consciência não tem proveito em um homem que não se importa. Mas o que você faz quando a consciência fala de forma diferente para os homens de boa vontade?

—Como em disputas políticas, quer dizer? Os partidários dos Stuarts contra os da... Casa de Hanover? —Era uma coisa imprudente para se dizer, mas poderia ajudá-lo a descobrir quando ele fosse, e ele não queria dizer nada que pudesse fazer com que parecesse que ele tinha um interesse pessoal de cada lado.

O rosto de Fraser exibiu por um surpreendente fluxo de expressões, desde ser pego de surpresa ao estar um tanto cético, em seguida, terminando em um olhar de tristeza meio divertida.

—Algo assim — ele concordou. — Lutei pela Casa de Stuart na minha juventude, e ainda que não possa dizer que não havia consciência ali, ela não estava muito distante do campo comigo. — Sua boca se curvou no canto, e Roger sentiu novamente o pequeno *plop!* de uma pedra jogada em

suas profundidades, as ondulações de reconhecimento espalhando através dele. Jamie fazia isso. Brianna não. Jem fazia.

Não conseguia parar de pensar sobre isso, embora; a conversa estava balançando delicadamente à beira de um convite para divulgação política, e que ele não podia fazer.

—Esteve em Sheriffmuir?— ele perguntou, sem fazer nenhum esforço para disfarçar seu interesse.

—Estive — disse Fraser, abertamente surpreendido. Ele olhou para Roger em dúvida. —Você mesmo não poderia ter ido, certamente... talvez seu pai tenha contado a você?

—Não— disse Roger, com a pontada momentânea que o pensamento em seu pai sempre trazia. De fato, Fraser era apenas alguns anos mais velho do que ele, mas ele sabia que o outro homem, sem dúvida o acharia uma década mais jovem do que ele era.

—Eu... ouvi uma música sobre isso. Eram dois pastores reunindo em uma colina, falando sobre a grande luta e argumentando que ganhou.

Isso fez com que Fraser risse.

—Bem, eles poderiam! Nós estávamos discutindo sobre isso antes que terminássemos de recolher os feridos. —Ele tomou um gole de uísque e rolou pensativo em volta de sua boca, lembrando claramente. —Assim, então, como era que a música?

Roger respirou fundo, pronto para cantar, e então se lembrou. Fraser viu sua cicatriz da corda e foi discreto o suficiente para não fazer comentários sobre isso, mas não há necessidade de fazer do dano evidente. Em vez disso, ele cantou as primeiras linhas, batendo com os dedos na mesa, repetindo o ritmo da grande bodhran que era apenas acompanhamento da canção.

*Ele veio aqui da luta fugir,*

*Ou pastorear as ovelhas ele vai, homem?*

*Ou foi a batalha de Sherra-moor,*

*Ou será que da batalha veio, homem?*

*Eu vi a luta, ir e voltar,*

*E fedendo a vermelhos correndo com muitas vais;*

*Meu coração, por medo, ia sussurrando e sussurrando,*

*Por ouvir as batidas, e ver cruzando*

*Os Clãs levantando as madeiras, em rasgados tartan,*

*Que incerto em três reinos, homem.*

Ele foi melhor do que ele pensava; a música realmente *era* mais falada do que cantada, e ele conseguiu toda ela com não mais do que um som estranho ou tosse. Fraser foi arrebatado, vidro esquecido na mão.

—Oh, isso é Braw, homem!— Exclamou Fraser. —Embora o jovem poeta tenha o diabo de um acento. De onde é que ele vem, você sabe?

—Er... Ayrshire, eu acho.

Fraser balançou a cabeça em admiração e sentou-se.

—Poderia talvez anotá-la para mim— ele perguntou, quase timidamente. —Eu não iria dar esse trabalho de cantar de novo, mas eu adoraria aprender toda ela.

—Certo— disse Roger, surpreso. Bem, que mal poderia fazer para deixar o poema de Robert Burns solto no mundo, alguns anos antes de Burns? —Quem sabe há alguém que poderia tocar um bodhran? Fica melhor com a percussão sustentando em segundo plano. —Ele bateu os dedos ilustrando.

—Oh, sim— Fraser foi farfalhando sobre na gaveta de sua mesa; ele saiu com várias folhas de papel almaço, com mais de escrever sobre eles. Franzindo a testa, ele folheou os papéis, pegou um, e tirou do maço, colocando-o de barriga para baixo na frente de Roger, oferecendo a parte de trás em branco.

Havia penas de ganso, um pouco esfarrapadas do uso, mas bem aparadas, em um jarro sobre a mesa, e um tinteiro de bronze, que Fraser ofereceu a ele com um movimento generoso de um lado amplo.

—O amigo do meu filho canta bem e ele se foi para ser um soldado, no entanto, é uma pena. — Uma sombra cruzou o rosto de Fraser.

—Ach— Roger estalou a língua em simpatia; ele estava tentando decifrar à escrita que mostrava fracamente através da folha. —Participou de um regimento Highland, não é?

—Não— disse Fraser, soando um pouco assustado. *Cristo*, existiam os *regimentos Highland ainda*? —Ele foi para a França como um soldado mercenário. Melhores salários, menos flagelações que o exército, ele contou.

O coração de Roger levantou; sim! Era uma carta ou talvez um diário de entradas e de quem quer que fosse, havia uma data para isso: 17... era que um três? Tinha que ser, não poderia ser um 173 8... que poderia ser um nove ou um zero, não poderia dizer com certeza através do papel, não, tinha que

ser um nove, portanto 1739. Ele deu um suspiro de alívio. Algo de outubro de 1739.

—Provavelmente mais seguro— o disse, apenas metade vendo à conversa quando ele começou a riscar as linhas. Passou algum tempo desde que ele escreveu com uma pena, e ele achava estranho.

—Mais seguro?

—Sim— disse, —do ponto de vista da doença, principalmente. A maioria dos homens que morrem na matriz exército de alguma doença, sabe. Vem da aglomeração, tendo que viver em barracas, comer rações do exército. Eu acho que mercenários podem ter um pouco mais de liberdade.

Fraser murmurou algo sobre a *liberdade de morrer de fome*, mas era meio baixinho. Ele estava batendo seus próprios dedos sobre a mesa, tentando pegar o ritmo quando Roger escrevia. Ele era surpreendentemente muito bom; no momento em que a música terminou, ele estava cantando suavemente em um baixo tenor agradável e pegou a linha do baixo muito bem.

A mente de Roger estava dividida entre a tarefa à sua frente e a sensação da carta debaixo da sua mão. A sensação do papel e o olhar da tinta lembrou vividamente da caixa de madeira, cheio de cartas de Claire e Jamie. Ele teve que parar de se olhar para a prateleira onde estaria guardada quando esta sala fosse dele.

Eles estavam racionando as cartas, lendo-as lentamente, mas quando Jem sumiu, todas as apostas estavam fora. Eles correram por toda a caixa, à procura de qualquer menção de Jem, qualquer indicação de que ele poderia ter escapado de Cameron e encontrado seu caminho para a segurança de seus avós. Nem uma palavra sobre Jem. Nenhuma.

Estiveram tão perturbados que dificilmente notariam qualquer outra coisa que as cartas dissessem, mas frases e imagens ocasionais flutuando em sua mente, bastante aleatoriamente algumas delas de um tio de distintamente perturbador de Brianna, Ian morrendo, mas dificilmente perceptível no momento.

Eles não eram nada do que ele queria pensar agora, também.

—Seu filho está estudando a lei, então, em Paris?— perguntou Roger abruptamente. Ele pegou a bebida fresca que Brian derramou para ele e tomou um gole.

—Sim, bem, ele talvez seja um advogado decente— Fraser admitiu. — Ele poderia argumentar até leva-lo ao chão, tenho que dizer isso sobre ele.

Mas acho que ele não tem paciência para lei ou política. —Ele sorriu de repente. —Jamie vê imediatamente o que ele acha que deve ser feito e não consegue entender por que alguém deve pensar de outra forma. E ele prefere bater em alguém que persuadi-lo, se trata disso.

Roger riu com tristeza.

—Eu entendo a urgência. — disse.

—Oh, de fato. — Fraser balançou a cabeça, inclinando-se um pouco para trás em sua cadeira. —E não direi que isso não seja algo necessário a ser feito em algumas ocasiões. Especialmente nas Highlands. —Ele fez uma careta, mas não sem humor.

—Bem, então. Por que pensa que Cameron roubou seu rapaz? — perguntou sem rodeios Fraser.

Roger não estava surpreso. Tão bem quanto estavam se dando, ele sabia que Fraser tinha que estar se perguntando a respeito do que Roger estava dizendo e o quanto disso era verdadeiro. Bem, ele estava preparado para essa pergunta e a resposta era, no mínimo, uma versão da verdade.

—Nós vivemos por um tempo na América— disse, e sentiu uma pontada com sua palavra. Por um instante, sua cabana confortável em Ridge estava ao seu redor, Brianna dormindo com os cabelos soltos sobre o travesseiro ao lado dele e a respiração de uma névoa doce acima deles das crianças.

—América!— Fraser exclamou com espanto. —Onde, então?

—A colônia da Carolina do Norte. Um bom lugar — Roger se apressou a acrescentar—, mas não sem os seus perigos.

—Dizem que é— disse Fraser, mas acenou que de lado. —E esses perigos fizeram com que vocês voltassem?

Roger balançou a cabeça, um aperto na garganta com a lembrança.

—Não, foi a nossa mocinha Mandy, Amanda, é como se chama. Ela nasceu com alguma coisa de errado com seu coração, e não havia nenhum médico lá que pudesse tratá-la. Então nós... voltamos para cá, e enquanto estávamos na Escócia, minha esposa herdou algumas terras, e assim ficamos. Mas... —Ele hesitou, pensando em como colocar o resto, mas sabendo o que ele fazia de antecedentes de Fraser e sua história com os Mackenzie de Leoch, o homem provavelmente não estaria excessivamente perturbado com a sua história.

—O pai da minha esposa— o disse com cuidado, —é um bom homem, um homem muito bom, mas de um tipo que... chama a atenção. Um líder de homens, e que os outros homens... Bem, ele me disse uma vez que seu

próprio pai disse a ele que, já que ele era um homem grande, outros homens iriam julgá-lo pelo que ele fazia.

Ele observou o rosto de Brian Fraser atentamente para isso, mas, além da contração de uma sobrancelha, não houve resposta aparente.

—Não vou entrar em toda a história — *uma vez que ainda não aconteceu* — Mas nesse meio tempo foi deixada ao meu sogro uma grande quantia em ouro. Ele não considera como sua propriedade, mas como algo que lhe foi deixado em confiança. Ainda assim, está lá. E enquanto ele mantém em segredo, tanto quanto possível...

Fraser fez um som simpático, reconhecendo as dificuldades do sigilo em tais condições.

—Portanto, este Cameron soube do tesouro, não é? E pensa extorquir de seu sogro, tomando o *bairn* cativo? — A sobrancelha escura de Fraser baixou com o pensamento.

—Isso pode estar em sua mente. Mas, além disso meu filho sabe onde o ouro está escondido. Ele estava com seu avô, quando foi esconder no lugar seguro. Apenas os dois sabem o paradeiro mas Cameron soube que meu filho conhecia o lugar.

—Ah— Brian sentou-se por um momento olhando para o seu uísque, o pensamento. Por fim, ele limpou a garganta e olhou para cima, encontrando os olhos de Roger. —Eu talvez não devesse dizer tal coisa, mas pode estar em sua própria mente já. Se ele tomou o menino só porque o rapaz sabe onde o tesouro... bem, eu seria um homem mau, sem escrúpulos, eu acho que eu poderia forçar as informações para fora do rapaz, tão logo eu estivesse em paz.

Roger sentiu a lâmina fria da sugestão para baixo no poço de sua barriga. Isso *era* algo que esteve na parte de trás de sua própria mente, embora ele não tivesse admitido isso para si mesmo.

—Forçá-lo dizer e, em seguida, mata-lo, é isso que quer dizer.

Fraser fez uma careta infeliz.

—Não queria pensar isso— disse. —Mas sem o rapaz, que está lá para marcá-lo? Um homem sozinho, ele poderia viajar tranquilo, sem muito aviso prévio.

—Sim— disse Roger, e parou de respirar. —Sim. Bem... ele não fez. E... eu conheço o homem, um pouco. Eu não acho que ele faria isso, —Sua garganta fechou de repente, e ele tossiu violentamente. —Matar uma criança— ele terminou com a voz rouca. —Ele não faria isso.

Deram a ele um quarto no final do corredor no segundo andar. Quando sua família vivesse aqui, esse seria o quarto de brinquedo. Despiu-se de sua camisa, colocou a vela, e foi para a cama, decididamente ignorando as sombras nos cantos que seguravam os fantasmas de gigantescos blocos de construção de papelão, de casa de bonecas, seis armas, e quadros-negros. A saia de franjas do traje Annie Oakley de Mandy tremulou no canto do olho.

Ele sofria com folículos nas unhas dos pés, por dentro e por fora, mas o pânico gerado pela sua chegada passou. Todavia, como ele sentia não importava; a pergunta era o que agora? Não estavam onde acharam que estariam, ele e Buck, mas ele teve que assumir que eles acabaram no lugar certo. O lugar onde Jem estava.

De que outra forma poderiam ter vindo aqui? Talvez Rob Cameron soubesse mais agora sobre como as viagens pelo tempo, poderia controlá-lo, e deliberadamente trouxe Jem para este tempo, a fim de frustrar perseguição?

Ele estava exausto demais para manter-se firme em seus pensamentos, e muito menos agregá-los com coerência. Ele empurrou tudo para fora de sua mente, tanto quanto pôde, e ficou imóvel, olhando para o escuro, vendo o brilho dos olhos de um cavalo de balanço.

Em seguida, ele saiu da cama, ajoelhou-se sobre as madeiras frias, e orou.

***Capítulo 32- "Para muitos dos homens que tropeçam no limiar está predito que o perigo está dentro espreitando"***

*Lallybroch*

*31 de outubro de 1980*

**Brianna não conseguia abrir a sua própria porta da frente. Ela continuou tentando, sacudindo a grande chave de ferro pela fechadura, até que a policial feminina a tirou de sua mão trêmula e enfiou no buraco da fechadura. Não começara a tremer até o carro de polícia aparecesse no caminho para Lallybroch.**

**—Prefiro fechaduras antigas — observou a policial, dando um olhar dúbio. —Original da casa, não é?— Ela levantou a cabeça, olhando para frente do branco calmo da casa, franzindo os lábios ao ver o lintel, com sua data esculpida.**

—Não sei. Não costumamos trancar a porta. Nunca tivemos assaltantes. —Os lábios de Brianna estavam dormentes, mas ela pensou que ela conseguiu dar um sorriso fraco. Felizmente, Mandy não foi capaz de contradizer essa mentira deslavada, pois ela viu um sapo na grama pelo caminho e estava o seguindo, cutucando-o com a ponta do sapato para fazê-lo saltar. Jemmy, colado protetor ao lado de Brianna, fez um ruído baixo em sua garganta que a fez lembrar assustadoramente de seu pai, e ela olhou para ele, estreitando os olhos.

Ele fez o barulho de novo e olhou para longe.

Houve um chocalho e clique quando a fechadura abriu, e o policial se endireitou com um som satisfeito.

—Sim, está acabado. Agora, tem certeza que vai ficar bem, Sra. Mackenzie? — Disse a mulher, dando um olhar dubio. —Aqui por sua própria conta e seu marido ausente?

—Ele logo estará em casa — Brianna assegurou, embora seu estômago estivesse oco com as palavras.

A mulher olhou-a pensativamente, então deu um aceno relutante e abriu a porta.

—Bem, então, você é quem sabe, espero. Vou apenas verificar se o seu telefone está em ordem e todas as portas e janelas fechadas, enquanto você dá uma olhada em volta para se certificar de tudo está como deveria?

O pedaço de gelo que se formou em suas entranhas durante as longas horas de interrogatório subiu para seu peito.

—Eu... eu... eu tenho certeza que está tudo bem. —, mas a policial já entrara e estava esperando impacientemente por ela. —Jem! Traga Mandy para dentro e leve-a até a sala de jogos, sim? — Não podia suportar deixar as crianças sozinhas do lado de fora, expostas. Ela mal podia suportar tê-los fora de sua vista. Mas a *última* coisa que ela precisava era ter Mandy marcando prestativamente junto, conversando com a Oficial Laughlin sobre o Sr. Rob no buraco do padre. Deixando a porta aberta, ela correu atrás da policial.

—O telefone está lá— disse, conversando com a Oficial Laughlin no corredor e apontando para o estudo de Roger. —Há uma extensão da cozinha. Vou verificar e ver a porta dos fundos. —Sem esperar por uma resposta, ela caminhou pelo corredor e quase se jogou pela porta de vaivém que levava à cozinha.

Não parou para verificar qualquer coisa, mas abriu a gaveta de sucata e pegou uma lanterna coberta de borracha. Destinado a ajudar os agricultores no parto durante a noite ou em busca de estoque perdido, a coisa media mais de trinta centímetros e pesava cerca de um quilo.

O rifle de calibre 22 estava no escritório, e por um instante, enquanto ela caminhava pela casa, debateu-se em matá-lo, de uma forma desapaixonada que provavelmente a assustaria se ela tivesse tempo para pensar sobre isso. Jem estava de volta, no fim das contas, mas não. A Oficial Laughlin certamente reconheceria o som de um tiro, apesar do feltro verde abafando na porta da cozinha. E lá estava, aparentemente, ela precisava conversar com Rob Cameron. Ela o deixou inconsciente e com uma fita boca.

Ela entrou no escritório e fechou a porta da cozinha atrás dela. Havia uma tranca, mas ela não poderia trancar deste lado sem a chave, e as chaves estavam em cima da mesa no hall de entrada, onde a oficial Laughlin as deixara. Em vez disso, ela arrastou mais o banco pesado e enfiou entre a porta e a parede, concentrando-se na logística. Onde era o melhor lugar para bater em alguém na cabeça de forma a torná-los inconsciente sem fraturar seu crânio? Ela tinha uma vaga lembrança de sua mãe mencionar uma vez que... occipital?

Ela esperava um clamor de Cameron ao som de sua entrada, mas ele não espiou. Ela podia ouvir os passos acima, o passo confiante de um adulto estava ao fundo do corredor. A oficial Laughlin em sua turnê de inspeção, sem dúvida, verificando as janelas do primeiro andar, a mente voltada para assaltantes nas escadas. Ela fechou os olhos por um instante, imaginando a policial enfiando a cabeça para dentro da sala de jogos, assim enquanto Mandy entretinha seu irmão com os detalhes de suas próprias aventuras na noite anterior.

Nada a ser feito sobre isso. Ela respirou fundo, levantou a grelha sobre buraco do padre, e brilhou a luz para baixo para as sombras. As sombras vazias.

Por alguns momentos, ela continuou a olhar, balançando a tocha pela viga de um lado do buraco do padre para o outro, depois de volta, depois volta novamente... sua mente simplesmente se recusando a acreditar em seus olhos.

A luz pegou o brilho opaco da fita adesiva e dois ou três maços descartados, arremessados em um canto. Havia uma sensação de frio na parte de trás do pescoço, e ela empurrou para fora, lanterna levantada, mas

não era mais do que apreensão; ninguém estava lá. A porta externa estava trancada, as janelas fechadas.

*A porta estava trancada.* Ela fez um som pequeno, assustado e bateu a mão com força sobre sua boca. Como a porta entre o escritório e cozinha, porta exterior trancada com uma tranca a partir do interior. Se alguém saiu daquela maneira e deixou a porta trancada atrás dele, ele tinha a chave da casa. E seu rifle foi embora.

**Eles são muito pouco, ela não parava de pensar. Não devem saber sobre coisas como essa; não devem saber que é possível. Suas mãos tremiam; demorou três tentativas para abrir a gaveta na cômoda de Mandy, e após o terceiro fracasso, ela bateu em fúria com o lado de seu punho, murmurando entre dentes cerrados, —Você maldito, maldito, maldito, amaldiçoar coisa! Você não ousaria ficar no meu caminho! — Ela bateu com o punho em cima da cômoda, levantou seu pé, e bateu a sola de seu tênis na coisa tão forte que balançou para trás e bateu na parede com um estrondo.**

Ela agarrou os puxadores da gaveta e puxou. A gaveta aterrorizou disparou, e ela pegou a coisa toda livre e arremessou-a contra a parede oposta, onde ele bateu e explodiu em um spray de arco-íris de calcinhas e pequenas camisetas listradas.

Ela se aproximou e olhou para a gaveta maltratada, deitada de cabeça para baixo no chão.

**—Portanto, não— disse, calmamente. —Isso mostra a você não ficar no meu caminho quando eu tenho coisas para pensar.**

—Como o quê, Mamãe?— Disse uma voz cautelosa da porta. Ela olhou para cima para ver Jemmy pairando ali, os olhos passando rapidamente dela para a gaveta maltratada e voltando.

—Oh— Pensou em tentar explicar a gaveta, mas pigarreou e sentou-se na cama, segurando a mão para ele. —Vem cá, *a bhalaich*.

Suas sobrancelhas gengibre ergueram-se ao tratamento carinhoso em gaélico, mas ele veio de boa vontade, aconchegando-se em seu braço. Abraçou-a com força, enterrando a cabeça em seu ombro, e ela o segurou tão firmemente quanto podia, balançando para frente e para trás e fazendo aqueles tipos de ruídos suaves que ela fazia para ele quando ele era pequeno.

—Vai ficar tudo bem, bebê— ela sussurrou para ele. —Vai ficar.

Ela ouviu-o engolir e sentiu seu movimento de volta pequeno, quadrado em sua mão.

—Sim. — Sua voz tremeu um pouco e ele fungou duro, então tentou novamente. —Sim. Mas *o que* vai ficar certo, Mamãe? O que está acontecendo? —Ele se afastou um pouco, em seguida, olhando para ela com olhos que detinham mais perguntas e mais conhecimento do que qualquer garoto de nove anos de idade devia razoavelmente ter.

—Mandy diz que você colocou o Sr. Cameron no buraco do padre. Mas ele não está lá, agora eu olhei.

A mão fria acariciou sua nuca enquanto ela se lembrava do choque do buraco vazio.

—Não, ele não está.

—Mas você não o deixou sair, não é?

—Não. Eu não deixei sair. Ele...

—Então alguém fez— disse de forma positiva. —Quem você acha?

—Você tem uma mente muito lógica— disse, sorrindo um pouco, apesar de si mesma. —Herdou isso do Vovô Jamie.

—Ele disse que eu herdei de vovó Claire, — Jem respondeu, mas automaticamente; ele não se distraiu. —Achei que talvez fosse o homem que me perseguiu na represa, mas ele não poderia estar aqui e deixar Cameron para fora, ao mesmo tempo em que ele estava me perseguindo. Será que era ele? —Um medo súbito mostrou em seus olhos, e ela sufocou o impulso irresistível para caçar o homem e matá-lo como um gambá raivoso.

O homem fugiu na barragem, correndo no escuro, quando a polícia apareceu, mas, Deus ajude, ela estava indo encontrá-lo um dia, e, em seguida, mas este não era o dia. O problema agora era para detê-lo ou Rob Cameron de ficar em qualquer lugar perto de seus filhos novamente.

Então ela sabia o que Jemmy estava dizendo e sentiu o frio que ela carregava no seu coração se espalhar como geada através de seu corpo.

—Você quer dizer que tem que haver outro homem— a disse, surpresa com a calma que ela souou. —Sr. Cameron, o homem na represa e quem deixou o Sr. Cameron sair do buraco do padre.

—Pode ser uma senhora— Jemmy apontou. Ele parecia menos assustado, falando sobre isso. Isso era uma coisa boa, porque sua própria pele estava ondulando com medo.

—Você sabe o que vovó chamava — chama — esses pelos eriçados?— Ela estendeu o braço, os cabelos avermelhados finos todos em pé. — Arrepio.

—Arrepio— Jemmy repetiu, e deu uma pequena risadinha nervosa. — Eu gosto dessa palavra.

—Eu também. — Ela respirou fundo e levantou-se. —Vai escolher uma muda de roupa e seus pijamas, faz isso querido? Tenho que dar alguns telefonemas, e então eu acho que nós estamos indo visitar a tia Fiona.

### *Capítulo 33- É melhor dormir em uma pele sadia*

Roger acordou subitamente, mas sem choque. Sem a sensação de sonhos abandonados, nenhum ruído meio-ouvido, mas seus olhos estavam abertos e ele estava plenamente consciente. Era, talvez, uma hora antes do nascer do sol. Ele deixou as janelas abertas, o quarto estava frio e o céu nublado com cor de uma pérola negra.

Ele ficou imóvel, ouvindo seu coração bater, e pela primeira vez em vários dias, percebeu que não estava acelerado. Ele não estava com medo. O medo e a confusão da noite o terror dos últimos dias, desapareceram. Seu corpo estava completamente relaxado, assim como sua mente.

Havia algo flutuando em sua mente. Absurdamente, era uma linha de *“Johnny Cope”*: *“É melhor dormir em uma pele saudável, para o que será uma manhã sangrenta”* —Mais estranho ainda, ele podia ouvir e quase podia sentir-se cantando, com sua voz antiga, cheia de energia e entusiasmo.

—Não é que eu seja ingrato— disse para as vigas caiadas de branco no teto, sua voz matutina rachada e áspera. —Mas que diabos?

Ele não tinha certeza se ele estava falando a Deus ou ao seu próprio inconsciente, mas a probabilidade de conseguir uma resposta direta era, provavelmente, a mesmo em ambos os casos. Ele ouviu o baque suave de uma porta se fechando em algum lugar abaixo, e alguém de fora, assobiando através de seus dentes Annie ou Senga, talvez, no caminho para a ordenha da manhã.

A batida veio em sua própria porta: Jenny Murray, com uma touca branca, o cabelo encaracolado escuro amarrado para trás, mas ainda não

coberto para o dia, com um jarro de água quente, um pote de sabão suave, e uma navalha de barbear.

—Papai diz que você pode andar a cavalo?— Disse sem preâmbulos, olhando-o de cima a baixo em uma espécie de avaliação de forma.

—Eu posso — ele respondeu com a voz rouca, pegando o jarro envolto em toalha. Ele precisava de algo, para limpar o muco da garganta e cuspir, mas não conseguia fazer isso na frente dela. Por isso, ele apenas balançou a cabeça e murmurou: —*Taing* — quando pegou a navalha, ao invés de perguntar o motivo.

—O café da manhã estará na cozinha quando você descer — ela disse com naturalidade. —Traga o jarro para baixo, sim?

Uma hora depois, um chá quente, mingau, bannock[11] com mel, e morcela, ele encontrou-se em um cavalo desgrenhado, com Brian Fraser através da névoa crescente de manhã cedo.

—Vamos dar a volta pelos campos nas proximidades— Fraser disse no café da manhã, dando uma colherada no morango em conserva em um bannock. —Mesmo que ninguém tenha visto seu rapaz — e para ser honesto — a boca torcida em pedido de desculpas: —Acho que eu já teria ouvido falar, se alguém tivesse visto um estranho nas redondezas — eles falariam.

—Sim, e eu agradeço muitíssimo — ele disse seriamente. Até mesmo em seu próprio tempo, a fofoca era a maneira mais rápida de espalhar notícias nas Highlands. Não importa quão rápido Rob Cameron pudesse viajar, Roger duvidava que ele pudesse superar a velocidade da fala, e o pensamento o fez sorrir. Jenny percebeu e sorriu em simpatia, ele pensou novamente como ela era uma moça muito bonita.

O céu ainda estava baixo e ameaçador, mas a chuva iminente ainda não dissuadira ninguém na Escócia de fazer qualquer coisa e não era provável que começasse agora. Sua garganta parecia muito melhor depois do chá quente, e a estranha sensação de calma com a qual ele acordou ainda estava com ele.

*Algo* mudara durante a noite. Talvez ele estivesse dormindo em Lallybroch, entre os fantasmas de seu próprio futuro. Talvez se instalasse sua mente enquanto ele dormia.

Talvez fosse uma oração respondida e um momento de graça. Talvez fosse mais do que o maldito existencialismo de Samuel Beckett *Eu não*

*posso continuar; Eu vou continuar.* Se tivesse uma escolha — e ele tinha, Beckett que se danasse — e ele iriam com graça.

Qualquer que fosse a causa, ele não estava desorientado por mais tempo, jogado fora de equilíbrio com o que sabia sobre o futuro das pessoas ao seu redor. Havia ainda uma profunda preocupação com eles, bem como a necessidade de encontrar Jem que ainda o preenchia. Mas agora era uma coisa tranquila, dura em seu núcleo. Um foco, uma arma. Algo para preparar as costas contra.

Ele endireitou os ombros enquanto pensava sobre isso e, ao mesmo tempo, viu Brian se endireitar, as costas retas e os ombros largos e firmes sob conjunto escuro do casaco de seu tartan. Eles eram o eco de Jamie e a promessa de Jem no futuro.

*A vida continua.* Era seu trabalho acima de tudo para resgatar Jem, tanto por causa de Brian Fraser como por sua própria.

E agora ele sabia o que mudou nele e deu graças a Deus pelo que era verdadeiramente uma graça. Ele dormiu e acordou em uma pele inteira. E, ainda que tivesse um período sangrento por vir na manhã, ele agora tinha uma direção, calma e esperança, porque o bom homem que cavalgava à sua frente estava do seu lado.

Visitaram mais de uma dúzia de lugares no decorrer do dia e pararam num funileiro que se encontrava ao longo do caminho, também. Ninguém vira um estranho recentemente, com ou sem um rapaz de cabelos vermelhos, mas todos prometeram espalhar a palavra, e todos, sem exceção ofereceram suas orações para Roger e sua busca.

Eles pararam para jantar e passar noite com uma família chamada Murray que tinha uma fazenda substancial, embora nada que rivalizasse com Lallybroch. O proprietário, John Murray, revelou-se no decorrer da conversa por ser o gerente de Brian Fraser — o supervisor de grande parte do negócio físico de propriedade de Lallybroch — e ele emprestou atenção solene à história de Roger.

Um homem idoso, de longos braços ossudos confrontados com um músculo, ele chupou os dentes consideravelmente, acenando com a cabeça.

—Sim, eu vou mandar um dos meus rapazes por ai pela manhã— disse. —Mas se você encontrar vestígio, ou melhor, este homem ao longo do caminho de Hieland... talvez você devesse ir à guarnição e contar sua história, Sr. Mackenzie.

Brian Fraser arqueou uma sobrancelha escura, meio franzindo a testa para isso, mas, em seguida, assentiu.

—Sim, isso não é um mau pensamento, John. — Ele virou-se para Roger. —É certa distância, a guarnição de Fort William, inferior em Duncansburgh. Mas podemos perguntar ao longo do nosso caminho, e os soldados enviam mensageiros regularmente entre a guarnição, Inverness, e Edimburgo. Devem ouvir uma coisa sobre seu homem, eles poderiam obter a palavra para nós rapidamente.

—E eles talvez pudessem prender o sujeito no local— acrescentou Murray, seu semblante um tanto melancólico iluminando um pouco com a ideia.

—*Moran taing*— Roger disse, curvando-se um pouco para eles, também em reconhecimento, então voltando para Fraser. —Eu vou fazer isso, e obrigado. Mas, senhor acha que não poderia ir comigo. Você tem de seus próprios negócios para cuidar, e eu não iria...

—Eu vou, e feliz por isso— Fraser interrompeu com firmeza. —Há muito tempo e nada para fazer com o feno que John não possa cuidar para mim.

Ele sorriu para Murray, que fez um pequeno ruído, a meio caminho entre um suspiro e uma tosse, mas assentiu.

—No meio das terras dos Camerons, além de Fort William— Murray observou distraidamente, olhando em direção aos campos escuros. Jantaram com sua família, mas, em seguida, saíram pela porta, ostensivamente para compartilhar um cachimbo; que ardia nas mãos de Murray, desconsiderado para o momento.

Brian fez um som evasivo em sua garganta, e Roger perguntou o que Murray queria dizer. Era um aviso de que Rob Cameron poderia ter parentes ou aliados a quem ele estivesse se dirigindo? Ou havia alguma tensão ou dificuldade entre alguns dos Camerons e os Fraser de Lovat ou entre os Camerons e Mackenzie?

Que apresentaram alguma dificuldade. Se *houvesse* uma disputa de qualquer importância acontecendo, Roger já devia saber sobre isso. Ele deu um pequeno, grave *HMP* e resolveu abordar qualquer Camerons com cautela. Ao mesmo tempo... *estava* Rob Cameron com a intenção de procurar refúgio ou ajuda com os Camerons deste tempo? Tivesse ele talvez vindo ao passado antes e tinha um esconderijo preparado entre seu próprio

clã? Isso era um mau pensamento, e Roger sentiu seu estômago apertar como se para resistir a um soco.

Mas não; não havia tempo. Se Cameron acabara de descobrir sobre viagem no tempo a partir do guia que Roger escreveu para uso eventual de seus filhos, ele não teria tido tempo de ir para ao passado, encontrar antigos Camerons, e... não, ridículo.

Roger sacudiu o emaranhado de pensamentos em forma de meia, como se fossem uma rede de pesca jogada sobre sua cabeça. Não havia nada mais a ser feito até que chegassem à guarnição amanhã.

Murray e Fraser estavam inclinados em cima do muro agora, compartilhando o cachimbo e conversando casualmente em gaélico.

—Minha filha me manda perguntar por seu filho— disse Brian Fraser, com um ar de descontração. —Qualquer palavra?

Murray bufou, a fumaça de suas narinas, e disse algo muito idiomático sobre seu filho. Fraser fez uma careta de simpatia e balançou a cabeça.

—Pelo menos sabe que ele está vivo— disse, caindo de volta para o Inglês. —Como se não bastasse, ele vai voltar para casa quando ele tiver o seu quinhão de lutas. Nós o fizemos, sim? —Ele cutucou Murray suavemente nas costelas, e o homem mais alto bufou de novo, mas com menos ferocidade.

—Não foi o tédio que nos trouxe até aqui, *a Dhubh dhuine*. Não você, pelo menos. —Ele levantou uma sobrancelha grisalha desgrenhada, e Fraser riu, embora Roger achasse que havia uma ponta de arrependimento nele.

Lembrou-se da história muito bem: Brian Fraser, um bastardo do velho Lord Lovat que roubou Ellen Mackenzie de seus irmãos Colum e Dougal, os Mackenzie do Castelo Leoch, e acabaram por fim com ela em Lallybroch, eles foram meio que rejeitados por ambos os clãs, mas, pelo menos, deixados sozinhos por eles. Ele viu o retrato de Ellen, também, alta, ruiva, e inegavelmente uma mulher que valia o esforço.

Ela parecia muito com sua neta Brianna. Por reflexo, ele fechou os olhos, respirou fundo a noite fria da Highland, e achou que a sentia ali ao seu lado. Se abrisse os olhos, poderia vê-la de pé no meio da fumaça?

*Eu vou voltar*, Pensou nela. *Não importa como*, minha *ruaidh*[12] *nighean Eu vou voltar. Com Jem.*

### **Capítulo 34 - Santuário**

Era quase uma hora de carro ao longo do estreito, as sinuosas estradas das Highland desde Lallybroch até a nova casa de Fiona Buchan em Inverness. Tempo de sobra para Brianna se perguntar se ela estava fazendo a coisa certa, se ela tinha o direito de envolver Fiona e sua família em uma questão que parecia mais perigosa a cada momento. Muito tempo para obter um torcicolo de tanto olhar por cima do ombro, embora se ela estivesse sendo seguida, como ela poderia saber?

Ela tinha que dizer às crianças, onde Roger estava tão gentil e rapidamente quanto pudesse. Mandy colocou um polegar na boca e olhou gravemente para ela, os olhos arregalados. Jem... Jem não disse nada, mas estava pálido sob suas sardas e parecia que ele estava prestes a vomitar. Ela olhou no espelho retrovisor. Ele estava curvado em um canto do banco traseiro agora, o rosto virado para a janela.

—Ele vai voltar querido — ela dissera, tentando dar-lhe um abraço tranquilizador. Ele deixou, mas ficou rígido em seus braços, aflita.

—A culpa é minha — ele disse sua voz pequena e de madeira como um fantoche. —Eu deveria ter fugido antes. Em seguida, o pai não teria...

—*Não* é sua culpa — ela disse com firmeza. —É culpa do senhor Cameron e de mais ninguém. Você foi *muito* corajoso. E o papai vai voltar muito em breve.

Jem engoliu em seco, mas não disse nada em resposta. Quando ela o deixou ir, ele balançou por um momento, e Mandy chegou e abraçou as pernas.

—Papai vai voltar— disse encorajadora. —Para o jantar!

—Pode demorar um pouco mais do que isso— disse Bree, sorrindo, apesar do pânico embolado como uma bola de neve em suas costelas.

Ela deu um profundo suspiro de alívio quando a estrada se abriu perto do aeroporto e ela poderia ir mais rápido do que 40 km. Outro olhar cauteloso no espelho, mas a estrada estava vazia atrás dela. Ela pisou no acelerador.

Fiona era uma das duas únicas pessoas que sabiam. A outra estava em Boston: o amigo mais antigo de sua mãe, Joe Abernathy. Mas ela precisava de um santuário para Jem e Mandy, agora. Não podia ficar com eles em Lallybroch; as paredes eram dois metros de espessura em alguns lugares, sim, mas era uma mansão em uma fazenda, não uma casa de torre fortificada, e não foi construída com qualquer noção de que os habitantes pudessem precisar repelir invasores ou ficar fora de um cerco.

Estar na cidade dava uma sensação de alívio. Ter pessoas ao redor. Testemunhas. Camuflagem. Ajuda. Ela parou na rua em frente à Craigh na Dun em um Bem ano Breakfast (três estrelas) com o sentido de um nadador exausto subindo na costa.

O momento era bom. Era início da tarde; Fiona teria terminado a limpeza e ainda não haveria tempo para a entrada de novos hóspedes ou iniciar o jantar.

Um sino pequeno pintado em forma de sino azul tilintou quando abriu a porta, e uma das filhas de Fiona apareceu instantaneamente uma cabeça perguntando para fora do salão.

—Tia Bree— ela gritou, e ao mesmo tempo o átrio estava cheio de crianças, três meninas de Fiona empurrando uma à outra para fora do caminho para abraçar Bree, pegar Mandy, e agradecer Jem, que prontamente caiu de quatro e se arrastou sob do banco onde as pessoas deixaram seus envoltórios.

—O-oh, é você, mulher!— Fiona, saindo da cozinha com um avental de lona que dizia PIE QUEEN[13] na frente, sorriu com prazer à vista de Bree e envolveu-a num abraço farinhento.

—O que há de errado?— Fiona murmurou em seu ouvido, ao abrigo do abraço. Ela recuou um pouco, ainda segurando Bree, e olhou para ela, apertando os olhos na preocupação meio brincalhona. —Rog aprontando fora de casa, não é?

—Você... poderia dizer isso. —Bree conseguiu dar um sorriso, mas, evidentemente, não muito bom, porque Fiona de uma só vez bateu palmas, trazendo ordem a partir do caos no lobby, e despachou todas as crianças para a sala no andar de cima para assistir televisão. Jem, olhando os caçado, foi persuadido por debaixo do banco e relutantemente seguiu as meninas, olhando para trás por cima do ombro para a mãe. Ela sorriu e fez movimentos espantando, em seguida, seguiu Fiona para cozinha, olhando por reflexo sobre seu próprio ombro.

A chaleira apitou, interrompendo Brianna, mas não antes que ela chegasse ao ponto mais saliente de sua história. Fiona aqueceu e encheu o bule, apertando os lábios com a concentração.

—Você diz que ele pegou o rifle. Você ainda tem sua arma?

—Sim. Está sob o banco da frente do meu carro no momento.

Fiona quase deixou cair o bule. Brianna disparou um braço e agarrou a alça, firmando. Suas mãos estavam congeladas, e o bule quente parecia maravilhoso.

—Bem, eu não ia deixar em casa com os bastardos tendo uma chave, agora, não é?

Fiona colocou a panela e benzeu-se. — *Dia eadarainn's an t-olc.* — *Deus entre nós e o mal.* Ela sentou-se, dando Brianna um olhar afiado. —E você tem certeza que são bastardos, no plural?

—Sim, eu infelizmente tenho— disse Bree laconicamente. —Mesmo que Rob Cameron conseguisse criar asas e voar para fora do meu buraco do padre, deixe-me dizer o que aconteceu com Jem na represa.

Ela fez, em algumas frases breves, ao final dos quais Fiona estava olhando por cima do próprio ombro na porta da cozinha fechada. Ela olhou para Bree, fixando-se a si mesma. Em seus trinta e poucos anos, ela era uma jovem mulher agradavelmente arredondada com um rosto lindo e da expressão calma de uma mãe que normalmente tem o sinal indiano em sua prole, mas no momento em que ela tinha um olhar que a própria mãe de Brianna teria descrito como *sangue nos olhos*. Ela disse algo muito ruim em Inglês sobre o homem que perseguiu Jem.

—Então, então, — ela disse, pegando uma faca do porta facas mais próximo e examinou a borda de forma crítica — o que devemos fazer?

Bree respirou e bebeu com cautela no chá quente, leitoso. Era doce, sedoso e muito reconfortante, mas não quase tão reconfortante como que — nós...

—Bem, primeiro você deixaria Jem e Mandy ficar aqui enquanto eu vou fazer algumas coisas? Pode ser durante a noite; trouxe seus pijamas, apenas no caso. —Ela acenou para a sacola de papel que ela colocou em uma das cadeiras.

—Sim, é claro. — Uma pequena carranca formou entre as sobrancelhas escuras de Fiona. —O que... esses *tipos* de coisas?

—É... — Brianna começou, com a intenção de dizer, —*Melhor se você não souber*—, *mas*, de fato, era melhor que *tivesse* alguém que soubesse para onde ia e o que estava fazendo. Apenas no caso de ela não voltar. Uma pequena bolha do que pode ser tanto medo ou raiva se levantou através da sensação de calor em seu meio.

—Eu estou indo para visitar Jock MacLeod no hospital. Ele é o vigia noturno que encontrou Jem na represa. Ele deve conhecer o homem que o

atingiu e tentou levar Jem. E ele *conhece* Rob Cameron. Talvez ele possa me dizer quais companheiros de Cameron estão fora do trabalho ou na gráfica.

Ela esfregou a mão sobre o rosto, pensando.

—Depois disso... Vou falar com a irmã de Rob e seu sobrinho. Se ela não está envolvida em tudo o que ele está fazendo, ela vai ficar preocupada. E se ela *está* envolvida, então eu preciso saber isso.

—Você acha que será capaz de dizer?— O rosto de Fiona aliviou um pouco, mas ela ainda parecia preocupada.

—Oh, sim— disse Brianna, com firme determinação. —Eu vou ser capaz de dizer. Por um lado, se alguém com quem eu falar *estiver* envolvido, eles provavelmente tentarão me impedir de continuar perguntando.

Fiona fez um pequeno ruído que poderia ser mais bem escrito como *Eeengh* indicando profunda preocupação.

Brianna bebeu o último de seu chá e pousou o copo com um suspiro explosivo.

—E então— ela disse, —Eu vou voltar para Lallybroch para falar com um serralheiro e fazê-lo mudar todas as fechaduras e instalar alarmes nas janelas mais baixas. — Ela olhou interrogativamente para Fiona. — Não sei quanto tempo isso pode levar..

—Sim, é por isso que vos trouxe os pijamas das crianças. Sem problemas, garota. —Ela mordeu o lábio inferior, olhando para Brianna.

Bree sabia o que ela estava pensando, debatendo se a perguntar ou não, e salvou o problema.

—Não sei o que farei sobre Roger— disse com firmeza.

—Ele vai voltar, com certeza— Fiona começou, mas Bree balançou a cabeça. A Compreensão Aterrorizando número 3 não podia ser negada por mais tempo.

— Não penso assim— disse, embora ela mordesse o lábio como que para impedir que as palavras escapassem. —Ele, ele não pode saber que Jem não está lá. E ele nunca vai ab... abandoná-lo.

Fiona foi apertando a mão de Brianna, tanto de sua própria.

—Não, não, é claro que ele não faria isso. Mas se ele e os outros companheiros vão à busca e encontrar nenhum vestígio... eventualmente, com certeza ele pensaria... —Sua voz sumiu quando ela tentou imaginar *o que* Roger poderia pensar nessas circunstâncias.

—Oh, ele vai pensar tudo bem— disse Bree, e conseguiu uma pequena risada trêmula. O pensamento de determinação de Roger, o crescente sentimento de medo e desespero que deve inevitavelmente corroendo, sua luta para continuar, porque ele faria; ele nunca desistiria e voltaria para contar a ela que Jem estava perdido para sempre. Porque, se ele não encontrasse qualquer vestígio de Jem, o que ele poderia pensar? Que Cameron talvez matasse Jem, escondido seu corpo, e se foi para os Estados Unidos em busca do ouro? Ou que ambos estariam perdidos naquele espaço horrível entre um tempo e outro, para nunca mais ser encontrada?

—Bem, e ele vai orar também— disse Fiona com um aperto rápido da mão de Bree. —Eu posso ajudar nisso.

*Que a fez* verter lágrimas, e ela piscou com força, esfregando os olhos com um guardanapo de papel.

—Eu não posso chorar agora— disse, com a voz embargada. —Eu *não posso*. Não tenho tempo. —Ela levantou-se de repente, puxando sua mão livre. Ela cheirou, assuou o nariz com força no guardanapo, e cheirou novamente.

—Fiona... E... eu sei que você não contou a ninguém sobre... nós — ela começou, e mesmo que ela pudesse ouvir a dúvida em sua própria voz.

Fiona bufou.

—Não contei — disse. —Teria sido levada ao hospício, e o que Ernie faria com a meninas e tudo o mais? Por quê? — Acrescentou, dando Brianna um olhar duro. —No que está pensando?

—Bem... as mulheres que... que dançam em Craigh na Dun. Você acha que alguma delas sabe o que é?

Fiona sugado uma bochecha, pensando.

—Uma ou duas as mais velhas podem ter uma ideia— disse lentamente. —Estamos chegando ao solstício de Beltane tão longe para trás como qualquer um sabe. E algumas coisas que são passadas, sabe. Seria estranho se ninguém nunca imaginasse. Mas, mesmo se alguém souber ao certo o que acontece lá, não falam não mais do que eu.

—Certo. Eu só queria saber que você poderia talvez descobrir, de forma discreta, se algumas das mulheres teriam laços com Rob Cameron? Ou talvez... às Orkneys?

—Para quê?— Olhos de Fiona deu a volta. —Por que as Orkneys?

—Porque Rob Cameron passou escavações arqueológicas ali. E eu acho que isso é o que interessou nos círculos de pedra para começar. Conheço um

homem chamado Callahan um amigo de Roger que trabalhava lá em cima com ele, e eu vou falar com ele, também, talvez amanhã; não acho que eu vou ter tempo de hoje. Mas se há qualquer outra pessoa que pode ser conectado com coisas desse tipo... —Foi mais do que um tiro no escuro, mas no momento ela estava inclinada a olhar sob qualquer pedra que ela pudesse levantar.

—Eu vou perguntar— disse Fiona, pensativo. —E falando em avisar — me ligue caso você não volte essa noite, sim? Só para que eu saiba que está segura.

Bree assentiu, com a garganta apertada, e abraçou Fiona, levando a força de mais um momento de sua amiga.

Fiona viu pelo corredor até a porta da frente, fazendo uma pausa ao pé da escada, e olhou para a vibração que vem de cima. Será que Bree quer dizer adeus a Jem e Mandy? Sem palavras, Brianna sacudiu a cabeça. Seus sentimentos eram muito crus; ela não podia escondê-los suficientemente e não queria assustar as crianças. Em vez disso, ela pressionou os dedos aos lábios e soprou um beijo para as escadas, em seguida, virou-se para a porta.

—Sua espingarda... — Fiona começou atrás dela, e parou. Brianna virou-se e levantou uma sobrancelha.

—Eles não podem ficar sem munição, podem?

## **Capítulo 35- Um Quartel**

Eles chegaram a Fort William no início da tarde de viagem do segundo dia.

—Qual o tamanho dessa guarnição? — perguntou Roger, olhando para as paredes de pedra do forte. Era modesto, como fortalezas eram com apenas alguns edifícios e um quintal broca dentro das paredes circundantes.

—Talvez quarenta homens, eu diria— Brian respondeu, virando-se para os lados para permitir que alguns guardas de casacas vermelhas que transportavam mosquetes os ultrapassasse na passagem de entrada estreita. —Fort Augustus é a única guarnição ao norte daqui, e tem talvez uma centena.

Isso era surpreendente, ou talvez não. Se Roger estivesse certo sobre a data, seriam mais três anos antes de muita conversa de jacobitas na Highlands e muito menos o suficiente para alarmar a coroa Inglês para o envio de tropas em massa para manter um tampão sobre a situação.

O forte estava aberto, e qualquer número de civis parecia ter negócios com o exército, a julgar pela pequena multidão perto de um edifício. Fraser conduziu-o em direção a outro, menor, com uma inclinação de sua cabeça, no entanto.

—Vamos ver o comandante, eu acho.

—Você o conhece?— Um verme de curiosidade fez cócegas em sua espinha. Certamente que era muito cedo para...

—Eu me encontrei com ele uma vez. Buncombe, e como ele é chamado. Parece um sujeito decente, para um Sassenach. —Fraser deu seu nome a um funcionário na sala externa, e dentro de um momento em que eles foram levados para o escritório do comandante.

—Oh... —Um pequeno, o homem de meia-idade no uniforme com os olhos cansados por trás de um par de óculos meio rosa, meio inclinado, e caiu para trás em sua cadeira, como se o esforço de reconhecimento o esgotasse. —Broch Tuarach. Seu servo, Senhor.

Talvez tivesse, Roger pensou. O rosto do homem era magro e alinhado, e sua respiração assobiou de forma audível em seus pulmões. Claire poderia ter conhecido especificamente o que estava acontecendo com o Capitão

Buncombe, mas não precisava um médico para saber que algo estava errado fisicamente.

Ainda assim, Buncombe ouviu civilmente a sua história, chamou o funcionário para fazer uma observação cuidadosa da descrição de Cameron e Jem, e prometeu que estes seriam distribuídas na guarnição e que quaisquer patrulhas ou mensageiros seriam aconselhados a perguntar pelos fugitivos.

Brian cuidadosamente trouxe algumas garrafas em seus alforjes e agora abria uma, que ele colocou sobre a mesa com um baque borbulhante de sedução.

—Agradecemos a você senhor, por sua ajuda. Se você nos permite apresentar um pequeno gesto de agradecimento por sua gentileza...

Um pequeno, mas genuíno sorriso apareceu no rosto desgastado do capitão Buncombe.

—Eu gostaria senhor. Mas só se os senhores se juntarem a mim... ? Ah, sim. —Dois copos velhos de estanho velhos — uma breve procura depois — uma taça de cristal com uma lasca na borda foi produzida, e o silêncio abençoado da bebida caiu sobre o pequeno escritório.

Depois de alguns momentos de reverência, Buncombe abriu os olhos e suspirou.

—Maravilhoso senhor. Fabricação própria, não é?

Brian inclinou a cabeça com um movimento modesto.

—Não, mas algumas garrafas de Hogmanay[14], apenas para a família.

Roger viu a adega no porão, a partir da qual Brian escolheu a garrafa, forrado do chão ao teto com pequenos barris e com uma atmosfera para que fosse batido em uma superfície plana onde ficou respirando por muito tempo. Mas o pensamento de um instante disse que era provavelmente mais sábio não deixar uma guarnição cheia de soldados saberem que você mantinha qualquer tipo de bebida alcoólica em grande quantidade em suas instalações, não importa o que os termos em que estava com seu comandante. Ele chamou a atenção de Brian, e Fraser olhou de lado com um pequeno *mmphm* e um sorriso tranquilo.

—Maravilhoso— Buncombe repetiu, e derrubou mais um centímetro em seu copo, oferecendo a rodada pela garrafa. Roger seguiu o exemplo de Brian e recusou-se, cuidando sua própria bebida, enquanto os outros dois homens caíram em uma espécie de conversa que ele reconheceu muito bem. Não amigável, mas cortês, um comércio de informação que pode ser uma

vantagem para um ou ambos e uma evasão cuidado com qualquer coisa que possa dar ao outro *muita* vantagem.

Ele viu Jamie fazê-lo quantas vezes, nos Estados Unidos. Era conversa do chefe, e havia regras para isso. Claro... Jamie devia ter visto seu pai fazê-lo qualquer número de vezes ele mesmo; estava arraigado em seus ossos.

Ele pensou que talvez Jem também. Ele tinha *algo* que as pessoas olhavam para ele duas vezes por algo além do cabelo, ele emendou, e sorriu para si mesmo.

**Enquanto Buncombe ocasionalmente dirigiu uma pergunta a ele, Roger foi a maior parte capaz de deixá-los, e ele gradualmente relaxou. A chuva passou, e um raio de sol da janela repousava sobre os ombros, aquecendo-o de fora, como o uísque aquecia por dentro. Sentia-se pela primeira como se ele pudesse estar realizando algo em sua busca, em vez de simplesmente bater desesperadamente em volta das Highlands.**

**—E eles talvez pudessem prender o sujeito— John Murray comentou, a respeito dos soldados e Rob Cameron. Um pensamento reconfortante.**

**O ângulo do clã, apesar de tudo... ele não *achava* que Cameron poderia ter cúmplices aqui, mas endireitou-se na cadeira. *Ele* tinha um cúmplice a partir deste momento, não tinha? Buck tinha o gene, e enquanto era claramente menos frequente de viajar para frente de uma tábua de salvação original, bem, Roger *pensava que* era menos frequente (sua própria falta de conhecimento foi uma constatação enervante em si) Buck fez isso. Se Cameron era um viajante, ele teria o gene de um ancestral que também poderia ter feito isso.**

**Frio correu em suas veias como vinho gelado matando o calor do uísque, e um emaranhado sinistro de vermes frios veio se contorcendo em sua mente. Poderia ser uma conspiração, talvez, entre Buck e Rob Cameron? Ou Buck e algum Cameron antigo de seu próprio tempo?**

**Nunca achou que Buck estivesse contando toda a verdade sobre si mesmo ou sua própria viagem através das pedras. Poderia tudo isso ter sido uma conspiração para atrair Roger longe de Lallybroch longe de Bree?**

**Agora os vermes estavam sangrentos *alimentando* seu cérebro. Ele pegou o copo e jogou para trás o resto do uísque em um gole só para *matá-los*. Buncombe e Fraser olharam para ele com surpresa, mas depois cortesmente retomaram a conversa.**

Na luz fria de seu atual estado de espírito, outra coisa agora lançava novas sombras. Brian Fraser. Enquanto Roger tomou Fraser de trazê-lo para a guarnição como puramente um gesto útil para encontrar Jem, tinha outra função, não é? Exibir Roger ao capitão Buncombe, em um contexto que deixou claro que ele não tinha nenhuma pretensão e obrigação pelo clã ou amizade pessoal com Fraser, apenas no caso de Roger acabar por não ser o que ele disse que era. E isso permitia a Fraser ver se Buncombe reconhecia Roger ou não. Apenas no caso de que ele não fosse o que ele disse que era.

Ele respirou fundo e apertou as mãos na mesa, concentrando-se na sensação da madeira áspera sob seus dedos. Tudo bem. Perfeitamente razoável. Quantas vezes ele vira Jamie fazer o mesmo tipo de coisa? Para estes homens, o bem-estar de seu próprio povo sempre veio em primeiro lugar; eles protegiam Lallybroch, ou Fraser Ridge, acima de tudo, mas isso não significava que não estavam dispostos a ajudar quando a ajuda estava em seu poder para dar.

E ele acreditava que Fraser destinava a ajudá-lo. Ele agarrou-se ao pensamento e descobriu que ele flutuou.

Fraser olhou para ele de novo, e algo no rosto do homem suavizou-se ante o que quer que visse. Brian pegou a garrafa e serviu mais um centímetro em copo de Roger.

—Nós vamos encontrá-lo, homem— disse em voz baixa, em gaélico, antes de virar para servir o Capitão Buncombe, por sua vez.

Bebeu e colocou tudo para fora de sua mente, concentrando-se na sequência da conversa. Estava tudo bem. Tudo ia ficar bem.

Ele ainda estava repetindo este mantra para si mesmo, quando ouviu gritos e assobios de fora. Ele olhou para a janela, mas não mostrou nada, salvo uma visão da parede do forte. Capitão Buncombe olhou assustado, mas Brian Fraser estava em seus pés, e se movendo rapidamente.

Roger seguiu, emergindo no pátio do forte para ver uma jovem bem apessoada montada em um grande e belo cavalo e olhando para baixo, para um pequeno grupo de soldados que se reuniram em volta do estribo, empurrando um ao outro, pegando as rédeas, e gritando observando. O cavalo claramente não gostou, mas estava conseguindo mantê-lo sob controle. Ela também estava segurando uma vara em uma mão e, e pelo olhar em seu rosto, estava claramente escolhendo um alvo entre aqueles que se apresentavam.

—Jenny!— Brian rugiu, e ela olhou para cima, assustada. Os soldados ficaram assustados, também; eles se viraram e, vendo o Capitão Buncombe sair atrás do escocês, de imediato, se dissiparam, de cabeça baixa enquanto corriam aos seus negócios.

Roger estava no ombro de Brian quando ele agarrou a rédea do cavalo.

—O que em nome da Abençoada Mãe de Deus você está, — Brian começou, furioso, mas ela o interrompeu, olhando diretamente para Roger.

—Seu parente— disse. —William Buccleigh. Ele enviou uma mensagem a Lallybroch que ele está ruim e você o verá só mais uma vez. Disseram que ele não pode viver.

Demorou um bom dia e meio para fazer a viagem, mesmo com bom tempo. Tendo em conta que estava chovendo, que a viagem de volta foi difícil, e que a última parte dela envolveu tropeços no escuro, procura de uma trilha quase invisível, que cobrisse a distância em um tempo surpreendentemente curto.

—Vou entrar com você— disse Brian, balançando seu cavalo no pátio. —Eles não são meus inquilinos, mas eles me conhecem.

A casa, que era um chalé de arrendatário modesto, sem brilho branco como um seixo à luz de uma lua-minguante estava fechado para a noite, persianas abaixadas e a porta trancada. Fraser bateu na porta e gritou em gaélico, no entanto, identificando-se e dizendo que ele trouxe o parente do doente com ele, e logo a porta se abriu, emoldurando um cavalheiro barbudo agachado de camisa e bêbado, que olhava para eles por um longo momento antes de pisar para trás com um ríspido —bem vindos.

**A primeira impressão de Roger era de que a casa estava cheia até o teto com o cheiro de humanidade. Indivíduos estavam em pequenos montes juntos no chão, perto da lareira ou em plataformas na parede oposta, e as cabeças aqui e ali despenteadas enfiadas como cães da pradaria, piscando sob o brilho do fogo sufocado para ver o que estava acontecendo.**

Nosso anfitrião — apresentado por Brian Fraser como Angus MacLaren —assentiu secamente para Roger e fez um gesto em direção a um leito arrastado para o centro da sala. Duas ou três crianças pequenas estavam dormindo sobre ele, mas Roger poderia apenas ver o borrão do rosto de Buck sobre o travesseiro. Cristo, ele esperava que Buck não tivesse nada contagioso.

Ele se aproximou, sussurrando —Buck?— Para não acordar ninguém que já não estivesse acordado. Ele não poderia ver muito mais do rosto de Buck na escuridão além do perfil escuro coberto pela barba, mas os olhos do homem estavam fechados, e ele não os abriu em resposta a Roger dizendo seu nome. Nem em resposta a Roger colocando a mão em seu braço. O braço parecia quente, mas, dada a atmosfera sufocante na casa, pensou que Buck provavelmente pareceria quente, mesmo se ele estivesse morto há horas.

Ele apertou o braço, levemente no início, em seguida, mais duro fazendo Buck dar uma tosse estrangulada e abrir os olhos. Ele piscou lentamente, parecendo não reconhecer Roger, em seguida, os fechou. Seu peito arfava visivelmente, embora, ele respirasse agora com uma nota lenta e ofegante, claramente audível.

—Ele diz que há algo errado com seu coração— disse MacLaren a Roger, em voz baixa. Ele estava inclinado sobre o ombro de Roger, observando Buck atentamente. —Ele vibra, como, e quando isso acontece, ele fica azul e não conseguiu respirar ou ficar em pé. Meu segundo rapaz mais velho encontrou-o na urze ontem à tarde, plano como um sapo esmagado. Nós o pegamos e demos algo para beber, e ele pediu que mandássemos alguém para Lallybroch perguntar por seu parente.

—*Moran taing*— disse Roger. —Eu estou muito agradecido a você, Senhor. — Ele se virou para Brian, que estava à espreita por trás MacLaren, olhando para Buck com uma pequena carranca.

—E obrigado a você, também, senhor— disse Roger a ele. —Por toda a sua ajuda. Eu não posso agradecer o suficiente.

Fraser deu de ombros, descartando isso.

—Imagino que quer ficar com ele? Sim. Se ele é capaz de viajar pela manhã, traga junto para Lallybroch. Ou envie, se há alguma coisa que podemos fazer. —Fraser acenou para MacLaren em despedida, mas depois fez uma pausa, olhando através da escuridão para o rosto de Buck. Ele olhou para Roger, como se comparando suas características.

—Seu parente também é de Lochalsh, — ele perguntou curioso, e olhou para Buck. —Ele parece com as pessoas da minha falecida esposa. Os Mackenzie de Leoch. —Então ele notou o pequeno porte atarracado do que devia ser a Sra. MacLaren carrancuda sob sua touca, e ele tossiu, inclinou-se e despediu-se sem esperar por uma resposta.

Sr. MacLaren foi para trancar a porta, e a senhora da casa voltou-se para Roger, bocejou cavernosamente, em seguida, fez um gesto em direção à cama, coçando sua bunda consciente.

—Vocês podem dormir a vontade perto dele— disse. —Empurre para o canto da cama, se ele morrer, sim? Eu não quero as colchas estragadas.

Tirando suas botas, Roger sentou cautelosamente sobre a colcha ao lado de Buck reajustando a posição dos filhos pequenos, que estavam moles e flexíveis como gatos no sol e passou o resto da noite ouvindo o ronco irregular de seu antepassado, cutucando-o sempre que parecia parar. Durante a madrugada, porém, ele cochilou, para ser acordado algum tempo depois o cheiro quente e espesso de mingau.

Alarmado com o fato de que adormecera, levantou-se sobre um cotovelo para encontrar um Buck pálido e respirando com dificuldade pela boca. Ele agarrou seu antepassado pelo ombro e sacudiu-o, fazendo com que Buck sentasse na cama, olhando descontroladamente para os lados. Descobrimo Roger, ele socou solidamente no estômago.

—Caia fora!

—Eu só queria ter certeza de que estava vivo, seu desgraçado!

—O que você está fazendo aqui, em primeiro lugar?—Buck passou a mão pelo cabelo desgrenhado, olhando atravessado e confuso.

—Você me chamou tolo. —Roger sentiu passar, também. Sua boca pareceu como se estivesse mastigando palha toda à noite. —Como você está afinal?

—Não muito bem. —A face de Buck mudou abruptamente de mau humor a uma apreensão clara, e ele colocou a mão sobre seu peito, pressionando duro. —Eu não sinto bem.

—Deite-se, pelo amor de Deus!—Roger se contorceu para fora da cama, evitando por pouco pisar em uma menina que estava sentada no chão, brincando com as fivelas de suas botas. —Vou pegar um pouco de água.

Uma fila de crianças estava assistindo essa mímica com interesse, ignorado pela Sra. MacLaren e duas das garotas mais velhas, que estavam, respectivamente, mexendo um enorme caldeirão de mingau e rapidamente pondo a mesa grande para o café, até pratos e colheres de madeira, com cartas de um jogo de Mico.

—Você precisa ir à privada— uma das meninas aconselhou, fazendo uma pausa para virar, —você fez o melhor até agora. Robbie e Sandy foram cuidar do gado e Stuart não achou seus sapatos ainda. —Ela ergueu o queixo em direção a um adolescente de 12 ou mais, que estava rastejando lentamente sobre as mãos e joelhos, com um sapato gasto em uma mão, olhando sonolento sob os móveis esparsos em busca de seu companheiro. —Ah, e desde que seu parente viveu a noite, poderá ir ao curandeiro.

### *Capítulo 36 - O Aroma de um Estranho*

Trouxera a Jock MacLeod o tradicional presente de hospital de uvas. E uma garrafa de Bunnahabhain de dezoito anos, o que iluminou seu rosto, ou o que poderia ser visto de que por trás da bandagem que envolvia a cabeça e os hematomas que estreitavam os olhos injetados de sangue para os cantos.

—Ah, estou um pouco pálido, — ele disse a ela, envolvendo a garrafa em seu roupão e entregando-a para que ela a escondesse em seu armário de cabeceira —, mas não é ruim, não é ruim. Ele bateu na cabeça, só isso. Só estou feliz que o rapaz fugiu. Você sabe como ele veio parar no túnel, moça?

Ela deu a versão oficial, ouviu pacientemente suas especulações, e, em seguida, perguntou se ele talvez reconhecesse o homem que o atingiu?

—Bem, então, eu o reconheci, — Jock disse, surpreendendo-a. Ele se inclinou para trás em seus travesseiros. —O que não quer dizer que eu saiba o seu nome. Mas eu o vi, sim, muitas vezes. Ele capitaneava um barco no canal.

—O quê? Um barco fretado, ou um dos barcos de cruzeiro jacobita? — Seu coração batia mais rápido. Ele falava do Canal Caledônia. Corria de Inverness até Fort William e carregava uma enorme quantidade de tráfego de água, muito dele visível a partir da estrada.

—Pelo barulho do motor deve ser um fretamento pequenino. Eu só percebi porque o primo da minha esposa tem um parecido; saímos nele uma vez. Dez metros é o que eu acho.

—Contou à polícia, é claro.

—Sim, eu contei. — Ele bateu dedos contundentes sobre a colcha, olhando de lado para ela. —Descrevi o homem tão bem quanto pude, mas,

sabe, ele realmente não parece incomum. Eu o reconheceria se visse de novo, e talvez o rapazinho também, mas não sei como a polícia o acharia fácil.

Ela tirou seu canivete suíço do bolso enquanto ela falava, brincando com ele, pensativa, sacudindo as lâminas abertas e fechadas. Ela abriu os saca-rolhas, testando a ponta com a bola de seu polegar.

—Acha que poderia talvez descrevê-lo para mim? Eu desenho um pouco; Eu poderia fazer um retrato falado.

Ele sorriu para ela, os olhos desaparecendo na carne machucada.

—Sirva-me um trago, moça, e nós vamos ter uma chance.

Brianna chegou a Lallybroch novamente no final da tarde, apenas a tempo para seu encontro às quatro horas com o serralheiro. Um pedaço de branco pregado à porta vibrou com o vento de outono; ela puxou e abriu com dedos gelados.

*Tive uma chamada de emergência em Elgin; não vou estar de volta até tarde. Ligue pela manhã. Desculpas, Will Tranter.*

Amassou a nota e a guardou em seu bolso, praguejando baixinho. Malditos bastardos estupradores, sequestradores, entrando e saindo de sua casa como se fosse uma via pública e isso *não era* uma emergência?

Ela hesitou os dedos enrolados em torno da grande chave antiga no bolso, olhando pra cima para o reboco branco da casa. O sol poente brilhou nas janelas superiores cristalizando-as com vermelho, escondendo tudo o que pudesse estar por trás delas. *Eles tinham uma chave.* Será que ela realmente queria ficar ai sozinha?

Ela olhou em volta, receosa, mas não viu nada fora do comum. Os campos através da casa estavam tranquilos, o pequeno rebanho de ovelhas já recolhidos depois do sol poente. Ela respirou profundamente, virando-se de um lado para outro como se estivesse caçando com seu Pai nas florestas da Carolina do Norte, como se pudesse pegar o cheiro de veados na brisa.

O que ela estava procurando agora? *Fumaça dos escapamentos. Borracha, metal quente, poeira destorcendo no ar, o fantasma de um carro.* Ou talvez algo mais, pensou, lembrando-se do cheiro de suor de Rob Cameron. O aroma de um estranho.

Mas o ar frio trouxe apenas o cheiro de folhas mortas, merda de ovelhas, e uma pitada de essência de terebintina da plantação de pinheiros da

Comissão Florestal para o oeste.

*Ainda assim.* Ouvira seu pai falar de uma sensação na parte de trás do seu pescoço quando algo estava errado, e ela sentiu os cabelos da sua nuca formigarem agora. Ela se virou, voltou para o carro, e foram embora, olhando automaticamente atrás dela todos os poucos minutos. Havia um posto de gasolina alguns quilômetros à frente na estrada; ela parou ali para ligar para Fiona e dizer que ela pegaria as crianças na parte da manhã, em seguida, comprou alguns lanches e levou de volta, tomando a estrada de terra batida que circulava a borda mais distante das terras de Lallybroch e levou para dentro da plantação de pinheiros.

Nesta época do ano, ficava escuro depois das 04h30min. Até a encosta, a pista não era mais que um par de buracos lamacentos, mas ela seguiu com cuidado ao longo até chegar a uma das clareiras onde os guardas florestais empilharam gravetos para queimar. O ar era áspero com o cheiro de lenha, e uma grande mancha enegrecida da terra e ainda mandavam brasas e tufos de fumaça, mas todas as fogueiras estavam apagadas. Ela dirigia o carro atrás de um monte de galhos recém-colhidos, empilhados pronto para o dia seguinte, e desligou o carro.

Quando ela desviou da plantação, levando a espingarda na mão, algo grande fez sua cabeça virar em total silêncio, e ela tropeçou, ofegante. Uma coruja; ela desapareceu, um borrão pálido no escuro. Apesar de seu coração rugindo, estava feliz em vê-la. Animais brancos eram arautos da boa sorte no folclore celta; ela poderia ter um pouco de sorte.

—*As corujas são guardiões dos mortos, mas não apenas dos mortos. Elas são mensageiros entre os mundos.* — Por um instante, Roger estava ao seu lado, sólido e quente na noite fria, e ela estendeu a mão por impulso, como se quisesse tocá-lo.

Então ele foi embora e ela estava de pé sozinha na sombra dos pinheiros, olhando na direção Lallybroch, a espingarda fria na mão. —Eu vou trazê-lo de volta, Roger— ela sussurrou baixinho, e enrolou a mão esquerda em um punho, apertando o anel de cobre com o qual ele casou-se. —*Eu vou.* —Mas primeiro tinha que ter certeza de que as crianças estavam a salvo.

A noite se levantou em torno da casa e Lallybroch desapareceu lentamente fora de vista, uma mancha mais pálida contra a escuridão. Ela verificou a segurança na arma e andou silenciosamente em direção a casa.

Ela andou por trás da colina da Torre, tão silenciosamente como pôde. O vento chegou, e ela duvidava que alguém ouvisse seus passos sobre o farfalhar do tojo e vassoura seca que cresceu grossa aqui.

Se estiverem esperando por ela, querendo fazer-lhe algum mal, com certeza estariam na casa. Mas se só queriam saber onde ela estava... poderiam estar vigiando a casa em vez disso, e este era o lugar para fazê-lo. Ela parou junto à parede da Torre e colocou a mão sobre as pedras, escutando. O farfalhar fraco, pontuado por um sopro do vento ocasional. Os morcegos teriam saído à caça há muito tempo, mas os pombos estavam em seus ninhos.

**Pressionando as costas contra as pedras, ela se esgueirou em toda a Torre, parando perto da porta, e estendeu a mão, tateando para o trinco. O cadeado estava frio em sua mão; intacto e trancado. Soltando o fôlego, ela se atrapalhou com o molho de chaves do bolso e encontrou o caminho certo pelo toque.**

**As pombas adormecidas entraram em erupção em uma vibração louca quando o vento vindo da porta arreganhou-a até o teto, onde estavam pousadas, e ela saiu às pressas de volta contra a parede, fora do caminho de uma chuva tamborilando de incontinência em pânico. As pombas se acalmaram em um momento, no entanto, e se estabeleceram novamente em um farfalhar murmurante de indignação com a perturbação.**

**Os andares superiores há muito caíram e as madeiras varreram; a Torre era uma concha, mas uma casca resistente, suas pedras exteriores reparadas ao longo dos anos. A escada foi construída na própria, os degraus de pedra que levam entre as paredes interna e externa da parede, e ela descansou a arma por cima do ombro e subiu devagar, sentindo o seu caminho com uma só mão. Havia um isqueiro em seu bolso, mas não havia necessidade de arriscar usá-lo.**

Um terço do caminho, ela olhou a estação por uma fenda janela que comandou uma visão da casa abaixo. As pedras estavam frias, mas a jaqueta era grossa e ela não iria congelar. Ela puxou uma barra de Violet Crumble<sup>[15]</sup> do bolso e acomodou-se para esperar.

Ela chamou o Conselho da Hidrelétrica e pediu uma semana de folga, a fim de lidar com uma emergência familiar. Notícias do que aconteceu na represa Loch Errochty ontem à noite se espalhou, então não era nenhuma dificuldade, salvo em desviar a enxurrada de exclamações simpáticas e

curiosas perguntas tudo de que ela alegava não ser capaz de responder, devido ao inquérito policial em curso.

O policial... eles *podiam* ser de ajuda. Jock disse sobre o homem na represa; eles estariam seguindo isso. Ela teve que dizer sobre Rob Cameron. E, com alguma relutância, ela disse a eles sobre a sua vinda para a casa e a ameaça que sofrera, já que Mandy provavelmente iria tagarelar sobre isso. Contou a eles sobre seu descontentamento por ser um supervisionado por uma mulher e seu assédio no trabalho que, embora parecesse um motivo insignificante pelo sequestro de uma criança. Ela não mencionou a maioria das coisas físicas, o buraco do padre, ou fuga de Cameron, no entanto. Apenas disse que atingiu primeiro com a caixa de cartas, e depois com o bastão de críquete, e ele fugiu. Ela foi com Mandy para encontrar Jem, que era, obviamente, mais urgente do que chamar a polícia. A polícia não estava de acordo com essa avaliação, mas eles eram britânicos e, assim, educados sobre sua desaprovação.

Ela disse que Cameron contara onde Jem estava. Se a polícia o encontrasse, ele não estaria em qualquer posição para contradizê-la. Ela *esperava* que eles o pegassem. Poderia causar complicações, mas ela se sentiria mais segura se ele não estivesse vagando por aí à solta. Com seu rifle. Possivelmente escondido em sua casa.

Sua mão enrolou no fundo do bolso de sua jaqueta, dedilhando as formas reconfortantes de uma dúzia de cartuchos de espingarda.

### ***Capítulo 37- Cognosco te***

O curador chegou ao meio da tarde. Ele era um homem baixo, mas não magro; parecia um lutador amador, com ombros tão largos como os de Roger. Ele não se apresentou, mas acenou educadamente para a Sra. MacLaren, seus olhos passando pelo quarto em um olhar breve e abrangente, para em seguida focar-se em Buck, que caíra em um sono inquieto e não acordou nem mesmo com a perturbação causada pela entrada do curador.

—Ele diz que seu coração... — Roger começou sem jeito. O homem olhou para o lado bruscamente para ele, em seguida, jogou uma mão para se afastar e, andando, olhou atentamente para Buck por um momento. Todos

os MacLarens esperaram em silêncio sem fôlego, claramente esperando algo espetacular.

O homem acenou com a cabeça para si mesmo, tirou o casaco, e voltou-se em mangas de camisa, exibindo musculosos antebraços bronzeados pelo sol.

—Bem, então— disse, sentando-se ao lado da cama e colocando a mão no peito de Buck. —Deixe-me... — Seu rosto ficou completamente inexpressivo e ele endureceu sua mão empurrando para trás como se tivesse recebido um choque elétrico. Deu um choalhão rápido e duro na cabeça e abriu a camisa de Buck, mergulhando as duas mãos na abertura e colocando-as horizontalmente em trabalho no peito de Buck.

—*Jesu*— ele sussurrou. —*Cognosco te!*

De repente os pelos no corpo de Roger levantaram, ardendo como se uma tempestade se aproximasse. O homem falava em latim, e o que ele disse era —*Eu sei quem é você!*

Todos os MacLarens viram o trabalho do curador, com grande respeito e não um pouco temor. Roger, que aprendeu um bom bocado sobre a psicologia da cura de Claire, estava bastante impressionado. E, para ser franco, se cagando de medo.

O curandeiro ficou imóvel por um longo momento, as mãos sobre o peito de Buck, com a cabeça jogada para trás e os olhos fechados, o rosto contorcido em uma expressão da concentração mais profunda, como se ouvisse algo muito, muito longe. Ele murmurou o que Roger reconhecia como o *Pater Noster* dos olhares nos rostos dos MacLarens, mas poderia muito bem ter sido o Abracadabra. Em seguida, mantendo as mãos no lugar, ele levantou um dedo grosso e começou a tocar, delicadamente, em um ritmo regular lento, seu dedo se recuperando cada vez como se estivesse atingia uma tecla de piano.

*Thup... Thup... Thup.* Ela passou por um longo tempo, desde que todos na sala começaram a respirar novamente, mesmo Buck, cujo trabalho ofegante começou a diminuir, seus pulmões enchendo naturalmente novamente. Depois foi a dois dedos, *Thup-tup... Thup-tup... Thup-tup.* Lento. Regular como um metrônomo. Indo e indo e indo e indo... Calmante. Hipnótico. E Roger percebeu que era o ritmo de um coração batendo — seu *próprio* coração. Olhando ao redor da sala com os olhos arregalados e bocas levemente abertas do clã MacLaren mostrando as adenoides, ele teve a mais

peculiar das sensações de que *todos* os corações estavam batendo precisamente no mesmo ritmo.

Ele sabia que eles estavam respirando como um; podia ouvir o sussurro de respiração suspensa e a corrida de espuma do mar na expiração. Ele *sabia* e era incapaz de mudar seu próprio ritmo, para resistir ao sentimento de unidade que inadvertidamente formou-se entre todas as pessoas na cabana, de Angus MacLaren até Josephine, de olhos redondos como o resto nos braços de sua mãe.

Todos eles estavam respirando, corações batendo como um e de alguma forma estavam todos apoiando o homem doente, segurando-o como parte de uma entidade maior, abraçando-o, preparando-o. O coração lesionado de Buck estava na palma da mão de Roger: ele percebeu que, de repente e, tão de repente, percebia que ele já estava lá há algum tempo, descansando tão naturalmente na curva da palma da mão como uma pedra de rio arredondada, suave e pesado. E... batendo, no tempo, com o coração no peito de Roger. O que era muito estranho era que nada disso o fazia sentir de alguma forma fora do comum.

Estranho — e impressionante — como era Roger poderia tê-lo explicado. Sugestão em massa, hipnose, vontade e disposição. Ele fez a mesma coisa se essa um número de vezes, cantando — quando a música prendia o público com ele, quando ele sabia que estavam com ele, e o seguiriam a qualquer lugar. Ele fez uma ou duas vezes, durante a pregação; sentia as pessoas quentes com ele e elevando-se quando ele se elevava. Era impressionante vê-lo tão rapidamente e completamente sem qualquer tipo de aquecimento, ainda que fosse muito mais inquietante sentir os efeitos em sua própria carne. O que o estava assustando, porém, era que as mãos do curandeiro estavam azuis.

Nenhuma dúvida sobre isso. Não era um truque da luz e não havia nada para falar, barrar o brilho opaco do fogo saindo. Não era uma coisa enorme; sem fulgurações de fogo ou neon. Mas um tom azul suave surgindo entre os dedos do curador, rastejando sobre as costas de suas mãos, e agora se espalhando em uma leve neblina *em torno de* suas mãos, parecendo penetrar o peito de Buck.

Roger olhou para um lado, depois o outro, sem mover a cabeça. Os MacLarens estavam prestando muita atenção, mas não mostravam nenhum sinal de ter visto nada surpreendente. *Eles não viam isso*. Os cabelos em seus braços levantaram em silêncio. *Por que me fazer ver isso?*

*Thup-tup... Thup-tup... Thup-tup...* Incansável, regular — e ainda Roger percebesse alguma mudança sutil. Não no ritmo do curador que não variou em tudo. Mas algo mudou. Ele olhou para baixo, involuntariamente na palma da mão, onde ele ainda imaginava que o coração de Buck estava, e agora estava quase surpreso ao vê-lo ali, um objeto redondo fantasmagórico, transparente, mas pulsando suavemente, regularmente. Por si só.

*Thup-tup... ... Thup-tup... ... Thup-tup.* O curandeiro agora estava seguindo, não levando. Não retardando das batidas, mas parando por um período mais longo entre eles, deixando o batimento cardíaco de Buck só entre eles.

Por fim, o som fraco parou, e fez silêncio na sala para o comprimento de três batimentos cardíacos. E depois o silêncio apareceu como uma bolha de sabão, deixando os espectadores piscando e balançando a cabeça, como aqueles que despertavam do sonho. Roger fechou a mão vazia.

—Ele vai ficar bem— disse o curador a Sra. MacLaren, de forma a matéria de fato. —Deixe-o dormir o quanto ele puder, de algo para comer quando ele acordar.

—Muito obrigado, senhor— a Sra. MacLaren murmurou. Ela deu um tapinha em Josephine, que adormeceu com a boca aberta, uma trilha brilhando de saliva caindo do canto da boca no ombro de sua mãe. —Vou fazer um lugar para você perto do fogo?

—Ah, não— disse o curador, sorrindo. Ele deu de ombros para trás em seu casaco, colocou o seu manto, e pegou o chapéu. —Não ficarei muito distante.

Ele saiu, e Roger esperou por um momento, apenas o tempo suficiente para que as pessoas voltassem para suas próprias conversas, e depois seguiu, fechando a porta silenciosamente atrás de si.

O curador estava um pouco abaixo da estrada; Roger viu vulto escuro do homem ajoelhado em oração diante de um pequeno santuário, as extremidades de seu manto esvoaçantes ao vento. Roger se aproximou lentamente, ficando um pouco para trás, de modo a não perturbar suas devoções e, por impulso, inclinou sua cabeça na direção da pequena estátua, tão desgastada que não tinha rosto. *Cuide deles, por favor, Ele orou. Ajude-me a voltar para eles para Bree.* Isso foi tudo o que teve tempo para pedir,

antes que o curador se levantasse, mas isso era tudo que tinha a dizer, de qualquer forma.

O curandeiro não o ouvira; ele levantou-se e virou-se, surpreso ao ver Roger, mas reconheceu imediatamente. Ele sorriu um pouco cansado, claramente esperando alguma questão médica de natureza privada.

O coração acelerado, Roger estendeu a mão e agarrou a mão do curador. Os olhos do homem se arregalaram com o choque.

—*Cognosco te*— Roger disse, muito suavemente. *Conheço você.*

—Quem é você, então?— Dr. Hector McEwan ficou vesgo contra o vento, o rosto cauteloso, mas animado. —Vocês dois, quem são?

—Eu acho que talvez saiba melhor do que eu— disse Roger. — Aquela — a luz em suas mãos...

—Você conseguiu vê-la. — Não era uma pergunta, e com cautelosa emoção, os olhos de McEwan brilharam com vida, visíveis mesmo à luz difusa.

—Sim, consegui. Onde é que você... —Roger procurou no escuro para a melhor maneira de perguntar, mas, afinal de contas, quantas maneiras haveria? —*Quando você veio?*

McEwan olhou involuntariamente por cima do ombro em direção à pequena horta, mas a porta estava fechada, fumaça saindo do buraco no telhado. Estava começando a chover, um tamborilar premonitório entre a urze amontoada perto do caminho. Ele moveu-se abruptamente, tendo o braço de Roger.

—Venha— disse. —Não podemos ficar aqui em pé, sombrio como está; isso nos levaria à morte.

—Sombrio — era a palavra; a chuva começara logo cedo e Roger estava meio ensopado em minutos, depois de ter saído sem chapéu ou capa. McEwan liderou o caminho rapidamente um caminho sinuoso através de moitas de tojo escuro, emergindo em um trecho de charneca, onde os restos de uma pequena horta em ruínas oferecia algum abrigo. O lugar havia sido queimado, e recentemente; o cheiro ainda permanecia. Um canto de palha permanecia, no entanto, e eles entraram, perto sob sua proteção escassa.

—Anno Domini mil oitocentos e quarenta e um— disse McEwan retomando assunto, sacudindo a chuva de sua capa. Ele olhou para Roger, uma sobrancelha espessa levantada.

—Mil novecentos e oitenta Roger respondeu o coração martelando. Ele limpou a garganta e repetiu a data; o frio afetou sua garganta, e as palavras surgiram em um coaxar estrangulado. McEwan inclinou-se com o som, olhando para ele.

—O que é isso?— Perguntou o homem bruscamente. —Sua voz está rachada.

—É nada... — Roger começou, mas os dedos do curador já estavam tateando atrás de sua cabeça, desfazendo sua gravata em nada plana. Ele fechou os olhos, não resistindo.

Os dedos largos de McEwan eram frios em seu pescoço; ele sentiu o toque gelado delicado em sua pele, pois traçou a linha da cicatriz da corda, em seguida, mais firme, quando o curador cutucou delicadamente em volta de sua laringe danificada dando uma sensação de asfixia involuntária, e ele tossiu. McEwan pareceu surpreso.

—Faça isso de novo— disse.

—O que, tossir?— Disse Roger, rouco como um corvo.

—Sim, isso. — McEwan colocou a mão confortavelmente em torno do pescoço de Roger, logo abaixo do queixo, e assentiu. —Uma vez, então espere, então faça novamente. — Roger tossiu gentilmente, sentindo uma leve dor com cada expulsão de ar onde a mão do curador pressionava. O rosto do homem se iluminou com interesse, e ele tirou a mão.

—Você sabe o que é um osso hioide é?

—Se eu tivesse que adivinhar, é algo na garganta. — Roger limpou a garganta duro e esfregou, sentindo a aspereza da cicatriz em sua palma. — Por quê?— Ele não tinha certeza se deveria ficar ofendido com a intrusão pessoal ou outra coisa. Sua pele formigava ligeiramente onde McEwan tocou.

—É apenas *lá*— Disse o curador, pressionando com o polegar, no alto sob o queixo de Roger. —E se tivesse sido *aqui* —Ele moveu o polegar para baixo uma polegada— você estaria morto, senhor. É um osso pequenino frágil. Fácil de estrangular alguém por dividir com os polegares *ou...* uma corda —Ele se afastou um pouco, a intenção nos olhos de Roger; a curiosidade ainda era evidente em seu rosto, mas a cautela retornou. —Você e seu amigo estão fugindo... de alguma coisa? De alguém?

—Não. — Roger sentiu ao mesmo tempo muito cansado, a tensão de tudo a aproximar-se a ele, e olhou em volta de algo para se sentar. Não havia nada, além de alguns pedaços escuros de rocha que caíram da parede

da casa de campo quando a palha em chamas foi puxado para baixo. Ele empurrou dois blocos juntos e sentou-se em um, joelhos para cima em volta das orelhas. —I... isso — Ele tocou a garganta por alguns instantes. —Foi há muito tempo, nada a ver com o que nós, nós, nós estamos procurando meu filho. Ele só tem nove.

—Oh, Deus. — Rosto largo de McEwan vincado na simpatia. —Como...

Roger levantou a mão. —Você primeiro— ele disse, e limpou a garganta novamente. —Eu vou dizer tudo o que sei, mas... você primeiro. Por favor.

McEwan apertou os lábios e olhou para o lado, pensando, mas depois deu de ombros e abaixou-se, grunhindo, para seu próprio assento rude.

—Eu era um médico— disse abruptamente. —Em Edimburgo. Eu vim para as Terras Altas para caçar perdiz com um amigo. Ainda faz isso, cem anos depois?

—Sim. Perdizes ainda são saborosas — disse Roger secamente. —Foi através de Craigh na Dun que veio através, então?

—Sim, eu... — McEwan parou abruptamente, percebendo que essa pergunta implícita. —Querido Senhor no céu, você não está querendo me dizendo que existem outros lugares? Onde... isso acontece?

—Sim. — Os pelos dos braços de Roger se eriçaram. —Quatro que eu conheço; provavelmente existem outros. Quantos círculos de pedra existem lá nas Ilhas Britânicas?

—Não tenho a menor ideia. — McEwan estava claramente abalado. Ele se levantou e foi até a porta, a soleira chamuscada e o lintel queimou quase longe. Roger esperava que nenhuma das pedras acima caísse na cabeça do homem — pelo menos não até que ele descobrisse mais.

Dr. McEwan permaneceu por um longo tempo, olhando para a chuva, que era como o pelo cinza prateado de um gato. Finalmente, ele se sacudiu e voltou, boca definido em decisão firme.

—Sim, nada a ganhar com sigilo. E eu espero que nada seja perdido pela honestidade. —Esta última não era uma pergunta, mas Roger balançou a cabeça e tentou parecer sério.

—Bem, então. Perdiz, como eu dizia. Estávamos na charneca, logo abaixo daquela colina onde as pedras estão de pé. De repente uma raposa atirou para fora da samambaia, bem do meu pé, e um dos cães perdeu a cabeça e perseguiu. Brewer — que era meu amigo, Joseph Brewer — começou a segui-lo, mas ele tem... *tinha* — McEwan corrigiu, com uma expressão de irritação leve que fez Roger quer sorrir, porque ele estava tão

familiarizado com a sensação de ter que lidar com o fenômeno provocava — um pé torto. Ele conseguiu tudo bem com uma bota especial, mas escalar e perseguir... —Ele encolheu os ombros.

—Então, você foi atrás do cachorro, e... —Roger estremeceu involuntariamente na memória, e assim fez McEwan.

—Exatamente.

—O cão... veio — perguntou Roger de repente. McEwan pareceu surpreso e vagamente ofendido.

—Como eu vou saber? Ele não apareceu onde eu cai, posso dizer isso.

Roger fez um breve gesto de desculpas.

—Só por curiosidade. Nós, minha esposa e eu nós tentando decifrar o máximo que pudemos para o bem das crianças. —*Crianças* preso na garganta, que saiu em não mais do que um sussurro, e a expressão de McEwan suavizou.

—Sim, é claro. Seu filho, você disse?

Roger acenou com a cabeça e conseguiu explicar o que podia, sobre Cameron, as cartas... e, depois de um momento de hesitação, sobre o ouro do espanhol, pois, afinal de contas, ele teria que dar uma razão para Cameron está pegando Jem, em primeiro lugar, e seu senso de Dr. McEwan foi um dos bondade sólida.

—Querido Deus, — o médico murmurou, balançando a cabeça em consternação. — Vou perguntar entre os meus pacientes. Talvez alguém...

—Ele parou, com o rosto ainda incomodado. Roger teve a nítida impressão de que o sentido do problema não era tudo para baixo para Jem, ou até mesmo para a descoberta impressionante de que havia outro...

Ele parou, vendo claramente em sua mente o brilho azul suave em torno dos dedos de McEwan e o olhar de surpresa e prazer em seu rosto. *Cognosco te*. Eu sei quem é você. Alegria, não apenas o choque. Ele e Buck não eram os primeiros viajantes do tempo que este homem conheceu. Mas o médico não disse tanto. Por que não?

—Há quanto tempo você está aqui?— Roger perguntou curioso.

McEwan suspirou e passou a mão sobre o rosto.

—Talvez muito tempo— o disse, mas, em seguida, empurrou o para longe, endireitando-se. —Dois anos, aproximadamente. Falando de muito tempo, no entanto... —Ele se endireitou, puxando o manto sobre os ombros. —Ficará escuro em menos de uma hora. Tenho que ir, se quiser chegar

Cranesmuir ao anoitecer. Vou voltar amanhã para cuidar seu amigo. Podemos falar um pouco mais, então.

Ele virou-se abruptamente, mas tão de repente virou e, estendendo a mão, tomou a garganta de Roger em sua mão.

—Talvez— ele disse como se falasse consigo mesmo. —Assim, talvez. — Então, ele acenou com a cabeça uma vez, deixar ir, e se foi, sua capa esvoaçando como asas de morcego atrás dele.

### ***Capítulo 38- O Número da Besta***

Após Fraggie Rock, a televisão foi para o noticiário da noite, e Ginger chegou para desligá-la, mas parou abruptamente enquanto uma imagem de Jem na escola no ano anterior piscou na tela. Ela olhou para a televisão, boca semiaberta, em seguida, olhou incrédula para Jem.

—É você!— Disse.

—Sim, tudo bem — disse irritado. —Desligue, sim?

—Não, eu quero ver. — Ela bloqueou enquanto ele se lançou para a tela; Ginger tinha onze anos e era maior do que ele.

—Desligue isso!— Disse, em seguida, com astuta inspiração, —Vai assustar Mandy e ela vai uivar.

Ginger deu a Mandy uma rápida olhada, ela tinha bons pulmões, e então, relutantemente, desligou a TV.

—Mmphm— disse, e baixou a voz. —Mamãe nos contou o que aconteceu, mas ela disse que não era para falar com você sobre isso.

—Bom— disse Jem. —Não— Seu coração estava acelerado e ele se sentiu suado, mas suas mãos estavam ficando frias e quentes e frias novamente.

Ele escapara, mas for por um fio, mergulhando sob os arbustos plantados no topo do vertedouro e rastejando para baixo da borda de concreto até que ele encontrou uma depressão e caiu na água. Ele se sacudiu para baixo, tanto quanto podia e se agarrou com tanta força que suas mãos ficaram dormentes, com a água negra batendo a polegadas debaixo de seus pés e subindo para baixo do vertedouro por ele, encharcando-o com spray frio. Ele ainda podia sentir seus ossos estremecem.

Achava que vomitaria se pensasse mais sobre o assunto, então ele virou e passou a olhar para caixa de brinquedo das meninas pequeninas. Estava

cheio de brinquedos de mocinha, é claro, mas talvez tivessem uma bola... Elas tinham. Era rosa, mas um dos bom tipo dura.

—Nós poderíamos ir para o jardim, talvez, e jogar um pouco?— Sugeriu, quicando a bola no chão e a pegando.

—Está escuro e chovendo como os badalos— disse Tisha. —Não quero me molhar.

—Ahh, não é, mas uma garoa de nada! O que é você, feita de açúcar?

—Sim— disse Sheena, com um sorriso afetado. —Açúcar e especiaria e tudo de bom, isso é o que as meninas são feitas. Recortes e caracóis e de cachorrinho com caudas.

—Vamos brincar com bonecas — sugeriu Tisha, balançando uma boneca nua convidativa para ele. —Você podem ter o GI Joe se quiser. Ou você não o conhece?

—Não, não vou brincar de bonecas — disse Jem com firmeza. — Não gosto dessas coisas de roupas e tudo o mais.

—Eu brinco de boneca!— Mandy falou em seu caminho entre Tisha e Sheena, mãos ansiosas estendidas para uma Barbie em um vestido de baile com babados rosa. Sheena agarrou-a longe na hora certa.

—Sim, sim— ela acalmou grito iminente de Mandy, —você pode brincar, com certeza. Você tem que ser boazinha pra brincar, embora; não quer estragar seu vestido. Aqui, sente-se, fique quieta, eu vou dar um presente. Veja seu pente e escova pequena? Você pode arrumar o cabelo.

Jem pegou a bola e saiu. A sala no andar de cima tinha tapete, mas o chão era de madeira nua. Ele bateu a bola e ela disparou e atingiu o teto com um tapa, por pouco não atingindo a luminária pendurada. Ele ricocheteou no chão e ele a pegou antes que pudesse fugir, agarrando-a contra o peito.

Ele escutou por um segundo, para ter certeza que Sra. Buchan não ouviu. Ela estava de volta na cozinha, embora; ele podia ouvir o som de sua voz juntamente com o rádio.

Ele estava no meio da escada quando o sino sobre a porta da frente tocou, e ele olhou por cima do corrimão para ver quem estava chegando, e era Rob Cameron, e Jem quase engoliu a língua.

Jem apertou-se contra a parede, o coração batendo tão forte que ele mal podia ouvir a Sra. Buchan sair da cozinha.

Ele deveria ir buscar Mandy? Não havia nenhuma maneira de sair da casa, a não ser pelas escadas; ele não poderia descer com Mandy pela janela do salão, não havia uma árvore ou qualquer coisa...

Sra. Buchan estava dizendo olá e que sentia muito se o senhor estava querendo um quarto, porque ela estava lotada todos os dias desta semana. Cameron estava sendo educado, dizendo: não, obrigado gentilmente, ele só queria saber ele pode ter uma palavra...

—Se você está vendendo qualquer coisa, — ela começou, e ele a interrompeu.

—Não, senhora, nada disso. É a algumas perguntas que tenho sobre as pedras no Craigh na Dun.

Jem estava com falta de ar. Seus pulmões estavam levantando, mas ele apertou a mão sobre sua boca para que o Sr. Cameron não ouvisse. Sra. Buchan não engasgou, mas ele podia ouvi-la tomar fôlego, então parou, decidindo o que dizer.

—Pedras— ela disse, e mesmo ele poderia dizer que ela estava fingindo perplexidade. —Eu não sei nada sobre pedras.

Rob deu uma risada educado.

—Peço desculpas, senhora. Eu deveria ter me apresentado, pela primeira vez. Meu nome é Rob Cameron e há algo errado, senhora? —Ela não só suspirou bem alto, Jem pensou que ela deveria ter dado um passo para trás sem olhar e bateu na mesa baixa no salão, porque não havia um baque e um — Ach! —e o splat de molduras caindo.

—Não— disse a Sra. Buchan, ficando segurar de si mesma. —Não. Tive uma vertigem, isso é tudo. Minha pressão arterial elevou, sabe. Fiquei um pouquinho tonta. Seu nome é Cameron, não é?

—Sim. Rob Cameron. Eu sou primo por casamento de Becky Wemyss. Ela me contou um pouco sobre a dança nas pedras.

—Oh— Isso —oh— significava problemas para Becky Wemyss, pensou Jem, que sabia muito sobre as vozes das mães.

—Eu sou um estudioso das formas antigas, sabe. Eu estou escrevendo um livro... De qualquer forma, eu me perguntava se eu poderia talvez falar com você por alguns minutos. Becky disse que você sabe mais do que ninguém sobre as pedras e as danças.

A respiração de Jem abrandou, uma vez que ele percebeu que o Sr. Cameron não veio porque o Sr. Cameron sabia que Mandy e ele estavam aqui. Ou talvez ele soubesse e estava tentando enrolar a Sra. Buchan até que

ele pudesse dar uma desculpa para usar o banheiro e vir às cotoveladas em busca deles? Ele olhou apreensivamente para a metade do lance de escadas que levavam para a rua, mas a porta de cima estava fechada, e enquanto ele podia ouvir risadinhas de Mandy chamando por ele, provavelmente o Sr. Cameron não podia.

Sra. Buchan estava levando Cameron de volta para a cozinha. Sua voz quando ela disse: —Venha. Vou dizer o que eu sei — não soou totalmente amigável. Jem se perguntava se ela poderia colocar veneno de rato no chá do Sr. Cameron.

Talvez a Sra. Buchan não tivesse veneno de rato, no entanto. Ele deu um passo para um lado, depois outro, depois de volta. Ele realmente queria correr pelas escadas e sair pela porta e continuar indo. Mas não podia deixar Mandy.

Ele parou de uma vez quando a porta da cozinha abriu, mas ele podia ouvir era o passo da Sra. Buchan, e apenas dela, vindo rápido e leve.

Ela virou-se para subir as escadas, mas recuou quando ela o viu no corredor, uma mão ao peito. Então ela correu até ele e o abraçou apertado, sussurrando em seu ouvido.

—Maldição, rapaz. O que você está... bem, não importa, eu estava vindo para encontrá-lo. Você O viu?

Jem balançou a cabeça, sem palavras, e a boca da Sra. Buchan fechou.

—Sim. Vou leva-lo para fora da porta. Vá para lá para fora do portão. Duas casas para baixo é a Sra. Kelleher. Bata e diga a ela que eu mandei você para usar o telefone. Você ligue para a policia e diga que o homem que o sequestrou está aqui, você sabe o endereço aqui?

Ele acenou com a cabeça. Ele viu o número quando ele visitou antes com mamãe e papai e lembrou porque era 669; Papai disse que deveria por direito ser 666, mas esse era o número da besta. Jem perguntou se era o Sr. ou a Sra. Buchan que era a besta, e mamãe e papai ambos riram como mergulhões.

—Bom— disse a Sra. Buchan, soltando-o. —Vamos lá, então.

—Mandy... — ele começou, mas ela o fez calar.

—Eu vou cuidar dela. Venha!

Ele desceu as escadas atrás dela, tentando não fazer barulho, e, na porta, ela ficou na ponta dos pés e segurou o pequeno sino para que ele não tocar.

—Corra!— Ela sussurrou.

Ele correu.

Sra. Kelleher era uma senhora de idade do tipo surda. Jem estava sem fôlego e com tanto medo que não conseguia colocar as palavras juntas direito, por isso foi muito tempo antes que ela o levasse para o telefone, e depois a senhora na delegacia desligou o telefone com ele duas vezes, porque ela achava que ele era alguma criança que pegou o telefone e estava brincando.

—Eu sou Jeremiah Mackenzie— ele gritou da próxima vez ela respondeu. —Fui sequestrado!

—Vocês foi?— Disse a Sra. Kelleher, muito assustada. Ela pegou o telefone dele. —Quem é?— Ela exigiu. Gritando menos fraco a senhora polícia não desligou novamente. Sra. Kelleher virou-se e olhou através de seus óculos para ele.

—Quem você está querendo chamar, rapaz? Você está ligando para a policia por engano.

Ele realmente queria bater em alguma coisa, mas ele não poderia bater na Sra. Kelleher. Ele disse algo muito ruim em gaélico, e sua boca se abriu. Ela deixou o telefone cair longe de seu ouvido, porém, e ele agarrou.

—O homem que me sequestrou está *aqui*— Disse tão lento quanto pôde. —Eu preciso de alguém para vir! Antes, —Inspiração atingiu. —Antes que ele machuque a minha irmã! É 669 Glenurquhart Road. Venha imediatamente! —Então *ele* Desligou o telefone, antes de a senhora poder fazer perguntas.

Sra. Kelleher fez muito desses, e ele não queria ser rude, então ele perguntou se poderia usar o banheiro e trancou a porta contra ela, então pendurado para fora da janela no andar de cima, olhando para a polícia.

Nada aconteceu durante o que pareceu para sempre. Os pingos de chuva começaram a escorrer seus cabelos e cílios, mas ele estava com medo de perder algo. Ele estava esfregando a água para fora de seus olhos, quando, de repente, a porta se abriu do 669 e Rob Cameron saiu correndo, pulou em um carro, e foi embora com os pneus guinchando.

Jem quase caiu para fora da janela, mas, em seguida, correu de volta o cano para fora do banheiro, quase derrubando a Sra. Kelleher no caminho.

—Obrigado, Sra. Kelleher— ele gritou por cima do ombro, tomando as escadas de três de cada vez, e atirou para fora da porta da frente.

Houve muitos gritos e choro acontecendo dentro da casa dos Buchans, e ele sentiu o peito ir tão apertado que não conseguia respirar.

—Mandy— Ele tentou falar, mas o nome dela saiu em um sussurro. A porta da frente estava aberta. Dentro, havia meninas em todos os lugares, mas ele viu Mandy fora da confusão na sala imediatamente e correu para agarrá-la. Ela não estava chorando, mas ela se agarrou a ele como uma sanguessuga, enterrando a cabeça preta encaracolada em seu estômago.

—Está tudo bem— ele disse a ela, apertando aliviado. —Está tudo bem, Man. Eu a peguei. Eu a peguei.

Seu coração começou há abrandar um pouco, e ele viu que a Sra. Buchan estava sentada no sofá, segurando uma toalha cheia de cubos de gelo em seu rosto. Alguns dos gelos caíram e estavam no tapete a seus pés. Tisha e Sheena estavam segurando sua mãe e chorando, e Ginger estava tentando acariciar o cabelo de sua mãe e confortando as irmãs, ao mesmo tempo, mas seu rosto estava mortalmente pálido e lágrimas corriam silenciosamente para baixo por ele.

—Sra. Buchan... todos estão bem? — perguntou timidamente Jem. Ele teve uma sensação horrível no fundo do seu estômago. De alguma forma, ele estava certo de que este foi culpa dele.

Sra. Buchan olhou para ele. Um lado do seu rosto estava inchado e o olho desse lado estava inchado metade fechado, mas o outro tinha fogo nele, e que o fez se sentir um pouco melhor.

—Sim, bem, Jem— disse. —Nada ruim meninas! É bem o suficiente; nada além de um olho roxo. Parem de fazer barulho, sim? Eu não posso ouvir meus pensamentos. —Ela deu uma pequeno e bem-humorada sacudida para separar as meninas do apego, empurrando e batendo nelas com a mão livre. Em seguida, houve uma batida no batente da porta, e uma voz de homem a partir do hall de entrada.

—A polícia, aqui! Alguém em casa?

Jem poderia ter dito a Sra. Buchan o que aconteceria uma vez que chamasse a polícia. Perguntas, perguntas e mais perguntas. E se houvesse coisas que você não poderia *dizer* a polícia... Pelo menos a Sra. Buchan não os deixaria levar Jem ou ela para a delegacia de polícia para responder às perguntas, insistindo que ela não podia deixar as meninas por conta própria. Até o momento a polícia desistiu, Mandy e Sheena estavam dormindo no sofá, enroladas em conjunto como um par de gatinhos, e Ginger e Tisha fizeram chá para todos, em seguida, sentaram bocejando no canto em conjunto, piscando de vez em quando para manter acordado.

Poucos minutos depois que a polícia saiu Sr. Buchan chegou a casa para o jantar, e toda a explicação teve que ser repetida. Não havia realmente muito que dizer: A Sra. Buchan sentou com o Sr. Cameron na cozinha e disse um pouco sobre a dança o que não era segredo, a maioria das pessoas que viviam em Inverness por muito tempo sabiam, mas ela deixou o rádio tocando enquanto eles estavam conversando, e de repente o locutor dizia o nome de *Robert Cameron* e como Robert Cameron era procurado para interrogatório no sequestro de um menino local, e...

—E então o filho da puta saltou para cima, e eu também, e ele deve ter pensado que eu queria detê-lo, eu estava entre ele e a porta, rodando, e ele socou meu olho, me empurrou contra a parede, e ele está longe depois disso!

Sr. Buchan estava dando Jem um olhar duro de vez em quando e parecia que *ele* queria começar a fazer perguntas, mas ele disse que todos eles iam para a cidade e ter uma ceia de peixe, uma vez que era tão tarde, e todos começaram a sentir-se melhor ao mesmo tempo. Jem podia ver os olhares indo e voltando entre os Buchans, porém, e ele meio que me perguntou se o Sr. Buchan talvez tivesse a intenção de deixá-lo e Mandy na delegacia de polícia no caminho de volta. Ou talvez apenas deixá-los ao lado da estrada.

### ***Capítulo 39- O fantasma de um enforcado***

Os céus se abriram, e Roger estava molhado até os ossos pelo tempo que ele voltou para casa dos MacLarens. Em meio a gritos de desespero da Sra. MacLaren e sua velha mãe, foi apressadamente despido, embrulhado em uma irregular e confortável colcha, e colocado em vapor à frente do fogo, onde a sua presença impedia enormemente os preparativos para a ceia. Buck, apoiado em travesseiros com os dois menores MacLarens enrolados dormindo na cama ao lado dele, levantou uma sobrancelha para Roger questionando-o.

Roger moveu a mão levemente, em um gesto de *falarei com você mais tarde*. Achava que Buck parecia melhor; não havia cor em seu rosto, e ele estava sentado na posição vertical, não caindo na cama. Por um breve instante, Roger imaginou o que aconteceria se ele fosse lançar sua própria mão em Buck. Será que brilharia de azul?

O pensamento enviou um arrepio por ele, e Allie, uma das filhas MacLaren, afastou a ponta de sua colcha para longe do fogo com um grito de alarme.

—Tome muito cuidado, senhor!

—Sim, tome cuidado — disse a vovó Wallace, puxando o ferro enegrecido que estava cuspindo gordura quente bem longe de suas pernas nuas e espantando nos movimentos. —Basta uma faísca, e isso se acenderá como um pavio. — Ela era cega de um olho, mas o outro era afiado como uma agulha e deu um olhar penetrante. —Alto como é você provavelmente colocaria a viga em chamas, em seguida, onde todos nós deveríamos ficar eu gostaria de saber!

Houve um burburinho geral para isso, mas ele pensou que o riso tinha uma nota desconfortável para ele e perguntou o porquê.

—*Moran taing*— Roger disse em agradecimento educado pelo conselho. Ele moveu-se uns trinta centímetros para longe, posicionando-se próximo à cadeira em que o Sr. Angus MacLaren estava sentado, consertando seu cachimbo. —Desde que você falou da viga há uma pequena horta apenas sobre a colina que foi queimada. Acidente na hora de cozinhar, não foi?

A sala ficou em silêncio, e as pessoas congelaram por um instante, todos olhando para ele.

—Evidentemente que não— disse, com uma tosse de desculpas. — Eu sinto muito para fazer a luz, — as pessoas foram mortas, então?

Sr. MacLaren deu uma espécie de olhar pensativo, muito em desacordo com sua genialidade mais cedo, e colocou o tubo em seu joelho.

—Não pelo fogo— disse. —O que levou vocês lá em cima, homem?

Roger encontrou o olho de MacLaren diretamente.

—Procurando meu rapaz— ele disse simplesmente. — Não sabia onde procurar, então eu olhei todos os lugares. Pensando que se ele poderia fugir, e se ele estivesse vagando sozinho... talvez se abrigasse onde eu pudesse encontrá-lo...

MacLaren respirou fundo e sentou-se, balançando a cabeça um pouco.

—Sim, bem. Você quer manter bem longe do lugar.

—Ali é assombrado, não é?— Perguntou Buck, e todas as cabeças se viraram para olhar para ele, em seguida, virou de volta para o Sr. MacLaren, esperando por ele para dar a resposta.

—Pode ser— disse, depois de uma pausa relutante.

—É amaldiçoado— Allie sussurrou para Roger baixinho.

—Você não entrou senhor, não é?— Disse a Sra. MacLaren, o vinco preocupação permanente aprofundamento entre as sobrancelhas.

—Och, não— garantiu. —O que foi que aconteceu lá— McEwan não teve qualquer hesitação em ir para o lugar; ele não sabia o que eles estavam preocupados?

Sra. MacLaren fez um pequeno *Mmp!* De ruído e, com um aceno de cabeça, virou o caldeirão para fora em seu suporte e começou a colher os pedaços de cozidos com uma colher de pau. Não o seu lugar para falar sobre tais acontecimentos, disse selando a boca afetadamente.

Sr. MacLaren fez um barulho um pouco mais alto e, inclinando-se, começou pesadamente a levantar em seus pés.

—Eu vou ir para verificar os animais antes da ceia, certo— disse, e deu a Roger um olho. —Talvez você gostasse de vir e andar pelo caminho e ver as moças e as suas obras.

—Oh, sim— disse Roger, e, com uma pequena reverência a Sra. MacLaren, engatou a colcha até mais elevados sobre os ombros e seguiu o seu anfitrião para o estábulo. Ele chamou a atenção de Buck, de passagem, e deu um breve encolher de ombros.

De maneira geral, o local em que o gado dormia era separado dos aposentos das pessoas por não mais do que uma parede de pedra com um grande espaço na parte superior, permitindo que o considerável calor juntamente com pedaços flutuantes de palha e um forte cheiro de urina e estrume viessem das várias grandes vacas para penetrar o lugar. Os MacLarens tinham um estábulo confortável, bem conservado e empilhado com palha limpa em uma extremidade, com três vacas gordas e um touro preto diminuto que bufava ferozmente para Roger, as narinas rubro-negros sob a luz fraca e o anel de bronze preso seu nariz.

A sala do lugar estava longe de ser fria — que contava ainda com nove pessoas lotando o local e um bom fogo de turfa na lareira no centro — mas o estábulo estava repleto de um calor abrangente e uma sensação de paz que fazia Roger suspirar e soltar os ombros, somente então, percebendo que estava até rodando em seus ouvidos para o que pareceram horas.

MacLaren não fez mais do que uma verificação superficial de seus animais, coçando o touro entre as orelhas e administrando um tapa

reconfortante no flanco de uma vaca. Em seguida, levou Roger até o final do estábulo com um movimento de cabeça.

Desde sua conversa com Hector McEwan, Roger teve uma sensação desagradável, causada por algo que ele sentiu que ouviu e não entendeu. E agora, a media que MacLaren virava-se para falar com ele, aquilo estava lá, de repente, claro em sua cabeça. *Cranesmuir*.

—Estranhos construíram a pequena horta lá em cima— disse MacLaren. —Aparentemente chegaram do nada; apenas um dia eles estavam lá. Um homem e uma mulher, mas que podiam ser marido e mulher, ou talvez um homem e sua filha, pois ele parecia um bom bocado mais velho do que ela. Eles disseram que vieram das ilhas — e acho que ele talvez sim viesse, mas seu jeito de falar não era como qualquer ilhéu que eu ouvi.

—Ela era escocesa?

MacLaren pareceu surpreso.

—Oh, sim, ela era. Ela falava gaélico. Eu teria dito que ela veio de algum lugar até a noroeste de Inverness talvez Thurso, mas lá novamente... não era muito... *certo*.

*Não muito certo. Como alguém fora de seu devido lugar, fingindo.*

—Como ela se parecia?— Perguntou Roger. Sua voz era grossa; teve que limpar a garganta e repetir.

Os lábios de MacLaren apertaram, mas não o condenando; era o tipo de apito silencioso de apreciação que se dá à vista de algo notável.

—Bonita— disse. —Muito bonita, de fato. Alta e magra, mas... er... não tão magra em alguns lugares, se é que me entende. —Ele abaixou a cabeça, meio envergonhado, e Roger percebeu que sua relutância em falar na frente das mulheres talvez não se devesse apenas à natureza escandalosa de sua história.

—Entendo — disse Roger, baixando a própria voz a nível confidencial do senhor MacLaren. —Eram reservados, então?— Se não fossem, certamente todo o distrito saberia sobre eles e descobriria rapidamente se eles eram marido e mulher.

MacLaren franziu o cenho.

—Sim, eles eram... embora ele fosse amigável o suficiente; o via de vez em quando, fora na charneca, e nós trocamos uma palavra, e eu sempre saía pensando no quanto ele era um sujeito bom e pequenino, e ainda quando eu vim contar a minha Maggie sobre isso, não conseguia lembrar exatamente qualquer coisa que ele tenha *dito*.

MacLaren disse de alguma maneira a palavra rodando que a mulher era algo que pouquinho estranha como uma curandeira, mas talvez dando um pouco mais do que uma ervas de cura, se você encontrasse sozinha na casa...

Não havia luz no estábulo salvo o brilho opaco da lareira do fogo ao lado, mas, mesmo assim, Roger podia ver que MacLaren corou mais e desconcertou. Roger estava começando a sentir-se ele mesmo desconfortável, mas não pelo mesmo motivo.

*Cranesmuir*. Ele conhecia o nome, soube que quando McEwan disse. Os MacLarens disseram que o curador viera de Draighhearnach. Cranemuir era na direção oposta e dois quilômetros mais. Por que ele estava indo para lá hoje à noite?

—Havia histórias. Sempre haviam, sobre uma mulher assim — MacLaren limpou a própria garganta. —Mas ela tinha bom conhecimento das ervas de cura e encantos, também. Ou, pelo menos é o que as pessoas diziam.

**Mas, então, o homem foi embora, disse MacLaren. Ninguém sabia onde; eles simplesmente não o viram mais, e a mulher continuou como antes, mas agora mais de seus visitantes eram homens. E as mulheres pararam de levar seus bairns lá em cima, embora, por vezes, iam, em silêncio, em segredo.**

**E então, um dia antes de Samhain, quando o sol estava se pondo e os grandes incêndios que estavam sendo construído para a noite, uma mulher de perto, subiu ao lugar solitário e correu para baixo de novo, gritando.**

**—Ela encontrou a porta do lugar aberta, a mulher e todas as suas coisas se foram e um homem pendurado na viga de pedra morto com uma corda no pescoço.**

**O choque apertou a própria garganta de Roger. Ele não podia falar.**

**MacLaren suspirou a cabeça inclinada. A vaca veio por trás dele, empurrando suavemente, e ele colocou uma mão em suas costas, como se buscando o apoio do animal, que passou placidamente ruminando.**

**—Foi o padre que disse que deveríamos limpar o local com fogo, pois tinha o cheiro do mal sobre isso, e ninguém conhecia o homem. Não tínhamos como dizer se o pobre homem tirou sua vida num momento de desespero — ou se foi assassinado.**

—Eu... entendo. —Roger forçou as palavras através da queimadura em sua garganta, e MacLaren subitamente olhou para ele. Ele viu a boca do homem abrir-se, seus olhos esbugalharem e percebeu que devido ao calor, deixara que seu quilt deslizesse por seus ombros. MacLaren estava olhando diretamente para a garganta, onde a cicatriz lívida e inconfundível de enforcamento deveria aparecer no vale na luz vermelha fraca.

MacLaren recuou, ou tentou, mas não havia para onde ir. Ele parou contra o flanco desgrenhado de uma besta, fazendo um ruído baixo anasalado. A vaca parecia irritada com isso e trouxe seu casco para baixo solidamente no pé de MacLaren. A conseqüente angústia e fúria, pelo menos empurrou MacLaren para fora de seu receio, e quando ele se livrou do meio de pancadas e maldições, ele virou-se corajosamente para Roger, mandíbula para fora.

—Por que veio aqui, *a thaibse*? — Disse os punhos cerrados, mas em voz baixa. —Seja qual for o pecado que eu possa ter cometido, não fiz nada para você. Não tomei parte na sua morte, e eu disse a eles que deviam enterrar o seu corpo sob a lareira antes de queimar o lugar. O sacerdote não o colocou em um cemitério, sim? — Acrescentou, evidentemente, temendo que o fantasma do homem enforcado tivesse vindo para queixar-se pela disposição não santificada de seus restos mortais.

Roger suspirou e passou a mão sobre o rosto, a barba áspera contra sua palma. Ele podia ver vários rostos curiosos, atraídos pelos gritos de MacLaren, perscrutando as sombras do estábulo do brilho da sala além.

—Teria um rosário em casa, senhor?— Disse.

**Foi uma noite longa e agitada. Vovó Wallace arrancou as crianças da cama de Buck como se temendo que ele pudesse devorá-los no momento que ela estava de costas, e os colocou na cama com ela no rodízio, enquanto as crianças mais velhas ou dormiam com seus pais ou enroladas em colchas na lareira. Roger compartilhou a cama com Buck, por enquanto a sua capacidade de segurar o rosário, beijar o crucifixo, e, então, liderar a família ao dizer o rosário impedira – por pouco — que Duncan MacLaren o pegasse à noite e mijasse nos marcos das portas para afastá-lo de voltar, isso não o fazia muito popular.**

Duvidava que Buck dormisse muito melhor do que ele, quando seu ancestral teve que sair da cama ao amanhecer, declarando uma

necessidade urgente de visitar a privada. Roger apressadamente surgiu, dizendo: — Vou ajudar você— e vestiu a camisa ainda úmida e calças.

Ficou satisfeito ao ver que Buck realmente não parecia precisar de ajuda. Ele caminhava com dificuldade, e mancava um pouco, mas seus ombros estavam levantados e não estava ofegante ou ficando azul.

—Se eles acham que você é um fantasma vingativo, o que o diabo é que eles pensam que eu sou?—Buck perguntou, no momento em que estavam fora da casa de campo. — E, certamente, com bondade você poderia apenas ter dito a Oração do Senhor uma vez, e não ter arrastado todos através de cinco décadas com o rosário arruinando a ceia!

—Mmphm. —Buck tinha um ponto lá, mas Roger estava muito chateado no momento para pensar nisso. Além disso, ele queria dar tempo para se recuperar do choque.

—Não estava arruinado— disse, irritado. — Somente os nabos um pouco queimados.

—Só!—Buck repetiu. —O lugar ainda fede. E as mulheres o odeiam. Eles vão colocar muito sal no seu mingau, você vai ver se elas não fazem. Onde você acha que estamos indo? Dessa maneira.

Ele apontou para um caminho à esquerda que, de fato, levava à privada, sentado à vista de todos.

Roger fez outro som irritado, mas seguiu. Ele estava fora de forma, esta manhã, distraído. Não é à toa sobre o porquê, também.

*Agora?* Ele se perguntou, olhando para a porta próxima atrás de Buck. Era um de dois lugares, mas ele não tinha intenção de abordar o que ele tinha a dizer em condições de intimidade, não importando o quanto particular assunto fosse.

—O curador — o disse, através da porta, escolhendo o lugar mais simples para começar. —McEwan. Ele disse que ia voltar hoje para ver você.

—Eu não preciso de um curador— Buck agarrou. —Eu estou bem!— Roger conhecia o homem a tempo suficiente para reconhecer a bravata coberta de medo, e respondeu de acordo.

—Sim, certo. Qual foi a sensação? — Ele perguntou curioso. —Quando ele colocou a mão em você?

Silêncio total.

—Você sentiu *algo*?— Ele perguntou, após o silêncio alongando bem passado algum tempo necessário para as funções naturais.

—Talvez— disse a voz de Buck, rude e relutante. —Talvez não. Adormeci enquanto ele estava batendo no meu peito como um Yaffle depois com larvas de árvores. Por quê?

—Você entendeu o que era, ele disse para você? ? Quando ele tocou em você —Buck foi um advogado em seu próprio tempo; ele deve ter estudado latim.

—E você?— Um ligeiro ranger de madeira e um barulho de pano.

—Entendi. E repeti de volta para ele, pouco antes de sair.

—Eu estava dormindo, — Buck repetiu obstinadamente. É evidente que ele não queria falar sobre o curador, mas não haveria escolha sobre isso, Roger pensou sombriamente.

—Vamos sair de lá, não vamos? Os MacLarens estão todos no pátio, cruzando as pernas. —Ele olhou por cima do ombro e ficou surpreso ao ver que, de fato, os MacLarens *estavam* no pátio.

Nem todos eles, havia apenas Angus e um menino alto, claramente um MacLaren, também, igual. Ele parecia familiar, que ele esteve na casa na noite anterior? Estiveram deitados juntos, falando em emoção evidente, e o rapaz estava apontando em direção à estrada distante.

—Saia, — Roger repetiu, súbita urgência em sua voz. —Alguém está vindo. Ouço cavalos.

A porta abriu-se e Buck saltou como um boneco na caixa, enfiando a camisa em suas calças. Seu cabelo estava emaranhado e sujo, mas seus olhos estavam alerta, e ele parecia inteiramente capaz; isso era reconfortante.

Os cavalos vinham por cima do cume do monte agora e seis deles: quatro pôneis peludos das montanhas chamados garranos, um baio esguio indiferente, e um surpreendentemente bom castanho com uma juba preta. Buck agarrou o braço de Roger com um aperto como a mordida de um cavalo.

—A *Dhia*— Buck disse, meio baixinho. —Quem é esse?

#### **Capítulo 40- Anjos Desconhecidos**

Roger não tinha ideia do homem alto com um bom cavalo, mas era cristalino *o que* ele era, tanto pela maneira deferente dos MacLarens quanto pela maneira com que seus companheiros caíram naturalmente no lugar a um passo atrás dele. O homem no comando.

*Um encarregado dos Mackenzie?* ele perguntou. A maioria dos homens usava um tartan de caça com um pavimento em verde, marrom e branco, mas Roger ainda não estava suficientemente familiarizado com os padrões locais como dizer se eles vieram de algum lugar por perto ou não.

O homem alto olhou por cima do ombro acenou para MacLaren, e os seus olhos pousaram sobre Roger e Buck com um ar de interesse casual. Não havia nada de ameaçador em suas maneiras, mas Roger pareceu elaborar a sua própria altura total e desejou por um instante que ele não estivesse descalço com a barba por fazer, *breeks*[16] batendo desafivelado em seus joelhos.

Pelo menos ele tinha alguém em suas próprias costas: Buck caiu a um passo atrás dele. Ele não teve tempo de se surpreender com o que, antes que ele soubesse quem era o estranho.

O homem era um ou dois centímetros mais baixo do que a si mesmo e perto de sua própria idade, moreno e de boa aparência, em uma espécie de levante familiar...

—Bom dia para você, senhor— disse o homem moreno, com uma inclinação cortês da cabeça. —Meu nome é Dougal Mackenzie, do Castelo Leoch. E... quem é você?

*Caro sangrento inferno Jesus*, Pensou. O choque percorreu-o, e ele esperava que não aparecesse em seu rosto. Ele apertou as mãos com firmeza.

—Eu sou Roger Jeremiah Mackenzie, de Kyle of Lochalsh— disse, mantendo a voz suave e que esperava estar confiante, como uma compensação por sua aparência pobre. Sua voz soava quase normal nesta manhã; se ele não forçasse, com sorte ele não rachar ou borbulhar.

—Seu servo, senhor— disse Mackenzie com uma ligeira vênia, surpreendendo Roger com suas maneiras elegantes. Ele estabeleceu profundos olhos castanhos, que pareciam mais com Roger e franco um leve toque de que parecia ser diversão, antes de mudar para Buck.

—Meu parente— disse Roger apressadamente. —William Bu... William MacKenzie. — *Quando?* ele pensou em agitação. *Quando Buck nasceu? Será que Dougal reconheceria o nome William Buccleigh MacKenzie? Mas,*

*não, ele não pode ter nascido ainda; você não pode existir duas vezes no mesmo tempo pode??*

Uma questão de Dougal MacKenzie interrompeu esse fluxo de confusão, embora Roger perdesse ouvi-lo. Buck respondeu, no entanto.

—O filho do meu parente foi tomado— disse, olhando Dougal sobre exatamente com... *oh, Jesus, exatamente* a mesma atitude de confiança despreocupada que outro MacKenzie teria. —Cerca de uma semana passou, raptado por um homem chamado Cameron. Robert Cameron. Talvez tivesse ouvido do tal um homem?

Dougal naturalmente não, não é surpreendente, como Cameron não existia aqui até a uma semana. Mas ele conferenciou com os seus homens, perguntas inteligentes, e manifestou simpatia aberta e a preocupação de que ao mesmo tempo confortava Roger e fez sentir-se como se estivesse prestes a vomitar.

Até este ponto, Dougal MacKenzie foi nada mais que um nome na página da história, momentaneamente, se vividamente, ilustrado por memórias disjuntas de Claire. Agora, ele se sentava sólido no sol do início da manhã ao lado de Roger no banco fora da casa de campo dos MacLarens, seu xale áspero e cheirando levemente a urina e urze, e barba de dois dias quando ele coçou o queixo, pensativo.

*Eu gosto dele, Deus me ajude. E, Deus me ajude, eu sei o que vai acontecer com ele...*

Seus olhos se fixaram no fascínio desamparado no oco da garganta de Dougal, sol-marrom e forte, enquadrado no colarinho aberto de sua camisa amarrotada. Roger puxou o olhar, olhando em vez para os cabelos ruivos no pulso de Dougal, estes capturando a luz do sol quando ele fez sinal para o oriente, falando de seu irmão, chefe do clã MacKenzie.

—Colum não pode viajar ele mesmo, mas que ele ficaria feliz em receber vocês, você deve encontrar-se perto Leoch em sua busca. — Ele sorriu para Roger, que sorriu de volta, aquecido por ele. —Aonde você quer ir agora?

Roger respirou fundo. Onde, de fato?

—Sul, eu acho. William não encontrou nenhum vestígio de Cameron em Inverness, por isso estou pensando que ele poderia estar indo em direção a Edimburgo, o que significa tomar um navio lá.

Dougal franziu os lábios, balançando a cabeça em pensamentos.

—Bem, então. — Ele se virou para seus homens, que se sentavam sobre as rochas que ladeavam o caminho, e os chamou. —Geordie, Thomas vamos emprestar seus animais a estes homens; peguem suas malas. Você têm pouca chance de recuperar esse vilão a pé — disse, voltando-se para Roger. —Ele deve estar montado, e em movimento rápido, ou você teria encontrado algum vestígio dele.

—Obrigado— Roger conseguiu. Ele sentiu um arrepio profundo, apesar do sol em seu rosto. —Você deve, quero dizer, isso é muito gentil. Vamos trazê-los de volta o mais rápido que pudermos, ou enviá-los, se, se formos detidos em qualquer lugar.

—*Moran taing*— Buck murmurou, acenando para Geordie e Thomas, que acenaram com a cabeça para trás, olhando melancólico mas filosófico com a perspectiva de caminhar de volta para onde eles vieram.

*Dê onde teriam eles vindo?* Aparentemente, Angus MacLaren enviou seu filho ontem à noite antes da ceia, para convocar Dougal para vir e dar uma olhada em seus convidados alarmantes. Mas Dougal e seus homens tinham que estar em algum lugar por perto...

A fenda de metal quando Jock despejou um saco obviamente pesado no chão ao lado de Dougal deu uma pista. *Dia do Trimestre*. Dougal estava coletando as rendas de seu irmão e, provavelmente, em seu caminho de volta para Leoch. Muitas das rendas teriam sido pagas em espécie presuntos, galinhas, lã, sal peixe e provavelmente o partido de Dougal estaria acompanhado por um ou mais vagões, o que eles deixaram para trás onde quer que fiquem na noite passada.

Angus MacLaren e seu filho mais velho estavam um pouco para o lado, os olhos fixos em Roger, desconfiado como se ele pudesse criar asas e voar para longe. Dougal virou-se para Angus com um sorriso e disse em *Gaélico* —Não se incomode, amigo; eles são mais ainda mais fantasmas do que os rapazes e eu somos.

—*Não se esqueçais da hospitalidade* — Buck disse na mesma língua, — *Por ela alguns hospedaram anjos de surpresa.*

Houve uma pausa assustada com isso, todos olhando para ele. Então Dougal riu, e seus homens seguiram-no. Angus apenas fez um barulho educado em sua garganta, mas mudou seu peso e visivelmente relaxado. Como se isso fosse um sinal e talvez fosse a porta se abriu, e Sra. MacLaren e Allie saíram, com uma pilha de tigelas de madeira e uma panela

fumegante de mingau. Um dos menores MacLarens veio depois, cuidadosamente tendo um saleiro em ambas as mãos.

No burburinho geral de servir e comer as mulheres *teriam* salgado seu mingau em demasia, mas não ruim e Roger disse baixinho para Dougal, — MacLaren realmente o enviou para ver se eu era um fantasma?

Dougal olhou surpreso, mas depois sorriu, um lado de sua boca virando para cima. Era do jeito que Brianna sorria quando ela queria reconhecer uma piada que ela não achava que era engraçada ou quando ela via algo engraçado que ela não tinha a intenção de compartilhar com todos. Uma pontada lancinante seguiu o choque de reconhecimento, e Roger foi obrigado a olhar para baixo por um momento e limpar a garganta, a fim de obter o controle de sua voz.

—Não, homem— disse Dougal casualmente, também olhando para baixo quando limpou a tigela com um pouco de bolo duro retirado de seu alforje. —Ele pensou que eu poderia ser de ajuda para vós em sua busca. — Ele olhou para cima, em seguida, direto no pescoço de Roger, e levantou uma escura, testa pesada. —Não é que a presença de um homem meio pendurado à sua porta não levante questões, sabe?

—Pelo menos um homem meio pendurado pode responder as perguntas — Buck disse —Não gosto dele no lugar acima, sim?

Isso assustou Dougal, que largou a colher e olhou para Buck. Quem olhou para trás, uma sobrancelha levantada justo.

*Santo Senhor... eles veem isso? Qualquer um deles?* Não estava quente, apesar do sol, mas Roger sentiu o suor começa a escorrer por sua espinha. Era mais uma questão de postura e expressão do que de funcionalidade e ainda o eco de semelhança entre as duas faces estava claro como o... bem, como o nariz longo e reto em ambas as faces.

Roger podia ver os pensamentos cintilando no rosto de Dougal: surpresa, curiosidade, suspeita.

—E o que se fazia com ele acima— ele perguntou, com uma ligeira elevação do queixo na direção ao lugar da queimada.

—Não é uma coisa que, até onde eu saiba— respondeu Buck, com um breve encolher de ombros. —Só o que significa como a forma como se você quer saber o que aconteceu com o meu parente, poderia perguntar a ele. Não temos nada a esconder.

*Obrigado a todos*, Roger pensou, com um olhar de lado para o seu antepassado, que sorriu suavemente de volta para ele e voltou

cautelosamente comendo seu mingau salgado. *Por que diabos você disse todas essas coisas?*

—Fui enforcado erroneamente por outro homem— disse, tão casualmente quanto possível, mas ele ouviu a voz grelha em sua garganta, apertando, e teve que parar para limpá-la. —Na América.

—América— Dougal repetiu, com espanto aberto. Todos eles estavam olhando para ele agora, os homens de armas e MacLarens ambos. —O que levou vocês para a América e que os trouxe de volta, chegando a esse ponto?

—Minha esposa tem parentes lá— Roger respondeu, perguntando-se o que diabos Buck estava fazendo. —Na Carolina do Norte, no rio Cape Fear. — Ele quase falou de Hector e Jocasta Cameron, antes de lembrar que Jocasta era irmã de Dougal. Também que era Culloden que os enviou para a América e Culloden ainda não aconteceu.

*E ele não viverá para vê-lo*, pensou, observando o rosto de Dougal, enquanto falava, sentindo um estado de horror confuso. Dougal morreria, horas antes da batalha, nos sótãos da Casa de Culloden perto de Inverness, com adaga de Jamie Fraser afundada no oco de sua garganta.

Ele contou a história de seu enforcamento e salvamento brevemente, deixando de fora o contexto da Guerra e o papel do regulamento e deixando de fora que Buck o mandou ao enforcamento, também. Ele podia sentir Buck lá ao lado dele, inclinado para frente, a intenção, mas não olhando para ele. Não conseguia olhar para ele sem querer estrangulá-lo. Queria estrangulá-lo de qualquer maneira.

Ele mal podia falar pelo tempo que ele terminou, e seu coração estava batendo em seus ouvidos com raiva reprimida. Todo mundo estava olhando para ele, com uma gama de emoções de admiração a simpatia. Allie MacLaren estava abertamente fungando, em seu avental em seu nariz, e até mesmo sua mãe parecia que algo lamentava o sal. Angus tossiu e entregou uma garrafa de pedra do que acabou por ser a cerveja, e uma bebida muito grato que fosse, também. Ele murmurou obrigado e engoliu em seco, evitando todos os olhos.

Dougal assentiu com seriedade, então virou para Angus.

—Conte-me sobre o homem acima— disse. —Quando isso aconteceu, e o que você sabe sobre isso?

O rosto de MacLaren perdeu um pouco de sua alta cor natural, e ele parecia que ele queria que sua cerveja de volta.

—Seis dias passaram *um ghoistidh*[17]. —Ele fez uma breve e muito menos atmosférico, conta que ele teve na noite anterior, mas era a mesma história.

Dougal ficou pensativo, batendo com os dedos suavemente sobre o joelho.

—A mulher— o disse. —você sabe para onde ela foi?

—Eu... uh... ouviu quando ela foi para Cranesmuir, senhor. —a cor de MacLaren voltou em tudo, com juro, e ele cuidadosamente evitou duro olho de sua esposa.

—Cranesmuir, — Dougal repetiu. —Sim, bem. Talvez eu vá procurá-la, então, e só tem uma palavra. Qual o nome dela?

—Isbister, — MacLaren desabafou. —Geillis Isbister.

Roger não chegou a sentir a terra tremer sob seus pés, mas ficou surpreso que ele não fez.

—Isbister?— As sobrancelhas de Dougal subiram. —Das ilhas do norte, não é?

MacLaren encolheu em pantomima elaborada de ignorância e desinteresse. Ele olhou como se alguém tivesse feito uma tentativa séria de ferver a cabeça, e Roger viu a boca de Dougal se contorcer novamente.

—Sim, — ele disse secamente. —Bem, uma mulher de Orkney talvez não vá ser difícil de encontrar, então, em um lugar do tamanho de Cranesmuir. — Ele ergueu o queixo na direção de seus homens, e todos eles se levantaram como um, quando ele se levantou. Assim fez Roger e Buck.

—Boa viagem para vocês, senhores— disse, curvando-se para eles. — Eu vou ter a palavra colocada a respeito de seu rapazinho. Se eu ouvir qualquer coisa, eu enviarei a onde?

Roger trocou olhares com Buck, perplexo. Ele não poderia dizer uma palavra a ser enviada para Lallybroch, sabendo o que ele sabia das relações entre Brian Fraser e seus cunhados.

—Não você conhece um lugar chamado Sheriffmuir?— ele perguntou, tateando em busca de algum outro lugar que ele soubesse que existia no tempo presente. —Há uma pousada lá, embora não muito mais.

Dougal olhou surpreso, mas balançou a cabeça.

—Eu conheço, senhor. Lutei em Sheriffmuir com o conde de Mar, e nós jantamos lá com ele uma noite, meu pai e meu irmão e eu sim, eu vou mandar um recado lá, se houver algum.

—Obrigado. — As palavras vieram metade engasgadas, mas claras o suficiente. Dougal deu um aceno simpático, então virou para se despedir dos MacLarens. Parado por um pensamento repentino, porém, ele voltou.

—Eu não suponho que vocês realmente sejam anjos, são?— Perguntou ele, muito a sério.

—Não— disse Roger, sorrindo o melhor que pôde, apesar do frio na barriga. *E não é você que está falando com um fantasma.*

Ele ficou com Buck, observando os Mackenzie partir, Geordie e Thomas mantendo-se com pouco esforço, quando os cavalos foram lentamente no caminho íngreme, rochoso.

A frase *Bem-aventurados os que não viram, mas creram* flutuavam por sua cabeça. talvez não fosse para acreditar que foi a bênção; para não ter que olhar. Vendo, por vezes, era muito horrível.

Roger atrasou sua própria partida, enquanto ele decentemente podia, esperar o retorno do Dr. McEwan, mas enquanto o sol nascia no alto do céu, era claro que os MacLarens queriam que eles passassem e Buck queria ir.

—Eu estou bem— disse, irritado, e bateu no peito com o punho. —Forte como um tambor.

Roger fez um barulho cético em sua garganta e ficou surpreso. Não machucou. Ele parou a si mesmo colocando a mão à sua própria garganta; sem há necessidade de chamar a atenção para ele, mesmo se eles estavam saindo.

—Sim, tudo bem. — Ele virou-se para Angus MacLaren e Stuart, que prestativamente preencheu a cantina de Roger na esperança de apressar em seu caminho e estava com ele pingando em suas mãos. —Agradeço pela vossa hospitalidade, senhor, e sua bondade para com meu parente.

—Och— disse MacLaren, um olhar diferente de alívio que vem sobre o rosto para o que era claramente despedida. —Isso é bom. Nenhum incomodo.

—Se ... se o curador aparecer, poderia agradecê-lo por nós? E dizer que eu vou tentar vir e vê-lo em nosso caminho de volta.

—Em seu caminho de volta— MacLaren repetiu, com menos entusiasmo.

—Obrigado. Estamos atados dentro de Lochaber, para as terras de Cameron. Se encontrarmos vestígios ou melhor do meu filho lá, porém,

vamos provavelmente voltar desta forma, talvez vamos até o Castelo Leoch pela notícia.

O rosto de MacLaren apurou naquilo.

—Och, sim— disse cordialmente. —Bom pensamento. Boa viagem!

### ***Capítulo 41- Em que um monte de coisas converge***

—Agora, não é que eu não queria estar ajudando sua mamãe— disse Buchan, pela terceira vez. —Mas eu não posso ter tumulto acontecendo em minha casa, e criminosos indo e voltando — não com as minhas meninas lá, agora, posso?

Jem balançou a cabeça, obediente, embora o Sr. Buchan não estivesse olhando para ele; ele estava olhando para o espelho retrovisor e olhando por cima do ombro de vez em quando, como ele pensou que alguém pode estar seguindo eles. Ele fez Jem querer olhar, também, mas ele não podia ver por trás sem levantar-se de joelhos e voltando-se, e Mandy estava desmaiado dormindo, metade em seu colo.

Já era tarde, e ele bocejou, esquecendo-se de cobrir a boca. Ele pensou em dizer: —Desculpe-me—, mas não achava que o Sr. Buchan notasse. Ele sentiu um arrote vindo e fez cobrir a boca desta vez, saboreando vinagre do peixe e batatas fritas. Sr. Buchan comprou uma ceia de peixe extra para Mamãe; ele estava em um saco de papel marrom no chão aos pés de Jem, de modo a não deixar gordura no assento.

—Sabe quando espera voltar?— Sr. Buchan perguntou abruptamente, olhando para ele. Jem balançou a cabeça, sentindo o peixe e fritas levantar em uma bola de enjoado.

A boca do Sr. Buchan apertou como se quisesse dizer algo que ele pensou que ele não deveria.

—Papai... —Mandy murmurou, em seguida, empurrou sua cabeça em suas costelas, bufou, e voltou a dormir. Ele se sentia muito mal. Mandy nem sabia onde Papai estava; ela provavelmente pensava que ele simplesmente estava num hotel ou coisa assim.

Mamãe disse que papai voltaria, assim que descobrisse que Jem não estava lá com vovô. *Mas como?* Pensou e teve que morder o lábio para não chorar. *Como ele poderia saber?* Estava escuro, mas havia um brilho do painel. Se chorasse, o Sr. Buchan talvez visse.

Faróis brilharam no espelho retrovisor e ele olhou para cima, roçando a manga furtivamente debaixo do seu nariz. Ele podia ver um furgão branco chegando por trás deles. Sr. Buchan disse algo baixinho e pisou no acelerador com mais força.

Brianna resolveu deixar o caçador em espera: um estado de separação física e suspenso mental, a mente e o corpo de cada cuidando seu próprio negócio, mas capaz de entrar em ação unificada no momento que algo valesse a pena comer aparecer. Sua mente estava em Ridge, revivendo uma caça ao gambá com seu primo Ian. A viscosidade pungente e fumaça olhos molhados de tochas de nó de pinheiro, um vislumbre de olhos brilhantes em uma árvore, e um gambá eriçado súbito como um pesadelo nos galhos, as ameaças de agulhas de dentes e escancarado, assobios e rosnando como uma lancha flatulenta...

E então o telefone tocou. Num instante ela estava de pé, arma na mão, todos os sentidos treinados na casa. E novamente, a curto duplo *brr!* Abafado pela distância, mas inconfundível. Era o telefone no escritório de Roger, e até mesmo como ela pensou isso, ela viu o breve brilho de uma luz interior quando a porta do escritório foi aberta, e o telefone tocando parou abruptamente.

Seu couro cabeludo contraiu, e ela sentiu um breve parentesco com o gambá arborizado. Mas o gambá não tinha uma espingarda.

Seu impulso imediato era entrar e expulsar quem quer que esteja em sua casa e exigisse saber o significado disso. Seu dinheiro estava em Rob Cameron, e o pensamento de rubor como uma perdiz e marchando no ponto de uma arma feita a mão apertar sobre a referida arma com antecipação. Ela tinha Jem pelas costas; Cameron saberia que ela não tinha necessidade de mantê-lo vivo.

Mas. Ela hesitou na porta da torre, olhando para baixo.

Mas quem estava na casa atenderia ao telefone. *Se eu fosse um ladrão, eu não atenderia ao telefone na casa que eu estava roubando. A não ser que eu pensasse que iria acordar com as pessoas.*

Quem quer que esteja lá dentro, já sabia que não havia ninguém em casa.

—*Quod erat Demonstrandum*[18]— A voz de seu pai, disse em sua mente, com uma satisfação sombria. Alguém na casa estava esperando uma batida.

Ela saiu, com um profundo suspiro e o cheiro frio fresco de tojo substituiu o cheiro úmido da Torre, com o coração batendo rápido e sua mente e trabalhando mais rápido. *Quem estaria ligando? Para dizer o quê?*

Talvez alguém tivesse prestado atenção antes, visto descendo à estrada florestal. Talvez eles estivessem ligando para dizer que Rob estava lá fora, na Torre. Não, isso não fazia sentido. Quem estava na casa, estariam lá quando ela chegou. Se alguém a viu entrar, eles teriam ligado na casa então.

—*Ita sequitur*[19]... — ela murmurou. *Assim, segue*: Se a chamada não era sobre ela, deve ser um aviso de que alguém, a polícia, e pode ser? Que vinha para Lallybroch ou notícia de que quem estava do lado de fora encontrou as crianças.

O metal do barril estava escorregadio sob a palma da mão suando, e levou um esforço notável para manter um controle firme sobre a arma. Ainda mais de um esforço para não correr para a casa.

Agravando como era, ela teve que esperar. Se alguém encontrasse as crianças, ela não conseguia chegar à casa de Fiona em vez de protegê-los; ela teria que depender de Fiona e Ernie e da polícia da cidade de Inverness. Mas se fosse esse o caso, quem estava na casa, certamente estaria saindo imediatamente. *A não ser que aquele bastardo do Rob ficasse ao redor na esperança de me pegar de surpresa, e...* Apesar de arma na mão, esse pensamento deu um desagradável contorcer profundo de dentro para que ela reconhecesse como o toque fantasmagórico do pênis de Stephen Bonnet.

—Eu matei você, Stephen— a disse em voz baixa. —E eu estou feliz que esteja morto. Você pode ter companhia no inferno em breve. Certifique-se o fogo de aceso para ele, ok?

Isso restaurou a coragem, e caindo de quatro, ela se arrastou através do tojo, descendo a encosta em um ângulo que iria trazê-la para fora, perto da horta, não pelo caminho, qual era visível da casa. Mesmo no escuro, ela não queria arriscar; havia uma subida de meia-lua, embora estivesse de forma irregular através das nuvens.

O som de um carro próximo à fez levantar a cabeça, olhando ao longo de um tufo de vassoura seca. Ela colocou a mão em seu bolso, folheando os cartuchos de espingarda soltos. Quatorze. Isso deve ser suficiente.

A observação de Fiona sobre balística passou pela sua mente, juntamente com uma leve lembrança da possibilidade de ir para a prisão por homicídio culposo por atacado. Ela poderia arriscar, para a satisfação de matar Rob Cameron, mas o pensamento indesejável ocorreu que, enquanto ela não

precisava dele para localizar Jem mais, ela precisava descobrir o que diabos estavam acontecendo. E enquanto a polícia podia rastrear o homem da barragem, se houvesse algum tipo de gangue envolvida, Rob provavelmente era a única maneira de descobrir quem era os outros e o que eles queriam.

Os faróis brilharam abaixo da pista e na porta, e ela se levantou abruptamente. A luz de detecção de movimento a levou lá, mostrando a caminhonete de Ernie no painel branco, inconfundível, com BUCHAN ELETTRICA para todas suas necessidades atuais, ligue 01463 775 4432 de lado, com um desenho de um cabo rompido, cuspidando faíscas.

—Maldição— a disse. — Idiota *desgraçado* do inferno!

A porta do caminhão se abriu e Jem caiu para fora, em seguida, virou-se para ajudar Mandy, que não era mais que uma pequena mancha escura nos recessos do caminhão.

—Volte para o caminhão!— Brianna gritou, saltando para baixo da encosta, deslizando sobre pedras rolando e dobrando seus tornozelos em manchas esponjosas de urze. —Jemmy! Para trás!

Ela viu Jem por sua vez, o rosto branco no brilho da luz, mas já era tarde demais. A porta da frente se abriu e duas figuras escuras saíram correndo, correndo para o caminhão.

Ela não perdeu mais fôlego, mas correu para tudo o que valeu a pena. A espingarda era inútil a qualquer distância ou talvez não. Ela derrapou até parar, ombros a arma e disparando. Buck voou para o tojo com um som zumbindo como pequenas setas, mas o estrondo havia suspenso os intrusos em suas trilhas.

—VOLTE PARA O CAMINHÃO!— Ela gritou, e atirou novamente. O intruso bateu em direção a casa, e Jem, bendito o seu coração, saltou para o caminhão como um sapo assustado e bateu a porta. Ernie, que acabou de sair, parou por um momento de boca aberta até a encosta, mas, em seguida, percebendo o que aconteceu, veio de repente à vida e mergulhou para a sua própria porta.

Ela recarregado no brilho dos holofotes. Há quanto tempo à luz iria ficar com ninguém se movendo em sua faixa? Ela acumulou uma nova bala e correu para o caminhão de Ernie. Mais faróis viraram a atenção para a pista. Santa Maria, Mãe de Deus, que foi isso? *Por favor, Deus, deixe ser a polícia...*

A luz apagou-se, em seguida, novamente quase de uma vez, como o segundo veículo rugiu no pátio, movendo-se rapidamente. As pessoas

dentro da casa estavam penduradas para fora da sala de desenho janela, gritando algo para o novo caminhão-sim, era outro furgão, bem como o de Ernie, salvo que ele disse a Poultney, fornecedora de bom jogo e tinha uma foto de um selvagem javali.

—Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós pecadores, agora e na hora de nossa morte... —Ela tinha que chegar o caminhão de Ernie antes que fosse tarde demais. O caminhão acelerou e bateu a caminhonete de Ernie na lateral, desviando-o vários metros. Ela podia ouvir o grito de Mandy acima de tudo, afiada como um adivinho através de seu coração.

—Mãe sangrenta de... Jesus H. Roosevelt Cristo! —Ela não poderia ter tempo para circundar o pátio. Ela passou em frente, levou perto objetivo, e desfiado o pneu dianteiro do caminhão bom jogo com uma rajada de chumbo grosso.

—FIQUE NO CAMINHÃO!— Ela gritou, fechando a segunda bala e apontando a arma para o para-brisa no mesmo movimento. Um borrão de branco como pelo menos duas pessoas abaixou fora da vista do traço.

Os homens, sim, os dois homens dentro da casa estavam gritando um com o outro, e as pessoas no caminhão, e para ela. Xingou e insultou, na maior parte, mas um deles já estava apontando para os outros e sua arma *era* uma espingarda. Inútil exceto a curta distância, e apenas dois tiros.

—Você não pode cobrir todos nós, mulher!

Esse era Rob Cameron, gritando de caminhão da Poultney. Ela não se incomodou em responder ao pedido, mas correu para pegar na faixa da casa e a janela do quarto desenho dissolvido em uma chuva de vidro.

O suor escorria pelo seu lado, fazendo cócegas. Ela abriu a arma e manuseou mais duas balas no lugar. Ela se sentiu como se estivesse se movendo em câmera lenta, mas o resto do mundo estava se movendo mais lento. Com nenhum sentimento de pressa, ela caminhou para o caminhão de Ernie e ficou de volta contra a porta atrás da qual Jem e Mandy se abrigavam. Uma forte rajada de vinagre de malte peixes e flutuou como da janela dobrada para baixo alguns centímetros.

—Mamãe...

—Mamãe! Mamãe!

—Maldição, Brianna! O que está acontecendo?

—Um bando de malucos estão tentando me matar e levar meus filhos, Ernie — disse, levantando a voz sobre choro de Mandy. —O que parece? Que tal você ligar o motor, hein?

O outro caminhão estava fora do intervalo de espingarda eficaz a partir daqui, e ela podia ver apenas um lado. Ela ouviu a porta aberta do outro lado e viu um lampejo de movimento dentro da janela quebrada da casa.

—*Agora* seria um bom momento, Ernie. —Ela não estava esquecendo que um dos bastardos tinha seu rifle. Ela só podia esperar que eles não soubessem como usá-lo.

Ernie foi freneticamente virando a chave e pisando no acelerador. Podia ouvi-lo rezando baixinho, mas ele afogou o motor; o motor de arranque zumbindo inutilmente. O lábio inferior dobrado sob os dentes, ela caminhou ao redor da frente do caminhão a tempo de pegar uma das pessoas do bom jogo de caminhão para sua surpresa, esta era uma mulher, uma forma curta, atarracada em uma balaclava e um velho Barbour. Ela levantou a espingarda ao ombro, e a mulher tentou correr para trás, tropeçou e caiu sobre seu traseiro com um audível —Ufa!

Ela queria rir, mas depois viu Cameron saindo do caminhão, seu rifle na mão, e o desejo deixou.

—Largue isso!— Ela caminhou em direção a ele, arma em seu ombro. Ele *não parecia saber* como usar o rifle; ele olhou loucamente dela para a arma, como se esperando que ele fosse como objetivo em si, em seguida, mudou de ideia e deixou cair.

A porta da frente da casa se abriu, e ela ouviu passos apressados vindo rápidos. Ela girou nos calcanhares e correu, também, atingindo a caminhonete de Ernie mal a tempo de segurar os dois homens da casa. Um imediatamente começou a andar de lado em volta, o que significa claramente a circular outro caminhão e recolher seus camaradas idiotas. Rob Cameron estava agora avançando para ela lentamente, deram as mãos para cima para mostrar a sua não ofensiva Intenção.

—Olha Brianna, não queremos fazer mal nenhum— disse.

Ela acumulou uma nova bala em resposta a isso, e ele deu um passo para trás.

—Eu quero dizer— disse uma vantagem em sua voz. —Queremos falar com você, só isso.

—Você, puxe o outro— disse, —e o que entrou. *Ernie?*

—Mamãe...

—Não se atreva a abrir a porta até que eu diga Jemmy!

—MAMÃE!

—Deitem-se no chão, Jem, agora mesmo! Tome Mandy —Um dos homens da casa e a mulher atarracada estavam se movendo novamente! Se ela pudesse ouvi-los. E o segundo homem da casa desapareceu na escuridão do lado de fora do círculo de luz. —Ernie!

—Mas, Mamãe, alguém está vindo!

Todo mundo congelou por um instante, e o som de um motor de avanço na pista da fazenda veio claramente durante a noite. Ela virou-se e agarrou a maçaneta da porta, empurrando-a aberta, assim como o motor de Ernie finalmente tossiu para vida a plenos pulmões. Ela se atirou para o banco, com os pés quase acertando a cabeça de Jem quando ele olhou para cima a partir dos pés, os olhos enormes na penumbra.

—Vamos, Ernie— ela disse, muito calmamente sob a circunstância. —As crianças, você fica lá em baixo.

Uma ponta de fuzil atingiu a janela perto da cabeça de Ernie, estrelando o vidro, e ele gritou, mas não deixou — Deus o abençoe —o motor afogar novamente. Outro golpe e o vidro quebrou em uma cascata de fragmentos brilhantes. Brianna deixou cair sua própria arma e se lançou através Ernie, pegando o rifle. Ela tem uma mão sobre ele, mas o homem segurando e se livrando. Agarrando descontroladamente, ela raspando na forma balaclava, e o capacete de lã saiu em sua mão, deixando o homem debaixo de boca aberta com o choque.

Os holofotes se apagaram, mergulhando o quintal em trevas, e pontos brilhantes dançando na frente de seus olhos. Ele bateu novamente como o novo veículo rugiu para o quintal a buzina estridente. Brianna pulou para fora do colo de Ernie, tentando ver através do para-brisa, em seguida, atirou-se para o outro lado do caminho.

Era um carro comum, um Fiat azul-escuro, parecendo um brinquedo, uma vez que a volta ao quintal, chifre berrando como uma porca no cio.

—Amigo você acha?— Ernie perguntou, com a voz tensa, mas não entrou em pânico. —Ou inimigo?

—Amigo— disse, sem fôlego, como a Fiat cobrou três dos intrusos que estavam juntos: o desmascarado rifle-portador, a mulher do casaco Barbour, e quem quer que o cara que não fosse Rob Cameron. Eles se espalharam como baratas na grama, e Ernie bateu um punho sobre o traço em exultação.

—Isso vai mostrar aos sodomitas!

Bree teria gostado de ficar e ver o resto do show, mas onde quer que Cameron esteja ele estava, sem dúvida, muito perto.

—Vá, Ernie!

Ele foi com uma terrível trituração e barulho de metal. A van balançou mal; o eixo traseiro deve ser danificado. Ela só podia esperar que uma roda não saísse.

A Fiat azul estava rondando o pátio; ele buzinou e piscou suas luzes no caminhão de Ernie, e uma mão acenou da janela do motorista. Brianna colocou a cabeça para fora com cuidado e acenou de volta, então caiu para trás em sua cadeira, ofegante. Os pontos pretos estavam nadando em seu campo de visão e seu cabelo preso ao seu rosto, liso com suor.

Eles andaram pela pista em primeira marcha, com um ruído horrível; do som, o poço roda traseira desabou.

—Mamãe— Jemmy enfiou a cabeça por cima da borda do assento como um cão de pradaria. —Posso ir agora?

—Claro. — Ela respirou fundo e ajudou Mandy embaralhar atrás dele. A menina gessou de uma vez para o peito de Brianna, choramingando.

—Está tudo bem, bebê— ela sussurrou no cabelo de Mandy, agarrando-se ao corpo pequeno sólido, tanto quanto Mandy agarrou-se a ela. —Tudo vai ficar bem. — Ela olhou para Jem, cavalgando entre Ernie e ela mesma. Ele estava curvado para dentro de si e tremendo visivelmente em sua jaqueta de lã marcada, mesmo que ele estivesse quente na cabine. Ela estendeu a mão e tomou-o pela parte de trás do pescoço, apertando-o suavemente. —Tudo bem aí, amigo?

Ele acenou com a cabeça, mas sem dizer nada. Ela dobrou sua mão sobre ele, apertou em um pequeno punho no joelho, e segurou-a firmemente, tanto em confiança e parar de sua própria mão tremendo.

Ernie pigarreou.

—Eu sinto muito, Brianna — disse com a voz rouca. —Eu não sabia que... quer dizer, eu pensei que seria bom para trazer os bairns de volta, e depois que velho Cameron veio para a casa e bateu em Fiona, eu... — Uma gota de suor brilhou quando ela correu atrás de sua orelha.

—Ele o quê?— Após os acontecimentos de última hora, esta notícia registrou apenas como um pontinho na sua sismografia pessoal, obscurecida pelas ondas de choque maiores que só agora estavam morrendo. Mas ela fazia perguntas, e Jem começou a sair de seu próprio choque do escudo, contando sobre sua parte, tornando-se gradualmente indignado com a Sra. Kelleher e o despachante policial. Ela sentiu um tremor na boca do estômago que não era bem o riso, mas perto o suficiente.

—Não se preocupe com isso, Ernie. — Ela limpou suas tentativas renovada de desculpas. Sua voz murmurou sua dor de garganta de tanto gritar. —Eu teria feito o mesmo, eu espero. E nós nunca fugiríamos sem você. —Eles nunca teria *ido* lá sem ele, em primeiro lugar, mas sabia que, assim como ela fez; nenhum ponto em esfregar.

—Sim, mmphm. — Ele dirigiu em silêncio por um momento e depois comentou em tom de conversa, olhando no retrovisor — esse pequeno carro azul esta nos seguindo, sabe. — Sua garganta se moveu quando ele engoliu.

Brianna esfregou a mão sobre o rosto, em seguida, olhou. Com certeza, a Fiat estava atrás deles a uma distância discreta.

Ernie tossiu. — Aonde você quer ir, Bree? Só que eu não tenho nenhuma certeza que vamos fazê-lo todo o caminho para a cidade. Mas há um posto de gasolina na estrada principal, e eu poderia para aí, eles têm um telefone. Você poderia ligar para a policia, enquanto eu trato será a van.

—Não chame a policia, Mamãe — disse Jemmy, suas narinas dilatadas com nojo. —*Eles não são* nenhuma ajuda.

—Mmphm— disse evasivamente, e levantou uma sobrancelha para Ernie, que assentiu e pôs o seu maxilar.

Estava inclinada a não chamar a polícia, mas estavam preocupados que seriam curiosos *demais* para serem úteis. Ela conseguiu desviá-los da questão delicada de apenas onde seu marido foi ontem à noite, dizendo que ele estava em Londres para visitar a Sala de Leitura do British Museum e que ela ligaria para ele assim que chegasse a casa. Se a polícia descobrisse sobre o tiroteio no O.K. Corral, que ia ser muito mais escrutínio de seus assuntos particulares. E levou nenhum estiramento da imaginação em tudo para concluir que a polícia pode realmente suspeitar dela de ter algo a ver com o desaparecimento de Roger, já que ela não poderia explicar e não podia dizer onde estava. *Nunca poderia ser capaz.* Ela engoliu em seco, duro.

O único recurso seria a alegação de que eles tiveram uma briga e ele a abandonou, mas isso parecia muito frágil, à luz dos acontecimentos recentes. E ela não diria algo assim na frente das crianças, de forma alguma.

Mas parar no posto de gasolina era a única coisa que ela podia ver o que fazer no momento. Se o Fiat azul seguisse até lá, pelo menos ela pode descobrir um aliado. E se fosse à polícia, incógnita... bem, ela iria atravessar essa ponte quando ela veio a ele. Adrenalina e choque ambos deixarem ela agora; ela se sentiu isolada, sonhadora, e muito, muito cansada. A mão de

Jemmy relaxou na dela, mas seus dedos ainda estavam enrolados em torno de seu polegar.

Ela se inclinou para trás, fechando os olhos e, lentamente, traçou a curva de espinha de Mandy com a mão livre. Sua filha relaxou no sono contra o peito, o seu filho, com a cabeça em seu ombro, o peso da confiança de seus filhos em seu coração.

O posto de gasolina era próximo a um café Little Chef. Ela deixou Ernie falar com o garagista, enquanto pegava os filhos. Ela não se incomodou em olhar por cima do ombro; o Fiat azul ficou para trás a uma distância respeitosa nada aglomerada quando eles se arrastaram tilintando e moagem para baixo a autoestrada em 20 km. Se o motorista não quisesse falar com ela, ele teria dirigido e desaparecido. Talvez ela conseguisse uma xícara de chá antes que ela teve de lidar com ele.

—Mal posso esperar— ela murmurou. —Abra a porta, por favor, Jem?

Mandy estava inerte como um saco de cimento em seus braços, mas começou a se mexer com o cheiro de comida. Bree amordaçou no cheiro do óleo rançoso da fritura, batatas de queimadas, e xarope de panqueca sintética, mas pediu sorvete para Jem e Mandy, com uma xícara de chá para si mesma. Certamente ainda este lugar não poderia arruinar chá?

Um copo de água quase morna e um saco de chá a convenceu de outra forma. Não importava; sua garganta estava tão apertada que ela duvidava que ela pudesse engolir até mesmo água.

O entorpecimento abençoado de choque estava levantando, por mais que ela teria preferido para mantê-lo envolto coberto semelhante ao seu redor. O café parecia muito brilhante, com hectares de linho branco marcado os pés; ela se sentiu exposta, como um inseto no chão da cozinha suja. Espinhos de apreensão provocando desagradavelmente sobre seu couro cabeludo, e ela manteve os olhos fixos na porta, desejando que ela fosse capaz de trazer a espingarda dentro.

Ela não percebeu que Jem também estava olhando a porta até que ele endureceu a atenção ao seu lado na cabine.

—Mãe! É o Sr. Menzies!

Por um momento, nem as palavras nem a visão do homem que acabara de entrar no café fazia sentido. Ela piscou várias vezes, mas ele ainda estava lá, caminhando em direção a eles com um rosto ansioso. Diretor da escola de Jem.

—Sra. Mackenzie, —ele disse, e, chegando do outro lado da mesa, apertou a mão dela com fervor. —Graças a Deus você está bem!

—Er... Obrigada — ela disse debilmente. —Você... era você? No Fiat azul? —Era como estar tensa enfrentando Darth Vader e ficando cara a cara com Mickey Mouse.

Ele realmente corou por trás dos óculos.

—Oh... bem, sim. eu... —Ele chamou a atenção de Jem e sorriu sem jeito. —Você está cuidando bem de sua mãe, então, Jem?

—Sim, senhor. — Jem estava obviamente prestes a explodir com perguntas. Bree adiantou-se com um olhar inquisidor e fez um gesto para Lionel Menzies para se sentar. Ele fez e respirou fundo, prestes a dizer algo, mas foi interrompido por uma garçonete, uma mulher de meia-idade sólida com meias grossa e um casaco de lã e um ar que indicava que ela não se importava se eram extraterrestres ou baratas, desde que não complicar a sua vida.

—Não peça chá— disse Bree, com um aceno de cabeça em direção a sua xícara.

—Sim, obrigado. Eu vou querer... um sanduiche de bacon e um Irn-Bru — ele perguntou timidamente, olhando para a garçonete. —Com molho de tomate?— Ela desdenhou de responder, mas virou o bloco fechado e se foi.

—Certo— disse Menzies, em quadratura com os ombros como prestes a enfrentar um pelotão de fuzilamento. —Diga-me uma coisa, sim? Era Rob Cameron lá na sua casa?

—Era — Bree falou secamente, lembrando tardiamente que Cameron estava relacionado com Menzies, de alguma forma, um primo ou algo assim? —Por quê?

Ele parecia infeliz. Um homem pálido com um pouco cabelo encaracolado castanho e óculos, ele não foi notável de qualquer maneira e ainda geralmente tinha uma presença, um simpático ar tranquilo de autoridade sobre ele que chamou a atenção e fez uma sensação assegurou em sua companhia. Isto foi especialmente falta esta noite.

—Receava que pudesse ser ele. Ouvi noticiário da noite. Esse Rob estava sendo procurado pela polícia — ele baixou a voz, embora não houvesse ninguém ao alcance da voz, — em conexão com... bem, com —ele acenou discretamente para Jem— levando Jeremiah, aqui.

—Ele fez!— Disse Jem, deixando cair sua colher e sentando em linha reta. —Ele fez Sr. Menzies! Ele disse que ia me levar para passar a noite

com Bobby, só que ele não fez, ele me levou até as rochas e...

—Jem— Brianna falou em voz baixa, mas fez uma voz de *cale a boca agora*, e ele fez, embora com um ronco sonoro e um olhar para ela.

—Sim, ele fez— disse calmamente. —O que você sabe sobre isso?

Ele piscou em surpresa.

—Eu, por que, nada. Eu não posso imaginar por que ele —Ele parou, tossiu, e tirou os óculos, tirou um lenço do bolso para fora e limpou. Até o momento que colocou de volta, ele se recompôs.

—Você pode se lembrar de Rob Cameron meu primo. E ele estava na gráfica, é claro. Eu ouvi as coisas sobre ele. Então eu pensei que eu ia talvez para Lallybroch, ter uma palavra com você e seu marido — ele ergueu uma sobrancelha, mas ela não respondeu a esta dica óbvia sobre Roger, e ele foi — ver que estava tudo bem com Jem? — ele interrompeu para perguntar a sério, olhando para o rapaz.

—Oh, sim, bem, — Jem respondeu alegremente, embora ele parecesse tenso. —Senhor— acrescentou tardiamente, e lambeu uma mancha de sorvete de chocolate de seu lábio superior.

—Isso é bom. — Menzies sorriu para Jem, e Brianna viu um pouco de sua luz calor habitual por trás dos óculos. O calor ainda estava em seus olhos, mas ele estava falando sério quando ele olhou para ela. —Eu queria perguntar se não teria talvez sido um erro, mas eu estou pensando que provavelmente não foi? Na luz de... tudo isso. —Ele inclinou a cabeça na direção do Lallybroch e engoliu.

—Sim, houve— disse severamente, deslocando o peso de Mandy no colo — e Rob Cameron fez isso.

Ele fez uma careta, respirou fundo, mas assentiu.

—Eu gostaria de ajudar, — ele disse simplesmente.

—Você definitivamente fez— assegurou, perguntando-se o que na terra para fazer com ele agora. —Ick! Mandy, você está se sujando em todo em todos os lugares! Use um guardanapo, pelo amor de Deus. —Ela limpou o rosto de Mandy rapidamente, ignorando gemido irritadiço de sua filha. Ele *poderia* ajudar? Ela queria muito acreditar nele; ela ainda tremia internamente e muito pronto para agarrar a qualquer oferta de ajuda.

Mas ele *tinha* parentesco com Rob Cameron. E talvez ele tivesse saído da casa para conversar, e talvez ele tivesse vindo por algum outro motivo. Ele pode, afinal, ter intervindo para evitar que ela explodir em pedaços

sangrentos Rob, ao invés de salvá-la e os filhos de Rob e seus companheiros mascarados.

—Eu falei com Ernie Buchan — disse Menzies, apontando para a janela de vidro. —Ele, um, parecia pensar que você pudesse não querer a polícia envolvida?

—Não. — A boca de Bree estava seca; bebia o chá morno, tentando pensar. Foi ficando mais difícil a cada momento; seus pensamentos dispersos como gotas de mercúrio, balançando longe em uma dúzia de direções. —Não, não ainda. Ficamos na delegacia metade da noite passada. Eu realmente não posso lidar com mais perguntas hoje à noite. —Ela respirou fundo e olhou para ele diretamente.

—Eu não sei o que está acontecendo— disse. —Eu não sei por que Rob Cameron deveria querendo sequestrar Jemmy...

—Sim, você... — Jem começou, e ela virou a cabeça redonda e olhou para ele. Ele olhou para trás, com os olhos vermelhos e cerrou os punhos e, com um choque de alarme ela reconheceu o temperamento Fraser, prestes a ir para fora com um estrondo.

—Você sabe por isso!— Disse, em voz alta o suficiente para que um casal de caminhoneiros no balcão virasse para olhar para ele. —Eu *disse!* Ele queria que eu... —Mandy, que tinha começado a cair de novo, sacudiu acordada e começou a chorar.

—Eu quero Papaiiiiiii!

O rosto de Jem estava vermelho de fúria. Com isso, ele ficou branco.

—Cale-se, cale-se, cale-se!— Ele gritou para Mandy, que gritou de terror e gritou mais alto, tentando embaralhar o corpo de Brianna.

—PAPaeeeeeeee!

—Jem!— Lionel Menzies estava de pé, pegando o menino, mas Jem estava absolutamente fora de si, literalmente pulando para cima e para baixo com raiva. Todo o restaurante estava olhando para eles.

—Vá embora!— Jem rugiu para Menzies. —Pare! Não me toque! Não toque a minha mãe! —E, de um excesso de paixão, ele chutou Menzies duro na canela.

—Jesus!

—Jem!— Bree teve um aperto na luta com Mandy chorando, mas não conseguiu chegar a Jem, antes que ele pegasse o prato de sorvete, atirasse para a parede, e, em seguida, correu para fora do café, escancarando a porta com tanta força que um homem e uma mulher à beira de entrar foram

obrigados a saltar de lado para evitar ser derrubado quando ele disparou passado.

Brianna sentou-se de repente, como todo o sangue saiu de sua cabeça. *Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós...*

A sala ficou em silêncio, exceto por soluços de Mandy, embora isso estivesse morrendo para baixo como o pânico diminuiu. Ela enterrou no peito de Brianna, enterrando o rosto no casaco acolchoado.

—Calma querida, Bree sussurrou, inclinando a cabeça para que os cachos de Mandy roçassem os lábios. —Silêncio, agora. Está tudo bem. Tudo vai ficar bem.

Um murmúrio abafado terminou com um choro — Papai?

—Sim— disse Bree firmeza. —Vamos ver o papai em breve.

Lionel Menzies pigarreou. Ele sentou-se para massagear sua canela, mas parou de fazer isso para gesto em direção à porta.

—Se eu tivesse... melhor ir atrás de Jem?

—Não. Ele está bem... Quero dizer... ele está com Ernie. Eu posso vê-lo. —Eles estavam no estacionamento, apenas visível no brilho da luz do sinal de néon. Jem colidiu com Ernie, que vinha em direção ao restaurante, e se agarrava a ele como um macaco. Quando Brianna viu, Ernie, um pai experiente, ajoelhou-se e abraçou Jem a ele, acariciando suas costas e alisando o cabelo, falando seriamente com ele.

—Mmhm. — Foi à garçonete com o sanduiche de Menzie, com o rosto impassível derretido em simpatia. —Cansado, duvide ou ache o melhor pequeno.

—Sinto muito— disse Bree debilmente, e acenou para o prato quebrado e mancha de sorvete de chocolate na parede. —Eu vou, hum, pagar por isso.

—Och, não se incomode, moça— disse a garçonete, sacudindo a cabeça. —Eu tive filhos. Eu posso ver que você tem problemas o suficiente para lidar. Deixe-me ir buscar outra boa xícara de chá.

Ela saiu. Sem falar, Lionel Menzies bateu na guia em sua lata de Irn-Bru e empurrou-o em sua direção. Ela pegou e engoliu-o. A publicidade deu a entender que a coisa foi feita de vigas de ferro enferrujadas recuperadas de estaleiros de Glasgow. Só na Escócia isso teria sido considerado um bom ponto de venda, ela refletiu. Mas era cerca de metade do açúcar, a glicose e batia seu sangue como o elixir da vida.

Menzies assentiu, vendo-a endireitar-se como uma flor murcha revivida.

—Onde *está* Roger — ele perguntou em voz baixa.

—Eu não sei— disse, assim como suavemente; Mandy deu um suspiro com os soluços finais e caiu pesadamente no sono, o rosto ainda enterrado no casaco de Brianna. Ela contraiu o tecido acolchoado de lado para Mandy não iria sufocar. —E eu não sei quando ele vai voltar.

Ele fez uma careta, olhando infeliz e estranhamente envergonhado; ele estava tendo dificuldade em atender os olhos.

—Entendo. Mmphm. Disseram-me, que ele... deixou por causa do que Rob... er... fez para Jem? —Sua voz ficou ainda mais baixa e ela piscou para ele. Aumento de açúcar no sangue trouxe seus pensamentos de volta ao foco, no entanto, e de repente a ficha caiu, e o sangue correu para o rosto dela.

Ele pensou Rob sequestrou Jemmy, a fim de que Jemmy dissesse *Você sabe o que ele fez* e ela calou afiado... e ela disse que não queria a polícia envolvida... oh, querido Senhor. Ela respirou fundo e passou a mão sobre o rosto, perguntando se era melhor deixá-lo pensar que Rob havia molestado Jemmy e agora estava tentando matá-la, a fim de cobrir esse cima ou para dizer alguma versão na metade crível de alguma parte da verdade.

—Rob veio a minha casa ontem à noite e tentou me estuprar— disse, inclinando-se sobre a cabeça de Mandy, a fim de manter a voz baixa o suficiente para escapar aos ouvidos batendo dos caminhoneiros sentados no balcão, que olhavam disfarçadamente sobre seus ombros para ela. —Ele já pegara Jem, e Roger saiu para tentar encontrá-lo. Achávamos que ele tivesse levado Jem... para Orkney. — *Isso parece longe o suficiente.* —Eu... deixei mensagens; espero que Roger esteja de volta a qualquer momento, assim que ele saiba que Jemmy foi encontrado. —Ela cruzou os dedos debaixo da mesa.

O rosto de Menzies ficou em branco, todas as suas suposições anteriores colidindo com os novos.

—He-he-oh. — Ele fez uma pausa por um momento, levou mecanicamente um gole de seu chá frio, e fez uma careta. —Você quer dizer— disse com cuidado — que você acha que Rob levou Jem, a fim de levar o seu marido longe, de modo que ele... ehm... pudesse...

—Sim, eu acho. — Ela aproveitou esta sugestão, agradecida.

—Mas... as outras pessoas. Como —Ele passou a mão vagamente sobre sua cabeça, indicando as balaclavas. —O que na terra...?

—Eu *não* tenho ideia — disse com firmeza. Ela não ia falar do ouro espanhol, a menos ou até que ela tivesse que fazer. As poucas pessoas que

sabiam sobre isso, melhor. E, como para a outra coisa...

Mas a menção *dessas outras pessoas* lembrou alguma coisa, e ela tateou no bolso espaçoso, tirando a balaclava que ela arrancou o homem que quebrou a janela com o fuzil. Ela pegou o vislumbre mais básico de seu rosto no meio da luz e da sombra de mudança e não tinha tempo para pensar nisso. Mas agora que ela fez, e um novo escrúpulo passou por ela.

—Você conhece um homem chamado Michael Callahan?— ela perguntou, tentando manter a voz casual. Menzies olhou para a balaclava, em seguida, para ela, os olhos arregalados.

—Claro que sim. Ele é um arqueólogo, algo a ver com ORCA - Orkney Research Centre, quero dizer. Orkney... Você está me dizendo que ele não estava com as pessoas que...

—Tenho certeza. Eu vi seu rosto por apenas um segundo quando eu puxei isso dele. E... — ela fez uma careta de desgosto, arrancando um tufo de cabelo cor de areia de dentro da balaclava— aparentemente isso não é tudo o que eu tirei dele. Rob conhece. Ele foi para Lallybroch para nos dar um parecer sobre algumas ruínas atrás da casa, e ficou para jantar.

—Oh, minha querida— Menzies murmurou, parecendo afundar de volta em seu lugar. Ele tirou os óculos e massageou a testa um pouco. Ela observou-o pensar, sentindo-se cada vez mais remota.

Quando a garçonete voltou e colocou uma chávena de chá quente, leitoso, já adoçado e agitado. Brianna agradeceu e sentou-se tomando, observando a noite fora. Ernie levou Jem na direção da garagem, sem dúvida, para verificar sua van.

—Eu posso ver porque você não quer problemas— disse Menzies cuidadosamente no passado. Ele comeu metade de seu sanduiche; o resto estava no prato, escorrendo ketchup em uma espécie enjoada. —Mas, na verdade, Sra... posso chama-la de Brianna?

—Bree— a disse. —Claro.

—Bree— o disse, balançando a cabeça, e um canto de sua boca se contorceu.

—Sim, eu sei o que significa, em escocês— disse secamente, vendo o pensamento em seu rosto. O de Bree era uma tempestade ou uma grande perturbação.

O rosto de Lionel abriu um meio sorriso.

—Sim. Bem... o que eu estou pensando, Bree e que odeio sugerir isso, mas o que se Rob fez algum mal a Roger? Será que não vale a pena as

perguntas para ter a polícia o procurando?

—Ele não fez. — Ela sentiu indizivelmente cansada e só queria ir para casa. —Acredite em mim, ele não fez. Roger foi com seu... seu primo, Buck. E se Rob conseguiu prejudicá-los de alguma forma, ele certamente teria se regozijado com isso quando ele... também. —Ela respirou fundo percorrendo todo o caminho até os pés doloridos e trocou seu peso, ficando dura sobre Mandy.

—Lionel. Vou dizer. Siga-nos até em casa, sim? Se ainda estiver à espreita, então vamos para a polícia imediatamente. Se não... pode esperar até de manhã.

Ele não gostou, mas ele estava sofrendo os efeitos de choque e fadiga, também, e depois de mais argumento finalmente concordou, feito em por sua teimosia implacável.

Ernie telefonou, depois de ter sido assegurado que Lionel iria vê-los em casa. Lionel estava tenso no caminho de volta para Lallybroch, mãos nós dos dedos brancos no volante, mas os faróis do Fiat mostrou o pátio vazio, exceto por um pneu descartado deitado no cascalho, borracha pulverizando para fora como as asas de um tiro abutre gigantesco do céu.

As crianças estavam dormindo; Lionel carregava Jem, então insistiu em fazer uma busca na casa com Bree, cravando ripas através da janela quebrada na sala, enquanto ela olhava os quartos de novo com um sofrimento de *déjà vu*.

—Posso passar a noite?— perguntou Lionel, hesitando na porta. —Eu ficaria feliz em sentar ficar de vigia, você sabe.

Ela sorriu, apesar de ter levado um grande esforço.

—Sua esposa já deve estar se perguntando onde você está. Não, você já fez o suficiente, mais do que suficiente para nós. Não se preocupe; Eu... tomarei medidas no período da manhã. Eu só quero que as crianças sejam capazes de ter uma boa noite de sono em suas próprias camas.

Ele balançou a cabeça, os lábios desenhados em preocupação, e olhou em volta do hall de entrada, a sua noz reluzente painéis serena a luz do lampião, até mesmo o sabre Inglês como barras invertidas de alguma forma parecendo acolhedor e tranquilo com a idade.

—Você talvez tenha familiares amigos na América— ele perguntou abruptamente. —Quero dizer, ele pode não ser uma má ideia para começar de imediato para um pouco, sim?

—Sim— ela disse. —Eu estava pensando nisso. Obrigado, Lionel. Boa noite.

### *Capítulo Quarenta e Dois - Todo Meu Amor*

Estava tremendo. Estivera tremendo desde que Lionel Menzies saiu. Com um leve senso de abstração, ela estendeu a mão, os abertos, e os observou vibrarem como um diapasão. Então, irritada, fez um punho e bateu duro na palma da outra mão. Bateu de novo e de novo, cerrando os dentes com fúria, até que teve que parar, ofegante, sua palma formigando.

—Tudo bem — a disse baixinho, os dentes ainda cerrados. —Ok. — A neblina vermelha levantou como uma nuvem, deixando uma pilha de frios e pequenos pensamentos gelados sob ele.

*Temos que ir.*

*Onde?*

*E quando?*

*E o mais frio de todos:*

*Onde está Roger?*

Ela estava sentada no escritório, os painéis de madeira brilhando suavemente à luz das velas. Havia lâmpadas perfeitamente boas para uma leitura, bem como a luminária de teto, mas ela acendeu a vela grande em seu lugar. Roger gostava de usá-la quando escrevia tarde da noite, escrevendo as canções e poemas que ele memorizou, às vezes com uma pena de ganso. Ele disse que o ajudava a recordar as palavras, trazendo de volta um eco do tempo em que as aprendera.

O cheiro da vela de cera quente trouxe de volta um eco dele. Se fechasse os olhos, poderia ouvi-lo, cantarolando baixo em sua garganta enquanto trabalhava, parando de vez em quando para tossir ou limpar sua garganta ferida. Seus dedos esfregaram suavemente sobre a mesa de madeira, convocando o toque da corda na cicatriz em sua garganta, passando em volta pelo copo na parte de detrás de sua cabeça, enterrando os dedos no calor preto e grosso de seu cabelo, enterrado no rosto em seu peito...

Ela estava tremendo de novo, desta vez com soluços silenciosos. Enrolou o punho de novo, mas desta vez, apenas respirou até que

**parou.**

**—Isso não vai dar certo— disse em voz alta, cheirando profundamente, e clicando sobre a luz, ela apagou a vela e pegou uma folha de papel e uma caneta esferográfica.**

Enxugando as lágrimas do rosto com as costas da mão, ela dobrou a carta com cuidado. Envelope? Não. Se alguém descobrisse isso, um envelope não iria impedi-los. Ela virou a carta e, farejando, escreveu *Roger*, Em sua melhor caligrafia paroquial-escolar.

Ela tateou em seu bolso um lenço de papel e assuou o nariz, sentindo obscuramente que ela devia fazer algo mais... cerimonial? ... com a letra, mas além de colocá-la na lareira e acender o fósforo sobre ela, assim o vento do norte a levaria, como seus pais faziam com as cartas infantis ao Papai Noel, nada lhe ocorreu.

Em seu atual estado de espírito, achou reconfortante que o Papai Noel sempre viesse.

Ela abriu a gaveta grande e foi tateando na parte de trás para o fecho, que liberava o esconderijo secreto quando algo ocorreu. Ela fechou a grande gaveta e abriu a pequena no centro, que continha canetas e cliques de papel e bandas de borracha e um batom deixado no lavabo do andar de baixo por alguma convidada aleatória num jantar.

Era rosa, mas um rosa escuro, e não importava que a cor se chocasse com seu cabelo. Ela aplicou às pressas pelo tato, então apertou os lábios com cuidado sobre a palavra *Roger*.

—Eu te amo— ela sussurrou, e, tocando o beijo rosa com um dedo, abriu a gaveta grande novamente e empurrou o ponto que destrancava o esconderijo. Não era uma gaveta secreta, mas um espaço construído no lado de baixo da mesa. Um painel deslizante deixando você chegar até em um buraco raso cerca de seis centímetros por oito.

Quando Roger descobriu, tinha três selos impressos com a cabeça da rainha Victoria, infelizmente, todo o porte postal comum do final da era vitoriana, em vez de um prestativamente valioso Selo de um Penny preto e uma onda rala de uma criança de cabelos loiros, desaparecendo com a idade, amarrado com linha branca e um pequeno pedaço de urze. Deixaram os selos lá que sabiam talvez eles *fossem* uteis no momento em que mais algumas gerações herdassem a mesa, mas ela colocou a mecha de cabelo

entre as páginas de sua Bíblia e disse uma pequena oração para o menino e seus pais, quando se deparou com isso.

A carta coube facilmente no coração da antiga mesa. Um momento de pânico: ela deveria ter incluído mechas de cabelo das crianças? *Não*, Ela pensou ferozmente. *Não seja mórbida. Sentimental, sim. Mórbida, não.*

—Senhor, estaremos todos juntos de novo— ela sussurrou, empurrando para baixo o medo, e, fechando os olhos, fechando o painel com um *clique*.

Se não tivesse aberto os olhos para a direita quando retirou a mão, nunca teria visto. Exatamente na beirada de algo pendurado na parte de trás da gaveta grande, pouco visível. Ela estendeu a mão e encontrou um envelope, tanto para trás, ligado à parte de baixo da mesa com fita adesiva. Este secou com a idade; batendo mais cedo da gaveta provavelmente afrouxou.

Ela virou o envelope com uma sensação de algo que acontece em um sonho e como num sonho, não se surpreendeu ao ver as iniciais *B.E.R.* escritas no envelope amarelado. Muito lentamente, ela abriu.

*Querida Deadeye*, Ela leu, e sentiu-se cada cabelo minúsculo em seu corpo se eriçar lento e silenciosamente, um de cada vez.

*Querida Deadeye*,

*Você me deixou, depois de nossa maravilhosa tarde entre as placas de tiro. Meus ouvidos ainda estão soando. Sempre que atiro, eu estou dividido entre imenso orgulho na sua capacidade, a inveja dela e medo de que você possa um dia precisar dela.*

*Que estranha sensação que é escrever isso. Eu sei que você vai finalmente saber quem e, talvez, o que você é. Mas eu não tenho ideia de como você vai chegar a esse conhecimento. Estou prestes a revelar a você, ou isso vai ser notícia velha quando você encontrar? Se nós dois tivermos sorte, eu posso ser capaz de dizer em pessoa, quando você for um pouco mais velha. E se tivermos muita sorte, isso vai dar em nada. Mas eu ousou arriscar sua vida nessa esperança, e você ainda não é velha o suficiente para que eu possa dizer.*

*Sinto muito, querida, isso é terrivelmente melodramático. E a última coisa que eu quero fazer é assustá-la. Eu tenho toda a confiança do mundo em você. Mas eu sou seu pai e, assim, presa aos medos que afligem todos os pais que algo terrível e imprevisível vai acontecer com uma criança, e você sem poder protegê-la.*

—Que diabos, papai?— Ela esfregou duro na parte de trás de seu pescoço para aliviar a comichão lá.

*Homens que viveram através da guerra normalmente não falam sobre isso, salvar a outros soldados. Homens da minha parte do Serviço não falam com ninguém, e não só por causa das Leis de Segredos Oficiais. Mas o silêncio corrói a alma. Eu tinha que falar com alguém, e meu velho amigo Reggie Wakefield se tornou meu confessor.*

*(Ele é o Reverendo Reginald Wakefield, ministro da Igreja da Escócia que vive em Inverness. Se você está lendo esta carta, eu vou muito provavelmente estar morto. Se Reggie ainda estiver vivo e você tiver idade suficiente, vá vê-lo. Ele tem a minha permissão para dizer qualquer coisa que ele saiba desse ponto).*

—Idade suficiente? — Rapidamente, ela tentou calcular quando isso fora escrito. Discos de tiro. O campo de Sherman de tiro onde ele ensinou-a a usar uma espingarda. A espingarda fora um presente pelo seu décimo quinto aniversário. E seu pai morreu logo após seu aniversário de dezessete anos.

*O serviço não tem nada a ver diretamente com isso; não vá à procura nessa direção para ter informações. Menciono isso só porque é onde eu aprendi o que uma conspiração parece. Eu também conheci muitas pessoas na guerra, muitas delas em lugares altos, e muitas delas estranhas; os dois se sobrepõem com mais frequência do que se poderia desejar.*

*Por que isso é tão difícil dizer? Se eu estiver morto, sua mãe pode já ter contado história de seu nascimento. Ela me prometeu que nunca falaria sobre isso, desde que veio morar comigo de novo, e eu tenho certeza que ela não fez. Se eu morrer, porém, ela pode...*

*Perdoe-me, querida. É difícil dizer, porque eu amo a sua mãe e eu a amo. E você é minha filha para sempre, mas você foi gerada por outro homem.*

*Tudo bem, está dito. Vendo isso assim, o preto no branco, o meu impulso é rasgar esse papel em pedaços e queimá-lo, mas não o farei. Você tem que saber.*

*Logo após o fim da guerra, sua mãe e eu viemos para a Escócia. Algo como uma segunda lua de mel. Ela saiu uma tarde para colher flores e nunca mais voltou. Procurei-a — todos procuramos — por meses, mas não havia nenhum sinal, e, eventualmente, a polícia parou bem, na verdade,*

*eles não pararam de suspeitar que eu a assassinei, malditos, mas eles se cansaram de me assediar. Eu comecei a colocar minha vida em ordem, concentrei-me em seguir em frente, talvez deixar a Grã-Bretanha e, em seguida, Claire voltou. Três anos após seu desaparecimento, ela apareceu nas Highlands, imunda, faminta, surrada e grávida.*

*Grávida, ela disse por um Highlander jacobita de 1743, chamado James Fraser. Eu não vou entrar em tudo o que foi dito entre nós; foi um longo tempo e não importa a economia para o fato de que se sua mãe estava dizendo a verdade, e, de fato, viajar de volta no tempo, então você pode ter a capacidade de fazê-lo, também. Espero que não. Mas se você tiver Senhor, eu não posso acreditar que eu estou escrevendo isso com toda a seriedade. Mas eu olho para você, querida, com o sol em seu cabelo ruivo, e eu o vejo. Eu não posso negar.*

*Bem. Levou um longo tempo. Um tempo muito longo. Mas sua mãe nunca mudou a sua história, e embora não falássemos sobre isso depois de um tempo, tornou-se óbvio que ela não estava perturbada mentalmente (que eu bastante naturalmente assumi como sendo o caso, inicialmente). E eu comecei... procurá-lo.*

*Agora devo divagar por um momento; perdoe-me. Eu acho que você não vai ter ouvido falar do Profeta Brahan. Pitoresco como era, de fato, ele existiu, ele não é realmente conhecido muito além desses círculos com um gosto para os aspectos mais bizarros da história escocesa. Reggie, porém, é um homem de imensa curiosidade, bem como imenso aprendizado, e ficou fascinado com o Profeta e um Kenneth Mackenzie, que viveu no século XVII (talvez), e que fez um grande número de profecias sobre isto e aquilo, às vezes sob o comando do conde de Seaforth.*

*Naturalmente, as únicas profecias mencionadas em conexão com este homem são as únicas que apareceram para se tornar realidade: ele previu, por exemplo, que, quando havia cinco pontes sobre o Rio Ness, o mundo cairia no caos. Em agosto de 1939 a quinta ponte sobre Ness foi aberta e, em setembro, Hitler invadiu a Polônia. Caos o bastante para qualquer um.*

*O Vidente chegou a um final pegajoso, como os profetas muitas vezes o fazem (não lembre que, querida, não é?). Queimado até a morte em um barril de alcatrão cravado por instigação de Lady Seaforth a quem imprudentemente profetizou que o marido estava tendo casos com várias mulheres ao mesmo tempo longe, em Paris. (Esse era provavelmente verdade, em minha opinião).*

*Entre suas profecias menos conhecidas, porém, estava uma chamada Profecia Fraser. Não há um grande conhecimento sobre isso, e o que existe é incoerente e vago, como as profecias geralmente são o Antigo Testamento, não obstante. A única parte relevante, penso eu, é esta: —O último da linha de Lovat vai governar a Escócia.*

*Pare se quiser agora, querida, e olhe para o papel. Estou anexando a esta carta.*

Tateando e desajeitada com o choque, ela deixou cair às folhas completamente e tive que recuperá-los do chão. Era fácil dizer qual o papel que ele queria dizer; o papel era mais frágil, uma fotocópia de um manuscrito, uma espécie de árvore de família e a escrita não era de seu pai.

*Sim. Bem. Este pedaço de informação preocupante entrou em minhas mãos por Reggie, que teve da esposa de um colega chamado Stuart Lachlan. Lachlan tinha morrido de repente, e como sua viúva estava limpando sua escrivaninha, ela descobriu isso e decidiu passá-lo para Reggie, sabendo que ele e Lachlan partilharam um interesse na história e na família Lovat, que era do local para Inverness; a sede do clã é em Beaulieu. Reggie, naturalmente, reconhecia os nomes.*

*Você provavelmente não sabe nada sobre a aristocracia escocesa, mas eu sabia que Simon Lovat, Lord Lovat, isto é, durante a guerra, ele foi um do Comando, depois das Forças Especiais. Nós não fomos amigos íntimos, mas nos conhecemos casualmente, por conta dos negócios, pode-se dizer.*

—De que negócio?— Ela disse em voz alta, desconfiado. —O seu, ou o dele?— Ela podia ver o rosto de seu pai, com o sorriso escondido no canto da boca, mantendo algo de volta, mas deixá-lo saber que estava lá.

*Os Fraser de Lovat tem uma linha bastante simples de descendência, até que chegemos a Velho Simon bem, eles são todos chamados Simon, mas esse é chamado de Velha Raposa, que foi executado por traição depois da rebelião jacobita em 45, eles falavam. (Há um pouco sobre ele no meu livro sobre os jacobitas, não sei se você alguma vez vai ler isso, mas ele está lá, você deve se sentir curiosa).*

—Eu deveria me sentir curiosa— ela murmurou. —Ha— Brianna sentiu um definitivo, se silenciado uma nota de culpa lá e apertou os lábios, por

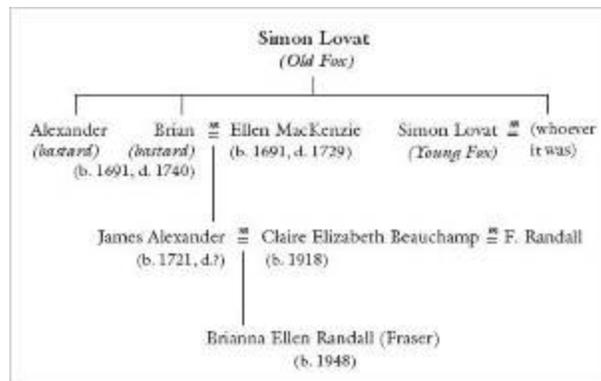
mais aborrecido consigo mesma por não ter lido os livros de seu pai ainda não a ele mencionar.

*Simon foi um dos Frasers mais pitoresco, de maneiras variadas. Teve três esposas, mas não era famoso por fidelidade. Teve alguns filhos legítimos, e Deus sabe quantos ilegítimos (embora dois filhos ilegítimos fossem reconhecidos), mas seu herdeiro era o jovem Simon, conhecido como a Jovem Raposa. Jovem Simon sobreviveu à guerra, embora desacreditado e despojado de sua propriedade. Ele acabou por recebê-la de volta através dos tribunais, mas a luta levou mais de uma vida longa, e enquanto ele se casou, o fez em uma idade muito avançada e não teve filhos. Seu irmão mais novo, Archibald, herdou, mas depois morreu sem filhos, bem.*

*Então Archibald era o último da linha de Lovat, há uma linha de descendência direta entre ele e o Fraser de Lovat, que teria sido concomitante como o Vidente Brahan, mas claramente ele não era o governante escocês previsto.*

*Você vê no gráfico, no entanto. Quem fez isso listou os dois filhos ilegítimos, bem como o Jovem Simon e seu irmão. Alexander e Brian nasceram de mães diferentes. Alexander entrou no sacerdócio e se tornou o abade de um mosteiro na França. Sem filhos conhecidos. Mas Brian...*

Ela provou bile e achou que poderia vomitar. Mas Brian... Ela fechou os olhos por reflexo, mas isso não importava. O gráfico estava gravado no interior das pálpebras.



Ela se levantou, empurrando a cadeira com um ranger, e deu uma guinada para o corredor, seu coração trovejando em seus ouvidos. Engolindo repetidamente, ela foi para o lobby e pegou a arma do seu lugar por trás do cabide. Ela se sentiu um pouco melhor com ela na mão.

—Isso não está certo. — Ela não percebeu que ela falou em voz alta; sua própria voz a assustou. —Isso não está certo— ela repetiu, em voz baixa, feroz. —Eles deixaram as pessoas. E quanto à tia Jenny? Ela teve seis filhos! E eles?

Ela estava pisando no corredor, arma na mão, balançando o barril de lado a lado como se esperasse por Rob Cameron ou por *alguém*, e o pensamento a fez estremecer a saltar para fora da sala ou a cozinha ou vir escorregando pelo corrimão. Esse pensamento fez olhar para cima na escada e deixou todas as luzes acesas quando ela desceu do aconchegar as crianças, mas o pouso estava vazio e sem barulho de cima.

Um pouco mais calma, vasculhou no piso térreo com cuidado, testando cada porta e janela. E buraco do padre, cuja escuridão vazia apresentava-se ironicamente boquiaberta para ela.

Jem e Mandy estavam bem. Sabia que estavam. Mas ela ainda subiu com os pés leves, e permaneceu em pé em suas camas por um longo tempo, observando o brilho pálido da luz do abajur da Branca de Neve em seus rostos.

O relógio no salão abaixo bateu a hora, e depois de um único *bong!* Ela respirou fundo e desceu para terminar de ler a carta de seu pai.

*A atual linha de Fraser de Lovat é descendente de um ramo colateral; presumivelmente, a Profecia Fraser não está se referindo a um deles, embora haja uma abundância de herdeiros nessa linha.*

*Não sei quem desenhou este gráfico, mas pretendo descobrir. Esta carta é no caso de eu não fazer. No caso de certo número de coisas.*

*Uma dessas coisas é que a possibilidade de que a história de sua mãe seja verdadeira, eu ainda tenho dificuldade em acreditar que, quando eu acordo de manhã ao lado dela e tudo é normal. Mas tarde da noite, quando estou sozinho com os documentos... Bem, por que não admitir? Encontrei o registro de seu casamento. James Alexander Malcolm MacKenzie Fraser e Elizabeth Claire Beauchamp. Não tenho certeza se sou grato ou fico indignado que ela não se casou com ele usando meu nome.*

*Perdoe-me, eu estou divagando. É difícil manter a emoção fora, mas vou tentar. A essência do que estou dizendo é o seguinte: se você pode realmente voltar no tempo (e possivelmente retornar) você é uma pessoa de grande interesse para um número de pessoas, por razões variadas. Se alguém no reino mais sombrio do governo estiver a meio caminho convencido de que você é o que você pode ser, você poderia ser procurada.*

*Possivelmente se aproximar. (Nos séculos anteriores, o governo britânico pressionou homens em serviço. Eles ainda fazem, menos obviamente).*

*Isso é uma contingência muito remota, mas é real; Devo mencionar.*

*Há organizações particulares que também teriam um profundo interesse em você, por essa razão, e, evidentemente, há alguém que viu você e está vigiando. O gráfico que mostra sua linha de descendência, com datas, indica muito. Ele também sugere que o interesse da pessoas ou pessoas pode ser uma preocupação com a Profecia Fraser. O que poderia ser mais interessante para esse tipo de pessoa do que a perspectiva de alguém que é O último da linha de Lovat e também é um viajante do tempo? Esses tipos de pessoas que eu conheço bem invariavelmente acreditam em poderes místicos de todos os tipos, nada iria atraí-los mais poder do que a convicção de que você mantenha tal poder.*

*Tais pessoas são geralmente inofensivas. Mas eles podem ser muito perigosos.*

*Se eu encontrar quem desenhou este quadro, vou questioná-lo e fazer o meu melhor para neutralizar qualquer possível ameaça para você. Mas como eu digo, conheço a aparência de uma conspiração. Coisas deste tipo prosperam em companhias. Eu poderia perder uma.*

*—Neutralizá-los— ela murmurou o frio nas mãos espalhando através de seus braços e peito, cristalizando em torno de seu coração. Ela não tinha a menor dúvida do que ele queria dizer com aquilo, o assunto abrandado com a naturalidade do termo, não obstante. E se ele os tivesse encontrado?*

*Não — eu repito, não — vá a qualquer lugar perto do Serviço ou a qualquer pessoa ligada a ele. Na melhor das hipóteses, eles pensariam que você é insana. Mas se você é realmente o que você pode ser, as últimas pessoas que deveriam já sabem que são os insetos engraçados, como costumávamos ser conhecidos durante a guerra.*

*E se o pior vier e você pode fazê-lo, em seguida, o passado pode ser a melhor rota de fuga. Não tenho nenhuma ideia de como isso funciona; tampouco sua mãe, ou pelo menos ela diz isso. Espero que eu possa ter dado algumas ferramentas para ajuda-la, se isso for necessário.*

*E... há ele. Sua mãe disse que Fraser a mandou de volta para mim, sabendo que eu a protegeria, e você. Ela pensava que ele morreu imediatamente depois. Ele não o fez. Eu o procurei, e eu o encontrei. E, como ele, talvez eu a mande de volta, sabendo, como ele sabia de mim, que ele a protegera com a sua vida.*

*Eu vou te amar para sempre, Brianna. E eu sei de quem você realmente é filha.*

*Com todo o meu amor, Pai*

### **Capítulo 43 - Aparição**

Distrito de Lochaber, de acordo com o Conselho da Hidroelétrica do Norte da Escócia (tal como interpretado por Brianna), é uma *alta paisagem glacial*.

—Isso significa que ele sobe e desce muito— explicou a Roger a Buck, quando eles abriram caminho através do que ele pensava que era parte da Floresta Locheil, olhando para a beira do Loch Lochy.

—Vocês não dizem?— Buck olhou friamente sobre seu ombro para a corcunda distante de Ben Nevis, então de volta para Roger. —Eu não notei.

—Anime-se, é tudo ladeira abaixo para um pouco agora. E as moscas estão todas mortas e no frio. Conte suas bênçãos. —Roger sentia-se inexplicavelmente alegre esta manhã, talvez apenas porque a caminhada *era* ladeira abaixo, depois de uma semana extenuante de vagar pelas terras do clã Cameron, uma rede desconcertante de depressões, lagos e montanhas, essas cimeiras enganosas com seus topos arredondados e suas encostas impronunciáveis. Graças a Deus ninguém vivia em cima deles.

Talvez também porque, enquanto eles não encontraram Jem ou qualquer vestígio dele, era um progresso, de alguma espécie. Os Camerons em geral eram hospitaleiros, após a surpresa inicial, e eles tiveram a sorte de encontrar um empregado de Lochiel, o chefe do clã, que enviou um homem ao Castelo de Tor por eles. A palavra voltou um dia depois: nenhuma palavra de um estranho parecido com a descrição de Rob Cameron, — embora, na verdade, Rob se parecesse com a metade das pessoas que Roger encontrou nos últimos poucos dias — ou Jem, sendo ele muito mais notável.

Eles trabalharam seu caminho de volta ao longo das margens do Loch Arkaig a maneira mais rápida para alguém viajar do Great Glen, se dirigindo para o oceano. Mas nenhuma palavra de um barco roubado ou contratado e Roger começou a sentir que Cameron não tinha, afinal, buscado refúgio ou ajuda entre seu clã, um antigo relevo, sobre o todo.

—Bênção não é?— Buck esfregou a mão no rosto. Nenhum deles fez a barba em uma semana, e eles estavam com olhos vermelhos e sujos como Roger se sentia. Ele coçou o queixo pensativamente. —Sim, bem. Uma raposa cagou perto de mim na noite passada, mas eu não pisei nela esta manhã. Suponho que vou fazer, para começar.

O dia e a noite seguinte umedecia o clima de otimismo de Roger um pouco: choveu sem parar, e eles passaram a noite sob montes de samambaia meio-seca à beira de um tempo escuro, emergente na madrugada gelada e abafada, aos gritos de maçaricos e killdeer[20].

Ele hesitou momentaneamente enquanto cavalgavam passado o lugar onde eles podiam voltar para Cranesmuir; ele queria muito falar novamente com o Dr. McEwan. Sua mão encontrou sua garganta, o polegar acariciando a cicatriz. —*Talvez*— o curandeiro disse. —*Assim, talvez.* —, *mas* McEwan não poderia ajudá-los na procura de Jem; que a visita teria que esperar.

Ainda assim, ele sentiu seu coração elevar-se quando vieram sobre a passagem e viram Lallybroch abaixo. Foi agridoce, voltando para casa para uma casa que não era a sua e nunca poderia ser novamente. Mas prometia refúgio e socorro, mesmo que apenas temporariamente e que prometia esperança, pelo menos nestes últimos minutos antes de chegar à porta.

—Och, é você!— Foi Jenny Fraser que abriu a porta, seu olhar de desconfiança mudando-se para um bem-vindo prazeroso. Roger e Buck ouviram atrás dele fazendo um pequeno zumbido de aprovação em sua visão, e, apesar de sua determinação de não esperar muito, Roger sentiu seus próprios espíritos subir.

—E este será o seu parente?— Ela fez uma reverência para Buck. — Bem-vindo, Senhor. Venha; Vou chamar Taggie pelos cavalos. —Ela virou-se em um lampejo de avental branco e anáguas, chamando-os a seguir. — Papai quer falar com você— ela falou por cima do ombro enquanto se dirigia para a cozinha. —Ele tem algo para você!

—Sr. MacKenzie e... este seria também Sr. MacKenzie, sim? —Brian Fraser saiu do estudo, sorrindo, e ofereceu Buck sua mão. Roger podia vê-lo olhando Buck com muita atenção, um leve franzido entre as sobrancelhas escuras. Não desaprovação e perplexidade, como se soubesse de algum lugar e Buck estava tentando pensar onde.

Roger sabia exatamente onde e sentiu novamente que aljava peculiar que sentia em atender Dougal MacKenzie. A semelhança entre pai e filho não era de forma impressionante instantaneamente sua coloração era muito

diferente, e Roger pensou a maioria dos recursos de Buck vinham de sua mãe, mas não havia uma semelhança fugitiva, no entanto, algo em sua maneira. Homens convencidos de seu charme e não menos encantador para conhecê-lo.

Buck estava sorrindo, fazendo cortesias comuns, elogiando a casa e sua propriedade... A perplexidade desapareceu dos olhos de Brian, e ele convidou-os a sentar-se, chamando pelo corredor até a cozinha por alguém para trazê-los algo para comer e um trago.

—Bem, então— disse Brian, puxando a cadeira atrás de sua mesa, a fim de sentar-se com eles. —Como você disse tem o rapaz com você, eu vejo que ele ainda não encontrou. Ouviu qualquer notícia dele, embora? —Ele olhou para Buck e Roger, preocupado, mas esperançoso.

—Não— disse Roger, e limpou a garganta. —Nem uma palavra. Mas, sua filha disse que você... já deve ter ouvido alguma coisa?

O rosto de Fraser mudou de uma vez, iluminando um pouco.

—Bem, é muito mais que isso *ouvir* nada, mas... —Ele se levantou e foi para remexer na mesa, ainda falando.

—Um capitão da guarnição veio aqui, há três dias, com um pequeno grupo de soldados. O novo homem no comando que era o seu nome, Jenny? —Para Jenny veio com uma bandeja, esta segurando um bule de chá, copos, uma pequena garrafa de uísque, e um prato de bolo. O cheiro fez o estômago de Roger roncar.

—Quem? Oh, o novo capitão de casaca vermelha? Randall, disse. Jonathan Randall. —Sua cor subiu um pouco, e seu pai sorriu ao vê-lo. Roger sentiu o congelamento sorriso em seu rosto.

—Sim, ele olhou você, moça. Não me surpreenderia se ele voltasse um dia desse.

—Muito pouco bom que vai fazer se ele faz— Jenny estalou. —Não perdeu aquela coisa, *um Athair*?

—Não, não, eu tenho certeza que eu coloquei... —A voz de Brian sumiu quando ele procurava na gaveta. —Oh. Erm, sim. —Ele tossiu, mão na gaveta, e, por meio de seu choque, Roger percebeu qual era o problema. A mesa tinha um compartimento secreto. Evidentemente Brian colocou a *coisa*, qual fosse, no esconderijo e agora estava querendo saber como tirá-lo de novo, sem revelar o segredo aos seus visitantes.

Roger se levantou.

—Pode você me perdoar, senhora— ele perguntou, inclinando-se para Jenny. —Eu esqueci uma coisa no meu alforje. Venha comigo, sim? —Acrescentou a Buck. —talvez esteja em suas coisas.

Jenny olhou surpresa, mas balançou a cabeça, e Roger saiu, Buck fazendo pequenos grunhidos de aborrecimento em seus calcanhares.

—Qual o problema com você?— Disse Buck, no momento em que estavam fora da porta. —Você ficou branco como uma folha de lá, e você ainda parece um peixe que está morto há uma semana.

—Eu me sinto como um— disse Roger laconicamente. —Eu sei quem é capitão Randall, ou melhor, eu conheço um monte de coisas sobre ele. Sendo ele a última pessoa que eu gostaria de ter qualquer conhecimento de Jem.

—Oh— Rosto de Buck ficou em branco, então olhou. —Sim, bem. Vamos ver o que é que ele trouxe, e depois vamos embora procurá-lo, se nós pensamos que ele pode ter o rapaz.

*O que é que ele trouxe.* Roger lutou todas as coisas horríveis que ouvido da frase evocavam Jem, um dedo, uma mecha de seu cabelo, porque se tivesse sido algo assim, certamente os Fraser não estariam calmos sobre isso. Mas se Randall trouxe algum sinal horrível em uma caixa?

—Por que, então?— Buck estava franzindo a testa, claramente tentando ler a expressão de Roger, que, a julgar pelo próprio Buck, devia estar terrível. —Por que esse homem quer dizer que você o rapaz está doente? Ele nunca conheceu, não é?

—Isso— disse Roger, sufocando seus sentimentos — é uma excelente pergunta. Mas o homem é um que você sabe o que é um sádico?

—Não, mas é claramente algo que você não quer perto de seu filho. Aqui, senhor! Estaremos levando aqueles em, obrigado gentilmente. —Eles vêm direito em volta da casa até agora, e McTaggart o homem contratado estava descendo o caminho do estábulo, os seus alforjes em ambas as mãos.

McTaggart olhou surpreso, mas renderam os pesados sacos de bom grado e voltou para o seu trabalho.

—Eu sei que você só queria nos tirar de lá assim dar o seu homem um pouco de privacidade para trabalhar a gaveta secreta, — Buck comentou. — E ele sabia isso. Será que precisamos para tomar algo, embora?

—Como você sabe sobre... — Buck sorriu para ele, e Roger descartou a pergunta com um gesto irritado. —Sim. Nós vamos dar a Senhorita Fraser o queijo que eu comprei ontem.

—Ah, a senhorita Jenny. — Buck fez o zumbido novamente. —Eu não culpo o capitão Randall. Essa pele! E esses homens, chegar a esse ponto...

—Cale-se neste minuto!

Buck fez, chocou fora de sua jocosidade.

—O quê?— Disse, em um tom bem diferente. —O que é isso?

Roger afrouxou o punho, com esforço.

—É uma longa história sangrenta; Eu não tenho tempo para contá-la agora. Mas é algo que eu sei do outro lado. Do meu tempo. Em um ano mais ou menos, Randall voltará aqui. E ele vai fazer alguma coisa terrível. E, Deus me ajude, eu não acho que eu possa pará-lo.

—Alguma coisa terrível— Buck repetiu lentamente. Seus olhos estavam perfurando os próprios, escuro de Roger como serpentina. —Para a moça? E porque você não pode *parar* isso? Por que, o homem, como pode você...

—Cale a boca— Roger repetiu obstinadamente. —Falaremos sobre isso mais tarde, sim?

Buck inchou suas bochechas, ainda olhando para Roger, então soltou a respiração com um som de desgosto e balançou a cabeça, mas ele pegou seu alforje e seguiu sem mais argumentos.

O queijo uma coisa do tamanho da mão estendida de Roger, envolto em folhas soltas foi recebido com prazer e levado para a cozinha, deixando Roger e Buck sozinho mais uma vez com Brian Fraser. Fraser recuperou sua compostura e, pegando uma pequena parcela envolta em tecido de sua mesa, colocou suavemente na mão de Roger.

*Leve demais para ser um dedo...*

—Capitão Randall disse que o capitão Buncombe mandou com todas as patrulhas, e um delas depararam com este bawbee[21] pequenino e enviaram de volta para Fort William. Nenhum deles jamais viu uma coisa dessas antes, mas por causa do nome, eles estavam pensando que podia ter a ver com seu menino.

—O nome?— Roger desamarrou o cordão e o pano caiu. Por um instante, ele não sabia o que diabos ele estava vendo. Pegou-o; era leve como uma pluma, pendendo de seus dedos.

Duas placas, feitos de papelão prensado ou algo parecido, enfiados em um pouco de luz de um tecido fino. Um redondo, de cor vermelha, o outro era verde e octogonal.

—Oh, Jesus— disse. —Oh, Cristo Jesus.

*J. W. Mackenzie* estava impresso em ambas as placas, juntamente com um número e duas cartas. Ele virou o disco vermelho suavemente sobre a ponta do dedo tremendo e ler o que ele já sabia que estava estampado lá.

*RAF*

Ele estava segurando as placas de identificação de um avião da Royal Air Force. Segunda Guerra Mundial.

#### ***Capítulo 44- Amphisbaena***

—Você não pode ter certeza dessas coisas se era nome do seu pai. — Buck acenou para as placas, seu cordão ainda envolto na mão de Roger, os minúsculas placas dobrados apertado na palma da mão. —Quantos Mackenzie existem, pelo amor de Deus?

—Muitos. — Roger sentou-se em uma grande rocha coberta de líquens. Eles estavam no topo da colina que se erguia atrás Lallybroch; o próprio Broch ficava na encosta logo abaixo deles, o seu telhado cônico uma ampla espiral preto de ardósias. —Mas não tantos por Deus que voaram para a Royal Air Force durante na Segunda Guerra Mundial. E menos ainda que desaparecessem sem deixar vestígios. Quanto àqueles que podem ser viajantes do tempo...

Roger não conseguia lembrar o que ele disse quando viu as placas ou o que Brian Fraser disse a ele. Quando ele começou a perceber as coisas de novo, ele estava sentado na cadeira grande lastreada em roda de Brian com uma caneca de chá quente segura entre as mãos e toda a família lotando a

porta, olhando-o com olhares que variam de compaixão para com curiosidade. Buck estava agachado em frente a ele, franzindo a testa em que poderia ter sido preocupação ou simplesmente curiosidade.

—Desculpe— disse Roger, limpando a garganta e colocando o chá sobre a mesa. Suas mãos pulsavam a partir do calor do copo. —Em vez de um choque. Obrigado.

—É algo sobre seu rapazinho, então?— Jenny Fraser perguntou, olhos fundos azul escuro com preocupação.

—Eu acho que sim. — Ele tem sua inteligência para trás agora e subiu com dificuldade, balançando a cabeça para Brian. —Obrigado, Senhor. Eu não posso agradecer o suficiente por tudo que vocês tem feito por mim. Eu... preciso pensar um pouco o que fazer agora. Se você me desculpe, senhora Fraser?

Jenny assentiu, sem tirar os olhos do seu rosto, mas espantando as empregadas domésticas e cozinheira longe da porta para que ele pudesse passar. Buck o seguiu, murmurando coisas reconfortantes para a multidão, e vinha junto com ele, sem falar, até que chegaram à solidão do topo da colina escarpada. Quando Roger explicou exatamente o que as placas eram e a quem pertencia.

—Por que duas?— Perguntou Buck, estendendo um dedo hesitante para tocar as placas. —E por que são cores diferentes?

—Dois em um caso de ser destruída pelo o que você matou— disse Roger, respirando fundo. —As cores elas são feitas de papelão prensado tratados com diferentes produtos químicos de substâncias, quero dizer. Uma resiste à água e outro ao fogo, mas eu não poderia dizer qual é qual.

Falando de técnicos fez apenas mal pode falar. Buck, com delicadeza desacostumada, estava esperando por Roger para abrir o indizível.

*Como é que as marcas se transformam aqui? E, quando e em que circunstâncias, se tivessem soltado J (eremiah) W (alter) Mackenzie, Católico Romano, número de série 448397651, RAF?*

—Claire minha sogra, eu já falei sobre ela, não disse?

—Um pouco, sim. Uma viajante, não era?

Roger riu. —Sim, como eu sou. Como você é. Fácil de ser um viajante, se o que você vê já fez.

*O que já aconteceu...*

—Oh, Deus— disse em voz alta, e se enrolou mais, pressionando o punho que segurava as placas duras contra sua testa.

—Tudo bem, não?— Buck perguntou depois de um momento. Roger endireitou-se com um profundo suspiro.

—Conhece a expressão *danado se fizer, condenado se não fizer*?

—Não, embora eu não ache que um ministro a usaria. — A boca de Buck se contorceu em um meio sorriso. —Não se dedicada à noção de que há sempre uma maneira certa para a *condenação*?

—Um ministro. Sim — Roger respirou fundo novamente. Havia uma grande quantidade de oxigênio em um morro escocês, mas de alguma forma não parecia o bastante apenas neste minuto. —Não tenho certeza de que a religião tenha sido construída com viajantes do tempo em mente.

As sobrancelhas de Buck subiram para isso.

—Construído— ele repetiu, surpreso. —Quem constrói a Deus?

Isso realmente fez Roger rir, que o fez sentir um pouco melhor, mesmo que apenas momentaneamente.

—Todos nós fazemos— disse secamente. —Se Deus torna o homem à Sua imagem, todos nós retribuir o favor.

—Mmphm. — Buck pensou que um longo, então balançou a cabeça lentamente. —Não seria justo dizer que você está errado sobre isso. Mas Deus lá, No entanto, se nós sabemos bastante o que Ele é ou não. Não é Ele?

—Sim— Roger limpou os dedos debaixo de seu nariz, que começou a correr com o vento frio. —Já ouviu falar de Santa Teresa de Ávila?

—Não. — Buck deu uma olhada. —Nem eu ouvi falar de um pastor protestante que tem que fazer santos.

—Eu pego conselho onde eu possa ter. Mas Santa Teresa falou uma vez a Deus: —*Se é assim que você trata seus amigos, não é de admirar que você tenha tão poucos deles.* Deus tem seus próprios caminhos.

Buck sorriu; que era um dos seus raros sorrisos incautos, e animou Roger suficiente para tentar se entender com a situação.

—Bem, Claire minha sogra contou a Brianna e a mim um bom bocado. Sobre as coisas que aconteceram quando ela passou as pedras, em 1743, e sobre as coisas que aconteceram antes disso. Coisas sobre Capitão Randall —E em frases tão breves e sem emoção como ele poderia fazê-los, ele contou a história: o ataque de Randall em Lallybroch enquanto Brian Fraser estava longe, seu ataque a Jenny Murray, e como Jamie Fraser recém voltou de Paris e perguntando o que fazer com sua vida, lutou para sua casa e

honra de sua irmã, foi preso e levado para Fort William, onde ele foi açoitado quase até a morte.

—Duas vezes— disse Roger, fazendo uma pausa para respirar. Ele engoliu em seco. —A segunda vez... Brian estava lá. Ele pensou Jamie *estivesse* morto, e ele teve um acidente vascular cerebral uma apoplexia no local. Ele... morreu. —Ele engoliu em seco novamente. —Será que morre.

—Jesus, Maria, e Santa Brígida. — Buck se benzeu. Seu rosto ficou pálido. —O homem na casa? Ele estará morto em um ano ou dois?

—Sim— Roger olhou para Lallybroch, pálida e pacífica, como ovelhas que navegavam em seus pastos. —E... há mais. O que aconteceu depois, pouco antes de nascer.

Buck levantou a mão.

—Eu diria que é mais que suficiente. Eu digo que devemos ir até Fort William e levar o Demônio aos ímpios agora. Ação preventiva pode dizer. Isso é um termo legal — explicou, com um ar de condescendência gentilmente.

—Uma noção atraente— disse Roger secamente. —Mas se nós fizemos o quê *faria* acontecer daqui a quatro anos?

Buck franziu a testa, sem compreender.

—Quando Claire veio através das pedras, em 1743, ela se reunirá com Jamie Fraser, um bandido com um preço em sua cabeça, voltando para casa a partir de França. Mas se o que aconteceu com o capitão Randall *não* acontecer, Jamie não vai estar lá. E se ele não estiver... ?

—Oh— A carranca cresceu mais profundo, compreensão amanhecendo. —Oh, sim. Eu vejo. Nada Jamie, nada de Brianna...

—Nada de Jem ou Mandy, — Roger terminou. —Exatamente.

—Oh, Deus— Buck abaixou a cabeça e massageava a carne entre as sobrancelhas com dois dedos. —Danado se fazer, condenado se não o fizer, é isso o que diz? O suficiente para fazer girar a cabeça, como um todo.

—Sim, é. Mas eu tenho que fazer alguma coisa, no entanto. —Ele esfregou suavemente o polegar sobre as superfícies das placas. —Eu estou indo para Fort William para falar com o capitão Randall. Eu tenho que saber de onde estes vieram.

Buck olhou o rabisco das marcas com os olhos, os lábios apertados, depois passou a olhar para Roger.

—Você acha que o rapaz está com seu pai, de alguma forma?

—Não. — Esse pensamento particular não ocorreu a Roger, e sacudiu-o por um momento. Ele deu de ombros, no entanto.

—Não— ele repetiu com mais firmeza. —Estou começando a pensar que talvez... talvez Jem não esteja aqui. —A declaração pendurou lá no ar, girando lentamente. Ele olhou para Buck, que parecia estar encarando ele.

Perguntou: —Por que não?— Seu parente abruptamente perguntou.

— A, porque nós encontramos nenhum indício dele. E B, porque agora há isso. —Ele ergueu as placas, as placas de papelão levantando na brisa.

—Você soa como sua esposa— disse Buck, meio divertido. —Ela faz isso, sim? Classificar coisas em, A, B, C, e tudo mais.

—É assim que a mente de Brianna funciona— disse Roger, sentindo uma breve onda de afeição por ela. —Ela é muito lógica.

*E se eu estiver certo, e Jem não está aqui, onde está ele? Será que ele foi para outro momento ou ele não viajou? Como se a palavra lógica provocasse, toda uma gama de possibilidades terríveis abriu-se diante dele.*

—O que eu estou pensando, nós dois nos concentramos no nome de *Jeremiah* quando chegamos, sim?

—Sim, nós fizemos.

—Bem... —Ele girou o cabo entre os dedos, fazendo com que as placas girem lentamente. —E se nós procuramos o *Jeremiah* errado? Esse era o nome do meu pai também. E se Rob Cameron *não passou* as pedras com Jem...

—Por que ele não faria?— Buck interrompeu bruscamente. Ele transferiu o olhar furioso para Roger. —A caminhonete dele estava lá em *Craigh na Dun*. Ele não estava.

—Claramente ele nos queria *pensando* que ele iria passar. Quanto ao por que disso... —Ele engasgou com o pensamento. Antes que ele pudesse limpar a garganta, Buck terminou para ele.

—Para nos ver longe, então ele teria sua patroa para si mesmo. — Seu rosto escurecido com raiva, parte dela destinado a Roger. —Eu disse a ela que o homem tinha um olho quente para ela.

—Talvez ele fizesse — disse em breve. —Mas acho que, sim? Além tudo o que ele pode ter em mente em relação à Brianna... —As meras palavras conjuraram imagens que fizeram o sangue disparar em sua cabeça. —Tudo o que ele tinha em mente, — ele repetiu, tão calmamente quanto podia, —ele provavelmente também queria ver se era verdade. Sobre as

pedras. Sobre se nós ou alguém, realmente poderia passar. Vendo para acreditar, afinal de contas.

Buck soprou as bochechas, considerando.

—Você acha que ele estava lá, talvez? Observando para ver se nós desaparecemos?

Roger deu de ombros, momentaneamente incapaz de falar para os pensamentos de coagulação seu cérebro.

Os punhos de Buck estavam cerrados sobre os joelhos. Ele olhou para a casa e, em seguida atrás dele nas montanhas subindo, e Roger sabia exatamente o que ele estava pensando. Ele limpou a garganta com um grunhido.

—Nós estivemos fora por duas semanas— disse Roger. —Se ele quis fazer mal a Brianna... ele vai tentar. — *Jesus. Se ele não.* —Ela não vai deixá-lo fazer mal a ela ou as crianças— continuou ele, como cada vez que podia. —Se ele tentasse alguma coisa, ele vai estar na prisão ou enterrado sob um buraco. — Ele ergueu o queixo em direção à torre abaixo, e Buck bufou em diversão relutante.

—Então, então. Sim, eu quero correr direto para Craigh na Dun, também. Mas acho, homem. Nós sabemos que Cameron *foi* para as pedras depois que ele pegou Jem. Não faria Jem tocá-las, para ver? E se ele fizesse... o que se Cameron não pode viajar, mas se Jem se afastasse dele?

—Mmphm. — Buck pensou por um longo tempo e deu um aceno relutante. —Então você talvez esteja pensando que, se o rapaz escapou de Cameron e bateu através acidentalmente, ele talvez não fosse tentar vir para trás?

—Ele talvez não pudesse. — Roger estava com a boca seca e engoliu em seco para gerar saliva suficiente para falar. —Ele não tinha uma pedra preciosa. E mesmo com uma... —Ele acenou para Buck. —sabe o que aconteceu com você, mesmo com uma. *Isso piorar cada vez. Jemmy poderia estar com muito medo de tentar. — E ele poderia ter tentado, e não fez, e agora ele está perdido para sempre... NÃO!*

Buck assentiu.

—Então. Você acha que ele *ESTÁ*, talvez, com a sua mãe, afinal de contas? —Ele parecia duvidoso ao extremo.

Roger não podia suportar sentar por mais tempo. Ele se levantou abruptamente, empurrando as placas no bolso de seu casaco.

—Eu não sei. Mas esta é a única parte sólida de evidência que temos. Eu tenho que ir e ver.

### *Capítulo 45- A Cura das Almas*

—Você está fora da sua pequena mente rosa, você sabe, sim?— Roger olhou para Buck com espanto.

—Dê onde diabos você tirou essa expressão?

—Dê sua esposa —respondeu Buck. — Que é uma moça extremamente alegre e um bem-falante, além disso. E se pretende voltar para cama dela em um dia desses, você vai pensar melhor sobre o que você pretende fazer.

—Eu pensei, —Roger disse brevemente. —E eu estou fazendo isso. —A entrada para o forte parecia muito como quando ele veio aqui uma semana antes, mas agora com apenas algumas pessoas andando, xales sobre suas cabeças e chapéus puxados para baixo contra a chuva. O forte em si parecia ter um aspecto sinistro, as pedras cinzentas sombrias e listradas de preto como mãos molhadas.

Buck refreou-se, fazendo uma careta quando o cavalo sacudiu a cabeça, espalhando-o com gotas de sua juba de imersão.

—Sim, tudo bem. Não estou indo lá. Se tivermos que matá-lo, é melhor que ele não saiba de mim, para que eu possa chegar por trás dele. Vou esperar na taverna lá. —Ele ergueu o queixo, indicando um estabelecimento chamado Peartree, algumas centenas de metros abaixo da estrada do forte, em seguida, chutou o cavalo em movimento. Dez pés, ele virou-se e chamou por cima do ombro, —Uma hora! Se você não aparecer até então, eu estou indo depois de você!

Roger sorriu, apesar do peso em sua barriga. A dona da casa insistiu em alimentá-los com café da manhã, apesar de ter acordado muito antes do amanhecer para começar a sua jornada com uma guarnição de pães e morcela não se movendo um centímetro desde então. Ele acenou brevemente para Buck e virou de seu cavalo.

*Abençoa-me, Senhor, Ele orou. Ajuda-me a fazer a coisa certa, para todos. Incluindo Buck. E ele.*

Ele realmente não parou de orar em qualquer momento desde Jem desapareceu, embora a maior parte fosse apenas o frenético, reflexivo

*Prezado Senhor, deixe tudo bem* de todo mundo em crise. Com o tempo, nem a crise ou o peticionário se desgasta, e oração ou deixa ou... o orante começa a escutar.

Ele sabia disso. E ele estava ouvindo. Mas ele ainda foi pego de surpresa para ter uma resposta.

Ele tinha bastante experiência no negócio de oração para reconhecer uma resposta quando ele mostrava, no entanto, no entanto indesejável. E o lembrete das pontas, chegando como um pensamento aleatório no meio de sua manchada de lama, chuva encharcando na jornada de que a alma de Jack Randall estava em tanto perigo como a vida de Brian Fraser era indesejável.

—Bem, então— disse Buck, iluminando sob a aba de seu chapéu encharcado quando Roger compartilhou sua perturbação neste instante. —Mais um motivo para matá-lo agora. Salve o senhor Fraser, e mantenha o gramado livre do perverso de ir para o inferno, se ele não fizer algo já para ser mandado para lá — ele adicionado como uma reflexão tardia. —Dois pássaros uma pedra, sim?

Roger reprimiu junto por um momento antes de responder.

—Por pura curiosidade, você foi um advogado de instância [22]inferior ou um advogado de instância superior, quando praticava a lei?

—Advogado de instância inferior. Por quê?

—Não é de admirar que falhasse nisso. Todos os seus talentos se encontram na outra direção. Você não pode ter uma conversa sem discutir?

—Nem *você* —Buck disse claramente, e chutou o cavalo a trote, o envio de torrões de barro batendo em seu rastro.

Roger deu seu nome e perguntou ao funcionário do exército se ele poderia ter uma palavra com o capitão Randall, em seguida, estava junto ao fogo de turfa, sacudindo a água tanto quanto pôde antes de o homem voltar para levá-lo para o escritório de Randall.

Para sua surpresa, era o mesmo escritório onde ele e Brian Fraser tiveram sua audiência com o Capitão Buncombe quase duas semanas antes. Randall estava sentado atrás da mesa, pena na mão, mas olhou para cima com uma expressão cortês na entrada de Roger e levantou metade, com um pequeno arco.

—Seu servo, Senhor. Sr. Mackenzie, não é mesmo? Veio de Lallybroch, eu suponho.

—Seu mais obediente, senhor— respondeu Roger, ajustando seu sotaque de volta ao seu estado normal Oxbridge escoceses tingido. —Sr. Brian Fraser foi gentil o suficiente para me dar o objeto que você trouxe. Eu queria tanto agradecer por seu tipo de assistência e perguntar se você pode ser capaz de me dizer onde o objeto foi descoberto.

Ele sabia sobre a banalidade do mal; monstros humanos vinham em formas humanas. Mesmo assim, ele ficou surpreso. Randall era um homem bonito, bastante elegante no porte, com uma animada, expressão interessada, uma curva bem-humorada em sua boca, e quentes olhos escuros.

*Bem, ele é humano. E talvez ele não seja um monstro ainda.*

—Um dos meus mensageiros trouxe a nós— Randall respondeu, limpando a pena e deixando cair em uma jarra de faiança cheio de tais objetos. —O meu antecessor, o Capitão Buncombe, enviou despachos de Fort George e Fort Augustus sobre o seu filho, eu sinto muito por sua situação— acrescentou, em vez formalmente. —Uma patrulha de Ruthven Quartel trouxe o ornamento dentro e eu tenho medo que eu não sei de onde eles descobriram isso, mas talvez o mensageiro que trouxe da Ruthven saiba. Vou mandar chama-lo.

Randall foi até a porta e falou com o sentinela do lado de fora. Voltando, ele fez uma pausa para abrir um armário, que revelou um stand de perucas, um agitador de pulverização, um par de escovas de cabelo, um espelho e uma pequena bandeja com uma garrafa de vidro lapidado e óculos.

—Permita-me oferecer refresco, senhor. — Randall serviu uma polegada cautelosa em cada copo e ofereceu um para Roger. Ele pegou o seu, suas narinas queimando um pouco ao sentir o cheiro do uísque. —O néctar do seu país, eu sou dado a entender— disse com um sorriso irônico. —Disseram-me que eu preciso desenvolver um gosto por isso. — Ele tomou um gole cauteloso, olhando como se esperasse a morte iminente de resultar.

—Se eu poderia sugerir... um pouco de água misturada é costume — disse Roger, mantendo cuidadosamente todos os vestígios de diversão em sua voz. —Alguns dizem que abre o sabor, faz com que seja mais suave.

—Oh, sério?— Randall pousou o copo, parecendo aliviado. —Isso parece sensato. O material tem um gosto como se fosse inflamável. Sanders — gritou em direção à porta. —Traga um pouco de água!

Houve uma ligeira pausa, nem o homem saber muito que dizer em seguida.

—A, hum, *coisa*— Disse Randall. —Posso vê-la novamente? É bastante notável. É uma joia de algum tipo? Um ornamento?

—Não. É uma... espécie de relíquia — disse Roger, pescando as placas do bolso. Ele sentiu uma dor no peito no pensamento dos pequenos rituais pessoais que os pilotos fizeram a pedra de sorte no bolso, um lenço especial, o nome de uma mulher pintada no nariz de um avião. Encantos. Pequenos pedaços de magia esperançosos, proteção contra um vasto céu cheio de fogo e morte. —Para preservar a alma. — *Na memória, pelo menos.*

Randall franziu a testa um pouco, olhando a partir das placas para o rosto de Roger, depois de volta. Ele estava claramente pensando a mesma coisa que Roger: *E se o encanto é separado da pessoa que era para proteger...* Mas ele não disse nada, apenas tocou a placa verde suavemente.

—J. W. O nome do seu filho é Jeremiah, eu entendo?

—Sim. Jeremiah é um nome de família antigo. Era o nome do meu pai. Eu... —Ele foi interrompido pela entrada do cabo MacDonald, um jovem soldado, todo molhado e um pouco azul de frio, que saudou o capitão Randall inteligentemente, em seguida, deu lugar a um barulho de tosse que sacudiu a estrutura espigada.

Uma vez recuperado, ele concordou imediatamente com a ordem de Randall para contar tudo o que sabia Roger sobre as placas, mas o rapaz que não sabia muito. Um dos soldados estacionados em Ruthven Quartel ganhou em um jogo de dados em um pub local. Ele se lembrava do nome do pub, Fatted Grouse; ele bebeu lá ele mesmo, e ele pensou que o soldado disse que ele ganhou o bawbee de um fazendeiro voltando do mercado em Perth.

—Você se lembra do nome do soldado que eles ganharam?— perguntou Roger.

—Oh, sim, senhor. Era Sargento McLehose. E agora eu acho que... — Um largo sorriso ao lembrar mostrou os dentes tortos. —Eu me importei com o nome do agricultor, também! Era Sr. Anthony Cumberpatch. Fazia cócegas no Sargento McLehose, como se estivesse comendo pepino. —Ele riu, e Roger sorriu. Capitão Randall limpou a garganta, e o parou abruptamente, cabo MacDonald tirando a atenção sóbria.

—Obrigado, Sr. MacDonald— disse Randall secamente. —Isso é tudo.

O cabo MacDonald, envergonhado, saudou e saiu. Houve um momento de silêncio, durante o qual Roger tomou conhecimento da chuva, crescendo

mais dura agora, fazendo barulho como cascalho na janela de batente grande. Um rascunho vazou frio em torno de seu quadro e tocou seu rosto. Olhando pela janela, viu o quintal brocado abaixo, e o pelourinho, um crucifixo sombrio austero e solitário, preto na chuva.

*Oh, Deus.*

Cuidadosamente, ele dobrou as placas de novo e colocou no bolso. Em seguida, encontrou os olhos escuros do capitão Randall diretamente.

—Será que o capitão Buncombe saberia, senhor, que eu sou um ministro?

As sobrelanceiras de Randall subiram em breve surpresa.

—Não, ele não o faz. — Randall estava claramente se perguntando por que Roger mencionaria isso, mas ele foi cortês. —Meu irmão mais novo é um clérigo. Ah... Igreja da Inglaterra é claro. —Havia a questão implícita mais fraca lá, e Roger respondeu com um sorriso.

—Eu sou um ministro da Igreja da Escócia, senhor. Mas se eu poderia... se você me permite oferecer uma bênção? Para o sucesso do meu parente e eu e em agradecimento por sua ajuda para nós.

—Eu... — Randall piscou, claramente desconcertado. —que... sim. Er... tudo bem. —Ele se inclinou um pouco para trás, olhando desconfiados, mãos sobre o mata-borrão. Ele estava completamente surpreso quando Roger se inclinou para frente e agarraram as duas mãos com firmeza. Randall deu um começo, mas Roger segurou firme, olhos sobre o capitão.

—Oh, Senhor— disse, —nós pedimos sua bênção em nossas obras. Guia-me e meu parente em nossa busca, e orienta este homem em seu novo escritório. Que a sua luz e presença esteja conosco e com ele, e seu julgamento e compaixão sempre sobre nós. Recomendo-o a seu cuidado. Amém.

Sua voz falhou na última palavra, e ele soltou as mãos de Randall e tossiu, olhando para longe, como ele limpou a garganta.

Randall pigarreou, também, na vergonha, mas manteve sua postura.

—Eu agradeço a sua... er... sua prece, Sr. Mackenzie. E eu desejo boa sorte. E bom dia.

—O mesmo para você, capitão— disse Roger, em ascensão. —Que Deus esteja com você.

***Capítulo 46- Diga-me, Menino Jesus...***

***Boston, 15 de Novembro de 1980***

Dr. Joseph Abernathy estacionou na entrada de sua casa, ansiando por uma cerveja gelada e uma ceia quente. A caixa de correio estava cheia; ele tirou um punhado de circulares e envelopes e entrou, classificando-os quando ele foi.

—Contas, contas, propaganda, lixo, lixo, mais lixo, o apelo da caridade, conta, idiota, conta, convite... oi, querida, —Ele fez uma pausa para um beijo perfumado de sua esposa, seguido por uma segunda fungada em seu cabelo. —Oh, cara, estamos tendo pirralhos e chucrute para o jantar?

—Você está— sua esposa disse a ele, ordenadamente agarrando sua jaqueta da árvore de salão com uma mão e apertando sua nádega com a outra. —Eu estou indo para uma reunião com Marilyn. Volto lá pelas nove, se a chuva não deixar tráfego muito ruim. Alguma coisa boa no correio?

—Não. Divirta-se!

Ela revirou os olhos para ele e saiu antes que ele pudesse perguntar se ela comprara algumas Bud. Ele olhou as cartas classificando metade no balcão da cozinha e abriu a geladeira para verificar. Um pacote vermelho-e-branco reluzente de seis cervejas acenava alegremente, e o ar quente era tão picante com o cheiro de linguiça frita e vinagre que ele podia prová-lo sem sequer tirar a tampa da panela no fogão.

—Uma boa mulher é valorizada acima de rubis— disse, inalando alegremente e puxando uma para não perder seu anel de plástico.

Ele estava na metade do primeiro prato de comida e dois terços do caminho para a sua segunda cerveja quando ele colocou a seção de esportes do *Globo* e viu a carta em cima da pilha derramada de correio. Ele reconheceu a caligrafia de Bree de uma vez; era grande e redonda, com uma determinada inclinação para a direita, mas havia algo de errado com a letra.

Pegou-a, franzindo a testa um pouco, perguntando por que ela parecia estranha... e então percebeu que o selo estava errado. Ela escrevia pelo menos uma vez por mês, o envio de fotos das crianças, dizendo sobre seu trabalho, a fazenda e as cartas todas tinham selos britânicos, roxos e as cabeças azuis da rainha Elizabeth. Esta tinha um selo americano.

Ele lentamente colocou a carta como se fosse explodir e engoliu o resto da cerveja em um gole. Generoso, ele apertou sua mandíbula e pegou.

—Diga-me que você e Rog levaram as crianças para a Disneylândia, Bree — ele murmurou, lambendo a mostarda fora da faca antes de usá-la

para cortar o envelope. Ela falou sobre fazer isso algum dia. —Menino Jesus, me diga que isso é uma foto de Jem apertando a mão de Mickey Mouse.

Para seu alívio, era uma foto dos dois filhos na Disneylandia, sorrindo para a câmera do abraço de Mickey Mouse, e ele riu alto. Então ele viu a chave minúscula que caiu para fora do envelope, à chave do cofre de um banco. Ele colocou a foto, foi e pegou outra cerveja e sentou deliberadamente para ler a breve nota que acompanha a foto.

*Caro Tio Joe,*

*Vou levar as crianças para ver a vovó e o vovô. Eu não sei quando estarei de volta; você poderia por favor, vir a coisas enquanto estivermos fora? (instruções na caixa).*

*Obrigado por tudo, sempre. Vou sentir sua falta. Eu te amo.*

*Bree*

Ele sentou-se por um longo tempo ao lado da gordura fria em seu prato, olhando a foto feliz brilhante.

—Jesus, menina— disse em voz baixa. —O que aconteceu? E o que você quer dizer *você está* levando as crianças? Onde, no inferno, está Roger?

### ***Parte III – Uma Lâmina Nova tirada das Cinzas da Forja***

#### ***Capítulo 47 - Algo Adequado para ir a Guerra***

*19 de junho de 1778 - Filadélfia*

**Acordei completamente desorientada, o barulho de água pingando em um balde de madeira, os cheiros ácidos de polpa de madeira e tinta da prensa, o almíscar suave do corpo de Jamie e bacon fritando, o tinir dos pratos de estanho, e o zurrar alto de uma mula. O último ruído trouxe a memória de volta de uma vez, e eu me sentei, agarrando o lençol ao meu peito.**

**Estava nua, e no sótão da tipografia de Fergus. Quando deixamos Kingsessing no dia anterior, durante uma breve pausa na chuva,**

encontramos Fergus pacientemente abrigado em um galpão perto dos portões, Clarence a mula e dois cavalos amarrados em seus beirais.

—Você não esteve aqui todo esse tempo!— Eu soltei ao vê-lo.

—Demorou tanto tempo?— Ele perguntou, erguendo uma sobrelanceira para Jamie e dando o tipo de olhar conhecedor que parece ter nascido com os franceses.

—Mmhm, — Jamie respondeu ambigualmente, e pegou meu braço. — Eu montei Clarence, Sassenach, mas pedi a Fergus para vir um pouquinho mais tarde com um cavalo para você. A mula não pode levar nós dois, e minhas costas não me deixarão andar tão longe.

—Qual é o problema com suas costas?— Eu perguntei, desconfiada.

—Nada do que uma noite de sono em uma boa cama não vá curar— respondeu ele, e, inclinando-se para que eu pudesse colocar um pé em suas mãos, jogou-me na sela.

Estava bem escuro quando chegamos de volta à tipografia. Imediatamente mandei Germain a Jenny no número 17 para contar-lhe onde eu estava, mas fui para a cama com Jamie antes que ele voltasse. Eu me perguntei vagamente quem mais estava na casa na Chestnut Street e o que estavam fazendo: se Hal ainda era cativo, ou o Jovem Ian decidira libertá-lo? Se não, teria Hal assassinado Denny Hunter, ou teria a Sra. Figg atirado nele?

Jamie me disse que ele deixou Ian no comando da situação — ou situações; parecia ter havido grandes acontecimentos no dia anterior. Tudo parecia irreal e onírico, os eventos dos quais eu participei e aqueles que Jamie me contou sobre a viagem de volta. A única verdadeira vívida recordação que tive era sobre nossa conversa no jardim — e o que a seguiria, no galpão de envasamento. Minha carne ainda sentia os ecos.

O café da manhã estava claramente sendo preparado no andar de baixo; além do cheiro delicioso do bacon fritando, eu podia sentir o cheiro de pão fermentado torrado e mel fresco. Meu estômago deu um murmúrio alto com isso, e como se tivesse sido causado pelo som, a escada que conduz para dentro do sótão começou a tremer. Alguém estava chegando, movendo-se lentamente, e para o caso de que não fosse Jamie, agarrei o meu xale e puxei-o às pressas sobre a minha cabeça.

Não era. Uma bandeja de estanho elevava-se lentamente a vista, posta com um prato cheio de comida, uma tigela de mingau de aveia, e uma caneca de cerâmica de algo fumegante; não poderia ser de chá e não tinha

cheiro de café. À medida que bandeja levitava, o rosto radiante de Henri-Christian aparecia abaixo dela; ele estava equilibrando a coisa na cabeça.

Prendi a respiração até que ele desceu a escada, e então, quando ele tirou a bandeja de sua cabeça e apresentou-me com uma pequena reverência cerimoniosa, aplaudi.

—*Merveilleux!*— Disse a ele, e ele sorriu de orelha a orelha.

— Félicité quis tentar— ele me disse com orgulho —, mas ela ainda não consegue com a bandeja cheia. Ela derrama.

—Bem, nós não podemos deixar isso acontecer. Obrigada, querido. — Inclinei-me para beijar seu cabelo ondulado escuro cheirando a fumaça de madeira e tinta e peguei a caneca. —O que é isso?

Ele olhou para aquilo com ar de dúvida e encolheu os ombros. —Está quente.

— Bem, está — Eu embalava a caneca em minhas mãos. O sótão fora aquecido na noite anterior, o calor do dia preso sob o telhado, mas havia chovido mais à noite, e o frio úmido veio através dos furos no teto e quatro ou cinco vasos colocados sob os vazamentos faziam uma sinfonia de sons de plink. —Onde está *Grand-père*?

O rosto de Henri-Christian ao mesmo tempo ficou vermelho brilhante, os lábios apertados juntos, e ele balançou a cabeça vigorosamente.

—O quê?— Eu disse surpresa. —É um segredo?

—Não diga a ela!— A voz estridente de Joanie flutuou na gráfica abaixo. —*Grand-père* disse pra não contar!

—Oh, uma surpresa, não é?— Eu perguntei, sorrindo. —Bem, talvez seja melhor você descer e ajudar sua mãe então, para que você não fale por engano.

Ele riu, as mãos pressionadas sobre a boca, em seguida, estendeu a mão sobre a cabeça, deu um salto convulsivo, e virou para trás, aterrissando habilmente em suas mãos. Ele caminhou com elas para a escada, perninhas atarracadas espalmadas para manter o equilíbrio, e por um instante meu coração estava na minha boca quando ele alcançou a borda e eu pensei que ele poderia tentar descer a escada de cabeça para baixo. Ele capotou várias vezes, porém, parando ordenadamente no degrau mais alto, e correu para fora da vista como um esquilo, rindo todo o caminho.

**Sorrindo, eu rolei pela precária cama — dormimos num leito de lona recheado com palha velha do estábulo, que cheirava fortemente a Clarence, e nossas capas quase secas, nos cobrimos com um lençol fino**

e um cobertor esfarrapado, embora Joanie e Félicité nos dessem um dos seus travesseiros de pena, e partilhassem o outro — e sentei apoiando-me contra a parede, a bandeja encima de um barril de tinta em pó. Estava cercada por pilhas de papel, estes protegidos dos vazamentos por um oleado. Algumas delas eram resmas em branco aguardando a impressão de alguns dos panfletos, circulares, cartazes ou o miolo de livros, aguardando a entrega aos clientes ou para o encadernador.

Podia ouvir a voz de Marsali abaixo, no fundo dos quartos atrás da gráfica, elevada em comando maternal. Não havia as vozes masculinas a não ser a de Henri-Christian embora; Fergus e Germain deviam ter saído para fazer as entregas matutinas do *L'Oignon*, o jornal satírico iniciado por Fergus e Marsali na Carolina do Norte.

Normalmente, o *L'Oignon* era um jornal semanal, mas havia uma cópia em minha bandeja da edição especial de hoje, com uma grande ilustração na primeira página, mostrando o exército britânico como uma horda de baratas, fugindo da Filadélfia com bandeiras esfarrapadas arrastando atrás de si banners coloridos preenchidos com discursos com ameaças fúteis. Um grande sapato de fivela, denominado *General Washington* estava esmagando algumas das baratas mais atrasadas.

Havia uma grande bola opaca de mel amarelo-claro fundindo-se lentamente no meio do meu mingau, eu a agitei, derramando um pouco de creme sobre ela, e aproveitei o café da manhã na cama, junto com um artigo que destacava a entrada na Filadélfia do General Arnold, que estava tomando posse como governador militar da cidade, acolhendo e louvando seu registro militar e façanhas galantes em Saratoga.

*Quanto tempo?* Eu pensei, soltando o papel com um pequeno estremecimento. Quando? Eu tinha a sensação de que seria muito mais tarde na guerra, quando a circunstância transformaria Benedict Arnold de patriota em traidor. Mas eu não sabia.

Não importava, disse a mim mesma com firmeza. Não poderia mudar isso. E, muito antes que isso acontecesse, estaríamos seguramente de volta a Ridge, reconstruindo nossa casa e nossas vidas. Jamie estava vivo. Tudo estaria bem.

O sino sobre a porta da gráfica abaixo tocou e houve uma tagarelice animada enquanto as crianças corriam para fora da cozinha. O barulho suave da voz de Jamie flutuava sobre a confusão de saudações estridentes, e eu peguei a voz de Marsali entre eles, atordoado.

—Papai! O que você *fez*?

Alarmada, me movi para fora do meu ninho e rastejei em minhas mãos e joelhos para a borda do sótão para olhar para baixo. Jamie estava parado no meio da gráfica, cercado por crianças admiradas, com o cabelo solto salpicado de gotas de chuva, a capa dobrada sobre seu braço — vestido com o azul escuro e amarelo de um oficial da Continental.

—Jesus H. Roosevelt *Cristo!* — Exclamei. Ele olhou para cima e seus olhos encontraram os meus como os de um cachorro culpado.

—Sinto muito, Sassenach— disse em tom de desculpa. —Tive que fazê-lo.

**Ele subiu para o sótão, e puxou a escada atrás dele, para evitar que as crianças subissem. Eu me vestia rapidamente — ou tentava — enquanto ele me contava sobre Dan Morgan, Washington e os outros generais Continentais. Sobre a próxima batalha.**

—Sassenach, *tive que fazê-lo*, — ele disse de novo, suavemente. — Eu estou tão triste.

—Eu sei— eu disse. —Eu sei que você está. — Meus lábios estavam rígidos. —Sinto muito, também.

Estava tentando prender as dúzias de pequenos botões que fechavam o corpete do meu vestido, mas minhas mãos tremiam tanto que eu não conseguia nem agarrá-los. Parei de tentar e apanhei minha escova de dentro da bolsa que ele trouxe para mim da casa da Chestnut Street.

Ele fez um pequeno som na garganta e tirou-a de minha mão. Ele se sentou no nosso sofá improvisado e colocou os braços em volta de mim, me segurando firme com meu rosto enterrado em seu peito. O tecido de seu novo uniforme cheirava a índigo fresco, casca de noz e terra fresca; parecia estranho e duro contra o meu rosto. Eu não conseguia parar de tremer.

—Fale comigo, *a nighean*— ele sussurrou em meu cabelo emaranhado. — Estou com medo, e não quero me sentir assim tão

sozinho agora. Fale comigo.

—Por que sempre tem que ser *ocê*?—Eu me soltei em seu peito.

Isso o fez rir, um pouco trêmulo, e eu percebi que todo aquele tremor não vinha de mim.

—Não sou só eu, — disse, e acariciou meu cabelo. —Há milhares de outros homens preparando-se hoje — mais — que não queriam fazê-lo também

—Eu sei, — eu disse de novo. Minha respiração era um pouco mais estável. —Eu sei. —Virei o rosto para o lado, a fim de respirar, e de repente comecei a chorar, sem aviso prévio.

— Desculpe, —eu engasguei. —Não quero — não q- quero tornar isso m-mais duro para *ocê*. Eu... Eu — oh, Jamie, quando soube que *ocê* estava vivo quis tanto ir para casa. Ir para casa com *ocê*.

Seus braços se apertaram duro ao me rodearam. Ele não falou, e eu sabia que era porque ele não podia.

—Eu também, — ele sussurrou no passado. —E nós vamos, *a nighean*. Prometo a *ocê*.

Os sons vindos de baixo flutuavam ao nosso redor: os sons de crianças correndo para lá e para cá entre a gráfica e a cozinha, Marsali cantando para si mesma em gaélico enquanto preparava tinta fresca para a prensa a partir de verniz e tisna. A porta se abriu, e o ar frio, chuvoso soprava com Fergus e Germain, acrescentando suas vozes à alegre confusão.

Ficamos envoltos nos braços um do outro, tendo o conforto de nossa família abaixo, ansiando pelos outros que nunca poderíamos ver novamente, e ainda que estivéssemos em casa, não tínhamos teto, nos equilibrávamos no fio da navalha entre o perigo e a incerteza. Mas juntos.

—*Você não vai para a guerra sem mim*, — eu disse com firmeza, me endireitando e fungando. — Nem sequer *pense* sobre isso.

—Nem sonharia com isso— ele assegurou-me gravemente, ensaiando limpar o nariz na manga do uniforme, pensando melhor, e parando, olhando para mim impotente. Eu ri trêmula, mas ainda era uma risada mesmo assim e dei o lenço que eu dobrei automaticamente em meu peito quando eu amarrei meu espartilho. Como Jenny, eu *sempre* tinha um.

—Sente-se— eu disse, engolindo em seco quando peguei a escova de cabelo. —Vou trançar seu cabelo para *ocê*.

Ele o lavara esta manhã, estava limpo e úmido, os fios vermelhos suaves e macios em minhas mãos, e curiosamente cheirando a sabão francês, perfumado com bergamota. Eu prefira o cheiro de suor e de repolho que me cercou durante toda a noite.

— Onde tomou banho?— Eu perguntei curiosa.

—Na casa da Chestnut Street— ele respondeu um pouco tenso. — Minha irmã me fez tomar. Ela disse que eu não poderia virar um general cheirando como um jantar velho, e havia uma banheira de água quente de sobra.

—Ela fez?— Eu murmurei. —Hum... falando da Chestnut Street... como está Sua Graça, o Duque de Pardloe?

— Jenny disse que ele saiu antes do amanhecer, — ele disse, inclinando a cabeça para ajudar a trançar. Seu pescoço estava quente sob meus dedos. —De acordo com Ian, Denny Hunter disse que ele estava bem o suficiente para ir, desde que tomasse um frasco de sua poção mágica. Então a Sra. Figg devolveu-lhe as calças com alguma relutância, eu entendo e ele foi.

—Saiu para *onde*?— Perguntei. O cabelo de Jamie estava mais fortemente traçado com o grisalho do que já esteve. Não me importava, eu me importava que eu não estivesse aqui para vê-lo mudar lentamente, dia a dia.

—Ian não perguntou. Mas ele disse a Sra. Figg os nomes de alguns amigos de legalistas de Lord John que poderiam estar ainda na cidade. E seu filho vai ficar em uma casa aqui, não? Não que tenha que se preocupar com ele, Sassenach. — Ele virou a cabeça de lado para sorrir para mim. —Sua Graça é um homem que é difícil de matar.

—Eu suponho que é preciso um para conhecer outro, — eu disse acidamente. Não perguntei a Jamie porque foi a Chestnut Street; Hal, Jenny, e não obstante todas as outras preocupações, eu sabia que ele queria saber se John reaparecera. Aparentemente não, e um pequeno calafrio encheu meu coração.

Eu estava tateando no bolso por uma fita com a qual prenderia seu cabelo, quando um novo projeto varreu o sótão, levantando o pano linóleo e vibrando os papéis abaixo. Virei para ver a fonte da brisa, e vi Germain, balançando para fora da polia da corda para entrar pelas portas fechadas através das quais aqueles fardos e barris poderiam ser levados do sótão para vagões abaixo.

—*Bonjour, grand-père*— disse, afastando uma teia de aranha de seu rosto quando ele caiu e curvando para Jamie com grande formalidade. Ele se virou e se inclinou para mim, também. —*Comment ça va, Grand-Mère?*

—Mu... — Eu comecei automaticamente, mas fui interrompida por Jamie.

—Não— disse definitivamente. —Você não virá.

—Por favor, vovô!— A formalidade de Germain desapareceu em um instante, substituída pela suplica. —Eu poderia ajuda-lo!

—Eu sei— Jamie disse secamente. —E seus pais nunca me perdoariam se você fosse. Não quero nem saber o que sua noção de ajuda envolve, mas...

—Eu poderia levar mensagens! Posso cavalgar você mesmo me ensinou! E eu tenho quase doze anos!

—Você sabe como isso é perigoso? Se um Atirador britânico não o jogar para fora da sela, alguém da milícia cortaria sua cabeça por roubar um cavalo. E eu posso contar, sabe? Você não tem nem onze anos ainda, então não tente me enganar.

Obviamente, perigo nenhum tipo de receio a Germain. Ele encolheu os ombros, impaciente.

—Bem, eu poderia ser um ordenança, então. Posso encontrar comida em qualquer lugar — acrescentou astuto. Ele era, de fato, um batedor de carteira muito bom, e eu olhei para ele, pensativa. Jamie interceptou meu olhar e me encarou.

—Nem sequer pense sobre isso, Sassenach. Ele seria preso por roubo e enforcado ou açoitado dentro de uma polegada de sua vida, e eu não poderia fazer nada para impedi-los.

—Ninguém nunca me pegou!—Disse Germain, seu orgulho profissional indignado. —Nem uma só vez!

—E eles não vão— seu avô garantiu, fixando-o com um olhar de aço. —Quando você tiver 16, talvez...

—Ah, sim? Vovó Janet diz que você tinha oito quando foi pego pela primeira vez invadindo com seu pai!

—Roubar gado não é o mesmo que ir para guerra, e eu não estava em nenhum lugar perto de uma luta, — disse Jamie. —E sua vovó Janet deve manter a boca fechada.

—Sim, eu vou dizer a ela que você disse isso, — respondeu Germain, descontente. —Ela disse que foi surrado na cabeça com uma espada.

—Eu fui. E, com sorte, você viverá para ser um homem velho com seu cérebro inteiro, ao contrário de seu avô. Deixe-nos, rapaz, sua avó precisa colocar suas meias. —Ele levantou-se, e indo para escada, deslizou para baixo do sótão e empurrou Germain firmemente com ele.

Ele ficou olhando para baixo com firmeza até Germain chegar ao andar de baixo, marcando o seu desagrado, ignorando os últimos degraus e aterrissando com um baque forte.

Jamie suspirou, endireitou-se, e estendeu-se cautelosamente, gemendo um pouco.

—Deus sabe onde vamos dormir esta noite, Sassenach— observou ele, olhando para o nosso grosseiro sofá quando ele se sentou para eu terminar as tranças de seu cabelo. —Por causa das minhas costas, eu espero que seja um pouco mais suave do que isso. — Ele sorriu para mim de repente. —Você dormiu bem?

—Nunca estive melhor, — eu assegurei a ele, amarrando a fita. De fato, eu estava dolorida em quase todo lugar que era possível doer, salvo, talvez, o topo da minha cabeça. Pala falar a verdade, eu mal dormi, e nem ele; passamos as horas da escuridão em lenta exploração e sem palavras, encontrando novamente o corpo do outro... e, ao amanhecer, tocamos a alma um do outro novamente. Eu toquei a parte de trás do seu pescoço agora, suavemente, e sua mão subiu para a minha. Eu me senti simultaneamente maravilhosa e miserável, e não sabia nesse momento qual sentimento era mais alto.

—Quando é que vamos sair?

—Assim que você ponha as meias, Sassenach. E arrume seu cabelo. E feche seus botões — acrescentou ele, voltando-se e avistando o meu decote excessivo. —Aqui, eu vou fazer isso.

—Vou precisar da minha caixa de remédios, — eu disse meio estrábica enquanto eu observava seus dedos ágeis sacudindo pelo meu peito.

—Eu a trouxe — ele me assegurou, e franziu a testa um pouco, os olhos com a intenção de um botão recalitrante. —É um pouco galante para um mobiliário. Seu senhorio comprou para você?

— Comprou — Hesitei por um momento, desejando que ele dissesse *John* ao invés de *seu senhorio* e eu também queria que eu soubesse onde

John estava — e que ele estava bem. Mas esse não parecia ser o momento para dizer qualquer uma dessas coisas.

Jamie inclinou-se e beijou o topo de meu peito, seu hálito quente na minha pele.

— Não sei se terei uma cama de qualquer forma hoje à noite — disse, endireitando-se. — Mas se for de penas ou palha, promete compartilhá-la comigo?

— Sempre — eu disse, e, pegando minha capa, sacudi-a, coloquei-a ao redor de meus ombros, e sorri bravamente para ele. — Vamos lá, então.

Jenny enviou minha caixa de remédios de Chestnut Street e com ela a grande parcela de ervas de Kingsessing, que foi entregue lá na noite anterior. Com a prudência de uma dona de casa escocesa, ela também incluiu um quilo de farinha de aveia, um toque de sal, um pacote de bacon, quatro maçãs e seis lenços limpos. Também um rolo puro de tecido com uma breve nota, que dizia:

*Querida irmã Claire,*

*Aparentemente você não possui nada adequado para ir à guerra. Sugiro que, por enquanto, peça um avental de impressão emprestado a Marsali, e aqui tem duas das minhas anáguas de flanela e coisas mais simples que a Sra. Figg conseguiu encontrar em seu guarda-roupa.*

*Cuide do meu irmão, e diga que as meias precisam ser cerzidas, porque ele não vai notar até que ele arrombe os buracos no calcanhar e crie bolhas em si mesmo.*

*Sua boa irmã em Deus,*

*Janet Murray*

— E como é que você possui algo adequado em que para ir à guerra? — Eu perguntei, olhando para Jamie em seu esplendor índigo. Seu uniforme parecia estar completo, do casaco com dragonas e insígnias de um coronel com colete amarelo e meias de seda creme. Alto e aprumado, com cabelos ruivos ordenadamente presos com fitas pretas, ele claramente chamava a atenção.

Ele puxou o queixo para trás e olhou para baixo por sobre seu nariz.

— Bem, a camisa e roupa de baixo já eram minhas; Eu as tinha quando vim da Escócia. Mas quando eu voltei para a Filadélfia para

encontrar você ontem, encontrei Jenny primeiro, e contei a ela sobre o General Washington e pedi que ela fosse vê-lo. Então ela pegou minhas medidas e encontrou um alfaiate e seu filho que fazem uniformes e os intimidou a trabalhar a noite toda para fazer casaco e colete — pobres desgraçados — acrescentou, cuidadosamente puxando um fio solto da borda de seu punho. —Como é que você não está preparada Sassenach? Seu senhorio achava que não era conveniente você ser um médica de povo e fez com que você queimasse suas roupas de trabalho?

Isto foi dito com o tipo de tom de brincadeira que tem a intenção de sugerir perfeita inocência por parte do falante, enquanto tornava-se perfeitamente evidente que a malícia intentada. *Não digo que não vou fazer um alarido sobre isso mais tarde.* Olhei fixamente para a caixa médica que John me deu, depois de volta para ele, estreitando os olhos levemente.

—Não— eu disse, com muita descontração. —Eu derramei vitríolo sobre elas, fazendo éter— A memória fez minhas mãos tremerem um pouco, e eu tive que baixar a xícara de chá de urtiga eu estava bebendo.

—Jesus, Sassenach— Jamie falou baixinho — Félicité e Joan estavam ajoelhadas a seus pés, discutindo entre si enquanto se ocupavam polindo a fivela de latão de seu sapato quando ele encontrou meus olhos sobre suas cabeças, horrorizado. —Diga-me você não fez isso bêbada.

Eu respirei fundo, de uma só vez revivendo a experiência e tentando não fazê-lo. Parado no galpão quente semiescuro atrás da casa, o vidro arredondado deslizando em minhas mãos suadas... em seguida, o líquido voando — por pouco não acertando meu rosto — e o cheiro enjoativo e magicamente alargando, os buracos que queimavam direto através do meu avental de lona pesada e a debaixo de minha saia. Naquele momento, eu realmente não me importava se eu viveria ou morreria — até que pareceu que eu morreria nos próximos segundos. Isso fez uma grande diferença. Não me convenceu a não cometer suicídio, mas o choque de um acidente próximo me fez pensar com mais cuidado sobre isso. Cortar os próprios pulsos era uma coisa; morrer em lenta agonia era outra.

—Não, eu não estava— eu disse, e, retomando a xícara, sorvi um bocado deliberado. —Era um dia quente. Minhas mãos suavam, e o balão caiu.

Ele fechou os olhos por um instante, tudo muito claramente imaginando a mesma cena, em seguida, estendeu a mão para a elegante cabeça escura de Félicité para embalar minha bochecha.

—Não fez isso de novo, sim?— Disse em voz baixa. —Não faça mais isso.

Para ser honesta, o pensamento de fazer éter novamente fazia minhas mãos suarem. Não era quimicamente difícil, mas *era* terrivelmente perigoso. Um movimento errado, um pouco demais de vitríolo, alguns graus de calor demais... E Jamie sabia tão bem quanto eu exatamente como o material era explosivo. Eu podia ver a memória das chamas nos olhos, a Casa Grande subindo em torno de nós. Engoli em seco.

—Eu não quero— eu disse honestamente. —Mas, sem isso, Jamie, eu não posso fazer as coisas que eu posso fazer com ele. Se eu não tivesse tido isso, Aidan estaria morto e o sobrinho de John, Henry.

Ele comprimiu os lábios e olhou como se considerasse que Henry Grey pudesse ser descartável, mas ele gostava um pouco de Aidan McCallum Higgins, cujo apêndice eu removi em Ridge com a ajuda do meu primeiro lote de éter.

—Vovó *tem* que ajudar as pessoas a se sentir melhor, *Grand-père*— Disse em tom censura Joanie, passando de seu lugar aos pés de Jamie e franzindo a testa para ele. —É seu dom, diz Mamãe. Ela não pode simplesmente dizer *não*.

—Eu sei disso— assegurou. —Mas ela não pode explodir a si mesma ao além para fazê-lo. Afinal de contas, quem é que vai cuidar de toda a gente doente, se sua avó estiver em pedaços?

Félicité e Joanie as duas eram uma imagem hilariante, eu achava ao menos divertida, mas não disseram mais nada até que pegaram seus trapos e voltaram para a cozinha. Ficamos na parte dos dormitórios, montando nossas malas e pacotes para a partida e momentaneamente sozinhos.

—Você disse que estava com medo— eu disse baixinho, os olhos sobre os carretéis de linha grossa e torções do fio de seda que eu estava guardando em uma caixa de madeira. —Mas isso não vai impedi-lo de fazer o que você acha que tem que fazer, vai? *Eu temo por você* — o que certamente, não vai pará-lo, também. —Tive o cuidado de falar sem

amargura, mas ele estava tão sensível a tons de voz esta manhã, quanto eu estava.

Ele parou por um momento, olhando para as fivelas brilhando nos sapatos, em seguida, levantou a cabeça e olhou diretamente para mim.

—Você acha que porque me disse que os Rebeldes ganharão, eu estou livre para ir embora?

—Eu... não. —Enfiei a tampa da caixa e fechei com um snif, sem olhar para ele. Não podia desviar o olhar dele. — Sei que precisa fazê-lo. Sei que isso é parte do que você é. Não pode ficar de lado e ainda ser o que é. Esse era mais ou menos o meu ponto sobre...

Ele me interrompeu, avançando e tomando pelo pulso.

—E o que é você acha que eu sou Sassenach?

—Um *homem* sanguinário, é o que você é!—Eu soltei e me afastei, mas ele colocou a mão no meu ombro e me virou para encará-lo.

—Sim, eu *sou* um homem sanguinário— disse, e o menor traço tocou sua boca, mas seus olhos estavam azuis e constantes.

—Você já fez as pazes com o que você pensa que eu sou —mas eu acho que você não sabe o que isso significa. Para ser o que sou não significa apenas que eu vou derramar meu próprio sangue quando precisar. Significa que eu devo sacrificar outros homens até os confins da minha própria causa — não só aqueles que mato como inimigos, mas aqueles que eu tenho como amigos... ou como parentes.

Sua mão caiu longe, e a tensão deixou seus ombros. Ele virou-se em direção à porta, dizendo: —Venha quando estiver pronta, Sassenach.

Eu fiquei lá por um momento, piscando, em seguida, corri atrás dele, deixando minha bolsa cheia pela metade para trás.

—Jamie— Ele estava na gráfica, Henri-Christian em seus braços, a começando a despedir-se das meninas e de Marsali. Germain não estava à vista, sem dúvida, de mau humor. Jamie olhou para cima, assustado, depois sorriu para mim.

—Eu não ia deixar você para trás, Sassenach. E eu não queria apressar você, também. Faça...

—Eu sei. Eu só — tenho que dizer algo.

Todas as pequenas cabeças se voltaram para mim como aconchegantes pássaros bebê, bocas rosa suave abertas em curiosidade. Ocorreu-me que eu poderia ser melhor se eu tivesse esperado até que

estivéssemos na estrada, mas isso parecera tão urgente que eu diria agora — não só para aliviar seus anseios, mas para fazê-lo saber que eu *realmente* entendia.

—É William, — eu soltei, e o rosto de Jamie obscureceu por um instante, como um espelho embaçado. Sim, eu havia entendido.

—Venha comigo, *a bhalaich*— Disse Marsali, pegando Henri-Christian de Jamie e colocando-o no chão. —Ufa! Você pesa mais do que eu, homenzinho! Venham agora, meninas, o vovô não vai ainda. Ajudem-me a pegar as coisas da vovó.

As crianças obedientemente saíram correndo atrás dela, embora ainda olhando para nós na curiosidade frustrada. As crianças odiavam segredos, a não ser que eles fossem os únicos que os mantivessem. Olhei atrás deles, então me virei para Jamie.

—Não sei se eles sabiam sobre William. Suponho que Marsali e Fergus sim, já que...

—Desde que Jenny contou a ele. Sim, eles sabem. —Ele revirou os olhos em breve renúncia, em seguida, fixa-los no meu rosto. — O que há, Sassenach?

—Ele não pode lutar— eu disse, deixando escapar um suspiro meio preso. —Não importa o que o exército britânico está prestes a fazer. William estava em liberdade condicional depois de Saratoga e ele é um convencional. Você sabe sobre o exército Convenção?

—Eu sei— Ele pegou minha mão e apertou-a. —Você quer dizer que ele não tem permissão para pegar em armas, a menos que ele seja trocado, e ele não foi não é isso?

—É isso. Ninguém *pode* ser trocado, até que o Rei e o Congresso cheguem a um acordo sobre isso.

Seu rosto era de repente vívido com alívio, e fiquei aliviada ao vê-lo.

—John vem tentando troca-lo por meses, mas não há nenhuma maneira de fazê-lo— Eu afastei Congresso e o Rei com um aceno de minha mão e sorri para ele. —Você não terá que enfrentá-lo em um campo de batalha.

—*Taing Dhia*— disse, fechando os olhos por um instante. —Estive pensando por dias — quando não estava me preocupando com *você*, Sassenach... — acrescentou ele, abrindo os olhos e olhando para baixo pelo nariz para mim —... a terceira vez é a da sorte. E seria uma sorte terrível, na verdade.

—Terceira vez— eu disse. —O que você — poderia soltar meus dedos? Eles estão dormentes.

—Oh, — ele disse, me soltando. —Sim, muito, Sassenach. Quer dizer — eu atirei no rapaz por duas vezes em sua vida até agora, e deixei de feri-lo por não mais do que centímetros em cada uma das vezes. Se acontecer novamente — você não pode sempre dizer, na batalha, e os acidentes acontecem. Eu estava sonhando, durante a noite, e... och, não importa. — Ele dispensou os sonhos e se virou, mas eu coloquei a mão em seu braço para detê-lo. Eu sabia de seus sonhos e eu o ouvi gemer na noite anterior, lutando contra eles.

—Culloden— eu disse suavemente. — Isso voltou novamente? — Na verdade, eu esperava que fosse Culloden e não Wentworth. Ele acordava dos sonhos de Wentworth suando e rígido, e não podia suportar ser tocado. Ontem à noite, ele não acordou, mas me empurrou e gemeu até eu ter meus braços ao redor dele e ele se acalmar, tremendo em seu sono, a cabeça batia duro no meu peito.

Ele encolheu um pouco, e tocou meu rosto.

—Nunca me deixou Sassenach, — disse, assim em voz baixa. — Nunca me deixará. Mas eu durmo mais fácil ao seu lado.

### *Capítulo 48 - Apenas pela diversão*

Era um prédio perfeitamente normal de tijolos vermelhos. Modesto — sem frontões, sem linteis esculpidos em pedras — porém sólido. Ian olhou para ele com cautela. A casa da Reunião Anual da Filadélfia, a mais importante reunião da Sociedade dos Amigos das Américas. Sim, muito sólido.

—Será que isto vai ser como no Vaticano?— ele perguntou Rachel. —Ou mais como o palácio de um arcebispo?

Ela bufou.

—Parece qualquer tipo de palácio para você?— Ela falava normalmente, mas ele podia ver a pulsação rápida no ponto macio logo abaixo da orelha.

—Parece um banco— disse, e que a fez rir. Ela o cortou, porém, olhando por cima do ombro como se tivesse medo que alguém poderia sair e repreendê-la por isso.

—O que eles fazem lá dentro?— Ele perguntou curioso. —É uma grande capela?

—É— disse. —Mas também há negócios sendo feitos, sabe como é. As reuniões anuais tratam de assuntos de... Suponho que chamaria isso de princípio. Nós o chamamos de fé e prática; há livros, reescritos algumas vezes, para refletir o presente sentido da reunião. E consultas. —Ela sorriu de repente, e seu coração deu um pequeno baque extra. —Acho que reconheceria a consultas — são muito semelhantes ao que descreveu como exame de consciência diante de sua confissão.

—Och, sim— disse agradavelmente, mas recusou-se a prosseguir o assunto. Ele não fora à confissão, em alguns anos e não se sentia suficientemente perverso diante das turbulências atuais para isso. — Esta Fé e Prática – é onde eles dizem que você não deve se juntar o exército Continental, mesmo que não pegue em armas?

Ele imediatamente lamentou que tivesse perguntado; a questão esmaecida a luz em seus olhos, mas apenas momentaneamente. Ela respirou fundo pelo nariz e olhou para ele.

—Não, isso seria um parecer — um parecer formal. Amigos falam sobre todos os pontos passíveis de consideração antes de emitir um parecer positivo ou não. — Houve a hesitação vazia antes do *não*, mas ele ouviu e, estendendo a mão, pegou o alfinete, gentilmente ajeitou a chapéu de palha, que deslizava um pouco torto, e empurrou o pino de volta.

—E se, no final, for não, e nós não encontrarmos um sociedade que nos aceite, moça o que vamos fazer?

Ela apertou os lábios, mas ela encarou seus olhos.

—Amigos não são casados por *suas* sociedades. Ou pelo sacerdote ou pastor. Casam-se um com o *outro*. E nós vamos casar com o *outro*. — Ela engoliu. —De alguma forma.

As pequenas bolhas de desconfiança que estiveram crescendo por de seu estômago toda a manhã começaram a aparecer, e ele colocou a mão sobre sua boca para abafar um arrote. Ficar nervoso o atingia nas entranhas; não conseguiu tomar o café da manhã. Afastou-se um pouco por educação, e viu duas figuras se aproximando ao virar da esquina agora. —Och! Ali está seu irmão agora, e parecendo feliz para um Quaker, também.

Denzell estava vestido com o uniforme de um soldado Continental e parecia envergonhado como um cão de caça com um arco amarrado em

volta de seu pescoço. Ian suprimiu sua diversão, no entanto, apenas balançando a cabeça enquanto seu futuro cunhado parou diante deles. A noiva de Denny não tinha tais escrúpulos.

—Ele não está *lindo*? —Dottie cantou, de pé um pouco para trás para admirá-lo. Denzell tossiu e empurrou os óculos no nariz. Ele era um homem arrumado, não muito alto, mas largo no ombro e forte no antebraço. Ele parecia bem com o uniforme, Ian pensou, e disse que sim.

—Vou tentar não deixar que minha aparência cubra minha vaidade — disse Denzell secamente. —Não é um soldado também, Ian?

Ian balançou a cabeça, sorrindo.

—Não, Denny. Eu não deveria ter qualquer tipo de soldado, mas eu sou um batedor decente. —Ele viu os olhos de Denzell fixar-se em seu rosto, traçando a linha dupla de pontos tatuados em círculos em ambas as maçãs do rosto.

—Esperava que fosse —certa tensão no ombro de Denny relaxou. —batedores não são obrigados a matar o inimigo, não é?

—Não, temos a nossa escolha sobre isso— Ian assegurou, enfrentando-o diretamente. —Podemos matá-los se quisermos, mas apenas pela diversão, sabe. Isso realmente não conta.

Denzell piscou por um instante com isso, mas Rachel e Dottie riram, e ele relutantemente sorriu.

—Estão atrasados, Denny— disse Rachel, quando o relógio público marcou dez. —Henry está em dificuldade?— Denzell e Dottie foram se despedir do irmão de Dottie, Henry, ainda convalescente da cirurgia Denny e tia de Ian Claire fez.

— Poderia dizer que sim— disse Dottie, —, mas não de qualquer mal físico— O olhar de diversão desapareceu de seu rosto, apesar de um leve brilho ainda permanecia em seus olhos. —Ele está apaixonado por Mercy Woodcock.

—Sua locadora? Amor, não é normalmente uma condição fatal, não é? — Perguntou Ian, levantando uma sobrancelha.

—Não, se o seu nome não é nem Montague nem Capuleto— disse Denny. —A dificuldade é que, ainda que Mercy o ame também, ela pode ou não ainda ter um marido vivo.

—E até que ela descubra se ele está morto... —Dottie acrescentou, levantando um ombro magro.

—Ou vivo— disse Denny, dando um olhar. —Existe sempre a possibilidade.

—Não muito de um— respondeu sem rodeios Dottie. —Minha tia, quero dizer, a Amiga Claire cuidou um homem chamado Walter Woodcock que foi gravemente ferido em Ticonderoga, e ela disse que estava à beira da morte e depois foi levado prisioneiro— Ela tropeçou um pouco na última palavra, e Ian foi lembrado de repente que seu irmão mais velho, Benjamin, era um prisioneiro de guerra.

Denzell viu a nuvem cruzar seu rosto e gentilmente pegou sua mão.

—Ambos os seus irmãos vão sobreviver seus julgamentos— disse, e o calor tocou seus olhos por trás do vidro. —Então vamos, Dorothea. Os homens vem morrendo de tempos em tempos e os vermes os comem, mas não por amor.

—Hmph!— Disse Dottie, mas deu um pequeno sorriso relutante. —Tudo bem, então vá em frente. Há *tanto* a fazer antes de ir embora.

Para a surpresa de Ian, Denzell assentiu, pegou um maço de papéis dobrados de seu peito, e, voltando-se, subiu o degrau para a porta da capela.

Ian achara que o lugar era apenas um local conveniente como ponto de encontro — ele se reuniria com seu tio e tia Claire no caminho para a balsa de Coryell, mas permaneceu para ajudar com o carregamento, por Denny, Dottie, e Rachel estavam dirigindo uma carroça cheia com suprimentos médicos, mas, evidentemente, Denny tinha negócios com a Reunião Anual da Filadélfia.

Ele estava procurando conselhos sobre como se casar com uma Quaker, ainda que zombasse daquilo que você chamaria de ... edital, não, Rachel disse que era uma opinião, mas uma opinião de *peso* — considerando o apoio à rebelião?

—Ele está dando a eles sua versão — seu testemunho — Dottie disse com naturalidade, vendo a perplexidade no rosto de Ian. —Ele escreveu tudo. Por que ele acha que é certo fazer o que está fazendo. Ele está falando com o secretário da reunião anual e pedirá que a sua opinião seja mencionada e discutida.

—Acha que atenderão?

—Oh, sim— disse Rachel. — Podem não concordar com ele, mas não o sufocarão. E boa sorte para eles se pensaram em tentar — ela acrescentou meio baixinho. Ela tirou um lenço do seu seio, muito branco contra o

castanho suave de sua pele, e deu um enxugou com pancadinhas as gotículas de suor de suas têmporas.

Ian sentiu um desejo repentino e profundo por ela e olhou involuntariamente para a torre do relógio. Precisava estar na estrada em breve e esperava que houvesse tempo para uma hora preciosa sós com Rachel pela primeira vez.

Os olhos de Dorothea ainda estavam fixos na porta por onde Denny passou.

—Ele é tão adorável — disse em voz baixa, como se para si mesma. Em seguida, olhou timidamente para Rachel. —Ele se sentiu mal por usar seu uniforme para ver Henry— disse, num tom de desculpas em sua voz. —Mas o tempo foi tão curto...

—Seu irmão está aborrecido?— perguntou Rachel com simpatia. As sobrancelhas de Dottie ergueram-se.

—Bem, ele não *gostou* disso, — ela disse com franqueza. —Mas não é como se ele não soubesse que somos rebeldes; contei a ele há algum tempo. —Sua expressão relaxou um pouco. —E ele é meu irmão. Ele não vai me negar.

Ian se perguntava se o mesmo era verdade em relação a seu pai, mas não perguntou. Ela não mencionara o duque. Ele realmente não estava atendendo às preocupações familiares de Dottie, porém, sua mente estava ocupada com o pensamento da próxima batalha e tudo o que precisava ser feito imediatamente. Ian chamou a atenção de Rachel e sorriu, e ela sorriu de volta, toda a preocupação desmanchando-se de seu rosto enquanto ela encontrou seu olhar.

Ele certamente tinha suas próprias preocupações, aborrecimentos e inquietações. No fundo de sua alma, porém, era o peso sólido do amor de Rachel e o que ela dissera, as palavras brilhando como uma moeda de ouro no fundo de um poço escuro. —*Vamos casar um com o outro.*

## ***Capítulo 49 - Princípio da Incerteza***

Como Jamie explicou-me a caminho de Filadélfia, o problema não residia em encontrar os britânicos, mas em aproximar-se deles com homens suficientes e do material para fazer algo de bom.

—Eles saíram com várias centenas de carroças e um número extremamente grande de legalistas que não se sentiam muito seguros, na Filadélfia. Clinton não os estava protegendo e combatendo ao mesmo tempo. Ele ia a toda velocidade que podia o que significa que ele devia viajar pela estrada mais direta.

—Suponho que ele não pode ser muito bem a pé ele através dos campos — eu concordei. —Você acha que o General Washington tem alguma ideia do quanto é grande a força que ele tem?

Ele ergueu um ombro e acenou fora um grande mutuca com seu chapéu.

—Talvez dez mil homens. Talvez mais. Fergus e Germain observaram-nos reunidos em marcha, mas você sabe que não é fácil julgar os números quando estão rastejando para fora das ruas laterais e de todos.

—Mmm. E... um... quantos homens temos? —Dizendo *Nós* deu-me uma sensação estranha que percorreu meu corpo para baixo. Algo entre apreensão ondulando e uma excitação que era surpreendentemente perto do sexual.

Não era que eu nunca sentisse a estranha euforia da guerra antes. Mas se passou tempo muito longo; e eu esqueci.

—Menos do que os britânicos— disse Jamie, enfaticamente. —Mas não vamos saber quantos até que a milícia se reúna e reze para que não seja tarde demais quando o fizermos.

Ele olhou de lado para mim, e eu podia vê-lo se perguntando se falar algo mais. Ele não falou, no entanto, apenas deu de ombros e sentou-se na sela, colocando em seu chapéu novo.

—O quê?— Eu disse, inclinando a cabeça para olhar para ele de debaixo da aba do meu próprio de palha. —Você estava prestes a me perguntar uma coisa.

—Mmphm. Sim, bem... Eu ia, mas depois percebi que se você soubesse alguma coisa sobre... o que pode acontecer nos próximos dias, você certamente teria me contado.

—Teria feito isso— Na verdade, eu não sei se lamento a minha falta de conhecimento ou não. Olhando para trás, nos casos em que eu pensei que conhecia o futuro, eu não sabia o suficiente. Do nada, pensei em Frank... e Black Jack Randall, e minhas mãos agarraram as rédeas com tanta força que a minha égua sacudiu a cabeça com um grunhido assustado.

Jamie olhou em volta, assustado, também, mas eu acenei com a mão e inclinando para acariciar o pescoço do cavalo com uma desculpa.

—Mutuca— eu disse, na explicação. Meu coração estava batendo visivelmente contra as barbatanas do meu espartilho, mas respirei fundo várias vezes para acalmar. Eu não estava a ponto de mencionar o meu pensamento repentino para Jamie, mas ele não me deixou.

Pensei que eu soubesse que Jack Randall era cinco vezes-bisavô do Frank. Seu nome estava ali mesmo, na carta genealógica que Frank me mostrou muitas vezes. E, de fato, ele *era* ancestral de Frank. Era do irmão mais novo de Jack, no entanto, que vinha a linhagem de Frank, mas, em seguida, morreu antes de poder casar com sua amante grávida. Jack se casou com Mary Hawkins, a pedido de seu irmão e, assim, dado o seu nome e legitimidade ao seu filho.

Tantos detalhes sórdidos não apareceram nesses gráficos genealógicos arrumados, pensei. Brianna era filha de Frank, em papel e pelo amor. Mas o nariz longo em formato de lamina de faca e o cabelo brilhante do homem ao meu lado mostravam qual sangue corria em suas veias.

Mas eu pensei que eu *soubesse*. E por causa desse falso conhecimento, eu impedi Jamie de matar Jack Randall, em Paris, com medo de que, se o fizesse, Frank nunca poderia nascer. E se ele *tivesse* matado Randall, então? Eu me perguntava, olhando de lado para Jamie. Ele sentou-se alto, em linha reta na sela, imerso em seus pensamentos, mas com um ar agora de antecipação; o pavor de manhã que nós dois tivemos.

Qualquer coisa poderia ter acontecido; uma série de coisas talvez não. Randall não teria abusado de Fergus; Jamie não teria lutado um duelo com ele no Bois de Boulogne... talvez eu não abortasse nosso primeiro filho, nossa filha Faith. Provavelmente eu teria abortado, era geralmente uma questão fisiológica na base, e não emocional, como os romances pintavam. Mas a memória de perda esteve para sempre ligado ao duelo no Bois de Boulogne.

Enfiei as memórias firmemente de lado, voltando a minha mente longe do passado conhecido meio ao mistério completo do futuro espera. Mas pouco antes das imagens piscarem para fora, peguei a borda de um pensamento voando.

E a criança? A criança nascida de Maria Hawkins e do verdadeiro pai, Alexander Randall, ancestral de Frank. Ele estava, com toda a probabilidade, vivo agora. Agora.

**A ondulação que eu experimentei antes voltou desta vez correndo de meu cóccix até minha espinha. Denys. O nome flutuou para cima do pergaminho de um gráfico genealógico, letras caligráficas que pretendia capturar um fato, enquanto esconde quase tudo.**

Eu sabia que seu nome era Denys e era, até onde eu sabia, na verdade quatro vezes bisavô do Frank. E isso era tudo que eu sabia provavelmente tudo o que eu saberia. Eu fervorosamente esperava. Desejei que Denys Randall silenciosamente se virasse em minha mente para outras coisas.

### ***Capítulo 50 - O Bom Pastor***

Doze. Sangrentas. Milhas! O comboio de carroças de bagagem se estendia até onde a vista alcançava, em qualquer direção e levantava uma nuvem de poeira que quase obscurecia as mulas negociando uma curva na estrada de um quilômetro de distância. As pessoas marchavam ao lado das carroças e ambos os lados estavam cobertos de poeira marrom — assim como William, embora ele mantivesse a maior distância que pôde da cavalgada lenta.

Era o meio da tarde de um dia quente, e eles estavam em marcha desde antes do amanhecer.

Ele fez uma pausa para dar um tapa na poeira das saias de seu casaco e tomar um gole de água de degustação de estanho de seu cantil. Centenas de refugiados, milhares de seguidores de acampamento, todos com embalagens e pacotes e carrinhos de mão, aqui e ali um cavalo ou mula carregada que, de alguma forma escapou da capacidade dos carroceiros do exército, foram amarrados ao longo das 12 milhas entre os dois órgãos principais do exército. Eles se espalharam em uma massa dispersa que lembrava a praga de gafanhotos da Bíblia. Era no livro de Êxodo? Não se lembrava, mas pareceu pertinente.

Alguns deles olharam por cima dos ombros de vez em quando. Ele se perguntou se era medo de perseguição ou pensamentos sobre o que eles deixaram para trás a própria cidade estava há muito tempo fora da vista.

Bem, se havia algum perigo de se transformar em uma estátua de sal, seria devido ao suor, não ansiando, pensou ele, limpando a manga em seu rosto pela décima segunda vez. Estava ansioso para se sacudir o pó da Filadélfia a partir de suas botas e nunca pensar sobre isso novamente.

Se não fosse por Arabella/Jane, ele provavelmente se esqueceria de já. Ele certamente *queria* esquecer tudo o que aconteceu nos últimos dias. Ele contraiu as rédeas e cutucou seu cavalo de volta para a horda marchando.

Poderia ser pior; quase *fora* muito pior. Ele chegou perto de ser enviado de volta para a Inglaterra ou enviado para o norte para se juntar a outros congressistas, em Massachusetts. Graças a Deus que seu pai, isto é, *Lord John*, corrigiu firmemente o fizera aprender alemão, juntamente com francês, italiano, latim e grego. Além das divisões comandadas por Sir Henry e Lord Cornwallis, o exército incluía um enorme corpo de tropas de mercenários sob o general Von Knyphausen quase todos eles a partir de Hesse Kassel, cujo dialeto William entendia sem problemas.

Ele ainda tomou uma boa dose de persuasão, mas no final desembarcou como um dos doze ajudantes de campo de Clinton, encarregado da tediosa tarefa de andar para cima e para baixo na coluna pesadamente em movimento, recolhendo relatórios, fornecendo despachos, e lidando com todas as pequenas dificuldades que se desenvolveram em rota — a ocorrência mais ou menos a cada hora. Ele manteve uma nota mental de execução de onde os vários cirurgiões e enfermeiros do hospital estavam; ele viveu em horror de ter de vir à entrega de um dos *simpatizantes bebê* que havia pelo menos cinquenta mulheres muito grávidas com a coluna.

Talvez fosse a proximidade dessas senhoras, grávidas e pálidas, suas barrigas inchadas suportavam como fardo, equilibradas em suas costas, que o fez pensar...

Certamente prostitutas sabiam como evitar a gravidez? Ele não se lembrava de Arabella/Jane fazendo nada... mas não teria notado bêbado como estava.

William pensava nela quando ele tocou a mancha sobre o peito, onde seu gorget[23] deveria estar. Perguntou se ele teria dito que ele colocaria a coisa com seu uniforme e esquecesse o assunto, mas a partir do número de vezes que ele encontrou Arabella/Jane em sua mente, tinha aparentemente o hábito de brincar com ela constantemente.

A perda do gorget lhe custara uma desagradável análise de cinco minutos de seu caráter, vestimenta, higiene e falhas pessoais, por parte assessor chefe de Clinton, o capitão Duncan Drummond, e multa de dez xelins por estar sem uniforme adequado. Ele não se ressentia dela pelo custo.

Ele se viu mantendo um olho atento no Capitão Harkness. Não conseguia se lembrar de seu encontro o suficiente para ter alguma ideia do regimento de Harkness, mas não havia muitas companhias dos dragões com o presente exército. Ele estava trabalhando o seu caminho de volta ao longo da coluna, agora, fazendo sua ronda diária em Visigoth, um grande baio castrado de boa linhagem. O cavalo não estava satisfeito com o ritmo lento e estava se contorcendo sob ele, querendo quebrar a galope, mas William segurou a um trote firme, balançando a cabeça enquanto passava cada companhia, olhando para os cabos e sargentos para ver se algum foram em dificuldade ou a assistência necessária.

—A água está vindo!— Ele chamou de um grupo particularmente murcho com aparência de refugiados legalistas que pararam à beira da estrada, tendo pausa na sombra escassa fornecido por uma dispersão de mudas de carvalho e um carrinho de mão precariamente empilhados com seus pertences.

Esta reafirmação fez as mulheres olharem para cima esperando debaixo de suas capotas, e o cavalheiro se levantou, acenando com William para baixo.

Ele freou e reconheceu o Sr. Endicott, um comerciante da Filadélfia bem feito, e sua família. Ele foi para jantar em sua casa e dançou com as duas mais velhas senhoritas Endicott em várias partes.

—Seu servo, Senhor— disse, varrendo o chapéu com um arco e acenando com a cabeça em vez das senhoras. —É seu, Sra. Endicott. Senhorita Endicott, senhorita Sally.. e seu mais humilde e obediente, senhorita Peggy. —senhorita Peggy Endicott, de nove anos, era rosa como um morango maduro escolhido, e suas irmãs mais velhas trocadas às sobranceiras erguidas sobre a cabeça.

—É verdade, Senhor Ellesmere, — Endicott disse, —que estão intimamente perseguidos pelos rebeldes?— Ele estava segurando um grande lenço vermelho de flanela, com o qual ele limpou o rosto redondo transpirar. —O... er... —as senhoras se encontram em preocupação com a perspectiva.

—As senhoras não têm motivo para preocupação, senhor— William assegurou. —Estão sob a proteção do exército de Sua Majestade, como sabem.

—Bem, sim, nós sabemos disso— disse o Sr. Endicott, bastante irritado. —Ou pelo menos assim esperamos, pelo menos; certamente não estaria

aqui mais, eu posso dizer. Mas você alguma notícia do paradeiro de Washington, é o que eu gostaria de saber?

Visigoth trocou seu peso e dançou um pouco, ansioso para estar fora, mas William puxou sua cabeça redonda, estalando a língua em repreensão.

—Por que, sim, senhor— disse respeitosamente. —Tivemos vários desertores do acampamento rebelde, entrando ontem à noite. Eles dizem que Washington está reunindo suas tropas, sem dúvida na esperança de recuperar o que nós, mas ele não tem mais de dois mil frequentadores, com algumas companhias de milícias raquíticas.

Sr. Endicott parecia um pouco tranquilo com isso, mas as meninas e sua mãe não. Sra. Endicott arrancou a manga de seu marido e murmurou alguma coisa. Ele corou mais profundamente.

—Eu disse que eu vou lidar com isso, minha senhora!— Ele estalou. Ele tirou a peruca por causa do calor e usava um lenço de seda manchado amarrado sobre a cabeça contra o sol; seu cabelo grisalho estava cortado curto, e pequenas cerdas presas para fora da borda do lenço como as antenas de insetos irritados.

Os lábios da Sra. Endicott apertaram, mas ela recuou, sacudindo a cabeça em um pequeno aceno de cabeça. Senhorita Peggy, no entanto, encorajada pela particularidade do capitão Ellesmere, correu para frente e agarrou seu estribo. Visigoth assustou-se com o pedaço de chita voando no canto da sua visão, recuou violentamente; Peggy gritou, cambaleou para trás e saiu voando. Todas as senhoras Endicott gritavam, mas William não podia fazer nada sobre isso; ele lutou a cabeça do cavalo redonda e olhou sombriamente enquanto Goth saltava e girava até que gradualmente se acalmou, bufando e sacudindo o freio. Ele podia ouvir a infantaria passando sendo profana e divertindo-se enquanto sua coluna se desviava ao redor dele.

—Senhorita Peggy está tudo bem?— Ele perguntou, respirando pesadamente enquanto finalmente trazia o cavalo de volta para a beira. Senhorita Anne Endicott estava perto da beira da estrada, esperando por ele; o resto de sua família recuou, e ele ouviu um uivo alto vindo de trás do carrinho de mão.

—Além de ser espancada por papai por quase ter sido morta, sim, — Senhorita Endicott respondeu, parecia divertida. Ela aproximou-me um pouco mais, mantendo um olhar atento sobre Goth, mas o cavalo estava

calmo suficiente agora, esticando o pescoço para pegar um bocado de grama.

—Eu sinto muito por ter sido a causa de sua aflição— disse William educadamente, e tateou no bolso, saindo com nada além de um lenço amarrotado e seis pences perdidos. Ele entregou a moeda para Anne, sorrindo. —Dê a ela, com as minhas desculpas?

—Ela ficará bem— disse Anne, mas levou a moeda. Ela olhou por cima do ombro, em seguida, chamou um passo mais perto e falou rapidamente, baixando a voz. —Eu... hesito em perguntar, Lorde Ellesmere... mas, veja bem, o carro quebrou uma roda, o meu pai não pode consertá-lo, ele *não vai* abandonar nossos pertences e minha mãe está com medo de que acabaremos sendo surpreendidos e capturados pelos homens de Washington. — Seus olhos escuros, muito fixos nos dele com uma intensidade brilhante. —Pode me ajudar? Por favor? Era isso que minha irmã queria pedir.

— **Oh. Não importa exatamente qual era o problema. Deixe-me dar uma olhada.** —**Não faria nenhum mal a Goth se aquietar uns poucos minutos. Ele desceu e amarrou o cavalo em uma das mudas, seguiu a Senhorita Endicott para o carrinho de mão.**

**O carrinho estava transbordando com a mesma variedade desregrada de bens que ele viu nas docas, há dois dias — um relógio alto lotado de roupas amontoadas e lençóis, e um penico de barro caseiro estava recheado com lenços, meias, e o que provavelmente eram as joias da Sra. Endicott. A visão dessa bagunça em particular deu uma pontada súbita, no entanto.**

**Estes eram os remanescentes de um verdadeiro lar, um para o qual fora convidado — os lixos e tesouros de pessoas que ele conhecia... e gostava. Ouvira aquele mesmo relógio, com sua coroa esculpida, soar a meia-noite pouco antes que ele roubasse um beijo de Anne Endicott nas sombras do corredor de seu pai. Ele sentia a suavidade do *bong bong* agora, profundamente em seus sinais vitais.**

— **Para onde vai?**— Ele perguntou em voz baixa, uma mão em seu braço. Ela se virou para ele, corada e atormentada, seu cabelo escuro saindo da touca, mas ainda com dignidade.

—**Não sei**— disse, muito calmamente. — **Minha tia Platt vive em uma pequena aldeia perto de Nova York, mas não sei se podemos viajar para tão longe, como estamos...** —Ela acenou para o carro pesado,

cercado por sacos e pacotes de meias embrulhadas. —Talvez possamos encontrar um lugar seguro mais próximo, e esperar lá, enquanto meu pai vai fazer... arranjos. —Seus lábios pressionaram de repente apertados, e ele percebeu que ela estava segurando a compostura por força de um grande esforço. E que eram as lágrimas não derramadas que fizeram seus olhos tão brilhantes. Ele pegou a mão dela e beijou-a, suavemente.

—Eu vou ajudar— disse.

Mais fácil dizer do que fazer. Enquanto o eixo do carro estava intacto, uma roda atingiu uma pedra irregular e não apenas saíra, mas perdera, no processo, a roda de metal plana que circulava os pinos — o que conseqüentemente ficou pendurada, estando mal colada. A roda estava em pedaços na grama, e uma borboleta laranja e preta se empoleirava nas hélices disjuntas, preguiçosamente abanando suas asas.

Os medos da Srta. Endicott não eram infundados. Nem era a ansiedade do Sr. Endicott — que ele estava tentando com pouco sucesso disfarçar como irritabilidade. Se ficassem presos por muito tempo, e fossem deixados para trás... ainda que as tropas regulares de Washington estivessem se movendo muito rápido para saques, havia sempre catadores nos arredores de um exército, qualquer exército.

Um período respeitoso de inspeção permitiu que o Sr. Endicott, ainda com o rosto vermelho, mas mais estável, emergisse de seu imbróglio nacional, seguido por Peggy, também com o rosto vermelho e descendo o elenco. William acenou para o comerciante, e fez um gesto, intimando-o a juntar-se na contemplação dos destroços, longe de ouvir das mulheres.

—Está armado, senhor?—William perguntou em voz baixa. O rosto de Endicott empalideceu visivelmente, e seu pomo de adão balançou acima de seu estoque de sujeira e fuligem.

—Tenho uma arma de caça que pertenceu ao meu pai, — disse, em voz tão baixa que mal se ouvia. — Eu ... ela não foi usada em vinte anos. —*Deus*, William pensou, horrorizado. Endicott tinha que ter, pelo menos, cinquenta, e sozinho, aqui, com quatro mulheres para proteger?

—Eu vou encontrar ajuda, senhor, — William disse com firmeza. Sr. Endicott atraiu uma respiração profunda, profunda. William pensou

que o homem podia chorar se obrigado a falar, e voltou sem pressa em direção às mulheres, falando quando ele se foi.

—Haverá uma pessoa para arrumar a carroça em algum lugar ao longo da coluna. Ah, e aqui está o carregador de água vindo!—Ele estendeu a mão para Peggy. —Você vai vir comigo para pegá-lo, senhorita Margaret? Tenho certeza que ele vai parar por um rosto bonito. —Ela não sorriu, mas fungou, limpando o nariz com a manga, empertigou-se e pegou sua mão. As senhoras Endicott não eram nada se não corajosas.

Uma mula de olhar entediado puxava um carrinho com vários barris de água, passando lentamente pela coluna, o motorista parando quando saudado. William abriu caminho com determinação para dentro da briga, levantando Peggy em seus braços —por segurança — para evidente prazer dela — e desviou a operadora para o serviço dos Endicotts. Então, com um movimento de seu chapéu para as senhoras, montou novamente e fez o seu caminho na estrada em busca de um carpinteiro.

O exército viajava com o equivalente a várias aldeias de artesãos e aqueles homens chamados de *grandes ajudantes*: carpinteiros, carpinteiros, cozinheiros, ferreiros, ferradores, fabricantes de carroças, tropeiros, os transportadores, atendentes. Para não falar do grande enxame de lavadeiras e costureiras entre os seguidores de acampamento. Não levaria muito tempo para encontrar um carpinteiro ou um fabricante de carroças e persuadi-lo a lidar com o problema das Endicotts. William olhou para o sol; quase três.

O exército estava a decorrer rapidamente, mas isso não significava que ele estava se movendo em qualquer grande velocidade. Clinton deu ordens para marchar mais duas horas por dia, porém, uma pressão cada vez maior no calor. Outras duas horas antes que eles acamparam; com sorte, os Endicotts poderiam estar de novo até então e capazes de manter-se amanhã.

Um estrondo de cascos e vaias da infantaria chamou sua atenção e o fez olhar por cima do ombro, coração acelerando. Dragões com plumas esvoaçantes. Ele freou e guiou Goth diretamente para eles, olhando de cara a cara quando ele passou para baixo sua linha dupla. Vários deles olharam para ele, e um oficial fez movimentos irritados com ele, mas ele ignorou isso. Uma pequena voz no fundo de sua mente perguntou o que ele pretendia fazer, se ele *encontrasse* Harkness entre eles, mas ele ignorou isso também.

Passou pelo fim da companhia, circulou para a parte detrás, e cavalgou até o outro lado da coluna, olhando para trás por cima do ombro para o posto de rostos perplexos olhando para ele, alguns ofendidos, algum divertidos. Não... não... não... talvez? Será que ele sequer reconheceria o sujeito? Ele se perguntou. Ele estava muito bêbado. Ainda assim, achava que Harkness o reconheceria...

Eles estavam todos olhando para ele por esta altura, mas nenhum com um aspecto ou de alarme ou violência. Seu coronel freou um pouco e chamou-o.

—Ho, Ellesmere! Perdeu alguma coisa?

Ele apertou os olhos contra o sol e distinguiu o rosto vívido de Ban Tarleton, de bochechas vermelhas e um sorriso debaixo de seu capacete emplumado flamboyant. Ele empurrou o queixo em convite, e William virou o cavalo e caiu ao lado dele.

—Não perdi, exatamente, — disse. —Apenas procurando um dragão que conheci na Filadélfia chamado Harkness; Você o conhece?

Ban fez uma careta.

—Sim. Ele está com a Vigésima Sexta. Randy sodomita, sempre atrás de mulheres.

—E você não está?— Ban não era um amigo próximo, mas William saíra para beber com ele uma ou duas vezes em Londres. Ele não bebia muito, mas não precisava; era o tipo de homem que sempre parecia um pouco embriagado.

Tarleton riu o rosto corado com o calor e vermelho de lábios como uma menina.

—Sim. Mas Harkness não se preocupa com nada, a não ser mulheres. Soube que ficou com três de uma vez, num bordel.

William considerou que um por um momento.

—Tudo bem. Eu posso ver um uso para duas, talvez... mas e quanto à terceira?

Ban, que era talvez quatro anos mais velho do que William, deu o tipo de olhar de pena reservada para virgens e solteiros confirmados, em seguida, abaixou-se para trás, rindo, quando William deu um soco no braço.

—Certo— disse William. —Isso posto, estou procurando um fabricante de carroças ou carpinteiro. Sabe de qualquer um?

Tarleton ajeitou o capacete e balançou a cabeça.

—Não, mas não é obrigado a ser um ou dois nessa bagunça— Ele gesticulou negligentemente no trem de carroças de bagagem. —Com qual regimento está nos dias de hoje?— Ele franziu a testa para William, parecendo perceber que algo estava errado com o seu vestido. —Onde está sua espada? E seu gorget?

William rangeu os dentes e eles realmente fizeram um ponto, havendo tanta poeira grossa no ar e informado Tarleton de sua situação no número mínimo de palavras. Ele não mencionou onde ou em que circunstâncias ele perdeu seu gorget, e com uma breve saudação de despedida para o coronel, freou rodada e desceu a coluna novamente. Ele estava respirando como se tivesse executado o comprimento da ponte de Londres, e pulsos de eletricidade estavam correndo para baixo os braços e as pernas, sacudindo na base de sua espinha.

Sua ira sobre a sua situação foi reavivada por sua conversa com Tarleton e — incapaz de fazer qualquer maldita coisa sobre o assunto — concentrou sua mente para o que ele queria fazer com Harkness, devia encontrar o 26º regimento dos Dragões Ligeiros. Ele tocou o peito por reflexo, e a súbita vontade de fazer violência mudou de uma vez para uma corrida igualmente repentina do desejo que o deixou com a cabeça leve.

Em seguida, ele lembrou sua missão original e sangue quente lavado através de seu rosto. Montou mais devagar, acalmando sua mente. Harkness podia esperar. Os Endicotts não podiam.

O pensamento naquela família o doía nele — e não apenas porque se envergonhava de ter se deixado distrair de suas dificuldades. Mas, lembrando agora, ele percebeu que por aqueles poucos momentos com os Endicotts, preocupado com seus problemas, ele esquecera. Esquecera-se do fardo que carregava como um quilo de chumbo em seu peito. Esquecera quem ele realmente era.

O que Anne Endicott teria feito, se soubesse? Seus pais? Até mesmo... bem, não. Ele sorriu, apesar de sua inquietação. Não achava que Peggy Endicott se importaria se dissesse a ela que ele era secretamente um bandido ou um canibal, e muito menos um...

Todos os *outros* que ele conhecia, no entanto... Os Endicotts eram apenas uma família fiel que o acolheu em sua casa, e ele não tomou a licença adequada de qualquer daqueles que escolheu para ficar na Filadélfia, muito envergonhado de vê-los, sabendo a verdade.

Ele olhou por cima do ombro; os Endicotts eram pouco visíveis, agora sentado na grama em um círculo sociável, compartilhando comida de algum tipo. Ele sentiu uma pontada afiada com a visão de seu companheirismo. Nunca seria parte de uma família decente, não poderia se casar com uma mulher, mesmo de tais origens modestas como Anne Endicott.

Seu pai poderia estar arruinado, pode ter perdido sua riqueza e negócios, a família poderia descer para a pobreza — mas eles permaneceriam sendo quem eram, firmes em sua coragem e orgulhosos de seu nome. Não ele. Seu nome não lhe pertencia.

Bem... ele *poderia* casar, a contragosto, ele admitiu para si mesmo, fazendo o seu caminho cuidadosamente através de um grupo de seguidores de acampamento. Mas só com uma mulher que não quisesse nada além de seu título e dinheiro, e se casar sob tais circunstâncias, sabendo que sua esposa o despreza... e saber que você passou a mancha do seu sangue para seus filhos...

Este trem mórbido de pensamento parou abruptamente com a aparição de um pequeno grupo de artesãos, caminhando ao lado de uma grande carroça que, sem dúvida tinha ferramentas.

Ele desceu sobre eles como um lobo em um rebanho de ovelhas assustadas e impiedosamente pegou um belo e gordo ferreiro, a quem ele persuadiu por ameaças e suborno para montar atrás dele e, assim, levou sua presa de volta aos Endicotts.

Com seu espírito aliviado por sua gratidão, ele se virou para o norte novamente, em direção à cabeça do exército, acampamento, e sua ceia. Absorto em pensamentos de frango assado e molho, ele comeu com o pessoal de Clinton, e, assim, comia muito bem que ele não percebeu de imediato que outro cavaleiro chegou ao seu lado, combinando com o seu ritmo.

—Um centavo por seus pensamentos?— Disse uma agradável voz meio familiar, e ele virou-se para encontrar-se olhando para o rosto sorridente de Denys Randall-Isaacs.

William considerava Randall-Isaacs com algo entre aborrecido e curioso. O homem, para todos os efeitos, o abandonara em Quebec City há um ano e meio atrás e desaparecera, deixando-o para passar o inverno preso pela neve com freiras e *Viajantes*. A experiência melhorou tanto seu francês e suas habilidades de caça, mas não o seu temperamento.

—Capitão Randall-Isaacs, — disse friamente reconhecendo-o. O capitão sorriu agradavelmente para ele, nem um pouco retido por seu tom.

—Oh, apenas Randall nos dias de hoje— disse. —O nome do meu pai, você sabe. A outra parte foi uma cortesia para meu padraсто, mas como o velho homem está no passado agora... —Ele ergueu um ombro, deixando William tirar a conclusão óbvia: que um sobrenome judaico não poderia ser um trunfo para um oficial ambicioso.

—Surpreso ao ver você aqui— Randall continuou íntimo, como se tivessem visto um ao outro em um baile, no mês passado. —Você estava em Saratoga com Burgoyne, não é?

A mão de William apertou as rédeas, mas ele explicou pacientemente sua condição peculiar. Possivelmente pela vigésima vez.

Randall assentiu respeitoso.

—Certamente melhor do que cortar feno em Massachusetts— disse, com um olhar para as colunas em marcha que eles estavam passando. —Pensou em voltar para a Inglaterra, embora?

—Não— disse William, um pouco assustado. —Por quê? Por um lado, eu duvido que possa, pelos termos da liberdade condicional. Por outro lado, por que eu deveria? — *Porque, de fato?* ele pensou, com uma nova facada. Ele não tinha sequer começado a pensar sobre o que o esperava na Inglaterra, em Helwater, em Ellesmere. Em Londres, para falar a verdade... oh, Jesus...

—Por que, de fato?— Disse Randall, inconscientemente ecoando ele. O homem parecia pensativo. —Bem... sem muita oportunidade para distinguir-se aqui, não é? —Ele olhou muito brevemente na faixa de William, nu de armas, e de novo diretamente, como se a visão fosse de alguma forma vergonhosa — o que era.

—E o que é que você acha que eu poderia fazer lá?— William exigiu, mantendo a paciência com alguma dificuldade.

—Bem, você é um conde — Randall apontou. William sentiu o sangue subir seu pescoço, mas não podia dizer nada. —Você tem uma cadeira na Câmara dos Lordes. Por que não usa para realizar algo? Tome a política. Duvido que sua condicional diga algo sobre isso, e desde que não está voltando para se juntar ao exército, eu não diria que a viagem em si seria um problema.

—Nunca pensei nisso— disse William, que se esforçava por polidez. Não conseguia pensar em nada que preferisse menos a ser político — a

menos que fosse político enquanto atuava numa farsa.

Randall inclinou a cabeça amavelmente para lá e para cá, ainda sorrindo. Ele estava do mesmo jeito que estivera quando William o viu pela última vez: cabelo escuro amarrado para trás, sem pó, de boa aparência, em vez de bonito, esbelto, sem ser leve gracioso em movimento, com uma expressão constante de genialidade simpático. Ele não mudou muito, mas William sim. Estava dois anos mais velho agora, muito mais experiente, e era ao mesmo tempo surpreso e um pouco satisfeito ao descobrir que ele percebeu que Randall estava jogando-o como uma mão de besigue[24]. Ou tentando.

—Eu suponho que há outras possibilidades— disse, guiando seu cavalo em torno de uma enorme poça de urina lamacenta que recolheu em um mergulho na estrada.

O cavalo de Randall parou para espera-lo. Randall estava sentado tão tranquilamente quanto podia, em tal situação, mas não tentou levantar a voz acima do barulho. Ele escolheu o seu caminho para fora da lama e pegou William antes de continuar a conversa.

—Possibilidades?— Ele parecia genuinamente interessado, e provavelmente estava William pensou, mas por quê? —O que você estava pensando em fazer?

—Você se lembra do capitão Richardson, é claro?— perguntou William casualmente, mas com um olho no rosto de Randall. Uma sobrelha escura subiu um pouco, mas caso contrário, ele não demonstrou nenhuma emoção especial ao ouvir o nome.

—Oh, sim— respondeu Randall, tão casual como William. —Você já viu o bom capitão recentemente?

—Sim, alguns dias atrás— Temperamento de William diminuiu, e ele esperou com interesse para ver o que Randall poderia ter que dizer a isso.

O capitão não parecia surpreso, exatamente, mas seu ar de inconseqüência agradável definitivamente afiou em outra coisa. William poderia realmente *vê-lo* se perguntando se a perguntar sem rodeios que Richardson queria ou tomaria outro rumo, e a percepção deu uma pequena emoção.

— Lord John está com Sir Henry— perguntou Randall. Isso foi o suficiente de um *non sequitur*[25] fazendo William piscar, mas não havia nenhuma razão para não responder.

—Não. Por que ele deveria estar?

A sobrelha levantada novamente.

—Você não sabe? O regimento de Duque Pardloe está em Nova York.

—Está?— William estava mais do que assustado com isso, mas apressou-se a se recompor. —Como você sabe?

Randall acenou com a mão bem cuidada, como se a resposta a esta era irrelevante, como talvez fosse.

—Pardloe deixou a Filadélfia esta manhã com Sir Henry— explicou. — Como o duque convocou Lord John ao dever, eu pensei...

—Ele *o quê?*—O cavalo de William sacudiu a cabeça e bufou com a exclamação, William e acariciou o pescoço grande, usando o gesto para evitar o rosto por um momento. Seu pai estava *aqui?*

—Eu parei na casa de sua senhoria, na Filadélfia ontem— Randall explicou, —e uma estranha escocesa, deve ser empregada de sua senhoria, eu estou enganado? Disse-me que a sua senhoria foi embora há vários dias. Mas se você não o viu...

Randall levantou a cabeça, olhando para frente. Uma névoa de fumaça de madeira já estava mostrando acima das árvores, cozinhar com fogueiras, lavar com fogueiras, observar as fogueiras tudo marcando o campo em crescimento, seu sabor um tempero agradável nas narinas. Ele fez o estômago roncar de William.

—Hup! Hup! Acelere o passo... marche! —abaixo um grito veio de trás deles, e eles encostaram ao lado de uma coluna dupla de infantaria, que não precisava da exortação; eles estavam ansiosos para o seu jantar e a chance de depor as armas para a noite.

A pausa deu espaço a William para um momento de reflexão: ele deveria convidar a Randall a cear com ele mais tarde, tentar atraí-lo para fora? Ou começar o inferno longe do homem o mais rápido possível, usando sua necessidade de esperar em Sir Henry como desculpa? Mas o que se Lord John realmente *estava* com Sir Henry neste exato momento? *E* como tio Hal que ele precisava estar presente nessa circunstância!

Randall evidentemente usou a pausa para o pensamento, bem como, e vir a sua própria decisão. Ele veio de perto ao lado de William, e depois de uma rápida olhada para ter certeza de que ninguém estava perto deles, aproximou-se e falou em voz baixa.

—Digo isso como um amigo, Ellesmere, embora admita que você não tenha nenhuma razão para confiar em mim, espero que você vá ouvir. Não vá, pelo amor de Deus, se envolver em qualquer companhia que Richardson

sugerir. Não vá com ele A qualquer lugar, não importa quais sejam as circunstâncias. Se puder evitá-lo, nem sequer fale com ele novamente.

E com isso, ele freou a cabeça de seu cavalo ao redor, estimulou abruptamente, e estava descendo a estrada a galope, indo para longe do acampamento.

### ***Capítulo 51- Mendigando***

**Grey não se importaria se não fosse pelas dores de cabeça. A dor na lateral de seu corpo reduziu-se a algo tolerável; achava que uma costela poderia estar quebrada, mas enquanto não tivesse que correr, isso não seria um problema. O olho, no entanto...**

O olho ferido teimosamente se recusava a se mover a não ser para estremecer em sua órbita, indo de encontro a toda obstrução que segurava o — músculo orbicular? Foi assim que o Dr. Hunter o chamara? Em uma tentativa dar atenção ao seu companheiro. Era doloroso e desgastante em si, mas também provocava visão dupla e dores de cabeça excruciantes, e ele se viu muitas vezes incapaz de comer quando o atingiam, querendo apenas se deitar na escuridão e esperar que o latejar cessasse.

No momento em que pararam para armar um acampamento para a noite do segundo dia de marcha, ele mal podia enxergar, com seu bom olho, e seu estômago estava pesando com náuseas.

—Aqui— ele disse, empurrando seu bolo quente de viagem para um de seus companheiros, um alfaiate de Morristown chamado Phillipson. — Pegue. Não consigo, simplesmente não... —Ele não poderia continuar, mas pressionou a palma da sua mão com força contra seu olho fechado. Cata-ventos verdes e amarelos e flashes brilhantes de luz estouraram atrás de sua pálpebra, mas a pressão aliviou a dor por um momento.

—Guarde para mais tarde, Bert— disse Phillipson, dobrando o bolo na mochila de Grey. Ele inclinou-se perto e olhou para o rosto de Grey à luz do fogo. —Você precisa de um tampão para o olho— declarou ele. —Pare de esfrega-lo, pelo menos; está vermelho como a meia de uma prostituta. Aqui.

E com isso, ele tirou seu próprio chapéu de feltro surrado e, chicoteando um pequeno par de tesouras de seu peito, cortou um pedaço redondo da borda, esfregou um pedaço elegante de goma ao redor para fixa-lo, e, em seguida, prendeu-o cuidadosamente em lugar sobre a orbe ferida com um

lenço manchado fornecido por um dos outros milicianos. Todos eles agruparam-se ao redor para assistir, com as expressões mais amáveis de preocupação, oferecendo comida e bebida, as sugestões a respeito de qual companhia teria um cirurgião que pudesse vir a aplicar-lhe uma sangria, e assim por diante. Grey, na fraqueza da dor e exaustão, achava poderia chorar.

Ele conseguiu agradecer a todos por sua preocupação, mas, finalmente, parou, e depois de um gole de algo não identificável, mas fortemente alcoólico da cantina de Jacobs, ele sentou-se no chão, fechando o olho bom, inclinou a cabeça para trás contra um tronco, e esperou que o latejar nas têmporas diminuísse.

Apesar de seu desconforto corporal, ele se sentiu confortado em espírito. Os homens com ele não eram soldados, e Deus sabia que não eram um exército, mas eram homens, envolvidos em um propósito comum e consciente do outro, e isso era algo que ele conhecia e amava.

—... e trazemos nossas necessidades e desejos diante de ti, ó Grande Senhor, e imploramos tua bênção sobre os nossos atos...

O reverendo Woodsworth estava conduzindo um breve serviço de orações. Ele fez isso todas as noites; aqueles que quisessem poderiam se juntar a ele; aqueles que não se ocupavam em uma conversa tranquila ou pequenas tarefas de conserto ou talhar.

Grey não tinha ideia real, de onde estavam, salvo que era em algum lugar ao nordeste da Filadélfia. Mensageiros a cavalo os encontravam de vez em quando, e pedaços confusos de notícias e especulações se espalhavam como pulgas através do grupo. Ele concluiu que o exército britânico estava indo para o norte claramente rumo à Nova York e Washington e que deixava Valley Forge com suas tropas e tinha a intenção de atacar Clinton em algum lugar no caminho, mas ninguém sabia onde. As tropas estavam se reunindo em um lugar chamado Ferry de Coryell, em um ponto que eles podiam, possivelmente, dizer para onde estavam indo.

Ele não desperdiçou energia em pensar sobre sua própria posição. Ele poderia facilmente escapar suficiente na escuridão, mas não havia nenhum ponto em fazê-lo. Ficar vagando em torno do campo no meio de companhias de milícias convergindo e tropas regulares, corria mais risco de acabar de volta sob a custódia do coronel Smith, que provavelmente o enforcaria sem hesitar, então ele permaneceu com a milícia de Woodsworth.

O perigo podia aumentar quando se *juntassem* às tropas de Washington, mas os grandes exércitos realmente não conseguiam se esconder um do outro, nem eles tentavam esquivar-se de serem notados. Se Washington tivesse em qualquer lugar perto de Clinton, Grey poderia naquele momento facilmente desertar — se isso fosse considerado deserção — e atravessar as linhas em mãos britânicas, arriscando apenas ser baleado por um sentinela mais entusiasmado antes que pudesse se render e tornar-se conhecido.

**Gratidão** pensou, ao ouvir a oração do Sr. Woodsworth em meio a uma crescente névoa de sonolência e dor desaparecendo. Bem, sim, havia mais algumas coisas que ele podia contar com a sua lista de bênçãos.

**William** ainda estava em liberdade condicional e, portanto, era um não combatente. **Jamie Fraser** foi liberado do Exército Continental para escoltar o corpo de **Brigadeiro Fraser** de volta para Escócia. Embora retornasse, ele já não estava no exército; não estaria nessa luta, também. Seu sobrinho **Henry** estava se curando, mas de modo algum pronto para o combate. Não havia ninguém propenso a se envolver na próxima batalha, se houvesse um, sobre o qual ele precisa se preocupar. Apesar de vir a pensar... Sua mão encontrou o bolso vazio de suas calças. *Hal*. Onde diabos estava *Hal*?

Ele suspirou, mas depois relaxou, aspirando aos aromas de fumaça de madeira, agulhas de pinheiro e milho assado. Onde quer que estivesse *Hal* estaria seguro o suficiente. Seu irmão poderia cuidar de si mesmo.

As orações acabaram, um de seus companheiros começou a cantar. Era uma música que ele conhecia, mas as palavras eram bem diferentes. Sua versão, pega de um cirurgião do exército que lutou com os colonos durante a guerra franco-indiana, era:

*Irmão Ephraim vendeu sua vaca  
E comprou uma Comissão;  
E então ele foi para o Canadá  
Para lutar pela Nação;*

*Mas quando Ephraim chegou a casa  
Ele provou ser um Covarde,  
Ele não iria lutar contra os franceses lá  
Por medo de ser derrotado.*

**Dr. Shuckburgh não tinha uma opinião muito boa dos colonos, e nem tinha o compositor a versão mais recente, que costumava ser uma canção de marcha. Ele a ouvira na Filadélfia, e cantarolou baixinho.**

*O Yankee Doodle veio à cidade,  
Para comprar um mosquete,  
Joguemos alcatrão e penas nele,  
E assim vamos John Hancock!*

**Seus companheiros presentes estavam agora cantando com gosto a mais recente evolução,**

*Yankee Doodle foi para a cidade  
Montado em um pônei,  
Preso uma pena em seu boné  
E chamaram de Miscelânea!*

**Perguntou-se, bocejando, se algum deles sabia que a palavra *dudel* significava *simplório* em alemão. Duvidava que Morristown, de Nova Jersey, tivesse visto um *Miscelânea*, aqueles jovens que foram afetados nas perucas cor de rosa e uma dúzia de caras remendadas.**

**À medida que a dor de cabeça diminuía, ele começou a apreciar o simples de se recostar. Os sapatos com seus cadarços improvisados mal cabiam e, assim como os saltos raspando lhe causava um surto de dor nas canelas pelo constante esforço de encolher os dedos dos pés, a fim de manter os malditos calçados. Ele esticou as pernas devagar, quase apreciando o dolorido em seus músculos, tão perto da felicidade em contraste com a caminhada.**

**Foi distraído de seu catálogo de bênçãos magras, por um pequeno faminto tragar próximo ao seu ouvido segundo por uma voz jovem e baixa.**

**—Senhor... se você não está bem para comer seu bolo...**

**—O quê? Oh... Sim. Claro.**

**Ele esforçou-se para sentar-se, uma mão protetora pressionada sobre seu olho ruim, e virou a cabeça para ver um menino de onze ou doze anos sentado na tora apenas ao lado dele. Ele estava com a mão dentro de seu saco, procurando pela comida, quando o menino soltou um suspiro, e olhou para cima, a visão oscilando à luz do fogo, para descobrir-se cara a cara**

com o neto de Claire, cabelos louros em um halo despenteado em volta de sua cabeça e um olhar de horror em seu rosto.

—Silêncio— ele disse em um sussurro, e agarrou o joelho da criança em um aperto tão repentino que o menino deu um pequeno grito.

—Ora, o que é que você tem aí, Bert? Pegou o ladrão? —Abe Shaffstall, distraiu de um jogo inconstante das articulações dos dedos, olhando por cima do ombro, olhando para o garoto míope Cristo, qual era o nome dele? Seu pai era francês; Era Claude? Henri? Não, isso era o menino mais novo, o anão...

—*Tais-toi!*— ele disse em voz baixa para o garoto, e se virou para seus companheiros. —Não, não, este é o filho de um vizinho da Filadélfia er... Bobby. Bobby Higgins — acrescentou, agarrando o primeiro nome que ofereceu. —O que trouxe você aqui, meu filho?— Ele perguntou, esperando que o menino fosse tão perspicaz como sua avó.

—Estou procurando meu avô — o menino respondeu prontamente, embora seus olhos se inquietassem em volta do círculo de rostos, agora todos voltados em sua direção enquanto o cântico morria.

—A minha mamãe me enviou com algumas roupas e comida para ele, mas alguns companheiros malvados me tiraram de minha mula e... e levaram tudo. —A voz do menino tremia de forma realista, e Grey percebeu que, na verdade, as faces sujas mostravam as faixas de lágrimas.

Isso provocou um estrondo de preocupação em volta do círculo e da produção imediata de puxões e bolsões de pão duro, maçãs, carne seca, e lenços sujos.

—Qual é o nome do seu avô, filho?— Joe Buckman perguntou. —E em qual companhia ele está?

O menino olhou perplexo com isso e lançou um rápido olhar sobre Grey, que respondeu por ele.

—James Fraser, — ele disse, com um aceno tranquilizador que fez sua cabeça latejar. —Ele ficaria com uma das companhias da Pensilvânia, não é, Bobby?

—Sim, senhor— O garoto limpou o nariz com o lenço oferecido e com gratidão aceitou uma maçã. —*Mer...* — Ele interrompeu-se com um ataque de tosse ardiloso e alterou-a para —Obrigado, senhor. E você, senhor. —Ele devolveu o lenço e pôs a um consumo voraz, este limitar de suas respostas para acenos e balançar de cabeça. Murmurando indistintos indicando que ele esqueceu o número da companhia de seu avô.

—Não importa menino— disse o reverendo Woodsworth confortavelmente. —Estamos todo o indo para o mesmo lugar para nos reunir. Você vai encontrar o seu avô com as tropas de lá, com certeza. Você acha que pode manter-se com nós, porém, a pé?

—Oh, sim, senhor— Germain *era isso! Germain!* Disse, balançando a cabeça rapidamente. —Eu posso andar.

—Vou cuidar dele— disse Grey às pressas, e que parecia acabar com o assunto.

Ele esperou impacientemente até que todos esqueceram a presença do menino e começassem a preparar-se para dormir, em seguida, levantou-se, os músculos protestando, e sacudiu a cabeça pedindo a Germain para segui-lo, abafando uma exclamação de dor no movimento.

—Certo— ele disse em voz baixa, tão logo eles estavam fora do alcance da voz. —Que diabo você está fazendo aqui fora? E onde *está* seu avô imbecil?

—Eu *estou* procurando por ele — respondeu Germain, desabotoando seus botões para mijar. —Ele foi para... — Ele fez uma pausa, obviamente sem saber qual seu relacionamento com Grey agora. —Perdão, meu senhor, mas eu não devo dizer a você isso ou não. Quero dizer... —O menino não era mais que uma silhueta contra o negro mais escuro do mato, mas até o contorno de seu corpo manifestava cautela eloquente. — *Comment se fait-il que vous soyez ici?*

—Como é que eu vim para aqui— Grey repetiu em voz baixa. — *Comment*, de fato. Nunca minto. Eu vou dizer a *você* para onde estamos indo, posso? Percebi que estamos rumo a um lugar chamado Ferry Coryell para se juntar ao General Washington. Isso parece algo?

Ombros delgados de Germain relaxaram e um tamborilar suave na terra indicou que, aparentemente, ele fez. Grey se juntou a ele, e, terminou, eles voltaram em direção ao brilho da fogueira.

Ainda no abrigo da floresta, Grey pôs a mão no ombro de Germain e apertou. O menino parou.

—*Attendez, monsieur*— Grey disse, em voz baixa. —Se a milícia souber quem eu sou, eles vão me enforcar. Instantaneamente. Minha vida está em suas mãos a partir deste momento. *Comprenez-vous?*

Houve silêncio por um momento enervante.

—É espião, meu senhor?— Perguntou Germain suavemente, não se virando.

Grey fez uma pausa antes de responder, oscilando entre conveniência e honestidade. Ele mal conseguia esquecer o que viu e ouviu, e quando ele conseguiu voltar para suas próprias linhas, o dever obrigaria a passar as informações que tinha.

—Não por escolha— disse por fim, assim como em voz baixa.

Uma brisa fresca subiu com o pôr do sol, e da floresta murmurou ao seu redor.

—*Bien*— Germain disse por fim. —E obrigado pela comida— Ele virou-se então, e Grey podia ver o brilho de luz do fogo em uma sobancelha loira, arqueada em curiosidade.

—Então, eu sou Bobby Higgins. Quem é você, então?

—Bert Armstrong, — Grey respondeu brevemente. —Me chame de Bert.

Ele abriu o caminho, em seguida, em direção ao fogo e os rolos de cobertor dobrados de dormir. Ele não conseguia dizer, acima do farfalhar das árvores e o ronco de seus companheiros, mas ele *pensou* que o pestinha estava rindo.

## *Capítulo 52 - Sonhos de Morfina*

**Dormimos aquela noite em um quarto público em Langhorne. Corpos estavam espalhados em mesas e bancos, enrolados *em baixo* das mesas, e em arranjos ao acaso em tabuas, capas dobradas e alforjes, tão longe da lareira quanto poderiam estar. O fogo estava se extinguindo, mas ainda irradiava calor considerável. A sala estava cheia com os aromas amargos de lenha e os cheiros vindos dos corpos. Eu estimei a temperatura na sala em algo como uns quarenta graus centígrados, e os corpos adormecidos em exposição estavam em grande parte nus, coxas pálidas, ombros e seios brilhando sob a luz soturna das brasas.**

**Jamie estava viajando em camisa e calças, seu novo uniforme e suas deslumbrantes roupas íntimas cuidadosamente dobradas em uma mala até chegarmos ao alcance do exército, por isso o seu despir era uma simples questão de desabotoar seus botões e tirar as meias. O meu era mais complicado pelo fato de que minhas vestes eram cheias de cordões de couro, e ao longo de um dia encharcados de suor, o nó apertava em um nódulo teimoso que resistia a todas as tentativas.**

—Você não vem para a cama, Sassenach?— Jamie já estava deitado, tendo encontrado um canto remoto atrás do balcão de bar e espalhado nossas capas.

—Eu quebrei uma unha tentando soltar essa maldita coisa, e eu não posso alcançá-lo com os meus dentes!— Eu assobiei para ele, a ponto de romper em lágrimas de frustração. Eu estava balançando com o cansaço, mas não podia ir dormir nos confins úmidos do meu espartilho.

Jamie ergueu um braço para fora da escuridão, acenando.

—Venha deitar, Sassenach— ele sussurrou. —Eu vou fazer isso.

O simples alívio de deitar, depois de doze horas na sela, era tão requintado que eu quase mudei de ideia sobre dormir em meu espartilho, mas ele estava falando sério. Ele se contorceu e inclinou a cabeça para acariciar as minhas rendas, um braço em volta de mim para me firmar.

—Não se mecha— ele murmurou na minha barriga, a voz um pouco abafada, —se eu não posso roer, vou arrancar com meu punhal.

Ele olhou para cima com um barulho perguntando, quando dei uma risada estrangulada com a perspectiva.

—Só estou tentando decidir se ser estripada acidentalmente seria pior do que dormir com meu espartilho, — eu sussurrei, segurando sua cabeça. Estava quente, o cabelo macio na nuca úmida ao toque.

—Minha pontaria não é tão ruim, Sassenach, — disse, fazendo uma pausa em seus trabalhos por um instante. — O único risco seria acertar seu coração.

Como disse, ele atingiu seu objetivo sem recorrer às armas, empurrando delicadamente o nó frouxo com os dentes até que ele pudesse terminar o trabalho com os dedos, abrindo a lona pesada da costura fazendo como uma concha para expor a brancura do meu corpo. Suspirei como uma abertura de um molusco grato à maré alta, arrancando o tecido fora com as marcas que meu espartilho fez em minha carne. Jamie afastou-as descartadas, mas ficou onde estava, com o rosto perto dos meus seios, esfregando as mãos suavemente sobre a lateral do meu corpo.

Suspirei de novo ao seu toque, ele fazia isso por hábito, mas era um hábito do qual senti falta nos últimos meses, e um toque que eu nunca pensei em sentir novamente.

—Você está muito magra, Sassenach, — ele sussurrou. —Eu posso sentir cada costela. Eu vou encontrar comida para você amanhã.

Eu estava muito preocupada nos últimos dias para pensar em comida, e estava muito cansada no momento para estar com fome, mas fiz um som agradável em resposta e acariciando seu cabelo, traçando a curva de seu crânio.

—Eu te amo, *a nighean*— Disse, muito suavemente, seu hálito quente na minha pele.

—Eu te amo— eu respondi tão suavemente quanto ele, tirando a fita de seu cabelo e afrouxando a trança entre meus dedos. Pressionei sua cabeça para mais perto de mim, e não como um convite, mas a partir da necessidade urgente súbita de *mantê-lo* perto de mim, para protegê-lo.

Ele beijou meu peito e virou a cabeça, colocando-a no oco de meu ombro. Ele respirou profundamente, mais uma vez, e depois estava dormindo, o peso de seu corpo relaxado contra minha proteção e confiança.

—Eu te amo— eu disse, quase sem som, meus braços apertados sobre ele. —Oh, meu Deus, eu te amo.

Poderia ter sido a sensação de fadiga esmagadora, ou o cheiro, a mistura de álcool e corpos sujos, que me fez sonhar com o hospital.

Eu estava andando pelo corredor pouco além ala masculina do hospital onde eu fiz o treinamento de enfermeira, a pequena garrafa de morfina na minha mão. As paredes eram de cor cinza sujo; assim com o ar. No fim do corredor estava o banho de álcool, onde as seringas eram mantidas.

Eu levantei uma, fria e escorregadia, tendo o cuidado para não deixar cair. Mas eu larguei; deslizando da minha mão e quebrando no chão, espalhando cacos de vidro que cortavam as pernas.

Não podia me preocupar com isso; tinha que voltar com a injeção de morfina para os homens que estavam gritando atrás de mim, desesperados, e de certa forma soava como a tenda de operação na França lá atrás, homens gemendo, gritos e choro desesperado, e os meus dedos tremiam com urgência, tateando no banho de aço frio entre seringas de vidro que sacudiram como ossos.

Peguei uma, segurando-a com tanta força que ela, também, quebrou na minha mão, e o sangue escorria do meu pulso, mas eu não estava consciente

da dor. Outra, devo pegar outra; eles estavam com dores terríveis e eu poderia para-las, se só...

De alguma forma, eu tinha uma seringa limpa e comecei a abrir a pequena garrafa de morfina, mas minha mão tremia os grãos derramando como sal; Irmã Amos ficaria furiosa. Eu precisava de pinças, fórceps; Eu não conseguia segurar as pequenas pedras com os dedos e, em pânico, sacudi várias delas para dentro da seringa, um grão inteiro, não a quantidade certa, mas eu *tinha* que chegar aos homens, tinha que parar sua dor.

Em seguida, eu estava correndo de volta pelo infinito corredor cinza em direção aos gritos, cacos de vidro brilhando entre as gotas vermelhas do sangue no chão, ambos tão brilhantes como as asas da libélula. Mas minha mão foi ficando ainda mais dormente, e a última seringa caiu de meus dedos antes de chegar à porta.

E eu acordei com uma sacudida que parecia parar meu coração. Engoli em seco e a fumaça de cerveja e corpos, sem saber onde eu estava.

—Jesus, Sassenach, você está bem?— Jamie, assustado em seu sono, enrolado em seu cotovelo em cima de mim, e eu voltei para o presente com o máximo de um choque como o meu despertar. Meu braço esquerdo estava paralisado a partir do ombro para baixo, e havia lágrimas em meu rosto; eu senti a frieza na minha pele.

—Eu... Sim. Apenas um... um sonho ruim. —Senti vergonha de confessá-lo, como se fosse seu privilégio sofrer pesadelos.

—Ah— Ele abaixou-se ao meu lado com um suspiro e me reuniu com ele com um braço. Ele correu o polegar sobre meu rosto e, encontrando umidade, limpo-a com naturalidade, com sua camisa. —Tudo bem agora?— Ele sussurrou, e eu balancei a cabeça, agradecida que eu não precisasse falar sobre isso.

—Bom. — Ele afastou o cabelo do meu rosto e esfregou minhas costas suavemente, os círculos da mão ficando gradualmente mais lentos até que ele caiu no sono novamente.

Era noite fechada, e um sono profundo estava sobre a sala. Ela inteira parecia respirar junto, roncos e suspiros e grunhidos tudo desaparecendo em algo como as ondas de uma maré vazante, subindo e descendo e me levando com eles, com segurança de volta para as profundezas do sono.

Somente os alfinetes e agulhas de sentimento de voltar para o meu braço morto me impediam, momentaneamente.

Eu ainda podia ver o sangue e os cacos de vidro ouvindo contra o sussurro de roncões do acidente do vidro caindo, via as manchas sangrentas no papel de parede no número 17.

*Caro Senhor, Orei, ouvindo o coração de Jamie em meu ouvido, lento e constante. Aconteça o que acontecer que ele tenha uma chance de falar com William.*

### **Capítulo 53 – Em Desvantagem**

William conduziu seu cavalo para baixo entre as pedras a um lugar plano, onde ambos pudessem beber. Era meio da tarde, e depois de um dia passado a andar para lá e para cá ao longo da colina sob o sol escaldante, estava ressecado como um pedaço de carne seca de veado do ano passado.

**Seu atual cavalo era Madras, um pônei com um peito profundo e uma disposição firme e constante. O cavalo entrou propositadamente na corrente, testando a profundidade, e afundou o nariz na água com um suspiro feliz, sacudindo o casaco contra a nuvem de moscas que aparecia instantaneamente do nada quando eles pararam.**

**William acenou afastando alguns insetos longe de seu próprio rosto e tirou o casaco para o alívio de um momento do calor. Ele foi tentado a entrar na água, também, até o pescoço, se o riacho fosse profundo o suficiente, mas... bem... Ele olhou cautelosamente por cima do ombro, mas ele estava bem longe da vista, mas ele podia ouvir os sons das carroças de bagagem na estrada distante. Por que não? Apenas por um momento. Não era como se a expedição que ele estava carregando fosse urgente; ele viu escrito, e continha nada mais do que um convite para o General Von Knyphausen para se juntar ao General Clinton para o jantar em uma pousada com uma reputação de boa carne de porco. Todo mundo estava torcendo com o suor; umidade não seria reveladora.**

**Ele apressadamente tirou os sapatos, camisa, meias, calças e roupas íntimas, e andou nu na água remoendo, que mal chegava à sua cintura, mas estava molhada e fria. Ele fechou os olhos em êxtase alívio e abriu abruptamente meio segundo mais tarde.**

**—William!**

Madras atirou a cabeça com um grunhido assustado, dando um banho com gotas em William, mas ele mal notou no choque de ver duas jovens em pé na margem oposta.

—O que diabos vocês estão fazendo aqui? —Ele tentou se agachar um pouco mais baixo na água sem ser visível sobre isso. Apesar de uma voz fraca no fundo de sua mente perguntasse em voz alta por que ele se preocupava: Arabella/Jane já viu tudo o que ele tinha. —E quem é essa?— Ele perguntou, apontando com o queixo para a outra garota. Ambas estavam vermelhas como as rosas de verão, mas ele pensou, ele esperava que fosse o resultado do calor.

—Esta é minha irmã, Frances— disse Jane, com a elegância de uma matrona da Filadélfia, e fez um gesto para a menina mais jovem. —Faça uma reverência para sua senhoria, agora, Fanny.

Fanny, uma jovem muito bonita, com cachos escuros espreitando sob sua touca, quantos anos ela tinha, onze, doze? Fez uma reverência doce, saias azul e vermelho de chita aberta, e deixou cair os longos cílios modestamente ao longo de grandes olhos suaves de uma jovem corça.

—Seu mais humilde servo, mademoiselle— disse, curvando-se com tanta graça quanto possível, o que, a julgar pelas expressões nos rostos das meninas, foi provavelmente um erro. Fanny colocou a mão sobre sua boca e ficou muito mais vermelha do esforço para não rir.

—Estou encantado em conhecer sua irmã, — ele disse para Jane, um pouco friamente. —, mas receio que me tenha surpreendido em desvantagem, minha senhora.

—Sim, isso é uma sorte— Jane concordou. —Não conseguia pensar numa forma em como o encontraríamos no meio da confusão, e quando o vi cavalgar como se um demônio estivesse atrás de você, pegamos uma carona na carroça das bagagens, e não achei que o alcançaríamos. Mas aceitamos o risco e... *voila! Fortuna favet audax*, você sabe. —Ela não estava mesmo tentando fingir que não estava rindo dele!

Ele arranhou algumas respostas afiadas, mas a única coisa que veio à sua mente inflamada era um eco humilhante de seu passado, algo que seu pai dissera na ocasião quando ele acidentalmente caiu em uma privada: “Quais são as novidades do submundo, *Perséfone?*”

—Vire as costas— disse secamente. —Eu vou sair.

**Elas não viraram. Rangendo os dentes, ele virou as próprias costas para elas e, deliberadamente, subiu no banco, sentindo a coceira de quatro olhos interessados focados em suas costas gotejando. Ele pegou sua camisa e lutou o seu caminho para vesti-la, sentindo-se que, mesmo que muito abrigo permitiria continuar a conversa de uma maneira mais digna. Ou talvez ele acabasse dobrando as calças e as botas debaixo do braço e sair sem mais conversa.**

O som de salpicos, enquanto ele ainda estava envolto nas dobras de sua camisa o fez girar, cabeça aparecendo livre a tempo de ver Madras saindo do riacho do lado das meninas, os lábios já pegando a maçã que Jane estava segurando para ele.

—Volte aqui, senhor— gritou. Mas as meninas tinham mais maçãs, e o cavalo não prestou atenção seja qual fosse nem se opôs quando Arabella/Jane tomou as rédeas e prendeu casualmente em volta do tronco de um jovem de salgueiro.

—Eu percebi que você não perguntou como chegamos a estar aqui— disse. —Sem dúvida, surpresa privou de seus modos requintados habituais — Ela mostrava as covinhas para ele e ele olhou-a severamente.

—Perguntei — disse. —Eu claramente lembro ter dito: O que. O. Diabos. Estão. Fazendo. Aqui.

—Ah, então perguntou — disse, sem corar. —Bem, para não colocar um ponto demasiado fino sobre o assunto, Capitão Harkness voltou.

—Oh — ele disse, em um tom um pouco diferente. —Entendo. Você, hum, fugiu, então?

Frances assentiu solenemente.

William limpou a garganta. —Por quê? Capitão Harkness, sem dúvida, está *com* o exército. Por que você veio aqui, de todos os lugares, em vez de ficar segura na Filadélfia?

—Não, ele não está— disse Jane. — Ficou preso na Filadélfia por conta de negócios. Então saímos. Além disso, — ela acrescentou negligentemente, — há *milhares* de mulheres com o exército. Ele nunca nos encontrará, mesmo que esteja procurando e por que ele deveria estar?

Isso era razoável. Ainda assim... ele sabia o que era a vida de uma prostituta no exército. Ele também tinha uma forte suspeita de que as meninas acabaram seu contrato com a casa de prostituição; muito pouco poupado, o suficiente de seus salários para comprar o seu caminho para fora, e ambas as meninas eram muito jovens para ter feito muito dinheiro.

Para abandonar o razoável conforto de camas limpas e refeições regulares na Filadélfia, a fim de acomodar soldados imundos e suarentos no meio de lama e moscas, pagando em golpes tão frequentemente como em moeda... No entanto, ele foi obrigado a admitir que ele nunca fosse arruinado por um sodomita vicioso como Harkness e, portanto, não tinha verdadeira base para comparação.

—Eu espero que você queira dinheiro, para ajudar na sua fuga?— Disse, uma vantagem em sua voz.

—Bem, talvez— disse Jane. Alcançando em seu bolso, ela levantou algo brilhante. —Principalmente, eu queria devolver isso a você.

Seu gorget! Ele deu um passo involuntário para ela, esmagando os dedos na lama.

—Obrigado— disse abruptamente. Sentia falta daquilo cada vez que se vestia, e sentiu-se ainda mais o peso dos olhares de seus colegas oficiais sobre o local vazio onde deveria descansar. Foi obrigado a explicar, mais ou menos, ao coronel Desplains o acontecera, dizendo que fora roubado em um bordel. Desplains o repreendeu duramente, mas, em seguida, relutantemente concedeu-lhe licença para apresentar-se sem um gorget até que ele pudesse ter outro em Nova York.

—O que eu, nós, *realmente* queremos é sua proteção — disse Jane, fazendo o seu melhor para olhar cativante séria, e fazendo-o terrivelmente bem.

—Você *o que*?—

—Acho que não devo ter nenhuma dificuldade em ganhar a vida com o exército— disse, francamente, mas isso não é realmente o que quero para minha querida irmã, esse tipo de vida.

—Er... não. Imagino que não — disse William com cautela. —O que mais você tem em mente?— *Ser empregada de uma dama?* quis sugerir sarcasticamente, mas à luz do retorno de seu gorget, ele se absteve.

— Não tenho muitas ideias— disse, fitando o seu olhar sobre as ondas, onde o riacho corria sobre rochas. —Mas se pudesse nos ajudar a chegar com segurança a Nova York, e talvez encontrar um lugar para nós lá...

William passou a mão pelo rosto, enxugando uma camada de doce suor.

—Não quer muito, não é?— Disse. Por um lado, se ele não desse alguma garantia de ajuda, ele não iria colocar passando por ela para arremessar seu gorget na água em um acesso de raiva. E, por outro... Frances era uma

criança linda, delicada e pálida como uma flor de manhã e glória. E no terceiro lado, ele não tinha mais tempo de sobra no argumento.

—Pegue o cavalo e vamos seguir — disse abruptamente. —Eu vou encontrar um novo lugar com o comboio de bagagem. Tenho que entregar uma encomenda para Von Knyphausen agora mesmo, mas eu vou encontrá-la no acampamento do general Clinton, esta noite, não, não esta noite, eu não vou estar de volta até amanhã... —Ele se atrapalhou por um momento, se perguntando onde dizer para encontrá-lo; o que *não* podia era ter duas jovens prostitutas perguntando por ele na sede do general Clinton. —Vá para a tenda dos cirurgiões no pôr do sol de amanhã. Eu vou pensar em algo.

### ***Capítulo 54 - Como Eu Reconheço um Nabo***

Durante a viagem do dia seguinte, encontramos um mensageiro, enviado de volta pelo de comando de Washington com uma nota para Jamie. Ele a leu encostado a uma árvore enquanto eu fazia uma visita discreta a um punhado de moita próximo.

—O que ele diz?— Eu perguntei, ajeitando minhas roupas quando saí. Ainda estava bastante admirada que Jamie realmente tivesse falado com George Washington, e o fato de que ele estava franzindo a testa para uma carta presumivelmente *escrita* pelo futuro Pai do país...

—Duas ou três coisas— ele respondeu com um encolher de ombros, e, redobrando a nota, enfiou-o no bolso. —A única parte importante é que a minha brigada está sob o comando de Charles Lee.

—Você conhece Charles Lee?— Eu tenho o meu pé no estribo e me levanto para a sela.

—Eu sei *sobre* ele. —O que ele sabia parecia ser bastante problemático, a julgar pela linha entre as sobrancelhas. Eu levantei minha própria; ele olhou para mim e sorriu.

—Eu o conheci, sabe, quando eu conheci o General Washington. Eu fiz o meu negócio para aprender um pouco mais sobre ele desde então.

—Ah, então não gostou dele, — eu observei, e ele me deu um pequeno grunhido.

—Não, não gostei— disse, cutucando seu cavalo em uma caminhada. —Ele é gritão e grosseiro e sujo — pude ver isso por mim mesmo —, mas

pelo que eu ouvi desde então, ele também é invejoso até os ossos não tem problemas em escondê-lo muito bem.

—Invejoso? De quem? —Eu não esperava isso de Jamie.

—Dê Washington— ele respondeu com naturalidade, me surpreendendo. —Ele achava que ele deveria ter comandado o Exército Continental, e não ficar como um subordinado.

—Sério?— O que parecia estranho, é que nunca ouvira que o general Charles Lee, tivesse tido tanto destaque a ponto de fazer com que essa expectativa fosse razoável. —Por que ele acha isso, você sabe?

— Sei. Ele sente que tem uma boa dose a mais de experiência na vida militar que Washington, e talvez seja verdade: ele estava no exército britânico durante algum tempo e lutou em uma série de campanhas bem-sucedidas. Ainda assim... —Ele levantou um ombro e deixou-o cair, descartando o General Lee pelo momento. —Eu não teria concordado com isso, se Lee tivesse pedido.

—Achei que não quisesse fazê-lo, de qualquer maneira.

—Mmphm— Ele pensou por um momento. —É verdade não queria fazer isso, e não agora— Ele olhou para mim, lamentando. — E eu realmente não quero que você esteja aqui.

—Estarei onde você estiver para o resto de nossas vidas — eu disse com firmeza. —Se for uma semana ou mais quarenta anos.

—Muito tempo— disse, e sorriu.

Andamos por um tempo em silêncio, mas profundamente consciente um do outro. Como estivéramos, desde a conversa nos jardins em Kingsessing.

—*Eu vou amar você para sempre. Não importa se você dormir com o todo exército Inglês — bem, não, — isso teria importância, mas não me impediria de amar você.*

—*Eu tomei você na cama umas mil vezes, pelo menos, Sassenach. Será que você pensa que eu não estava prestando atenção?*

—*Não poderia haver ninguém como você.*

Não esqueci as palavras que ele me disse — nem ele esquecerá, embora nenhum de nós falasse sobre isso novamente. Não andávamos pisando em ovos um com o outro, mas estávamos sentindo o nosso caminho... encontrando nosso caminho para o outro, como fizemos duas vezes antes. Uma vez, quando eu voltei para encontrá-lo em Edimburgo e no início, quando nós nos encontramos e casamos à força pelas circunstâncias. Só mais tarde, por escolha.

—O que você queria ser?— Eu perguntei, por impulso. —Se você não tivesse nascido o Senhor de Lallybroch?

—Não nasci. Se o meu irmão mais velho não tivesse morrido, você quer dizer — disse. Uma pequena sombra de arrependimento cruzando seu rosto, mas não demorando. Ele ainda lamentava o menino que havia morrido aos onze, deixando um irmão menor para suportar o fardo da liderança e da luta crescendo dentro dele, mas ele estava acostumado a esse peso por um longo tempo.

—Talvez isso— eu disse. —Mas e se você tivesse nascido em outro lugar, talvez em uma família diferente?

—Bem, então eu não seria quem sou, seria?— Disse, logicamente, e sorriu para mim. —Eu posso me esquivar do que o Senhor me chamou para fazer de vez em quando, Sassenach, mas eu não discuto o que Ele fará comigo.

Olhei para o que ele era — o corpo firme e forte, as mãos capazes, o rosto tão cheio de tudo o que ele era, e não tinha nenhum argumento, de qualquer maneira.

—Além disso— ele disse, e inclinando a cabeça pensativamente, — se tivesse sido diferente, eu não teria você, não é? Ou teria Brianna e seus filhos?

*Se tivesse sido diferente...* Não perguntei se ele achava que a sua vida como fora tinha valido a pena.

Ele se inclinou e tocou minha bochecha.

—Vale a pena, Sassenach— disse. —Para mim.

Limpei a garganta.

—Para mim, também.

Ian e Rollo nos alcançaram a poucos quilômetros da balsa de Coryell. **A escuridão caiu, mas o brilho do acampamento era ligeiramente visível contra o céu, e fizemos o nosso caminho com cautela em, sendo interrompido a cada quarto de milha ou assim por sentinelas que surgiam irritantemente saindo do escuro, mosquetes prontos.**

**—Amigo ou inimigo?— O sexto deles exigiu dramaticamente, olhando no feixe de uma lanterna escura erguida.**

**—General Fraser e sua senhora— disse Jamie, protegendo os olhos com a mão e olhando para baixo, para a sentinela. — Isso é amigável o suficiente para você?**

**Eu abafei um sorriso no meu xale; ele se recusou a parar para encontrar comida ao longo do caminho, e eu me recusei a deixá-lo consumir o bacon cru, não importa quão bem defumado. As quatro maçãs de Jenny não foram muito longe, a gente não encontrou nenhuma comida desde a noite anterior, e ele estava morrendo de fome. Um estômago vazio geralmente acordava o demônio que dormia, e isso estava claramente em evidência no momento.**

**—Er... sim, senhor, general, eu só —o feixe da lanterna de luz mudou para descansar em Rollo, pegando-o em cheio no rosto e virando os olhos para um flash verde assustador. A sentinela fez um barulho sufocado e Ian se inclinou para baixo em seu cavalo, seu próprio rosto — com tatuagens Mohawk e tudo — aparecendo de repente na trave.**

**—Não se preocupe conosco— disse jovialmente para a sentinela. — Somos amigáveis, também.**

Para minha surpresa, havia, na verdade, um assentamento de bom tamanho em Ferry, com várias pousadas e casas substanciais empoleiradas no banco do Delaware[26].

—Suponho que é por isso que Washington escolheu este como o ponto de encontro— eu perguntei a Jamie. —Boa encenação, eu quero dizer, e alguns suprimentos.

—Sim, deve ser isso — disse, embora ele falasse distraidamente. Ele subiu um pouco nos estribos, olhando para a cenário. Cada janela de casa estava acesa, mas uma grande bandeira americana, com seu círculo de estrelas, tremulava por cima da porta da maior pousada. Sede de Washington, então.

**Minha principal preocupação era conseguir um pouco de comida para Jamie, antes que ele se encontrasse com o General Lee, se o referido na verdade tinha uma reputação de arrogância e pavio curto. Eu não sabia do que se tratava o cabelo vermelho, mas muitos anos de experiência com Jamie, Brianna, e Jemmy me ensinaram que, enquanto a maioria das pessoas ficava irritada quando estão com fome, uma pessoa ruiva com o estômago vazio era uma bomba-relógio ambulante.**

**Enviei e Ian e Rollo com Jamie para encontrar o intendente, descobrindo o que poderia haver em termos de alojamento, e descarregar o burro de carga, em seguida, segui o meu nariz para o cheiro mais próximo de alimentos.**

As cozinhas de campo estariam funcionando por muito tempo desde que ascendiam suas fogueiras, mas eu estive em muitos acampamentos do exército e sabia como funcionava; pequenas chaleiras estariam fervendo toda a noite, cheia de cozido e mingau pela manhã, tanto mais que o exército estava em perseguição do general Clinton. Incrível pensar que eu o encontrei socialmente apenas alguns dias antes.

Eu estava tão focada em minha busca que eu não vi um homem sair da metade escura e quase colidi com ele. Ele me agarrou pelos braços e nós demos meia volta tonto antes de vir para descansar.

—*Perdão, madame!* Receio ter pisado em cima de seu pé! — Disse uma voz jovem francesa, muito preocupada, e eu olhei direto para o rosto muito preocupado de um homem muito jovem. Ele estava em mangas de camisa e calções, mas eu podia ver que sua camisa exibia profundos punhos rendados. Um oficial, então, apesar de sua juventude.

—Bem, sim, você fez — eu disse suavemente, —, mas não se preocupe com isso. Eu não estou machucada.

—*Je suis désolé tellement, je suis un navet!*— ele exclamou, batendo na testa. Ele não usava peruca, e eu vi que apesar de sua idade, seu cabelo estava recuando em um ritmo rápido. O que restava dele era vermelho e inclinado a ficar devido ao seu aparente hábito de empurrar seus dedos por ele, o que ele estava fazendo, possivelmente.

—Bobagem— disse em francês, rindo. —Você não é um nabo em tudo.

—Oh, sim— disse, mudando para o Inglês. Ele sorriu encantadoramente para mim. —Uma vez eu pisei no pé da rainha da França. Ela era muito menos graciosa, *sa Majesté*— Acrescentou com tristeza. —*Ela* chamou-me de nabo. Ainda assim, se isso não tivesse acontecido, eu seria obrigado a deixar a quadra, você sabe talvez eu nunca tivesse vindo para a América, por isso não podemos lamentar a minha falta de jeito completamente, *n'est-ce pas?*

Ele era extremamente alegre e cheirava a vinho, não que isso era de alguma forma incomum. Mas, dada ao seu superior Frenchness, sua riqueza evidente, e sua tenra idade, eu estava começando a pensar...

—Eu já a, hum, honra de conhecê-lo— Maldição, o que era o seu título real? Supondo-se que ele realmente fosse.

—*Perdão, madame!*— ele exclamou, e, agarrou minha mão, curvou-se sobre ela e a beijou. —*Marie Joseph Paul Yves Roch Gilbert du Motier, Marquês de La Fayette, a votre service!!*

Eu consegui pegar *La Fayette* fora desta torrente de sílabas gaulesas e senti o baque pouco estranho de excitação que acontecia quando eu encontrava alguém de quem já conhecia históricas e contos, embora o realismo sóbrio frio me dissesse que essas pessoas eram geralmente menos notáveis do que as pessoas que estavam cautelosas ou felizes de não acabar decorando relatos históricos com o seu sangue e entranhas.

Juntei compostura suficiente para informá-lo que eu era esposa do General Fraser e que eu tinha certeza de que meu marido em breve se juntaria para prestar seus respeitos, diretamente quando eu o localizasse para jantar.

—Mas você deve vir jantar comigo, madame!— Disse, e, depois de não abrir mão da minha mão, estava em posição de guardá-la confortavelmente em seu cotovelo e me levar em direção a um grande edifício que parecia uma pousada de algum tipo. Uma pousada não era precisamente o que era, mas uma estalagem que foi confiscada pelas forças rebeldes e agora era a sede do General Washington, como eu descobri quando *Le Marquis* levou-me sob uma bandeira tremulante, através da taverna, e em uma grande sala de volta onde um número de oficiais estava sentados à mesa, presididos por um homem grande que não parecia exatamente como a imagem em uma nota de dólar, mas perto o suficiente.

— *Mon Général* — o marquês disse, curvando-se para Washington e, em seguida, apontando para mim. —Tenho a honra de apresentar Madame General Fraser, a personificação da graça e da beleza!

A mesa subiu como um só, com um barulho de bancos de madeira, e os homens de fato, havia apenas seis deles se curvaram para mim, por sua vez, *murmurando: Seu servo e Seu mais obediente, ma'am. O próprio Washington levantou-se na cabeceira da mesa, Meu Deus, ele é tão alto como Jamie*, pensei, e me deu uma reverência muito graciosa, mão em seu peito.

—Estou honrado com a sua presença, Sra. Fraser— disse, em um sotaque suave da Virginia. —Atrevo-me a esperança de que o seu marido a acompanha?

Tive impulso de um momento de loucura para responder, —*Não, ele me enviou para lutar em vez disso,* —, mas consegui não dizê-lo.

—Ele— eu respondi em seu lugar. —Ele é... er... —Fiz um gesto impotente em direção à porta, onde, com notável bom timing de Jamie agora apareceu, escovando agulhas de pinheiro da manga e dizendo algo ao Jovem Ian, atrás dele.

—Onde você estava!— Exclamou, me encarando. —Alguém me disse que você saiu com um estranho francês. O que... —Ele parou abruptamente, tendo de repente percebido que eu não estava apenas na companhia de um estranho francês.

A mesa caiu na gargalhada, e La Fayette correu para Jamie e apreendeu sua mão, sorrindo.

—*Mon frère d'armes!*— Ele bateu os calcanhares, sem dúvida, por reflexo, e se curvou. —Eu devo pedir desculpas por ter roubado sua adorável esposa, senhor. Permitam-me, por favor, para fazer recompensa por convidá-lo para jantar!

Eu conheci Anthony Wayne antes, em Ticonderoga, e tive o prazer de vê-lo novamente. Eu também estava muito contente por ver Dan Morgan, que me deu um beijo caloroso em ambas as faces, e eu admiti certa emoção por ter a minha mão beijada por George Washington, apesar de perceber a halitose que acompanhou seus notórios problemas dentários. Gostaria de saber como eu poderia fazer uma oportunidade de inspecionar os dentes, mas não dei tais especulações imediatamente com a chegada de um cortejo de criados com bandejas de peixe frito frango assado, leite e biscoitos com mel, e uma impressionante seleção de queijos maduros, estes sendo trazido pelo próprio marquês da França.

—Experimente este— ele me falou o corte de uma laje de um Roquefort extremamente perfumado, esverdeado e quebradiço. Nathanael Greene, que estava sentado no outro lado do marquês, beliscou o nariz discretamente e me deu um pequeno sorriso privado. Eu sorri de volta, mas na verdade eu gostei bastante do forte queijo.

Eu não era a única. Rollo, que chegou naturalmente com Jovem Ian estava sentado atrás dele, do outro lado da mesa, levantou a cabeça e enfiou um longo e focinho peludo entre Ian e General Lee, farejando com interesse no queijo.

—Bom Cristo!— Lee aparentemente não notara o cão à sua frente e se atirou para o lado, quase terminando no colo de Jamie. Essa ação distraiu Rollo, que se virou para Lee, cheirando-o com muita atenção.

Não culpei o cão. Charles Lee era um homem alto e magro, com um nariz longo e fino e os hábitos alimentares mais revoltantes que eu já vi desde que Jemmy aprendeu a se alimentar com uma colher. Ele não só falava enquanto comia e mastigava com a boca aberta, mas era dado a gestos selvagens enquanto segurava as coisas em sua mão, com o resultado a frente de seu uniforme estava manchada de ovo, sopa, geleia, e um número de substâncias não identificáveis.

Apesar disso, ele era um homem divertido, espirituoso e os outros pareciam dar certa deferência. Eu me perguntava por que; ao contrário de alguns dos senhores da mesa, Charles Lee nunca alcançou fama como uma figura revolucionária. Tratava-os com um determinado... bem, não desprezo, certamente condescendência, talvez?

Fiquei entretida pela conversa principalmente com o marquês, que estava se esforçando para ser encantador comigo, me dizendo o quanto ele sentia falta de sua esposa (Meu Deus, quantos anos ele tinha? Eu me perguntava. Ele não parecia ter mais do que vinte, se isso), que fora responsável pelo queijo. Não, não, não por fazê-lo ela mesma, mas ele veio de sua propriedade em Chavaniac, a qual sua esposa dirigia mais habilmente em sua ausência, mas de vez em quando pegava uma olhada de Jamie. Ele participava da conversa, mas eu podia ver seus olhos vagarem ao redor da mesa, avaliando, julgando. E repousarem, na maioria das vezes no General Lee, ao lado dele.

É claro que ele conhecia Wayne e Morgan bastante bem e sabia que eu era capaz de dizer a ele sobre Washington e La Fayette. Deus, eu esperava que o que eu achava que sabia sobre eles estava a meio caminho do certo, mas nós descobriríamos em breve se não fosse.

Vinho do Porto foi trazido — evidentemente a refeição estava sendo organizada pelo marquês; onde tive a nítida sensação de que o alto comando do exército continental nem sempre comia assim bem. Os homens evitaram falar sobre a batalha iminente durante a refeição, mas eu podia sentir o assunto aparecendo como uma tempestade se aproximando, nuvens negras de aros brilhantes, empolgação disparada com lampejos de relâmpagos. Comecei a reorganizar minhas saias e fazer gestos de despedida incipiente, e vi Jamie, sentado ao lado de Lee sobre a mesa, observar e sorrir para mim.

Lee percebeu também e ficou olhando de forma ausente no meu decote e interrompeu a anedota que ele estava dizendo a Ian, sentado em seu outro lado.

—Que prazer em conhecê-la, minha senhora— disse cordialmente. — Seu marido nos honra extremamente, permitindo-nos o prazer de sua companhia. Eu...

Lee parou de repente no meio da frase e no meio de uma mordida, olhando para Rollo, que discretamente se aproximou e agora estava parado a mais de alguns pés do general. Dado o banco baixo em que Lee estava sentado e ao tamanho de Rollo, a distância era de olho-no-olho.

—Por que é que o cão me olha desse jeito?— Lee perguntou, balançando virando para encarar Ian.

—Ele está esperando para ver se você deixa cair, eu espero— disse Ian, mastigando calmamente.

—Se eu fosse você, senhor— Jamie colocou educadamente: —Eu ia deixar cair algo rapidamente.

Ian, Rollo, e eu pedimos licença aos generais e saímos para a escuridão para encontrar nossas camas escoltados por um ordenança com uma lanterna. Fogueiras queimavam altas acima e abaixo da margem do Delaware, e muitos dos barcos no rio tinham lanternas ou tochas, bem como, as luzes refletindo na água como cardumes de peixes brilhando.

—Você sabe alguma coisa sobre o homem que comeu ao seu lado?— Eu perguntei a Ian, no meu hesitante gaélico. Ele e Jamie *sempre* riam quando falava gaélico, mas levantou um ombro em um encolher de ombro negativo.

—Não sei, mas eu vou descobrir— disse. —Ele é um inglês, eu posso dizer isso.

Ele usou a palavra *Sassenach* que me deu um leve choque. Foi um longo tempo desde que eu ouvi um escocês usar essa palavra na forma como ele fez.

—Sim, ele é. Você acha que isso faz a diferença? —Tecnicamente, *todos* eles ainda eram ingleses, bem, menos La Fayette, Von Steuben, Kosciuszko e similares esquisitices, mas era verdade que a maioria dos oficiais do Continental nascera e passara a vida na América. Lee não. Ian fez um ruído escocês irrisório, indicando que fazia diferença.

—Mas eu ouvi que ele foi adotado pelos Kahnyen'kehaka também— objetei.

Ian ficou em silêncio por um momento, então me pegou pelo braço, inclinando-se para falar em meu ouvido.

—Tia— disse em voz baixa. —Você acha que eu deixei de ser um escocês?

### *Capítulo 55 - Virgens Vestais1*

Jamie e eu estávamos alojados na casa dos Chenowyths, uma agradável — e compreensivelmente um tanto ansiosa — família cuja casa ficava no final da única estrada que atravessava Coryel Ferry. Sra. Chenowyth estava em seu invólucro, mas me cumprimentou gentilmente com um castiçal e me levou para um quarto pequeno na parte de trás da casa, esta mostrando a evidência da saída apressada por uma série de jovens Chenowyths, estes presumivelmente agora compartilhando o quarto de seus pais, a julgar pelos sons de respiração pesada mista.

**A cama de solteiro era relativamente grande, embora os pés de Jamie ainda ficassem fora uns bom centímetros. Havia um lavatório e um jarro cheio de água fresca, eu os peguei cuidadosamente e bebi, a minha garganta estava seca de tanto vinho francês. Eu posei o jarro e sentei na cama, sentindo-me um pouco estranha.**

**Possivelmente, era o vinho. Possivelmente, era o fato de que o quarto não tinha janelas, e a Sra. cuidadosamente fechou à porta atrás dela. Era um quarto pequeno, talvez três metros por dois. O ar estava parado e a chama da vela queimava alta e constante, pura contra os tijolos da parede. Talvez fosse a vela que trouxe tio Lamb a mente, e o dia em que ele me contou sobre as virgens vestais, mostrando-me uma peça esculpida em calcedônia azul do templo de Vesta.**

**—Se uma virgem traísse seus votos— disse, balançando as sobrelhas para mim —ela seria chicoteada, depois encerrada viva em uma pequena tumba subterrânea, equipada com uma mesa e uma cadeira, um pouco de água, e uma única vela. E lá ela morreria, quando o ar se esgotasse.**

**Considerarei aquilo com um prazer quase mórbido — eu devia ter dez anos —e então perguntei com interesse apenas como uma Vestal poderia trair seus votos. E foi aí como eu aprendi o que costumava ser chamado de Os Fatos da Vida, tio Lamb não fugindo de qualquer fato que atravessasse seu caminho, ou o meu. E enquanto o tio Lamb me garantiu que o culto de Vesta existia há muito tempo desde que as**

**operações deixaram, eu tinha naquele momento resolvido não ser virgem, apenas para garantir. Em geral, uma boa resolução, embora dormir com homens resultava no efeitos colaterais mais peculiares.**

Ian trouxe meus alforjes, que ele jogou no canto da sala antes de sair com Rollo para encontrar seu próprio lugar para dormir. Levantei e me atrapalhei com minha escova de dente e o pó para limpar os dentes, embora parecesse muito surreal estar escovando os dentes sobre o que poderia ser a véspera da batalha. Não *bastante* reorganize as cadeiras no convés do Titanic... ou pelo menos eu não esperava.

Eu sabia que Washington e o Marquês sobreviveriam ao que quer que acontecesse, e dispensei um pensamento à estranheza de pensar neles agora como homens e não nomes. Os poros dilatados no nariz de George Washington quando ele se inclinou sobre a minha mão, e os poços sombreados de cicatrizes antigas de varíola em toda parte inferior de seu rosto; seu cheiro, amido e suor, vinho e pó de peruca, pois ele usava peruca, quente como estava, o cheiro docemente desagradável de cárie dentária... Peguei minha escova de dente, lembrando, e comecei a trabalhar com algum vigor. Ele cheirava a sangue, também; perguntava-me se era porque talvez as gengivas sangrassem?

Eu me contorci para sair do vestido, jaqueta, e anáguas e fiquei em pé por alguns minutos batendo a minha volta, na esperança de conseguir um pouco de ar. Isso fez com que vela tremulasse, mas não fez muito efeito além disso, então eu soprei a vela e me deitei.

Não esperava dormir. Adrenalina sacudia por mim como uma corrente em um circuito com defeito desde que deixamos Filadélfia, mas agora estava sentada um zumbido constante no meu sangue. A conversa durante o jantar foi bastante genérica, mas a atmosfera estava elétrica com antecipação. Claramente, uma vez que Ian e eu saímos, e os pratos foram removidos... Foi o mais perto que eu já estive em um conselho de guerra, e as vibrações ainda estavam formigando através de mim.

Havia ansiedade formigando também, certamente formigava entre os homens, também. Mas, dada uma tomada adequada, a ansiedade pode ser transformada em ação muito eficaz, e isso é claramente o que Washington e seus generais estavam fazendo, elaborando planos, atribuindo tropas, elaborando estratégias... Gostaria de estar com eles. Seria muito mais interessante do que ficar deitada na total escuridão, encarando o tédio infinito — um jeito chato de morrer.

Sentei-me, engolindo ar, e saí apressadamente para a porta. Nenhum som, nenhuma luz vazando por baixo. Tateei pelo chão até que localizei meus sapatos e a poça em que estava meu manto e, lançando-a sobre meus ombros, deslizei para fora e fiz meu caminho em silêncio pela casa meio-escura, passando pela parte principal latente e para fora.

A porta estava destrancada no trinco; talvez o Sr. Chenowyth estivesse fora e fosse esperado de volta. Deveria supor que havia algum de ficar trancada pelo lado de fora, mas a esse ponto, passar a noite no meio de um acampamento militar em meu turno parecia preferivelmente melhor do que dormir — ou não dormir — em uma tumba. Além disso, eu tinha certeza de que um dos pequenos Chenowynths urinara na cama muito recentemente.

Ninguém prestou atenção em mim enquanto eu caminhava de volta ao longo da estrada. As tabernas e botecos estavam lotados e os clientes se derramando por toda a estrada. Soldados do exército Continental em seus uniformes azuis e amarelos, se vangloriando sobre a inveja — que eles esperavam — os milicianos tinham. Um bom número de mulheres também, e não todas as meretrizes, por qualquer meio. Mas acima de tudo... ar.

O calor do dia em grande parte fora embora, e ainda que de qualquer forma o ar não estivesse frio, não estava sufocante, também. Tendo escapado do sepultamento, eu me alegrava com a sensação de liberdade e que equivalia a invisibilidade, tão alta quanto sou, com minha capa sobre e meu cabelo preso em uma trança, eu parecia muito com muitos dos milicianos no escuro; ninguém olhava duas vezes para mim.

A rua e o campo mais à frente estavam elétricos; eu reconheci a sentimento, e isso me deu a estranha sensação de deslocamento, — pelo reconhecimento disso em suas várias formas, desde a metade dos campos de batalha em que servi, da França, em 1944, até Prestonpans e Saratoga. Não foi sempre assim; muitas vezes o sentimento na ocasião era de medo ou pior. Lembrei-me da noite anterior a Culloden e senti uma onda de frio passar através de mim com tanta força que eu cambaleei e cai contra a parede de um edifício.

—Amiga Claire?— Disse uma voz, com espanto.

—Denzell?— Meio cega pelo número de tochas carregadas passando por mim, eu pisquei para a forma que se manifestou na minha frente.

—O que está fazendo aqui?— Disse, alarmado. —Tem alguma coisa errada? É Jamie?

—Bem, você poderia dizer que é Jamie, — eu disse, conseguindo me compor. —Mas não há nada de errado, não. Eu estava precisando de um pouco de ar. O que *você* está fazendo aqui?

—Eu fui buscar uma jarra de cerveja— disse, e levou-me com firmeza pelo braço, me guiando pela rua. —Venha comigo. Você não deveria estar na rua com os homens de combate. Aqueles que não estão embriagados agora em breve estarão.

Não discuti. Sua mão no meu braço parecia bem, me firmando contra as correntes estranhas da noite que parecia me levar querendo ou não para o passado e futuro, e vice-versa, sem aviso prévio.

—Onde estão Rachel e Dottie — perguntei, quando viramos à direita no final da rua e começamos a abrir o nosso caminho através das fogueiras e fileiras de tendas.

—Rachel desapareceu em algum lugar com Ian; Eu não perguntei. Dottie está em nossa tenda médica, lidando com um caso de indigestão aguda.

—Oh, Deus. O que ela comeu?

Ele riu suavemente. —A indigestão não é dela. Uma mulher chamada Peabody, que veio reclamando de cólicas. Dorothea disse que administraria algo apropriado, se pegasse um pouco de cerveja, não sendo seguro para ela se aventurar num boteco sozinha.

Pensei ter detectado uma pequena nota de reprovação em sua voz, mas fiz um indeterminado som de *hmm* em resposta e ele não disse mais nada sobre eu estar vagando pelas ruas *en peignoir*. Possivelmente porque ele não percebeu que eu estava *en peignoir*, até que entramos na grande tenda médica de Hunter e eu tirei meu manto.

Denny me deu um breve olhar, chocado, tossiu, e, pegando um avental de lona, conseguiu entregá-lo a mim, sem olhar diretamente para mim. **Dottie, que estava massageando as costas maciças de uma grande mulher sentada curvada em um banquinho a sua frente, sorriu para mim sobre a cabeça tampada da mulher.**

—Como está tia? Inquieta hoje à noite?

—Muito— eu respondi francamente, colocando o avental. —Esta é a Sra. Peabody?

—Sim. — Dottie sufocou um bocejo com o ombro. —A indigestão parece estar melhor quando dei água com hortelã-pimenta para a gripe — acrescentou ela, para Denny. —Mas ela está reclamando de dores nas costas também.

—Hmm. — Eu olhei e agachei na frente da mulher, que parecia estar meio adormecida até que senti o cheiro de sua respiração, que era a prova, pelo menos. Eu coloquei minha mão em sua barriga para ver se eu podia sentir o local do problema, quando ela tossiu grosso de uma forma que eu ouvi muitas vezes antes, engasgando e eu pulei para trás a tempo.

—Obrigado pelo avental, Denny, — eu disse suavemente, limpando algumas das maiores manchas de lama e vômito que havia respingado em mim. — Não suponho que tenha trazido um banquinho de parto com você?

—O banquinho de parto. Para uma batalha?— Disse baixinho, com os olhos ligeiramente esbugalhados atrás de seus óculos quando ele olhou para a mulher, agora balançando pesadamente para lá e para cá, como um grande sino decidindo se tocaria ou não.

—Prefiro pensar que poderia ser um— eu disse, olhando ao redor. — Se ela estiver em trabalho de parto. Você pode encontrar um cobertor, Dottie? Acho que teremos que coloca-la no chão, ela vai desmoronar a cama de campanha.

Precisou de nós três para colocar a Sra. Peabody — que caíra confortavelmente na inconsciência no momento em que a tocamos — em um cobertor aberto no chão sob a lanterna. Houve uma insurgência quase instantânea de traças, quando elas vieram tremulando, atraídas não só pela luz, mas pelos cheiros variados pelo ar.

Sra. Peabody caíra não apenas na inconsciência, mas no que parecia ser um coma alcoólico. Depois de certa quantidade de discussão, nós a viramos para um lado, no caso dela querer vomitar novamente e a posição permitiu que sua barriga fluísse longe do resto de seu corpo corpulento, de modo que ele estava deitada no chão na frente, grávida e recém acomodada. Ela parecia à rainha de alguma ordem de insetos sociais, pronta para entregar a casa dos milhares, mas se absteve de mencionar isso, quando Dottie ainda estava pálida.

Denzell havia se recuperado do choque e estava de olho, ou melhor, a mão em seu pulso, mantendo o controle de seu pulso. —Por incrível que pareça forte— disse, finalmente, deixando ir, e olhou para mim. —Será que acha que ela está perto de seu tempo?

—Eu realmente espero que *não*, —Eu disse, olhando para baixo. —Mas não há como dizer sem... er... um exame mais detalhado. —Eu respirei

fundo e um aperto no meu mais generosos instintos. —Você gostaria que eu... er...

—Vou encontrar água limpa— disse, pondo-se de pé e agarrando um balde.

Dado que Dottie estava noiva de Denny, eu abster-me de chamá-lo de covarde na presença dela e apenas acenei para ele de uma forma reservada. Sra. Peabody fez-me desconfortável em uma série de pontuações. Eu não tinha ideia se ela podia estar prestes a entrar em trabalho de parto, ou, se o fez como seu estado de coma pode afetá-lo. O nível de álcool em seu sangue certamente afetaria a criança; será que um recém-nascido bêbado seria capaz de respirar? Não vomitaria, uma vez que não havia nada em seu estômago *para ser* vomitado, mas poderia anular suas entranhas no útero e aspirar ao material? Isso era uma coisa extremamente perigosa para acontecer mesmo em um hospital moderno, com uma equipe completa de parto apoiando — a maioria dos bebês morria por asfixia, lesão pulmonar ou infecção.

Eu estava muito envergonhada de admitir para mim mesma que meu medo principal, porém, era algo que aconteceria durante o parto que exigiria permanecer com a mãe/criança por um período prolongado. Não poderia, por meu juramento como médica e que eu concebesse minhas responsabilidades de abandonar um paciente na minha extrema necessidade.

Mas eu *faria* se fosse para não abandonar Jamie. Eu sabia que para além de qualquer dúvida que ele estava indo para a batalha, e logo. Ele não iria sem mim.

Um leve ruído me puxou para fora do meu hipotético dilema moral. Dottie começou a desembalar e caiu uma serra amputação. Ela abaixou-se para pegá-la e disse algo baixinho em alemão que eu pensei que era provavelmente uma má palavra de John sempre xingava em alemão; talvez fosse um hábito familiar.

O pensamento em John adicionou outra camada de culpa aos meus complicados sentimentos, embora a parte lógica do meu cérebro rejeitasse firmemente este como imerecido. Ainda assim, a preocupação com ele não podia ser rejeitada tão facilmente, mas eu fiz o meu melhor para guardá-lo para o presente.

—Não precisa ficar acordada, Dottie— eu disse. —Posso cuidar dos assuntos aqui. Nada vai acontecer imediatamente, de qualquer forma, posso cuidar dos kits cirúrgicos.

—Não, está tudo bem— ela disse, e então bocejou involuntariamente, escancarado tão amplamente que ela se assustou e colocou a mão sobre sua boca tardiamente. —Oh, Deus. Por favor, me perdoe, Sra. Fraser —Isso me fez sorrir; ela tinha maneiras elegantes, talvez Hal as tivesse também, quando não estava empenhado em ser um bastardo.

—Na verdade— disse, fixando-me diretamente com seu olhar marcante, —Estou contente por ter a oportunidade de falar com você em particular.

—Oh— eu disse, de cócoras para colocar a mão na barriga da Sra. Peabody. Eu não estava me sentindo qualquer movimento do bebê, mas eles geralmente pareciam tranquilos se o parto era iminente. Poderia ter usado o meu estetoscópio para ouvir um batimento cardíaco fetal, mas estava em uma das caixas ou sacos de que Ian arrumou e transportou para algum lugar. Além disso, tudo o que eu ouvi ou não faria nenhuma diferença para o protocolo imediato.

—Sim— Dottie sentou-se num caixote, como se fosse um trono-como todos os Greys que eu conheci, que tinha excelente postura. —Preciso saber a forma correta de realizar a relação sexual.

—Oh. Erm...

Ela olhou para a Sra. Peabody.

—E se há alguma maneira de prevenir... er...

—Gravidez. Para ter certeza. —Eu limpei minha garganta. Periferia pensar que a visão da Sra. Peabody teria colocado as mulheres mais jovens fora da ideia de ter filhos, se não de sexo completamente. Dorothea Grey, no entanto, era claramente uma jovem de sangue e ferro.

—Não me entenda mal, tia— disse com sinceridade. —Ou quero dizer Amiga Claire? Eu *quero* quer ter filhos os quero terrivelmente. Mas se houver qualquer escolha sobre o parto em um campo de batalha ou de um navio em movimento, diga.

Aproveitei este último, em parte para me dar tempo para compor algo coerente na maneira de um conselho. Eu prefiro pensar que Rachel pode querer falar sobre essas coisas, em algum momento, não tendo mãe, mas...

—Um navio? Você está pensando em ir para a Inglaterra, então?

Ela fez uma careta de uma forma que trouxe seu pai vividamente diante de mim, e eu quase ri, mas felizmente não aconteceu.

—Eu não sei. Eu quero ver mamãe de novo, é claro, e Adam... e meu... bem, na verdade, eu duvido que eu deveria ver qualquer um dos meus amigos de novo. —Ela acenou com a mão, dispensando os amigos. —Não é

que não existem quaisquer Quakers na sociedade, mas todos eles são muito ricos, e não será...

Ela mordeu o lábio, mas de uma forma que indica cálculo em vez de desgosto.

—Se eu puder fazer Denny casar comigo aqui, assim que chegamos à Inglaterra como marido e mulher já, seria uma simples questão de encontrar um grupo de Londres que nos acolha. Considerando aqui —Ela estendeu a mão para o zumbido do campo em torno de nós. —O seu envolvimento na guerra sempre ficaria em seu caminho, você vê?

—Mesmo depois que a guerra acabar?

Ela me deu um olhar paciente, velho demais para seu rosto.

—Papai diz que guerras tomam três gerações a desaparecer a partir do solo onde eles estão travadas. E pelo que eu vi, Amigos têm memórias muito longas, também.

—Ele pode ter apenas um ponto— Sra. Peabody começou a roncar alto, mas eu não senti nenhuma sensação de contração. Eu passei a mão pelo meu cabelo e apoiei a minhas costas mais confortavelmente contra uma das caixas de suprimento contra a parede. —Tudo bem. Talvez... um pouco de anatomia básica, para começar.

Eu realmente não tinha ideia do quanto se alguma coisa, um nobre nascido jovem poderia saber, ou descobriu por outros meios, de modo que comecei com a anatomia reprodutiva feminina, começando com o útero, pois certamente ela sabia o que era, e levando para fora, parte por parte.

—Você quer dizer que ele tem um *nome*? — Exclamou encantada, quando cheguei ao clitóris. — Sempre pensei nisso como apenas, você sabe... *aquele pedacinho*. —Seu tom de voz deixou bem claro que eu não preciso explicar o *que* aquele pedacinho fazia, e eu ri.

—Para o melhor de meu conhecimento, é a única estrutura do corpo humano, que parece não ter função qualquer a não ser guardar o prazer do proprietário.

—Mas os homens... eles não... ?

—Bem, sim, eles tem — eu disse. —E muito prazeroso que encontrar o deles também. Mas um pênis é extremamente funcional, também. Você, er... sabe como ele... usa? Em termos de relação sexual?

—Denzell não me deixa tocar seu membro nu, e eu estou *morrendo* para vê-lo calmamente, não apenas o vislumbre estranho quando ele, bem, você sabe. —Seus olhos brilhavam com o pensamento. —Mas eu sei como se

parece através de suas calças. Fiquei espantada, a primeira vez que ficou duro na minha mão! No entanto ele faz isso?

Eu expliquei o conceito de pressão hidrostática de forma tão simples quanto possível, já vendo o que estava por vir **limpei a garganta e subi para os meus joelhos.**

— **Preciso examinar a Sra. Peabody para quaisquer sinais de trabalho de parto. E ainda que tenhamos que ser respeitadas em sua privacidade — tanto quanto existe tal coisa nas condições — Para Dottie bufou alto, — Já que você está me ajudando aqui, não há nenhuma razão pela qual não deva observar o que estou fazendo, e eu vou explicar-lhe como vamos fazer. Como as coisas... funcionam.**

Ela cantarolou com interesse enquanto eu cuidadosamente revelava regiões inferiores da Sra. Peabody, que estavam densamente florestadas, mas ainda identificáveis — muito identificáveis — e femininas.

—Quando o colo do útero, que é a abertura para o útero — quando começa a se abrir para o bebê sair, muitas vezes há um pouco de sangue e muco liberado, mas é completamente inofensivo. Não vejo nenhum sinal de que ainda, apesar de tudo. — Isso me animou.

—Oh— disse Dottie, e fracamente. Mas ela inclinou-se atentamente sobre meu ombro enquanto eu cuidadosamente inseria minha mão recém lavada. —Oh! — Disse em tom de extrema revelação. — *É para aqui* que isso vai!

—Bem, sim, é — eu disse, tentando não rir e falhando. — Denzell deveria ter contado, eu espero. Você perguntou a ele?

—Não— ela disse, sentando-se um pouco em seus calcanhares, mas ainda observando de perto quando coloquei a mão sobre o abdômen da Sra. Peabody e senti o colo do útero. Suavizado, mas ainda firme. Comecei a respirar novamente.

—Não?— eu disse só meio ouvindo.

—Não— Ela se empertigou. — Não quero parecer ignorante. Denny assim quero dizer, ele é *educado*. Sou capaz de ler, é claro, e escrever, mas apenas cartar, e tocar música, mas isso é inútil. Vou me agitar ao redor dele e ajuda-lo no que puder, é claro, e ele é sempre tão bom em explicar as coisas... mas... bem, eu continuava a ter essa visão de nossa noite de núpcias e explicar isso para mim exatamente da mesma maneira que ele me diria como chupar o ranho do nariz de uma criança com um tubo ou manter a

pele em conjunto para que ele pudesse costurar uma ferida. E... —Ela fez uma careta graciosa, que tinha que ser o legado de sua mãe. —Eu quis garantir que não ia ser assim.

—Muito... um... louvável —Eu retirei a minha mão e limpei, cobrindo a Sra. Peabody, e checando o pulso de novo, lento, mas forte como um tímpano; a mulher devia ter o coração de um boi. —Como er... *quer* você quer que isso seja? Tendo em mente — apressei a acrescentar — que este tipo de coisa é bastante variável. —Outro pensamento me ocorreu. —Denzell nunca... ? Embora eu suponho que você não saberia.

Sua testa branca macia enrugou no pensamento.

—Não sei; Nunca pensei em perguntar. Apenas assumi bem, tenho irmãos. Sei o que *eles* fizeram, porque eles falam sobre isso, putas, eu quero dizer com seus amigos. Acho que eu pensei que todos os homens... mas, pensando bem, talvez Denny não quisesse ir a uma prostituta. Você acha que ele pode? —Ela franziu a testa um pouco, mas ela não parecia chateada com o pensamento. Claro, aquilo provavelmente era comumente aceito no círculo social dos homens Greys, ou soldados, pelo menos, naturalmente faria.

Com memórias muito vívidas da minha própria noite de núpcias — e de meu espanto ao ser informada que meu noivo era virgem — considerei por um momento.

—Possivelmente não. Agora, sendo um médico, claramente ele deve conhecer os mecanismos essenciais. Mas *há* mais do que isso.

Seus olhos ficaram mais claros e ela se inclinou para frente, com as mãos sobre os joelhos.

—Conte-me.

—Um pouco como clara de ovo misturada com uma gota ou duas de algália. Teoricamente bom para a pele, mas, francamente, —eu estava dizendo, quando eu ouvi o som de vozes do lado de fora da tenda.

Rachel e Ian voltaram, parecendo alegres, corados, e bem assim os jovens que acabaram de passar a última hora ou duas fazendo o tipo de coisas que eu estava instruindo Dottie. Eu a vi olhar de lado para Rachel, então, muito brevemente, às calças de Ian. Sua cor subiu um degrau.

Rachel não percebeu sua atenção fixada a uma vez na Sra. Peabody, bem, a atenção de todos fixadas na Sra. Peabody; era realmente impossível

olhar para qualquer outra coisa. Ela franziu o cenho para a mulher em decúbito dorsal no chão e, em seguida, olhou para mim.

—Onde está Denzell?

—Uma excelente pergunta. Ele deixou um quarto de hora atrás para encontrar água. Há cerveja, porém, se você está com sede. —Eu balancei a cabeça no jarro negligenciada.

Ian serviu um copo para Rachel, esperou enquanto ela bebia, então encheu para si mesmo, com os olhos ainda fixos na Sra. Peabody, que estava emitindo uma notável variedade de ruídos, embora ainda inconsciente.

**—Tio Jamie sabe onde você está tia?— Perguntou Ian. —Ele esteve procurando por você agora mesmo. Disse que a colocaria num lugar seguro para dormir, mas escapou. Mais uma vez— acrescentou com um sorriso largo.**

—Oh, —eu disse. — Ele terminou com os generais pela noite, então?

**—Sim, ele saiu para conhecer alguns dos capitães da milícia sob seu comando, mas a maioria foi dormir até lá, então ele foi para acompanhá-lo aos Chenowyths. Sra. Chenowyth ficou um pouco surpresa ao descobrir que você saiu — acrescentou delicadamente.**

— Só saí para pegar um pouco de ar, — disse eu, na defensiva. —E então... —Fiz um gesto para a paciente no chão, que agora estabelecia um ronco ritmado. Sua cor estava melhor, o que era animador. — Você acha que Jamie er... está irritado?

Ian e Rachel ambos riram.

—Não, tia, —Ian disse. —Mas ele está morto de cansaço, e ele a quer muito.

—Ele disse a você para dizer isso?

**—Não, precisamente nessas palavras, —Rachel disse, —mas o seu significado foi claro.** — Ela se virou para Ian, com um rápido aperto de seu braço. —Poderia ir encontrar Denny, Ian? Claire não pode deixar essa mulher sozinha, eu acho — ela perguntou, arqueando uma sobrancelha para mim.

—Ainda não— eu disse. —Ela não parece estar indo para o trabalho imediatamente — Eu cruzei meus dedos contra a possibilidade, —mas ela não devia ser deixada sozinha neste estado.

—Sim, é claro— Ian bocejou de repente, muito, mas, em seguida, sacudiu para trás em estado de alerta. —Se eu encontrar tio Jamie, eu vou

dizer onde está, tia.

Ele saiu, e Rachel derramou uma xícara de cerveja, que ela me ofereceu. Estava na temperatura da sala e uma sala quente, pelo que, mas refrescante azedo e forte. Eu realmente não pensei que eu estava cansada, mas a cerveja me revivificou espantosamente.

**Dottie, checou o pulso e a respiração da Sra. Peabody, e pôs a mão aberta sobre o bojo distendido da gravidez. —Já participou de algum nascimento antes, querida-irmã? —Dottie perguntou a Rachel, tendo o cuidado de seu discurso simples.**

**—Vários— Rachel respondeu, agachada do lado da Sra. Peabody. —Isso parece um pouco diferente, no entanto. Ela já sofreu alguma lesão, oh!—O fedor de cerveja bateu nela e ela recuou e tossiu. —Eu vejo.**

**Sra. Peabody soltou um gemido alto e todo mundo ficou rígido. Enxuguei as mãos no avental, só para garantir. Ela relaxou de novo, porém, e depois do silêncio contemplativo alguns momentos para ver se ela faria isso de novo, Dottie respirou fundo.**

**—Sra... quero dizer, Amiga Claire estava me contando algumas coisas muito interessantes. No que diz respeito... e... o que esperar em uma de noite de núpcias.**

**Rachel olhou com interesse.**

**—Eu deveria receber alguma instrução. Eu sei onde as... hum... partes estão, porque eu os vi lá com bastante frequência, mas...**

**—Você viu?? —Dottie perguntou a ela, e Rachel riu.**

**—Vi. Mas Ian me garante que ele tem mais habilidade do que a média de touros ou bodes, e receio que as minhas observações estejam limitadas ao mundo animal. —Uma pequena linha se mostrava entre as sobrancelhas. —A mulher que cuidou de mim depois da morte de meus pais... foi muito diligente ao informar-me das minhas obrigações femininas, mas suas instruções consistiam em grande parte em abra suas pernas aperte os dentes menina, e deixe.**

**Sentei-me no caixa da embalagem e estiquei para aliviar as minhas costas. Deus sabia quanto tempo isso pode levar para Ian encontrar Jamie entre os milhares de soldados em campo. —Sirva-me outro copo de cerveja, sim? E pegue um pouco mais para si mesmas. Eu suspeito que vocês podem precisar dela.**

—... e se ele diz, *Oh, Deus, oh, Deus*, em algum momento— eu aconselhei — tome nota do que você estava fazendo, então você pode fazê-lo na próxima vez.

Rachel riu, mas Dottie franziu a testa um pouco, parecendo ligeiramente estrábica.

—Você acha que Denny usaria o nome do Senhor em vão, mesmo sob essas circunstâncias?

—Eu o ouvi fazê-lo com muito menos provocações do que isso, — Rachel assegurou, sufocando um arroteo com as costas da mão. —Ele tenta ser perfeito em sua companhia, como sabe, por medo que vá mudar de ideia.

—Ele tenta?— Dottie parecia surpresa, mas muito satisfeita. —Oh. Eu não faria isso, sabe. Eu deveria dizer a ele?

—Não até que ele diga, *Oh, Deus, oh, Deus*, para você —disse Rachel, sucumbindo a uma risadinha.

—Eu não me preocuparia, — eu disse. —Se um homem diz: *Oh, Deus* nessa situação, quase sempre o faz como se fosse uma oração.

Sobrancelhas justas de Dottie reuniram em concentração.

—Uma oração de desespero? Ou gratidão?

—Bem... isso é com você — eu disse, e abafou um pequeno arroteo próprio.

A aproximação das vozes masculinas fora da tenda nos fez olhar conscientemente no jarro de cerveja vazio à nossa frente, cutucando o nosso cabelo ligeiramente despenteado, mas nenhum dos senhores que vieram estavam em condições de atirar pedras.

Ian encontrou Denzell e Jamie, e em algum lugar ao longo do caminho que adquiriu um pequeno companheiro, robusto em um chapéu armado, com seu cabelo em uma trança atarracada. Todos eles estavam corados e, embora certamente não surpreendente, estavam cercados por uma névoa diferente de grãos de cevada fermentado.

—Aí está você, Sassenach!— Jamie animou ainda mais a me ver, e eu senti uma pequena onda de prazer . —Você vai, quem é essa?— Ele estava avançando em direção a mim, a mão estendida, mas parou abruptamente à vista da Sra. Peabody, que estava deitada com os braços arremessados para fora, boca aberta.

—Essa é a senhora que eu disse a você, tio Jamie— Ian não estava cambaleando, também, mas foi claramente balançando e pegou o pau da

barraca para se firmar. —Aquele que é... ehm... —Ele fez um gesto com a mão livre para o cavalheiro no chapéu armado. —Ela é sua esposa.

—Oh? Sim, eu vejo. —Ele afixou cautelosamente em torno forma reclinada da Sra. Peabody. —Ela não está morta, não é?

—Não— eu disse. — Acho que eu teria notado— Ele poderia estar um pouco embriagado, mas ainda preso à ênfase duvidosa fraca que eu coloquei no *pensar*. Ajoelhou-se com cuidado e colocou a mão na frente da boca aberta.

—Não, só bêbada— disse alegremente. —Vamos dar a você uma mão para levá-la para casa, Sr. Peabody?

—É melhor emprestar um carrinho de mão, — Dottie sussurrou para Rachel, ao meu lado, mas felizmente ninguém notou.

—Isso seria gentil, senhor— Surpreendentemente, Sr. Peabody pareceu ser o único sóbrio do grupo. Ajoelhou-se e alisou o cabelo úmido com ternura a testa de sua esposa. —Lulu? Acorde, querida. Hora de ir agora.

Para minha surpresa, ela abriu os olhos e, depois de piscar várias vezes em confusão, apareceu para fixar seu olhar em seu marido.

—Aí está você, Simon!— Disse, e, com um sorriso arrebatador, caiu profundamente no sono.

Jamie levantou-se lentamente, e eu podia ouvir os pequenos ossos fazerem pop de volta quando ele aliviou a si mesmo. Ele ainda estava corado e sorrindo, mas Ian estava certo, ele *estava* morto de cansaço. Eu podia ver as linhas profundas de cansaço em seu rosto e as cavidades debaixo de seus ossos.

Ian viu, também.

—Tia Claire precisa ir para cama, Tio Jamie — ele disse, apertando o ombro de Jamie e me dando um olhar significado. — tem sido uma longa noite para ela. Leve-a junto, sim? Denny e eu podemos ajudar o Sr. Peabody.

Jamie deu a seu sobrinho um olhar penetrante e depois virou o mesmo olhar em mim, mas eu gentilmente bocejei amplamente suficiente para fazer meu queixo estalar sem grande esforço e com uma rápida olhada final na Sra. Peabody *certa* que ela não ia nem morrer nem ir entrar em trabalho de parto, tomei o braço e reboquei com determinação fora, acenando brevemente em despedida.

Lá fora, nós dois tomamos respirações profundas de ar fresco, suspiramos juntos, e rimos.

—É *tem* sido uma longa noite, não é? —Eu coloquei minha cabeça contra o peito e os braços ao redor dele, esfregando lentamente os botões de suas vértebras através de seu casaco. —O que aconteceu?

Ele suspirou de novo e beijou o topo da minha cabeça.

—Eu tenho o comando de dez companhias de milícia mistas da Pensilvânia e Nova Jersey; o marquês tem o comando de um milhar de homens, incluindo minas e está a cargo de um plano para ir e morder a bunda do exército britânico.

**—Parece divertido— O barulho do acampamento morreu consideravelmente, mas o ar espesso ainda segurava as vibrações de muitos homens, acordados ou dormindo, inquietos. Eu pensei que eu pudesse sentir mesmo passar essa vibração expectante por Jamie, apesar de seu cansaço óbvio. —Você precisa dormir, então.**

Seu braço a minha volta apertou a mão livre viajou lentamente pelas minhas costas. Eu deixei o avental de Denny na tenda, e minha capa estava sobre o meu braço; a musselina fina em volta poderia muito bem não ter existido.

**—Oh, Deus— ele disse, e sua grande mão quente segurando minha nádega com urgência repentina. — Preciso de você, Sassenach. Preciso muito de você.**

A anágua era tão fina na frente como na parte de trás; eu podia sentir os botões de seu colete e algumas outras coisas pelo meio. Ele me queria muito.

**—Você se importa fazê-lo em uma cripta que cheira de crianças— eu perguntei, pensando no quarto de volta os Chenoweths.**

**—Eu a tomei em lugares piores, Sassenach.**

Antes que eu pudesse dizer: *Diga três lugares* à aba da tenda abriu e vomitou uma pequena procissão, esta composto por Denzell, Dottie, Rachel, e Ian, cada casal transportando uma extremidade de um lençol de tela sobre a qual estava à forma protuberante da Sra. Peabody. Sr. Peabody abrindo caminho, lanterna erguida.

Estávamos de pé na sombra, e eles passaram sem nos perceber, as meninas rindo no tropeço ocasional, os jovens grunhindo com o esforço, e Sr. Peabody os encorajando enquanto eles faziam o seu caminho laborioso através da escuridão, provavelmente indo para a casa dos Peabody.

**A tenda estava diante de nós, escura e convidativa e vazia.**

—Sim?

—Oh, sim.

Os padioleiros pegaram a lanterna e a lua criava um cenário de pedaço mais nu acima do horizonte; o interior da tenda preenchido com um preto macio, empoeirado que se levantava em torno de nós em uma fragrância alcoólica como uma nuvem com um leve cheiro de vômito, quando entramos.

Lembrei-me exatamente onde as coisas estavam, no entanto, e conseguimos empurrar juntos quatro das caixas de suprimentos. Eu abri meu manto sobre elas, ele tirou o casaco e colete, e nos deitamos precariamente no escuro juntos.

—Quanto tempo você acha que temos?— Perguntei, desfazendo seus botões. Sua carne era quente e dura na minha mão, e sua pele ali suave como seda polido.

—Tempo suficiente— disse, e afastou meu mamilo com o polegar, lentamente, a despeito de sua própria urgência aparente. —Não se apresse, Sassenach. Não há como dizer quando teremos a chance de novo.

Ele beijou-me demoradamente, sua boca tinha gosto de Roquefort e vinho do porto. Eu podia sentir a vibração do campo aqui, também, que corria por nós dois como uma corda de violino esticada apertada.

—Não acho que tenha tempo para te fazer gritar, Sassenach— ele sussurrou em meu ouvido. —Mas tenho tempo para fazer talvez você gemer?

—Bem, possivelmente. Temos algum tempo até o amanhecer, não é?

Talvez fosse a cerveja e explicações pré-matrimoniais, a hora tardia e atração do sigilo — ou apenas James em si mesmo e nossa crescente necessidade de excluir o mundo só conhecer um ao outro — ele tinha tempo, e de sobra.

—Oh, Deus— ele disse finalmente, e desceu lentamente em mim, seu coração batendo forte contra as minhas costelas. —Oh... Deus.

Senti meu próprio pulsar nas mãos e ossos e no centro, mas não consegui qualquer resposta mais eloquente do que um débil *Ooh*. Depois de um pouco, no entanto, eu me recuperei o suficiente para acariciar seu cabelo.

—Vamos voltar para casa em breve— eu sussurrei para ele. —E teremos todo o tempo do mundo.

Isso me garantiu um ruído escocês baixinho afirmativo, e nós ali por um pouco mais, não querendo nos separar e vestir, embora os caixotes fossem duros e a possibilidade de descoberta aumentava a cada minuto que passava.

Por fim, ele se mexeu, mas não levantou.

—Oh, Deus— ele disse em voz baixa, em outro tom completamente. —Trezentos homens— E me segurou mais apertado.

### ***Capítulo 56 - Papista Fedorento***

O sol ainda não se erguera acima do horizonte, mas o lugar dos cavalos estava ocupado como um formigueiro, cheio de cavaliços, forrageiras, carroceiros e ferradores, todos correndo sobre seu negócio em uma luz rosa suave incongruente preenchido com o som de centenas de pares de cada vez mordendo as mandíbulas. William pegou o casco do cavalo baio castrado e estendeu a mão para o casco escolhendo o seu novo, o pequeno cavaliço estava segurando nervosamente ao peito.

—Agora, vem cá, Zeb— disse em tom persuasivo. —Vou te mostrar como é feito; não há nada nele.

—Sim, senhor— Zebedeu Jeffers chegou uma polegada mais perto, os olhos passando rapidamente de trás para frente do casco para a massa imponente de carne de cavalo. Jeffers não gostava de cavalos. Ele particularmente não gostava de Visigoth. William achou que era tão bem que Zeb provavelmente não sabia o que era um Visigoth.

—Tudo bem? Vê ali? —Ele bateu a picareta contra a sombra: a borda de uma pequena pedra que se prendeu sob a curva do sapato de ferro durante a noite. — É apenas uma pequenina, mas é exatamente como você sentiria uma pedra em seu próprio sapato, ele ficará coxo se não se cuidar. Aqui, ele não está preso rápido; você quer tentar?

—Não, senhor— disse Zeb honestamente. Zebedeu veio da costa de Maryland e sabia sobre ostras, barcos e peixes. Não cavalos.

—Ele não vai machucá-lo— disse William, com um toque de impaciência. Ele estaria andando para trás e para frente ao longo das colunas de uma dúzia de vezes por dia, transportando despachos e coleta de relatórios; tanto seus cavalos precisavam ser mantido pronto,

seu cavalição regular, Colenso Baragwanath, caiu com febre, e ele não teve tempo para encontrar outro servo.

—Sim, ele vai. Sir — Zeb adicionado como uma reflexão tardia. — Está vendo?— Ele estendeu o braço magro, mostrando o que era, sem dúvida, uma marca de mordida apodrecendo.

William suprimiu a vontade de perguntar o que o diabo o rapaz estava fazendo com o cavalo. Visigoth não era um cavalo de mau humor em geral, mas ele pode ser irritável, e o remexer nervoso por Zeb era o suficiente para tentar qualquer um, quanto mais um cavalo cansado e com fome.

—Tudo bem— disse com um suspiro, e arrancou a pedra solta com uma escavação afiada. —Está melhor, então?— Disse ao cavalo, passando a mão para baixo da perna e, em seguida, dando um tapinha no flanco do Goth. Ele sentiu no bolso e tirou um monte de cenouras flácidas, compradas na noite anterior de um fazendeiro que viria através do acampamento com cestas de produtos jogadas sobre seus ombros largos.

—Aqui. Dê isso; faça amizade com ele — sugeriu ele, entregando uma cenoura para Zeb. —Segure deitada em sua mão— Antes que o garoto pudesse estender esse ramo de oliveira putativo, no entanto, o cavalo se abaixou e tirou-o de seus dedos com uma crise de audível de grandes dentes amarelos. O menino soltou um gritinho e deu vários passos para trás, colidiu com um balde, e caiu sobre ele, de bunda.

Dividido entre aborrecimento e um desejo impróprio para rir, William sufocou ambos e foi buscar seu cavalição para fora de um monte de esterco.

—Diga que, — ele disse, limpando o menino com uma mão firme — você vê *toda* minha esteira está a bordo do vagão de bagagens, veja se precisa de alguma coisa Colenso, e certifique-se que há algo para eu comer hoje à noite. Vou pedir ao cavalição de Sutherland para cuidar dos cavalos.

Zeb caiu com alívio.

—Obrigado, senhor!

—E vá ver um dos cirurgiões e cuide do braço — William gritou atrás dele, acima do som crescente de zurrar e relinchar. Os ombros do menino levantaram em torno de suas orelhas e ele andou mais rápido, fingindo que não ouviu.

William selou Goth como sempre fez, não confiando em ninguém para verificar aderência que a sua vida pode depender, então o deixou com seu outro cavalo, Madras, e foi procurar o cavalariaço do Senhor Sutherland. Apesar da agitação, não tinha problemas para encontra-lo; Sutherland tinha dez cavalos, todas as criaturas nobres de dezesseis mãos ou algo assim, e pelo menos uma dúzia de cavalariaços para cuidar deles. William estava justamente concluindo as negociações com um desses quando ele avistou um rosto familiar no meio da multidão.

—Merda— disse, em voz baixa, mas o capitão Richardson viu e estava vindo em sua direção, sorrindo jovialmente.

—Capitão Lord Ellesmere. Seu servo, Senhor.

—Ao seu serviço, senhor — disse William, tão agradavelmente quanto pôde. *O que o canalha quer agora?* ele se perguntou. Não que Richardson fosse necessariamente um canalha ou não, apesar da advertência de Randall. Talvez, afinal, Randall poderia ser o canalha. Mas ele guardava bastante rancor contra Richardson, por conta de mãe Claire, assim como o seu próprio. O pensamento de mãe Claire esfaqueou inesperadamente, e ele forçou-o de volta. Nada disso era *seu*.

—Estou surpreso em vê-lo aqui, Vossa Senhoria— disse Richardson, olhando ao redor no campo turvo. O sol estava alto, e bandas douradas iluminavam a neblina de poeira erguendo-se da pelagem rústica das mulas. —Você é um convencional, não é?

—Sou— disse William com frieza. Richardson certamente sabia que ele era. William sentiu-se obrigado a se defender, apesar de contra o que, ele não tinha certeza. —Não posso lutar— Ele abriu os braços ligeiramente. —Como você pode ver, eu não carrego armas— Ele fez movimentos educados indicando sua necessidade imediata de estar em outro lugar, mas Richardson seguia ali em pé, sorrindo com aquela cara muito comum, de modo banal que sua própria mãe provavelmente não poderia pegá-lo para fora de uma multidão, para salvar uma grande toupeira marrom ao lado de seu queixo.

—Ah, com certeza— Richardson veio um pouco mais perto, baixando a voz. —Sendo esse o caso... Pergunto-me se...

—Não— disse William definitivamente. —Eu sou um dos assessores do general Clinton, e não posso deixar o meu posto. Vai me desculpar, senhor; sou esperado.

Ele virou-se e fugiu, seu coração martelando percebendo tardiamente que ele deixou seu cavalo para trás. Richardson ainda estava de pé, ao lado do parque de cavalos, conversando com um cavaleiro que estava levando para baixo os piquetes, enrolando a corda em torno de um ombro, quando ele o fez. A multidão de cavalos e mulas estava rapidamente diminuindo, mas ainda havia bastante perto Visigoth para permitir William fingir estar brincando com seus alforjes, cabeça inclinada para esconder seu rosto até Richardson deve ir embora.

A conversa deixou com uma imagem inquietante de sua madrasta antiga como ele vira pela última vez, desgrenhada e *en peignoir* mas brilhando com uma vida radiante que nunca viu. Não achava mais que ela fosse sua madrasta, mas gostava dela. Tardiamente, ocorreu que Claire agora Fraser ainda *era* sua madrasta, por um pai diferente... . Maldição.

**Ele cerrou os dentes, remexendo-se na sela para procurar em sua bolsa. Agora que o escocês pederasta voltou de sua sepultura, jogando tudo e todos na confusão... por que ele não podia ter se afogado e nunca mais voltar?**

**Nunca mais voltar.**

**—Você é um papista fedorento, e seu nome de batismo é James. —Ele congelou como se levasse um tiro nas costas. Ele malditamente lembrava. Os estábulos em Helwater, o cheiro quente de cavalos e palha, e a pontada da palha que trabalhou seu caminho através de suas meias. Pisos de pedra. Ele estava chorando... por quê? Tudo o que ele lembrava era uma enorme onda de desolação, desespero total. O fim do mundo. Mac partindo.**

Ele deu um suspiro longo, lento e apertou os lábios. Mac. A palavra não trouxe de volta um rosto, ele não conseguia se lembrar de como Mac parecia. Ele era grande, isso era tudo. Maior do que o avô ou qualquer um dos lacaios ou os outros cavaleiros. *Segurança. A sensação de felicidade constante como um cobertor velho macio.*

**—Merda, —ele sussurrou, fechando os olhos. E teria aquela felicidade sido uma mentira, também? Ele tinha muito pouco para saber a diferença entre a deferência de um cavaleiro para o jovem mestre e bondade real. Mas...**

**—Você é um papista fedorento— ele sussurrou, e recuperou o fôlego em algo que poderia ter sido um soluço. — E o seu nome de batismo é James.**

**—Foi o único nome que eu tinha o direito de dar.**

**Ele percebeu que seus dedos estavam pressionados contra o peito, contra seu gorget mas isso não lhe deu tranquilidade. Foram os pequenos solavancos da planície e um rosário de madeira que ele usou ao redor do pescoço por anos, escondido sob a camisa, onde ninguém o veria. O rosário que Mac lhe dera... juntamente com o seu nome.**

**Com uma rapidez que ele chocou, ele sentiu seus olhos marejarem. Você foi embora. Você me deixou!**

**—Merda— ele disse, e deu um soco com o punho tão duro no alforje que o cavalo bufou e recuou, e um raio de dor em brasa subiu por seu braço, destruindo tudo.**

### ***Capítulo 57 - Não Seja Delicado Nessa Boa Noite***

Ian acordou pouco antes do amanhecer para encontrar seu tio de cócoras ao lado dele.

—Vou sair para tomar café com os capitães de minhas companhias— disse Jamie sem preâmbulos. —você se reporte ao coronel Wilbur como um escudeiro. E vocês vão sobre cavalos, Ian? Vou precisar de um monte de reposição, armas quebraram, e assim vai. —Ele deixou cair uma bolsa no peito de Ian, sorriu e desapareceu na névoa da manhã.

Ian rolou lentamente para fora de seu cobertor, alongando. Ele escolheu o seu lugar de descanso bem longe do acampamento principal, em uma pequena elevação de terra perto do rio. Não se incomodou em perguntar como tio Jamie o encontrou, ou perdeu tempo em maravilhar-se com poderes de recuperação de seu tio.

Levou seu tempo se preparando, vestindo-se com cuidado, e encontrou um pouco de comida, pensando sobre as coisas que devem ser feitas. Sonhou durante a noite, e o sonho ainda estava sobre ele, mas ele não conseguia se lembrar dos detalhes. Ele esteve em bosques densos, e algo estava lá com ele, escondido entre as folhas. Ele não tinha certeza do que era, ou mesmo se ele viu isso, mas a sensação de perigo permanecia inquieta entre as omoplatas. Ele ouviu um corvo chamando em seu sonho, o que certamente era um aviso de algum tipo, mas, em seguida, o corvo voou por ele, e não era um corvo, mas sim um pássaro branco de algum tipo.

Suas penas tocaram sua bochecha em voo, e ele ainda podia sentir o roçar de suas penas.

Animais brancos eram mensageiros. Tanto os Mohawks quanto os Highlanders diziam.

Ele era um índio e um Highlander; sonhos não eram para ser descartados. Às vezes, o significado de um sonho flutuava à superfície de sua mente como uma folha afogada subindo. Ele deixou ir, esperando que o sonho fosse voltar a explicar-se, e foi sobre o seu trabalho, vendo o coronel Wilbur, encontrando e brigando por dois cavalos razoáveis, grandes o suficiente para suportar um homem grande com a batalha... mas o pássaro branco ficou com ele durante todo o dia, pairando acima de seu ombro direito, uma visão agora e, em seguida, no canto do olho.

**No final da tarde, com seu trabalho feito no momento, Ian voltou para o acampamento principal e encontrou Rachel em pé na fila com um número de outras mulheres no poço no quintal do Goose and Grapes, dois baldes descansando aos seus pés.**

**—Eu poderia leva-los até o rio para você, — ele ofereceu. Ela estava vermelha com o calor do dia, mas parecia linda, seus braços nus bronzeados e o músculo curvado tão puro e delicado que ele alentava seu coração só de olhar para eles.**

**—Agradeço, Ian, mas não. — Ela sorriu para ele e chegou a beliscar uma das duas penas de águia que ele amarrou em seu cabelo. —Sua tia diz que os barcos jogam seus resíduos no rio, e metade do exército está mijando lá também, e ela está certa. Eu deveria precisa caminhar um quilômetro rio acima para encontrar um lugar limpo para pegar água. E sobre seu trabalho, então?**

**Ela falou com interesse, mas sem nenhum senso de preocupação ou desaprovação, e ele apreciava isso.**

**—Não matarei ninguém, a menos que eu precise, Rachel— disse em voz baixa, e tocou seu rosto. —Eu estou me alistando como um escudeiro. Eu não devo precisar.**

**—Mas as coisas acontecem— ela disse, e olhou para o lado, para não deixa-lo ver a súbita sombra nos olhos. —Eu sei.**

**Com um surto inesperado de impaciência, ele queria perguntar: se ela preferia que ele matasse ou morresse por causa da graça de sua**

alma? Mas ele sufocou o impulso, e a pontinha de raiva com isso. Ela o amava, não duvidava disso. Era talvez uma justa causa para ser um Quaker, mas não para sua noiva.

Os olhos dela estavam em seu rosto, interessados e pensativos, e ele sentiu um leve rubor aumentando em suas bochechas, se perguntando o quanto de seus pensamentos apareceram.

—A jornada da tua vida descansa ao longo de seu próprio caminho, Ian— ela disse —e eu não posso compartilhar a tua viagem, mas eu posso caminhar ao seu lado. E eu vou.

A mulher que estava atrás deles na linha soltou um profundo suspiro de satisfação.

—Agora, isso sim é uma coisa muito bonita e certa de se dizer, querida — ela disse a Rachel, em um tom aprovador. E, alternando seu olhar para Ian, encarou-o com ceticismo de cima abaixo. Ele estava vestido com calças, botas, e camisa de chita, e penas em seu cabelo e as tatuagens, ele pensou que não parecia muito estranho.

—Você provavelmente não a merece— disse a mulher, sacudindo a cabeça com ar de dúvida. —Mas tente, seja um bom rapaz.

Ele levou a água para Rachel, fazendo o seu caminho através da expansão do campo para o lugar onde Denzell montou sua tenda médica. A tenda ainda estava de pé, mas a carroça do Denzell com seus pintassilgos pintados na tampa traseira arrumados ao lado, Dottie de pé nele, e entregando a Denzell encomendas e caixas para ela.

Rachel ficou na ponta dos pés para beijar seu rosto, em seguida, desapareceu na tenda para ajudar com a embalagem.

—Queres se juntar a nós mais tarde, Ian?— Denny olhou para cima do bloco que estava amarrando juntos.

—Em que lugar, *a bhràthair*— Disse Ian, sorrindo. —Onde estarão, então?

—Oh. Em lugar nenhum. —Denny tirou os óculos, polindo-os distraidamente na barra de sua camisa. —Ainda não é o primeiro dia, mas podemos muito bem estar envolvido em batalha depois; pensamos em celebrar uma reunião antes do jantar esta noite. Ficaríamos satisfeitos se sentisse bem para se sentar com a gente, mas se não for...

—Não, eu virei — disse Ian rapidamente. —Para ter certeza. Ah... onde... —Ele acenou com a mão vagamente, indicando o caos ordenado

meio do campo em torno deles. Novas companhias de milícia ainda estavam vindo de Nova Jersey e Pensilvânia para se juntar aos soldados do exército Continental, e enquanto os oficiais foram designados para receber e organizá-los e ajudá-los a encontrar acampamentos, eles foram rapidamente sobrecarregados. Homens estavam fazendo acampamento em qualquer lugar que pudessem encontrar um terreno aberto, e havia um grande ir e vir em busca de água e alimentos, discussões e vozes alteradas, e ao som da pá de trabalhadores e xingamentos nas proximidades indicando a criação de mais um conjunto de trincheiras sanitárias. Uma pequena procissão constante de pessoas que não podiam esperar visitando um bosque nas proximidades, na esperança de um momento privado. Ian fez uma nota mental para ficar atento a esse trecho caso precisasse caminhar por ali.

—Não pretende fazer aqui, não é?— As pessoas entravam e saíam todo o dia, na necessidade de atenção do médico, e não seria provável que parar, só porque reunião estava sendo realizada.

—Amigo Jamie diz que vai nos fornecer um refúgio, — Denny assegurou. —Iremos assim que ... quem está aí contigo, Dorothea?

Dottie arrumava suprimentos, mas fez uma pausa para falar com uma jovem que subiu para ajoelhar-se no banco do vagão e estava se dirigindo a Dorothea seriamente.

—É uma mulher em trabalho de parto, Denny— ela chamou. —Três fogueiras adiante!

—Urgente?— Denny logo começou largar o pacote que ele acabara de fazer.

—Essa criança diz que sim — Dottie endireitou-se e colocou o emaranhado de cabelos louros para trás sob a touca. —É a quarta de sua mãe; nenhum problema com os três primeiros, mas dadas as condições... —Ela se esgueirou passado à bagagem para a tampa traseira abaixada, e Ian deu a mão para descer.

—Ela realmente queria Sra. Fraser— disse Dottie para Denny, *em voz baixa*. —Mas ela vai se contentar com você— Ela sorriu. —Você está lisonjeado?

—Vejo a minha reputação se espalha como pomada sobre um travesseiro de seda— ele respondeu tranquilamente. —E seu uso de linguagem clara me inflama. Melhor vir comigo. Será que olharia o vagão, Ian?

Os dois saíram através do labirinto de carroças, cavalos, porcos e, alguns agricultores vadios empreendedores dirigindo uma dúzia de porcos magros em campo, buscando a vendê-los para o intendente, mas os porcos tomaram um susto com a explosão acidental de um mosquete nas proximidades e fugiram no meio da multidão, causando confusão em massa. Rollo correu atrás de um deles e quebrou seu pescoço; Ian sangrou e eviscerou a carcaça e — depois de dar o coração e os miúdos a Rollo — guardou-o sob a lona úmida, escondendo-o debaixo da carroça de Denzell. Se ele encontrasse o guardador de porcos perturbado, ele pagaria a ele pelo animal, mas ele não deixaria fora de sua vista. Ele roubou um rápido olhar sob a carroça, mas o carço cobertas de lona ainda estava lá.

Rollo se moveu um pouco e fez um som estranho, não é bem um gemido, que deslocou a atenção de Ian de uma vez para o cão.

—O que há, *a Choin*— Ele perguntou. Rollo imediatamente lambeu a mão e resmungou de forma espetacular, mas Ian deslizou pela guia da carroça e ajoelhou nas folhas, sentindo o seu caminho ao longo do corpo grande, desgrenhado, apenas no caso. Apalpar, era assim que tia Claire o chamava, uma palavra que sempre fez Ian sorrir.

Ele localizou um ponto um pouco dolorido, onde o cão foi baleado no Outono, antes, na carne do ombro um pouco acima da pata dianteira, mas que sempre esteve lá. E um lugar na sua coluna, um pouco a frente centímetros da cauda do animal, fez afunilar as pernas e gemer quando foi pressionado. Talvez Rollo esticasse se derrubasse o porco.

—Não é mais jovem como você costumava ser, *a Choin*?— Ele perguntou, coçando o queixo branqueado de Rollo.

—Nenhum de nós é, *a pheathar mac mo*— Disse tio Jamie, saindo do crepúsculo e sentando-se no coto que Dottie estava usando para montar a carroça. Ele estava vestindo uniforme completo e parecia quente. Ian passou seu cantil e Jamie levou com um aceno de agradecimento, limpando a manga em seu rosto.

—Sim, depois de amanhã— disse, em resposta a sobrancelha levantada de Ian. — À primeira luz, se não antes. O pequeno Gilbert conseguiu o comando de mil homens e a permissão de ir atrás à retaguarda.

—Você, quer dizer nós, — Ian se corrigiu — com ele?

Jamie balançou a cabeça assentindo e bebeu profundamente. Ian achou que ele parecia um pouco tenso, mas, afinal de contas, ele estava no

comando de trezentos homens — se todos estavam indo com La Fayette...

—Acho que eles estão me enviando com ele na esperança de que a minha antiga sabedoria irá equilibrar o entusiasmo juvenil de Seigneur La Fayette — disse Jamie, diminuindo a cantina com um suspiro. —E é talvez melhor do que ficar para trás com Lee. — Ele fez uma careta. —Água Fervente acha que está aquém de sua dignidade ficar à frente de não menos do que mil homens e declinou o comando.

Ian fez um barulho indicando diversão ante a sagacidade de seu tio. Pode ser divertido, esbulhar a parte detrás britânica. Ele sentiu um arrepio de antecipação no pensamento de colocar em sua pintura de guerra.

—Onde está Denzell? — perguntou Jamie, olhando para a carroça.

—Atendendo a um parto mais à frente — disse Ian, levantando o queixo na direção Denzell e Dottie tomaram. —Ele diz que você está organizando uma reunião Quaker esta noite.

Jamie arqueou uma sobrancelha grossa brilhando com gotas de suor.

—Bem, eu não estava pensando em participar, mas eu disse que eles poderiam usar a minha tenda e seriam bem-vindos. Por que, você vai?

—Achei que eu deveria — disse Ian. —Fui convidado, no fim das contas.

—Foi?— Jamie parecia interessado. — Acha que querem convertê-lo?

—Não acho que é assim que os Quakers funcionem— disse Ian, um pouco pesaroso. —E boa sorte para eles, se pensam nisso. Acho que o poder da oração *tem limites*.

Isso fez com que seu tio bufasse com diversão, mas Jamie balançou a cabeça. —Nunca pense assim, rapaz— ele aconselhou. —Se a pequena Rachel concentrar seus pensamentos nisso, ela terá espada batendo num arado antes que você possa dizer Peter Piper deu um beijinho de pimentas em conserva. Bem, duas vezes — acrescentou. —Ou talvez três vezes.

Ian fez um barulho dissidente pelo nariz. —Sim, e se eu fosse tentar ser um Amigo, quem os protegeria? Rachel e seu irmão e Dottie, quero dizer. Sabe disso, não sabe? Eles só podem ser o que são, porque você e eu somos o que somos?

Jamie inclinou-se um pouco para trás, os lábios franzidos, em seguida, surgiu o fantasma de um sorriso irônico.

—Sei bem disso. E também o sabe Denzell Hunter; é por isso que ele está aqui, mas custou a casa e seu grupo. Mas, pense, que vale a pena protegê-los, além do fato de que está apaixonado Rachel, quero dizer.

—Mmphm — Ian não estava com disposição para discutir filosofia, e ele duvidava de seu tio estivesse, também. A luz estava naquela longa hora antes de escurecer, quando as coisas da floresta entravam numa pausa e respiravam, diminuindo para a noite. Era um bom momento para caçar, porque as árvores eram as primeiras a diminuir, para que você visse os animais ainda se movendo entre eles.

Tio Jamie sabia isso. Ele sentou-se, relaxado, nada se movendo a não ser seus olhos. Ian viu o olhar movendo para cima e virou a sua cabeça para ver. Com certeza, um esquilo agarrou-se ao tronco de um plátano, a dez metros de distância. Ele não teria visto, se não pegasse o último movimento de sua cauda, pois acalmou lá. Ele encontrou os olhos de Jamie, e ambos sorriram e se sentaram em silêncio por um tempo, ouvindo o barulho do acampamento, mesmo neste início de silenciar.

Denzell e Dottie não voltaram; talvez o nascimento fosse mais complicado do que Denny pensou. Rachel estaria indo para a tenda de Jamie em breve, para a reunião.

Ele se perguntou sobre isso. Você precisava de uma reunião, para aconselhar os dois, em seguida, aprovar e testemunhar o casamento. Denny poderia ter em sua mente para estabelecer uma nova reunião amigos, dentro do qual ele poderia se casar com Dottie e Rachel pudesse casar Ian?

**Jamie suspirou e agitou-se, preparando-se para levantar.**

—Ahh... tio, — Ian disse, em tom casual que fez o seu tio concentrar imediatamente a atenção sobre ele.

—O quê?— Disse o tio, com cautela. —Você não quer que sua moça fique grávida, não é?

—Claro que não — disse Ian, ofendido e perguntando vagamente como seu tio sabia que ele estava pensando sobre Rachel. — E por que pensa algo assim, você seu velho mendigo de mente maligna?

—Porque eu sei muito bem o que *Ahh... tio* geralmente significa — Jamie informou cinicamente. —Isso significa que você está em uma confusão envolvendo uma moça, e quer um conselho. E não consigo pensar no que poderia estar confuso sobre se gostará da pequena Rachel. A moça mais direta que eu já conheci — a não ser por sua tia Claire, é isso. — acrescentou, com um breve sorriso.

—Mmphm— Ian disse, não mais satisfeito com a acuidade de seu tio, mas obrigado a admitir a verdade. —Bem, então. É só... — Apesar

da intenção completamente benigna, a *inocência*, mesmo de questão que entrou em sua mente, ele sentiu seu rosto ficar quente.

Jamie ergueu as sobrancelhas.

—Bem, se você quer saber, então eu nunca deitei com uma virgem. — Uma vez que ele deixou sair, ele relaxou um pouco, embora as sobrancelhas de seu tio quase encontrassem seu couro cabeludo. —E sim, eu tenho certeza que Rachel é uma— acrescentou defensivamente.

—Tenho certeza disso, também, — seu tio assegurou. —Para a maioria dos homens não se trata de um problema.

Ian deu-lhe uma olhada.

—Você sabe o que quero dizer. Eu quero que ela goste.

—Muito louvável. Você já teve queixas de mulheres antes?

—Você está em um humor raro, tio— disse Ian friamente. —Você sabe exatamente bem o que quero dizer.

—Sim, quer dizer, se você está pagando para levar uma mulher para sua cama, não é provável que vá ouvir qualquer coisa que não goste sobre o seu próprio desempenho. — Jamie balançou um pouco para trás, olhando-o. —Você contou a Rachel seu hábito de conviver com as prostitutas?

Ian sentiu o sangue para os ouvidos e foi obrigado a respirar uniformemente por um momento antes de responder.

—Eu disse tudo— disse entre os dentes cerrados. —E eu não chamaria isso de um *hábito*— Ele sabia melhor do que continuar com, —*Não mais do que os outros homens fazem*— porque ele sabe bem que tipo de resposta ele teria a isso.

Felizmente, Jamie parecia ter freado sua jocosidade para o momento e estava a considerar a questão.

—Sua esposa Mohawk— disse delicadamente. —Ela, er...

—Não— disse Ian. —Os índios veem o deitar um pouco diferente— E, aproveitando a oportunidade para obter um pouco de sua própria volta, acrescentou, —você não lembra a hora em que foi visitar o Pássaro de Neve Cherokee e ele enviou um par de donzelas para aquecer sua cama?

Jamie deu um tipo antiquado de olhar que o fez rir.

—Diga-me, Ian— disse, depois de uma pausa, — você teria esta conversa com o seu pai?

—Deus, não.

—Sinto-me lisonjeado— disse Jamie secamente.

—Bem, veja... —Ian respondeu por reflexo e viu-se atrapalhado por uma explicação. —É, quero dizer... não é que eu não iria falar com meu pai sobre essas coisas, mas se ele tivesse me dito algo sobre... seria por fazer com ele e Mamãe, não é? E eu não podia... bem, eu não podia, isso é tudo.

—Mmphm.

Ian estreitou os olhos para o seu tio.

—Você não está tentando dizer que devo falar com minha mãe.

—Que é minha irmã, sim? Não, eu não diria nada disso. Eu vejo o seu ponto. Eu só estou pensando... —Ele parou e Ian deu um olhar aguçado. A luz estava desaparecendo, mas ainda havia muito. Jamie deu de ombros.

—**Sim, bem. É só de sua tia Claire ficou viúva quando eu casei com ela, sim?**

—**Sim. E daí?**

—**Então era eu que era o virgem na noite de núpcias.**

**Ian não pensou que ele se mudou, mas Rollo levantou a cabeça e olhou para ele, assustado. Ian pigarreou.**

—**Oh. Sim?**

—**Sim— disse o tio, irônico como um limão. —E me foi dada qualquer quantidade de conselhos de antemão, também, pelo meu tio Dougal e seus homens.**

**Dougal MacKenzie morreu antes de Ian nascer, mas ele ouviu um bom bocado sobre o homem, de uma forma e outra. Sua boca se contorceu.**

—**Será que vocês se importam de passar por isso?**

—**Deus, não— Jamie levantou-se e limpou pedaços de casca da barra de seu casaco. —Eu acho que você já sabe deve ser gentil sobre isso, sim?**

—**Sim, eu pensei nisso— Ian assegurou. —Nada mais?**

—**Sim, bem— Jamie ficou parado, considerando. —A única coisa útil foi o que a minha esposa me disse na noite. *Vá devagar e prestar atenção.* —Eu acho que você não pode ir muito errado assim— Ele colocou seu casaco sobre seus ombros. —*Oidhche mhath*, Ian. Vejo vocês na primeira luz se não um pouco antes.**

—***Oidhche mhath*, Tio Jamie.**

**Quando Jamie chegou à beira da clareira, Ian chamado depois dele.**

—**Tio Jamie!**

**Jamie se virou para olhar por cima do ombro.**

—Sim?

—E ela foi gentil com você?

—Deus, não— disse Jamie, e sorriu abertamente.

## *Capítulo 58 - Vamos Acampar*

O sol estava baixo no céu no momento em que William alcançou o acampamento de Clinton, e ainda mais baixo antes que ele virasse Goth em direção cavalariços de Sutherland. Zeb não estava à vista. Talvez ele estivesse com Colenso.

Entregou sua cartela de despachos para o Capitão Von Munchausen, viu o funcionário da companhia, e encontrou a tenda que dividia com outros dois jovens capitães, os dois do 27º Batalhão de Infantaria. Randolph Merbling estava sentado do lado de fora, aproveitando os últimos raios de sol, mas não havia nenhum sinal de Thomas Evans nem de Colenso Baragwanath. Nem de Zebedeu Jeffers. Nem da bagagem de William.

Respirou por um momento, em seguida, sacudiu-se como um cão derramando água. Estava tão cansado de estar com raiva que ele simplesmente não podia estar mais desmotivado. Ele deu de ombros, pegou uma toalha emprestada de Merbling, lavou o rosto, e saiu para encontrar algo para comer.

Tinha o firme propósito de não pensar em nada, seja o que fosse, até que tivesse um pouco de comida e fosse muito bem sucedido em deixar que um frango assado, pão, queijo, e uma cerveja, pelo menos preenchesse alguns de seus espaços vazios. Quando terminou, no entanto, uma imagem subitamente nítida perfurou seu agradável devaneio digestivo. Um rosto bastante corado, com olhos desconfiados a cor exata da cidra que ele estava bebendo.

*Jane.* Mas que inferno! Entre uma coisa e outra, esquecera completamente da prostituta e sua irmã. Dissera a elas para encontrá-lo na tenda do cirurgião ao entardecer... Bem, o sol não caíra ainda. Ele estava em seus pés e em seu caminho, mas depois teve um segundo pensamento e, voltando para o cozinheiro, pediu alguns pães e queijo, só para garantir.

Viver em um acampamento militar era a ciência de preparar um acampamento adequado. Esgotos, valas sanitárias, onde colocar o depósito de pó para evitar inundações se chovesse... Tivera um breve curso disso

uma vez. Provavelmente nunca precisaria fazê-lo por si mesmo, mas o ajudava a localizar as coisas, se soubesse onde elas deveriam estar. E quando em campo, o hospital foi concebido para estar no lado oposto da sede de comando, perto de água, mas no alto, se fosse possível.

Uma vez lá, e encontrou a grande tenda de lona verde, sem dificuldade. Poderia tê-lo encontrado com os olhos fechados. Cirurgiões carregavam o cheiro de seu trabalho ao redor com eles, e o cheiro de sangue seco e o ar inquieto de doença e morte recente eram perceptíveis em uma centena de metros. Ficava pior, muito pior, depois de uma batalha, mas sempre havia doença e acidente, e o fedor permanecia mesmo em dias calmos, agravado agora com o calor abafado que estava como um cobertor molhado sobre o acampamento.

Havia homens, e não poucas mulheres, agrupados em volta da tenda, à espera de atenção. Ele deu uma rápida olhada, mas não viu Jane. Seu coração acelerou um pouco no pensamento de vê-la, e ele sentiu inexplicavelmente desapontado. Não tendo razão por que, ele disse a si mesmo. Ela e sua irmã não teriam nada além de problemas com ele. Elas devem ter cansado de esperar, e...

—Está muito tarde, meu senhor— disse uma voz acusatória em seu cotovelo, e ele girou para vê-la olhando para baixo o nariz para ele, assim como alguém que era mais baixo do que ele poderia ser, o que não era muito bem. Ele encontrou-se sorrindo para ela, absurdamente.

—Eu disse no por do sol— ele respondeu suavemente, balançando a cabeça em direção ao oeste, onde uma fatia fina de brilho ainda brilhava através das árvores. —Ainda não se pôs, não é?

—O Sol leva um maldito de um longo tempo para se pôr aqui— Ela trocou sua desaprovação para a esfera em questão. —É muito mais rápido na cidade.

Antes que ele pudesse argumentar a esta afirmação ridícula, ela olhou para ele, franzindo a testa.

—Por que você não está usando o seu gorget?— Ela exigiu, com as mãos nos quadris. —Eu tive uma quantidade de problemas para obtê-lo de volta para você!

—Estou muito grato a você, minha senhora— disse, esforçando-se pela gravidade. —No entanto, achei que ele poderia provocar questionamentos, se eu de repente mudasse usando-o no meio de campo, e eu pensei que você e sua irmã só poderiam possivelmente querer evitar... explicações tediosas?

Ela cheirou, mas não sem diversão.

—Que atencioso. Entretanto não é tão atencioso com seus servos, não é?

—O que quer dizer?

—Venha comigo— Ela enganchou o braço com seu e rebocou-o em direção à madeira antes que ele pudesse protestar. Ela levou-o a um pequeno alpendre abrigado na vegetação rasteira, que parecia ter sido construído de um saco cama exército não guarnecida e duas anáguas. Inclinando-se para ela o convite, ele descobriu sua irmã, Fanny, dentro, sentada ao lado de um saco como uma cama que foi recheada com erva fresca, sobre o qual se agachavam Colenso e Zeb, ambos parecendo desnorteados. Ao vê-lo, eles se encolheram ainda mais.

—Que diabo você estão fazendo aqui?— Ele exigiu. —E onde está minha esteira, Zeb?

—Lá atrás, senhor— Zeb tremeu, sacudindo um dedo polegar em direção ao amontoado por trás do alpendre. —Não conseguia encontrar a sua tenda e eu não queria deixá-lo, entende...

—Mas eu disse a você... e quanto a você, Baragwanath? Ainda está doente? —William perguntou, ajoelhando-se de repente e enfiando a cabeça para dentro do abrigo. Colenso parecia mal, pálido como um copo de leite azedo, e claramente com dores, enrolado em si mesmo.

—Oh... não é nada, senhor — disse, engolindo com dificuldade. —Só deve ser... alguma... coisa que comi.

—Viu o cirurgião?

Colenso virou o rosto para a cama de saco, ombros curvados. Zeb estava se afastando, aparentemente pensando correr dali.

William agarrou-o pelo braço; o pequeno cavaleiro gritou e ele soltou. —O que há de errado? Será que você não foi ver esse braço?

—Eles estão com medo dos cirurgiões— disse Jane bruscamente.

William se ergueu em toda sua estatura e olhou para ela.

—Oh? Quem disse que eles devem ter medo dos cirurgiões? E como é que vieram parar sob *seus* cuidados, posso perguntar?

Seus lábios apertaram juntos, e ela olhou involuntariamente para o abrigo. Fanny estava olhando para eles, enormes olhos de corça na luz fraca. Ela engoliu em seco e colocou uma mão protetora sobre o ombro de Colenso. Jane suspirou profundamente e pegou o braço de William novamente.

—Venha comigo.

Ela o levou para longe a uma curta distância, ainda dentro de vista o pouco abrigo, mas fora do alcance da voz.

—Fanny e eu estávamos esperando por você quando aqueles meninos vieram. Aí o maior, *que* nome disse que ele tem??

—Colenso Baragwanath. Ele é Cornish, —William adicionou breve, vendo um olhar divertido voar em seu rosto.

—Realmente. Espero que isso não pegue. Bem, ele estava tão doente que não podia ficar de pé, e caiu no chão, perto de nós, fazendo os ruídos mais horríveis. O pequeno sim, eu sei que ele é Zebedeu, estava fora de mim, meio chorando em confusão. Minha irmã é uma criatura mais compassiva, —disse, em vez de desculpa. —Ela foi ajudar, e eu segui— Ela encolheu os ombros.

—Levamos Colenso para o bosque longe o suficiente para conseguir descer suas calças a tempo, e eu dei um pouco de água— Ela tocou uma pequena cantina de madeira que pendia de seu ombro, e ele se perguntou brevemente onde ela conseguiu. Não a tinha quando as encontrou no riacho ontem.

—Estou muito grato a você, minha senhora— disse formalmente. —Agora, por que é isso, exatamente, que você não então levando os meninos para ver os cirurgiões?

Pela primeira vez, a sua postura mostrou sinais de ruptura. Ela virou-se um pouco longe dele, e ele notou os últimos raios do sol lustrando o bom alto da cabeça com um brilho fraco, familiar de castanho. A visão de que trouxe de volta a memória de seu primeiro encontro com ela com a força de um trovão e, com ele, a memória de sua vergonha se misturavam e excitação. Especialmente este último.

—Responda-me— disse, mais ou menos do que pretendia, e ela se virou para ele, os olhos apertados em seu tom.

—Havia um dedo caído no chão da tenda do cirurgião— ela retrucou. —Isso assustou a minha irmã, e os meninos se assustaram com ela.

William esfregou os nós dos dedos para baixo da ponte de seu nariz, olhando para ela.

—Um dedo— Ele viu pilhas de membros amputados fora das tendas dos cirurgiões em Saratoga, e para além de uma rápida oração de gratidão que nenhum dos braços e pernas desconectados eram dele, experimentou algum escrúpulo particular. —De quem era?

—Como eu vou saber? Eu estava muito ocupada em impedir que seu ordenança se cagasse para perguntar.

—Ah. Sim. Obrigado — disse, em vez formalmente. Ele olhou para o abrigo novamente e ficou surpreso ao ver que Fanny saiu e estava pairando próxima de sua irmã, um olhar atento sobre seu rosto adorável. Será que ele parecia ameaçador? ele perguntou. Apenas no caso, ele relaxou sua postura um pouco e sorriu para Fanny. Ela não mudou a expressão, mas continuou a olhar para ele com desconfiança.

Ele limpou a garganta e pegou o saco de seu ombro, segurando-o para fora para Jane. —Achei que pudessem ter perdido o jantar. Os meninos, pelo menor Zeb, comeram alguma coisa?

Jane assentiu e pegou o saco com uma celeridade que sugeria que passara algum tempo desde que as meninas tiveram uma refeição. —Ele comeu com os outros cavaleiros, disse.

—Tudo bem, então. Vou levá-lo para ver seu braço e talvez consiga uma dose para Colenso, enquanto você e sua irmã se refrescam. Então, minha senhora, nós podemos discutir sua própria situação.

Ele estava intensamente consciente de sua presença física por alguns momentos, mas quando ele disse isso, ela virou o efeito completo de seus olhos em cima da *cidra*, pensando vagamente, *ou vinho xerez?* E parecia de alguma forma *fluir*, deslocando, de alguma forma indefinível. Ele não viu seu movimento, mas de repente ela estava perto o suficiente para tocar, e ele sentiu o cheiro de seu cabelo e imaginou que ele sentiu o calor de sua pele através de suas roupas. Ela pegou sua mão brevemente, e seu polegar se moveu através da palma, lentamente. A palma da mão formigava e os cabelos no braço ondulado.

—Tenho certeza de que podemos chegar a um acordo razoável, meu senhor— disse, muito grave, e deixou ir.

Ele arrastou Zeb para a tenda do cirurgião como um potro recalcitrante e ali estava, só metade frequentando, como um cirurgião escocês jovem com sardas limpando a ferida do menino da sujeira. Arabella/Jane não cheirava a perfume indecente que ela usou no bordel, mas, por Cristo, ela cheirava bem.

—Nós devemos cauterizar a ferida, senhor, — a voz do jovem médico estava dizendo. —Ele vai parar o abscesso, sim?

—Não!— Zeb se afastou do médico e correu para a porta, batendo em pessoas e enviando uma mulher voando com um grito. Sacudido fora de

seus pensamentos aleatórios, William fez um mergulho reflexivo e bateu puxando o menino.

—Vamos lá, Zeb— disse, arrastando Zeb a seus pés e impelindo-o firmemente de volta ao Dr. MacFreckles. —Não vai ser tão ruim assim. Só um momento ou dois, e então está tudo acabado.

Zeb pareceu claramente convencido por isso, William depositou com firmeza em um banquinho e puxou seu próprio punho direito.

—Olhe— disse, mostrando a longa cicatriz em forma de cometa em seu antebraço. —*Isso é* o que acontece quando você tem um abscesso.

Ambos Zeb e o médico olharam para a cicatriz, impressionado. Era uma ferida de lasca, disse, causada por uma árvore atingida pelo raio.

—Apareceu em volta do Grande Pântano Sombrio por três dias e uma febre— disse. —Alguns... Índios me encontraram e me levaram a um médico. Eu quase morri, e — ele abaixou as sobrancelhas e deu a Zeb um olhar penetrante— o médico estava prestes a *cortar meu braço*, Quando o abscesso estourou e ele cauterizou. Você pode não ter tanta sorte, hein?

Zeb ainda parecia infeliz, mas relutantemente concordou. William agarrou-o pelos ombros e disse coisas encorajadoras enquanto o ferro estava aquecendo, mas seu coração estava batendo tão rápido como ele poderia ter tido aguardado o cautério em si mesmo.

*Índios*. Um em particular. Ele pensou que esgotou a sua ira, mas lá estava novamente sangrenta, explodindo em chamas frescas brilhantes como uma brasa esmagada aberta com uma ferida.

Maldito fodido Ian Murray. Um Escocês fodido e em algum momento Mohawk. A porra de seu *primo*, o que tornava tudo muito pior.

E depois havia Rachel... . Murray levou Dr. Hunter e Rachel. Ele exalou uma respiração profunda, irregular, lembrando seu vestido anil gasto, pendurado no prego na casa dos Caçadores. Agarrando um punhado de pano e pressionando-o para o seu rosto, respirando seu cheiro como se privado de ar.

Foi aí que Murray encontrou Rachel. E agora ela estava *noiva* dele...

—Ai!— Zeb se contorcia, e William percebeu tardiamente que ele estava cavando seus dedos no ombro do garoto, assim ele soltou como se Zeb fosse uma batata quente, sentindo a memória de punho de ferro de James Fraser em seu braço e a agonizante dor que entorpeceu o ombro à ponta do dedo.

—Desculpe— disse, a voz tremendo um pouco com o esforço para esconder sua raiva. —Desculpe Zeb — O cirurgião estava pronto com o ferro incandescente; William pegou o braço de Zeb, tão delicadamente quanto podia, e segurou ainda enquanto a coisa foi feita. Rachel fez com ele.

Ele estava certo; foi rápido. O cirurgião pressionou o ferro quente sobre a ferida e contou cinco, lentamente, em seguida, levou-o para longe. Zeb ficou duro como um pau da barraca e sugado fôlego suficiente para abastecer três pessoas, mas não gritou.

—Está feito— disse o médico, levando a ferro longe e sorrindo para Zeb. —Aqui, eu vou colocar um pouco de azeite doce em e curativo. Você fez bem, rapaz.

Os olhos de Zeb lacrimejavam, mas ele não estava chorando. Ele respirou profundamente e passou as costas da mão no rosto olhando para William.

—Muito bem, Zeb— disse William, apertando seu ombro suavemente, e Zeb conseguiu um pequeno sorriso em troca.

No momento em que eles voltaram para as meninas e Colenso, William conseguiu conter a raiva de novo. Ele nunca seria capaz de se livrar? *Não até que tenha decidido o que fazer com as coisas*, Pensou sombriamente. Mas não havia nada que pudesse ser feito agora, então ele esmagou todas as faíscas em sua cabeça firmemente em uma bola vermelha densa e rolou para o fundo de sua mente.

—Aqui, deixe Fanny fazer. Ele confia nela. —Jane pegou o frasco contendo a dose que Dr. MacFreckles fez para Colenso e deu a sua irmã. Fanny prontamente sentou-se ao lado de Colenso, que fingia tão duro quanto podia estar dormindo, e começou a acariciar sua cabeça, murmurando alguma coisa para ele.

William balançou a cabeça e, apontando para Jane para acompanhá-la, retirou-se o suficiente para ficar fora do alcance da voz. Em vez disso, para sua surpresa, parte de seu cérebro aparentemente foi analisar o problema e chegar a conclusões, enquanto o restante estava ocupado, pois ele tinha um plano áspero.

—O que eu sugiro é isso— disse, sem preâmbulos. —Eu vou fazer provisão para você e sua irmã para receber rações do exército regular, como seguidores de acampamento, e de viajar sob a minha proteção. Uma vez em

Nova York, eu vou dar cinco libras, e você estará por sua própria conta. Em troca...

Ela não chegou a sorrir, mas mostrou uma covinha em uma bochecha.

—Em troca, — ele repetiu com mais firmeza — você se certificará que meu ordenança e meu cavalição, tenha seus males cuidados, e certifique-se que eles estão razoavelmente cuidados. Você também vai ser a minha lavadeira.

—Sua lavadeira?— O covinha desapareceu abruptamente, substituída por uma expressão de puro espanto.

—Lavadeira— ele repetiu obstinadamente. Ele sabia o que ela estava esperando que ele propusesse e ficou bastante surpreso se que ele não fizesse, mas lá estava ele. Ele não podia, não com os pensamentos de Rachel e de Anne Endicott tão frescos em sua mente. Não com a profunda raiva, sufocada alimentada pelo pensamento de que ele não merecia uma mulher, mas uma prostituta.

—Mas eu não sei como lavar roupa!

—O quanto difícil pode ser?— Ele perguntou tão pacientemente quanto podia. —Você lava minhas roupas. Não coloque o amido em minhas gavetas. É isso, não é?

—Mas... mas— Ela parecia horrorizada. —É preciso um... uma chaleira! Um garfo, uma pá, algo para mexer com... Sabão! *Eu* não tenho qualquer sabão!

—Oh—. Isso não ocorrera. —Bem... —Ele enfiou a mão no bolso, encontrou-o vazio, e tentou o outro, que trouxe um guiné, dois pences, e um florim. Ele entregou a guiné. —Compre o que você precisa, então.

Ela olhou para a moeda de ouro na palma da mão, com o rosto completamente em branco. Ela abriu a boca, depois fechou de novo.

—Qual é o problema?— Perguntou ele, impaciente. Ela não respondeu, mas uma voz suave atrás dele fez.

— Eu nann slei como.

Ele virou-se para encontrar Fanny olhando para ele de debaixo de sua touca, suas bochechas delicadas ficando vermelhas pelo sol.

—O que você disse?

A boca macia de Fanny apertou e suas bochechas ficaram mais vermelhas, mas ela repetiu obstinada. —O... eu slei... saber *como*.

Jane chegou a Fanny em duas etapas, colocando um braço em volta dos ombros de sua irmã e olhando para William.

—Língua presa, da minha irmã— disse, desafiando-o a dizer nada. —É por isso que ela tem medo dos cirurgiões. Ela acha que eles vão amputar sua língua se descobrirem.

Ele tomou uma respiração profunda e lenta.

—Entendo. E o que ela disse para mim... —Ela não sabe como? Significa que você, eu coleciono? O que é isso, que você não sabe?

—Sujo— sussurrou Fanny, agora olhando para o chão.

—Dinheiro sujo?— Ele olhou para Jane. —Você não sabe como...

—Eu nunca *tive* nenhum dinheiro — ela retrucou, e jogou o guiné no chão a seus pés. —Eu sei os nomes das moedas, mas eu não sei o que você pode comprar com elas, a não ser, exceto o que você pode comprar em um bordel! Minha boceta vale seis xelins, tudo bem? Minha boca é três. E a minha bunda é uma libra. Mas se alguém me der três xelins, eu não sei se eu poderia comprar um pedaço de pão ou um cavalo com eles! Eu nunca comprei *nada*!

—Você, você quer dizer... — Ele ficou tão espantado, que não conseguia juntar palavras em uma frase. —Mas você tem salário. Você disse...

—Tenho sido uma prostituta de bordel desde que eu tinha dez anos!— Seus punhos cerrados, os nós dos dedos afiados sob a pele. —Nunca vi o meu salário! A Sra. Abbott gasta, ela compra... nossa comida e roupas. Nunca tive um centavo em meu nome, muito menos gastei um. E agora você me entrega... *aquilo* — Ela bateu o pé no guiné, dirigindo-o para o chão— e diz para comprar uma chaleira!? Onde? Como? De quem?

Sua voz tremia e seu rosto era um negócio mais vermelho do que o sol poderia fazer. Ela estava furiosa, mas também muito perto das lágrimas. Ele queria levá-la em seus braços e acalmá-la, mas pensou que poderia ser uma boa maneira de perder um dedo.

—Quantos anos tem Fanny?— Ele perguntou. Ela ergueu a cabeça, ofegante.

—Fanny?— Disse sem entender.

—Eu tenho o-n-ze— disse a voz de Fanny atrás dele. —Você esse ela *solinha*!

Ele se virou para ver a menina olhando para ele, agarrou um pedaço de pau na mão. Ele teria rido, se não fosse à expressão em seu rosto, e se não o que ele acabou de falar. Ele deu um passo para trás, de modo a ver as duas garotas ao mesmo tempo, e como ímã e ferro, elas se reuniram e agarraram, tanto olhando desconfiado para ele.

—Quanto é o valor de virgindade?— ele perguntou a Jane sem rodeios, com um aceno de Fanny.

—Dez liblas, — Fanny respondeu automaticamente, assim como Jane gritou: —Ela não está à venda! Para você ou qualquer outro Demônio! — Ela apertou Fanny ferozmente mais perto, desafiando-o a fazer um movimento em direção à garota.

—Eu não *a quero* — ele disse através de seus dentes. —Eu não fornico com as crianças, pelo amor de Deus!

A expressão dura de Jane não alterou, e ela não afrouxou seu aperto em sua irmã.

—Então por que você pergunta?

—Para verificar as minhas suposições a respeito de sua presença aqui.

Jane bufou. —Que seriam?

—Que você fugiu. Presumivelmente porque sua irmã já atingiu uma idade onde... —Ele levantou uma sobrancelha, apontando para Fanny. Os lábios de Jane comprimiram, mas ela deu um pequeno aceno de cabeça, relutante.

—Capitão Harkness— questionou. Foi um tiro no escuro, mas bem objetivo. Harkness não ficou satisfeito por ser privado de sua presa e, incapaz de vir a William, poderia muito bem ter decidido a se vingar em outro lugar.

A luz banhava tudo em tons de ouro e lavanda, mas ele podia ver o rosto de Jane ficar pálido, no entanto, e sentiu um aperto em seu lombo. Se ele encontrou Harkness... Ele resolveu ir à procura amanhã. O homem poderia estar na Filadélfia, como ela disse, mas ele poderia não estar. Seria um foco de boas vindas para a sua raiva.

—Certo, então— disse, sobre a matéria com naturalidade como pôde. Ele abaixou-se e arrancou a guiné da terra macia, percebendo como ele fez sendo um tolo para oferecer a ela. Não por causa do que ela disse a ele, mas porque alguém como ela ou Colenso nunca teriam essa quantia. Eles seriam suspeitos de roubar e muito provavelmente ficariam aliviados de que pela primeira pessoa a vê-lo.

—Basta olhar pelos rapazes, sim?— Disse para Jane. —E vocês duas, mantenham-se afastadas dos soldados até que eu possa encontrar roupas simples. Vestida assim — ele apontou para sua elegante roupa manchada de poeira e suor — você será levada como prostituta, e os soldados não aceitariam um não como resposta.

—Eu sou uma prostituta— disse Jane, em uma voz estranha e seca.

—Não— ele disse, e sentiu sua própria voz como estranhamente separado de si mesmo, mas muito firme. —Você não é. Você viaja sob minha proteção. Eu não sou um cafetão assim você não é uma prostituta. Não até chegarmos Nova York.

### ***Capítulo 59 - Uma Descoberta entre as Fileiras***

A 16ª companhia de milícia da Pensilvânia comandada pelo capitão Reverendo Peleg Woodsworth, marchou para o campo em boas condições, parou do lado de fora para arrumar e limpar as suas armas, e lavar o rosto. Lord John sabia que ninguém tomaria conhecimento, mas aprovou os preparativos em razão da boa disciplina militar, como explicou a Germain.

—Tropas desleixadas fazem lutadores ruins — disse, examinando criticamente uma grande renda na manga de seu casaco preto imundo. —E os soldados devem ter o hábito de obedecer a ordens, não importa quais sejam essas ordens.

Germain assentiu. —Sim, isso é o que a minha mãe diz. Não importa se concordar com o ponto ou não, faça o que é dito, ou aguarde as consequências.

—Sua mãe faria um sargento admirável, — Grey garantiu ao seu ordenança. Ele encontrou Marsali Fraser uma ou duas vezes, na tipografia. —Esplêndida compreensão da essência do comando. Por falar em *aguardar as consequências*, quê, exatamente, você espera que aconteça quando você voltar para casa?

Era evidente que Germain não deu muita atenção para a perspectiva, mas depois de um momento, ele enrugou a testa.

—Provavelmente vai depender de quanto tempo eu estiver fora— disse, com um encolher de ombros. —Se eu voltasse amanhã, eu teria bolhas em minhas orelhas e minha bunda, também. Mas eu acho que se eu fosse ficar fora mais de uma semana, ela estaria satisfeita que eu não estivesse morto.

—Ah. Você já ouviu a história do Filho Pródigo, por acaso?

—Não, me lo... dr... Bert. — Germain tossiu. —Como é?

—É... — **ele começou automaticamente, mas depois parou, sentindo como se uma estaca fosse conduzida através de seu peito. A companhia já começava a andar e perder-se; os poucos homens atrás dele apenas**

contornando e passando. Germain torceu em volta para ver o que ele estava olhando.

—É aquele homem que finge ser um francês. Meu pai não gosta dele.

Grey olhou para o cavalheiro de terno de seda azul e cinza com listras muito na moda, que também estava olhando para Grey, boca ligeiramente aberta, ignorando o pequeno grupo de oficiais Continentais que o acompanhavam.

—Conheço um monte de franceses— disse Grey, recuperando o fôlego. —Mas você está certo; esse não é um deles. —Ele virou as costas para o homem, a mente rodando, e agarrou Germain pelo braço.

—Seu avô tem que estar em algum lugar por aqui— disse, forçando resolução em sua voz. —Você vê o edifício lá, com a bandeira?— Ele acenou para a bandeira mole, do outro lado do campo em expansão, mas claramente visível. —Vá lá. Ai está o comandante na sede do chefe. Diga a dos oficiais que você está procurando; eles vão encontrá-lo para você entre a milícia.

—Oh, eles não terão — Germain assegurou. —*Grand-père* vai estar lá.

—Onde?

—Com o General Washington— disse Germain, com a paciência exagerada de pessoas forçadas a consortes com burros. —Ele é um general, também; se você não sabe disso? —Antes de Grey poder responder a esta pergunta de espantosa inteligência, Germain saiu correndo na direção da bandeira distante.

Grey arriscou um olhar por cima do ombro, mas Percy Wainwright desapareceu, como os oficiais Continentais, deixando apenas alguns tenentes na conversa.

Ele pensou várias coisas blasfemou em uma fileira, alternando os xingamentos entre Jamie Fraser e Percy Wainwright como os destinatários de assaltos violentos variados de natureza pessoal. Que porra no *inferno* estava um deles fazendo aqui? Seus dedos se contraíram, querendo estrangular alguém, mas ele lutou contra este impulso inútil em favor de decidir o que o diabo queria fazer agora.

Ele começou a andar apressadamente, sem noção clara para onde estava indo. Percy o viu, ele sabia muito. Jamie não, mas poderia fazê-lo a qualquer momento. *Um general? Qual o tempo para se preocupar com isso agora.* O que poderia qualquer um deles fazer a respeito?

Não vira Percy seu ex-amante, ex-irmão, espião francês, e toda a merda desde a sua última conversa, na Filadélfia, alguns meses antes. Quando Percy reapareceu pela primeira vez na vida de Grey, que foi com uma última tentativa de sedução-política, em vez de física, embora Grey tivesse uma ideia de que ele não teria apostado no físico, também... Era uma oferta para o governo britânico: o retorno à França do valioso território noroeste, em troca da promessa de *interesses* de Percy de impedir o governo francês de fazer uma aliança com as colônias americanas.

Ele tinha, como uma questão de dever transmitir a oferta discretamente ao Senhor do Norte e, em seguida, expurgar Percy de sua mente. Ele não tinha ideia de que, se alguma coisa, o primeiro-ministro faria isso.

*Agora era tarde demais, em qualquer caso,* Pensou. A França assinou um tratado com as colônias rebeldes em abril. Manteve-se de ser visto, no entanto, se esse tratado resultasse em nada tangível na forma de apoio. Os franceses eram notoriamente pouco confiáveis.

*E agora?* Seu instinto para a auto preservação pedia para desaparecer silenciosamente pelo acampamento e desaparecer tão rapidamente quanto possível. Germain não diria a Jamie que ele estava aqui; eles concordaram que estavam muito adiantados. Duas considerações o impediram, porém: em primeiro lugar, a questão menor que ele ainda não sabia onde o exército britânico estava ou o quanto estava longe. E em segundo lugar... um senso de curiosidade sobre Percy que ele mesmo reconhecia como perigosamente imprudente.

Ele se manteve em movimento, já que ficar parado era para ser derrubado e pisoteado, e agora se viu andando ao lado do reverendo Woodsworth. O rosto do ministro estava inundado com um entusiasmo que manteve rompendo seu semblante normal do homem de dignidade calma, e Grey não podia deixar de sorrir para ele.

—Deus nos trouxe seguro até agora, Bert— disse Woodsworth, olhando em volta com os olhos brilhando. —E Ele nos concederá a vitória, eu sei!

—Ah— Grey tateou por alguma resposta, e encontrou para sua surpresa, que ele era incapaz de concordar com esta afirmação, resolvida por —Acho que não se pode presumir a adivinhar a intenção do Todo-Poderoso, mas eu confio que Ele nos preservará, em Sua misericórdia.

—Muito bem dito, Bert, muito bem dito— E Woodsworth bateu estrondosamente nas costas.

## Capítulo 60 - Quakers e Contra Mestres

Jamie encontrou Natanael Greene em sua tenda e ainda em mangas de camisa, os restos do café da manhã em uma mesa diante dele, franzindo a testa para uma carta em sua mão. Ele imediatamente a deixou de lado, ao ver Jamie e levantou-se.

—Entre, senhor, entre! Não comeu nada ainda hoje? Tenho que acabar com um ovo extra —Ele sorriu, ainda que brevemente, tudo o que incomodou sobre a carta ainda se escondia nas dobras de sua testa. Jamie olhou para ele com o canto do olho; a partir das manchas até a borda irregular, parecia um pedaço de correspondência doméstica, em vez de uma nota oficial.

—Já comi, muito obrigado senhor— disse Jamie, com um ligeiro arco de reconhecimento em direção ao ovo, que repousava negligenciado em um copo pequeno de madeira pintado com um coração florida. —Apenas me perguntava se poderia ir com você, caso tenha intenção de montar hoje?

—É claro!— Greene pareceu surpreso, mas satisfeito. —Seus conselhos seriam bem-vindos, General...

—Talvez possamos trocar sabedoria, então, — Jamie sugeriu. —Por que eu deveria valorizar o seu próprio conselho, embora talvez em um assunto diferente.

Greene fez uma pausa, casaco meio puxado.

—Sério? Conselhos sobre que tipo de matéria?

—Casamento.

O rosto de Greene lutou entre espanto, uma tentativa cortês para suprimir o espanto, e alguma outra coisa. Ele olhou para trás para a carta em cima da mesa e ajeitou o casaco sobre os ombros.

—Eu poderia fazer uso de bons conselhos sobre *esse* assunto General Fraser, —ele disse, com um toque irônico nos lábios. —Vamos embora, então.

Cavalgaram para fora do acampamento ao norte pelo noroeste e Greene foi equipado com uma bússola maltratada, e Jamie desejou por um momento que ele ainda possuísse o astrolábio banhado a ouro que William enviou de Londres a mando de Lord John. Ele o perdeu quando a Casa Grande queimou, embora o surto de sentimento sombrio que passou por ele

agora tivesse mais a ver com o pensamento de John Grey do que com o fogo e suas consequências.

A conversa inicial tratou apenas das coisas à mão: a localização da oferta despejada ao longo da linha provável de marcha e, se necessário, retirada embora ninguém falasse dessa possibilidade. Não havia nenhuma dúvida em particular a respeito de para onde o exército Britânico se dirigia; um corpo grande como aquele, com enormes carroças com bagagens e rebanhos distantes dos seguidores de acampamento, limitando em sua escolha de estradas.

—Sim, isso faria— disse Jamie, balançando a cabeça em concordância a sugestão de uma fazenda abandonada de Greene. —Acha que o poço está bom?

—Estou decidido a descobrir— disse Greene, virando a cabeça de seu cavalo em direção à fazenda. —Está quente como Hades. Queimando nossas orelhas ao meio-dia, reconheço.

Estava quente; tiraram os coletes e os lenços de pescoço andaram em mangas de camisa, os casacos atravessando a sela, mas Jamie sentia o linho de sua camisa aderindo às suas costas e suor escorrendo sobre suas costelas e pelo rosto. Felizmente, o poço ainda *estava* bom; a água brilhava visivelmente abaixo, e ao lançar uma pedra ouvia-se de volta um satisfatório *plunk!*

**—Confesso que estou surpreso de que esteja considerando conselhos sobre o casamento, General, — Greene disse, depois de ter bebido sua porção, em seguida, despejado um balde de água luxuosamente sobre sua cabeça. Ele piscou água fora de seus cílios, sacudindo como um cão, e entregou o balde para Jamie, que assentiu agradecido. —Eu diria que sua união e das mais harmoniosas.**

**—Sim, bem, não é com meu próprio casamento que estou preocupado— disse Jamie, grunhindo um pouco quando ele puxou um balde cheio fresco sobre a mão, para o molinete apodrecido e ele foi obrigado a buscar uma corda de seu alforje. —Conhece um jovem batedor chamado Ian Murray? Ele é meu sobrinho.**

**—Murray. Murray... —Greene olhou em branco por um momento, mas depois a compreensão o atingiu. —Oh, ele! Sim, ele é. Seu sobrinho, você diz? Pensei que fosse um índio. Custou-me uma guiné naquela corrida. Minha esposa não vai ficar feliz com isso em tudo. Não**

que ela esteja feliz no momento, independentemente — acrescentou com um suspiro. Evidentemente, a carta *devia* ser doméstica.

—Bem, eu poderia convencê-lo a devolvê-lo a você — disse Jamie, suprimindo um sorriso, —se conseguir ajudá-lo a se casar.

Ele levantou o balde em cima e entregou a um momento de alegria como a rega de água apagado o fogo. Ele exalou uma profunda respiração, grato pelo frescor, sabor das pedras úmidas no fundo do poço, e também sacudiu.

—Ele quer se casar com uma moça Quaker— disse, abrindo os olhos. —Eu sei que você mesmo é um Amigo, pois o ouvi conversar com a Sra. Hardman quando nos conhecemos. Então eu me perguntava, se talvez, pudesse me dizer exatamente o que é necessário em termos de exigência para um casamento desse tipo?

Se Greene ficou surpreso ao descobrir que Ian era o sobrinho de Jamie, esta notícia parece tê-lo deixada sem palavras. Ele parou por um momento, empurrando os lábios dentro e fora, como se pudesse sugar uma palavra que ele poderia cuspir de volta para fora, e finalmente encontrasse uma.

—Bem— disse. Fazendo uma pequena pausa, considerando, e Jamie esperou pacientemente. Greene era um homem de opiniões bastante fortes, mas ele não o apressou. Jamie, porém, se perguntava sobre o que havia a considerar na sua pergunta, seriam os Quakers ainda mais estranhos em seus costumes do que ele pensava?

—Bem— disse Greene novamente, e exalou, enquadrando os ombros. —Devo dizer general, que eu já não me considero um Amigo, embora eu tenha sido, de fato, criado nessa seita — Ele lançou um olhar afiado a Jamie. —E também devo dizer que a causa de minha partida foi o ressentimento por suas maneiras supersticiosas, e mente estreita. Se seu sobrinho quer se transformar Quaker, senhor, eu recomendo que você faça o seu melhor para dissuadi-lo.

—Och. Bem, isso é parte da dificuldade, suponho, —Jamie respondeu equilibrando. —Ele não quer se tornar um Quaker. E eu acho que uma decisão sábia; ele não acha adequado para ele em tudo.

Greene relaxou um pouco com isso e foi tão longe como a sorrir, ironicamente.

—Estou contente por ouvir isso. Mas ele não tem qualquer objeção à sua esposa permanecer uma *Amiga*?

—Acho que isso é mais sensato do que sugerir o contrário.

Isso fez com que Greene risse. —Talvez ele vá gerenciar casamento bem o suficiente, então.

—Oh, ele será um bom marido para a moça, não tenho dúvida, não. É como fazê-los casar, que parece uma dificuldade.

—Ah. Sim. —Greene olhou ao redor da fazenda, enxugando o rosto molhado com um lenço amassado. —Isso pode ser de fato *muito* difícil, se a jovem... bem. Deixe-me pensar por um momento. Nesse meio-tempo... o poço é bom, mas não podemos estocar pólvora aqui; não há muito abrigo sobrando, e me disseram que este tempo muitas vezes pressagia tempestades.

—Há provavelmente um galpão para legumes na parte de trás, — Jamie sugeriu.

Havia. A porta era um emaranhado de finos cipós pálidos brotando de um saco de batatas podres abandonadas no canto, gavinhas rastejando em lento desespero em direção à luz.

—Vai servir — Greene decidiu, e fez uma nota a lápis no pequeno livro que ele carregava em todos os lugares. —Vamos seguir em frente, então.

Deixaram que os cavalos bebessem despejando mais água sobre si mesmos, e montando, cozinhando suavemente. Greene não era um tagarela, e não houve nenhuma conversa em um ou dois quilômetros, quando finalmente chegaram a uma conclusão de seus processos mentais.

—A principal coisa a se ter em mente a respeito de Amigos— disse, sem preliminares, —é que eles se apoiam muito na companhia e opinião dos outros, muitas vezes com a exclusão do mundo além de suas sociedades — Lançou um olhar a Jamie. —Seu jovem sobrinho é conhecido pela sociedade o qual ela pertence?

—Mmphm— disse Jamie. —Pelo que entendi de seu irmão, ambos foram colocados para fora de sua pequena sociedade na Virgínia, quando ele decidiu se tornar um cirurgião do Exército Continental. Ou talvez ele tenha sido colocado para fora, e ela simplesmente foi com ele; Não sei se faz diferença.

—Oh, eu entendo — Greene puxou a camisa molhada longe de seu corpo, na esperança de conseguir um pouco de ar para a sua pele, mas era uma esperança vã. O ar estava grosso como um cobertor de lã no campo em fogo brando. —*A luta Quaker* como eles chamam?

—Não, ele não vai pegar em armas— assegurou Jamie a Greene, —, mas aparentemente o simples fato de ter se unido ao exército ofende sua

sociedade. — Greene bufou de um jeito que parecia ser uma forma muito particular, e Jamie pigarreou —Na verdade, Denzell Hunter, Dr. Hunter também está prestes a se casar. Embora seu caminho possa ser um pouco mais suave, já que sua noiva tornou-se Amiga.

—Ela teve uma sociedade em sua casa?— perguntou Greene bruscamente. Jamie balançou a cabeça.

—Não, pareceu mais um... evento particular. A conversão, eu quero dizer. Disseram-me que os Quakers não têm ou clero ou ritual... —Ele deixou aquilo pairando delicadamente, e Greene bufou novamente.

—Não eles não tem. Mas garanto a você, General, não há nada verdadeiramente privado na certeza da vida espiritual, não importa se é um Amigo. Meu próprio pai tinha oposição à leitura, como sendo uma prática susceptível de separar uma parte de Deus, e quando como um homem jovem, eu não só li, mas comecei a colecionar obras sobre estratégia militar, nas quais tinha algum interesse, fui apresentado a um comitê de exame em nosso grupo bem como fui submetido a questionários, mas como eu disse, não sou mais um membro dessa seita.

Ele soltou os lábios e fez pequenos ruídos de barulho por um tempo, franzindo a testa para a estrada à frente, embora Jamie visse que, mesmo em sua preocupação, Greene foi tomando nota de seus arredores, com um olho na logística.

Ele próprio tinha consciência de certa vibração no ar e perguntou se Greene sentia isso. Não era bem o ruído, era uma perturbação que ele conhecia bem: a grande massa de homens e cavalos, muito longe para ver o seu pó, existente. Eles encontraram o exército britânico. Diminuiu um pouco, olhando atentamente para as árvores à frente, para o caso dos batedores britânicos onde os britânicos certamente saberiam agora por que eles eram perseguidos.

A audição de Greene foi menos aguda, porém, ou talvez ele só estivesse preocupado, pois ele olhou para Jamie com surpresa, embora ele diminuísse a velocidade, também. Jamie levantou a mão para impedi-lo de falar e ergueu o queixo quando um cavaleiro veio em direção a eles, seguindo a estrada. O som dos cascos era audível, e a própria montaria de Jamie lançou a cabeça e relinchou com interesse, as narinas dilatadas.

Os dois homens chegaram armados; Greene posicionou uma mão sobre o mosquete equilibrado entre a sela. Jamie deixou seu rifle em seu

estilingue, mas verificou a trava das pistolas em seus coldres da sela. Inábil para disparar uma arma longa de cavalo.

O cavaleiro estava chegando lentamente, embora; a mão de Jamie no aperto da pistola relaxou, e ele balançou a cabeça para Greene. Eles refrearam, esperando, e um momento depois, o piloto entrou em vista.

—Ian!

—Tio Jamie!— O rosto de Ian floresceu com alívio ao vê-lo, e não admirou. Ele estava vestido como um Mohawk, com calças de camurça e camisa de chita, com as penas em seu cabelo, e uma longa carcaça cinza peluda na frente da sela, sangue escorrendo lentamente para baixo da perna do cavalo.

O animal não estava morto, embora; Rollo se contorcia e erguia a cabeça, dando aos recém-chegado um olhar de lobo amarelo, mas reconheceu o cheiro de Jamie e latiu uma vez, então deixou sua língua balançar para fora, ofegante.

—O que aconteceu com o cão, então?— Jamie subia ao lado e inclinou para olhar.

—O estúpido caiu em uma armadilha mortal — disse Ian, franzindo a testa repreensão para o cão. Então ele gentilmente deu um ruff para o grande cão. — Imagino que eu próprio teria caído nela, se ele não estivesse ido antes de mim.

—A queda foi ruim?— perguntou Jamie. Ele achava que não; Rollo estava dando ao General Greene seu olhar usual de avaliação, um olhar que fazia a maioria das pessoas dar alguns passos para trás. Ian balançou a cabeça, com a mão enrolada na pele de Rollo para mantê-lo estável.

—Não, mas ele cortou a perna e ele está coxo. Eu estava à procura de um lugar seguro para deixá-lo; eu tenho um relatório do capitão Mercer. Embora vendo como você esteja aqui, oh, bom dia para você, senhor — disse para Greene, cujo cavalo *recuara* em resposta a Rollo e foi logo indicando um forte desejo de continuar, apesar da inclinação de seu cavaleiro. Ian esboçou uma saudação e voltou para Jamie. —Vendo que está aqui, tio Jamie pode talvez levar Rollo de volta para as linhas com você e pedir a Tia Claire para costurar a perna?

—Oh, sim— disse Jamie, resignado, e desceu da sela, tateando em busca de um lenço encharcado. —Deixe-me enfaixar a perna primeiro. Não quero sangue por toda minha sela, e o cavalo não vai gostar, também.

Greene pigarreou.

—Já que mencionou relatórios, o Sr... Murray — ele perguntou, com um olhar de soslaio para Jamie, que assentiu. —Talvez fosse bom que os desse a mim, assim como o capitão Mercer, o privilégio de suas notícias?

—Sim, senhor— disse Ian agradavelmente. —O exército está dividido em três corpos agora, será uma grande longa fila de carroças de bagagem no meio. São tantos quanto eu poderia dizer e trocamos palavras com outro olheiro que foi todo o caminho até a coluna e eles se dirigiram para um lugar chamado Freehold. Não do chão muito bom para cima como um guardanapo usado, todo cortado e dobrado para o ataque nas ravinas e riachos, embora o outro olheiro me dissesse que há prados além de que pode fazer para uma luta, e você poderia atraí-los ou levá-los lá fora.

Greene fez perguntas afiadas, algumas das quais Ian pode responder e algumas não, enquanto Jamie ocupava-se com as questões de enfaixar a perna do cão que era uma ferida desagradável, embora não muito profunda; a qual espera que não estivesse envenenada. Índios faziam isso, às vezes, no caso de um cervo ou texugo ferido pode saltar para fora da armadilha.

O cavalo de Jamie não estava entusiasmado com a perspectiva de levar um lobo nas costas, mas eventualmente foi convencido, e com não mais do que um revirar de olho nervoso para trás de vez em quando, eles foram andando.

—*Fuirich, um Choin*— Ian disse, inclinando-se e coçou Rollo atrás das orelhas. —Vou voltar, sim? *Taing, Tio!* —E com um breve aceno de Greene, ele estava longe, seu próprio cavalo claramente querendo colocar o máximo de distância entre ele e Rollo possível.

—Querido Senhor— disse Greene, franzindo o nariz no cheiro do cão.

—Sim, bem, — Jamie disse, resignado. —Minha esposa diz que você se acostuma com qualquer tipo de cheiro depois de um pouco de cheirar. E suponho que ela saiba.

—Ora, ela é uma cozinheira?

—Och, não. Médica. Gangrena, sabe, intestinos purulentos e assim por diante.

Greene piscou.

—Entendo. Você tem uma família muito interessante, Sr. Fraser. —Ele tossiu e olhou para Ian, rapidamente desaparecendo longe. —Você pode estar errado sobre ele nunca se tornar um Quaker. Pelo menos ele não abaixou a cabeça para um título.

## Capítulo 61 - O Viscoso Dê Três Vias

Jamie voltou da cavalgada com o general Greene parecendo encharcado, enrugado, e completamente descabelado, mas por outro lado refrescado e com Rollo, sangrando e descontente, mas não gravemente ferido.

—Ele ficará bem, — eu disse, coçando suavemente atrás das orelhas de Rollo. O corte sangrou muito, mas não era profundo. —Não acho que precise de pontos.

—**Não a culpo nem um pouco, Sassenach— disse Jamie, olhando para o cão, que sofrera quieto enquanto eu o limpava, colocava alguma pomada e enfaixava sua perna, mas que não parecia inclinado a ficar parado para mais brincadeiras. —Onde estão as minhas meias boas?**

—**Na maleta com as outras roupas— eu respondi com paciência. —Onde estão todas as manhãs. Certamente você sabe disso?**

—**Eu sei— ele admitiu. —Só gosto de você cuidando de mim.**

—**Tudo bem — eu disse, gentilmente pegando-as. —Quer que as coloque em você?**

—**Não, eu posso lidar com isso— disse, levando. —seria possível encontrar a minha camisa, então?**

—**Eu acho que eu posso fazer isso, sim— eu respondi, tomando a camisa para fora da mesma maleta e sacudindo para fora. —Como foi com o general Greene esta manhã?**

—**Bem. Perguntei sobre as formas de um casamento Quaker — disse, puxando uma nova camisa branca, a única camisa branca limpa, quando indiquei sobre sua cabeça.**

—**Evidentemente, a dificuldade é com Denzell e Rachel não fazendo parte de uma Sociedade local, como é chamada. Não é que não possam casar, mas para fazê-lo da maneira correta, seria necessário envolver toda a Sociedade. Há uma coisa chamada Comissão de Clareza, que se reúne a noiva e o noivo para aconselhá-los e garantir que sejam adequados, e que tenham alguma noção sobre no que estão entrando. —Ele encolheu os ombros para vestir a camisa. — Não pude deixar de pensar, enquanto ele conversava comigo, sobre o que um comitê como esse nos teria dito quando nós nos casamos.**

—**Bem, eles não teriam tido a menor noção sobre no que estávamos nos metendo quando casamos, — eu disse, divertida. —Acha que nos**

**teriam considerado adequados?**

—Se tivessem visto a maneira como a olhava, Sassenach, quando você não estava olhando para mim, então, sim, eles iriam — Ele me beijou rapidamente e olhou em volta para a escova de cabelo. —Você pode trançar meu cabelo para mim? Eu não posso rever minhas tropas assim. — Seu cabelo estava amarrado para trás descuidadamente com uma tira de couro, mechas úmidas perdidas aderindo a seu rosto.

—Claro. Quantos deles você está revendo? E quando? —Eu sentei no banco e comecei a trabalhar com a escova. —Você andou cavando pelo campo com a cabeça? Você tem galhos e folhas em seu cabelo, e as sementes aladas que as árvores mais velhas derrubam. Ooh! Para não falar de *disso*. —Eu cuidadosamente removi uma pequena lagarta verde que ficou enredada em suas tranças e mostrei a ele, empoleirada curiosamente no meu dedo indicador.

—*Thalla le Dia*— ele disse para a lagarta. *Vá com Deus*. E tomando-a com cuidado em seu próprio dedo, trouxe-a para a porta da tenda, e a soltou na grama.

—Todos eles, Sassenach— disse, voltando e sentando-se novamente. —Minhas duas últimas companhias vieram nesta manhã; eles foram alimentados agora e descansam um pouco. Eu queria perguntar —acrescentou, virando-se para me olhar, — quer vir comigo, Sassenach, dar uma olha neles? Para ver se algum deve ser deixado para trás do combate ou para cuidar de qualquer que possa precisar um pouco de reparo.

—Sim, é claro. Quando?

—Venha para o desfile em uma hora, se quiser— Ele passou a mão sobre a ordenada e brilhante trança ruiva, dobrada sobre si mesma e amarrada e organizada com fitas em sua nuca. —Sim, isso é grandioso. Estou digno de outra forma?

Ele se levantou e limpou pedaços de folha descartada de sua manga. O alto de sua cabeça roçou a tenda, e ele estava brilhando, com sol, energia, e da emoção reprimida de ação iminente.

—Você parece vermelho como Marte, o deus da guerra, — eu disse secamente, entregando o colete. —Tente não assustar seus homens.

Sua boca se curvou quando ele encolheu os ombros para enfiar o colete, mas ele falava sério, os olhos nos meus.

—Och, eu os quero com medo de mim, Sassenach. É a única maneira que eu vou ter a chance de trazê-los vivos.

Com uma hora de sobra, levei o meu kit de suprimentos médicos e sai para a grande árvore onde os doentes entre os seguidores de acampamento costumavam se reunir. Os cirurgiões do exército tinham seguidores de acampamento, bem como soldados, se tivesse tempo, mas não estaríamos tendo tempo hoje.

Havia o sortimento habitual de doenças e lesões menos graves: uma lasca profundamente enraizada (infectada, exigindo a aplicação unguento, seguido de escavação, desinfecção e curativo); um dedo do pé deslocado (causado pelo paciente que chutou um companheiro no jogo, mas que levou um momento para desinchar); um lábio cortado (o que exigiu um ponto e um pouco de pomada genciana); um pé terrivelmente cortado (o resultado da desatenção enquanto cortava madeira, exigindo vinte e oito pontos e um grande curativo); uma criança com infecção no ouvido (um cataplasma de cebola e casca de salgueiro e chá prescrito); outro com a dor de barriga (chá de hortelã e uma forte advertência contra o consumo de ovo de idade incerta de ninhos de pássaros de proveniência desconhecida)...

Os poucos pacientes que necessitam de medicamentos eu coloquei de lado até que eu lidasse com as lesões. Então, com um olhar atento sobre o sol levando para a minha tenda para distribuir pacotes de casca de salgueiro, hortelã e folhas de cânhamo.

A aba da tenda estava aberta; certamente eu deixei fechada? Eu abaixei a minha cabeça na escuridão da tenda e parei abruptamente. Uma figura alta estava diante de mim, aparentemente no ato de vasculhar o meu medicamento.

—Que diabo você está fazendo com isso?— Eu perguntei bruscamente, e a figura estremeceu, assustada.

Meus olhos já se acostumaram com a luz difusa, e eu vi que o ladrão, se é isso que ele era, era um oficial Continental, um capitão.

—Eu imploro seu perdão, minha senhora— disse, dando-me um arco superficial. —Eu ouvi falar que havia um fornecimento de medicamentos aqui. Eu...

—Não há, e eles são meus— Isso pareceu um pouco displicente, embora eu certamente pensasse que sua própria atitude uma vez repentina e eu suavizei o comentário um pouco. —O que é que você precisa? Eu imagino que eu possa poupar um pouco.

—Seus?— Ele olhou da cômoda,— um pedaço claramente claro e profissional de mobília, para mim, e suas sobranceiras se levantaram. —O que *você* está fazendo com uma coisa dessas?

Várias respostas possíveis passaram pela minha cabeça, mas eu me recuperei da surpresa de vê-lo suficientemente para não fazer nenhuma delas. Eu me conformei com uma neutra —Posso perguntar quem *você* é, senhor?

—Oh. — Ligeiramente perturbado, ele inclinou-se para mim. —Peço perdão. Capitão Jared Leckie, seu servo, senhora. Sou um cirurgião com o segundo batalhão em New Jersey.

Ele me olhou pensativamente, perguntando-se claramente quem diabo *Eu* era. Eu estava vestindo um avental de lona com grandes bolsos sobre meu vestido, estes bolsos atualmente recheados com todos os tipos de pequenos instrumentos, curativos, garrafas e frascos de pomadas e líquidos. Eu também tirei o chapéu de abas largas quando eu vim para a tenda e, como de costume, não estava usando touca. Eu *tinha* prendido meu cabelo, mas se soltou e estava enrolando em volta de meus ouvidos. Ele, obviamente, suspeitava que eu fosse uma lavadeira, vindo a recolher roupa suja ou possivelmente algo pior.

—Eu sou a Sra. Fraser, — eu disse, dando o que eu esperava que fosse um aceno gracioso. —Er... Senhora do *General* Fraser, isto é, —eu acrescentei, vendo que ele apareceu impressionado.

Suas sobranceiras se ergueram, e ele me olhou abertamente cima e para baixo, os olhos persistente no topo bolsos de meu avental, este enrolando quando olhava tentando desenrolar e à direita na minha frente um pote de assa fétida cuja cortiça estava solta permitindo assim que o cheiro flutuasse suavemente acima dos outros cheiros notáveis do acampamento. Era conhecido comumente como *excremento do diabo* e por boas razões. Puxei a jarra fora e empurrei a cortiça em mais segurança. Este gesto parecia de alguma forma, tranquiliza-lo.

—Oh! O general é um médico, vejo — disse.

—Não— eu disse, começando a ver que eu deveria ter trabalho árduo com o Capitão Leckie, que parecia jovem e não mais brilhante. —Meu marido é um soldado. *Eu* sou médica.

Ele olhou para mim como se eu tivesse dito a ele que eu era uma prostituta. Em seguida, ele cometeu o erro de assumir que eu estava brincando e riu bastante.

Neste ponto, um dos meus pacientes, uma jovem mãe cujo filho de um ano de idade, teve uma infecção no ouvido, enfiou a cabeça perfeitamente nivelada hesitante na tenda. Seu menino estava em seus braços, gritando e com o rosto vermelho.

—Oh, querida— eu disse. —Eu sinto muito por fazê-la esperar, Sra. Wilkins. Traga-o aqui; vou pegar a casca para ele diretamente.

**Capitão Leckie franziu o cenho para a senhora Wilkins e chamou-a mais perto. Ela olhou nervosamente para mim, mas permitiu que ele se inclinasse para baixo e olhar para o pequeno Peter.**

—Os dentes dele estão nascendo — disse Leckie, e em tom de acusação, após a execução de um polegar grande, sujo através da boca babando de Pedro. —Ele deveria ter a fenda gengival, para deixar o dente passar— Ele começou a se atrapalhar no bolso, onde, sem dúvida, tinha um bisturi altamente insalubre ou lanceta.

—Sua dentição está começando — eu concordei, balançando para fora uma quantidade de casca de salgueiro desmoronou na minha argamassa. —Mas ele também tem uma infecção no ouvido, e o dente virá através de sua própria vontade dentro das próximas vinte e quatro horas.

**Ele se virou para mim, indignado e surpreso.**

—Você está me contradizendo?

—Bem, sim— disse eu, em vez suavemente. —Você está errado. Você quer ter uma boa olhada em sua orelha esquerda. É...

—Eu, minha senhora, sou um diplomata da Faculdade de Medicina da Filadélfia!

—Quero parabenizá-lo— disse eu, começando a ficar irritada. —Ainda assim está errado — O que o deixou momentaneamente sem palavras, eu terminei de moer da casca em pó e joguei dentro de um quadrado de gaze, que eu dobrei em um pacote puro e entreguei a Sra. Wilkins, com instruções quanto à fermentação da infusão e como administrá-lo, bem como a forma de aplicar uma cataplasma de cebola.

Ela pegou o pacote como se fosse explodir e, com um olhar apressado no Captain Leckie, fugiu, com uivos de Pedro recuando como uma sirene ao longe.

Eu respirei fundo.

—Agora — eu disse, como agradavelmente possível. —Se você estiver com necessidade de algo simples, Dr. Leckie, eu tenho uma boa oferta.

Posso...

Ele se colocou em pé como um grou olhando um sapo, com olhos redondos e hostis.

—Seu servo, minha senhora— disse secamente, e saiu atrás de mim.

Revirei os olhos para cima em direção a sobrecarga de lona. Havia uma pequena lagartixa agarrada ao pano, que me olhava sem nenhuma emoção particular.

—Como ganhar amigos e influenciar pessoas— comentei. —Tome nota — Então eu empurrei a porta da tenda para trás e acenei para o próximo paciente para entrar.

Tinha que me apressar para ir ao meu encontro com Jamie, que estava prestes a começar a sua revisão quando corri, torcendo meu cabelo em uma massa e prendendo às pressas debaixo do meu chapéu de abas largas. Estava um dia terrivelmente quente; estar ao sol aberto por apenas alguns minutos, fez o meu nariz e bochechas formigarem em advertência.

Jamie inclinou-se gravemente a mim e começou seu avanço ao longo da linha dos homens elaborado para revisão, saudando os homens, saudando oficiais, fazendo perguntas, dando suas notas ao ajudante de campo de coisas a serem feitas.

Ele tinha o tenente Schnell com ele quando o ajudante de campo um menino alemão agradável de Filadélfia, com talvez dezenove anos e um cavalheiro corpulento que não conhecia, mas assumi pelo seu uniforme ser o capitão no comando de tudo o que as companhias que estavam inspecionando. Segui-os, sorrindo para os homens quando eu passei, ao olhar de lado para detectar quaisquer sinais evidentes de doença, lesão ou deficiência, eu tinha certeza de que Jamie poderia perceber a embriaguez excessiva sem a minha opinião de especialista.

Havia trezentos homens, ele me disse, e a maioria deles estavam muito bem. Continuei andando e acenando com a cabeça, mas não estava acima de começar a fantasiar alguma circunstância perigosa em que eu encontrava o capitão Leckie se contorcendo de dor, que eu gentilmente acalmava, fazendo-o ajoelhar e pedir desculpas por sua atitude censurável. Eu estava tentando escolher entre a perspectiva de uma bala de mosquete embutida em sua nádega, torção testicular, e algo temporariamente, mas humilhante forma desfigurada, como paralisia de Bell, quando meu olho captou um vislumbre de algo estranho alinhado.

O homem na minha frente estava de pé ereto, mosquete com armas de porta, com os olhos fixos à frente. Este estava perfeitamente correto, mas nenhum outro homem na linha estava fazendo isso. Milicianos eram mais do que capazes, mas eles geralmente não viam sentido em formalidade militar. Olhei para o soldado rígido, passando, então olhei para trás.

—Jesus H. Roosevelt Cristo!— Exclamei, e só puro acaso mantive Jamie de me ouvir, ele distraído com a chegada repentina de um mensageiro.

Dei dois passos apressados para trás, inclinei e olhei sob a aba do chapéu desabado empoeirado. O rosto abaixo foi definido em linhas ferozes, com um sombriamente ameaçador olhar furioso e era completamente familiar para mim.

—Inferno fodido Sangrento— eu sussurrei, agarrando-o pela manga. — O que você *fazendo* aqui?

—Não acreditaria em mim se eu dissesse a você— ele sussurrou de volta, sem mover um músculo do rosto ou corpo. —Continue andando, minha querida.

Tal foi minha surpresa, eu poderia realmente ter feito isso, se minha atenção não tivesse sido atraída por uma pequena figura se escondendo atrás da linha, tentando enviar um aviso, agachando-se atrás de uma roda de carroça.

—Germain— eu disse, e Jamie girou, com os olhos arregalados.

Germain ficou tenso por um instante e, em seguida, virou-se para fugir, mas era tarde demais; Tenente Schnell, fazendo jus ao seu nome, surgiu através da linha e agarrou Germain pelo braço.

—Ele é seu, senhor?— Ele perguntou, olhando com curiosidade de Jamie para Germain e para trás.

—Ele é— disse Jamie, com um tom que virou sangue muitos um homem com a água. —O que o diabo.

—Sou um ordenança!— Disse Germain orgulhosamente, tentando desligar-se das garras do tenente Schnell. —Eu deveria estar aqui!

—Não, você não é, — seu avô assegurou. —E o que quer dizer com ordenança,? Ordenança de quem?

Germain de uma só vez olhou na direção de John, então, percebendo o seu erro, puxou os olhos para trás, mas já era tarde demais. Jamie chegou John em um único passo e arrancou o chapéu da cabeça.

O rosto era identificável como o de Lord John Grey, mas apenas por alguém que o conhecia bem. Ele usava um tapa olho de feltro preto sobre um olho, e o outro estava obscurecido por sujeira e contusões. Ele cortou o cabelo loiro luxuriante cerca de uma polegada de comprimento e parecia ter esfregado sujeira nele.

Com desenvoltura considerável, ele coçou a cabeça e entregou a Jamie seu mosquete.

—Eu me rendo a você, senhor— disse, em voz clara. —Para você, pessoalmente. Assim como o meu ordenança — acrescentou, colocando a mão no ombro de Germain. Tenente Schnell, muito espantado, deixar ir Germain como se estivesse em brasa.

—Eu me rendo senhor— disse Germain solenemente, e saudou.

Eu nunca vi Jamie ficar totalmente sem palavras, e não agora, mas era uma coisa perto. Ele inalou fortemente pelo nariz, em seguida, virou-se para o tenente Schnell.

—Acompanhe os prisioneiros ao capitão McCorkle, Tenente...

—Er... —Eu disse em tom de desculpa. Um olho azul duro virou em minha direção, sobranceira levantada.

—Ele está ferido, — eu disse, levemente quanto pude, com um breve gesto na direção de John. Os lábios de Jamie comprimiram por um instante, mas ele balançou a cabeça.

—Tome o prisioneiro e Sra. Fraser— Eu ousou dizer que era apenas a sensibilidade da minha parte que percebeu certa ênfase em *Sra. Fraser* — para minha tenda, Tenente.

Com apenas um fôlego, ele se virou para John.

—Eu aceito a sua rendição, coronel— ele disse, com polidez gelada. —E a sua liberdade condicional. Vou assistir mais tarde.

E, com isso, ele virou as costas para nós três, no que só pode ser descrito como uma forma acentuada.

—O que diabos aconteceu com o seu olho?— Eu exigi, olhando para ele. Tive John na cama na minha pequena tenda médica, a aba aberta para admitir o máximo de luz possível. O olho estava inchado metade fechado e cercado por um anel preto pegajoso onde o tapa olho de feltro foi desfeito, a carne subjacente uma paleta lúgubre de verde, roxo e amarelo medonho. O próprio olho estava vermelho como uma saia de flanela e, a partir do estado

irritado das pálpebras, estava sendo regado mais ou menos constantemente durante algum tempo.

—Seu marido me deu um soco quando eu disse que havia dormido com você— ele respondeu, com absoluta serenidade. —Espero que ele não tenha tomado nenhuma ação semelhante violenta após encontrá-la?

Se eu tivesse sido capaz de um ruído escocês convincente, eu poderia ter recorrido a um. Mas, eu apenas olhei para ele.

—Recuso-me absolutamente a discutir o meu marido com você— eu disse. —Deite-se, e pare.

Ele aliviou de volta na cama, estremeando.

—Ele disse que o atingiu duas vezes— comentei, observando isso. —Onde foi o segundo golpe?

—No fígado— Ele cautelosamente tocou seu abdômen inferior. Tirei a camisa e inspecionei os danos, no valor de contusões mais espetaculares ao redor das costelas inferiores, com listras azuis drenando para baixo em direção à crista ilial, um pouco mais.

—Isso não é onde o seu fígado está, — Eu informei a ele. —É do outro lado.

—Oh—. Ele olhou em branco. —Sério? Você tem certeza?

—Sim, eu tenho— eu assegurei a ele. —Sou médica. Deixe-me ver seu olho.

Não esperei por permissão, mas ele não resistiu deitado de costas e olhando para o teto de lona, enquanto eu abria as pálpebras, tanto quanto possível. A esclera e conjuntiva estavam gravemente inflamadas, e até mesmo a luz fraca fez a água dos olhos abundantes. Eu levantei dois dedos.

—Dois— disse, antes que eu pudesse perguntar. —E antes que você comece a me pedir para olhar para frente e para trás e para cima e para baixo... Eu não posso. Posso ver com esse olho, embora seja um pouco embaçado, e eu vejo tudo dobrado, o que é muito desagradável, mas eu não posso movê-lo em tudo. Dr. Hunter opinou que algum músculo ou outro está preso por algum tipo de osso. Ele não se sentia competente bem para lidar com isso.

—Estou lisonjeada que você acha que eu poderia estar.

—Tenho plena confiança em suas habilidades, Dra. Fraser— disse educadamente. —Além disso, eu tenho escolha?

—Não. Fique quieto, ali está... Germain! —Eu avistei uma vibração reveladora de chita rosa do canto do meu olho, e o fugitivo chegou andando

de lado, parecendo vagamente culpado.

—Não me diga o que você tem em sua camisa— eu disse, observando uma protuberância suspeita ou duas. —Eu não quero ser cúmplice de crime. Não, espere está vivo?

Germain cutucou o bojo, como se não tivesse certeza, mas ele não se mexeu, e ele balançou a cabeça. —Não, *Grand-mère*.

—Bom. Venha aqui e segure isso, sim?

Entreguei meu espelho de bolso e, ajustando a aba da tenda, de modo que um raio de luz brilhasse, em seguida, ajustei a mão de Germain para que a luz refletida brilhar diretamente do espelho no olho afetado. John gritou um pouco quando a luz atingiu seu olho, mas obedientemente segurou as laterais do catre e não se moveu, embora seu olho lacrimejasse terrivelmente. Todo o melhor; seria lavar as bactérias e talvez deixá-lo mais fácil para mover o globo ocular.

Denny estava provavelmente certo, pensei, selecionando o meu menor ferro cautério e deslizando suavemente sob a pálpebra inferior. Foi a melhor coisa que eu poderia encontrar para o trabalho, sendo plano, liso e em forma de pá. Eu não podia mover o globo ocular para cima em tudo; até mesmo uma leve pressão fazia fechar. Eu poderia movê-lo um pouco de lado a lado, e dada à sensibilidade do rosto de John, logo abaixo do olho, eu comecei a formar uma imagem mental do dano. Era quase certo que poderia ser chamado de uma fratura *ruptura* que rachou o osso delicado do assoalho orbital e forçou um pouco deslocando o mesmo, juntamente com parte do músculo reto inferior para baixo para dentro do seio maxilar. A borda do músculo foi pego na fenda, imobilizando assim o globo ocular.

—*Escocês* cruel, sanguinário, mentiroso, —Eu disse, endireitando.

—Não é culpa dele— disse John. —Eu o provoquei— Ele parecia excessivamente alegre, e eu virei um olhar frio sobre ele.

—Não estou mais satisfeita com você— eu informei. — Não vai gostar disso, e ele irá atendê-lo bem. Como em nome de Deus que você, não, não me diga agora. Estou ocupada.

Ele cruzou as mãos sobre o estômago, olhando manso. Germain riu, mas desistiu quando eu dei um olhar de sua autoria.

Com os lábios apertados, enchi uma seringa, Dr. Fentiman fazia seringas como pênis, quando precisava; como apropriado, com solução salina para a irrigação e encontrei meu pequeno par de agulhas de nariz. Eu dei outra olhada no lugar com a minha espátula improvisada e preparei uma pequena

agulha, curva com uma sutura de linha molhada, cortada muito bem. Eu *poderia* administrar sem a necessidade de costurar o músculo reto inferior dependendo se a borda do músculo desgastasse muito, por causa da sua longa armadilha, e como ele sobreviveu de ser desalojado, mas melhor ter a sutura à mão, em caso de necessidade. Eu esperava que a necessidade não ocorresse; havia tanto inchaço... mas eu não podia esperar vários dias para que pudesse diminuir.

O que estava me incomodando não era tanto a redução imediata da fratura e liberação do músculo, mas a possibilidade de longo prazo de adesão. O olho devia ser mantido razoavelmente imóvel, para auxiliar a cicatrização, mas fazer isso poderia fazer com que o músculo aderisse à órbita, literalmente, o congelamento do olho de forma permanente. Eu precisava de algo escorregadio com que revestir o lugar, algo biologicamente inerte e não irritante, no meu tempo, as gotas de glicerina estéreis estariam imediatamente disponíveis, mas aqui...

Clara de ovo, talvez? Provavelmente não, pensei; o calor do corpo pode mimar, e depois?

—John!

A voz chocada atrás de mim me fez virar, agulha na mão. Um cavalheiro muito elegante aparência de peruca elegante e um terno de veludo cinza-azul estava apenas a metros da aba da tenda, olhando horrorizado com meu paciente.

—O que aconteceu com ele?— Percy Beauchamp exigiu me avistando ao fundo.

—Nada sério— eu disse. —Tem...

—Saia — disse John, em uma voz que eu nunca ouvi antes usar. Sentou-se, fixando o recém-chegado com aço como um olhar como poderia ser gerenciado com um mal regar olho vermelho. —Agora.

—O que em nome de Deus que você está fazendo aqui?— Beauchamp exigiu. Seu sotaque era Inglês, mas o Inglês levemente tingido de francês. Ele deu um passo mais perto e baixou a voz. —Certamente você não se tornou um rebelde?

—Não, eu não tenho maldito! Saia, eu disse.

—Querido Deus, quer dizer que, o que o diabo *aconteceu*? Com você — Ele chegou perto o bastante para ver o quadro completo: imundo cabelos curtos, roupas sujas desgrenhadas, meias sujas com buracos no dedo do pé e

calcanhar, e um rosto distorcido agora dirigindo um olhar de veneno injetado nele.

—Agora, olhe aqui — eu comecei olhando Percy com determinada firmeza, mas Germain me parou.

—Ele é o homem que estava procurando Papai em New Bern no ano passado— disse Germain. Ele colocou o espelho e estava observando a cena evoluindo com juro. —*Grand-père* acha que ele é um vilão.

Percy lançou um olhar assustado a Germain, mas recuperou a compostura com notável rapidez.

—Ah. O titular de rãs ilustres — disse, com um sorriso. —Eu lembro. Pedro e Simão são os seus nomes? Um amarelo e um verde.

Germain inclinou-se respeitosamente.

—Monsieur tem uma excelente memória— ele disse, com polidez requintada. —O que você quer com o meu pai?

—Uma excelente pergunta— disse John, colocando uma mão sobre o olho ferido, melhor para encarar Monsieur Beauchamp.

—Sim, isso é uma boa pergunta — eu disse suavemente. —Sente-se, Sr. Beauchamp e malditamente se explique. E, você, —Eu adicionei, tendo John firmemente pelos ombros, — deite-se.

—Isso pode esperar— disse John logo, resistindo a minha tentativa de deita-lo. Ele balançou as pernas para o lado da cama. —O que você está fazendo aqui, Percy?

—Oh, você o conhece, não é?— Eu disse, começando me irritar.

—Certamente. Ele é meu irmão ou era.

—O quê?— Germain e eu exclamamos como um só. Ele olhou para mim e riu.

—Eu pensei que Hal era o seu único irmão, — eu disse, me recuperando. Olhei para trás e para frente entre John e Percy. Não havia nenhuma semelhança em tudo entre eles, enquanto semelhança de John com Hal era tão marcada como se tivessem sido carimbadas do mesmo molde.

—Meio-irmão— disse John, ainda mais em breve. Ele tinha os pés debaixo dele, se preparando para subir. —Venha comigo, Percy.

—Você não vai a lugar nenhum, — eu disse, levantando a voz ligeiramente.

—Como é que você se propõe a me parar?— John estava de pé, cambaleando um pouco, enquanto tentava se concentrar em seus olhos. Antes que eu pudesse responder, o Sr. Beauchamp pulou para frente e

agarrou o braço, para mantê-lo de cair. John empurrou violentamente para longe dele, quase caindo de novo quando ele tropeçou para trás no catre. Ele pegou o equilíbrio e ficou encarando Beauchamp, os punhos cerrados pela metade.

O olhar de Beauchamp foi travado com o seu, e o ar entre eles era... elétrico. Ó, Pensei, olhando de um para o outro, de repente iluminado. Ó.

Devo ter feito algum movimento pequeno, porque o olhar de Beauchamp ligou de repente em direção ao meu rosto. Ele parecia assustado com o que ele viu lá, então, recuperando-se, sorriu ironicamente e se curvou.

—*Madame*— disse. Então, em perfeito, Inglês sem sotaque: —Ele é realmente o meu meio-irmão, embora não tenhamos falado em... algum tempo. Estou aqui como convidado do Marquês de La Fayette, entre outras coisas. Não permita para tomar seu senhorio para atender o marquês. Comprometo-me a trazê-lo de volta em uma peça. —Ele sorriu para mim, quente de olhos e seguro de seu charme, que foi considerável.

—Sua senhoria é um prisioneiro de guerra— disse uma voz escocesa muito seca por trás de Beauchamp. —E a minha responsabilidade. Lamento que ele deva permanecer aqui, senhor.

Percy Beauchamp girou, escancarado para Jamie, que estava enchendo a aba da tenda de uma forma mais implacável.

—Eu *ainda* quero saber o que ele quer com Papai — disse Germain, pequenas sobrancelhas loiras sacado em uma carranca suspeita.

—Eu gostaria de saber, também, monsieur— disse Jamie. Ele entrou na tenda, esquivando-se e apontou para o banco que eu estava usando. —Ora se sente, senhor.

Percy Beauchamp olhou de Jamie para Lord John e de volta. Seu rosto era suave e branco, embora os animados olhos escuros estivessem cheios de cálculo.

—Ai de mim— disse, o leve sotaque francês de volta. —Estou comprometido com *Le Marquis* e o General Washington, apenas agora. Você vai me desculpar, tenho certeza. *Bonjour, Mon Général*. —Ele marchou para a porta da tenda, de cabeça erguida, voltando no último instante para sorrir para John. —*Au revoir, mon frère*.

—Não se eu malditamente vir você em primeiro lugar.

Ninguém se moveu pelo espaço de nove batimentos cardíacos. contei a seguinte saída digna de Percy Beauchamp. Finalmente, John sentou-se

abruptamente na cama, exalando de forma audível. Jamie chamou minha atenção e, com um leve aceno de cabeça, sentou-se no banco. Ninguém falou.

—Você não deve acertá-lo novamente, *Grand-père* — Disse Germain sinceramente, quebrando o silêncio. —Ele é um homem muito bom, e eu tenho certeza que ele não vai levar vovó para a cama mais, agora que está em casa para fazê-lo.

Jamie deu uma olhada de lado para Germain, mas sua boca se contorceu. Da minha posição atrás do catre, eu podia ver a parte de trás do pescoço de John liberar um rosa profundo.

—Estou muito grato a sua senhoria para seus cuidados de sua avó, — Jamie disse a Germain. —Mas, se esta pensando nessas observações impertinentes a respeito de seus avós vai salvar o seu rabo pensar novamente.

Germain deslocou inquieto, mas revirou os olhos para Lord John em um *vale a pena tentar* espécie de caminho.

—Eu sou agradecido a você por sua boa opinião, senhor— John disse a ele. —E eu retribuo o elogio, mas eu confio em você está ciente de que a boa intenção por si só não exime uma das consequências da conduta imprudente.

Jamie estava começando a liberar tão profundamente quanto John.

—Germain— eu disse. —Não vá embora. Oh! veja se você pode me encontrar um pouco de mel, sim?

Todos os três deles olharam para mim, assustados com esta declaração aparente.

—É viscoso, — eu disse, com um leve encolher de ombros. —E antibacteriano.

—Claro que é— disse John baixinho em uma espécie de forma desesperada.

—O que significa *viscoso*?— Perguntou Germain, interessado.

—Germain— disse o avô, em tom ameaçador, e ele rapidamente desapareceu sem esperar pela iluminação.

Todo mundo respirou fundo.

—Deite-se *agora* —Eu disse para John, antes de qualquer coisa lamentável pudesse ser dito. —Tem um momento, Jamie? Preciso de alguém para segurar o espelho enquanto eu cuido do olho dele.

Com não mais que um instante de hesitação, os dois obedeceram, sem olhar um ao outro. Eu estava quase pronta; quando eu posicionei Jamie e o raio de luz focado no olho, eu mais uma vez irrigando o olho e tomando delicadamente com soro fisiológico, em seguida, lavei meus dedos cuidadosamente com o mesmo material.

—Eu preciso de você, também para mantê-lo completamente imóvel— eu disse. —Sinto muito, John, mas não há outra maneira de fazer isso, e se tivermos sorte, será rápido.

—Sim, eu já ouvi isso antes— Jamie murmurou, mas desistiu quando lancei um olhar de lado para ele.

Eu estava com medo de usar a pinça, por medo de perfurar seu globo ocular. Então eu abri as pálpebras do olho afetado de John com os dedos da minha mão esquerda, encravado ao alcance da minha direita cavando profundamente a cavidade ocular quanto pude, e apertei.

Ele fez um ruído estrangulado de espécie chocado, e Jamie engasgou, mas não deixou cair o espelho.

Não há muitas coisas no mundo como um globo ocular escorregadio e molhado. Tentei espremer tão levemente quanto pude, mas não havia nenhuma ajuda para ele; uma leve pressão apenas permitiu que o globo ocular saísse dos meus dedos como uma uva oleada. Eu cerrei os dentes e tentei novamente, apertando com mais força.

Na quarta tentativa, eu consegui obter uma aderência suficiente para permitir-me tentar girar o globo ocular em seu órbita. Não consegui bem geri-lo, mas pelo menos tenho uma ideia melhor de como ele pode ir.

Cinco minutos mais tarde, John tremia como um manjar branco, mãos apertadas sobre os trilhos do catre, Jamie estava rezando baixinho em gaélico, e todos os três de nós estavam encharcados de suor.

—Uma vez mais— eu disse, respirando e enxugando o suor do meu queixo com as costas da minha mão. Lavei meus dedos novamente. —Se eu não puder fazê-lo desta vez, vamos ter um descanso e tentar novamente mais tarde.

—Oh, Deus— disse John. Ele fechou os olhos por um instante, engoliu em seco, e abriu tão grande quanto podia. Ambos os olhos lacrimejavam muito, e as lágrimas regavam as têmporas.

Eu senti Jamie mover ligeiramente ao meu lado. Ele reorientou o espelho, mas eu vi que ele também se moveu mais perto do catre, de modo que sua perna pressionasse contra a madeira, mesmo ao lado agarrando os dedos de John. Eu mexi meus dedos molhados em preparação, disse uma breve oração para Santa Clara, padroeira da dor nos olhos, e enfiei os dedos tão profundamente quanto pude.

Por esta altura, eu tinha uma imagem mental muito clara da fratura, uma linha escura abaixo da conjuntiva rasgado, e a linha do músculo reto inferior encravado nele. Torci, um curto afiado, diante dos meus dedos deslizando e senti o músculo dar um pop livre. John estremeceu todo o comprimento do seu corpo e deu um pequeno gemido.

—Glória— eu disse, e ri de puro alívio. Havia um pouco de sangue, não muito em meus dedos, e eu limpei no meu avental. Jamie se encolheu e desviou o olhar.

—E agora?— Ele perguntou, cuidadosamente não olhando para John.

—Agora, o que, Oh— Eu considereei que um por um momento, depois balancei a cabeça.

—Ele tem que deitar por várias horas com os olhos cobertos de um ou dois dias, de preferência. Se Germain encontrar um pouco de mel, eu vou lubrificar a cavidade ocular com um pouco do mesmo, para impedir a adesão.

—Quero dizer, — Jamie disse pacientemente, —é que ele necessita de ser mantido sob cuidado de um médico?

—Não o tempo todo— disse, examinando criticamente John. —Alguém, quero dizer precisa verificar o olho de vez em quando, mas não há nada mais a ser feito para ele; o inchaço e hematomas vão se cuidar por si mesmos. Por quê? O que você estava planejando fazer com ele?

Jamie fez um pequeno gesto de frustração.

—Eu *queria* entregá-lo ao pessoal de Washington para interrogatório — disse. —Mas.

—Mas eu me entreguei a você pessoalmente— disse John amavelmente. Ele olhou para mim com o olho trabalhar. —Isso significa que eu sou a sua responsabilidade.

—Sim, muito obrigado por isso— murmurou Jamie, dando um olhar irritado.

—Bem, você não está indo para dizer nada de útil, também, não é?— Eu perguntei, colocando a mão na testa de John. Um pouco quente, mas sem febre bruta. —Tal como a natureza das relações entre si e com o recente Sr. Beauchamp?

Jamie fez um breve grunhido.

—Eu sei multar o que suas relações são de que vai sodomitazinho— disse sem rodeios. Ele deu a John um olhar penetrante. —Você não quer me dizer o que está fazendo aqui, não é?

—Não— disse John alegremente. —Apesar de ser quase certo que não iria ajudá-lo, se eu fizesse.

Jamie balançou a cabeça, tendo, evidentemente, nada melhor que o esperado, e levantou-se com um ar de decisão.

—Bem, então. Eu tenho trabalho a fazer, e você também, Sassenach. Espere aqui por Germain, se quiser, e quando ele terminar com o mel, diga a Germain que ele está no encarregado de seu senhorio. Não deve deixar sua senhoria em hipótese alguma, a não ser que eu ou você digamos que ele pode e deve pagar ao Monsieur Beauchamp outra chamada, Germain tem que estar presente em qualquer conversa. Ele fala francês extremamente fluente — ele aconselhou John. —E você deve pensar em tentar subverter a lealdade do meu neto...

—Senhor!— Disse John, olhando chocado com a simples ideia.

—Mmphm— disse Jamie sombriamente, e saiu.

## ***Capítulo 62 - A Aversão da Mula por Você***

Eu não sabia bem o que dizer a John, na sequência dos recentes acontecimentos. Ele parecia muito próximo a uma derrota, mas lidava com o constrangimento social, fechando os olhos e fingindo estar dormindo. Não podia deixá-lo até Germain voltar com o mel supondo que ele encontrasse, mas eu tinha uma boa quantidade de fé em suas habilidades.

Bem, não adiantava ficar sentada com as mãos dobradas. Peguei meu almofariz e pilão e comecei a trabalhar moendo a raiz de gengibre e alho para pomada antibiótica. Estava ocupando minhas mãos, mas, infelizmente, não a minha mente, que estava correndo em círculos como um hamster em uma roda.

Eu tinha duas preocupações principais, no momento, uma das quais eu não podia fazer nada sobre: que sendo o sentido crescente de batalha que se aproximava. Eu sabia muito bem; Eu não poderia estar enganada. Jamie não tinha me dito explicitamente, talvez porque ele não tivesse as ordens escritas ainda, mas eu sabia tão claramente como se estivesse gritando por um pregoeiro. O exército se moveria em breve.

Eu roubei um olhar para John, que estava como uma efígie no túmulo, com as mãos cuidadosamente cruzadas na altura de sua cintura. Tudo o que queria era um cão pequeno enrolado em seus pés. Rollo, roncando sob o berço, teria que servir, eu suponha.

John, naturalmente, era outro com ansiedade. Não tinha ideia de como ele veio parar no lugar onde ele estava, mas as pessoas o suficiente que o viram se render e sua presença seria de conhecimento comum ao anoitecer. E uma vez que *foi...*

—Suponho que você não considere escapar, se eu deixasse por um momento?— Eu perguntei abruptamente.

—Não— ele disse, sem abrir os olhos. —Dei a minha palavra de honra. Além disso, eu não faria isso fora do campo — acrescentou.

O silêncio voltou, quebrado pelo *brumm* de uma grande abelha, que entrou na tenda, e os gritos mais distantes e tambores dos soldados e os baixos ruídos debulhando de vida no campo todos os dias.

A única coisa boa se escolhesse considerá-la dessa maneira, e eu poderia muito bem crescer o sentimento de urgência da batalha e era provável que impedisse a curiosidade oficial sobre John. Que diabo Jamie faria com ele, quando o exército fugisse da manhã? Eu me perguntava.

—*Grand-mère, Grand-mère!*— Germain irrompeu na tenda, e Rollo que dormiu durante a visita de Percy Beauchamp sem mexer de debaixo da cama com um explosivo atirou com um *WOOF!* que quase derrubou o catre de John com ele.

—Silêncio, cão, — eu disse, ao vê-lo olhando descontroladamente virando, e deu um aperto de restrição em sua nuca. —E o que ele, quero dizer, dizer qual é o problema, Germain? Eu não sei...

—Eu o vi, vovó! Eu o vi! O homem que levou Clarence! Venha depressa! —E, sem esperar pela resposta, ele virou-se e correu para fora da tenda.

John começou a sentar, e Rollo tenso sob a minha mão.

—Sente-se— eu disse para os dois. —E fique aqui inferno!

Os cabelos em meus braços estavam formigando, quando o suor escorria pelo meu pescoço. Eu deixei o meu chapéu para trás e o sol brilhou no meu rosto; eu estava ofegante na hora que eu corri com Germain, tanto da emoção como do calor.

—Onde...

—Bem aí, vovó! O grande Demônio tem um lenço em volta de seu braço. Clarence deve tê-lo mordido! —Germain acrescentou, com alegria.

O Demônio em questão *era* grande: cerca de duas vezes o meu tamanho, com uma cabeça como uma abóbora. Ele estava sentado no chão sob a sombra do que eu pensava ser a árvore hospital, cuidando de seu braço envolto em lenço e encarando nada em particular. Um pequeno grupo de pessoas que procuram tratamento médico, você poderia dizer, tanto a partir de sua corcunda e atitudes caídas estava mantendo certa distância dele, olhando cautelosamente para ele de vez em quando.

—É melhor manter-se fora da vista— murmurei para Germain, mas, ouvindo nenhuma resposta, olhei em volta para descobrir que ele já desapareceu artisticamente de vista, criança esperta que ele era.

Eu andei para cima, sorrindo, para o pequeno grupo de pessoas esperando a maioria mulheres com crianças. Eu não conhecia qualquer um delas pelo nome, mas elas claramente sabiam quem eu era; elas balançavam suas cabeças e saudavam murmurando, mas viravam o olhar de lado para o homem debaixo da árvore. *Leve o primeiro antes que ele faça algo confuso* foi à mensagem clara. Tão clara como o sentido da violência mal contida que o homem estava irradiando em todas as direções.

Limpei a garganta e caminhei até o homem, perguntando o que diabos eu diria. *O que você fez com Clarence a mula?* ou *Como você ousa roubar meu neto e deixá-lo no deserto sozinho, maldito bastardo?*

Eu me conformei com —Bom dia. Eu sou a Senhora Fraser. O que aconteceu com seu braço, senhor?

—A infernal da mula mordeu-me até os ossos, maldita fedorenta — o homem respondeu prontamente, e encarou-me sob as sobrancelhas sulcadas

com tecido cicatricial. Assim eram os seus dedos.

—Deixe-me ver, sim?— Não à espera de permissão, peguei o pulso peludo e muito quente e desembrulhei o lenço. Esse estava duro de sangue seco, e não sangrando.

Clarence, se é que foi Clarence, efetivamente *mordeu* até o osso. Mordidas de cavalo e mula poderiam ser graves, mas geralmente resultavam apenas em hematomas profundos; equinos tinha mandíbulas poderosas, mas os seus dentes da frente eram projetados para rasgar erva, e como a maioria das mordidas iam através de roupas, eles não rasgavam frequentemente a pele. Isso poderia ser feito, porém, e Clarence fez isso.

Um retalho de pele e um bom pedaço de carne de cerca de três centímetros de largura foi parcialmente isolado, e eu podia ver além da camada de gordura fina para o brilho do tendão e a cobertura membranosa vermelha do raio. A ferida era recente, mas parou de sangrar, para salvar um pouco escorrendo nas bordas.

—Hmm, — eu disse evasivamente, e virei à mão. —Você pode fechar os dedos em um punho?— Ele poderia, se o dedo anelar e o dedo mínimo não iriam dobrar completamente. Eles se moviam, embora; o tendão não estava separado. —Hmm, — eu disse novamente, e coloquei a mão no meu saco pelo frasco de solução salina e uma sonda. A solução era um pouco menos dolorosa para a desinfecção se diluísse o álcool ou vinagre e era um pouco mais fácil de apossar de sal, pelo menos quando se vivia em uma cidade, mas eu mantive um controle apertado sobre o enorme pulso quando eu derramei o líquido na ferida.

Ele fez um barulho como um urso ferido, e os espectadores à espera deram vários passos para trás, como um corpo.

—Prefere a mula viciosa— observei no mínimo, como o paciente diminuía, ofegante. Seu rosto escureceu.

—Vou bater a filha da puta maldita bastarda até à morte, assim que eu voltar, — ele disse, e mostrou os dentes amarelos para mim. — Vou arrancar sua pele, e vender sua carne.

—Oh, eu não aconselharia isso— eu disse, mantendo um controle sobre o meu temperamento. —Você não quer estar usando esse braço violentamente; que poderia trazer uma gangrena.

—Pode?— Ele não ficou pálido que não era possível, dada à temperatura, mas eu definitivamente chamei sua atenção.

—Sim— eu disse agradavelmente. —Você já viu gangrena, ousou dizer? A carne vai apodrecendo fedendo a pele podre pútrida bestial, morta em dias... esse tipo de coisa?

—Eu vi isso— ele murmurou, os olhos agora fixos em seu braço.

—Bem, bem— eu disse suavemente, —nós vamos fazer o nosso melhor aqui, não é?— Eu normalmente teria oferecido um paciente, neste caso, um projeto de fortificante de qualquer licor estava disponível e, graças ao marquês, eu tinha uma boa oferta de brandy francês, mas no presente caso, eu não estava me sentindo caridosa.

Na verdade, o meu sentimento geral era de que Hipócrates poderia fechar os olhos pelos próximos minutos. Não faça mal, de verdade. Ainda assim, não foi um grande negócio que eu poderia fazer por ele, armado com uma agulha de sutura de duas polegadas e um par de tesouras de bordado.

Eu costurei a ferida tão lentamente quanto pude, tendo o cuidado de chapinhar mais solução salina sobre ele periodicamente e olhando disfarçadamente virando para obter assistência. Jamie estava com Washington e do alto comando como eles fazendo estratégias iminentes; eu não podia chamá-lo para lidar com um ladrão de mula.

Ian desapareceu em seu pônei, aferindo a retaguarda britânica. Rollo estava com Lord John. Rachel foi com Denny e Dottie na carroça dos Quakers para ver o abastecimento da aldeia mais próxima. E boa sorte para eles pensei; forrageiras do general Greene se espalharam para fora como gafanhotos sobre a face da terra, o momento em que o exército parou, tirando fazendas e celeiros de armazenamento em seu caminho.

O paciente estava xingando de uma forma bastante monótona e sem inspiração, mas não mostrou sinais de soçobrando num desmaio conveniente. O que eu estava fazendo com o braço não devia melhorar seu temperamento; e se ele realmente *estivesse* pretendo seguir em frente e bater em Clarence até a morte?

Se Clarence estivesse solta, eu ia colocar boas chances na mula para vencer qualquer encontro, mas ela estava muito provável mente amarrada ou mancando. Mas então... um pensamento horrível me impressionou. Eu *sabia* onde Germain foi, e o que ele estava fazendo, ou tentando fazer.

—Jesus H. Roosevelt Cristo— eu murmurei, inclinando a cabeça sobre o braço do carroceiro para esconder, sem dúvida, uma expressão horrorizada. Germain era um batedor de carteiras extremamente talentoso, mas roubar uma mula para fora do meio de uma gangue de carroceiros...

O que Jamie disse? *Ele seria levado por roubo e enforcado ou açoitado dentro de uma pategada de sua vida, e eu poderia não ter nada para pará-lo.* Carroceiros são o que eram, eles provavelmente apenas quebram o pescoço e pronto, ao invés de esperar por qualquer tipo de justiça militar.

Engoli em seco e olhei rapidamente por cima do ombro, para ver se eu poderia ver acampamento dos carroceiros. Se eu pudesse ver Germain...

Não vi Germain. O que vi foi Percy Beauchamp, olhando-me pensativamente da sombra de uma tenda nas proximidades. Nossos olhos se encontraram, e ele veio imediatamente em minha direção, endireitando o casaco. Bem, a cavalo ou mula dados não se olha os dentes, e eu não estava em posição de rejeitar nada, eu estava?

—Madame Fraser, — ele disse, e fez uma reverência. — Está precisando de alguma ajuda?

Sim, eu precisava de ajuda; não podia arrastar os meus reparos cirúrgicos por muito mais tempo. Eu lancei um olhar para o meu paciente maciço, perguntando se ele era algum francês.

Aparentemente, meu rosto era tão transparente como Jamie sempre me disse que era; Percy sorriu para mim e disse em tom de conversa em francês, —Eu não acho que esse coágulo de sangue menstrual em decomposição seja capaz de compreender mais Inglês do que é preciso para contratar o tipo de prostituta com pústulas de varíola e imbecil que iria deixá-lo tocá-la, muito menos entender a língua dos anjos.

O carroceiro continuou resmungando: —Merda-fogo, merda-fogo, uma merda-fodida de mula, que maldito dói...

Eu relaxei um pouco e respondi em francês. —Sim, eu preciso de ajuda, com a máxima urgência. Meu neto está tentando roubar a mula que esse idiota roubou dele. Você pode recuperá-la do acampamento dos carroceiros antes de alguém ver?

—*À votre service, madame* — ele respondeu prontamente, e, clicou seus saltos inteligentemente juntos, curvou-se e saiu.

Eu tomei enquanto eu podia sobre o curativo final da ferida, preocupado que devia dizer ao meu paciente desbocado para encontrar Germain entre os carroceiros, os costumes franceses de Percy poderiam ser desiguais para a ocasião. E eu realmente não podia esperar ser Hipócrates continuando a fechar os olhos, se me obrigando a fazer algo drástico se o homem tentasse quebrar o pescoço de Germain.

Ouvi um zurro alto familiar atrás de mim, no entanto, e virei bruscamente para ver Percy, corado e um pouco desganhado, levando Clarence em minha direção. Germain sentado sobre a mula, com o rosto sério em linhas de triunfo vingativo quando olhou para o meu paciente.

Levantei-me às pressas, tateando em busca de minha faca. O carroceiro, que esteve cuidadosamente cutucando o curativo novo rodava o braço, olhou para cima, assustado, então ficou de pé com um rugido.

—Merda-QUENTE— Ele disse, e começou a ir propositalmente em direção a eles, com os punhos cerrados. Percy, para seu crédito, se manteve firme, embora empalidecesse um pouco. Ele entregou as rédeas até Germain, no entanto, e deu um passo firme para frente.

—Monsieur... —Ele começou. Eu teria gostado de saber exatamente o que ele tinha em mente para dizer, mas não consegui descobrir, já que carroceiro não se incomodou com a conversa, invés disso dirigiu um punho como cortando um presunto na barriga de Percy. Percy sentou-se duro e dobrou como um leque.

—Sangrento *inferno Germain*— Para Germain, nem um pouco assustados com a súbita perda de apoio, que reuniu as rédeas de Clarence e tentou atacar o carroceiro em toda a face com eles.

Isso poderia, eventualmente, ter sido eficaz, se ele não tivesse telegrafado sua intenção tão claramente. Do jeito que foi, o carroceiro se abaixou e estendeu a mão, com a intenção clara de pegar tanto as rédeas ou Germain. A multidão a minha volta percebeu o que estava acontecendo até agora, e as mulheres começaram a gritar. Neste ponto, Clarence decidiu envolver-se e, empurrando as orelhas para trás, enrolou os lábios atacou o rosto do carroceiro, vindo mortalmente para arrancar o nariz do homem.

—MERDA ESTUPIDA MULA, PORRA!— Profundamente inflamado, o carroceiro saltou para Clarence e fixou os dentes no lábio superior da mula, agarrando-se como a morte cruel de seu pescoço. Clarence gritou. As mulheres gritaram. Germain gritou.

Eu não gritei, porque eu não conseguia respirar. Eu estava dando uma cotovelada para abrir caminho através da multidão, atrapalhado pela fenda na minha saia para que eu pudesse chegar a minha faca. Assim quando eu coloquei minha mão no punho, no entanto, uma mão desceu sobre o meu ombro, me parando nas minhas faixas.

—Perdoe-me, minha senhora— disse Fergus, e, pisando propositalmente por mim, caminhou ao lado da massa se lançando de

mula, carroceiro, e criança gritando, e disparou a pistola na mão.

Tudo parou, por uma fração de segundo, e então os berros e gritaria começaram de novo, todo mundo subindo em direção a Clarence e seus companheiros para ver o que aconteceu. Por um longo momento, não era evidente que *tivesse* acontecido. O carroceiro soltou seu aperto de espanto e se virou para Fergus, olhos esbugalhados e saliva tingida de sangue escorrendo pelo queixo. Germain, com mais presença de espírito do que eu teria, em tal situação, pegou as rédeas e foi arrastando sobre eles com toda a sua força, tentando virar a cabeça de Clarence. Clarence, cujo sangue estava claramente acima, não estava entendendo nada disso.

Fergus calmamente colocou a pistola disparou de volta no cinto quando percebi neste momento que ele devia ter disparado na sujeira perto dos pés e falou com o homem.

—Se eu fosse o senhor, me retiraria imediatamente da presença deste animal. É evidente que ele não gosta de você.

Os gritos e gritos pararam, e isso fez várias pessoas rirem.

—Você tem ali, Belden!— Um homem perto de mim chamou. —A mula não gosta de você. O que você acha disso?

O carroceiro parecia levemente atordoado, mas ainda homicida. Ele ficou com os punhos cerrados, pernas afastadas e apoiou os ombros curvados, encarando a multidão.

—O que eu acho... ? — Ele começou. —*Eu penso...*

Mas Percy conseguiu ficar de pé e, embora ainda um pouco curvado, tinha mobilidade. Sem hesitar, ele aproximou-se e chutou o carroceiro inteligentemente nas bolas.

Este foi mais além. Mesmo o homem que parecia ser um amigo de Belden gritou com o riso. O carroceiro não desceu, mas enrolou-se como uma folha seca, agarrando-se. Percy sabiamente não esperou que ele se recuperasse, mas virou-se e fez uma reverência para Fergus.

—*À votre service, monsieur.* Eu sugiro que você e seu filho e a mula, é claro, se retirassem?

—*Merci beaucoup,* E eu sugiro que você faça o mesmo, *tout de suite,* — Fergus respondeu.

—Hei!— Gritou o amigo do carroceiro, não rindo agora. —Você não pode roubar a mula!

Fergus se virou para ele, arrogante como o aristocrata francês que Percy tinha implícito que ele poderia ser.

—Eu não posso, senhor— disse, inclinando a cabeça de um quarto de polegada de reconhecimento. —Porque um homem não pode roubar o que já pertence, não é assim?

—Não é isso... é o *que* não é assim? — exigiu o homem, confuso.

Fergus desprezou para responder a este. Levantando uma sobranceira escura, ele se afastou alguns passos, virou-se e gritou: —Clarence! *Ecoutez-moi!*

Com o colapso do carroceiro, Germain conseguiu um pequeno controle sobre Clarence, embora as orelhas do mula ainda estivessem estendidas no chão em desagrado. Ao som da voz de Fergus, porém, os ouvidos se levantaram lentamente de pé e giraram em sua direção.

Fergus sorriu, e eu ouvi uma mulher atrás suspirar involuntariamente. O sorriso de Fergus era extremamente charmoso. Ele enfiou a mão no bolso e retirou uma maçã, que ele espetou ordenadamente em seu gancho.

—Vamos lá— disse para a mula, estendendo a mão direita e girando os dedos em um movimento de coçar a cabeça. Clarence veio, desconsiderando o Sr. Belden, que agora se sentou e estava segurando seus joelhos, o melhor para contemplar o seu estado de ser interior. A mula abaixou a cabeça para tirar a maçã, empurrando o cotovelo de Fergus, e permitiu que a testa fosse acariciada. Houve um murmúrio de interesse e aprovação da multidão, e notei alguns olhares de censura que sendo dirigidos ao Sr. Belden que gemia.

A sensação de estar prestes a desmaiar me deixou, e agora meu interior começou a abrir. Com algum esforço, eu deslizei a faca na bainha, sem me esfaquear na coxa e passei a mão na minha saia.

—Quanto a *você, sans Crevelle*, —Fergus estava dizendo para Germain, com uma ameaça em voz baixa que ele claramente aprendeu com Jamie— temos algumas coisas para discutir atualmente.

Germain virou uma sombra bastante doentia de amarelo. —Sim, *Papai* — Ele murmurou, baixando a cabeça para evitar olho ameaçador de seu pai.

—Desça— disse Fergus a ele, e, voltando-se para mim, levantou a sua voz. —Madame General, permita-me apresentar este animal pessoalmente ao general Fraser, a serviço da liberdade!

Ele foi entregue com tal tom de toque sincero que algumas almas aplaudiram. Eu aceitei, com a graciosamente possível, em nome do general Fraser. Até a conclusão destes processos, o Sr. Belden começou sem jeito a

levantar-se e cambaleou em direção ao acampamento dos carroceiros, tacitamente cedendo Clarence para a causa.

Tomei as rédeas de Clarence, aliviada e feliz por vê-la novamente. Aparentemente era mútuo, pois ela me cheirou familiarmente no ombro e fazia ruídos huffing íntimos.

Fergus, por sua vez, ficou por um momento olhando para Germain, em seguida, endireitou os ombros e se virou para Percy, que ainda parecia um pouco pálido, mas havia ajeitado a peruca e recuperou o domínio de si mesmo. Percy fez uma reverência muito formalmente a Fergus, que suspirou profundamente, então se inclinou para trás.

—E eu suponho que nós, também, temos assuntos para discutir, monsieur— disse, resignado. —Talvez um pouco mais tarde?

O belo rosto de Percy iluminou.

—*À votre service... seigneur* — ele disse, e inclinou-se novamente.

### ***Capítulo 63 - O Uso Alternativo de uma Seringa como um Pênis***

Germain tinha, de fato, encontrado um pouco de mel, e agora que a excitação de recuperar Clarence acabou, ele produziu um grande pedaço de favo de mel pegajoso, envolto em um lenço preto sujo, dos recessos de sua camisa.

—O que vai fazer, vovó?— Ele perguntou, curioso. Eu coloquei o pedaço escorrendo de favo em um prato de cerâmica limpo e fui novamente empregando minha útil seringa-pênis cuidadosamente esterilizada com álcool para sugar o mel, tomando cuidado para evitar pedaços de cera e pólen perceptível e grãos. Tendo sido projetado para irrigação em vez de punção, a seringa tinha um rombo, a ponta suavemente cônica: justamente a coisa certa para driblar mel em olhos de alguém.

—Vou lubrificar olho ruim de sua senhoria, — eu disse. —Fergus, você vai vir e firmar a cabeça de seu senhorio, por favor? Coloque a mão em sua testa. E, Germain, você vai manter seus olhos abertos.

—Eu posso ficar parado— disse John, irritado.

—Fique quieto— eu disse rapidamente, e sentei no banco ao lado dele. —Ninguém pode ficar parado enquanto tem coisas cutucando em seu olho.

—Você o esteve cutucando meu olho com seus *dedos* infernais não uma hora dessa! E eu não me mexi!

—Você se contorcia, — eu disse. —Não é culpa sua, não podia evitar. Agora, aquiete; Eu não quero perfura seu globo ocular acidentalmente com isso.

Respirando de forma audível através de seu nariz, ele fechou a boca e deixou Fergus e Germain imobilizá-lo. Eu debati se para diluir o mel com água fervida, mas o calor do dia, fez suficientemente fino que achei melhor usá-lo com força total.

—É antibacteriano— eu expliquei para os três, usando o meu cautério ferro novamente para levantar o globo ocular e esguichar um drible lento de mel sob ele. —Isso significa que ele mata os germes.

Fergus e Germain, a quem eu expliquei os germes mais de uma vez, balançaram a cabeça de forma inteligente e tentaram parecer como se eles acreditassem na existência de tais coisas, o que eles não faziam. John abriu a boca como se fosse falar, mas, em seguida, fechou e exalou fortemente pelo nariz.

—Mas a principal virtude de mel no presente caso, — eu continuei, unguindo o globo ocular generosamente — é que é viscoso. Solte-o, Germain. Pisque, John. Oh, *muito!* bom —O tratamento naturalmente trazia a água dos olhos, mas mesmo diluído o mel mantinha sua viscosidade; Eu podia ver o brilho alterado da luz através da esclera, indicando a presença, do que eu esperava, fosse uma fina e suave camada de mel. Algo transbordou, é claro, e contas de âmbar foram deslizando por sua têmpera em direção ao seu ouvido; Eu estanquei o fluxo com um lenço.

—Como você se sente?

John abriu e fechou seus olhos algumas vezes, muito lentamente.

—Tudo parece borrado.

—Não importa; você não vai olhar para fora com esse olho para um dia ou dois de qualquer maneira. Será que parece melhor?

—Sim— disse, de uma forma diferente de má vontade, e nós três aprovamos com ruídos que faziam parecer envergonhado.

—Certo, então. Sente-se, cuidado! Sim, é isso. Feche o olho e mantenha este para pegar o que pinga. —E, entregando um lenço limpo, eu desenrolei um pedaço de atadura de gaze, folhei uma almofada de fiapos com cuidado na cavidade ocular, e rolei a bandagem em volta de sua cabeça algumas vezes, colocando nas extremidades. Ele se parecia muito com uma figura em uma pintura antiga intitulada *The Spirit of 76*, Mas eu não mencionei.

—Tudo bem— eu disse, exalando e sentindo bastante satisfeita comigo mesma. —Fergus, por que você e Germain não vão encontrar um pouco de comida? Algo para sua senhoria, e algo para a estrada amanhã. Prefiro pensar que vai ser um longo dia.

—Este tem sido bastante longo o bastante— disse John. Estava balançando um pouco, e eu empurrei-o suavemente de volta para baixo com pouca resistência. Ele esticou o pescoço para aliviar isso, então deitou no travesseiro com um suspiro. —Obrigado.

—Foi um prazer— eu assegurei a ele. Eu hesitei, mas, com a saída de Fergus, eu não acho que eu teria uma melhor chance de perguntar o que estava em minha mente. —Eu não suponho que *você* saiba o que Percival Beauchamp quer com Fergus, não é?

O bom olho aberto e olhou para mim.

—Você quer dizer que você não acha que ele acredita que Fergus é o herdeiro perdido para uma grande fortuna? Não, nem eu, tampouco. Mas se o Sr. Fraser for aceitar um pouco de conselhos não solicitados, sugiro fortemente que tenha o mínimo possível de contato com Monsieur Beauchamp. —O olho fechou novamente.

Percy Beauchamp pediu licença, muito graciosamente, após o resgate de Clarence, explicando que ele deve comparecer *Le Marquis* mas acrescentando que ele iria procurar Fergus no dia seguinte.

—Quando as coisas estiverem mais silenciosas— ele acrescentou, com um arco gentil.

Eu considerava John pensativo.

—O que ele fez com você?— Eu perguntei. Ele não abriu os olhos, mas seus lábios apertados.

—Comigo? Nada. Absolutamente nada — ele repetiu, e virou de lado, de costas para mim.

## ***Capítulo 64 - Trezentos e Um***

**Trezentos homens. Jamie entrou na escuridão além da fogueira do dia 16 em Nova Jersey e parou por um momento para deixar que seus olhos se ajustassem. Três *centenas* de homens sanguinários. Nunca levou um grupo de mais de cinquenta. E nunca tantos subalternos, não mais que um ou dois homens sob ele.**

Agora tinha dez companhias de milícias, cada uma com seu próprio capitão e alguns tenentes nomeados informalmente, e Lee lhe deu uma equipe sua própria: dois ajudantes de campo, um secretário agora, *que* ele pudesse se acostumar, ele pensou, flexionando os dedos mutilados de sua mão direita e três capitães, um dos quais estava caminhando ao longo de seu ombro, tentando não parecer preocupado, dez de seus próprios assessores, que serviriam como ligação entre ele e as companhias sob o seu comando, um cozinheiro, um ajudante de cozinha e, é claro, ele já tinha um cirurgião.

Apesar das preocupações do momento, a memória do rosto de Lee quando Jamie disse a ele exatamente isso que ele não precisava de um cirurgião do exército atribuído a ele o fez sorrir.

—De fato, — Lee disse, seu rosto com o grande nariz tornando-se inexpressivo. Então recorreu à sua inteligência com o rosto vermelho, pensando além da praticidade. Mas Jamie empurrou para trás o punho da camisa e mostrou a Lee sua mão direita, as velhas cicatrizes brancas nos dedos como minúsculas linhas prateadas onde os ossos estiveram antes, e a ampla, ainda vermelha, mas pura, em linha reta, e belamente malha, escorrendo entre o dedo médio e o pequeno, mostrando onde o dedo faltando esteve amputado com tal habilidade que a pessoa tinha que olhar duas vezes para ver por que a mão parecia estranha.

—Bem, o general, sua mulher parece uma costureira das mais realizadas— disse Lee, agora divertido.

—Sim, senhor, ela é— ele disse educadamente. —E uma extremamente linda com uma lâmina na mão, também.

Lee deu um olhar irônico e espalhou pelos dedos de sua mão direita; os dois exteriores estavam faltando.

— Assim como o cavalheiro que tirou esses de mim. Um duelo — acrescentou bruscamente, vendo as sobrancelhas erguidas de Jamie, e enrolou sua mão novamente. —Na Itália.

Não sabia nada sobre Lee. O homem tinha uma reputação, mas ele era um fanfarrão, e os dois não estavam frequentemente juntos. Por outro lado, ele estava orgulhoso como um dos camelos de Louis, e arrogância, por vezes, fez marcar um homem que sabia seu valor.

O plano de atacar a retaguarda britânica, a princípio concebido como um ataque rápido, La Fayette e mil homens que Lee desprezou tal um menor de comando ficou mais elaborado, como essas coisas sempre fazem, se você

desse a comandantes tempo para pensar sobre eles. Uma vez que Washington decidiu que a força expedicionária devia ser de cinco mil homens, Lee graciosamente condescendeu a este mais apropriado La Fayette no comando de sua própria força menor, por causa do Marquês abandonando o comando de *amor-próprio*, mas com Lee no comando geral. Jamie tinha suas dúvidas, mas não era o seu lugar para expressá-las.

Ele olhou para a esquerda, onde Ian e seu cachorro estavam juntos, o primeiro assobiando para si mesmo e este último uma forma enorme, desgrenhada no escuro, ofegante do calor.

—*Iain*— ele disse casualmente em *gaélico*, —Seus amigos com penas tinham alguma coisa a dizer sobre Ounewaterika?

—Tinham, tio— Ian respondeu na mesma língua. —Não muito, porém, para que o conhecem apenas por reputação. Ele é um lutador mais feroz, ou assim se diz.

—Mmphm— O Mohawk eram certamente ferozes e estavam muito ligados ao pessoal de coragem, mas ele pensou que eles tinham um alcance insignificante de estratégia, tática e julgamento. Ele estava prestes a perguntar sobre Joseph Brant, que era provavelmente a coisa mais próxima de um general em sentido formal, entre os Mohawk, mas foi interrompido por uma desengonçada forma alta, saindo na frente dele.

—Eu imploro seu perdão, senhor. Posso ter uma palavra? —Disse o homem, e, olhando à direita e à esquerda para os companheiros de Jamie, acrescentou — Uma palavra particular.

—Certamente, capitão... Woodsworth — ele respondeu, esperando que a sua hesitação em encontrar o nome do homem fosse pequena o suficiente para passar despercebida. Ele memorizou todos os chefes de milícias com ele se encontrou com eles e mais homens do que podia, mas seus nomes não viriam fácil para ele um pouco ainda.

Depois de mais um momento de hesitação, ele acenou para Ian para continuar com o Capitão Whewell para o próximo fogo.

—Diga a eles o que está acontecendo, capitão— disse, para o próximo fogo de uma das companhias designadas de Whewell, —, mas espere por mim lá, sim?

—O que está acontecendo?— Woodsworth repetiu, parecendo alarmado. —O que está acontecendo? Devemos ir agora?

—Ainda não, capitão. Venha para o lado, sim? Então vamos ser pisoteados —Porque eles estavam de pé no caminho que levava do fogo a

um conjunto de trincheiras cavadas às pressas nas latrinas; ele podia sentir o cheiro acre de esterco e cal virgem a partir daqui.

Liderando Woodsworth de lado, ele conhecia com a mudança de comandante para a manhã, mas assegurou que isso não faria nenhuma diferença real para as companhias de milícias sob o comando de Jamie; eles receberiam suas ordens de uma forma normal.

Ele pensou em privado que não iria fazer a diferença na forma como as companhias operassem por que poderiam muito bem fazer a diferença para saber se eles se encontrassem na batalha no dia seguinte ou não, e se eles sobrevivessem eles fariam, mas não havia como saber se as melhores chances se deitavam com La Fayette ou Lee. As chances eram de que mero acaso, o destino, ou, apenas, possivelmente, Deus, iria decidir.

—Agora, senhor— disse. —Você desejava falar comigo?

—Oh— Woodsworth inalou pelo nariz e endireitou, apressadamente recuperando as palavras de qualquer discurso que ele compôs. —Sim, senhor. Eu queria perguntar se tem a disposição feita de Bertram Armstrong.

—Bertram... o quê?

—O homem que você tirou de minha... er, a partir das linhas mais cedo hoje, com o menino.

Jamie não sabia se ria ou se irritava. *Bertram?*

—O homem está suficientemente bem disposto para o presente, senhor. Minha esposa viu seu olho, e ele tem sido alimentado.

—Oh— Woodsworth arrastou os pés, mas se manteve firme. —Estou contente com isso, senhor. Mas o que eu quis dizer... estou preocupado com ele. Fala-se sobre ele.

—Eu tenho certeza que sim— disse Jamie, sem se preocupar em esconder a borda em sua voz. —E qual é a sua preocupação, senhor?

—Eles estão dizendo, os homens das companhia, que Dunning Armstrong é um espião do governo, que ele é um oficial britânico que se escondia entre nós. Que eles encontraram uma comissão sobre ele, e correspondência. Eu... —Ele fez uma pausa e engoliu em seco a respiração, as próximas palavras saíram em uma corrida. —Eu não posso acreditar nisso, senhor, nem pode qualquer um de nós. Nós sentimos que algum erro deve ter sido feito, e nós queremos dizer que esperamos nada... apressando será feito.

—Ninguém sugeriu qualquer coisa do tipo, capitão, — Jamie assegurou, alarme correndo por sua espinha como mercúrio. *Só porque eles não tiveram tempo.* Ele foi capaz de ignorar o problema espinhoso que Grey era como um prisioneiro, na pressa feroz de preparação e a corrida acirrada de seus próprios sentimentos, mas ele não podia ignorá-lo por muito mais tempo. Ele deveria ter notificado La Fayette, Lee, e Washington da presença de Grey imediatamente, mas jogou na confusão da batalha iminente para disfarçar sua demora.

Seus olhos se acostumaram com a luz difusa de estrelas e fogo; ele podia ver o rosto longo de Woodsworth, desculpando, mas determinado.

—Sim. Hesito em falar com tanta franqueza, senhor, mas o fato é que, quando se arrependido de paixões os homens são fortes, podem ser tomadas ações lamentáveis ações de irrecuperáveis —. Woodsworth engoliu em seco. —Eu não gostaria de ver isso.

—Você julga tomar tal ação? Agora? —Ele olhou em volta para as fogueiras cercadas. Ele podia ver corpos em movimento, inquietos enquanto as chamas, sombras escuras na mata, mas ele pegou nenhum sentimento de revolta, nenhum pulso de raiva. Um murmúrio de conversa, com certeza, vozes levantados em emoção, gargalhadas e até mesmo cantando, mas era o espírito nervoso de antecipação, expectativa, não o estrondo soturno de uma multidão.

—Eu sou um clérigo, senhor— A voz de Woodsworth era mais forte agora, urgente. —Eu sei como os homens podem recorrer à conversa mal e como rapidamente essa conversa pode voltar-se para a ação. Uma bebida demais, uma palavra descuidada...

—Sim, você está certo sobre isso— disse Jamie. Ele amaldiçoou a si mesmo por não ter pensado dessa possibilidade; ele deixou seus próprios sentimentos nublarem sua mente. Claro, ele não tinha ideia de quando ele saiu que Grey carregava uma comissão, mas isso não era desculpa. —Eu já mandei dizer ao General Lee sobre... Sr. Armstrong. Se você ouvir mais alguma palavra sobre o homem, pode deixá-lo ser conhecido que o assunto está nas mãos de oficiais. Isso pode impedir que qualquer coisa... lamentavelmente informal acontecendo.

Suspiro de alívio de Woodsworth era palpável.

—Sim, senhor— disse, com gratidão. —Hei de deixar isso ser conhecido — Ele deu um passo para o lado, balançando a cabeça, mas depois parou, atingido por um pensamento. —Oh.

—Sim— Jamie falou com impaciência; ele sentiu assaltado por todos os lados por enxames de minúsculos, problemas urticantes, e estava inclinado a este golpe.

—Eu confio que você vá perdoar a minha persistência, General. Mas eu pensei no menino que estava com Armstrong. Bobby Higgins, ele é chamado.

Todos os sentidos de Jamie ficaram instantaneamente em alerta.

—O que tem ele?

—Ele... Quero dizer Armstrong o rapaz disse que estava em busca de seu avô, e Armstrong disse que conhecia o homem e que seu nome era James Fraser...

Jamie fechou os olhos. Se ninguém linchasse John Grey antes do amanhecer, ele poderia estrangular o próprio homem.

—O menino é realmente meu neto, capitão— disse, tão uniformemente quanto podia, abrindo os olhos. *O que significa que, sim, eu sei quem é o idiota de Bert Armstrong.* E se esse pequeno pedaço de informação tornasse de conhecimento geral, não teriam um monte de perguntas muito embaraçosas, por pessoas em posição de exigir respostas. —Minha esposa está cuidando dele.

—Oh. Bom. Eu só queria...

—Tornar sua preocupação conhecida. Sim, Capitão. Agradeço a você. Boa noite.

Woodsworth curvou-se e deu um passo atrás, murmurando, —Boa noite — por sua vez, e desapareceu em uma noite em que estava longe de ser boa e ficando pior a cada momento.

Jamie sacudiu o casaco e caminhou em linha reta. Trezentos homens de informação e de comando, para despertar, de chumbo e de controle. Trezentas vidas em suas mãos.

Trezentos e inferno mais *uma*.

## **Capítulo 65 - Mosquitos**

Jamie entrou na luz do fogo muito tarde, sorriu para mim, e sentou-se de repente.

—Há comida?— ele perguntou.

—Sim, senhor— respondeu a mulher que estava mexendo. —E também há para a senhora — ela acrescentou com firmeza, dando-me um olhar que sugeria fortemente que eu não estava parecendo no meu melhor. Não estava disposta a importar, mas aceitei com gratidão uma tigela de madeira de algo quente e um pedaço de pão para comer com ele.

Mal notei o que eu comi, embora eu estivesse faminta. O dia foi tão cheio de atividade que não tive tempo para comer, não teria comido absolutamente nada, de fato, se não tivesse levado comida para John, que em determinado ponto insistiu que eu sentasse ao seu lado por dez minutos e comesse com ele. Percy Beauchamp não voltou; que era algo do lado positivo do livro, eu suponha.

**Havia uma dúzia de homens da companhia de Jamie que eu rejeitei por deformidades, por serem aleijados, asmáticos, muito velhos e, talvez, três dúzias de outro mais que pareciam essencialmente saudáveis, a não ser por ostentarem alguns ferimentos que requeriam atenção, esse em sua grande maioria, resultado de brigas ou quedas pela influência de bebidas. A maioria deles *ainda* estava sob influência do álcool e foram enviados sob custódia para a cama.**

**Quis saber por um momento quantos homens normalmente entravam bêbados na batalha. Com toda a honestidade, eu estaria fortemente tentada a fazer isso, se fosse obrigada a fazer o que estes homens estavam prestes a fazer.**

**Havia ainda um tremendo alvoroço, mas o sentido anterior de alegria transmutou em algo mais concentrado, mais focado e sóbrio. Os preparativos estavam sendo feitos a sério.**

**Eu terminei o meu próprio, ou esperava que eu tivesse. Uma pequena tenda para abrigar do sol escaldante, pacotes de suprimentos médicos, kits cirúrgicos, cada um equipado com um pote de suturas molhadas, um chumaço de gaze para absorver o sangue, uma garrafa de álcool diluído, eu estava ficando sem sal e não poderia convocar a vontade de texugo ou pedir mais do oficial comissário, talvez eu pudesse fazer um pouco de solução salina na parte da manhã. E o kit de emergência que eu carregava sobre meu ombro, não importa o que acontecesse.**

**Sentei-me perto do fogo, mas, apesar disso e apesar do calor intenso da própria noite, comecei a me sentir gelada e pesada, como se eu estivesse ficando lerda, e só então percebi o quanto eu estava cansada.**

O acampamento não estava totalmente adormecido, ainda havia conversas em torno das fogueiras, o barulho grosso ocasional de uma foice ou uma espada sendo afiada, mas o volume caiu. A atmosfera acalmou com o afundamento da lua, mesmo aquelas almas mais animadas com a perspectiva de uma batalha iminente sucumbiram ao sono.

—Venha deitar, — eu disse baixinho para Jamie, e subi para meu assento com um gemido abafado. —Não será por muito tempo, mas você precisa de *um pouco* de descanso e eu também.

—Sim, tudo bem, mas não posso estar sob a lona— disse, em voz baixa, me seguindo. —Eu me sinto meio sufocado; não consigo respirar em uma barraca.

—Bem, há muito espaço lá fora— eu disse, nobremente suprimindo uma pontada ante o pensamento de dormir no chão. Buscando alguns cobertores, eu o segui, bocejando, um pouco ao longo de Creeksbank, até que encontramos um local privado por trás das folhas de salgueiros que arrastavam suas folhas na água.

Na verdade, estava surpreendentemente confortável, havia um pouco de grama crescida em que espalhamos os cobertores, e tão perto da água, o ar estava pelo menos em movimento, bom na minha pele. Eu sem as anáguas das minhas saias completamente fora, com um arrepio de êxtase de alívio quando a frieza agitou suavemente através da minha pele úmida.

Jamie tirou sua camisa, e foi esfregando o rosto e as pernas com pomada mosquito, a presença de hordas desses insetos contabilizava para a falta de companhia perto da água. Sentei-me ao lado dele e ajudei com uma pequena colher da mistura de hortelã com cheiro de óleo de girassol e cera de abelha. Mosquitos raramente me mordiam, mas isso não impedia que eles se zunissem pelos meus ouvidos e cutucassem inquisitivamente em minha boca e narinas, o que eu achava extremamente desconcertante.

Deitei-me, observando-o enquanto ele terminava sua mais profunda unção. Eu podia sentir a abordagem distante da manhã, mas ansiava ainda mais para o que breve esquecimento eu poderia começar antes que o sol se levantou e começou o inferno.

Jamie fechou a lata e estendeu ao meu lado com um gemido baixo, uma folha de sombra preta tremendo sobre a palidez de sua camisa. Eu

rolei para ele, assim como ele rolou para mim, e nós nos encontramos com um beijo cego e tateando, sorrindo contra a boca do outro, se contorcendo e se contorcendo para encontrar uma boa maneira de estar juntos. Quente como estava, eu queria tocá-lo.

Ele queria estar me tocando, também.

—Sério?—Eu disse surpresa. —Como é pode pensar em... estive em pé por horas!

—Não, apenas o último minuto ou dois, — ele me assegurou. —Sinto muito, Sassenach. Eu sei que você está cansada e eu não pediria, mas estou desesperado. —Ele soltou minha bunda o tempo suficiente para puxar para cima a camisa e eu preferia resignadamente começar a desembaraçar minhas pernas.

—Não me importo se você cair no sono, enquanto eu estou sobre o meu negócio— disse no meu ouvido, sentindo o seu caminho com uma só mão. —Não vai demorar muito sobre isso. Eu só...

—Os mosquitos vão morder a sua bunda— eu disse, balançando minha bunda em uma posição melhor e abrindo minhas pernas. —Eu não tinha que colocar isso melhor oh!

—Oh— ele disse, parecendo satisfeito. —Bem, está tudo bem se você quiser ficar acordada, é claro...

Eu agarrei sua nádega, dura, e ele deu um pequeno grito, rindo, e lambeu minha orelha. O ajuste foi um pouco seco, e ele se atrapalhou com a lata de pomada mosquito.

— Você está certo... —Comecei na dúvida. —Oh!—Ele já estava de aplicando a pomada meio líquida, com mais entusiasmo do que destreza, mas o fato de seu entusiasmo era mais excitante do que a habilidade poderia ter sido. Depois de uma pequena quantidade de óleo de hortelã-pimenta aplicando vigorosamente em algumas partes particulares era uma sensação nova, também.

—Faça esse ruído novamente— disse, respirando pesadamente em meu ouvido. —Eu gosto dele. Oh, Deus. Oh... Deus!

Ele estava certo, mas não demorou muito. Ele estava deitado metade dentro e metade fora de mim, ofegante, o coração batendo devagar e com força contra meu peito. Eu tinha minhas pernas envoltas em volta dele eu podia sentir a vibração de pequenos insetos em meus tornozelos e pés descalços como eles invadiram ávido por sua carne nua e desprotegida não queria deixá-lo ir. Apertei-o, balançando suavemente,

escorregadio e formigando e... Eu não demorei muito, também. Minhas pernas tremiam relaxadas.

—Devo dizer alguma coisa?—Eu disse, depois de respirar pesadamente o aroma perfumado de hortelã. —Os mosquitos não vão morder seu pau.

—Eu não me importo se eles me levarem com eles para seu covil para alimentar seus filhos— ele murmurou. —Vem cá, Sassenach.

Eu empurrei meu cabelo úmido da minha cara e deitei contente no oco de seu ombro, com o braço em volta de mim. Até agora, eu atingi esse sentimento de acomodação com o ambiente úmido, onde eu parei de tentar manter o controle de limites do meu próprio corpo e simplesmente derretia no sono.

Eu dormi sem sonhar e sem me mexer, até que um toque de cãibra me despertou o suficiente para mudar um pouco. Jamie levantou o braço um pouco, em seguida, substituiu quando me acomodei de novo, e eu percebi que ele não estava dormindo.

—... Você está bem?—Eu murmurei a língua grossa com sonolência.

—Sim, bem, —ele sussurrou, e sua mão alisou o cabelo do meu rosto. —Volte a dormir, Sassenach. Eu vou acordá-la quando for à hora.

Minha boca estava pegajosa, e levou um momento para localizar quaisquer palavras.

—Você precisa dormir, também.

—Não— disse, suave, mas firme. —Não, eu não quero dormir. Tão perto da batalha... Eu tenho pesadelos. Eu os tive nas últimas três noites, e eles ficam piores.

Meu próprio braço estava deitado sobre ele, ao ouvi-lo involuntariamente, coloquei a mão sobre seu coração. Eu sabia sobre seus sonhos e eu tinha uma ideia muito boa do que eram, a partir das coisas que ele disse em seu sono. E pela forma como ele acordava, tremendo. *Eles pioraram.*

—Shh— ele disse, e inclinou a cabeça para beijar o meu cabelo. — Pare de se rebelar, *a nighean*. Só quero ficar aqui com você em meus braços, para manter você segura e vê-la dormir. Eu posso levantar em seguida, com uma mente clara... e vou fazer o que deve ser feito.

*Capítulo 66 - Pintura de Guerra*

— Nessun Dorma. — *Ninguém dormirá*. Essa era a música, uma ária, como Brianna a chamara, de uma ópera que ela conhecia; ela atuara na ópera na universidade, vestida em trajes Chineses. Ian sorriu para o pensamento de sua prima, mais alta do que a maioria dos homens, caminhando para cima e para baixo em um palco, balançando suas vestes de seda sobre ela; gostaria de ter visto isso.

Pensou nela desde o momento em que abriu a pequena bolsa de camurça onde guardava suas pinturas. Ela foi uma pintora, Bree, e das boas. Ela moeu os próprios pigmentos, e ela fez o seu ocre vermelho para ele, e o preto e branco a partir de carvão e argila seca para ele, também, de um verde profundo de malaquita, e um amarelo brilhante do fel do búfalo que ela e sua mãe haviam matado; nenhum outro homem tinha essas cores profundas para sua pintura, e ele desejou por um momento que Comedor de Tartarugas e alguns de seus outros irmãos do clã Mohawk pudessem estar com ele para admirá-las.

O barulho do acampamento distante era como o canto das cigarras nas árvores perto de um rio: um zumbido muito alto para pensar, mas que ia embora quando você se acostumava com isso. *Ninguém dormirá...* As mulheres e crianças, elas poderiam dormir, mas as prostitutas certamente não fariam. Hoje não.

Ele sentiu uma contração ao pensamento, mas o abandonou. Pensou em Rachel, abandonando-a também, mas com relutância.

**Ele abriu a caixa de casca de salgueiro com gordura de veado, e ungiu o rosto, peito e ombros com ela, lentamente, sua mente se concentrando. Normalmente falaria aos espíritos da terra, quando fazia isso, e depois com seus próprios santos particulares, Miguel e Brígida. Mas ele não estava vendo Miguel ou Brígida; Brianna ainda estava levemente com ele, mas o que ele estava recebendo era à sensação forte de seu pai, o que era desconcertante.**

**Não parecia respeitoso abandonar seu próprio pai. Ele parou o que estava fazendo e fechou os olhos, em vez disso, esperou para ver se talvez seu pai tivesse uma coisa para dizer.**

**—Espero que não esteja me trazendo palavra de minha morte, sim — ele disse em voz alta. —Porque não quero morrer até que eu tenha ficado com Rachel, pelo menos.**

—Bem, esse é um objetivo nobre, com certeza. —A voz seca era tio de Jamie, e os olhos de Ian abriram. Seu tio estava parado entre as folhas à direita de um salgueiro de rio, vestido com nada além de sua camisa.

—Sem uniforme, tio, você?— Disse, embora seu coração saltasse em seu peito como um assustado rato. —General Washington não ficaria satisfeito. —Washington era um grande defensor de uniforme adequado. Os generais devem estar vestidos adequadamente em todos os momentos, ele disse que os continentais não podem ser levados a sério como um exército, se forem para o campo parecendo e agindo como um bando em armas.

—Desculpe-me interrompê-lo, Ian, —Tio Jamie disse, saindo. A lua estava quase para baixo, ele era mais do que um fantasma, de pernas nuas em sua flutuante camisa. —Com quem estava falando, então?

—Oh. Meu pai. Ele era apenas... está em minha mente, sabe? Quer dizer, eu penso nele muitas vezes, mas não é como senti-lo comigo às vezes. Então eu me perguntei, se ele veio me dizer que eu ia morrer hoje.

Jamie assentiu, não parecendo incomodado com o pensamento.

— Duvido, — disse. —Está colocando sua pintura, sim? Preparando-se, eu quero dizer.

—Sim, eu estava prestes a fazê-lo. Quer um pouco também?—Ele apenas disse em tom de brincadeira, e Jamie levou dessa maneira.

—Bem que eu gostaria, Ian. Mas acho que o general Washington poderia me ter pendurado pelos polegares e açotados, e devo chegar antes dele ou minhas tropas é que vão me pintar na guerra.

Ian fez um pequeno som de diversão, e pegou dois dedos no prato de ocre vermelho, que ele começou a esfregar no peito.

—E o que você está fazendo aqui em sua camisa, então?

—Lavando —Jamie disse, mas em um tom que indica que isso não era tudo. —E... falando com meus entes mortos.

—Mmhm . Alguém em particular?

—Meu tio Dougal, e Murtagh , aquele que foi meu padrinho. Eles são os dois que eu mais quero comigo, no campo de batalha. —Jamie fez um pequeno movimento inquieto. —Quando posso, eu tenho um pequenino momento sozinho, antes de uma luta. Para lavar, sabe, e rezar um pouco, e então... basta perguntar se eles vão estar comigo.

Ian achou isso interessante, não conheceu os homens, eles morreram em Culloden, mas ele ouviu histórias.

— Bons lutadores, — disse — Você pede ao meu pai, também? Para ir com você, eu quero dizer. Talvez seja por isso.

Jamie virou a cabeça bruscamente para Ian surpreso. Depois relaxou, sacudindo a cabeça.

— Nunca tive que pedir ao velho Ian, — ele disse suavemente. — Ele sempre foi... só comigo. — Ele gesticulou rapidamente para a escuridão à sua direita.

Os olhos de Ian arderam e sua garganta fechou. Mas estava escuro; isso não importa.

Ele limpou a garganta e estendeu um dos pequenos pratos. — Quer me ajudar, tio Jamie?

— Oh? Sim, com certeza. Como você quer?

— Vermelho na minha testa, eu posso fazer isso pouco. Mas o preto dos pontos altos para o queixo. — Ele passou um dedo do outro lado da linha de pontos tatuados que se curvavam sob as maçãs do rosto. — Preto para a força, sim? Ele declara que você é um guerreiro. E amarelo significa que você não tem medo de morrer.

— Och, sim. Esta querendo o amarelo hoje?

— Não — Ele deixou o sorriso alegre em sua voz, e Jamie riu.

— Mmphm — Jamie esfregou com a escova do pé de coelho, em seguida, espalhou a cor uniformemente com o polegar. Ian fechou os olhos, sentindo a força torne a entrar nele com o toque.

— Não costuma fazer isso sozinho, Ian? Parece difícil, sem um espelho.

— Principalmente. Ou às vezes nós fazemos juntos, e um irmão do clã pintaria você. Se for uma coisa importante, um grande ataque, por exemplo, ou vai fazer guerra contra alguém, então o curandeiro que nos pintar e cantar.

— Diga-me você não quer que eu cante, Ian, — seu tio murmurou. — Quer dizer, eu posso *tentar*, Mas...

— Eu vou fazer sem, obrigado.

Preto para a parte inferior do rosto, vermelho na testa, e uma banda do verde malaquita seguindo a linha de suas tatuagens, de orelha a orelha, através da ponte de seu nariz.

Ian olhou para os pequenos pratos de pigmento; era fácil detectar o branco, e ele apontou para ele.

—Você pode, talvez desenhar uma seta pequena, tio? Em toda a minha testa. —Ele passou um dedo da esquerda para a direita, mostrando onde.

—Posso, sim—. Cabeça de Jamie estava inclinada sobre os pratos de pintura, pairando a mão. —Você não me disse uma vez que o branco é a paz?

—Sim, se for negociar ou vender, você usa uma boa dose de branco. Mas é para o luto, também, por isso, se for para vingar alguém, você talvez use branco.

A cabeça de Jamie veio para isso, olhando para ele.

—Não esse é para a vingança— disse Ian. —É para Flecha Voadora. O homem morto cujo lugar eu tomei, quando fui adotado. —Ele falou tão casualmente quanto pôde, mas ele sentiu seu tio apertar e olhar para baixo. Nenhum deles jamais ia esquecer aquele dia de despedida, quando ele foi para o Kahnyen'kehaka, e ambos pensaram que era para sempre. Ele se inclinou e colocou a mão no braço de Jamie.

—Naquele dia, você me disse: *Cuimhnich* Tio Jamie. E eu fiz. —*Lembrei.*

—Assim como eu, Ian— disse Jamie baixinho e puxou a flecha em sua testa, seu toque como um padre na Quarta-feira de Cinzas, marcando Ian com o sinal da cruz. —Assim como todos nós. É isso?

Ian tocou a listra verde cautelosamente, para ter certeza que estava seca suficiente.

—Sim, acho que sim. Sabe que Brianna fez as tintas? Eu estava pensando nela, mas depois pensei que talvez não devesse levá-la comigo desse jeito.

Ele sentiu a respiração de Jamie em sua pele quando seu tio deu um pequeno bufo e depois sentou.

—Você sempre leva suas mulheres para a batalha, Ian Og[27]. Elas são a raiz de sua força, homem.

—Ah, sim?— Isso fez sentido e foi um alívio para ele. Ainda... —Eu estava pensando que talvez não fosse direito de pensar em Rachel em tal lugar, no entanto. Ela é uma Quaker e tudo mais.

Jamie molhou o dedo médio na gordura veado, então delicadamente no pó de argila branca, e atraiu um grande, V mergulhando perto da crista do ombro direito de Ian. Mesmo no escuro, mostrou vividamente.

—Pomba branca— disse com um aceno. Ele parecia satisfeito. —Rachel para você.

Ele limpou os dedos sobre a pedra, em seguida, levantou-se e espreguiçou-se. Ian o viu voltar-se para olhar para o oriente. Ainda era noite, mas o ar mudara, apenas nos poucos minutos que a alta figura de seu tio era distinta contra o céu, onde um pouco antes de ele parecia parte da noite.

—Uma hora, ou melhor, mais— disse Jamie. —Coma primeiro, sim?— E, com isso, virou-se e afastou-se para o fluxo e as suas próprias orações interrompidas.

### *Capítulo 67 - Ansiando Por Coisas que Não Estão Ali*

**William desejou que pudesse parar de ansiar pelas coisas que não estavam lá. Uma dúzia de vezes hoje, com maior frequência!, ele quis alcançar o punhal que deveria estar em seu cinto. Uma ou duas vezes, chegar a uma de suas pistolas. Esbofeteou uma mão impotente contra seu quadril, sentindo falta de sua espada, sentindo falta do pequeno e sólido o peso de sua sacola, o balanço de seu cartucho.**

**E agora ele estava suando nu em sua cama, batendo a mão plana em seu peito aonde ele chegou sem pensar para o rosário de madeira. O rosário que, se ele tivesse, não seria mais o conforto que foi por tantos anos. O rosário que, se ele tivesse, já não o daria *Mac*. Se ele ainda o tivesse, teria arrancado e jogado fora no fogo mais próximo. Isso é provavelmente o que James Fraser fez com ele depois que William jogou o rosário na cara do desgraçado. Mas então, Fraser não era o filho da puta aqui, não é?**

**Ele murmurou— *Scheisse!* —E virou-se mais irritado. A três metros de distância, Evans se mexeu e peidou durante o sono, um som abafado súbito como canhão distante. Em seu outro lado, Merbling roncou.**

***Amanhã.* Ele foi para a cama tarde depois de um dia cansativo, e seria em uma hora, talvez, mas ele estava bem acordado, com os olhos tão adaptados ao escuro que podia ver o borrão pálido da sobrecarga da lona da barraca. Sem chance de sono, ele sabia. Mesmo que não visse a si mesmo em ação e a proximidade da batalha o deixava tão tenso que ele poderia ter pulado da cama e ido direto para o inimigo neste momento, com a espada na mão.**

Haveria uma batalha. Talvez não um grande problema, mas os rebeldes estavam latindo em seus calcanhares, e amanhã, hoje haveria uma reunião. Podendo acabar com as ambições de Washington, embora Sir Henry fosse firme que este não era seu objetivo. Ele destinava a levar o seu exército e as pessoas sob sua proteção para Nova York; isso era tudo que importava embora seus oficiais devessem escolher para demonstrar sua superioridade militar ao fazê-lo, ele não tinha grande objeção.

William tinha a atenção atrás da cadeira de Sir Henry no jantar, com as costas contra a parede da tenda, ouvindo atentamente enquanto os planos eram elaborados. Tinha, de fato, a honra de carregar as ordens escritas formais para Von Knyphausen, cujas tropas estavam marchando para Middletown, enquanto a brigada de Clinton estaria formando-se na parte traseira, para envolver os rebeldes enquanto meu senhor Cornwallis escoltasse o comboio de bagagem para a segurança. É por isso que ele estava tão atrasado para ir à cama.

Ele bocejou de repente, surpreendendo a si mesmo, e se acomodou, piscando. Talvez ele *pudesse* dormir um pouco, afinal. Pensando em jantar e as ordens e essas banalidades como a cor da camisola de Von Knyphausen que era de seda rosa, com amores-perfeitos roxos bordados em volta do pescoço, em vez de a batalha que se aproxima acalmou sua mente incrivelmente. Distração. Isso é o que ele precisava.

Valia a pena tentar, ele supôs... Ele se contorcia na atitude mais confortável que conseguiu, fechou os olhos e começou a extrair mentalmente as raízes quadradas de números superiores a cem.

Ele estava na raiz quadrada de 117 e se confundiu tateando para o produto de 12 e 6, quando ele sentiu a agitação súbita de ar sobre a pele úmida. Ele suspirou e abriu os olhos, pensando que Merbling se levantou para urinar, mas não era Merbling. Uma figura escura estava apenas dentro da aba da tenda. O retalho não foi fechado, e a figura era claramente visivelmente contra o fraco brilho das fogueiras do exterior. Uma menina.

Sentou-se rápido, tateando de uma mão para a camisa que ele jogou para o pé de sua cama.

—Que diabo você está fazendo aqui?— Ele sussurrou, tão suavemente quanto pôde.

Ela estava pairando, incerta. Mas ouvi-lo falar, ela veio direto para ele, e a próxima coisa que ele sabia, tinha as mãos em seus ombros, seu cabelo roçando seu rosto. Ele colocou suas mãos no reflexo e descobriu que ela de

camisola, os seios livres e quentes sob a roupa, a poucos centímetros de seu rosto.

Ela se afastou e, no que parecia ser o mesmo movimento, a mudança limpou a cabeça, sacudiu seu cabelo, e o montou, as coxas úmidas redondas pressionando as suas.

—Saia!— Ele agarrou-a pelos braços, empurrando-a para longe. Merbling parou de roncar. Os lençóis de Evans sussurravam.

William levantou-se, pegou sua calça e sua camisa, e, tomando-a pelo braço, ela marchou para fora da tenda, tão silenciosamente como pôde.

**—Que diabos você pensa que está fazendo? Aqui, coloque isso agora! —Ele empurrou a anágua sem a menor cerimônia em seus braços e rapidamente puxou sua camisa. Eles não estavam à vista de qualquer um, mas pode ser a qualquer momento.**

**Sua cabeça surgiu a partir da mudança como uma flor estalando fora de um banco de neve. Uma flor um pouco irritada.**

**—Bem, o que você faz *pensa* que eu estava fazendo? — Disse. Ela puxou o cabelo livre da gola e afofou violentamente. —Eu estava tentando fazer uma bondade!**

**—Uma o quê?**

**—Você vai lutar amanhã, não é?— Não havia luz suficiente para ver o brilho de seus olhos quando ela olhou para ele. —Os soldados sempre querem foder antes de uma luta! Eles precisam disso.**

**Ele passou a mão sobre o rosto duro, palma áspera em seus bigodes crescendo, então respirou fundo.**

**—Entendo. Sim. Muito gentil de sua parte. —Ele de repente teve vontade de rir. Ele também, muito de repente, quis tirar proveito de sua oferta. Mas não o suficiente para fazê-lo com Merbling de um lado e Evans do outro, as orelhas que batendo.**

**—Não vou lutar amanhã— disse, e a angústia que o levou a dizer isso em voz alta o assustou.**

**—Não vai? Por que não? —Ela parecia assustada, também, e mais do que um pouco de desaprovação.**

**—É uma longa história— disse, lutando por paciência. —E não é o seu negócio. Agora, olhe. Eu aprecio o pensamento, mas como eu disse: você não é uma prostituta, pelo menos não por enquanto. E não é *minha* prostituta. —Ainda que sua imaginação estivesse ocupada com imagens do que poderia ter acontecido se ela o tivesse roubado em seu**

catre e tomado conta dele antes que ele estivesse completamente acordado... Ele firmemente colocou o pensamento de lado e, tomando-a pelos ombros, virou-a.

—Volte para a sua própria cama agora— disse, mas não conseguia parar de se acariciando sua bunda muito agradável em despedida. Ela virou a cabeça e olhou para ele por cima do ombro.

—Covarde!— Disse. —Um homem que não fode não luta.

—O quê?— Por um instante, ele não achava que ela realmente disse isso, mas ela fez.

—Você me ouviu. Boa fodida noite!

Ele estendeu-a em dois passos, agarrou-a pelo ombro, e ela se virou para encará-lo.

—E quem deu esse pouco de sabedoria, posso perguntar? Seu bom amigo Capitão Harkness? —Ele não estava realmente com raiva, mas o choque de sua chegada inesperada ainda estava reverberando em seu sangue e ele *estava* irritado. —Será que eu a salvei de ser sodomizada para que você pudesse jogar minhas circunstâncias na minha cara?

Seu queixo se afastou, e ela respirava com dificuldade, mas não em perigo aparente.

—Quais circunstâncias?— Ela exigiu.

—Eu disse a você, inferno sangrento. Você sabe o que é o exército da Convenção?

—Não.

—Bem, essa é a longa história, e eu não estou dizendo isso em pé só em minha camisa no meio do acampamento. Agora, caia fora e cuide de sua irmã e dos rapazes. Esse é o seu trabalho; eu vou cuidar de mim mesmo.

Ela exalou bruscamente, com um *puh!* soando.

—Sem dúvida você tem *vontade*— Disse, com o máximo de sarcasmo e um olhar penetrante em seu pênis, que estava cutucando absurdamente em sua camisa, fazendo suas próprias preferências urgentes conhecidas.

—*Scheisse*— ele disse de novo, brevemente, em seguida, agarrou-a em um abraço de urso que pressionou seu corpo contra o dele todo o caminho para baixo e beijou-a. Ela lutou, mas após o primeiro momento em que percebeu que a luta não era para adquirir a sua libertação, mas para provocá-lo ainda mais. Ele apertou ainda mais, até que ela parou, mas não desistiu de beijá-la por algum tempo depois disso.

Ele finalmente soltou-a ofegante e suando com a transpiração; o ar era como respirar alcatrão quente. Ela estava ofegante, também. Ele poderia levá-la. Queria. Empurrá-la para baixo em seus joelhos na grama ao lado da barraca, puxar para cima sua anágua, e tê-la por trás não levaria mais do que segundos.

—Não— ele disse, e limpou a boca com as costas da mão. —Não— ele disse de novo, de forma mais positiva. Cada nervo em seu corpo a desejava, e ele foi dezesseis anos, que seria muito mais por esta altura. Mas ele não tinha, e ele tinha autocontrole apenas o suficiente para virá-la novamente. Ele agarrou-a pela nuca e nádegas para mantê-la de volta e segurou-a imóvel.

—Quando chegarmos à Nova York— ele sussurrou, inclinando-se para falar em seu ouvido: —Eu vou pensar de novo.

Ela endureceu, sua nádega arredada dura em sua mão, mas não se afastou ou tentou mordê-lo, que ele meio que esperava.

—Por quê?— Disse, em uma voz calma.

—É uma longa história, também— disse. —Boa noite, Jane— E, soltando-a, afastou-se na escuridão. Perto dali, os tambores da alvorada começaram.

## *Parte IV – Dia da Batalha*

### *Capítulo 68 - Sair na Escuridão*

**Ian estava ao longo da terra brevemente no dia anterior, observando. —E uma coisa boa, também— disse, em voz baixa. Estava escuro mesmo com a lua, e ele tinha que ser sagaz e se manter na estrada. Ele não estava arriscando as pernas de seu cavalo sobre a terra áspera, antes que Santa Brígida garantisse a ele um céu brilhante e totalmente iluminado.**

Ainda assim, ele estava feliz na escuridão, e a solidão. Não que a terra ainda estivesse; os bosques viviam durante a noite, e muitas coisas saía na hora do amanhecer quando a luz começava a inchar. Mas nem o farfalhar das lebres e ratos silvestres, nem a chamada do sono dos pássaros acordando exigia seu aviso ou tomava qualquer conhecimento dele. Ele acabou suas próprias orações depois que tio Jamie o deixou, em seguida,

partiu sozinho em silêncio, e a paz de seus preparativos ainda estava sobre ele.

Quando ele viveu como um Mohawk, particularmente quando as coisas estavam mal com Emily, ele deixava a maloca por dias, caçando sozinho com Rollo, até o deserto aliviando o seu espírito o suficiente para voltar, reforçar. Ele olhou para baixo no reflexo, mas Rollo foi deixado para trás com Rachel. A ferida da armadilha de troncos caídos estava limpa; Tia Claire colocou algo sobre ela que ajudou, mas ele não teria deixado Rollo chegar a uma batalha como esta parecia ser mesmo se fosse tudo e um bom negócio mais jovem do que ele.

Não havia dúvida sobre a vinda de batalha. Ele podia sentir o cheiro. Seu corpo foi subindo em direção à luta; ele podia sentir o formigamento, mas ele guardava este silêncio momentâneo, mais por isso.

—Não vai durar muito tempo, na mente— disse baixinho para o cavalo, que o ignorou. Ele tocou a pomba branca em seu ombro e montou ainda tranquilo, mas não sozinho.

**Os homens permaneceram em seus braços toda a noite, por ordens de Sir Henry. Enquanto um não chegava a mentir sobre um mosquete e uma caixa de cartucho, havia algo sobre dormir com uma arma tocando seu corpo que o manteve alerta, pronto para despertar do sono nada calmo.**

**William não tinha braços para deitar, e não parecia empolgante, quando ele não dormia, mas não menos alerta por isso. Ele não estaria lutando, e lamentou profundamente, mas ele estaria fora assim mesmo, por Deus.**

**O acampamento era um alvoroço, bateria sacudindo para cima e para baixo pelos corredores de barracas, chamando os soldados, e o ar estava cheio do cheiro de pão assando, carne de porco, e mingau de ervilhas quente.**

**Não havia nenhum sinal visível da madrugada ainda, mas ele podia sentir o sol lá, logo abaixo do horizonte, levantando com a inevitabilidade lenta do seu domínio diário. O pensamento lembrou vividamente, da baleia que viu na viagem para a América, uma sombra escura abaixo do costado do navio, facilmente descartada como a mudança de luz sobre as ondas e depois, lentamente crescendo, o saber súbito e o fôlego maravilhoso de vê-la subir, tão perto, tão grande e de repente lá.**

Prendeu suas calças e as puxou apertado antes de ficar de joelhos e puxar as botas de Hesse. Pelo menos ele moveu sua pescoçeira para trás, para dar um toque de cerimônia para a árdua tarefa de se vestir. A pescoçeira, é claro, lembrou-se de Jane e que ele nunca seria capaz de usá-la sem pensar na menina maldita? E nos eventos recentes.

Ele lamentou não aceitar sua oferta, e ainda assim fez. Ele ainda podia sentir o cheiro de seu perfume almiscarado e suave, quando colocou seu rosto na pele grossa. Seu comentário ainda o irritou, também, e ele bufou, colocando o casaco em seus ombros. Talvez ele pensasse novamente antes que chegasse a Nova York.

Estes pensamentos ociosos foram interrompidos pelo aparecimento de outro dos assessores de Sir Henry, Capitão Crosbie, que estalou a cabeça pela porta da tenda, claramente, em uma grande enxurrada.

—Oh, lá está você, Ellesmere. Esperava pegar você aqui. — Ele jogou um bilhete dobrado na direção de William e desapareceu.

William bufou novamente e apanhou-o do chão. Thompson e Merbling ambos deixaram, as tropas reais para inspecionar e comandar, ele invejava amargamente.

Era a partir do General Sir Henry Clinton, e bateu no estômago como um golpe. ... *Tendo em vista o seu estado peculiar, eu acho que é melhor que você permaneça com o pessoal clerical hoje...*

—*Stercus!*— Disse, achando seu alemão insuficiente para seus sentimentos. —*Excrementum obscaenum! Filius Mulieris prostabilis*[28]!

Seu peito estava apertado, o sangue latejava em seus ouvidos, e ele queria bater em alguma coisa. Seria inútil apelar para Sir Henry, ele sabia. Mas, para passar o dia, essencialmente, chutando os calcanhares na tenda dos funcionários para o que estava lá para ele fazer, se ele não tivesse permissão para transportar documentos, ou até mesmo fazer o trabalho humilde, mas ser necessário para pastorear os seguidores de acampamento e legalistas? Quando ele estava para ir buscar o jantar dos funcionários ou segurar uma tocha em cada mão quando ficasse escuro, como a porra de um candelabro?

Ele estava prestes a amassar a nota em um punhado, quando ainda outra cabeça indesejável intrometeu-se seguido de um corpo elegante: Capitão André, vestido para a batalha, a espada a seu lado e pistolas no cinto. William olhou com desagrado, embora na verdade ele era um companheiro amável.

—Oh, ai está você, Ellesmere— disse André, satisfeito. —Esperava que você não tivesse ido ainda. Eu preciso de você para me executar uma expedição, rapidamente. Para o coronel Tarleton, com a Legião britânica, os novos Provinciais, toucas verdes conhece?

—Eu conheço, sim. — William aceitou o envio selado, sentindo estranho. —Certamente, capitão.

—É um bom homem. — André sorriu e apertou seu ombro, em seguida, saiu entusiasmado com a promessa de ação iminente.

William respirou fundo, cuidadosamente dobrando a nota de Sir Henry de volta à sua forma original, e colocou-a em seu bolso. Quem era ele para dizer que não encontrou André em primeiro lugar e, devido à urgência do seu pedido, saísse imediatamente, sem ler a nota de Sir Henry?

Ele duvidou que ele estivesse perdido, em qualquer caso.

### *Capítulo 69 - O Pum do Pardal*

**Era talvez quatro horas da manhã. Ou antes, hora do pum do pardal, como as forças armadas britânicas do meu próprio tempo falavam. Esse senso de deslocamento temporal ia de volta, memórias de outra guerra que vinha como uma névoa súbita entre mim e meu trabalho, então desaparecia em um instante, deixando o presente nítido e vívido como Kodachrome. O exército estava se movendo.**

A névoa obscurecia Jamie. Ele era grande e sólido, seus contornos claramente visíveis contra a noite de retalhamento. Eu estava acordada e alerta, vestida e pronta, mas o frio do sono ainda estava em cima de mim, fazendo meus dedos desajeitados. Eu podia sentir seu calor e aproximando como se fosse uma fogueira. Ele estava conduzindo Clarence, que era ainda mais quente, embora muito menos alerta, orelhas flácidas em aborrecimento sonolento.

**—Você vai com Clarence— Jamie me disse, colocando as rédeas da mula na minha mão. —E estes param se certificar de mantê-la, se você deve se encontrar em seu próprio país. — Estes eram um par de pistolas pesadas de casco de cavalo, coldre e amarras em um cinto de couro grosso que também estava em um saco de tiro e pó de chifre.**

**—Obrigada— eu disse, engolindo quando enrolei as rédeas em torno de um rebento, no cinto as pistolas na frente. As armas eram**

surpreendentemente pesadas, mas eu não iria negar que o peso delas em meus quadris era incrivelmente reconfortante, também.

—Tudo bem— eu disse, olhando em direção à tenda onde John estava. —E...

—Eu vi isso— disse, me cortando. —Reúna o resto de suas coisas, Sassenach; eu não tenho mais de um quarto de hora, no máximo, e eu preciso de você comigo quando formos.

Eu o vi caminhar a passos largos para o corpo a corpo, alto e firme, e me perguntei, como tantas vezes antes, *será que vai ser hoje? Esta será a última vista que eu terei dele?* Eu fiquei muito quieta, observando tão duro quanto eu podia.

Quando eu o perdi a primeira vez, antes de Culloden, eu me lembrava. Cada momento de nossa última noite juntos. Pequenas coisas voltaram para mim ao longo dos anos: o gosto do sal na têmpera e a curva de seu crânio quando eu cobri sua cabeça, o cabelo macio fino na base de seu pescoço grosso e úmido em meus dedos... de repente, bem mágico de seu sangue amanhecendo na luz quando eu cortei sua mão e marquei para sempre com a minha. Essas coisas eu mantive para mim.

E quando eu o perdi para o mar, eu me lembrava do sentido dele ao meu lado, quente e sólido na minha cama, e com o ritmo de sua respiração. A luz através dos ossos de seu rosto no luar e o rubor de sua pele no sol nascente. Eu podia ouvi-lo respirar regularmente, lento quando eu estava deitada na cama sozinha no meu quarto em Chestnut Street, sem nunca parar, mesmo que eu soubesse que ele parava. Se o som pudesse me consolar, em seguiria, me deixando louca com o conhecimento da perda, então eu puxava o travesseiro duro sobre a minha cabeça em uma tentativa inútil de fechar para fora só para sair da noite do quarto espesso com fumaça de madeira e o abajur desaparecendo na luz, e ser consolada por ouvi-lo mais uma vez.

Mas agora... ele virou-se, de repente, como se eu tivesse chamado seu nome. Ele veio rapidamente até mim, agarrou-me pelos braços e disse em voz baixa e forte, —Não vai ser hoje, de qualquer maneira.

Em seguida, ele colocou os braços a minha volta e puxou-me na ponta dos pés em um beijo profundo e suave. Ouvi breves aplausos de alguns dos homens nas proximidades, mas não importava. Mesmo que fosse hoje, eu me lembraria.

Jamie caminhou em direção a sua companhia que esperava livremente reunida perto do rio. Os repingos da água e a névoa saindo dele confortou-o, mantendo-o embrulhado por um pouco mais de tempo na paz da noite, e o sentido profundo da sua família, lá no seu ombro.

Ele precisa da força de sua morte. Trezentos homens e ele sabiam que por pelo menos três dias. Sempre antes, quando ele levava os homens para a batalha, eles eram homens de seu sangue, de seu clã, os homens que ele conhecia, confiavam nele como ele conhecia sua confiava. Estes homens eram estranhos para ele, e ainda as suas vidas estavam em suas mãos.

Ele não estava preocupado com a falta de treinamento, eles eram rudes e indisciplinados, um simples canalha por contraste com os frequentadores do Continental que perfurava durante todo o inverno sob Von Steuben e o pensamento do pequeno prussiano de forma de barril o fez sorrir, mas suas tropas sempre tiveram esse tipo de homens: os agricultores e caçadores, tirados de suas ocupações diárias, armados com foices e enxadas tão frequentemente quanto com mosquetes e espadas. Eles lutavam com demônios para ele com ele... se confiassem nele.

—Como é, então, reverendo?— Ele disse em voz baixa para o ministro, que acabou de abençoar o seu rebanho de voluntários e estava debruçado entre eles em seu casaco preto como um espantalho protegendo seu campo enevado ao amanhecer. O rosto do homem, sempre bastante severo aliviado ao vê-lo onde ele percebeu que o próprio céu começava a brilhar.

—Tudo bem, senhor— Woodsworth disse rispidamente. —Estamos prontos. — Ele não, graças a Deus, mencionar Bertram Armstrong.

—Bom— disse Jamie, sorrindo de cara a cara, e o ver todo iluminando por sua vez, como a aurora o tocava. —Sr. Whelan, Sr. Maddox, Sr. Hebden, está tudo bem com vocês, esta manhã, eu espero?

—Está. — murmuravam, olhando timidamente satisfeitos que ele sabia os seus nomes. Ele desejou que ele conhecesse todos eles, mas tinha que fazer o melhor que podia, aprendendo os nomes e os rostos de um punhado de homens em cada companhia. Poderia dar a ilusão de que ele conhecia cada homem pelo nome, ele esperava que sim; eles precisavam saber o que importava para eles.

—Pronto senhor. — Era o capitão Craddock, um de seus três capitães, rígido e autoconsciente com a importância da ocasião, e Judá Bixby e Lewis Orden, dois dos tenentes de Jamie, atrás dele. Bixby tinha não mais do que vinte anos, Orden talvez um ano mais velho; que mal podia reprimir a sua excitação, e ele sorriu para eles, sentindo a sua alegria em seu eco masculinidade jovem em seu próprio sangue.

Havia alguns *muito* jovens entre a milícia, ele notou. Um casal de rapazes meio-crescido, alto e esguio como espigas de milho, quem eram eles? Ah, sim, os filhos de Craddock. Lembrou-se agora; sua mãe morreu há apenas um mês, e assim eles vieram com o seu pai para a milícia.

*Deus deixe-me levá-los de volta em segurança!* Ele orava.

E sentiu, realmente sentia descansar mão brevemente em seu ombro, e sabia que o terceiro homem era quem andavam com ele.

*Taing Da* pensou, e piscou os olhos, levantando o rosto para que as lágrimas em seus olhos pudessem ser pensadas em função do brilho da luz crescente.

**Amarrei Clarence a um poste e fiz meu caminho de volta para a tenda, menos problemática, embora ainda tensa. O que quer que fosse acontecer iria acontecer rapidamente, e provavelmente sem aviso. Fergus e Germain saíram para encontrar o café da manhã, eu esperava que eles fossem aparecer antes que eu tivesse que sair, porque quando chegasse a hora, eu teria que sair, não importa as minhas reservas sobre o abandono de um paciente. Qualquer paciente.**

Este paciente particular estava deitado de costas, com a lanterna, o seu trabalho metade dos olhos fechados, cantando para si mesmo em alemão. Ele desistiu quando eu entrei, e virou a cabeça para ver quem era piscando à vista do meu armamento.

—Estamos esperando a invasão iminente e captura— ele perguntou, sentando-se.

—Deite-se. Não, isso é Jamie sendo previdente. —Toquei uma das pistolas cautelosamente. —Eu não sei se eles estão carregados ainda.

—Certamente eles estão. O homem não é nada se não for completo. — Ele aliviou-se de volta para baixo, gemendo ligeiramente.

—Você acha que o conhece muito bem, não é?— Eu perguntei, com uma vantagem que me surpreendeu bastante.

—Sim, eu acho— ele respondeu prontamente. Ele sorriu um pouco da minha expressão. —Não tão bem como você em alguns assuntos, eu tenho

certeza, mas talvez melhor em outros. —Nós dois somos soldados. —Ele inclinou a cabeça, indicando a confusão militar acontecendo lá fora.

—Se você o conhece muito bem, — eu disse irritada —Você deveria ter pensado melhor antes de dizer o que disse.

—Ah. — O sorriso desapareceu e ele olhou para a sobrecarga da lona na contemplação. —Eu conheço. Conheço melhor. Eu só disse isso de qualquer maneira.

—Ah— eu respondi, e sentei ao lado da pilha de sacos e suprimentos que fazia isso até agora. Grande parte disso teria que ser abandonado. Poderia fazer um bom negócio embalando as coisas e os alforjes em Clarence, mas não tudo. O exército foi instruído a abandonar quase tudo o que tinha, senão armas e cantinas, no interesse da velocidade.

—Ele disse o que foi?— John perguntou depois de um momento, sua voz ocasionalmente elaborada.

—O que você disse? Não, mas eu poderia muito provavelmente ter um palpite. —Eu comprimi meus lábios e não olhei para ele, em vez alinhar os vidros em cima de um baú. Eu tinha o sal do estalajadeiro, não sem dificuldade e alguns vidros de solução salina bruta, e lá estava o álcool... Peguei a vela e comecei a driblar a cera cuidadosamente sobre as rolhas, para que não soltassem se os vidros descarregassem seu conteúdo ao longo do caminho.

Eu não queria perseguir a história do olho de John ainda mais. Outras considerações de lado, qualquer discussão pode levar um pouco perto demais da prisão de Wentworth e para o conforto. No entanto mesmo John se considerando um amigo de Jamie durante os últimos anos, eu tinha certeza de que ele nunca disse sobre Black Jack Randall e o que aconteceu em Wentworth. Ele disse a seu cunhado Ian, há muitos anos, e, portanto, Jenny devia saber, também, embora eu duvidasse que ela já tivesse falado sobre isso a Jamie, mas ninguém mais.

John provavelmente assumiu que Jamie bateu nele puramente de repulsa em algo abertamente sexual de ciúmes por minha causa. Talvez não fosse muito justo deixá-lo pensar nessa justiça, mas não diria a ele.

Ainda assim, eu lamentei o problema entre eles. Além todo o constrangimento pessoal que eu encontrei na situação atual, eu sabia o quanto a amizade de John era importante para Jamie e vice-versa. E enquanto eu estava mais do que aliviada por não ser casada com John mais, eu tomei cuidado por ele.

E enquanto o barulho e movimento todo me pedia para esquecer todo o resto, mas a urgência da partida, eu não poderia esquecer que esta podia ser a última vez que via John, também.

Suspirei e comecei a embrulhar os vidros presos em toalhas. Devo acrescentar que eu poderia encontrar espaço para o meu curso para Kingsessing, mas...

—Não se perturbe por mim minha cara— disse John suavemente. — Você sabe que tudo vai vir com o botão direito, desde que todos nós vivemos por muito tempo.

Eu dei a ele um olhar marcante e acenei com a cabeça em direção à porta da tenda, onde o ruído e choque de um acampamento militar na iminência do movimento estavam aumentando.

—Bem,  *você vai provavelmente sobreviver* — eu disse. —A menos que você diga a coisa errada a Jamie, antes de sair e ele realmente quebre seu pescoço dessa vez.

Olhou mais breve possível, em direção ao eixo pálido da luz cheia de poeira, e fez uma careta.

—Você nunca teve que fazer, não é?— Eu disse, vendo seu rosto. — Sentar e esperar por uma batalha, se perguntando se alguém que você cuida vai voltar.

—Não no que diz respeito a ninguém além de mim, não— ele respondeu, mas eu podia ver que o comentário ia para casa. Ele  *não fez* pensei nisso, e ele não gostava da ideia nem um pouco.  *Bem-vindo ao clube pensei* com ironia.

—Você acha que eles vão pegar Clinton?— Eu perguntei, depois de um momento de silêncio. Ele deu de ombros, quase irritado.

—Como eu vou saber? Eu não tenho a menor ideia de onde as tropas de Clinton estão e eu não tenho nenhuma ideia de onde Washington está, ou onde estamos para esse assunto.

—General Washington estaria a cerca de trinta metros dessa forma— disse eu, pegando uma cesta de ataduras e retalhos, e apontando para onde eu vi pela última vez o comandante. —E eu ficaria surpreso se o General Clinton estivesse muito mais longe.

—Oh? E por que, senhora? — Perguntou ele, agora meio divertido.

—Como a ordem veio de uma hora para abandonar tudo desnecessário dos suprimentos, embora eu não saiba se ele realmente disse  *abandonar*, chego a pensar que não pode ser uma palavra de uso comum agora. É por

isso que estavam inspecionando os homens, quando encontramos você, para deixar para trás qualquer um que não seja capaz de uma longa marcha forçada com rações curtas, caso seja necessário. Aparentemente ele é.

—Mas você sabe o que está acontecendo— acrescentei, olhando para ele. —*Eu* posso ouvi-lo. Você certamente pode. —Qualquer pessoa com ouvidos ou olhos podia sentir a excitação nervosa em campo, ver os preparativos apressados sendo feito, as pequenas brigas e xingamentos que os homens falavam pelo caminho do outro, o berro dos oficiais, apenas um fio de cabelo curto de olho rolando, arremessados de chifre com violência, o zurrar de mulas e eu esperava que ninguém fosse roubar Clarence antes de eu voltasse para ela.

John balançou a cabeça, em silêncio. Eu podia vê-lo virar a situação em sua mente, juntamente com as implicações óbvias.

—Sim, *abandonar* é certamente uma palavra de uso comum— disse, distraído. —Ainda que você ouvisse mais em termos de carga do mar. Mas... —Ele empurrou um pouco, percebendo mais implicações do que eu disse, e olhou fixamente para mim com os olhos descobertos.

—Não faça isso— eu disse suavemente. —Você vai machucar o outro. E o que eu sou ou não sou não é importante agora, é?

—Não— ele murmurou, e fechou os olhos por um momento, em seguida, abriu, olhando para cima, para a sobrecarga de lona. Dawn estava vindo; a tela amarelada estava começando a brilhar, e o ar ao nosso redor estava cheio de poeira e cheiro de suor seco.

—Eu sei muito pouco que seria de interesse para o general Washington — disse, —e eu ficaria surpreso se ele não soubesse já um pouco. Eu não estou servindo como oficial ou... bem, eu não estava até meu irmão idiota decidir me reinserir nas listas de seu regimento. Você sabe, ele quase me *enforcou*?

—Não, mas isso soa extremamente parecido com ele— eu disse, rindo, apesar da minha inquietação.

—**O que você, oh, meu Deus. Você *conheceu* Hal?** —Ele ergueu-se sobre um cotovelo, piscando para mim.

—**Eu conheci— eu assegurei a ele. —Deite-se, e eu vou contar. — Nenhum de nós estava indo em qualquer lugar por alguns minutos, pelo menos, e eu era capaz de contar toda a história das minhas aventuras com Hal, na Filadélfia, quando acabei as ataduras, colocando minha caixa médica em boa ordem, e extraído o que eu achava que**

fossem itens mais importantes dos suprimentos que eu trouxe. Em caso de emergência, poderia ser reduzida para o que eu poderia carregar nas minhas costas em uma corrida morta, e eu fiz uma pequena mochila com essa contingência em mente, enquanto John regalava com minhas opiniões de seu irmão.

—Jesus, se ele acha que tem uma chance no inferno de prevenir Dorothea de se casar com o Dr. Hunter... Eu acredito que eu pagaria um bom dinheiro para ouvir a conversa de quando ele conheceu Denzell — comentou. —Quem você apostaria dado que Hal não tem um regimento em suas costas para fazer valer as suas opiniões?

—Ele provavelmente *tem* agora. Quanto às probabilidades de Denzell, três para dois, —eu disse, após um momento de reflexão. —Ele tem não só Deus, mas o amor e Dorothea ao seu lado, e eu acho que superam as marcas ainda de Hal de... de... autocrática convicção?

—Eu diria que é incontavelmente não diluindo, eu mesmo, mas, então, eu sou seu irmão. Tenho liberdades permitidas.

O som de vozes falando francês anunciou a chegada de Fergus e Germain, e eu me levantei bruscamente.

—Eu não... — eu comecei, mas ele levantou a mão, me parando.

—Se não, então adeus, minha querida— disse em voz baixa. —E boa sorte.

## *Capítulo 70 - Um Único Piolho*

Era quase uma hora do amanhecer passado e seria, sem dúvida, mais um dia bestialmente quente, mas no momento, o ar ainda estava fresco e ambos William e Goth estavam felizes. Ele abriu caminho através da massa fervilhante de homens, cavalos, carrinhos para artilharia, e os outros impedimentos de guerra, silenciosamente assobiando —O rei aprecia o seu próprio de volta.

Os vagões de bagagem já estavam sendo preparado; uma grande nuvem de poeira levantou-se, agitando e permeada de ouro do sol nascente, do parque dos carroceiros perto da divisão de Von Knyphausen, acampando um quarto de milha de distância, do outro lado de Middletown. Eles estariam fora diretamente, indo para Sandy Hook e Jane, Fanny, Zeb e Colenso com eles, ele sinceramente esperava. Uma breve lembrança sensorial da pele

dentro de coxas de Jane despertou através de sua mente e ele parou de assobiar para um instante, mas depois sacudiu para fora de sua cabeça. Trabalho a ser feito!

Não se sabia bem aonde a nova legião britânica vinha, apesar de ter assumido que estar em algum lugar nas proximidades da divisão de Clinton, sendo um dos seus regimentos pessoais, criado há apenas um mês em Nova York. Isso podia ser arriscado, mas William estava muito disposto a apostar que ele poderia fugir do aviso de Sir Henry, nessas condições.

—Como escolher um piolho de peruca de um Frenchie — ele murmurou, e deu um tapinha no pescoço de Goth. O cavalo era livre e brincalhão, não podia esperar para chegar à estrada aberta e entrar em um galope. A divisão de Clinton estava segurando a retaguarda longe de Middletown o suficiente para tomar a borda fora ricochetando por Goth. Primeiro, porém, eles tinham que passar a massa espalhada de seguidores do acampamento, lutando fora do sono em uma pressa desesperada. Ele manteve Goth em rédea curta, para que não pisasse em uma criança onde havia dezenas de pequenos insetos, que pululam sobre a terra como gafanhotos.

Olhando para cima a partir do solo, ele avistou uma forma familiar, em pé na fila para o pão, e seu coração deu um pequeno salto de prazer. Anne Endicott, vestida para o dia, mas sem a touca, o cabelo escuro em uma trança grossa pelas costas. Sua visão deu um *frisson* de intimidade, e ele quase não parou para chama-la. Tempo suficiente, após a luta.

## ***Capítulo 71 - Folie à Trois***

**Fergus me trouxe um rolo de salsicha e uma canequinha de café real, uma maravilha.**

**—Milord irá enviará para você em breve — disse, entregando estes.**

—Ele está quase pronto?— A comida era quente e fresca, e eu sabia que poderia ser a última vez que eu teria, mas eu mal provei. —Tenho que enfaixar o olho de Lord John de novo?— O ar que penetra de pressa era claramente perceptível para mim, e minha pele começou se contorcendo como se estivesse sendo atacado por formigas.

—Eu vou ver milady. Germain? —Fergus inclinou a cabeça em direção à porta da tenda, acenando Germain para ir com ele.

Mas Germain estava fora do que poderia ter sido ou lealdade para com John ou medo de encontrar-se a sós com Jamie que bastante claramente quis dizer o que ele disse sobre o futuro da Germain de ficar na tenda sentado em seu traseiro.

—Eu vou ficar bem— John assegurou. —Vá com seu pai— Ele ainda estava pálido e suando, mas sua mandíbula e mãos relaxaram; ele não estava com dor severa.

—Sim, ele vai ficar bem— eu disse a Germain, mas acenei para Fergus, que saiu sem mais comentários. —Traga-me alguns retalhos limpos, sim? Então você pode vir e me ajudar enquanto sua senhoria descansa. Quanto a você, —eu me virei para John. —Você fique na posição horizontal, mantenha seu olho fechado, e fique pelo amor de Deus fora de problemas, se é que isso é possível.

Ele girou o olho bom em minha direção, estremeando um pouco como o movimento duro de puxar.

—Você está *me* acusando de causar o imbróglio que resultou na minha lesão, senhora? Porque eu distintamente recuperei fazendo algum papel menor em suas origens. —Ele parecia bastante indignado.

—Eu não tinha nada a ver com o seu terminando *aqui* —Eu disse com firmeza, embora eu pudesse sentir meu rosto corar. —Germain, você encontrou o retalho?

—Será que o mel não atrai moscas, vovó?— Germain me entregou o retalho solicitado, mas ficou ao lado da cama, franzindo o cenho para seu ocupante. —Sabe o que eles dizem, sim? Você pega mais moscas com mel do que faz com vinagre. Você poderia por vinagre sobre ele, não é?

—Hmmm. — Ele tinha um ponto. Estávamos há grande distância dos carroceiros; eu podia ouvir as mulas zurrando e bufando e moscas recém-despertadas, ainda pesadas de sono, se movendo a volta de meus ouvidos assim que eu desembrulhei a velha bandagem. —Certo. Nada de vinagre, mas hortelã pode ajudar. Encontre o estanho com a flor-de-lis, então, e esfregue pomada no rosto e as mãos de sua senhoria *não* chegando a seus olhos. Então traga a pequena caixa...

—Eu sou certamente capaz de esfregar pomada em mim mesmo— disse John interrompeu, e estendeu a mão para Germain. —Aqui, me dê.

—Fique quieto— disse, em vez cruzar. —Quanto ao que você é capaz, eu tremo só de pensar. — Eu pus um pequeno prato de mel para aquecer perto da lanterna; Enchi minha seringa e injetei o mel ao redor de seu olho

ruim, fazendo uma pequena almofada de retalhos, folheando com cuidado em sua cavidade ocular, e amarrando um comprimento limpo de gaze em volta de sua cabeça para mantê-la no lugar, pensando como eu fiz isso.

—Germain... encha o cantil, sim? —Já meio cheio, mas ele gentilmente pegou e saiu, deixando-me sozinha com John.

—Devo deixar Germain com você?— eu perguntei, enfiando os últimos itens do meu kit de primeiros socorros. —E Fergus?— Eu acrescentei hesitante.

—Não— ele disse um pouco assustado. —Para quê?

—Bem... proteção. No caso de Monsieur Beauchamp voltar, quero dizer. —Eu não confiava em Percy no mínimo. Eu também tinha dúvidas sobre a colocação de Fergus em estreita proximidade com ele, mas me ocorreu que talvez John pudesse ser de alguma proteção para *ele*.

—Ah. — Ele fechou o olho bom por um momento, em seguida, abriu novamente. —Agora, *que* imbróglio é de fato de minha própria autoria — disse com tristeza. —Mas, enquanto Germain é, reconhecidamente, uma presença formidável, eu não preciso de um guarda-costas. Eu duvido que Percy tenha a intenção de assaltar ou me sequestrar.

—Você... cuidou dele? — eu perguntei curiosa.

—É o seu negócio se eu posso fazer?— Ele respondeu calmamente.

Eu corei mais profundamente, mas respirei algumas vezes antes de responder.

—Sim— eu disse finalmente. —Sim, eu prefiro pensar que é. Qualquer que seja o meu papel nas origens desta... esta... er...

—*Folie à trois?*— ele sugeriu, e eu ri. Eu disse a ele o que é um *folie à deux* era com referência a Sra. Figg da obsessão e compartilhada da lavadeira com gavetas engomadas.

—Isso vai servir. Mas, sim, é o meu negócio, em nome de Jamie, se não o seu. —Mas foi em seu nome, também. O choque e a pressa dos acontecimentos recentes impediram o meu pensamento com a situação, mas eu tinha certeza de que Jamie tinha. E agora que eu estava completamente acordada e sem distrações por minhas próprias coisas, meus pensamentos estavam a aproximar-se com rapidez desconfortável.

—Você se lembra de um capitão André?— Eu perguntei abruptamente. —John André. Ele estava no Mischianza.

—Eu posso ter perdido algumas coisas ao longo dos últimos dias— disse, com alguma aspereza —, mas nem a minha memória, nem meu juízo.

No entanto — acrescentou, de forma acentuada. — Claro que eu o conheço. Um jovem muito sociável e artístico; ele foi convidado para todos os lugares, na Filadélfia. Ele está na equipe do General Clinton.

—Você sabia que ele também é um espião?— Meu coração estava batendo em meus ouvidos e meu espartilho de repente pareceu muito apertado. Eu estava prestes a fazer algo terrivelmente irrevogável?

Ele piscou obviamente assustado.

—Não. Por que diabos você deve pensar isso? —E, meio segundo depois — E por que diabos você me diria sobre isso, se você não acha?

—Porque, — eu disse tão uniformemente quanto pude — ele vai ser pego fazendo isso, em um ano ou dois. Ele vai ser encontrado por trás das linhas americanas, em trajes civis, com comprometedores documentos sobre sua pessoa. E os americanos vão enforcá-lo.

As palavras pairaram no ar entre nós, visível como se elas fossem escritas em fumaça negra. John abriu a boca, em seguida, fechou de novo, claramente perplexo.

Eu podia ouvir todos os sons do campo ao nosso redor: conversa gritos ocasionais, e os sons de cavalos e mulas, a batida de um tambor ao longe, convocando os homens... o quê? Alguém de perto a prática de um píforo, a nota estridente quebrada no mesmo lugar a cada vez. O barulho constante o grito do rebolo, freneticamente afiado como metal pela última vez. E o aumento do zumbido das moscas.

Eles estavam à deriva na tenda em pequenas nuvens carnívoras; duas delas pousaram na testa de John, e ele irritado as afastou. A lata de repelente estava no catre onde Germain colocou; estendi a mão para ele.

—Não— ele disse, um pouco bruscamente, e tirou de minha mão. —Eu posso, não toque em mim, por favor. — Sua mão tremia, e ele teve um momento de dificuldade para abrir, mas eu não o ajudei. Eu estava gelada nas pontas dos dedos, apesar da atmosfera sufocante na tenda.

Ele se rendeu a Jamie, pessoalmente, dada a sua liberdade condicional. Seria Jamie eventualmente que teria que entregá-lo ao general Washington. Será que *teria*; muitas pessoas viram o incidente, sabia onde John estava e, por esta altura, o que ele era.

John não sentou, mas conseguiu passar um polegar na gordura mentolada da lata e esfregou no rosto e pescoço.

—Você não tem nada em suas roupas— arrisquei, com uma tênue esperança. —Não há documentos incriminatórios, quero dizer.

—Eu tinha o meu mandado de comissão no meu bolso quando a milícia rebelde me levou, pelos arredores da Filadélfia— disse, mas falou em um tom abstrato, como se ele realmente não se importasse. Ele esfregou a pomada rapidamente sobre suas mãos e pulsos. —Não é uma prova de espionagem em si mesmo, mas, certamente, prova de que eu era um oficial britânico, sem uniforme e sem dúvida por trás das linhas americanas da época. Não fale mais, minha cara; isso é muito perigoso.

Ele fechou a tampa sobre o estanho e estendeu-a para mim.

—É melhor você ir— disse, olhando-me nos olhos e falando em voz baixa. —Você não precisa ser encontrada a sós comigo.

— Grannie?— Germain empurrado para trás a aba da tenda, vermelha como uma beterraba sob sua franja Salsicha. — Grannie! Venha depressa! *Papai diz que Grand-père quer você!*

Ele desapareceu e eu rapidamente peguei o meu equipamento, me decorando com sacos e caixas. Eu fui para a aba da tenda, mas parei por um instante, voltando para John.

—Eu deveria ter perguntado se importa a *you*? — Disse.

Ele fechou o olho bom e os seus lábios comprimiram por um momento.

—Espero que não— disse.

**Corri depois de Germain com a minha mochila médica pendurada no meu ombro, cheio de vidros borbulhantes, uma pequena caixa de instrumentos extras e suturas sob meu braço, as rédeas de Clarence na mão, e uma mente tão agitada que mal conseguia ver onde eu estava indo.**

Percebi agora que eu não disse a John qualquer coisa que ele não soubesse. Bem... barrando a conta do destino futuro do capitão André, e enquanto isso estava esfriando o suficiente, não era de importância direta no momento.

Ele me fez parar de falar, porque ele já sabia o quanto ele estava em perigo e que efeitos eram susceptíveis de ser Jamie, e eu. —*Você não precisa ser encontrada a sós comigo.*

Porque eu estive em um ponto de ser sua esposa, ele queria dizer. Isso é o que ele estava pensando, mas não quis me dizer, até que eu forcei o problema.

Se alguma coisa acontecesse, bem, ele seria franco sobre isso: se ele perdesse sua liberdade condicional e fugisse eu muito provavelmente seria suspeita de ter uma mão nisso, mas a suspeita seria muito mais pronunciada

se alguém pudesse testemunhar nos ver nós juntos em uma conversa particular. E Jamie seria suspeito de cumplicidade na pior das hipóteses, ou, na melhor das hipóteses, de ter uma esposa que foi desleal tanto para ele e para a causa da independência... Eu poderia facilmente acabar em uma prisão militar. Então talvez Jamie.

Mas se John *não escapasse*... ou fugisse e fosse recapturado...

Mas a estrada estava diante de mim, e Jamie estava lá em seu cavalo, segurando as rédeas de minha égua. E era Jamie, com quem eu iria atravessar o Rubicão hoje, não John.

**O Marquês de La Fayette estava esperando por eles no encontro, com o rosto corado e os olhos brilhantes com antecipação. Jamie não pôde deixar de sorrir ao ver o jovem francês, levantou-se, independentemente do uniforme glorioso com paramentos de seda vermelha. Ele não era inexperiente, no entanto, apesar de sua juventude e seus hábitos franceses muito óbvios. Ele disse a Jamie sobre a batalha em Brandywine Creek, um ano antes, onde ele foi ferido na perna, e como Washington insistiu que ele mentisse ao lado dele e o envolvesse em sua própria capa. Gilbert idolatrava Washington, que não teve filhos de sua autoria, e que claramente sentiu um profundo afeto pelo pequeno marquês.**

Jamie olhou para Claire, para ver se ela estava apreciando a toilette elegante de La Fayette, mas seu olhar era fixo, com uma pequena carranca em um grupo de homens ao longe, além das regulares Continentais em filas de formações ordenadas. Ela não estava usando seus óculos; ele podia ver facilmente a uma distância e meia levantou nos estribos para olhar.

—General Washington e Charles Lee, — ele disse a ela, sentando-se na sela. La Fayette, detectando, também, virou-se em sua própria sela e montou em direção aos oficiais superiores. —Acho que é melhor eu ir me juntar a eles? Você vê Denzell Hunter aqui —Ele tinha em mente confiar Claire aos cuidados de Hunter; ele não quis dizer que ela estaria vagando pelo campo de batalha, se houvesse um, não importa quão útil ela poderia estar lá, e estava desconfiado de deixá-la sozinha.

Hunter estava dirigindo sua carroça, porém, e que não poderia manter-se com os homens marchando. Nuvens de poeira subiram no ar, agitando por milhares de pés ansiosos; fazendo cócegas em seu peito, e ele tossiu.

—Não— ela disse. —Não se preocupe. — E ela sorriu para ele, corajosa, embora seu rosto estivesse pálido, apesar do calor, e ele podia sentir a vibração de seu medo em seu próprio *wame*[29]. —Você está bem?— Ela sempre olhou para ele dessa forma pesquisando, quando ele partia para uma luta, como se gravasse o rosto para a memória no caso de ele ser morto. Ele sabia por que ela fazia isso, mas isso o fez se sentir estranho e ele já estava inquieto esta manhã.

—Sim, bem, — ele disse, e tomando a mão, beijou-a. Ele deveria ter estimulado e ido, mas permaneceu por um momento, relutante em deixá-la.

—Você — ela começou, e então parou abruptamente.

—Deixou as gavetas limpas? Sim, embora seja um esforço desperdiçado, você sabe, quando os canhões começam a sair. — Foi uma brincadeira bastante fraca, mas ela riu, e ele sentiu-se melhor.

—Eu fiz o quê?— Ele perguntou, mas ela balançou a cabeça.

—Não importa. Você não precisa de mais nada para pensar agora. Só tome cuidado, sim?— Ela engoliu em seco, visivelmente, e seu coração virou.

—Eu vou— disse, e tomou as rédeas, mas olhou para trás por cima do ombro, caso o Jovem Ian estivesse chegando. Ela estava segura o suficiente, no meio das companhias que formaram, mas ele ainda estaria mais feliz com alguém para cuidar dela. E se ele disse a ela isso, ela provavelmente...

—Lá Ian— ela exclamou, apertando os olhos para ver. —Qual é o problema com seu cavalo, eu me pergunto?

Ele olhou para onde ela estava olhando e viu a causa de uma só vez. Seu sobrinho estava em andamento, levando o cavalo quase parando, e ambos estavam olhando andando.

—Coxo— disse. —E mal aleijado, também. O que há de errado, Ian? — Ele perguntou.

—Pisou em um buraco, chegando ao banco, e rachou seu casco, até parar rápido. — Ian passou a mão para baixo da perna do cavalo e o animal virou, mas inclinou-se sobre ele, pegando o seu casco descalço em uma vez. Com certeza, a rachadura era visível, e profunda o suficiente para fazer Jamie estremecer de compaixão. Como ter uma unha arrancada, ele supôs, e teria que andar uma distância com ele.

—Pegue o meu cavalo, Ian— disse Claire, e deslizou para fora em uma onda de saias. —Eu posso montar Clarence. Não há necessidade de eu ser

rápida, depois de tudo.

—Sim, tudo bem— disse Jamie, embora um pouco relutante. Sua égua era uma boa, e Ian tinha que ter uma montaria. —troque as selas, então, e, Ian, espere o Dr. Hunter. Não deixe sua tia até que ele chegue, sim? Adeus, Sassenach; vejo vocês mais tarde no dia. —Ele não podia esperar mais, e cutucou o cavalo para dentro da multidão.

Outros oficiais haviam se reunido em torno de Washington; ele mal estaria no tempo. Mas não foi o risco de ser visivelmente tarde que apertou suas entranhas. Foi à culpa.

Ele deveria ter relatado a prisão de John Grey ao mesmo tempo. Ele sabia que estaria bem, mas atrasou, esperando... esperando o quê? Que a situação ridícula de alguma forma evaporar? Se ele *tivesse* relatado, Washington teria Grey preso e trancado em algum lugar ou enforcado de lado, como um exemplo. Ele não acha que fosse provável, mas a possibilidade era suficiente para impedi-lo de dizer algo, contando com o caos do êxodo iminente para impedir ninguém de perceber.

Mas o que estava comendo suas entranhas agora não era culpa de dever diferido, ou mesmo sobre a exposição ao perigo de Claire, mantendo o pequeno sodomita em sua própria tenda em vez de entregá-lo. Foi o fato de que ele não pensou em revogar a liberdade condicional de Grey esta manhã quando ele saiu. Se ele tivesse, Grey poderia facilmente ter escapado na confusão da partida, e mesmo se houvesse problemas mais tarde sobre ele... John Grey estaria seguro.

Mas era tarde demais, e com uma breve oração pela alma de Lord John Grey, ele freou ao lado do Marquês de La Fayette e curvou-se ao general Washington.

## ***Capítulo 72 - Pântanos e Imbróglis***

**Havia três ribeiras que atravessam a terra, cortando-a. Onde a terra era suave, a água tinha um corte profundo e o riacho corria no fundo de uma ravina íngreme, os bancos grossos com mudas e arbustos. Um fazendeiro falava enquanto procurava no dia anterior dizendo os nomes Dividing Brook, Spotswood Middie Brook, e Spotswood North Brook, mas Ian não tinha certeza que ele sabia com certeza onde era.**

O terreno aqui era largo e baixo; o riacho corria para uma espécie de imersão, pantanosa de lugar, e ele virou-se; má posição para um homem ou cavalo. Um dos agricultores chamou de ravinas os *pântanos*, e ele pensou que uma boa palavra. Ele olhou para o riacho, em busca de bons lugares de rega, mas o barranco caía muito íngreme. Um homem poderia fazer uma mudança para passar com água até a cintura, talvez, mas não cavalos ou mulas.

**Ian sentiu antes de vê-los. O sentido de um animal de caça, encontrando-se escondido na mata, à espera de presa a descer para beber. Ele virou o cavalo de forma acentuada e andava ao longo da margem do riacho, observando as árvores do outro lado.**

**O movimento, uma cabeça de cavalo jogando contra moscas. Um vislumbre de um rosto de cara pintado, como o seu próprio.**

**A emoção de alarme disparou a espinha e o instinto o fez achatar contra o pescoço do cavalo, como a flecha passando zunindo sobre sua cabeça. Está preso, tremendo, em uma figueira nas proximidades.**

**Ele se endireitou, seu arco na mão, encaixou uma flecha no mesmo movimento e enviou de volta, com o objetivo cego para o local onde ele viu. A seta desfiou folhas quando foi, mas não atingiu nada, ele não esperava fizesse.**

**—Mohawk —veio um grito irrisório do outro lado, e algumas palavras em uma língua que ele não entendia, mas cujo significado pretendido era claro o suficiente. Ele fez um gesto muito escocês, cujo significado também era claro, e deixou-os rir.**

**Ele fez uma pausa para arrancar a flecha da figueira. Flechas com penas de cauda de um pica pau verde, mas não um padrão que ele conhecia. O que quer que falem não era uma língua Algonkian. Pode ser algo como norte Assiniboine ele sabia, se ele tivesse uma visão clara deles, mas podia igualmente ser algo mais próximo à mão.**

**Muito provavelmente trabalhando para o exército britânico, no entanto. Ele sabia que a maioria dos batedores índios atualmente estavam com os rebeldes. E enquanto eles não estavam tentando matá-lo eles poderiam fazer isso, facilmente, se eles realmente quisessem algo estava brincando mais áspero do que se poderia esperar. Talvez apenas porque reconheceram pelo que ele era.**

***Mohawk!* Gritos para um Inglês era mais fácil de dizer do que *Kahnyen'kehaka*. Para qualquer uma das tribos que viviam dentro do**

conhecimento de Kahnyen'kehaka, ou era uma palavra para assustar as crianças ou com um insulto calculado. *Devoradores de homens*, que significava Kahnyen'kehaka que todos sabiam que assavam seus inimigos vivos, e devoravam a carne.

Ian nunca viu tal coisa, mas ele sabia que os homens velhos faziam. E alguns fizeram isso, também, e diria a você sobre isso com prazer. Ele não ligava por pensar nisso. Isso trouxe de volta uma noite vividamente, o padre morrendo em Snaketown, mutilado e queimado vivo na noite em que inadvertidamente tomou Ian de sua família e fez dele um Mohawk.

A ponte estava rio acima, talvez sessenta metros de onde ele estivesse. Havia soldados verdes enfileirados do outro lado, e ele podia sentir o cheiro de enxofre de suas espingardas no ar pesado. Granadeiros.

Ele virou o cavalo e dirigiu-se para trás, para encontrar alguém para contar.

William finalmente descobriu o destacamento da cavalaria da Legião britânica, enchendo seus cantis de um poço no quintal de uma casa de fazenda. Eles faziam um piquete, porém, que deu um grito de advertência à vista de um cavaleiro solitário, e metade da companhia virando, em estado de alerta. Uma companhia bem treinada; Banastre Tarleton era um bom oficial, enérgico.

Tarleton estava relaxado, à sombra de uma grande árvore, o capacete com adornos de plumas embaladas em um braço, esfregando o rosto com um lenço de seda verde. William revirou os olhos brevemente neste pouco de afetação, mas não tanto que Tarleton podia ver. Ele veio para um passeio e cavalgou ao lado de Tarleton, inclinando-se para dar a expedição.

—Do Capitão André— disse. —Já esteve **ocupado?**— **Os homens lutaram; ele podia sentir o cheiro da fumaça sobre eles, e um par de homens com o que parecia ser pequenas feridas estava sentado contra o celeiro, uniformes sujos de sangue. As portas do celeiro se abriram no vazio, e o pátio estava pisoteado e manchado com esterco; ele se perguntou por um momento se o agricultor dirigiu o seu próprio estoque, ou se um ou outro dos exércitos levou os animais.**

—Não quase ocupado o suficiente— respondeu Tarleton, lendo a nota. —Isso pode ajudar, no entanto. Estamos indo reforçar meu

senhor Cornwallis. —Seu rosto estava vermelho com o calor, e a gola de seu casaco de couro estava cortando claramente em seu pescoço grosso e musculoso, mas ele parecia muito alegre com a perspectiva.

—Bom— disse William, controlando-se para virar e ir embora, mas Tarleton o deteve com uma mão levantada. Ele enfiou o despacho no bolso, junto com o lenço verde.

—Desde que eu o vejo, Ellesmere vi um pedaço saboroso ontem à noite no acampamento, na linha de pão— disse. Tarleton chupou seu lábio inferior por um instante e lançou-o, vermelho e molhado. —*Muito* saborosa, e uma irmã pequena doce com ela, também, no entanto, que não é muito maduro o suficiente para mim. —William ergueu as sobrancelhas, mas sentiu-se tenso nas coxas e ombros.

—Fez a ela uma oferta— disse Tarleton, abertamente descuidado, mas com um rápido olhar para as mãos de William. William relaxou com esforço. —Ela se recusou, no entanto, disse que ela era a sua?— Esta última não era uma pergunta, mas não uma afirmação.

—Se o nome dela é Jane— disse William breve —ela e sua irmã estão viajando sob minha proteção.

O olhar de estranheza da Tarleton floresceu em diversão aberta.

—Sua proteção— repetiu. Seus lábios cheios se contraíram. —Eu acredito que ela me disse que seu nome era Arabella, embora talvez nós estejamos falando de diferentes garotas.

—Não, não estamos. — William não queria ter essa conversa, e recolheu as rédeas. —Não a toque.

Isso foi um erro; para Tarleton nunca passou de um desafio. Seus olhos brilharam e William viu ali, as pernas abertas.

—Lute por ela— disse.

—O que, aqui? Você está louco? —Havia cornetas na distância, e não a uma distância muito longe, também. Para não falar das tropas de Tarleton, muitos delas ouvindo claramente essa troca.

—Não levaria muito tempo— Tarleton disse suavemente, balançando-se nos calcanhares. Seu punho esquerdo foi livremente enrolado e ele esfregou a mão direita plana no lado de suas calças, casaco empurrado para trás. Ele olhou por cima do ombro, para o celeiro vazio. —Meus homens não iriam interferir, mas podemos ir lá, se você for tímido. — *Tímido* disse com aquela entonação especial, que deixou claro a covardia.

Ele esteve na ponta da língua de William para dizer, *Eu não quero para mim a menina*. Mas para fazer que essa admissão fosse dar a Tarleton licença para ir atrás dela. Ele viu Ban com as meninas muitas vezes suficientes; ele não era violento com elas, mas ele era insistente. Nunca saiu sem conseguir o que queria de uma forma ou de outra.

E depois de Harkness... Seus pensamentos não estavam em sintonia com o seu corpo; ele estava no chão, tirando seu casaco, antes ele tomasse uma decisão consciente.

**Ban colocou seu capacete no chão, sorrindo, e tirou seu próprio casaco em uma forma de lazer. O movimento atraiu todos os seus homens de uma só vez, e, em segundos, eles foram cercados por um círculo de dragões, assobiando e vaiando encorajamento. O único dissidente era o tenente de Ban, que estava num tom doentio de cinza.**

**—Coronel— ele disse, e William percebeu que o medo do homem tinha tudo a ver com a tomada de problema com Ban e não as consequências do que pudesse acontecer se ele não fizesse. Ele destinava-se a fazer o seu dever, porém, e estendeu a mão para o aperto de braço Tarleton. —Sir. Você...**

**—Vamos ir— disse Ban, não tirar os olhos de William. —E se cale — A mão do tenente desapareceu como se alguém tivesse dado um soco no ombro.**

**William sentiu ao mesmo tempo nele, como se estivesse assistindo isso de algum lugar fora de si mesmo, acima de tudo, e que parte dele queria rir do ridículo da situação. E alguns muito pequenos resquícios de consciência estavam chocados. Mas sua parte carnal era severamente exultante, e muito responsável.**

**Ele viu Ban luta antes, e não cometer o erro de esperar por qualquer tipo de sinal. No momento em que o casaco verde bateu no chão, William lançou-se e ignorando um gancho feroz que bateu em suas costelas agarrando Tarleton por ambos os ombros, empurrou-o para frente, e intrometeu-o no rosto com um som horrível de quebrar ossos.**

**Ele soltou, empurrado Ban forte no peito, e mandou-o cambaleando para trás, o sangue voando de seu nariz quebrado e um olhar de surpresa no rosto que virou imediatamente para uma besta em fúria. Tarleton cavou em seus calcanhares e saltou para William como um cão raivoso.**

William tinha quinze centímetros e dezoito quilos a mais que Ban, e três primos mais velhos que ensinaram a lutar. Banastre Tarleton tinha uma convicção inabalável de que ele estava indo para vencer qualquer luta que ele começasse.

Eles estavam lutando no chão, tão fechado que nem era realmente capaz de atingir o outro de forma eficaz, quando William mal ouviu a voz do tenente, cheio de pânico, e uma corrida todos eles em volta. Mãos o agarraram e arrastaram-no para longe de Tarleton; mais mãos empurraram freneticamente em direção ao seu cavalo. Havia tambores descendo a pista e o som de pés marchando.

Montou em transe, um gosto de sangue na boca e cuspiu por reflexo. Seu casaco foi jogado em seu colo, e alguém bateu seu cavalo com um forte *T'cha!* Que quase destronou William, cujos pés foram nem de longe os estribos.

Ele pressionou os joelhos e panturrilhas para os lados do cavalo, pedindo a Goth um galope, e explodiu a partir da pista em frente de uma coluna de infantaria, cujo sargento recuou com um grito de alarme. Escoceses. Ele viu as calças de xadrez e gorros, e ouviu alguns gritos grosseiros no que poderia ser escocês ou irlandês, mas não se importou. Eles pertenciam a um regimento que ele não conhecia e por isso seus oficiais não o conheciam.

Tarleton poderia dar explicações que ele quisesse. A orelha esquerda de William estava zumbindo, e ele balançou a cabeça e pressionou a palma da mão contra o ouvido para acalmar.

Quando ele sua pegou a mão, o toque aliviou, e um número de pessoas cantavam —Yankee Doodle— em vez. Ele olhou por cima do ombro, incrédulo, e viu um número de Continentais revestidos de azul, arrastando um número de canhão, para fazer a linha do cume distante.

Volte e diga a infantaria escocesa e os homens de Tarleton? Dirija para o sul para Cornwallis?

—Ei, casaca vermelha!— Um grito de sua esquerda fez olhar nessa direção, e na hora certa. Um grupo de dez ou quinze homens na caça de camisas foi caindo sobre ele, à maioria deles armados com foices e enxadas. Um homem estava apontando uma espingarda para ele; aparentemente ele era o único que gritou, porque ele fez isso de novo: —Larguem as rédeas e desça.

—O diabo que eu vou— respondeu William, e movendo Goth, decolou como se o rabo estivesse em chamas. William ouviu o estrondo do

mosquete, mas se agachou sobre o pescoço do cavalo e continuou.

### ***Capítulo 73 - Comportamento Peculiar de uma Barraca***

Embora não estivesse ansioso para ser removido para uma prisão de algum tipo, John Grey estava começando a desejar, pelo menos a solidão. Fergus Fraser e seu filho insistiram em permanecer com ele até que alguém viesse por ele. Presumivelmente, para que eles pudessem dizer a Jamie como ele foi eliminado.

Ele estava particularmente desinteressado no método e meios de que dispõe o conteúdo para aguardar os acontecimentos. O que ele queria era a solidão para uma contemplação da presença de Percy Wainwright, motivos e possível ação. Com La Fayette, ele disse. Conselheiro. John estremeceu ao pensar que tipo de conselho pode ser dado por isso... e que sobre os seus interesses em Fergus Fraser?

Ele olhou para o referido impressor, atualmente envolvido em discussão com sua prole precoce.

**—Você fez isso!— Germain encarou seu pai, o rosto vermelho corado com justa indignação. —Você me disse isso mesmo, uma dúzia de vezes ou mais! Como você entrou em guerra com *Grand-père*, E esfaqueou um homem na perna, e montou em um canhão quando os soldados arrastaram de volta a partir de Prestonpans e você não era ainda tão velho como eu sou agora, quando fez tudo isso!**

Fergus parou por um instante, a respeito de sua prole com os olhos apertados, obviamente, lamentando sua prolixidade anterior. Ele soprou constantemente pelo nariz por um momento, depois assentiu.

**—Isso foi diferente— disse calmamente. —Eu era empregado da milord na época, não o filho dele. Eu tinha o dever de atendê-lo; ele não tinha responsabilidade de me impedir de fazê-lo.**

Germain piscou, franzindo a testa, incerto.

**—Você não era seu filho?**

**—Claro que não— disse Fergus, exasperado. —Se eu disse sobre Prestonpans, com certeza eu disse que eu era um órfão em Paris quando eu conheci o seu *grand-père*. Ele me contratou para bater carteiras por ele.**

—Ele fez isso?— John não queria interromper, mas não podia evitar. Fergus olhou para ele, assustado; evidentemente ele realmente não notou a presença de John, focado como ele estava em Germain. Ele fez uma reverência.

—Ele fez meu senhor. Éramos jacobitas, você entende. Ele requeria informações. Cartas.

—Oh, de fato — John murmurou, e tomou um gole de sua garrafa. Então, lembrando suas maneiras, ofereceu a Fergus, que piscou de surpresa, mas depois a aceitou com outro arco e tomou um gole saudável. Bem, deve ser o trabalho com sede, buscando uma criança errante através de um exército. Pensou brevemente de Willie, e agradeceu a Deus o seu filho estava a salvo ou era ele?

Ele sabia que William estaria evidentemente não deixando a Filadélfia, quando Clinton retirou o exército, talvez como um não combatente ajudante de campo para um oficial superior. Mas ele não pensou sobre essa suposição em conjunto com o presente fato evidente de que o general Washington estava agora na perseguição de Clinton e só poderia possivelmente alcançá-lo. Nesse caso, William...

Esses pensamentos distraíram do tête-à-tête em curso, e ele foi empurrado para fora deles por uma questão dirigida a ele por Germain.

—Eu? Oh... dezesseis anos. Eu poderia ter ido para o exército mais cedo — acrescentou John desculpando— tinha o regimento do meu irmão se formando, mas ele levantou durante a Causa Jacobita. —Ele olhou para Fergus com novo interesse. —Você estava em Prestonpans, não é?— Isso deve ter sido a sua própria primeira batalha, também, e teria sido para salvar seu acontecendo para atender a um Jamie Fraser de cabelo vermelho, notório jacobino, em uma passagem de montanha duas noites antes.

—Você matou alguém?— Germain exigiu.

—Nem um Prestonpans. Mais tarde, em Culloden. Eu desejo que eu não tenha. —Ele estendeu a mão para o frasco. Ele estava quase vazio, e ele esvaziou.

Um momento depois, ele estava feliz de sua celeridade; se ele não tivesse drenado o frasco já, ele poderia ter sufocado. A aba da tenda dobrada para trás, e Percy Wainwright/Beauchamp enfiou a cabeça, então congelou, surpreso, olhos escuros pulando de um para outro dos habitantes da tenda. John teve um impulso de jogar a garrafa vazia para ele, mas

pensou melhor, em vez dizendo friamente: —Eu imploro seu perdão, senhor; estou empenhado.

—Então eu vejo. — Percy não olhou para John —Sr. Fergus Fraser, — ele disse suavemente, entrando na tenda, a mão estendida. —Seu servo, Senhor. *Comment ça va?*

Fergus, incapaz de evitá-lo, apertou a mão dele com reserva e se inclinou um pouco, mas não disse nada. Germain fez um pequeno ruído gutural em sua garganta, mas desistiu quando seu pai deu um olhar penetrante.

—Estou muito feliz por finalmente ter encontrado você em particular, Monsieur Fraser— disse Percy, ainda falando francês. Ele sorriu como encantadoramente possível. —Monsieur sabe quem você é?

Fergus olhou-o pensativo.

—Poucos homens conhecem a si mesmos, monsieur— disse. —De minha parte, estou inteiramente satisfeito em deixar esse conhecimento a Deus. Ele pode lidar com isso muito melhor do que eu poderia. E, tendo chegado a esta conclusão, acredito que é tudo o que tenho para dizer. *Pardonnez-moi.* —Com isso, ele empurrou passando por Percy, levando-o de surpresa e deixando-o fora de equilíbrio. Germain voltou à aba da tenda e mostrou a língua.

—Detestável sapo!— Disse, em seguida, desapareceu com um pequeno grito quando seu pai o empurrou através da aba.

Percy perdeu um de seus sapatos com fivelas de prata na tentativa de ficar de pé. Ele passou a sujeira e matéria vegetal proveniente da parte inferior de sua calça e ferrou o pé de volta para dentro do sapato, os lábios comprimidos e um bastante atraente rubor mostrando através de suas maçãs do rosto.

—Não deveria você estar com o exército?— John perguntou. — Certamente você quer estar lá, se Washington se encontra com Clinton. Eu imagino que os seus *interesses* gostariam de ter um relatório completo por uma testemunha ocular, não?

—Cala a boca, John— disse Percy brevemente — e ouça. Eu não tenho muito tempo. —Ele sentou-se no banco com um baque, cruzou as mãos sobre o joelho, e olhou fixamente para John, como se avaliasse a sua inteligência. —Você conhece um oficial britânico chamado Richardson, homem?

Fergus fez o seu caminho através das ruínas deixadas pelo êxodo do exército, segurando Germain firmemente pela mão. Os seguidores de

acampamento e homens foram deixados para trás como impróprias estavam montando para o trabalho de resgate, e ninguém deu aos Fraser mais do que um piscar de olhos. Só podia esperar que o cavalo estivesse no lugar onde ele o deixou. Ele tocou a pistola debaixo da camisa, só no caso.

—Sapo?— Disse a Germain, sem se preocupar em manter diversões fora de sua voz. —detestável *sapo*, Você disse?

—Bem, ele é, Papa — Germain parou de andar de repente, puxando sua mão livre. —Papa, eu preciso voltar.

—Por quê? Esqueceu-se de alguma coisa? —Fergus olhou por cima do ombro para a tenda, sentindo um mal-estar entre as omoplatas. Beauchamp não podia obrigá-lo a ouvir, e muito menos fazer qualquer coisa que ele não quisesse, mas ele tinha uma forte aversão ao homem. Bem, chamá-lo de medo; ele raramente incomodava-se mentindo para si mesmo. Apesar de por que ele deveria temer um homem como aquele...

—Não, mas. — Germain esforçou-se para escolher entre vários pensamentos que eram claramente todos que tentam emergir no discurso de uma só vez. —*Grand-père* me disse que devo ficar com seu senhorio e se Monsieur Beauchamp aparecesse, eu preciso ouvir qualquer coisa que eles falassem.

—Sério? Ele disse por quê?

—Não. Mas ele disse isso. E, também, eu sou o servo de domínio, seu ordenança. Eu tenho o dever de atendê-lo. —O rosto de Germain foi comovente sério, e Fergus sentiu seu coração apertar um pouco. Ainda...

Fergus nunca dominou a maneira escocesa de fazer barulhos brutos, mas eloquentes na garganta, ele sim os invejava, mas não era ruim com as comunicações semelhantes feitas através do nariz.

—De acordo com o que os soldados disseram, ele é um prisioneiro de guerra. Você tem que acompanhá-lo a qualquer masmorra ou porão de navio que o meterem? Porque eu acho que *Maman* viria e o tiraria pela nuca de seu pescoço. Vamos, ela está muito preocupada e à espera de ouvir que você está seguro.

A menção de Marsali teve o efeito esperado; Germain derrubou os olhos e mordeu o lábio.

—Não, eu quero dizer, eu não sou... bem, mas, papa! Eu *tenho* apenas que ir e ter certeza de que o Sr. Beauchamp não está fazendo nada de ruim para ele. E talvez vir que ele tem um pouco de comida antes de sair — acrescentou. —Você não quer que ele morra de fome, não é?

—Milord parecia razoavelmente bem nutrido— disse Fergus, mas a urgência no rosto de Germain puxou-o um passo relutante em direção à tenda. Germain em uma vez brilhou com alívio e emoção, aproveitando a mão de seu pai.

—Por que você acha que Monsieur Beauchamp significa o mau para o senhorio?— perguntou Fergus, segurando Germain de volta por um momento.

—Porque sua senhoria não precisa dele, e nem *Grand-père*— O menino disse brevemente. —Vamos lá, papa! Seu senhorio está desarmado, e quem sabe o que sodomita tem no bolso?

—Sodomita?— Fergus parou em suas trilhas.

—*Oui, Grand-père* diz que ele é um sodomita. Venha —Germain estava quase frenético agora e chamou seu pai sobre por pura força de vontade.

Sodomita? Bem, isso era interessante. Fergus, atento e muito experimentado nos caminhos do mundo e do sexo, teve algum tempo atrás tirado suas próprias conclusões sobre as preferências de milord Grey, mas, naturalmente, não mencionou estas para Jamie quando o senhor Inglês era bom amigo de seu pai. Será que ele sabia? Independentemente disso, que pode fazer relacionamento de sua senhoria com este Beauchamp um bom negócio mais complexo, e ele se aproximou da barraca com um senso de ambas as curiosidade e cautela.

Ele estava preparado para bater as palmas da mão sobre os olhos de Germain e arrastá-lo para longe, se alguma coisa desagradável estivesse acontecendo naquela tenda, mas antes de chegarem perto o suficiente para ver através da aba, ele viu o tremor tela de uma forma muito estranha, e puxou Germain a um impasse.

—*Arrête*— ele disse suavemente. Ele não podia imaginar até mesmo as práticas sexuais mais depravadas acontecendo na tenda a se comportar dessa forma e, apontando para Germain para ficar parado, andou em pés leves para o lado, mantendo uma distância pequena entre os escombros do acampamento.

Com certeza, Lord John estava se contorcendo sob a borda traseira da tenda, xingando baixinho em alemão. Olhos sobre esta exposição peculiar, Fergus não percebeu que Beauchamp surgia na frente da tenda até que ouviu a exclamação de Germain e virou-se para encontrar o menino atrás

dele. Ele ficou impressionado com a capacidade de Germain agir em silêncio, mas este não era o momento para o elogio. Ele apontou para seu filho e foi um pouco mais longe, tendo cobertura atrás de uma pilha de barris de seiva.

Beauchamp, com uma cor vermelha em seu rosto, afastou-se rapidamente, limpando joio nos babados elegantes de seu casaco. Lord John, lutando para seus pés, fugiu em outra direção, na direção do bosque, sem se preocupar com sua própria roupa, e não se admirou. O que na terra tinha o homem vem fazendo, vestido de tal maneira?

—O que vamos fazer papai?— Germain sussurrou.

Fergus hesitou apenas um momento, olhando depois para Beauchamp. O homem estava indo em direção a uma grande pousada, centro antigo provável do comando do General Washington. Se Beauchamp estivesse com o restante do exército continental, ele poderia ser encontrado de novo, se isso fosse necessário.

—Vamos seguir Lord John, Papa?— Germain estava vibrando com a ansiedade, e Fergus colocou a mão no ombro do rapaz para acalmá-lo.

—Não— ele disse, com firmeza, mas com algum pesar, ele próprio era mais do que curioso. —É evidente que o seu negócio é urgente, e nossa presença seria mais susceptível de conduzir o perigo do que para ajudar. — Ele não acrescentou que Lord John estava quase certamente para o campo de batalha, se houvesse um. Tal observação só faria Germain mais ansioso.

—Mas— Germain tinha senso de teimosia escocesa de sua mãe, e Fergus reprimiu um sorriso ao ver as suas pequenas sobranceiras loiras levantar na expressão exata de Marsali.

—Ele vai estar tanto do lado de eu *grand-père* ou por seus compatriotas — Fergus apontou. —Um ou outro vai cuidar dele, e em nenhum dos casos nossa presença seria útil para ele. E sua mãe vai assassinar nós dois, se não retornamos para a Filadélfia dentro de uma semana.

Ele também não mencionou que o pensamento de Marsali e as outras crianças sozinhas na gráfica causava um grande mal-estar. O êxodo do exército britânico e uma horda de legalistas não prestaram a Filadélfia segurança, por qualquer meio. Havia um bom número de saqueadores e homens sem lei que se mudaram para pegar os restos de quem fugiu, e havia muitos ainda deixando com simpatias legalistas que não admitem abertamente, mas pode facilmente agir sobre eles a coberto da escuridão.

—Vamos lá— disse mais suavemente, e tomou Germain pela mão. — Nós precisamos encontrar um pouco de comida para comer ao longo do caminho.

John Grey fez o seu caminho através da madeira, tropeçando aqui e ali, em virtude de ter apenas um olho de trabalho; o terreno não estava sempre onde ele pensava que estava.

Uma vez longe do acampamento, ele não fez nenhum esforço para manter fora da vista; Claire embalou seu olho com algodão em pluma e envolveu a cabeça de uma forma mais profissional com uma atadura de gaze para manter o retalho no lugar. Teria que proteger o olho ruim, enquanto permitia que o ar secasse a pele ao redor dele, disse. Ele supôs que estava trabalhando em suas pálpebras não eram tão cruas e doloridas como estiveram, apenas bastante pegajosas, mas no momento era apenas grato que ele se parecia com um homem ferido que foi deixado para trás pelo exército americano correndo. Ninguém iria parar ou questioná-lo.

Bem, salvo alguém de seus companheiros antigos do 16º regimento da Pensilvânia, ele deve ter o azar de encontrá-los. Só Deus sabia o que pensou quando ele se rendeu a Jamie. Sentiam-se mal sobre eles, eles foram muito gentis com ele e deviam se sentir traídos por sua bondade a revelação de sua identidade, mas não havia muita escolha sobre isso.

Não havia muita escolha sobre isso, também.

—*Eles querem seu filho.* — Foi provavelmente a única coisa que Percy poderia ter dito que teria feito a ele comparecer.

—Eles quem?— Ele disse bruscamente, sentando-se. —Leva-o para onde? E para quê?

—Os norte-americanos. Quanto ao que é você e seu irmão. —Percy olhou para ele, balançando a cabeça. —Você tem noção de seu valor, John?

—O valor para quem?— Ele se levantou em seguida, balançando perigosamente, e Percy agarrou a mão para firmá-lo. O toque era quente e firme e assustadoramente familiar. Ele retirou a mão.

—Disseram-me que eu tenho valor considerável como um bode expiatório e os norte-americanos devem decidir me enforcar. — Onde foi à nota estúpida de Hal... que era isso agora? Watson Smith? General Wayne?

—Bem, isso não vai fazer nada, não é?— Percy apareceu sem ser perturbado pelo pensamento de morte iminente de Grey. —Não se preocupe. Eu vou ter uma palavra.

—Com quem?— Ele perguntou curioso.

—General La Fayette— disse Percy, acrescentando com um ligeiro arco — a quem tenho a honra de ser um conselheiro.

—Obrigado— disse Grey secamente. —Eu não estou preocupado com a possibilidade de ser enforcado, pelo menos não neste minuto, mas eu quero saber o que o diabo quer dizer sobre o meu filho, William.

—Isso seria muito mais fácil com uma garrafa de porto— disse Percy, com um suspiro, —, mas o tempo não permite, infelizmente. Sente-se, pelo menos. Você parece como se você fosse cair em seu rosto.

Grey sentou, com toda a dignidade que conseguiu reunir, e olhou para Percy.

—Para colocá-lo tão simples quanto possível, e não é simples, asseguro há um oficial britânico chamado Richardson...

—Eu o conheço— interrompeu Grey. —Ele...

—Eu sei que você faz. Fique quieto. —Percy bateu a mão para ele. —Ele é um espião americano.

—Ele o quê?— Por um instante, ele pensou que poderia realmente cair em seu rosto, apesar do fato de sentar-se, e agarrou a madeira do catre com ambas as mãos para evitar isso. —Ele me disse que ele propôs prender a Sra. Fraser para a distribuição de materiais sediciosos. Isso foi o que me levou a casar com ela. Eu...

—Você?— Percy arregalou os olhos para ele. —Você casou?

—Certamente— disse Grey irritado. —Assim como você, ou que você me disse. Vá até Richardson. Há quanto tempo ele estava espionando para os americanos?

Percy bufou, mas agradeceu.

—Eu não sei. Tornei-me consciente disso, na primavera do ano passado, mas ele pode muito bem estar para ele antes disso. Companheiro ativo, eu vou dar isso a ele. E não contente com apenas com a coleta de informações e passar, também. Ele é o que se poderia chamar de um *provocador*.

—Ele não é o único que está provocando— Grey murmurou, resistindo à vontade de esfregar o olho ruim. —O que ele tem a ver com William?— Ele estava começando a ter um sentimento desagradável em seu abdômen. *Ele* William deu permissão para realizar pequenas missões de recolher informações para o capitão Richardson, que...

—Coloque como franco possível, ele tentou mais de uma vez para atrair o seu filho em uma posição onde ele pudesse parecer ser simpático com os rebeldes. Percebi que no ano passado ele mandou para o Grande Dismal na

Virgínia, com a intenção de que ele devesse ser capturado por um ninho de rebeldes que têm um bastião não presumivelmente e iria deixá-lo ser conhecido que ele desertou e se juntaram as suas forças, enquanto na verdade, segurando como um prisioneiro.

—Para quê?— Exigiu Grey. —Será que você pode se sentar? Olhando para cima para você está me dando uma dor de cabeça.

Percy bufou novamente e sentou-se no banco não convenientemente localizado, mas ao lado de Grey sobre a cama de acampamento, com as mãos nos joelhos.

—Presumivelmente, para desacreditar a sua família e Pardloe estava fazendo discursos uma vez inflamatórios na Câmara dos Lordes, na época, sobre a condução da guerra. — Ele fez um pequeno gesto, impaciente que John reconheceu uma vibração rápida dos dedos. —Eu não sei tudo ainda, mas o que eu sei é que ele arranjou para que seu filho fosse levado, durante a viagem a Nova York. Ele não estava se incomodando com engano ou política; as coisas mudaram, agora que a França entrou em guerra. Isso é sequestro simples, com a intenção de exigir de seu irmão Pardloe cooperação na questão do território noroeste e possivelmente algo mais, como o preço da vida do menino.

Grey fechou o olho bom, em um esforço para parar a sua cabeça girando. Dois anos antes, Percy abruptamente reentrou em sua vida, tendo uma proposta de certos *interesses* a francesa sabendo que esses interesses queriam o retorno do valioso território noroeste, atualmente detido pela Inglaterra, e, em troca de ajuda para alcançar esse objetivo ofereceria a sua influência para manter a França de entrar na guerra ao lado dos americanos.

—As coisas mudaram— ele repetiu, com uma borda.

Percy inalado fortemente pelo nariz.

—Almirante d'Estaing zarpu de Toulon, com uma frota, em abril. Se ele já não está fora de Nova York, ele estará em breve. General Clinton pode ou não pode saber disso.

—Jesus!— Ele cerrou os punhos na madeira, forte o suficiente para deixar marcas das unhas. Assim, os franceses idiotas *estavam* agora entrando oficialmente na guerra. Eles assinaram um tratado de aliança com a América em fevereiro, e declararam guerra à Inglaterra em março, mas conversa era fraca. Os navios e canhões e homens custam dinheiro.

De repente, ele agarrou o braço de Percy, apertando forte.

—E onde é que você entra nisso?— Disse, o nível de voz fria. —Por que você está me dizendo tudo isso?

Percy respirou fundo, mas não se distanciou. Ele voltou o olhar Grey, olhos castanhos claros e diretos.

—De onde eu entro não importa— disse. —E não há tempo. Você precisa encontrar o seu filho rapidamente. Quanto ao porquê de eu digo...

John viu chegando e não se afastou. Percy tinha cheiro de bergamota e petitgrain[30] e o vinho tinto em seu hálito. Aperto de John no braço de Percy soltou.

—*Pour vos beaux yeux*[31]— Percy sussurrou contra seus lábios e riu maldito.

### ***Capítulo 74 - O Tipo de Coisa que vai fazer um Homem Doce Tremar***

Seguimos na esteira do exército. Por causa da velocidade da marcha, os soldados foram instruídos a abandonar o seu equipamento não essencial, e eu tinha que abandonar muitas das minhas fontes, também. Ainda assim, eu estava montada e, portanto, seria capaz de manter, mesmo carregada com o que eu consegui manter. Afinal, pensei não iria me fazer nada de bom ser apanhada com o exército, se eu não tinha nada com que para tratar feridas quando eu precisasse.

Tive Clarence embalada com o quanto ela podia ser razoavelmente esperada a transportar. Como ela era um grande mula, esta era uma quantidade substancial, incluindo a minha pequena tenda, uma cama de acampamento dobrada para cirurgia, e tudo que eu podia empinar, em termos de ataduras, retalhos e desinfetante e tinha tanto um pequeno barril de purificada solução salina e um par de vidros de álcool etílico (estes disfarçados de veneno, com grandes rótulos do crânio e ossos cruzados pintados na frente). Também um jarro de azeite doce para queimaduras, minha caixa de remédios, e feixes de erva-primas, grandes potes de pomada preparada e dezenas de pequenos vidros e frascos de tinturas e infusões. Meus instrumentos cirúrgicos, agulhas de costura, e suturas estavam em sua própria caixa pequena, este em uma mochila com rolos de atadura extras, junto a minha pessoa.

Deixei Clarence amarrada e fui descobrir onde as tendas do hospital estavam sendo colocadas. O acampamento estava cheio com os não

combatentes e pessoal de apoio, mas eu finalmente fui capaz de localizar Denny Hunter, que me disse que, com base em relatórios do general Greene, os cirurgiões estavam a ser enviados para a aldeia de Freehold, onde havia uma igreja grande que poderia ser usada como um hospital.

—A última coisa que eu ouvi é que Lee assumiu o comando da força de ataque à retaguarda britânica e meios para cercar os britânicos— disse, limpando os óculos na barra de sua camisa.

—Lee? Mas eu pensei que ele não achava que um comando importante e não iria levá-lo. —Eu não me importaria de uma forma ou de outra, a ressalva de que Jamie e suas companhias estariam envolvidos nessa missão, e eu tinha minhas dúvidas sobre General Lee.

Denzell encolheu os ombros, colocando os óculos de volta limpos na barra da camisa.

—Aparentemente, Washington decidiu que mil homens eram insuficientes para o seu propósito e elevou o número para cinco mil, o que Lee considerado mais adequado ao seu... senso de sua própria importância. —A boca de Denny torceu um pouco nisso. Ele olhou para o meu rosto, porém, e tocou meu braço gentilmente.

—Nós podemos, mas colocamos a nossa confiança em Deus, e espero que o Senhor esteja de olho em cima de Charles Lee. Será que você vem comigo e as meninas, Claire? Sua mula vai esperar conosco de bom grado.

Eu hesitei por não mais do que um momento. Se eu montasse Clarence, eu poderia ter apenas uma fração do equipamento e materiais que de outra forma ela poderia transportar. E enquanto Jamie disse que me queria com ele, eu sabia muito bem que o que ele realmente quis dizer era que ele queria ter certeza de onde eu estava, e que eu estava ao alcance da mão, se ele precisasse de mim.

—Seu marido fez confiar em mim com o seu bem-estar— disse Denny, sorrindo, tendo claramente adivinhado o que eu estava pensando.

—*Et tu, Brute?*— Eu disse sim bruscamente, e, quando ele piscou, acrescentou mais civilmente — quero dizer *todo o mundo* sabe o que eu estou pensando, o tempo todo?

—Oh, eu duvido— disse, e sorriu para mim. —Se eles fazem, espero que alguns deles tenha muito mais cuidado no que disser.

Eu andava na carroça de Denny com Dottie e Rachel, Clarence em um ritmo impassível longitudinalmente atrás, ligada à caixa traseira. Dottie estava vermelha com o calor e emoção; ela nunca esteve perto de uma

batalha antes. Nem Rachel, mas ela ajudou seu irmão durante um péssimo inverno em Valley Forge e tinha muito mais ideia do que o dia poderia segurar.

—Você talvez devesse escrever a sua mãe?— Eu ouvi Rachel perguntar a sério. As meninas estavam atrás Denny e eu, sentada na cama da carroça e mantendo as coisas de saltar para fora quando passavam por sulcos e pântanos de lama.

—Não. Por quê? —O tom de Dottie estava desconfiado, não muito hostil, mas muito reservado. Eu sabia que ela escreveu para contar à mãe que ela pretendia casar Denzell Hunter, mas ela não recebeu uma resposta. Dadas as dificuldades de correspondência com a Inglaterra, no entanto, não havia nenhuma garantia de que Minerva Grey já tivesse lido a carta.

Ocorreu-me, com um escrúpulo repente, que eu não escrevi uma carta a Brianna há vários meses. Eu não fui capaz de suportar escrever sobre a morte de Jamie, e não havia tempo desde o seu retorno até mesmo para pensar nisso.

—E é uma guerra, Dottie — disse Rachel. —Coisas inesperadas podem acontecer. E não desejaria sua mãe para... bem... para descobrir que pereceram sem alguma garantia de que ela estava em seu coração.

—Hmm!— Disse Dottie, claramente surpresa. Ao meu lado, eu sentia Denzell mudar o seu peso, inclinando um pouco para frente quando ele tomou um novo controle sobre as rédeas. Ele olhou de lado para mim, e sua boca transformou-se em uma expressão que era tão careta quanto sorriso, reconhecendo que ele esteve a ouvir falar das meninas, também.

—Ela se preocupa por mim— disse calmamente. —Nunca por si mesma. — Ele soltou as rédeas com uma mão para esfregar uma junta debaixo do seu nariz. —Ela tem tanta coragem como seu pai e irmãos.

—Por mais teimosia, você quer dizer— eu disse baixinho, e ele sorriu, apesar de si mesmo.

—Sim— disse. Ele olhou por cima do ombro e eu também, mas as meninas se mudaram para a parte traseira e estavam falando sobre ele para Clarence, afastando moscas do rosto com as agulhas de um longo galho de pinheiro. —Será que acho uma familiar falta de imaginação? Pois, no caso dos homens de sua família, ele não pode ser ignorância das possibilidades.

—Não, certamente não pode— eu concordei, com uma nota de piedade. Suspirei e estiquei as pernas um pouco. —Jamie é da mesma forma, e *ele* certamente não falta por não ter imaginação. Eu acho que é... —Eu fiz um pequeno gesto impotente. —Talvez *aceitação* seja a palavra.

—A aceitação do fato de mortalidade?— Ele estava interessado e empurrou os óculos de volta no lugar. —Nós discutimos Dorothea e eu. —Ele acenou com a cabeça para trás para as meninas. —Amigos vivem na certeza de que este mundo é temporário e não há nada a temer na morte.

—Alguns, talvez— Na verdade, quase todos neste momento tinham uma aceitação com fato de mortalidade; a morte era uma presença constante no cotovelo de todos, embora considerado que a presença de uma variedade de maneiras. —Mas eles, aqueles homens o que eles fazem é algo diferente, eu acho. É mais uma aceitação do que eles pensam que Deus os fez.

—Sério?— Ele parecia um pouco assustado com isso, e suas sobrancelhas se uniram em consideração. —O que dizer com isso? Que eles acreditam que Deus os criou deliberadamente a...

—Para ser responsável por outras pessoas, eu acho— eu disse. —Eu não poderia dizer se é a noção de *benevolência* de Jamie era de um latifundiário, você sabe, na Escócia, ou apenas a ideia de que... isso é o que um homem faz, —eu terminei, e sem convicção. Porque claramente não *era* o que Denzell Hunter pensou que um homem devia fazer. Apesar de eu me pergunto um pouco. Claramente a questão perturbaram um pouco.

Bem que poderia, dada a sua posição. Eu podia ver que a perspectiva de batalha excitava e que o fato de que ele tinha o perturbava muito.

**—Você é um homem muito corajoso— eu disse em voz baixa, e toquei sua manga. —Eu vi. Quando você jogou o jogo desertor de Jamie, depois de Ticonderoga.**

**—Não era coragem, garanto— disse, com uma risada curta e sem humor. —Eu não pretendia ser corajoso; Eu só queria provar que eu era.**

**Eu fiz um desrespeitoso barulho, não estava em qualquer classe de Ian ou Jamie, mas eu peguei alguns ponteiros, e ele olhou para mim com surpresa.**

**—Eu aprecio a diferença — Eu disse a ele. —Mas eu conheço um monte de homens corajosos do meu tempo.**

**—Mas como pode saber o que está...**

—Fique quieto. — Eu acenei meus dedos para ele. —*Valente* cobre tudo, desde completa insanidade e sangrenta descaso de vidas-generais que outras pessoas tendem a ir para esse tipo à embriaguez, imprudência, e sem rodeios de idiotice para o tipo de coisa que vai fazer um homem suar e tremer e ir para cima... e ir e fazer o que ele acha que tem de fazer *de qualquer maneira*.

—O que— eu disse, fazendo uma pausa para respirar e dobrar minhas mãos perfeitamente no meu colo — é exatamente o tipo de coragem que você compartilha com Jamie.

—Seu marido não sua e treme— disse secamente. —Eu o vi. Ou melhor, eu *não* vi fazer tais coisas.

—Ele sua e treme no interior, na maioria das vezes— eu respondi. —Embora ele realmente vomite frequentemente antes ou durante a batalha.

Denzell piscou, uma vez, e não falou um pouco, absorvendo aparentemente dirigindo seu caminho passando por uma grande carroça de feno cujo bois de repente decidiram que não queria ir mais longe e pararam no meio da estrada.

Por fim, ele respirou fundo e soltou o ar explosivo.

—Eu não tenho medo de morrer— disse. —Essa não é a minha dificuldade.

—Qual é?— Eu perguntei curiosa. —Você está com medo de ser mutilado e deixado indefeso? Eu certamente estaria.

—Não. — Sua garganta se moveu quando ele engoliu. —É Dorothea e Rachel. Temo que não teria a coragem de vê-las morrer sem tentar salvá-las, mesmo que isso significasse matar alguém.

Eu não conseguia pensar em nada para dizer a isso, e nós sacudido em silêncio.

As tropas de Lee estavam sobre Englishtown cerca de 6 horas da manhã, indo para o leste em direção a Monmouth Courthouse. Lee chegou ao tribunal por volta das nove e meia, ao descobrir que a maior parte do exército britânico estava presumivelmente se movendo em direção a Middletown, como se fosse aonde a estrada ia.

Lee foi impedido de seguir, porém, pela presença de uma retaguarda pequena, mas muito beligerante sob o comando do próprio general Clinton. Ou então Ian disse a Jamie, depois chegou perto o suficiente para ver

banners regimentais de Clinton. Jamie comunicou essa informação para Lee, mas não viu nenhuma evidência de que isso afetava ou o plano do cavalheiro de ação (sempre supondo que ele tinha um) ou a sua pouca inclinação para enviar para fora mais olheiros para fazer um reconhecimento.

—Vá de volta deste monte e veja que você pode descobrir onde Cornwallis está— Jamie disse Ian. —Provavelmente os granadeiros estão com os Hessianos[32], então eles vão estar perto de Von Knyphausen.

Ian balançou a cabeça e pegou o cantil cheio que Jamie ofereceu.

—Devo dizer ao General Lee, se eu o ver? Ele não parecia muito interessado no que eu tinha a dizer.

—Sim, diga a ele se você vê-lo antes de vir sobre o marquês que também, deve vir ao alcance dele, mas encontre, independentemente, sim?

Ian sorriu para ele e atirou na cantina sobre o pomo.

—Boa caça, *um Bhràthair-Mathar!*

Jamie tinha duas companhias sangrentas no meio da manhã, escaramuçadas perto do Palácio da Justiça de Monmouth, mas ninguém se matou ainda e apenas três feridos mal o suficiente para se aposentar. Coronel Owen solicitou cobertura para sua artilharia somente por dois canhões, mas qualquer artilharia era bem-vinda e Jamie enviou Thomas Meleager da Pensilvânia para lidar com isso.

Ele enviou uma das maiores companhias do capitão Kirby para fazer um reconhecimento para o que ele pensava que era o riacho e reteve o resto, à espera de ordens de La Fayette ou Lee. La Fayette estava em algum lugar na frente dele, Lee bem atrás e ao leste com o corpo principal de suas tropas.

**O sol estava um pouco abaixo de dez horas quando um mensageiro apareceu agachado dramaticamente na sela quando lançou uma saraivada de balas, embora na verdade não havia um soldado britânico em vista. Ele puxou seu cavalo a uma parada e disse ofegante sua mensagem.**

**—Há nuvens de poeira no sentido leste e pode ser mais casacas vermelhas chegando! E Marky diz que não há canhão de casaca vermelha no pomar de cidra, senhor, o que você vai fazer sobre isso, por favor, senhor?**

**O mensageiro sudorese engoliu ar, afrouxando a rédea em preparação óbvia para correr novamente. Jamie inclinou-se e tomou a**

**rédea do cavalo para impedi-lo.**

**—Onde é o pomar de cidra — ele perguntou calmamente. O mensageiro era jovem, talvez dezesseis anos, de olhos arregalados como seu cavalo ossudo.**

**—Não sei senhor— disse, e começou a olhar para lá e para cá, como se esperasse que o pomar se materializasse de repente fora do prado que eles estavam e uma explosão distante súbita reverberando nos ossos de Jamie, e as orelhas de seu cavalo indo para cima.**

—Não se preocupe rapaz— disse. —Eu ouvi. Faça seu cavalo respirar, ou ele morrerá com você antes do sol.

Deixando ir o freio, ele acenou para o capitão Craddock e virou a cabeça de seu próprio cavalo em direção ao som do canhão.

O exército americano levou várias horas sobre ele, e o exército britânico muito mais, mas um homem sozinho podia se mover muito mais rapidamente do que até mesmo uma companhia de infantaria leve. Nem John estava sobrecarregado com armas. Ou alimentos. Ou água.

*Você sabe muito bem que ele está mentindo para você.*

—Oh, fique quieto, Hal— Grey murmurou para sombra de seu irmão. —Eu conheço Percy muito melhor do que você.

*Eu disse que você sabe perfeitamente bem...*

—Eu sei. O que eu estou arriscando, se ele está mentindo e que estou arriscando se ele *não* está?

Hal era arrogante, mas lógico. Ele também era um pai; se cale.

O que ele estava arriscando se Percy *fosse* descoberto sendo visto ou enforcado fora de mão se alguém o reconhecesse. Qualquer coisa. Se os norte-americanos encontrassem antes que ele chegasse às linhas britânicas, eles prendiam por violar sua liberdade condicional e prontamente executá-lo como um espião. Se os britânicos *não fizessem* reconhecê-lo no tempo, eles matariam à primeira vista como rebelde da milícia. Ele colocou a mão no bolso onde amassou a LIBERDADE OU MORTE e debateu com sabedoria se jogava fora, mas, no caso, manteve.

O que ele estava arriscando se Percy não estava mentindo era à vida de Willie. Sem grande esforço necessário para chamar as probabilidades.

Era meio da manhã, e o ar parecia como melado, grosso e doce com flores pegajosas como seiva de árvore, e completamente irrespirável. Seu olho bom estava começando a coçar pelos grãos de pólen flutuando, e moscas zumbiam interessada em volta de sua cabeça, atraído pelo cheiro de mel.

Pelo menos a dor de cabeça foi embora, dissipada pela explosão de alarme e um breve lampejo de luxúria, podendo muito bem admitir ocasionado pela revelação de Percy. Ele não iria começar a especular sobre os motivos de Percy, mas...

—Porque seus belos olhos *de fato* — ele murmurou, mas não podendo deixar de sorrir pela imprudência. Um homem sábio não tocaria Percy

Wainwright com uma vara de dez metros. Algo mais curto, no entanto...

—Oh, fique quieto, sim?— Ele murmurou para si mesmo, e fez o seu caminho até um banco de argila na borda de um pequeno riacho, onde ele poderia jogar água fria em seu rosto aquecido.

Era talvez oito horas da manhã quando chegamos livres de espera, onde a Igreja deveria ser estabelecida como o principal hospital. Era um grande edifício, situado no meio de um enorme cemitério alastrando, um hectare ou mais de terra cuja lápides eram tão individuais como seus proprietários, sem dúvida, era na vida. Não havia corredores puros de uniforme branco atravessando aqui.

Poupei um pensamento para os túmulos na Normandia e me perguntei se essas fileiras e mais fileiras de mortos sem rosto eram feitos para impor uma espécie de arrumação pós-morte sobre os custos de guerra, ou se ele foi concebido, em vez de sublinhar, uma contabilidade solene realizada em intermináveis filas de nada e cruces.

Mas eu não queria pensar muito. Batalha já existia em algum lugar, e já tinham feridos chegando, certo número de homens sentados à sombra de uma grande árvore ao lado da igreja, mais descendo a estrada, alguns com a ajuda de amigos, alguns sendo trazidos em macas ou nos braços de alguém. Meu coração deu uma guinada com a visão, mas eu tentei não procurar por Jamie ou Ian; se eles estivessem entre os primeiros feridos, eu saberia em breve.

Houve uma agitação perto da varanda da igreja, onde as portas duplas foram arremessadas para acomodar a passagem, e enfermeiros e cirurgiões estavam indo e vindo com pressa, mas uma pressa organizada, até o momento.

—Vá e veja o que está acontecendo, sim?— Sugeriu a Denzell. —As meninas e eu vamos descarregar as coisas.

Ele fez uma pausa longa o suficiente para desengatar suas próprias duas mulas e pô-las para pastar, em seguida, apressou-se para a igreja.

Encontrei os baldes e despachei Rachel e Dottie para encontrar um poço. O dia já estava desconfortavelmente quente; iríamos precisar de uma boa quantidade de água, de uma forma ou de outra.

**Clarence estava mostrando um forte desejo de ir juntar-se as mulas de Denny em cortar grama entre as lápides, sacudindo a cabeça contra a força e proferindo gritos de irritação.**

—Tudo bem, tudo bem, tudo *direito*, —Eu disse, apressando para desfazer as tiras de embalagem e levantar os encargos. —Segure oh, querida.

Um homem estava cambaleando em direção a mim, dando os joelhos a cada passo e cambaleando vertiginosamente. O lado de seu rosto era negro, e havia sangue cobrindo seu uniforme. Larguei o pacote do acampamento e postes e corri para pegá-lo pelo braço, antes que ele tropeçasse em uma lápide e caísse de cara no chão.

—Sente-se— eu disse. Ele parecia confuso e parecia não me ouvir, mas como eu estava puxando seu braço, ele foi para baixo, deixando os joelhos relaxarem abruptamente e quase me levando com ele, quando ele caiu sobre uma pedra substancial comemorando com um Tenente Gilbert.

Meu paciente estava balançando como se precisasse cair, e ainda um cheque apressado me mostrou sem ferimentos significativos; o sangue em seu casaco era de seu rosto, onde a pele enegrecida empolada e separada. Não era apenas a fuligem de pele realmente queimada a uma batata frita a carne subjacente grelhada, e meu paciente cheirava terrivelmente como um porco assado de pó preto. Tomei um aperto firme em meu estômago cambaleando e parei de respirar pelo nariz.

Ele não respondeu às minhas perguntas, mas olhou fixamente para minha boca, e ele parecia lúcido, apesar de seu balançar continuado. O centavo finalmente caiu.

—Ex... plo... são? —Eu murmurei com um cuidado exagerado, e ele acenou com a cabeça vigorosamente, depois parou abruptamente, balançando até agora quando eu tive que agarrá-lo pela manga e puxá-lo na posição vertical.

Artilheiro, de seu uniforme. Então algo grande explodiu perto dele, um morteiro, um canhão? E não só queimou o rosto quase ao osso, mas também era provável que explodiu ambos os tímpanos e perturbou o equilíbrio de seu ouvido interno. Eu balancei a cabeça e coloquei suas mãos para agarrar a pedra que estava assentado, para mantê-lo no lugar enquanto eu rapidamente terminava de descarregar Clarence que estava fazendo a volta frustrada; eu deveria ter percebido imediatamente que o artilheiro era surdo, quando ele estava tomando nenhum aviso que mancava, e sentou solto para se juntar as mulas de Denny na sombra. Cavei o que eu precisava para fora dos pacotes e

**comecei a fazer o pouco que eu podia pelo homem ferido, este consistindo principalmente a imersão de uma toalha em solução salina e aplicando ao seu rosto como um cataplasma, para remover o máximo de fuligem que pude sem esfregar.**

Agradei a Deus que eu tive a prudência de levar um jarro de azeite doce para queimaduras e amaldiçoei a minha falta dele por não ter pedido aloe no jardim de Bartram.

As meninas ainda não voltaram com água; e eu esperava que houvesse um poço em algum lugar por perto. Água tão perto de um exército não poderia ser usado sem ferver. Esse pensamento me levou a olhar em volta para um local onde uma fogueira poderia ser iluminada e fazer uma nota mental para enviar as meninas para procurar madeira próxima.

Minha mente estava puxando da minha lista mental em rápida expansão, porém, pelo aparecimento súbito de Denny da igreja. Ele não estava sozinho; ele parecia estar tendo um argumento apaixonado com outro oficial Continental. Com uma breve exclamação de exasperação, eu cavei no meu bolso e encontrei meus óculos envoltos em seda. Com estes no meu nariz, o rosto do interlocutor de Denny entrou em foco claro e o Capitão Leckie, diplomata da Faculdade de Medicina da Filadélfia.

Meu paciente puxou minha saia e, quando me virei para ele, se desculpando abriu a boca e imitou beber. Eu levantei um dedo, adjurando para esperar um momento, e fui ver se Denzell precisava de necessário reforço.

Minha aparência foi recebida por um olhar austero do Capitão Leckie, que me viu antes, como se olhasse para algo questionável na parte inferior do seu sapato.

**—Sra. Fraser — disse friamente. —Eu só tenho dito a seu amigo Quaker que não há espaço dentro da igreja para astutas mulheres ou...**

**—Claire Fraser é o cirurgião mais habilidoso que eu vi funcionar!— Disse Denzell. Ele estava corado e bastante eriçado de raiva. —Você vai fazer o seu pacientes grande mal, senhor, não permitindo que ela...**

**—E onde você obteve a sua formação, Dr. Hunter, que você está tão confiante de sua própria opinião?**

**—Em Edimburgo— disse Denny através de seus dentes. —Onde eu fui treinado pelo meu primo, John Hunter. — Vendo que isso não fez nenhum impacto sobre Leckie, acrescentou: —E seu irmão, William Hunter *parteiro* da rainha.**

Isso fez Leckie se surpreender, mas, infelizmente, também levantou o nariz.

—Eu vejo— disse, dividindo um leve sorriso de escárnio igualmente entre nós. —Quero parabenizá-lo, senhor. Mas, como eu duvido que o exército requeira um homem parteiro, talvez você devesse ajudar a sua... colega — e aqui ele realmente queimou suas narinas em mim, o pomposo pouco suíno com suas sementes e poções, em vez de...

—Nós não temos tempo para isso— eu interrompi com firmeza. —Dr. Hunter é tanto um médico treinado e um cirurgião devidamente nomeado no exército Continental; você não pode mantê-lo fora imbecil. E se a minha experiência de batalha que atrevo a sugerir pode ser um pouco mais extensa que a sua própria, *Sir* é qualquer coisa mais a frente, você vai precisar de todas as mãos que você puder obter. —Virei para Denzell e dei um olhar longo e nível.

—Seu dever é com aqueles que você precisa. Então, é o meu. Eu disse a você sobre a triagem, não disse? Eu tenho uma barraca e os meus próprios instrumentos cirúrgicos e suprimentos. Eu vou fazer a triagem aqui, lidar com os casos menos graves, e enviar qualquer um que requer cirurgia de grande porte.

Eu tinha um olhar rápido sobre o meu ombro, então virei para os dois homens fumando.

—É melhor ir para dentro e serem rápido. Eles estão começando a se acumular.

Esta não foi uma expressão metafórica. Havia uma multidão em fila de feridos, debaixo das árvores, alguns homens deitados em macas improvisadas e esteiras de lona... e uma pequena pilha, sinistra de corpos, estas presumivelmente homens que morreram de seus ferimentos a caminho do hospital.

Felizmente, Rachel e Dottie apareceram neste momento, cada uma carregando um balde pesado de água em cada mão. Eu virei de costas para os homens, e fui ao encontro delas.

—Dottie, venha e coloque os postes da barraca, sim?— Eu disse, pegando seus baldes. —E, Rachel, você sabe o que um sangramento arterial parece, eu imagino. Vá e olhe por esses homens e traga quem está assim.

Eu dei a minha água ao artilheiro queimado, então o ajudei a se levantar. Quando ele se levantou, eu vi por trás de suas pernas o epitáfio esculpido na

pedra tumular do Tenente Gilbert:

*Se o leitor tivesse ouvido seu último testemunho você teria sido convencido da extrema loucura de atrasar arrependimento.*

—Eu suponho que há lugares piores para estar fazendo isso— comentei com o artilheiro, mas, incapaz de me ouvir, ele simplesmente levantou minha mão e beijou-a antes de balançar para se sentar na grama, a toalha molhada pressionado sua face.

### ***Capítulo 75 - O Pomar de Cidra***

O primeiro tiro pegou-os de surpresa, uma explosão abafada do pomar de cidra e um rolo lento de fumaça branca. Eles não correram, mas eles enrijeceram, olhando para ele na direção. Jamie disse para quem estava perto dos bons *rapazes* em seguida, levantou a sua voz. —À minha esquerda, agora! Sr. Craddock, Reverendo Woodsworth-círcule; entre no pomar por trás. O resto dispersão para a direita e fogo, entenderam— O segundo acidente afogou suas palavras, e Craddock sacudiu como um boneco com suas cordas cortadas e caiu no chão, o sangue de pulverização do buraco enegrecido em seu peito. O cavalo de Jamie recuou violentamente, quase o derrubando.

—Vá com o reverendo!— Ele gritou para os homens de Craddock, que estavam lá caindo de queixo, olhando para o corpo de seu capitão. —Vá *agora* —Um dos homens sacudiu, agarrando a manga do outro, puxando para fora, e então todos começaram a mover-se como um corpo. Woodsworth, abençoou, levantou a espingarda em cima e rugiu: —Para mim! Siga-me! —E invadiu o matadouro com pernas de cegonha que passaram com ele para correr, mas eles o seguiram.

O castrado virou, mas se movia inquieto. Era supostamente acostumado com o som das armas, mas ele não gostou do cheiro forte de sangue. Jamie não gostou, também.

—Não deveríamos... enterrar Sr. Craddock? —uma voz tímida sugeriu atrás dele.

—Ele não está *morto*, Lackbrain!

Jamie olhou para baixo. Ele não estava, mas não estaria mais do que alguns segundos a mais.

—Vá com Deus, homem— disse em voz baixa. Craddock não piscou; seus olhos estavam fixos no céu, ainda não maçantes, mas cegos.

—Vá com seus companheiros— disse aos dois retardatários, em seguida, viu que eles eram os dois filhos de Craddock, talvez treze e catorze anos, de rosto pálido e olhando como ovelhas. —Diga adeus para ele— disse abruptamente. —Ele ainda vai ouvir de vocês. Então... vão. —Ele pensou por um momento para enviá-los para La Fayette, mas eles estariam mais seguros lá. —Corra!

Eles correram, eles eram um negócio mais seguro voltando e com um gesto dos Tenentes Orden e Bixby, ele virou o cavalo para a direita, seguindo a companhia de Guthrie. O canhão estavam disparando mais regularmente do pomar. Ele viu uma bola quicar passando, a dez metros de distância, e o ar foi engrossando com a fumaça. Ele ainda podia sentir o cheiro do sangue de Craddock.

Ele encontrou o capitão Moxley e mandou-o com uma companhia cheia de olhar para a casa da fazenda do outro lado do pomar.

—À distância olhe. Eu quero saber se os casacas vermelhas estão na mesma ou se a família ainda está lá. Se a família estiver, cerquem a casa; vão para dentro, se eles deixarem, mas não force o seu caminho. Se há soldados dentro e eles saírem atrás de você, envolva e tome a casa, se vocês puderem. Se eles ficam, não mexa; envie alguém de volta para me contar. Eu vou estar de volta no pomar; lado norte.

Guthrie estava esperando por ele, os homens deitados na grama longa atrás do pomar. Ele deixou os dois tenentes com seu cavalo, que ele amarrou a um trilho de cerca bem fora do alcance do pomar, e subiu junto com a companhia, se mantendo baixo. Ele caiu de sua barriga perto de Bob Guthrie.

—Eu preciso saber onde o canhão está exatamente, e quantos. Envie três ou quatro homens em diferentes direções, que sejam sagazes você sabe o que eu quero dizer? Sim. Eles não estão fazendo nada; veja o que eles podem e saiam de novo, rápido.

Guthrie estava ofegante como um cão, o rosto mal barbeado inundado de suor, mas ele sorriu e acenou com a cabeça e vermifugando seu caminho fora através da grama.

**O prado estava seco, marrom e quebradiço no calor do verão; as meias de Jamie arrepiaram como rabos de raposas, e o aroma acentuado quente de feno maduro era mais forte do que o de pó preto.**

Ele engoliu em seco a água de seu cantil; que estava quase vazio. Ainda não era meio-dia, mas o sol estava descendo sobre eles como um ferro de passar. Ele virou-se para dizer a um dos tenentes que vinha a seguir para ir e encontrar a água mais próxima, mas nada mudou na grama atrás dele salvando centenas de gafanhotos, zumbindo como faíscas. Apertando os dentes contra a rigidez nos joelhos, ele escalou para mãos e pés e afundou de volta para seu cavalo.

Orden estava a três metros de distância, um tiro através de um olho. Jamie congelou por um instante, e algo zumbiu perto passado sua bochecha. Podia ser um gafanhoto e talvez não. Ele estava deitado na terra ao lado do tenente morto, coração batendo forte em seus ouvidos antes que o pensamento completamente formasse.

*Guthrie.* Ele não teria coragem de levantar a cabeça para chamar, mas tinha que fazer. Ele teve os pés debaixo dele o melhor que podia, atirou para fora da grama, e correu como um coelho, para lá e para cá, zizagueando longe do pomar da melhor maneira que podia e ainda indo na direção que ele enviou Guthrie.

Ele podia ouvir os tiros agora: mais de um franco-atirador no pomar, protegendo o canhão, e o som era o de quebrar de um rifle. Caçadores? Ele caiu e se arrastou loucamente, agora gritando por Guthrie.

—Aqui, senhor!— O homem apareceu de repente ao lado dele como uma marmota, e Jamie segurou na manga de Guthrie, puxando-o de volta para baixo.

—Traga... seus homens de volta. —Ele engoliu em seco o ar, peito arfando. —Vasculhe o pomar. Este lado. Eles vão ser apanhados.

Guthrie estava olhando para ele, a boca entreaberta.

—Pegue-os!

Abalado fora de seu estado de choque, Guthrie assentiu como uma marionete e começou a subir. Jamie agarrou-o pelo tornozelo e empurrou todo o caminho, pressionando para baixo com uma mão em suas costas.

—Não faça isso... levante. —Sua respiração estava diminuindo e ele conseguiu falar com calma. —Ainda estamos na faixa aqui. Tire seus homens e se vá com a sua companhia de volta para a Linha do Cume. Junte-se ao capitão Moxley; diga para vir e se juntar a mim... —Sua mente ficou em branco por um momento, tentando pensar em algum

lugar razoável para um encontro. —O sul da quinta. Com a companhia de Woodbine. —Ele afastou a mão dele fora de Guthrie.

—Sim, senhor. — O homem arrastou-se sobre as mãos e os joelhos, pegando o chapéu que caiu. Ele olhou para Jamie, os olhos cheios de preocupação séria.

—Você está muito ferido, senhor?

—Ferido?

—Há sangue por toda a sua cara, senhor.

—Não é nada. Vá!

Guthrie engoliu, balançou a cabeça, enxugou o rosto com a manga, e fugiu pela grama, o mais rápido que podia ir. Jamie colocou a mão para seu próprio rosto, tardiamente ciente de uma leve picada através de sua bochecha. Com certeza, seus dedos saíram sangrentos. Não era um gafanhoto, então.

Ele limpou os dedos na barra de seu casaco e notou mecanicamente que a costura da manga estourou no ombro, mostrando a camisa branca por baixo. Levantou-se um pouco, cauteloso, olhando em volta para Bixby, mas não havia sinal dele. Talvez morto na grama, também; talvez não. Com sorte, ele viu o que estava acontecendo e correu de volta para avisar as companhias que vinham para cima. O cavalo ainda estava onde deixou, graças a Deus, amarrado a uma cerca, a cinquenta metros de distância.

Ele hesitou por um momento, mas não havia tempo a perder na procura de Bixby. Woodsworth e suas duas companhias estariam vindo de volta do pomar, em poucos minutos, e à direita na faixa dos rifles alemães. Ele apareceu e correu.

Algo puxou seu casaco, mas ele não parou, e atingiu seu cavalo, com falta de ar.

—*Tiugainn!*— ele disse, balançando-se para a sela. Ele virou-se para longe do pomar e galopou através de um campo de batata, embora ferisse o coração de seu agricultor para ver o que os exércitos fariam para ele já.

Eu não sei quando os médicos começavam a chamar *A Hora Dourada*, mas certamente cada médico do campo de batalha tinha seu momento da *Ilíada* avante sabe sobre ele. A partir do momento de um acidente ou lesão que não é imediatamente fatal, as chances da vítima pela vida são melhores se ele recebe tratamento dentro de uma hora de sustentar a lesão. Depois disso, o choque, continua com a perda de sangue, debilidade devido à dor... a chance de salvar um paciente vai acentuadamente diminuindo.

Adicione em temperaturas em chamas, a falta de água, e o estresse de correr completo através de campos e bosques, usando lã caseira e carregando armas pesadas, inalando fumaça de pólvora, e tentando ou matar alguém ou evitar ser morto, pouco antes de ser ferido, e eu, uma vez pensei que estávamos olhando para uma Dourada de 15 minutos mais ou menos.

Além disso, dado o fato de que os feridos andaram provavelmente mais de uma milha de um lugar onde eles poderiam encontrar ajuda... Eu deveria estar fazendo bem para salvar a todos quantos éramos. *Se ao menos temporariamente*, Acrescentei severamente para mim, ouvindo os gritos de dentro da igreja.

—Qual é o seu nome, querido?—Eu disse para o jovem a minha frente. Ele não podia ter mais de dezessete anos, e era lindo para sangrar até a morte. A bala atravessou a carne de seu braço, o que normalmente seria um local fortuito para uma ferida. Infelizmente, neste caso, a bala passou pela parte de baixo do braço e pegou a artéria braquial, que jorrava sangue de maneira lenta, mas séria, até que eu dei um aperto de morte em seu braço.

—Private Adams, senhora —respondeu ele, embora seus lábios estivessem brancos e ele estava tremendo. —William Adams. Billy, eles me chamam— acrescentou educadamente.

—Prazer em conhecê-lo, Billy —eu disse. —E o senhor?... —Por que ele foi trazido cambaleando, apoiado em outro menino de cerca de sua própria idade e quase tão pálido, embora eu achasse que ele não foi ferido.

—Horatio Wilkinson, minha senhora —disse, baixando a cabeça em um estranho arco o melhor que conseguiu, mantendo seu amigo de pé.

—Obrigado, Horatio, —eu disse. —Eu o tenho agora. Será que você derramaria um pouco de água, com apenas um toque de conhaque nela? Lá. —Eu balancei a cabeça para o caixote que eu estava usando como mesa, na qual uma das minhas garrafas marrons estavam marcadas —Posso —levantou-se, juntamente com um cantil cheio de água e um copo de madeira. —E logo que ele esteja bêbado, dê a tira de couro para morder.

Eu teria dito que Horatio queria um copinho, também, a ressalva de que havia apenas dois copos, e o segundo era meu. Eu estava bebendo água constantemente meu corpete estava encharcado e se agarrava a mim como a membrana dentro de uma casca de ovo e o suor escorria

constantemente pelas minhas pernas e eu não queria estar compartilhando os germes de soldados variados que não escovam os dentes regularmente. Ainda assim, eu poderia dizer para tomar um rápido gole direto da garrafa de brandy, alguém ia ter que aplicar pressão sobre o braço de Billy Adams enquanto eu costurasse a artéria braquial e Horatio Wilkinson atualmente não estava à altura da tarefa.

—Será que você... —Eu comecei, mas eu estava segurando um bisturi em uma mão e uma agulha de sutura com uma ligadura pendente na outra, e a visão deles superou o jovem Sr. Wilkinson. Seus olhos enrolaram em sua cabeça e ele caiu sem ossos no cascalho.

—Ferido?— Disse uma voz familiar atrás de mim, e eu virei minha cabeça para ver Denzell Hunter olhando para o Sr. Wilkinson. Ele estava quase tão pálido como Horatio e, com fios de cabelo se soltaram se agarrando a suas bochechas, muito mesmo a antítese de sua autocoleta habitual.

—Desmaiou— disse. —Você pode...

—Eles são uns idiotas— disse, tão pálido, com raiva, agora eu percebi que ele mal conseguia falar. —Cirurgiões Regimentais, eles chamam a si mesmos! Um bom quarto deles nunca viram um homem ferido em batalha antes. E aqueles que têm são pouco capazes de qualquer coisa na maneira de tratamento de salvar de uma amputação mais crua. Uma companhia de barbeiros faria melhor!

—Eles podem parar de sangrar— eu perguntei, pegando sua mão e envolvendo em torno do braço do meu paciente. Ele automaticamente pressionou seu polegar na artéria braquial perto da axila, e o jorrando que começou quando eu tirei a minha própria mão parou de novo. —Obrigado — eu disse.

—Nem um pouco. Sim, a maioria deles pode fazer isso — ele admitiu, acalmando-se um pouco. —Mas eles são tão ciumento de privilégio e tanto afiliado com os seus próprios regimentos que alguns estão deixando um homem ferido morrer, porque ele não é um deles e seu próprio cirurgião regimental está ocupado!

—Escandaloso— eu murmurei, e, *morda duro agora, Private* —quando eu empurrei o couro entre os dentes e fiz uma incisão rápida para ampliar a ferida o suficiente para encontrar o final da artéria cortada. Ele mordeu, e não fez mais do que um baixo nível de ruído grunhindo quando o bisturi

cortou em sua carne; talvez ele estivesse suficientemente em estado de choque que ele não se sentia muito, eu não esperava.

—Nós não temos muita escolha— eu observei, olhando para as grandes árvores de sombra que afiadas do cemitério. Dottie estava cuidando das vítimas de insolação, dando água e quanto tempo e baldes permitia apagando com ele. Rachel estava no comando dos traumas de cabeça, ferimentos abdominais, e outros ferimentos graves que não podiam ser tratados por amputação ou ligação e talas. Na maioria dos casos, este ascendiam a nada mais do que conforto quando eles morressem, mas ela era uma menina boa e estável, que viu muitos homens morrem durante o inverno em Valley Forge; ela não me esquivei de trabalho.

—Nós temos que deixá-los —Eu puxei meu queixo em direção à igreja, minhas mãos sendo ocupada em segurando o braço de Adams e a ligadura do vaso rompido —fazer o que eles são capazes de fazer. Não que a gente poderia *parar*.

—Não. — Denny suspirou, soltou o braço quando ele viu que eu tinha a artéria amarrada, e enxugou o rosto com seu casaco. —Não, não podemos. Eu só precisava expressar minha raiva onde não causaria mais problemas. E para perguntar se eu posso pegar sua pomada genciana; eu vi que tinha duas latas de bom tamanho composta.

Eu dei um pequeno riso irônico.

—Seja meu convidado. Essa bunda do Leckie enviou um ordenança a pouco para tentar se apropriar de meu estoque de fios e ligaduras. Você precisa de alguns, pelo caminho?

—Se tem de sobra. — Ele lançou um olhar sombrio sobre a pilha cada vez menor de suprimentos. —Dr. McGillis enviou uma ordem para limpar a vizinhança por itens de uso e outro para levar a palavra de volta ao acampamento e trazer mais.

—Tome a metade— eu disse, com um aceno de cabeça, e terminou envolvendo o braço de Billy Adams com tão miserável como um curativo ainda iria fazer o trabalho. Horatio Wilkinson se recuperou um pouco e estava sentado, embora ainda bastante pálido. Denny o içou a seus pés e despachou-o com Billy para se sentar à sombra um pouco.

Eu estava cavando através de um dos meus pacotes pela pomada genciana quando notei a aproximação de outro partido e me endireitei para ver o que seu estado de necessidade podia ser.

Nenhum deles parecia estar ferido, mas todos estavam surpreendentes. Eles não estavam de uniforme e deram à luz sem armas salvo espadas; nenhum dizendo se eram milícia, ou...

—Nós ouvimos que você tem um pouco de conhaque, senhora— um deles disse, estendendo a mão em uma maneira amigável e quase me agarrou pelo pulso. —Vinde e compartilhe com a gente, né?

—A solte— disse Denzell, em tom de ameaça profunda que fez o homem que segurava meu pulso realmente deixar ir de surpresa. Ele piscou para Denzell, que ele evidentemente não notou antes.

—Quem é você?— Ele perguntou, embora mais em tom de espanto confuso do que o confronto.

—Eu sou um cirurgião do exército continental— disse Denzell com firmeza, e mudou-se para ficar ao meu lado, empurrando um ombro entre mim e os homens, os quais estavam claramente muito bêbado. Um deles ria, um alto som de *heeheehee* e seu companheiro riu e cutucou, repetindo: —cirurgião Continental *meu*.

—Senhores, vocês devem ir— disse Denzell, afiando mais longe na minha frente. —Nossos homens feridos precisam de atenção. — Ele ficou com os punhos levemente ondulados, na atitude de um homem pronto para a batalha, embora eu tivesse quase certeza de que ele não faria. Eu esperava que a intimidação faria o truque, mas olhando para a minha garrafa; estava três quartos vazio, talvez seria melhor dar a eles e esperar que eles fossem embora...

Eu podia ver um pequeno grupo de Continental feridos descendo a estrada, dois em macas, e um pouco mais de tropeço, despojado de suas camisas ensanguentadas, casacos nas mãos sendo arrastado na poeira. Estendi a mão para a garrafa, com a intenção de dar aos intrusos, mas um movimento no canto do meu olho me fez olhar para a sombra, onde as meninas estavam atendendo prisioneiros. Tanto Rachel e Dottie estavam de pé, observando o processo, e, neste ponto, Dottie, com um forte olhar de determinação em seu rosto, começou a caminhar em nossa direção.

Denny viu, também; eu podia ver a súbita mudança em sua postura, um toque de indecisão. Dorothea Grey podia ser uma Quaker professada, mas o seu sangue de família claramente tinha as suas próprias ideias. E eu poderia sim, para minha surpresa, dizer exatamente o que Denzell estava pensando. Um dos homens já notou Dottie e virou balançando em sua direção. Se ela confrontasse um ou mais deles atacaram...

—Senhores— Interrompi o zumbido de interesse entre os nossos visitantes, e três pares de olhos vermelhos viraram lentamente em direção a mim. Retirei uma das pistolas Jamie me deu, apontei para o ar, e puxei o gatilho.

Ele saiu com um empurrão violento e um *blam* que momentaneamente me ensurdeceu, junto com uma nuvem de fumaça acre que me fez tossir. Limpei os olhos da fumaça na minha manga a tempo de ver os visitantes partirem às pressas, com olhares ansiosos para trás por cima dos ombros. Localizei um lenço livre dobrado em minhas coisas e limpei uma mancha de fuligem do meu rosto, emergindo do linho úmido das dobras para encontrar as portas da igreja ocupada por vários cirurgiões e enfermeiros, todos olhando para mim.

Sentindo um pouco como Annie Oakley, e reprimindo a vontade de tentar rodar minha pistola na sua maioria por medo que eu iria deixá-la cair; era quase um pé de comprimento, eu guardei minha arma e respirei fundo. Eu me senti um pouco tonta.

Denzell estava sobre mim com preocupação. Ele engoliu em seco visivelmente e abriu a boca para falar.

—Não agora— eu disse minha voz soando abafada, e acenei com a cabeça em direção aos homens vindo em nossa direção. —Não há tempo.

## ***Capítulo 76 - Os Perigos da Rendição***

Quatro horas infernais. Horas gastas mergulhada em um campo ondulante cheio da ralés de soldados continentais, coágulos de milícia, e rochas mais sangrentas do que em qualquer lugar necessário para o bom funcionamento, se você perguntasse a Grey. Incapaz de suportar as bolhas e pedaços de pele crua por mais tempo, ele tirou os sapatos e as meias e enfiou-os nos bolsos de seu casaco de má reputação, escolhendo mancar descalço enquanto ele poderia suportar.

Se ele encontrasse alguém cujos pés parecessem o seu tamanho, ele pensou sombriamente, ele pegaria uma das rochas onipresentes e se valeria.

Ele *sabia* ele estava perto das linhas britânicas. Ele podia sentir o tremor no ar. O movimento de grandes massas de homens, sua excitação aumentando. E em algum lugar, não de grande distância, o ponto onde a excitação foi voltando-se para a ação.

Ele sentiu a presença da luta desde o dia apenas passado. Às vezes, ouvia gritos e o boom oco de mosquetes. *O que eu faria se eu fosse Clinton?* ele perguntou.

Clinton não poderia ultrapassar os rebeldes perseguindo; que era claro. Mas ele teria tido tempo suficiente para escolher terreno decente em que se levantava e fazia alguma preparação.

As chances eram de alguma parte da brigada do exército de Cornwallis, talvez; Clinton não deixaria Hessians e Von Knyphausen para ficar sozinho, teria tomado uma posição defensável, na esperança de adiar os rebeldes tempo suficiente para que o comboio de bagagem fugisse. Em seguida, o corpo principal seria volante e levaria o seu próprio ocupando posições talvez uma aldeia. Ele atravessou dois ou três e tal, cada um com a sua própria igreja. Igrejas eram boas; ele enviou muitos olheiros a um campanário em seus dias.

*Onde seria mais provável que William estivesse?* Desarmado e incapaz de lutar, as chances eram de que ele estivesse com Clinton. É onde ele *deveria* estar. Mas ele conhecia seu filho.

—Infelizmente— ele murmurou. Ele, sem hesitar, deitou-se na vida e a honra para William. Isso não quer dizer que ele estava satisfeito com a perspectiva de ter de fazê-lo.

Concedido, a circunstância atual não era culpa de William. Ele teve que admitir relutantemente que era pelo menos em parte, sua própria. Ele permitiu que William fizesse o trabalho de inteligência para Ezequiel Richardson. Ele deveria ter olhado mais de perto em Richardson...

O pensamento de ter sido seduzidos pelo homem era quase tão perturbador quanto o que Percy dissera.

Ele só podia esperar para correr para Richardson, em circunstâncias que permitiriam a ele matar o homem discretamente. Mas se tinha que ser ao meio-dia em plena vista do general Clinton e sua equipe tão idiota que fosse.

Ele foi inflamado em cada detalhe do seu ser, sabia disso, e não se importava.

Há homens chegando, surdo até a estrada atrás dele. Americanos, desordenados, com vagões ou caixões. Ele deu um passo para fora da estrada e ficou parado na sombra de uma árvore, esperando por eles para passar.

Era um grupo de continentais, puxando um canhão. Bem menor: dez armas, e apenas quatro libras. Puxado por homens, e não mulas. Era a única artilharia que ele viu no decorrer da manhã, embora; era tudo Washington possuía?

Eles não o notaram. Ele esperou alguns minutos, até que estivessem fora de vista, e seguiu em seu rastro.

Ele ouviu mais canhões, de alguma forma à sua esquerda, e fez uma pausa para escutar. Britânico, por Deus! Ele teve um pouco a ver com a artilharia, no início de sua carreira militar, e ao ritmo de uma equipe de arma de trabalho foi incorporado em seus ossos.

*Pedaço de esponja!*

*Carregar pedaço!*

*Bater!*

*Fogo!*

Uma unidade de artilharia única. Dez libras, seis deles. Eles tinham algo na faixa, mas não estavam sendo atacados; o disparo foi esporádico, não a do combate quente.

Embora, para ser justo, qualquer esforço físico fosse o que fosse tinha que ser descrito como *quente* hoje. Lançou-se em uma mancha de árvores, exalando em relevo na sombra. Ele estava pronto para expirar em seu casaco preto e tirar em um momento de relaxamento. Atrevendo-se a abandonar a maldita coisa completamente?

Ele viu um grupo de milícia antes, mangas de camisa, alguns com lenços amarrados sobre as suas cabeças contra o sol. Revestido, porém, ele pode blefar seu caminho como uma milícia e um cirurgião que a roupa cheirava mal o suficiente.

Ele trabalhou a língua, trazendo um pouco de saliva a boca seca. Por que diabo ele não pensou em trazer uma cantina quando ele fugiu? A sede decidiu fazer a sua jogada agora.

Vestido como estava, ele poderia muito bem ser baleado por qualquer soldado de infantaria ou de dragão que ele visse, antes que ele pudesse dizer uma palavra. Mas enquanto canhão eram muito eficazes, de fato contra um inimigo reunido, eles eram quase inúteis contra um único homem, como o objetivo não podia ser modificado rapidamente o suficiente para suportar, a não ser que o homem fosse tolo o suficiente para avançar em uma linha reta e Grey não *era* tolo.

Concedido, o oficial encarregado da tripulação de cada arma estaria armado com espada e pistola, mas um único homem se aproximando da uma unidade de artilharia a pé e poderia ter um perigo concebível; puro espanto provavelmente deixando ao alcance da voz. E pistolas eram tão imprecisas em qualquer coisa a mais de dez passos, e ele não estava arriscando muito de qualquer maneira, ele argumentou.

Ele apressou o passo, tanto quanto pôde um olhar atento para fora. Havia um monte de tropas continentais em sua vizinhança agora, marchando furiosamente. Os frequentadores iria levá-lo para andar ferido, mas ele não ousou tentar render-se às linhas britânicas enquanto o combate foi acompanhado, ou ele estaria morto a pé em pouco tempo.

A artilharia no pomar podia ser sua melhor chance, de arrepiar os cabelos como estava andando nas bocas dos canhões. Com um palavrão abafado, ele colocou os sapatos de volta e começou a correr.

Ele correu de frente a uma companhia da milícia, mas eles estavam indo para algum lugar no trote e não deram mais do que um olhar superficial. Ele desviou de lado em uma cerca viva, onde se debateu por um momento antes de romper. Ele estava em um campo estreito, muito pisoteado, e do outro lado do que era um pomar de maçã, apenas as copas das árvores, mostrando acima de uma pesada nuvem de fumaça de pó branco.

Ele teve um vislumbre de movimento para além do pomar e arriscou alguns passos de lado para olhar, então se abaixou de volta às pressas fora da vista. A milícia americana, homens com camisas de caça ou caseira, alguns sem camisa e brilhando de suor. Eles estavam se concentrando lá, provavelmente planejando uma corrida para o pomar por trás, na esperança de capturar ou desativar as armas.

Eles estavam fazendo uma boa dose de ruído, e as armas de fuzilamento pararam. Claramente os artilheiros sabiam que os americanos estavam lá e estariam se preparando para resistir. Não era o melhor momento para vir chamar, então...

Mas então ele ouviu os tambores. Bem ao longe, a leste do pomar, o som alto com clareza. Infantaria britânica em marcha. Uma perspectiva melhor do que a artilharia no pomar. Movimento, infantaria não estaria disposta ou preparada para disparar em um único homem, desarmado, não importa como ele estava vestido. E se ele pudesse chegar perto o suficiente para atrair a atenção de um oficial... mas ele ainda teria que atravessar o campo

aberto abaixo do pomar, a fim de alcançar a infantaria antes de eles marchassem fora de alcance.

Mordendo o lábio, exasperado, ele empurrou através da sebe e correu por entre as nuvens de fumaça à deriva. Um tiro quebrou o ar demasiado perto dele. Ele se jogou na grama por instinto, mas, em seguida, pulou e correu de novo, tentando recuperar o fôlego. Cristo havia atiradores no pomar, defendendo o canhão! *Caçadores*.

Mas a maioria dos atiradores deviam estar voltado para o outro lado, prontos para atender a coleta da milícia, para não mais tiros virem do lado de cá do pomar. Ele abrandou, apertando a mão para o ponto em seu lado. Ele passou o pomar agora. Ele ainda podia ouvir os tambores, embora eles estivessem se afastando... continuando, continuando...

—Hoy! Você aí! —Ele *deveria* ter continuado, mas, falta de ar e não ter a certeza quem estava chamando, parou por um instante, no meio da viragem. Apenas a metade, porque um corpo sólido arremessou pelo ar e derrubou.

Ele bateu no chão em um cotovelo e já estava a braços e cabeça do homem com a outra mão, cabelo gorduroso molhado deslizando por entre os dedos. Ele apontou para o rosto do homem que se contorcia como uma enguia debaixo de seu peso, joelhadas do companheiro no estômago quando ele se moveu, e fez dele balançando a seus pés.

—Pare aí! — A voz falhou absurdamente, atirando-se em um falsete, e assustou ele para que ele o *fizesse* parar, ofegante.

—Vocês... sem conta... imundo... —O homem não, por Deus, era um menino! Quem o derrubou foi ficando de pé. Ele tinha uma grande pedra na sua mão; seu irmão, que tinha que ser seu irmão; eles pareciam duas ervilhas em uma vagem, tanto metade crescidas e desajeitadas como perus e tinham um bom tamanho.

A mão de Grey foi até a cintura quando ressuscitou pronto para tirar a adaga que Percy dera. Ele viu estes meninos antes, pensou os filhos do comandante de uma das companhias da milícia de New Jersey? E, em vez de forma clara, que o viu antes, também.

—Traidor! — Um deles gritou com ele. —Porra sangrento *espião* —Eles estavam entre ele e a companhia de infantaria distante; o pomar estava em suas costas, e os três estavam bem dentro do alcance de qualquer atirador de Hesse que passasse a olhar em sua direção.

—Olhe... — ele começou, mas pode ver que era inútil. Algo aconteceu; eles estavam enlouquecidos com algo de terror, raiva, tristeza? Que fez

mudar suas características como a água e os seus membros tremendo com a necessidade de fazer alguma coisa imediata e violenta. Eles eram meninos, mas tanto mais alta que ele e bastante capaz de fazer o dano que claramente pretendia.

—General Fraser — disse em voz alta, com a esperança de pará-los na incerteza. —Onde está o general Fraser?

### ***Capítulo 77 - O Preço da queimadura de Sienna***

—As companhias e todos os presentes, senhor!— Robert MacCammon correu ofegante. Ele era um homem corpulento, e até mesmo os campos suaves e prados eram difíceis para ele; as manchas escuras em suas axilas eram do tamanho de pratos de jantar.

—Sim, muito bom. — Jamie olhou além do major MacCammon e viu a companhia do tenente Herbert emergindo de um pequeno bosque, olhando com cautela rodada, com as armas nas mãos. Eles estavam fazendo bem, não treinado como eles eram, e que estava satisfeito com eles.

*Senhor deixe-me levá-los da melhor forma possível.*

Esta oração mal formou em sua mente, ele se virou para olhar para o ocidente, e congelou. Na encosta abaixo dele, não mais de uma centena de metros de distância, viu os dois meninos Craddock, armados com uma pedra e um pedaço de pau, respectivamente, ameaçando um homem cujo estava de costas para ele, mas cuja cabeça nua e cortada era instantaneamente reconhecível, mesmo sem o curativo manchado amarrado em volta dele.

Então ele viu Grey levando a mão à cintura e sabia, sem sombra de dúvida de que era uma faca que ele pegou.

—*Craddock!*— ele gritou, e os meninos começaram a ambos. Largou a pedra e abaixou-se para pegá-la novamente, expondo o pescoço magro de Grey. Grey olhou para a extensão vulnerável de carne, olhou friamente para o menino mais velho, segurando sua bengala como um bastão de cricket, em seguida, subiu a encosta para Jamie, e deixou as duas mãos e ombros caírem.

—*Ifrinn!*— Jamie murmurou sob sua respiração. —Fique aqui— disse brevemente para Bixby, e correu para baixo da encosta, tropeçando e

abrindo caminho através de um crescimento grosso de amieiros que deixava a seiva pegajosa toda em suas mãos.

—Onde o diabo está sua companhia?— Ele exigiu, sem preâmbulo, respirando com dificuldade, quando veio com os meninos e Grey.

—Oh. Er... —O Craddock mais jovem olhou para o seu irmão para responder.

—Nós não poderíamos encontrá-los, senhor— disse o garoto mais velho, e engoliu em seco. —Nós estávamos procurando, quando nos deparamos com um grupo de casacas vermelhas e tivemos que correr muito rápido para fugir.

—Então o vimos— O mais novo disse Craddock, empurrando o queixo em Grey. —Todo mundo no acampamento disse que ele era um espião de casaca vermelha, e, com certeza, lá estava ele, com eles, acenando e chamando para fora.

—Então pensamos que era o nosso dever de detê-lo, senhor— o menino mais velho falou ansioso para não ser ofuscado por seu irmão.

—Sim, eu vejo. — Jamie esfregou o ponto entre as sobrancelhas, que pareciam como se um pequeno nó doloroso se formasse lá. Ele olhou por cima de seu ombro. Os homens ainda estavam em execução a partir do sul, mas o resto da companhia de Craddock estava quase todo lá, moendo e olhando ansiosamente em sua direção. Não era à toa: ele podia ouvir os tambores britânicos, ao alcance da mão. Sem dúvida que era a companhia que os meninos estavam e Grey vinha fazendo.

—*Wenn ich etwas dürfte sagen*— Grey disse em alemão, com um olhar para o Craddocks. *Se eu pudesse falar...*

—Você não pode senhor— respondeu Jamie, com alguma severidade. Não havia tempo, e se estes dois estúpidos pequenos sobrevivessem para voltar para o acampamento, eles contariam tudo o que se passara entre Grey e ele para quem quisesse ouvir. A última coisa que ele podia ter era eles o denunciando e envolvendo em confabulação estrangeira com um espião Inglês.

—Estou em busca do meu filho!— Grey mudou para o Inglês, com outro olhar sobre a Craddocks. —Tenho razões para acreditar que ele está em perigo.

—Então, está todo mundo aqui— Jamie respondeu com uma vantagem, embora seu coração estremecesse em seu peito. Então foi por isso que Grey quebrou a condicional. —Em perigo de que?

—Senhor! *Sir!*—A voz de Bixby estava gritando do outro lado dos amieiros, alta e urgente. Ele tinha que ir, e rapidamente.

—Vindo, Sr. Bixby— gritou. —Por que você não o mata— ele perguntou abruptamente a Grey, e sacudiu a cabeça em direção a Craddocks. —Se você tem por eles, você poderia ter feito isso.

Uma sobrancelha arqueou justamente acima da faixa sobre o ruim olho de Grey.

—Você me perdoa por Claire, mas não por matar os seus... homens. — Ele olhou para os dois Craddocks, manchados como um par de pudins de passas e Grey olhava implicitamente provável de não mais brilhante.

Por uma fração de segundo, a vontade de socá-lo novamente subiu acima das entranhas de Jamie, e para a mesma fração de segundo, o conhecimento do que mostrava no rosto de John Grey. Ele não vacilou, e seu olho bom se arregalou de um olhar azul-claro. Desta vez, ele ia lutar.

Jamie fechou os olhos por um instante, forçosamente definindo a raiva de lado.

—Vá com este homem— disse aos Craddocks. —Ele é seu prisioneiro. — Ele puxou uma das pistolas do cinto e apresentou ao Craddock mais velho, que o recebeu com os olhos arregalados de respeito. Jamie não se incomodou em dizer ao rapaz que não estava nem carregada nem preparada.

—E você— ele disse uniformemente para Grey. —Vá com eles atrás das linhas. Se os rebeldes ainda mantêm Englishtown, oriente lá.

Grey assentiu os lábios comprimidos, e se virou para ir embora.

Ele estendeu a mão e pegou Grey pelo ombro. O homem virou com sangue nos olhos.

—Ouça-me— disse Jamie, falando alto o suficiente para ter certeza de que os meninos Craddock podiam ouvi-lo. —Eu revoguei sua condicional. — Ele fixou o brilho único dos olhos em Grey com um dos seus próprios. —Você me entende? Quando você chegar a Englishtown, você se rende ao capitão McCorkle.

A boca de Grey se contraiu, mas ele não disse nada e deu um mero aval de reconhecimento antes de se virar.

Jamie virou-se, também, correndo para suas companhias à espera, mas arriscou um único olhar por cima do ombro.

Espantando o Craddocks antes dele, estranho e batendo como um par de gansos com destino ao mercado, Grey foi dirigido de forma inteligente para

o sul, em direção à América pelas linhas onde o conceito de *linhas* tinha qualquer sentido nesta batalha maldita.

Grey certamente compreendeu, e apesar da presente emergência, um peso tirado de coração de Jamie. Com a sua liberdade condicional revogada, John Grey era mais uma vez um prisioneiro de guerra, sob a custódia de seus carcereiros, oficialmente, sem liberdade de movimento. Mas também, sem a obrigação de honra que iria mantê-lo prisioneiro em sua própria fiança. Sem liberdade condicional, seu principal dever era agora o de qualquer soldado escapando nas mãos de seu inimigo.

—*Senhor!*— Bixby chegou ao seu ombro, ofegante. —Há casacas vermelhas...

—Sim, Sr. Bixby. Eu ouvi. Vamos tê-los, então.

**Se não fosse pelo livro de colorir, eu não poderia ter notado imediatamente. Na terceira ou quarta série que Brianna tinha um livro para colorir com cenas da Revolução Americana. Limpas cenas românticas adequadamente de Paul Revere voando durante a noite em um cavalo a galope, Washington cruzando o Delaware, enquanto exibia (como Frank apontava) a lamentável falta de marinaria... e um desenho duplo paginado com Molly Pitcher, aquela mulher valente que levou água para as tropas atingidas pelo calor (página da esquerda), e em seguida, tomou o lugar de seu marido ferido para servir seu canhão (página da direita) na batalha de Monmouth.**

Quando me dei conta, era muito provável que a batalha que estivesse engajada e que ia ser chamada assim, uma vez que ninguém fez nada para nomeá-la. O tribunal de Monmouth não estava a mais de meia milha da minha posição atual.

Limpei meu rosto uma vez mais e esse gesto não fez nada pela transpiração, que foi renovada imediatamente, mas a julgar pelo estado dos meus três lenços encharcados, estava retirando uma grande quantidade de sujeira do meu rosto e olhando para o leste onde eu ouvi distantes tiros de canhão a maior parte do dia. Ela estava lá?

—Bem, George Washington está certamente— murmurei para mim mesmo, derramando uma chávena de água e voltando para o meu trabalho enxaguando panos sangrentos em um balde de água salgada. —Por que não Molly Pitcher?

Era um quadro complicado de cor, e como Bree acabava de chegar à fase em que ela insistia que as coisas fossem de cores *reais*, o canhão

**não podia ser rosa ou laranja, e Frank gentilmente elaborou vários canhões brutos em uma folha de papel e tentei de tudo, de cinza (com nuances de preto, azul, azul-violeta, e mesmo roxo) para marrom, com tonalidades de ouro queimado, antes de finalmente aceitar a opinião de Frank como a historicidade real de canhão sendo timidamente avançando no preto com nuances verde escuro.**

**Na falta de credenciais que fui relegada para coloração na grama, embora eu também tivesse que ajudar com o sombreamento dramático da Sra. Pitcher estava asperamente fluindo de suas roupas, uma vez que Brianna se cansou dele. Eu olhei para cima, o cheiro de lápis de cor forte na minha memória, e vi um pequeno grupo vindo pela estrada.**

Havia dois continentais regulares e um homem em que eu reconheci com o uniforme verde-claro de Verdes de Skinner, um regimento Provincial Legalista. Ele estava mal cambaleando, embora apoiasse em ambos os lados pelos Continentais. O menor deles também parecia estar ferido; ele tinha um lenço manchado de sangue envolvido em torno de um braço. O outro estava olhando de um lado para outro como se em guarda, mas não parecia estar ferido.

No começo eu olhei para o Provincial, que devia ser um prisioneiro. Mas então eu olhei mais de perto para o Continental ferido apoiando. E com Molly Pitcher de forma tão clara e recentemente em mente, eu percebi com um pequeno choque que a Continental era uma mulher. O revestimento do Continental cobria seus quadris, mas eu podia ver claramente a maneira pela qual as pernas inclinadas em direção ao joelho; fêmur de um homem correndo em linha reta para cima e para baixo, mas a largura da bacia pélvica da mulher obrigava a uma posição ligeiramente dobrada dos joelhos.

Também ficou claro, no momento em que me chegou que os soldados feridos foram relacionados: ambos eram baixos e magros, com queixos quadrados e os ombros inclinados. O Provincial era definitivamente masculino, embora seu rosto estivesse densamente estudando enquanto sua... irmã? Eles pareciam perto de idade... Eram claro de pele como um ovo e quase tão branco.

O Provincial não era. Ele estava vermelho como um alto-forno e quase tão quente ao toque. Seus olhos eram fendas brancas, e balançou a cabeça em seu pescoço delgado.

—Ele está ferido?— Eu perguntei bruscamente, colocando a mão sob seu ombro para sentá-lo em um banquinho. Ele estava mancando no momento que suas nádegas tocaram e teria caído no chão se eu não tivesse apertado o meu controle. A menina deu um suspiro assustado e estendeu a mão para ele, mas ela também cambaleou e teria caído, se o outro homem não agarrasse pelos ombros.

—Ele levou uma pancada na cabeça— disse o macho Continental. —Eu acertei com o punho da minha espada. — Essa admissão foi feita com algum embaraço.

—Ajude-me a deitá-lo. — Eu passei a mão sobre a cabeça do Provincial, detectando, uma ferida contundida feia em seu cabelo, mas não encontrei nenhuma crepitação, não tendo sentido de uma fratura do crânio. Concussão, provável, mas talvez não pior. Ele começou a se contorcer sob a minha mão, porém, e na ponta de sua língua saía de sua boca.

—Oh, querida— eu disse, em voz baixa, mas não o suficiente abaixo, para a menina dar um pequeno grito desesperado.

—É insolação— eu disse a ela de uma vez, esperando que isso fosse soar reconfortante. A realidade era muito longe disso; uma vez que entrasse em colapso e caísse em convulsões, geralmente morriam. Sua temperatura central estava muito acima do que os sistemas do corpo podiam tolerar, e aproveitando assim muitas vezes era uma indicação de que os danos cerebrais começaram a ocorrer. Ainda...

—Dottie— eu gritava, e fiz gestos urgentes para ela, em seguida, virei para o soldado com muito medo pelos sons do futuro Continental. —Veja aquela jovem de cinza? Arraste para a sombra onde ela está; ela vai saber o que fazer. —Era simples. Despeje a água sobre ele e, se possível, nele. Essa foi à soma total do que se *poderia* fazer. Enquanto isso...

**Peguei a menina pelo braço não ferido e sentei-a no banco, apressadamente derramando mais do que restava da minha garrafa de conhaque em um copo. Ela não parecia como se tivesse muito sangue do lado.**

**Ela não tinha. Quando recebi o cachecol enrolado, e descobri que a mão estava faltando, e o antebraço gravemente mutilado. Ela não sangrou até a morte só porque alguém torceu uma rodada do cinto em seu braço e prendeu o torniquete apertado com um golpe de pau com ele. Foi há muito tempo desde que eu desmaiei à vista de qualquer**

coisa, e eu não fiz agora, mas tive um breve momento em que o mundo mudou sob os meus pés.

—Como é que você fez isso, querida?— Eu perguntei, com toda a calma possível. —Aqui, beba isso.

—Uma granada— ela sussurrou. Sua cabeça foi mandada para trás, para não ver o braço, mas orientando o copo aos lábios e bebeu, engolindo a mistura de conhaque e água.

—Ela pegou-o— disse uma voz baixa e abafada no meu cotovelo. Um dos outros Continentais estavam de volta. — Ela rolou pelo meu pé, e ela a pegou.

A menina virou a cabeça em sua voz, e eu vi o seu olhar angustiado.

—Ela veio para o exército por sua causa, eu suponho?— É evidente que o braço teria de ser amputado, não havia nada abaixo do cotovelo, que poderiam ser salvo, e deixá-lo neste estado era a condenação à morte por infecção ou gangrena.

—Não, eu não fiz isso!— A menina disse, bufando para respirar. — Phil... — Ela engoliu em seco o ar e virou a cabeça para olhar em direção às árvores. —Ele tentou me fazer ir com ele. Legalista c... camp... seguidor. Não o faria. —Com tão pouco sangue restante no corpo, ela estava tendo problemas para reter oxigênio suficiente. Eu enchi o copo e a fiz beber de novo, ela começou a cuspir e balançar, mas mais alerta. —Eu sou uma patriota!

—Eu sei. Ele... — Eu balancei a cabeça em direção à estação de Dottie sob as árvores. —Seu irmão?

Ela não tinha forças para acenar, mas fechou os olhos brevemente em aquiescência.

—Seu pai morreu logo depois Saratoga — o jovem parecia completamente miserável. Cristo, ele não poderia ter mais de dezessete anos, e ela parecia ter quatorze anos, porém ela deveria ser mais velha. —Phillip já tinha ido embora, ele rompeu com seu pai quando ele se juntou aos inspetores. Eu... — Sua voz falhou e ele fechou a boca dura, e tocou o cabelo.

—Qual é o seu nome, querida?— eu disse. Afrouxei o torniquete para verificar se ainda havia fluxo sanguíneo para o cotovelo, não havia. Possivelmente, o conjunto poderia ser salvo.

—Sally— ela sussurrou. Seus lábios estavam brancos, mas seus olhos estavam abertos. —Sarah. — Todas as minhas serras de

**amputação estavam na igreja com Denzell eu não podia mandá-la lá para dentro. Eu enfiei a cabeça uma vez, e quase fui derrubada pelo grosso cheiro de sangue e excremento ainda mais na atmosfera de dor e terror e os sons da carnificina.**

**Tinham mais feridos chegando ao longo da estrada, alguém teria de cuidar deles. Eu hesitei por não mais do que um minuto.**

Tanto Rachel e Dottie tinham a determinação necessária para lidar com as coisas e a presença física de comandar pessoas desesperadas. A forma de Rachel veio de meses de experiência em Valley Forge, a de Dottie de mais de um hábito de expectativa autocráticas com as pessoas, naturalmente, fazendo o que ela queria. Ambos inspiravam confiança, e eu estava orgulhosa delas. Entre elas, estavam administrando bem como seria de esperar, e eu pensei muito melhor do que os cirurgiões e seus assistentes na igreja, ainda que estes foram louvavelmente rápida sobre seu negócio sangrento.

—Dottie!— Eu chamei de novo, e acenei. Ela se levantou e veio no trote, enxugando o rosto no avental. Vi olhar para a menina Sarah, em seguida, virar com um breve olhar sobre os corpos na grama, e voltar com um olhar em que a curiosidade, horror, e uma compaixão desesperada misturada. Assim, o irmão já estava morto, ou morrendo.

—Vá e pegue Denzell, Dottie— eu disse, movendo-se um pouco para que ela pudesse ver o braço mutilado. Ela virou branco e ingestão. —Diga a ele para trazer o meu arco-frame de serra e uma pequena pinça.

Sarah e o jovem fizeram pequenos suspiros de horror para a palavra *vá* e, em seguida, mudando rapidamente, tocando, finalmente, agarrando pelo ombro pelo som.

—Você vai ficar bem, Sally— disse ferozmente. —Eu vou me casar com você! Não vou me fazer de cego com essa diferença. Quero dizer seu, seu braço. —Ele engoliu em seco, duro, e eu percebi que ele precisava de água, também, e passei o cantil.

—Como... inferno — disse Sally. Seus olhos eram escuros e brilhantes como carvão não queimado em seu rosto branco. —Eu não vou casar por piedade. Droga... você. Nem tem culpa. Não faça isso... preciso de você!

O rosto do rapaz estava em branco com surpresa e, pensei, afronta.

—Bem, do que você vai viver?— Ele perguntou, indignado. —Você não possui uma coisa neste mundo, mas esse uniforme idiota! Você, você... —

Ele bateu um punho na perna em frustração. —Você não pode mesmo ser uma prostituta, com um braço!

Ela olhou para ele, respirando lento e duro. Depois de um momento, um pensamento atravessou seu rosto e ela acenou com a cabeça um pouco e virou-se para mim.

—Você acha o poderio do exército... pagaria... uma pensão? — ela perguntou.

Eu podia ver Denzell agora, mas recolhida, apressando-se em todo o cascalho com a caixa de instrumentos cirúrgicos sujos de sangue. Eu teria vendido minha alma por éter ou láudano, mas não tinha nenhum dos dois. Respirei profundamente.

—Eu espero que sim. Eles iam dar a Molly Pitcher uma; por que não a você?

### ***Capítulo 78 - No Lugar Errado, Na Hora Errada.***

William tocou seu queixo delicadamente, congratulando-se que Tarleton só conseguiu bater na cara uma vez, e que não foi no nariz. Suas costelas, braços e abdômen eram outra questão, e suas roupas estavam enlameadas e sua camisa suja, mas não seria aparente para um observador casual que ele estivesse em uma luta. Ele *poderia* fugir com ele, enquanto o capitão André não viesse mencionar a expedição para a Legião britânica. Afinal, Sir Henry tinha as mãos cheias durante a manhã, se metade do que William ouviu ao longo de seu caminho era verdade.

Um capitão de infantaria ferido em seu caminho de volta ao acampamento disse ver Sir Henry, no comando da retaguarda, levar uma acusação contra os norte-americanos, ficando até agora na frente quando quase foi capturado antes que os homens por trás viessem até ele. William queimou, ouvindo isto, ele teria gostado de ser parte disso. Mas pelo menos ele não ficou na tenda dos funcionários...

Ele não estava mais que um quarto de milha ao longo de seu caminho de volta para a brigada de Cornwallis quando Goth jogou um sapato. William disse algo muito ruim, parou e desceu para dar uma olhada. Ele encontrou o sapato, mas dois pregos estavam e não virou uma rápida busca; nenhuma chance de martelar novamente com o salto da bota, que foi o seu primeiro pensamento.

Ele enfiou o sapato no bolso e olhou em volta. Soldados invadiram em todas as direções, mas havia uma companhia de granadeiros de Hesse, no lado oposto da ravina, formando-se na ponte. Ele liderou Goth, pisando cautelosamente.

—Hallo[33]— ele falou para o companheiro mais próximo. —*Wo ist der nächste Hufschmied*[34]?

O homem olhou com indiferença para ele e deu de ombros. A jovem, porém, apontou outro lado da ponte e gritou: — *Zwei Kompanien hinter uns kommen Husaren!!— Húngaros estão chegando, duas companhias por trás!*

—*Danke*[35]!— William falou de volta, e levou Goth para a sombra escassa de um bosque de pinheiros fino. Bem, isso foi sorte. Ele não teria que andar a cavalo um longo caminho; ele poderia esperar o ferrador e sua carroça para chegar a ele. Ainda assim, ele preocupava com a demora.

Cada nervo estava apertado como uma sequencia de cravo; ele continuava tocando seu cinto, onde as armas seriam normalmente. Ele podia ouvir os sons de tiros de mosquete ao longe, mas não conseguia ver nada. A zona rural estava dobrada como uma dobradura, rolando e mergulhando no prado de repente em ravinas arborizadas, então saltando para trás para fora, apenas para desaparecer novamente.

Ele cavou o lenço, tão encharcado por agora que servia apenas para espalhar o suor de seu rosto. Ele pegou um leve sopro de frescor flutuando acima do riacho, a quarenta metros abaixo, e andou mais perto da borda, na esperança de mais. Ele bebeu água morna de seu cantil, desejando que ele pudesse embaralhar e beber da corrente, mas ele não tinha coragem; ele podia descer a encosta íngreme, sem problemas, mas voltar seria uma escalada difícil, e ele não podia arriscar perder o ferrador.

—*Er spricht Deutsch. Er gehört*[36]! — Ouviu o quê? Ele não estava prestando atenção à conversa esporádica dos granadeiros, mas estas palavras sibilavam vindas claramente, e ele olhou em volta para ver quem era que eles estavam conversando que falava alemão, só para ver dois dos granadeiros muito perto atrás dele. Um deles sorriu nervosamente para ele, e ele endureceu.

De repente, mais dois estavam lá, entre ele e a ponte. — *Was ist hier los?* — ele exigiu bruscamente. — *Was macht Ihr da? — O que é isso? O que você está fazendo?*

Um sujeito corpulento fez uma cara de desculpas.

—*Verzeihung. Ihr seid hier falsch.*

*Estou no lugar errado?* Antes de William poder dizer algo mais, eles chegaram nele. Ele deu uma cotovelada, socos e chutes, e intrometeu descontroladamente, mas não durou mais do que alguns segundos. Mãos puxaram seus braços para trás, e o companheiro corpulento disse que mais uma vez, —*Verzeihung*[37]— e, ainda à procura de desculpas, bateu na cabeça com uma pedra.

Ele não perdeu a consciência por completo até que ele bateu no fundo da ravina.

Havia o diabo de muita luta, Ian pensou, mas era tudo o que você poderia dizer sobre isso. Havia uma boa quantidade de movimento, particularmente entre os norte-americanos e sempre que se encontrava com um grupo de casacas vermelhas, havia combate, luta muitas vezes feroz. Mas a paisagem era tão irregular, os exércitos raramente se reuniram em qualquer lugar em grande número.

Ele encontrou o seu caminho em torno de várias companhias de infantaria britânica, mais ou menos de emboscada, no entanto, e para além desta vanguarda eram um bom número de britânicos, bandeiras regimentais no meio deles. Ajudaria saber quem estava no comando aqui? Ele não tinha certeza se poderia dizer, mesmo que ele estava perto o suficiente para fazer os detalhes das bandeiras.

Seu braço esquerdo doía, e ele esfregou distraidamente. A ferida machada curou bem, embora a cicatriz ainda estivesse levantada e terna, mas o braço ainda não recuperou algo parecido com sua força total, e perder uma flecha no meio dos escudeiros índios antes deixou os músculos trêmulos e saltando, com uma queima profunda no osso.

—Melhor não tentar isso de novo— ele murmurou para Rollo, então lembrou que o cão não estava com ele.

Ele olhou para cima e descobriu que um dos batedores índios *estava* com ele, no entanto. Ou pelo menos ele achava que sim. Vinte metros de distância, um guerreiro Abenaki sentado em um pônei ossudo, olhando para Ian, pensativo. Sim, Abenaki, ele tinha certeza disso, ao ver o couro cabeludo raspado limpo de sobrancelhas a coroa e a faixa de tinta preta através dos olhos, os brincos longos que escovavam os ombros do homem, a sua reluzente cara ao sol.

Mesmo que ele fizesse essas observações, ele mudou sua própria montaria, em busca de abrigo. O corpo principal dos homens estava boas

duas centenas de metros distantes, em aberto prado, mas havia estandes de castanha e álamo, e talvez uma meia milha de volta do jeito que ele veio à terra de mergulhando em uma das grandes ravinas. Não faria ser preso no chão baixo, mas se ele tivesse liderança suficiente, era uma boa maneira de desaparecer. Ele chutou seu cavalo de forma acentuada e atirou, transformando deixando abruptamente quando eles passaram um pedaço grosso e uma coisa boa, também, porque ele ouviu algo pesado passado à cabeça e indo colidir. Atirando a flecha? Tomahawk[38]?

Não importava; a única coisa importante era que o homem que jogou já não estava segurando. Ele olhou para trás, no entanto, e viu o segundo Abenaki de volta ao bosque do outro lado, pronto para interromper. O segundo gritou alguma coisa e os outros gritos responderem a caça. *Fera em vista.*

—*Cuidich mi, um Dhia!*— ele disse, e enfiou os calcanhares duro para os lados de seu cavalo. A nova égua era um bom cavalo, e eles fizeram isso fora do campo aberto, atravessando um pequeno bosque de árvores e saindo do outro lado para encontrar uma cerca de trilho diante deles. Estava muito perto para parar, e eles não fizeram; o cavalo baixou os posteriores e sobrevoou de volta os cascos coratando o trilho superior com um sólido *Whank!* Que fez Ian morder a língua.

Ele não olhou para trás, mas curvou-se sobre o pescoço do cavalo, e eles correram abertos para a terra curva que podia ver diante de si, caindo. Ele virou-se e correu em um ângulo, não querendo bater na borda do barranco em frente, para o caso de ser íngreme apenas lá... Nenhum som de trás salvar o estrondo e choque da aglomeração exército. Não há gritos, sem chamadas de caça de Abenaki.

Lá estava ele a grossura que marcava a beira do barranco. Ele diminuiu e agora arriscou um olhar por cima do ombro. Nada e ele respirou e deixou o cavalo desacelerar para uma caminhada, escolhendo o seu caminho ao longo da borda, à procura de uma boa maneira de descer. A ponte era apenas visível acima dele, talvez cinquenta metros de distância, mas ninguém estava sobre ele ainda.

Ele podia ouvir os homens que lutam na ravina, talvez trezentos metros de onde ele estivesse, mas havia crescimento suficiente para estar escondido deles. Apenas uma briga, a partir do som que ele ouviu ou viu que uma dúzia de vezes já hoje; os homens de ambos os lados, impulsionados pela

sede até os riachos que esculpiu as ravinas, ocasionalmente reunidos e indo para o outro em um respingo sangrento entre os baixios.

O pensamento disso lembrou sua própria sede e do cavalo, onde a criatura estava esticando o pescoço, narinas avidamente queimando ao sentir o cheiro de água.

**Ele escorregou e liderou o caminho até a beira do riacho, cuidado com pedras soltas e terra a pantanosa na margem do riacho aqui principalmente lama macia, afiada com esteiras de lentilha e pequenos canaviais. Um vislumbre de vermelho chamou sua atenção e ele ficou tenso, mas era um soldado britânico, de bruços na lama e claramente morto, com as pernas balançando na corrente.**

**Ele tirou seus mocassins para entrar na água; o riacho era bastante grande aqui e apenas alguns metros de profundidade, com um fundo lodoso; ele afundou até os tornozelos. Ele superou mais uma vez e levou o cavalo mais para cima do barranco, à procura de uma melhor posição, embora a égua estivesse desesperada por água, empurrando Ian com a cabeça; ela não iria esperar muito tempo.**

**Os sons da batalha desapareceram; ele podia ouvir os homens lá em cima e um pouco distante, mas nada no próprio barranco mais.**

**Não, isso faria. Ele deixou as rédeas do cavalo cair, e se lançou para o riacho, estava com suas patas dianteiras afundadas na lama, mas seus pés traseiros sólidos em um pedaço de cascalho, felizmente engolindo água. Ian sentiu a força da água quase tanto e caiu de joelhos, sentindo o frio feliz, uma vez que embebido sua influência e nas calças, que sensação desaparecendo instantaneamente para o nada quando segurou suas mãos e bebeu, e segurou e bebeu de novo e de novo, sufocando agora e, em seguida, em um esforço para beber mais rápido do que ele poderia engolir.**

**Por fim, ele parou relutantemente e correu água sobre seu rosto e no peito; ele estava esfriando, embora a gordura de urso em sua pintura fizesse a água fugir de sua pele.**

**—Vamos lá— disse ao cavalo. —você estoura e guarda sobre esse, *amaidan*. —Demorou algum esforço, mas ele tinha o nariz do cavalo para fora do riacho, água e pedaços de grama verde escorriam para fora da boca frouxa de lábios quando o cavalo bufou e balançou a cabeça. Foi enquanto puxando a cabeça do cavalo em volta, a fim de levá-la até o banco que ele viu o outro soldado britânico.**

**Este estava deitado perto do fundo da ravina, também, mas não na lama. Ele estava deitado de barriga para baixo, mas com a cabeça virada para um lado, e...**

**—Och, Jesus, não —Ian jogou as rédeas de seu cavalo apressadamente em volta de um tronco de árvore e saltou para cima da encosta. Era, é claro. Ele sabia desde o primeiro vislumbre das pernas longas, o formato da cabeça, mas o cara era certo, mesmo mascarado com sangue como estava.**

William ainda estava vivo; seu rosto se contorceu sob os pés de uma meia dúzia de moscas pretas que se alimentam do sangue secando. Ian colocou a mão sob o queixo, o jeito que Tia Claire fazia, mas, sem nenhuma ideia de como encontrar um pulso ou o que uma boa pessoa deve parecer, levou embora novamente. William estava deitado à sombra de um grande sicômoro, mas sua pele ainda estava quente, e não podia deixar de estar, Ian pensou, mesmo que ele estivesse morto, em um dia como este.

Ele ressuscitou a seus pés, pensando rapidamente. Ele precisa obter o Demônio no cavalo, mas talvez melhor despi-lo? Tirar o casaco revelador, pelo menos? Mas e se ele fosse levá-lo de volta para as linhas britânicas, encontrando alguém lá para cuidar dele, levá-lo a um cirurgião? Isso era mais perto.

Ainda precisa tirar o casaco, ou o homem poderia morrer de calor antes que ele chegasse a lugar algum. Assim resolvido, ele ajoelhou-se de novo, e assim salvou sua própria vida. A tomahawk fragmentada bateu no tronco do sicômoro apenas onde sua cabeça esteve um momento antes.

E, um momento depois, um dos Abenaki correu para baixo da encosta e pulou em cima dele com um grito que criticou o mau hálito em seu rosto. Essa fração de segundo de advertência, porém, foi o suficiente para que ele estivesse com os pés debaixo e empurrasse de lado, levantando o corpo de Abenaki sobre seu quadril em um lance de luta livre desajeitado que desembarcou o homem na lama quatro pés de distância.

O segundo foi atrás dele; Ian ouviu os pés do homem no cascalho e as ervas daninhas e virando para enfrentar o golpe, pegando o golpe em seu antebraço, segurando a faca com a outra mão.

Ele pegou a lâmina, e assobiou por entre os dentes, uma vez que cortar na palma da mão e cortou o pulso do homem com o braço meio anestesiado. A faca abalou solta. Mão e faca estavam escorregadias com sangue; ele não

poderia se apossar do punho, mas começou afastado, ele virou-se e atirou-o tanto quanto ele poderia rio acima, e arremessou para dentro da água.

Em seguida, os dois estavam com ele, socando, chutando, e rasgando-o. Ele cambaleou para trás, perdeu o equilíbrio, mas não o controle sobre um dos seus atacantes, e conseguiu cair no riacho com o homem em cima dele. Depois disso, ele perdeu o controle.

Ele tinha um dos Abenaki de costas na água, estava tentando fervorosamente afogá-lo, enquanto o outro montou suas próprias costas e tentou por um braço ao redor de seu pescoço e, em seguida, houve um barulho do outro lado da ravina e tudo parou por um momento. Um monte de homens, movendo-se em uma espécie de forma desorganizada, ele podia ouvir os tambores, mas não havia um ruído como o mar distante, vozes incoerentes.

O Abenaki parou, também, apenas por um instante, mas isso foi o suficiente: Ian torceu, arremessando o homem de suas costas, e saltou desajeitadamente através da água, escorregando e afundando no fundo lamacento, mas chegou à costa e correu para a primeira coisa que encontrou seu olho um carvalho branco grande. Ele atirou-se para o tronco e segurando-se, agarrando ramos que estavam ao alcance de puxar a si mesmo mais alto, mais rápido, mais imprudente de sua mão ferida, a casca áspera raspando sua pele.

Os índios foram atrás dele, mas era tarde demais; um pulou e deu um tapa em seu pé descalço, mas não conseguiu ter controle, e ele tinha um joelho ao longo de um grande ramo e agarrou-se, ofegante, o tronco, a dez metros de altura. Seguro? Ele achava que sim, mas depois de um momento olhou para baixo com cautela.

O Abenaki lançou para lá e para cá como lobos, olhando para o ruído acima da borda da ravina, depois para Ian, então em todo o riacho em direção a William, e isso fez Ian enrolar. Deus, o que ele poderia fazer se eles devem decidir ir cortar a garganta do homem? Ele não tinha sequer tem uma pedra para jogar com eles.

A única coisa boa foi que nenhum deles parecia ter tanto uma arma ou um arco; devendo ter deixado as pessoas com os seus cavalos, lá em cima. Eles não podiam fazer nada além de atirar pedras *nele*, E eles pareciam inclinados.

Mais barulho de cima do *lote* de homens lá de cima; o que eles estavam gritando? O Abenaki abandonou abruptamente Ian. Eles espirraram para o

outro lado do córrego, suas calças agarradas com água e manchadas de lama negra, fez uma breve pausa para virar sobre William e vasculhar sua roupa, evidentemente, ele já foi roubado, pois eles não encontraram nada e, em seguida, o cavalo desatou e Ian com uma última chamada gozando *Mohawk* desapareceu com a égua em um crescimento de folhas de salgueiro.

Ian arrastou-se de uma mão até a encosta, arrastou a alguma distância, e em seguida, estabeleceu por um tempo sob um tronco caído à beira de uma clareira, manchas indo e vindo diante de seus olhos, como um enxame de mosquitos. Havia muita coisa acontecendo nas proximidades, mas nenhum delas perto o suficiente para causar preocupação imediata. Ele fechou os olhos, esperando que fizesse as manchas desaparecerem. Não, em vez de preto se transformaram uma constelação horrível nadando de rosa e bolhas amarelas que o fez querer vomitar.

**Ele rapidamente abriu os olhos novamente, a tempo de ver vários soldados Continentais enegrecidos pelo pó, despojado de suas camisas, alguns nus da cintura para cima, arrastando um canhão na estrada. Eles foram seguidos de perto por mais homens e outro canhão, todos cambaleando com o calor e branco de olhos com exaustão. Ele reconheceu o coronel Owen, tocando juntamente entre as engates, rosto coberto de fuligem definida em desespero infeliz.**

Uma sensação de agitação atraiu a atenção de Ian errante longe em direção a um grupo de homens, e ele percebeu com um leve sentimento de interesse de que era um grupo muito grande de homens, com um padrão de suspensão mole como um haggis sem recheio contra ele.

**Que por sua vez agitou seu reconhecimento. Com certeza, não era o general Lee, de nariz comprido e franzindo a testa, mas olhando muito forte, andando fora da massa em direção a Owen.**

Ian estava muito longe e havia muito barulho para ouvir uma palavra, mas o problema era óbvio a partir de gestos e indicação de Owen. Um seu canhão explodiu, provavelmente a partir do calor da queima, e outro estourou livre de sua ágil e estava sendo arrastado com cordas, seu metal raspando nas rochas, uma vez que vibrou junto.

Um senso de urgência fraca tentou reafirmar-se. *William*. Ele precisava contar a alguém sobre William. Claramente que não ia ser o britânico.

As sobrancelhas de Lee desenharam em seus lábios e diluíram, mas ele manteve a postura. Ele abaixou-se da sela para ouvir Owen;

agora ele balançou a cabeça, falou algumas palavras, e se endireitou. Owen enxugou uma luva em seu rosto e acenou para seus homens. Eles pegaram as cordas e inclinou-se para o peso, desconsolado, e Ian viu que três ou quatro com feridas, panos envoltos nas cabeças redondas ou mãos, uma com uma perna ensanguentada, uma mão em um dos canhões de apoio pulando meia.

Ian começou a ir agora, e ele estava desesperadamente sedento, apesar de ter bebido no riacho pouco tempo antes. Ele teve algum aviso para onde estava indo, mas, vendo o canhão de Owen descer a estrada, sabia que ele devia estar perto da ponte, embora fosse fora da vista. Ele se arrastou para fora de seu esconderijo e conseguiu ficar de pé, segurando-se no tronco, por um momento, enquanto sua visão ficou preta e branca e preta de novo.

William. Ele tinha que encontrar alguém para ajudar... mas primeiro ele tinha que encontrar água. Ele não podia viver sem ela. Tudo o que ele bebeu no riacho fugiu dele como suor, e ele estava ressecado até o osso.

Após várias tentativas, mas sem água chegou ao último soldado de infantaria que tinha duas cantinas penduradas em volta do pescoço.

—O que aconteceu com você, amigo?— Perguntou o soldado de infantaria, olhando-o com interesse.

—Tive uma briga com um batedor britânico— Ian respondeu, e relutantemente devolveu a cantina.

—Espero que você tenha ganhado, então— disse o homem, e acenou, sem esperar por uma resposta, afastando-se com a sua companhia.

O olho esquerdo de Ian estava ardendo muito e sua visão estava turva; um corte em sua sobrancelha estava sangrando. Ele tateou na pequena bolsa em sua cintura e encontrou o lenço enrolado em volta do ouvido fumado ele carregava. O pano era pequeno, mas grande o suficiente para amarrar em volta de sua testa.

Ele limpou os dedos sobre a boca, já ansiando por mais água. O que devia fazer? Ele podia ver o padrão agora está sendo vigorosamente acenado, batendo pesadamente no ar espesso, convocando as tropas de seguir. Claramente Lee estava indo sobre a ponte; ele sabia para onde estava indo, e suas tropas com ele. Ninguém iria ou poderia parar para descer um barranco para ajudar um soldado britânico ferido.

Ian balançou a cabeça experimentalmente e, achando que seu cérebro não parecia chacoalhar, partiu em direção ao sudoeste. Com sorte, ele veria La Fayette ou tio Jamie chegando, e talvez tivesse outra montagem. Com um cavalo, ele poderia tirar William da ravina sozinho. E o que mais poderia acontecer hoje, ele iria resolver essa confusão com os bastardos Abenaki.

## ***Capítulo 79 - O Apito do Comboio***

Um dos homens de La Fayette surgiu neste momento, com ordens para voltar a cair, para reunir o corpo principal de La Fayette perto de uma das fazendas entre Spotswood Sul Brook e Spotswood Middlebrook. Jamie teve o prazer de ouvi-lo; não havia nenhuma maneira razoável para as companhias semiarmadas da milícia para sitiar a artilharia entrincheirada no pomar, não com rifles guardando o canhão.

—Reúna suas companhias Sr. Guthrie, e se junte a mim na estrada lá em cima— disse Jamie, apontando. —Sr. Bixby, você pode encontrar o capitão Kirby? Diga a ele a mesma coisa; vou buscar junto às tropas de Craddock.

As companhias do capitão Craddock estavam mal desmoralizadas por sua morte, e Jamie trouxe sob o seu próprio comando direto para impedi-los de se espalhar como abelhas.

**Eles fizeram o seu caminho através dos campos, pegando Cabo Filmer e seus homens na quinta que estava deserta; sem há necessidade de deixar qualquer um lá e outro lado da ponte sobre um dos riachos. Ele diminuiu um pouco quando os cascos de seu cavalo bateram nas tábuas, sentindo a umidade abençoada chegando da água 9 metros abaixo. Eles deveriam parar, pensou ele, na água, eles não tiveram, desde manhã cedo, e os cantis estariam secos, mas levaria muito tempo para tantos homens para trabalhar o seu caminho ao longo da ravina, até o riacho, e fazer a volta. Ele pensou que poderia fazê-lo na posição de La Fayette; havia poços lá.**

Ele podia ver a estrada à frente e apertou um olho para espreitar o britânico. Ele se perguntou, com irritação de um momento, onde Ian estava; ele teria gostado de saber aonde os britânicos *iam*.

Ele descobriu em um instante depois. Um tiro disparou nas proximidades, e seu cavalo escorregou e caiu. Jamie puxou seu pé livre

e rolou para fora da sela enquanto o cavalo bateu na ponte com um baque que sacudiu toda a estrutura, lutou por um instante, relinchando alto, e deslizou ao longo da borda para a ravina.

Jamie ficou de pé; sua mão estava queimando, toda a pele soltou quando ele derrapou nas tábuas estilhaçadas.

—Executar— gritou com o fôlego que restava, e acenou com um braço descontroladamente, reunindo os homens, apontando-os para baixo da estrada em direção a um crescimento das árvores que cobriam. —*Vamos!*

Ele encontrou-se entre eles, o aumento de homens carregando-o com eles, e eles tropeçaram na cobertura, ofegante e respirando com o esforço de execução. Kirby e Guthrie estavam reunindo suas companhias, os homens do falecido capitão Craddock iam aglomerando próximo a Jamie, e ele acenou com a cabeça, sem fôlego, Bixby e Cabo Greenhow contando os narizes.

Ele ainda podia ouvir o som que o cavalo fazia, batendo no chão abaixo da ponte.

Ele ia vomitar; ele sentiu subindo e sabia melhor do que tentar segurar de volta. Ele fez um movimento em direção rápido ao Tenente Schnell, que queria falar com ele, deu um passo atrás de um grande pinheiro, e deixou seu estômago virar para fora como um sporrán esvaziado. Ele ficou dobrado por um momento, a boca aberta e testa encostada na casca áspera de apoio, deixando que o jato de saliva lavar o gosto de sua boca.

*Cuidich mi, a Dhia...* Mas sua mente perdeu toda a noção de palavras no momento, e ele se endireitou, limpando a boca com a manga. Quando ele saiu de trás da árvore, porém, todo o pensamento do que poderia estar acontecendo e o que ele podia ter que fazer sobre isso desapareceu. Ian saiu das árvores próximas e foi fazendo o seu caminho através do espaço aberto. O rapaz estava em andamento e movendo lentamente, mas obstinadamente. Jamie podia ver os machucados, mesmo a uma distância de doze metros.

—Um dos nossos ou um dos seus?— perguntou um miliciano duvidosamente, erguendo a espingarda para suportar sobre Ian, apenas no caso.

—Ele é meu— disse Jamie. —Não atire nele, sim? Ian! *Ian!*—Ele não gerenciava e seu joelho esquerdo doía muito para se mexer, mas fez o seu caminho em direção ao seu sobrinho o mais rápido possível e ficou aliviado

ao ver o olhar vítreo nos olhos de Ian quebrando e iluminando em reconhecimento ao vê-lo.

—Tio Jamie!— Ian balançou a cabeça como se quisesse limpar e parou abruptamente com um suspiro.

—Você está muito ferido, *um bhalaich?*— Perguntou Jamie, dando um passo para trás e olhar para o sangue. Havia algum, mas nada terrível. O rapaz não estava segurando a si mesmo como se feridos nos sinais vitais...

—Não. Não, é... —Ian trabalhou sua boca, tentando levantar o espeto para formar palavras, e Jamie enfiou a cantina na mão de Ian. Havia lamentavelmente pouca água nela, mas alguma, o suficiente, e Ian engoliu.

—William— Ian suspirou, baixando o cantil vazio. —Seu...

—O que tem ele?— Interrompeu Jamie. Havia mais homens vindo pela estrada, alguns deles a meia corrida, olhando para trás. —*O quê?*— ele repetiu, agarrando o braço de Ian.

—Ele está vivo— disse Ian ao mesmo tempo, avaliando corretamente tanto intenção e intensidade da pergunta. —Alguém bateu na cabeça e deixou-o no fundo da ravina. — Ele fez um gesto vago na direção dos batedores. —Talvez trezentos metros a oeste da ponte, sim? Ele não está morto, mas eu não sei o quanto ruim que ele pode estar.

Jamie balançou a cabeça, fazendo cálculos imediatos.

—Sim, e o que aconteceu com *you* —Ele só podia esperar que William e Ian não se matassem um ao outro. Mas se William estava inconsciente, não poderia ser ele quem levasse o cavalo de Ian, e claramente alguém tinha, por...

—Dois batedores Abenaki— Ian respondeu com uma careta. —Os insetos foram me seguindo...

Jamie ainda estava segurando Ian pelo braço esquerdo e sentiu o impacto da flecha e do choque de sua reverberação através do corpo do rapaz. Ian olhou incrédulo em seu ombro direito, onde o eixo se projetava, e deu na altura dos joelhos, seu peso puxando-o das mãos de Jamie quando ele tombou.

Jamie lançou-se sobre o corpo de Ian e bateu no chão rolando, evitando a segunda flecha; ele ouviu rasgar o ar perto de sua orelha. Ouviu a arma de o miliciano zumbir um pouco acima dele e, em seguida, uma confusão de gritos e gritos, um grupo de seus homens quebrando, correndo em direção à fonte das setas, berrando.

—Ian— Rolou seu sobrinho de costas. O rapaz estava consciente, mas como grande parte de seu rosto, como mostrou sob a pintura era branca e medonha, sua garganta trabalhando, impotente. Jamie agarrou a flecha; que era apresentado no que Claire chamava de deltoide, a parte carnuda do braço, mas não se mexeu quando ele apertou-a suavemente.

—Eu acho que atingiu o osso— disse a Ian. —Não ruim, mas preso pela ponta.

—Eu acho que sim, também— disse Ian fracamente. Ele estava lutando para sentar-se, mas não conseguiu. —quebre e tire, sim? Eu não posso ficar com isso saindo assim.

Jamie balançou a cabeça, com seu sobrinho sentado vacilante na posição vertical, e quebrou o eixo entre as mãos, deixando um esboço irregular a poucos centímetros de comprimento, com o qual puxar a flecha. Não havia muito sangue, apenas um fio de água correndo pelo braço de Ian. Claire podia tirar a ponta da flecha mais tarde.

A gritaria e confusão estavam se tornando generalizada. Um olhar mostrou mais homens vindo pela estrada, e ele ouviu uma sinalização pífano na distância, magros e desesperados.

—Você sabe o que aconteceu lá em cima?— Disse a Ian, balançando a cabeça em direção ao barulho. Ian balançou a cabeça.

—Eu vi o coronel Owen descendo ao chão seu canhão em ruínas. Ele parou de dizer uma palavra de Lee e, em seguida, aproximou-se, mas ele não estava vindo junto.

Alguns homens *estavam* na execução, embora em uma pesada e desajeitada maneira, não como se buscasse estar perto. Mas ele podia sentir alarme começando a se espalhar através dos homens ao seu redor e se virando para eles de uma vez.

—Fique comigo— disse calmamente para Guthrie. —Mantenha seus homens juntos, e aqui. Sr. Bixby diz que o capitão Kirby, também. Fique comigo; não se mexa preste atenção as minhas palavras.

Os homens da companhia de Craddock que fugiram após o Abenaki supunha que ser a fonte das flechas desaparecendo na floresta. Ele hesitou por um instante, mas, em seguida, enviou uma pequena parte atrás deles. Nenhum índio que ele já conheceu iria lutar a partir de uma posição fixa, para que ele duvidasse que ele estivesse enviando seus homens em emboscada. Talvez na cara dos britânicos que se aproximasse, mas se fosse

esse o caso, o melhor que ele sabia sobre isso era o mais rápido possível, e pelo menos um ou dois provavelmente indo de volta para contar a ele.

Ian estava tentando ficar em seus pés; Jamie inclinou-se e deu ao rapaz um braço sob seu ombro bom e tentou para-lo. Suas pernas tremiam em suas calças de camurça e o suor corria em rios para baixo seu torso nu, mas ele firmou.

—Foi você quem chamou meu nome, tio Jamie— questionou.

—Sim, eu fiz quando eu vi você saindo das árvores. — Jamie acenou para a madeira, mantendo um olho para fora para quem vem de volta dessa maneira. —Por quê?

—Nada então. Pouco antes disso —Ele tocou o fim irregular da haste da flecha cautelosamente. —Alguém gritou atrás de mim; isso é o que me fez mover, e uma coisa boa também. Eu levaria esta flecha no peito de outra forma.

Jamie sacudiu a cabeça e sentiu que o fraco sentimento de perplexidade que sempre participou passava com os fantasmas se é o que isso era. A única estranheza foi que ele nunca pareceu estranho.

Mas não havia tempo para pensar nessas coisas; havia apelos agora de —Retirar! Retirar! —E os homens atrás dele mexendo e ondulado como o trigo em um vento ascendente.

—Fique comigo!— Disse, em voz alta, firme, e os mais próximos a ele tomou um aperto de suas armas e se levantou.

*William.* Pensamento de seu filho provocou um surto de alarme em seus ossos. A flecha que atingiu Ian sacudia a visão de William, esparramado e sangrando na lama, fora de sua cabeça, mas agora... Cristo, ele não poderia enviar homens atrás do moço, e não com a metade do exército derramando de volta nessa direção, e os britânicos talvez em seus calcanhares... Um súbito raio de esperança: se os britânicos *estavam* vindo para cá, eles talvez se deparassem com o rapaz e cuidassem dele.

Ele queria muito ir mesmo. Se William estava morrendo... mas ele poderia, em nenhuma circunstância, deixar os seus homens e, particularmente, não nessas circunstâncias. Uma terrível urgência se apoderou dele.

*Cristo, se eu nunca falar com ele, nunca dizer a ele...*

Agora ele viu Lee e seus assessores descendo a estrada. Eles estavam se movendo lentamente, sem ar de pressa sobre isso, mas deliberando, e

olhando para trás de vez em quando, quase sub-repticiamente, olhando rapidamente de novo para frente, sentado diretamente em suas selas.

—Retirar!— O grito foi surgindo agora tudo ao seu redor, cada vez mais forte, e os homens corriam para fora da floresta. —Retirar!

—Fique comigo— disse Jamie, em voz baixa o suficiente para que apenas Bixby e Guthrie o ouvissem, mas era o suficiente. Eles endureceram, estavam com ele. Sua decisão ajudaria a segurar o resto. Se Lee viesse mesmo com ele, ordenasse... em seguida, eles teriam que ir. Mas não até então.

—Merda!— Disse um dos homens atrás dele, surpreendendo. Jamie olhou para trás, viu um rosto olhando, então virou o olhar para onde o homem estava olhando. Alguns dos homens de Craddock estavam saindo do bosque, parecendo satisfeito com eles mesmos. Eles tinham a égua de Claire com eles, e sobre sua sela estava o corpo inerte de um índio, o seu longo cabelo untado amarrado em couro quase arrastando no chão.

—Apanhei-o, senhor!— Um dos homens de Mortugaba saudou, sorrindo de dentes brancos, a partir da sombra de um chapéu que ele não achava que precisava remover. Seu rosto brilhava como couro oleado e ele acenou para Ian, de forma amigável, apontando o polegar para a égua. —Cavalo?

—É— disse Ian, e seu sotaque escocês fez Mortlake piscar. —Agradeço senhor. Acho que seu tio levou o cavalo melhor, no entanto. Você precisa dele, sim? — Acrescentou a Jamie, levantando uma sobrancelha em direção às fileiras dos homens por trás deles.

Jamie queria recusar; Ian parecia como se ele mal conseguisse andar. Mas o rapaz estava certo. Jamie teria que levar esses homens, seja para frente ou para trás, e ele precisa deles para ser capaz de vê-lo. Ele assentiu com relutância, e o corpo do Abenaki foi arrastado da sela e atirado descuidadamente de lado. Ele viu os olhos de Ian segui-lo, escuros, com desagrado, e pensou por um segundo de ouvir fungar seu sobrinho carregando em seu sporran, e esperava que Ian não fizesse, mas, não, um Mohawk não tomava troféus de outro para matar.

—Havia dois deles, disse, Ian?

Ian passou de contemplação do Abenaki morto e assentiu.

—Vi apenas um— Mortlake respondeu à pergunta implícita. —corremos quando achamos esse vilão. — Ele tossiu, olhando para o aumento dos fluxos de homens vindo pela estrada. —Perdão, senhor, mas não devia estar em movimento, também?

Os homens estavam se remexendo, esticando o pescoço para ver, murmurando quando avistaram Lee, cujos assessores foram se espalhando, tentando mobilizar os homens pululantes em algum tipo de retirada em ordem, mas se redondamente ignorados. Então, alguma coisa, alguma mudança de atmosfera, fez Jamie ir, e metade dos homens com ele.

E aqui veio Washington até a estrada no garanhão branco antigo de Jamie, galopando, e um olhar em seu rosto grande, áspero que teria derretido latão.

O pânico incipiente nos homens dissolvidos de uma vez como eles avançaram, urgente para saber o que estava acontecendo. Houve caos na estrada. Algumas companhias espalhadas, parando bruscamente para olhar em volta para seus companheiros, alguns percebendo aparecimento súbito de Washington, outros ainda descendo a estrada, colidindo com aqueles parados e, no meio dela, Washington puxou seu cavalo ao lado de Charles Lee e inclinou-se para ele, corou como uma maçã com o calor e raiva.

—O que você quer dizer com isso, senhor?— Era tudo o que Jamie ouviu claramente, as palavras levadas a ele por um capricho do ar pesado, antes de ruído e poeira e calor sufocante resolvido tão densamente na cena que era impossível ouvir nada sobre a conversa fiada, salve o eco inquietante de rajadas de mosquete e o ocasional estalo fraco do granadas à distância.

Ele não tentou gritar acima do ruído; que não era necessário. Seus homens estavam indo a lugar nenhum, como fixos no espetáculo diante deles como ele era.

O rosto de nariz comprido de Lee estava beliscado com fúria, e Jamie o viu por um breve instante como Punch, o boneco furioso em um show de Punch-e-Judy. Um desejo desequilibrado rir borbulhou como o corolário necessário irresistivelmente se apresentou: George Washington como Judy, a megera tampada atacando seu marido com um pedaço de pau. Por um instante, Jamie temia que ele sucumbisse ao calor e perdesse a cabeça.

Uma vez imaginou, porém, ele não poderia escapar do pensamento, e por um instante ele estava de pé, no Hyde Park, assistindo Punch alimentar seu bebê na máquina de salsicha.

Era isso o que Washington estava fazendo muito claramente. Ele não durou mais do que três ou quatro minutos, e, em seguida, Washington fez um gesto furioso de nojo e saiu e, girando seu cavalo, partiu a trote,

circulando de volta para passar as tropas que haviam coagulado ao longo da estrada, observando em fascinação.

Emergindo de seu próprio fascínio com uma sacudida, Jamie colocou um pé no estribo da égua e virou-se.

—Ian... — disse, e seu sobrinho balançou a cabeça, colocando a mão em seu joelho, tanto para firmar-se, pensou ele, como para tranquilizar seu tio.

—Dê-me alguns homens, tio Jamie— o disse. —Eu cuidarei... seu senhorio.

Mal houve tempo para convocar Cabo Greenhow e dos detalhes de tomar cinco homens e acompanhar Ian, antes de Washington chegar perto o suficiente para detectar Jamie e suas companhias. O chapéu do general estava em sua mão e seu rosto estava em chamas, à raiva e o desespero subsumido na ânsia, e de toda a sua existência irradiava algo que Jamie raramente viu, mas reconhecido. Sentiu-se, uma vez. Era o olhar de um homem arriscando tudo, porque não havia escolha.

—Sr. Fraser! —Washington gritou para ele, e sua boca esticou mais em um sorriso resplandecente. —Siga-me!

### ***Capítulo 89 - Pater Noster***

William despertou lentamente, sentindo-se terrível. Sua cabeça doía e ele queria vomitar. Ele tinha uma terrível sede, mas o pensamento de beber qualquer coisa fez sua garganta apertar e ele vomitou debilmente. Ele estava deitado na grama e insetos; havia insetos rastejando sobre ele... Ele viu, por um momento intenso, uma linha de formiguinhas subindo ocupadas pelos cabelos escuros em seu pulso e tentou correr a mão contra o chão para desalojá-las. Sua mão não se moveu, embora, e sua consciência se desvaneceu.

Ele voltou com uma corrida latejante e agitada. O mundo estava girando vertiginosamente de cima para baixo, e ele não conseguia respirar. Então ele fez as coisas escuras que entravam e saíam do seu campo de visão como as pernas de um cavalo e percebeu que ele estava de barriga para baixo sobre uma sela, sendo levado em algum lugar. *Onde... ?*

Havia um monte de gritos acontecendo nas proximidades, e o ruído machucou a cabeça.

—Pare!— Gritou uma voz Inglês. —O que você está fazendo com ele? Fique! Fique ou eu o mato!

—Deixe-o! Jogue-o! Corra! —Uma voz vagamente familiar, escocesa.

Em seguida, uma confusão de ruído e em algum lugar que a voz escocesa de novo, gritando: —Diga ao meu... —, mas então ele bateu no chão com um baque que bateu para fora tanto engenho e vento, e deslizou de volta para as trevas, de cabeça.

No final, era a própria simplicidade. John Grey caminhando por uma trilha de gado, seguindo as pegadas na direção que devia ser a água, e foi direto para um grupo assustado de soldados britânicos enchendo os cantos em um riacho lamacento. Tonto de sede e calor, ele não se preocupou tentando identificar ou explicar-se bastou colocar suas mãos no ar e se entregou com um intenso sentimento de alívio.

Os soldados deram água, pelo menos, e então ele foi marchou sob a guarda de um menino nervoso com um mosquete e para o quintal de uma casa que parecia abandonada. Sem dúvida, os proprietários fugiram ao perceber que eles estavam no meio de vinte mil ou mais tropas armadas empenhados em caos.

Grey foi empurrado ao longo de uma carroça grande, metade preenchido com grama cortada para sentar no chão com vários outros prisioneiros capturados, na sombra, graças a Deus e saiu de lá sob a guarda de dois soldados de meia-idade, armados de mosquetes, e uma criança nervosa de quatorze anos ou mais, em um uniforme de tenente, que se contorcia toda vez que o som de uma salva ecoava nas árvores.

Esta pode ser sua melhor chance. Se ele pudesse chocar ou intimidar o rapaz em mandá-lo para Cornwallis ou Clinton...

—Senhor— ele latiu para o menino, que piscou para ele, assustado. Assim faziam os norte-americanos capturados.

—Qual é o seu nome, senhor?— Ele perguntou, com sua voz de comando. Isso atingiu ao jovem tenente mal; ele deu dois passos para trás antes de parar involuntários si mesmo. Ele corou, porém, e se reuniram.

—Fique quieto— disse, e, avançando, visando um manguito no ouvido de Grey.

Grey pegou pelo pulso por reflexo, mas antes que pudesse soltar o menino, um dos soldados deu um passo em direção a ele e derrubou a coronha da espingarda no antebraço esquerdo de Grey.

—E disse estar tranquilo— disse o particular suavemente. —Eu faria isso, eu estava com você.

Grey *estava* tranquilo, mas apenas porque ele não podia falar. Esse braço foi quebrado duas vezes antes uma vez por Jamie Fraser, uma vez por um canhão de explosão e pela terceira vez não foi definitivamente o charme. Sua visão escureceu por um momento, e tudo dentro dele contraiu em uma bola de chumbo quente. Em seguida, ele começou a doer, e ele conseguia respirar novamente.

—O que é que você disse?— O homem sentado ao lado dele, disse em voz baixa, as sobrançelas levantadas. —Não é Inglês, sim?

—Não— disse Grey, e fez uma pausa para outro fôlego, agarrando o braço contra sua barriga. —É alemão para, Oh, merda.

—Ah. — O homem acenou com a cabeça compreensivamente e com um olhar cauteloso para os guardas e trouxe um pequeno frasco debaixo de seu casaco e tirou a rolha antes de entregá-lo para Grey. —Tente isso, amigo— ele sussurrou.

O cheiro de maçãs amadurecidas subiu diretamente em seu cérebro e quase o fez vomitar. Ele conseguiu engolir, porém, e devolveu a garrafa com um aceno de agradecimento. O suor escorria pelo rosto em córregos, picando o olho bom.

Ninguém falou. O homem que dera a aguardente era um Continental regular, de meia-idade, com um rosto desfigurado e só metade de seus dentes remanescentes. Ele sentou-se debruçado, cotovelos nos joelhos, olhos fixos longe, onde estava o som de luta. Os outros estavam fazendo a mesma coisa, ele percebeu tudo esticando em direção à batalha.

Coronel Watson Smith surgiu em sua mente, sem dúvida, convocado pelos vapores da aguardente, mas aparecem tão de repente que Grey sacudiu um pouco, e um dos guardas se esticou, dando um olhar duro. Grey olhou para longe, porém, e que o homem relaxou.

Chocado com a dor, exausto e com sede, deitou-se, cuidando o braço latejante contra seu peito. O zumbido dos insetos encheu seus ouvidos, e a salva de mosquetes recuou para o barulho sem sentido de um trovão distante. Deixou-se cair em uma catatonia não desagradável visualizando Smith sem camisa, deitado na cama estreita sob uma lanterna, embalando Grey em seus braços, acariciando suas costas com uma mão reconfortante. Em algum momento, ele derivou em um sono inquieto, pontuado pelos sons de armas e gritando.

Ele acordou de repente, com uma boca como algodão, ao descobrir que vários outros prisioneiros foram entregues e que não havia um assento indiano ao lado dele. O olho bom de Grey estava pegajoso e turvo, e levou um momento antes que ele reconhecesse o rosto sob os restos de tinta preta e verde guerra.

Ian Murray deu um olhar longo, nível que disse claramente: *Não fale* e não o fez. Murray levantou uma sobancelha para o seu braço ferido. Grey levantou o ombro bom em um breve encolher de ombros e concentrou sua atenção sobre o carrinho de água que chegou a um impasse na estrada nas proximidades.

—Você e você venham comigo. — Um dos soldados empurrou um dedo polegar em dois dos prisioneiros e os levou em direção ao carrinho, de onde voltou logo, carregando baldes de água.

A água estava e provava cheia de madeira meio podre encharcada de vermes e sangue, mas eles bebiam avidamente, derramando-a para baixo suas roupas em sua pressa. Grey passou a mão molhada em seu rosto, sentindo-se um pouco mais estável em sua mente. Ele flexionou seu pulso esquerdo experimentalmente; talvez fosse apenas esperando, não estava.

Ele ficou sem fôlego com um silvo, e Murray, como se em resposta, fechou os olhos, juntou as mãos, e começou a entoar o Pater Noster.

—O que em Nome... sodomia é *que*? — O tenente perguntou, batendo até ele. —Você está falando indiano, senhor?

Ian abriu os olhos, sobre a criança com um olhar suave.

—É Latim. Eu estou dizendo minhas orações, sim? — Disse. —Você se importa?

—Eu não... — O tenente parou perplexo, tanto por ser abordada com um sotaque escocês como pela circunstância. Ele lançou um olhar para os soldados rasos, que pareciam fora na distância. Ele limpou a garganta.

—Não— disse em breve, e afastou-se, fingindo absorção no distante nuvem de fumaça de pó branco que pairava baixo sobre as árvores.

Murray virou os olhos para Grey e, com um leve aceno de cabeça, começou o Pater Noster novamente. Grey, um pouco confuso, se juntou a ele, tropeçando um pouco. O tenente ficou tenso, mas não se virou.

—Será que eles não sabem quem você é— perguntou Murray em latim, no final da oração, não variando sua entonação.

—Eu disse a eles; eles não acreditam em mim — Grey respondeu, acrescentando um acaso *Ave Maria* no final de verossimilhança.

— *Gratia plena, Dominus tecum.* Devo *Eu* falar com eles?

—Eu não tenho ideia do que vem a seguir. Suponho que não poderia machucar.

— *Benedicta tu in mulieribus, et benedictus fructus ventris tui, Jesu* — Murray respondeu, e levantou-se.

Os guardas viraram imediatamente, levantando seus mosquetes para os ombros. Murray ignorou isso, abordando o tenente.

—É talvez o meu negócio não, senhor— disse suavemente. —Mas eu não gostaria de ver você arruinar sua carreira ao longo de um erro pequeno.

—Que... erro?— O tenente exigiu. Ele havia tirado a peruca por causa do calor, mas agora amontoou de volta na cabeça, evidentemente pensando que poderia emprestar autoridade. Ele estava errado com essa impressão, como se a peruca fosse um bom negócio muito grande e logo caiu de lado sobre uma orelha.

—Este cavalheiro— disse Murray, apontando para Grey, que se endireitou e olhou impassível para o tenente. —Eu não imaginava o que o trouxe aqui ou por que ele deveria estar vestido como ele está, mas eu o conheço bem. Este é o Senhor John Grey. A, hum, irmão do coronel Grey, o Duque de Pardloe? — Acrescentou delicadamente.

A tonalidade do rosto do jovem tenente mudou sensivelmente. Ele olhou rapidamente para trás e para frente entre Murray e Grey, franzindo a testa, e distraidamente enfiou a peruca de volta no lugar. Grey subiu lentamente, mantendo um olho nos guardas.

—Isso é ridículo— disse o tenente, mas sem força. —Por que Lord John Grey estaria aqui, parecendo *assim*?

—As exigências da guerra, tenente— disse Grey, mantendo seu nível de voz. —Eu vejo que você pertence ao quadragésimo nono, o que significa que o seu coronel é Sir Henry Calder. Eu o conheço. Se você tiver a gentileza de me emprestar papel e lápis, vou escrever uma pequena nota, pedindo para enviar uma escolta para me buscar. Você pode enviar a nota via o portador de água — acrescentou ao ver um olhar selvagem entrar em olhos do garoto, e na esperança de acalmá-lo, antes que ele entrasse em pânico e decidisse que a maneira mais simples deste imbróglio era atirar em Grey.

Um dos soldados aquele que quebrou suavemente tossiu segurando o braço de Grey.

—Nós estamos precisando de mais homens, senhor, em qualquer caso. Três de nós com uma dúzia de prisioneiros... e, sem dúvida, mais virá? —O tenente olhou em branco, e o soldado teve outra chance. —Eu quero dizer... Pode ser que signifique enviar reforços rodando. —O homem chamou a atenção de Grey e tossiu de novo.

—Acidentes acontecem— disse Grey, embora sem grande caridade, e os guardas relaxaram.

—Tudo bem— disse o tenente. Sua voz quebrou e ele repetiu: —Tudo bem!— Em um barítono rouco, olhando agressivamente ao redor. Ninguém era tolo o suficiente para rir.

Os joelhos de Grey estavam querendo tremer, e ele sentou-se abruptamente para impedir. A cara boa de Murray, os rostos de todos os prisioneiros foram cuidadosamente em branco.

—*Tibi debeo*— Grey disse calmamente. *Eu reconheço a dívida.*

—*Deo gratias*— Murray murmurou, e só então Grey viu o rastro de sangue que corria pelo braço e o lado de Murray manchando sua tanga e um toco de uma flecha quebrada saindo da carne de seu ombro direito.

William deu a volta outra vez deitado em algo que não se mexeu, graças a Deus. Havia uma cantina sendo pressionada em seus lábios, e ele bebeu, engolindo, lábios pegando mais água ao mesmo tempo em que era desviada.

—Não tão rápido você vai ficar doente— disse uma voz familiar. —Respire uma vez, e você pode ter mais. — Ele respirou e forçou seus olhos abertos contra um clarão de luz. Um rosto familiar apareceu sobre ele, e ele estendeu a mão hesitante em direção a ela.

—Papa... — Ele sussurrou.

—Não, mas a próxima melhor coisa— disse o tio Hal, tendo um firme na mão tateando e sentando ao lado dele. —Como está a cabeça?

William fechou os olhos e tentou se concentrar em outra coisa que não a dor.

—Não é... tão ruim assim.

—Puxe o outro, os sinos batem— seu tio murmurou, colocando o rosto de William e virando a cabeça para o lado. —Vamos dar uma olhada.

—Vamos ter mais água— William conseguiu, e seu tio deu um pequeno bufo e colocou o cantil de volta aos lábios de William.

Quando William parou para respirar de novo, seu tio pôs o cantil para baixo e perguntou, num tom de voz perfeitamente normal — você pode cantar o que você acha?

Sua visão estava entrando e saindo; havia momentaneamente dois de seu tio, em seguida, um, depois dois novamente. Ele fechou um olho, e tio Hal firmou.

—Você quer que eu... *cante*? —Ele perguntou.

—Bem, talvez não neste minuto— disse o duque. Sentou-se no banquinho e começou a assobiar uma melodia. —Reconhece, não é?— Ele perguntou, quebrando.

—*Lillibulero*— disse William, começando a se sentir um pouco melhor. —Por que, pelo amor de Deus?

—Sabia que um sujeito, uma vez que foi atingido na cabeça com um machado e perdeu a capacidade de escutar a música. Não foi possível distinguir uma nota de outra. — Hal se inclinou para frente, erguendo dois dedos. —Quantos dedos tenho?

—Dois. Coloque no seu nariz — William aconselhou. —Vá embora, sim? Eu vou ficar doente.

—Disse para não beber muito rápido. —, mas seu tio tinha uma bacia em seu rosto e uma mão forte na cabeça, apoiando enquanto ele soltava e tossia e água disparava de seu nariz.

Até o momento ele desapareceu de volta para o travesseiro e onde *tinha* um travesseiro, ele estava deitado em um catre no campo e recuperou o suficiente de seus sentidos para ser capaz de olhar em volta e determinar que ele estivesse em uma tenda do exército, provavelmente a do seu tio, a julgar a partir da campanha no peito agredido e a espada que estava através dele e do brilho da luz estava vindo do baixo sol da tarde inundo através da aba tenda aberta.

—O que aconteceu?— Ele perguntou, limpando a boca com as costas da mão.

—O que é a última coisa que você se lembra?— Tio Hal respondeu, entregando o cantil.

—A... er... — Sua mente estava cheia de pedaços confusos e peças. A última coisa que ele realmente se lembrava de era Jane e sua irmã, rindo dele enquanto ele estava nu no riacho. Ele tomou um gole de água e colocou os dedos cautelosos em sua cabeça, que parecia estar envolta em uma bandagem. Ele sentiu dor ao toque. —Levando meu cavalo para beber em um riacho.

Tio Hal levantou uma sobrancelha. —Você foi encontrado em uma vala, perto de um lugar chamado Spottiswood ou algo assim. As tropas de Von

Knyphausen estavam segurando uma ponte lá.

William começou a balançar a cabeça, mas pensou melhor e fechou os olhos contra a luz.

—Não me lembro.

—Ele provavelmente vai voltar para você. — Seu tio fez uma pausa. — Por acaso você se lembra de onde você viu pela última vez seu pai?

William sentiu uma calma pouco natural vir sobre ele. Ele apenas não se importava mais, ele disse a si mesmo. O mundo inteiro estava indo para conhecer, de uma forma ou de outra.

—Qual deles?— Disse sem rodeios, e abriu os olhos. Seu tio foi sobre ele com interesse, mas nenhuma surpresa particular.

—Você conheceu o coronel Fraser, então?— Perguntou Hal.

—Eu fiz— disse William em breve. —Há quanto tempo você sabe sobre isso?

—Cerca de três segundos e, no sentido de certeza— respondeu seu tio. Ele estendeu a mão e desabotoou o casaco de couro em torno de seu pescoço, suspirando de alívio quando ele saiu. —Meu Deus, está quente. — O casaco deixou uma vasta marca vermelha; ele massageava isso com cuidado, a meio fechando os olhos. —No sentido de pensar que havia algo bastante notável na sua semelhança com o referido Coronel Fraser... desde que eu vi novamente na Filadélfia recentemente. Antes disso, eu não o via a longo tempo, não desde que você era muito pequeno, e eu nunca o vi em estreita colaboração com você, então, em qualquer caso.

—Oh.

Ficaram em silêncio por um tempo, mosquitos e moscas pretas voando para fora da tela e caindo na cama de William como flocos de neve. Ele tornou-se consciente dos ruídos de um grande acampamento em torno deles, e ocorreu que eles deviam estar com o general Clinton.

—Eu não sabia que você estava com Sir Henry— ele disse finalmente, quebrando o silêncio. Hal balançou a cabeça, puxando o frasco de prata velho para fora do bolso do casaco antes de jogar o próprio casaco sobre o peito campanha.

—Eu não estava; eu estive com Cornwallis. Nosso regimento, que é... chegou à Nova York cerca de duas semanas atrás. Desci para a Filadélfia para ver Henry e John e fazer perguntas sobre Benjamin. Cheguei a tempo de deixar a cidade com o exército.

—Ben? O que ele fez isso que você está perguntando isso?

—Casou, teve um filho, e foram assaltar o suficiente para ser capturado pelos rebeldes, evidentemente— seu tio respondeu levemente. —Pensei que ele poderia ter um pouco de ajuda. Se eu der um gole disto, você pode mantê-lo aí?

William não respondeu, mas pegou o frasco. Estava cheio de boa aguardente; ele respirava com cautela, mas não parecia incomodar o estômago vacilante, e ele arriscou um gole.

Tio Hal o observou por um pouco, e não falou. A semelhança entre ele e Lord John era considerável, e ele deu a William uma sensação estranha ao vê-lo, algo entre conforto e ressentimento.

—Seu pai— disse Hal depois de alguns instantes. —Ou meu irmão, se você preferir. Você se lembra de quando o viu pela última vez?

Ressentimento despertou abruptamente com raiva.

—Sim, eu tinha afazeres. Na manhã do décimo sexto. Em sua casa. Com meu *outro* pai.

Hal fez um baixo zumbido, indicando interesse.

—Isso quando descobriu, não é?

—Foi.

—Será que John disse?

—Não, ele não fez!— Sangue subiu para o rosto de William, fazendo sua cabeça latejar com uma rapidez feroz que ele ficou tonto. —Se eu não tivesse visto cara a cara com o companheiro, eu não acho que ele me diria!

Ele balançou e estendeu a mão para não cair mais. Hal agarrou-o pelos ombros e o deitou sobre o travesseiro, onde ele ainda estava deitado, dentes cerrados, esperando que a dor a desaparecesse. Seu tio pegou o frasco de sua mão sem resistência, sentou-se novamente, e tomou um gole meditativo.

—Você poderia ter feito pior— seu tio observou depois de um momento. —No caminho de touros, quero dizer.

—Oh, sério?— Disse William com frieza.

—Com certeza, ele é um escocês— disse o duque criteriosamente.

—E um traidor.

—E um traidor— Hal concordou. —Mas um diabo de bom espadachim, no entanto. Conhece os seus cavalos.

—Ele era um maldito *cavaliço*, Pelo amor de Deus! Claro que ele conhece cavalos! —Ultraje fresco deixou William de pé novamente, apesar do trovão em suas temporãs. —O que eu por Deus iria fazer?

Seu tio suspirou profundamente e colocou a rolha de volta na garrafa.

—Conselho? Você é muito velho para ser aconselhado e muito jovem para aconselhar. —Ele olhou de lado para William, seu rosto muito parecido com seu Papa. Mais fino, mais velho, sobrancelhas escuras começando a parecer besouros, mas com o mesmo humor triste nos cantos dos olhos. —O pensamento de explodir seus miolos?

William piscou assustado.

—Não.

—Isso é bom. Qualquer outra coisa é obrigada a ser uma melhoria, não é? —Ele se levantou alongando, e gemeu com o movimento. —Deus, eu estou velho. Deite-se, William, e vá dormir. Você não está em condições de pensar. —Ele abriu a lanterna e soprou, mergulhando na escuridão da tenda quente.

Escutou um farfalhar quando ele levantou a aba da tenda, e a luz ardente do sol poente delineou a figura esbelta do duque quando ele se virou.

—Você é ainda meu sobrinho — disse em tom de conversa. —Duvido que seja de muito conforto para você, mas ainda é.

## ***Capítulo 81 - Entre as Lápides***

O sol estava baixo e brilhando diretamente nos meus olhos, mas as vítimas chegaram tão rápido que eu não poderia ter tempo para mover o meu equipamento de volta. Eles lutaram durante todo o dia; e ainda estava acontecendo, eu podia ouvir, por perto, mas não via nada, quando eu olhei para cima, piscando contra o sol. Ainda assim, os gritos e batidas de mosquetes eu pensei que devia ser granadas e eu nunca ouvi uma granada explodir, mas algo estava fazendo uma espécie de oco irregular como um *Poong!* Que era bem diferente do boom do canhão ou a percussão lenta do mosquete cuspidando fogo alto o suficiente para abafar os sons de gemidos e choro das árvores de sombra e o zumbido incessante das moscas.

Eu estava balançando com cansaço e calor e, de minha parte, era quase indiferente à batalha. Até que, ou seja, um jovem de milícia marrom cambaleando com sangue escorrendo pelo rosto de um corte profundo em sua testa. Eu estanquei o sangramento e meio que limpei o rosto antes que eu o reconhecesse.

—Cabo... Greenhow? —Eu perguntei com ar de dúvida, e um pequeno jorro de medo penetrou na névoa de fadiga. Joshua Greenhow estava em uma das companhias de Jamie; eu o conheci.

—Sim, senhora. — Ele tentou abanar a cabeça, mas eu o impedi, pressionando firmemente sobre o maço de retalhos que tapava na testa.

—Não se mova. General Fraser ter... —Minha boca seca, pegajosa, e eu alcancei automaticamente meu copo, apenas para encontrá-lo vazio.

—Ele está bem, senhora— o cabo assegurou-me, e estendeu um braço longo para a mesa, onde estava meu cantil. —Ou pelo menos ele estava da última vez que o vi, e que não foi mais de 10 minutos agora. — Ele jogou água no meu copo, jogou-o em sua própria boca, respirou fundo por um instante de alívio, então serviu mais, que entregou a mim.

—Obrigado. — Engoli em seco; estava tão quente que era quase imperceptível molhado, mas aliviou minha língua. —Meu sobrinho Ian Murray?

Cabo Greenhow começou a balançar a cabeça, mas parou.

—Não o vejo desde cerca do meio-dia, mas eu não o vi morto, senhora. Oh, desculpe, minha senhora. Eu quis dizer...

—Eu sei o que você quis dizer. Aqui, coloque a sua mão e mantenha a pressão. —Eu coloquei a mão nos retalhos e pesquei uma agulha de sutura fresca da rosca com seda de seu frasco de álcool. Minhas mãos firmes o dia todo, tremiam um pouco, e eu tive que parar e respirar por um momento. Feche. Jamie estava tão perto. E em algum lugar no meio da luta eu podia ouvir.

Cabo Greenhow estava me dizendo algo sobre a luta, mas eu estava tendo problemas para ver. Algo sobre General Lee ser dispensado do seu comando e...

—Aliviado de comando?— Eu soltei. —O que o diabo?

Ele parecia assustado com a minha veemência, mas respondeu gentilmente.

—Ora, eu não sei bem, minha senhora. Foi algo a ver com um recuo e como ele não devia ter dito a eles para fazer, mas, em seguida, o general Washington chegou de cavalo e amaldiçoou e xingou como o diabo para salvar a sua presença, minha senhora — acrescentou educadamente —De qualquer forma, eu o *movi*! General Washington. Oh, minha senhora, assim foi... —As palavras não ele, e eu entreguei a cantina com a minha mão momentaneamente livre.

—Jesus H. Roosevelt Cristo— eu murmurei sob a minha respiração. os americanos iam ganhar? Segurando o próprio? Teria por Deus Charles Lee armado às coisas depois de tudo ou não?

Cabo Greenhow felizmente não notou a minha língua, mas estava vindo para a vida como uma flor na chuva, entusiasmado com a sua conta.

—E assim nós corremos logo após ele, e ele foi ao longo de toda a estrada e a linha do cume, gritando e acenando com o chapéu, e todas as tropas marchando de volta para baixo... por isso, todos olharam para cima com os olhos olhando para fora de suas cabeças e então virando e caindo com a gente, e todo o exército, só nós apenas *jogamos* em cima dos casacas vermelhas malditos... Oh, minha senhora, foi apenas *maravilhoso!*

—Maravilhoso!— Eu ecoei obedientemente, pegando um fio de sangue que ameaçou correr em seu olho. As sombras das lápides no cemitério estendiam longamente o violeta, e o som das moscas zumbiam em meus ouvidos, mais alto do que o toque dos tiros que ainda vinha aproximando a barreira frágil dos mortos. E Jamie com eles.

*Senhor, o proteja!* Orei no silêncio do meu coração.

—Você disse alguma coisa, minha senhora?

Jamie esfregou uma luva molhada de sangue em seu rosto, a lã áspera de sua pele, suor queimava em seus olhos. Era uma igreja que perseguiu os britânicos ou uma igreja só. Os homens foram esquivando através das lápides, saltando em perseguição.

O britânico se mexeu na baía, no entanto, um oficial gritando em uma linha irregular, e a broca começou com os mosquetes aterrados, virando...

—Fogo!— Jamie gritou, com toda a energia que resta em sua voz rachada. —Fogo neles! Agora!

Apenas alguns homens tinham armas, mas, por vezes, levavam apenas um. Um tiro soou atrás dele, e o oficial britânico que estava gritando parou de gritar e cambaleou. Agarrou-se, enrolando-se e caindo de joelhos, e alguém atirou nele novamente. Ele empurrou para trás, em seguida, caiu para o lado.

Houve um rugido da linha britânica, que dissolveu uma vez em uma corrida, alguns homens parando o tempo suficiente para corrigir as baionetas, outros empunhando suas armas, juntos. Os norte-americanos se encontraram com eles, estúpido e gritos, com armas e punhos. Um miliciano atingiu o oficial caído, agarrou-o pelas pernas, e começou a

arrastá-lo em direção à igreja, talvez com a ideia de levá-lo prisioneiro, talvez levá-lo para ajudar...

Um soldado britânico lançou-se sobre o americano, que cambaleou para trás e caiu, perdendo seu poder sobre o oficial. Jamie estava correndo, gritando, tentando reunir os homens, mas era inútil; alguns perderam seu juízo por completo na loucura da luta, e independentemente da sua intenção original em aproveitar o oficial britânico, que perdeu isso, também.

Sem líder, por isso os soldados britânicos estavam assim, alguns dos quais estavam agora envolvidos em um cabo de guerra-grotesca com dois norte-americanos, cada um segurando as pernas do morto, pois certamente ele devia estar agora, se ele não fosse morto imediatamente por um oficial britânico.

Consternado, Jamie correu no meio deles, gritando, mas sua voz falhou completamente sob tensão e falta de ar, e ele percebeu que ele estava fazendo não mais do que ruídos grasnando fracos. Ele alcançou a luta, agarrou um soldado pelo ombro, ou seja, para puxá-lo de volta, mas o homem se virou para ele e deu um soco no rosto.

Foi um rude golpe para fora do lado de sua mandíbula, mas o fez perder seu aperto, e ele caiu fora de equilíbrio por alguém empurrando por ele para pegar alguma parte do corpo do policial infeliz.

Tambor. Um tambor. Alguém longe batia algo urgente, uma intimação.

—Retirar!— Alguém gritou com voz rouca. —Retirar!

Alguma coisa aconteceu; uma pausa e de repente tudo era diferente e os norte-americanos estavam vindo por ele, apressado, mas não mais frenético, alguns deles carregando o oficial britânico morto momentâneo. Sim, definitivamente morto; a cabeça do homem pendeu como uma boneca de trapo.

*Graças a Deus eles não estão arrastando através da sujeira* era tudo que ele tinha tempo para pensar. Tenente Bixby estava em seu ombro, o sangue escorrendo pelo rosto de uma aba aberta no couro cabeludo.

—Aí está você, senhor!— Disse, aliviado. —Pensei que você fosse levado, nós fizemos. — Ele tomou Jamie respeitosamente pelo braço, puxando-o junto. —Venha senhor, não é? Eu não confio nesses insetos maus para não voltarem.

Jamie olhou na direção Bixby estava apontando. Com certeza, os britânicos estavam se aposentando, sob a direção de um casal de oficiais que vieram para frente de uma massa de casacas vermelhas, formando-se a

meia distância. Eles não mostraram nenhuma disposição para se aproximar, mas Bixby tinha razão: ainda havia tiros aleatórios de ser demitido, de ambos os lados. Ele balançou a cabeça, mexendo no bolso por seu lenço extra para dar ao homem para estancar o ferimento.

O pensamento de feridas o fez pensar em Claire, e ele se lembrou de repente do que Denzell Hunter disse: —*A igreja de Tennent, o hospital estará lá.* — Aqui é a Igreja de Tennent?

Ele já estava seguindo Bixby para a estrada, mas olhou para trás. Sim, os homens que tinham o oficial britânico morto estavam sendo levados para dentro da igreja, e havia homens feridos sentados perto da porta, mais deles perto de um pequeno branco, Deus que era a barraca de Claire, era ela...

Viu-a de uma só vez, como se o seu pensamento a evocasse, ali mesmo ao ar livre. Ela estava de pé, olhando de boca aberta, e era um regular Continental a admirá-la em um banquinho ao seu lado, segurando um pano manchado de sangue, e mais tais panos em uma bacia a seus pés. Mas por que ela estava aqui? Ela...

E então ele a viu levantar, aplaudiu a mão ao seu lado, e caiu.

Uma marreta bateu na lateral, fazendo-me idiota, a agulha caindo das minhas mãos. Eu não me sentir cair, mas estava deitada no chão, manchas pretas e brancas piscando a minha volta, uma sensação de intensa dormência irradiando do meu lado direito. Senti o cheiro de terra e grama úmida e plátanos folhas quentes, pungente e reconfortante.

*Choque* pensei vagamente, e abriu a boca, mas nada mais que um clique seco saiu da minha garganta. *Qual...* O entorpecimento do impacto começou a diminuir, e eu percebi que eu enrolei em uma bola, meu braço pressionado por reflexo sobre o meu abdômen. Senti o cheiro queimado, e sangue fresco, muito fresco. *Levei um tiro, em seguida.*

—*Sassenach!*— Ouvi abaixo de Jamie sobre o rugido em meus ouvidos. Ele parecia muito longe, mas eu ouvi o terror em sua voz com clareza. Eu não estava preocupado com isso. Eu me senti muito calma.

—*Sassenach!*— As manchas se uniram. Eu estava procurando por um túnel estreito de luz e sombra girando. No final era o rosto chocado de Cabo Greenhow, a agulha pendente pela sua linha do corte costurado metade em sua testa.

## **PARTE V - Contando Narizes**

### **Capítulo 82 - Mesmo as pessoas que querem ir para o céu não querem morrer para chegar lá**

Nadei vertiginosamente para a superfície da consciência, pensando, *O que foi que Ernest Hemingway disse, sobre como é suposto desmaiar de dor, mas você não faz?* Eu só fiz, mas ele estava mais ou menos certo; a inconsciência não dura mais do que alguns segundos. Eu estava enrolada em uma bola apertada, as duas mãos pressionadas contra o meu lado direito, e eu podia sentir o sangue jorrando entre os meus dedos, quente e frio e pegajoso, e ele estava começando a doer... muito...

—Sassenach! Claire! —Nadei fora da névoa novamente e conseguiu abrir um dos olhos. Jamie estava ajoelhado ao meu lado. Ele estava me tocando, tinha as mãos sobre mim, mas eu não podia sentir...

O suor ou sangue ou algo correu queimando meus olhos. Eu podia ouvir alguém ofegante curto e superficial, ofegante respirações. *Minha, ou Jamie?* Eu estava com frio. *Eu não deveria estar com frio, estava quente como chamas hoje...* Eu senti gelatinoso, tremendo. E doeu. Muito.

—Sassenach!

Mãos me viraram. Eu gritei. Tentei. Eu senti arrancar minha garganta, mas não consegui ouvi-lo; havia um rugido em meus ouvidos. *Choque*, pensei. Eu não conseguia sentir minhas pernas, meus pés. Senti o sangue saindo do meu corpo.

Doía.

*O choque que vinha por fora* pensei. *Ou é cada vez pior?* Eu podia ver a dor agora, saindo em rajadas como um relâmpago negro, irregulares e lancinante.

—Sassenach!

—O quê?— Eu disse com os dentes cerrados. —Auh!

—Ela vai morrer?

—Provavelmente.

*Ferida no abdômen.* A palavra formada desagradavelmente na minha mente, e eu esperava vagamente que eu não tivesse falado em voz alta. Mesmo se eu tivesse, no entanto... certamente Jamie podia ver a ferida...

Alguém estava tentando puxar minhas mãos, e eu lutava para mantê-las no lugar, continuar pressionando, mas meus braços não tinham força e vi uma mão pendurada mole quando ergueram as unhas delineadas de preto com sangue, dedos revestidos de escarlata, pingando. Alguém me rolou de costas e eu pensei que eu gritei novamente.

Doeu indizivelmente. *Gelatinoso. Choque de impacto. Células explodindo em pedaços e indoo. Sem função... falência de órgãos.*

Aperto. Não conseguia respirar. Empurrada e alguém xingando acima de mim. Meus olhos estavam abertos, eu vi a cor, mas o ar estava cheio de manchas pulsantes.

Gritando. Converse.

Eu não conseguia respirar. Algo apertado em volta do meu meio. *O que foi? Quanto?*

Deus doeu. *Oh, Deus.*

Jamie não conseguia tirar os olhos do rosto de Claire, para que ela não morresse no segundo, quando ele desviasse o olhar. Ele se atrapalhou por um lenço, mas ele deu a Bixby, e, em desespero, agarrou uma dobra da saia e apertou duro do lado. Ela fez um som horrível e ele quase soltou, mas o chão debaixo já estava escurecendo com sangue e ele apertou com mais força, gritando: —Socorro! Ajude-me, Rachel! Dottie!

Mas ninguém veio, e quando ele arriscou uma fração de segundo olhar ao redor, não viu nada, mas aglomerados de feridos e mortos sob as árvores a certa distância e as formas oscilantes de soldados, alguns em execução, alguns vagando atordoado pelas lápides. Se as meninas estivessem nas proximidades, elas deviam ter sido forçadas a correr quando a escaramuça rolou através do cemitério.

Ele sentiu a cócega lenta de sangue de Claire saindo sobre o dorso de sua mão e gritou novamente, sua garganta seca rasgando com o esforço. *Alguém tinha que ouvir.*

Alguém tinha. Ele ouviu passos correndo no cascalho e viu um médico chamado Leckie que ele conhecia correndo em direção a ele, com o rosto branco, cercado uma lápide quando ele chegou.

—Tiro?— perguntou Leckie, sem fôlego, caindo de joelhos ao lado de Jamie. Jamie não podia falar, mas acenou com a cabeça. O suor escorrendo pelo rosto e vinco de sua espinha, mas suas mãos pareciam congeladas ao seu corpo; ele não conseguia afastá-las, não poderia deixar de ir até Leckie,

arranhando em uma das cestas de Claire, pegando um chumaço de gaze e empurrando a mão de Jamie para fora do caminho, a fim de colocar as palmas no lugar.

O cirurgião deu uma cotovelada sem piedade de lado e ele afundou de lado um pé ou dois de distância, em seguida, levantou-se, cambaleando, impotente. Jamie não conseguia desviar o olhar, mas tornou-se lentamente ciente de um nó de soldados se reuniam horrorizados, baralhando entre si, sem saber o que fazer. Jamie engoliu ar, agarrou o mais próximo deles, e enviou-o correndo para a igreja em busca Dr. Hunter. Ela queria Denny. Se ela sobrevivesse tempo suficiente para ele vir...

—Senhor! ! General Fraser! —Nem mesmo os gritos de seu próprio nome o fizeram olhar para longe do espetáculo na terra: sangue, tanto, encharcando suas roupas, fazendo uma horrível poça vermelha escura que manchava os joelhos das calças de Leckie quando ele ajoelhou-se sobre ela; seu cabelo, selvagem desatado e derramando, cheio de grama e pedaços de folha do chão que ela estava deitada, com o rosto, oh, Cristo, seu rosto.

—Senhor!— Alguém agarrou seu braço para obrigar a sua atenção. Ele dirigia o cotovelo rígido em quem quer que fosse, e o homem grunhiu de surpresa e soltou.

A tagarelice de sussurros, agitação, pessoas dizendo ao recém-chegado que era a esposa do general, mágoa, tiro, morto ou morrendo...

—Ela não está morrendo!— Ele virou-se e gritou para eles. Pensou vagamente que ele devia parecer um demente; seus rostos enegrecidos ficando horrorizados. Bixby saiu e tocou seu ombro com cuidado, como se fosse uma granada iluminada que podia sair na próxima segunda. Ele pensou que poderia.

—Posso ajudar senhor?— Disse Bixby calmamente.

—Não— ele conseguiu dizer. —Eu... ele... — Ele fez um gesto para Leckie, ocupado no chão.

—General— disse o recém-chegado, pelo seu outro cotovelo. Ele virou-se para encontrar um homem vestido de azul normal muito jovem em um uniforme de tenente folgado, rosto definido em seriedade obstinada. —Eu não gosto de me intrometer, senhor, mas como sua esposa não está morrendo...

—Vá embora!

O tenente estremeceu, mas se manteve firme.

—Senhor— disse teimosamente. —General Lee me enviou com urgência para encontrá-lo. Ele requer que você o atenda de uma só vez.

—Droga de Lee— disse Bixby, muito grosseiro, economizando a Jamie o problema, e avançou para o recém-chegado, com os punhos cerrados.

O tenente já estava vermelho com o calor, mas depois cresceu mais vermelho. Ele ignorou Bixby, no entanto, a atenção voltada para Jamie.

—Você é *necessário*, senhor.

Vozes... Eu ouvia palavras desconexas, saindo do nevoeiro como balas, atingindo de forma aleatória.

—... encontrar Denzell Hunter!

—General...

—Não!

—Mas você precisava vir...

—Não!

—.. encomendas...

—NÃO!

E outra voz, esta dura com medo.

—.. poderia ser fuzilado por traição e deserção, senhor!

Isso focou a minha atenção errante e ouvi a resposta, claramente.

—Então eles vão atirar em mim onde eu estou senhor, por eu não vou sair do seu lado!

*Bom*, Pensei, e, consolada, decorri no vazio da fiação novamente.

—Tire seu casaco e colete, rapaz— disse Jamie abruptamente. O rapaz parecia completamente desnordeado, mas estimulado por um movimento ameaçador de Bixby fez como foi dito. Jamie segurou-o pelo ombro, virou, e disse: —Fique quieto, sim?

Inclinando-se rapidamente, ele pegou um punhado da poça horrível de lama sangrenta e, de pé, escreveu cuidadosamente sobre o mensageiro branco atrás com um dedo:

*Eu renuncio a minha comissão. J. Fraser.*

Ele arremessou os restos de lama longe, mas, depois de um momento de hesitação, acrescentou um manchado e relutante *Senhor*, na parte superior da mensagem, em seguida, bateu o menino no ombro.

—Vá e mostre ao General Lee— disse. O tenente ficou pálido.

—O general não gostará, senhor— disse. —Eu não ousou!

Jamie olhou para ele. O menino engoliu em seco, disse: —Sim, senhor— deu de ombros sobre as suas vestes, e foi em uma corrida, desabotoada e batendo.

Esfregando as mãos descuidadamente em seus calções, Jamie ajoelhou-se novamente ao lado do Dr. Leckie, que dedicou um aceno rápido. O médico estava pressionando um chumaço de gaze e um punhado da saia com força contra o lado de Claire com as duas mãos. As mãos do cirurgião estavam vermelhas até o cotovelo, e o suor escorrendo pelo rosto, pingando de seu queixo.

—Sassenach— disse Jamie baixinho, com medo de tocá-la. Suas próprias roupas estavam encharcadas de suor, mas ele estava frio ate o núcleo. —Você pode me ouvir, moça?

Ela recuperou a consciência, e seu coração subiu para a garganta. Seus olhos estavam fechados, fechados em uma careta furiosa de dor e concentração. Ela o ouviu; os olhos dourados abertos e fixos nele. Ela não falou; sua respiração assobiou por entre os dentes cerrados. Ela viu-o, porém, ele tinha certeza disso, e seus olhos não estavam nublados com o choque, nem escurecer com a morte iminente. Ainda não.

Dr. Leckie estava olhando para seu rosto, também, intenção. Ele soltou sua própria respiração, e a tensão em seus ombros relaxaram um pouco, embora ele não relaxasse a pressão de suas mãos.

—Você pode me dar mais panos, um chumaço de gaze, algo— questionou. —Eu *penso* que sangramento está a abrandar.

A sacola de Claire estava aberta um pouco atrás de Leckie. Jamie se lançou para ela, despejou no chão, e pegou um punhado duplo de bandagens enroladas da ninhada. A mão de Leckie fez um som de sucção quando ele puxou-o para longe do maço encharcado de pano e pegou as bandagens frescas.

—Você pode cortar seus laços— disse o médico calmamente. —Eu preciso que ela permaneça parada. E isso vai ajudá-la a respirar mais facilmente.

Jamie se atrapalhou com sua adaga, as mãos tremendo em sua pressa.

—Un... *amarrar*... eles! —Claire resmungou, franzindo o cenho ferozmente.

Jamie sorriu absurdamente ao ouvir sua voz, e as suas mãos se estabilizaram. Então ela pensou que viveria para precisar de seus laços. Ele engoliu em seco o ar e pôs a desfazer o nó. Os laços de seu espartilho eram

de couro e como de costume encharcados de suor, mas ela usava um simples nó avó, e ele se soltou com a ponta de sua adaga.

O nó caiu livre e ele puxou os cordões soltos, arrancando o espartilho o afastando. Seu peito subiu branco quando ela suspirou, e ele sentiu um instante de constrangimento quando viu os mamilos endurecer através do tecido encharcado de suor de sua anágua. Ele queria cobri-la.

Havia moscas em todos os lugares, pretas e movimentando vindas pelo sangue. Leckie balançou a cabeça para desalojar uma que acendeu em sua sobrançelha. Elas estavam fervilhando rodando em seus próprios ouvidos, mas ele não se preocupou com elas, em vez de afastá-las quando elas se arrastaram do corpo de Claire, sobre ela se contorcendo, rosto pálido, com as mãos metade enroladas e impotentes.

—Aqui— disse Leckie, e, agarrando uma das mãos de Jamie, empurrou para baixo na compressa fresca. —Pressione duro sobre isso. — Ele sentou-se nos calcanhares, pegou outro rolo curativo, e desfraldou. Com alguma elevação e grunhidos e um terrível gemido de Claire, juntos, eles juntos passaram circulando seu corpo, garantindo o curativo no lugar.

Leckie —Certo— No lugar no momento, depois laboriosamente de pé. —O sangramento está parado na maior parte por agora, — ele disse para Jamie. —Eu vou voltar quando eu puder. — Ele engoliu em seco e olhou diretamente para o rosto de Claire, limpando o queixo em sua manga. — Boa sorte para você, minha senhora.

E com isso, ele simplesmente se afastou em direção às portas abertas da igreja, e não olhou para trás. Jamie sentiu tal onda de fúria que ele teria ido atrás do homem e arrastado para trás, ele poderia ter saído do lado de Claire. Ele deixou-a, o filho da puta a deixou! Sozinha, impotente!

—Que o diabo coma sua alma com sal em primeiro lugar, sua vadia!— Ele gritou em *Gaélico* após o cirurgião desaparecer. Dominado pelo medo e pura raiva de impotência, ele caiu de joelhos ao lado de sua esposa e bateu o punho cegamente no chão.

—Você acabou... de chamá-lo de... prostituta? —Suas palavras sussurradas o fez abrir os olhos.

—Sassenach!— Ele estava lutando para abrir seu cantil, perdido nos escombros de coisas de sua bolsa. —Aqui, deixe-me entrar água para você.

—Não. Não... ainda. —Ela conseguiu levantar um meio caminho a mão, e ele parou cantil nas mãos dadas.

—Por que não?— Ela estava cinza como aveia podre e lisa com suor, tremendo como uma folha. Ele poderia ver os lábios começarem a rachar com o calor, pelo amor de Deus.

—Eu não... sei. —Ela trabalhou a boca um momento antes de encontrar as próximas palavras. —Não faça isso... sabe onde ela está. —A mão trêmula tocou a roupa já mostrando uma mancha de sangue que escoava através. —Se for perf... perfuração... intestinal. Bebida faria... matar-me. Rápido. Intestino... em... choque.

Sentou-se com ela devagar e, fechando os olhos, respirou deliberadamente por alguns segundos. Por enquanto, tudo desapareceu: a igreja, a batalha, os gritos e gritos e o estrondo das rodas ágeis ao longo da estrada esburacada através d pressão. Não havia nada, só ela e ele, e ele abriu os olhos para olhar em seu rosto, para gravá-lo em sua mente para sempre.

—Sim, — ele disse, mantendo a voz tão firme quanto podia. —E se esse for o caso... e se ele não a matou rápido... Já vi homens morrem de ferida no abdômen. *Balnain* morrendo dessa forma. É demorado e é imundo, e eu não vou ter você morrendo assim, Claire. Eu não vou!

Ele quis dizer isso, na verdade ele disse. Mas sua mão apertou o cantil com força suficiente para amassar a lata. Como é que ele poderia dar a água que poderia matá-la bem diante de seus olhos, certo... *agora?*

*Não agora, Ele orou. Por favor, não deixe que seja agora!*

—Eu não estou... aguçada... de qualquer forma, —ela sussurrou, depois de uma longa pausa. Ela afastou uma mosca verde-de-barriga, brilhando como esmeralda, que veio para beber as lágrimas. —Eu preciso... Denny. — Um suspiro suave. —Rápido.

—Ele está vindo. — Ele mal podia respirar, e suas mãos pairavam sobre ela, com medo de tocar em algo. —Denny está vindo. Segure-se!

A resposta a esta era um pequeno fechar de olhos na face tensa e seu gruindo deixando seu queixo duro, mas ela o ouviu, pelo menos. Com a vaga lembrança de que ela sempre disse que se deve afastar o choque esquentando o doente e levantando seus pés, ele tirou o casaco e colocou sobre ela, em seguida, tirou o colete, enrolou e empurrou sob seus pés. Pelo menos o casaco cobria o sangue que agora encharcava todo o lado do vestido. Ele se aterrorizou vendo isso.

Seus punhos estavam cerrados, ambos impulsionados duros em seu lado ferido; ele não podia segurar sua mão. Ele colocou a mão em seu ombro w

então ela saberia que ele estava ali, fechou os olhos e orou com todo o seu ser.

### ***Capítulo 83 – Por do Sol***

O sol estava quase para baixo, e Denzell Hunter estava baixando suas facas. O ar estava pesado com a doçura do licor de milho; ele mergulhou os instrumentos nele, e eles pareceram reluzentes sobre o guardanapo limpo que a Sra. Macken colocou sobre o aparador.

A jovem Sra. Macken pairava na porta, uma mão pressionada sobre a boca e os olhos grandes como uma vaca. Jamie tentou dar um sorriso tranquilizador, mas qualquer que fosse sua expressão, não era um sorriso e parecia assustá-la ainda mais, pois ela recuou para escuridão de sua despensa.

Ela provavelmente esteve alarmada durante todo o dia, como todo mundo na aldeia de Freehold; ela estava grávida e seu marido estava lutando com os Continentais. E ainda mais alarmada pela última hora, desde que Jamie bateu em sua porta. Ele socou seis portas antes dela. Ela foi a primeira a responder, e, em má troca de sua hospitalidade, agora encontrava uma mulher gravemente ferida deitada em sua mesa de cozinha, escorrendo sangue como um cervo recém-morto.

Essa imagem enervava ainda mais a Sra. Macken que não era a única na casa que esteve abalada pelos acontecimentos, e ele se aproximou e pegou a mão de Claire, tanto para se assegurar de que era ela.

—Como é que está, Sassenach?— Disse, em voz baixa.

—Sangrando horivelmente— ela respondeu com a voz rouca, e mordeu o lábio para não dizer mais.

—Acha melhor ter um golinho?— Ele mudou para pegar a garrafa de licor de milho bruto do aparador, mas ela balançou a cabeça.

—Basta. Ainda não. Eu não *penso* que atingiu o intestino, mas eu prefiro morrer de perda de sangue e infecção generalizada ou choque, se eu estiver errada.

Ele apertou sua mão. Estava fria, e ele esperava que ela fosse continuar falando, mas ao mesmo tempo ele sabia que não deveria fazê-la falar. Ela precisa de toda a sua força. Ele tentou tão duro quanto ele podia levar um pouco de sua própria força para dentro dela sem machucá-la.

Sra. Macken andou para a sala, carregando um castiçal com uma vela de cera fresca; ele podia sentir a doçura da cera de abelha, e o aroma de mel lembrando John Grey. Perguntou-se por um instante se Grey voltou para as linhas britânicas, mas não perdeu muita atenção nisso, só Claire.

Neste exato momento, ele estava ocupado lamentando que ele jamais tivesse desaprovado sua tomada de fazer éter. Ele teria dado tudo o que possuía para poupá-la da consciência da próxima meia hora.

O sol poente lavou a sala em ouro, e o sangue escorrendo por suas ataduras estava escuro.

—Sempre concentre quando você está usando uma faca afiada: — Eu disse fracamente. —Você pode perder um dedo, outra coisa. Minha avó costumava dizer, minha mãe também.

Minha mãe morreu quando eu tinha cinco anos, minha avó, alguns anos depois, mas eu não a vi muitas vezes, quando tio Lamb passava pelo menos metade do seu tempo em expedições arqueológicas ao redor do mundo, comigo, como parte de sua bagagem.

—Você quis brincar frequentemente com facas afiadas quando criança? — perguntou Denny. Ele sorriu, embora seus olhos ficassem fixos no bisturi, ele tinha cuidadosamente a nitidez em uma pequena pedra de afiar. Eu podia sentir o cheiro do óleo, um perfume suave tenebroso sob o cheiro de sangue e o cheiro de resina das vigas inacabadas de fermento em cima.

—Constantemente— eu respirei, e mudei a minha posição tão lentamente quanto pude. Mordi o lábio com força e consegui aliviar a minha volta sem gemer em voz alta. Isso fez dedos de Jamie ficarem branco quando eu mexi.

Ele estava de pé ao lado da janela, no momento, segurando o peitoril quando olhava para fora.

Ao vê-lo ali, ombros largos traçados pelo sol poente, trouxe de volta uma lembrança súbita, surpreendente em sua nitidez. Ou melhor, memórias, para as camadas de experiência voltadas por completo, em um grande, e eu estava vendo Jamie rígido com seu medo e tristeza, a ligeira figura negra de Malva Christie inclinando-se para ele, e lembrando-se de sentir tanto uma afronta e uma vaga tremenda sensação de paz quando eu comecei a deixar meu corpo, levado nas asas da febre.

Eu balancei a memória de uma só vez, com medo até mesmo de pensar que a paz acenava. O medo era reconfortante; eu ainda não estava tão perto da morte para achá-la atraente.

—Tenho certeza de que foi através do fígado, — eu disse para Denny, rangendo os dentes. — muito sangue...

—Tenho certeza que está certa— disse, pressionando suavemente ao meu lado. —O fígado é uma grande massa de tecido densamente vascularizado— acrescentou ele, voltando-se para Jamie, que não se voltou da janela, mas curvou os ombros contra a possibilidade de ser dito que qualquer outra coisa de natureza horripilante.

—Mas a coisa excelente sobre uma ferida no fígado— Denny acrescentou alegremente, —é que o fígado, ao contrário dos outros órgãos do corpo, vai se regenerar ou então é o que sua mulher me disse.

Jamie me lançou um breve olhar, assombrada, e voltou a olhar para fora da janela. Eu respirei tão superficialmente quanto pude, tentando ignorar a dor, e tentando ainda mais duro não pensar sobre o que Denny estava prestes a fazer.

Esse pequeno exercício de autodisciplina durou cerca de três segundos. Se todos tivéssemos sorte, seria simples e rápido. Ele teve de alargar a entrada da bala na ferida suficiente para ver a direção de sua pista e inserir uma sonda ao longo, na esperança de encontrar a bala antes que ele tivesse que cavar por ela. Em seguida, rápido eu poderia ter a única esperança da inserção de qualquer uma de suas pinças Jawed parecendo mais adequada. Ele tinha três, de diferentes comprimentos, além de um Davier: boa para agarrar um objeto arredondado, mas as mandíbulas eram muito maiores do que as pontas de uma pinça e causaria mais sangramento.

Se não fosse simples ou rápido, eu muito provavelmente eu estaria morta dentro da próxima meia hora. Denny estava inteiramente correto no que ele disse a Jamie: o fígado é extremamente vascularizado, uma enorme esponja de vasos sanguíneos minúsculos cruzados por maiores, com uma veia da porta hepática. É por isso que a ferida superficialmente minúscula sangrou tão alarmante. Nenhum dos grandes vasos estava danificado ainda porque eu teria sangrado até a morte em poucos minutos, se tivessem sido.

Eu estava tentando respirar superficialmente, por causa da dor, mas tinha uma enorme necessidade de dar profundas respirações ofegantes; eu precisava de oxigênio, por causa da perda de sangue.

Sally passou pela minha mente, e eu aproveitei esse pensamento como distração. Ela sobreviveu à amputação, gritando através de uma mordaca de couro, Gabriel, sim, Gabriel, que era o nome do jovem com seu branco de olhos como um cavalo em pânico, lutando para mantê-la firme e não

desmaiar. Ela *teve* que desmaiar, felizmente, no fim. *Então, é uma merda para você, Ernest*, pensei nos olhos turvos e deixei os dois aos cuidados de Rachel.

—Onde está Rachel, Denny — eu perguntei, de repente pensando que queria saber. Eu pensei que eu a vislumbrei brevemente no adro da igreja depois que eu fui baleada, mas não podia ter certeza de tudo o que aconteceu naquela mancha de preto e branco.

A mão de Denny parou por um instante, o ferro cautério que estava segurando suspenso sobre um pequeno braseiro fumegante fixado no final do aparador.

—Ela está à procura de Ian, eu acredito— disse em voz baixa, e colocou muito suavemente o ferro no fogo. — está pronta, Claire?

*Ian* pensei. *Oh, Deus. Ele não voltou.*

—Como eu nunca mais vou estar— falei já imaginando o cheiro de carne queimada. Minha.

Se a bala estivesse descansando perto de um dos vasos de grande porte, Denny sondaria e agarraria podendo rompê-lo e eu teria uma hemorragia interna. A cauterização poderia provocar um choque de repente parando em conjunto e me matando sem aviso prévio. O mais provável, eu sobreviveria à cirurgia, mas morreria de infecção persistente. Um pensamento consolador... Pelo menos nesse caso, eu teria tempo para escrever uma breve nota para Brianna, e talvez avisar Jamie para ter mais cuidado com quem ele se casasse uma próxima vez...

—Espere— disse Jamie. Ele não levantou a sua voz, mas não havia urgência suficiente nele para congelar Denny.

Fechei os olhos, descansando a mão delicadamente sobre o curativo, e tentou imaginar exatamente onde a bala maldita estava. Era apenas *no* fígado, ou se tivesse ido até o fim? Havia muito trauma e inchaço, porém, onde a dor era generalizada por todo o lado direito do meu abdômen; eu não poderia escolher uma única linha, vívida de dor brilhante conduzindo a bola.

**—O que é isso, Jamie?— Perguntou Denny, impaciente sobre o seu negócio.**

**—Sua noiva— disse Jamie, parecendo confuso. —Chegando à estrada com um grupo de soldados.**

**—Será que acha que ela está presa?— perguntou Denny, com uma suposição justamente calma. Eu vi sua mão tremer um pouco quando**

**ele pegou um guardanapo de linho, no entanto.**

—Eu não penso assim— disse Jamie com dúvida. —Ela está rindo com vontade com alguns deles.

**Denny tirou os óculos e enxugou-os com cuidado.**

—Dorothea é um Grey— ressaltou. —Qualquer membro de sua família faz uma pausa na forca para trocar brincadeiras espirituosas com o carrasco antes de graciosamente colocar a corda em volta do pescoço com as próprias mãos.

Isso era tão verdadeiro que me fez rir, embora meu humor fosse cortado de uma só vez por um choque de dor que me tirou o fôlego. Jamie olhou para mim rapidamente, mas bateu uma mão fracamente para ele, e ele foi abrir a porta.

Dorothea bateu, voltando-se para acenar por cima do ombro e dar adeus a seu acompanhante, e ouvi Denny suspirar de alívio quando ele colocou os óculos de volta.

—Ah, bom— disse, indo beijá-lo. —Eu esperava que você ainda não tivesse começado. Eu trouxe algumas coisas. Sra. Fraser, Claire como você está? Quero dizer, como passa? —Ela colocou a cesta grande que ela carregava e veio de uma só vez para a mesa que eu estava deitada, tomando minha mão e olhando para mim com simpatia com seus grandes olhos azul.

—Eu estou um pouco melhor— disse, fazendo um esforço para não cerrar os dentes. Eu me sentia úmida e com náuseas.

—General La Fayette estava mais preocupado em saber como você se machucou— disse. —Ele tem todos os seus assessores contando suas contas de rosário por você.

—Como espécie, — eu disse o que significa, mas esperando que o marquês não enviasse uma saudação complicada que eu pudesse precisar para compor uma resposta. Tendo chegado tão longe, eu queria começar o negócio sangrento rápido, não importa *o que* acontecesse.

—E ele enviou isso— disse, com um olhar um tanto presunçoso em seu rosto enquanto ela segurava uma garrafa de vidro verde. —Você vai querer isso em primeiro lugar, eu acho Denny.

—O que... — Denny começou, pegando a garrafa, mas Dorothea puxou a rolha e o doce cheiro do xarope de xerez rolou fora com o fantasma de um perfume de ervas muito diferente por baixo, algo entre cânfora e sálvia.

—Láudano— disse Jamie, e seu rosto assumiu uma expressão tão surpreendente de alívio que só então percebi o medo que ele sentia por

mim. —Deus abençoe você, Dottie!

—Ocorreu-me que o amigo Gilbert só poderia, eventualmente, ter algumas coisas que poderiam ser úteis— disse com modéstia. —Todos os franceses que eu conheço são terríveis sobre a sua saúde e tem enormes coleções de tônicos e pastilhas e clisteres. Então eu fui e pedi.

Jamie me pôs metade sentada, com o braço apoiado nas minhas costas e a garrafa em meus lábios, antes que eu pudesse adicionar meu próprio obrigado.

—Espere, você vai?— Eu disse, irritada, colocando a mão sobre a boca aberta da garrafa. —Eu não tenho nenhuma ideia de como este material é forte. Você não vai me fazer nenhum bem me matando com ópio.

Custou-me alguma coisa para dizer isso; meu instinto era de drenar a garrafa imediatamente, se ele iria parar a dor bestial. Esse imbecil espartano que permitiu que a raposa roesse seus sinais vitais não teria *nada* meu. Mas, vindo dele, eu não queria morrer, seja de tiro, febre ou desventura médica. E assim Dottie pegou uma colher da Sra. Macken, que olhava em fascinação macabra da porta enquanto eu tomava duas colheres, deitava e esperava uma interminável trimestre de uma hora para julgar os efeitos.

—O marquês mandou todos os tipos de iguarias e coisas para ajudar a sua recuperação— disse Dottie encorajadora, voltando-se para o cesto e começando a levantar as coisas por meio de distração. —Perdiz em geleia, *patê* de cogumelos, alguns *terríveis* queijos com cheiro, e...

Meu desejo repentino de vômito cessou tão de repente, e eu meio que sentei, fazendo com que Jamie emitisse um grito de alarme e me segurasse pelos ombros. Ainda bem que ele fez; eu teria caído no chão. Eu não estava vendo, no entanto, a atenção fixa na cesta de Dottie.

—Roquefort— eu disse com urgência. —É queijo Roquefort? Mais ou menos cinza, com veias verdes e azuis?

—Por que, eu não sei— disse, assustada com a minha veemência. Ela cautelosamente arrancou um pacote envolto em tecido para fora do cesto e segurou delicadamente na minha frente. O odor flutuando era o suficiente e eu relaxei muito lentamente de volta para baixo.

—Bom— eu respirei. —Denzell quando tiver terminado... embale a ferida com queijo.

Trabalhando comigo como ele estava, isso ainda fez seu queixo cair. Ele olhou de mim para o queijo, claramente pensando que a febre devia ter definido com velocidade incomum e gravidade.

—Penicilina— eu disse, engolindo e acenando com a mão para o queijo. Minha boca parecia pegajosa do láudano. —O molde que faz esse tipo de queijo é uma espécie de *Penicillium*. Use o material nas veias.

Denny fechou a boca e assentiu determinado.

—Eu vou. Mas é preciso começar em breve, Claire. A luz está indo.

A luz *estava* indo, e o sentido de urgência na sala era palpável. Mas a Sra. Macken trouxe mais velas, e Denny me garantiu que era uma operação simples; ele faria muito bem à luz de velas.

Mais láudano. Eu estava começando a sentir isso como uma não desagradável sensação de tontura, e eu fiz Jamie me a deitar. A dor era definitivamente menor.

—Dê-me um pouco mais— disse eu, e minha voz parecia não me pertencer.

Tomei uma respiração tão profunda quanto eu podia e me aliviei em uma boa posição, olhando com desgosto para a mordança de couro que estava ao meu lado. Alguém, talvez o Dr. Leckie cortou meu espartilho até o lado mais cedo no processo. Eu abri as bordas amplamente e estendi a minha mão para Jamie.

As sombras cresceram entre as vigas manchadas de fumo. O fogo da cozinha estava depositado, mas ainda vivo, e o brilho começou a se mostrar vermelho na lareira. Olhando para o teto piscando em meu estado drogado lembrou muito do tempo que eu quase morri de intoxicação bacteriana, e eu fechei os olhos.

Jamie estava segurando a minha mão esquerda, enrolada no meu peito, a outra mão acariciando delicadamente o meu cabelo, alisando mechas úmidas do meu rosto.

—Melhor agora, *a nighean*? — Ele sussurrou, e eu assenti ou pensei que fiz. Sra. Macken murmurou alguma questão a Dottie, recebeu uma resposta, e saiu. A dor ainda estava lá, mas agora distante, um fogo pequeno, piscando que eu poderia fechar para fora, fechando meus olhos. O baque da batida do meu coração era mais imediato, e eu estava começando a experimentar... nada de alucinações, muito. Imagens desconexas, embora os rostos de estranhos que se desvaneceram e saindo atrás dos meus olhos. Alguns me olhavam, outros pareciam alheios; eles sorriam e zombou e fez uma careta, mas não tinha nada, realmente, a ver comigo.

—Mais uma vez, Sassenach, — Jamie sussurrou, levantando a cabeça e colocando a colher na boca, pegajosa com xerez e o gosto amargo de ópio.

—Mais uma vez. — Engoli em seco e deitei. Se eu morresse, eu iria ver minha mãe de novo? Eu me perguntava, e experimentei um desejo urgente por ela, chocando em sua intensidade.

Eu estava tentando chamar seu rosto para mim, trazê-la para fora da horda flutuante de estranhos, quando de repente eu perdi o meu domínio sobre meus próprios pensamentos e começou a flutuar em uma esfera de escuro, azul escuro.

—Não me deixe, Claire — Jamie sussurrou muito próximo ao meu ouvido. —Desta vez, eu vou implorar. Não se vá. Por favor. —Eu podia sentir o calor de seu rosto, ver o brilho de sua respiração no meu rosto, mas meus olhos estavam fechados.

—Eu não vou— eu disse ou pensei que saiu. Meu último pensamento claro era que eu me esqueci de dizer para não se casar com uma idiota.

Fora do céu era lavanda, e a pele de Claire foi lavada com ouro. Seis velas queimadas ao redor da sala, as chamas altas ainda no ar pesado.

Jamie estava junto à cabeça, à mão em seu ombro como se pudesse consolá-la. Na verdade, era esse sentido, ainda vivo debaixo da sua mão, que o mantinha em pé.

Denny fez um pequeno som de satisfação por trás da máscara de seu salteador, e Jamie viu o músculo do antebraço tenso quando ele tirou lentamente o instrumento do corpo de Claire. O sangue jorrou da ferida, e Jamie ficou tenso como um gato, pronto para saltar para frente com um chumaço, mas nenhum surto seguido e o sangue morreu a um gotejamento, com uma pequena fila final de sangue quando as garras do instrumento surgiram algo escuro apertado entre elas.

Denny deixou a bola cair na palma da sua mão e olhou para ele, em seguida, fez um barulho irritado; seus óculos estavam embaçados com o suor de seus esforços. Jamie agarrou do nariz do Quaker e esfregou às pressas em sua barra da camisa, substituindo antes de Hunter pudesse piscar duas vezes.

—Obrigado — disse Denny levemente, voltando sua atenção para a bala de mosquete. Ele virou-a delicadamente e soltou um suspiro audível.

—Inteira— disse. —Obrigado a Deus.

—*Deo gratias*— Jamie repetiu com fervor, e estendeu a mão. —Deixe-me vê-la, sim?

As sobrelhas de Hunter subiram, mas ele deixou cair à coisa na mão de Jamie. Estava surpreendentemente quente, quente de seu corpo.

Aquecido, mesmo o ar ou a própria carne transpirando de Jamie, e a sensação de que o fez dobrar o punho sobre ela. Ele roubou um olhar para o peito de Claire: subindo, descendo, embora com lentidão alarmante. Quase tão lentamente, ele abriu a mão.

—O que está procurando, Jamie?— perguntou Denny, fazendo uma pausa para reesterilizar sua sonda de bico.

—Marcas. A fenda, uma cruz qualquer de marca de adulteração. —Ele rolou a bola cuidadosamente entre os dedos, depois relaxou, um pequeno surto de gratidão tornando-o murmurar, —*Deo gratias*— novamente.

—Adulteração?— Havia linhas verticais entre as sobrancelhas de Denny, aprofundando quando ele olhou para cima. —Para fazer o fragmento da bala, o que significa?

—Isso, ou pior. Às vezes, um homem vai esfregar algo na marca como veneno, digamos, ou... ou merda. Apenas no caso da própria ferida não ser fatal, sim?

Hunter pareceu chocado, sua expressão horrorizada claramente mesmo por trás do lenço blindagem.

—Se você tem a intenção de matar um homem, você quer fazer mal— disse Jamie secamente.

—Sim, mas... —Hunter olhou para baixo, colocando a ferramenta com cuidado sobre a toalha como se fosse feita de porcelana, não metal. Sua respiração se agitou o lenço amarrado na boca. —Mas é uma coisa que, com certeza, para matar na batalha, para atirar em um inimigo quando se trata de sua própria vida... e para formar a intenção de sangue frio que seu inimigo morra uma morte horrível e persistente...

Claire fez um barulho medonho num gemido e estremeceu sob suas mãos quando Denny apertou suavemente a carne de ambos os lados da ferida. Jamie segurou-a pelos cotovelos, para impedi-la de se mexer. Denny pegou a coisa novamente.

—Você não vai fazer isso sozinho— disse Hunter com certeza. Seus olhos tinham a intenção de sua delicada sondagem, um chumaço a postos para pegar o sangue que escorria lentamente da ferida. Jamie sentiu a perda de cada gota como se ele deixasse suas próprias veias, e sentia frio; o quanto ela poderia perder e ainda viver?

—Não. Seria uma coisa covarde. —Mas ele falou automaticamente, mal atendendo. Ela estava mole; ele viu os dedos desenrolarem, inclinando, e olhou para seu rosto, sua garganta, em busca de um pulso visível. Ele sentiu um, em seu polegar, onde pressionava o osso de seu braço, mas não podia dizer se era o seu coração que batia lá ou o seu próprio.

Ele estava perfeitamente consciente da respiração de Denny, audível por trás da máscara. Ela parou por um instante, e Jamie olhou para cima de seu escrutínio para o rosto de Claire para ver o olhar do Quaker da intencionalidade quando ele soltou, mais uma vez, desta vez segurando um pequeno grupo de algo irreconhecível. Denny abriu as mandíbulas de suas pinças e deixou cair na toalha, e depois usou a ferramenta para cutucar, tentando espalhá-lo, e Jamie viu o espinho de minúsculos fios escuros com o sangue embebido afastado em uma mancha vermelha brilhante na toalha. Pano.

—O que parece?— Denny perguntou, franzindo a testa para a coisa. —É um pouco de algo dela, ou o material do corpete ou de suas barbatanas? Mas pelo buraco em seu espartilho, eu acho...

Jamie procurou apressadamente em seu sporran, tirou o pequeno saco de seda em que ele manteve os óculos que ele usava para a leitura, e colocou estes em seu nariz.

—Você tem pelo menos dois pedaços separados lá— anunciou ele, após uma leitura atenta e ansiosa. —Lona do espartilho, e um pouco mais leve de um pano. Veja? —Ele pegou uma sonda e delicadamente provocou os fragmentos separados. —Eu acho que um pouco é sua anáguas.

Denny olhou para a pilha de roupas sujas de sangue desconsoladas no chão, e Jamie, de uma só vez adivinhou sua intenção, alcançado, agitou sobre, e tirou os restos de seu vestido.

—É um buraco limpo— disse Denny, olhando para o tecido que Jamie espalhou sobre a mesa. —Talvez... —Ele pegou a pinça e se virou para trás, não terminando.

Uma sondagem mais profunda e Jamie cerrou os dentes para não gritar em protesto. —*O fígado é tão vascular*— ela disse, falando através de Denny o que ele devia fazer. —*O risco de hemorragia...*

—Eu sei— Denny murmurou, olhando para cima. O suor grudou o lenço no rosto, moldando ao nariz e os lábios, por isso o seu discurso era visível. —Eu estou sendo... cuidadoso.

—Sabe isso— disse Jamie, mas tão baixinho que ele não sabia se Hunter ouviu. *Por favor. Por favor, a deixe viver. Mãe Santíssima, asalve... asalve, asalve, asalve...* As palavras todas correram juntas em um instante e ele perdeu o sentido delas, mas não no sentido de súplica desesperada.

A mancha vermelha na toalha cresceu em proporções alarmantes no momento em que Hunter largou a ferramenta novamente e suspirou e os ombros caíram.

—Eu acho que, eu espero, eu tenho tudo.

—Bom. Eu... o que tem que fazer a seguir?

Ele viu Denny sorrir um pouco atrás do pano encharcado, os olhos verde-oliva-marrom suaves em constante sobre ele.

—Cauterizar, ligar a ferida, e orar, Jamie.

## **Capítulo 84 - Anoitecer**

Já estava escuro quando Lord John Grey, acompanhado por uma escolta respeitosa e um índio ligeiramente danificado mancando entrou no campo

de Clinton.

As coisas estavam muito como seria de esperar depois de uma batalha: fortes correntes de agitação se misturavam e exaustão, este último prevalecendo. Sem farra no meio das tendas, sem música. Homens em torno das fogueiras e cozinhas de acampamento, porém, comendo, se classificando, falando sobre isso em voz baixa. No sentido de celebração, mais uma sensação de irritação, de surpresa descontente. O cheiro de carne de carneiro assada veio fortemente através dos cheiros de poeira, mulas, e sudorese humanas, e da boca de Grey regada tanto que ele teve de engolir antes de responder ao inquérito solícito do capitão André quanto aos seus desejos imediatos.

—Eu preciso ver o meu irmão— respondeu ele. —Eu vou participar mediante ao General Clinton e meu senhor Cornwallis mais tarde. Quando eu já estiver lavado e trocado — acrescentou, tirando o casaco preto horrível para que ele sinceramente esperasse que fosse a última vez.

André acenou com a cabeça compreensivamente, levando a roupa vil dele.

—É claro, Lord John. E... um... —Ele acenou com a cabeça delicadamente na direção de Ian Murray, que estava atraindo olhares, se não olhares, de transeuntes.

—Ah. Era melhor vir também.

Ele seguiu André pelos corredores ordenados de tendas, ouvindo o tilintar dos kits e sentiu o conforto da rotina imperturbável do Exército resolvendo no lugar ao seu redor. Murray passeou em seu calcanhar, em silêncio. Ele não tinha ideia do que o homem estava pensando e estava muito cansado para se importar.

Ele sentia o passo de Murray vacilar, embora, e automaticamente olhou por cima do ombro. Murray virou toda a sua atenção focada em um incêndio nas proximidades, este um fogo de madeira, em torno do qual se sentavam vários índios. Grey perguntou vagamente se estes podiam ser amigos de Murray... e corrigido essa impressão no próximo segundo, quando Murray deu três passos de gigante, pegou um dos índios com um antebraço em volta de seu pescoço e deu um soco no lado com tanta força que levantou o vento do outro em um grito audível.

Murray, em seguida, jogou o índio no chão, caiu sobre ele com os dois joelhos fazendo Grey estremecer com o impacto e segurou o homem pelo pescoço. Os outros índios cambalearam para fora do caminho, rindo e

fazendo ganidos agudos de encorajamento ou escárnio, Grey não podia dizer qual.

Ele ficou lá piscando, oscilando ligeiramente, e incapaz de intervir ou desviar o olhar. Murray havia diminuído para deixar um dos cirurgiões de campo remover a ponta da seta de seu ombro, e sangue fresco salpicou a ferida quando ele socou seu oponente violentamente e repetidamente, na cara.

O índio tinha um couro cabeludo raspado e balançando brincos de casca; Grey notou estes quando Murray rasgou a orelha e enfiou-a na boca, onde seu oponente fez uma tentativa forte de resistência e retaliação, apesar de ele ser levado em tal desvantagem.

—Você acha que eles estão familiarizados?— Capitão André perguntou a Grey. Ele virou-se, ouvindo os gritos, e agora estava de pé ao lado Grey, vendo o tumulto com interesse.

—Eu acho que eles devem estar— Grey respondeu distraidamente. Ele olhou de relance para os outros índios, nenhum dos quais pareciam ter qualquer interesse em ajudar seus companheiros, embora alguns deles parecessem estar fazendo apostas sobre o resultado. Eles claramente beberam, mas não mais do que um soldado embriagado na média parecia a esta hora do dia.

Os combatentes estavam agora se contorcendo no chão, evidentemente, que se esforçavam por posse de uma faca grande usada pelo homem que Murray atacou. A luta estava atraindo a atenção de outros três; certo número de homens estavam correndo de incêndios próximos e iam se agrupando atrás de Grey e André, fazendo especulações e apostas precipitadas, oferta gritadas como conselho.

Grey estava consciente, através de sua fadiga, de certa preocupação por Murray e não apenas o próprio relato de Murray. Sobre a chance de que ele teria em algum momento no futuro, na verdade, falaria com Jamie Fraser, novamente, ele não queria que o primeiro tópico criado fosse à morte do sobrinho de Fraser enquanto mais ou menos sobcustódia de Grey. Ele não podia pensar o que diabos fazer sobre isso, porém, e, assim, continuou a ficar ali, observando.

Como a maioria das lutas, não durou muito tempo. Murray ganhou a posse da faca, pelo expediente brutal, mas eficaz, de dobrar um dos dedos de seu oponente para trás até que quebrou e agarrou o punho quando o homem soltou.

Quando Murray pressionou a lâmina contra a garganta do outro homem, que ocorreu tardiamente Grey poderia realmente achar que ele teria a intenção de matá-lo. Os homens ao seu redor certamente pensavam assim; houve um suspiro universal quando Murray passou a lâmina pela garganta de seu inimigo.

O silêncio momentâneo engendrou onde foi o suficiente para a maioria dos soldados para ouvir Murray falar, com um esforço notável, —Eu dou de volta a sua vida!— Levantou-se fora do corpo do índio, balançando e olhando como se fosse um bêbado cego, e arremessou a faca na consternação considerável nas trevas e sem um pouco de xingamento entre aqueles em cuja direção ele atirou.

Na empolgação, a maioria da plateia provavelmente não ouviu a resposta do índio, mas Grey e André fizeram. Ele sentou-se, muito lentamente, as mãos tremendo quando pressionou uma dobra de sua camisa para o corte raso em toda a garganta e disse, em um tom quase coloquial: —Você vai se arrepender disso, Mohawk.

Murray estava respirando como um cavalo sem fôlego, suas costelas visíveis a cada suspiro. A maior parte da tinta foi de seu rosto; havia longas manchas de vermelho e preto no peito reluzente, e apenas uma raia horizontal de alguma cor escura permaneceu através de suas maçãs do rosto que era uma mancha branca no ponto de seu ombro, acima da flechada. Ele acenou com a cabeça para si mesmo, uma vez, em seguida, duas vezes. E, sem pressa, um passo para trás para dentro do círculo de luz do fogo, pegou uma machadinha que estava deitada no chão, e, balançando alto com as duas mãos, levou-a para baixo no crânio do índio.

O som congelou Grey até a medula e silenciou todos os homens presentes. Murray ficou parado por um momento, respirando pesadamente, em seguida, foi embora. Quando ele passava por Grey, ele virou a cabeça e disse, em tom perfeitamente calmo da voz, —Ele está certo. Eu teria, — antes de desaparecer na noite.

Houve um rebuliço tardio súbito entre os espectadores, e André olhou para Grey, mas ele balançou a cabeça. O exército não tomava conhecimento oficial do que se passava entre os escudeiros índios, senão houve um incidente envolvendo regulares. E eles não eram mais irregulares do que o cavalheiro que acabaram de sair.

André pigarreou.

—Ele era o seu... er... prisioneiro, meu senhor?

—Ah... nenhum. A, em... relação pelo casamento.

—Oh, eu vejo.

Estava completamente escuro antes de a batalha terminar. William reuniu tanto do ordenança que o trouxe o jantar, e ele podia ouvir os sons de um acampamento lentamente remontando quando companhias de soldados entraram, foram demitidos, e espalhados para soltar os seus equipamentos e encontrar comida. Nada como o sentido usual de relaxamento que estava em um acampamento após o ocaso. Tudo estava agitado e inquieto e assim estava William.

Sua cabeça doía terrivelmente e alguém costurou o couro cabeludo; os pontos ardiam e coçavam. Tio Hal não voltou, e ele não tinha nenhuma notícia seja qual for além do relatório esboçado do ordenado, que indicava apenas que não houve nenhuma vitória clara sobre os norte-americanos, mas que todas as três partes do exército de Clinton se retirassem em boa ordem, embora com baixas consideráveis.

Ele não tinha certeza se *querida* qualquer outra notícia, para ser honesto. Não ia ser um momento de acerto de contas com Sir Henry sobre isso ignorando a ordem, embora supusesse Sir Henry só poderia, eventualmente, estar preocupado demais para perceber...

Então ele ouviu o som de passos e se sentou. Sua aflição desapareceu no instante em que a porta da tenda levantou e viu seu pai, *Lord John*, ele se corrigiu, mas como uma reflexão tardia ausente. Seu pai parecia surpreendentemente pequeno, quase frágil, e como Lord John mancava na luz da lanterna, William viu o curativo manchado em volta de sua cabeça, a tipóia improvisado, e quando William lançou os olhos para baixo, ele viu, também, o seu estado de pés descalços.

—Tem... — ele começou, chocado, mas Lord John interrompeu.

—Eu estou bem— disse, e tentou um sorriso, embora seu rosto estivesse branco e vincado com a fadiga. —Tudo certo Tudo, Willie. Enquanto você está vivo, tudo está bem.

Ele viu seu domínio, estendeu a mão, como se para se firmar, e, não encontrando nada para tomar posse de, retirá-la e forçar seu corpo ereto. A voz de Lord John estava rouca, e seu olho exposto vermelho e exausto, mas... cansado. William engoliu.

—Se você e eu temos coisas para dizer um ao outro, Willie e, claro, nós deixaremos esperar até amanhã. Por favor. Eu não sou... —Ele fez um gesto vago hesitação, que terminou a lugar nenhum.

O nó na garganta de William foi repentino e doloroso. Ele acenou com a cabeça, mãos apertadas apertando a cama. Seu pai concordou, também, respirou fundo e virou-se para a tenda da ponta onde, William viu, tio Hal estava pairando, os olhos fixos no seu irmão e sobrancelhas desenhadas com preocupação.

O coração de William apreendeu, em um carço mais doloroso do que o de sua garganta.

—Papai!— Seu pai parou abruptamente, virando-se para olhar por cima do ombro.

—Eu estou feliz que você não está morto— desabafou William.

Um sorriso desabrochou lentamente no rosto golpeado de seu pai.

—Eu também— disse.

Ian fez o seu caminho para fora do acampamento britânico, sem olhar nem para a direita nem para a esquerda. A noite estava pulsando lentamente em volta dele. Era como estar preso dentro de um coração enorme, pensou ele, sentindo as paredes espessas apertá-lo sem fôlego, então se afastou para deixá-lo flutuante e sem peso.

Lord John se ofereceu para levar a um cirurgião do exército pela ferida, mas ele não podia suportar ficar. Ele precisava ir, para encontrar Rachel, encontrar tio Jamie. Havia recusado a oferta de um cavalo, assim, sem saber que ele poderia permanecer nele. Ele faria melhor andando, ele disse ao seu senhorio.

E ele estava andando bem, embora obrigado a admitir que ele não se sentisse bem em si mesmo. Seus braços ainda estavam tremendo com o choque do golpe mortal. Vinha de sua entranha e ainda ecoava através de seus ossos, não conseguindo encontrar uma maneira de sair de seu corpo. Bem, isso iria resolver em breve, não era a primeira vez, embora ele não matasse alguém em muito tempo, e um maior tempo desde que ele fez isso com tanta violência.

Tentou pensar no último, mas não conseguiu. Ele podia ouvir e ver e sentir as coisas, mas enquanto seus sentidos *trabalhava*, não se uniram corretamente com as coisas que ele sentia. Tropas ainda estavam marchando por ele no acampamento. A batalha devia ter deixado agora com a escuridão; os soldados estavam voltando para casa. Ele podia ouvir o barulho que eles fizeram, marchando, os seus copos de estanho e cantinas estridentes contra os seus cartuchos de caixas, mas ele ouviu batendo muito

tempo depois que passou, e ele não podia dizer sempre a luz de fogueiras distantes do brilho de vaga-lumes perto de seus pés.

O superintendente escocês. Depois de Saratoga. O rosto do homem estava, de repente, em sua memória, e tão de repente que seu corpo se lembrou da sensação do golpe. O soco violento de sua faca, duro sob as costelas das costas do homem, em linha reta no rim. A enorme flexão, estranho que ele sentiu em seu próprio corpo, como a vida do homem subiu e, em seguida, correu para fora.

Perguntou-se por um momento aturdido se açougueiros sentiam esse eco quando abatiam um animal. Ele fazia, às vezes, quando cortava a garganta de um cervo, mas geralmente não quando apenas torcia o pescoço de uma galinha ou esmagava o crânio de uma doninha.

—Ou talvez você apenas se acostume com isso— disse.

—Talvez se já melhor não tentar se acostumar com isso. Não pode ser bom para a sua alma, *a bhalaich*, sendo esse tipo de coisa.

—Não— ele concordou. —Mas você dizer quando é com as mãos, sim? Não é o mesmo que uma arma ou uma flecha, agora, não é?

—Och, não. Eu quis saber às vezes, faz a diferença matar um homem, bem como a si mesmo?

Pés de Ian erraram em um monte na altura do joelho de erva grossa e ele percebeu que tropeçou fora da estrada. Estava apenas após o escuro da lua, e as estrelas ainda fracas em cima.

—Diferente— ele murmurou, dirigindo de volta para a estrada. —O que quer dizer, diferente? Ele estaria morto, de qualquer maneira.

—Sim, isso é verdade. Eu estou pensando que talvez seja pior que sentir isso seja pessoal, no entanto. Tiro no mais como sendo de batalha atingido por um raio, sabe? Mas você não pode ajudar sendo pessoal quando faz a um homem até a morte pelas suas mãos.

—Mmphm. — Ian caminhou um pouco mais longe, em silêncio, os pensamentos em sua cabeça circulando como sanguessugas nadando em um vidro, indo de um lado para isso.

—Sim, bem, — ele disse finalmente, e percebeu de repente que ele falou em voz alta pela primeira vez. —É *era* pessoal.

O tremor em seus ossos facilitaram com a caminhada. O latejante da noite encolheu e veio para descansar no ferimento de flecha, a dor pulsando ao ritmo de seu próprio coração.

Isso o fez pensar na pomba branca de Rachel, porém, o voar sereno acima da ferida e sua mente se estabilizou. Ele podia ver o rosto de Rachel agora, e ele podia ouvir grilos cantando. O fogo de canhão em seus ouvidos parou e a noite cresceu lentamente pacífica. E se tinha mais a dizer sobre o tema da morte, ele optou por manter o silêncio enquanto caminhavam em direção à casa junto.

**John Grey aliviou seus pés agredidos na bacia, os dentes cerrados contra a sensação de esperar, mas para sua surpresa, descobriu que o levou pouco de dor, apesar da pele rasgada e bolhas rompidas.**

**—O que, isso não é água quente, não é?— Perguntou ele, inclinando-se para olhar.**

**—Azeite doce— disse seu irmão, o rosto cansado relaxando um pouco. —E é melhor que esteja quente, ou o meu ordenança será crucificado ao amanhecer.**

**—Tenho certeza de que o homem treme em suas botas. Obrigado, por sinal — acrescentou ele, cautelosamente colocando os pés. Ele estava sentado no catre de Hal, seu irmão empoleirado na barra da barraca de campanha, derramando algo fora de uma cantina em um dos copos de estanho cicatrizes que o acompanharam ao longo de décadas.**

**—Você é bem-vindo— disse Hal, entregando o copo. —Que diabos aconteceu com seu olho? E seu braço está quebrado? Eu chamei um cirurgião, mas pode levar algum tempo. —Ele acenou com a mão, abrangendo o acampamento, a recente batalha, e o fluxo do retorno ferido e atingido pelo sol.**

**—Eu não preciso de um. No começo eu pensei que meu braço estava quebrado, mas tenho quase certeza de que está apenas machucado. Tal como o olho... Jamie Fraser.**

**—Sério?— Hal olhou surpreso e se inclinou para frente para olhar para os olhos de Grey, agora desembrulhando as ataduras e até agora como Grey poderia dizer muito melhor. A rega constante parou, o inchaço desceu um pouco, e ele podia, com cautela, movê-lo. A partir do olhar no rosto de Hal, no entanto, a vermelhidão e hematomas talvez não completamente desaparecessem.**

**—Bem, em primeiro Jamie, e, em seguida, sua esposa. — Ele tocou o olho levemente. —Ele me deu um soco e, em seguida, ela fez algo insuportável para consertá-lo e colocar mel no mesmo.**

—Tendo sido objeto de noções da senhora no tratamento médico, não estou mesmo ligeiramente surpreso em ouvir isso. — Hal levantou a taça em breve saudação; Grey fez o mesmo e eles beberam. Era cidra, e uma vaga lembrança da aguardente e o coronel Watson Smith flutuaram pela mente de Grey. Ambos pareciam remotos, como se tivessem acontecido anos atrás, em vez de dias.

—Sra. Fraser é adulterada? —Grey sorriu para o irmão. —O que ela fez para você?

—Bem... salvou a minha vida, para ser sincero. —Foi difícil dizer à luz da lanterna, mas Grey pensou que seu irmão estava corando ligeiramente.

—Oh. Nesse caso, eu estou duplamente agradecido a ela. —Ele levantou a taça novamente cerimoniosamente, então esvaziou. A sidra desceu com gratidão depois de um dia quente, sem comida. —Como diabos você caiu em suas garras?— ele perguntou curiosamente, estendendo o copo para mais.

—Eu estava procurando por você— Disse Hal incisivamente. —Se você estivesse onde você era *suposto* estar...

—Você acha que eu deveria estar sentado em algum lugar esperando por você para aparecer sem aviso e me envolver em você sabe o que e quase ser *enforcado*? Além disso, eu estava ocupado sendo sequestrado por James Fraser na época.

Hal levantou uma sobrançelha e despejou mais cidra. —Sim, você disse que ele deu um soco em você. Por quê?

Grey esfregou dois dedos entre as sobrançelhas. Ele realmente não notou a dor de cabeça antes, só porque ele a teve o dia todo. Hal estava definitivamente tornando-se pior.

—Eu não poderia começar a explicar, Hal— disse cansado. —Você pode me encontrar uma cama? Eu acho que eu vou morrer, e se por algum acaso infeliz eu não, eu não falar com Willie amanhã sobre... bem, não importa. —Ele bebeu o último da cidra e pousou o copo, preparando-se relutantemente para levantar os pés do óleo calmante.

—Eu sei sobre William— disse Hal.

Grey parou abruptamente, olhando em dúvida para seu irmão, que deu de ombros.

—Eu vi Fraser, — ele disse simplesmente. —Na Filadélfia. E quando eu disse algo para William, esta tarde, ele confirmou.

—Será que ele sabe?— Murmurou Grey. Ele ficou surpreso, mas um pouco animado com isso. Se Willie se acalmou suficientemente para falar com Hal sobre o assunto, a própria conversa de Grey com seu filho poderia ser um pouco menos cheia do que ele temia.

—Há quanto tempo você sabe?— Perguntou Hal curiosidade.

—Por certo? Desde Willie tinha dois ou três anos. —De repente, ele deu um enorme bocejo, em seguida, sentou-se piscando estupidamente. —Oh queria perguntar. Como a batalha está se desenvolvendo?

Hal olhou para ele com algo entre afronta e diversão. —Você foi irônico *com* isso, não foi?

—Minha parte não ia tão bem. Mas o meu ponto de vista foi um pouco limitado pelas circunstâncias. Isso, e ter apenas um olho funcionando — acrescentou, cutucando gentilmente o olho doente. Uma boa noite de sono... Ansiando por cama o fez balançar, por pouco pegando antes de simplesmente cair do catre de Hal.

—É difícil dizer. — Hal pescou uma toalha amassado de um cesto de roupa à espreita de aparência em um canto e, ajoelhando-se, levantou os pés de Grey fora do óleo e os secou delicadamente. —O inferno de uma bagunça. Terreno terrível, cercados por riachos, ou terras agrícolas ou metade cobertas de árvores... Sir Henry fugiu com o trem de bagagem e refugiados e todos os seguros. Mas, para Washington... —Ele encolheu os ombros. —Tanto quanto eu posso dizer a partir do que eu vi e ouvi, suas tropas absolveram bem. Notavelmente bem — acrescentou ele, pensativo. Ele se pôs de pé. —Deite-se, John. Eu vou encontrar uma cama em outro lugar.

Grey estava muito cansado para discutir. Ele simplesmente caiu e rolou de costas, sem se preocupar em se despir. O olho doente parecia pegajoso, e ele se perguntou vagamente se pediu a Hal para encontrar um pouco de mel, mas decidiu que podia esperar até de manhã.

Hal tomou a lanterna de seu gancho e voltou-se para a porta da tenda, mas parou por um instante, voltando-se.

—Você acha que a Sra. Fraser voltará e amanhã eu quero saber como diabos ela veio a se casar com você, você acha que ela sabe sobre William e James Fraser? —Qualquer um com olhos e viu os dois saberia, — Grey murmurou, com os olhos semicerrados. —Ela nunca mencionou isso, no entanto.

Hal resmungou. —Aparentemente todo mundo sabia salvo William. Não é de admirar que ele esteja...

—Essa é uma palavra para isso.

—Eu não encontrei ainda.

—Será que isso importa?— Olhos de Grey fecharam todo o caminho. Através das névoas da deriva do sono, ele ouviu a voz tranquila de Hal, pela porta da tenda.

—Eu ouvi uma palavra sobre Ben. Dizem que ele está morto.

### ***Capítulo 85 – Uma Longa Estrada para Casa***

Jamie olhava pela pequena janela em sua camisa e calças, vendo o cabelo seco de sua esposa.

Estava quente como uma forja no minúsculo quarto de hóspedes que Sra. Macken lhes deu, e o seu suor estava sobre ele em um orvalho pesado que quebrasse sob seu próprio peso e corria para baixo seus lados com qualquer movimento, mas ele teve o cuidado de não bloquear qualquer sopro tênue de ar que pode infiltrar no quarto; o ar cheirava a queijo Roquefort e sangue.

Ele encharcou seu cabelo com a água do jarro que a Sra. Macken trouxe e molhava sua camisola; agarrando-se a seu corpo, a volta de sua nádega parecendo rosa através do tecido, uma vez que secava. Mostrava a atadura do curativo, também, e a mancha sangrenta que se espalhava lentamente em cima do pano.

*Lento.* Seus lábios formaram a palavra e ele pensou que apaixonadamente, mas não falou em voz alta. *Lento!* Parar completamente seria muito melhor, mas ele se contentaria com lenta agora.

Oito litros. Isso é o quanto de sangue, ela disse um corpo humano tinha. Deveria variar um pouco, embora; claramente um homem do seu tamanho tinha mais que uma mulher como ela. Cabelos simples começaram a subir a partir da massa de imersão, enrolando quando eles secavam, delicados como antenas de uma formiga.

Ele desejou que ele pudesse dar a ela um pouco do seu sangue; ele tinha muito. Ela disse que era possível, mas não neste momento. Algo a ver com as coisas no sangue que podiam não corresponder.

Seu cabelo era uma dúzia de cores, marrom, melão, creme de leite e manteiga, o açúcar, preto... brilha em ouro e prata, onde a luz morria ao tocar. Uma ampla faixa de branco puro na sua temporã, quase à sombra de sua pele. Ela estava deitada de lado de frente para ele, com uma mão enrolada contra seu peito, a outra solta, arrebitada, de modo que o interior de seu pulso mostrava o branco puro, também, as veias azuis devastadoras.

Ela disse que pensou em cortar os pulsos quando ela o acreditava morto. Ele não achava que ele iria fazê-lo dessa forma, se ela morresse. Ele viu isso: Toby Quinn com seu pulso cortado até o osso e todo o seu sangue correndo por todo o chão, o quarto fedendo a carnificina e a palavra *Dizimo* escrita na parede acima dele no sangue, sua confissão. Um dízimo para o inferno, ele quis dizer, e ele estremeceu, apesar do calor e benzeu-se.

Ela disse que era talvez o sangue que fez os meninos do Jovem Ian, todos morrerem, o sangue não correspondendo entre ele e sua esposa Mohawk e que talvez fosse diferente com Rachel. Ele disse uma rápida Ave Maria, que poderia ser assim, e benzeu-se novamente.

O cabelo que estava em cima de seus ombros estavam enrolando agora, sinuoso, lento subindo como pão. Deveria ele despertá-la para beber de novo? Ela precisava de água, para ajudar a fazer mais sangue, para esfriá-la com suor. Mas, enquanto ela dormia, a dor era menor. Alguns momentos mais, então.

*Agora não. Por favor, não agora.*

Ela se mexeu, gemendo, e ele viu que ela estava diferente; inquieta agora. A mancha em seu curativo mudou de cor, escurecido de escarlate à ferrugem, uma vez que secou. Ele colocou a mão suavemente em seu braço e sentiu o calor.

O sangramento havia parado. A febre começou.

As árvores em companhia falavam com ele. Ele desejou que parasse. A única coisa que Ian Murray queria agora era silêncio. Ele estava sozinho no momento, mas seus ouvidos zumbiam e sua cabeça ainda latejava com o ruído.

Isso sempre acontecia um pouco depois de uma briga. Você estava ouvindo tão duro, para começar, para os sons do inimigo, a direção do vento, a voz de um santo atrás de você... você começou a ouvir as vozes da floresta, quando você estava caçando. E, em seguida, ouviu os tiros e gritos, e quando havia momentos em que parava você ouvia o sangue pulsando em

volta de seu corpo e batendo em seus ouvidos, e, apesar de tudo, levava algum tempo para parar depois.

Ele tinha lampejos de coisas que aconteceram durante os dias com os soldados; o baque da seta que o atingiu; o rosto do Abenaki que ele matou pelo fogo; o olhar de George Washington em seu grande cavalo branco, correndo pela estrada, acenando com o chapéu, mas estes iam e vinham em uma névoa de confusão, aparecendo como se revelado a ele por um golpe de relâmpago, em seguida, desaparecendo em uma névoa zumbido.

Um vento saiu sussurrando através dos ramos mais perto, e ele sentiu na pele como se tivesse sido escovado com uma lixa. O que Rachel poderia dizer, quando ele dissesse o que ele fez?

Ele ainda podia ouvir o som quando severamente cedeu o crânio de Abenaki. Ele ainda podia senti-lo, também, nos ossos dos braços, na dor explodindo de sua ferida.

**Vagamente, ele percebeu que seus pés não estavam mais o mantendo na estrada; ele estava tropeçando em touceiras de capim, arrancar os dedos dos pés cobertos de mocassins nas rochas. Ele olhou para trás para encontrar o seu caminho, viu, claro, uma linha oscilante de preto... Por que estava vacilante?**

**Ele não queria o silêncio, depois de tudo. Ele queria a voz de Rachel, não importa o que ela pudesse dizer a ele.**

**Ocorreu vagamente que ele não poderia ir mais longe. Ele estava ciente de um leve sentimento de surpresa, mas não tinha medo.**

**Ele não se lembrava de cair, mas encontrou-se no chão, o rosto quente pressionado contra o espinho de agulhas de pinheiro. Laboriosamente, ele ficou de joelhos e raspou a grossa camada de agulhas caídas. Então, ele estava deitado com o seu corpo na terra úmida, o cobertor de agulhas meio que puxou sobre ele; ele não mais poderia fazer e disse que uma breve oração para a árvore, para protegê-lo durante a noite.**

**E quando caiu de cabeça na escuridão, ele ouviu a voz de Rachel, na memória.**

**—A jornada de Sua vida está ao longo de seu próprio caminho, Ian, — ela disse: —E eu não posso compartilhar sua viagem, mas eu posso andar por fora com você. E eu vou.**

**Seu último pensamento era que ele esperava que ela ainda quisesse dizer isso a ele quando disse o que ele fez.**

## ***Capítulo 86 - Como o Amanhecer Rosado aponta e se mostra a cima das Mãos da Multidão***

Grey acordou com os tambores da alvorada, não assustando com o barulho já acostumado, mas com uma ideia clara de onde estava. *Em campo*. Bem, isso era óbvio. Ele balançou as pernas para fora da cama e sentou-se lentamente, fazendo um balanço. Seu braço esquerdo doía muito, um de seus olhos estava emperrado, e sua boca estava tão seca que mal conseguia engolir. Ele dormiu com suas roupas, cheirava mal, e precisava muito mijar.

Ele tateou sob o catre, encontrou um utensílio, e usou-o, observando de uma forma bastante sonhadora que sua urina cheirava a maçãs. Isso trouxe de volta o gosto de cidra e, com ele, o recolhimento total do dia e da noite antes. Mel e moscas. Artilharia. Jamie, o sangue escorrendo pelo rosto. Coronha do rifle e o quebrar do osso. William... Hal...

Lembranças quase cheias. Sentou-se e ficou muito quieto por um momento, tentando decidir se Hal realmente disse que seu filho mais velho, Benjamin, estava morto. Certamente que não. Deve ter sido um pingo de pesadelo, demorando-se em sua mente. E ainda teve a terrível sensação de certeza condenada que descia como uma cortina sobre a mente, sufocando descrença.

Ele levantou-se, cambaleando um pouco, determinado a ir e encontrar seu irmão. Ele ainda não encontrou seus sapatos, porém, quando o retalho foi jogado para trás e Hal entrou, seguido de um ordenança com uma bacia, um jarro fumegante e implementos de barbear.

—Sente-se— disse Hal, com uma voz completamente normal. —Você vai ter que usar um dos meus uniformes e não estará fazendo isso com esse cheiro. Que diabo aconteceu com seu cabelo?

Grey esqueceu-se de seu cabelo e passou uma palma no topo de sua cabeça, surpreso com o cabelo eriçado.

—Oh. O *ardil de guerra*. —Ele sentou-se lentamente, com os olhos em seu irmão. O olho ruim abriu, apesar de estar desagradavelmente duro, e até agora como Grey podia ver, Hal parecia muito como sempre fazia. Cansado, é claro, fatigado, e um pouco mal-assombrado, mas todos pareciam assim

um dia depois de uma batalha. Certamente, se isso fosse verdade, ele parece diferente. Pior ainda, de alguma forma.

Ele teria perguntado, mas Hal não se demorou, saindo e deixando John nas mãos do ordenança. Antes das abluções serem completas, um cirurgião escocês jovem com sardas apareceu, bocejando como se não tivesse dormido a noite toda, e piscou os olhos turvos no braço de Grey. Ele cutucou isso de uma forma profissional, pronunciado o osso rachado, mas não quebrado, e colocando em uma tipoia.

A tipoia teve que ser removida quase ao mesmo tempo, para que ele se vestisse, outro ordenança chegou com uma bandeja de café da manhã e no momento em que ele estava arrumado e alimentado com uma força uniforme, estava selvagem com impaciência.

Ele teria que esperar por Hal para reaparecer, embora; nenhum ponto de sair para limpar o campo por ele. E ele realmente tinha que conversar com seu irmão antes de procurar William. Um pequeno prato de mel foi fornecido com o seu brinde, e ele estava mergulhando um dedo duvidoso nele, perguntando se ele deveria tentar esfregar em seu olho, quando, finalmente, a aba abriu novamente e seu irmão estava com ele.

—Será que você realmente me disse que Ben está morto?— Ele deixou escapar uma só vez. O rosto de Hal contraiu um pouco, mas sua mandíbula foi definida.

—Não— disse Hal uniformemente. —Eu disse que eu tive notícias de Ben, e que *disseram que* ele estava morto. Eu não acredito nisso. —Ele deu a John um olhar desafiando-o a contradizer esta crença.

—Oh. Bom — disse Grey suave. —Então eu não acredito nisso, também. Quem lhe disse, embora?

—É por isso que eu não acredito nisso— Hal respondeu, virando-se para levantar a aba da tenda e espiar evidentemente para ter certeza de não ser ouvido, e o pensamento fez uma vibração na barriga de Grey um pouco. — Foi Ezequiel Richardson, que me trouxe a notícia, e eu não confiaria esse sujeito se ele me disse que eu tinha um buraco no traseiro de minhas calças, e muito menos algo parecido.

A vibração na barriga de Grey pareceu um bater de asas.

—Seus instintos não o traem— disse. —Sente-se e pegue um pedaço de torrada. Eu tenho algumas coisas para dizer.

William acordou com um dor de cabeça quebra e a convicção de que ele havia se esquecido de algo importante. Segurando a cabeça, ele descobriu

uma ferida em volta de uma bandagem, às escoriações em seu ouvido. Ele puxou-a com impaciência; havia sangue, mas não muito e tudo seco. Ele lembrou pedaços vagos de coisas da noite anterior, dor, náusea, sua cabeça nadando, tio Hal... e, em seguida, a imagem de seu pai, com o rosto branco e frágil... —*Se você e eu tínhamos coisas para dizer um ao outro...* — Cristo, se tivesse sonhado isso?

Ele disse algo ruim em alemão, e uma voz jovem repetiu, meio em dúvida.

—O que é que isso quer dizer, senhor?— Perguntou Zeb, que apareceu ao lado de sua cama com uma bandeja coberta.

—Você não precisa saber, e não repita— disse William, sentando-se. — O que aconteceu com a minha cabeça?

A testa de Zeb dobrou.

—Você não se lembra, senhor?

—Se eu soubesse, eu estaria perguntando para você?

A testa de Zeb venceu na concentração, mas a lógica desta questão escapado dele e ele apenas deu de ombros, colocou a bandeja, e respondeu primeiro.

—Coronel Grey disse que você foi atingido na cabeça por desertores.

—Desertor, oh. — Ele parou para pensar nisso. Desertores britânicos? Não... havia uma razão pela qual os palavrões alemão saltaram para a sua mente. Ele tinha uma memória fugaz de hessianos e... e o quê?

—Colenso tem sobre as merdas, — Zeb ofereceu amavelmente.

—É bom saber o dia está começando bem para alguém. Oh, Jesus. —A dor estalou dentro de seu crânio, e ele levou a mão à cabeça. —Você tem alguma coisa para beber naquele tabuleiro, Zeb?

—Sim, senhor!— Zeb descobriu a bandeja, triunfalmente revelando um prato de ovos mexidos com torradas, uma fatia de presunto e um copo de algo que parecia suspeitosamente escuro, mas cheirava a álcool.

—O que tem aqui?

—Não sei, senhor, mas o coronel Grey diz que é um *fio de cabelo de cachorro o que você tem* esse tipo de coisa.

—Oh— Portanto, não foi um sonho. Ele empurrou esse pensamento de lado por um momento e olhou o copo com um interesse cauteloso. Ele teve o primeiro da restauração de seu pai quando ele tinha quatorze anos e confundiu o soco quando estava sendo preparado para o jantar da festa de Lord John com o mesmo tipo que as senhoras tinham nas festas de jardim.

Ele teve um pouco mais nos anos que e encontrou invariavelmente eficaz, se em vez surpreendente para beber.

—Certo, então— disse, e, respirando fundo, pegou o copo e esvaziou-o, engolindo heroicamente, sem parar para respirar.

—Cor!— Disse Zeb, admirando. —O cozinheiro disse que poderia enviar algumas salsichas, iria até comê-las.

William apenas balançou a cabeça estando momentaneamente incapaz de falar e pegou um pedaço de pão, que ele se ocupou por um momento, não estando completamente pronto para considerar realmente inseri-lo em sua boca. Sua cabeça ainda doía, mas o restaurador abalou solto mais alguns pedaços de detritos em seu cérebro.

—... *Conselho? Você é muito velho para dar e muito jovem para aceitar...*

—... *Er spricht Deutsch. Er gehört! ... —Ele fala alemão. Ouviu.*

—Eu ouvi— disse lentamente. —O que eu ouço?

Zeb parecia pensar isso de outra pergunta retórica e, em vez de tentar responder, perguntou a um dos seus próprios.

—O que aconteceu com Goth, senhor?— Seu rosto magro era solene, como se esperasse receber más notícias.

—Goth— William repetiu sem expressão. —Aconteceu alguma coisa com Goth?

—Bem, ele se foi, senhor— disse Zeb, aparentemente tentando ser discreto. —Isto é, quando os rebeldes o levaram e ao índio longe dos rebeldes, você não estava com ele.

—Quando o... o índio? O que o diabo *aconteceu* ontem, Zeb?

—Como eu poderia saber?— Disse Zeb, ofendido. —Não estava lá, estava?

—Não, inferno é claro, merda. É o meu tio Duque de Pardloe está no acampamento? Eu preciso falar com ele.

Zeb parecia duvidoso.

—Bem, eu posso ir e procurá-lo, eu suponho.

—Sim, por favor. Agora. —William acenou para ele, em seguida, sentou-se ainda por um momento, tentando manter os fragmentos irregulares de sua memória de volta. Rebeldes? Goth... Ele se lembrava de *algo* sobre Goth, mas o que era? Se ele correu para os rebeldes, quem tomou o cavalo? Mas o que era isso sobre índios e desertores, e por que ele continua ecos do discurso alemão na parte de trás do seu cérebro?

E quem, indo pensar sobre isso, era o Coronel Grey que Zeb se referiu? Ele assumiu que era tio Hal mas a classificação do seu pai era tenente-coronel, e ele também iria ser chamado de *coronel* de uso comum. Ele olhou para a bandeja e o copo vazio. Tio Hal certamente sabia sobre o pelo do cão, mas...

—*Enquanto você está vivo, tudo está bem.*

Ele colocou o prato intocado para baixo, um repentino nó na garganta. Mais uma vez. Ele teve o nódulo na noite passada, quando viu seu pai. Quando ele disse a seu pai, sim, caramba, seu pai! —*Eu estou feliz que você não está morto.*

Ele talvez não estivesse pronto para falar com papai ou para ele, e ele não chegou a concordar que tudo estava bem, mas...

Um raio de luz solar brilhante passou em seu rosto, enquanto a aba da tenda foi deixada de lado, e ele sentou-se, balançando as pernas para fora da cama para estar pronto para atender...

Mas não era tanto seu tio ou seu pai, que apareceu fora do borrão de olho molhando da luz solar. Era Banastre Tarleton, em uniforme, mas sem peruca e desabotoado, parecendo indecentemente alegre para alguém cujo rosto parecia ter sido espancado mal não muito tempo atrás.

—Vivo, não é, Ellesmere?— Ban viu o prato e, pegando um ovo mexido em seus dedos, ele engoliu em seco. Ele lambeu os dedos amanteigados, fazendo barulhos satisfeitos.

—Cristo, eu estou com fome. De pé desde o amanhecer. Um estomago vazio pode quase te matar e deixa esfomeado, eu vou dizer que sim. Posso ter o resto?

—Seja meu convidado. Quem você está matando no café da manhã? Rebeldes?

Tarleton olhou surpreso, preso com a boca cheia de torrada. Ele mastigou esta imperfeitamente e fechou a mordida antes de responder com uma chuva de migalhas.

—Não, as tropas de Washington retiraram-se para o sul, até onde eu sei. Desertores de Hesse. O mesmo grupo que você corou e deixou para morrer, ou assim eu assumir. Eles tinham o seu cavalo; reconheci. —Ele estendeu a mão para outro ovo, e William enfiou uma colher na sua mão.

—Pelo amor de Deus, coma como um cristão. Você *tem* meu cavalo?

—Sim. Ele está manco na dianteira direita, mas eu não acho que está ruim. Mmm... você já tem o seu próprio cozinheiro?

—Não, ele é do meu tio. Conte-me sobre os desertores. Eles me bateram na cabeça, e minha memória é um pouco irregular. —Mais do que um pouco, mas pedaços estavam começando a voltar muito rápido agora.

Entre mordidas, Tarleton deu a história. Uma companhia de mercenários sob Von Knyphausen convenceu-os ir para o deserto durante a batalha, mas nem todos os homens eram da mesma opinião. Aqueles a favor da deserção levaram um pouco e foram discretamente discutindo se havia a necessidade de matar os dissidentes, quando William apareceu inesperadamente no meio deles.

—Isso bateu um pouco de inclinação nas maneiras, como se poderia supor. — Tarleton, tendo terminado os ovos e a maior parte da bebida, pegou o copo e olhou desapontado ao descobrir vazio.

—Provavelmente há água naquela cantina— disse William, apontando em direção ao objeto de estanho-e-couro surrado pendurado no pau da barraca. —Então é isso... Eles pareciam um pouco nervoso, mas quando eu perguntei a um deles em alemão se havia um ferrador nas proximidades era isso! Goth jogou um sapato, é por isso que ele, mas então ouvi alguém sussurrando, parecendo frenético, e ele estava dizendo, Ele ouviu! Ele sabe! —significava que ele pensou que eu os ouvi e sabiam o que estavam fazendo.

Ele suspirou de alívio por ter esta grande parte do dia anterior restaurado.

Tarleton assentiu. —Imagine isso. Eles *mataram* alguns dos dissidentes reunindo uma discussão começando depois que bateu na cabeça e atirou no barranco, mas nem todos eles.

Alguns dos mercenários escaparam e se dirigiram para Von Knyphausen, que, ao ouvir a notícia, enviou uma expedição para Clinton pedindo ajuda para lidar com os canalhas.

William acenou para isso. Era sempre melhor ter questões como deserção ou traição tratando pelas tropas fora das companhias afetadas. E sabendo de Ban Tarleton, ele teria pulado a chance de rastrear os desertores e...

—Foi dito para matá-los?— ele perguntou, esforçando-se por casualidade.

Tarleton deu um sorriso e limpou algumas migalhas remanescentes do queijo.

—Não especificamente. Tenho a impressão de que o tempo que eu trouxe alguns para contar, ninguém se importava muito quantos. E não *foi* uma pitada de *derramar incentivadora dos outros* em minhas ordens.

Educadamente suprimindo seu choque com a revelação de que Tarleton podia ler, e muito menos ler Voltaire, William assentiu.

—Eu vejo. Meu ordenança disse algo bastante curioso: mencionou que eu fui encontrado por rebeldes com um índio. Sabe alguma coisa sobre isso?

Tarleton olhou surpreso, mas balançou a cabeça.

—Não é uma coisa. Oh —Ele sentou-se no banco e agora se balançou um pouco, mãos cruzadas sobre um joelho, parecendo satisfeito consigo mesmo. —Eu *sei* de uma coisa, no entanto. Lembre que você me perguntou sobre Harkness?

—Harkness... Oh, sim —exclamação de William tinha menos a ver com a menção de Capitão Harkness e mais a ver com a coisa mais importante que ele esqueceu que acabou de voltar para ele: Jane e sua irmã.

Ele teve um impulso imediato para se levantar e for encontrá-la, verificar se elas estavam bem. Os legalistas fugitivos e seguidores do acampamento teriam sido bem claros na batalha real, é claro, mas a violência e agitação que assistiram a luta não simplesmente paravam quando a luta fez. E não era apenas desertores e catadores que saquearam, estupraram e caçavam entre as ovelhas infeliz.

Ele poupou um pensamento intermitente durante para Anne Endicott e sua família, mas eles tinham, pelo menos, um homem para protegê-las, porém mal equipado. Jane e Fanny... mas certamente Zeb saberia, se alguma coisa...

—O quê?— Ele olhou fixamente para Tarleton. —O que você disse?

—Essa batida na cabeça afetou sua audição, também, não é?— Ban tomou um gole do cantil. —Eu disse que fez perguntas. Harkness nunca se juntou ao seu regimento. Para tudo que se sabe, ele ainda está na Filadélfia.

A boca de William estava seca. Ele estendeu a mão para o cantil e tomou um gole; a água estava quente e difícil degustação, mas molhada.

—Ausente sem licença, você quer dizer?

—Muito sem licença— Tarleton assegurou. —Ninguém se lembra de vê-lo, ele estava prometendo voltar para algum bordel e dar uma puta uma adequada visão. Talvez ela tenha visto, em vez disso! —Ele riu muito com o pensamento.

William levantou-se abruptamente, então procurou algo para fazer, chegando a substituir o cantil em sua unha. A aba da tenda abaixou, mas um feixe cheio de poeira de luz solar ainda caindo pela abertura, pegando o brilho do metal. O Gorget do seu oficial pendurado no prego, sua prata brilhando ao sol.

—Percival Wainwright?— John não viu Hal tão desconcertado desde os acontecimentos relativos à morte de seu pai, que também envolvia Percy, começando a pensar sobre isso.

—Em pessoa. Ele é, aparentemente, um conselheiro do Marquês de La Fayette.

—Quem é esse?

—Um jovem sapo brilhante com um monte de dinheiro— disse Grey com um encolher de ombros um ombro. —General rebelde. Diz-se muito perto de Washington.

—Perto— Hal repetido, com um olhar afiado em Grey. —Perto de Wainwright, também, o que você acha?

—Provavelmente, não dessa forma— ele respondeu com calma, embora seu coração batesse um pouco mais rápido. —Percebi que você não está completamente surpreso que ele não está morto. Percy, eu quero dizer —Ele estava vagamente ofendido; ele teve um monte de problemas para fazer parecer que Percy morreu na prisão enquanto aguardava julgamento por sodomia.

Hal apenas bufou. —Os homens gostam de morrer por tão conveniência. Por que diabos ele está dizendo isso, você sabe?

Grey suprimiu a memória vívida de bergamota, vinho tinto, e petitgrain[39].

—Eu não sei. Mas eu *sei* que ele está profundamente envolvido com os interesses franceses, e...

—Wainwright nunca foi envolvido com quaisquer outros do que seu próprio interesse— Hal interrompido bruscamente. Ele deu a John um olhar afiado. —Você faria bem em lembrar-se disso.

—Eu duvido que eu jamais veja seu companheiro novamente— John respondeu, com vista para a implicação de que seu irmão o considerava ingênuo ou pior. Ele estava totalmente ciente de que, enquanto Hal estava tratando notícias de Ben Richardson com desprezo, e era muito provável

fazer isso, nenhum deles podia ignorar completamente à possibilidade de que o homem disse a verdade.

Hal verificou este pressuposto batendo com o punho no peito campanha, fazendo com que os copos de estanho saltassem e caíssem. Ele se levantou abruptamente.

—Maldição— ele murmurou. —Fique aqui!

—Onde você está indo?

Hal parou na porta da tenda por um instante. Seu rosto ainda estava abatido, mas John reconheceu a luz batalha em seus olhos.

—Para prender Richardson.

—Você não pode prendê-lo você mesmo, pelo amor de Deus!— Grey estava de pé, também, segurando a manga de Hal.

—Qual regimento que ele pertence?

—A quita companhia, mas ele está distante. Eu disse que ele era da inteligência, não disse? —A palavra *inteligência* pingava com desprezo.

—Tudo bem, eu vou falar com Sir Henry em primeiro lugar.

John começou um aperto no braço de Hal e apertou seus braços para isso. —Eu deveria ter pensado que você tinha o suficiente de escândalo até agora— disse, tentando por calma. —Respire fundo e imagine o que provavelmente vai acontecer se você fizer isso. Supondo-se que Sir Henry iria tomar o tempo para considerar o seu pedido? Hoje, pelo amor de Deus —Ele podia ouvir o exército em movimento do lado de fora; não havia perigo de perseguição das tropas de Washington, mas Clinton não ia vir aqui. Sua divisão, com sua bagagem e refugiados sob sua asa, estaria na estrada dentro de uma hora.

O braço de Hal estava duro como mármore sob a mão de John e ficou assim. Mas ele *fez* parar, respirar com uma lenta e profunda regularidade. Por fim, ele virou a cabeça e olhou nos olhos de seu irmão. Um feixe de luz solar jogou todas as linhas em seu rosto em relevo gritante.

—Diga uma coisa que você acha que eu não faria— disse em voz baixa, —a fim de não ter que dizer a Minnie que Ben está morto.

Grey desenhou um profundo suspiro longo, de sua própria e balançou a cabeça, deixando ir.

—Ponto de tomada. Tudo o que você pretende fazer, eu vou ajudar. Mas primeiro eu tenho que encontrar William. O que Percy disse...

—Ah. Hal piscou e seu rosto relaxou uma fração. —Sim, é claro. Encontrar você aqui em meia hora.

William mal terminou de se vestir antes que a mensagem que ele esperava estava no meio do caminho e chegou por Sir Henry, entregue pelo tenente Foster, que ele conhecia um pouco. Foster fez uma careta com simpatia quando entregou.

William observou o selo pessoal de Sir Henry Clinton: não era um bom sinal. Por outro lado, se ele deveria ser preso por estar ausente, sem deixar o dia anterior, Harry Foster teria trazido uma escolta armada e levado sem sua licença. Isso era levemente animador, e ele quebrou o selo sem hesitação.

No caso, era uma nota lacônica aconselhando-o que ele foi retirado de serviço até novo aviso, mas isso era tudo. Ele exalou, só então percebendo que ele estava segurando a respiração.

Mas é claro que Sir Henry não iria prendê-lo como e onde, com o exército em movimento? Curto de colocá-lo a ferros e transportá-lo na carroça... Realisticamente, Clinton não podia nem confiná-lo aos trimestres; os bairros em questão estavam começando a tremer em cima como de seu tio ordenasse conjunto para desmontar a tenda.

Tudo bem, então. Ele enfiou a nota no bolso, enfiou os pés em suas botas, pegou o chapéu e saiu, sentindo-se não tão ruim, considerando todas as coisas. Ele tinha uma dor de cabeça, mas era suportável, e ele conseguiu comer o café que Tarleton deixou.

Quando as coisas se acalmaram e Sir Henry ficou rondando para tomar conhecimento oficial de sua desobediência de ordens, William pode pescar até o Capitão André para explicar sobre ir encontrar Tarleton, e tudo estaria bem. Enquanto isso, ele iria até a área dos seguidores de acampamento e encontrar Jane.

Havia um forte cheiro amargo da couve fresca flutuando sobre a expansão de abrigos improvisados e detritos humanos, e uma dispersão de carroças paradas ao longo da estrada, com as mulheres aglomerando em volta delas. Os cozinheiros do exército alimentaram os refugiados, mas as rações eram escassas e, sem dúvida, foi interrompida pela batalha.

Ele caminhou ao longo da estrada, mantendo-se atento para Jane ou Fanny, mas não manchando de qualquer maneira. Seu olho esteve em sintonia com uma jovem, no entanto, ele pareceu ver Peggy Endicott, caminhando pela estrada com um balde em cada mão.

—Senhorita Peggy! Posso oferecer minha ajuda, senhora? —Ele sorriu para ela e foi aquecido para ver seu próprio rosto, um pouco ansioso antes da flor sob a touca.

—Capitão— ela gritou, quase deixando cair seus baldes em sua excitação. —Ah, eu estou *assim* feliz em vê-lo! Estávamos todos tão preocupados por você, você sabe, na batalha, e todos nós disse uma oração para a sua segurança, mas papai nos disse que você certamente prevaleceria sobre os rebeldes maus e Deus iria vê-lo a salvo.

—Suas lindas orações eram de grande efeito— ele assegurou gravemente, levando os baldes. Um estava cheio de água e outro de nabos, seu verde encabeça murcha sobre a borda. —Está a sua mãe e pai bem, então, e suas irmãs?

Caminharam juntos, Peggy dançando na ponta dos pés e batendo como um papagaio pequeno afável. William ficou de olho abertos por Jane ou Fanny entre as lavadeiras; que era mais seguro perto daquelas senhoras temíveis do que em algumas outras partes do campo. Não havia chaleiras fervendo, esta manhã, é claro, mas o cheiro de sabão de soda cáustica flutuava no ar úmido, como escória em um caldeirão cheio de roupas sujas.

Não havia nenhum sinal de Jane e Fanny no momento em que ele chegou à carroça dos Endicott ainda em todas as quatro rodas, ele estava contente de ver. Ele foi saudado calorosamente por todos os Endicotts, embora as meninas e Sra. Endicott fizeram um grande barulho do nódulo em sua cabeça quando ele tomou o seu chapéu para ajudar com o carregamento de sua carroça.

—Nada, minha senhora, uma mera contusão — assegurou Sra. Endicott pela nona vez, quando ela pediu para sentar-se à sombra e beber um pouco de água com um pouquinho de conhaque no mesmo, pois ainda tinha algum, graças a Deus...

Anne, que manobrou perto dele, passando os itens a serem carregados, inclinou-se com uma caixa de chá e deixou a mão escovar a sua deliberadamente com certeza.

—Você vai ficar em Nova York, sim?— Ela perguntou, inclinando-se para pegar uma maleta. —Ou talvez, você deve desculpar a minha curiosidade, mas as pessoas tem *vontade* de falar e voltar para a Inglaterra? Senhorita Jernigan disse que poderia.

—Senhorita... oh, é claro. —Ele lembrou Mary Jernigan, um pedaço louro muito coquete com quem ele dançou em um baile na Filadélfia. Ele olhou por cima da multidão de refugiados legalistas. —Ela está aqui?

—Sim— respondeu Anne, um pouco tensa. —Dr. Jernigan tem um irmão em Nova York; eles vão ficar com ele por um tempo. —Ela se

recompôs, ele podia ver que ela estava lamentando ter recordado a sua atenção para Mary Jernigan e sorriu para ele, profundamente o suficiente como para invocar a covinha na bochecha esquerda. —Você não precisa se refugiar com os parentes relutantes, porém, precisa? Senhorita Jernigan disse que você tem uma grande vasta propriedade esperando por você na Inglaterra.

—Mmm— disse sem se comprometer. Seu pai o avisou no início sobre jovens mulheres casamenteiras de espírito com um olho para a sua fortuna, e conheceu um bom número delas. Ainda assim, ele *gostava* de Anne Endicott e sua família e estava inclinado a pensar que tinha uma relação real com ele, assim, apesar de sua posição e as considerações pragmáticas que devem agora afligir Anne e suas irmãs, com os assuntos de seu pai tão precário.

—Eu não sei— disse, pegando sua mala. —Eu realmente não tenho ideia o que me espera. Quem faz, em tempo de guerra? —Ele sorriu, um pouco tristemente, e ela parecia sentir o senso de incerteza, pois ela impulsivamente pôs a mão em sua manga.

—Bem, a certeza de que você tem amigos, pelo menos, que se importam o que acontece com você— ela disse suavemente.

—Obrigado— disse, e virou o rosto para o carrinho, para que ela não ver o quanto que ele a tocou.

No torneamento, porém, seu olho captou um movimento intencional, alguém enfiando em sua direção no meio da multidão, e suaves olhos escuros de Anne Endicott desapareceram abruptamente de sua mente.

—Senhor!— Era seu cavaliariço Colenso Baragwanath, ofegando com o esforço de execução. —Senhor, você...

—Aí está você, Baragwanath! Que diabo você está fazendo aqui e onde você deixou Madras? A boa notícia, no entanto: Goth voltou. Coronel Tarleton o tem pelo amor de Deus? —Para Colenso estava se contorcendo como se tivesse uma cobra em seus calções, com o rosto contorcido em quadrados de informações.

—Jane e Fanny se foram, senhor!

—Foram? Foram para onde?

—Não sei senhor. Mas elas foram. Voltei para buscar o meu casaco e o abrigo ainda estava de pé, mas suas coisas se foram e eu não poderia encontrá-las e quando eu perguntei pelo povo dos acampamentos perto de nós, eles disseram que as meninas enrolaram suas trouxas e se foram!

William não perdeu tempo perguntando como alguém poderia escapar de um campo aberto de vários milhares de pessoas, e muito menos por que isso deve ser necessário.

—Qual o caminho que elas foram?

—Aqui, senhor!— Colenso apontou para a estrada.

William passou a mão sobre o rosto e parou abruptamente quando, inadvertidamente, ele tocou o inchaço machucado na têmpora esquerda.

—Ouch. Bem, inferno sangrento, eu imploro seu perdão, senhorita Endicott. —Pois neste momento ele se tornou consciente de Anne Endicott em seu cotovelo, os olhos redondos com curiosidade.

—Quem é Jane e Fanny?— ela perguntou.

—Ahh... duas jovens senhoras que viajam sob minha proteção — disse, sabendo o efeito exatamente *que* essa informação era susceptível de ter, mas não foi de grande ajuda para ele. —*Muito* jovens — acrescentou, na vã esperança de melhorar as coisas. —Filhas de um... hum, primo distante.

—Oh, — ela disse, parecendo distintamente convencido. —Mas elas fugiram? Por que nunca eles devem fazer uma coisa dessas?

—Dane-se se eu peço perdão, minha senhora. Eu não sei, mas eu tenho que ir e descobrir. Você vai dar minhas desculpas a seus pais e irmãs?

—Eu, é claro. — Ela fez um pequeno gesto abortivo em direção a ele, colocando a mão e, em seguida, retirou. Ela parecia tanto assustada e um pouco ofendida. Ele se arrependeu, mas não havia tempo para fazer nada sobre isso.

—Seu servo, senhora— disse, e, curvando-se, a deixou.

No final, era metade de um dia, em vez de meia hora, antes de John ver Hal novamente. Ele encontrou seu irmão, por acaso, de pé pela estrada que levava para o norte, observando as colunas em marcha passar. A maior parte do acampamento já havia deixado; apenas os vagões cozinheiro e chaleiras de lavanderia passando agora, a expansão desordenada de seguidores de acampamento se espalhando por trás deles como uma praga de piolhos sobre a terra do Egito.

—William foi embora— disse ao Hal sem preâmbulos.

Hal assentiu o rosto sombrio. —Então é Richardson.

—Maldição.

O cavaliço de Hal estava presente, segurando dois cavalos. Hal empurrou sua cabeça em uma égua preta baia e tomou as rédeas de seu próprio cavalo, um cavalo castrado com uma chama e uma meia branca.

—Onde você pensa que está indo?— John perguntou, vendo seu irmão virar a cabeça do cavalo castrado sul.

—Filadélfia— Hal respondeu lacônico. —Onde mais?

Grey poderia pensar em qualquer número de alternativas, mas reconheceu uma pergunta retórica, quando ouviu uma e contentou-se em perguntar: —Você tem um lenço limpo?

Hal deu um olhar vazio, então remexeu em sua manga, tirando um amassado, mas não utilizado quadrado de linho.

—Aparentemente. Por quê?

—Eu espero que nós precisemos de uma bandeira de trégua em algum ponto. Para exército continental situado atualmente entre nós e Filadélfia, quero dizer.

—Oh, isso. — Hal enfiou o lenço de volta na manga e não disse mais nada até que negociou o seu caminho passado os últimos remanescentes de fuga da horda de refugiados e encontraram-se mais ou menos sozinho na estrada que leva ao sul.

—Ninguém poderia ter certeza, na confusão— disse, como se ele passou falando 10 segundo antes. —Mas parece muito como se o capitão Richardson abandonou.

—O quê?

—Não é um mau momento para escolher, realmente— disse Hal pensativo. —Ninguém teria notado que ele foi embora por dias, se eu não tivesse vindo à procura dele. Ele estava em campo ontem à noite, porém, e, a menos que ele disfarce como um carroceiro ou uma lavadeira, ele não está aqui por mais tempo.

—A contingência parece remota— disse Grey. —William esteve aqui esta manhã, tanto o seu ordenança e seus jovens cavaleiros o viram, e por isso um coronel Tarleton da Legião britânica, que tomou café da manhã com ele.

—Quem? Oh, ele. —Hal acenou fora para Tarleton como uma distração. —Clinton valoriza, mas eu nunca confiei em um homem com lábios como uma menina.

—Independentemente disso, ele parece ter tido nada a ver com o desaparecimento de William. O cavaleiro Baragwanath acha que William saiu para ver sobre algumas... mulheres jovens entre os seguidores de acampamento.

Hal olhou para ele, uma sobrancelha levantada.

—Que tipo de mulheres jovens?

—Provavelmente, o tipo que você está pensando— John respondeu um pouco tenso.

—Naquela hora da manhã, depois de ter sido surrado na cabeça na noite anterior? E mulheres jovens, plural? Tem resistência esse menino, eu vou dizer isso para ele.

Grey poderia ter dito uma série de outras coisas sobre William, neste ponto, mas não fez. —Então você acha que Richardson está no deserto. — Isso explicaria o foco de Hal em Filadélfia; Percy se estava certo e Richardson era de fato um agente americano, onde mais ele poderia ir neste momento?

—Parece que a possibilidade mais provável. Também... —Hal hesitou por um momento, mas depois a sua boca firmou. —Se eu acreditasse que Benjamin estava morto, o que eu poderia esperar para fazer?

—Ide e faça investigações sobre sua morte— respondeu Grey, suprimindo a sensação incômoda a noção induzido. —Reclame o seu corpo, pelo menos.

Hal assentiu. —Ben foi ou está-sendo mantido em um lugar em New Jersey chamado Acampamento Middletown. Eu não estive lá, mas é no meio do território mais forte de Washington, nas montanhas Watchung. Ninho dos rebeldes.

—E você seria improvável para fazer esse tipo de viagem com uma grande guarda armado, — John observou. —Você vai sozinho, ou talvez com um ordenança, um estandarte ou dois. Ou eu.

Hal assentiu. Eles montaram um pouco, cada um sozinho com seus pensamentos.

—Então, você não está indo para as montanhas de Watchung— disse Grey, finalmente. Seu irmão suspirou profundamente e apertou sua mandíbula.

—Não imediatamente. Se eu posso ir com Richardson, eu posso descobrir o que está realmente aconteceu ou não aconteceu, com Ben. Após isso...

—Você tem um plano para prosseguir, uma vez que atinjam a Filadélfia? — Perguntou Grey. —Tendo em conta que está em mãos dos rebeldes?

Os lábios de Hal comprimiram. —Eu vou ter no momento em que chegar lá.

—Eu ousou dizer. Eu tenho um agora, apesar de tudo.

Hal olhou para ele, colocando uma mecha de cabelo úmido atrás da orelha. Seu cabelo estava descuidadamente amarrado para trás; ele não deu ao trabalho de tê-lo entrançado ou batido, esta manhã, um sinal claro de sua agitação. —Será que isso envolve nada patentemente louco? Seus melhores planos de sempre.

—Nem um pouco. Temos a certeza de encontrar os Continentais, como eu disse. Assumindo que não são fuzilados, produzimos sua bandeira de trégua — ele acenou para a manga de seu irmão, a partir do qual a borda do lenço caiu— e procurar as companhias do general Fraser.

Hal deu um olhar assustado.

—*James Fraser?*

—A mesma coisa. — O nó no estômago de Grey apertou um pouco mais com o pensamento. Tanto a ideia de falar com Jamie novamente e o pensamento de dizer que William estava sumido. —Ele lutou com Benedict Arnold em Saratoga, e sua esposa é amigável do homem.

—Deus ajude General Arnold, nesse caso, — Hal murmurou.

—E quem mais tem uma razão melhor para nos ajudar nesta questão do que Jamie Fraser?

—Quem de fato?— Andaram por algum tempo em silêncio, Hal aparentemente perdida em pensamentos. Não era até que fez uma pausa para encontrar um riacho e água para os cavalos que ele falou de novo, a água escorrendo pelo rosto, onde ele espirrou.

—Então você de alguma forma não só se casou com a mulher de Fraser, mas você acidentalmente cuidou de seu filho ilegítimo pelos últimos quinze anos?

—Aparentemente, sim, — Grey disse, num tom que esperava indicando falta de disposição completa para falar sobre isso. Pela primeira vez, Hal entendeu o recado.

—Eu vejo— disse, e, sem dúvidas, enxugou o rosto com a bandeira de trégua e se elevaram.

## ***Capítulo 87 – O Nascer da Lua***

Não foi um dia calmo. Aparentemente Jamie tinha de alguma forma mantido a presença suficiente na mente ontem à noite para escrever uma breve nota, embora ele não se lembrasse de fazê-lo a La Fayette, explicando

o que aconteceu e confiando cuidado de suas tropas para o marquês. Ele enviou com o tenente Bixby, com instruções para notificar os capitães e comandantes de milícias de suas companhias. Após ele esqueceu tudo, menos Claire.

Mas eles não esqueceriam, apesar de tudo. O sol estava mal antes de um fluxo de oficiais aparecendo na porta da Sra. Macken, em busca do general Fraser. Sra. Macken tomou cada chegada como sendo o possível portador de más notícias sobre o marido ainda desaparecido, e o cheiro de mingau queimado subiu pela casa, infiltrando as paredes como o cheiro do medo.

Alguns vieram com perguntas, alguns com notícias ou fofocas do General Lee ficando aliviado do dever, sendo preso, indo para a Filadélfia, virando o casaco e se juntando a Clinton, que se enforcado, desafiando Washington para um duelo. Um mensageiro chegou do General Washington com uma nota pessoal de simpatia e boa vontade; outra veio de La Fayette com uma enorme cesta de alimentos e uma meia dúzia de garrafas de vinho tinto.

Jamie não podia comer, mas deu a comida a Sra. Macken. Ele manteve algumas garrafas de vinho, no entanto, que ele abriu e manteve para ele durante o dia, tomando goles ocasionais para sustentá-lo enquanto ele limpava e assistia e orava.

Judá Bixby veio e se foi como um fantasma útil, aparecendo e desaparecendo, mas sempre parecendo estar lá se fosse necessária alguma coisa.

—As companhias de milícias... —Jamie começou, mas depois não conseguiu pensar o que ele tinha a intenção de pedir que dissesse a respeito. —Estão eles... ?

—A maioria deles se foi para casa— disse-lhe Bixby, descarregando uma cesta cheia de garrafas de cerveja. —O alistamento termina no amanhã do trigésimo dia, senhor— acrescentou suavemente —, mas a maioria deles partiu há primeira hora esta manhã.

Jamie soltou um suspiro que não sabia que ele estava segurando e sentiu uma pequena medida de paz.

—Eu acho que vai passar meses antes que alguém saiba de uma vitória ou não — comentou Bixby. Ele puxou a rolha de uma garrafa, e depois outra, e entregou uma a Jamie. —Mas certamente não foi à derrota. Vamos beber a isso, senhor?

Jamie estava cansado com preocupação e oração, mas conseguiu dar um sorriso para Judá e de uma rápida palavra de agradecimento a Deus pelo menino.

Assim Judá foi embora, um pouco mais longa a oração em nome de seu sobrinho. Ian não voltou, e nenhum dos visitantes de Jamie tinha qualquer palavra dele. Rachel voltou tarde na noite anterior, com o rosto branco e silencioso, e foi para fora outra vez ao amanhecer. Dottie se ofereceu para ir com ela, mas Rachel se recusou; as duas eram necessárias para lidar com os feridos ainda sendo trazidos e os dos abrigados nas casas e celeiros de Freehold.

*Ian, Jamie pensou com angústia, dirigindo-se a seu cunhado. Pelo amor de Deus, tem um olho para o nosso rapaz, porque eu não posso fazê-lo. Sinto muito.*

A febre de Claire subiu rapidamente durante a noite, em seguida, pareceu cair um pouco com a chegada da luz; ela estava consciente de vez em quando capaz de poucas palavras, mas na maioria das vezes ela se deitava em um cochilo inquieto, sua respiração vindo rasas e pontuadas por súbitos suspiros profundos, que rasgam a fazendo acordar, ela sonhou que estava sendo sufocada, ela disse. Ele dava tanta água quanto ela pudesse tomar e aflagava seu cabelo novamente, e ela iria cair de novo em sonhos febris, resmungando e gemendo.

Ele começou a se sentir como se estivesse vivendo uma febre em si mesmo: preso em repetições intermináveis de oração e água, estes quebrados por visitas de algo desaparecido, um mundo estranho.

Talvez este fosse o purgatório, ele pensou, e deu um sorriso amarelo na memória para si mesmo, despertando sob a Charneca de Culloden, há tantos anos, as suas pálpebras seladas com sangue, pensando estar morto e grato por isso, mesmo que a sua perspectiva imediata fosse um período de purgatório que vagava em uma circunstância desconhecida, provavelmente desagradável, mas não que ele temesse.

Ele temia o que poderia ser iminente.

Ele *tinha* que chegar à conclusão de que ele não poderia se matar, mesmo que ela morresse. Mesmo que ele pudesse levar a cometer um pecado dessa magnitude, havia pessoas que precisavam dele, e abandoná-los seria um pecado ainda maior do que a destruição intencional do dom da vida de Deus. Mas, para viver sem ela, ele a viu respirar, obsessivamente,

contando dez respirações antes que ele fosse acreditar que ela não parou certamente seria seu purgatório.

Ele não percebeu levantar os olhos, e talvez ele não fizesse, mas ele saiu de seu devaneio para ver seus próprios olhos abertos, um preto borrado suave no branco do rosto. A luz havia desaparecido para a beira final do crepúsculo e toda a cor lavou a partir da sala, deixando-os em uma névoa poeirenta luminosa que não era dia por mais tempo, mas ainda não à noite. Ele viu que seu cabelo estava quase seco, enrolando em massas sobre o travesseiro.

—Não tenho... decidi... não morrer — disse, com uma voz pouco mais que um sussurro.

—Oh. Ótimo. —Ele estava com medo de tocá-la, por medo de machucá-la, mas não podia suportar não fazer. Ele colocou a mão suavemente, como se pudesse sobre a dela, achando bom, apesar do calor aprisionado no pequeno sótão.

—Eu *poderia* você sabe. —Ela fechou um olho e olhou acusadoramente para ele com o outro. —Eu *queria*; é isso... isso é horrível.

—Eu sei— ele sussurrou, e levou a mão aos lábios. Seus ossos eram frágeis, e ela não tinha força para apertar sua mão; seus dedos estavam moles nos seus.

Ela fechou os olhos e respirou audivelmente um pouco.

—Você sabe por quê?— Disse, de repente, abrindo os olhos.

—Não. — Ele pensou em fazer alguma observação como uma piada sobre sua necessidade de escrever sua nota de como fazer éter, mas seu tom de voz estava falando sério, e ele não fez.

—Porque, — ela disse, e parou com uma pequena careta que apertou seu coração. —Porque, — ela disse com os dentes cerrados —eu sei o que é... como quando eu... pensei que estivesse morto, e —Um pequeno suspiro para respirar, e seus olhos fixos nos dele. —E eu não faria isso com  *você* . — Seu peito caiu e os olhos fecharam.

Foi um longo momento antes que ele pudesse falar.

—Obrigado, Sassenach— ele sussurrou, e segurou sua mão pequena e fria entre a sua própria e observou-a respirar até que a lua surgiu.

Eu podia ver a lua através da pequena janela; estávamos no sótão da casa. Era à primeira respiração da lua nova, mas toda ela era visível, uma bola perfeita de violeta e índigo em concha com uma foice de luz, luminosa

entre as estrelas. —A lua nova como velha, — gente do campo chamava na Inglaterra. No cume, as pessoas chamavam de *retenção de água*.

A febre me deixou. Ela também me deixou drenada, tonta e fraca como um rato recém-nascido. Meu lado estava inchado do quadril ao cóccix, quente e sensível ao toque, mas eu tinha certeza de que este era apenas o trauma cirúrgico. Não havia qualquer infecção significativa, apenas uma pequena inflamação perto da superfície na incisão.

Eu me senti um pouco como a lua nova: a sombra da dor e da morte ainda era claramente visível para mim, mas apenas porque a luz estava lá para jogá-la em perspectiva. Por outro lado, ainda havia pequenos aspectos práticos e indignidades a serem tratados. Eu tinha que fazer xixi e eu não podia sentar sozinha, e muito menos agachar sobre um penico.

Eu não tinha ideia de que horas eram, embora com a lua como essa, não poderia ser o meio da noite. A casa ainda estava calma embora o tenente Macken voltasse com segurança no final da tarde, trazendo consigo vários outros homens, mas eles estavam muito exausto da celebração; e podia ouvir o ronco fraco do andar de baixo. Eu não podia incomodar a todos, chamando pela assistência de Loretta Macken. Com um suspiro, eu me inclinei cautelosamente para o lado da cama e limpei a garganta.

—Sassenach? É você né? —Um segmento da escuridão no chão se moveu de repente e se formou em uma sombra em forma de Jamie.

—Sim. E você?

Isso me deu fôlego de uma risada.

—Sou eu, Sassenach, — ele disse suavemente, e eu ouvi o sussurro de seu movimento quando ficou de pé. —Estou feliz por você se sentir bem o suficiente para perguntar. Você precisa de água?

—Er... muito pelo contrário, na verdade, —eu disse.

—Oh? Oh — Ele se abaixou, um borrão pálido em sua camisa, para chegar a baixo da cama. —você precisa de ajuda?

—Se eu não precisasse, eu não teria acordado você— eu disse um pouco irritada. —Eu não acho que eu poderia esperar pela Sra. Macken ou Dottie, no entanto. — Ele bufou um pouco e me pegou por baixo dos braços, levantando-me em uma posição sentada.

—Agora, então, — ele murmurou. —Não é como se você não fizesse isso e um bom número pior de coisas comigo.

Embora isso fosse verdade, não tornava as coisas mais fáceis.

—Você pode deixar agora— eu disse.

—Talvez sair do quarto?

—Talvez não— disse, ainda levemente, mas com um tom indicando que sua mente foi feita sobre o assunto. —Se eu deixar, você vai cair em seu rosto, e você sabe perfeitamente bem, então pare de falar e resolva o seu negócio agora, sim?

Demorou algum tempo, qualquer coisa dando uma pressão sobre meu abdômen, incluindo o ato de urinar, uma dor extraordinariamente, mas o negócio foi feito e eu estava aliviada de volta e deitada sobre o travesseiro, ofegante. Jamie inclinou-se e pegou o penico, com a clara intenção de lançar o conteúdo para fora da janela na forma habitual de Edimburgo.

—Não, espere!— Disse. —Mantenha até de manhã.

Ele fez uma pausa.

—Para quê?— Ele perguntou com cautela. É evidente que ele suspeitava que eu ainda pudesse estar desequilibrada de febre e estar contemplando algum uso grosseiramente irracional do conteúdo do penico, mas ele não gostaria de dizer, no caso de eu tivesse algo lógico, bizarro, em mente. Eu teria rido, mas doía muito.

—Eu preciso verificar, uma vez que não há luz, para ter certeza de que não há sangue— eu disse. —Meu rim direito está muito dolorido; eu quero ter certeza de que não há danos.

—Ah. — Ele colocou o utensílio para baixo com cuidado e, para minha surpresa, abriu a porta e deslizou para fora, movendo-se suave de pés como uma raposa caça. Ouvi um grito quando ele pisou em um degrau da escada, mas nada mais até que um brilho indicava seu retorno com um castiçal.

—Dê uma olhada, então— disse, pegando o penico novamente e trazendo-o para mim. —Eu sei que você apenas se preocupa com isso e não quer ter que esperar o dia amanhecer.

Ele parecia resignado, mas esta pequena reflexão trouxe-me à beira das lágrimas. Ele ouviu a captura de minha respiração e inclinou-se, alarmado, trazendo a luz para o meu rosto.

—Você está bem, Sassenach? É ruim, então?

—Não— eu disse, e limpei os olhos às pressas em um canto do lençol. —Não, está tudo bem. Eu só oh, Jamie, eu te amo! —Eu deixei dar lugar a lágrimas, então, funguei e chorei como uma idiota. —Sinto muito— eu disse, tentando me apossar de mim. —Eu estou bem, não há nada de errado, é só...

—Sim, eu sei bem o que é — disse, e, colocando a vela e o penico no chão, deitou-se na cama ao meu lado, equilibrando precariamente na borda.

—Você está machucada, *a nighean*, —Ele disse suavemente, alisando meu cabelo minhas bochechas molhadas. —E febril e faminta e cansada para uma sombra. Não a muito de você, está lá, coitadinha?

Eu balancei a cabeça e me agarrei a ele. —Não a muito do que você deixou, também, — eu consegui dizer, murmurando na frente de sua camisa.

Ele fez um pequeno ruído divertido e esfregou minhas costas, muito gentilmente. —Chega Sassenach— disse. —É bastante. Por enquanto.

Suspirei e apalpei sob o travesseiro para um lenço para assuar o nariz.

—Melhor?— ele perguntou, sentando-se.

—Sim. Não vá embora. —Eu coloquei a mão em sua perna, dura e quente na minha mão. —Você pode se deitar comigo um minuto? Estou terrivelmente gelada. —Eu estava, embora eu percebesse a umidade e sal em sua pele no quarto muito quente. Mas a perda de muito sangue me deixou gelada e ofegante; eu não poderia começar através de uma frase sem parar para respirar, e meus braços estavam permanentemente parecendo perfurados por espinhos.

—Sim. Não se mexa; eu vou dar a volta. —Ele deu a volta na cama e deitou cuidadosamente atrás de mim. Era uma cama estreita, larga o suficiente para manter-nos perto pressionado.

Exalei cautelosamente e relaxei contra ele em câmera lenta, deleitando-me com a sensação de seu calor e o conforto sólido de seu corpo.

—Elefantes— eu disse, dando a mais rasa respiração possível compatível com a fala. —Quando um elefante fêmea está morrendo, por vezes, um macho vai tentar acasalar com ela.

Houve um silêncio marcado atrás de mim, e, em seguida, uma grande mão deu a volta e pousou firme na minha testa.

—Ou você está febril novamente, Sassenach— disse no meu ouvido — ou esta tendo muitas fantasias perversas. Você realmente não quer que eu...

—Não— eu disse apressadamente. —Não é justo neste momento, não. E eu não estou morrendo, de qualquer maneira. O pensamento só veio a mim.

Ele fez um ruído escocês divertido e, levantando o cabelo do meu pescoço, beijou minha nuca.

—Desde que você não está morrendo— disse, —talvez isso vá resolver pelo momento?

Peguei sua mão e coloquei no meu peito. Lentamente eu fiquei mais quente, e os meus pés frios, pressionado contra suas canelas, relaxaram. A janela agora estava cheia de estrelas, nebulosas com a umidade da noite de verão, e de repente eu perdi as frias e claras noites, pretas de veludo para as montanhas, as estrelas em chamas enormes, perto o suficiente para tocar desde o mais alto cume.

—Jamie?— Eu sussurrei. —Podemos ir para casa? Por favor?

—Sim, — ele disse suavemente. Ele segurou minha mão e o silêncio encheu a sala como o luar, nós dois perguntando onde poderia ser nossa casa.

### ***Capítulo 88 - uma lufada de Roquefort***

Eu não vi nada do dia anterior do rebanho de visitantes, embora Jamie me dissesse sobre eles. Este dia, no entanto, trouxe algo para mim. Sra. Macken subiu as escadas, apesar de seu estado avançado de gravidez, e mostrou o meu quarto minúsculo com grande respeito.

Ele não estava de uniforme e era para ele, bastante maçante, com um casaco e calças cinza fosca que foi referida (com precisão) como *triste cor* embora ele *tivesse* o cuidado de usar um colete cinza-claro com isso que lisonjeado sua coloração.

—Como vai você, minha querida?— Perguntou, tirando o chapéu. Sem esperar por uma resposta, ele desceu em um joelho ao lado da cama, pegou a minha mão e beijou-a levemente. Seu cabelo loiro foi lavado, eu vi, cheirava a sabão de bergamota e cortado para um comprimento uniforme. Como nesse período era de aproximadamente uma polegada, o efeito geral me lembrava de irresistivelmente de um patinho difuso. Eu ri, então suspirei e pus a mão ao meu lado.

—Não a faça rir!— Disse Jamie, encarando John. Seu tom era frio, mas eu o vi ver o aspecto de John, e o canto de sua boca se contraiu.

—Eu sei— disse John com tristeza para mim, passando a mão sobre a cabeça e ignorando completamente Jamie. —Não é terrível? Eu devia realmente usar uma peruca para o bem da decência pública, mas eu não poderia suportar o calor.

—Não sei se eu culpo você— eu disse a ele, e passei a mão pela massa úmida do meu próprio cabelo, seco sobre meus ombros. —Embora eu ainda

não chegasse ao ponto de querer raspar minha cabeça— eu acrescentei incisivamente, não virando a cabeça em direção a Jamie.

—Não faça isso. Não adiantaria em tudo, —John me assegurou.

—Como está o seu olho?— Eu perguntei, devagar tentando levantar sobre o travesseiro. —Deixe-me dar uma olhada.

—Fique aí— disse, e, inclinando sobre mim, abriu os dois olhos arregalados. —Eu acho que está muito bom. Ainda um pouco sensível ao toque e sinto uma pontada estranha quando eu movo muito para cima ou para a direita, mas você cheira-queijo francês? —Ele parecia um pouco assustado.

—Mmm. — Eu estava cutucando gentilmente a carne ao redor da órbita, que parecia apenas ligeiramente inchada. A esclera ainda era muito vermelha, mas o ferimento era muito melhor. Eu manuseie para baixo a pálpebra inferior para inspecionar a conjuntiva: um belo rosa escorregadio, nenhum sinal de infecção. —Lagrimēja?

—Só em sol forte, e não muito— ele me assegurou, endireitando-se. Ele sorriu para mim. —Obrigado, minha querida.

Jamie não disse nada, mas a maneira como ele respirava tinha uma sensação diferentemente nervosa sobre isso. Eu o ignorei. Se ele escolheu fazer um barulho, eu não poderia detê-lo.

—O que vocês está fazendo aqui?— Ele perguntou abruptamente. John olhou para ele, uma sobrancelha levantada, como se surpreso ao vê-lo se aproximando do outro lado da minha cama. John levantou-se lentamente de pé, segurando os olhos de Jamie com o seu próprio.

—O que você acha que estou fazendo?— Ele perguntou. Não havia nenhum indício de desafio na pergunta, e eu pude ver de repente Jamie olhar a sua própria hostilidade, franzindo a testa ligeiramente enquanto olhava sobre John, considerando.

Um dos lados da boca de John virou-se um pouco.

—Você acha que eu vim para lutar com você pelos favores desta senhora? Ou, para seduzi-la do seu lado?

Jamie não riu, mas a linha entre as sobrancelhas suavizou.

—Eu não— disse secamente. —E como você não parece estar muito mal, duvido que venha para ser medicado.

John deu um movimento amável da cabeça, o que indica que esta linha de raciocínio estava correta.

—E duvido assim— Jamie continuou uma vantagem rastejando em sua voz, —que você veio continuar a nossa discussão anterior.

John respirou lentamente, e exalou ainda mais lento, em relação Jamie com um olhar de nível. —É a sua opinião do que nada resta a ser dito, em relação a qualquer parte dessa discussão?

Houve um silêncio marcado. Olhei de um para o outro, os olhos de Jamie se estreitaram e os olhos de John aumentaram ambos com olhares azuis fixos. Tudo o que faltava estava rosnando e amarrado lentamente.

—Você está armado, John?— Perguntei agradavelmente.

Ele olhou para mim, assustado. —Não.

—Bom— eu disse, grunhindo um pouco enquanto eu lutava para sentar. —Então, você obviamente não está indo para mata-lo— Eu balancei a cabeça para Jamie, de pé em cima de mim com os punhos metade enrolou — e se ele não quebrou seu pescoço pela primeira vez, ele não vai fazer isso agora. E você? —Eu perguntei, arqueando uma sobrancelha para Jamie.

Ele olhou para baixo o nariz para mim, mas eu vi o ligeiro relaxamento de sua boca. E suas mãos. —Provavelmente não.

—Bem, então. — Eu afastei o cabelo do meu rosto. —Não adianta bater uns nos outros. E linguagem dura prejudicaria a natureza agradável desta visita, não é?

Nenhum deles escolheu responder a isso.

—Isso não era realmente uma pergunta retórica— disse. —Mas deixe ir. — Eu virei para John, cruzando as mãos no meu colo. —Lisonjeada como estou com a atenção, eu não acho que você veio *unicamente* para saber depois do meu bem-estar. Então, se você vai perdoar a minha curiosidade vulgar... por que você está aqui?

Ele finalmente relaxou e, ao meu aceno de cabeça, pegou o banquinho, ligando os dedos em torno de seu joelho.

—Eu vim pedir sua ajuda— disse diretamente para Jamie. —Mas também— que era leve, mas percebi a hesitação —para fazer uma oferta. Não como *quid pro quo*[40] — acrescentou. —A oferta não está dependente de sua ajuda.

Jamie fez um ruído escocês indicando profundo ceticismo, mas disposição a ouvir.

John balançou a cabeça e respirou fundo antes de continuar. —Você uma vez disse-me, minha querida, que...

—Não a chame assim.

—Sra. Fraser, —John alterou, e, com um arco educado comigo, voltou sua atenção para Jamie, — uma vez mencionou que ela e você, eu imagino tinham alguma familiaridade com o General Arnold.

Jamie e eu trocamos olhares perplexos. Ele deu de ombros e cruzou os braços.

—Sim, nós fazemos.

—Bom. O que eu e meu irmão — eu sentia, mais do que via, início de Jamie em menção de Hal — o que peço é uma nota de introdução a Arnold, com o seu pedido pessoal que permita que o general nos deixe entrar oficialmente na cidade e qualquer que seja a ajuda que ele possa achar que é conveniente para nós, na finalidade de fazer uma pesquisa sobre meu filho.

John soltou o resto de sua respiração e se sentou de cabeça baixa, sem se mover. Ninguém se moveu.

Finalmente, Jamie soltou um longo suspiro e sentou-se no outro banco do quarto.

—Diga-me— disse, resignado. —O que o bastardinho fez agora?

A historia acabou e John inalou, esfregando o olho mal, e, felizmente, parou no tempo.

—Eu vou colocar um pouco mais de mel, antes de sair — eu disse a ele. —Isso vai aliviar a aspereza. — razão pela qual ajudou a preencher a lacuna estranha na conversa deixada por Jamie de ser atingido momentaneamente sem palavras.

—Jesus— disse, e passou a mão sobre o rosto duro. Ele ainda estava vestindo a camisa manchada de sangue e os calções em que ele lutou; ele não fez a barba há três dias, mal dormiu ou comeu, e parecia algo que você não gostaria de se reunir em plena luz do dia, e muito menos um beco escuro. Ele respirou fundo e balançou a cabeça como um cão derramamento de água.

—Então vocês pensam que os dois foram para Filadélfia, William e este Richardson?

—Provavelmente não em conjunto, ou pelo menos não para começar— disse John. —O cavalição de William disse que voltaram para encontrar algumas de... er... meninas que foram do acampamento. Mas suspeitamos fortemente que esta era uma manobra de Richardson, para chamar William para fora do acampamento e interceptá-lo na estrada.

Jamie fez um barulho irascível.

—Eu deveria pensar em uma pessoa estúpida sem um teor de inteligência, com o rapaz indo para Richardson. Não depois que o homem mandou o Grande Dismal no ano passado e quase o matou.

—Ele disse isso?

—Oh. Ele não disse a vocês? —A voz de Jamie parou, eventualmente, aumentando um tom de desprezo, em um estado para ouvir atentamente.

—Estou condenado com certeza que ele não disse nada a  *você*  — respondeu John, com uma borda. —Ele não viu você por anos antes de encontrar você em Chestnut Street, eu apostaria dinheiro que ele não o viu desde então, e eu estou razoavelmente certo de que eu teria notado se ele mencionasse Richardson no corredor lá.

—Não— Jamie disse brevemente. —Ele disse ao meu sobrinho, Ian Murray. Ou, pelo menos, —ele emendou: — Ian supôs do que ele disse, delirando de febre quando Ian saiu do pântano. Richardson mandou um recado para alguns homens em Dismal, homens que ele disse serem legalistas. Mas metade dos homens na Cidade de Dismal são nomeados de Washington.

O levante de John desapareceu. Ele parecia pálido, e os machucados desvanecendo se destacando como lepra contra sua pele. Ele respirou fundo, olhou em volta da sala, e, ao ver uma garrafa meio vazia de vinho tinto sobre a mesa, pegou-o e bebeu um quarto dele sem parar.

Baixando o copo, conteve um arrote, levantou-se com um breve aceno e um  *espere um momento*  e saiu, deixando Jamie e eu olhando um para o outro em perplexidade.

Isso não foi significativamente amenizado pelo reaparecimento de John, seguido pelo Duque de Pardloe. Jamie disse algo extremamente criativo em  *Gaélico* , E eu dei um olhar de agradecimento assustado.

—E um bom dia para você, também, general Fraser— disse Hal, com um arco correto. Como John, ele estava vestido à paisana, embora com um pouco alto de colete listrado de amora, e eu quis saber onde ele tem que partir.

—Eu me demiti da minha comissão— disse Jamie friamente. —Sr. Fraser vai servir. Posso perguntar o que devemos a honra de sua presença, Sua Alteza?

Os lábios de Hal apertaram juntos, mas, com um olhar para o seu irmão, obrigado com uma breve prece de sua preocupação pessoal com o capitão Richardson.

—É claro, o desejo de recuperar o meu sobrinho, William devendo-se o fato de estar com Richardson. Meu irmão me informa que você tem dúvidas quanto à probabilidade de este ser o caso?

—Eu faço— disse Jamie em breve. —Meu filho não é um idiota, nem um fraco. — Eu peguei a fraca ênfase no *Meu filho* e assim fizeram os dois Greys, que endureceram ligeiramente. —Ele não iria sair com algum pretexto fraco, nem iria permitir que alguém de quem ele fosse suspeito o levasse em cativeiro.

—Você tem muita fé em um menino que você não vê desde que ele tinha seis anos, — Hal observou em tom de conversa.

Jamie sorriu, consideravelmente.

—Eu tomei conta dele até que ele tinha seis anos— disse, e voltou seu olhar sobre John. —Eu sei do que ele é feito. E eu sei como ele se formou depois disso. Diga-me que estou errado, meu senhor.

Houve um silêncio marcado, quebrado apenas pela voz do tenente Macken abaixo, chamando melancolicamente a sua esposa sobre a localização de suas meias limpas.

—Bem, então— disse Hal com um suspiro. —Onde você acha que William se foi, se ele não está com Richardson?

—Ele foi embora depois das meninas que ele disse— disse Jamie, levantou um ombro em um encolher de ombros. —Ele disse a seu cavaliariço isso, não foi? Você sabe quem são essas moças?

Os Greys trocaram olhares de desgosto mudo, e eu tossia, com muito cuidado, segurando um travesseiro no meu estômago.

—Se for esse o caso, — eu disse, —então, presumivelmente, ele vai voltar, uma vez que ele ou as encontre ou desista de procurar por elas. Não é? Será que ele vai passar sobre elas er... sem licença, eu quero dizer?

—Ele não teria que correr esse risco— disse Hal. —Ele está aliviado do dever.

—O quê?— John exclamou, voltando-se para o irmão. —O que o diabo é isso?

Hal suspirou, exasperado. —Deixando o acampamento quando ele foi condenado a ficar lá no meio de uma batalha, o que mais? Entrar em uma briga com outro oficial, terminando no fundo de uma ravina com um dente em seu crânio por estar no lugar errado na hora errada, e, em geral, ser um incômodo.

—Você está certo, ele é seu filho — disse a Jamie, divertido. Ele bufou, mas não parecia completamente descontente.

—Falando de sobrinhos— disse Jamie para Hal, —vocês parecem muito bem informados, excelência. Pode saber algo de um batedor índio chamado Ian Murray?

Hal olhou em branco, mas a cabeça de John virou-se rapidamente na direção de Jamie.

—Sim— disse. —Eu sei. Ele foi preso na noite de dia da batalha e andou comigo em campo, quando ele matou outro batedor com uma machadinha e saiu de novo.

—O sangue diz— eu murmurei, embora reservadamente tanto chocada e preocupada. —Er... ele estava ferido?

—Sim, ele estava — Jamie respondeu bruscamente. —Ele foi atingido por uma flecha, no ombro. Eu não poderia puxar, mas eu quebrei o eixo para ele.

—E... ninguém o viu desde a noite da batalha — eu perguntei, tentando manter minha voz firme. Os homens trocaram olhares, mas nenhum deles me olhava nos olhos.

—Eu, hum, dei um cantil de água misturada com brandy— disse John, um pouco timidamente. —Ele não levava um cavalo.

—Rachel vai encontrá-lo— disse Jamie, tão firmemente quanto pôde. —E eu pedi ao Velho Ian que atendesse o rapaz. Ele vai ficar bem.

—Eu confio em sua fé no sangue e será justificado, senhor— disse Hal com um suspiro, evidentemente, o que significa. —Mas, como não podemos fazer algo sobre Murray, e a questão do paradeiro de William é aparentemente discutível no momento... Eu hesito em intrometer minhas preocupações em relação a *meu* sangue, mas tenho razões rigorosas para encontrar o capitão Richardson, muito além de qualquer coisa que ele possa ter feito ou não com William. E para esse fim...

—Sim— disse Jamie, e a tensão em seus ombros relaxaram. —Sim, é claro, excelência. Sassenach, vocês teria a bondade de não morrer enquanto eu vou e peço a Sra. Macken por papel e tinta?

—Nós temos— disse John, atingindo a bolsa de couro que ele estava carregando debaixo do braço. —Permitam-me. — E começou a colocar para fora o papel, um tinteiro, um pequeno feixe de espinhos, e um esboço de lacre vermelho.

Todo mundo viu quando Jamie misturou a tinta, cortou uma pena e começou. Sabendo como escrever era trabalhoso para ele e quanto ele detestaria estar sendo observado eu empurrei-me até um pouco mais, sufocando um gemido, e virei para Hal.

—John mencionou que você queria nos fazer uma oferta— disse. —É claro que estamos felizes em ajudar, independentemente. Mas por curiosidade...

—Oh— Hal piscou, mas mudou rapidamente as engrenagens, fixando seu olhar em mim. —Sim. A oferta que eu tinha em mente nada tem a ver com acomodação típica do Sr. Fraser — disse. —John sugere, por uma questão de conveniência para todos os envolvidos. — Ele virou-se para seu irmão, que sorriu para mim.

—Minha casa em Chestnut Street — disse John. —Claramente não vou viver lá por um futuro previsível. E eu entendo que você se refugiou com a família na tipografia, na Filadélfia. Dado o seu estado atual de saúde frágil — ele acenou com a cabeça delicadamente para a pequena pilha de curativos ensanguentados no canto— claramente que seria mais confortável para você retomar a residência na minha casa. Você...

Um ruído escocês profundo interrompeu e ele olhou para Jamie, assustado.

—A última vez que fui obrigado a aceitar a ajuda de seu irmão, meu senhor— disse Jamie precisamente, olhando para John: —Eu era seu prisioneiro e incapaz de cuidar de minha própria família. Agora não sou prisioneiro de ninguém, nem nunca serei novamente. Vou fazer provisão para a minha esposa.

No silêncio de morte, com todos os olhos fixos nele, ele inclinou a cabeça para o papel e, lentamente, assinou seu nome.

### ***Capítulo 89 - Num Dia o Galo caminha, No Dia Seguinte, é um Espanador.***

Ele foi por instinto buscar Madras, mas fez uma pausa para pensar no caminho. Se ele encontrasse as meninas, ele não poderia trazer as duas de volta com ele no cavalo. Ele mudou de direção e mergulhou no parque dos carroceiros, emergindo um breve tempo depois, com um carrinho de

munição, agora sem munição, puxado por uma grande mula cinza, áspera com metade de uma orelha faltando.

A mula estava inclinada e moveu-se rapidamente, mas ainda assim faria um tempo melhor do que duas meninas em pé poderiam fazer. Quanto tempo de vantagem que elas tinham? Talvez uma hora, a partir do que Zebedeu disse, talvez mais.

—Heya— ele gritou, e estalou o chicote sobre garupa da mula. O animal foi grosseiro, mas não um tolo, e deu uma guinada em um ritmo mais rápido, embora William suspeitasse que esse esforço pudesse ser tanto de superar as moscas pululantes como em resposta a sua própria insistência.

Uma vez solidamente em movimento, no entanto, a mula parecia capaz de mantê-lo sem esforço perceptível, e trotou pela estrada em um ritmo de chocalho de dente, passando facilmente as carretas agrícolas, foragidos, e um par de grupos de exploração. Certamente ele iria pegar as meninas em nenhum momento.

Ele não fez. Ele dirigiu cerca de dez milhas, por sua estimativa, antes de concluir que não havia nenhuma maneira que as meninas pudessem ter fugido, e ele virou-se procurando cuidadosamente ao longo das poucas estradas de fazenda que levava fora dos campos. Para lá e para cá ele passou, indagando a todos que ele viu, ficando mais quente e mais irritado a cada momento.

No meio da tarde, o exército encontrou-se com ele, marchando colunas ultrapassando a mula, que diminuiu para um passeio até agora. Relutantemente, ele virou-se e continuou com o exército para o acampamento. Talvez Colenso estivesse errado; talvez as meninas não deixassem a todos. Nesse caso, ele iria encontrá-las uma vez que o campo se estabelecesse para a noite.

Ele não o fez. E havia Zeb, porém, e Colenso com ele. Ambos eram inflexíveis que as meninas estavam de fato indo e William não encontrou nenhum vestígio, embora não tenha feito perguntas mais duras entre as lavadeiras e cozinheiras.

Por fim, ele se arrastou pelo campo em busca de qualquer um, seu pai ou o tio Hal. Não que esperasse um ou outro homem para ter alguma noção sobre as meninas, mas de alguma forma ele sentia que não podia abandonar sua busca, sem, pelo menos, solicitar sua ajuda por uma palavra sobre elas. Duas meninas meio crescidas não poderiam ultrapassar um exército, e...

Ele parou no meio de campo, deixando os homens em seu caminho para o fluxo do jantar em torno dele.

—Maldição— disse muito quente e cansado, mesmo para torná-lo um ponto de exclamação. —Colenso, seu canhoto pestinha. — E mal contendo sua exasperação com isso, tanto quanto com o seu cavaliariço, ele partiu sombrio para encontrar Colenso Baragwanath.

Porque Colenso *era* um pestinha entregando. William notou imediatamente, já que ele sofria da mesma aflição. Ao contrário de Colenso, porém, William poderia dizer a diferença entre a sua mão direita e a sua esquerda e tinha um senso de direção. Colenso... não, e William queria chutar a si mesmo por não se lembrar disso.

—Você sangrento *idiota*— Ele murmurou, enxugando uma luva em seu suor, o rosto empoeirado. —Por que não pensei nisso?

Porque fazia pouco sentido uma vez ele fez uma pausa para pensar sobre isso, por que as meninas fugissem *à frente* do exército. Mesmo que elas estivessem com medo de alguém no exército, e mesmo que a intenção de chegar à Nova York, elas estariam mais bem servidas indo para o outro lado, pelo menos temporariamente. Deixe o exército marchar bem *à frente* e, em seguida, faça o seu caminho onde quer que elas queiram ir.

Ele olhou para o sol, por pouco ainda acima do horizonte, e soltou a respiração presa, exasperada. Onde quer que ela fosse Jane não era tola. Primeiro, ele iria encontrar algum jantar, e depois Colenso, mas ele teria boas chances no dia seguinte se fosse encontrá-la no caminho de volta para Middletown.

Encontrou-as, pouco antes do meio-dia. Elas o viram chegar, mas ele viu em primeiro lugar: as duas andando na beira da estrada, cada um com um pacote em uma das mãos. Elas olharam por cima dos ombros, ao som das suas rodas, não vendo nada alarmante, virando para trás e, em seguida, Jane girou novamente, seu rosto horrorizado quando percebeu que ela acabou de ver.

Ela deixou cair um de seus pacotes, agarrou sua irmã mais nova pelo pulso e puxou-a para fora da estrada. A estrada levando através da terra aqui, com campos abertos em ambos os lados, mas não havia uma castanheira considerável no bosque algumas centenas de metros *à frente*, e, apesar do grito de William, as meninas correram para este, como se o próprio diabo estivesse atrás deles.

Resmungando baixinho, ele parou, deixou cair às rédeas, e pulou para fora. De pernas longas, ele não conseguiu pegá-las antes de chegarem à orla da floresta.

—Pare pelo amor de Deus— ele gritou. —Eu não vou machuca-la!

Fanny, ouvindo isto, parecia disposta a parar, mas Jane puxou urgentemente e elas desapareceram entre as folhas sussurrantes.

William bufou e desacelerou. Jane poderia ter em sua própria mente que ele estava fortemente inclinado a duvidar no momento, mas ela não tinha qualquer negócio para arrastar sua irmã fora através da terra que foi um campo de batalha apenas dois dias atrás.

Gravetos quebrados e grandes manchas de vegetação esmagadas marcando os campos, de soldados correndo ou artilharia sendo arrastado por ele. Ele podia sentir o cheiro da morte, quando ele respirou fundo; que o deixava inquieto. O fedor de cadáveres não cobrava o inchaço no sol, estourando banhada com moscas e vermes... Por um lado, ele espera que as meninas não tropeçassem tal visão. Por outro lado, se o fizessem, eles provavelmente veriam correndo de volta em seus braços, gritando.

E os cadáveres podiam não ser as únicas coisas escondida nas dobras e sulcos do campo. Sua mão foi automaticamente para sua cintura, tateando para o punho de sua faca que, naturalmente, não estava lá.

—Porra de merda porra *inferno!*

Como se isso tivesse sido um sinal, uma raquete de repente estourou nas árvores. Não um cadáver; ele podia ouvir vozes masculinas, xingando, bajulando, e gritos agudos. Ele pegou um galho caído e jogou para o bosque, gritando no topo de seus pulmões. Podia ouvi-los; eles certamente podiam ouvi-lo, e o tom dos gritos alterados. As meninas ainda estavam gritando, mas menos freneticamente, e os homens, sim, mais do que um... dois, três? Não mais estavam discutindo, agitado, com medo. *Nada de Inglês... não falam Inglês...*

—*Mistkerle!*— ele gritou no topo de seus pulmões. *Sangrento fedorento hessianos! —Feiglinge!— covardes de merda!*

Uma grande surra de folhas e galhos estalando, e, espreitando por entre as árvores, ele viu um monte deles, a julgar pelo barulho, as meninas ainda estavam com eles, estavam indo para a estrada.

Ele parou de gritar e imediatamente alterou seu próprio curso, cobrando de volta para a estrada, batendo desatento através da grama e de ramos pendurado das castanheiras meio maduras batendo na cabeça e os ombros.

Não! Ele viu um homem empurrar para fora das árvores, tropeçando na estrada, e estocar para trás, agarrando. Um grito mais alto e Fanny estava tropeçando para fora, por sua vez, o homem agarrando-a pelo pescoço.

William desviou em direção a eles e desatou a correr, gritando maldições incoerentes, brandindo seu pau improvisado. Ele deve, no entanto, parecer assustador em seu uniforme, para o homem segurando Fanny soltá-la de uma vez, virar e correr como um coelho, poeira jorrando de seus pés. Fanny cambaleou e caiu de joelhos, mas não havia sangue, ela estava bem...

—Jane— gritou. —Jane! Onde você está?

—Aqui! Ele... —Sua voz foi cortada de repente, mas ele podia ver onde ela estava, não mais de dez metros dele, e mergulhou nos ramos acenando freneticamente.

Havia dois homens com ela, um com uma mão sobre a boca, o outro lutando para separar a baioneta de um mosquete marrom. William chutou a arma de suas mãos, em seguida, se lançou para o homem, e em momentos estava no chão, lutando com um homem corpulento que podia não saber o que fazer com uma baioneta, mas certamente estava familiarizado com batalha de um tipo mais primitivo.

Rolaram para lá e para cá, ofegante e cortando, galhos quebrando com um som como tiros sob seus corpos. Ele ouviu vagamente um grito do outro que Jane mordeu talvez; boa menina! Mas não tinha a atenção de sobra para qualquer coisa, mas o homem que estava tentando fervorosamente estrangulá-la. Ele tinha um controle sobre os pulsos do homem, e, com uma leve lembrança de Ban Tarleton, empurrou o homem para mais perto e intrometeu na cara.

Funcionou de novo; houve uma crise horrível, sangue quente salpicando o rosto e o homem relaxou. William se contorceu para longe, com a cabeça nadando, apenas para encontrar-se de frente para o outro homem, que evidentemente, conseguiu libertar a baioneta, pois ele tinha um pé de aço afiado na mão.

—Aqui! Aqui! —Jane saiu de um arbusto ao lado de William, assustando-o, e empurrou algo na sua mão. Era, graças a Deus, uma faca. Nada para rivalizar com a baioneta, mas uma arma.

Jane ainda estava ao lado dele; ele agarrou o braço e começou a andar para trás, faca para baixo e ameaçador em sua outra mão. Jesus Cristo era um dos filhos da puta que bateu em sua cabeça? Ele não poderia dizer; havia manchas flutuantes na frente de seus olhos, e os homens jogaram fora

seus indicadores de casacos verdes. Será que todos os filhos da puta usam casacos verdes? Ele se perguntou confuso.

Em seguida, eles estavam na estrada, e as coisas tornaram-se confusas. Ele pensou que ele tinha preso um dos homens, e as meninas estavam gritando outra vez, e uma vez que ele se viu na estrada, engasgando com a poeira, veio novamente ante dos bastardos poderem chutá-lo no rosto... e em seguida, houve um grito e as batidas dos cascos, e ele soltou o homem cujo braço ele estava segurando e girou em volta para ver Rachel Hunter em uma mula, vindo rápido na estrada, balançando o chapéu de suas alças e gritos, —Tio Hiram! Tio Seth! Depressa! Vamos lá! Vamos lá! Ajude-me!

Sua mula empurrou sua cabeça para cima da grama e, vendo a de Rachel, zurrou em saudação. Esta parecia ser a gota d'água para os desertores, que ficaram de boca aberta por um momento atordoado, em seguida, virou-se e galopou pela estrada após o seu colega desaparecido.

William ficou balançando por um momento, tentando recuperar o fôlego, então largou a faca e sentou-se abruptamente.

—O que— disse, com uma voz que parecia petulante até mesmo para seus próprios ouvidos — o que  *você*  está fazendo aqui?

Rachel ignorou. Ela desceu de sua mula, aterrissando com um pequeno baque, e levou a mula de William, amarrando ao carrinho. Só então ela anda até onde William sentou, esfregando lentamente a sujeira de seus joelhos e contando seus membros.

—Você não iria perguntar se visse um casal de meninas, não é?— Perguntou ele, inclinando a cabeça para trás para olhar para Rachel.

—Sim. Elas correram para as árvores — disse, apontando para o sul. — Quanto ao que eu estou fazendo aqui, eu fui para cima e para baixo nesta estrada três vezes, procurando por seu primo, Ian Murray. — Ela deu um olhar duro quando disse isso, como se o desafiando a contradizer sua afirmação a respeito de seu parentesco com Murray. Em outras circunstâncias, ele poderia ter se ofendido, mas no momento ele não tinha energia. —Eu suponho que, se visse, vivo ou morto, você me diria?

—Sim— disse. Havia um nó inchado entre os olhos, onde o desertor enfiou, e ele esfregou esta cautela.

Ela respirou fundo, suspirou alto, e enxugou o rosto suado no avental, antes de substituir o chapéu. Ela olhou para ele, balançando a cabeça.

**—Você é um galo, William, —Rachel disse, sacudindo a cabeça tristemente. —Eu vi isso em você antes, mas agora eu sei que com**

certeza.

—Um galo— ele repetiu friamente, tirando a sujeira de sua manga. —De fato. Um vão, cacarejador do tipo, berrante companheiro, é o que você pensa de mim?

Suas sobrancelhas se ergueram. Eles não eram as sobrancelhas em um nível de beleza clássica, elas se curvaram nas extremidades, mesmo quando seu rosto estava em repouso, dando a ela um olhar de inteligência interessada. Quando ela não estava em repouso, elas inclinavam com uma espécie de olhar perverso afiado. Elas fizeram isso por um instante agora, mas depois relaxaram. Um pouco.

—Não— ela disse. —Você nunca cuidou de galinhas, William?

—Não— ele disse, examinando o buraco rasgado no cotovelo de seu casaco, o buraco rasgado na camisa por baixo, e o arranhão sangrento em seu cotovelo nu. Sangrento inferno, alguém chegou perto para espetar o braço dele com uma faca. —O que com uma coisa e outra, o meu conhecimento com frangos tem sido em grande parte limitado ao café da manhã. Por quê?

—Ora, um galo é uma criatura de coragem incrível— disse Raquel, ao invés da censura. —Ele vai direto ao rosto de um inimigo, mesmo sabendo que ele vá morrer no ataque e, assim, compra tempo par suas galinhas escaparem.

—Minhas galinhas?— Ele disse indignação trazendo o sangue em seu rosto. —Minhas galinhas?— Ele olhou na direção que as garotas tomaram, então olhou de volta para Rachel. —Você não percebe que elas são prostitutas?

Ela revirou os olhos para ele, exasperada. Ela revirou os olhos para ele!

—Eu espero que eu tenha vivido com um exército por tempo mais longo do que você mesmo— disse, fazendo um esforço decidido para olhar para baixo o nariz para ele. —Eu estou familiarizada com as mulheres que não têm tanto a propriedade e proteção e são assim, reduzidas ao expediente terrível de vender seus corpos, sim.

—Terrível expediente?— Repetiu ele. —Você percebe que Eu... — Ela bateu o pé e olhou para ele.

—Será que pode parar de repetir tudo o que eu digo?— Ela exigiu. —Eu estava tentando dar um elogio, como sua amiga, lamentando ser um galo estúpido afinal certamente irá trazer. Se os seus companheiros

são prostitutas ou não, e se são pagas por sua companhia é irrelevante para a questão.

—Irre... — William começou em indignação, mas sufocou a palavra antes que pudesse ser mais acusado de repetição. —Eu não as pago, merda!

—Irrelevante— ela repetiu, fazendo isso a si mesma, por Deus! — Você se comportou exatamente da mesma maneira em meu próprio nome, depois de tudo.

—Você... — Ele parou abruptamente. —Eu sou?

Ela exalou fortemente, olhando-o de uma maneira que sugere que ela o teria chutado nas canelas ou carimbando na ponta dos pés, se não lembrasse seus princípios Quaker.

—Duas vezes— disse, elaborada educado. —As ocasiões eram tão insignificantes, suponho ou eu acho que se esqueceu?

—Lembre-me— disse secamente, e, arrancando um pedaço do forro rasgado do casaco, usou-o para limpar a lama e sangue, ele viu-a partir de seu rosto.

Ela bufou brevemente, mas obrigou. —Será que não lembra a criatura odiosa que nos atacou naquele lugar terrível na estrada em Nova York?

—Oh, isso. — Sua barriga apertou em recolhimento. —Eu não sabia exatamente que era de sua conta. Nem eu tenho muita escolha no assunto. Ele tentou cavar minha cabeça com um machado.

—Hmph. Eu acho que tem alguma atração fatal para maníacos armados com machados — disse franzindo o cenho para ele. —Que o Sr. Bug realmente fez foi bater na cabeça com um machado. Mas quando o matou depois, foi para proteger Ian e eu de um destino semelhante, não foi?

—Oh, na verdade— disse, um pouco irritado. —Como você sabe que não era apenas vingança por seu ataque a mim?

—Você pode ser um galo, mas não é um galo vingativo— disse em tom de reprovação. Ela tirou um lenço do bolso e esfregou em seu rosto, que estava ficando brilhante de suor novamente. —Não devemos olhar para a suas... companheiras?

—Nós devemos— disse, com um grau de encerrar, e se voltou para o bosque. —Eu acho que elas vão correr, se eu for atrás delas, no entanto.

Rachel fez um barulho impaciente e, passando por ele, pisou dentro da floresta, sussurrando no meio do mato como um urso faminto. O pensamento o fez sorrir, mas um grito repentino limpou o sorriso do rosto. Ele começou ir atrás dela, mas ela já estava se retirando, arrancando Jane por um braço, enquanto isso tentava evitar o selvagem furto que Jane estava fazendo com a mão livre, dedos com garras e cortar em direção ao rosto de Rachel.

—Pare com isso!— William disse bruscamente, e, dando um passo a frente, agarrou Jane pelos ombros e puxou-a para fora do alcance de Rachel. Ela virou-se cegamente *nele*, Mas ele tinha os braços mais longos do que Rachel e poderia facilmente segurá-la na baía.

—Você vai sair assim?— Disse, irritado. —Ninguém vai te machucar. Agora não.

Ela parou, mas ela olhou para trás e para frente entre ele e Rachel como um animal encurralado, respiração ofegante e os brancos de seus olhos aparecendo.

—Ele está certo— disse Rachel, afiando cautelosamente em direção a ela. —Você está bastante segura agora. Qual é o seu nome, amigo?

—Ela se chama Jane— disse William, gradualmente perdendo a sua espera, pronta para agarrá-la novamente, se ela saísse correndo. —Eu não sei o sobrenome dela.

Ela não se voltou, mas não disse nada, também. Seu vestido estava rasgado no pescoço, e ela colocou a mão na borda rasgada automaticamente, tentando encaixá-la de volta no lugar.

—Você viu minha sacola?— Disse, com uma voz quase normal. —Eu sou uma dona de casa. Eu preciso de uma agulha.

—Eu vou procurar — disse Rachel suavemente. —Será que largou na madeira?

—Aqui!— Fanny falou bastante acentuada atrás William, e ele percebeu que ela esteve lá por alguns momentos; ela disse que uma ou duas vezes antes.

—O quê?— Disse, impaciente, meio virando-se para ela ao tentar manter tanto Jane e Rachel em vista.

—Tem um índio lá dentro— disse, e apontou para o bosque.

—Ian!

Rachel correu pela estrada, a frota como um fedelho, e desapareceu entre as árvores. William seguiu apressadamente, mão sobre a faca. Havia

provavelmente mais do que um índio nesta floresta, e se *Não era Murray...*

Mas ele poderia dizer pela exclamação de horror e alívio das profundezas de Rachel.

Murray estava amassado em uma pilha na sombra profunda na base de um pinheiro grande, agulhas meio brigando sobre ele; evidentemente ele tentou disfarçar, mas desmaiou antes de conseguir.

—Ele está respirando— disse Raquel, e ele ouviu a captura em sua voz.

—Bom— disse William brevemente, e, de cócoras ao lado dela, pôs a mão no ombro de Murray para virá-lo. O corpo aparentemente insensível deu um grito, se contorceu violentamente e acabou de joelhos, balançando e olhando freneticamente em volta, segurando o ombro que William pegou. Só então William viu o sangue seco com listras para baixo do braço e os joros novos que desciam abaixo do eixo quebrado de uma seta embutida na carne inchada.

—Ian— disse Rachel. —Ian, sou eu. Está tudo bem agora. Tenho você. —Sua voz era firme, mas sua mão tremia quando ela o tocou.

Murray engoliu ar, e seu olhar parecia turvo para limpar, viajando de Fanny e Jane, que havia entrado no bosque depois de William, parando brevemente com uma carranca no rosto de William, em seguida, aliviou quando viu Rachel. Ele fechou os olhos e soltou um longo suspiro.

—*Taing a Dhia*— disse, e afundou-se sobre as pernas.

—Água— disse Rachel urgentemente, balançando a cantina vazia que estava deitada no chão ao lado de Ian. —Será que você tem alguma água, William?

—Eu tenho— disse Jane, mexendo fora de seu transe e tateando pela cantina em volta do pescoço. —Ele vai ficar bem, que você acha?

Rachel não respondeu, mas ajudou Murray a beber, com o rosto pálido de ansiedade. O próprio rosto de Murray tem os restos de pintura de guerra, William viu com interesse, e uma breve ondulação levanta os cabelos no couro cabeludo, se perguntando se Murray matou algum dos soldados britânicos. Pelo menos o desgraçado não estava usando nenhum couro cabeludo em seu cinto, inglês ou de outra forma.

Rachel estava conversando agora em voz baixa com Murray, olhando de vez em quando para William, certa especulação em seu olhar.

William estava um pouco surpreso ao descobrir que ele sabia exatamente o que estava pensando. Embora talvez não fosse tão surpreendente; ele se perguntando a mesma coisa: poderia Murray montar a mula? Claramente

ele não podia andar muito. E se ele não podia... Rachel podia convencer William a carregar Murray e ela na cidade na carroça?

Ele sentiu o aperto no estômago só de pensar em voltar para Filadélfia.

Seu próprio olhar foi em direção a Jane, apenas para descobrir que ela não estava lá. Nem Fanny.

Ele estava a meio caminho de seus pés quando ouviu o zurro da mula de Rachel em protesto, e ele estava na estrada em segundos, para encontrar Jane envolvida em uma luta inútil para empurrar Fanny da sela. A menina mais nova estava tentando bravamente, agarrando-se a juba eriçada da mula e tentando obter uma vantagem, mas a mula estava contestando veementemente a esse tipo de interferência, jogando a cabeça e se afastando de Jane, deixando as pernas de Fanny chutando desesperadamente no ar.

William chegou a ela em três passos e segurou-a pela cintura.

—Deixar ir, querida— disse calmamente. —Eu tenho você— Fanny era surpreendentemente sólida, dada sua aparência frágil. Ela tinha um cheiro doce, também, embora seu pescoço estivesse sujo e suas roupas exibisse face de lama e poeira da estrada.

Ele a colocou no chão e virou um olho firme em Jane, que estava parecendo desafiador. Ele estava familiarizado com ela o tempo suficiente agora, porém, ao ver que o queixo erguido e mandíbula que estava coberta de medo, e, em consequência, falou mais suavemente do que ele podia.

—Onde você estava planejando ir?— ele perguntou, num tom leve de interesse.

—Eu, bem, Nova York— ela respondeu, mas incerta, e seus olhos estavam arremessando para lá e para cá, como se esperasse alguma ameaça a manifestar-se a partir da paisagem tranquila.

—Sem mim? Estou ferido, minha senhora, e você deve ter concebido uma aversão repentina de minha companhia. O que eu fiz para ofendê-la, orar?

Ela apertou os lábios juntos, mas ele podia ver que seu tom de brincadeira pareceu há ela pouco; ela ainda estava com o rosto vermelho pelo esforço, mas não respirava dessa forma irregular.

—Acho que devemos nos separar, Senhor Ellesmere— disse com uma tentativa absurda tocante a formalidade. —E nós faremos o nosso próprio caminho.

Ele cruzou os braços, encostou-se ao carrinho, e olhou para baixo o nariz para ela.

—Como?— Ele perguntou. —Você não tem dinheiro, você não tem nada, e você não iria cinco quilômetros a pé, sem correr para alguém como aqueles companheiros alemães.

—Eu... tenho um pouco de dinheiro. — Ela alisou a mão sobre sua saia, e ele viu que realmente havia uma protuberância onde jazia seu bolso. Apesar de sua intenção de manter a calma, não havia ainda uma fonte de raiva nele, e ele irrompeu neste.

—Onde você conseguiu isso?— Ele perguntou, endireitando-se e agarrando-a pelo pulso. —Será que eu não a proibi de se prostituir?

Ela puxou sua mão livre e deu dois passos rápidos para trás.

—Você não tem nenhum direito de me proibir de fazer qualquer coisa maldita que eu queira!— Ela retrucou, cor queimando em suas bochechas. —E isso não é da sua conta, mas eu não fiz este dinheiro nas minhas costas!

—O que, então? Fez miserável sua irmã?

Ela deu um tapa com força. Ele não deveria ter dito isso e sabia disso, mas o conhecimento do ardor na bochecha só o deixou mais irritado.

—Eu *deveria* merda, deixá-la aqui, você...

—Bom! Isso é exatamente o que eu quero que você faça! Você, você...

Antes que qualquer um deles pudesse decidir sobre um epíteto, Rachel e Ian surgiram a partir da madeira, a altura escocesa apoiando-se pesadamente sobre ela. William deu a Jane um olhar final e foi ajudar, levando o peso de Murray em um lado. O homem endurecido, resistindo por um momento, mas depois cedeu; ele tinha que fazer.

—O que aconteceu?— Perguntou William, apontando para a haste da flecha quebrada. —Uma discussão particular ou apenas má pontaria?

Isso fez com que a boca de Murray contraísse, com relutância.

—Sorte de guerra— disse com a voz rouca, e sentou-se na parte detrás aberta da carroça. Ele estava respirando como um boi sem fôlego, mas tinha a posse de si mesmo. Ele deu a William um breve olhar.

—O que vocês está fazendo aqui, *uma presa Sassunaich*?

—Não é da sua conta, mas um bom trabalho que eu tive— respondeu William, assim como por alguns instantes. Ele se virou para Rachel, depois de acalmar sua mente no momento.

—Pegue a carroça e leve as meninas em algum lugar seguro.

—Isso... — Rachel começou, mas, em seguida, olhou em volta, assustada, quando viu Jane e Fanny passando correndo por ela, atravessou a estrada e mergulhou pelas árvores. —Onde eles estão indo?

—Oh, maldito inferno— William disse, já caminhando pela estrada. — Espere aqui.

Elas não podiam fugir, e elas não tinham nada que a permitissem ficar escondidas. Ele pegou Fanny de novo o mais lento pela parte de trás do seu avental quando estava lutando ao longo de uma tora. Para seu espanto, ela se contorcia em volta em suas mãos e lançou-se sobre ele, arranhando seu rosto e gritando, —Cola, Janie, *Cola!*

—Será que você pode parar com isso?— Disse, irritado, segurando-a no comprimento do braço. —Ai!— Porque ela afundou os dentes em seu pulso, e ele a deixou.

Ela parecia uma enguia sobre o rio saltando para longe como um coelho, ainda gritando na cabeça. Ele começou a segui-la, e depois pensou melhor. Por um lado, ele teve um forte impulso a abandoná-las, mas, por outro... Lembrou-se de Mac contando sobre maçaricos um dia quando se sentaram perto Watendlath Tarn, comendo pão e queijo, observando os pássaros.

—Cai fora, Mac— disse em voz baixa, e empurrou o pensamento de ambos em Helwater do cavaliço impiedosamente longe. Mas lembrou-se, se ele queria ou não.

—*Eles correm e gritam como se feridos, viu?*— O braço de Mac estava em torno de si, mantendo muito perto do pássaro vibrando. —*Mas é para chamar para longe de seu ninho, para que não esmague os ovos ou machuque o jovem. Parece sagaz, embora, e você os vê.*

William ficou muito quieto, acalmou sua própria respiração e olhando em volta, lento e cuidadoso, apenas movendo a cabeça. E havia de fato o ninho de tarambola[41]: infelizmente para Jane, que usava sua chita rosa de hoje, e suas nádegas rosadas arredondadas suavemente para fora da grama três metros de distância, igual a um par de ovos em um ninho.

Ele caminhou em silêncio, sem pressa. Nobremente resistindo ao forte desejo de bater nela a curvando para trás, em vez disso ele pôs a mão espalmada em suas costas.

—Pega-pega— disse. —Você.

Ela se contorceu debaixo de sua mão e atirou-se em seus pés.

—O quê?— Disse. —O que diabos você quer dizer?— Ela estava com os olhos arregalados e nervosa mas parou, também.

—Você nunca brincou de pega-pega?— ele perguntou, sentindo-se tolo, mesmo quando disse isso.

—Oh, — ela disse, e soltou a respiração um pouco. —É uma brincadeira. Eu vejo. Sim, mas não por um longo tempo.

Ele supôs um *não se* brincava de pega-pega em um bordel.

—Olhe— disse secamente, —nós queremos ir. Eu... eu aprecio o que você fez por mim por nós. Mas...

—Sente-se— disse, e obrigou-a a fazê-lo, levando-a sobre a tora que a irmã fugiu e pressionando em seu ombro até que ela relutantemente sentou. Em seguida, ele se sentou ao lado dela e tomou a mão. Era muito pequena fria e úmida da grama onde ela se escondeu.

—Olhe— disse, com firmeza, mas não, ele esperava indelicadamente, — Eu não vou deixar você fugir. Isso é certo. Se você quer ir para Nova York com o exército, eu vou levá-la; eu já disse isso. Se você quiser voltar para a Filadélfia...

—Não!— Seu terror no pensamento ficou claro agora. Ela puxou desesperadamente sua mão, mas ele não deixou ir.

—É por causa do Capitão Harkness? Uma vez que...

Ela deu um grito que poderia ter vindo da garganta de um pássaro selvagem preso numa armadilha, e ele apertou seu aperto em seu pulso. Era de ossos finos e delgados, mas ela era surpreendentemente forte.

—Eu sei que você roubou o gorget de volta— disse. —Está tudo bem. Ninguém vai descobrir. E Harkness não vai tocar em você de novo; eu prometo isso.

Ela fez um pequeno ruído borbulhante que poderia ter sido uma risada ou um soluço.

—Coronel Tarleton, você sabe, o dragão verde que avançou para você? Ele me disse que Harkness está ausente sem licença, não voltando ao seu regimento. Você sabe alguma coisa sobre isso?

—Não— ela disse. —Deixe-me ir. Por favor!

Antes que ele pudesse responder, uma voz pequena, clara saltou das árvores a poucos metros de distância.

—É melhor ter, Janie.

—Fanny!— Jane virou-se em direção a sua irmã, esquecendo momentaneamente que ela estava amarrada. —Não!

Fanny saiu das sombras, cautelosa mas curiosamente composta.

—Se você não fizer isso, eu vlooouu— disse, seus grandes olhos castanhos fixos no rosto de William. —Ele não vai peggla-la. — Ela

chegou um pouco mais perto, cautelosa mas não com medo. —Se eu tlenho — disse, —você plometeu não nos levar de volta?

—Voltar para onde?

—Para Filadélffia— disse. —*Ou* o exército.

Ele suspirou, exasperado, mas curto pela tortura da resposta de uma das meninas, claramente nenhum progresso seria feito a não ser que ele concordasse. E ele estava começando a ter a sensação de frio sob as costelas sobre o que a resposta podia ser.

—Eu prometo— disse, mas Fanny ficou para trás, desconfiada.

—Jule— disse, cruzando os braços.

—Ju... oh. Maldição. Tudo bem, então, eu juro pela minha honra.

Jane fez um pequeno ruído, triste que ainda era uma risada. Aquilo doeu.

—Você acha que eu não tenho nenhuma?— Ele exigiu, girando sobre ela.

—Como eu poderia saber?— Ela respondeu, soltando seu queixo. Ele cambaleou, mas ela segurou. —O que a honra se parece?

—Para o seu bem, é melhor esperar que se pareça muito comigo— ele disse a ela, mas, em seguida, virou-se para Fanny. —O que você quer que eu jure?

—Pela cabeça de seus plais— disse prontamente.

—Minha mãe está morta.

—Seu plai, tamblem.

Ele desenhou uma respiração longa e profunda. *Qual?*

—Juro sobre a cabeça de meu pai— disse calmamente.

E assim, foram.

—Eu sabia que ele ia voltar— disse Jane. Ela estava sentada no tronco, mãos cruzadas entre as coxas e os olhos em seus pés. —Eles sempre fazem. Os maus. —Ela falou com uma espécie de resignação sem graça, mas os lábios apertados com a lembrança. —Eles não podem ficar e pensar que você fugiu sem... sem. Eu pensei que seria de mim, apesar de tudo.

Fanny estava sentada ao lado de sua irmã, o mais perto que ela podia conseguir, e agora ela colocou os braços em torno de Jane e abraçou-a, com o rosto no ombro de chita de Jane.

—Estou, desccculpe— ela sussurrou.

—Eu sei, querida— disse Jane, e acariciou a perna de Fanny. Um olhar feroz entrou em seu rosto, no entanto. —Não é culpa sua, e não acho *sempre* que sim.

A garganta de William parecia grossa com desgosto com o pensamento. Aquela linda, menina-flor, feita pelo...

—Valor de sua virgindade £ 10, — Jane lembrou. —Sra. Abbott foi salvá-la, à espera de um homem rico com um gosto para pintos recém-eclodido. Capitão Harkness ofereceu vinte. —Ela olhou diretamente para William, pela primeira vez. —Eu não estava deixando acontecer— ela disse simplesmente. —Então eu perguntei a Sra. Abbott se poderia enviar-nos juntas; eu disse que eu poderia ajudar a manter Fanny sem fazer barulho. Eu sabia como ele era, veja — disse, e apertou os lábios involuntariamente juntos por um instante. —Ele não era o tipo de arar você como um touro e tê-lo feito. Ele brincaria com você, fazendo com que você se despisse um pouco de cada vez e fazendo as coisas e, enquanto ele contava tudo sobre o que *ele* pretendia fazer.

E assim foi fácil para vir atrás dele enquanto ele estava assistindo Fanny, com a faca que tirou da cozinha escondida nas dobras de suas saias.

—Eu quis apunhalá-lo pelas costas— disse, olhando para baixo novamente. —Eu vi um homem esfaqueado dessa forma uma vez. Mas ele viu no rosto de Fanny que não era culpa dela, e não poderia ajudá-la, mostrando — acrescentou rapidamente. —Mas ele se virou rapidamente e não havia outra escolha.

Ela mergulhou a faca na garganta de Harkness e arrancou-a, com a intenção de apunhalar novamente. Mas que não foi necessário. —Havia sangue por toda parte. — Ela estava pálida na narração, as mãos envoltas em seu avental.

—Eu flui para cima— acrescentou Fanny com naturalidade. —Foi uma bagunça.

—Espero que sim— disse William secamente. Ele estava tentando não imaginar a cena, a luz das velas, o sangue se espalhando, as meninas com pânico e muito pouco sucesso. —Como você escapou?

Jane deu de ombros. —Foi no meu quarto, e ele fechou a porta. E ninguém se surpreendeu quando Fanny começou a gritar — ela acrescentou, com um traço de amargura.

Havia uma bacia e jarro de água, os trapos usuais limpos; elas se lavavam às pressas, trocaram de roupa e saíram pela janela.

—Nós encontramos uma carona na carroça de um fazendeiro, e... você sabe o resto. —Ela fechou os olhos por um instante, como se revivendo o

resto e, em seguida, abriu e olhou para ele, seu olhar escuro como a água sombreada.

—E agora?— Ela perguntou.

William esteve se perguntando isso pelos os últimos momentos da história de Jane. Tendo conhecido o próprio Harkness, ele tinha simpatia considerável pela ação de Jane, mas...

—Você planejou tudo— disse, dando um olhar penetrante. Sua cabeça estava inclinada, com o cabelo solto, escondendo o rosto. —Você pegou a faca, você tinha roupas para trocar, você sabia como descer da janela e fugir.

—Então?— Disse Fanny, com uma voz extraordinariamente fria para uma menina de sua idade.

—Então, por que matá-lo?— ele perguntou, transferindo a sua atenção para Fanny, mas mantendo um olhar atento sobre Jane. —Você ia sair de qualquer maneira. Por que não apenas escapar antes que ele viesse?

Jane levantou a cabeça e virou-a, olhando-o diretamente nos olhos.

—Eu queria matá-lo— disse, com uma voz perfeitamente razoável gelada, apesar do calor do dia.

—Eu... vejo.

Ele viu mais do que a visão de Jane, com seus pulsos brancos delicados, mergulhando uma faca na garganta grossa e vermelha do Capitão Harkness, enquanto sua irmã gritava. Ele viu o rosto de Rachel, pálido entre as folhas, seis metros de distância. Pela sua expressão, era evidente que ouviu tudo.

Ele limpou a garganta.

—É, hum, o Sr. Murray está bem?— Ele perguntou educadamente. Jane e Fanny virando, com os olhos arregalados.

—Ele desmaiou, — Rachel respondeu. Ela estava olhando para as meninas mais jovens, da mesma forma que elas estavam olhando para ela, com um olhar de horror fascinado. —O ombro está muito inflamado. Eu vim para ver se teria qualquer brandy.

Ele procurou no bolso e retirou um frasco de prata pequeno com as armas da família Grey gravadas em cima.

—Uísque serve?— Ele perguntou, entregando-o. Rachel pareceu surpresa; uísque não era uma bebida popular, mas Lord John sempre teve um gosto por ele e William levou para ele mesmo, embora agora, sabendo a verdade sobre sua mancha vergonhosa de sangue escocês, ele não tinha certeza de que ele seria capaz de beber o material novamente.

—Sim, eu agradeço. — Ela ficou segurando-o por um momento, claramente querendo ir para Murray, mas também hesitante em sair. Ele parecia bastante grato a ela por isso hesitação; ele logo não como ficar a sós com Jane e Fanny, ou melhor, ele não queria ficar sozinho com a decisão sobre o que o diabo para fazer com eles.

Rachel apareceu para interpretar corretamente este sentimento, para com um breve *Eu vou trazê-lo de volta* desaparecendo na direção da estrada.

Ninguém falou. Depois que um olhar direto, Jane inclinou a cabeça novamente e sentou-se calmamente, apesar de um lado inquieto alisou o tecido da saia através de uma coxa, mais e mais.

Fanny passou a mão sobre a coroa da cabeça de Jane, em um gesto de proteção, enquanto olhando para William com uma completa falta de expressão. Ele achou enervante.

O que ele *ia* fazer com elas? Claro que não poderia voltar para a Filadélfia. E ele descartou como indigno o impulso simplesmente abandoná-los à própria sorte. Mas...

—Por que não ir para Nova York com o exército— ele perguntou, sua voz parecendo anormalmente alto, dura a seus próprios ouvidos. —O que fez você correr ontem?

—Oh— Jane olhou para cima lentamente, com os olhos um pouco fora de foco, como se tivesse sonhado. —Eu o vi novamente. O dragão verde. Ele queria que eu fosse com ele na noite anterior, e eu não faria. Mas eu o vi ontem de manhã e pensei que ele estava olhando para mim. —Ela engoliu. —Eu disse a você, eu sei que eles não desistem.

—Muito perspicaz de vocês— disse, olhando-a com um pouco de respeito. —Ele não fez. Você não gosta, então? —Porque ele não pensa por um instante que o fato de tê-la proibido a dobrar seu comércio teria parado, fazendo o que ela queria.

—Não foi isso— disse, e jogou a Banastre Tarleton acabando com o tipo de gesto abrupto se usa para espantar insetos. —Mas ele veio para o bordel antes, no ano passado. Ele não foi comigo, então, ele escolheu outra menina, mas eu sabia que se ele passasse muito tempo comigo, ele provavelmente se lembraria de por que eu parecia familiar para ele. Ele disse que eu parecia — ela acrescentou, — quando ele veio até mim na fila do pão.

—Eu vejo. — Ele fez uma pausa. —Então, você queria ir para Nova York, mas não com o Exército. É isso mesmo?

Jane deu de ombros, irritada —Será que isso importa?

—Por que o diabo não deveria importar?

—Quando nem *sempre* importava o que uma prostituta quer? —Ela levantou-se e carimbado pela clareira, deixando-o olhando para ela com espanto.

—O que há de errado com ela?— Ele perguntou, virando-se para Fanny. A menina mais jovem olhou para ele com ar de dúvida, lábios apertados, mas depois deu de ombros.

—Ela acha que você pode dar a ela um juiz ou um magistrado— disse, lutando um pouco com o *magistrado*. —Ou talvez para o exército. Foi um soldado que ela matou.

William passou a mão sobre o rosto. Na verdade, a ideia de entregar Jane à justiça *passou* pela sua mente, na esteira do choque de aprendizagem de seu crime. O pensamento não superou o seu nascimento, no entanto.

—Eu não faria isso— disse a Fanny, que se esforça para parecer razoável. Ela olhou para ele com ceticismo, sob o nível das sobrancelhas escuras.

—Por que você não faria isso?

—Excelente pergunta, — ele disse secamente. —E eu não tenho uma resposta. Mas acho que eu não preciso de uma.

Ele levantou uma sobrancelha para ela, e ela deu um pequeno bufo parecendo uma risada. Jane estava chegando ao longo do lado da clareira, olhando para trás em direção a Fanny todos os poucos segundos; sua intenção era clara, mas ela não iria sem a irmã. Ele tinha certeza do muito.

—Já que você está aqui comigo— observou, —e *não* lá com sua irmã... você não deseja executar, e você sabe que ela não vai passar sem você. Então, concluo que você não acha que eu iria desistir dela à justiça.

Ela balançou a cabeça, lenta e solene como uma coruja.

—Jane diz que eu não sei nada sobre homens, mas eu *sei*.

Ele suspirou.

—Deus me ajude, Frances, você sabe.

Não houve mais conversa até Rachel voltar alguns minutos depois.

—Eu não consigo levantá-lo— disse diretamente para William, ignorando as meninas neste momento. —Você vai me ajudar?

Ele se levantou de uma vez, aliviado com a perspectiva de ação física, mas olhou por cima do ombro para Jane, ainda pairando pelo lado mais distante da clareira como um beija-flor.

—Nós estaremos aqui, — Fanny disse calmamente. Ele deu um aceno de cabeça, e se foi.

Ele encontrou Murray deitado ao lado da estrada, perto da carroça. O homem não estava inconsciente, mas a influência da febre em cima dele era clara; seu olhar estava turvo e pronunciando seu discurso.

—Eu não posso andar.

—Como diabos você pode— William disse brevemente. —Segure-se em meu braço.

Ele foi ao homem sentado e tinha um olhar para si mesmo no ombro ferido. O ferimento em si não era tão ruim assim; não seria possível os ossos estarem quebrados e não sangrava muito. Por outro lado, a carne era vermelha e inchada e começando a supurar. Ele inclinou-se e deu uma cheirada, não discreta o suficiente: Rachel notou.

—Não há gangrena— disse. —Eu acho que não, eu acho que as coisas vão ficar bem, contanto que possa levá-lo a um médico logo. O que vai dizer para as suas meninas? — Acrescentou ela abruptamente.

Ele não se incomodou em dizer mais uma vez que elas não eram *suas*. Evidentemente que eram pelo menos em termos de responsabilidades imediatas.

—Eu não sei— admitiu, levantando-se. Ele olhou para a floresta, mas a clareira estava longe o suficiente em que não havia nenhuma centelha de vestuário ou movimento visível.

—Eles não podem ir para a Filadélfia, e eu não posso levá-las de volta para o exército. O melhor que eu posso pensar agora é encontrar um algum lugar de refúgio em uma das pequenas aldeias por aqui e escondê-las lá até que eu possa fazer alguma provisão para ajudá-las... a algum lugar mais seguro. — *Onde quer que o inferno que poderia ser. Canadá?* perguntou-se descontroladamente.

Rachel balançou a cabeça decididamente.

—Você não tem noção como as pessoas falam em lugares pequenos ou a rapidez com que notícias e rumores propagação. — Ela olhou para Murray, que ainda estava sentado, mas balançando, os olhos semicerrados.

—Eles não têm outra profissão— disse. —E seria rapidamente aparente para alguém qual é essa profissão. Eles exigem não apenas refúgio, mas o refúgio com pessoas que não lançam para fora uma vez que se tornam conhecidas.

Ela estava corada com o sol e o azul da chita caiu na luta com Jane e ficou para trás sobre seus ombros, mas seu rosto ficou pálido quando ela olhou para Murray. Ela cerrou os punhos, fechou os olhos por um instante, depois abriu, endireitando a sua altura, e olhou William no olho.

—Há um pequeno povoado de amigos, talvez duas horas de viagem a partir daqui. Não mais do que três ou quatro fazendas. Conheço uma das mulheres que vieram para Valley Forge com o marido. As meninas podiam ser mantidas em segurança lá, por um tempo, pelo menos.

—Não!— Disse Murray. —Você não pode... —Ele fez uma pausa, os olhos indo fora de foco, e preparou no braço de som, ainda balançando. Ele engoliu em seco. —Não— ele repetiu. —Não é... seguro.

—Não é— concordou William. —Três mulheres jovens na estrada, sozinhas? E, mesmo sem uma pistola para se defender?

—Se eu tivesse uma pistola eu não iria usá-la— Rachel apontou com alguma aspereza. —Nem um canhão, chegando a esse ponto.

Murray riu ou, pelo menos, fez um ruído que podia passar por diversão.

—Sim, — ele conseguiu, e parou de respirar antes de começar as próximas palavras para fora. —Você as leva— disse a William. —Eu vou... estar aqui, estarei bem.

—Você idiota *não vai*— Disse Rachel ferozmente. Ela agarrou o braço de William e puxou-o para mais perto de Murray. —Olhe para ele! Diga a ele, já que ele não professa acreditar em mim.

William olhou, com relutância, olhando para o rosto de Murray, pálido como sebo e liso com um suor doentio. Moscas agrupadas no ombro de Murray; faltava a força para tira-las.

—*Merde*— William murmurou sob sua respiração. Em seguida, mais alto, embora ainda com relutância, —Ela está certa. Você precisa de um médico, se você for ter uma chance de manter seu braço.

Esse pensamento, evidentemente, não atingiu Murray; morte, sim-  
amputação, não. Ele virou a cabeça e franziu a testa para a ferida.

—Maldição— disse William, e virou-se para Rachel.

—Tudo bem— disse. —Diga-me onde está este lugar. Vou levá-las.

Ela fez uma careta, punhos em bolas em seus lados. —Mesmo os amigos não podem aceitar bem um súbito aparecimento de um estranho que pede para dar santuário indefinido para uma assassina. Eu não sou um estranho e pode invocar o caso da menina melhor do que você pode. —Ela respirou que inchou o peito visivelmente e olhou para Murray, em seguida, virou a cabeça para dar a William um olhar penetrante.

—Se eu fizer isso, devo deixá-la a salvo.

—*Eu?*

—Rachel!— Disse Murray com a voz rouca, mas ela o ignorou.

—Sim. Nós vamos ter que tomar a charrete, as meninas e eu...

William deu um suspiro de sua autoria, mas ele podia ver que ela estava certa. Ele também podia ver apenas o que a decisão de salvar Jane estava custando a ela.

—Tudo bem— disse laconicamente. Ele estendeu a mão e pegou o gorget do pescoço e entregou a ela. —Dê a Jane isso. Ela pode precisar, se elas se encontrem por conta própria. —Estranhamente, a remoção do gorget parecia um peso fora de sua mente, também. Mesmo a possibilidade de ser preso, se alguém na Filadélfia reconhecesse não incomodava em demasia.

Ele estava prestes a tirar o casaco e colete incriminatório tem que se esconder em algum lugar, quando Rachel se aproximou e colocou a mão em seu braço.

—Este homem é meu coração e minha alma— disse, simplesmente, olhando para seu rosto. —E ele é o seu próprio sangue, tudo o que pode atualmente parecer sobre o fato. Eu confio em você, para deixá-lo seguro, para bem de todos nós.

William deu um longo olhar, pensando em várias respostas possíveis, e não disse nenhum delas, mas deu um breve aceno de cabeça.

—Onde eu deveria levá-lo?— ele perguntou. —Para Lady J... Quero dizer, a Sra. F... Eu *sei*, Porra — ele emendou, sentindo o sangue subir em seu rosto— para sua tia?

Rachel olhou para ele, assustada.

—Você não sabe? Claro que não sabe, como poderia? —Ela acenou fora de sua própria revolta, impaciente. —Sua tia foi baleada no curso da

batalha, do lado de fora da Igreja Tennent onde ela estava cuidando dos feridos.

O aborrecimento de William foi encharcado de uma vez, como se água gelada tivesse sido derramada sobre a sua cabeça, inundando suas veias.

—Ela está morta?

—Pela graça de nosso Senhor, não— disse, e ele sentiu o aperto no peito relaxar um pouco. —Ou pelo menos ela não estava ontem— ela emendou com uma careta. —Embora muito ferida. — A tensão voltou.

—Ela está na casa dos Macken na aldeia de Freehold cerca de seis milhas nessa direção. — Ela assentiu com a cabeça para baixo na estrada. —Meu irmão é provável que esteja, também, ou nas proximidades; ainda há feridos da batalha lá. Ele pode lidar com a ferida de Ian. —Pela primeira vez, sua voz perdeu a sua estabilidade como seus olhos foram para seu noivo.

Os olhos de Murray foram afundados e vitrificados com febre, mas não tinha domínio suficiente de si mesmo para chegar à sua mão boa. O movimento de colocar peso sobre o braço ruim ele fez uma careta, mas Rachel estava ajoelhada ao lado dele em um instante, os braços ao redor.

William tossiu e voltou discretamente afastado para deixá-los a privacidade de um momento para fazer as suas despedidas. O que quer que seus próprios sentimentos, eles mereciam isso. Viu muitas feridas ruins e contadas as chances de Murray como melhor do que mesmo. Por outro lado, o homem era aparentemente tanto escocês e um inferno *de* um Mohawk, e ambos eram notoriamente difíceis de matar.

Ele afastou-se da estrada, e seu olho agora chamou a vibração de tecido rosa atrás de um arbusto.

—Jane— ele chamou. —É você?

—Sim— ela disse. Ela saiu para o aberto, cruzou os braços e apontou o queixo para ele. —O que você pretende fazer? Comigo, eu quero dizer.

—Senhorita Hunter vai levar você e Fanny para um lugar seguro— disse, tão gentilmente quanto podia. Apesar de sua fachada corajosa, ela lembrou se de uma corça, luz salpicada que vem através das árvores manchas rosto e vestido, fazendo-a parecer tímida e insubstancial, como se ela pudesse desaparecer na floresta na próxima respiração. —Vou mandar um recado para você lá quando eu fizer algum... arranjo adequado.

—Ela?— Jane lançou um olhar surpreso para a estrada. —Por quê? Porque você não pode nos levar? Será que ela não quer ficar, com o índio?

—Senhorita Hunter vai ter tempo para explicar tudo para você no caminho. — Ele hesitou, sem saber o que dizer a ela. A partir da estrada, ouviu o murmúrio distante de vozes, Rachel e Ian Murray. Ele não conseguia distinguir as palavras, mas isso não importava; o que diziam um ao outro era simples. Ele sentiu uma pequena dor, aguda sob seu terceiro botão do colete e tossiu, tentando desalojá-lo.

—Obrigado, você— disse uma voz suave atrás dele, e ele se virou para encontrar Fanny no cotovelo. Ela pegou sua mão, virou a palma para cima, e deu um pequeno beijo, quente no centro.

—Eu... você é muito bem-vinda, senhorita Fanny— disse, sorrindo para ela, apesar de tudo. Ela acenou para ele, muito digna, e saiu para a estrada, deixando-o com Jane.

Por um momento, eles ficaram olhando um para o outro.

—Eu ofereci muito mais do que um beijo— disse em voz baixa. —Você não quer. Eu não tenho mais nada para dar em agradecimento.

—Jane— disse. —Não, é não... — E depois parou, desesperadamente triste, mas incapaz de pensar em qualquer coisa que ele poderia dizer em resposta. —Boa viagem, Jane— ele disse por fim, com a garganta apertada. —Adeus.

## ***Capítulo 90 - É Um Sábio Quem Conhece Seu Pai***

Era evidente que, pelo som da mula de Rachel ela não aguentaria o peso de dois homens do tamanho de William e Ian Murray. Não importa; eles não poderiam ir mais rápido do que uma caminhada em qualquer caso; Murray podia andar, e William iria caminhar ao lado para se certificar de que o bastardo não caísse.

Murray conseguiu levantar na sela, apesar de ter apenas um lado funcional; Rachel enfaixou o braço ferido e colocou em uma tipoia arrancada de sua anágua. William não ofereceu ajuda, sentindo-se razoavelmente certo de que tal oferta não seria nem acolhida, nem aceita.

Observando o processo trabalhoso, porém, William estava interessado em notar que, enquanto o tecido do era muito lavado e desbotado, estava bordado com pequenos raios de sol azuis e amarelos ao longo de uma borda. Será que as mulheres Quakers geralmente usam roupas íntimas atraentes sob seus vestidos sóbrios?

Quando partiram em uma caminhada cautelosa, o som da carroça ainda era audível, embora sumindo na corrida de árvores.

—Está armado?— perguntou Murray de repente.

—Ligeiramente— Ele ainda tinha a faca de Jane empurrada em sua mão, agora envolta em um lenço e colocou no bolso, por que não tinha bainha para ela. Ele tocou o cabo de madeira, perguntando se era a mesma faca que ela... Bem, é claro que era.

—Eu não estou. Quer me encontrar uma?

—Você não confia em mim para deixá-lo seguro— perguntou sarcasticamente William.

Os ombros de Murray estavam caídos e sua cabeça empurrada para frente, balançando a cabeça um pouco com a marcha da mula, mas ele virou-se e deu a William um olhar que era pesado de olhos com febre, mas ainda surpreendentemente alerta.

—Oh, eu confio em você. São homens como você que apenas lutaram que eu não confio.

Este foi um ponto justo; as estradas estavam longe de ser segura, e o conhecimento deu a William uma pontada grave de consciência em nome das mulheres que ele acabou de despachar, desarmadas e desprotegidas, para dirigir milhas sobre essas mesmas estradas com uma mula valiosa e compras. *Eu deveria ter ido com elas, insistido que todos nós juntos...*

—Minha mãe sempre diz que não há ninguém mais teimoso do que o meu tio Jamie, — Murray observou ligeiramente —, mas uma moça Quaker que tem sua mente composta poderia dar a tio Jamie um funcionamento para seu dinheiro, eu vou dizer a você. Eu não poderia detê-la nem poderia você.

William não estava com humor para discutir qualquer uma das pessoas mencionadas, nem ainda se envolveu em discussões filosóficas de teimosia relativa. Ele colocou uma mão no freio e puxou a mula a um impasse.

—Fique aqui. Vejo algo que poderia ser útil —Ele já viu que havia pouco na forma de galhos caídos perto da estrada; nunca houve, quando foragidos do um exército recentemente passou. Mas ele viu um pomar de algum tipo, um pouco afastado da estrada, com uma casa de fazenda além.

Quando ele fez o seu caminho em direção ao pomar, ele podia ver que foi transportado artilharia através dela; havia sulcos profundos na terra, e muitas das árvores tinham membros quebrados, pendurando como insetos.

Havia um homem morto no pomar. Milícia americana, por sua camisa e simples calças de caça, deitado enrolado entre as raízes retorcidas de uma árvore grande de maçã.

—Deveria ter abatido —disse William em voz alta, mantendo a voz firme. Árvores de maçãs antigas nunca rendem muito; você as arranca após quinze, vinte anos e replanta. Ele virou-se para longe do corpo, mas não rápido o suficiente para evitar ver as moscas gananciosas levantar em uma nuvem de zumbido que restou do rosto. Ele caminhou três passos de distância e vomitou.

Sem dúvida, foi o cheiro enjoativo de podridão de maçãs que se erguiam acima do fantasma de pólvora negra; todo o pomar cantarolou com o barulho de vespas empanturrando-se nos sucos. Ele desembrolhou o lenço de faca de Jane e enfiou a faca no cinto, sem olhar para ver se havia manchas de sangue nele. Ele limpou a boca, então, depois de um momento de hesitação, saiu e pôs o lenço sobre o rosto do rebelde. Alguém se despojou do corpo; ele não tinha nem armas, nem sapatos.

—Isto?— Ele colocou um comprimento de três metros de macieira amarrado no arco na frente da cela. Ele havia quebrado em ambas as extremidades, por isso fez uma padiola útil, sobre a espessura de seu próprio antebraço.

Murray pareceu despertar de um cochilo; ele levantou-se lentamente, tomando conta da padiola, e assentiu.

—Sim, isso vai servir— disse em voz baixa. Sua voz soou grossa, e William olhou para ele bruscamente.

—É melhor beber um pouco mais— disse, entregando-se a cantina novamente. Estava ficando baixo; provavelmente não mais do que um quarto completo. Murray tomou, embora se movendo lentamente, bebeu, e deu de volta com um suspiro.

Eles caminharam sem conversa por meia hora ou mais, deixando tempo para William finalmente classificar através dos acontecimentos da manhã. Era bem depois do meio-dia agora; o sol estava pressionando sobre seus ombros como um ferro de passar aquecido. Até que Rachel disse que estavam perto de Freehold? Seis milhas?

—Quer que eu diga a vocês, ou não?— Disse Murray, de repente.

—Dizer o quê?

Houve um breve som que poderia ter sido qualquer diversão ou dor.

—Se você é muito parecido com ele.

Possíveis respostas a esta veio tão rápido que desabou sobre si mesmo como um castelo de cartas. Ele tomou a um em cima.

—Por que você acha que eu deveria perguntar?— William falou, com uma frieza que teria congelado a maioria dos homens. É claro que Murray estava em chamas com a tal febre, levaria uma nevasca de Quebec para congelá-lo.

—Eu faria se fosse eu— disse Murray suavemente.

Isso desencadeou uma explosão incipiente de William momentaneamente.

—Talvez você pense assim— disse, sem tentar esconder sua irritação. — Você pode conhecê-lo, mas você não sabe nada sobre mim.

Desta vez, o som era inegavelmente alegre: o riso, de um rouco, rangendo tipo.

—Eu o ajudei a sair de uma latrina, há dez anos— disse Murray. —Foi quando eu soube, sim?

Choque atingiu William quase mudo, mas não completamente.

—O que, que... no lugar das montanhas, Fraser Ridge... ? —Ele conseguiu, em sua maior parte, em esquecer o incidente da cobra na privada, e com ele, mais de uma viagem miserável através das montanhas da Carolina do Norte.

Murray levou cólera de William para a confusão, embora, e escolheu elucidar.

—A forma como saiu sujo, seus olhos arregalados de azul e seu rosto definido pelo assassinato que era tio Jamie pela vida, quando desperta. — Cabeça de Murray balançava para frente de forma alarmante. Ele se conteve e endireitou-se com um gemido abafado.

—Se você vai cair— disse William, com cortesia elaborada, —faça do outro lado, sim?

—Mmphm.

Eles andaram mais cem metros antes de Murray voltar à vida, retomando a conversa que poderia ser chamada assim, como se não tivesse havido nenhuma pausa.

—Então, quando eu encontrei no pântano, eu sabia, quem era. Eu não me lembro de você me agradecendo por salvar sua vida nesse momento, por sinal.

—Você pode agradecer *a mim* por não amarra-lo em uma padiola com uma pantera morta e arrastar você por quilômetros através da sujeira agora

— William agarrou.

Murray riu, ofegando um pouco.

—Provavelmente você faria, se você tivesse uma pantera morta. — O esforço de rir parecia privá-lo de equilíbrio, e ele balançou de forma alarmante.

—Caia e eu vou fazê-lo de qualquer maneira— disse William, agarrando-o pela coxa para firmá-lo. —Pantera morta ou não. — Cristo, a pele do homem estava tão quente que ele podia sentir através das calças de camurça.

Apesar de sua neblina, Murray notou sua reação.

—Você viveu da febre— disse, e respirou fundo. —Eu vou, também; não se irrite.

—Se por essa expressão quer dizer que eu não deveria estar preocupado que você vai morrer— disse William friamente, —eu não estou.

—Eu não estou provocando, tampouco, — Murray assegurou. O homem cambaleou um pouco, rédeas soltas em uma mão, e William perguntou se ele poderia ser iluminada. —Você prometeu a Rachel, sim?

—Sim— disse William, acrescentando quase involuntariamente: —Eu devo a ela e seu irmão minha vida, tanto quanto eu faço a você.

—Mmhm— disse Murray agradavelmente, e calou-se. Ele parecia estar ficando com uma cor acinzentada desagradável sob a pele bronzeada pelo sol. Desta vez, ele ficou em silêncio por uns bons cinco minutos, antes de vir de repente à vida novamente.

—E você não acha que eu sabia muito sobre você, depois de ouvir seus delírios na febre por dias?

—Eu não— disse William. —Não mais do que eu acho que eu vou saber muita coisa sobre você na hora que eu chegar a Freehold.

—Talvez mais do que pensa. Pare, sim? Eu vou vomitar.

—Nossa!— A mula gentilmente parou, embora claramente não gostando ou o som ou o cheiro do que estava acontecendo por trás de sua cabeça, e continuou deslizando em círculos, tentando escapar.

William esperou até que acabasse, em seguida, entregou a sua cantina sem comentários. Murray esvaziou e entregou-a de volta. Sua mão tremia, e William começou a ficar preocupado.

—Vamos parar assim que eu encontrar água— disse. —Pare na sombra. — Nenhum deles tinha chapéu; ele deixou o seu no bosque, enrolado com o seu casaco do uniforme sob um arbusto.

Murray não respondeu a isso; ele não estava exatamente delirando, mas parecia estar buscando uma conversa em separado em sua cabeça.

—Eu talvez não saiba o que você, mas Rachel sabe.

Isso foi inegavelmente verdade e deu a William sentido estranhamente misto de vergonha, orgulho e raiva. Rachel e seu irmão *fizeram* bem; salvando sua vida e cuidando dele até ficar bem, viajando com ele durante semanas e compartilhou alimentos e perigo.

—Ela diz que você é um bom homem.

O coração de William apertou um pouco.

—Estou grato por sua boa opinião— disse. A água não ajudou muito; Murray estava definitivamente balançando na sela, com os olhos semicerrados.

—Se você morrer— disse William em voz alta: —Eu vou casar com ela.

Isso funcionou; as pálpebras de Murray levantaram imediatamente. Ele sorriu, muito ligeiramente.

—Sabe isso— disse. —Sabe que não vou morrer? E, além disso, você me deve uma vida, inglês.

—Eu não. Salvei sua vida sangrenta, também; salvei o tanto de você do maníaco Bug, era ele? Com o machado na Filadélfia. Estamos quites.

Algum tempo interminável mais tarde, Murray levantou-se novamente.

—Eu duvido— disse.

## ***Capítulo 91 - Contando***

Jamie viu os Greys fora da casa e voltou com um ar de satisfação sombria. Eu teria rido se não tivesse machucado ao fazê-lo, mas dei um sorriso.

—*Seu filho, seu sobrinho, sua esposa* — eu disse. —Fraser, três; Grey, nulo.

Ele me deu um olhar assustado, mas depois seu rosto verdadeiramente relaxou pela primeira vez em dias. —Você está se sentindo melhor, então, — ele disse, e, vindo do outro lado da sala, inclinou-se e beijou-me. — **Parece um pouco tonta de mais, sim?— Ele sentou-se pesadamente no banco e suspirou, mas com alívio.**

—**Minha mente**— ele disse, —**Eu não tenho a menor ideia de como vou manter você, sem dinheiro, sem comissão, e sem profissão. Mas**

**lembre-se que eu vou.**

**—Sem profissão, na verdade, — eu disse confortavelmente. —Diga uma coisa que você não pode fazer.**

**—Cantar.**

**—Oh. Bem, além disso.**

**Ele estendeu as mãos sobre os joelhos, olhando criticamente para as cicatrizes em sua mão direita mutilada.**

**—Eu duvido que eu possa ganhar a vida como um malabarista ou um batedor de carteiras, também. Muito menos um escriba.**

**—Você não tem que escrever— eu disse. —Você tem uma imprensa Bonnie, belo nome.**

**—Bem, sim— admitiu certa luz que vindo a seus olhos. —Eu tenho. Mas ela está em Wilmington no momento. —Sua prima a enviou de Edimburgo no cuidado de Richard Bell, que estava presumivelmente a mantendo em custódia até que seu verdadeiro dono viesse a reaver.**

**—Nós vamos buscá-la. E então, —Mas eu parei, com medo de má sorte o futuro, planejando longe demais. Era um momento incerto para todos, e não dizer o que o amanhã poderia trazer.**

**—Mas, primeiro, — Eu alterei, estendendo a mão para apertar a sua — você deve descansar. Você parece como se estivesse prestes a morrer.**

**—Não fale esse tipo de idiotice— disse, rindo e bocejando ao mesmo tempo, quase quebrando sua mandíbula.**

**—Deite-se— eu disse com firmeza. —O sono, pelo menos até o tenente Bixby aparece novamente com mais queijo. — O exército americano retirou-se a Englishtown, cerca de sete quilômetros de distância, apenas uma hora de viagem. O exército britânico fugiu completamente, mas o maior número de inscrições das unidades de milícia expiraram logo depois, as estradas ainda estavam muito ocupadas com os homens indo para casa, principalmente em andamento.**

**Ele se deitou em sua cama, com muito pouco de protesto, uma boa indicação de quão exausto ele realmente estava e dormiu em segundos.**

**Eu estava muito cansada mesmo, ainda muito fraca e facilmente esgotada, mesmo por algo como a visita dos Greys deitei e adormeci, mexendo na vigília de vez em quando, quando algum som me despertava, mas Jamie dormia profundamente, e isso facilitou meu coração ouvir seu ronco suave, regular.**

Acordei algum tempo depois, ao ouvir um distante bater abaixo. Quando levantei minha cabeça com olhos turvos do travesseiro, eu ouvi uma voz gritando: —Olá, o de casa!— E bati em estado de alerta instantâneo. Eu conhecia aquela voz.

Olhei rapidamente para baixo, mas Jamie estava morto dormindo, enrolado como um ouriço. Com uma lentidão excruciante, consegui balançar as pernas para fora da cama e me movi como uma tartaruga geriátrica e agarrando à cama dei os dois passos que me trouxeram até a janela, onde eu me agarrei ao peitoril.

Havia uma baía com uma mula bonita no jardim, com um corpo seminu colocado sobre a sela. Engoli em seco e imediatamente dobrei de dor, mas não soltei o peitoril. Mordi o lábio com força, para não gritar. O corpo estava coberto de camurça, e seu longo cabelo castanho ostentava um par de penas de peru sujas.

—Jesus H. Roosevelt Cristo— eu respirei, com os dentes cerrados. — Por favor, Deus, não deixe que seja ele —, mas a oração foi atendida antes de eu terminar de falar; a porta abaixo se abriu, e no momento seguinte, William e o Tenente Macken saíram e levantou Ian fora a mula, colocando os braços sobre os ombros, e o trazendo para dentro de casa.

Eu me virei, instintivamente para chegar a minha caixa médica quase caindo. Eu me salvei por um pedaço na estrutura da cama, mas deixei escapar um gemido involuntário que trouxe Jamie levantando, olhando freneticamente sobre.

—É... tudo bem — eu disse, desejando que meus músculos da barriga se movimentassem. —Eu estou bem. É Ian. Ele voltou.

Jamie ergueu-se, sacudiu a cabeça para limpá-la, e imediatamente foi até a janela. Vi-o endurecer e, agarrando o meu lado, o segui. William saiu de casa e estava se preparando para montar a mula. Ele estava vestido com camisa e calção, muito sujo, e o sol lambendo seu cabelo castanho escuro com manchas de vermelho. Sra. Macken disse algo a partir da porta, e ele virou-se para responder a ela. Eu não acho que eu fiz um barulho, mas algo fez olhar para cima de repente e ele congelou. Eu senti Jamie congelar, também, quando seus olhos se encontraram.

O rosto de William não se alterou, e depois de um longo momento, ele virou-se para a mula de novo, montado, e afastou-se. Depois de mais um longo momento, Jamie soltou a respiração.

—Deixe-me leva-la de volta para a cama, Sassenach— disse calmamente. —Eu vou ter que ir e encontrar Denny para ajudar Ian.

## ***Capítulo 92 - Eu Não Vou Deixa-lo Só***

Alguém havia dado antes láudano para trabalhar em seu ombro. Coisas estranhas. Ele teve isso antes, pensou, há muito tempo, embora ele não soubesse o nome no momento. Agora Ian estava deitado de costas, piscando lentamente como a droga diminuindo a partir de sua mente, tentando decidir onde ele estava e o que era real. Ele tinha certeza de que a maioria do que ele estava olhando agora não era.

Dor. Isso era real e algo para usar como uma âncora. Ela não foi embora inteiramente ele esteve ciente disso, mas à distância, como um fio verde lamacento desagradável como uma corrente de água suja sinuosa através de seus sonhos. Agora que ele estava acordado, porém, ele estava se tornando mais desagradável a cada minuto. Seus olhos não queriam se concentrar ainda, mas ele forçou a rolar sobre em busca de algo familiar.

Ele achou uma só vez.

*Menina. Moça.* Ifrinn, *o que era sua*, —Rachel— ele resmungou, e ela levantou-se de imediato, a partir do que ela estava fazendo e foi ter com ele, com o rosto preocupado, mas aceso.

—Rachel— ele disse de novo, incerto, e ela pegou a mão boa, pressionando-a contra o peito.

—Você está acordado, eu vejo— ela disse suavemente, seus olhos procurando seu rosto. —Mas ainda muito febril, com o calor de sua pele. Como se sente?

—Melhor, moça. — Ele tentou lambe os lábios secos. —Existe água talvez?

Ela fez um pequeno som de angústia que ele teve que perguntar, e apressou-se para trazer um copo aos lábios. Era talvez a melhor coisa que ele já provou dado melhor por ela segurando sua cabeça em sua mão enquanto ele bebia, ele estava muito tonto. Ele não queria parar, mas ela levou o copo longe.

—Mais atualmente— ela prometeu. —você não deve beber demais, rápido demais, ou vai vomitar. E entre a sujeira e o sangue, já fez bagunça o suficiente — disse, sorrindo.

—Mmphm— disse deitado de costas. Ele estava principalmente impecável, ele descobriu. Alguém lavou o último da gordura de veado e pintura, e uma boa dose de suor e sangue. Seu ombro estava ligado com uma cataplasma de algum tipo; cheirava picante e familiar, mas sua mente nebulosa estava em um longo caminho ainda a partir do que permitia pensar no nome da erva.

—Será que tia Claire amarrou meu braço?— questionou. Rachel olhou para ele, franzindo as sobrancelhas.

—Sua tia está doente— disse com cuidado. —Se lembra de que eu disse que ela foi ferida a bala na batalha?

—Não— ele disse, sentindo-se vazio e confuso. Ele não tinha nenhuma recordação dos últimos dias ou da batalha. —Não. O que, ela está bem, então?

—Denny removeu a bala, e seu tio Jamie está com ela. Ambos dizem muito firmemente que ela ficará bem. —Sua boca se contraiu um pouco, a meio caminho entre um sorriso e preocupação. Ele fez o seu melhor para sorrir de volta.

—Então ela vai ficar bem— disse. —tio Jamie é extremante um homem teimoso. Posso ter mais água?

Desta vez, ele bebeu mais devagar e engoliu mais antes que ela levasse embora. Houve um barulho estridente regular em algum lugar; por um tempo que ele levou por algum fantasma da audiência que sobrou dos sonhos, mas agora deixou por um momento, pontuado por uma maldição alta.

—O que, onde estamos?— Ele perguntou, começando a ser capaz de olhar para as coisas de novo. Seus olhos oscilaram e o convenceu de que ele estava de fato em um pequeno estábulo vaca; era novo feno que ele estava cheirando, e o cheiro quente de esterco de vaca fresco. Ele estava deitado em uma propagação de cobertor sobre um monte de feno, mas a vaca estava ausente no momento.

—Um lugar chamado Freehold. A batalha foi travada nas proximidades; Washington e o exército se retiraram a Englishtown, mas um bom número de soldados feridos recebeu refúgio pelos habitantes aqui. Atualmente, desfrutam da hospitalidade do ferreiro local, um senhor chamado Heughan.

—Oh— Forja. Essa era a fonte do tinindo e maldição. Ele fechou os olhos; que ajudou com a tontura, mas ele podia ver as sombras de seus

sonhos no interior de suas pálpebras e as abriu novamente. Rachel ainda estava lá; que era bom.

—Quem ganhou a batalha?— Questionou.

Ela encolheu os ombros, impaciente. —Tanto quanto qualquer um disse nada sensato sobre isso, ninguém. Os norte-americanos estão se gabando por não terem sido derrotados, com certeza, mas o exército britânico certamente não foi também. Tudo que me importa é você. E você vai ficar bem — disse, e colocou suavemente a mão em sua testa. —*Eu digo*. E eu sou tão teimosa quanto qualquer escocês e se preocupe em incluir o seu nome.

—Eu preciso dizer uma coisa, moça. — Ele não tinha a intenção de dizer isso, mas as palavras pareciam familiar em sua boca, como se ele tivesse dito isso antes.

—Alguma coisa diferente?— Ela estava se afastando, mas fez uma pausa agora, olhando desconfiado.

—Diferente? Eu disse algumas coisas enquanto eu estava... —Ele tentou acenar uma mão na ilustração, mas mesmo o braço bom era pesado como chumbo.

Rachel pegou seu lábio superior entre os dentes, em relação a ele.

—Quem é Geillis— ela perguntou abruptamente. —E o que, em nome da bondade do que ela *fez* a você?

Ele piscou assustado e ainda aliviado ao ouvir o nome. Sim, isso era o que ele sonhou, oh, Jesus. O alívio partiu de uma só vez.

—O que eu disse?— Ele perguntou com cautela.

—Se não lembra, eu não desejo trazê-lo de volta— Ajoelhou-se por ele, saias farfalhando.

—Eu me lembro de o que aconteceu, eu só quero saber o que eu disse sobre o assunto.

—O que aconteceu— ela repetiu lentamente, observando seu rosto. — Em seus sonhos, significa? Ou... —Ela parou de falar, e viu o movimento da garganta enquanto engolia.

—Provavelmente ambos, moça— ele disse em voz baixa, e conseguiu chegar a sua mão. —Falei de Geillis Abernathy, embora?

—Disse apenas *Geillis*— ela disse, e cobriu sua mão com as dela, segurando rápido. —estava com medo. E gritou de dor, mas é claro que *foi* na dor, por isso... mas, em seguida,... tudo quanto pareceu, ele...

Cor subiu lentamente até seu pescoço e lavou o rosto, e com uma ligeira recaída no sonho, ele viu-há por um instante, como uma orquídea com uma garganta escura em que ele pode mergulhar... cortou essa visão e descobriu que estava respirando rápido.

—Parecia que experimentou algo diferente da dor— disse, franzindo a testa.

—Sim, eu fiz— disse, e engoliu em seco. —Posso ter um pouco mais de água?

Ela deu a ele, mas com um olhar fixo, indicando que ela não queria se distrair de sua história, suas necessidades físicas.

Ele suspirou e deitou-se novamente. —Foi um a um longo tempo, *a nighean*, E nada asqueroso agora. Fui levado, sequestrado por um breve tempo, quando eu tinha talvez catorze anos mais ou menos. Fiquei com uma mulher chamada Geillis Abernathy, na Jamaica, até que meu tio me encontrou. Não foi muito agradável, mas eu não estava machucado, de qualquer maneira.

Rachel levantou uma sobrancelha elegante. Ele gostava de vê-la fazer isso, mas às vezes mais do que outros.

—Havia outros rapazes lá— ele disse, —e eles não tiveram tanta sorte. — Por um longo tempo depois, ele estava com medo de fechar os olhos à noite, porque ele viu seus rostos. Mas eles desapareceram, pouco a pouco, e agora ele sentiu um espasmo de culpa, porque ele ia deixá-los ir para as trevas.

—Ian— disse Rachel suavemente, e sua mão acariciou sua bochecha. Sentiu a grossa de sua barba quando ela o tocou, e um arrepio agradável percorreu sua mandíbula e ombro. —Você não precisa falar sobre isso. Eu não iria trazê-lo de volta para você.

—Está tudo bem— ele disse, e engoliu um pouco mais fácil. —Eu vou dizer, mas mais tarde. É uma velha história, e você não tem necessidade de ouvir agora. Mas... —Ele parou e ela levantou a outra sobrancelha.

—Mas o que eu *tenho* que dizer moça... —E ele disse a ela. Grande parte dos acontecimentos dos últimos dois dias, ainda era um borrão, mas ele lembrou vividamente os dois Abenaki que o caçaram. E o que ele finalmente fez, no acampamento britânico.

Ela ficou em silêncio por tanto tempo que ele começou a se perguntar se ele realmente despertou e teve essa conversa ou ainda estava sonhando.

—Rachel?— Disse, mudando desconfortavelmente em sua cama de feno espinhosa. A porta do estábulo estava aberta e não havia luz suficiente, mas ele não conseguia ler seu rosto em tudo. Seu olhar descansava em seu próprio rosto, porém, olhos avelãs distantes, como se estivesse à procura *através* dele. Ele estava com medo que ela estivesse.

Ele podia ouvir Heughan o ferreiro fora, andando para lá e para cá e fazendo sons tilintando, parando para apostrofar alguns não cooperativos implementados em termos grosseiros. Ele podia ouvir seu próprio coração batendo, também, um incômodo, uma batida irregular.

Finalmente um arrepio passou por cima de Rachel, como se ela sacudisse acordada, e ela colocou a mão em sua testa, alisando os cabelos para trás quando olhou em seus olhos, sua própria companhia macia e insondável. Seu polegar desceu e traçou a linha tatuada *através* de suas maçãs do rosto, muito lentamente.

—Eu acho que não podemos esperar mais para nos casar Ian — ela disse suavemente. —Eu não quero ter que enfrentar tal coisa sozinha. Estes são tempos difíceis, e nós devemos estar juntos.

Ele fechou os olhos e todo o ar saiu. Quando ele respirou fundo novamente, tinha gosto de paz.

—Quando?— Ele sussurrou.

—Assim que puder andar sem ajuda— disse, e beijou-o, leve como uma folha caindo.

### *Capítulo 93 - A casa da Rua Chestnut*

**A casa estava ocupada; havia fumaça saindo da chaminé oeste. A porta estava trancada, embora, e se afastou para abrir.**

**—Eu me pergunto o que aconteceu com a antiga porta?— Disse John para Hal, tentando o botão novamente, apenas no caso. —Ele costumava ser verde.**

**—Se você bater agora, você pode conseguir arranjar alguém para sair e dizer — Hal sugeriu. Eles não estavam de uniforme, mas Hal estava visivelmente no limite, e esteve desde a sua chamada com o General Arnold.**

**O general foi compreensivelmente reservado, mas civil, e depois de ler a carta de Fraser ao longo de três ou quatro vezes, concordou em**

dar um passe para permanecer na cidade e fazer as investigações que quisessem.

—Com o entendimento, — Arnold disse um flash de sua arrogância de renome, mostrando através da fachada do governador, —que se eu souber de alguma coisa desagradável, eu vou ter ambos presos e montados fora da cidade em um trilho.

—Em um o quê?— Hal disse incrédulo não tendo encontrado este método peculiarmente americano de fazer os hóspedes se sentirem bem-vindos.

—Um trilho— Arnold repetiu, sorrindo jovialmente. —Pedaço longo de madeira? Usado para cerca, eu acredito?

Hal se virou para John, uma sobranceira erguida, como se estivesse convidando-o a traduzir o discurso de algum hotentote encontrado aleatoriamente. John suspirou internamente, mas fez.

—Uma pessoa indesejável é posto sobre o objeto em questão— disse, —ocupado. —Diante disso, um grupo de homens levantando uma das extremidades e partem pelas ruas com ele, decantando fora da cidade. Acredito que alcatrão e penas são por vezes aplicados como um gesto preliminar, embora os efeitos físicos do trilho se presumam geralmente ser suficiente.

—Alise seu saco de bola como se um cavalo pisasse nele— disse Arnold, ainda sorrindo. —Não vai fazer a sua bunda qualquer bem, também.

—Eu não deveria imaginar— disse Hal educadamente. Sua cor estava um pouco mais vermelha do que o habitual, mas ele não deu nenhuma outra indicação de ofensa, que Grey pensasse ser uma indicação não razoável que ele precisava para uma importância da missão de Hal.

O som do ferrolho abrindo interrompeu sua lembrança. A porta se abriu, revelando sua governanta e cozinheira, a Sra. Figg, pistola na mão.

—Lord John— ela exclamou, deixando cair à arma com um barulho.

—Bem, sim— disse, entrando e pegando-a. Ele sorriu, sentindo-se bem com o carinho no seu seio à vista de sua substancial, arrumada, e decorada com muitas fitas como sempre. —É muito bom vê-la novamente, Sra. Figg. Permita-me fazer-lhe familiarizar com o meu irmão, o...

—Nós já nos conhecemos— disse Hal, uma vantagem irônica em sua voz. —Como vai você, senhora?

—Melhor do que Vossa Graça, pelo que parece— Sra. Figg respondeu, estreitando os olhos para ele. —Ainda respirando, porém, eu vejo. — Ela parecia como se isso não fosse inteiramente uma situação desejável, mas Hal abriu um largo sorriso para ela.

—Será que você conseguiu enterrar a prata com o tempo?— questionou.

—Certamente— respondeu ela com dignidade, e, voltando-se para John, perguntou: —Você veio para pegá-la, meu senhor? Posso tê-la desenterrada diretamente rápido.

—Talvez não agora— disse John. Olhou em volta, observando os trilhos faltando do corrimão no patamar superior, a parede manchada e esburacada pela escada, e —O que aconteceu com o lustre?

Sra. Figg suspirou e balançou a cabeça sombriamente.

—Isso seria Mestre William— disse. —Como ele está meu senhor?

—Eu tenho medo que eu não saiba Sra. Figg. Eu tinha alguma esperança de que ele poderia ter estado por aqui, mas eu não o vi?

Ela parecia perturbada com isso.

—Não, senhor. Não o vi desde, bem, desde o dia em que você foi embora sozinho. —Ela olhou fixamente para ele, levando-se em tudo, desde o cabelo curto para as contusões desvanecimento e o terno medíocre, balançando a cabeça e suspirando, mas depois endireitou seus ombros largos, determinada a ser alegre. —E estamos felizes em vê-lo, senhor! E Vossa Graça — acrescentou como uma reflexão tardia definitiva. —Vai sentar-se e eu vou ter uma boa xícara de chá em dois minutos.

—Você tem chá?— Disse Hal, iluminando.

—Nós enterramos a primeira coisa o jogo de chá — informou. —Mas eu só trouxe um tijolo para Miss Dottie, tão...

—Dottie está aqui?

—Com certeza, — disse a Sra. Figg, o prazer de ser a portadora de boas notícias. —Eu só vou à cozinha e buscá-la.

Isto provou ser desnecessário, com o som da abertura da porta de trás indicando a entrada de Dottie, carregando uma montanha de objetos irregulares. Estes mostraram abobrinhas da horta, que caíram em cascata sobre o piso em uma inundação saltando de verde e amarelo quando ela soltou o avental, a fim de saltar para o pai e abraçá-lo.

—Papai!

Por um instante, o rosto de Hal mudou totalmente, macio com o amor, e Grey ficou surpreso e desconcertado ao sentir as lágrimas vindas aos seus

próprios olhos. Ele se virou, piscando, e andou até o aparador, para dar um momento privado.

O serviço de chá de prata foi embora, é claro, mas seus pratos de porcelana Meissen estavam em seus lugares habituais na placa de ferro. Ele tocou a frente com fitas-dourada de um, sentindo-se estranhamente desencarnado. *E o seu lugar o conhecerá mais.*

Mas Dottie estava falando agora a ambos; Grey se virou para ela, sorrindo.

—Estou tão feliz que você esteja segura e *aqui* —Suas bochechas estavam vermelhas, os olhos brilhando e coração de Grey apreensivo no conhecimento de que esse estado de felicidade iria ser extinto no próximo minuto, assim que Hal disse o motivo de sua presença. Antes de qualquer desgraça poder cair, no entanto, Dottie tomou as rédeas da conversa e conduziu em outra direção inteiramente.

—Desde que você *está* aqui Tio John, poderíamos possivelmente usar sua casa? Para o casamento, quero dizer. Por favor, por favor?

—O casamento?— Hal desengatou se suavemente limpou a garganta. —*Seu* casamento?

—Claro que eu quero dizer o meu casamento, papai. Não seja bobo. — Ela sorriu para o tio, colocando uma mão coquete em sua manga. — Podemos tio John? Nós não podemos nos casar em uma capela, mas temos de ter testemunhas para um casamento apropriado de Amigos, e, realmente, eu tenho certeza que papai não gostaria de me ver casada na sala pública de uma taberna. Certo? — Ela apelou, voltando-se para Hal, cuja expressão reverteu sua proteção antes.

—Bem, certamente você pode minha querida— disse John, olhando em volta de sua sala de estar. —Supondo que eu mantenha a posse deste lugar o tempo suficiente para que o casamento aconteça. Quando é a cerimônia, e quantas testemunhas precisamos acomodar?

Ela hesitou, batendo a unha contra os dentes.

—Eu não tenho certeza. Haverá alguns dos Amigos de consciência que, como Denny, tenham sido colocados para fora da sociedade para entrar para o exército continental. E alguns amigos-amigos menores, ou seja, sem desrespeito a qualquer um deixado na Filadélfia. E... família? —Ela hesitou novamente, olhando para o pai de lado, debaixo de seus cílios. John reprimiu um sorriso.

Hal fechou os olhos e suspirou profundamente.

—Sim, eu vou ao seu casamento— disse, abrindo-os com resignação. — E assim Henry, se eu tiver que arrastá-lo pelo pescoço. Acho que a Sra. Woodcock deve ser convidada, também — acrescentou, com uma acentuada falta de entusiasmo. —Mas é claro que Adam... e Ben...

John pensou por um momento que ele deve dizer a ela agora, mas os lábios de seu irmão fecharam firmados com determinação. Ele não olhou para John, mas John falou *Agora não, pelo amor de Deus. Que ela seja feliz um pouco mais* tão claramente como se tivesse sido falado em voz alta.

—Não, isso é muito ruim— disse Dottie com pesar, e encontrou os olhos de seu pai diretamente. —Eu sinto muito por Mamãe. Eu escrevi a ela, no entanto.

—Você, querida?— Disse Hal, parecendo quase normal. —Isso foi atencioso. — Ele inclinou a cabeça para ela, porém, os olhos se estreitando um pouco. —O que mais?

—Oh— Sua cor, que retornou ao normal, voltou a subir, e ela começou distraidamente a amassar as pregas seu avental com uma mão. —Bem. Você sabia que a irmã de Denzell, Rachel se casará com Ian Murray? Esse é o sobrinho do Sr. James não, nós não usamos Senhor, desculpe ele é o sobrinho de James Fraser. Sabe...

—Eu sei— disse Hal, em um tom cortado menos amistoso. —Quem é ele, quero dizer. O que você está dizendo, Dottie? Sem bordados, se você puder.

Ela fungou para ele, mas não pareceu ser desconcertado, no mínimo.

—Bem, então. Rachel e Ian desejam se casar o mais rápido que puderem, e assim fazemos Denny e eu. Como todas as testemunhas estarão presentes, por que não ter os dois casamentos ao mesmo tempo?

Desta vez, Hal olhou para John. Que devolveu o olhar, um pouco surpreso.

—Ah... bem. Suponho que isso significaria hóspedes adicionais? Incluindo o referido Sr. Fraser? Tenho certeza que você vai desculpar usar seu título, minha cara; estou acostumado a tais excessos sociais.

—Bem, sim. Rachel diz que a Sra. Fraser está suficiente recuperada e que vão voltar para a Filadélfia amanhã ou no dia seguinte. E depois, claro, há Fergus e sua esposa, Marsali, e talvez as crianças, e eu não sei se há outros amigos que eu não *pensei* que Ian tenha qualquer relação com os Mohawk nas proximidades, mas...

—Um, dois, três, quatro, cinco... —John se virou e começou a contar as pequenas cadeiras douradas que estavam rigidamente na atenção sob o lambri. —Acho que deve ser um pouco apertado, Dottie, mas se...

Sra. Figg pigarreou. O som era suficientemente impressionante que todo mundo parou de falar e olhou para ela.

—Perdão, senhores— disse, e um leve rubor era visível em seu rosto redondo. —Eu não quero estar à frente ou presumindo... mas acontece que eu mencionei para o reverendo Figg sobre a Srta. Dottie e o Amigo Denzell precisando de um lugar para se casar.

Ela limpou a garganta, o rubor crescendo mais profundo sob a pele escura, de modo que ela tinha uma semelhança surpreendente com uma bala de canhão recém-tirada, Grey pensou encantado com a ideia.

—E... bem, longo e curto, senhora e senhores, é que o reverendo e sua congregação ficariam satisfeitos se você considerasse casar-se no novo edifício da igreja, você tem sido tão amável em contribuir para ele. De qualquer maneira extravagante, mente, mas...

—Sra. Figg, você é uma maravilha. —Grey apertou-lhe as mãos, uma atenção que perturbava ao ponto de mudez. Vendo isso, ele soltou, embora isso permitisse Dottie segurar e beijar a empregada, exclamando em gratidão. Até ai tudo bem, mas quando Hal levou a Sra. Figg pela mão e beijou-a, a pobre senhora foi reduzida a quase ao ponto de asfixia e, pegando de volta a mão, retirou às pressas, murmurando desconexa sobre o chá e por pouco evitando tropeçar em a medula.

—Está tudo bem em se casar em uma igreja?— Hal perguntou a Dottie, uma vez que a Sra. Figg havia se retirado a uma distância segura. —Não é como os judeus não é? Não precisamos ser circuncidados para participar? Porque se assim for, acho que a sua lista de convidados pode ser substancialmente reduzida.

—Oh, eu tenho certeza que não... —Dottie começou vagamente, mas sua atenção foi distraída por algo visto através da janela da frente. —Meu Deus, é isso... ?

Não se preocupando em completar seu pensamento, ela voou para a porta destrancada e abriu-a, revelando um William assustado na varanda.

—Dottie— ele disse. —O que... — E então avistou John e Hal. O rosto de William sofrendo uma mudança relâmpago que fez um *frisson* correndo em linha reta pelas costas de John ao seu cóccix. Ele viu aquela expressão

exata no rosto de Jamie Fraser uma centena de vezes, pelo menos, mas nunca viu isso em William.

Era o olhar de um homem que não gosta de suas perspectivas imediatas nem um pouco, mas que parecia inteiramente capaz de lidar com eles. William entrou repellido pela força da tentativa abortada de vontade Dottie para abraçá-lo. Ele tirou o chapéu e fez uma reverência para Dottie, então, pontualmente, para John e Hal.

—Seu servo, senhora. Senhores.

Hal bufou, olhando seu sobrinho da cabeça aos pés. William estava vestido tanto quanto John e Hal estavam, em roupas comuns, embora as roupas de bom corte e qualidade, John observou; claramente seu próprio.

—E onde o diabo  *você*  esteve nos últimos três dias, posso perguntar?

—Não,  *você*  não pode, — William respondeu brevemente. —Por que  *você*  está aqui?

—Procurando por  *você* , por um lado, — John respondeu equilibrando, antes de Hal poder intervir novamente. Ele colocou a pistola sobre a lareira, facilmente ao alcance de Hal, mas era razoavelmente certo de que não estava carregada. —E o capitão Richardson, por outro.  *Você*  o viu recentemente?

A expressão de William de surpresa fez John dar um suspiro interno de alívio. —Não, eu não o vi. — William olhou com astúcia de um homem para o outro. —É isso o que  *você*  estava fazendo na sede de Arnold? Procurando por Richardson?

—Sim— respondeu John, surpreso. —Como  *você* , oh.  *Você*  estava vendo o lugar. —Ele sorriu. —Eu me pergunto como  *você*  passou a aparecer aqui tão fortuitamente.  *Você*  nos seguiu do General Arnold.

William assentiu e, estendeu um braço longo, tirou uma das cadeiras da parede. —Eu fiz. Sente-se. As coisas precisam ser ditas.

— *Isso*  soa um pouco sinistro, —Dottie murmurou. —Talvez seja melhor eu ir buscar o melhor conhaque.

—Por favor, Dottie— disse John. —Diga a Sra. Figg que queremos o 57, sim. Se ele não está enterrado, quero dizer.

—Eu acho que tudo o que é de natureza alcoólica está bem, na verdade. Eu vou buscá-lo.

A própria Sra. Figg chegou a este ponto com uma bandeja de chá chocalhando, pedindo desculpas pela jarra de barro humilde onde a bebida

estava se formando, e dentro de alguns instantes, todo mundo estava sendo fornecido com uma xícara fumegante e um pequeno copo de 57.

—Obrigado, querida— disse Hal, aceitando um copo de Dottie, em seguida, adicionando incisivamente: —Você não precisa ficar.

—Eu prefiro que você faça Dottie— disse William calmamente, mas com um olhar ostensivo em Hal. —Existem coisas que você deve saber, eu acho.

Com não mais que um breve olhar para seu pai, Dottie, que estava pegando a abóbora dispersa, sentou-se na poltrona, em frente a sua prima.

—Diga, então, — ela disse simplesmente.

—Nada fora do caminho— ele assegurou, com uma suposição de descontração. —Eu descobri recentemente que sou filho natural de um James Fraser, que...

—Oh, — ela disse, e olhou para ele com interesse renovado. —Eu *acho* que o general Fraser me lembrou de alguém! Claro, é isso! Bondade, Willie, você *parece* com ele!

William olhou espantado, mas rapidamente se recompôs.

—Ele é um general— ele perguntou Hal.

—Ele era— disse Hal. —Ele renunciou a sua comissão.

William fez um pequeno ruído sem humor. —Será que ele? Bem, eu também.

Depois de um longo momento de silêncio, John colocou a xícara cuidadosamente no pires com um pequeno tilintar.

—Por quê?— Ele perguntou suavemente, no mesmo momento em que Hal, franzia a testa, dizendo: —Você pode fazer uma coisa dessas embora tecnicamente um prisioneiro de guerra?

—Eu não sei— disse William laconicamente, e, evidentemente, em resposta a ambas as perguntas. —Mas eu fiz. Agora, como o capitão Richardson... — E ele relatou seu encontro surpreendente com Denys Randall/Isaacs na estrada.

—Ou melhor, Denys Randall, como ele agora chama a si mesmo. Evidentemente, seu padrasto é um judeu, e ele deseja evitar a associação.

—Sensível— Hal disse brevemente. —Eu não o conheço. O que mais você sabe sobre ele, William? Qual é a sua ligação com Richardson?

—Eu não tenho a menor ideia— disse William, e, drenando a xícara, pegou o jarro e derramou outra. —Não há um, obviamente, e antes disso, eu teria assumido que Randall talvez trabalhasse com, ou para, Richardson.

—Talvez ele ainda não faça— John sugeriu uma ligeira vantagem em sua voz. Ele foi um espião há alguns anos e estava inclinado a levar as coisas ditas por conhecidos na inteligência pelo seu valor nominal.

Isso pareceu tomar William de surpresa por um momento, mas ele balançou a cabeça com relutância.

—Tudo bem— ele admitiu. —Mas diga-me, por que o diabo vocês dois estão interessados em Richardson?

Disseram.

Na conclusão, Hal estava empoleirado ansiosamente sobre a poltrona ao lado de Dottie, um braço em volta dos ombros trêmulos. Ela estava chorando em silêncio, e ele estava enxugando o rosto com o lenço, este agora um trapo sujo depois de seu serviço como uma bandeira de trégua.

—Eu não acredito nisso— ele estava repetindo obstinadamente, uma sexta ou sétima vez. —Você pode me ouvir, querida, eu *não* acredito, e eu não vou tê-la acreditando nisso, também.

—N... não— disse, obedientemente. —N... Eu não vou. Oh, *Ben!*

Com alguma esperança de distraí-la, John se virou para William.

—E o negócio que você trouxe da Filadélfia, posso perguntar? Você não pode ter vindo em busca de capitão Richardson, porque quando você saiu do acampamento, você não sabia que ele desapareceu.

—Eu vim em uma questão pessoal— disse William, em um tom que sugeria que o assunto ainda era pessoal e ia permanecer assim. —Mas também... —Ele apertou os lábios por um momento, e novamente John teve que estranha sensação de movimento, vendo Jamie Fraser. —Eu ia deixar isso aqui para você, caso você voltasse para a cidade. Ou pedir a Sra. Figg para enviá-lo para Nova York, se... —Sua voz foi sumindo, quando ele puxou uma carta do peito de seu casaco azul-escuro.

—Mas eu não preciso agora— concluiu com firmeza, e colocou de novo. —Ele só está dizendo o que eu já disse. — Um leve rubor tocou as maçãs do rosto, porém, e ele evitou os olhos de John, se mudando para Hal.

—Eu vou descobrir sobre Ben— ele disse simplesmente. —Eu não sou um soldado agora; não há perigo de eu ser tomado como um espião. E eu posso viajar com muito mais facilidade do que você pode.

—Oh, William!— Dottie pegou o lenço de seu pai e assuou o nariz com uma pequena buzina de lady. Ela olhou para ele com os olhos cheios. —Será que você, realmente? Oh, *agradeço a você!*

Isso não era, obviamente, o final do mesmo. Mas não era a revelação de Grey que William possuía uma teimosia tão obviamente derivada de seu pai natural que ninguém, mas Hal sequer pensou em discutir com ele. E mesmo Hal não discutiu muito tempo.

No devido tempo, William levantou para ir.

—Dê a Sra. Figg meu amor, por favor, — disse a John, e, com um pequeno arco de Dottie, —Adeus, prima.

John seguiu-o até a porta para deixa-lo sair, mas no limiar colocou a mão em sua manga.

—Willie— disse em voz baixa. —Dê-me a carta.

Pela primeira vez, William parecia um pouco menos do que determinado. Ele colocou a mão em seu peito, mas deixou-a lá, hesitante.

—Eu não vou lê-la, a menos que você não volte. Mas se você não fizer isso... Eu quero. Para manter.

William respirou, balançou a cabeça, e, enfiou a mão no casaco, tirou um envelope selado e entregou. Grey viu que era selado com uma gota de cera grossa de vela e que William não usou seu sinete, preferindo carimbá-lo com a sua impressão digital, firmes na cera quente.

—Obrigado— disse através do nó na garganta. —Deus o acompanhe. Filho.

## ***Capítulo 94 - O Sentido da Assembleia***

A Igreja Metodista era um modesto edifício de madeira com janelas de vidro simples, e, ao mesmo tempo em que tinha um altar, poderiam facilmente ter passado como uma capela Quaker, um modelo de três cruces emolduradas com versículos enrolados da Bíblia que penduraram em uma parede. Eu ouvi Rachel soltar a respiração quando ela parou entrando, olhando ao redor.

—Sem flores?— Sra. Figg disse no dia anterior, escandalizada. —Eu entendo simples, mas *Deus* gosta de flores!

—A capela dos Amigos não teria flores, — Rachel disse, sorrindo. — Achamos isso um pouco pagão, e uma distração para adorar. Mas nós somos seus convidados, e, certamente, um hóspede não deve dizer a seu anfitrião como manter sua própria casa.

Sra. Figg piscou com essa palavra *pagã*, mas em seguida, fez um baixo zumbido e se acomodou em benignidade.

—Muito bem, então— disse. —Sua senhoria tem três boas roseiras, e há girassóis em cada metro da cidade. Alguma madressilva, também — acrescentou pensativa. Havia; todos plantavam madressilva pelo par.

Como um aceno para a sensibilidade dos Quakers, no entanto, havia apenas um vaso de flores, um vaso muito simples entre os dois bancos de madeira que estavam estabelecidos na frente da sala, e o perfume fraco de madressilva e de rosas misturado com o cheiro de terebintina das tábuas de pinho quentes e os aromas pungentes de pessoas bastante limpas, mas muito quentes.

Rachel e eu pisamos para fora novamente, juntando-se o resto do que eu supunha que poderia ser chamado de uma festa de casamento, na sombra debaixo de uma árvore de limão grande. As pessoas ainda estavam chegando algumas em pares, e eu peguei um bom número de olhares curiosos dirigidas a nós, embora estes não fossem destinados a duas noivas.

—Você está casando em... *que*? — Disse a Hal, parecendo vestida para o domingo com sua melhor musselina cinza suave com uma fita branca e um laço na parte de trás da cintura de Dottie. Dottie levantou uma sobrancelha loira suave para ele.

—Pai— disse. —Mamãe me contou o que *ela* usava quando você se casou com ela em uma taverna em Amsterdã. *E* como seu primeiro casamento foi. Diamantes e renda branca e Igreja de St. James não ajudam tanto assim, não é?

—Dorothea— disse Denzell suavemente. —Não importune seu pai. Ele tem o suficiente para suportar.

Hal, que liberou a observações de Dottie, estava um pouco mais vermelho quando Denny soprou grosseiramente ameaçador, mas não disse mais nada. Hal e John estavam ambos vestindo uniforme de gala e muito ofuscado as duas noivas em esplendor. Eu pensei que em vez de uma pena que Hal não iria começar a andar com Dottie pelo corredor, mas ele apenas respirou fundo quando a forma do casamento estava delineando para ele e disse depois de receber uma cotovelada acentuadamente nas costelas de seu irmão que teve a honra de testemunhar o evento.

Jamie, pelo contrário, não usava uniforme, mas sua aparição plenamente vestido como nas Highland fez os olhos da Sra. Figg aumentar e não só ela.

—Doce pastor da Judéia— ela murmurou para mim. —Será que o homem vestiu uma *anágua* de lã? E que tipo de padrão é esse pano? O suficiente para queimar os olhos para fora de sua cabeça.

—Eles chamam isso de uma *Fèileadh beag* — Eu disse a ela. —Na língua de origem. Em Inglês, é geralmente chamado de kilt. E o padrão é o tartan da família.

Ela olhou-o por um longo momento, a cor subindo lentamente em seu rosto. Ela se virou para mim com a boca aberta para fazer uma pergunta, mas pensou melhor e fechou-a com firmeza.

—Não— eu disse, rindo. —Ele não está.

Ela bufou. —De qualquer maneira, é como morrer de calor— previu, — e assim são esses dois galos de briga. — Ela balançou a cabeça para John e Hal, gloriosa e suada e vermelha com um laço de ouro. Henry também viera de uniforme, vestindo seu mais modesto de tenente. Ele tinha Mercy Woodcock em seu braço e deu a seu pai um olhar desafiando a dizer algo.

—Pobre Hal— murmurei para Jamie. —Seus filhos são sim um teste para ele.

—Sim, quem não os tem?— Respondeu ele. —Tudo bem, Sassenach? Você parece pálida. Não é melhor entrar e sentar-se?

—Não, eu estou muito bem— eu assegurei a ele. —Eu só estou pálida, depois de um mês dentro de casa. É bom estar no ar fresco. —Eu tinha uma bengala, assim como Jamie, para me apoiar, mas estava me sentindo muito bem, com uma ligeira pontada no meu lado, e estava aproveitando as sensações de mobilidade, se não a sensação de vestir espartilho e anáguas em um clima quente novamente. Ia estar ainda mais quente sentada embalada em conjunto uma vez que a reunião começasse; a congregação do reverendo Sr. Figg estava lá, é claro, sendo sua igreja, e os bancos estavam cheios de corpos.

A igreja não tinha campainha, mas alguns quarteirões de distância o sino de São Pedro começou a tocar a hora. Já era tempo, e Jamie, eu, e os irmãos Grey fizemos nosso caminho para dentro e encontramos nossos lugares. O ar zumbia com conversa murmurada e curiosidade, tanto mais nos uniformes britânicos e o xadrez de Jamie, embora tanto ele como os Greys deixasse as suas espadas em casa, em deferência a reunião dos Amigos.

Tanto a curiosidade e a conversa subiram para um campo muito maior quando Ian entrou, Ele usava uma camisa nova, chita branca impressa com tulipas azuis e roxas, suas calças de camurça e tanga, mocassins e um

bracelete feito de conchas azuis e brancas, wampum[42], que eu estava razoavelmente certa de que sua esposa Mohawk trabalhara com suas mãos, fazendo para ele.

—E aqui, é claro, está o melhor homem, — Eu ouvi John sussurrar para Hal. Rollo perseguido pelo calcanhar de Ian, desconsiderando a mais celeuma que *ele* causava. Ian sentou-se calmamente em um dos dois bancos que foram estabelecidos na frente da igreja, de frente para a congregação, e Rollo sentou a seus pés, coçou preguiçosamente, em seguida, entrou em colapso e ficou ofegante suavemente, observando a multidão com um olhar amarelo de estimacão preguiçoso, como se julgando uma eventual comestibilidade.

Denzell entrou, parecendo um pouco pálido, mas aproximou-se e sentou-se no banco ao lado de Ian. Ele sorriu para a congregação, a maioria dos quais murmurou e sorriu de volta. Denny vestia seu melhor terno, que possuía dois a casimira marinha decente com botões de estanho, e enquanto ele era ao mesmo tempo mais baixo e menos ornamental que Ian, não era por qualquer meio desaparecer ao lado de seu estranho cunhado.

—Você não vai ficar doente, moça?— Disse Jamie para Rachel. Ela e Dottie entraram, mas pairaram perto da parede. As mãos de Rachel estavam cerradas no tecido da saia. Ela era branca como uma folha, mas seus olhos brilhavam. Eles estavam presos em Ian, que estava olhando para ninguém, mas só ela, seu próprio coração em seus olhos.

—Não— ela sussurrou. —Venha comigo, Dottie. — Ela estendeu a mão, e as duas meninas caminharam juntas para o outro banco e sentaram. Dottie era alta, e assim era a cabeça. Rachel cruzou as mãos no colo e voltou a olhar para Ian. Eu senti Jamie suspirar um pouco e relaxar. Por outro lado de Jamie, Jenny esticou para ver em volta, e depois sorriu com satisfação.

Ela fez Rachel vestir-se, depois das exigências dos últimos meses, nada que não fosse perto de trapos. E enquanto Jenny era, em geral, a favor de uma modéstia no vestir, ela conhecia a sua maneira em torno de um busto. O vestido era uma chita verde-claro com um pequeno padrão de videiras enroladas em verde-escuros, e equipadas como uma luva. Com seu cabelo castanho-escuro brilhante solto sobre os ombros e olhos castanhos enormes em seu rosto, Rachel parecia algo habitante da floresta, talvez uma ninfa da árvore.

Eu estava prestes a compartilhar essa fantasia com Jamie quando o reverendo Figg caminhou até a frente da igreja, virou-se e sorriu para a

congregação.

—Bênçãos a todos vocês neste dia, irmãos e irmãs!— ele disse, e foi atendido por um estrondo genial de *bênçãos para você, irmão!* E discretos *améns*.

—Bem, agora. — Ele olhou de Ian e Denny para as meninas, depois de volta para a congregação. —Estamos aqui reunidos para um casamento hoje. Mas as senhoras e senhores sendo casados pertencem à Sociedade de Amigos, por isso vai ser um casamento Quaker e que é talvez um pouco diferente dos que você já viu antes, então eu tomo a liberdade de dizer como vai ser.

Um pouco de zumbido de interesse e especulação, a qual ele acalmou com uma mão. Sr. Figg era pequeno e elegante de terno preto e branco de gola alta, mas tinha imensa presença, e cada orelha sintonizada atentamente as suas explicações.

—Temos a honra de sediar esta reunião para isso chamamos os Amigos para sua adoração. E para eles, um casamento é apenas uma parte normal da reunião. Não há nenhum sacerdote ou ministro envolvido; a dama e o cavalheiro apenas... casam-se um com o outro, quando sentem que é a hora certa.

Isso causou uma onda de surpresa, talvez um pouco desaprovação, e eu podia ver a ascensão de cor no rosto de Dottie. Sr. Figg virou-se para sorrir para as meninas, em seguida, de volta para a sua congregação.

—Eu acho que talvez um dos nossos amigos Quaker pudesse nos contar um pouco sobre sua noção de encontro, como eu tenho certeza que eles sabem mais sobre do que eu. — Ele virou-se em direção com expectativa a Denzell Hunter, mas foi Rachel, que levantou. Sr. Figg não a viu e olhou com surpresa quando ela falou atrás dele, fazendo todos rirem.

—Bom dia— disse de fala mansa, mas claro, quando o riso morreu. —Agradeço a todos pela vossa presença aqui. Pois Cristo disse: *Onde dois ou mais estão reunidos em meu nome, aí estou Eu*, e essa é toda a essência de uma Sociedade de Amigos. Que Cristo possa tornar sua presença conhecida entre nós e dentro de nós— Ela estendeu as mãos um pouco. —Então nos reunimos, e ouvimos, tanto uns com os outros e a luz dentro de nós. Quando uma pessoa é movida pelo espírito para falar, ele ou ela não fala.

—Ou canta, se gostar— Dottie colocou, olhando para John.

—Ou canta— Rachel concordou, sorrindo. —Mas nós tememos o silêncio, por muitas vezes, Deus fala mais alto no silêncio de nossos

corações. — E com isso, ela sentou-se de novo, composta.

Um momento de baralhar e piscar no meio da multidão foi sucedido na verdade por um silêncio, quebrado este por Denny, que subiu de forma deliberada e disse: —Eu sou movido a dizer que estou muito grato a todos por seu uso gracioso de nós agradecer. Pois fui posto para fora da sociedade, e minha irmã comigo, pois minha intenção declarada de se juntar ao exército continental. E pela mesma razão, não somos bem-vindos como membros da Sociedade da Filadélfia. —Ele olhou para Rachel, brilhando a luz.

—Isso é uma coisa grave para um Amigo— disse em voz baixa. —O nosso encontro é onde nossas vidas e almas cumprirem, e quando amigos se casam, a totalidade da sua sociedade deve aprovar e testemunhar o casamento, para a própria comunidade apoiar o casamento. Eu privei minha irmã desta aprovação e apoio, e peço que me perdoe.

Rachel deu um bufo de bobagem. —Você seguiu sua consciência, e se eu não achasse certo, eu não teria dito que sim.

—Era minha responsabilidade cuidar de você!

—Você tomou conta de mim!— Disse Rachel. —Eu pareço desnutrida? Estou nua?

Uma onda de diversão percorreu a congregação, mas nenhum dos Caçadores estava percebendo.

—Chamei a sua casa e da Sociedade que cuidou de você e obriguei a seguir a violência, em um exército cheio de homens violentos.

—Que seria eu, eu espero— Ian interrompeu, limpando a garganta. Ele olhou para o Sr. Figg, que parecia um pouco atordoado, então a assembleia extasiada nos bancos. —Eu não sou um Amigo, vocês são. Eu sou um Highlander e um Mohawk, e eles não parecem muito mais violentos do que isso. Por direito, eu não deveria casar com Rachel, e seu irmão não deveria me deixar.

—Eu gostaria de vê-lo me parar!— Disse Rachel, sentado ereta com os punhos enrolados nos joelhos. —Ou você também, Ian Murray!

Dottie parecia estar achando a conversa divertida; eu podia vê-la lutando para não rir e, olhando para os lados ao longo do banco na minha frente, eu podia ver exatamente a mesma expressão no rosto de seu pai.

—Bem, é por minha causa que vocês poderiam não querer casar em uma Sociedade Quaker adequada— Ian protestou.

—Não mais do que eu— disse Denny, fazendo uma careta.

—*Mea culpa, mea culpa, mea maxima culpa*— Jamie murmurou em meu ouvido. —Você acha que eu deveria dizer que é tudo culpa minha, por deixar Ian ir com os índios e ser um mau exemplo para ele?

—Só se o espírito mover você— eu disse, não tirando os olhos do show. —Pessoalmente, eu aconselho ao espírito ficar de fora.

A Sra. Figg não estava disposta a ficar de fora. Ela limpou a garganta ruidosamente.

—Agora, perdoe-me por interromper, mas pelo que eu entendo vocês Amigos pensam que uma mulher é igual a um homem, não é mesmo?

—Sim— Rachel e Dottie disseram firmemente juntas, e todos riram.

Sra. Figg corou como uma ameixa preta madura, mas manteve a compostura. —Bem, então— disse. —Se essas senhoras querem casar com os senhores, por que você acha que tem algum negócio a tentar convencê-las de não fazer? Você talvez tenha suas próprias reservas sobre o assunto?

Um murmúrio distintamente feminino de aprovação veio da congregação, e Denny, que ainda estava de pé, parecia estar lutando pela sua própria compostura.

—Será que ele tem um pau?— Veio um sussurro com sotaque francês por trás de mim e uma risadinha desequilibrada de Marsali em resposta. —Você não pode se casar sem um pau.

Esta reminiscência de Fergus e Marsali de um casamento pouco ortodoxo em uma praia do Caribe me fez encher as rendas do meu lenço em minha boca. Jamie sacudiu com o riso reprimido.

—Eu tenho reservas— disse Denzell, respirando fundo. —Apesar de não ter— acrescentou apressadamente, com um olhar para Dottie — sobre o meu desejo de casar com Dorothea ou a honra das minhas intenções para com ela. Minhas reservas talvez ao amigo Ian, embora eu não precise falar para ele, fica inteiramente para o outro lado. Ou seja, que, talvez, a sensação que temos de desnudar as nossas falhas e limitações como... como maridos... —E, pela primeira vez, ele também corou. —Isso, Dorothea e Rachel podem... podem chegar a um adequado, er..

—Isso eles sabem o que pode entrar no campo?— Sra. Figg terminou por ele. —Bem, isso é um bom sentimento, Dr. Hunter...

—Amigo— ele murmurou.

—*Amigo* Hunter — disse, revirando um pouco os olhos. —Mas eu vos digo duas coisas. Uma delas, a jovem provavelmente sabe mais sobre você do que você faz. —Mais risos. —E a segunda a língua de uma mulher com

alguma experiência, pode dizer algo que ninguém sabe o que é estar casado e será até que você se encontre no meio disso. — Ela sentou-se com um ar de finalidade, a um zumbido de aprovação.

Houve certa quantidade de olhar para lá e para cá e uma sensação de movimento do lado esquerdo da igreja, onde vários homens sentaram juntos. Eu vi entrar, com as mulheres que eram claramente suas esposas; as mulheres haviam se separado, porém, e foram sentar no lado direito da igreja, o que me fez pensar que eles podiam ser Quakers, apesar de que não havia nada em suas roupas que os diferenciava dos demais trabalhadores e comerciantes na congregação. Eu podia vê-los chegar a algum tipo de consenso em silêncio agora, e um deles levantou-se.

—Eu sou William Sprockett — disse formalmente, e limpou a garganta. —Viemos para falar em apoio ao amigo Hunter. Porque nós também somos Amigos que seguimos os ditames de nossa consciência para o envolvimento com a rebelião e outros assuntos que um Amigo, normalmente, procura evitar. E, em consequência... tivemos que sair da Sociedade.

Ele fez uma pausa, a testa franzida, evidentemente, não sabendo como continuar. Uma mulher pequena em rosa e amarelo do outro lado e falou claramente.

—O meu marido pretende dizer, Amigos, é que um homem que não faria como sua luz interior diz para ele não é um homem. E que, enquanto um homem de consciência pode ser poderoso inconveniente às vezes, isso não faz dele um mau marido. —Ela sorriu para o Sr. Sprockett e se sentou.

—Sim— disse Sprockett agradecido. —Como minha esposa gentil o suficiente disse lutar não desqualifica a nos para o casamento. Então, todos nós temos vindo — ele passou a mão larga ao seu redor, indicando seus companheiros e as esposas por todo o corredor, — para aprovar e testemunhar seu casamento, amigo Hunter.

—E vamos apoiar seu casamento, Dorothea— a Sra. Sprockett colocou, com um prumo de sua cabeça. —E o seu, Rachel.

Denny Hunter permaneceu de pé, enquanto toda essa conversa estava acontecendo.

—Eu... obrigado, amigos, —ele disse, e sentou-se abruptamente, seguido mais lentamente pelos Sprocketts.

Um silêncio caiu sobre a sala, e por pouco tempo não havia nenhum som, mas o barulho distante das ruas. Aqui e ali, uma tosse, o desmatamento de uma garganta, mas, no geral, silêncio. Jamie colocou a

mão sobre a minha, e os meus dedos se viraram para se entrelaçar com os dele. Eu podia sentir seu pulso em minhas próprias mãos, os ossos sólidos das juntas e falanges. Sua mão direita, espancada e marcada com as cicatrizes de sacrifício e de trabalho. Marcada também com os sinais do meu amor, os reparos brutos feitos de dor e desespero.

*Sangue do meu sangue, osso dos meus ossos...*

Gostaria de saber se as pessoas que estão infelizes no casamento pensam em suas próprias núpcias quando testemunham um casamento; eu pensei que aqueles que estão felizes sempre fazem. A cabeça de Jenny estava abaixada, o rosto calmo para o interior, mas pacífico; ela pensava agora em Ian e o dia de seu casamento? Ela fazia; a cabeça girou um pouco para o lado, ela colocou a mão levemente no banco e sorriu para o fantasma que se sentava ao seu lado.

Hal e John sentavam no banco em frente a nós, um pouco para o lado, para que eu pudesse vislumbrar seus rostos, tão parecidos e tão diferentes. Ambos eram casados duas vezes.

Foi um pequeno choque, de fato, lembrar que o segundo casamento de John era comigo, porque ele se sentia completamente separado de mim agora, a nossa breve aparente parceria tão distante no tempo, como quase parecendo irreal. E, em seguida... houve Frank.

Frank. John. Jamie. Sinceridade a intenção nem sempre era suficiente, pensei, olhando para os jovens nos bancos da frente da igreja, nenhum deles agora olhando um para o outro, mas olhando para as mãos cruzadas no chão ou sentado com os olhos fechados. Talvez percebendo que, como a Sra. Figg disse um casamento não é feito no ritual ou em palavras, mas na vida.

Um movimento me tirou dos meus pensamentos; Denny levantou e estendeu a mão para Dottie, que se levantou como se hipnotizada e, estendendo a mão, segurou as duas mãos na sua, pendurada em sua preciosa vida.

—Faz sentir a sensação do encontro claro, Dorothea?— ele perguntou em voz baixa, e em sua homenagem, falou:

—Na presença do Senhor, e antes que estes nossos amigos, eu a levo, Dorothea, a ser minha esposa, prometendo, com a ajuda divina, ser para ti um marido amoroso e fiel, enquanto que a morte os separe.

Sua voz era baixa, mas claramente audível enfrentando o brilho, ela respondeu:

—Na presença do Senhor, e diante de nossos amigos, eu o levo, Denzell, para ser meu marido, prometendo, com a ajuda divina, para ser para ti uma esposa amorosa e fiel, enquanto nós dois vivermos.

Ouvi Hal recuperar o fôlego, em que soou como um soluço, e então a igreja explodiu em aplausos. Denny olhou assustado com isso, mas, em seguida, abriu um sorriso brilhante e levou Dottie, radiante em seu braço, através da congregação para a parte de trás da igreja, onde se sentaram juntos no último banco.

Pessoas murmuravam e suspiravam, sorrindo, e a igreja gradualmente se acalmou, mas não à sua antiga sensação de contemplação. Havia agora um sentimento vibrante de expectativa, tingido talvez com um pouco de ansiedade, como a atenção voltada para Ian e Rachel já não olhando para o outro, mas para o chão.

Ian respirou audível nos bancos de trás, levantou a cabeça, e, tomando a faca do cinto, colocou-a no banco ao lado dele.

—Sim, bem... sabe Rachel certa vez eu estava casado, com uma mulher do clã Lobo do Kahnyen'kehaka. E a maneira como um Mohawk casa é talvez nada tão diferente da forma como os Amigos fazem. Sentamos lado a lado diante do povo, e nosso pais eles haviam me adotado, falam por nós, dizendo o que eles sabem de nós e que éramos de bom caráter. Tanto quanto *eles* sabiam — acrescentou em tom de desculpa, e não havia um sopro de riso.

—A moça que estava para casar tinha um cesto no colo, cheio de frutas e legumes e outros pedaços de alimentos, e ela me disse que prometia me alimentar de seus campos e cuidar de mim. E eu... —Ele engoliu em seco e, estendendo a mão, colocou a mão na faca. —Eu tinha uma faca, e um arco, e as peles de algumas lontras que eu cacei. E eu prometi caçar para ela e mantê-la quente em minhas peles. E as pessoas todas concordaram que deveríamos nos casar, e assim... nós fizemos.

Ele parou, mordendo os lábios, em seguida, limpou a garganta e prosseguiu.

—Mas o Mohawk não toma para si, enquanto eles vivem, mas apenas durante o tempo que a mulher deseja. Minha esposa escolheu me afastar não porque eu a agredi ou maltratei, mas por... por outras razões. —Ele limpou a garganta de novo, e sua mão foi para o bracelete wampum rodado seu bíceps.

—Minha esposa era chamada Wakyo'teyehsnonhsa, que significa *Faz Com Suas Mãos*, e ela fez isso por mim, como um símbolo do amor. — Dedos marrons longos atrapalharam-se com as cordas, e a tira de conchas tecida veio solta, deslizando em sua mão. — Agora eu tiro como testemunho de que eu venho aqui como um homem livre, que a minha vida e meu coração são mais uma vez meus para dar. E eu espero que eu possa ser permitido agora dar para sempre.

As conchas de azul e branco fizeram um estalido suave quando ele colocou-os no banco. Ele deixou seus dedos repousarem sobre eles por um momento, e então tirou a mão.

Eu podia ouvir a respiração de Hal, firme agora, mas com leve engrossar. E Jamie, fechando em sua garganta.

Eu podia sentir todos os tipos de coisas em movimento como fantasmas no meio, ainda no ar da igreja. Sentimentos, simpatia, dúvida, apreensão... Rollo rosnou muito baixinho na garganta e ficou em silêncio, de olhos amarelos e vigilantes nos pés do seu mestre.

Esperamos. A mão de Jamie se contorceu na minha, e eu olhei para ele. Ele estava olhando para Ian, a intenção, os lábios apertados, e eu sabia que ele estava se perguntando se tinha que levantar e falar em nome de Ian, para garantir a congregação e a Rachel do caráter e virtude de Ian. Ele pegou o meu olhar, porém, sacudiu a cabeça muito ligeiramente, e acenou com a cabeça para frente. Era parte de Rachel dizer, se ela o faria.

Rachel ainda estava sentada dura, rosto branco como ossos e os olhos em Ian, queimando. Mas ela não disse nada.

Nem ela se moveu, mas algo mudou, eu podia ver o conhecimento cruzar seu rosto, e de alguma forma o seu corpo mudou, alisando e sedimentando. Ela estava ouvindo.

Todos nós escutamos com ela. E o silêncio acendeu lentamente para a luz.

Havia um leve pulsar no ar, então, não bem um som, e as pessoas começaram a olhar para cima, chamado a partir do silêncio. Um borrão apareceu entre os bancos da frente, e um beija-flor se materializou voando através da janela aberta, uma pequena mancha de verde e escarlate pairando ao lado das trombetas de corais das madressilvas nativas.

Um suspiro veio do coração da Igreja, e o sentido da reunião ficou claro. Ian levantou-se e Rachel veio ao seu encontro.

*Uma Partitura em três/dois tempos*

## *Denzell e Dorothea*

Foi a melhor festa que Dorothea Jacqueline Benedicta Grey assistiu. Ela dançou com condes e viscondes nos mais belos salões de festas em Londres, comeu de tudo, de pavão dourado de truta recheada com camarão e montando em um mar artístico de geleia com um Tritão esculpido de gelo brandindo a sua lança sobre tudo. E ela fez essas coisas em vestidos tão esplêndidos que os homens piscavam quando ela estava à vista.

Seu novo marido não piscou. Ele olhou para ela tão intensamente através de seus óculos de aros de aço que ela pensou que ela poderia sentir seu olhar em sua pele, do outro lado da sala passando através de seu vestido cinza-claro, e ela pensou que poderia explodir de felicidade, explodindo em pedaços tudo sobre a mesa da taverna Branco Camel. Não que alguém fosse notar se ela fizesse; havia tantas pessoas lotando a sala, bebendo, conversando, bebendo, cantando, e bebendo, que a vesícula biliar de reposição ou renal passaria sem aviso prévio.

Assim, possivelmente, pensou, uma ou duas pessoas inteiras poderiam passar sem aviso prévio, também com o botão direito fora desta linda festa.

Ela chegou a Denzell com alguma dificuldade, havendo um grande número de simpatizantes entre eles, mas quando ela se aproximou, ele estendeu a mão e agarrou a dela, e um instante depois, estavam do lado de fora no ar da noite, rindo como mergulhões se beijando uns aos outros nas sombras do Anabatista Meeting House que estavam ao lado da taverna.

—Será que devo voltar para casa agora, Dorothea?— Disse Denny, fazendo uma pausa para respirar momentâneo. —É você... está pronta?

Ela não deixou ir, mas aproximou-se, deslocando os óculos apreciando ser o perfume de seu sabão de barbear e do amido em sua roupa e com o cheiro dele por baixo.

—Será que estamos realmente casados— ela sussurrou. —Eu sou sua mulher?

—Estamos. Você é — disse, com a voz um pouco rouca. —E eu sou o seu marido.

Ela pensou que ele tinha a intenção de falar solenemente, mas um sorriso tão incontrolável de alegria se espalhou pelo seu rosto ao falar que ela riu alto.

—Nós não dissemos *uma só carne* em nossos votos— disse, dando um passo para trás, mas mantendo a preensão de sua mão. —Mas não pense que o princípio obtém? De um modo geral?

Ele colocou seus óculos mais firmemente em seu nariz e olhou para ela com intensa concentração e os olhos brilhando. E, com um dedo de sua mão livre, tocou o peito.

—Estou contando com isso, Dorothea.

Ela esteve em seus aposentos antes. Mas, primeiro, como convidado, e depois como assistente, chegando para embalar uma cesta com ataduras e pomadas antes de acompanhá-lo para algumas chamadas profissionais. Era muito diferente agora.

Ele abriu todas as janelas mais cedo e deixou-as assim, descuidadas de insetos voadores e do açougue na rua. O segundo andar do prédio teria sido sufocante após o dia de calor, mas com a brisa da noite suave chegando, o ar era como o leite quente, macio e líquido na pele, e os cheiros de carne de açougue eram agora dominados por o perfume da noite dos jardins na Casa Bingham, duas ruas mais.

Todos os vestígios de sua profissão foram removidos, e a luz da vela acesa brilhava serenamente em uma sala claramente mobiliada, mas confortável. Duas cadeiras pequenas de asas estavam ao lado da lareira, um único livro sobre a mesa entre eles. E, através da porta aberta, uma cama recém-feita com uma colcha lisa e almofadas brancas gordas acenavam sedutoramente.

O sangue ainda vibrava através de seu corpo como o vinho, que ela muito pouco bebeu. Ainda assim, sentia-se inexplicavelmente tímida e ficou por um momento ao lado da porta, como se estivesse à espera de ser convidada a entrar e Denny acendeu mais duas velas e, voltando-se, viu-a de pé ali.

—Vamos lá— disse em voz baixa, estendendo a mão para ela, e ela o fez. Eles se beijaram demoradamente, mãos vagando lentamente, roupas começando a afrouxar. Sua mão deriva casualmente para baixo e tocou-o através de suas calças. Ele respirou fundo e teria dito alguma coisa, mas não foi rápido o suficiente.

—Uma só carne— ela lembrou-lhe, sorrindo, e segurou sua mão. —Eu quero ver a sua metade.

—Você viu essas coisas antes— disse Denny. —Eu sei que fez. Você tem irmãos, por isso. E... e no decurso de... de tratar os feridos... —Ele estava

deitado nu na cama, e assim estava ela, acariciando o objeto em questão, que parecia estar gostando da atenção imensamente. Seus dedos estavam deslizando por seu cabelo, brincando com seus lóbulos das orelhas.

—Espero que não ache que eu nunca fiz isso com qualquer um dos meus irmãos— disse, cheirando-o com prazer. —E aqueles de homens feridos não estão geralmente em condições de ser apreciado em tudo.

Denny limpou a garganta e estendeu-se um pouco, não muito se contorcendo.

—Eu acho que devo permitir-me apreciar sua própria carne um pouco— disse. —Se espera que eu seja capaz de fazer uma noite minha mulher.

—Oh— Ela olhou para seu pau e, em seguida, em si mesma, surpresa. —O que-não diz? Por que não pode?

—Ah. — Ele parecia satisfeito e ansioso, ele era muito jovem, sem os óculos, e saltou para fora da cama, indo para a sala externa, seu fundo pálido e arrumado à luz das velas. Para o espanto de Dottie, ele voltou com o livro que ela notou sobre a mesa e entregou a ela. Era um ericado de bookmarks, e quando ela o pegou, ele se abriu em suas mãos, exibindo vários desenhos de um homem nu em seção transversal, suas partes íntimas em vários estágios de operação.

Ela olhou para Denny em descrença.

—Eu pensei, eu sei que você é virgem; eu não queria que tivesse medo ou despreparado. —Ele estava corando como uma rosa e, em vez de desmoronar em gargalhadas, que ela teria muito que fazer, ela fechou o livro com cuidado e tomou o rosto entre as mãos.

—Você é um virgem, também, Denny?— Ela disse suavemente. Seu rubor cresceu feroz, mas ele manteve seu olhar.

—Sim. Mas, eu sei *como*. Eu sou um médico.

Isso era demais, e ela riu, mas em pequenas risadas, meio sufocadas, o que infectou, e em questão de segundos eles estavam nos braços um do outro na cama, tremendo em silêncio, com roncões ocasionais e repetições de *eu sou um médico que os enviou para paroxismos frescos*.

Finalmente, ela encontrou-se de costas, respirando pesadamente, Denny deitou em cima dela, e uma mancha de suor os molhou. Ela levantou a mão e tocou o peito, e arrepios ondularam por cima, os cabelos escuros encaracolados de seu corpo eriçaram. Ela estava tremendo, mas não com medo ou riso.

—Você está pronta?— Ele sussurrou.

—Uma só carne— ela sussurrou de volta. E eles foram.

As velas queimaram quase até as suas bases, e as sombras nuas na parede se movia lentamente.

—Dorothea!

—Você provavelmente deve ficar quieto— ela aconselhou-o, retirando rapidamente a boca para falar. —Eu nunca fiz isso antes. Você não gostaria de me distrair, agora, gostaria? —Antes que ele pudesse convocar uma única palavra, ela retomou suas ações alarmantes. Ele gemeu, ele não poderia ajudá-lo e pôs as mãos suavemente, sem poder fazer nada, na cabeça.

—É chamado de felação, sabe disso?— Ela perguntou, parando momentaneamente para respirar.

—Eu sei. Como... Quero dizer... Oh. Oh, Deus.

—O que você disse?— Seu rosto era bonito, tão corado que a cor mostrava até mesmo à luz de velas, os lábios rosa profundo e molhado...

—Eu disse, oh, meu Deus.

Um sorriso iluminou seu rosto sombreado com a felicidade, e seu aperto firme sobre ele já apertados. Sua sombra empurrou.

—Oh, *bom*— Ela disse, e com um pequeno corvo, triunfante do riso, inclinou-se para matá-lo com os dentes brancos e afiados.

### *Ian E Rachel*

Ian levantou o vestido verde em um whuff de tecido, e Rachel balançou a cabeça com força, derramando grampos em todas as direções com pequenos sons de pings. Ela sorriu para ele, com o cabelo escuro meio úmido aos cachos, e ele riu e arrancou um pouco mais dos pequenos aros de arame.

—Eu pensei que eu deveria morrer— disse, passando os dedos pelos cabelos soltos, que Jenny colocou antes da festa na taberna Branco Camel. —Entre os pinos degolando a minha cabeça e o aperto do meu espartilho. Desamarre-me, sim marido? —Ela virou-se de costas para ele, mas olhou por cima do ombro, os olhos dançando.

Ele não pensou possível ser mais mudando em seus sentimentos ou mais animado no corpo, mas que uma palavra faria tanto. Ele envolveu um braço ao redor de sua cintura, fazendo-a ranger, puxou o nó de seus laços, e suavemente mordeu a parte de trás de seu pescoço, fazendo-a ranger muito

mais alto. Ela lutou, e ele riu, segurando-a apertado quando ele afrouxou os laços. Ela era magra como uma muda de salgueiro e duas vezes mais elástica; ela se contorcia contra ele, e a pequena luta aqueceu seu sangue ainda mais. Se ele não tinha autocontrole, ele a teria presa à cama em segundos, ficando a anágua e meias que se dane.

Mas ele a deixou ir, facilitando as tiras fora de seus ombros e o próprio espartilho por cima de sua cabeça. Ela se sacudiu novamente, alisando a anágua úmida sobre seu corpo, em seguida, estava de pé, alisando para ele. Seus mamilos se destacaram com força contra o tecido mole.

—Eu ganhei sua aposta para você— disse, passando a mão sobre a fita de cetim azul delicada enfiada no pescoço de sua camisola e vibrando a bainha, adornado com flores bordadas em azul e amarelo e rosa.

—Como é que você ouviu sobre isso?— Ele estendeu a mão para ela, puxando para mais perto, e apertou as duas mãos em sua bunda, nua sob a camisola. —Cristo, você parece uma pequena vagabunda rodada assim.

—Blasfêmia, em nossa noite de núpcias?—, mas ela estava satisfeita, ele poderia dizer.

—Não é blasfêmia, é uma oração de ação de graças. E quem contou sobre a aposta? —Fergus apostou uma garrafa de cerveja preta que uma noiva Quaker teria calções de linho puro. Ele não sabia, ele mesmo, mas tinha esperança de que Rachel não sentisse que agradar seu marido era a mesma coisa que fazer um show em vão para o mundo.

—Germain, é claro. — Ela colocou seus próprios braços em torno dele e apertou-o de maneira semelhante, sorrindo. — e o seu nem é pequeno nesse round, mas não menos doce, eu acho. Será que precisa de ajuda com seus fechos?

Ele poderia dizer que ela queria então ele deixou-a ajoelhar-se e desabotoar os botões de suas calças. A vista do alto de sua escura cabeça desgrenhada, curvando-se seriamente à tarefa, o fez colocar a mão suavemente sobre ela, sentindo seu calor, querendo o toque de sua pele.

Suas calças caíram e ela levantou-se para beijá-lo, sua mão acariciando seu pau em pé como que por vontade.

—Sua pele é tão macia lá— disse contra sua boca. —Como o veludo!

Seu toque não era tímido, mas muito leve, e ele estendeu a mão e passou os dedos em volta, mostrando-lhe o caminho, como agarrá-lo com firmeza e trabalhar um pouco.

—Gosto quando você geme Ian, — ela sussurrou, pressionando mais e trabalhando mais um pouco.

—Eu não estou gemendo.

—Sim, está.

—Eu só estou respirando um pouco. Aqui... Eu gosto disso... mas... aqui. —Engolindo em seco, ele a pegou, ela fez um pequeno grito e a levou os dois passos para a cama. Ele deixou cair a sobre o colchão, ela fez um grito mais alto, e caiu ao lado dela, pegando-a nos braços. Houve certa quantidade de contorção, rindo, e ruídos inarticulados, e ela saiu de sua camisa de chita, enquanto ele tinha sua camisola puxada para cima na parte inferior e, na parte superior, mas ainda turvada em volta de sua cintura.

—Eu ganhei— disse, balançando a anágua amassada para baixo sobre os quadris e chutando.

—Você pensa, sim?— Ele abaixou a cabeça e tomou o mamilo na boca. Ela fez um barulho muito gratificante e agarrou sua cabeça. Ele intrometeu-a gentilmente sob o queixo, em seguida, baixou a cabeça e chupou com mais força, sacudindo sua língua como uma víbora.

—Eu gosto quando você geme Rachel— disse, fazendo uma pausa para respirar e sorrindo para ela. —Quer que eu faça você gritar?

—Sim— disse, sem fôlego, com uma mão em seu mamilo molhado. — Por favor.

—Daqui a pouco. — Ele fez uma pausa para respirar, levantando-se acima dela para deixar um pouco de ar entre eles, que era uma sala pequena e quente, e ela estendeu a mão para sentir o peito. Ela esfregou o polegar levemente sobre seu mamilo, e a sensação foi como um tiro direto para seu pênis.

—Deixe-me— disse suavemente, e levantou-se, uma mão em volta de seu pescoço, e amamentou-o, muito suavemente.

—Mais— disse com a voz rouca, apoiando-se contra o seu peso. —Mais duro. Dentes.

—*Os dentes?*— ela deixou escapar, deixando ir.

—Dentes— disse sem fôlego, rolando de costas e puxando-a para cima. Ela respirou fundo e baixou a cabeça, cabelo derramando sobre o peito.

—Ai!

—Você *disse* dentes. —Ela sentou-se ansiosamente. —Oh, Ian, eu sinto muito. Eu não queria machucar.

—Eu, você não fez... bem, você fez, mas... Quero dizer que, de novo, sim?

Ela olhou para ele, duvidosa, e ocorreu que, quando tio Jamie disse para ir devagar e gentil com sua virgem, ele pode não ter dito tudo a ver com poupar a virgem.

—Aqui, *mo Donn nighean*— Disse, puxando-a para baixo ao lado dele. Seu coração estava batendo e ele estava suando. Ele afastou os cabelos de sua temporã e acariciou sua orelha. —Mais lento um pouco, sim? Então eu vou mostrar o que eu quero dizer com dentes.

Ian cheirava a vinho e uísque e almiscarado de pele de macho queimada surpreendentemente sob suas mãos e cheirava agora algo como um gambá distante, mas de uma maneira muito melhor. Ela apertou o rosto na curva de seu ombro, respirando com prazer. Ela tinha seu pênis na mão, segurando com firmeza... mas a curiosidade a fez perder sua espera e tateou dedos sondando através da espessura de seus pelos pubianos. Ele respirava muito de repente quando ela segurou seu escroto, e ela sorriu contra seu ombro.

—Será que importa Ian?— Ela sussurrou, revirando as belas formas dos ovos de suas bolas na palma da mão. Ela viu escroto masculino muitas vezes, folgado e enrugado, e enquanto ela não estava revoltada, nunca pensou mais do que levemente interessante. Isso era maravilhoso, elaborado apertado, a pele tão suave e tão quente. Querido, ela fugiu um pouco para baixo e foi mais para trás entre suas pernas.

Ele tinha um braço sobre seus ombros e apertou, mas ele não disse para parar, em vez abriu as pernas um pouco, permitindo explorar. Ela limpou uma centena de traseiros de homens, e o pensamento fugaz ocorreu que nem todos eles tomavam muito cuidados... mas seu cabelo era crespo e muito limpo, e seus quadris se moviam contra ele, involuntariamente, como a ponta do dedo deslizou timidamente entre suas nádegas. Ele se contorceu, tencionando involuntariamente, e ela parou, sentindo-o estremecer. Então ela percebeu que ele estava rindo, balançando silenciosamente.

—Estou fazendo cócegas?— ela perguntou, levantando-se sobre um cotovelo. A luz da única vela cintilou sobre o rosto, esvaziar suas bochechas e fazendo seus olhos brilham quando ele sorriu para ela.

—Sim, essa é uma palavra para isso — Ele passou a mão pela metade mais ou menos até suas costas e segurou-a pela nuca. Ele balançou a cabeça lentamente, olhando para ela. Seu cabelo se soltou das amarras e espalhou escuro atrás da cabeça. —Aqui estou eu, tentando ir devagar, tentando ser

gentil... e a próxima coisa que eu sei você está apertando minhas bolas e enfiando seus dedos na minha bunda!

—Isso é errado?— Ela perguntou, sentindo um leve enjoo. —Eu não tive a intenção de ser... er também... ousada?

Ele puxou-a para baixo e abraçou-a.

—Você pode ser demasiada ousada comigo, moça— ele sussurrou em seu ouvido, e correu sua própria mão em suas costas e para baixo mais distante. Ela engasgou.

—Shh— ele sussurrou, e passou lentamente. —Eu pensei que talvez você gostasse disso em primeiro lugar. Mas você não é de ter medo de algo nem um pouco, é?

—Eu gosto. Eu estou a... aterrorizada. —Ela sentiu a bolha de riso através de seu peito, mas havia alguma verdade nisso, também, e ele ouviu isso. Sua mão parou de se mover e ele recuou o suficiente para olhar para ela, apertando os olhos um pouco.

—Sim?

—Bem... não aterrorizada, exatamente. Mas —Ela engoliu em seco, de repente envergonhada. —Eu só... isso é tão bom. Mas eu sei que quando você, quando bem, ele faz mal, pela primeira vez. Eu... eu estou um pouco com medo de que... bem, eu não quero parar o que estamos fazendo, mas eu... Eu gostaria de ter essa parte com mais, para que eu não precise me preocupar com isso.

—Ao longo— repetiu ele. Sua boca se contorceu um pouco, mas sua mão era suave na parte inferior das costas. —Bem, então. — Ele passou a outra mão para baixo e segurou-a, muito delicadamente, entre as pernas.

Ela estava inchada lá, e escorregadia e vinha crescendo mais ainda desde que ele levantou o vestido sobre sua cabeça. Seus dedos se moviam, um e depois dois, tocando, acariciando... e... e...

Pegou inteiramente de surpresa, uma sensação de que ela conhecia maior, maior, e então ela abriu caminho para ele totalmente, lavado por meio de êxtase.

Ela se acomodou lentamente lisa, latejante. Em todos os lugares. Ian beijou levemente.

—Bem, isso não levou extremamente muito, não é? — ele murmurou. — Coloque suas mãos em meus braços, *mo Chridhe* e segure. —Ele se moveu sobre ela, ágil como um gato grande, e colocou seu pênis entre suas pernas, deslizando devagar, mas firme. Muito firme. Ela estremeceu, apertando

involuntariamente, mas o caminho era liso e sua carne inchada deu boas-vindas e nenhuma quantidade de resistência iria mantê-lo fora.

Ela percebeu que seus dedos estavam cavando em seus braços, mas não a soltou.

—Estou machucando?— Disse em voz baixa. Ele parou de se mover, seu corpo inteiro dentro dela, estirando-a de uma forma mais enervante. Algo rasgou, ela pensou; queimou um pouco.

—Sim— disse, sem fôlego. —Eu não... importa.

Ele abaixou-se muito lentamente e beijou seu rosto, seu nariz, pálpebras, levemente. E o tempo todo com a consciência de que *ele* estava dentro dela. Ele se afastou um pouco e se mudou. Ela fez um pequeno ruído ofegante, não muito de protesto, um pouco de dor, nada de *bastante* encorajamento...

Mas ele tomou isso como isso e mudou-se mais fortemente.

—Não ser muito, moça— ele disse, um pouco sem fôlego, também. — Não vai demorar muito, também. Não desta vez.

Rollo roncava no canto, deitado de costas pela frieza, as pernas dobradas como um inseto.

Ela provava levemente doce, de seu próprio almíscar e um traço de suavidade com um animal que ele reconheceu como sua própria semente.

Ele enterrou seu rosto nela, respirando fundo, e o ligeiro sabor de sal de sangue o fez pensar em truta, recém-capturada e mal cozida, a carne quente e macia, rosa e lisa em sua boca. Ela empurrou de surpresa e arqueou-se para ele, e ele apertou seu poder sobre ela, fazendo um baixo *hmmm* de tranquilidade.

Ele *era* como a pesca, pensou sonhadora, mãos sob os quadris. Sentindo-se com a sua mente formava escura elegante logo abaixo da superfície, deixando a mosca descer apenas assim... Ela desenhou o fôlego, duro. E, em seguida, o engajamento, a súbita sensação de espanto, e então uma consciência feroz como a linha saltando tensa, você e os peixes tão focados um no outro que não havia mais nada no mundo...

—Oh, Deus— ele sussurrou, e deixou de pensar, só sentindo os pequenos movimentos de seu corpo, com as mãos na cabeça, o cheiro e seu gosto, e seus sentimentos lavados por ele com suas palavras murmuradas.

—Eu te amo, Ian...

E não havia mais nada no mundo, só ela.

*Jamie e Claire*

À luz baixa amarela da meia-lua brilhava através de aberturas nas árvores, brilhando no escuro correndo nas águas do Delaware. Então, tarde da noite, o ar estava fresco à beira do rio, muito bem-vindo para rostos e corpos aquecidos por danças, festas, beber, e, geralmente, estar em estreita proximidade com uma centena de outros ou mais corpos quentes dos últimos seis ou sete horas.

Os noivos escaparam relativamente cedo: Denzell e Dottie muito discretamente, Ian e Rachel pelos gritos estridentes e sugestões indelicadas de uma sala cheia de convidados de festa de casamento. Uma vez que deixaram, a festa estabeleceu-se na folia grave, a beber agora sem entraves pela interrupção de brindes de casamento.

Nós tínhamos nos afastado dos irmãos Grey, Hal, como o pai de uma das noivas, era o anfitrião da festa, algum tempo depois da meia-noite. Hal estava sentado em uma cadeira perto de uma janela, muito bêbado e respirando um pouco da fumaça, mas suficientemente composto como ficar de pé e fazer uma reverência sobre a minha mão.

—Você deveria ir para casa, — Aconselhei-o, ouvindo o barulho fraco de sua respiração sobre os ruídos da festa. —Pergunte a John se ele tem mais fumo, e se ele tiver, fume. Vai fazer bem. —E não só de uma forma física, pensei.

—Eu agradeço a sua espécie conselho, minha senhora— disse secamente, e, tarde demais, eu me lembrei da nossa conversa a última vez que fomos expostos a ganja: a sua preocupação com seu filho Benjamin. Se ele pensou nisso, também, no entanto, ele não disse nada, e apenas beijou a minha mão e acenou para Jamie em despedida.

John estava ao lado de seu irmão a maior parte da noite e estava atrás dele agora, quando nos despedimos. Seus olhos encontraram os meus brevemente, e ele sorriu, mas não deu um passo em frente para pegar minha mão, não com Jamie em meu ombro. Perguntava-me agora brevemente se deveria ver um dos Greys novamente.

Nós não tínhamos ido de volta para a tipografia, mas andamos perto do rio, aproveitando o frescor do ar noite e conversar sobre os jovens casais e as excitações do dia.

—Eu imagino que as noites estão um pouco mais emocionante ainda, — Jamie comentou. —Como as moças contarão como foram pela manhã, pobres coisas pequeninas.

—Oh, não pode ser apenas as meninas— disse eu, e ele cheirou com diversão.

—Sim, bem, vocês podem estar certas sobre isso. Se bem me lembro da manhã seguinte após o casamento me perguntando por um momento se eu teria tido uma luta. Então eu vi você na cama e *sabia* que eu tive.

—Não se atrapalhe — comentei, esquivando de uma pedra clara em meu caminho. —Eu me lembro de ser rudemente despertada na manhã seguinte.

—Rude? Eu estava extremamente gentil com você. Mais você não estava comigo — acrescentou, com um sorriso diferente em sua voz. —Eu disse a Ian que sim.

—Você disse a Ian *o que*?

—Bem, ele queria conselhos, e por isso eu...

—Conselho? *Ian*?—Para o meu conhecimento certo, o garoto começou a sua carreira sexual com a idade de quatorze anos, com uma prostituta da mesma idade em um bordel de Edimburgo, e não olhou para trás. Além de sua esposa Mohawk, havia pelo menos meia dúzia de outras ligações que eu sabia, e eu tinha certeza de que eu não sabia de todas elas.

—Sim. Ele queria saber como lidar gentilmente com Rachel, sua pequena virgem. Algo novo para ele — acrescentou ironicamente.

Eu ri.

—Bem, eles vão ter uma noite interessante sobre isso, então todos eles. — Eu disse a ele sobre a pergunta de Dottie no acampamento, advento de Rachel, e nossa sessão pontual de aconselhamento pré-marital.

—Você disse *o que* —Ele bufou com diversão. —Você me fez dizer, *Oh, Deus*, o tempo todo, Sassenach, e não é principalmente para fazer sua vontade na cama em tudo.

—Eu não posso ajudá-lo se você está naturalmente disposto a essa expressão, — eu disse. —Você *diz* na cama com nada de pouca frequência. Você mesmo disse na nossa noite de núpcias. Repetidamente. Eu me lembro.

—Bem, de admirar, Sassenach, todas as coisas que você fez para mim na nossa noite de núpcias.

—**O que eu fiz para você — Eu disse, indignada. —Que diabos eu fiz para você?**

—**Você me mordeu — disse imediatamente.**

—**Oh, eu não! Onde?**

—Aqui e ali— disse, evasivo, e eu dei uma cotovelada. —Ah, tudo bem, não me mordeu no lábio quando eu beijei.

—Não me lembro de fazer isso em tudo, — eu disse, olhando para ele. Suas feições eram invisíveis, mas o brilho da lua fora da água enquanto caminhava lançou o seu ousado, perfil de nariz reto de silhueta. —Eu me lembro de você me beijando por um longo tempo, enquanto você estava tentando sabotar meu vestido, mas eu tenho certeza que eu não mordei depois.

—Não— ele disse pensativo, e passou a mão de leve nas minhas costas. —Foi mais tarde. Depois que eu saí para buscar um pouco de comida, e Rupert e Murtagh e o resto me pegaram. Eu sei, porque foi quando eu bebi um pouco do vinho que eu trouxe de volta, notei que ele queimou o corte em meu lábio. E eu percebi de novo antes de eu chegar com o vinho, por isso deve ter sido naquela hora.

—Ah!— eu disse. —Nessa época, você não teria notado se eu tivesse mordido a sua cabeça como um louva-deus. Você teria entendido corretamente pelo nariz e achei que você sabia de tudo.

Ele colocou um braço em volta dos meus ombros, me puxou para perto e sussurrou em meu ouvido — eu entendi corretamente *você, a nighean*. E você não estava entendendo tanto assim mesmo, além do que foi acontecendo entre as pernas.

—Uma vez que era difícil ignorar esse tipo de bagagem de mão— eu disse formalmente.

Ele deu o fôlego de uma risada e, parando debaixo de uma árvore, me reuniu e me beijou. Ele tinha uma linda boca macia.

—Bem, eu não vou negar que você me ensinou o meu negócio, Sassenach— ele murmurou. —E você fez um bom trabalho.

—Você pegou razoavelmente rápido— eu disse. —Talento natural, eu suponho.

—Se fosse uma questão de treinamento especial, Sassenach, a raça humana estaria morta há muito tempo. — Ele me beijou de novo, me puxando mais sobre ele.

—Você acha que Denny sabe o que ele está prestes a fazer?— ele perguntou, soltando. —Ele é um homem pequenino e virtuoso, sim?

—Oh, eu tenho certeza que ele sabe tudo o que ele precisa— eu protestei. —Ele é um médico, depois de tudo.

Jamie deu uma risada cínica.

—Sim. Enquanto ele pode ver a prostituta estranha de vez em quando, é provável que no caminho de sua profissão, não dela. Além... —Ele aproximou-se e, colocando as mãos através das fendas do bolso da minha saia, deu um aperto firme e interessante na minha bunda. —Será que eles ensinam na faculdade médica como espalhar os presuntos altos de sua esposa e lambê-la do cóccix ao umbigo?

—*Eu não ensinei isso!*

—Na verdade não fez. E você é um médico, não é?

—Isso estou certo de que não faz qualquer sentido. Você está bêbado, Jamie?

— Não sei — disse, rindo. —Mas eu tenho certeza que *você* está Sassenach. Vamos para casa — ele sussurrou, inclinando-se e puxando a língua para cima o lado do meu pescoço. —Eu quero que você me faça dizer, *Oh, Deus*, para você.

—Isso... pode ser arranjado. —Eu me segurei a ele durante a nossa caminhada, mas os últimos cinco minutos me iluminado como uma vela, e se eu quisesse ir para casa e tirar meu espartilho, eu já estava me perguntando se eu poderia esperar tanto tempo.

—Bom— ele disse, puxando suas mãos para fora da minha saia. —E então eu vou ver o que posso fazer por *você a Donn nighean*.

—Veja se você pode me dizer: *Não pare*.

## ***Parte VI – Os Laços que Unem***

### ***Capítulo 95 - O Corpo Elétrico***

*Redondo Beach, CA 5 de dezembro de 1980*

Se ela tivesse selos não seria necessário, ela não teria parado nos correios. Ela teria posto este lote de cartas na caixa de correio para o carteiro coletar, ou postado na caixa de correio do canto quando ela levou as crianças até à praia para procurar pelicanos.

Mas ela precisa de selos; havia pelo menos uma dúzia de coisas mais incomodas para lidar: coisas que precisam de reconhecimento de firma ou fotocópias ou declarações fiscais ou...

—M-palavra— ela murmurou, deslizando para fora do carro. —F-texto M-palavra maldita!— Isso era um pequeno alívio para os seus sentimentos

de ansiedade e opressão. Realmente não era justo. Quem precisava de alívio da ocasional má língua mais do que uma mãe de crianças pequenas?

Talvez ela devesse começar a usar igual a sua mãe *Jesus H. Roosevelt Cristo!* Ao invés. Jem incorporou um à sua própria coleção de palavras antes de se virar de quatro e muito ensinou a Mandy; eles não ficariam distorcidos por ouvi-lo.

Não era tão difícil, última vez. Bem, não, ela se corrigiu. Era muito mais difícil, no que diz respeito ao mais importante. Mas esta... Esse... esse pântano de mesquinhos detalhes da propriedade, contas bancárias, aluguel, notificações... Ela sacudiu o maço de envelopes lacrados na mão contra sua coxa com irritação. Alguns dias, ela teria levado Jem e Mandy por suas mãos e correndo, não andando, direto para as pedras com nenhum sentimento de alívio salvo abandonar tudo isso, merda.

Ela realmente não tinha muita coisa quando ela fez isso pela primeira vez. E, claro, ela tinha alguém para ir. Seu coração apertou um pouco, lembrando-se do dia em que pregou a tampa da caixa de transporte de madeira que segurava a história modesta de sua família: a prata transmitida através da família de seu pai, as fotografias de gabinete dos pais de sua mãe, a coleção de seu pai de primeiras edições, o quepe do uniforme da II Guerra Mundial da Rainha Alexandra de sua mãe, ainda com um odor fraco, mas detectável de iodo sobre ele. E tomado tais dores, por escrito, a nota para Roger: *Você me disse uma vez que... todo mundo precisa de uma história. Esta é minha...*

Quase certo, então, que ela nunca mais veria Roger novamente, e muito menos os talheres.

Ela piscou com força e empurrou a porta da estação de correios aberta com tanta força que ele caiu contra a muralha, e todos no lobby viraram para olhar para ela. Seu rosto esquentou, ela pegou no batente da porta e fechou-a com um cuidado exagerado, então cruzou o saguão com pés leves, evitando todos os olhos.

Ela empurrou os envelopes através da ranhura da caixa de correio, um por um, com certo sentimento de satisfação sombria em cada coisa tediosa eliminada. Preparando-se para desaparecer no passado, deixando todas as coisas para trás, era uma coisa; preparando-se para desaparecer ao pensar que você pode, eventualmente, vir *de volta* e precisa das coisas de novo, ou que seus filhos podem voltar vinte anos mais tarde, sem você... Ela engoliu

em seco. Isso era outra coisa, como seu pai estava inclinado a dizer. Ela não podia simplesmente despejar tudo em Tio Joe; ele não...

Ela virou-se, olhando em frente ao lobby automaticamente em sua caixa postal, e parou, vendo a carta. Ela sentiu os cabelos subirem em seu antebraço quando ela atravessou o linóleo sujo e estendeu a mão para a maçaneta, antes mesmo que sua mente conscientemente registrasse o fato de que ele não se parecia com uma conta de serviço, um aplicativo de cartão de crédito, ou qualquer outra tipo de correspondência oficial.

G-H-I-D-E-I... a tranca do cadeado destravou e a pesada porta se abriu pouco. E ali mesmo na estação de correios, ela cheirava a urze e fumaça de turfa e a respiração das montanhas, tão fortemente que seus olhos borraram e sua própria respiração ficou presa na garganta.

Era um envelope branco regular, dirigido a ela na primeira linha com a mão capaz de Joe Abernathy. Ela podia sentir algo dentro dele, outro envelope, este com um caroço, um selo de algum tipo? Ela fez isso para seu carro alugado antes de rasgar e abrir.

Não era um envelope, mas uma folha de papel, dobrada e selada com cera, borra de tinta preta sangrando através do papel, onde uma pena riscou muito profundo. Uma carta do século XVIII. Ela apertou-a contra seu rosto, inalando, mas o cheiro de fumaça e urze sumia como se nunca tivesse estado lá. Cheirava agora só a idade e papel quebradiço; nem mesmo o cheiro de tinta de ferro foi deixado.

Havia uma breve nota de Tio Joe, um pedaço de papel dobrado ao lado da letra.

*Bree, querida*

*Espero que isso a pegue a tempo. Ele veio do agente imobiliário, na Escócia. Ele disse que quando o novo inquilino de Lallybroch colocou os móveis no armazenamento, eles não podiam passar essa grande mesa velha através da porta do estudo. Então, eles chamaram um homem de antiguidades para levar a coisa desmontada com muito cuidado, ele me assegurou. E quando o fizeram, encontraram três selos da Rainha Victoria e isso.*

*Eu não li isso. Se você ainda não saiu, deixe-me saber se você quer os selos; Lenny Jr. quer vendê-los e comprar uma boa casa, assim.*

*Todo o meu amor,*

*Tio Joe*

Ela dobrou a nota com cuidado, pressionando os vincos, colocando-a em sua bolsa. Ela sentia como se devesse ir para outro lugar para ler a carta, em algum lugar privado e tranquilo, para que ela pudesse pensar em parte por parte sem que ninguém percebesse. O selo era de vela cinza fuliginosa de cera e Roger selou com sua impressão digital. Não era necessário, ela reconheceria a escrita imediatamente, mas não havia dúvida da pequena cicatriz em forma de gancho à esquerda quando uma faca escorregou enquanto ele estava limpando um salmão que ele e Jem pegaram no Lago Ness. Ela beijou-a, enquanto o corte ainda curava, e uma dúzia de vezes desde então.

Mas ela não podia esperar e, com as mãos trêmulas, abriu seu canivete e cuidadosamente ergueu o selo, tentando não quebrá-lo. Ele era velho e frágil; a gordura da vela escoou para o papel ao longo dos anos, fazendo uma sombra em volta da bola de cera, e quebrou em sua mão. Ela apertou os fragmentos convulsivamente e virou o papel dobrado.

*Brianna Randall Fraser MacKenzie*, Ele escreveu na frente. *Para ser mantido até ser chamado.*

Isso a fez rir, mas o som saiu como um soluço e ela correu sua mão sobre os olhos, desesperada para ler.

As primeiras palavras à fez largar a carta como se estivesse pegando fogo.

*15 de novembro de 1739*

Ela pegou-a de volta. Para que de alguma forma não perdesse, sublinhando 1739.

—Como no *inferno* isso — disse em voz alta, e colocou a mão sobre a boca, onde guardava quando ela leu o resto.

*Minha Querida do meu Coração,*

*Eu sei o que você está pensando, e eu não sei. Minha melhor ideia é que eu vim em busca de Jeremiah e o encontrei ou posso tê-lo encontrado, mas não a pessoa que eu pensei que eu estava procurando.*

*Busquei ajuda em Lallybroch, onde conheci Brian Fraser (que você gostaria dele, e ele, de você), e através dele, com a ajuda de um Capitão Jack Randall, de todas as pessoas entrei na posse de um conjunto de placas de identificação da RAF. Eu reconheci as informações sobre eles.*

*Nós (Buck ainda está comigo) temos procurado Jem desde a nossa chegada e não encontramos sinal algum. Eu não vou desistir, é claro que você sabe isso, mas como nossas investigações não deram nenhum fruto nas terras dos clãs do norte, eu sinto que devo seguir uma pista que eu tenho e ver se consigo localizar o proprietário dessas marcas.*

*Eu não sei o que pode acontecer, e eu tive que deixar algumas palavras, no entanto corro o risco que você nunca vai lê-las.*

*Deus abençoe você e Jem, onde quer que estejam, pobre rapaz, e eu só posso esperar e rezar para que ele esteja seguro e minha doce Mandy.*

*Eu te amo. Eu vou te amar para sempre.*

*R.*

Ela não percebeu que ela estava chorando, até que as lágrimas escorriam pelo seu rosto fazendo cócegas em sua mão.

—Oh, Roger— disse. —Oh, querido *Deus*.

No final da noite, com as crianças em segurança no sono e ao som do Oceano Pacífico através das portas da varanda abertas, Brianna tirou um caderno encadernado, novinho em folha, e uma caneta Fisher Space (garantida para escrever de cabeça para baixo, debaixo de água, e em condições de gravidade zero), que ela pensou ser totalmente apropriada para esta parte particular de composição.

Sentou-se sob uma boa luz, parou por um momento, depois levantou e derramou um copo de vinho branco frio, que ela colocou sobre a mesa ao lado de seu caderno. Ela estava compondo pontos em sua mente todos os dias e assim começou sem nenhuma dificuldade.

Não havia como saber quantos anos as crianças podiam ter quando, ou se, elas lessem, então ela não fez nenhum esforço para simplificar as coisas. Não era uma questão simples.

## UM GUIA PRÁTICO PARA VIAJANTES DO TEMPO PARTE II

*Certo. Papai escreveu o que nós pensamos que sabemos sobre isso, em termos de observação de ocorrência, os efeitos físicos e a moralidade. Esta próxima parte poderia ser mais bem descrita como hipóteses preliminares de causa: como o tempo de viagem pode funcionar. Eu diria que é a parte científica, mas você não podem realmente aplicar o método científico muito longe com os dados escassos de que dispomos.*

*Qualquer abordagem científica começa com observações, porém, e que temos o suficiente das pessoas para talvez construir uma série aproximada de hipóteses. Testando os...*

A ideia de testar os feitos fez as mãos tremerem de Brianna tanto que ela foi obrigada a pousar a caneta e respirar lentamente por dois ou três minutos, até que as manchas pretas parassem de fervilhar na frente de seus olhos. Rangendo os dentes, ela escreveu:

*Hipótese 1 - Que o tempo de passagens/vórtices/seja que diabos ele estão/são causando ou por ou que ocorrem no cruzamento as linhas da terra. (Definida aqui como linhas de força geomagnética, em vez da definição folclórica de linhas retas traçadas entre mapa estrutural antigo como morros, henges<sup>[43]</sup>, ou lugares de culto antigo, como um lago santo. Suposição é que as linhas folclóricas podem ser idênticas ou em paralelo com as linhas geomagnéticas, mas há provas concretas para o efeito.)*

*Evidência de Apoio a Hipótese: Algumas. Mas, para começar, não sabemos se as pedras de pé são parte do vórtice ou quase nada ou apenas marcadores configurados quando povos antigos viram outros povos antigos pisar na grama direito... lá... e puf!*

—Poof— ela murmurou para si mesma, e pegou o copo de vinho. Ela planejou beber como uma recompensa quando ela acabasse, mas no momento sentia mais necessidade dos primeiros socorros do que recompensa. —Eu desejo apenas poof. —Um gole, dois, em seguida, ela colocou, a borda cítrica do vinho persistente agradavelmente na sua língua.

—Onde estávamos? Oh, poof...

*Papai era capaz de ligar um monte de linhas folclóricas aos pés dos círculos de pedra. Teoricamente, seria possível verificar a polaridade geomagnética da rocha ao redor do pé dos círculos de pedra; que deve realmente de alguma maneira apoiar a hipótese 1, mas pode ser um pouco difícil de executar. Ou seja, você pode medir o campo magnético da Terra como Carl Friedrich Gauss descobriu como fazer por volta de 1835 ou assim, mas não é o tipo de coisa que as pessoas fazem muito.*

*Governos que levantaram os geológicos com o equipamento; eu sei que no Eskdalemuir Observatório da British Geological Survey faz, porque eu vi um artigo sobre eles. E passo citar: Tais observatórios podem medir e*

prever as condições magnéticas, como tempestades magnéticas que às vezes afetam as comunicações, energia elétrica, e outras atividades humanas.

—Outras atividades humanas— ela murmurou. —Cerrrtoo...

*O exército faz esse tipo de coisa, também,* Escreveu ela como uma reflexão tardia. —Sim, eu vou pegar o exército direito sobre isso...

A caneta pairou sobre a página quando pensou, mas não podia acrescentar mais alguma coisa útil lá, e assim prosseguiu:

*Hipótese 2 - Isso entrar num vórtice de tempo com uma pedra preciosa (de preferência facetada, Vide observações feitas por Geillis Duncan para este efeito) oferecendo alguma proteção para o viajante em termos de efeito físico.*

*Pergunta: por que as facetas? Nós usamos principalmente aquelas voltando através Ocracoke, e sabemos de outros viajantes que utilizam as simples sem faceta alguma.*

*Especulação: Joe Abernathy me falou sobre um de seus pacientes, um arqueólogo que disse sobre algum estudo feito em pedras de pé em Orkney, onde descobriram que as pedras têm qualidades tonais interessantes; se você atacá-las com varas de madeira ou outras pedras, você tem um tipo de nota musical. Qualquer tipo de cristal e todas as gemas têm um interior cristalino estruturado com uma vibração característica ao ser atingido; é assim que funcionam os relógios a quartzo.*

*Assim se o cristal que você carrega tem vibrações que respondem ou estimulam, por que o assunto das vibrações nas pedras ali perto? E se eles fazem... o que poderia ser o efeito físico? D.B.K.\**

Ela fez uma nota rápida na parte inferior da página: *\*D.B.K.- Como merda vou saber, e voltou para a sua escrita.*

*Evidência: Não há realmente qualquer, além das citadas acima as observações de Geillis Duncan (embora ela possa ter notado algum material anedótico em seus diários, o que você vai encontrar no cofre do grande Royal Bank of Scotland em Edimburgo . Tio Joe terá a chave ou terá feito provisões para vocês para tê-la).*

*NB: vovó Claire viajou nas duas primeiras vezes sem pedras (Apesar de notar que ela estava usando uma aliança de ouro pela primeira vez, e uma de ouro e um anel de prata na segunda viagem).*

*Vovó disse que ir com uma pedra parecia um pouco mais fácil, mas, dada a subjetividade da experiência, eu não sei quanto peso possa colocar isso. Fazê-lo com uma pedra é a coisa mais horrível. Eu...*

Talvez seja melhor não dizer isso. Ela hesitou por algum tempo, mas, afinal, suas próprias experiências eram dados e dados o pouco que tinha... ela terminou a frase, em seguida, passou.

*Hipótese 3 - Viajar com uma pedra preciosa permite um melhor controle na escolha de onde/quando emergir.*

Ela parou, franzindo a testa, e cruzou para *onde*. Não havia qualquer indicação de pessoas que viajam *entre* locais. Era uma merda útil e se pudesse, embora... Ela suspirou e seguiu em frente.

*Evidência: Muito esboçado, devido à falta de dados. Sabemos de alguns outros que a nós mesmos viajantes, e destes, cinco americanos nativos (parte de um grupo político chamado de Montauk Five) viajou com o uso de pedras. Um deles é conhecido por ter morrido na tentativa, um sobreviveu e viajou de volta cerca de 200 anos, e outro, um homem chamado Robert Springer (Dente de Lontra), viajou de volta mais do que a distância de costume, chegando (aproximadamente) 250-260 anos antes de seu ano de partida. Nós não sabemos o que aconteceu com os outros dois membros deste grupo; eles podem ter viajado para um tempo diferente e nós não encontramos nenhuma menção a eles (difícil de rastrear um viajante do tempo, se você não sabe quando eles podem ter ido embora, quais seus nomes verdadeiros, ou como eles se parecem), pode ser apagados do vórtice do tempo por razões desconhecidas, ou podem ter morrido dentro dele.*

Essa pouca possibilidade a enervava tanto que pousou a caneta e tomou vários grandes goles de vinho antes de retomar.

*Pela evidência do diário de Dente de Lontra, estes homens todos viajaram com pedras preciosas, e ele conseguiu uma grande opala com o qual ele pretendia fazer a viagem de volta. (Esta é a pedra que Jemmy fez explodir, na Carolina do Norte, provavelmente porque opalas de fogo têm um alto teor de água.)*

**Ele não tinha, pensando, ela não podia imaginar como não ocorreu no momento para viu que Jemmy poderia fazer água ferver por tocá-la. Bem, ela podia ver por que não ocorreu, em retrospecto; a última coisa que ela queria era qualquer peculiaridade mais perigosa perto de seus filhos, peculiaridades muito menos perigosas sendo inerente a eles.**

**—Eu me pergunto quantas vezes acontece que dois viajantes do tempo casem um com outro?— Disse em voz alta. Sem contar a frequência do gene que era um gene, mas que parecia ser uma aposta**

decente a população em geral, mas que não poderia ser *muito* comum, ou as pessoas estariam andando em Stonehenge e Callanish e indo *puf!* Em uma base diária... —Alguém teria notado— concluiu, e sentou-se girando a caneta para um pouco de meditação.

Talvez ela conhecesse e casasse com Roger, se não fosse pela coisa de viagem no tempo? Não, porque era a necessidade da sua mãe para descobrir o que aconteceu com os homens de Lallybroch que as levaram para a Escócia.

—Bem, eu não me arrependo— disse em voz alta para Roger. — Apesar de... tudo.

Ela flexionou os dedos e pegou a caneta, mas não escreveu uma só vez. Ela não pensou ainda mais com suas hipóteses e queria estar claro em sua mente, pelo menos. Ela tinha noções vagas sobre como um vórtice de tempo poderia ser explicado no contexto de uma teoria do campo unificada, mas se Einstein não poderia fazê-lo, ela não pensou que ela estava fazendo isso neste exato minuto.

—Tem que estar lá *em algum lugar*, No entanto, —ela disse em voz alta, e estendeu a mão para o vinho. Einstein estava tentando formar uma teoria que tratava tanto com a relatividade e o eletromagnetismo, e claramente que eles estavam lidando com a relatividade aqui, mas uma espécie em que talvez não fosse à velocidade da luz, que era limitante. O que, então? A velocidade do tempo? A *forma* de tempo? Será que os campos eletromagnéticos cruzam em alguns lugares para deformar a forma?

E sobre as datas? Tudo o que eles achavam que sabiam as poucas coisas preciosas como foram indicadas, que a viagem era mais fácil, mais segura, nas festas de sol e festas de fogo; os solstícios e os equinócios... Um pouco de ondulação correndo de volta. Algumas coisas eram conhecidas sobre esses círculos de pedra, e uma das coisas comuns era que muitos foram construídos com a previsão astronômica em mente. Era a luz que atingia uma pedra específica o sinal de que a Terra alcançou algum alinhamento planetário que afetava o geomagnetismo dessa área?

—Huh— disse, e tomou um gole, lançando de volta sobre as páginas que escreveu. —O que uma mistura. — Isso não faria qualquer um muito bom: nada além de pensamentos desconexos e coisas que nem sequer se qualificam como especulação decente.

**Ainda assim, sua mente não iria deixar de ir ao assunto. Eletromagnetismo... Corpos com campos elétricos próprios, ela sabia**

muito. Era talvez por isso que você não apenas se desintegra quando você viaja? Será que o seu próprio campo se mantém em conjunto, apenas o tempo suficiente para sair de novo? Ela supôs que poderia explicar a coisa das pedras preciosas: você *poderia* viajar com a força de seu próprio campo, se você tivesse sorte, mas a energia liberada a partir das ligações moleculares em um cristal podendo também adicionar a esse campo, por isso, talvez...?

—Droga— disse, seus processos mentais sobrecarregados rangendo a um impasse. Ela olhou com culpa no corredor que levava ao quarto das crianças. Ambos sabiam a palavra, mas não deviam pensar que sua mãe sabia.

Ela afundou de volta para terminar o vinho e deixou sua mente vagar livre, embalado pelo som das ondas à distância. Sua mente não estava interessada em água, embora; parecia ainda preocupada com a eletricidade.

—*Eu canto o Body Electric* — ela disse suavemente. —*Os exércitos de pessoas que amo junto a mim.*

Agora, havia um pensamento. Talvez Walt Whitman fosse a algo... Porque se a atração elétrica *os exércitos daqueles que amo* tiveram um efeito sobre tempo de viagem, explicaria o aparente efeito de fixar sua atenção em uma pessoa específica, não faria?

Pensou em pé nas pedras de Craigh na Dun, pensando em Roger. Ou de pé sobre Ocracoke, mente fixa ferozmente em seus pais, ela leu todas as cartas agora; ela sabia exatamente onde estavam... Isso faria alguma diferença? O pânico de um instante, enquanto ela tentava visualizar o rosto de seu pai, mais quando ela procurou Roger...

*A expressão do rosto se recusa. A próxima linha ecoou suavemente em sua cabeça. Mas a expressão de um homem bem feito apareceu não só em seu rosto; e em seus membros e articulações também, é curiosamente nas juntas dos seus quadris e punhos; e em sua caminhada, o transporte de seu pescoço, o movimento de sua cintura e joelhos vestido não escondendo; a qualidade flexível forte, doce que ele tinha, forte através do algodão e flanela; para vê-lo passar transmitindo, tanto quanto o melhor poema, talvez mais; demorando a ver a sua volta, e parte de trás do seu pescoço e ombro do lado.*

Ela não se lembrava de mais, mas não precisava; sua mente se acalmou.

—Eu vejo você em qualquer lugar— disse em voz baixa a seu marido, e levantou os restos mortais de seu copo. —*Slàinte*.

### *Capítulo 96 - Nada de grande falta de cabelo na Escócia*

Senhor Cumberpatch provou ser uma pessoa alta, ascético com uma cultura incongruente de cachos ruivos que estava assentado sobre a cabeça como um animal pequeno curioso. Segundo ele, levou as placas em troca de um leitão, junto com uma panela de lata cujo fundo foi queimada através, mas poderiam facilmente ser corrigidas, seis ferraduras, um espelho, e metade de uma cômoda.

—Não é realmente um funileiro de profissão, não?— Disse. —Não viaja muito. Mas as coisas vêm e me encontrar, elas fazem.

Evidentemente que elas faziam. A pequena casa de campo do Sr. Cumberpatch estava abarrotada de suas vigas com itens que foi útil e pode ser tão novo, uma vez que o Sr. Cumberpatch tinha que corrigi-las.

—Vende muito— perguntou Buck, levantando uma sobrancelha para o relógio de transporte desmontado que estava sobre a lareira, os seus órgãos internos ordenadamente empilhados em um prato de prata velho.

—Acontece— disse Cumberpatch laconicamente. —Vê qualquer coisa que você gosta?

No interesse da cooperação, Roger discutia educadamente por uma cantina amassada e um saco de cama de lona com apenas alguns pequenos orifícios carbonizados em uma extremidade, estes resultado de algum soldado tomando seu descanso muito perto de uma fogueira. E por sua vez, recebeu o nome e a direção geral da pessoa de quem o Sr. Cumberpatch recebeu as placas.

—Espécie fraca de joia— disse seu anfitrião, com um encolher de ombros. —E uma mulher velha disse que não queria em sua casa, todos os números podendo ver com magia, sim? Não gosta de feitiçaria.

A velha em questão tinha, possivelmente, vinte e cinco, Roger pensou uma pequena criatura de olhos escuros como uma ratazana, que convocava para fornecer o chá dimensionado com um olhar astuto e começou a vendê-los como queijos pequenos de aparência flácida,

**quatro nabos, e uma grande torta de uva passa, a um preço exorbitante. Mas o preço incluía suas próprias observações sobre transação do marido bem valendo a pena, na medida em que Roger estava querendo.**

—Essa coisa de ornamento-estranho, não?— Disse, apertando os olhos para o bolso onde Roger os colocou. —O homem que vendeu a Anthony disse que veio de um homem cabeludo, uma deles como a vida na muralha.

—O que seria essa muralha, senhora?— Perguntou Buck, drenando seu copo e estendendo para mais. Ela deu um olhar de seus olhos tão-brilhante, obviamente pensando que ele era um simplório, mas eles *eram* clientes pagantes, afinal...

—Ora, Romana, com certeza— disse. —Dizem que o velho rei de Roma usa, de modo a manter os escoceses de entrar na Inglaterra. — O pensamento fez seu sorriso de dentes pequenos brilharem. —Como se alguém quisesse ir *lá* a primeiro lugar!

Outras questões provocadas e nada mais; Sra. Cumberpatch não tinha ideia do que se entendia por *um homem peludo*; isso era o que o homem disse, e ela não perguntou sobre isso. Recusando uma oferta do Sr. Cumberpatch pela faca, Roger e Buck se despediram, a comida embrulhada em um saco da cama. Mas, quando eles foram, Roger viu um prato de cerâmica contendo um emaranhado de correntes e pulseiras manchadas, e um brilho na rua da luz de chuva atingindo uma pequena luz vermelha.

Deve ter sido a descrição de Cumberpatch das placas se referindo a joia de maneira comum a um ornamento como pingente que deixou sua mente sensível. Ele parou e, mexendo o prato com o dedo indicador, tirou um pequeno pingente, enegrecido, rachado, e com uma corrente quebrada parecendo que esteve em um incêndio, mas parecido com uma grande granada, coberta de sujeira, mas facetada.

—Quanto custa isso?— Disse.

Estava escuro por quatro horas, e longas noites frias para ser dormir fora de casa, mas o senso de urgência de Roger levou-os, e eles pareceram ignorantes em uma estrada solitária, com nada além de um pinheiro Caledônia e um vento retorcido como abrigo. Começar uma fogueira com pavio e agulhas de pinheiros úmidas não era brincadeira, mas depois de tudo, Roger refletiu sombriamente sobre a contusão de aço e sílex para o centésimo tempo e seu dedo para o que eles tinham no XX, mas o tempo.

Buck teve, com uma premeditação nascida da experiência dolorosa, trazendo um saco de turfa, e depois de um quarto de hora de soprar freneticamente as faíscas e empurrando grama, hastes e agulhas de pinheiro para a chama minúscula, que conseguiu fazer com dois destes miseráveis objetos para queimar com calor suficiente como para assar, ou pelo menos ceiar nabos e aquecer os dedos, se não o resto deles.

Não houve qualquer conversa desde que deixaram o estabelecimento de Cumberpatch: impossível falar com o vento frio assobiando passado por seus ouvidos enquanto cavalgavam, e sem fôlego com o qual a fez durante a luta com o fogo e comida.

—O que você vai fazer se o encontrarmos?— perguntou Buck, de repente, no meio do nabo. —Se JW MacKenzie realmente é o seu pai, eu quero dizer.

—Eu estou engasgado — A garganta de Roger estava entupida por causa do frio e ele tossiu e cuspiu, retomando a voz rouca —estou os últimos três dias me perguntando isso, e a resposta eu não sei.

Buck grunhiu e desembrolhou a torta de passas do saco, dividiu-a com cuidado, e entregou a Roger metade.

Não era ruim, embora a Sra. Cumberpatch não poderia dizer ter uma mão leve com pastelaria.

—Carregado— observou Roger, parcimoniosamente enxugando migalhas de seu casaco comendo. —você não quer ir, então?

Buck balançou a cabeça. —Não, eu não penso em nada melhor para fazer. Como diz a única pista que existe, mesmo que não pareça ter alguma coisa a ver com o rapazinho.

—Mmphm. E há uma coisa que de bom pode ir direto para o sul da muralha; não precisamos perder tempo procurando o homem que Cumberpatch disse ter as placas.

—Sim— disse Buck em dúvida. —E depois? Andar por aí, perguntando por um homem cabeludo? Quantos daqueles, você acha que pode ser? Não existe grande falta de cabelo na Escócia, quero dizer.

—Se soubermos— disse Roger em breve. —Mas se JW Mackenzie não apenas desse as placas de sua identidade em qualquer lugar do bairro, eu estou pensando que ele teria causado um bom bocado de conversa.

—Mmphm. E quanto tempo até essa muralha, você sabe?

—Eu sei, sim. Ou melhor, —Roger corrigiu — Eu sei quanto tempo era quando foi construída: oitenta milhas romanas. Uma milha romana sendo

apenas ligeiramente mais curta do que uma Inglesa. Não faço ideia a quanto ela ainda está lá, no entanto. A maior parte, provavelmente.

Buck fez uma careta. —Bem, digamos que podemos caminhar quinze, vinte milhas em um dia andando vai ser fácil, se é ao longo de uma muralha isso são apenas quatro dias para cobrir o lote. Embora... —Um pensamento ocorreu e ele franziu a testa, empurrando seu topete úmido volta. —Isto é, se pudéssemos caminhar de ponta a ponta. Se nós dividimos o meio do caminho, porém, o que então? Podemos cobrir metade e não encontrar nada, e depois de ter percorrido todo o caminho de volta para onde nós começamos. —Ele olhou acusadoramente para Roger.

Roger passou a mão sobre o rosto. Foi chegando à chuva, e a garoa era uma nebulização em sua pele.

—Eu vou pensar sobre isso amanhã, sim?— Disse. —Nós vamos ter muito tempo para fazer planos a caminho. — Ele estendeu a mão para o saco de cama, sacudiu uma folha de nabo mole e comeu em seguida, puxou o saco sobre a cabeça e ombros. —Quer se juntar a mim no âmbito deste, ou você a quer na cama?

—Não, eu estou bem. — Buck puxou seu chapéu desabado para baixo e sentou curvado, dedos tão perto os restos do fogo como ele poderia ter.

Roger puxou os joelhos para cima e colocou nas extremidades do saco. A chuva era um pingar suave na tela, e no cansaço de exaustão e frio, mas com o conforto de um estômago cheio, ele permitiu-se ainda mais o conforto de imaginar Bree. Ele fazia isso só à noite, mas olhando para frente com uma maior expectativa do que ele fazia a ceia.

Ele imaginou-a nos braços, sentada entre os joelhos, com a cabeça recostada em seu ombro, confortável sob a tela com ele e seu cabelo macio com pingos de chuva espalhados que chamavam a luz fraca do fogo. Quente, sólida, respirando contra o seu peito, seu coração abrandando a bater com ela...

—Eu me pergunto o que eu diria para o meu próprio pai— disse Buck, de repente. —Se eu soubesse quem é ele, quero dizer. — Ele piscou para Roger de debaixo da borda sombreada de seu chapéu. —Será que o seu faz, quero dizer saber sobre você?

Roger suprimiu sua irritação por ter sido perturbado em sua fantasia, mas respondeu logo. —Sim. Nasci antes de desaparecer.

—Oh— Buck balançou um pouco para trás, olhando meditativo, mas não disse mais nada. Roger descobriu, porém, que a interrupção fez sua

esposa desaparecer. Ele se concentrou, tentando trazê-la de volta, imaginando-a na cozinha em Lallybroch, o vapor de cozinhar levantando-se ao seu redor, fazendo mechas no cabelo de onda vermelha em volta do rosto e umidade brilhando na ponte longa reta do nariz...

O que ele estava ouvindo, no entanto, era ela discutindo com ele sobre se ele deveria dizer a Buck à verdade de sua procriação.

—*Você não acha que ele tem o direito de saber?*— ela disse. —  *você não ia querer saber uma coisa dessas?*

—*Na verdade, eu não acho que eu faria*— ele disse na época. Mas agora...

—**Você sabe quem é o seu pai?**— Perguntou Roger repente. A questão estava em sua mente por meses, ele não tem certeza se ele tinha o direito de perguntar isso.

**Buck deu um perplexo, olhar levemente hostil.**

—**Que diabos você quer dizer com isso? Claro que eu sei. Ele está morto agora. —Seu rosto se contorceu de repente, percebendo. —Ou...**

—**Ou talvez ele não esteja, uma vez que ainda não está nascido. Sim, ele ficou com você depois um pouco, não é?**

**Aparentemente, ele acabou com Buck. Ele se levantou abruptamente e saiu. Ele ficou desaparecido por uns bons dez minutos, dando a Roger tempo para lamentar não ter dito nada. Mas, Buck saiu da escuridão e sentou-se novamente perto da turfa fumegando. Ele estava sentado com os joelhos puxados para cima, braços fechados em volta deles.**

—**O que você quer dizer com isso?**— Ele perguntou abruptamente. —**Será que eu vi meu pai, é isso.**

**Roger respirou o cheiro de grama úmida profundamente, agulhas de pinheiro, e fumaça de turfa. —Quero dizer você não nascerá na casa onde cresceu. Será que você sabe isso?**

**Buck olhou desconfiado e um pouco confuso. —Sim— disse lentamente. —Ou não sei bem, quero dizer. Meus pais não têm qualquer criança além de mim, então eu pensei que talvez fosse, bem, eu pensei que era provavelmente um bastardo nascido da irmã do meu pai. Ela morreu, segundo eles, no momento em que nasci, e ela não estava casada, de modo... —Ele encolheu os ombros. —Então, não. —Ele virou a cabeça e olhou para Roger, inexpressivo. —Como você chegou a conhecer a si mesmo?**

**—A mãe de Brianna. — Ele sentiu uma saudade aguda, súbita de Claire e ficou surpreso com isso. —Ela era uma viajante. Mas ela estava em Leoch, nesse tempo. E ela nos contou o que aconteceu. —Ele tinha a sensação de ventre oco pulando de um precipício em água de profundidade desconhecida, mas não havia nenhuma maneira de parar agora.**

—Seu pai era Dougal MacKenzie chefe de guerra do Castelo Leoch do clã MacKenzie. E sua mãe era uma bruxa chamada Geillis.

O rosto de Buck estava absolutamente em branco, a cintilante luz do fogo fraca nas maçãs do rosto largas que eram o legado de seu pai. Roger queria de repente ir e pegar o homem em seus braços, alisar o cabelo para trás de seu rosto, confortá-lo como uma criança, como a criança que ele podia ver tão claramente nos largos, atordoados olhos verdes. Em vez disso, ele se levantou e saiu para a noite, dando ao seu quatro vezes bisavô a privacidade que podia para lidar com a notícia.

Não machucou. Roger acordou tossindo, e gotas de umidade rolavam e faziam cócegas pelas têmporas, desalojado pelo movimento. Ele estava dormindo sob o saco de cama de tela vazia em vez de sobre ele, valorizando a sua capacidade de resistência, a água mais do que o seu conforto potencial quando recheava com grama, mas ele não foi capaz de suportar tê-lo sobre sua cabeça.

Ele colocou uma mão cautelosamente em sua garganta, sentindo a linha mais espessa do corte na cicatriz de corda toda a ondulação inferior da sua laringe. Ele rolou, ergueu-se sobre um cotovelo, e limpou a garganta experimentalmente. Não doeu desta vez, também.

—*Você sabe o que é um osso hioide?*— Ele sabia; como resultado de uma série de consultas médicas sobre sua voz danificada, ele entendeu a anatomia da garganta muito bem. E, assim, sabia o que significava o que o Dr. McEwan perguntou; seu próprio hioide estava um pouco mais alto e mais longe do que o habitual, uma circunstância de sorte que salvou sua vida quando ele foi enforcado, como o esmagamento do pequenino osso teria sufocado.

Se ele tivesse o sonho de McEwan? Ou de ser enforcado? Sim, isso. Ele teve sonhos assim, muitas vezes, nos meses seguintes, parecendo menos frequentes em anos posteriores. Mas lembrou-se de olhar para cima através dos ramos rendados da árvore, vendo no sonho a corda amarrada ao galho acima, e a luta desesperada para gritar um protesto com a mordança na boca.

Então o inevitável deslizar sob ele quando o cavalo que ele sentou levantou... Mas desta vez não machucou. Seus pés atingiram o chão e ele despertou, mas acordou sem a asfixia ou a queima, apunhalando sensações que o deixou ofegante e rangendo os dentes.

Ele olhou através; sim, Buck ainda estava lá, encolhido sob o xadrez irregular que ele comprou de Cumberpatch. Compra sábia.

Ele deitou-se ao seu lado, puxando a tela para cima para proteger o rosto enquanto ainda permitia respirar. Ele admitiu uma sensação de alívio ao ver Buck; ele meio que esperava que o homem levantasse acampamento e fosse direto para o Castelo Leoch depois de ouvir a verdade sobre sua própria família. Apesar disso, em justiça para Buck, ele não era um covarde. Se ele quisesse fazer isso, ele provavelmente diria depois socaria Roger no nariz por não ter contado a ele mais cedo.

Assim ele esteve lá, olhando para as cinzas do fogo quando Roger voltou. Ele não olhou para cima, e Roger não disse nada a ele, mas se sentou e retirando a agulha e linha para consertar um rasgo na costura do casaco.

Depois de um pouco, no entanto, Buck se mexeu.

—Por que esperou para me dizer agora?— Ele perguntou em voz baixa. Sua voz tinha nenhuma nota especial de acusação. —Por que não me disse, quando estávamos ainda perto de Leoch e Cranesmuir?

—Eu não tinha em minha mente dizer tudo— Roger disse sem rodeios. — só estava pensando, bem, sobre o que estamos fazendo e o que poderia acontecer. Eu pensei que, de repente, que talvez você *devesse* saber. E... — Ele hesitou por um momento. —Eu não planejei isso, mas talvez seja melhor assim. Você tem tempo para pensar, talvez, se você quer encontrar seus pais antes de voltar.

Buck apenas grunhiu em resposta a isso e não disse mais nada. Mas não foi a resposta que Buck estava pensando na mente de Roger no momento.

Não havia machucado quando ele limpou a garganta enquanto conversava com Buck, embora ele não tivesse conscientemente notado no momento.

McEwan fez o que fez com seu toque? Roger desejou que ele fosse capaz de ver se a mão de McEwan lançava luz azul quando ele tocou a garganta danificada.

E o que dizer da luz? Ele pensou que Claire mencionou algo parecido uma vez, oh, sim, descrevendo como mestre Raymond curou-a, seguindo o aborto que ela teve em Paris. Vendo seus ossos brilharem de azul dentro de seu corpo quando ele a tocou, pensou.

Agora, isso fez mudar o pensamento se eram um traço familiar, comum a viajantes do tempo? Ele bocejou imensamente e engoliu mais uma vez, experimentalmente. Sem dor.

Ele não conseguia manter o controle de seus pensamentos por mais tempo. Sentia o sono espalhar por seu corpo como o bom uísque, aquecendo-o. E deixou ir, finalmente, imaginando o que ele poderia dizer a seu pai. Se...

## ***Capítulo 97 - Um homem para fazer o Trabalho de Outro***

*Boston, MA 08 de dezembro de 1980*

Gail Abernathy proporcionou um jantar rápido, mas sólido de espaguete com almôndegas, salada, pão de alho, e depois de um penetrante olhar rápido, em Bree, uma garrafa de vinho, apesar dos protestos de Brianna.

—Você está passando a noite aqui— disse Gail, num tom que não aceitava nenhuma oposição, e apontou para a garrafa. —E você está bebendo isso. Eu não sei o que você está fazendo a si mesmo, menina, e você não precisa me dizer, mas você precisa parar de fazer isso.

—Eu desejo que eu possa. —, mas seu coração subiu no momento em que entrou pela porta familiar, e seu senso de agitação diminuiu, embora ele estivesse longe de desaparecer. O vinho ajudou, no entanto.

Os Abernathys ajudaram mais. Apenas a sensação de estar com os amigos, de não estar só com as crianças e do medo e da incerteza. Passando a vontade de chorar e de querer rir em um espaço de segundos, e sentir que

se Gail e Joe não estivessem lá, ela poderia não ter outra escolha senão ir para o banheiro, liga o chuveiro e gritar em uma toalha dobrada como uma válvula de escape apenas nos últimos dias.

Mas agora havia pelo menos alguém para conversar. Ela não sabia se Joe poderia oferecer nada além de um ouvido simpático, mas no momento em que valia mais para ela do que qualquer coisa.

**A conversa durante o jantar foi leve e orientada para o garoto; Gail perguntando a Mandy se ela gostava de Barbies e se ela tinha sapatos que pudessem decolar, e Joe falando de futebol contra o baseball de Jem que era um incondicional fã do Red Sox, podendo manter-se em ímpias horas ouvindo rádio transmitindo com sua mãe. Brianna não contribuiu em nada mais do que o sorriso ocasional, e sentiu a tensão abandonar lentamente seu pescoço e ombros.**

Ela voltou, ainda que com menos força, quando o jantar acabou, e Mandy meio dormindo com o braço em seu prato foi levada para a cama por Gail, cantarolando Jesu, Alegria Dos Homens em uma voz como um violoncelo. Bree levantou para pegar os pratos sujos, mas Joe acenou de volta, levantando-se da cadeira.

—Deixe-os, querida. Venha conversar comigo na sala. Traga o resto do vinho— acrescentou ele, depois sorriu para Jem. —Jem, você quer ir para cima e pedir a Gail se você pode assistir TV no quarto?

Jem tinha uma mancha de molho de espaguete no canto de sua boca e seu cabelo estava apontando para cima de lado como espinhos de porco-espinho. Ele estava um pouco pálido da viagem, mas a comida o restaurou e seus olhos estavam brilhantes, alertas.

—Não, senhor— disse com respeito, e empurrou para trás sua própria cadeira. —Eu vou ficar com a minha mãe.

—Você não precisa fazer isso, querido— disse. —Tio Joe e eu temos coisas de adulto que precisamos conversar. Você...

—Eu vou ficar.

Ela deu um olhar duro, mas reconheceu instantaneamente, uma combinação de horror e fascínio, um macho Fraser com a mente tomada.

Seu lábio inferior tremia, só um pouco. Ele fechou a boca duro para pará-lo, e olhou sobriamente dela para Joe, depois de volta.

—Meu pai não está aqui— disse, e engoliu em seco. —E nem Vovô. Eu estou... Eu vou ficar.

**Ela não conseguia falar. Joe assentiu, embora, sobriamente como Jem, tomou uma lata de Coca-Cola da geladeira e abriu o caminho para a sala. Ela seguiu-os, segurando a garrafa de vinho e dois copos.**

—Bree, querida?— Joe se virou por um momento. —Pegue outra garrafa do armário em cima do fogão. Isso vai levar algum tempo de conversa.

Ele fez. Jemmy estava em sua segunda coca e a questão de sua ida para a cama, e muito menos para dormir, era claramente acadêmico e a segunda garrafa de vinho estava um terço mais vazia antes que ela terminasse descrevendo a situação, todas as situações e que ela pensava em fazer sobre elas.

—Tudo bem— disse Joe, muito casualmente. —Eu não acredito que estou dizendo isso, mas você precisa decidir se passa por algumas rochas na Carolina do Norte ou na Escócia e acabar no século XVIII, de qualquer forma, é isso?

—Isso é... Mais ou menos —Ela tomou um gole de vinho; parecia estabilizá-la. —Mas essa é a primeira coisa, sim. Veja, eu sei onde Mamãe e Papai estão/estavam no final de 1778, e esse é o ano teríamos que voltar, se tudo funcionasse da maneira que parece ter funcionado antes. Eles nem estariam de volta em Fraser Ridger ou indo.

O rosto de Jem aliviou um pouco com isso, mas ele não disse nada. Ela encontrou seus olhos diretamente.

—Eu estava indo para levá-lo e Mandy através das pedras em Ocracoke aonde nós viemos antes, você se lembra? Na ilha?

—Vroom— disse baixinho, e abriu um sorriso repentino, revivendo a sua primeira exposição de automóveis.

—Sim— ela disse, sorrindo de volta, apesar de si mesma. —Então, nós poderíamos ir para Ridge, e eu estava indo para deixá-lo com vovó e vovô enquanto eu iria à Escócia para encontrar papai.

O sorriso de Jem desapareceu, e as sobrancelhas vermelhas se juntaram.

—Perdoem-me a apontar o óbvio— disse Joe. —Mas não havia uma guerra acontecendo em 1778?

—Havia— disse secamente. —E, sim, e pode ser um pouco difícil conseguir um navio da Carolina do Norte para a Escócia, mas acredite em mim, eu poderia fazer.

—Oh, eu sei— assegurou a ela. —Seria mais fácil, e mais seguro, eu acho passar para a Escócia e em busca de Roger com Jem e Mandy para

cuidar, ao mesmo tempo, mas...

—Eu não preciso ser cuidado!

—Talvez não, — Joe disse: —, mas você tem cerca de seis anos, sessenta quilos, e mais dois pés para crescer antes que você possa cuidar de sua mãe. Até você ficar grande o suficiente para que ninguém possa simplesmente pegá-lo e levá-lo, ela tem que se preocupar com você.

Jem olhou como se quisesse discutir o ponto, mas ele estava na idade em que a lógica que, por vezes, prevalecia, e felizmente esse era um desses momentos. Ele fez um pequeno som de *mim* na garganta, o que assustou Bree, e sentou-se no divã, ainda franzindo a testa.

—Mas você não pode ir para onde vovó e vovô estão, — ressaltou. —e cruzar para achar papai não onde eu quero dizer quando você pensou. Ele não está, no mesmo tempo que eles.

—Bingo— disse brevemente, e, atingindo a mão no bolso de sua blusa, cuidadosamente retirou o saco de plástico protegendo a carta de Roger. Ela entregou a Joe. —Leia isso.

Ele chicoteou seus óculos de leitura para fora do seu próprio bolso e, com eles, empoleirados em seu nariz, leu a carta com cuidado, olhou para ela, com os olhos arregalados, então abaixou a cabeça e leu novamente. Depois que ele se sentou muito ainda por alguns minutos, olhando para o espaço, a carta aberta sobre o joelho.

Por fim, ele deu um suspiro, dobrou a carta cuidadosamente, e entregou-a de volta para ela.

—Portanto, agora é o espaço e o tempo — disse. —Você já assistiu *Doctor Who* em PBS?

—Todo o tempo— disse secamente, —na BBC. E não pense que eu não venderia minha alma por uma Máquina do Tempo.

Jem fez um ruído escocês novamente, e Brianna olhou de lado para ele.

—Você está fazendo isso de propósito?

Ele olhou para ela, surpreso. —Fazendo o quê?

—Não importa. Quando você *tiver* quinze, eu estou prendendo você na adega.

—O quê? Por quê? —Ele exigiu, indignado.

—Porque isso é quando seu pai e seu avô começam a ficar em apuros e, evidentemente, você está indo para ser como eles.

—Oh— Ele parecia satisfeito em ouvir isso, e diminuiu.

—Bem, deixando de lado a possibilidade de começar a preensão de um TARDIS trabalhando... —Joe se inclinou para frente, superando-se os dois copos de vinho. —É possível viajar mais longe do que você pensava, porque Roger e esse cara Buck fizeram isso. Então você acha que poderia fazê-lo, também?

—Eu acho— ela disse simplesmente. —Ele não vai tentar voltar sem Jem, então eu tenho que ir encontrá-lo.

—Você sabe *como* ele fez isso? Você me disse que levou pedras para fazê-lo. Será que ele tem, tipo, um tipo especial de joia?

—Não. — Ela franziu o cenho, lembrando-se o esforço de usar a tesoura de cozinha para cortar além do antigo broche com a sua dispersão de diamantes em pedaços. —Cada um deles tinha alguns minúsculos diamantes, mas Roger passou antes com um único diamante solitário. Ele disse que era como das outras vezes que conhecemos; ela explodiu ou vaporizado ou algo, apenas uma mancha de fuligem em seu bolso.

—Mmm. — Joe tomou um gole de vinho e segurou-a, pensativo em sua boca por um momento antes de engolir. —Hipótese um, então: número é mais importante do que tamanho, ou seja, você pode ir mais longe se você tiver mais pedras em seu bolso.

Ela olhou para ele por um momento, um tanto surpresa.

—Eu não pensei nisso— disse lentamente. —A primeira vez que ele tentou fazer, embora... Ele tinha o medalhão de sua mãe; que tinha pedras nele. Definitivamente pedras, plural. Mas ele não passou, ele foi jogado para trás, pegando fogo. —Ela estremeceu brevemente, a súbita visão de Mandy jogada no chão, queimando... Ela engoliu em seco vinho e tossiu. — Só não sabemos se ele poderia ter ido mais longe se ele *tivesse*.

—É apenas um pensamento— disse Joe no mínimo, observando-a. — Agora Roger... mencionou Jeremiah aqui, e parece que significa que há alguém além Jemmy que tem esse nome. Você sabe o que ele quer dizer?

—Eu sei. — Um traço de algo entre o medo e a excitação percorreu a volta com pequenos pés gelados, e ela tomou outro gole de vinho e uma respiração profunda antes de contar a ele sobre Jerry MacKenzie. As circunstâncias de seu desaparecimento e que sua mãe disse a Roger.

—*Ela* achava que ele era muito provavelmente um viajante acidental. Aquele que não pode voltar. —Ela tomou outro gole.

—Esse é o meu outro vovô?— perguntou Jemmy. Seu rosto corou um pouco com a ideia e ele se sentou a frente, com as mãos agarradas entre

suas coxas. —Se vamos para onde o pai está, vamos conhecê-lo, também?

—Eu não posso sequer pensar sobre isso— ela disse a ele honestamente, embora a sugestão fez suas entranhas enrolar. Entre os milhões de contingências alarmante da situação atual, a possibilidade de conhecer o falecido sogro face a face era de cerca de 999.999<sup>a</sup> na lista de coisas para se preocupar, mas, aparentemente, *estava* na lista.

—Mas o que quero dizer sobre Roger procurando Jeremiah— perguntou Joe, agarrando-se teimosamente ao ponto.

—Achamos que é assim que você orienta... — disse Brianna. —Foca seus pensamentos sobre uma pessoa em particular que está no tempo que você quer ir. Não sabemos ao certo, no entanto, —ela acrescentou, e abafou um pequeno arrotto. —Cada vez que Mamãe fez, era sempre 202 anos. E foi quando mamãe voltou pela primeira vez, embora venha pensando sobre isso — acrescentou ela, franzindo a testa— ela pensou que poderia ter sido por causa de Black Jack Randall o ancestral de papai estar lá. Ele foi a primeira pessoa que ela conheceu quando ela passou através das pedras. Ela disse que ele se parecia muito com papai.

—Uh-huh. — Joe serviu outra metade da garrafa e olhou para ela por um momento, como se hipnotizado pela luz suave avermelhada brilhante em seu copo. —Mas. — Ele parou empacotando seus pensamentos. —Mas outras pessoas foram mais longe. Esta Geillis sua mãe mencionou, e Buck? Será que ele nunca mentiu. Roger e Buck *fizeram* neste momento, com certeza. Por isso é possível; nós só não sabemos como.

—Eu estava esquecendo Geillis— disse Bree lentamente. Ela viu a mulher apenas uma vez, e de forma muito breve. Uma figura alta e esguia, cabelos louros voando no vento de um incêndio assassino, sua sombra projetada em uma das pedras de pé, enorme, alongada.

—Agora que eu acho que, apesar... eu não acredito que ela tinha pedras preciosas, quando ela voltou. Ela pensou que precisasse... er... sacrifício. — Ela olhou para Jem, em seguida, olhou para Joe, baixando as sobrancelhas com um olhar significativo que dizia *Não pergunte*. —E o fogo. E ela nunca mais voltou para o outro lado, embora ela planejasse, com pedras. —E de repente um centavo que ela não sabia era que caia. —Ela disse Mamãe sobre o uso de pedras, não o contrário. Então alguém... alguém *outro* disse a ela.

Joe digeriu isso, por um momento, mas depois balançou a cabeça, dispensando a distração.

—Huh. Ok, Hipótese dois: concentrar seus pensamentos sobre uma pessoa em particular ajuda a ir para onde ela está. Isso faz sentido para você, Jem — ele perguntou, virando-se para Jemmy, que assentiu.

—Claro. Se for alguém que você conhece.

—Ok. então —Joe parou abruptamente, olhando para Jem. —Se é alguém que você *conhece*?

A centopeia gelada veio ondulando pela espinha dorsal de Bree e em seu cabelo, fazendo com que o seu contrato couro cabeludo.

—Jem— Sua voz soava estranho aos seus ouvidos, sem fôlego rouco. —Mandy diz que ela pode ouvi-lo em sua cabeça. Você consegue Ouvir... *seu* —Ela engoliu em seco, duro, e sua voz foi mais claro. —Você pode ouvir papai dessa maneira?

As pequenas sobrancelhas vermelhas se juntaram em uma expressão intrigada.

—Claro. Não posso?

As linhas profundas entre as sobrancelhas de Tio Joe não pareciam sumir desde a noite anterior, Jem viu. Ele ainda parecia amigável; ele acenou para Jem e empurrou uma xícara de chocolate quente por cima do balcão para ele, mas seus olhos continuavam voltando para Mamãe, e cada vez que eles faziam, a linha ficava mais profunda.

Mamãe passava manteiga a mais no de Mandy. Jem achava que ela não estava tão preocupada quanto ela esteve, e sentia-se um pouco melhor. Ele dormiu a noite toda, pela primeira vez em muito tempo, e ele pensou que talvez Mamãe tivesse, também. Não importa o quanto ele estava cansado, ele geralmente acordava a cada duas horas, ouvindo barulhos fora, em seguida, ouvia mais duro para ter certeza de Mandy e Mamãe ainda estavam respirando. Ele tinha pesadelos onde elas não estavam.

—Então, Jem, — Tio Joe disse. Ele pousou o copo de café e apalpando os lábios com um guardanapo de papel das sobras do Halloween; era preto com laranja com lanternas do fantasma branco de Jack sobre ele. —Hum... O quão longe você pode... er... você sabe, quando a sua irmã não está com você?

—Até onde?— Disse Jem, hesitante, e olhou para Mamãe. Nunca ocorreu a ele perguntar.

—Se você entrou na sala de estar, agora, — Tio Joe disse, acenando com a cabeça na porta. —Você poderia dizer que ela estava aqui, mesmo se você não soubesse que ela estaria aqui?

—Sim. Quero dizer, sim, senhor. Eu acho que sim —Ele enfiou o dedo no chocolate quente. Ainda muito quente para beber. —Quando eu estava no túnel, no trem, eu sabia que ela estava... Em algum lugar. Não é como ficção científica ou qualquer coisa, eu quero dizer — acrescentou, tentando explicar. —Não é como raios-X ou phasers[44] ou assim. Eu só... —Ele lutou por uma explicação e, finalmente, levantou a cabeça para Mamãe, que estava olhando para ele com um tipo sério de olhar que o incomodava um pouco. —Quero dizer, se você fechar os olhos, você ainda sabe que Mamãe estará aqui, não é? É como aquilo.

Mamãe e tio Joe se entreolharam.

—Que mais?— Mandy deu a torrada roída pela metade com manteiga para ele. Ele pegou e deu uma mordida; era bom, pão branco macio, não o tipo marrom caseiro Mamãe fazia, com pedaços arenosos no mesmo.

—Se ele podia me ouvir e me sentir no túnel, enquanto eu estava em casa, ele pode fazê-lo por um bom caminho longo— disse Mamãe. —Mas eu não sei ao certo de que *qual* casa, então, eu estava dirigindo por todos os lugares, procurando Jem. E Mandy podia senti-lo enquanto estávamos no carro naquela noite. Mas —agora *suas* sobranceiras ficaram juntas. Ele não gostava de ver uma linha lá. —Ela estava me dizendo que ela estava ficando mais fria, quando nos dirigimos em direção a Inverness, mas eu não sei se ela quis dizer que ela não podia ouvi-lo em tudo, ou...

—Eu não acho que eu posso senti-la quando estou na escola— disse Jem, ansioso para ser útil. —Mas eu não tenho certeza, porque eu não penso sobre ela na escola.

—O quanto é a escola longe de sua casa?— perguntou tio Joe. —Você quer um Pop-Tart, princesa?

—Sim!— O rosto amantado de Mandy virou iluminado para cima, mas Jem olhou para Mamãe. Mamãe olhou como se ela quisesse chutar Tio Joe sob o balcão por um segundo, mas então ela olhou para Mandy e seu rosto ficou todo mole.

—Tudo bem— ela disse, e Jem sentiu uma oscilante, tipo animado de sentimento por dentro. Mamãe estava dizendo a Tio Joe o quanto a escola era distante, mas Jem não estava prestando atenção. Eles estavam indo fazer. Eles realmente iam passar!

Porque a única razão de Mamãe deixaria Mandy comer Pop-Tarts sem gritar era porque ela achou que ela nunca conseguiria comer outro.

—Posso comer um, também, Tio Joe— questionou. —Eu gosto dos de mirtilo.

### ***Capítulo 98 - A Muralha***

A Muralha de Adriano parecia muito como Roger se lembrou de uma longa viagem da escola. Uma coisa enorme, de pé de quase quinze metros de altura e oito metros de largura, muralhas de pedra duplas cheias de entulho no meio, indo para longe.

As pessoas não eram muito diferentes, ou, pelo menos em termos de discurso e de subsistência. Eles viviam de bovinos e caprinos, e o dialeto Northumberland, aparentemente, não desenvolvidos muito desde a época de Geoffrey Chaucer. Ficando nas montanhas Roger e Buck fechavam os olhos como fendas com olhares de incompreensão suspeita, e eles estavam em sua maior parte reduzidos a gestos básicos e linguagem de sinais, a fim de obter alimento e ocasionalmente abrigo.

Com um pouco de tentativa e erro, Roger tentou um Inglês médio aproximado para *vir aqui um estranho?* Desde a aparência do lugar e os olhares que ele e Buck estavam recebendo, ele teria dito que a contingência era remota, e assim foi. Três dias de caminhada, e eles viram ainda claramente os mais estranhos dos homens perto dessa muralha.

—Certamente, um homem vestido com uniforme RAF ficaria ainda mais peculiar do que nós?— Disse para Buck.

—Ele— Buck respondeu logicamente, —se ele ainda estiver usando.

Roger grunhiu em desgosto. Ele não pensou na possibilidade de que Jerry pudesse se desfazer de seu uniforme de propósito ou se privado dele por quem se deparar com ele primeiro.

Foi no quarto dia quando a muralha surpreendentemente mudou, já não sendo construída de pedra e entulho, mas empilhada com turfas que eles encontraram um homem vestindo a jaqueta de voo de Jerry MacKenzie.

O homem estava de pé na beira de um campo arado pela metade, olhando melancolicamente para longe, aparentemente sem nada em sua mente salvo seu cabelo. Roger congelou a mão no braço de Buck, obrigando-o a olhar.

—Jesus— Buck sussurrou, agarrando a mão de Roger. —Eu não acredito nisso. É isso aí! Não é? — Perguntou ele, voltando-se para Roger,

sobrancelhas levantadas. —Quero dizer o que você descreveu...

—Sim. É — Roger sentiu a garganta apertar de emoção e medo. Mas só havia uma coisa a ser feito, independentemente, e, soltando a mão de Buck, ele forjou através da grama morta e espalhando a rocha como um agricultor, se era isso o que ele era.

O homem ouviu chegando e virou casualmente, então endureceu ao vê-los, e olhou em volta freneticamente para obter ajuda.

—Eevis— gritou, ou assim pensou Roger. Olhando por cima do ombro, Roger viu as muralhas de pedra de uma casa, evidentemente, embutidas.

—Ponha as mãos para cima— disse Roger a Buck, levantando a sua própria, com a palma para fora, para mostrar sua falta de ameaça. Eles avançaram lentamente, mãos para cima, e o agricultor se manteve firme, apesar de vê-los como se eles pudessem explodir se eles chegassem muito perto.

Roger sorriu para o homem e deu uma cotovelada nas costelas Buck para fazê-lo fazer o mesmo.

— *Bom dia*— ele disse claramente e com cuidado. —Visse um estranho aqui?— Ele apontou para o casaco e depois para a própria jaqueta de voo. Seu coração estava batendo forte; ele queria bater no homem mais e tira-lo de suas costas, mas isso não resolveria.

—*Naow!*— Disse o homem rapidamente, afastando-se, segurando-se nas bordas do casaco. —Vá embora!

—Nós não faremos nenhum dano, *daftie*— disse Buck, tentando conciliar um tom como pôde. Ele deu um tapinha no ar de uma maneira suave. —*Kenst du dee mann?*...

—Que diabo é *isso*? —Roger perguntou, falando com a boca meio cerrada. —Nórdico Antigo?

—Eu não sei, mas eu ouvi um Homem de Órcades dizer uma vez. Significa...

—Eu posso dizer o que significa. Ele parece de Órcades para você?

—Não. Mas se você pode dizer o que significa talvez ele possa, também, sim?

—*Naow!*— O homem repetiu, e berrou: —EEVIS!— Novamente. Ele começou a se afastar deles.

—Espere!— Disse Roger. —Olha. — Ele se atrapalhou rapidamente no bolso e retirou o pequeno pacote de oleado segurando as placas de

identificação de seu pai. Ele puxou-os para fora, balançando na brisa fria. —Está vendo? Onde está o homem que usava esses?

Os olhos do agricultor incharam, e ele se virou e correu desajeitadamente, seus tamancos impedindo-o através dos torrões do campo, gritando: —Eevis! *Hellup!* —E várias outras coisas, coisas menos compreensíveis.

—Não queremos esperar por Eevis para aparecer?— Disse Buck, deslocando inquieto. —Ele não pode ser amigável.

—Sim, nós vamos— disse Roger, com firmeza. O sangue alto em seu peito e rosto e ele flexionou as mãos nervosamente. Fechando. Eles estavam tão perto e ainda... Seu espírito passou de alegria para mergulhar em medo e voltar em segundos. Não escapou a ele que havia uma forte possibilidade de que Jerry Mackenzie estivesse morto por essa jaqueta e uma possibilidade que parecia muito mais provável em vista da fuga precipitada do seu interlocutor.

O homem desapareceu em um quebra-vento das árvores de pequeno porte, além de que alguns galpões eram visíveis. Talvez Eevis fosse um pecuarista ou leiteiro?

Em seguida, o latido começou.

Buck virou-se para olhar para Roger.

—Eevis, você acha?

—Jesus Cristo!

A enorme cabeça larga de um cão marrom com peito largo com uma ampla mandíbula aberta para combinar veio a galope para fora das árvores por eles, seu proprietário na retaguarda com uma pá.

Eles correram para ele, circulando a casa com Eevis em seus calcanhares, a pedido de sangue. O amplo banco verde da muralha apareceu na frente de Roger e ele saltou, tocando os dedos dos pés de suas botas no relvado e arranhando com os dedos, joelhos, cotovelos e provavelmente os dentes, também. Ele atirou-se por cima e saltou para baixo do outro lado, aterrissando com um baque chocalhando os dentes. Ele estava lutando para respirar quando Buck pousou em cima dele.

—Merda— disse seu ancestral brevemente, rolando para fora. —Vamos! — Ele empurrou Roger a seus pés e eles correram, ouvindo o fazendeiro gritando palavrões de cima do muro.

Eles encontraram refúgio no sotavento de um penhasco algumas centenas de metros além do muro e caíram ali ofegantes.

—A Emp... Imperador... sabe o que o sangue... e diabos ele estava prestes... — Roger conseguiu, finalmente.

Buck assentiu, enxugando o suor de seu rosto. —Nenhum... Muito hospitaleiro — ele arquejou. Ele balançou a cabeça e engoliu em seco o ar. —O que... agora?

Roger deu um tapinha no ar, indicando a necessidade de oxigênio antes que pudesse formular ideias, e sentaram em silêncio por um pouco, respirando. Roger tentou ser lógico sobre o assunto, embora picos de adrenalina viessem interferir com seus processos de pensamento.

Um: Jerry Mackenzie estava aqui. Isso era quase certo; era além dos limites da probabilidade de que devia haver *dois* viajantes deslocados vestindo aquelas jaquetas de voo da RAF.

Dois: ele não estava aqui agora. Isso poderia ser deduzido de forma segura? Não, Roger concluiu com relutância, ele não podia. Ele *podia* ter trocado o casaco com o dono do Eevis por comida ou algo assim, nesse caso, ele provavelmente seguiu em frente. Mas se fosse esse o caso, por que o agricultor simplesmente não disse isso, em vez de mandar o cão atrás deles?

E se ele tivesse roubado a jaqueta de Jerry... ou tivesse matado e enterrado em algum lugar próximo, o pensamento fez apertar o estômago de Roger e os cabelos formigarem na mandíbula ou o que ele fosse agredido e despojado, mas talvez tivessem fugido.

Tudo certo. Se Jerry estava aqui, ele estava morto. E se assim fosse, a única maneira de descobrir era subjugar o cão e, em seguida, tirar as informações do proprietário de Eevis. Ele não se sentia bem até esse momento.

—Ele não está aqui— disse Roger, com voz rouca. Sua respiração ainda estava dura, mas regular agora.

Buck deu um olhar rápido, mas depois concordou. Havia um longo traço de verde lamacento por sua bochecha, musgo manchado da muralha que ecoava o verde de seus olhos.

—Sim. Qual será a próxima, então?

O suor estava esfriando no pescoço de Roger; ele limpou distraidamente com o fim do lenço que tinha de alguma forma passou por cima do muro com ele.

—Eu tenho uma ideia. Dada a reação do nosso amigo lá — ele acenou com a cabeça na direção da fazenda, invisível, para além da massa verde da

muralha— Eu estou pensando em perguntar para um estranho possa não ser a coisa mais sábia. Mas o porquê das pedras?

Buck piscou na incompreensão.

—Pedras?

—Sim. Pedras eretas. Jerry fez a viagem, nós sabemos disso. Quais as chances de que ele veio através de um círculo? E se assim for... Ele provavelmente não está distante. E essa gente não estaria ameaçada, penso eu, por dois idiotas perguntando depois pelas pedras. Se encontrarmos o lugar que ele provavelmente passou, então podemos começar de lá e perguntar nos locais mais próximos às pedras. Cautelosamente.

Buck bateu os dedos no joelho, considerando, em seguida, assentiu.

—Uma pedra de pé não morderá nossas bundas e nossas calças. Tudo bem, então; vamos.

## ***Capítulo 99 - Radar***

*Boston 09 de dezembro de 1980*

Jem estava nervoso. Mamãe e Tio Joe estavam ambos tentando agir como se tudo estivesse bem, mas mesmo Mandy poderia dizer que algo estava acontecendo; ela estava se mexendo no banco de trás do Cadillac de tio Joe como se tivesse formigas em suas calças, puxando para cima a camisola abotoada por cima da cabeça para que seus cachos negros afofassem fora da gola como algo fervendo.

—Sente-se *agora*— Ele murmurou para ela, mas ele não esperava que ela fizesse.

Tio Joe estava dirigindo, e Mamãe tinha um mapa aberto no colo. —O que você está fazendo, Mandy?— Disse Mamãe distraidamente. Ela estava fazendo marcas no mapa com um lápis.

Mandy soltou o cinto de segurança e ficou sobre os joelhos. Ela puxou os braços para fora do suéter, fracassando de volta, e agora só o rosto estava cutucando fora da gola.

—Eu só um povo— ela disse, e sacudiu assim os braços da camisola dançando. Jem riu, apesar de si mesmo. Assim fez Mamãe, mas ela acenou Mandy volta para baixo.

—Polvo— disse. —E coloque o cinto de segurança de volta agora. *Polvo* significa oito em latim — acrescentou. —Os polvos têm oito pernas. Ou

braços, talvez.

—Você só tem quatro— disse Jem para Mandy. —Isso faz dela uma tetrapus, Mamãe?

—Talvez. —, mas Mamãe voltou a seu mapa. —Essa rua o que você acha?— Disse a tio Joe. —É um pouco mais de quatrocentos metros ao longo do eixo mais longo. E nós poderíamos descer no Jardim Público, se...

—Sim, boa ideia. Eu vou deixar você e Jem fora na Park Street, em seguida, dirigir ao longo de Farol para o final da rua e voltar.

Estava frio e nublado, com apenas alguns flocos de neve no ar. Lembrou-se do Parque de Boston e era uma espécie de prazer em ver novamente, mesmo com as árvores sem folhas e grama marrom morta. Ainda havia pessoas lá; sempre havia e seus chapéus e cachecóis de inverno pareciam felizes, todos de cores diferentes.

O carro parou em Park Street, em frente aos carros de turistas que paravam a cada vinte minutos. Papai teve um uma vez de cor de laranja, com as laterais abertas. Era verão então.

—Você tem suas luvas, querida?— Mamãe já estava na calçada, olhando através da janela. —Você fica com o tio Joe, Mandy, apenas por alguns minutos.

Jem saiu e ficou com Mamãe na calçada, colocando suas luvas enquanto assistia o Cadillac cinza se afastar.

—Feche os olhos, Jem, — Mamãe disse baixinho, e pegou sua mão, apertando-a. —Diga-me se você pode sentir Mandy na sua cabeça.

—Claro. Quero dizer, sim. Ela está lá. —Ele não pensou Mandy como uma pequena luz vermelha antes do negócio no túnel com o trem, mas agora ele fez. Assim era mais fácil concentrar-se nela.

—Isso é bom. Pode abrir os olhos, se você quiser — disse Mamãe. — Mas continue pensando em Mandy. Diga-me se ela fica muito longe para você sentir.

Ele podia sentir Mandy todo o caminho, até que o Cadillac parou ao lado deles novamente, embora ela estivesse ficando um pouco mais fraco, então mais forte novamente.

Eles fizeram isso de novo, com tio Joe e Mandy indo todo o caminho até Arlington Street, do outro lado do Jardim Público. Ele ainda podia fazê-lo e foi ficando meio frio e entediado, ali de pé na rua.

—Ela pode ouvi-lo bem— relatou tio Joe, rolando para baixo de sua janela. —E quanto a você, campeão? Você ouve sua irmã bem?

—Sim— disse pacientemente. —Quero dizer, eu posso dizer onde ela está mais ou menos. Ela não fala na minha cabeça ou qualquer coisa assim. —Ele estava feliz que ela não fizesse. Ele não gostaria de Mandy tagarelando em sua cabeça o tempo todo, e ele não queria que ela ouvisse seus pensamentos, também. Ele franziu o cenho para ela; ele realmente não pensou *nisso* antes.

—Você não pode ouvir o que eu estou pensando, não é?— Ele exigiu, empurrando o rosto na janela aberta. Mandy estava andando na frente agora e olhou para ele, surpresa. Ela estava chupando o dedo, ele viu; ele estava todo molhado.

—Não— ela disse com certa incerteza. Ele podia ver que ela estava meio que assustada com isso. Então era ele, mas ele achou que não iria deixá-la ou Mamãe saber disso. —Isso é bom— disse, e deu um tapinha em sua cabeça. Ela odiava receber um tapinha na cabeça e bateu nela com um grunhido feroz. Ele andou de volta fora do alcance e sorriu para ela.

—Se tivermos que fazer isso de novo— disse à sua mãe, —talvez Mandy possa ficar com você, e eu vou com o tio Joe?

Mamãe olhou incerta para ele, depois para Mandy, mas parecia ter o que ele estava realmente dizendo e balançou a cabeça, abrindo a porta para Mandy a saltador para fora, aliviada.

Tio Joe cantarolava baixinho para si mesmo, e se virou, dando certo, e se dirigiu para baixo após o grande teatro e a construção dos maçons. Jem podia ver as juntas de Tio Jo através de sua pele, no entanto onde ele estava segurando o volante.

—Está nervoso, campeão?— Tio Joe perguntou, quando passaram a Lagoas dos Sapos. Ele parecia perdido no inverno; meio triste.

—Uh-huh— Jem engoliu. —E você?

Tio Joe olhou para ele, parecendo assustado, depois sorriu quando ele se virou para trás para manter seus olhos na estrada.

—Sim— ele disse suavemente. —Mas eu acho que vai ficar tudo bem. Você vai cuidar bem de sua mãe e Mandy, e você vai encontrar o seu pai. Vocês vão ficar juntos de novo.

—Sim— disse Jem, e engoliu em seco novamente.

Seguiram em silêncio por um pouco, e a neve fez pequenos ruídos arranhados no para-brisa, como o sal a ser abalada no vidro.

—Mamãe e Mandy vão estar muito frias— Jem se aventurou.

—Sim, vão estar e essa é nossa última tentativa hoje, — Tio Joe assegurou. —Ainda sente? Mandy?

Ele não estava prestando atenção; ele estava pensando sobre os círculos de pedra. E a coisa no túnel. E papai. Seu estômago doía.

—Não— disse sem expressão. —Não! Eu não posso senti-la! —A ideia de repente entrou em pânico, e ele endureceu em seu assento, empurrando para trás com os pés. —Dirija de volta!

—Logo, amigo, — Tio Joe disse, e fez um direito e voltou no meio da rua. —Gloucester Street. Você consegue se lembrar do nome? Precisamos dizer a sua mãe, para que ela possa trabalhar à distância.

—Uh-huh— disse Jem, mas ele não estava realmente ouvindo tio Joe. Ele estava tentando duro sentir Mandy. Ele nunca pensou sobre isso antes, nunca prestou atenção se ele podia senti-la ou não. Mas agora era importante, e ele cerrou os punhos para cima e empurrou um em seu meio, de acordo com suas costelas, onde a dor estava.

Então, lá estava ela, como se ela sempre estivesse estado ali, como uma de suas unhas ou algo assim, e ele soltou o fôlego em um suspiro que fez Tio Joe olhar fixamente para ele.

—Você a tem de novo?

Jem assentiu, sentindo alívio inexprimível. Tio Joe suspirou e seus grandes ombros relaxaram, também.

—Bom— disse. —Não deixe ir.

Brianna pegou Esmeralda a boneca de pano do chão do quarto dos Abernathys e colocou-a cuidadosamente no lado de Mandy. *Seis quilômetros e meio*. Eles passaram a manhã rodando por Boston em círculos, e agora eles sabiam mais ou menos o quanto o radar mútuo das crianças tinham. Jem podia sentir Mandy em um pouco mais de um quilômetro, mas ela podia senti-lo em quase quatro. Jem podia sentir Brianna, também, mas só vagamente e só por uma curta distância; Mandy podia sentir sua mãe quase tanto quanto ela poderia detectar Jem.

Ela deveria escrever isso no guia, ela pensou, mas ela passou à tarde em arranjos frenéticos, e agora o esforço de encontrar um lápis parecia como procurar a fonte do Nilo ou escalar Kilimanjaro. *Amanhã*.

O pensamento de amanhã sacudiu fora de seu torpor exausto com um zap de adrenalina. Amanhã, ele iria começar.

Eles conversaram depois que as crianças foram para a cama. Ela e Joe, com Gail ouvindo no canto, o branco de seus olhos mostrando de vez em

quando, mas não dizendo uma palavra.

—Tem que ser na Escócia— ela explicou. —É Dezembro; os navios não podem navegar até a primavera. Se nós cruzamos na Carolina do Norte, não poderíamos viajar das colônias antes de Abril e não iria chegar à Escócia antes do verão. E deixando de lado o fato de que eu sei como é viajar pelo oceano no século XVIII, e como eu não faria isso com as crianças, a menos que a alternativa estivesse sendo outra... Eu não posso esperar tanto tempo.

Ela tomou um gole de vinho e engoliu em seco, mas o nó na garganta não desceu mais do que ele a última meia dúzia de andorinhas. *Qualquer coisa pode acontecer com ele em seis meses. Tudo.* —eu tenho que encontrá-lo.

Os Abernathys entreolharam, e a mão de Gail tocou Joe suavemente sobre o joelho.

—Claro que sim— disse. —Você tem certeza sobre a Escócia, embora? E as pessoas que tentaram pegar Jem de você? Eles não vão ficar esperando, se você voltar?

Bree riu e a voz trêmula, como uma risada.

—Outro motivo para ir de imediato— disse. —No século XVIII, eu posso parar de olhar por cima do meu ombro.

—Você não viu ninguém, — Joe começou, franzindo a testa, mas ela balançou a cabeça.

—Não, na Califórnia. E aqui não. Mas eu continuo olhando. —Ela tomou algumas outras precauções, também, coisas que ela lembrou brevemente e discretamente do livro de memórias de suas experiências na Segunda Guerra Mundial de seu pai, mas não havia necessidade de ir para isso.

—E você tem alguma ideia de como manter as crianças a salvo na Escócia?— Gail estava empoleirada inquieta à beira do seu assento, como se querendo brotar e ir ver as crianças. Brianna conhecia esse sentimento.

Ela suspirou e afastou uma mexa de cabelo para fora do olho.

—Há duas pessoas, bem, três lá que eu acho que eu posso confiar.

—Você acha— Joe repetiu, parecendo cético.

—As únicas pessoas que eu *sei* que Posso confiar estão aqui — disse simplesmente, e levantou a taça de vinho que para eles. Joe olhou para o lado e limpou a garganta. Então ele olhou para Gail, que acenou para ele.

—Nós vamos com você— ele disse com firmeza, voltando-se para Bree. —Gail pode cuidar das crianças, e posso garantir que ninguém incomode

você até que você esteja pronta para ir.

Ela mordeu o lábio para conter as lágrimas subindo.

—Não— ela disse, em seguida, limpou a própria garganta dura, para matar o tremor em sua voz tanto pela visão dos dois médicos. Abernathy passeando pelas ruas de Inverness como por gratidão. Não era que não havia negros nas Highlands da Escócia, mas eles não eram suficientemente frequente e causariam um aviso prévio.

—Não— ela repetiu, e respirou fundo. —Nós vamos para Edimburgo para começar; eu posso conseguir as coisas que precisamos lá, sem chamar a atenção. Nós não vamos subir para as Terras Altas até que tudo esteja pronto e eu só vou entrar em contato com meus amigos lá no último minuto. Não haverá tempo para qualquer outra pessoa perceber que estamos lá, antes de nós, antes de irmos... passarmos.

Aquela palavra, *passar*, atingiu como um golpe no peito, carregada como era com a memória do vazio uivando que ficava entre agora e depois. Entre ela e as crianças e Roger.

Os Abernathys não desistiram facilmente ou completamente; ela tinha certeza de que haveria uma tentativa no café, mas tinha fé em sua própria teimosia e, implorando exaustão, escapou de suas preocupações, a fim de ficar a sós com ela própria.

Ela *estava* esgotada. Mas a cama que ela compartilhava com Mandy não atraía. Ela precisava apenas ficar sozinha um pouco, para descomprimir antes de dormir. Ela podia ouvir barulhos no andar de baixo de alguém indo para cama; tirando seus sapatos, ela caminhou silenciosamente até o primeiro andar, onde a luz foi deixada na cozinha e outro no final do corredor do salão, onde Jem foi colocado na cama no sofá grande.

Ela virou-se para ir vê-lo, mas sua atenção foi desviada por um metálico familiarizado *pedaço!* A cozinha tinha uma porta com portinhola, deslizando metade do outro lado. Ela se aproximou e olhou através da abertura, para descobrir Jem de pé sobre uma cadeira ao lado do balcão, chegando a puxar um Pop-Tart fora da torradeira.

Ele olhou para cima, com os olhos arregalados ao som de seus passos, colocando a massa quente para um segundo tempo, e ele caiu quando queimou os dedos.

—*Ifrinn!*

—Não diga isso— ela disse a ele, vindo a recuperar a torta caída. —Estamos prestes a ir onde as pessoas entendem. Aqui, você quer um pouco

de leite com isso?

Ele hesitou por um instante, surpreso, em seguida, pulou como um towhee[45], os dois pés juntos, e aterrissou com um baque luz no chão de azulejos. —Eu quero. Quer um pouco também? —De repente, nada na terra soava melhor do que uma blueberry quente no Pop-Tart derretendo o glacê branco e um copo de leite frio. Ela assentiu com a cabeça e quebrou a torta quente em dois, colocando cada metade em uma toalha de papel.

—Não consegui dormir— ela disse finalmente, depois de terem comido o seu lanche em silêncio sociável. Ele balançou a cabeça, cabelo vermelho levantando em picos de porco-espinho.

—Quer que eu leia uma história?— Ela não sabia o que a fez dizer isto; ele era velho demais para ela ler, embora ele estivesse sempre em algum lugar por perto quando ela lia para Mandy. Ele deu um olhar invejoso, mas depois, surpreendentemente, concordou e correu até o terceiro andar, voltando com a nova cópia do *Berçário animal de Tales* na mão.

Ele não queria deitar imediatamente, mas sentou-se muito perto dela no sofá enquanto ela lia, com o braço em volta dos ombros e seu crescente peso quente e pesado contra seu lado como sua respiração desacelerando.

—Meu pai costumava ler para mim se eu acordava e não conseguia voltar a dormir— disse em voz baixa, virando a última página. — Vovô Frank quero dizer. Era muito parecido com isso; tudo tranquilo. —E acolhedor e desossado, a sós em uma poça de luz amarela quente, com a noite longe.

Ela se sentiu sonolento aumentando o interesse de Jem.

—Ele era como Vovô? Vovô Frank? —Ela disse às crianças pequenas coisas sobre Frank Randall, não querendo que ele fosse esquecido, mas ela sabia que ele nunca seria muito mais do que um leve fantasma ao lado do calor intenso de seu avô, o outro avô que eles podiam ter de volta. Ela sentiu um pequeno rasgo súbito no seu coração, um segundo vivo de entendimento para sua mãe.

*Oh, mamãe...*

—Ele era diferente— ela disse baixinho, com a boca escovando seu cabelo brilhante. —Ele era um soldado, porém, eles tinham isso em comum. E ele era um escritor, um estudioso. Todos eles eram, iguais, porém: eles todos cuidaram das pessoas. É o que faz um bom homem.

—Oh— Podia senti-lo adormecer, lutando para manter um controle sobre a consciência, os sonhos começando a andar através de seus

pensamentos de vigília. Ela o colocou dentro do ninho de cobertores e cobriu, alisando o topete na crista de sua cabeça.

—Podemos vê-lo?— Disse Jem, de repente, sua voz sonolenta e macia.

—Papai? Sim, nós vamos vê-lo — ela prometeu, fazendo sua própria voz sólida com confiança.

—Não, *seu pai*... — disse, com os olhos meio abertos, vidrados com o sono. —Se passar pelas pedras, pudemos ver vovô Frank?

Sua boca se abriu, mas ela ainda não encontrou uma resposta quando o ouviu começar a roncar.

### ***Capítulo 100 - São Seus Aqueles animais?***

Embora seja inegavelmente verdade que pedras de pé não mordem, Roger pensou que isso não significava que elas não eram perigosas.

Ele levou apenas um dia e meio para encontrar o círculo de pedra. Ele fez um esboço rápido de pedras de pé na parte de trás de sua mão com um pouco de carvão, para auxiliar a comunicação, e funcionou surpreendentemente bem. Enquanto as pessoas dispersas que encontrava e viu com imensa curiosidade e não com poucos olhares particulares acompanhados pelos movimentos de girar do dedo indicador ao lado da cabeça, ninguém achou os visitantes mais do que estranhos, e todo mundo sabia que pedras eram.

Elas estavam em uma pequena aldeia, uma igreja na verdade, uma casa pública, uma ferraria, e várias casas, onde a última casa que abordaram sequer enviou um de seus filhos mais jovens junto para orientar Buck e Roger a sua meta.

E lá estavam elas agora: a dispersão de líquens, pilares atarracadas, marcado pelo vento ao lado de um lago raso repleto de juncos. Parte eterna, inocente, da paisagem e ao vê-las cheias e Roger ficou com medo que tremesse friamente sobre sua pele quando ele ficasse ali nu ao vento.

—Você pode ouvi-las?— Buck murmurou sob sua respiração, seus olhos fixos nas pedras.

—Não— Roger murmurou de volta. —Você pode?

—Eu espero que não. —, mas Buck estremeceu de repente, como se algo tivesse atravessado sua sepultura.

—Aqueles são seus animais?— perguntou o menino, sorrindo para Roger. Ele apontou para as pedras, explicando e Roger pensou na lenda local das pedras que eram de fato gados do país das fadas congelados no lugar quando o tropeiro bebia muito e caía no lago.

—Acalme— o menino assegurou solenemente, fazendo uma cruz sobre o coração. —Mestre Hacffurthe encontrou esse chicote!

—Quando?— Perguntou Buck bruscamente. —E onde vive Mestre Hacffurthe?

Há uma semana, talvez duas, disse o garoto, acenando com a mão para indicar que o tempo não era importante. E ele iria levá-los a Mestre Hacffurthe, se eles gostassem de ver a coisa.

Apesar do nome, Mestre Hacffurthe provou ser um pequeno jovem, de cabelos claros, o sapateiro da aldeia. Ele falava o mesmo dialeto Northumbrian impenetrável, mas com algum esforço e a intervenção útil do nome do garoto de quem, segundo ele, era Ridley seu desejo ficou claro, e Hacffurthe gentilmente pegou o chicote de fada debaixo de seu balcão, colocando-o cautelosamente diante deles.

—Oh, Senhor— disse Roger ao vê-lo e, com uma sobrancelha levantada para Hacffurthe para pedir permissão, tocou a fita com cuidado. A tira apertava deformando o tecido à máquina de cerca de três centímetros de largura e dois metros de comprimento, a sua superfície tensa brilhando mesmo na penumbra da gráfica do sapateiro. Parte do feixe de um panfleto da RAF. Eles foram às pedras certas, então.

Questionando cuidadosamente o Sr. Hacffurthe, no entanto, provocou não ser nada útil. Ele encontrou o chicote de fada colocado na parte rasa do lago, lavando a frente e para trás entre os juncos, mas viu nada digno de nota.

Roger notou, porém, que Ridley contraiu ligeiramente quando o Sr. Hacffurthe disse isso. E depois de terem deixado a casa do sapateiro, ele parou na beira da vila, a mão no bolso.

—Agradeço a você, Mestre Ridley, — ele disse, e tirou um pedaço ordinário amplo que fez o rosto do rapaz iluminar. Roger colocou na mão de Ridley, mas, quando o menino teria se virado para ir, colocou sua própria mão no braço do rapaz.

—Só mais uma coisa, Mestre Ridley, — ele disse, e, com um olhar para Buck, tirou as placas de identidade.

Ridley empurrou na mão de Roger, seu rosto redondo parecendo pálido. Buck fez um pequeno som de satisfação e levou Ridley por seu outro braço.

—Conte-nos sobre o homem— Buck sugeriu agradavelmente. —E eu poderia não quebrar seu pescoço.

Roger e Buck deram um olhar de aborrecimento, mas a ameaça foi eficaz. Ridley engoliu em seco como se tivesse engolido um cogumelo todo, mas, em seguida, começou a falar. Entre dialeto de Ridley e sua angústia, o conto levou algum tempo para terminar, mas Roger tinha quase certeza de que eles tinham a essência toda.

—Deixe-o ir— disse, soltou Ridley. Ele tateou no bolso e saiu com um centavo de cobre, que ele ofereceu para o menino. O rosto de Ridley flexionou entre o medo e a indignação, mas depois de um momento de hesitação, ele pegou o dinheiro e fugiu, olhando por cima do ombro enquanto corria.

—Ele vai dizer a sua família— Buck observou. —Nós tínhamos a melhor pressa.

—Tivemos. Mas nem por isso está ficando escuro. —O sol estava muito baixo, uma banda brilhante de luz amarela que mostra ao pé de um céu ocre frio. —Venha. Precisamos tomar a direção enquanto podemos.

Até onde Roger foi capaz de acompanhar a história de Ridley, o homem estranhamente vestido (alguns disseram que ele era um fada, alguns pensaram um nortista, embora não houvesse confusão sobre se isso significava um escocês, um escandinavo, ou outra coisa) teve a má sorte de aparecer em uma fazenda a dois ou três quilômetros das pedras, onde ele foi atacado por habitantes, sendo estes um clã antissocial chamado Wad.

Os Wads tomaram tudo de valor aparentemente do homem, bateram, e jogou em um barranco, um dos Wads se gabou de que mencionou a um tropeiro de passagem o estranho na aldeia.

A vila tinha claro, se interessado, mas não o suficiente, de modo a ir à procura do homem. Quando Hacffurthe o sapateiro encontrou a tira de pano peculiar, porém, rumores começaram a voar longe e rápido. Excitação alcançou um tom mais alto desta tarde, quando um dos vaqueiros do Mestre Quarton chegou à aldeia fervendo lancetado pela avó Racket e se revelou a um estranho com o discurso incompreensível tentando roubar uma torta do peitoril da patroa Quarton e foi mesmo agora mantido em cativo enquanto Mestre Quarton pensava o que era melhor para fazer com ele.

—O que ele *poderia* fazer? —Roger perguntou. Ridley expulsou os seus lábios ponderando e balançou a cabeça.

—Poderia matar *un*, —disse. —Pode cortar sua *mão fora*. Mestre Quarton não é certo com o roubo.

E que, além de uma direção vaga sobre a localização da fazenda dos Quarton era isso.

—Este lado do muro, duas milhas a oeste e um pouco ao sul, abaixo de um cume e ao longo do córrego— disse Roger severamente, alongando seu passo. —Se pudermos encontrar o fluxo antes do anoitecer completo...

—Sim— Buck caiu ao lado dele, pois virou para onde deixaram os cavalos. —Se supormos que Quarton mantém um cachorro?

—Todo mundo aqui mantém um cão.

—Oh, Deus.

### ***Capítulo 101 - Apenas mais uma Chance***

Não havia lua. Inegavelmente uma coisa boa, mas tinha suas desvantagens. A fazenda e seus anexos estavam em um bolso da escuridão tão profundo que não podia saber que estava ali, não vendo isso antes que a luz fosse muito desaparecida. Eles esperaram, no entanto, para a completa escuridão e a enchando a luz de vela fraca dentro da casa, e, em seguida, uma meia hora extra ou de modo a assegurar que os habitantes e seus cães, estavam dormindo.

Roger estava carregando a lanterna escura, mas com o slide ainda fechado; Buck correu em algo no chão, soltando um grito assustado, e caiu de cabeça sobre ele. Algo provou ser um grande ganso dormindo, que soltou um assustado *whonk!* Um pouco mais alto do que o grito de Buck, e prontamente começou a ele com bico e asas se debatendo. Houve um forte barulho de casca à distância.

—Silêncio!— Roger vaiou, vindo em socorro de seu antepassado. — Você acorda os mortos assim, e eles na casa. — Ele deixou cair sua capa sobre o ganso, que calou a boca e andou bamboleante em torno da confusão, uma pilha móvel de pano escuro. Roger colocou a mão à boca, mas não pôde deixar de cheirar pelo nariz.

—Sim, certo, — Buck sussurrou, levantando-se. — acho que estou dando sua capa de volta para você, pense novamente.

—Ele vai sair em breve, — Roger sussurrou de volta. — tem a necessidade disso. Enquanto isso, onde diabo você acha que eles o colocaram?

—Em algum lugar que tenha uma porta que possa fugir. — Buck esfregou as mãos, escovando a sujeira. —Eles não iriam mantê-lo em casa, no entanto, não é? Ele não é assim tão grande.

Não era. Poderia correr cerca de dezesseis fazendas do tamanho de Lallybroch, Roger pensou, e sentiu uma pontada súbita, pensando em Lallybroch quando ele próprio cuidava dela.

Buck estava certo, porém: não poderia haver mais de dois quartos e um loft, talvez, para as crianças. E dado que os vizinhos pensando que Jerry era Jerry um estrangeiro na melhor das hipóteses, um ladrão e/ou um ser sobrenatural na pior das hipóteses, não era provável que os Quartos estariam mantendo em casa.

—Será que consegue ver o celeiro, antes que a luz se vá?— Buck sussurrou, mudando para gaélico. Ele subiu na ponta dos pés, como se isso pudesse ajudá-lo a ver acima da maré da escuridão, e estava olhando para a escuridão. Preto adaptou como se os olhos de Roger pudessem ver e poderia pelo menos distinguir as formas dos pequenos edifícios agrícolas. Paiol de Milho, galpão de cabra, galinheiro, a forma de uma meda de feno desgrenhada...

—Não— respondeu Roger na mesma língua. O ganso se livrou e foi fazer descontentes pequenos barulhos; Roger se inclinou e pegou sua capa. —Lugar pequeno; eles provavelmente não tinham mais do que um boi ou uma mula para a lavoura, se tanto. Sentiu o cheiro das ações, embora... Estrume será?

—Vacas— disse Buck, em direção abruptamente a uma estrutura de pedra construída quadrada. —O estábulo das vacas. Isso vai ter uma barra na porta.

Ela tinha. E a barra estava em seu suporte.

—Eu não ouvi qualquer vaca — Buck sussurrou, aproximando. —E o cheiro do velho.

Era quase no inverno. Talvez eles tivessem de abater a vaca ou as vacas; talvez eles levassem ao mercado. Mas, vaca ou não, havia *algo* dentro; ele ouviu um barulho e arrulhar o que poderia ter sido uma maldição abafado.

—Sim, bem, há algo dentro. — Roger levantou a lanterna escura, às apalpadelas para o feixe. —Você vai levantar a barra?

Mas antes de Buck pudesse chegar à barra, um grito de *Ola* veio de dentro, e algo caiu pesadamente contra a porta. —Socorro! Ajude-me! Socorro!

A voz falava Inglês, e Buck mudou de volta ao mesmo tempo. — Porventura, pelo amor de Deus abafe seu barulho?— Ele disse ao homem dentro, irritado. —Você quer tê-los todos aqui? Aqui, então, traga mais próximo a luz — disse a Roger, e levantou a barra com um pequeno gemido de esforço.

A porta se abriu quando Buck colocou a barra, e veio um tiro de luz abrindo com a lanterna. Um rapaz franzino com esvoaçante cabelo justo *da mesma cor que Buck*, Roger pensou piscando para eles, deslumbrado pela luz, então fechou os olhos contra ela.

Roger e Buck se entreolharam por um instante, então, com um acordo, entraram no estábulo.

É Roger pensou. *É ele. Eu sei que é ele. Deus, ele é tão jovem! Pouco mais de um menino.* Estranhamente, ele não sentiu nenhuma explosão de vertiginosa excitação. Era um sentimento de certeza calma, como se o mundo tivesse de repente se endireitado e tudo caísse no lugar. Ele estendeu a mão e tocou o homem suavemente no ombro.

—Qual o seu nome, homem?— Disse em voz baixa, em Inglês.

—MacKenzie, JW— o jovem disse, endireitando os ombros quando ele levantou queixo pontudo saliente. —Tenente da Royal Air Force. Serviço Número... —Ele parou, olhando para Roger, que tardiamente percebeu que, calma ou não, ele estava sorrindo de orelha a orelha. —O que é engraçado? — Jerry MacKenzie exigiu beligerante.

—Nada— Roger assegurou. —Er... Feliz de vê-lo, isso é tudo. —Sua garganta estava apertada, e ele teve que tossir. —Porventura aqui há algum tempo?

—Não, apenas algumas horas. Você não teria qualquer alimento com você, eu suponho? —Ele olhou esperançosamente de um homem para o outro.

—Nós temos— disse Buck, —, mas esse não é o momento de parar para um lanche, sim?— Ele olhou por cima de seu ombro. —Vamos embora.

—Sim. Sim, vamos. —Mas Roger falando automaticamente, incapaz de parar de olhar para JW MacKenzie, RAF, com idade de vinte e dois.

—Quem são vocês? — perguntou Jerry, olhando para trás. —Dê aonde você veio? Deus sabe que você não é daqui!

Roger trocou um olhar rápido com Buck. Eles não planejaram o que dizer; Roger não estava disposto a dar azar a companhia por pensar que eles realmente encontraram Jerry Mackenzie, e quanto a Buck...

—Inverness— disse Buck abruptamente. Ele soava rouco.

Os olhos de Jerry balançaram de frente para trás entre eles, e ele pegou a manga de Roger.

—Vocês sabem o que quero dizer— ele disse, e engoliu em seco o ar, preparando-se. —Quando?

Roger tocou a mão de Jerry, fria e suja, os dedos longos com o seu. A pergunta pegou na garganta e engrossou a voz para falar.

—Um longo caminho— disse Buck em silêncio e, pela primeira vez, Roger pegou uma nota de desolada em sua voz. —A partir de agora. Perdidos.

Isso feriu o coração. Ele realmente esqueceu a sua situação por um pouco, impulsionado pela urgência de encontrar este homem. Mas a resposta de Buck fez o rosto de Jerry, já tenso com a fome e a tensão, ficar branco sob a terra.

—Jesus— Jerry sussurrou. —Onde estamos agora? E... quando?

Buck ficou tenso. Não por Jerry, mas por um barulho do lado de fora. Roger não sabia o que fez, mas não era o vento. Buck fez um barulho urgente baixo em sua garganta, deslocando.

—Eu acho que vem da Northumbria agora— disse Roger. —Olha, não há tempo. Temos de ir, antes que alguém ouça...

—Sim, certo. Vamos, então, —Jerry tinha um lenço de seda no pescoço imundo; ele puxou as pontas retas e empurrou em sua camisa.

A parte externa do ar era maravilhosa após os cheiros da bosta de vaca fresca que virava na terra e urze morta. Eles fizeram o seu caminho o mais rápido que podiam pelo quintal, contornando a casa da fazenda. Jerry estava coxo, ele viu, mancando muito, e Roger pegou seu braço para ajudar. A voz estridente veio à escuridão, a alguma distância, em seguida, outro, em um tom mais profundo.

Roger apressadamente lambeu o dedo e ergueu para medir a direção do vento. Um cachorro latiu outra vez, e outro ecoou.

—Dessa forma— ele sussurrou para seus companheiros, puxando o braço de Jerry. Ele os levou para longe da casa o mais rápido possível, tentando manter seus pés, e eles encontraram-se tropeçando através de um campo arado, torrões de terra em ruínas sob suas botas.

Buck tropeçou e xingou sob sua respiração. Eles saltaram do sulco para cume, pés desajeitados, Roger agarrando o braço de Jerry para mantê-lo na posição vertical; uma das pernas de Jerry parecia aleijada e não levaria seu peso. *Ele estava ferido. Eu vi a medalha...*

Em seguida, os cães começaram a latir, as vozes de repente claras e muito mais perto.

—Jesus— Roger parou por um instante, respirando com dificuldade. Onde diabo foi à madeira que esconderam? Ele poderia jurar que eles estavam indo para isso, mas, o feixe da lanterna balançava loucamente, mostrando manchas sem sentido de campo. Ele fechou o slide; eles estariam melhor sem ele.

—Por aqui!— Buck balançou longe e Roger e Jerry seguiram forçosamente, corações batendo. Cristo parecia uma meia-dúzia de cães, pelo menos, estavam soltos, todos latindo. E foi uma voz, chamando os cachorros? Sim, era. Ele não conseguia entender uma palavra, mas o significado era tão claro como água gelada.

Eles correram, tropeçando e ofegantes. Roger não sabia dizer onde estavam; ele estava seguindo Buck. Ele deixou cair a lanterna em um ponto; ela caiu com um barulho e ele ouviu o borbulhar dentro do óleo de seu reservatório. Com uma suave *lufada*, que floresceu em chamas brilhantes.

—Merda!— Eles correram. Não importa para onde, em qual direção. Apenas fora do farol queimando e as iradas vozes, mais do que um momento.

De repente, eles estavam em um telão de árvores, bosque intricado com vento baixo onde se esconderam mais cedo. Mas os cães estavam em seu caminho, latindo ansiosamente, e eles não se demoraram, mas abriram caminho no meio do mato e de novo, até uma colina íngreme coberta com urze. O pé de Roger afundou através do crescimento esponjoso em uma poça, absorvendo até o tornozelo, e ele quase perdeu o equilíbrio. Jerry colocou seus pés e puxou Roger na posição vertical, em seguida, perdeu o próprio equilíbrio, quando seu joelho cedeu; eles se abraçaram, balançando precariamente por um instante, em seguida, Roger deu uma guinada para frente de novo e eles estavam fora.

Ele pensou que seus pulmões iam estourar, mas continuou correndo, não mais; você não poderia correr até uma colina assim batendo forte, plantando um pé após o outro, após o outro e Roger... começou a ver explosões de luz

nas bordas da sua visão; ele tropeçou, cambaleou e caiu, e foi arrastado para seus pés por Jerry.

Eles estavam os três meio encharcados da cabeça aos pés lambuzados de lama e arranhões das urzes quando balançou finalmente ao topo da colina e parou por um momento, balançando com falta de ar.

—Onde... Vamos? —Jerry chiou, usando o final de seu lenço para enxugar o rosto.

Roger balançou a cabeça, ainda com falta de ar, mas, em seguida, pegou o brilho fraco de água.

—Vamos levá-lo... De volta. Para as pedras à beira do lago. Onde... você veio. Venha!

Eles atiraram para baixo do outro lado do morro, de cabeça, quase caindo, agora empolgados com a velocidade e o pensamento de um objetivo.

—Como... Você me encontrou? —Jerry engasgou, quando finalmente chegou ao fundo e parou para respirar.

—Encontrado suas placas— disse Buck, quase brusco. —Seguido sua trilha de volta.

Roger colocou a mão no bolso, prestes a oferecer de volta, mas não fez. Isso o atingiu, como uma pedra no meio do peito, onde encontrar Jerry MacKenzie contra todas as probabilidades substanciais, ele estava prestes a separar-se dele, provavelmente para sempre. E isso era apenas se as coisas fossem *bem...*

Seu pai. *Pai?* Ele não podia pensar nesse jovem, de cara branca e coxo, quase vinte anos mais jovem, como seu pai, e não o pai que ele imaginou toda a sua vida.

—Vamos. — Buck pegou o braço de Jerry agora, quase segurando para cima, e eles começaram a forjar seu caminho através dos campos escuros, perdendo o seu caminho e encontrando de novo, guiados pela luz de Orion por cima.

Orion, Lepus. Ursa Maior. Ele encontrou uma medida de conforto nas estrelas, brilhando no céu negro frio. Aquelas que não se alteravam; brilham para sempre, ou o mais próximo não fazendo diferença sobre este homem, não importa onde cada um pudesse acabar.

*Acabar.* O ar frio ardia em seus pulmões. *Bree...*

E então ele podia vê-las: Colunas magras, não mais do que manchas na noite, visíveis somente porque elas eram escuras e imóveis contra a folha de

água em movimento agitado pelo vento.

—Certo— ele disse com a voz rouca, e, engolindo, enxugou o rosto com a manga. —Este é o lugar onde nós o deixamos.

—Vocês irão?— Jerry arquejou. —Mas, mas você...

—Quando, pois, veio... completamente. Será que você tinha alguma coisa em você? Uma pedra preciosa, qualquer joia?

—Sim— disse Jerry, perplexo. —Eu tinha uma safira crua no meu bolso. Mas ela se foi. É como se...

—Como se queimasse, — Buck terminou por ele, sombriamente dublado. —Sim. Bem, e daí? —Esta última foi claramente dirigida para Roger, que hesitou. *Bree...* Não mais do que um instante, porém, ele enfiou uma mão dentro da bolsa de couro na cintura, tirou o pequeno pacote de oleado, atrapalhou-se para abrir, e pressionou o pingente de granada na mão de Jerry. Era ligeiramente quente de seu corpo, e a mão fria de Jerry fechou sobre ele no reflexo.

—Tome isso; é boa. Quando passar — disse Roger, e se inclinou em direção a ele, tentando impressioná-lo com a importância de suas instruções, — pense sobre sua esposa, sobre Marjorie. Pense bem; a veja no olho da sua mente, e ande em linha reta completamente. Qualquer que seja o inferno que passe, porém, não pene sobre o seu filho. Apenas a sua esposa.

—O quê?— Jerry estava amedrontado. —Como diabos você sabe o nome de minha esposa? E como ouviu sobre o meu filho?

—Não importa— disse Roger, e virou a cabeça para olhar por cima do ombro.

—Droga— disse Buck suavemente. —Eles ainda estão vindo. Há uma luz.

Não havia: uma única luz, balançando uniformemente sobre o solo, como seria se alguém carregasse. Mas vendo como ele poderia, Roger podia ver alguém por trás dele, e um tremor violento atropelou.

—*Thaibhse*— disse Buck, em voz baixa. Roger conhecia essa palavra suficientemente bem, o significado em seu espírito. E, geralmente, um mal presságio. Uma assombração.

—Sim, talvez. — Ele estava começando a recuperar o fôlego. —E talvez não. — Ele virou-se novamente para Jerry. —De qualquer forma, você precisa ir, homem, e agora. Lembre-se, pense em sua esposa.

Jerry ingeriu sua mão fechando apertado ao redor da pedra.

—Sim. Sim... Certo. Obrigado, então — acrescentou, sem jeito.

Roger não podia falar, podia dar nada mais do que o sopro de um sorriso. Em seguida, Buck estava ao lado dele, puxando com urgência em sua manga e gesticulando para a luz cintilante, e eles partiram, desajeitados e pesados após o breve esfriar.

*Bree...* Ele engoliu em seco, com os punhos cerrados. Ele teve uma pedra uma vez, ele poderia ter novamente... Mas a maior parte de sua mente ainda estava com o homem que acabou de sair do lago. Ele olhou por cima do ombro e viu Jerry começando a caminhar, mancando muito, mas resolutos, ombros magros quadrado sob sua camisa cáqui pálida e no final de sua vibração um lenço no vento crescente.

Então, tudo cresceu dentro dele. Apreendido por uma urgência maior do que qualquer outra que ele já conheceu, ele se virou e saiu correndo. Correu sem se importar com pé, o escuro, um grito assustado de Buck atrás dele.

Jerry ouviu seus passos na grama e girou, assustou-se. Roger agarrou-o com ambas as mãos, apertou-os com força suficiente para fazer Jerry suspirar, e disse ferozmente, —Eu te amo!

Isso era tudo o que havia tempo e tudo o que ele poderia dizer. Ele soltou e afastou-se rapidamente, suas botas fazendo um ruído de *Schoof-Schoof* na grama seca do lago. Ele olhou para cima da colina, mas a luz desapareceu. Provavelmente foi alguém da fazenda, satisfeito agora que os invasores foram embora.

Buck estava esperando, envolto em seu manto e segurando Roger; ele devia ter deixado cair ao descer a colina. Buck sacudiu e dobrou-o em volta de seus ombros; os dedos de Roger balançando, tentando prender o broche.

—Por que disse a ele uma coisa idiota dessa?— Perguntou Buck, fazendo isso por ele. A cabeça de Buck dobrada, sem olhar para ele.

Roger engoliu em seco, e sua voz soou clara, mas dolorosa, as palavras, como cacos de gelo em sua garganta.

—Porque ele não está indo de volta. É a única chance que eu vou ter. Venha.

## ***Capítulo 102 - Pós-parto***

A noite estremeceu. A noite *inteira*. O terreno e o lago, o céu, a escuridão, as estrelas, e cada partícula de seu próprio corpo. Espalhou-se, de

imediatamente, em toda parte e parte de tudo. E parte *deles*. Houve um momento de exaltação muito grande, por medo e, em seguida, ele desapareceu, seu último pensamento não mais do que um fraco, *Eu sou...* mais na esperança da declaração.

Roger veio para um conhecimento de si mesmo turvo, deitado de costas sob um céu negro claro cujas estrelas brilhantes pareciam pontinhos agora, desesperadamente longe. Faltou, perdeu sendo parte da noite. Não atendida, com uma breve sensação dilacerante da desolação, os dois homens que compartilharam a sua alma para esse momento em chamas.

O som de Buck vomitando voltou-o a uma sensação de seu corpo. Ele estava deitado no frio da grama molhada, meio encharcado, com cheiro de lama e estrume velho, gelado até os ossos, e ferido em um número de lugares desconfortáveis.

Buck disse algo horrível em gaélico e vomitou novamente. Ele estava em suas mãos e joelhos a poucos metros de distância, uma mancha na escuridão.

—Você está bem?— Roger resmungou, rolando para o lado. Ele lembrou-se, de repente, o problema com o coração de Buck quando eles fizeram a sua passagem por Craigh a Dun. —Se o seu coração começar a incomodar novamente...

—Se fosse, droga o que você poderia fazer sobre isso, não é?— Disse Buck. Ele cuspiu uma bola de algo desagradável na grama e sentou-se pesadamente, limpando a manga em toda a boca. —Cristo, eu odeio isso! Será que não sabe como nós sentimos estar longe.

—Mmhm— Roger sentou-se lentamente. Ele se perguntou se Buck sentia a mesma coisa que ele, mas não parecia ser o momento para a discussão metafísica. —Ele se foi, então.

—Quer que eu vá e me certifique disso?— Disse Buck desagradavelmente. —Deus, minha cabeça!

Roger levantou-se, cambaleando um pouco, e foi e pegou Buck debaixo de um braço, alavancando-o a seus pés.

—Vamos lá— disse. —Vamos procurar os cavalos. Vamos andar um pouco, fazer um acampamento pequeno, comer alguma coisa.

—Eu não estou com fome.

—*Eu* estou merda. —Na verdade, ele estava faminto. Buck balançou, mas parecia capaz de ficar sozinho. Roger soltou e virou-se rapidamente para olhar para trás, o lago distante e as pedras de pé. Por um instante, ele

recuperou o sentido de ser parte delas, e então ele se foi; a água reluzente e as pedras não eram mais do que parte da paisagem escarpada.

Não havia nenhuma maneira de saber que horas eram, mas a noite ainda estava escura como breu no momento em que recuperou os cavalos, fazendo o seu caminho para um local abrigado sob um penhasco, encontrando água, fazendo o fogo, e brindando alguns pães para comer com seu arenque salgado e seco.

Eles não falam ambos exaustos. Roger se afastou do óbvio *E agora?* e deixou seus pensamentos correrem aleatoriamente como fariam; tempo suficiente para os planos de amanhã.

Depois de um pouco, Buck levantou-se abruptamente e saiu para a escuridão. Ele ficou desaparecido por algum tempo, durante o qual Roger sentou olhando o fogo, repetindo a cada momento que passara com Jerry MacKenzie em sua mente, tentando consertar tudo. Ele desejava apaixonadamente que fosse a luz do dia, que ele fosse capaz de ver mais do rosto de seu pai do que os breves vislumbres que tivera no feixe da lanterna escura.

Seja qual for seu pesar, porém, o conhecimento frio que Jerry não iria conseguir voltar ou não voltar de onde ele veio, pelo menos, (Deus, e se ele acabasse perdido em outro momento estranho? Isso era possível?) não era o único, ele sabia. Ele disse isso. E onde quer que seu pai fosse ele levar isso com ele.

Ele envolveu-se em seu manto, deitou-se pelas brasas da fogueira, e levou-os consigo para o sono.

Quando Roger acordou de manhã, cabeça dura, mas sentindo-se razoavelmente bem, Buck já havia construído o fogo e estava fritando bacon. O cheiro fez Roger ficar em uma posição sentada, esfregando o último do sono de seus olhos.

Buck levantou uma fatia de bacon grossa da panela com uma fatia de pão e entregou a ele. Ele parecia ter se recuperado das sequelas de deixar Jerry; ele estava despenteado e barba por fazer, mas de olhos claros, e deu um olhar a Roger avaliando.

—É um só?— Não foi perguntado como uma pergunta retórica, e Roger balançou a cabeça, levando a comida. Ele começou a dizer algo em resposta, mas sua garganta se contraiu, e nada saiu. Ele limpou a garganta dura, mas Buck balançou a cabeça, indicando que nenhum esforço precisa ser feito de sua parte.

—Eu estou pensando que vou dirigir para o norte novamente— disse Buck, sem preâmbulos. —você quer continuar procurando o seu moço, eu acho, e eu quero ir para a Cranesmuir.

Assim fez Roger, embora provavelmente por outras razões. Ele olhou para Buck perto, mas seu antepassado evitou seu olho.

—Geillis Duncan?

—Você não?— O tom de Buck era beligerante.

—Eu só achei— disse Roger secamente. —Sim, é claro que sim. — não era uma surpresa. Ele mordeu o sanduiche improvisado lentamente, imaginando o quanto dizer a Buck sobre Geillis. —Sua mãe, — ele começou, e limpou a garganta novamente.

Quando Roger terminou, Buck sentou-se em silêncio por algum tempo, piscando pela última fatia de bacon, secando na panela.

—Jesus— disse, mas não em tom de choque. Mais um profundo interesse, Roger pensou, com algum desconforto. Buck olhou para Roger, a especulação em seus olhos verde-musgo. —E o que você sabe sobre o meu pai, então?

—Mais do que eu posso dizer a você, em poucos minutos, e devemos estar no nosso caminho— Roger levantou-se, escovando as migalhas dos joelhos. —Eu não quero tentar explicar a nossa presença para qualquer um desses insetos cabeludos. Meu velho Inglês não é o que costumava ser.

—*Sumer is icumen in*[46]; — disse Buck, com um olhar para as folhas, mudas de vento voando precariamente enraizadas nas fendas do penhasco. —*Lhude sing cuccu*[47]. Sim, vamos.

## **Capítulo 103 - Solstício**

*19 dezembro de 1980 Edimburgo, Escócia.*

### **UM GUIA PRÁTICO PARA VAJANTES NO TEMPO PARTE II**

*Está quase na hora. O solstício de inverno é o dia depois de amanhã. Fico imaginando que eu posso sentir a terra deslocando lentamente nas placas tectônicas, escuras movendo-se sob meus pés e... coisas... invisivelmente em fila. A lua está crescente, quase um quarto completo. Não tenho ideia se isso pode ser importante.*

*Na parte da manhã, vamos pegar o trem para Inverness. Liguei para Fiona; ela vai nos encontrar na estação, e vamos comer e nos trocar em*

*sua casa, então ela vai nos levar a Craigh a Dun... e deixar-nos lá. Fico me perguntando se eu deveria pedir para ficar, ou pelo menos para voltar em uma hora, no caso de um ou mais de nós ainda estarmos lá, em chamas ou inconsciente. Ou mortos.*

*Depois de hesitar por uma hora, liguei para Lionel Menzies, também, e pedi para ficar de olho em Rob Cameron. Inverness é uma cidade pequena; há sempre a chance de que alguém vai nos ver saindo do trem, ou indo para Fiona. E a palavra se espalha rápido. Se alguma coisa vai acontecer, eu quero ser avisada.*

*Eu tenho esses breves momentos de lucidez quando tudo parece bem e eu estou cheia de esperança, quase tremendo de antecipação. Na maioria das vezes, eu fico pensando que eu sou louca, e então eu estou realmente agitando.*

## **Capítulo 104 - O Succubus de Cranesmuir**

*Cranesmuir, Escócia*

Roger e Buck estavam do outro lado da pequena praça no meio de Cranesmuir, olhando para a casa do fiscal. Roger lançou um olhar sombrio no pedestal no meio da praça, com o seu pelourinho de madeira. Pelo menos havia buracos para apenas um canalha; sem ondas de criminalidade de Cranesmuir.

—O sótão, você disse?— Buck estava olhando fixamente para as janelas do topo da torre. Era uma casa substancial, com janelas com vitrais, e até o sótão tinha algum, embora menores do que as outras mais baixas. —Eu posso ver plantas penduradas no teto, eu acho.

—Isso é o que Claire disse, sim. Que ela mantém seu... — a palavra *covil* veio à mente, mas ele descartou esta em favor de— sua botica lá em cima. Onde ela faz suas poções e encantos. —Ele inspecionou os punhos, que ainda estavam úmidos após um banho de esponja apressado na vila na calha do cavalo para remover as piores manchas de viagem, e verificar para ver que sua fita de cabelo estava em ordem.

A porta se abriu e um homem saiu um comerciante, talvez, ou um advogado, bem vestido, com um casaco quente contra a garoa. Buck deslocou para um lado, olhando para obter um olhar antes que a porta se fechasse atrás dele.

—Há um servo na porta— relatou. —Eu vou bater, então, e perguntar se eu posso ver a Sra. Duncan, esse é o nome dela?

—No momento, sim— disse Roger. Ele simpatizava totalmente com a necessidade de Buck para ver sua mãe. E com toda a verdade, ele estava curioso para conhecer a mulher ele mesmo; ela era suas cinco vezes bisavó e um dos poucos viajantes do tempo que ele conhecia. Mas ele também ouviu o suficiente sobre ela e seus sentimentos eram de excitação misturada com desconforto considerável.

Ele tossiu com um punho à boca. —Quer que eu vá com você? Se ela estiver na casa, quero dizer.

Buck abriu a boca para responder, em seguida, fechou-a, pensou por um momento, depois assentiu.

—Sim, eu quero— disse em voz baixa. Ele disparou a Roger um olhar de esguelha, porém, com um brilho de humor. —Você pode ajudar a manter a conversa.

—Fico feliz em ajudar— disse Roger. —Nós estamos de acordo, no entanto: não queremos dizer a ela quem é. Ou o quê.

Buck assentiu com a cabeça novamente, embora seus olhos estivessem agora fixos na porta, e Roger achava que ele não estava atendendo.

—Sim— disse. —Vamos lá, então— e atravessou a praça, cabeça erguida e ombros quadrados.

—Sra. Duncan? Bem, eu a farei saber, senhores — disse a empregada. —Ela não esteve bem pelo dia, mas o Dr. McEwan está com ela apenas agora.

O coração de Roger pulou.

—Ela está doente?— Perguntou Buck acentuadamente, e a empregada piscou, surpresa.

—Och, não. Eles estão tomando chá na sala de estar. Será que vocês gostam de sair da chuva e eu vou ver o que ela diz? —Ela deu um passo atrás para deixá-los, e Roger se aproveitou disso para tocar seu braço.

—Dr. McEwan é um amigo nosso. Será que se talvez desse os nossos nomes? Roger e William Mackenzie a seu serviço.

Eles discretamente balançaram a água tanto quanto possível fora de seus chapéus e casacos, mas em alguns momentos a empregada estava de volta, sorrindo.

—Entrem, senhores, a Sra. Duncan diz, sejam bem-vindos! Basta subir a escada lá. Eu vou trazer um pouco chá.

O salão estava um andar acima, uma pequena sala, uma vez lotado, mas quente e colorido. Nenhum dos homens tinha olhos para o mobiliário, no entanto.

—Sr. MacKenzie — disse McEwan, parecendo surpreso, mas cordial. — E o Sr. MacKenzie. — Ele apertou as mãos com eles e se viraram para a mulher que levantou de seu assento ao lado do fogo. —Minha querida, deixe-me fazer conhecer um paciente antigo meu e seu parente. Senhores, Sra. Duncan.

Roger sentiu Buck endurecer um pouco, e não admirou. Ele esperava que ele não estivesse olhando a si mesmo.

Geillis Duncan não era talvez uma beleza clássica, mas isso não importava. Ela era, certamente, de boa aparência, com cabelo branco-loiro colocado debaixo de uma touca de renda, e é claro, os olhos. Olhos que o fizeram querer fechar os seus próprios e morder Buck na parte de trás para fazer o mesmo, porque certamente ela ou McEwan notariam...

McEwan notou alguma coisa, tudo bem, mas não foi os olhos. Ele estava olhando para Buck com uma pequena carranca de desagrado, como Buck deu um longo passo para frente, agarrou a mão da mulher, e corajosamente beijou.

—Sra. Duncan — disse, endireitando-se e sorrindo bem dentro daqueles olhos verdes claros. —Seu servo mais humilde e obediente, minha senhora.

Ela sorriu de volta, uma sobrancelha loira levantou, com um olhar divertido que reunia implícito desafio e Buck ficou de pé. Mesmo de onde ele estava, Roger sentiu o estalo de atração entre eles, afiada como uma faísca de eletricidade estática. Então fez McEwan.

—Como está a sua saúde, Sr. MacKenzie?— Disse McEwan incisivamente para Buck. Ele puxou uma cadeira no lugar. —Sente-se e deixe-me examiná-lo.

Buck ou não ouviu ou fingiu não fazer. Ele ainda estava segurando a mão de Geillis Duncan, e ela não estava puxando-o para longe.

—Era uma espécie de você para nós, recebendo madame — disse. —E, certamente, não queremos dizer para perturbar o seu chá. Nós tínhamos ouvido falar de sua habilidade como um curador e destinamos chamar o que se pode dizer é uma maneira profissional.

—Profissional— ela repetiu, e Roger ficou surpreso com sua voz. Era leve, quase de menina. Então ela sorriu de novo e a ilusão de seu jeito de menina desapareceu. Ela afastou a mão agora, mas com um ar lânguido de relutância, os olhos ainda fixos em Buck com evidente interesse. —A sua profissão, ou a minha?

—Ah, eu sou nada além de um advogado humilde, minha senhora— disse Buck, com uma gravidade tão patentemente zombando que Roger queria dar um soco nele. Em seguida, ele acrescentou, voltando-se para Roger — e meu parente aqui é um estudioso e músico. Mas, como vê, ele sofreu um acidente triste em sua garganta, e...

Agora Roger realmente queria dar um soco nele. —Eu... — ele começou, mas com o capricho cruel do destino, sua garganta escolheu aquele momento para se contrair, e seu protesto terminou em um murmúrio como um cano enferrujado.

—Nós ouvimos falar de você, senhora, como eu disse, — Buck continuou, colocando a mão no ombro do simpático Roger e apertando forte. —E como eu disse, nós nos perguntamos...

—Deixe-me ver— disse, e chegou a ficar na frente de Roger, o rosto de repente alguns centímetros do seu. Atrás dela, McEwan foi crescendo com o rosto vermelho.

—Eu já vi este homem— disse. —É uma lesão permanente, que eu fui capaz de oferecer algum pequeno alívio. Mas...

—Permanente, na verdade. — Ela desfez sua gravata em segundos e espalhou sua camisa aberta, os dedos quentes e luz em sua cicatriz. Ela desviou o olhar e olhou diretamente em seus olhos. —Mas um sortudo, eu diria. Você não morreu.

—Não— ele disse, com a voz rouca, mas, pelo menos, útil novamente. —Eu não. — Deus, ela era inquietante. Claire a descreveu vividamente, mas Claire era uma mulher. Ela ainda estava tocando, e enquanto seu toque não estava em nenhuma forma inadequada, era condenadamente íntimo.

Buck foi crescendo impaciente; ele não gostava dela tocando em Roger mais do que McEwan fazia. Ele limpou a garganta.

—Eu me pergunto, senhora tem algum SIMPLES medicamento, talvez? Não só para o meu parente aqui, mas... Bem... —Ele tossiu de forma significava para indicar que ele nutria doenças mais delicadas que ele não queria falar antes de outros.

A mulher tinha cheiro de sexo. Sexo muito recente. Ele levantava como incenso.

Ela ficou na frente de Roger por um momento, ainda olhando fixamente para seu rosto, mas depois sorriu e pegou sua mão, deixando sua garganta sentindo-se subitamente fria e exposta.

—É claro— disse a mudança do sorriso e atenção para Buck. —Venha até meu sótão pequeno, senhor. Eu tenho certeza que eu tenho alguma coisa lá que vai curar o que o aflige.

Roger sentiu ondular os arrepios em seu peito e ombros, apesar do bom fogo na lareira. Buck e McEwan ambos tinham se contraído um pouco, e ela sabia muito bem inferno, embora seu rosto estivesse totalmente composto. Roger fixou um olhar sobre Buck, desejando que seu antepassado parasse de olhar para ele. Buck não fez, mas mudou-se para tomar o braço de Geillis, puxando-a mão pelo cotovelo. A lenta, afronta queimou até a volta de seu pescoço.

McEwan fez um pequeno ruído em sua garganta.

Em seguida, Buck e Geillis foram embora, o som de seus passos e vozes animadas morrendo enquanto subiam as escadas para o sótão, deixando Roger e McEwan ambos em silêncio, cada um por suas próprias razões.

O pensamento de Roger que o bom médico pudesse estar prestes a sofrer uma apoplexia, foi no termo médico correto para *explodir uma junta*. O que quer que seus próprios sentimentos sobre a saída abrupta de Buck e Geillis eram vivadas, eles empalideceu ao lado da tonalidade do rosto de Hector McEwan.

O médico estava um pouco ofegante, sua tez vibrando. Claramente ele queria seguir o par errante, mas tão claramente foi constrangido pelo fato de que ele não tinha ideia de que ele poderia concebivelmente fazer quando ele encontrou-se com eles.

—Não é o que você pensa— disse Roger, elogiando a sua alma a Deus e *esperando* que não fosse.

McEwan virou para encará-lo. —O diabo não é— ele retrucou. —Você não a conhece.

—Claramente não tão bem como você faz, não— disse Roger incisivamente, e levantou uma sobrancelha.

McEwan disse algo blasfemo em resposta, pegou o atizador, e esfaqueou os violentamente nos tijolos fumadores de turfa na lareira. Ele meio que se

virou para a porta, o atizador ainda na mão, e o olhar em seu rosto era de tal forma que Roger pulou de pé e agarrou-o pelo braço.

—Pare, homem— disse, mantendo a voz armando um preço tão baixo e uniforme quanto pôde, na esperança de acalmar McEwan. —fazer sozinho não é bom. Sente-se, agora. Vou dizer a vos por isso, por que ele interessa a ela.

—Pela mesma razão, todos os cães na aldeia estão *interessados* em uma cadela no cio — disse McEwan venenosamente. Mas ele deixou Roger levar o atizador de sua mão, e enquanto ele não se sentava, ele pelo menos respirava fundo várias vezes e restaurou uma aparência de calma.

—Sim, diga-me, então, por todo o bem que ele vai fazer— disse.

Não era uma situação que permitia a diplomacia ou eufemismo.

—Ela é sua mãe, e ele sabe disso— disse Roger sem rodeios.

Seja qual for o que McEwan estava esperando, não era isso, e por um instante, Roger ficou satisfeito ao ver o rosto do homem ficar absolutamente em branco com o choque. Só por um instante, no entanto. Ia provavelmente ser um pouco complicado de aconselhar pastoralmente, na melhor das hipóteses.

—Você sabe o que ele é— disse Roger, tendo o médico pelo braço novamente e puxando-o para uma poltrona de brocado. —Ou melhor, o que nós somos. *Cognosco te?*

—Eu... — A voz de McEwan morreu, mas ele abriu e fechou a boca algumas vezes, impotente procurando palavras.

—Sim, eu sei— disse Roger suavemente. —É difícil. Mas você sabe, não parece?

—Eu, sim. — McEwan sentou abruptamente. Ele respirou por um momento, piscou uma ou duas vezes, e olhou para Roger.

—Sua mãe. Sua *mãe*?

—Eu tenho em boa autoridade— Roger assegurou. Um pensamento ocorreu, no entanto.

—Ah! Você... sabia sobre ela, não parece? Que ela é... uma de nós?

McEwan assentiu. —Ela nunca admitiu. Apenas riu de mim quando eu disse a ela de onde eu viera. E eu não sabia por um longo tempo. Não até que eu... —Seus lábios pressionaram abruptamente em uma linha apertada.

—Eu estou supondo que vocês não tiveram a oportunidade de curá-la de qualquer coisa— disse Roger com cuidado. —Será que ela... Er... que isso tem alguma coisa a ver com a luz azul, por acaso?

Ele estava se esforçando para evitar a imagem mental de Geillis e Dr. McEwan, nus e suados, tanto banhados em uma luz azul fraca. A mulher *foi* era várias vezes sua bisavó, tudo aquilo que gostaria de dizer sobre ela.

McEwan deu um olhar sombrio e balançou a cabeça.

—Não... Exatamente. Ela é um excelente herbalista e não é mau de diagnóstico, mas ela não pode fazer isso. —Ele girou os dedos brevemente na ilustração, e Roger sentiu uma leve lembrança do calor quando McEwan tocou sua garganta.

O médico suspirou e passou a mão sobre o rosto.

—Nenhum ponto de evasão suponho. Eu a peguei com a criança. E eu poderia... *ver* não é bem a palavra certa, mas eu não consigo pensar em nada melhor. Eu podia ver o momento em que a minha semente... chegou ao seu óvulo. O... er... o feto. Ele brilhava dentro de seu ventre; eu podia sentir isso quando eu tocava.

Certo calor subiu no rosto de Roger. —Perdoe-me por perguntar, mas, como você sabe o que aconteceu, porque ela é... O que ela é? Não seria o caso de uma mulher normal?

McEwan sorriu, muito tristemente, ao ouvir a palavra *normal*, e balançou a cabeça.

—Eu tive dois filhos com mulheres, em Edimburgo, no meu tempo— disse em voz baixa, e olhou para seus pés. —Isso... Foi uma das razões pelas quais eu não tentei retornar.

Roger fez um som em sua garganta danificado que estava destinado a ser lamentável e compassivo, mas se os seus sentimentos ou sua laringe levaram a melhor sobre ele, surgiu como uma vez austero *Hrmph!* E a cor de McEwan começou a levantar novamente.

—Eu sei— ele disse miseravelmente. —Eu não procuro desculpá-lo.

*Tal como bem*, Roger pensou. *Eu gostaria de ver tentar, você, você*, Mas recriminações não fariam a ninguém qualquer bem agora, e ele sufocou qualquer coisa que ele pudesse ter dito sobre o assunto, em vez de voltar para Geillis.

—Você disse que tem o seu— empurrando o queixo para cima, para onde os sons de passos e bombardeio audíveis a cima —uma criança. Onde *está* a criança?

McEwan respirou longa e tremor. —Eu disse... Ela é um excelente herbalista...?

—Jesus, Senhor— disse Roger. —Será que você sabia que pretendia fazer?

McEwan engoliu em seco, mas se manteve em silêncio.

—Meu Deus— disse Roger.

—Meu *Deus*. Eu sei que não é o meu lugar para julgá-lo, mas, se fosse, que você queime no inferno.

E com isso, ele desceu as escadas e saiu para as ruas de Cranesmuir, deixando os deixando à sua própria sorte.

Ele deu dezesseis voltas na aldeia quadrada que tinha pequenos quadrados antes de achar um porão precário em seu senso de ultraje. Ele ficou na frente da porta, punhos cerrados para os Duncans, tendo respirações profundas, deliberadas.

Ele teve que voltar. Você não se afasta de pessoas que estavam se afogando, mesmo que eles pulassem em um atoleiro de propósito. E ele não queria pensar no que poderia acontecer se McEwan, deixasse a si mesmo, devendo ser superado pela angústia ou fúria e na corrida no sótão. Ele *realmente* não queria pensar o que Buck, ou, Deus me livre, Geillis pudessem fazer nesse caso, e o pensamento galvanizou.

Ele não se deu ao trabalho de bater. Arthur Duncan era o procurador fiscal; sua porta estava sempre aberta. A empregada pequena enfiou a cabeça para fora da porta interna com o som dos seus passos, mas quando viu quem era ela chamou-o novamente, sem dúvida, pensando que ele acabou de sair para alguma coisa.

Ele quase correu até a escada, uma consciência culpada agora fornecendo visões de Hector McEwan pendurado no pequeno lustre na sala, pés indefesos chutando no ar.

Quando ele entrou, porém, encontrou McEwan caído na frente na poltrona, o rosto enterrado nas mãos. Ele não olhou para cima na entrada de Roger e não levantou a cabeça, mesmo quando Roger sacudiu-o suavemente pelo ombro.

—Vamos lá, homem— disse com a voz rouca, depois limpou a garganta. —Você ainda é um médico, não é? Vocês são necessários.

Isso fez com que o homem olhasse para cima, assustado. Seu rosto estava manchado com emoção e raiva, vergonha, desolação, luxúria. Poderia cobiçar uma emoção? Roger perguntou brevemente, mas rejeitou a consideração acadêmica no momento. McEwan endireitou os ombros e

esfregou as mãos com força sobre o seu rosto, como se estivesse tentando apagar os sentimentos tão claramente exibidos lá.

—Quem precisa de mim?— ele disse, e levantou-se com uma tentativa decente a compostura.

—Eu faço— disse Roger, e limpou a garganta de novo, com um ruído como a queda de cascalho. Parecia cascalho, também; forte emoção sufocada, literalmente. —Vamos lá fora, sim? Preciso de ar, e você também.

McEwan lançou um último olhar para o teto, onde os ruídos pararam, então firmar os lábios, balançou a cabeça, e, tomando-se o chapéu da mesa, veio junto.

Roger abriu o caminho para fora da praça e passou a última casa, em seguida, até um caminho de uma vaca, esquivando-se de montes de esterco, até que chegaram a uma muralha de pedra que eles poderiam sentar. Sentou-se e fez um gesto para McEwan, que se sentou obedientemente. A caminhada emprestou ao médico alguma aparência de calma, e ele virou-se imediatamente para Roger e espalhou abrindo o colarinho, este ainda batendo solto. Roger sentiu o fantasma do toque de Geillis Duncan em sua garganta e estremeceu, mas estava frio, e McEwan não tomou conhecimento.

O médico passou os dedos levemente ao redor da cicatriz e parecia escutar por um momento, a cabeça de lado. Em seguida, ele puxou sua mão para trás um pouco e sentiu-se delicadamente superior com dois dedos sondando, então menor, uma pequena carranca de concentração em seu rosto.

E Roger sentiu. A mesma sensação estranha de calor luz. Ele estava segurando a respiração sob o toque do médico, mas essa percepção ele exalou de repente e livremente.

—Jesus— disse, e colocou sua própria mão na garganta. A palavra vindo livremente também.

—É melhor?— McEwan estava olhando para ele com atenção, chateado anteriormente incorporado no interesse profissional.

—É, é... — A cicatriz ainda estava acidentada sob seus dedos, mas alguma coisa mudou. Ele limpou a garganta experimentalmente. Um pouco de dor, um pouco de bloqueio, mas visivelmente melhor. Ele baixou a mão e olhou para McEwan. —Obrigado. O que diabos você fez?

A tensão que era tangente através McEwan desde que Roger e Buck entraram na casa dos Duncans finalmente relaxou, assim como o aperto na

garganta de Roger.

—Eu não sei que eu posso dizer com grande precisão— disse em tom de desculpa. —É só que eu sei qual som a laringe deve ter, e eu posso dizer o que parece como seu, e... —Ele deu de ombros, impotente. —Eu coloquei meus dedos lá e... imaginei a forma como ele *deveria* parecer.

Ele tocou o pescoço de Roger suavemente mais uma vez, explorando. — Eu posso dizer que é um pouco melhor agora. Mas há é uma boa quantidade de dano. Eu não posso dizer se voltaria a ser completamente curado, com toda a verdade, eu duvido. Mas se eu fosse para repetir o tratamento que parece precisar de algum tempo entre os tratamentos, sem dúvida, para o tecido cicatrizar, assim como uma ferida externa faria. Tanto quanto eu posso dizer, o tempo ideal entre os tratamentos de uma lesão grave é de cerca de um mês; Geillis — e aqui o seu rosto se contorceu violentamente; ele esqueceu. Ele domina a si mesmo com um esforço, no entanto, e continuou, —Geillis pensa que o processo pode ser afetado pela fase da lua, mas ela é...

—A bruxa— Roger terminou por ele.

O olhar de infelicidade voltou ao rosto de McEwan, e ele abaixou a cabeça para esconder isso.

—Talvez, — ele disse suavemente. —Certamente ela é... Uma mulher incomum.

—E uma coisa boa para a raça humana que não há mais como ela— disse Roger, mas depois se conteve. Se ele pudesse orar pela alma imortal de Jack Randall, ele não poderia fazer menos por sua própria bisavó, maníaca homicida ou não. Mas o problema imediato foi tentar extrair a alma infeliz diante de si a partir de suas garras antes que ela pudesse destruir Hector McEwan totalmente.

—Dr. McEwan... Hector — disse em voz baixa, e pôs a mão no braço do médico. —Você precisa ir para longe deste lugar e, dela. Ela não vai apenas trazer grande infelicidade ou pôr em perigo a sua alma, ela pode muito bem matá-lo.

Um olhar de surpresa momentaneamente deslocou a infelicidade nos olhos de McEwan. Ele olhou para o lado, apertou a boca e olhou para Roger, muito do lado, como se estivesse com medo de olhar para ele também diretamente.

—Certamente você exagera— disse, mas as palavras não tinha força. O próprio pomo de Adão de McEwan balançou visivelmente quando ele

engoliu.

Roger puxou uma respiração profunda, apertado e sentiu o frio, ar fresco úmido no peito.

—Não— ele disse suavemente. —Eu não. Pense nisso, sim? E reze, se você puder. Lá *está* misericórdia, sim? E o perdão.

McEwan suspirou, também, mas não com qualquer sentido de liberdade nele. Ele lançou os olhos para baixo, fixou na pista enlameada e as poças de chuva dançando nos pontos baixos.

—Eu não posso— disse, em voz baixa e sem esperança. —Eu tenho... Tentei. Eu não posso.

A mão de Roger ainda estava no braço de McEwan. Ele apertou, duro, e disse: —Então eu vou orar por você. E por ela — acrescentou, esperando que nada de relutância mostrasse em sua voz.

—Obrigado, senhor— disse o médico. —Eu valorizo muito isso. —, mas seus olhos se levantaram e se viraram, como se ele não tivesse poder sobre eles, para Cranesmuir e suas chaminés de fumaça, e Roger sabia que não havia esperança.

Ele voltou para Cranesmuir e esperou na praça na porta da casa dos Duncans abrir e Buck surgiu. O homem parecia um pouco surpreso, mas não desagradou ver Roger, e acenou para ele, mas não falou. Eles caminharam juntos para uma taberna, onde pegaram um quarto e subiram para refrescar-se antes do jantar. O comum não era correr para um banho, mas água quente, sabonete, barbeador, e toalhas iam de alguma forma restaurá-los a um estado razoável de limpeza.

Buck não falou uma palavra mais do que o necessário, mas ele tinha uma estranha expressão meio agradada e meio envergonhada e manteve lançando olhares de soslaio para Roger, como se não tivesse certeza que queria dizer alguma coisa, mas sim queria.

Roger derramou um copo de água da jarra, bebeu metade, e colocou o copo para baixo com um ar de resignação.

—Diga-me que não— ele disse finalmente. —Por favor.

Buck lançou um olhar rápido, olhando tanto chocado com as palavras e um pouco divertido.

—Não— ele disse depois de uma pausa longa o suficiente para por nós na barriga de Roger. —Não, eu não fiz. Eu não faria se eu não pudesse fazer, embora — acrescentou. —Ela não... não estava disposta.

Roger teria dito que não queria saber, mas ele não era muito capaz de enganar a si mesmo.

—Você tentou?

Buck assentiu com a cabeça, em seguida, pegou o copo de água e correu os restos em seu próprio rosto, sacudindo-os com um *whoof* de ar.

—Eu a beijei— disse. —Coloque a mão no seu peito.

Roger viu as encostas superiores daqueles seios quando eles incharam acima corpete de lã verde-escuro, redondo e branco como gotas de neve, mas muito maior. Por uma força considerável de vontade, ele manteve-se de perguntar: —*E o que aconteceu então?*

Ele não fez, embora; Buck estava, obviamente, revivendo a experiência e não queria nada mais do que falar sobre isso.

—Ela colocou a mão sobre a minha, mas ela não puxou minha mão. Não no início. Ela continuou me beijando —Ele parou e olhou para Roger, uma sobrancelha levantada. —já beijou muitas mulheres?

—Eu não tenho guardado a contagem— disse Roger, com uma ligeira vantagem. —E você?

—Quatro além dela— disse Buck contemplativamente. Ele balançou a cabeça. —Isso foi diferente.

—Eu esperaria que fosse. Beijar sua mãe, quero dizer..

—Nada *tão* diferente. —Buck tocou seus lábios com dois dedos, levemente como uma força de menina. —Outro tipo. Ou talvez eu não quisesse dizer isso, muito. Eu beijei uma prostituta uma vez, e não foi nada disso. —Ele bateu os lábios distraidamente por um momento, então percebeu o que estava fazendo e tirou a mão, olhando momentaneamente embaraçado. —Já passou por uma prostituta?

—Eu não fiz— disse Roger, tentando não parecer censurando, mas não gerenciando muito bem.

Buck encolheu os ombros, descartando.

—Bem, sim. Ela manteve a mão em seu peito enquanto ela tomou seu tempo sobre beijar-me. Mas, em seguida,... —Ele fez uma pausa, corando, e Roger empertigou-se. Buck corando?

—O que, então?— Ele perguntou incapaz de abster-se.

—Bem, ela escorregou para baixo, sabe, sobre seu corpo, muito lento, e ainda beijando-me, e bem, eu devia ter ouvido as saias farfalharem, não devia? Mas eu não estava prestando atenção, porque quando ela pegou a

minha mão e colocou em seu... Er... parte de senhora, eu pensei que eu ia desmaiar de choque.

—Ela... ela, quero dizer ficou nua?

—Nua como um ovo, e assim como careca, também — Buck assegurou.  
—Porventura já ouviu falar de uma coisa dessas?

—Tenho, sim.

Buck olhou para ele, os olhos verdes arregalados.

—Significa que sua esposa...

—Eu não inferno— Roger rebateu. —Não ouse falar de Brianna, *a amaidan*, Ou eu vou pegar sua cabeça em minhas mãos para brincar.

—Você e quem mais?— Disse Buck automaticamente, mas acenou com a mão para acalmar Roger. —Por que não me dizer que minha mãe era uma prostituta?

—Eu não iria dizer a você uma coisa dessas, mesmo que eu soubesse que era um fato, e eu não sabia— disse Roger.

Buck olhou para ele por um momento em silêncio, com os olhos diretos.  
—nunca será um ministro decente— disse, por fim, —se você não pode ser honesto.

As palavras foram ditas objetivamente, sem calor e arderam o mais em conta sendo verdade. Roger respirou forte pelo nariz e para fora novamente.

—Tudo bem— disse. E disse a Buck tudo o que sabia, ou achava que sabia, sobre Gillian Edgars, aliás Geillis Duncan.

—Jesus Deus— disse Buck, piscando.

—Sim— disse Roger em breve. A descrição de Buck de seu encontro com sua mãe deu a Roger uma imagem vívida perturbadora de Brianna, e ele não foi capaz de rejeitá-la. Ele ansiava por ela, e como resultado, estava ciente das imagens remanescentes de Buck e Geillis; ele viu a mão distraidamente do próprio copo, os dedos desenhando lentamente, como se estivesse confuso, Cristo, ele podia sentir seu cheiro na carne de Buck, pungente e insultando.

—Portanto, agora você a conheceu— disse Roger abruptamente, desviando o olhar. —E agora você sabe o que ela é. Isso é o suficiente, não parece? —Ele teve o cuidado de fazer a pergunta não mais do que uma pergunta, e Buck balançou a cabeça, mas não na resposta, mais como se estivesse tendo uma conversa interna, com ele próprio ou com Geillis, Roger não sabia.

—Meu pai— disse Buck, pensativo, sem responder. —Pelo que ele disse quando nos encontramos no sitio dos MacLarens, achei que ele talvez não a conhecesse ainda. Mas ele estava interessado, você poderia dizer isso. —Ele olhou de repente para Roger, um pensamento o atingindo.

—Você acha que foi nos conhecer que o fez fazer— ele corrigiu, com uma careta, —ir e encontrá-la?— Ele olhou para baixo, em seguida, de volta para Roger. —Será que eu não existiria se não tivesse vindo para encontrar o seu rapazinho, eu quero dizer?

Roger sentiu o sentido usual da bizarrice assustado em saber deste tipo, algo como ter dedos frios de repente impostas contra a parte baixa de suas costas.

—Talvez por isso— disse. —Mas duvido você sabe disso. Não, com certeza.

Ele estava feliz o suficiente para deixar o assunto de Geillis Duncan, embora o outro pai de Buck fosse, provavelmente, não menos perigoso.

—Você acha que você precisa falar com Dougal MacKenzie?— perguntou Roger com cuidado. Ele não queria ir a qualquer lugar perto do Castelo de Leoch ou os Mackenzie, mas Buck tinha o direito de fazê-lo se quisesse, e o próprio Roger tinha a obrigação de dois deles, como parentes e como sacerdote para ajudá-lo se ele fizesse. E no entanto, essa conversa poderia dar certo, ele duvidava muito de que seria tão desconcertante quanto o encontro com Geillis.

Mas perigosa, embora...

—Eu não sei— disse Buck em voz baixa, como se falasse para si mesmo. —Eu não sei o que eu diria para o homem ou qualquer um deles.

Isso alarmou Roger, que sentou em linha reta.

—Você não me refere a voltar para ela? Sua mãe?

A boca de Buck enrolado em um lado.

—Bem, nós realmente não falamos muito um com o outro— ressaltou.

—Nem eu— disse Roger em breve, —com meu pai.

Buck fez um barulho indeterminado em sua garganta, e eles ficaram em silêncio, ouvindo a crescente tambor de chuva nas telhas do telhado. O pequeno fogo diminuiu sob a chuva descendo pela chaminé e saiu, deixando mais do que o leve cheiro de calor, e depois de um pouco Roger envolveu-se em sua capa e se enrolou em um lado da cama, esperando por seu corpo para quente o suficiente para o sono vir.

O ar através da janela quebrada era acentuado com o frio e o cheiro de formigamento de samambaia molhadas e casca de pinheiro. O lugar cheirava as Highlands, e Roger encontrou seu coração aliviado pelo seu perfume duro. Ele estava quase dormindo quando a voz de Buck veio baixinho para ele através da escuridão.

—Estou feliz de dizer isso a você, apesar de tudo.

### ***Capítulo 105 - Sem ser uma pessoa muito boa***

Roger insistiu em acampar fora da cidade, pensando que fosse melhor ter Buck o mais longe de Geillis Duncan quanto possível. Pela primeira vez, não estava chovendo, e eles conseguiram reunir o suficiente forma de galhos de pinheiro para um fogo de madeira decente; pinho normalmente queimava mesmo úmido, por causa da resina.

**—Eu não sou uma pessoa muito boa. —As palavras ficaram quietas, e levou um momento para registrar. Roger olhou para cima para ver Buck caindo sobre sua rocha, uma longa vara na mão cutucando o fogo de forma inconstante. Roger passou a mão ao longo de sua mandíbula. Sentia-se cansado, desanimado e sem disposição para aconselhamento pastoral.**

**—Eu conheci piores — disse, depois de uma pausa. Parecia pouco convincente.**

**Buck olhou para ele com a franja de cabelos loiros.**

**—Eu não estava procurando por contradição ou consolo— disse secamente. —Foi uma declaração de fato. Chame de um prefácio, se quiser.**

**—Tudo bem— Roger esticou, bocejando, em seguida, sentou. —Um prefácio para o que? Um pedido de desculpas?—Ele viu a questão sobre o rosto do seu antepassado, e irritado, tocou a garganta. —Para isso.**

**—Ah, isso. —Buck balançou um pouco para trás e apertou os lábios, olhos fixos na cicatriz.**

**—Sim, isso!—Roger rebateu irritação queimando de repente com raiva. —Você tem alguma noção do que você tirou de mim, seu desgraçado?**

—Talvez um pouco. —Buck retomou cutucando o fogo, esperando até o fim de sua vara, então arranhando novamente no chão. —Ouvi você fazer o cisne, sim?—Ele ficou em silêncio, embora, por pouco não havia nenhum som, mas o barulho do vento através da samambaia seca. Um fantasma andando, Roger pensou, observando as folhas marrons dentro do círculo de agitação na fogueira e depois caiu.

—Eu não digo isso como desculpa, —disse Buck, finalmente, os olhos ainda fixos no fogo. —Mas há a questão de intenções. Isso não significa que o queria enforcado.

Roger fez um ruído, baixo vicioso em resposta a isso. Doeu. Ele estava cansado disso prejudicado para falar, ou cantar, ou mesmo grunhindo.

—Cai fora— disse abruptamente, levantando-se. —Só caia fora. Eu não quero olhar para você.

Buck deu um longo olhar, como se debatendo se dizia alguma coisa, mas depois deu de ombros, levantou-se e desapareceu. Ele estava de volta em cinco minutos, porém, e sentou com o ar de alguém que tinha algo a dizer. *Muito*, Roger pensou. *Vamos logo com isso*.

—Será que isso não ocorre para vocês dois, enquanto lê essas cartas, que não há outro caminho para o passado para se entender o futuro?

—Bem, é claro— disse Roger, impaciente. Ele esfaqueou sua adaga em um dos nabos para testá-lo; ainda duro como uma rocha. —Pensamos em todos os tipos de coisas diárias deixadas sob as pedras, avisos de jornal— ele fez uma careta com isso —e uma série de noções menos úteis. Mas a maioria dessas opções eram muito inseguras ou muito arriscadas; é por isso que estamos dispostos a usar os bancos. Mas...

Ele parou de falar. Buck estava olhando presunçosamente superior.

—E eu suponho que você já pensou em algo melhor?— Disse Roger.

—Ora, o homem, que está bem debaixo do seu nariz. — Com um sorriso, Buck inclinou-se para testar seu próprio nabo e, evidentemente, encontrando os resultados aceitáveis, levantou das cinzas sobre a ponta de sua adaga.

—Se você pensa que eu vou *perguntar* a você...

—Além disso, — disse Buck, soprando sobre o nabo quente entre as frases, — além disso, é o único caminho para o futuro é falando do passado.

Ele deu a Roger uma olhar em linha reta, dura, e Roger se sentiu como se tivesse sido esfaqueado com uma chave de fenda.

—O que... você — ele desabafou. —Quer dizer...

Buck assentiu com a cabeça, os olhos casualmente em seu nabo queimado.

—Não pode ser você, pode?— Ele olhou para cima de repente, olhos verdes capturando a luz do fogo. —Você não vai dar. Você não confia em mim para continuar a procurar.

—Eu... — As palavras ficaram presas na garganta de Roger, mas ele estava bem ciente de que elas mostraram em sua cara.

O próprio rosto de Buck se contorceu em um sorriso torto. —Gostaria de continuar procurando— disse. —Mas não vejo como você não acredita em mim.

—Não é isso— disse Roger, limpando a garganta. —É só... eu *não posso* ir enquanto Jem possa estar aqui. Não quando eu não sei com certeza que eu poderia voltar se eu deixasse e ele... não estiver na outra extremidade. —Ele fez um gesto impotente. —e se for, e se souber que fui e talvez o abandonasse para sempre?

Buck assentiu com a cabeça, olhando para baixo. Roger viu movimento na garganta do outro homem, também, e foi atingido por uma pontada de realização.

—Seu Jem— disse Roger suavemente. —Você sabe onde ele está pelo menos. Quando, eu quero dizer —A questão era clara. Se Buck estava disposto a arriscar as pedras novamente, por que ele não fazia, em busca de sua própria família, ao invés de levar uma mensagem a Bree?

—Você é todo meu não é?— Disse Buck ríspidamente. —Meu sangue. Meu Filho...

Apesar de tudo, Roger era movido por isso. Um pouco. Ele tossiu, e não doeu.

—Mesmo assim— disse. Ele deu Buck um olhar direto. —Por quê? Você sabe que pode fazer por você; ele poderia ter feito isso da última vez, se McEwan não estivesse lá.

—Mmphm. — Buck enfiou a nabo de novo e colocou de volta no fogo. —Sim. Bem, eu quis dizer isso; eu não sou uma pessoa muito boa. Sem um desperdício, quer dizer, se eu não fizer. —Seus lábios se torceram um pouco como ele olhou para Roger. —Você talvez tenha um pouco mais a oferecer ao mundo.

—Sinto-me lisonjeado— disse Roger secamente. —Eu imagino que o mundo pode se bom o suficiente sem mim, se ele veio para isso.

—Sim, talvez. Mas talvez a sua família não possa.

Houve um longo silêncio enquanto Roger digería, quebrado apenas pelo pop de um galho de queimação e o pio distante de corujas em um cortejo.

—E sobre a sua própria família?— ele perguntou, por fim, em voz baixa. —Você parece pensar que sua esposa seria mais feliz sem você. Por quê? O que faz pensar isso dela?

Buck fez um pequeno ruído, infeliz que poderia parecer um riso irônico.

—Me apaixonei por ela. — Ele respirou fundo, olhando para o fogo. — Procurando por ela.

Ele conheceu Morag Gunn apenas depois que ele começou a trabalhar com a lei como um advogado em Inverness. Um advogado foi chamado para ir a uma fazenda perto de Essich, elaborar o testamento de um homem velho, e levou um mais jovem junto para ver seu caminho.

—Levou três dias, para o homem velho que estava doente, ele não poderia mais do que alguns minutos de cada vez. Por isso, ficamos com a família, e eu saíria para ajudar com os porcos e as galinhas, quando eu não era necessário. —Ele encolheu os ombros. —Eu era jovem e não era feio, e eu agradava as mulheres. E ela gostava de mim, mas ela estava apaixonada por Donald McAllister, um jovem agricultor de Daviot.

Mas Buck foi incapaz de esquecer a moça, e sempre que tinha um dia livre de advogar, ia para visita-la. Ele veio para Hogmanay, e não houve *um Missoni*, E...

—E o pequeno Donald bebeu um trago ou dois ou três ou quatro demais e foi encontrado em uma barraca com sua mão dentro do corpete de Mary Finlay. Deus, que confusão houve! —Um sorriso triste cintilou no rosto de Buck. —Os dois irmãos de Mary deram com grande entusiasmo a Donald a mão da moça, e todas as moças estavam gritando e os rapazes berrando como se fosse o Dia do Julgamento. E a pobre pequena Morag estava atrás do estábulo das vacas, com seu coração partido.

—Você, um, confortou-a —Roger não sugeriu, tentando manter a nota cética de sua voz. Buck lançou um olhar penetrante, depois deu de ombros.

—Pensei que poderia ser a minha única chance— ele disse simplesmente. —Sim. Eu fiz. Ela era a pior para beber a si mesma, e chateada... Eu não forcei. —Seus lábios apertaram. —Mas eu não aceitaria um não como resposta, tampouco, e depois de um pouco, ela desistiu dizendo isso.

—Sim. E quando ela acordou na manhã seguinte e percebeu?...

Buck levantou uma sobrancelha.

—Ela não disse nada a ninguém, então. Passou dois meses depois, quando ela percebeu... —Buck chegou à sala do Sr. Ferguson um dia em março, para encontrar o pai de Morag Gunn e três irmãos esperando por ele, e assim que os proclamas puderam ser lidos, ele era um homem casado.

—Então— Buck respirou fundo e passou a mão sobre o rosto. —Nós... Entramos. Eu estava loucamente apaixonado por ela, e ela sabia e tentava ser gentil comigo. Mas eu sabia muito bem que era Donald que ela queria e ainda fazia. Ele ainda estava lá, sabe, e ela o via agora e, em seguida, em *cèilidhean* ou a venda de gado.

Sabendo disso Buck aproveitou a oportunidade para embarcar para Carolina do Norte com sua esposa e filho pequeno.

—Pensei que ela ia esquecer— disse um pouco desanimado. —Ou pelo menos eu não teria que ver o olhar em seus olhos quando ela o via.

Mas as coisas correram mal para os Mackenzie no Novo Mundo; Buck não conseguiu estabelecer uma prática como um advogado, eles tinham pouco dinheiro e sem terra, e eles não tinha ninguém no caminho de parentes a quem recorrer para obter ajuda.

—Então nós voltamos— disse Buck. Rolando o nabo do fogo e esfaqueando com a vara; a crosta preta quebrando e escorrendo em branco. Ele olhou para o vegetal, por um momento, então estampou, esmagou-o em cinzas.

—E Donald ainda estava lá, é claro. Ele era casado?

Buck balançou a cabeça, em seguida, com os nós dos dedos tirou o cabelo de seus olhos.

—Ele não era bom— disse em voz baixa. —Era verdade, o que eu disse a você sobre como cheguei a passar pelas pedras. Mas uma vez que eu vi por mim mesmo e descobri como as coisas eram e eu sabia que Morag seria mais bem servida se eu nunca mais voltasse. Ou ela me dava como morto depois de um tempo e se casaria com Donald, ou, na pior das hipóteses, o seu pai a teria de volta, mesmo com o menino. Eles viveriam bem e ela herdaria a fazenda, quando seu único velho morresse.

A garganta de Roger pareceu apertada, mas isso não importava. Ele estendeu a mão e apertou o ombro de Buck, duro. Buck deu um pequeno bufo, mas não se afastou.

Depois de um pouco, porém, ele deu um suspiro e se endireitou, voltando-se para Roger.

—Então você vê— disse. —Se eu voltar e falar a sua esposa o que está fazendo e, com sorte, voltar e dizer que talvez fosse à única coisa boa que eu poderia fazer. Para a minha família, para ele.

Levou algum tempo para Roger conseguir ter sua voz suficientemente sob controle para falar.

—Sim— disse. —Bem. Durma agora. Quero ir até Lallybroch. Você talvez veja Dougal MacKenzie em Leoch. Se você quiser ainda... quero dizer e, depois... haverá tempo suficiente para decidir, então.

### ***Capítulo 106 - Um Irmão de Campanha***

*Craigh na Dun, nas Highlands escocesas 21 de dezembro de 1980*

O cabelo de Esmeralda estava muito vermelho. *Alguém ia notar. Eles iam fazer perguntas. Seu idiota, por que você sequer não pensou nisso? Eles notam uma Barbie em um biquíni de bolinhas de um pedaço de um monte mais rápido...* Brianna fechou os olhos por um instante, para apagar a visão de pano da boneca de Mandy com sua peruca assustada escarlate, brilhante com um corante muito mais brilhante do que qualquer coisa viável no século XVIII. Ela tropeçou em uma pedra, disse, —M[48]... palavra!— Baixinho, e, com os olhos arregalando, segurou mais firme a mão livre de Mandy, a outra sendo empregada para segurar Esmeralda.

Ela sabia bem inferno por que ela estava se preocupando com o cabelo da boneca. Se ela não pensasse em algo inconsequente, ela ia virar à direita de volta e correr pela encosta rochosa como uma lebre em pânico, arrastando Jem e Mandy através do tojo morto.

*Vamos fazer. Temos. Nós vamos morrer, vamos todos morrer lá dentro, na cor preta... Oh, Deus, oh, Deus...*

—Mamãe?— Jemmy olhou para ela, sua pequena testa franzida. Ela fez uma tentativa, bem pensada em um sorriso tranquilizador, mas ele parecia menos do que convincente, a julgar pela sua expressão alarmada.

—Está tudo bem— disse, abandonando o sorriso e colocando pouca convicção que conseguiu reunir em sua voz. —Está tudo bem, Jem.

—Uh-huh. — Ele ainda parecia preocupado, mas ele virou o rosto para cima, e sua expressão suavizou, intencionalidade substituindo preocupação. —Eu posso ouvi-los— disse em voz baixa. —Você pode ouvi-los, mamãe?

Esse *Mamãe* fez sua mão apertar, e ele fez uma careta, mas ela não achava que ele realmente notou. Ele estava escutando. Ela parou, e todos ouviam. Ela podia ouvir o barulho do vento e uma leve tamborilar tão breve chuva varrendo a urze castanha. Mandy estava cantarolando para Esmeralda. Mas o rosto de Jem voltou para cima, sério, mas não com medo. Ela podia ver a parte superior pontiaguda de uma das pedras, pouco visível acima da crista do morro.

—Eu não posso, querido— disse, deixando escapar um pouco do enorme fôlego que ela estava segurando. —Ainda não— *E se eu não posso ouvi-las de verdade? E se eu perdi isso? Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós...* —Vamos... ficar um pouco mais perto.

Ela estava congelada no interior durante as últimas vinte e quatro horas. Ela não era capaz de comer ou dormir, mas continuou andando, empurrando tudo de lado, socando e recusando-se a acreditar na verdade que eles estavam indo fazer, no entanto, fazer os preparativos necessários em um estado de calma estranha.

A bolsa de couro pendurada em seu ombro batendo um pouco, tranquilizando em sua realidade sólida. O peso poderia ser pesado para carregar, mas iria segurá-la firme contra a força do vento e da água, seguro contra a terra. Jem soltou sua mão, e ela chegou a compulsivamente através da fenda na saia e sentiu os três pedaços pouco duros no bolso amarrado em volta de sua cintura.

Ela estava com medo de tentar as pedras sintéticas, por medo de que não fosse funcionar ou se poderia explodir violentamente, como a grande opala que Jemmy estourou em pedaços na Carolina do Norte.

De repente, ela foi varrida por um desejo de Fraser Ridge e seus pais tão intensos que as lágrimas brotaram em seus olhos. Ela piscou duro e enxugou os olhos com a manga, fingindo que o vento a fez lagrimejar. Não importava; nenhuma das crianças estava percebendo. Agora os dois estavam olhando para cima, e ela finalmente percebeu, com um pequeno baque, um zumbindo de medo, que ela podia ouvir das pedras; elas estavam zumbindo, e Mandy estava cantarolando com elas.

Ela olhou para trás involuntariamente, checando para ter certeza de que não estavam sendo seguidos, mas que eles estavam. Lionel Menzies estava subindo o caminho atrás deles, subindo rápido.

—F... palavra — ela disse em voz alta, e Jem virou-se para ver o que estava acontecendo.

—Sr. Menzies! —Ele disse, e seu rosto se abriu em um sorriso de alívio.  
—Sr. Menzies!

Bree apontou firmemente para Jem para ficar onde estava e levou a alguns passos para o caminho íngreme em direção a Menzies, pedrinhas correndo sob seus sapatos e saltando para baixo em direção a ele.

—Não tenha medo— disse, aproximando-se sem fôlego e parando logo abaixo dela. —Eu... eu tinha que vir, certificar-me que estava a salvo. Que você quer ir embora. —Ele acenou com a cabeça para cima, olhando para além dela. Ela não se virou para olhar; ela podia sentir as pedras agora, cantarolando suavemente por enquanto em seus ossos.

—Estamos bem— disse, com a voz surpreendentemente firme. — Realmente. Er... Obrigado — ela acrescentou, tardiamente educada.

Seu rosto estava pálido e um pouco tenso, mas se curvou em um pequeno sorriso para isso.

—O prazer é meu— disse, com igual polidez. Mas ele não se moveu para virar e ir embora. Ela respirou por um momento, percebendo que o núcleo congelado descongelou. Ela estava viva de novo, completamente, e completamente em estado de alerta.

—Existe alguma razão para que nós pudéssemos *não* estar seguros? — ela perguntou, olhando seus olhos por trás dos óculos. Ele fez uma careta um pouco e olhou por cima do ombro.

—Merda— disse. —Quem? Rob Cameron? —Ela falou bruscamente e ouviu o rangido do cascalho sob os sapatos de Jem quando ele se virou bruscamente, ao ouvir o nome.

—Ele e seus amigos, sim. — Ele acenou com a cabeça para cima. — Você, hum, realmente deveria ir. Agora, eu quero dizer.

Brianna disse algo muito ruim em gaélico, e Jemmy deu uma risadinha nervosa. Ela olhou para Menzies.

—E o que você estava planejando fazer, se Rob e seu bando de idiotas todo aparecerem atrás de nós?

—O que eu acabei de fazer, — ele disse simplesmente. —Avisá-la. Eu iria se eu fosse você. O seu, hum, filha?...

Ela girou ao redor para ver Mandy, Esmeralda na dobra do braço, colocada laboriosamente no caminho.

—Jem!— Ela deu um passo gigante, agarrou-o pela mão, e eles correram através do morro depois de Mandy, deixando Lionel Menzies no caminho a seguir.

Pegando Mandy pela direita na borda do círculo, Bree tentou agarrar sua mão, mas perdeu. Ela podia ouvir Lionel Menzies chegando por trás deles. —Mandy— Ela pegou a menina e levantou-se, ofegante, cercada por pedras. O zumbido era mais agudo e fazendo coceira nos dentes; ela rangia uma ou duas vezes, tentando livrar-se do sentimento, e viu Menzies piscar. *Bom.*

Em seguida, ela ouviu o som do motor de um carro abaixo e viu o rosto de Menzies mudar para um olhar de alarme aguda.

—Vá!— Disse. —Por favor!

Ela se atrapalhou sob sua saia, com as mãos tremendo, e, finalmente, se apoderou de todas as três pedras. Eles eram do mesmo tipo, pequenas esmeraldas, embora de corte ligeiramente diferente. Ela as escolheu porque se lembrou dos olhos de Roger. O pensamento nele a acalmou.

—Jem— disse, e colocou uma pedra na mão. —E, Mandy aqui a sua. Coloquem em seus bolsos, e...

Mas Mandy, seu pequeno punho segurando Esmeralda, tinha ido em direção a maior das pedras do pé. Sua boca pendia aberta por um momento, e então de repente seu rosto se iluminou como se alguém tivesse acendido uma vela em seu interior.

—Papai!— ela gritou, e, puxando a mão de Brianna, correu diretamente para a fenda de pedra e para ele.

—Jesus!— Brianna mal ouviu a exclamação chocada de Menzies. Ela correu em direção à pedra, tropeçou em Esmeralda, e caiu estendida na grama, se nocauteando ao vento.

—Mamãe!— Jem parou por um momento ao seu lado, olhando freneticamente de frente para trás entre ela e a pedra onde sua irmã mais nova apenas desapareceu.

—Estou... Tudo bem — ela conseguiu, e com essa garantia, Jem correu através da clareira, chamando de volta— eu vou levá-la, Mamãe!

Ela engoliu em seco o ar e tentou gritar atrás dele, mas fez apenas um chiado de coaxar. O som de pés a fez olhar temeroso a sua volta, mas era apenas Lionel, que ia correndo para a borda do círculo, olhando para baixo da encosta. À distância, ela podia ouvir as portas do carro batendo. *Portas. Mais do que uma...*

Ela cambaleou aos seus pés; ela caiu no saco e machucou as costelas, mas isso não importava. Ela mancou em direção à fenda da pedra, parando

apenas para pegar Esmeralda por reflexo. *Deus, Deus, Deus...* era o único pensamento em sua cabeça, uma agonia de oração a sua volta.

E de repente a prece foi atendida. Ambos estavam na frente dela, balançando e pálidos. Mandy vomitou; Jem sentou-se duro sobre suas pernas e caiu ali, oscilando.

—Oh, Deus... —Ela correu para eles, agarrou-os com força contra ela, apesar da maldade. Jem se agarrou a ela um momento, mas depois afastou.

—Mamãe— disse, e sua voz estava sem fôlego de alegria. —Mamãe, ele está *lá*. Podemos senti-lo. Podemos encontrá-lo temos que ir, Mamãe!

—Você sente. — Foi Lionel de costas, ofegante e assustado, puxando a capa de Brianna, tentando endireitá-la para ela. —Eles estão vindo e são três deles.

—Sim, eu... —, mas, então, a realização atingiu-a, e ela virou-se para as crianças em pânico. —Jem, Mandy sua... pedra, onde estão elas?

—Qleimadas— disse Mandy solenemente, e cuspiu na grama. — Cupi. Eca. —Ela limpou a boca.

—O que você quer dizer...

—Sim, elas estão, Mamãe. Veja? —Jem pegou no bolso de suas calças, mostrando o local queimado e a mancha negra de carbono em torno dele, cheirando fortemente a lã chamuscada.

Frenética, ela se atrapalhou em roupas de Mandy, encontrando a mesma marca de queimadura no lado de sua saia, onde a pedra vaporizou queimando através de seu bolso.

—Arde, querida?— ela perguntou, passando a mão para baixo resistente pela coxa de Mandy.

—Não muito, — Mandy tranquilizou-a.

—Brianna! Pelo amor de Deus, eu não posso...

—*Eu* não posso— ela gritou, arredondando para ele, com os punhos cerrados. —Pedras. As das crianças estão *desaparecidas*! Elas não podem, elas não podem passar sem elas! —Ela não tinha certeza de que isso era verdade, mas a ideia de deixá-los tentar entrar nisso... *como*... Sem a proteção de uma pedra apertava seu estômago, e ela quase chorou de medo e desespero.

—Pedras— repetiu, olhando em branco. —Jóias você quer dizer? Pedras?

—Sim!

Ele ficou por um instante com a boca aberta, em seguida, caiu de joelhos, puxando sua mão esquerda, e no instante seguinte estava batendo a mão direita febrilmente contra uma rocha que estava meio afundada na grama.

Bree olhou para ele sem poder fazer nada por um momento, em seguida, correu para a borda do círculo, em volta de uma pedra se abaixou e ficou encostado na sombra, olhando para fora. Olhando de lado, ela podia ver formas humanas, a meio da encosta e em movimento rápido.

Do outro lado da pedra, Menzies deu um gemido de dor ou frustração e bateu em algo duro contra uma pedra, com um pequeno ruído de rachar.

—Brianna!— ele gritou urgente, e ela correu de volta, com medo de que as crianças fossem tentar passar, mas que estava tudo bem; eles estavam de pé na frente de Lionel Menzies, que estava inclinando-se sobre Mandy, segurando uma de suas mãos.

—Enrole seu punho, mocinha— disse, quase gentilmente. —Sim, é isso. E, Jem aqui, coloque para fora sua mão. —Brianna estava perto o bastante para ver que era uma coisa pequena brilhante que colocou na palma da mão de Jem o punho de Mandy estava enrolado em torno de um grande anel, uma vez agredido, com um emblema maçônico esculpido, um soquete vazio de ônix e os pequenos diamantes gêmeos de Jem ao lado um do lado do outro.

—Lionel— disse, e ele estendeu a mão e tocou seu rosto.

—Vá agora— disse. —Eu não posso sair até que vá. Uma vez que você for, porém, eu vou correr para ele.

Ela assentiu com a cabeça bruscamente, quando, então se inclinou e tomou as mãos das crianças. —Jem coloque isso em seu outro bolso, ok?— Ela engoliu em seco o ar e virou-se para a grande pedra palatina. O nervoso martelando em seu sangue e ela podia sentir puxando, tentando levá-la à parte.

—Mandy— disse, e mal podia ouvir sua própria voz. —Vamos encontrar o papai. Não deixe de ir.

Foi só quando a gritaria começou que ela percebeu que não disse —Obrigado— e então ela não pensou mais.

## ***Capítulo 107 - O Campo Enterrado***

Ela amava Lallybroch no inverno. O tojo e giestas na urze parecia não morrer tanto como simplesmente desaparecer de volta para a paisagem, à urze roxa desaparecendo em uma sombra marrom suave de si mesmo e as giestas em um conjunto de varas secas, suas longas vagens planas chocalhando suavemente ao vento. Hoje, o ar estava frio e imóvel, e na fumaça cinza suave das chaminés subindo em linha reta até tocar o céu sombrio.

—Casa, estamos em casa!— Mandy disse, pulando para cima e para baixo. —Bom, bom, que bom! Posso ter uma Coca-Cola?

—Ele não está em casa, pateta, — disse Jem. Apenas a ponta rosa do nariz e um lampejo de cílios eram visíveis no espaço entre seu chapéu de lã e cachecol em volta do pescoço. Sua respiração tinha uma nevoa branca. — É *depois*. Eles não têm cocas agora. Além disso, —ele acrescentou, logicamente, — é muito frio para beber Coca-Cola. Sua barriga iria congelar.

—Huh?

—Não se preocupe, querida— disse Brianna, e apertou sua mão na mão de Mandy. Eles estavam no topo da colina atrás da casa, perto dos restos velhos do Forte de Ferro. Era um curso laborioso até o morro, mas ela estava relutante em se aproximar da casa da frente, onde eles seriam visíveis por um bom quarto de milha, que vinha em terreno aberto.

—Vocês podem sentir o papai em qualquer lugar perto?— Ela perguntou às crianças. Ela olhou automaticamente o velho Morris laranja de Roger, pois estava ao topo da colina, e sentiu uma queda absurda de espíritos ao ver nem carro, nem cascalho. Jem balançou a cabeça; Mandy não respondeu, distraída por um fraco balido abaixo.

—Ovelassss!— Disse, encantada. —Vamos ver as ovelas!

—Não são ovelhas— disse Jem, em vez de mau humor. —São cabras. Eles estão na Torre. Podemos ir para baixo agora, Mamãe? Meu nariz está prestes a cair.

Ela ainda estava hesitante, observando a casa. Cada músculo estava esticando, puxando em direção a ela. *Casa*. Mas não era sua casa, agora não. *Roger*. —*O doce, lindo e forte e flexível que tem...*

É claro que ela sabia que ele provavelmente não estava aqui; ele e Buck estariam procurando algum lugar por Jerry MacKenzie. *E o que encontraram?* Pensou, com um pouco de baque de algo entre excitação e medo.

O medo era que estava impedindo-a de correr para baixo do morro para martelar na porta e atender qualquer um de sua família passando a estar em casa hoje. Ela passou os últimos dias na estrada, e as horas na caminhada final de onde a carroça caiu, tentando decidir se sua mente ainda estava tão dividida como nunca.

—Vamos lá— disse para as crianças. Ela não poderia mantê-los aqui fora no frio, enquanto ela resolvia em sua mente. —Vamos visitar as cabras em primeiro lugar.

O cheiro de cabras golpeou o momento em que ela abriu a porta-pungente, quente e familiar. Quente, acima de tudo; todos os três seres humanos suspiraram de alívio e prazer como o calor que os animais criavam, e eles sorriram para a corrida ansiosa e clamor de *mehhs* que saudou a sua presença.

Do barulho que ecoou pelas muralhas de pedra, poderia ter cinquenta cabras dentro da Torre, embora Brianna contasse apenas meia dúzia de babás, orelhas longas e guloseima, quatro ou cinco crianças rodadas e meio inchadas, e um único bode robusto que baixou os chifres e encarou-os, desconfiado e de olhos amarelos. Todas elas compartilhavam uma calha velha que cobria a metade do piso térreo da Torre. Ela olhou para cima, mas em vez de as vigas expostas de altura acima que ela meio que esperava ver, havia o lado intacto de outro andar de cima.

As crianças, seus filhos, elas e ela sorriram para os tufo de pensamento que já estavam furando feno através da cerca e brincando com os cabritos, que estavam de pé sobre as patas traseiras para espiar os visitantes.

—Jemmy, Mandy— ela falou. —Tire os chapéus e cachecóis e luvas e coloque perto da porta, para que as cabras não mastiguem sobre eles!— Ela deixou Jem para ajudar Mandy e silenciosa subiu a escada para ver o que estava no segundo andar.

A luz de inverno pálida das janelas listram as ancas de sacos de estopa que enchiam a maior parte do espaço. Ela respirou e tossiu um pouco; pó de farinha estava flutuando no ar, mas ela cheirava a doçura do milho seco, chamando o mais profundo cheiro, de noz de cevada madura, bem, e quando ela cutucou o pé contra um saco particularmente irregular, ouviu o barulho e o clack de avelãs. Lallybroch não morreriam de fome neste inverno.

Curiosa, ela subiu mais um lance e no andar superior, encontrou um bom número de pequenos barris de madeira dispostos contra a muralha. Era

muito mais frio aqui em cima, mas o aroma inebriante de bom uísque encheu o ar com a ilusão de calor. Ela ficou respirando por um momento, querendo muito ser embebedar, obliterando sua mente, ser capaz de não *pensar*, inferno, mesmo que apenas por alguns minutos.

Mas essa era a última coisa que ela poderia fazer. Em questão de minutos, ela teria de agir.

Ela deu um passo de volta para a escada estreita que acabava entre as muralhas internas e externas da Torre e olhou na direção da casa, com lembranças vívidas da última vez que esteve aqui, agachou-se na escada no escuro com uma espingarda em sua mãos, vendo a luz de estranha em sua casa.

Havia estranhos aqui agora, também, embora seu próprio sangue. E se... Ela engoliu em seco. Se Roger encontrasse Jerry MacKenzie, seu pai estaria apenas em seus primeiros vinte anos, muito mais jovem do que o próprio Roger. E se seu próprio pai estivesse aqui agora.

—Ele não pode estar— ela sussurrou para si mesma, e não tinha certeza se isso era garantia ou arrependimento. Ela o conheceu pela primeira vez na Carolina do Norte, urinando contra uma árvore. Ele esteve na casa dos quarenta, ela vinte e dois.

Você não pode inserir sua própria salvação, não poderia existir ao mesmo tempo duas vezes. Eles pensavam que sabiam, com certeza. Mas e se você entrasse na vida de outra pessoa duas vezes, em momentos diferentes?

Isso era o que estava transformando seu sangue em gelo e fazendo os punhos enrolarem e tremerem. *O que aconteceria?* Será que um ou outro dos seus aparecimentos mudaria as coisas, talvez cancelasse o outro? Será que não aconteceria dessa forma, seria se ela *não* conhecesse Jamie Fraser na Carolina do Norte, se ela o conhecesse agora?

Mas ela tinha que encontrar Roger. Não importa o que acontecesse. E Lallybroch era o único lugar que ela tinha certeza que ele estava. Ela respirou profundamente e fechou os olhos.

*Por favor, Rezou. Por favor me ajude. Tua será feito, mas por favor, mostre-me o que fazer...*

—Mamãe!— Jemmy veio correndo a escada, seus passos altos no corredor de pedra confinado. —Mamãe— Ele veio à vista, os olhos azuis e os cabelos em pé revoltos pela metade no final de excitação. —Mamãe, desce! Um homem está vindo!

—Quem é ele?— Ela perguntou urgente, agarrando-o pela manga. —De que cor é o seu cabelo?

Ele piscou, surpreso.

—Preto, eu acho. Ele está na parte inferior do morro, eu não podia ver seu rosto.

*Roger.*

—Tudo certo. Eu estou indo. —Ela se sentia metade sufocada, mas já não congelada. Ele estava vindo agora, o que quer que fosse, e energia passando por suas veias.

Mesmo quando ela foi arremessada para baixo nas escadas atrás Jemmy, racionalidade disse a ela que não era Roger longe ou não, Jemmy saberia se fosse o pai. Mas ela tinha que ver.

—Fique *aqui*— Ela disse aos filhos, com tanto comando na voz que eles piscaram mas não discutiram. Ela abriu a porta, viu o homem subindo a caminho, e saiu para encontrá-lo, fechando a porta firmemente atrás dela.

Desde o primeiro momento, ela viu que não era Roger, mas a decepção foi substituída ao mesmo tempo aliviada que não era Jamie. E intensa curiosidade, porque certamente devia ser...

Ela correu pelo caminho, para ficar bem longe da Torre, apenas no caso, e estava escolhendo seu caminho através das pedras da família enterradas no chão, os olhos no homem subindo o caminho íngreme, rochoso.

Ali, de aparência sólida o homem alto, com o cabelo escuro um pouco grisalho, mas ainda espesso brilhante e solto sobre os ombros. Seus olhos estavam sobre o chão áspero, observando o equilíbrio. E então ele veio ao seu destino e fez o seu caminho em todo o morro, a uma das pedras no chão enterradas. Ajoelhou-se por ela e estabeleceu algo que ele estava carregando em sua mão.

Ela trocou seu peso, sem saber se chamava ou esperava até que ele terminou o seu negócio com os mortos. Mas as pequenas pedras sob seus pés mudaram, também, rolando com um *clique-claque-clique* que o fez olhar para cima e, vendo-a, subir abruptamente para seus pés, sobranceiras negras levantadas.

Cabelo preto, sobranceiras negras. *Brian Dubh.* Brian Black.

*Eu conheci Brian Fraser (você gostaria dele, e ele, de você)...*

Largos, olhos castanhos assustados encontraram os dela, e por um segundo era tudo o que ela viu. Seus belos olhos profundos, bem como a expressão de horror atordoada neles.

—Brian— disse. —Eu...

—*A Dhia!*— Ele estava mais branco do que o gesso da casa abaixo. — Ellen!

Espanto privou de voz por um longo tempo suficiente para ouvir instantâneos passos leves lutando descendo a colina atrás dela.

—Mãe!— Jem chamava, sem fôlego.

O olhar de Brian virou-se, por trás dela, e sua boca se abriu na vista de Jem. Em seguida, um olhar de alegria radiante inundado seu rosto.

—Willie— ele disse. —*A bhalaich! Mo bhalaich!* — Ele olhou para Brianna e estendeu a mão trêmula para ela. —*Mo ghràidh... mo Chridhe...*

—Brian— disse em voz baixa, com o coração em sua voz, cheio de compaixão e amor, incapaz de fazer qualquer coisa, mas responder à necessidade da alma, que mostrava tão claramente em seus lindos olhos. E com ela falando seu nome pela segunda vez, ele parou, balançando por um momento, e então os olhos enrolado em sua cabeça e ele caiu.

Ela estava ajoelhada na urze morta crocante ao lado de Brian Fraser antes que ela sequer pensasse se mover. Houve uma ligeira coloração azul para os lábios, mas ele estava respirando, e ela respirou profundamente o ar frio e alívio por si mesma vendo seu peito subir lentamente sob a camisa de linho gasto.

Não pela primeira vez, ela desejou ardentemente que sua mãe estava lá, mas virou a cabeça para um lado e colocou dois dedos no pulso que ela pudesse vê no lado de seu pescoço. Seus dedos estavam frios, e sua carne era surpreendentemente quente. Ele não acordou ou agitou a seu toque, embora, e ela começou a temer que ele não houvesse apenas desmaiado.

Ele morreu... morreria de um acidente vascular cerebral. Se havia alguma fraqueza em seu cérebro... Oh, Deus. Se ela tivesse acabado de matar ele prematuramente?

—Não morra!— Ela disse-lhe em voz alta. —Pelo amor de Deus, não morra *aqui!*

Ela olhou rapidamente para a casa abaixo, mas ninguém estava por vir. Olhando para baixo de novo, ela viu o que era que tinha vindo fazer: um pequeno buquê de verdes ramos, amarrado com linha vermelha. Teixo, ela reconheceu a estranha tubular bagas vermelhas e azevinho.

E então ela viu a pedra. Ela a conhecia bem, se sentou no chão ao lado muitas vezes, contemplando Lallybroch e aqueles que dormiam em sua encosta.

*Ellen Caitriona Sileas MacKenzie Fraser*  
*Amada esposa e mãe*

*Nascida 1691, morta de parto 1729*

E abaixo, em letras menores:

*Robert Brian Gordon MacKenzie Fraser*

*Filho infantil*

*Morto em 1729 - nascimento*

E:

*William Simon Murtagh MacKenzie Fraser*

*Amado filho*

*Nascido 1716, morto de varíola 1727*

—Mãe!— Jem derrapou até os últimos metros, quase caindo ao lado dela. —Mãe, Mãe, Mandy quer saber quem é ele?— Ele olhou de rosto pálido de Brian para seu próprio e de volta.

—Brian Fraser é seu nome. Ele é o seu bisavô. —Suas mãos tremiam, mas, para sua surpresa, ela sentiu de repente calma no falar das palavras, como se ela tivesse entrado no centro de um quebra-cabeça e encontrando a peça que faltava. —E quanto a Mandy?

—Será que eu o assustei?— Jem agachou, olhando preocupado. —Ele olhou para mim antes que ele caísse no chão. Ele está morto?

—Não se preocupe, eu acho que ele só teve um choque. Ele pensou que nós éramos... Alguém mais. —Ela tocou maçã do rosto de Brian, sentindo o arrepio suave de sua barba incipiente e alisou o cabelo caído atrás da orelha. Sua boca se contraiu um pouco quando fez isso, o fantasma de um meio sorriso, e seu coração deu um pulo. Graças a Deus, ele estava chegando. — O que Mandy disse?

—Oh!— Jem levantou-se, rapidamente, os olhos arregalados. —Ela diz que ouviu pai!

***Capítulo 108 - Realidade é aquela que, quando você para de acreditar, não vai embora.***

Roger virou a cabeça de seu cavalo em direção Lallybroch, sabendo para onde ir. Ele levou a licença de Brian Fraser seis semanas antes e era triste com o que ele pensava que fosse uma separação permanente. Seu coração aliviou um pouco agora com a ideia de ver Brian novamente. Também na certeza de um ouvido simpático, apesar de que havia pouco que pudesse discutir abertamente com ele.

Ele teria que dizer a Brian, é claro, que ele não encontrou Jem. Esse pensamento era um espinho em seu coração, e sentia a cada batida. Nas últimas semanas, ele foi capaz de colocar a dor brutal da ausência de Jemmy de lado um pouco, esperando que de alguma forma, encontrar Jerry também pudesse levar a encontrar Jem. Mas isso não aconteceu.

Que diabo ele *queria* dizer, era um mistério completo. Se ele tivesse encontrado o único Jeremiah que havia para ser encontrado aqui? Se ele tivesse... onde *estava* Jem?

Ele queria dizer a Brian que encontrou o homem a quem as placas de identidade pertenciam e Brian perguntaria. Mas como fazê-lo sem divulgar ou a identidade de Jerry, o relacionamento de Roger com ele, ou explicar o que aconteceu com ele? Ele suspirou, controlando seu cavalo em torno de uma grande poça na estrada. Talvez fosse melhor dizer, simplesmente, que ele falhou, não encontrou JW MacKenzie embora perturbasse mentir completamente a um homem tão de coração aberto.

E ele não podia discutir com Buck, também. Além do pensamento de Jem, Buck era o assunto mais pesado deitado em sua mente no momento.

—*Você nunca seria um ministro decente, se não pode ser honesto.* — Ele tentou ser. As verdades honestas da situação de seu próprio ponto de vista egoísta eram que ele ia perder a companhia de Buck, que ele estava profundamente com ciúmes da possibilidade de que Buck *pudesse* tornar a ver Brianna, e não menos importante, assegurar que ele estava com medo de que Buck *não voltasse* novamente pelas pedras. Ele morreria no vazio, ou talvez se perdesse mais uma vez, sozinho em algum momento aleatório.

A verdade para Buck era que, embora pudesse argumentar (e com não pouca força) que Buck devia retirar-se imediatamente e permanentemente na vizinhança de Geillis Duncan, passar pelas pedras era talvez o meio menos desejável de garantir tal resultado.

Para aceitar o gesto galante de Buck era uma tentação, no entanto. Se ele *pudesse* fazê-lo, falar a Bree, onde Roger estava... Roger não pensou que Buck pudesse voltar, no entanto. Os efeitos da viagem eram cumulativos, e Hector McEwan provavelmente não estaria aqui na próxima vez.

Mas se Buck estava disposto a arriscar a travessia, apesar do perigo muito real para a sua própria vida, com certeza era obrigação de Roger tentar convencê-lo a voltar para a sua própria esposa, ao invés da de Roger?

Ele roçou a palma de sua mão contra os lábios, sentindo a memória e a suavidade do cabelo castanho de Morag em seu rosto quando ele se inclinou

para beijá-la na testa, nas margens do Alamance. A confiança suave em seus olhos e do fato de que ela inferno, salvou sua própria vida muito pouco tempo depois. Seus dedos descansando por um instante em sua garganta, e ele percebeu que, com o lampejo de surpresa que atendia ao reconhecimento de coisas já há muito conhecidas, que qualquer que fosse a amargura de seus arrependimentos sobre sua voz, ele nunca por um instante desejou que ela *não o tivesse* salvado.

Quando Stephen Bonnet teria jogado o filho de Morag ao mar, Roger salvou a criança do afogamento, e em algum risco para a sua própria vida. Mas ele não achava que ela fez o que fez em Alamance no pagamento dessa dívida. Ela fez isso porque ela não queria que ele morresse.

Bem. Ele não queria que Buck morresse.

Será que Morag *queria* Buck de volta? Buck não pensou, mas ele podia estar errado. Roger tinha quase certeza de que o homem ainda amava Morag e que sua abnegação se devia tanto ao próprio sentimento de fracasso pessoal de Buck sobre o que ele achava serem os desejos de Morag.

—Mesmo se isso fosse verdade— disse em voz alta, —onde é que eu saio tentando gerenciar a vida das pessoas?

Ele balançou a cabeça e seguiu através de uma névoa de luz que tecia farrapos de névoa através de um afiado preto molhado tojo. Não estava chovendo, que era uma coisa, embora o céu tivesse uma carga de nuvem que encobria os topos das montanhas próximas.

Ele nunca perguntou a seu pai adotivo nada sobre a arte de ser um sacerdote; era a última coisa que ele já pensou em ser. Mas ele cresceu na casa do Reverendo e viu paroquianos irem todos os dias para o estudo confortavelmente velho em busca de ajuda ou aconselhamento. Lembrou-se de seu pai (e agora sentiu uma nova estranheza na palavra, em camadas, como foi com o frescor da presença física de Jerry MacKenzie), lembrou-se dele sentando com um suspiro de beber chá na cozinha com a Sra. Graham, balançando a cabeça em resposta ao seu olhar interrogativo e dizendo: —*Às vezes não há nada que você possa dar a alguns deles, mas um ouvido amigo e uma oração para estar acontecendo com ele.*

Ele chegou a um ponto morto na estrada, fechou os olhos, e tentou encontrar um momento de paz em meio ao caos de seus pensamentos. E terminou, como todo sacerdote desde o tempo de Aaron sem dúvida

jogando as mãos para cima e exigindo, —O que você *quer* de mim? O que diabos eu deveria *fazer* sobre essas pessoas?

Ele abriu os olhos quando ele disse isso, mas em vez de encontrar um anjo com um pergaminho iluminado em pé diante dele, ele foi confrontado pelos pequenos olhos amarelos de uma gaivota gorda sentada na estrada a poucos metros de seu cavalo e decompondo pela mínima presença de uma criatura de uma centena de vezes o seu tamanho. O pássaro deu um tipo antiquado de olhar, então abriu suas asas e bateu com um barulho de *screek!* Isto ecoou encosta acima, onde mais algumas gaivotas giravam lentamente, pouco visíveis contra o céu de papel branco.

A presença da gaivota quebrou o sentimento de isolamento, pelo menos. Montou em um quadro mais calmo da mente, resolvido apenas não pensar sobre as coisas, até que ele tinha que fazer.

Ele pensou que ele estava perto de Lallybroch; com sorte, poderia alcançá-la bem antes de escurecer. Sua barriga roncava com a perspectiva de chá, e ele se sentiu mais feliz. Tudo o que ele podia e não podia dizer a Brian Fraser, apenas vendo Brian e sua filha Jenny novamente seria um conforto.

As gaivotas choravam no alto, ainda rodando, e ele olhou para cima. Com certeza: ele podia distinguir as baixas ruínas do velho Forte de Ferro na colina lá em cima, as ruínas que ele reconstruiu? E se ele nunca voltasse para... *Jesus, nem sequer pense sobre isso, homem, vai deixá-lo mais louco que você já está.*

Ele cutucou o cavalo e ele relutantemente acelerou um pouco. Ele acelerou muito mais rápido no momento seguinte, quando um barulho batendo veio da encosta logo acima.

—Nossa! Uau, seu idiota! Nossa, eu disse! —Esses xingamentos, juntamente com uma alçada das rédeas para trazer a cabeça do cavalo de volta, teve um efeito, e eles acabaram indo para trás na maneira que viraram, para ver um menino de pé, ofegante, no meio da estrada, com o cabelo vermelho todo no final, quase marrom à luz silenciado.

—Papai— disse, e seu rosto se iluminou como se tocado por um sol repentino. —Papai!

Roger não teve qualquer memória de deixar o seu cavalo ou correr pela estrada. Ou de qualquer outra coisa. Ele estava sentado na lama e na névoa em um pedaço de samambaia molhada com seu filho abraçado apertado contra o peito, e nada mais importava no mundo.

—Pai, — Jem ficava dizendo, ofegando com soluços: —Papai, papai...

—Eu estou aqui— ele sussurrou no cabelo de Jem, as lágrimas escorrendo pelo seu rosto. —Eu estou aqui, estou aqui. Não tenha medo.

Jem deu um suspiro trêmulo, conseguindo dizer: —Eu *não* estou com medo — e chorou mais um pouco.

Por fim, um sentido de tempo se arrastou de volta, junto com a sensação de imersão de água através do assento de suas calças. Ele respirou e estremeceu um pouco em si mesmo, alisou o cabelo de Jem, e beijou sua cabeça.

—Você cheira como uma cabra— disse, engoliu em seco, escovado os olhos com as costas de uma mão, e riu. —Onde *inferno* você esteve?

—Na Torre com Mandy— disse Jem, como se isso fosse à declaração mais natural do mundo. Ele deu a Roger um olhar levemente acusador. —Onde *ocê* esteve?

—Mandy?— Disse Roger inexpressivamente. —O que quer dizer Mandy?

—Minha irmã— disse Jem, com a paciência das crianças tem de vez em quando para mostrar a densidade de seus pais. —*Você* sabe.

—Bem onde... *está* Mandy, então? —Em estado de confusão surreal de Roger, Mandy poderia muito bem ter aparecido ao lado de Jem como um cogumelo.

O rosto de Jem ficou momentaneamente em branco com a confusão, e ele olhou em volta como se esperasse Mandy se materializar fora do musgo e urze a qualquer momento.

—Eu não sei, — ele disse, soando levemente intrigado. —Ela fugiu para encontrá-lo, e, em seguida, Mamãe caiu e quebrou alguma coisa e...

Roger largou Jem, mas agarrou-o novamente no mesmo instante, assustando a respiração do menino.

—Sua mãe está aqui, *também*?

—Bem, com certeza— disse Jem, soando levemente irritado. —Quero dizer, não *aqui*. Ela está lá em cima, no velho forte. Ela tropeçou em uma pedra quando estávamos correndo para pegar Mandy.

—Jesus, Senhor— disse Roger com fervor, dando um passo na direção do forte, em seguida, parou abruptamente. —Espere: você disse que ela quebrou e está machucada, algo?

Jem encolheu os ombros. Ele estava começando a parecer preocupado de novo, mas não muito preocupado. O pai estava aqui; tudo ficaria bem.

—Eu não acho que é ruim— assegurou ao pai. —Ela não podia andar, porém, assim ela me disse para correr e pegar Mandy. Mas eu achei você em primeiro lugar.

—Ok. Ela está acordada, porém, ela está falando? —Ele tinha Jem pelos ombros, tanto para mantê-lo parado e meio que temia que ele estivesse tendo alucinações, como obrigar uma resposta que ele desaparecesse.

—Uh-huh— Jem estava olhando vagamente sobre uma ligeira carranca no rosto. —Mandy está aqui em *algum lugar*... —Contorcendo livre, ele virou-se lentamente, o rosto vincado na concentração intencional.

—Mandy— Roger gritou até o morro. Ele colocou suas mãos ao redor de sua boca e gritou novamente. —BREE!— Ele examinou forte e encostou ansiosamente pela cabeça de Bree aparecendo acima das ruínas ou qualquer sinal de agitação entre a vegetação que pudesse ser ocasionada por uma codificação de três anos de idade. Sem cabeças aparecendo, mas uma brisa vindo e toda a colina parecia viva.

—Mandy fugiu para baixo desta colina?— ele perguntou, e, ao aceno de Jem, ele olhou para trás. A terra achatada em pântano do outro lado da estrada, e não havia um vislumbre de qualquer coisa que pudesse ser Mandy nela. A menos que ela caísse e estivesse deitada em uma cavidade...

—Você fica *aqui*— Disse a Jem, apertando o ombro duro. —Eu estou indo até o morro e olhar. Vou trazer sua mãe para baixo. —Subiu o traço de cascalho que foi a coisa mais próxima que havia para um caminho, chamando o nome de Mandy com intervalos, dividido entre a alegria imensa e pânico aterrador, sob pena de não ser real, para que ele, na verdade, rachasse e estava simplesmente imaginando que Jem estava lá, ele virou a cada terceira etapa para verificar se ele *estava*, ainda de pé na estrada.

*Bree*. O pensamento de que ela estava lá em cima, um pouco acima dele... —Mandy— ele gritou de novo, com a voz embargada. Mas rachada de emoção, e ele percebeu que em um instante de surpresa que estava gritando no volume máximo por alguns minutos agora e não machucou.

—Deus o abençoe, Hector— disse fervorosamente baixinho, e passou, a partir de agora a ziguezaguear para trás em toda a colina, batendo com os paus de vassoura seca em mudas de bétula, chutando tojo e fetos mortos no caso de Mandy ter caído, talvez batendo em uma pedra.

Ele ouviu as gaivotas gritarem acima, finas e penetrantes, e olhou para cima, esperando ver Brianna espiando por cima do muro da fortaleza. Ela

não estava, mas algo chamou novamente fino e penetrante, mas não uma gaiivota.

—*Papaiiiiiiii...*

Ele girou, quase perdendo o equilíbrio, e viu Jem correndo pela estrada e chegando à curva daquela estrada, o cavalo de Buck com Buck em cima dele, e um pacote descontroladamente se contorcendo com o cabelo preto encaracolado embalado precariamente no braço de Buck.

Ele não podia falar nada pelo tempo que ele alcançou.

—Penso que pode ter perdido alguma coisa— disse Buck rispidamente, e entregou Mandy cuidadosamente a ele. Ela era um peso pesado, animado em seus braços e cheirava a cabras.

—Papai!— Ela exclamou, sorrindo para ele como se tivesse acabado de chegar do trabalho. —Mwah! Mwah! —Ela o beijou ruidosamente e se aconchegou em seu peito, seu cabelo fazendo cócegas em seu queixo.

—Onde *estava* você? —Jem estava dizendo em tom de acusação.

—Onde *estava* você? —Mandy rebateu, e mostrou a língua para ele. —Bleah.

Roger estava chorando de novo, não podia parar. Mandy tinha rebarbas e gravetos preso em seu cabelo e no tecido de seu casaco, e ele pensou que ela poderia ter se molhado em algum lugar do passado recente. Buck contorceu as rédeas, como se preste a virar e ir, e Roger estendeu a mão e agarrou o estribo.

—Pare— ele resmungou. —Diga-me que é real.

Buck fez um ruído incoerente, e, olhando para cima em meio às lágrimas, Roger podia ver que Buck estava fazendo uma tentativa inadequada em esconder sua emoção.

—Sim— disse Buck, soando quase como se engasgasse como Roger. Ele enrolou as rédeas e, escorregando para a estrada, pegou Jem muito suavemente em seus próprios braços. —Sim, é verdade.

### ***Capítulo 109 - Friccionando***

Dr. McEwan era um único homem e dono de uma cama de solteiro. A cama estava atualmente acomodando quatro pessoas, e mesmo que duas dessas pessoas não eram de tamanho normal, a atmosfera geral era a do

metrô de Londres na hora do rush. Calor, carne aleatória em todas as direções, e uma nítida escassez de oxigênio.

Brianna se contorcia, tentando encontrar espaço para respirar. Ela estava deitada de lado, costas pressionadas contra a parede de pedra, com Mandy esmagada em uma massa respirando entre seus pais. Roger precariamente equilibrado no limite exterior do leito com Jem envolto sem ossos sobre ele, as pernas de Jem ocasionalmente se contraíam espasmodicamente, cutucando Bree nas canelas. E Esmeralda estava tomando a maior parte do único travesseiro, fios de cabelo vermelho levantando o nariz de todos.

—Você conhece a palavra *fricção*? —Bree sussurrou para Roger. Ele não estava dormindo; se ele estivesse, estaria no chão agora.

—Eu conheço. Por que, não quer experimentar agora? —Ele chegou cuidadosamente através de Jem e acariciou o braço nu de ânimo leve. Os cabelos finos subiram em seu antebraço; ela podia vê-los fazer, levantando silenciosamente no brilho opaco da lareira.

—Eu quero fazer menos do que com uma criança de três anos de idade. Mandy drogada. E Jem dormindo o suficiente para se mover?

—Nós vamos descobrir. Vou sufocar se ele não fizer. —Roger pôs as mãos debaixo de seu filho, que emitia um sonoro *mmmm*, mas, em seguida, estalou os lábios e diminuiu. Roger bateu suavemente, inclinou-se para verificar se ele estava solidamente dormindo, e se endireitou. —Ok, então.

Eles apareceram na porta de McEwan bem depois do anoitecer, Brianna levada entre Roger e Buck, as crianças em seus calcanhares. O médico, enquanto claramente surpreso com a invasão noturna dos MacKenzies, tomou calmamente, sentado Bree em sua mesa com o pé em uma panela com água fria e, em seguida, chamou sua senhoria para encontrar um pouco de jantar para as crianças.

—A entorse não é muito ruim— ele assegurou a Brianna, secando o pé com uma toalha de linho e habilmente apalpando o tornozelo inchado. Ele passou um polegar para cima do tendão problemático e observou-a estremecer. —Ela só vai ter tempo para curar, mas eu acho que pode aliviar a dor um pouco se quiser... —Ele olhou para o Roger, sobrancelha levantada, e Brianna respirava pelo nariz.

—Não é *seu* tornozelo — disse levemente irritada. —E *Eu* certamente *aprecio* qualquer coisa que você possa fazer.

Roger balançou a cabeça, com ela ainda mais aborrecida, e McEwan puxou o pé sobre o joelho. Vendo-a aderência das bordas do banquinho para

manter o equilíbrio, Roger ajoelhou-se atrás dela e passou os braços a sua volta.

—Segure em mim— ele disse baixinho no ouvido dela. —Apenas respire. Veja o que acontece.

Ela lançou um olhar intrigado, mas ele apenas roçou a orelha com os lábios e acenou com a cabeça em direção McEwan.

A cabeça do médico estava inclinada sobre o pé, que ele segurou levemente com as duas mãos, os polegares em seu peito do pé. Ele moveu lentamente em círculos, então pressionou firmemente. Uma dor aguda subiu do tornozelo, mas morreu abruptamente antes que ela pudesse ofegar.

As mãos do médico eram visivelmente mais quentes em sua carne refrigerada, e ela se perguntou em que, uma vez que eles estavam imersos na mesma água fria que o pé. Uma mão agora segurou seu calcanhar e os dedos, polegar e indicador massageavam a carne inchada levemente, repetidamente, em seguida, um pouco mais duro. A sensação pairava perturbadoramente em algum lugar entre a dor e o prazer.

McEwan olhou para cima de repente e sorriu para ela.

—Vai levar um pouco de tempo— ele murmurou. —Relaxe, se você puder.

Na verdade, ela podia. Pela primeira vez em vinte e quatro horas, ela não estava com fome. Pela primeira vez em dias, ela estava começando a descongelar completamente e, pela primeira vez em meses, ela não estava com medo. Ela soltou a respiração e aliviou a cabeça para trás sobre o ombro de Roger. Ele fez um baixo zumbido em sua garganta e a tomou mais firme, estabelecendo-se em si mesmo.

Ela podia ouvir Mandy contando a Jem uma história desconexa sobre as aventuras de Esmeralda, no quarto dos fundos, onde a dona da casa levou-os para comer sopa e pão. Claro que eles estavam a salvo, ela entregou-se à felicidade elementar dos braços de seu marido e do cheiro da sua pele.

*Mas a expressão de um homem benfeito apareceu não só em seu rosto; e em seus membros e articulações também, é curiosamente nas juntas dos seus quadris e punhos...*

—Bree, — Roger sussurrou alguns momentos mais tarde. —Bree olhe.

Ela abriu os olhos e viu na primeira curva de seu pulso, onde descansava em seu seio, a elegância dura do osso e da curva do antebraço musculoso. Mas, então, o foco se arregalou e ela viu um pouco. Seus dedos estavam

brilhando com uma luz azul fraca pouco visível nas fendas entre eles. Ela piscou com força e olhou de novo, para ter certeza que ela estava realmente vendo, mas o som que Roger fez em sua garganta assegurou que era e que ele a viu, também.

Dr. McEwan sentiu seu espanto; ele olhou para cima e sorriu novamente, desta vez de alegria. Os olhos indo em direção Roger, depois de volta para ela.

—Você também?— Disse. —Eu achava que sim. — Ele segurou o pé ainda por um bom tempo, até que ela pensou que ela sentia o pulso nos dedos ecoando nos espaços entre os ossos pequenos, e então ele enrolou uma bandagem ordenadamente em torno de seu tornozelo e baixou seu pé suavemente ao andar. —Melhor agora?

—Sim— ela disse, e encontrou sua voz um pouco rouca. —Obrigado.

Ela queria fazer perguntas, mas ele levantou-se e vestiu o casaco.

—Vocês me alegam muito por ficar aqui à noite— disse com firmeza, ainda sorrindo para ela. —Eu vou encontrar uma cama com um amigo. — E levantando o chapéu para Roger, ele inclinou-se e saiu, deixando-os colocar as crianças na cama.

Não surpreendentemente, Mandy colocou um alarido em dormir em uma cama estranha em um quarto estranho, reclamando que Esmeralda pensava que o quarto cheirava engraçado e estava com medo do grande guarda-roupa, pois podia haver kelpies[49] nele.

—Kelpies só vivem na água, boba, — Jem disse, mas ele também parecia um pouco apreensivo pelo enorme armário escuro com a porta quebrada. Portanto, tudo o que fizeram foi deitar na cama estreita juntos pais consolando tanto quanto as crianças pela proximidade física pura.

Brianna sentiu o calor suave e da névoa de exalação cobrindo sua exaustão física, uma atração sobre seus sentidos chamando-a para o bem do sono. Mas nem de longe essa forte atração como seu senso de Roger.

*É em sua caminhada, o transporte de seu pescoço, o movimento de sua cintura e joelhos; a roupa não escondendo...*

Ela ficou deitada por um momento, a mão nas costas de Mandy, sentindo o batimento lento do coração da criança, observando quando Roger pegou Jem em seus braços e virou-se para deitá-lo em uma das colchas extras da senhoria de McEwan arrumou com a sopa.

*O doce de qualidade forte, e flexível que tem, bater através do algodão e flanela...*

Ele estava vestido com nada além de camisa e calças e agora uma pausa para ver as calças simples, casualmente coçando a bunda em relevo, a camisa de linho longo momentaneamente rústica para mostrar a curva magra de uma nádega. Então ele veio para pegar Mandy, sorrindo sobre seu corpo respirando e roncado em Bree.

—Deixe a cama para as crianças, você não acha? Nós poderíamos fazer uma cama com o manto se eles já secaram um pouco e colchas na sala. — Ele reuniu Mandy como uma braçada de roupa, e Bree foi capaz de sentar e ir ao outro lado da cama, sentindo-se um movimento maravilhoso de ar a sua volta umedecido em transpiração e uma escova de tecido macio sobre os seios que fez seus mamilos subirem.

Ela voltou à roupa de cama; mudou os filhos de volta para a cama, e ela cobriu-os e beijou seus rostos sonhando, beijando Esmeralda para uma boa medida antes de colocá-la no braço de Mandy. Roger virou-se para a porta fechada para a sala de consultas e voltou a olhar para Bree por cima do ombro, sorrindo. Ela podia ver a sombra de seu corpo através da camisa de linho, contra o brilho da lareira.

*Para vê-lo passar transmitindo, tanto quanto o melhor poema, talvez mais...*

*Você demora a ver a sua volta, e parte de trás do seu pescoço e ombro do lado.*

—Deite na cama comigo, moça?— Ele disse suavemente, e estendeu a mão para ela.

—Oh, sim— disse, e foi ter com ele.

A sala de consultas estava fria, depois do calor úmido do quarto, e eles vieram para o outro ao mesmo tempo, membros quentes e lábios quentes procurando. O fogo neste quarto apagou, e não se preocupou em reconstruí-lo.

Roger beijou no momento em que a viu no chão, forte, agarrando-a e levantando-a para um abraço que esmagou suas costelas e quase machucou os lábios. Ela não tinha objeções, elas sendo quais fossem. Mas, agora, sua boca era suave e macia e nuca de sua luz barba em sua pele.

—Rápido— ele murmurou contra sua boca. —Lento?

—Horizontal— ela murmurou de volta, segurando o fundo. — Rápido é irrelevante. — Ela estava de pé em uma perna, o pé ruim elegantemente ela esperava estendido atrás dela. As ministrações do Dr. McEwan aliviaram o latejar um pouco, mas ela ainda não podia colocar peso sobre ele por mais do que o segundo mais breve.

Ele riu silenciosamente, com um olhar culpado para o quarto e a porta, inclinando-se, de repente, pegando e cambaleou através do quarto para a chapeleira, onde ela agarrou as capas e as jogou no chão ao lado da mesa, sendo o mais limpo espaço aberto visível. Agachou-se, de volta rangendo de forma audível e virilmente reprimiu um gemido quando ele abaixou a suavemente sobre a pilha.

—Cuidado!— Ela sussurrou, e não em tom de brincadeira. —Você poderia colocar a sua volta, e então o quê?

—Então você começaria a estar no topo— ele sussurrou de volta, e passou a mão por sua coxa, sua volta ondulando com ele. —Mas eu não faço então você não faz— Então, ele puxou sua camisa, abriu as pernas, e veio a ela com um ruído incoerente de profunda satisfação.

—Eu espero que você queira dizer isso sobre a velocidade ser irrelevante — disse em seu ouvido, alguns minutos mais tarde.

—Oh. Sim — disse vagamente, e colocou os braços em volta do seu corpo. —Você... Só... fique parado. —Quando podia, ela deixou ir, embalando a cabeça e beijando a carne quente suave ao lado de seu pescoço. Ela sentiu a cicatriz de corda e gentilmente passou a ponta da língua ao longo dela, fazendo irromper arrepio todo de costas e ombros.

—Você está dormindo?— Ele perguntou alguns momentos depois, suspeita.

Ela abriu um olho no meio do caminho. Ele foi de volta para o quarto para colchas e estava ajoelhado ao lado dela, espalhando um sobre ela. Ele cheirava levemente a mofo, com uma espiga de camundongos, mas ela não se importava.

—Não— ela disse, e rolou de costas, sentindo maravilhosa, apesar do chão duro, o tornozelo torcido, e a realização amanhecendo que o Dr. McEwan devia fazer operações e amputações em cima da mesa. Havia uma mancha escura na parte de baixo, acima de sua cabeça. —Só... Manque. — Ela estendeu a mão devagar para Roger, instando-o sob o edredom com ela. —Você?

—Eu não estou dormindo— ele garantiu a ela, deslizando para baixo próximo ao seu lado. —E, se você acha que eu vou dizer *mancar*, pense novamente.

Ela riu silenciosamente, com um olhar para o longo, e encostou a testa em seu peito enrolado à porta.

—Eu pensei que eu nunca poderia vê-lo novamente— ela sussurrou.

—Sim, — ele disse suavemente, e sua mão acariciou o cabelo comprido e suas costas. —Eu também. — Eles ficaram em silêncio por um longo momento, cada um ouvindo a respiração do outro vindo mais fácil do que antes, pensou, sem as pequenas capturas e então ele finalmente disse: — Diga-me.

Ela o fez, sem rodeios e com tão pouca emoção que conseguiu. Ela pensou que ele poderia estar emocionalmente suficiente para os dois.

Ele não podia gritar ou xingar, por causa dos filhos dormindo. Ela podia sentir a raiva nele; tremia com ela, os punhos cerrados, como maçanetas sólidas de osso.

—Eu vou matá-lo— disse, numa voz quase armada acima do silêncio, e seus olhos encontraram os dela, selvagens e tão escuros que pareciam negros na penumbra.

—Está tudo bem— disse suavemente, e, sentando-se, pegou as duas mãos na dela, levantando um e depois o outro para os lábios. —Está tudo bem. Estamos todos bem, todos nós. E nós estamos aqui.

Ele desviou os olhos e respirou fundo, em seguida, olhou para trás, com as mãos apertando as dela.

—Aqui— ele repetiu, com a voz triste, ainda rouco de fúria. —Em 1739. Você GOSTARIA...

—Você tinha que— disse com firmeza, apertando com força. —Além disso, —ela acrescentou, um pouco timidamente, — Eu meio que pensei que não iríamos ficar. A menos que você tenha tomado um grande gosto para alguns dos habitantes?

Expressões cintilaram em seu rosto, de raiva para lamentar a aceitação relutante... E um humor ainda mais relutante, com um aperto de si mesmo. Ele limpou a garganta.

—Sim, bem, — ele disse secamente. —Há Hector McEwan, com certeza. Mas há um bom número de outras pessoas, demasiadas como Geillis Duncan, por exemplo.

Um pequeno choque passou por ela no nome.

—Geillis Duncan? Bem... Sim, eu acho que ela *estaria* aqui, neste ponto, não estaria? Será que você, você a conheceu?

A expressão verdadeiramente extraordinária estava no rosto de Roger naquela questão.

—Eu conheci— disse, evitando seu olhar interrogativo. Ele virou-se e acenou com a mão na janela da sala que dava para a praça. —Ela mora do outro lado da rua.

—Sério?— Brianna ficou de pé, segurando uma colcha de seu seio, se esqueceu de seu pé machucado, e tropeçou. Roger deu um salto e agarrou-a pelo braço.

—Você *não* quer conhecê-la — disse, com ênfase. —Sente-se, sim? Você vai cair.

Brianna olhou para ele, mas permitiu aliviar sua volta para o seu ninho e para puxar uma colcha por cima de seus ombros. *Estava* frio na sala, agora que o calor de seus esforços desapareceu.

—Tudo bem— ela disse, e sacudiu os cabelos para baixo para cobrir suas orelhas e pescoço. —Diga-me por que eu não quero conhecer Geillis Duncan.

Para sua surpresa, ele corou profundamente, visível mesmo nas sombras da sala. Roger não tinha nem a pele nem o temperamento de corar com facilidade, mas quando ele *fazia* descrevia brevemente, mas vividamente o que aconteceu (ou, eventualmente, *não* aconteceu) com Buck, Dr. McEwan, e Geillis, ela compreendeu.

—Santa merda— disse, com um olhar por cima do ombro para a janela. —Er... Quando o Dr. McEwan disse que iria encontrar uma cama com um amigo...?

Buck saiu, dizendo que ele ia arrumar uma cama ordinária ao pé da High Street e iria vê-los na parte da manhã. Presumivelmente, ele quis dizer isso, mas...

—Ela *é* casada — disse Roger laconicamente. —Presumivelmente, seu marido iria notar se ela convidasse homens estranhos para passar a noite.

—Oh, eu não sei muito disso— disse, meio provocando. —Ela é uma fito-terapeuta, lembra? Mamãe faz uma boa poção para dormir; imagino que Geillis poderia, também.

A cor lavou o rosto de Roger de novo, e ela sabia que, tão claramente como se ele dissesse isso, ele estava prevendo Geillis Duncan fazendo algo

vergonhoso com um ou outro de seus amantes enquanto deitava ao lado de seu marido roncando.

—Deus— disse.

—Você, hum, lembra o que vai *acontecer* com seu pobre marido, não é? — disse Bree delicadamente. A cor desapareceu instantaneamente do rosto de Roger, e ela sabia que ele não fez.

—Essa é uma das razões pelas quais não podemos ficar aqui— disse, suavemente, mas com firmeza. —Há muitas coisas que sabemos. E nós *não* sabemos o que tentar interferir pode fazer, mas é uma boa aposta que seja perigoso.

—Sim, mas— ele começou, mas interrompeu-se ao ver a expressão em seu rosto. —Lallybroch. É por isso que vocês não foram lá? —Para ele tentar levá-la para baixo do morro para a casa quando ele a salvou do forte. Insistiu que eles deviam ir até a vila por ajuda em vez disso, mesmo que isso significasse andar estranho e doloroso de três horas.

Ela assentiu com a cabeça e sentiu um pequeno nódulo entrar em sua garganta. Ele ficou lá como ela contando sobre o encontro de Brian no solo enterrando.

—Não é *justo* que eu tenha medo que conhecê-los possa fazer... mais tarde — disse, e o carço dissolveu em lágrimas. —É... oh, Roger, o olhar em seu rosto quando ele me viu e pensou que eu era Ellen!

—Eu... ele... ele vai morrer em um ano ou dois. Que bonito, homem doce... E não há qualquer coisa que possamos fazer para detê-lo. —Ela engoliu em seco e enxugou os olhos. —Ele, ele pensa que viu sua esposa e seu filho, que eles estão esperando por ele. E o-oh, Deus, a *alegria* em seu rosto. Eu não conseguia tirar isso dele, eu simplesmente não podia.

Ele tomou-a nos braços e esfregou as costas suavemente enquanto ela soluçava.

—Não, claro que não pode— ele sussurrou para ela. —Nada asqueroso Bree. Você fez certo.

Ela cheirou e tateou entre as capas de algo para assuar o nariz, estabelecendo-se finalmente por um pano manchado da mesa do Dr. McEwan. Cheirava a algum medicamento pungente, graças a Deus, não a sangue.

—Mas há papai, também, — ela disse, tomando uma respiração profunda e trêmula. —O que vai acontecer com ele... as cicatrizes em suas

costas... eu não posso estar aqui e pensar sobre isso e nós não fazendo nada, mas nós...

—Nós não podemos— Roger concordou em silêncio. —Nós somos. Só Deus sabe o que eu fiz, encontrando Jerry e enviando onde quer que eu o *envie*. —Tomando o pano, ele mergulhou no balde de água e limpou o rosto, o frio calmante sobre suas bochechas quentes, embora a fez estremecer.

—Vem deitar-se— disse, colocando um braço em volta dos ombros. —Você precisa de descanso, *mo Chridhe*. Foi um dia terrível.

—Não— ela murmurou, levantando e colocando a cabeça na curva de seu ombro, sentindo a força e o calor de seu corpo. —Foi um dia maravilhoso. Eu o tenho de volta.

### ***Capítulo 110 - Os Sons que Compõem o Silêncio***

Roger sentiu começar a relaxar, e de repente ela soltou seu aperto teimoso na consciência e adormeceu como alguém respirando éter. Ele a abraçou e ouviu os pequenos sons que compunham o silêncio: o silvo distante do fogo de turfa no quarto, um vento frio chocalhar a janela, o sussurro e a respiração do dormir das crianças, o espancamento tardos de coração valente de Brianna.

*Obrigado*, Disse silenciosamente a Deus.

Ele esperava adormecer de uma só vez; cansaço cobrindo como um cobertor de chumbo. Mas o dia ainda estava com ele, e ele se deitou por algum tempo olhando para o escuro.

Ele estava em paz, muito cansado para pensar coerentemente de nada. Todas as possibilidades flutuando em volta em um redemoinho distante lento, muito longe de ser problemático. Onde eles podem ir... e como. O que Buck poderia ter dito para Dougal MacKenzie. O que Bree levava na bolsa, pesada como chumbo. Se haveria mingau no café da manhã e se Mandy gostaria de mingau.

O pensamento de Mandy fez aliviar fora das mantas para verificar as crianças. Para assegurar-se de que eles estavam realmente lá.

Eles estavam, e ele estava ao lado da cama por um longo tempo, vendo seus rostos em gratidão sem palavras, respirando o cheiro quente infantil só deles, ainda tingido com um leve cheiro de bode.

Por fim, ele virou-se, tremendo, para fazer o seu caminho de volta para sua mulher quente e bem-aventurança acenando no sono. Mas, quando reentrou ao quarto, ele olhou através da janela para a noite do lado de fora.

Cranesmuir dormia, a neblina estava em suas ruas, às pedras debaixo brilhando molhadas na meia-luz de uma lua afogada. Do outro lado da praça, no entanto, mostrava uma luz na janela do sótão da casa de Arthur Duncan.

E na sombra da praça abaixo, um pequeno movimento traía a presença de um homem. Esperando.

Roger fechou os olhos, frio subindo de seus pés descalços em cima de seu corpo, vendo em sua mente a visão súbita de uma mulher de olhos verdes, preguiçosa nos braços de um amante de cabelos louros... E um olhar de surpresa e depois de horror em seu rosto quando o homem desapareceu do seu lado. E um brilho azul invisível subiu em seu ventre.

Com os olhos bem fechados, ele colocou a mão na vidraça gelada, e fez uma oração para não estar acontecendo.

## ***PARTE VII - Antes de eu ir daqui***

### ***Capítulo 111- Um Massacre Distante***

*05 de setembro de 1778*

**Dobrei o pano em um quadrado arrumado e usei o alicate para mergulhá-lo no caldeirão fumegante, depois fiquei balançando suavemente para frente e para trás até que a compressa esfriasse o suficiente para eu arrancá-la e usá-la. Joanie suspirou, remexendo em seu banquinho.**

**—Não esfregue o olho— eu disse automaticamente, vendo seu punho enrolado indo em direção ao grande terçol rosa de sua pálpebra direita.**

**—Não se preocupe, não vai demorar muito.**

**—Sim, não leva muito tempo— disse irritada. —Parece para sempre!**

**—Não está agradecendo a vovó— Marsali disse a ela, fazendo uma pausa em seu passo no caminho da cozinha parando na tipografia, um queijo para Fergus na mão. —Espero que fique quieta e seja grata.**

**Joanie gemia e se contorcia, e mostrou a língua depois que sua mãe partiu, mas chicoteou de volta em sua boca novamente e olhou quando**

viu a minha sobancelha levantada com cara de vergonha.

—Eu sei, — eu disse, com alguma simpatia. Segurando uma compressa quente no terçol por dez minutos, cansada como sempre. Especialmente se você fizer isso seis vezes por dia, durante os últimos dois dias. —Talvez você possa pensar em algo para passar o tempo. Você poderia me recitar a tabuada enquanto eu moo a raiz de valeriana.

—Oh, vovó!— Disse, exasperada, e eu ri.

—Aqui está— eu disse, entregando o cataplasma quente. —Você conhece algumas boas músicas?

Ela exalou mal humorada, as pequenas narinas dilatadas.

—Eu gostaria que vovô estivesse aqui— disse. —Ele podia me contar uma história. — A nota de culpa comparativa ficou clara em sua voz.

—Soletre *hordéolo* para mim e eu vou contar sobre a esposa do cavalo de água— sugeri. Isso fez com que seu olho não afetado se abrisse com interesse.

—O que é um hordéolo?

—Esse é o nome científico para terçol.

—Oh— Ela parecia impressionada com isso, mas a testa enrugada um pouco de concentração, e eu podia ver os lábios se moverem quando ela soletrava as sílabas. Ambas Joanie e Félicité eram boas soletradoras; elas estavam jogando com o tipo de liderança desde que eram crianças e amando desafiar uma a outra com palavras novas.

Esse era um pensamento; talvez eu pudesse levá-la para soletrar palavras incomuns para mim durante os tratamentos de compressa. O terçol era um grande problema, desagradável; toda a sua pálpebra estava vermelha e inchada, no início, o olho não mais do que uma brilhante fenda ressentida. Ora, a própria pocilga diminuiu para o tamanho de uma ervilha, e pelo menos três quartos do olho era visível.

—H— disse, olhando-me para ver se isso era certo, e eu assenti. —O, R, D... —Eu balancei a cabeça novamente, e vi seus lábios se movem silenciosamente. —Hor-de-o-lo— eu repeti prestativamente, e ela balançou a cabeça, mais confiante. —E, O, L, O!

—Excelente!— Eu disse, sorrindo para ela. —Que tal... —Eu lancei sobre o outro bom, longo, mas estritamente fonético. —hepatite?

—O que é isso?

—Infecção viral do fígado. Você sabe onde seu fígado está? —Eu estava olhando através de minha caixa de remédios, mas parecia não ter aloe. Eu deveria passar pelos Jardins de Bartram amanhã, pensei, se o tempo permitisse. Eu estava sem quase tudo, na sequência da batalha. Uma pequena pontada de costume veio ao meu lado pelo pensamento, mas eu empurrei-a firmemente longe. Iria desaparecer, assim como os pensamentos.

Marsali apareceu de repente na porta da cozinha, quando Joanie estava cuidadosamente soletrando *acantocitose*, e eu olhei para cima da minha moagem. Ela estava segurando uma carta na mão e parecia preocupada.

—É do índio que eles chamam de Joseph Brant que o Jovem Ian conhece?— ela perguntou.

—Espero que ele saiba muito poucos deles, — eu respondi, estabelecendo meu pilão. —Mas eu o ouvi mencionar Joseph Brant, sim. O nome Mohawk do homem começa com um *T*, eu acho, mas isso é tanto quanto eu me sinto certa. Por quê? —Eu senti um ligeiro mal-estar sobre o nome. A esposa Mohawk de Ian, Emily, estava morando em um assentamento em Nova York fundada por Brant; Ian mencionou muito brevemente, quando ele foi até lá para visitá-la no ano passado.

Ele não disse qual era o propósito de sua visita, e nem Jamie nem eu perguntamos, mas presume-se ter tido algo a ver com seu medo de que ele não poderia ter crianças, como todos os seus bebês com Emily ou tanto nasciam mortos ou abortavam. Ele me perguntou sobre o assunto, e eu disse a ele o que pude, oferecendo a garantia que eu tinha que ele poderia ser capaz de ter filhos com outra mulher.

Eu ofereci uma oração rápida para chances de Rachel, depois voltei abruptamente ao que Marsali estava dizendo.

**—Eles fizeram o quê?**

**—Este cavalheiro— Marsali bateu na carta —diz que Brant e seus homens foram a um lugar pequenino chamado Andrustown. Não, mas sete famílias ali vivem. — Seus lábios apertaram, e ela olhou para Joanie, que ouvia com seus ouvidos batendo.**

**—Eles saquearam e queimaram o lugar, diz ele, e massa... acabaram com o povo que morava lá.**

**—O que é essa palavra, Mamãe— perguntou Joanie brilhantemente. —O que significa acabaram?**

—*Massacrado*— eu disse a ela, salvando sua mãe do constrangimento. —Isso significa matança indiscriminada e brutal. Aqui. — Entreguei a compressa fresca, que ela pegou, sem protesto, franzindo a testa em pensamento.

—Isso é diferente do que apenas matar alguém?

—Bem— eu disse judiciosamente, —depende. Você pode matar alguém por acidente, por exemplo, e que não seria um massacre, embora certamente fosse lamentável. Você pode matar alguém que estava tentando matá-lo, e que seria autodefesa.

—Rachel diz que você não devia fazer isso— Joanie observou, mas apenas por uma questão de rigor. —Mas se você está com um exército tem que matar os soldados do outro lado?

Marsali fez um ruído escocês baixo de desaprovação, mas, respondeu laconicamente.

—Se um homem vai para o exército, em seguida, matar é o seu trabalho— disse. —Ele o faz principalmente— acrescentou de forma justa, com uma sobrancelha levantada para mim —para proteger sua família e sua propriedade. Então, isso é mais como autodefesa, sim?

Joanie olhou de sua mãe para mim, ainda franzindo a testa.

—Eu sei o que bru-tal é— disse. —Isso é o que diz quando você consegue. Mas o que é —in-dis-cri-mi-ni-na-do?— Ela parecia ter cuidado como se prestasse atenção para soletrá-lo.

—Sem escolha, — eu disse, levantando um ombro em um encolher de ombros. —Significa que você faz alguma coisa sem ter muita atenção no que você faz para e provavelmente sem muita razão para fazê-lo a essa pessoa em particular.

—Será que o amigo índio do primo de Ian tem uma razão melhor para queima lugar e matar o povo, então?

Marsali e eu trocamos um olhar.

—Nós não sabemos isso— disse Marsali. —Mas isso não é uma coisa boa, o que ele quis dizer com isso. Agora, você já sabe. Vá e encontre Félicité e comece a encher o tanque. — Ela tomou a compressa de Joanie e enxotou-a.

Ela ficou observando até que Joanie saiu pela porta de trás, então se virou para mim e me entregou a carta.

Vinha de um Sr. Johansen, aparentemente, um dos correspondentes regulares de Fergus, e os conteúdos eram o que Marsali disse, embora a

adição de alguns detalhes horríveis que ela não havia mencionado na audiência de Joanie. Era bastante factual, com apenas os ornamentos do século XVIII, e mais de arrepiar os cabelos, literalmente, pensei; alguns dos residentes Andrustown foram escalpelados, pelo relatório de para isso.

Marsali assentiu quando eu olhei para cima da carta.

—Sim— disse. —Fergus quer publicar a carta, mas eu não tenho mais tanta certeza se ele deve. Por causa do Jovem Ian, sabe?

—O que é por causa do Jovem Ian?— Disse uma voz escocesa da porta da tipografia e Jenny passou com uma cesta sobre um braço. Seus olhos iam para a carta na minha mão, e suas afiadas sobrancelhas escuras levantadas.

—Ele contou muito sobre ela?— Marsali perguntou, depois de ter explicado a carta. —A moça índia que se casou?

Jenny sacudiu a cabeça e começou a tirar as coisas de sua cesta.

—Nenhuma palavra, para salvar dizendo a Jamie que ele não se esquecia de nós. — Uma sombra cruzou seu rosto com a lembrança, e eu me perguntava por um momento como devia ter sido para ela sobre Ian, quando recebeu a carta de Jamie nas circunstâncias em que Ian se tornou um Mohawk. Eu conhecia a agonia com a qual ele escreveu aquela carta, e duvidava que a leitura fosse algo com menos.

Ela pegou uma maçã e acenou para mim pela carta. Depois de ler através de silêncio, ela olhou para mim. —Você acha que ele tem sentimentos para ela ainda?

—Eu acho que ele tem— eu respondi com relutância. —Mas nada como seus sentimentos por Rachel, com certeza. — Eu me lembro dele, no entanto, de pé, comigo no crepúsculo a meia lua em Fort Ticonderoga, quando ele me contou sobre suas crianças e Emily, sua esposa.

—Ele se sente culpado por ela, não é?— Perguntou Jenny, astutamente vendo meu rosto. Eu dei-lhe um olhar, mas assenti. Ela comprimiu os lábios, mas, em seguida, entregou a carta de volta para Marsali.

—Bem, nós não sabemos se sua esposa tem algo a ver isso e com Brant ou suas ações, e não é que ela tenha sido massacrada. Eu diria que Fergus vai imprimir, mas — e ela olhou para mim — mostre a carta para Jamie e faça falar com Ian sobre isso. Ele vai ouvir. —Sua expressão aliviou um pouco depois, e um leve sorriso surgiu. —Ele tem uma boa esposa, e eu acho que Rachel vai mantê-lo em casa.

A carta foi entregue à tipografia nas horas do dia e, não era raro, à noite e por toda a espécie de mensageiros. Filadélfia glorificava o melhor sistema postal nas colônias, este tendo sido estabelecido por Benjamin Franklin apenas três anos antes; carteiros andavam regularmente entre Nova York e a Filadélfia e mais de trinta outras rotas através das colônias.

Dada à natureza dos negócios de Fergus e da natureza das vezes, porém, quase tanto o correio chegava de rotas mais antigas: repassadas por viajantes, comerciantes, índios e soldados, e empurrava por baixo da porta nas vigílias da noite. Ou entregue a um membro da família na rua. Era esse tipo de troca durante a ocupação britânica da cidade que me obrigou a casar com John Grey, a fim de evitar a prisão por sedição e espionagem.

A própria carta de John, porém, chegaram tranquilamente na bolsa de um cavaleiro postal, devidamente carimbado e selado com uma gota de cera amarela impressos com seu sinete com a forma de uma meia-lua sorridente.

*Para a Sra. James Fraser, da Tipografia Fraser, Filadélfia*

*De Lord John Grey, Wilbury House, New York*

*Minha querida,*

*Eu estou com o meu irmão e seu regimento, em Nova York, e gostaria de ficar aqui por algum tempo. Assim sendo, eu pensei que eu gostaria de mencionar que o arrendamento da minha casa em Chestnut Street será executado até o final do ano, e como o pensamento de ficar vazia pode ser vandalizada ou voltar à ruína me aflige, eu concebi a Notion que oferecesse a você mais uma vez.*

*Não, apresso-me a acrescentar (a fim de que seu marido intransigente esteja lendo isso), como um domicílio, mas sim como instalações para um consultório. Familiarizado como eu sou com o seu hábito peculiar de atrair pessoas que sofrem de doenças, deformidade ou lesão horrível, e sendo também bem familiarizado com o número de pessoas que habitam atualmente o mais jovem Sr. Fraser no Estabelecimento de impressão, creio que você pode encontrar suas aventuras médicas mais facilmente acomodadas em Chestnut Street do que entre uma Imprensa e uma pilha imponente de Bíblias encadernadas de seis centavos em entretelas.*

*Como eu não espero que você gaste seu precioso tempo no trabalho doméstico, eu arranjei que a Sra. Figg e um Servo de sua escolha permaneçam em seu emprego pelo tempo que você precisar deles, a ser pago através do meu Banco. Você vai me agradar muito, minha querida, ao*

*aceitar essa proposta, uma vez que irá deixar minha mente à vontade em relação à propriedade. E o pensamento de você no trabalho, sinceramente administrando um clyster[50] para o General Arnold, vai animar o tédio da minha condição atual.*

*Seu criado mais obediente,*

*John*

—Por que você está sorrindo, Mãe Claire?— Marsali perguntou, observando-me com a carta na mão. Ela sorriu, brincando. —Será que alguém enviou uma *carta de amor*?

—Oh, algo do tipo, — eu disse, dobrando-o para cima. —Você não saberia onde Jamie está agora, não é?

Ela fechou um olho para ajudar o pensamento, mantendo a outra em Henri-Christin, que estava diligentemente desmaiado nas botas de seu pai e uma boa dose de si mesmo no processo.

—Ele disse que estava indo com o Jovem Ian ver um homem sobre um cavalo— ela disse, —e, em seguida, para as docas.

—As docas?— Eu disse surpresa. —Ele disse por quê?

Ela balançou a cabeça. —Eu poderia talvez supuser, no entanto. Isso vai fazer, Henri! *A Dhia*, olhe seu estado! Vai encontrar suas irmãs e diga para lavar suas mãos, sim?

Henri olhou para suas mãos, como se estivesse surpreso ao encontrá-las completamente pretas.

—*Oui, Maman*— ele disse, e, alegremente limpando em suas calças, correndo para cozinha, gritando: — Félicité ! Venha lavar-me! —No topo de seus pulmões.

—Por quê?— Eu perguntei, aproximando e abaixando minha voz ligeiramente para obviamente, ela se livrar de Henri-Christian sobre as alças do jarro grande a princípio.

—Ele está falando com Fergus sobre ir com você, quando voltar para a Carolina do Norte— disse. —Se eu tivesse que adivinhar, diria que ele descobriu o que pode custar passar por tudo— ela fez um gesto amplo, abrangendo tudo, desde a tipografia para loft —de navio.

—Hmm, — eu disse, evasiva quanto possível, embora meu coração saltasse tanto o pensamento de partida iminente para o cume e o pensamento de que Fergus e Marsali pudessem vir conosco. —Você... Quer? —Eu perguntei cautelosamente, vendo a linha entre as sobrancelhas.

Ela ainda era uma mulher linda, fina e de ossos finos, mas ela era muito magra, e as linhas de tensão aguçaram suas feições.

Ela balançou a cabeça, mas na indecisão em vez de negação.

—Eu realmente não sei— ela admitiu. —É um pouco mais fácil agora, parecendo que os britânicos desapareceram, mas eles não estão tão longe, não é? Eles poderiam voltar, e depois? —Ela olhou nervosamente por cima do ombro, embora a tipografia estivesse vazia no momento. Fergus teve que sair de casa e viver furtivamente na periferia da cidade, durante os últimos meses por causa da ocupação britânica.

Eu abri minha boca para dizer a ela que eu duvidava disso. Hal Grey me disse, sob a influência de ganja, que a nova estratégia britânica era para cortar as colônias do sul do Norte e reprimiram a rebelião lá, morrendo de fome, assim, a norte em sua apresentação. Mas eu me calei sem falar. Melhor não falar que até que eu descobrisse o que Jamie disse a Fergus.

Por que não eu inferno *saberia* o que ia acontecer? Perguntei a mim mesmo em frustração, e não pela primeira vez. Por que não pensei em estudar a história americana, quando tive a chance?

Bem, porque eu não esperava acabar nos Estados Unidos, era a resposta. Só era uma mostra, eu supunha. Inútil gastar muito tempo no planejamento, de qualquer forma, dada a propensão de vida se fazer repentina pela mão esquerda se transformando sem aviso prévio.

—Seria maravilhoso, se você fosse vir— eu disse, tão suavemente quanto possível, acrescentando astuciosamente, —tão bom ter os filhos por perto.

Marsali bufou, dando-me um olhar de lado.

—Sim— ela disse secamente. —Nunca pense que eu não apreciaria o valor de uma vovó. E quando vocês nos deixarem, vovó Janet vai, também.

—Você acha?— Eu não pensei nisso. —Mas Jenny ama você e seus filhos e Fergus é tanto um filho para ela como qualquer um dos meninos que ela deu à luz.

—Bem, isso é verdade— admitiu, com um breve sorriso que me mostrou uma menina radiante de quinze anos de idade, que havia se casado com Fergus em uma praia do Caribe doze anos antes. —Mas o jovem Ian é o seu mais jovem, sabe? E ela teve muito pouco dele. Agora ele está casado, ela vai querer estar por perto, para ajudar seus meninos quando eles vierem. E você sabe que Rachel irá aonde Ian for e Ian vai para onde papai vai.

Essa foi uma avaliação sagaz, pensei, e dei um breve aceno de concordância e respeito.

Ela suspirou profundamente e, sentando-se na cadeira de enfermagem, pegou o item superior na cesta de remendar cheia, a agulha enfiada ainda apontando para cima a partir do vestuário onde ela estava costurando. Eu não tinha vontade de abandonar a conversa e, pegando um banquinho, sentei ao lado dela e arranquei uma das meias de Germain fora da cesta. As coisas de costura, para uma dona de casa, com bolas de rosca e ovos de cerzir, estavam ao lado do conserto, e eu habilmente enfiei minha própria agulha, sentindo o prazer que eu ainda podia fazer isso sem colocar meus óculos.

—E Fergus?— Eu perguntei sem rodeios. Porque claramente Fergus era a cerne da questão, onde Marsali estava preocupado.

—Sim, esse é o problema— disse com franqueza. —Eu iria, e feliz, mas você sabe como foi para ele quando nós ficamos em Ridge.

Eu sabia, e fiz uma leve careta, que se estendia do calcanhar da meia sobre o ovo de cerzir.

—Tem sido perigoso na cidade, neste último ano— disse, e engoliu com a lembrança. —Não poderia contar quantas vezes os soldados vieram para prendê-lo; eles se foram da gráfica, mais de uma vez, quando poderiam não encontra-lo. E os legalistas vieram e pintaram slogans na parede da frente, às vezes. Mas o perigo não o incomoda, desde que não ameace os meninos e a mim.

—E, às vezes, mesmo se isso acontecer, — eu murmurei. —E não me refiro apenas a Fergus. Homens de sangue.

Marsali fungou com diversão.

—Sim. Mas a coisa é, ele é um homem, não? Ele tem que sentir que ele vale alguma coisa. Ele precisa ser capaz de cuidar de nós, e isso é uma coisa que ele pode fazer e fazer bem aqui. Eu não posso ver como ele iria ter uma vida decente nas montanhas.

—É verdade — eu admiti relutantemente. Era um dia quente e sufocante na cozinha, com o caldeirão fervendo sobre a lareira. Com moscas ou sem moscas e havia um número ímpio de moscas na Filadélfia. Levantei-me para abrir a porta de trás. Não estava visivelmente mais frio do lado de fora, no entanto, pelo menos, o fogo sob a grande tina ainda não estava aceso; as meninas ainda estavam enchendo-o, caminhando para lá e para cá a partir da bem com seus baldes.

Henri-Christian não estava à vista, mas, presumivelmente, estava limpo; um pano imundo preto amassado preso na porta. Abaixei-me para pegá-lo e vi um papel dobrado no chão ao lado do passo. Não senti, mas parecia decidido, então eu peguei e levei de volta para dentro.

—Ainda assim — disse Marsali, apenas esperando por mim para se sentar. —Eu estou pensando que, mesmo que não possa ir para Ridge, poderia ser assim, se fosse para ir. Deve haver lugares no Sul que poderiam usar uma impressora, mesmo se eles não fossem tão grandes como a Filadélfia.

—Bem, há Charleston, — eu disse, em dúvida — e Savannah. Eles são tão quentes e medonhos no verão como a Filadélfia é, mas os invernos são mais leves, eu suponho.

Ela me lançou um breve olhar sobre a roupa que estava consertando, em seguida, colocou-a no colo, como se ter chegado a uma decisão.

—Ele não é o tempo que me preocupa— disse em voz baixa. E, flexionou, ela tateou sob a pilha de camisas e meias, emergindo com um punhado de notas sujas e letras desgastadas. Manuseando estes cautelosamente, como se eles levaram alguma doença, ela colocou no meu joelho.

—Qualquer tipografia nestes dias recebem tais coisas picadas por debaixo da porta— disse, observando meu rosto enquanto eu lia os primeiros. —Especialmente se você tomar uma posição. Nós não fizemos, por tanto tempo quanto possível, mas depois de um tempo, vocês apenas sabe ficar no o meio por estar na estrada por mais tempo.

Isto foi dito com uma simplicidade e aceitação que trouxe lágrimas aos meus olhos. Ainda mais com o conteúdo das notas de um anônimo, todas estavam sem sinal e em uma variedade de mãos, embora alguns fossem claramente escritas pelo bem claro que qual fosse o preço de estar no lado rebelde poderia ser a mesma pessoa fazendo.

—Foi pior, talvez— disse, levando-os de volta e empilhando ordenadamente — quando os britânicos estavam aqui. Eu pensei que poderia parar quando eles fossem embora, mas isso não aconteceu.

—Eu não imagino todos os legalistas indo com eles— eu disse, respirando fundo, a fim de me controlar. Eu senti como se eu tivesse levado um soco no estômago.

—Somente os mais ricos— disse Marsali cinicamente. —Aqueles que pensavam que iam ser arrastados de suas casas ou espancados e roubados,

sem o exército para protegê-los. Mas isso não significa que os mais pobres não têm as mesmas opiniões.

—Por que você as mantém— eu perguntei, entregando de volta com dois dedos, como se estivesse segurando com uma pinça. —Eu acho que eu iria jogá-las no fogo de uma só vez.

—Eu fiz, num primeiro momento— disse, enfiando a mão cheia de maldade com cuidado de volta para o fundo do cesto. —Mas eu descobri que não podia esquecer o que diziam, e as palavras voltavam durante a noite e não me deixavam dormir. — Ela se endireitou, deu de ombros e pegou a agulha novamente.

—Eu disse a Fergus, e ele disse que a única coisa a fazer era mantê-las e lê-las através de várias vezes ao dia, um após o outro. Ler uma a uma. — Um breve sorriso triste tocou sua boca. —Então nós fizemos, depois que os meninos estavam dormindo sentávamos juntos à lareira e nos revezávamos lendo. E ele tirar sarro deles, criticando a gramática e a falta de poesia, comparando-os uns aos outros, e nós classificávamos do melhor para a pior... E então nós guardávamos e íamos dormir nos braços um do outro.

Sua mão repousava suavemente sobre o monte de remendos, como se fosse o ombro de Fergus, e eu sorri.

—Bem— eu disse, e, limpando a garganta, produzido a nota que eu peguei no degrau. —Eu não tenho ideia se este é mais um para sua coleção, mas eu achei no passo de volta agora.

Ela pegou-a com uma sobancelha levantada e olhou, virando para lá e para cá.

—É mais limpo do que a maioria— observou ela. —Um papel de trapo decente, também. É talvez apenas um... —A voz dela sumiu quando ela abriu e começou a ler. Eu podia ver que a escrita dentro era breve; em questão de segundos, o sangue drenado de seu rosto.

—Marsali. — fui para ela, e ela empurrou a nota na minha mão e levantou-se rapidamente.

*Joaninha, joaninha, A nota dizia, voa para longe de casa. Sua casa está em chamas e seus filhos se foram.*

—Henri-Christian!— A voz de Marsali era forte e urgente. —Meninas! Onde está o seu irmão pequeno?

## *Capítulo 112 - Um Verão Assombroso*

Encontrei Henri-Christian na rua, brincando com as duas meninas menores de Phillip. Os Phillips tinham dez filhos, e até mesmo Henri-Christian poderia se misturar em sua casa, sem causar muito aviso.

Alguns pais mantiveram suas crianças trancadas em qualquer lugar perto de Henri-Christian se o medo do nanismo pegasse, eu supunha, ou da superstição popular que sua aparência era o resultado de sua mãe ter fornicado com o Diabo. Eu ouvi falar uma vez quando, apesar de todos no bairro saber que não devia dizer em qualquer lugar perto de Jamie, Fergus, Ian, ou Germain.

Os Phillips eram judeus, no entanto, e aparentemente sentiam algum parentesco com uma pessoa cujas diferenças os colocavam de lado, Henri-Christian foi sempre bem-vindo em sua casa, e foi de fato o primeiro lugar que eu pensei em procurá-lo. A senhora de todo o trabalho apenas acenou com a cabeça quando eu perguntei se uma das crianças mais velhas fosse para casa com ele mais tarde, e voltei para a lavagem, era dia de lavar roupa por toda Filadélfia, e a atmosfera úmida estava agravada por um placar de vapor de lavagem de cuba no bairro, todo fumegante com o fedor de lavar com soda.

Voltei rapidamente para a tipografia para dizer a Marsali onde Henri-Christian estava, e tendo aliviado seus medos, coloquei meu chapéu de abas largas e anunciei minha intenção de ir comprar um pouco de peixe para o jantar. Marsali e Jenny, armadas, respectivamente, com uma roupa e garfo e uma grande pá de roupas para a agitação, deram olhares marcados. Ambas sabiam exatamente o quanto eu não gostava de lavar roupa, mas ninguém dizia nada.

Eu tinha, claro, sido dispensada do trabalho doméstico enquanto me recuperava e, com toda a verdade, ainda não estava à altura do trabalho pesado, de roupas encharcadas quentes sobre mim. Eu poderia ter conseguido sair da lavagem, talvez, mas acalmava minha consciência em razão de que: 1) Peixe fazia uma ceia fácil no dia da lavanderia, 2) eu precisava andar regularmente, a fim de recuperar a minha força, e 3) que eu queria conversar com Jamie, sozinho.

A carta anônima me chateou tanto quanto Marsali. Não era como as outras ameaças que ela havia me mostrado: aquelas eram todas

especificamente políticas, e enquanto alguns eram destinadas a Marsali (para que ela cuidasse do jornal sozinha enquanto Fergus estava na clandestinidade), eles eram de um ir e vir de variedade *Rebelde*. Eu ouvi tais epítetos, juntamente com *prostituta conservadora*! E seus equivalentes alemães e Yiddish[51] comumente nas partes mais ásperas da Filadélfia.

**Este era diferente. Tinha o cheiro de uma malícia refinada e inteligente, e de repente eu senti a presença de Jack Randall no meu ombro, tão fortemente que eu parei abruptamente e me volvei afiada.**

A rua estava movimentada, mas não havia ninguém atrás de mim. No vislumbre de um casaco vermelho em qualquer lugar, embora houvesse oficiais Continentais, aqui e ali, em azul e amarelo.

—Caia fora, capitão— disse eu, baixinho. Não muito longe o suficiente: e eu vi o olhar arregalado de uma pequena mulher redonda vendendo pretzels de uma bandeja em volta do pescoço. Ela olhou por cima do ombro para ver a quem eu estava falando, então se virou para mim com um olhar de preocupação.

—Você está bem, madame?— Disse com um sotaque alemão pesado.

—Sim— eu disse envergonhada. —Sim, tudo bem. Obrigado.

—Tome isso— disse gentilmente, me entregando um pretzel. —Eu acho que você está com fome. — E afastando minha tentativa atrapalhada de pagamento, ela saiu na rua, quadris largos rolando, agitando uma vara de pretzels empilhados em uma bandeja e gritando, —*Brezeln! Heiße Brezeln!*

Sentindo-me de repente tonta, encostei-me à frente de um edifício, fechei os olhos e mordi o pretzel. Ele era mastigável, fresco e coberto com sal, e eu descobri que a mulher tinha razão. Eu *estava* fome. Faminta, na verdade.

O pretzel bateu no meu estômago e, em seguida, minha corrente sanguínea, dando uma sensação instantânea de estabilidade e bem-estar, e o pânico momentâneo que senti evaporou tão rápido que eu quase podia acreditar que não tivesse acontecido. Quase.

Ele *não esteve* aqui em algum tempo. Engoli o último pedaço do pretzel e, depois de verificar o meu pulso forte e firme de novo andei para o rio.

Caminhei lentamente; era meio-dia, e qualquer grande esforço me deixaria encharcada de suor e muito provavelmente tonta novamente. Eu devia ter trazido a minha bengala, mas temerariamente decidi ir sem ela. Eu odiava me sentir doente.

Eu odiava esse sentimento... ainda mais. A súbita sensação de ameaça, o medo irracional... violação. Flashback, os militares chamavam, chamaria no meu tempo. Não aconteceu comigo desde Saratoga, embora, e eu quase esqueci. Quase.

Completamente explicável, é claro: eu fui baleada, cheguei perto de morrer, ainda estava fisicamente fraca. A última vez, eu estive no escuro na floresta perto de um campo de batalha, sozinha, perdida, e cercada por homens violentos. Não admira que acontecesse, então; a situação era muito próxima de quando fui sequestrada e agredida...

—Violada— eu disse em voz alta, com firmeza, para o espanto extremo de um par de cavalheiros que passam. Eu não prestava atenção a eles. Nenhum ponto na tentativa de evitar ou a palavra ou a memória. Era mais; eu estava segura.

Antes disso... A primeira vez que estava ultrapassando por aquela sensação de ameaça, foi em River Run, no decorrer de uma festa. Mas uma festa onde o sentido de violência iminente era palpável. Na ocasião, Jamie estava perto, graças a Deus. Ele viu que eu estava assustada, literalmente, assumiu e me deu um punhado de sal com o qual estava o fantasma que me assombrava.

As Highlands sempre tinham uma resposta prática, se a dificuldade era manter um fogo aceso para a noite, tendo sua vaca secas, ou sendo assombradas.

Eu toquei o canto da minha boca com a minha língua, encontrando um cristal de sal da rua do pretzel, e quase ri. Olhei por cima do ombro para a mulher que me deu em socorro, mas ela desapareceu.

—Assim como um anjo, eu acho— eu murmurei. —Obrigado.

Havia provavelmente um encanto para isso em Gaélico, refleti. Havia dezenas, provavelmente centenas de pessoas. Eu sabia que só um pouco, principalmente as relacionadas com a saúde (eles deram aos meus pacientes a confiança da língua gaélica restabelecida), mas escolhi o que parecia mais adequado para a situação e caminhei firmemente junto, meus pés sólidos nas pedras do calçamento, cantando:

—*Eu piso, na tua apreensão,  
Como atropela baleia em salmoura,  
Tua apreensão de costas, tua apreensão de corpo,  
Tua faltas desperdício de peito.*

E então eu vi Jamie, vindo das docas, rindo de alguma coisa que Fergus estava dizendo, e o mundo caiu de volta no lugar ao meu redor.

Jamie deu uma olhada em mim, me pegou pelo braço e me conduziu para um pequeno café na esquina na Locust Street. A esta hora do dia, era tudo menos deserto, e eu atraía pouca atenção. As mulheres iam beber café, quando qualquer coisa era para ser dita, mas a maioria delas bebia em casa, na companhia de amigos ou em pequenas festas e salões. E enquanto havia cafés grandiosos em Londres e Edimburgo que as mulheres podiam ir agora e então frequente, os cafés da Filadélfia tendiam a ser de conversas de homens de negócios, fofocas e política.

—O que vocês vêm fazendo, Sassenach?— Jamie perguntou levemente, levando a bandeja de xícaras de café e biscoitos de amêndoa do servidor. — Você parece... — Ele olhou para mim, evidentemente, procurando por um termo que seria preciso, sem causar-me derramar o café escaldante em cima dele.

—Um pouco indisposta— disse Fergus, tomando as pinças para açúcar. —Aqui, senhora. — Sem pedir, ele colocou três grandes pedaços de açúcar mascavo em meu copo. —Eles dizem que o consumo de bebidas quentes vai esfriar você— acrescentou amavelmente.

—Bem, isso faz você suar mais, — eu disse, pegando minha colher. — Mas, se o suor não evapora, ele certamente vai fazer você mais fria. — Eu estimei a umidade do ambiente em cerca de mil por cento, mas derramei um pouco do meu café adoçado no pires e soprei sobre ele, no entanto. — Quanto ao que eu venho fazendo, eu estava no meu caminho para comprar peixe para o jantar. E o que tem *you* senhores tem feito?

Sentar me fez sentir um bom bocado mais firme, e sendo ladeada por Jamie e Fergus fez a estranha sensação de ameaça que eu experimentei na rua desaparecer um pouco. Mas o pensamento da carta anônima levantou meus cabelos na parte de trás do meu pescoço, apesar do calor.

Jamie e Fergus olharam um para o outro, e Fergus levantou um ombro.

—Calculando nossos ativos— disse Jamie. —E visitamos armazéns e capitães de envio.

—Sério?— O pensamento fez meu coração elevar imediatamente. Isso soou como os primeiros passos concretos em direção a voltar para casa. — Já temos os ativos que precisamos?— A maioria do nosso dinheiro disponível era para pagar por cavalos, uniformes, armas, comida para os homens de Jamie, e outras despesas relacionadas com a guerra.

Teoricamente, o Congresso iria reembolsar essas despesas, mas deu tudo ao General Arnold me falando sobre o Congresso, eu preferia pensar que não devia prender a respiração coletiva em antecipação.

—Um pouco— disse Jamie, sorrindo para mim. Ele sabia muito bem o que eu estava pensando. —Eu encontrei um comprador para o castrado; 4 £.

—Isso parece um bom preço— eu disse hesitante. —Mas... não precisamos do cavalo, para a viagem?

Antes que ele pudesse responder, a porta se abriu e Germain entrou, um pacote de jornais debaixo de um braço e uma carranca no rosto. O último desapareceu como o orvalho da manhã como ele nos viu, porém, e ele veio me abraçar.

—*Grand-mère!* O que você está fazendo aqui? *Maman* disse que foi comprar peixe.

—Oh, — eu disse, de repente culpada pelo pensamento da roupa. —Sim. Estou..., quero dizer, eu estava no meu caminho... Gostaria de uma mordida, Germain? —Eu ofereci o prato de biscoitos de amêndoa, e seus olhos se iluminaram.

—*Um*— Fergus disse, com firmeza. Germain revirou os olhos para mim, mas pegou um biscoito, levantando-o com dois dedos na delicadeza exagerada.

—*Papa*— disse, consumindo o biscoito em duas mordidas rápidas, —Eu acho que talvez você devesse ir para casa.

Ambas as sobrancelhas negras fortemente marcadas de Fergus subiram.

—Por quê?

—Porque— disse Germain, lambendo o açúcar a partir do canto de sua boca e olhando os biscoitos restantes, —vovó Janet disse que se o Sr. Sorrel não deixasse de importunar *Maman*, ela iria esfaqueá-lo com o garfo de lavanderia. Ela poderia fazer isso também — acrescentou, pensativo, enxugando o dedo no prato de migalhas.

Fergus rosnou. Ele me assustou bastante, pois eu não ouvi nada parecido dele desde que ele foi um feroz carreirista de oito anos de idade, em Paris.

—Quem é o Sr. Sorrel— perguntou Jamie, em tom enganosamente suave na voz.

—O proprietário de uma taberna que passa pela gráfica a caminho de seu trabalho e para de vez em quando para comprar um jornal e cobiçar minha esposa— disse Fergus laconicamente. Ele empurrou de volta o seu banco, e

se levantou. —Desculpe-me, minha senhora— disse, inclinando-se para mim.

—Acha melhor ir com vocês?— perguntou Jamie, também empurrando para trás da mesa. Fergus balançou a cabeça, embora, e colocou o seu chapéu armado.

—Não. O homem é um covarde. Uma visão minha, e ele vai embora. — Seus dentes muito brancos mostraram um sorriso repentino. —Se sua irmã não o descartou já.

Ele saiu, deixando os biscoitos à mercê de Germain, que os pegou enchendo o bolso antes de ir até ao balcão para depositar os novos jornais, tirando os muito de leitura e café manchado de ontem, e recolhendo o seu dinheiro da proprietária.

—Quanto você estava imputando ativos, que Fergus diz quão bem ele está fazendo com o negócio de impressão?— eu perguntei, lançando a minha voz baixa o suficiente para não chegar a Germain.

—Ele faz. — Jamie passou uma xícara de café debaixo de seu nariz e fez uma leve careta. A bebida era nominalmente café com um pouco de grãos de feijão genuínos provavelmente incluídos na bebida, mas continha uma alta proporção de chicória e alguns outros ingredientes. Peguei um pequeno fragmento da bolota carbonizada de fora do meu copo e adicionei mais açúcar.

A tipografia era de fato muito rentável; tanto mais que agora, como principal concorrente do Fergus, um legalista, deixou a cidade com a saída do exército britânico.

—Há um bom número de despesas, embora— explicou Jamie. —E alguns das quais aumentou desde que o exército se foi. — O papel e a tinta eram mais difíceis de obter, com o exército já não protegendo o transporte dentro e fora da cidade. E o aumento do perigo das vias públicas significava que menos pedidos de livros impressos enviados e, quando eram, ou deve ser segurado ou perda de risco.

—E depois há o seguro em suas instalações, o que é caro— acrescentou Jamie. Ele beliscou seu nariz um pouco, em seguida, tomou seu café em três grandes goles. —Marsali não sabe como pagar isso— disse, ofegando um pouco —, mas Fergus sabe o que aconteceu com minha tipografia em Edimburgo. E ele me disse algumas coisas que Marsali não sabe, também.

—Tais como?— Eu lancei um olhar cauteloso para Germain, mas ele estava envolvido no que era claramente uma conversa picante com uma

garota de servir no balcão. A menina era dois ou três anos mais velha que Germain, mas claramente estava se divertindo com ele.

—Oh, a ameaça estranha de gente que não gosta de algo que ele imprimiu ou que têm seus narizes colocados para fora porque ele não vai imprimir algo deles. Pequenas coisas de sabotagem, às vezes. Seus jornais roubados de cafés e tabernas e espalhados na rua, embora ele dissesse que tem estado melhor desde que o Sr. Dunphy deixou a cidade.

—Dunphy sendo a tipografia Legalista?

—Sim. Germain — ele chamou do outro lado da gráfica. —Tem outros lugares para visitar hoje? Porque se assim for, é melhor chegar a eles antes de sua notícia seja obsoleta.

Isso fez com que os poucos clientes rissem, e as orelhas de Germain ficassem um pouco rosa. Ele deu a seu avô um olhar medido, mas era sábio o suficiente para não dizer nada, e com algumas últimas palavras para a menina no balcão, saiu, deslizando o pequeno bolo na mão no bolso com um ar casual.

—Você não acha que ele está escolhendo bolsos, não é?— Eu perguntei, observando a habilidade com que esta manobra foi realizada. Fergus ensinou Germain uma boa parte de suas próprias técnicas a esse respeito, não querendo que as habilidades fossem perdidas.

—Deus sabe, mas tanto melhor se ele deixar a Filadélfia. Ele não vai encontrar muito espaço para o talento especial nas montanhas. —Jamie esticou o pescoço para ver pela janela, observando Germain descer a rua, em seguida, sentou-se, abanando a cabeça.

—A principal coisa que Fergus não disse a Marsali, porém, é sobre o janota francês o jovem Wainwright.

—Quem, o elegante Percival?— Eu perguntei, levemente divertida. — Ele ainda está aí?

—Sim, ele está. Pequeno sodomita persistente— observou desapassionadamente. —Ele escreveu um relato detalhado do que ele afirma ser a história dos pais de Fergus, com a conclusão de que Fergus é o herdeiro de alguma grande propriedade na França. Fergus disse que se fosse um romance romântico, teria sido criticado como editora também implausível e não iria tocá-lo. —Ele sorriu com a ideia, mas depois ficou sério. —Ainda. Fergus disse que a menor intenção não tem nada a ver com o assunto, já que mesmo se fosse verdade, ele não significaria ser um peão para outra pessoa e ser de interesse que não é verdade, ainda menos.

—Hmm— Eu tome simplesmente e comi os pedaços de açúcar por agora, em vez de misturá-los no café problemático, e mastiguei um entre os meus dentes de volta. —Por que ele está mantendo de Marsali, embora? Ela sabe sobre abordagens anteriores de Wainwright, não é?

Jamie martelou a mão sobre a mesa no pensamento, e eu assisti fascinada; ele estava acostumado a um grande tempo tamborilar os dois dedos rígidos da mão direita quando pensava e no meio anel de dedo, que havia sido gravemente quebrado grosseiramente arrumado, e frequentemente requebrado, devido à maneira desajeitada que se esticava. Mas eu finalmente amputei o dedo anular em ruínas depois que ele teve metade cortado por um sabre de cavalaria durante a primeira batalha de Saratoga. Ele ainda tamborilava a mão, embora, como se o dedo ainda estivesse lá, mas agora só o dedo médio atingia a mesa.

—Ela sabe— disse lentamente. —Mas Fergus disse que começou a ter esse pouquinho ímpar de... Alguma coisa... em importunações de Wainwright. Não *bastante* uma ameaça, mas apenas coisas como uma observação que, é claro, uma vez que Fergus é o herdeiro da propriedade de Beauchamp, se ele é, na verdade, então Germain herdaria o título e terras atrás dele.

Eu fiz uma careta.

—Eu posso ver o que está sendo oferecido como um incentivo, mas por que é uma ameaça?

Ele me deu um olhar sobre o nível dos detritos do café.

—Se Germain herdaria isso diretamente, Wainwright realmente não precisa de Fergus, agora, não é?

—Jesus H. Realmente...? — Disse. —Você, ou melhor, Fergus pensa que Wainwright e a companhia podem matá-lo, em seguida, usar Germain para se apossar da propriedade ou o que é que eles tenham, em mente?

Jamie deu ao fantasma um encolher de ombros.

—Fergus não viveria aqui enquanto ele tivesse uma sensação de alguém querendo fazer mal. E se ele acha que há qualquer coisa errada nisso com Wainwright, eu estou inclinado a acreditar nele. Além disso, —ele acrescentou bastante — e se isso o tornar mais disposto a deixar Filadélfia e vir para o sul com a gente, eu não vou convencê-lo que ele está errado.

—Bem, não é isso. — Eu olhei em dúvida para a escória do meu café e decidi contra ele. —Falando de Germain, embora, ou melhor, as crianças em geral, que na verdade é por isso que eu estava procurando por você. —

E, em poucas palavras, eu descrevi a nota *Joaninha* e seu efeito sobre Marsali.

As sobrancelhas grossas ruivas de Jamie se juntaram, e seu rosto assumiu uma expressão de que seus inimigos teriam reconhecido. Eu vi pela última vez à luz do amanhecer em uma montanha da Carolina do Norte, quando ele me acompanhou através de bosques e prados, de um corpo frio para o outro, para me mostrar que os homens que me feriram estavam mortos, para me tranquilizar que não poderiam me tocar.

—Isso foi o que me deixou... Er... indisposta na rua — disse eu, em vez de me desculpar. —Pareceu-me tão... mal. Mas uma espécie de *delicado* mal, se você sabe o que quero dizer. Uma vez me deu uma virada. —Os mortos tinham seus próprios meios de fazer você se lembra deles, mas eu não senti nada na memória de sua vingança para além de um sentido remoto de alívio e uma sensação ainda mais remota de admiração com a beleza sobrenatural de carnificina numa tal configuração.

—Eu sei— ele disse suavemente, e bateu o dedo que faltava na mesa. — E eu gostaria de ver essa nota.

—Por quê?

—Para ver se a letra parece que na carta de Percy Wainwright, Sassenach— disse, empurrando para trás da mesa e me entregando o meu chapéu. —Você está pronta?

### ***Capítulo 113 - Obrigado a Todos os Peixes***

Eu comprei um robalo quase tão longo como o meu braço, junto com um prato de lagostas e um saco de pano de ostras do estuário, e a cozinha cheirava deliciosamente a pão fresco e caldeirada de peixe. Isso era uma coisa boa, como ensopado sempre pode ser esticado, e Ian e Rachel, com Rollo a reboque se afastaram da tipografia, pouco antes da ceia, tão visivelmente no auge da felicidade conjugal que fazia dar um sorriso e, ocasionalmente, corando de olhar para eles.

Jenny sorriu, e eu vi seus ombros magros relaxarem um pouco, vendo o rosto radiante de Ian. Eu dei ao cozido uma mexida rápida e vim para ficar atrás dela enquanto ela se sentava perto do fogo, colocando minhas mãos sobre os ombros e amassando delicadamente. Eu sabia muito bem o que lavar roupa fazia em um dia e senti nos músculos.

Ela soltou um suspiro longo e feliz e inclinou a cabeça para me permitir ter meus dedos em seu pescoço.

—Você acha que a nossa moçinha Quaker tem vontade de criança ainda?  
— Ela murmurou para mim. Rachel estava do outro lado da sala, conversando com as bairns mais novas e muito fácil com elas, embora seus olhos continuassem voltando para Ian, que estava olhando para algo Fergus tirou de uma gaveta no aparador.

—Eles estiveram casados apenas por um mês— eu sussurrei de volta, embora eu olhasse atentamente para Rachel.

—É não é de tomar esse tempo — disse Jenny. —E claramente o rapaz sabe seu trabalho. Olhe para ela. —Seus ombros tremeram ligeiramente, com uma risada reprimida.

—Uma coisa boa para uma mãe estar pensando em seu filho— eu disse baixinho, mas eu não podia nem manter a diversão fora da minha própria voz, nem dizer que ela estava errada. Rachel brilhava na luz mágica do crepúsculo se misturando e recuperando do fogo, e os seus olhos pousaram sobre as linhas das costas de Ian, mesmo que ela admirasse a nova boneca de pano de Félicité .

—Ele assume depois de seu pai— disse Jenny, e fez um *hmph* na garganta, ainda divertido, mas com um leve toque de Saudade...? Meus próprios olhos foram para Jamie, que vieram se juntar a Fergus e Ian pelo aparador. Ainda aqui, graças a Deus. Alto e elegante, as sombras suaves fazendo luz nas dobras de sua camisa quando ele se movia, um brilho fugitivo da ponte longa reta do nariz, a onda de seu cabelo ruivo. Ainda meu. Graças a Deus.

—Vem cortar o pão, Joanie!— Marsali chamou. —Henri-Christian, pare de brincar com o cachorro e pegue a manteiga, sim? E, Félicité , guarde sua boneca e chame Germain. —O som distante de vozes dos meninos veio da rua, gritos, pontuados pelo baque ocasional de uma bola contra a parede da frente da gráfica. —E diga a esses pagãozinhos que eu disse, se quebrar uma vidraça, seus pais vão ouvir sobre isso!

Uma breve surto de caos doméstico terminou com todos os adultos sentados nos bancos à mesa e os filhos em seus próprios amontoados ao lado da lareira com as suas tigelas de madeira e colheres. Apesar do calor da noite, o vapor perfumado de cebola, leite, frutos do mar, e pão fresco envolveu a mesa em um breve encantamento de antecipação.

Os homens sentaram-se finalmente, a conversa murmurada parando muito aquém da mesa, e eu dei um breve aceno a Jamie, questionando olhar. Ele tocou meu ombro quando ele se sentou ao meu lado, dizendo: —Sim, mais tarde— baixinho, e acenou com a cabeça para a lareira. *Pas devant les enfants*, Em seguida.

Fergus pigarreou. Um pequeno som, mas as bairns pararam imediatamente de falar. Ele sorriu para eles, e suas cabeças inclinadas sobre as mãos entrelaçadas com sinceridade.

—Abençoa-nos, Senhor— disse em francês, —e esses dons teus, que estamos prestes a receber da tua graça, por meio de Cristo, nosso Senhor.

—Amém— todos murmurava, e a conversa caiu sobre a sala como a maré entrando.

—Está obrigado volta para o exército em breve, Ian?— perguntou Marsali, colocando um bloqueio úmido de cabelo loiro de volta em sua touca.

—Sim— ele respondeu, —, mas não o exército de Washington. Não ainda, de qualquer maneira.

Jamie se inclinou sobre mim para levantar uma sobrancelha para ele.

—Você virou o casaco, então?— Disse. —Ou simplesmente decidiu que os britânicos pagam melhor?— Houve uma borda irônica nisso; ele não viu um centavo de salário e disse francamente que ele não esperava. O Congresso não foi rápido sobre o pagamento de qualquer um, e um general temporário que renunciou a sua comissão era provável estar no fundo da sua lista.

Ian fechou os olhos em êxtase momentâneo, mastigando uma ostra, em seguida, engoliu em seco e abriu, limpando um drible de leite de seu queixo.

—Não— ele disse uniformemente, —Estou falando de Dottie e ir à Nova York para vê-la e Lord John.

Isso parou todos os adultos na conversa, embora as bairns continuassem a conversar junto à lareira. Eu vi Jenny virar os olhos para Rachel, que parecia composta, embora consideravelmente menos feliz do que antes. Ela sabia sobre isso, embora; não havia surpresa em seu rosto.

—Por que, então?— Perguntou Jamie, em tom de leve curiosidade. —Ela não está decidida que Denzell não é adequar a ela, eu espero? Porque eu duvido que ele fosse levado a espancá-la.

Isso fez com que Rachel rir brevemente, mas em voz alta, e a companhia relaxou um pouco.

—Não— ela disse. —Eu acredito que Dottie está satisfeita em seu casamento; Eu sei que meu irmão está. —O sorriso permanecia em seus olhos, embora seu rosto ficasse sério quando ela olhou para Ian, então se virou para Jamie.

—Seu irmão mais velho morreu. Ele era um prisioneiro de guerra, estava em Nova Jersey. Seu irmão Henry recebeu a notícia ontem confirmando sua morte, mas Henry não pode suportar a tensão de uma viagem tão longa, no entanto, especialmente com as estradas tão perigosas, e Dottie sente que deve ir a seu pai.

Jenny deu um olhar penetrante, o que aguçou um pouco mais quando ela ligou a Ian.

—As estradas estão um tanto perigosas— ela repetiu, com um tom suave que combinava com Jamie e não enganou ninguém. Ian sorriu e tomou um pedaço de pão fresco, que ele mergulhou em seu guisado.

—Nada asquerosas, Mamãe— disse. —Há algumas pessoas viajando para o norte que eu sei. Eles são bons para ir até Nova York. Estaremos seguros nos juntando com eles.

—Que *tipo* de gente? — perguntou Jenny, desconfiada. —Quakers?

—Mohawk— disse, a ampliação do sorriso. —Sairemos eu e Rachel, depois da ceia, Mamãe. Eles teriam o prazer de conhecê-la.

Eu poderia dizer honestamente que, em todo o tempo que eu a conheci, eu nunca antes vis Jenny Murray amedrontada. Eu podia sentir Jamie vibrando com alegria reprimida ao meu lado, e tive que olhar para baixo para a minha tigela por um momento para recuperar a minha própria compostura.

Jenny fez suas coisas de popa, no entanto. Ela tomou um longo momento, respirou mais tempo, empurrou o nariz de Rollo fora de seu colo, e então disse calmamente: —Sim. Eu gostaria muito. Passe-me o sal, Fergus, sim?

Apesar do divertimento geral, eu não esqueci o que Rachel disse sobre o irmão de Dottie, Benjamin e eu senti um toque de dor surpreendentemente aguda, como se alguém tivesse amarrado um pedaço de arame farpado em volta do meu coração. *Você sempre faz barganhas com Deus?* Se Hal oferecesse como uma pechincha, evidentemente Deus recusou. *Oh, Deus, Hal... Sinto muito.*

—Estou tão triste de ouvir sobre o irmão de Dottie, — eu disse, inclinando-me para falar com Rachel. —Sabe o que aconteceu?

Ela balançou a cabeça brevemente, e à luz do fogo, agora atrás dela, sombra no rosto da cortina de cabelos escuros.

—Henry tinha uma carta de seu irmão Adam. Ele teve as notícias de alguém da equipe do general Clinton, acho que é isso. Tudo o que disse foi que quem escreveu a carta quis expressar seus arrependimentos quanto à morte do capitão Benjamin Grey, um prisioneiro de guerra britânico que ocorreu no Acampamento de Middlebrook em Nova Jersey, e que o escritório do general Clinton por favor transmitisse essa triste notícia a família do capitão. Eles imaginaram que fosse possível que ele estivesse morto, mas isso parece colocar o assunto além de qualquer dúvida, infelizmente.

—O Acampamento de Middlebrook é o que eles chamam de um lugar nas Montanhas Watchung onde Washington levou suas tropas após Bound Brook, — Fergus observou com interesse. —Mas o exército deixou lá em junho do ano passado. Por que o Capitão Grey estar lá, eu me pergunto?

—Será uma viagem de prisioneiros do exército?— perguntou Jamie, levantando um ombro em um encolher de ombros. —Salve se eles são tomados quando o exército está em movimento, quero dizer.

Fergus balançou a cabeça, reconhecendo o ponto, mas ainda parecia estar refletindo sobre alguma coisa. Marsali interveio antes que ele pudesse falar, porém, apontando para Ian com a colher.

—Falando do por que, por que seus amigos estão indo para o norte?— ela perguntou. —Será que não tem nada a ver com o massacre de Andrustown, não é?

Jenny virou-se para seu filho, com intenção. Um olhar fechado surgiu no rosto de Ian, mas ele respondeu calmo o suficiente.

—Ele faz, sim. Onde ouviu isso?

Marsali e Fergus deram de ombros juntos, me fazendo sorrir involuntariamente, apesar da minha angústia sobre o filho de Hal.

—A maneira em que nós ouvimos a maioria das notícias que publicamos — Fergus amplificou. —A carta de alguém que ouviu falar do assunto.

—E o que seus amigos têm em mente para fazer sobre o assunto?— perguntou Jenny.

—Mais do que isso— disse Jamie, torcendo para enfrentar Ian, —o que faz *você* ter em mente sobre isso?

Eu estava assistindo Rachel, do outro lado da mesa, em vez de Ian, mas eu vi um olhar muito fraco para ser chamado de ansiedade cruzar a sobrançelha, relaxando no instante seguinte, quando Ian respondeu categoricamente: —Nada. — Talvez sentindo isso também sem corte, ele tossiu e tomou um gole de cerveja.

—Eu fiz não sabendo quem estava lá, e como eu não tinha qualquer intenção de mudar o meu casaco e lutar pelo britânico com Thayendanegea... Não, —ele terminou, estabelecendo sua xícara. —Eu vou estar tão longe como Nova York para saber que Dottie está segura, em seguida, voltar para onde quer que Washington possa estar. — Ele sorriu para Rachel, seu rosto mudando abruptamente a partir de sua expressão meio caseira mais atraente que o habitual para uma atratividade surpreendente. —Eu preciso pagar meu olheiro, afinal de contas; eu tenho uma esposa para sustentar.

—Vocês tem que vir e ficar conosco, então, — disse Marsali para Rachel. —Enquanto Ian estiver fora, eu quero dizer.

Eu não tinha tempo para pensar exatamente onde ela planejava colocar Rachel, ela era engenhosa, sem dúvida, encontrar um lugar antes que Rachel balançasse a cabeça. Ela não estava usando uma touca, mas usava o cabelo escuro reto solto sobre os ombros; e podia ouvir o sussurro contra seu vestido enquanto ela se movia.

—Eu irei com Ian para buscar Dottie. Rollo e eu vamos ficar no campo com o meu irmão até que Ian retorne. Eu posso ser útil lá. —Seus longos dedos se enroscaram e flexionaram na ilustração, e ela sorriu para mim. — Você sabe a alegria de uma ocupação útil, Claire, eu espero.

Jenny fez um barulho indescritível em sua garganta, e Marsali bufou brevemente, embora sem rancor.

—Na verdade eu sei— disse eu, os meus olhos sobre a fatia de pão que eu estava passando manteiga. —E o que você prefere encontrar em uma ocupação útil, Rachel em ponto de ebulição lavando roupa, ou punção dos furúnculos na bunda do Sr. Pinckney?

Ela riu, e com a chegada de Henri-Christian com uma tigela vazia em suas mãos a salvou de responder. Ele colocou-a na mesa e bocejou sonolento, balançando em seus pés.

—Sim, é tarde, o homenzinho— disse sua mãe para ele, e, pegando-o, segurou-o nos braços. —Coloque sua cabeça, *a bhalaich*. Papa vai nos levar hoje.

Mais cerveja era servida, as meninas recolhendo as tigelas vazias e colocando no balde de molho, Germain desaparecendo fora no crepúsculo de encontro nos últimos minutos de jogo com seus amigos, Rollo enrolado para dormir perto do fogo, e conversas se tornando geral.

A mão de Jamie descansou calorosamente na minha coxa, e eu me inclinei contra ele, colocando minha cabeça brevemente no ombro. Ele olhou para mim e sorriu, apertando minha perna. Eu estava ansiosa pelo conforto espartano da nossa palete no sótão, o arrefecimento de liberdade da anágua e nudez, e a partilha de sussurros no escuro, mas no momento era mais do que o conteúdo a ser o lugar onde eu estava.

Rachel estava falando através de Marsali para Fergus, Marsali cantarolando baixinho para Henri-Christian, cuja cabeça escura pendia sobre o peito, com os olhos quase fechados. Olhei atentamente para Rachel, mas era muito cedo para ver qualquer sinal de gravidez, mesmo que..., então eu parei, assustada, quando meu olho pego outra coisa.

Eu vi Marsali através de sua gravidez com Henri-Christian. E eu estava vendo uma flor em seu rosto, agora que não era do calor da sala: uma ligeira plenitude das pálpebras, e uma suavização sutil e um rosto arredondado e um corpo para que eu pudesse ter reconhecido mais cedo, se eu estivesse procurando. Será que Fergus sabia, eu me perguntava? E olhou rapidamente para a cabeceira da mesa, ao vê-lo olhando para Marsali e Henri-Christian, seus olhos escuros macios com amor.

Jamie mudou um pouco ao meu lado, virando-se para dizer algo para Ian, do meu outro lado. Eu me virei, também, e vi que os olhos de Ian também estavam em Marsali e Henri-Christian, com um olhar de melancolia que me feriu no coração.

Senti seu desejo, e o meu próprio por Brianna. Roger e Jem, e Mandy. Seguros, eu esperava, mas não aqui, e eu engoli um caroço na minha garganta.

—*Você morreria por eles, felizmente,* — Hal disse, no relógio longo da noite quando eu o mantinha respirando. —*Sua família. Mas ao mesmo tempo você pensa, Cristo, eu não posso morrer! O que pode acontecer com eles se eu não estivesse aqui?*— Ele tinha me dado um sorriso irônico e triste. —*E você sabe bem que a maioria não pode ajudá-los de qualquer maneira; eles têm que fazer, ou não, por si mesmos.*

Isso era verdade. Mas isso não impediu que você se importasse.

Estava quente perto do sótão, com os aromas remanescentes confortáveis de jantar amontoados sob as vigas, os pungentes mais argumentativos de tinta, papel, entretelas e couro que construíram durante todo o dia, e o aroma levemente penetrante de palha subjacente em tudo. Eu engasguei com o impacto quando pisei fora da escada e entrei de uma vez para abrir a porta do carregamento que dava para o beco e a calçada atrás da gráfica.

Uma explosão da Filadélfia entrando correndo, vibrando as pilhas de papel: a fumaça de uma dúzia de chaminés próximas, um fedor acre de adubo por trás do estábulo na rua, e o cheiro intoxicante de resina de folhas e casca e flores que era o legado de William Penn. *Deixe um acre de árvores para cada cinco hectares desmatados*, ele aconselhou em sua carta, e se a Filadélfia não tivesse muito que se reunir ao ideal, ainda era uma cidade particularmente verdejante.

—Deus te abençoe, William, — eu disse, começando a tirar minhas roupas exteriores o mais rápido possível. O ar da noite podia ser quente e úmido, mas *era* móvel, e eu não podia esperar para deixá-lo passar sobre a minha pele.

—Isso é um pensamento tipo, Sassenach— disse Jamie, dando um passo para fora da escada para o sótão. —Por que, então? Está o rapaz em sua mente por algum motivo?

—Wh-oh, William, — eu disse, percebendo. —Eu realmente não pensei em seu filho, mas, naturalmente,... —Eu me atralhei para organizar uma explicação, mas desisti, ao ver que ele não estava realmente assistindo. —Você estava pensando nele?

—Eu estava, sim— ele admitiu, chegando para me ajudar com os meus cadarços. —Será que os pequenos e as bairns, e todos estão confortáveis juntos... —Sua voz sumiu e ele me chamou suavemente para ele, inclinou a cabeça para minha, e deixou descansar lá com um suspiro que agitou o cabelo perto do meu rosto.

—Você gostaria que ele pudesse ser parte disso— eu disse suavemente, chegando a tocar em sua bochecha. —Ser parte da família.

—Se os desejos fossem cavalos, os mendigos em seguida, iriam montar — disse, e deixou ir, com um sorriso irônico visível no brilho da cozinha abaixo. —E se os nabos fossem espadas, eu teria um ao meu lado.

Eu ri, mas minha atenção foi para a pilha de Bíblias que ele estava acostumado a deixar sua espada. Sua adaga estava lá, suas pistolas, saco de

tiro, e uma dispersão de objetos de seu sporran, mas nenhuma espada. Eu olhava para ter certeza de que eu estava vendo direito, mas eu estava.

—Eu vendi— disse com naturalidade, vendo a direção do meu olhar. — É uma boa coisa a se dizer da guerra: pode ter um bom preço para uma arma decente.

Eu queria protestar, mas não fiz. Ele usava armas com facilidade ao longo da vida, a tal ponto que suas facas e armas de fogo pareciam uma parte dele, e eu não gostava de vê-lo diminuído pela perda de qualquer uma. Mas, sem uma comissão do exército, ele provavelmente não teria *necessidade* de uma espada imediatamente, e nós, certamente, precisávamos de dinheiro.

—Você pode comprar outra quando chegarmos a Wilmington, — eu disse, praticamente, retornando a seu favor por desabotoar suas saias. Elas deslizaram de seus quadris estreitos e caíram, rodadas em seus pés. —Seria lindo para William saber a verdade sobre Bree e sua família algum dia. Você vai dizer a ele?

—No caso em que ele chegue perto de mim, sem tentar me matar?— Um canto de sua boca se curvou com tristeza. —Sim, talvez. Mas talvez eu não diga *toda* a verdade.

—Bem, talvez não tudo de uma vez, não— eu concordei. Uma brisa quente da janela mexeu o cabelo e as fraldas de sua camisa. Eu toquei o linho amassado, quente e úmido de seu corpo. —Por que você não tira isso?

Ele me olhou com cuidado; eu estava em pé agora em nada, mas minha anágua e meias. Um sorriso lento se espalhou em seus olhos.

—Justo é justo— disse. —Tire o seu fora, então.

Claire era adorável, de pé branca e nua como uma estátua francesa contra o crepúsculo profundo da janela aberta, seu cabelo encaracolado uma nuvem de tempestade ao redor de seus ombros. Jamie queria ficar de pé e olhar para ela, mas ele queria muito mais ter seu pênis dentro dela.

Havia ainda vozes na cozinha, no entanto, e ele foi e tirou a escada. Não queria ter Germain ou uma das meninas correndo para dizer boa noite.

Houve uma gargalhada de Ian e Fergus abaixo, provavelmente em vista ao desaparecimento da escada, e ele sorriu para si mesmo, colocando-o de lado. Eles tinham suas próprias esposas, e se eles eram tolos o suficiente para sentar-se a beber cerveja em vez de apreciar suas camas, que não era da sua conta.

Claire já estava em sua palete quando ele virou a partir da borda do loft, uma pálida sombra sob a penumbra dos tonéis de tinta. Ele aliviou-se nu ao seu lado, tocou seu quadril curvo; ela tocou seu pênis. —Eu quero você— ela sussurrou, e de repente tudo mudou.

Era a sua magia comum, mas a magia, no entanto, o cheiro de cebola e salmoura em suas mãos, o sabor da manteiga e cerveja em sua língua, uma coceira de cabelo no ombro, e uma corrida repentina quando ela correu um dedo abaixo de sua bunda, o que o levou para cima duro entre as pernas dispostas.

Ela fez um som que o fez colocar uma mão sobre a boca, e ele sentiu seu riso, a respiração quente contra a palma da mão, então ele tirou a mão e parou seus barulhos com a boca, deitado completo sobre ela por um momento, sem se mover, tentando esperar, não é capaz de esperar pela sensação de estar se contorcendo sob ele, lisa e escorregadia, esfregando os mamilos nos dele, pedindo... E então ela tremeu e fez um pequeno ruído de rendição que o libertou para fazer o que ele faria, e ele fez.

Jamie soltou um profundo suspiro de relaxamento total.

—Eu tenho vontade de fazer isso durante todo o dia, Sassenach. *Moran taing, a nighean.*

—Então, isso é um *morcego*? —Era: a sucata filtrando pelas trevas individuais, ricocheteando de um lado do loft para o outro. Eu agarrei o braço de Jamie com uma mão e puxei uma ponta do lençol sobre minha cabeça com a outra. Não que eu me importasse com os morcegos, como tal; um morcego voando para lá e para cá três pés sobre a minha cabeça no escuro, embora...

—Não são asquerosos Sassenach, — ele disse, parecendo se divertir. — Vai sair de novo diretamente.

—Eu não tenho tanta certeza disso— disse eu, batendo algo fazendo cócegas no meu pescoço. —Há provavelmente um número de insetos aqui para que possa caçar. — Nuvens de mosquitos e mosquitos estavam inclinados a vaguar pela janela aberta quando a noite caiu, e era sempre uma escolha de Hobson: manter a janela fechada e morrer sufocado, ou abri-la e ser clivado toda a noite por pés rastejando e o irritante *sneeeee!* de mosquitos choramingando em nossos ouvidos.

—Vocês devem ficar satisfeitos com o morcego, então, — Jamie me disse, rolando para o lado e usando outro pedaço do lençol para apagar um

brilho de suor em seu peito. —Como muitos bichos que vocês me dizem que comem?

—Bem... Muitos — disse. —Não me pergunte como eu me lembro disso, mas de acordo com a enciclopédia de Brianna, o pequeno morcego marrom médio pode comer até mil mosquitos em uma hora.

—Bem, não esse, então, — ele disse. —Eu não acho que possa haver mais do que duas ou três centenas de mosquitos aqui só agora ele não deve levá-lo para mais de um quarto de hora para lidar com vontade com eles.

Era um ponto definido, mas eu não estava muito convencida das virtudes de entreter um morcego residente. Eu me fiz surgir do meu abrigo improvisado, porém, olhando para cima. —E se mais morcegos entrarem?

—Então eles vão limpar o local em cinco minutos. — Ele suspirou brevemente. —Quer que eu o pegue, jogue fora, e feche a porta, Sassenach?

—Não— eu disse, imaginando Jamie dando piruetas em torno do loft no escuro, ou ser mordido por um morcego assustado se ele tivesse sucesso na captura ou mergulhando sobre a borda do loft no esforço para fazê-lo. — Não, está tudo bem. Diga-me o que você não queria dizer antes que fosse tirar a minha mente isso.

—O que eu... oh, sim. — Ele rolou de costas, mãos cruzadas sobre o estômago. —É só eu tenho falado da vontade Fergus e Ian sobre vir conosco quando deixamos para ir a Ridge. Não quis mencioná-lo à mesa, no entanto. Ian e Fergus devem conversar sobre isso com Rachel e Marsali por si mesmos em primeiro lugar, e eu não queria que os bairns ouvissem. Eles enlouquecem com entusiasmo, e Marsali me atravessaria o coração como carne espetada se agitasse antes de dormir.

—Ela pode— eu disse, divertida. —Oh por falar em Marsali... Prefiro pensar que ela está grávida.

—Ela está, agora?— Ele virou a cabeça para mim, profundamente interessado. —Você tem certeza?

—Não— eu admiti. —Eu não posso ter certeza, sem fazer perguntas curiosas e examiná-la. Mas eu acho que há uma boa chance de sim. Se assim... isso pode afetar se eles irão com a gente, não pode?

A perspectiva de ir para casa de repente era de verdade, de uma forma que não foi ainda um momento antes. Eu quase podia sentir a respiração das montanhas na minha pele nua, e arrepios ondulando fugazmente sobre minhas costelas com a ideia, apesar do calor.

—Mmm— disse Jamie, embora distraidamente. —Acho que poderia. Acha que ela tem vontade de mais uma criança, pode ser igual a Henri-Christian?

—Provavelmente não— eu disse, embora cautela profissional fizesse acrescentar: —Eu não posso ser positiva que o seu tipo de nanismo não é uma condição hereditária, porque Fergus não sabe nada sobre a sua família. Mas eu acho que Henri-Christian é provavelmente uma mutação, algo que acontece apenas uma vez, uma espécie de acidente.

Jamie deu um pequeno grunhido.

—Milagres só acontecem uma vez, também, Sassenach— disse —É por isso que todos os bairns são diferentes.

—Eu não iria discutir com isso— eu disse suavemente. —Mas nós vamos precisar viajar muito em breve, não é? Mesmo Marsali estando grávida, ela não terá mais do que três ou quatro meses. —Uma pequena sensação de desconforto penetrou em minha mente. Era o início de setembro; a neve podia começar a fechar as passagens da montanha já em outubro, mas se foi um ano quente...

—Quanto tempo vai demorar, você acha? Para voltar para Ridge?

—Muito tempo para fazê-lo antes da neve, Sassenach— disse suavemente, passando a mão nas minhas costas. —Mesmo se eu conseguisse o dinheiro e encontrasse um navio para nos levar até a Carolina do Norte, e eu prefiro fazer isso...

—Você iria?— Eu soltei, atônita. —*Você?* Tomando um navio? Achei que você jurou que nunca mais poria os pés em um novo, se não fosse o navio que levaria seu caixão de volta para a Escócia.

—Mmphm. Sim, também. Se fosse só eu, então, sim, eu prefiro andar até a Carolina do Norte com os pés descalços sobre brasas. Mas não é. É você, e...

—*Eu?*— Sentei-me em linha reta, com raiva. —O que você quer dizer com isso?! Ahhh —Agarrei o meu cabelo e mergulhei em seu colo, para o morcego ampliado a poucos centímetros da minha cabeça; na verdade, eu *ouvi* seu chiado fraco e a aba de couro das asas.

Jamie riu, mas com um toque fraco para ele. Enquanto eu me sentei novamente, ele passou a mão pelo meu lado direito e descansou dois dedos sobre a cicatriz fresca lá.

—Quero dizer isso, Sassenach— disse , e pressionou. Muito gentilmente, e me guardei do vacilar com o toque, mas a cicatriz ainda

estava vermelha e sensível.

—Eu estou bem— eu disse, tão firme quanto possível.

—Eu fui baleado, Sassenach— disse, muito secamente. —Mais do que uma vez. Eu sei o que se sente e quanto tempo leva para ter a sua força total de volta. Você quase caiu na rua hoje, e...

—Eu não comi nada; eu estava com fome, e...

—Eu não vou levá-la por terra— disse, em um tom que não admitia discussão. —E não é só você, mas é principalmente você— acrescentou, em um tom mais suave, alisando o cabelo do meu rosto. —Mas há os bairns, bem como, e agora Marsali, se ela está com a criança... É uma jornada difícil, moça, e perigosa, para todos. Será que você não lembra o que duque disse a você que os britânicos querem tomar o Sul agora?

—Hmph— eu disse, mas permiti me puxar para baixo ao lado dele. —Sim, ele disse. Mas eu não tenho nenhuma ideia do que isso pode realmente *significar*, em termos de onde estão ou o que estão fazendo. As únicas batalhas que eu realmente ouvi falar, além de Lexington e Concord e Bunker Hill, são Saratoga e Yorktown que é onde termina, Yorktown — acrescentei. —Obviamente, algumas coisas devem acontecer entre os dois, apesar de tudo.

—Obviamente— disse. —Sim. Bem, eu vou comprar outra espada quando chegarmos à Carolina do Norte se tiver dinheiro novamente.

Ele tinha, de fato, ativos consideráveis na Carolina do Norte. Mas não havia nenhuma maneira de recuperar algum do ouro escondido na Caverna do espanhol lá, mesmo que ele confiasse em alguém a fazê-lo, ninguém sabia onde a caverna estava, salvá-lo ele e Jemmy e o uísque envelhecido (quase tão valioso quanto o ouro, se trazido para a costa para venda) todos no mesmo lugar.

—Eu suponho que o preço de uma boa espada não é o bastante para a passagem do navio por nove pessoas não, onze, se Ian e Rachel vierem, também, não é?

—Não— disse, pensativo. —Eu disse a Fergus que ele poderia considerar a venda de sua imprensa. Ele não é proprietário das instalações, mas a imprensa é dele. —Ele fez um pequeno gesto, abrangendo a construção em torno de nós. —minha Bonnie está em Wilmington, depois de tudo.

—Seu-oh, sua imprensa. Claro. —Eu escondi um sorriso em seu bíceps. Ele sempre falou de... Bem, ela... com certa afeição possessiva. Pensando,

eu não tinha certeza do que eu já ouvi falar sobre *eu* dessa forma...

—Sim. Fergus tem sua mentalidade de que ele vai continuar com uma impressora, e eu acho que isso é sábio. Germain ainda não grande o suficiente para arar e o pobre pequenino Henri-Christian nunca será.

Eu suprimi minhas especulações quanto à reação de Germain poderia ser se retirado à força dos arredores de uma cidade próspera e arremessado atrás de um arado. Ele podia me lembrar com carinho do cume, mas isso não queria dizer que ele queria ser um agricultor.

—E quanto a Richard Bell?— Bell foi Legalista que foi deportado à força de sua casa na Carolina do Norte e enviado, sem dinheiro e sem amigos, para a Inglaterra, terminando eventualmente em Edimburgo, onde ele encontrou emprego como uma impressora e onde Jamie encontrou e fez o negócio pelo qual Richard traria Bonnie para a Carolina do Norte e cuidaria dela em troca de sua casa na passagem.

—Eu o fiz sabe— disse Jamie pensativo. —Eu escrevi a ele, para dizer que estávamos indo para Wilmington e que devemos fazer algum arranjo... Mas eu não tive resposta —Isso não necessariamente significava nada; cartas com frequência eram perdidas ou atrasadas. Jamie encolheu um pouco e mudou de posição, estendendo-se ele próprio reassentado. —Sim, bem; deixe que espere. Vamos ver quando vemos. Como está o nosso amigo pequenino?

—Nosso... oh. — Olhei para cima, a digitalização do teto baixo, mas não viu nenhum vestígio do bastão. Eu não ouvi nenhum mosquito lamentando, também. —Muito bem, morcego, — eu disse apreciação.

Jamie riu, baixo em sua garganta.

—Lembra-se de você sentada na varanda e observando os morcegos saírem nas noites de verão em Ridge?

—Eu lembro— eu disse suavemente, e virei ao meu lado para abraçá-lo de ânimo leve, a mão sobre os cabelos encaracolados de seu peito. Eu me lembrava. De Ridge. A cabana que Jamie e Ian construíram para o abrigo quando viemos pela primeira vez, e o leitão branco que compramos, que havia se tornado a porca branca temível, terror de toda a redondeza. Nossos amigos, os inquilinos de Jamie, Lizzie e os gêmeos Beardsley... Meu coração se apertou em algumas das memórias.

Malva Christie. Pobre criança condenada. E fator de confiança do Erro e Jamie e sua esposa, que provou muito menos do que confiável. E a Casa Grande, a nossa casa, subindo em chamas, e nossa vida lá com ele.

—Eu vou precisar construir a nova casa primeiro— disse, pensativo. Ele colocou sua própria mão sobre a minha e apertou-a. —E eu vou fazer um novo jardim. Você pode ter metade do dinheiro que eu tiver para a minha espada, para comprar sementes.

### ***Capítulo 114 - Crença é uma Aposta Sábia***

*10 setembro de 1778 New York*

Hal deu um suspiro suave. —Eu não gosto de você indo sozinho— disse.

—Eu não gosto disso, também— disse John com naturalidade, abrindo a garrafa. —Mas a única pessoa que poderia efetivamente ir comigo é você, e você não pode, por causa do regimento, de modo... Deus, eu sinto falta Tom Byrd — disse impulsivamente.

—Seu valet de antes?— Hal sorriu, apesar da preocupação da situação. —Quanto tempo se passou desde que você o viu? Dez anos, pelo menos, não é?

—Pelo menos isso. — O pensamento de Tom ainda deu uma leve pontada. Tom deixou o seu emprego, com profundo pesar em ambos os lados, a fim de casar-se, e tornar-se um tipografo bem sucedido em Southwark, sua esposa tendo herdado uma casa pública próspera de seu pai. Grey não poderia invejar a sua felicidade, mas ele ainda sentia muita falta de Byrd, com os olhos afiados, mente rápida e ansioso para cuidar de Grey assim como suas roupas.

Ele olhou para si mesmo; seu criado atual conseguia mantê-lo decente, uma tarefa que ele mesmo admitiu ser de Sísifo, mas faltava tanto a imaginação e a conversa.

—Você deve tomar Marks, independentemente— disse Hal, tendo evidentemente seguido sua linha de pensamento, sem dificuldade. — Alguém tem que mantê-lo em ordem. — Ele deu o uniforme de John um olhar crítico.

—Eu *gosto* de me vestir, você sabe — disse John suavemente. —Quanto ao uniforme... — Ele olhou para baixo e deu de ombros. —Tirando uma camisa limpa e meias... não é como se eu quisesse ser chamado de General Washington.

—Nós só podemos esperar. — Os lábios de Hal pressionaram juntos. Ele já expressava suas reservas de alguma coisa com tanta violência explícita

que poderia ser descrito em termos tão de respeito das intenções de Grey para viajar como a si mesmo, do uniforme.

—Eu tive o bastante quando fui preso como um espião, obrigado— respondeu John. —Além do risco de ser enforcado fora de mão, sentido a hospitalidade dos americanos... Apesar de vir a pensar, eu queria perguntar: você sabe de Watson Smith? Costumava ser um capitão da Vigésima Segunda, eu acho.

Hal franziu a testa em concentração, mas sua sobrancelha apagou quase imediatamente.

—Eu sei— disse. —Um bom funcionário; fez bem em Crefeld e Zorndorf. —Ele inclinou a cabeça para um lado, as sobrancelhas levantadas. —Por quê?

—Ele virou o casaco; ele é agora um coronel do Exército Continental. Eu era o seu convidado involuntário por um tempo curto. Bom companheiro, —Grey acrescentou bastante. —Me embebedou com aguardente de maçã.

—Sem dúvida, com a intenção de extrair inteligência de você?— A expressão de Hal deixou claro que ele duvidava que houvesse muito nessa linha de Smith para extrair.

—Não— disse Grey, pensativo. —Eu não penso assim. Nós só ficamos bêbados juntos. Bom companheiro — ele repetiu. —Eu estava indo para expressar a esperança de que eu não iria encontrá-lo novamente não deveria gostar de ter que matá-lo, eu quero dizer, mas acho que não está além da crença de que eu poderia correr para ele em algum lugar. — O pensamento deu um pequeno e agradável apertar na parte baixa da barriga que por sua vez o surpreendeu.

—De qualquer forma— acrescentou —Eu vou de uniforme, mesmo o uniforme estando sujo. Ele não vai necessariamente me manter da prisão, prisão, fome e tortura, mas *pode* me salvar de ser enforcado.

—Tortura?— Hal deu uma olhada.

—Eu tinha em mente acordar após a aguardente— John disse a ele. —E cantar. Tem alguma ideia de quantos versos os americanos fizeram para *Yankee Doodle*?

Hal grunhiu em resposta a este e tirou uma pasta de couro, de onde ele extraiu um maço fina de documentos.

—Aqui é a sua *boa fé*— Disse, entregando-os. —Eles *poder* ajudar supondo que, em primeiro lugar você está capturado ou detido, ao invés de

atirar em vista, e em segundo lugar que os seus captores tomar o tempo para lê-los.

Grey não se deu ao trabalho de responder a isso, estando ocupado em folhear os documentos. Uma cópia de seu mandado de comissão; uma nota de Hal como coronel do regimento, destacando o tenente-coronel John Grey temporariamente do serviço e desejando a empreender a tarefa de localizar e ajudar uma senhora Benjamin Grey (antes Amaranthus Cowden), viúva do capitão Benjamin Grey, tarde da Trigésima quarta a pé; *A quem possa interessar* carta de Clinton, reconhecendo formalmente a missão de Grey e solicitando que toda a cortesia e assistência a ser prestada a ele em decorrência da mesma; várias letras de câmbio do banco Coutts em Nova York (—Apenas no caso, — Hal disse a ele. —Em caso de quê?—Em caso de você ser derrubado e aliviado de seu ouro, imbecil. —Oh—); e... Nota do Benedict Arnold, que concede ao Duque de Pardloe e seu irmão, Lord John Grey, a permissão para permanecer temporariamente na Filadélfia com o propósito de procurar o sobrinho do duque.

—Sério?— Disse Grey, erguendo as sobrancelhas para este último. — Em que circunstâncias você acha que isso pode ser útil?

Hal encolheu os ombros e ajustou o colete. —O fato de que eu e você somos conhecidos pelo General Arnold vale alguma coisa. A nota não dá sua opinião sobre nós, depois de tudo.

Grey deu a nota um olhar crítico, mas, na verdade, Arnold havia se abtido de personalidades e não codificou suas ameaças sobre trilhos e alcatrão e penas.

—Tudo bem. — Ele fechou a pasta e colocou para baixo, colocando o chapéu sobre ela para garantir contra a caminhar sem ela. —É isso, então. O que a para jantar?

**John Grey estava gostando de seu sonho confuso mas agradável envolvendo chuva de primavera, seu cachorro dachshund Roscoe, coronel Watson Smith, e uma grande quantidade de lama, quando ele tornou-se gradualmente consciente de que as gotas de chuva no rosto eram reais.**

**Ele abriu os olhos, piscando, para descobrir sua sobrinha, Dottie, segurando o jarro em uma mão e a aspersão de água de seus dedos em seu rosto.**

**—Bom dia, tio John— disse alegremente. —Levante-se e brilhe!**

—A última pessoa imprudente o suficiente para dizer isso para mim de manhã teve um fim muito desagradável— disse, lutando em pé e esfregando a manga de sua camisa de dormir em seu rosto.

—Sério? O que aconteceu com ela? Ou era um ele? —Ela mostrava suas covinhas para ele e pousou o jarro, enxugando os dedos molhados em sua saia.

—Que pergunta imprópria— disse, olhando para ela.

—Bem, eu sou uma mulher casada agora, você sabe— disse, sentando-se com um ar de autocontrole extremo. —Eu estou autorizada a saber que os homens e mulheres, ocasionalmente, dividem a cama, mesmo aparte dos laços do casamento.

—Afaste? Onde você pega essa construção bárbara? Você falou com escoceses?

—Constantemente— disse. —Mas o que aconteceu com a pessoa infeliz que tentou tirá-lo de seus sonos?

—Oh, ele. — Ele passou a mão sobre a cabeça, ainda surpreso com a sentir o cabelo tão curto, se tivesse pelo menos crescido o suficiente para cair e deitar um pouco plano, em vez da degola para cima como um pincel de barba. —Ele foi escalpelado por índios vermelhos.

Ela piscou.

—Bem, isso vai ensiná-lo, com certeza— ela murmurou.

Grey balançou as pernas para fora da cama e deu um olhar aguçado.

—Eu não me importo como você é casada, Dottie, você *não* tem permissão para me ajudar a me vestir. Que diabo você está fazendo aqui, afinal?

—Eu vou com você encontrar a viúva de B... Ben— disse, e de repente sua brilhante fachada ruiu como papel machê na chuva. Lágrimas brotaram em seus olhos, e ela fechou a mão com força sobre sua boca para impedi-las de cair.

—Oh, — disse Grey. —Oh, minha querida... —E parando apenas para arremessar sua bengala, mesmo em situações de emergência, havia limites, ele ajoelhou-se ao lado dela e tomou em seus braços.

—Está tudo bem— ele disse baixinho, esfregando suas costas. —Ben não pode estar morto, depois de tudo. Achamos que ele não está seu pai e eu — *Nós certamente esperamos que ele não esteja*, pensou, mas optou por uma visão mais positiva da situação.

—Você não?— Ela engasgou, inalado, e sentou-se um pouco, olhando para ele com olhos afogados de censura.

—Certamente que não— disse com firmeza, e cavou no bolso de Banyan por um lenço.

—Mas por que não?— Ela aceitou o oferecido linho um pouco amassado, mas não indecente assim e enxugou o rosto. —Como não poderia estar?

Grey suspirou, preso entre Cila e Caríbdis, como de costume quando enredado em uma das situações de Hal.

—Seu pai sabe que você está aqui?— Ele perguntou, como uma manobra dilatória.

—Nem... eu quero dizer, não— ela disse, limpando a garganta e sentando reta. —Eu fui ao seu quarto, mas ele estava fora, então eu vim aqui para encontra-lo.

—Como é que você está certo que Ben morreu?— Grey levantou-se e, amarrando o cinto em sua bengala, começou a olhar para os seus cerca de chinelos. Ele sabia que Hal ainda não escreveu a Minnie sobre Ben, não faria a menos que fosse forçado pela terrível certeza, e mesmo se tivesse, não havia nenhuma maneira em que a palavra poderia ter voltado para Dottie tão cedo. E Hal não teria dito a sua filha a notícia até ter certeza, não mais do que ele teria dito a sua esposa.

—Henry disse— disse. Ela derramou um pouco de água sobre o lenço e começou a reparação de sua pele. —Fui visitá-lo e a Mercy, e ele acabou de receber uma carta de Adam, dizendo-lhe... Você está *certo* que ele não está morto? — ela perguntou ansiosamente, diminuindo o lenço a olhar para ele. —A carta de Adam disse que ele ouviu de alguém da equipe do general Clinton, dizendo com certeza de que Ben morreu em um acampamento militar em Nova Jersey Middlebrook, eu acho que ele disse que era.

—Não, não temos certeza— ele admitiu. —Mas nós temos motivos razoáveis para dúvidas, e até aquelas sejam completamente exploradas, vamos proceder na suposição de que ele não está. Eu tenho que encontrar sua esposa, embora — acrescentou. —E a criança.

Os olhos de Dottie voaram enormes.

—A *criança*? Ben tem um bebê?

—Bem, a mulher que diz ser sua esposa tem um filho, ou assim diz ela, e ela disse que Ben é o pai de seu filho. — Vendo que não havia alternativa,

ele mostrou a ela a carta de Amaranthus Cowden que Hal recebeu, na Filadélfia, e seu conteúdo.

—Agora, como Ben não mencionou esta mulher para Hal, um dos deveres que vamos realizar para o seu pai é a determinação para saber se ela está dizendo a verdade. E se ela estiver, então é claro que eu vou trazê-la de volta comigo, e a família vai cuidar dela e da criança.

—E se ela é *não* estiver dizendo a verdade? —a angústia de Dottie rapidamente estava sendo subsumida por uma combinação de esperança e curiosidade.

—Deus sabe— disse Grey, francamente. —Você gostaria de ir e pedir nosso café da manhã, Dottie? Posso estar fora da cama, mas eu não estou em nenhuma maneira equipado para realizar conversas hipotéticas antes que eu tenha uma xícara de chá.

—Oh. Sim, é claro. —Levantou-se, embora lentamente, claramente ainda pensando sobre as revelações, e foi em direção à porta, mas parou na soleira e olhou para ele.

—Eu *estou* indo com você — disse com firmeza. —Podemos falar sobre isso no caminho.

Hal entrou quando arenque e grelhados mistos estavam sendo colocados. Ele parou por um segundo quando viu Dottie, mas depois veio, mais lentamente, olhando para ela.

—Bom dia, papai— ela disse rapidamente, levantando-se e vindo para beijar sua bochecha. —Sente-se e pegue um.

Ele se sentou, ainda olhando para ela, então trocou seu olhar para John.

—Eu não tenho nada a ver com isso— Grey assegurou seu irmão. —Ela chegou... como você chegou aqui, Dottie?

—Em um cavalo— ela respondeu, pacientemente, levando uma fatia de torrada.

—E onde está o seu marido?— Hal perguntou suavemente. —Será que ele sabe onde você está aqui?

—Denzell está onde o seu dever o leva— disse, em vez laconicamente. —Com o Exército Continental. Mina me trouxe aqui. E é claro que ele sabe.

—E ele não teve objeção de você viajando sozinha da Pensilvânia para Nova York, por estradas infestadas por...

—Eu não estava sozinha. — Ela deu uma mordida delicada de sua torrada, mastigou e engoliu. —Ian e alguns de seus amigos Mohawk me trouxeram. Os Mohawks estavam viajando para algum lugar ao norte daqui.

—Ian é... por acaso Ian Murray— perguntou Grey, mas, em seguida, respondeu a si mesmo. —Eu suponho que ele deve ser; quantos Mohawks podem não ser chamados de Ian? Presumo que ele sobreviveu a sua ferida, então; tenho o prazer de ouvir. Como você chegou à...

—Dorothea— disse Hal, em tom comedido, olhando para Dottie. —Por que você está aqui?

Dottie voltou seu olhar, sua mandíbula visivelmente fechada.

—B... por causa de Ben— disse, incapaz de manter a voz totalmente estável. —Papai, você está *certo* que ele não está morto?

Hal respirou audível e assentiu.

—Eu tenho certeza— disse em sua melhor voz de comando. Mas John podia ver os dedos branquear quando segurava uma colher de chá, e sentiu o nó em seu próprio estômago apertar em resposta.

Dottie claramente tinha suas próprias dúvidas, a julgar por seu olhar para seu pai, mas ela gentilmente concordou. Sendo Dottie, é claro, ela não parou por aí.

—Como?— Ela disse. —Como você sabe? Adam e Henry ambos pensam... O pior.

A boca de Hal abriu uma fração de uma polegada, mas nada saiu.

John pensou que Hal deveria realmente ter sido preparado para isso, mas, afinal de contas, o seu irmão *teve* um tempo duro. E, com toda a justiça, era difícil estar preparado para algo como Dottie.

—Acho que é melhor você dizer a ela— disse John. —Se você não fizer isso, ela vai provavelmente escrever a Minnie.

Hal lançou um olhar cheio de veneno, plenamente consciente de que esta sugestão útil foi feita com a intenção de forçá-lo a divulgar o seu raciocínio a Dottie, mas não havia muita escolha, e ele fez isso com tanta graça como podia.

—Mas este Capitão Richardson *não* fez nada para Willie? — disse Dottie, franzindo a testa um pouco. —Eu pensei que...

—Não nesta ocasião— John disse brevemente—, mas dado o seu comportamento anterior sobre Dismal Swamp e Quebec, achamos um pouco suspeito.

—E o homem, aparentemente, *desertou* —Hal apontou.

—Você não sabe disso. Ele poderia ter sido morto por alguém e seu corpo escondido, —Dottie apontou logicamente.

—Ele foi visto saindo do campo— disse John pacientemente. — Sozinho. E, dado o que sabemos e conjeturar sobre ele, eu acho que temos motivos para considerar a possibilidade de que ele seja um agente americano. —Ele estava razoavelmente bem convencido de que, vendo toda a sua experiência de Richardson agora com a clareza da visão retrospectiva. Ele era da inteligência por alguns anos, e cada instinto que possuía estava atualmente gritando *Peixe fedorento!* No que diz respeito a Ezequiel Richardson.

—Eu me culpo muito— disse em tom de desculpa para Hal. —Eu deveria ter ido para ele muito mais cedo. Mas eu estava... distraído no momento. —Distraído. Soprado para o lado e mais da metade obliterado com a notícia da morte de Jamie Fraser. Mesmo a memória disso era o suficiente para fechar o estômago. Ele largou a garfada de peixe, intocada.

—Tudo bem— disse Dottie lentamente. Seu próprio café estava congelando em seu prato. Então Hal. —Então você não acredita que Ben está morto, porque este Richardson disse que ele *está* e você acha que Richardson está errado —, mas isso é tudo...? —Ela olhou fixamente para o pai, o jovem queixo tremendo um pouco, pedindo segurança.

Hal fechou os olhos por um instante, os abriu, e olhou para ela diretamente.

—Dorothea— disse em voz baixa. —Eu tenho que acreditar que Ben está vivo. Porque se ele não estiver, então sua mãe vai morrer de desgosto e eu vou morrer com ela.

Houve um momento de silêncio longo, durante o qual Grey ouviu a passagem de carros na rua e as vozes abafadas de seu criado e um engraxate no corredor. Dottie fez nenhum som, mas ele sentiu que podia ouvir, também, as lágrimas que rolaram lentamente por suas bochechas.

### ***Capítulo 115 - Sono que Deslinda a Tessitura das Preocupações***<sup>[52]</sup>

*15 de setembro de 1778 – Filadélfia.*

Eu acordei abruptamente no escuro, desorientada e alarmada. Por um momento, eu não tinha ideia de onde estava ou o que estava acontecendo, só que algo estava seriamente errado.

Sentei-me, piscando furiosamente em uma tentativa de concentrar meus olhos. Afagos em círculos em confusão e me vi nua, pernas entrelaçadas em

um lençol e tufos de palha espetando... Oh. Loft. Tipografia.

*Jamie.*

Isso era o que estava errado. Ele se deitava ao meu lado, mas não ainda. Ele estava do seu lado, se afastou de mim, o corpo contorcido, joelhos dobrados e os braços cruzados sobre o peito apertado, cabeça baixa. Tremendo violentamente, embora o luar me mostrasse o brilho de suor frio em seus ombros. E fazendo os terríveis pequenos ruídos de choramingos que indicava o pior dos seus sonhos.

Eu sabia que não devia tentar acordá-lo de repente. Não em um pequeno espaço com um monte de lixo e uma queda acentuada três metros de distância.

Meu próprio coração estava batendo, e eu sabia que era ele. Eu me sentei cuidadosamente ao seu lado, de frente para as costas. Eu precisava tocá-lo, para trazê-lo lentamente para si ou o suficiente de si mesmo que ele pudesse se recuperar sozinho. Este não era o tipo de pesadelo normal. Ou, às vezes, até mesmo por acordar.

—Deus, não— ele disse, em um sussurro de coração partido. —Deus, não!

Eu não devia pegar ou sacudi-lo. Eu cerrei os dentes e passei a mão levemente a partir da inclinação de seu ombro para baixo para o cotovelo, e sua pele estremeceu como um cavalo em si se livrando das moscas. Isso era tudo bem, então. Eu fiz isso de novo, fiz uma pausa, e de novo. Ele deu um profundo, suspiro horrível, engasgou com medo... Mas o tremor violento aliviou um pouco.

—Jamie, — eu sussurrei, e, com extremo cuidado, toquei suas costas levemente. Se ele estava sonhando com Jack Randall, isso poderia...

—Não!— Exclamou, em voz alta, feroz, e suas pernas se endireitaram cada músculo de seu corpo apertado contra sua pele. —Maldito seja para o inferno!

Eu tomei uma respiração profunda e relaxada, só um pouquinho. A raiva era mil vezes melhor do que o medo ou dor. Anjos iriam deixá-lo, assim que ele acordasse completamente. As outras coisas tenderiam a ficar.

—Silêncio— eu disse, um pouco mais alto, mas ainda em voz baixa. Germain muitas vezes dormia ao lado da lareira, não querendo dividir a cama com seus irmãos mais novos. —Silêncio, Jamie. Eu estou aqui. —E com alguma apreensão, eu coloquei meu braço em volta dele, de leve, e

coloquei minha bochecha contra suas costas. Sua pele estava quente; ele cheirava pungente do nosso amor e ainda mais forte de medo e raiva.

Ele endureceu, prendeu a respiração, mas eu sentia sua consciência voltar: imediatamente a forma quando fez ele acordou com certo alarme, pronto para saltar da cama, pegando uma arma. Eu apertei minha espera e pressionei meu corpo contra ele. Ele não se moveu, mas eu senti o baque de seu coração, batendo forte e rápido.

—Você pode me ouvir?— Perguntei. —Você está bem?

Depois de um momento, ele respirou fundo e soltei o ar em um suspiro longo e trêmulo.

—Sim, — ele sussurrou, e sua mão se voltando para agarrar minha coxa, com tanta força que eu empurrei, mas consegui não gritar. Descansamos calmamente juntos por um tempo, até que eu senti o seu coração começar a abrandar e sua pele esfriar, e então eu beijo suas costas e traço as cicatrizes que nunca iriam desaparecer de seu corpo, mais e mais com dedos suaves, até que desaparece de sua mente e ele dormiu em meus braços.

Os pombos no telhado da pensão fazem um barulho, como o mar entrando em uma praia de seixos, rolando pequenas pedras arredondadas na onda. Rachel estava fazendo um barulho semelhante, roncando muito fracamente. Ian sorri e poderia ter ficado olhando para ela e ouvi-la durante toda a noite, a ressalva de que ela estava deitada em seu braço esquerdo, que ficou dormente, e ele precisava com urgência urinar.

O mais suavemente possível, ele se solta de debaixo o seu peso suave, mas ela tinha um sono leve e acorda de uma vez, bocejando e se estende como um jovem puma à luz das velas. Ela estava nua, braços e face da cor de pão recém-torrado, com o corpo branco e suas partes privadas da cor de arbustos marrom-escuro uma cor maravilhosa que não era ou rosa ou violeta ou marrom, mas lembrava das orquídeas nas florestas da Jamaica.

Ela esticou os braços acima da cabeça, e o movimento levantou os seios redondos surpreendentemente brancos e fez seus mamilos lentamente subirem. Ele começou a subir lentamente, também, e rapidamente se afastou, antes de se tornar impossível de fazer o que ele pretendia.

—Volte a dormir, moça— disse. —Eu só-er... —Ele fez um gesto na direção do penico debaixo da cama.

Ela fez um barulho com sono agradável e rolou de lado, observando-o.

—Será que importa que eu olhar para você?— Perguntou ela, com uma voz suave descascado pelo sono e gritos abafados anteriormente.

Ele olhou para ela com espanto.

—Por que você quer?— A noção parecia levemente perversa, mas de uma forma distintamente excitante. Ele queria virar as costas para que ele *pudesse* mijar, mas se ela queria vê-lo...

—Parece uma intimidade de corpo— disse, olhando para ele com os olhos meio fechados. —A confiança, talvez. Isso se considerar seu corpo ser meu, como eu considero o meu ser seu.

—Você não?— Essa ideia o surpreendeu, mas ele não se opôs. Em tudo.

—Você viu as minhas partes mais escondidas — ela apontou, e, abrindo as pernas, puxou os dedos delicadamente entre elas ilustrando. —E provou, também. E *qual* o gosto? — ela perguntou curiosa.

—O frescor de trutas capturadas— respondeu, sorrindo para ela. —Rachel se você quer me assistir mijar você pode. Mas não pode falar assim comigo enquanto eu estou tentando, sim?

—Oh— Ela fez um pequeno bufo de diversão e rolou, virando as costas e seu traseiro muito redondo para ele. —Vá em frente, então.

Ele suspirou, examinando seus atributos.

—Vai levar um minuto, sim?— Antes que ela pudesse pensar em outra coisa ultrajante para dizer a ele, ele continuou, na esperança de distraí-la. —Tio Jamie e Tia Claire pensaram em deixar a Filadélfia em breve. Para voltar para a Carolina do Norte, sabe? O que você pensa em ir com eles?

—O quê?— Ele ouviu o farfalhar do colchão de casca de milho, enquanto ela se virou rapidamente. —Onde está pensando em ir, que não iria me levar contigo?

—Och, eu não quis dizer isso, moça— ele assegurou, com um rápido olhar por cima do ombro. Ela estava apoiada em seus cotovelos, olhando para ele em tom de acusação. —Eu quis dizer que iríamos os dois. Para as montanhas dos Fraser, de tio Jamie.

—Oh— Isso surpreendeu ao silêncio. Ele podia ouvi-la pensar sobre isso, e sorriu para si mesmo.

—Você não sente a obrigação do exército Continental?— ela perguntou depois de um momento, com cautela. —Por causa da liberdade?

—Eu não acho que essas são necessariamente a mesma coisa, moça— disse, e fechou os olhos de alívio quando tudo relaxou por último. Ele sacudiu-se e pôs de lado o penico, dando a si mesmo tempo para formar uma frase coerente.

—O Duque de Pardloe disse a Tia Claire que depois de Saratoga os britânicos teriam um novo plano. Eles querem tentar separar as colônias do sul até o norte, bloqueando o Sul, e tentando matar de fome o Norte em sua apresentação.

—Oh— Mudou-se para dar espaço para se deitar ao lado dela, então se aconchegou contra ele, sua mão livre em suas bolas. —Então significa que não estará lutando no Norte, por isso você não será necessário como um olheiro aqui, mas poderia, no sul do país?

—Sim, ou eu poderia encontrar outro uso para mim mesmo.

—Fora o exército?— Ela estava se esforçando para manter esperança de sua voz; ele podia dizer da maneira muito sincera que ela olhava para ele, e ele sorria para ela, colocando sua própria mão sobre a dela. Ele era a favor de intimidade física, mas preferia não ser espremida como uma laranja e Rachel superasse o entusiasmo.

—Talvez— disse. —Eu possuo um terreno, sabe, em Ridge. Tio Jamie deu-me, há alguns anos atrás. Será um trabalho duro, no começo, limpando campos e plantações e lavouras, mas a agricultura é mais pacífica. Essas coisas de ursos e porcos selvagens e tempestades de granizo e fogo, eu quero dizer.

—Oh, Ian. —Seu rosto era macio, e por isso teve sua mão, agora descansando em paz na sua. —Eu deveria amar a fazenda contigo.

—Você perderia seu irmão— ele lembrou. —E Dottie. Talvez Fergus e Marsali e as crianças, também, eu não acho que eles resolvam sobre o Ridge, embora tio Jamie achasse que eles talvez viajem para o sul com a gente, mas se estabeleçam perto da costa. Fergus precisaria de uma cidade de tamanho decente, se ele quer continuar a trabalhar com uma impressora.

Uma sombra cruzou seu rosto com isso, mas ela balançou a cabeça.

—Vou sentir falta de Denzell e Dottie, mas eu deveria ir, em qualquer caso, por que eles vão aonde o exército vai. Mas eu vou ficar muito feliz se não for — acrescentou em voz baixa, e levantou o rosto para beijá-lo.

Rachel acordou instantaneamente. Ela não estava profundamente adormecida, seu corpo ainda mole de fazer amor, e ainda assim em sintonia com Ian que, quando ele engasgou e ficou tenso ao seu lado, ela saltou uma só vez para a consciência e teve as mãos em seus ombros, ou seja, sacudindo suavemente para fora de seu sonho.

No momento seguinte, ela estava no chão em um emaranhado de roupas de cama, seu marido em cima dela e suas mãos muito grandes visando à

volta de seu pescoço. Ela caiu e se contorceu, empurrou-o em pânico fútil e então, quando a respiração desapareceu e brilhantes estrelas vermelhas brilharam na escuridão da sua visão, ela o pegou e levou seu joelho até o mais forte que podia.

Foi um golpe de sorte, embora ele errasse o alvo; ela bateu Ian duro na coxa, e ele acordou com um começo e deixou ir. Ela lutou para sair de debaixo dele, a respiração ofegante, e arrastou o mais rápido que pôde até a esquina, onde ela estava sentada tremendo com os braços em volta dos joelhos peito arfante e seu coração batendo em seus ouvidos.

Ian estava respirando pesadamente pelo nariz, parando de vez em quando para grunhir ou dizer algo breve e, provavelmente, muito expressivo, se tivesse tido o bom senso de entender gaélico ou Mohawk. Depois de alguns minutos, no entanto, ele ficou lentamente em uma posição sentada e recostou-se contra a cabeceira da cama.

—Rachel?— Disse com cautela, após um momento de silêncio. Ele parecia racional, e seus braços apertados apertaram afrouxando um pouco.

—Aqui— disse hesitante. —você... Tudo bem, Ian?

—Oh, sim— disse suavemente. —Quem ensinou a fazer isso com um homem?

—Denny— disse, começando a respirar mais fácil. —Ele disse que desencoraja um homem a cometer o pecado do estupro e a violência.

Houve um momento de silêncio, a partir da periferia do leito.

—Oh— disse Ian. —Eu poderia ter uma conversinha com Denny, um destes dias. A discussão filosófica sobre o significado das palavras, assim.

—Eu tenho certeza que ele iria gostar— disse Rachel. Ela ainda estava nervosa com o que aconteceu, mas se arrastou e se sentou ao lado de Ian no chão. O lençol estava deitado em uma poça pálida nas proximidades, e ela sacudiu-o e colocou-o sobre a sua nudez. Ela ofereceu metade para Ian, mas ele balançou a cabeça e inclinou-se um pouco para trás, gemendo quando ele estendeu a sua perna.

—Hum. Será que gostaria que eu esfregasse... — ela perguntou timidamente.

Ele fez um pequeno ruído bufando que ela interpretou como diversão. — Não apenas agora, sim?

Eles se sentaram juntos, ombros mal tocando, um pouco. Sua boca estava seca, e levou algum tempo para trabalhar até cuspir o suficiente para falar.

—Eu pensei que você ia me matar— disse, tentando manter a voz de tremer.

—Eu pensei que eu ia, também, — disse Ian em voz baixa. Ele procurou a sua mão no escuro e segurou-a com força. —Sinto muito, moça.

—Você estava sonhando— ela se aventurou. —Será que não me quer dizer sobre isso?

—Deus, não— ele disse, e suspirou. Ele soltou sua mão e inclinou a cabeça, cruzando os braços sobre os joelhos.

Ela ficou em silêncio, sem saber o que dizer, e orou.

—Era Abenaki— disse finalmente, com a voz abafada. —Quem eu matei. No acampamento britânico.

As palavras eram simples e cruas, e feriu-a na boca do estômago. Ela sabia; ele disse a ela quando voltou ferido. Mas, ouvi-lo novamente aqui, no escuro, com as costas raspadas do chão e machucando a garganta de suas mãos... Ela sentiu como se o próprio ato que acabara de acontecer na sua frente, à reverberação de chocante como um grito em seu ouvido.

Ela engoliu em seco e, voltando-se para ele, colocou a mão em seu ombro levemente, sentindo-se com o polegar na cicatriz irregular fresca onde Denzell cortou para remover a seta.

—Você estrangulou o homem?— ela perguntou, muito calmamente.

—Não. — Ele respirou fundo e sentou-se lentamente. —Engasguei, e eu cortei sua garganta, só um pouquinho, e então eu bati a cabeça em uma vontade severa.

Ele se virou para ela e, em seguida, passou a mão levemente sobre o cabelo, alisando.

—Eu não precisava — disse. —Não neste momento, quero dizer. Ele não me atacou, embora ele tentasse me matar antes.

—Oh, — ela disse, e tentou engolir, mas a boca secou novamente. Ele suspirou e inclinou-se para que sua testa descansasse sobre a dela. Ela sentiu o calor de sua proximidade, o calor de sua respiração, sentindo o cheiro de cerveja e as bagas de zimbro que mastigou para limpar os dentes. Seus olhos estavam abertos, mas tão sombreado que ela não podia ver neles.

—Você tem medo de mim, Rachel?— Ele sussurrou.

—Eu tenho— ela sussurrou de volta, e fechou a mão em seu ombro ferido, levemente, mas forte o suficiente para ele sentir dor. —E eu tenho medo por você, também. Mas há coisas que eu temo muito mais do que a morte e estar sem você é o que eu mais temo.

Rachel clareou a cama à luz de velas e deixou a vela acesa um pouco, dizendo que ela queria ler, para resolver sua mente. Ian balançou a cabeça, beijou-a, e se enrolou como um cão ao seu lado, o leito, muito curto para ele. Ela olhou para o canto onde Rollo dormia; *ele* estava estendido em linha reta como uma faca, a cabeça entre as patas.

Ian colocou a mão em sua perna e afundou no sono. Podia vê-lo fazendo isso, seu rosto solto e pacífico, os músculos dos ombros se soltando. Foi por isso que ela manteve a vela acesa, então ela podia vê-lo dormir um pouco e deixar sua visão trazê-la de paz, também.

Ela vestiu sua anágua, sentindo obscuramente exposta, e embora fosse quente o suficiente para deitar por cima do lençol, ela puxou-o sobre as pernas, também, querendo ser capaz de sentir Ian quando ela se mudasse em seu sono. Ela moveu uma perna em direção a ele, agora, lentamente, e sentiu o toque de seu joelho contra sua panturrilha. Seus longos cílios fazendo sombras em seu rosto à luz das velas, um pouco acima da linha das voltas de suas tatuagens.

—*Você é o meu lobo*— ela disse a ele. —*E se caça à noite, vai voltar para casa.*

—*E dormir a seus pés*— ele respondeu.

Ela suspirou, mas se sentia melhor, e abriu a sua Bíblia, para ler um salmo antes de soprar a vela, só para descobrir que ela tinha distraidamente pego *Pámela: ou a virtude recompensada*, da mesa de cabeceira. Ela deu um pequeno bufo de diversão e, todo o sentido do sofrimento agora conduzido a partir de sua mente, fechou o livro, apagou a vela, e se aconchegou ao lado de seu lobo dormindo.

Algum tempo mais tarde, nas horas vazias antes do amanhecer, ela abriu os olhos. Não dormindo, mas certamente não desperta, ela tinha um senso de consciência perfeita, sem pensamento. E uma sensação diferente e vívida que ela não estava sozinha.

Ian estava ao seu lado; sua respiração tocando seu rosto, mas ela se sentia muito longe dele. Foi só quando isso aconteceu mais uma vez que ela percebeu o que a despertou: uma pequena e forte dor na barriga. Como a dor que às vezes vinha quando ela começava seu mês, mas menor, menos uma dor de um... Facada. Uma pontada de consciência.

Ela piscou e colocou as mãos sobre a barriga. As vigas eram sobrecargas pouco visíveis, sombreadas com a vinda distante da luz.

A dor parou, mas a sensação da companhia...? Uma presença, em vez. Isso não foi embora. Parecia muito estranho e completamente natural e é claro que era, pensou. Natural como o bater do seu próprio coração e a respiração em seus pulmões.

Ela teve um leve impulso para acordar Ian, mas que passou quase ao mesmo tempo. Ela queria manter isso por agora, estar a sós com o conhecimento, mas não sozinha, ela se corrigiu, e afundou-se pacificamente para voltar a dormir, as mãos ainda cruzadas sobre o ventre aninhado.

Iam geralmente acordava antes dela, mas ela sempre sentia quando ele mexia e subiria para a borda da vigília para desfrutar de seu cheiro quente sonolento que o pequeno macho parecia fazer, e a sensação de suas pernas roçando a dela quando balançava para fora da cama e sentava. Ele fica lá sentado na borda por um momento, esfregando as mãos pelo cabelo e pensando nos afazeres do dia, e se ela abrisse os olhos, ela podia ver a linda da coluna de volta apenas na frente de seus músculos, curtida pelo sol e levemente inclinada para baixo nas puras nádegas apertadas, brancas como leite em contraste.

Às vezes, ele emitia um pequeno estalo de um peido e parecia culpado por cima do ombro. Ela fechava os olhos instantaneamente e fingia estar

ainda dormindo, pensando que ela devia ser completamente obcecada para achar isso adorável, mas ela achava.

Esta manhã, porém, ele sentou-se, esfregou a mão pelo cabelo, e endureceu. Ela abriu os olhos por todo o caminho, instantaneamente alarmada com algo em sua postura.

—Ian— ela sussurrou, mas ele não compareceu.

—*A Dhia*— ele disse bem baixinho. —Ah, não, *a charaid*...

Ela sabia de uma só vez. Deveria ter sabido a partir do instante em que ela acordou. Porque Rollo acordava com Ian, esticando e bocejando com um rangido gemendo de músculos da mandíbula e um baque preguiçoso de cauda contra a parede, antes de vir para cutucar o nariz frio na mão de seu mestre.

Esta manhã, havia apenas silêncio, e a forma enrolada do que costumava ser Rollo.

Ian levantou-se e foi ter com ele rapidamente, ajoelhou-se no chão ao lado do corpo de seu cachorro, e colocou uma mão suave no grande cabeça peluda. Ele não disse nada, nem chorou, mas ela ouviu o som que ele fez quando ele respirou, como de algo rasgando em seu peito.

Ela saiu da cama e foi para Ian, ajoelhando-se ao lado dele, o braço sobre sua cintura, e *ela* estava chorando, muito sem querer.

—*Mo Chu*, — Ian disse, passando a mão suavemente sobre a pele macia, grossa. —*Mo chuilean* — Houve uma captura em sua voz quando ele disse: —*Leat Beannachd, um charaid*. — *Adeus, velho amigo*.

Depois, sentou-se nos calcanhares, respirou fundo e apertou a mão de Rachel muito duro. —Ele esperou, eu acho. Até que ele soubesse que você estaria aqui por mim. —Ele engoliu em seco, e sua voz era firme quando ele falou de novo.

—Vou ter que enterrá-lo. Eu sei de um lugar, mas é longe. Estarei de volta no meio da tarde, no entanto.

—Eu vou contigo. — Seu nariz estava correndo. Ela pegou a toalha do jarro e assuou o nariz em uma extremidade.

—Você não precisa *mo ghràidh*, —Ele disse suavemente, e passou a mão pelo cabelo para alisá-lo. —É um longo caminho.

Ela respirou fundo e levantou-se.

—Então seria melhor começarmos. — Ela tocou seu marido no ombro, tão levemente quanto ele tocou a pele do Rollo. —Eu me casei com ele, assim como você.

## **Capítulo 116 - A Caça Nós Iremos**

*15 de setembro de 1778 Primeira Watchung Montanha*

Havia um monte de puro excremento pelo caminho, escuro e brilhante, como grãos de café e muito mais do mesmo tamanho. William estava levando sua égua, devido à sua corpulência e à natureza íngreme do chão, por isso aproveitou a oportunidade para parar por um momento e deixá-la respirar. Isso ela fez, com um bufo explosivo e uma sacudida de sua juba.

Ele se agachou e pegou algumas das pelotas, farejando. Muito fresco, mas não quente, e com o fraco espigão de carvalho significando que o veado estava por perto pelas bolotas verdes. Olhando para a esquerda, ele viu as plantas quebradas que marcavam a passagem do animal, e sua mão se contraiu, querendo envolver em volta de seu rifle. Ele poderia deixar a égua amarrada...

—O que tem isso, velha moça?— Ele perguntou a égua, com o sotaque de Lake District, onde ele cresceu. —Será que transportar uma carcaça não é para você?

A égua tinha talvez quatorze anos, idade suficiente para ser estável; na verdade, seria difícil imaginar uma montaria estável. Ela era mais como andar de sofá do que um cavalo, com sua ampla traseira e laterais curvadas como um tonel de cerveja. Mas ele não pensou em perguntar, quando ele comprou, se ela foi usada para caça. Estabilidade de marcha e um temperamento suave não significa necessariamente, que ela estaria bem se ele soltasse um cervo nas costas, vazando sangue. Ainda...

Ele levantou o rosto para a brisa. Perfeito. Foi em frente à montanha, em direção a ele, e ele imaginou que ele realmente poderia sentir o cheiro...

Algo se moveu na madeira, quebrando galhos, e ele ouviu o farfalhar inconfundível: o som de uma grande criatura herbívora, arrancando bocados de folhas de uma árvore.

Antes que ele pudesse pensar duas vezes, ele se levantou, tirou o fuzil da bainha tão silenciosamente quanto pôde, e sem concha suas botas. DE pés leves como um furão, ele deslizou para a vegetação...

**E, cinco minutos depois, agarrou os chifres grossos debulhando de um dólar de um ano com uma mão enquanto ele cortava a garganta do**

cervo com a outra, o som de seu tiro ainda ecoando a escarpa rochosa acima dele.

Aconteceu tão rápido, que quase não parecia real, apesar da sensação de calor e frio do sangue empapando as meias e seu cheiro. Houve um carrapato pendurado logo abaixo dos olhos de vidro do cervo, redondo como uma pequena uva moscatel. Será que deixaria ir de uma vez, ele se perguntou? Ou haveria sangue suficiente para que ele fosse se alimentar por algum tempo?

O cervo estremeceu violentamente, empurrando seus chifres duro em seu peito, agrupados as pernas convulsivamente como se prestes a fazer um salto final, e morreu.

Ele segurou por alguns instantes, o veludo desfiado ainda sobre os chifres, como camurça áspera sob a palma da mão suando, o peso dos ombros grossos de cabelos crescendo pesada em seu joelho.

—Obrigado— ele sussurrou, e deixou ir. Lembrou-se de que Mac o cavaleiro disse que você sempre agradeça a uma criatura que deu a sua vida, e que eram James Fraser, alguns anos mais tarde, que matou um enorme veado norte-americano na frente dele e falou o que era uma *oração gaélica* antes de massacrar a besta. Mas com o sangue do veado em sua pele e a brisa se movendo na madeira ao redor, uma vez que ele não empurrou essa memória longe.

Ele foi verificar a égua, que estava felizmente perto de onde ele a deixou, tendo apenas se movido alguns metros, a fim de cortar as ervas daninhas, e que olhava para ele com olhos tranquilos, flores silvestres amarelas penduradas nos cantos de sua boca, como se tiros e o cheiro de sangue eram comuns em sua vida. Talvez fossem, pensou ele, e bateu o ombro amigavelmente.

*Aqui é para você, Ben,* Pensou ele, alguns minutos depois, cortando a pele da barriga. Seu primo, quase seis anos mais velho do que ele, levaria a caça agora e, em seguida, na floresta perto Earlingden, com Visconde Almerding, um amigo de Ben, cuja preservação se foi.

Ele tentou não pensar em seu primo muito em seus preparativos. A maior parte dele realmente acreditava que Ben estava morto. Febre, de acordo com o que Richardson disse a seu tio. Não é uma coisa incomum de acontecer a um prisioneiro, por qualquer meio. E enquanto ele estava convencido na relutância, no fez queimar de vergonha por ser tão plano como ser seduzido pelo homem que Richardson era, provavelmente, um

vilão, isso não significa necessariamente que todas as palavras da boca do homem eram uma mentira. Concedido, já que não encontrou nenhum outro vestígio de Ben em várias semanas de busca.

Mas havia a pequena parte do seu coração que não iria desistir. E uma parte maior, que faria qualquer coisa que pudesse aliviar a dor de seu tio e seu pai, o que quer que a verdade possa vir a ser.

—E se você cair com ele, o que o inferno *outro* estará lá para me fazer? — ele murmurou, atingindo a vapor calor do corpo e tateando para o coração.

Pelo menos, ele seria bem-vindo quando ele entrasse no Acampamento Middlebrook, como eles chamavam. Um homem que leva carne fresca era sempre bem-vindo.

Meia hora depois, ele destruiu a carcaça e envolveu seu saco de dormir em torno para afastar moscas. O cavalo queimava suas narinas e bufava em desgosto com o cheiro, mas não fez nenhuma grande objeção quando ele jogou em suas costas.

Era final da tarde, uma tarde de verão, ele teria luz por algum tempo. Melhor, pensou ele, para fazer a sua primeira abordagem na hora do jantar. As chances eram boas de que ele seria convidado a sentar-se com alguém, e a conversa seria muito mais fácil que comida e bebida.

Ele foi até o cume rochoso, a fim de examinar o terreno e teve que admitir que Washington e seus engenheiros escolhessem bem. Do alto da Primeira Montanha Watchung, quando estava em pé, as planícies antes de New Brunswick estavam claras para baixo. Os Continentais poderiam facilmente manter um olho no exército britânico de seu ninho de águia e descer para interferir com seus movimentos.

Os exércitos se foram agora, no entanto: os dois. Os britânicos para Nova York, as tropas de Washington para... Bem, onde quer que estejam no momento. Eles não estavam *aqui*, E isso era tudo para o bem. Mas havia pessoas, ainda, que viviam perto do acampamento.

Ben era... *foi*, corrigiu ferozmente um oficial; um capitão de infantaria, como ele mesmo. E oficiais capturados foram muitas vezes alojados em cima de cidades locais, sobliberdade condicional. Esse era o lugar para começar as suas investigações.

—Vamos, então, moça— disse à égua, desamarrando as rédeas do rebento e passou pelo pescoço. —Vamos nos tornar bem-vindos.

## **Capítulo 117 - Indo ao Espinheiro**

*16 de setembro de 1778 - Filadélfia*

Nós tínhamos acabado de jantar e eu estava limpando o rosto de Henri-Christian com a barra do meu avental, quando bateram na porta da rua. Jenny, sentada ao meu lado com Félicité no colo, me deu um rápido olhar, as sobrancelhas levantadas. Isto era motivo para alarme?

Eu não tive tempo de dar de ombros ou balançar a cabeça; todas as conversas cessaram no mesmo instante, a vibração das crianças reprimidas como se alguém ti vesse deixado cair à cera de uma vela sobre eles. Era a primeira hora escura e a porta estava trancada. Fergus e Jamie trocaram olhares e, sem uma palavra, os dois levantaram.

Jamie ficou de lado, mão em seu punhal, eu não percebi até o momento que ele usava o tempo todo, até mesmo na mesa. Ouvei o arrastar de pés no beco. Havia mais de um homem lá fora, e o cabelo agitou na minha nuca. Jamie levantou com um peso relaxado, mas atento, em seu pé de volta, pronto, quando Fergus abriu a porta.

—*Bonsoir*— Fergus disse calmo, com uma elevação interrogativa no final da frase. Um rosto pálido pairou no escuro, não perto o suficiente para reconhecer.

—*Bonsoir, monsieur Fraser.* — Eu pisquei surpresa; eu conhecia a voz, mas nunca ouvi falar que Benedict Arnold falava francês. Mas é claro que ele podia, eu pensei, me recuperando. Ele levou mais de uma companhia em Quebec. Era um soldado francês falando: áspero, mas útil.

—*Madame Fraser est ici, monsieur?*— disse. —*Votre mère?*

Fergus olhou reflexivamente sobre o ombro para Jenny, atônito. Tossiu e tirou Henri-Christian do meu colo, alisando o cabelo amassado.

—Prefiro pensar que o governador me disse, — eu disse. O governador virou de lado e murmurou algo para seu assessor, que assentiu com a cabeça e retirou-se para as sombras.

—Sra. Fraser — disse Arnold, parecendo aliviado. Fergus ficou de lado, e o governador entrou, curvando-se para Marsali e Jenny, acenando para Jamie, antes de fixar sua atenção em mim. —Sim, eu quero dizer, senhora. Peço a senhora perdão pela minha intromissão inoportuna, senhor —

acrescentou, voltando-se para Fergus. —Eu não tinha certeza de onde a Sra. Fraser residia e fui obrigado a fazer perguntas.

Eu vi a boca de Jamie apertar brevemente esta referência irritante a nossa falta de moradia, mas ele se inclinou cortesmente.

—E eu ousou dizer que o assunto é urgente, senhor, uma vez que veio fazer suas perguntas em pessoa?

—É sim. — O governador se voltou para mim. —Eu vim para pedir um favor, minha senhora, em nome de um amigo. — Ele parecia um pouco melhor do que o que ele esteve à última vez que eu o vi; ele ganhou um pouco de peso e sua cor estava melhor, mas as linhas e manchas de tensão e fadiga ainda eram simples em seu rosto. Os olhos, porém, estavam tão alerta como sempre.

—Este seria um amigo doente?— Eu perguntei, já olhando para a escada que levava ao sótão onde dormimos e onde a caixa segurando minha modesta farmacopeia era quando eu não estava horas em consultas regulares.

—Uma questão de lesão, senhora, ao invés de doença— disse Arnold, e sua boca se apertou involuntariamente. —Lesão grave.

—Oh? Bem, então é melhor eu...

**Jamie me parou, a mão no meu braço e os olhos em Arnold.**

—Um momento, Sassenach— disse em voz baixa. —Antes de eu a deixe ir, eu quero saber a natureza da lesão e o nome do homem ferido. E eu também quero saber por que o governador vem a você sob o manto da noite e esconde sua intenção de seu próprio assessor.

**A face de Arnord ficou cor rosa, mas ele balançou a cabeça.**

—É justo, Sr. Fraser. Você conhece um homem chamado Shippen?

**Jamie olhou em branco e balançou a cabeça, mas Fergus souou que sim.**

—Eu conheço— disse, olhando pensativamente para Arnold. —Ele é um homem rico, e um legalista e um bem conhecido daqueles que optaram por não deixar a cidade quando o exército britânico retirou-se.

—Eu conheço uma das meninas Shippen, — eu disse com uma vaga lembrança da pródiga festa de despedida do general Howe em Maio, Deus, isso poderia ser apenas três meses passados? —Eu não acho que eu conheci o pai, no entanto. Ele é a parte lesada?

—Não, mas ele é o amigo em cujo nome eu peço a sua ajuda, senhora. — Arnold desenhou uma respiração profunda e infeliz. O senhor Jovem primo de Shippen, um homem chamado Tench Bledsoe, foi atacado ontem à noite pelos filhos da liberdade. Eles o cobriram de alcatrão e penas, minha senhora, e deixaram no cais em frente do armazém do Sr. Shippen. Ele saiu da doca pelo rio e por uma misericórdia não se afogou, mas aproximou-se do banco e sentou lamacento até que um escravo caçando caranguejos encontrou-o e correu para pedir ajuda.

—Ajuda— Jamie repetiu cuidadosamente.

Arnold assentiu olhando e acenou com a cabeça. —Da mesma forma, Sr. Fraser, — ele disse friamente. —Os Shippens vivem dentro de duas ruas do Dr. Benjamin Rush, mas, dadas as circunstâncias...

As circunstâncias é que Benjamin Rush foi um rebelde muito visível e franco ativo nos filhos da liberdade, e certamente estava familiarizado com todos na Filadélfia, que tinham sentimentos muito semelhantes provavelmente incluídos os homens que atacaram Tench Bledsoe.

—Sente-se, Sassenach— disse Jamie, apontando para o meu banco. Eu não sabia, e ele me deu um breve olhar, escuro.

—Eu não queria para-la— disse uma vantagem distinta em sua voz. —Eu sei bem que quer ir. Eu só quero ter certeza que você vai voltar. Sim?

—Er... Sim, —eu disse, e tossi. —Eu vou buscar as minhas coisas, então. — Eu esgueirei através do grupo de crianças olhando para a escada e subi tão rápido quanto eu podia, ouvindo a inquisição de Jamie ao governador Arnold começar atrás de mim.

Graves queimaduras eram as dificuldades inerentes de febre e muito provavelmente endurecidas e A infecção já começou, depois de uma noite deitado na lama do rio. Isso ia ser confuso e possivelmente pior. Não havia como dizer o quanto o jovem foi queimado; se tivéssemos sorte, poderia ser apenas salpicos de alcatrão que alcançaram sua pele. Se nós não tivemos sorte...

Eu levantei o meu queixo e comecei a embalar. Bandagens de linho, um bisturi e uma pequena faca para abrir... Sanguessugas? Talvez; certamente haveria hematomas envolvendo alguém submetido humildemente a ser asfaltado e colado com penas. Amarrei um curativo apressado em torno do

frasco de sanguessuga para manter a tampa sem sair. Definitivamente, um pote de mel... Eu segurei até o lampejo de luz abaixo: meio cheio, um ouro nublado que chamava a luz através do vidro marrom quando brilhava na vela. Fergus manteve uma lata de aguarrás no galpão para o tipo de limpeza; eu deveria pedir, como bem.

Eu não me preocupei em demasia sobre as delícias políticas que fizeram Arnold vir a mim sub-repticiamente. Jamie tomaria precauções que fosse possível, eu sabia. Filadélfia estava nas mãos dos rebeldes, mas era de modo algum um lugar seguro para qualquer um.

Não pela primeira vez ou a última, eu tinha certeza, eu estava feliz que pelo menos o meu próprio caminho estava claro antes de mim. A porta abriu e fechou abaixo com um baque; o governador foi embora.

**Eu olhei para a cadeira bastante suja da liteira, inalando o cheiro de várias dezenas de usuários anteriores, e dei um aperto mais firme na minha bengala.**

**—Eu posso andar— eu disse.**

**—Não é tão longe.**

**—Você não está andando— Jamie respondeu uniformemente.**

**—Certamente você não pretende me impedir?**

**—Sim, eu pretendo— disse, ainda suavemente. —Eu não posso parar você e eu não iria tentar, mas eu posso, por Deus, me certificar que não caia de cara na rua em seu caminho. Entre, Sassenach. Vá devagar — acrescentou para o cocheiro, quando ele abriu a porta da liteira e fez um gesto para mim. —Eu estou indo, e eu não queria galopar, logo após o jantar.**

**Não havendo alternativa razoável, reuni os restos de minha dignidade e entrei com a minha cesta de suprimentos liquidados aos meus pés e a janela se abriu na medida em que iam as memórias do meu último passeio claustrofóbico numa liteira eram tão vivas como o cheiro de um presente partindo em uma corrida imponente pelas tranquilas ruas noturnas da Filadélfia.**

**O toque de recolher foi abrandado nos últimos tempos, devido a protestos das tabernas e proprietários e, provavelmente, seus patronos, mas a sensação geral da cidade ainda estava nervosa, e não havia nenhuma mulher respeitável na rua, onde gangues de desordeiros aprendizes, ou qualquer um dos escravos que trabalhavam para seus**

senhores, mas viviam por conta própria. Eu vi uma prostituta, de pé pela boca de um beco; ela assobiou para Jamie e chamou-o com um convite, mas sem entusiasmo.

—A moça tem um esconderijo... No beco com um cassetete... você estava 3-1 — o cocheiro atrás de mim comentou suas observações pontuadas por sua respiração. —Não é tão seguro... como quando o exército estava aqui.

—Pensa que não?— Seu parceiro grunhiu, em seguida, encontrou fôlego para responder. —Exército estava aqui... Quando aquele oficial teve sua garganta cortada... em um bordel. Por que está fora por certo que... do monótono aqui na sua vez. —Ele engoliu em seco o ar e continuou. —Como você quer dizer... acabar a aposta, então? Vá com ela você mesmo?

—Pode ser que este senhor nos faça o serviço— disse o outro com uma breve, ofego como uma risada.

—Pode ser que ele não faça— eu disse, colocando a cabeça para fora da janela. —Mas eu vou ir e olhar se quiser.

Jamie e o homem da frente riram, o outro resmungou, e sacudiu suavemente ao virar da esquina e descer a rua para onde a casa Shippen estava graciosa em suas próprias terras, em uma pequena elevação, perto da periferia da cidade. Havia uma lanterna acesa pela porta, outra perto da porta. Eu me perguntei se isso significava que se esperava; eu não pensei em pedir ao governador Arnold que mandasse dizer à nossa frente. Se ele não fez, nos próximos minutos, poderiam ser interessante.

—Qualquer noção de quanto tempo podemos demorar Sassenach?  
— Jamie perguntou, tirando a bolsa para pagar os moços.

—Se ele já está morto, não vai demorar muito— eu respondi, balançando minhas saias em ordem. —Se ele não está, poderia muito bem levar a noite toda.

—Sim. Espere um pouco, então, —Jamie disse aos rapazes, que estavam olhando para mim, boquiabertos. —Se eu não sair em dez minutos, você está livre para ir.

Tal era a sua força de personalidade, eles não observaram que eles eram bastante livres para ir de uma vez se eles quisessem, e apenas balançaram a cabeça humildemente quando Jamie me pegou pelo braço e acompanhou-me para subir os degraus.

Éramos esperados; a porta se abriu como botas de Jamie arrastaram a pedra limpa do alpendre, e uma jovem mulher olhou para fora, alarmada e mostrando interesse em igual medida no rosto. Evidentemente Sr. Bledsoe não estava morto, então.

—Sra. Fraser? —Ela piscou um pouco, olhando-me de lado. —Er... Quero dizer... é a Sra. Fraser? Governador Arnold disse...

—É a Sra. Fraser— disse Jamie, uma ligeira vantagem em sua voz. —E garanto a senhora que eu estou em uma posição de saber.

—Este seria o *Senhor* Fraser, —Eu informei a moça, que estava olhando para ele, claramente perplexo. —Eu era provavelmente Lady John Grey última vez que você me viu— eu acrescentei, tentando por um ponto final no assunto com indiferença. —Mas, sim, eu sou Claire Fraser. E... ainda. Quero dizer de novo. Eu entendo que o seu primo...?

—Oh, sim! Por favor, venha por aqui. —Ela deu um passo para trás, gesticulando em direção à parte traseira da casa, e vi que ela estava acompanhada por um servo, um homem negro de meia-idade, que se curvou quando me encontrei com seu olhar e, em seguida, abriu o caminho através um longo corredor até a escada de volta e daí para cima.

No caminho, a nossa anfitriã se apresentou tardiamente como Margaret Shippen e pediu desculpas lindamente para a ausência de seus pais. Seu pai, ela disse foi chamado em viagem de negócios.

Eu não fui formalmente apresentado a Peggy Shippen antes, mas eu vi e sabia um pouco sobre ela; ela foi uma das luzes de organização do Mischianza, e enquanto seu pai impediu realmente de ver a bola, todos os seus amigos falavam sobre ela no comprimento e eu a vislumbrei, ricamente vestida, uma ou duas vezes em outras funções que eu assisti com John.

Chamado em viagem de negócios, não é? Eu chamei a atenção de Jamie quando ela disse isso, e ele levantou um ombro em um brevíssimo encolher de ombros. Mais do que provável, Edward Shippen queria evitar qualquer ligação pública com o seu sobrinho, o infortúnio e, tanto quanto possível, manter uma conversa sobre o incidente ao um mínimo. Não era um tempo seguro ou lugar para fazer um ponto de inclinações legalistas na família.

Senhorita Shippen nos levou a um pequeno quarto no terceiro andar, onde, um objeto em forma de homem enegrecido estava deitado na cama. O cheiro de alcatrão era espesso no ar, juntamente com um distinto cheiro de sangue e uma espécie de constante baixo ruído gemendo. Este devia ser Tench Bledsoe e onde ele arrumou um nome como esse? Eu me perguntava,

cautelosamente me aproximando. Até onde eu sabia, a tenca[53] é uma espécie bastante medíocre para o futuro de uma carpa.

—Sr. Bledsoe? —Eu disse baixinho, colocando a minha cesta em uma pequena mesa. Havia um castiçal sobre a mesa, e pela luz da única da chama, eu podia ver seu rosto, ou metade dele. Outra metade estava obscurecida por alcatrão, como era um bom bocado da cabeça e pescoço. A metade limpa era a de um homem um pouco jovem e simples com um grande nariz adunco, seus traços contorcido em agonia, mas não em tudo com aparência de peixe.

—Sim— ele suspirou, e apertou os lábios juntos, como se até mesmo a evasão de uma única palavra posta em causa à aderência tênue que ele tinha sobre si mesmo.

—Eu sou a senhora Fraser, — eu disse, e coloquei a mão em seu ombro. Um tremor fino estava correndo através dele como uma corrente através de um fio. —Eu vim para ajudar.

Ele me ouviu e concordou com a cabeça bruscamente. Deram brandy; eu podia sentir o cheiro sob o cheiro aromático de alcatrão de pinheiro, e uma garrafa meio cheia estava sobre a mesa.

—Tem algum láudano na casa?— Eu perguntei, virando para Peggy. Não ajudaria muito no longo prazo, mas uma grande dose pode nos passar a pior das preliminares.

Ela era muito jovem, não mais de dezoito anos, eu pensei, mas alerta e senhor de si, bem como muito bonita. Ela assentiu com a cabeça e desapareceu, com uma palavra murmurada ao servo. *Claro*, pensei, vendo suas saias bater fora de vista. *Ela não podia mandá-lo para ele*. O láudano estaria com os outros simples domésticos, em um armário fechado a sete chaves.

—O que posso fazer Sassenach?— Disse Jamie baixinho, como se tivesse medo de quebrar a concentração do homem ferido em sua dor.

—Ajude-me despi-lo. — Quem quer que o tenha atacado não despojou de suas roupas; isso era uma sorte. E na maioria provavelmente não estava fervente, quando foi aplicado; senti o cheiro de cabelo queimado, mas não o cheiro nauseante de carne cozida. Alcatrão de pinheiro não era como alcatrão de asfalto de estrada de séculos posteriores; era um subproduto de terebintina de destilação, e podia ser macio o suficiente para ser impregnado, sem a necessidade de ser cozido primeiro.

O que *não estava na sorte* foi sua perna, que eu vi de uma vez quando Jamie levantou o lençol que o cobria. Vinha aí um cheiro de sangue; se espalhando como se estivesse se esfregando e encharcado nas roupas de cama, preto à luz das velas, mas cobre e escarlate no nariz.

—Jesus H. Roosevelt Cristo— eu disse baixinho. O rosto de Tench estava mortalmente branco e manchado de suor e lágrimas, os olhos fechados, mas ele fez uma careta, ouvindo isso.

Jamie apertou sua mandíbula e sacou a faca que era afiada o suficiente para raspar os pelos do braço de um homem. Afiada o suficiente para cortar uma meia desfiada e úmido calções, espalhando o tecido endurecido de lado para me mostrar os danos.

—Quem fez isso com você, homem?— ele perguntou Tench, agarrando-o pelo pulso como o homem ferido chegou a uma mão hesitante para baixo, buscando a extensão dos danos.

—Ninguém— Tench sussurrou, e tossiu. —Eu... eu pulei fora da doca, quando estava com a cabeça em chamas, e cai sobre um pé na lama. É me prendi, e quando eu caí sobre...

Era uma fratura exposta muito desagradável. Os dois ossos da perna se separaram completamente, e as pontas quebradas estavam cutucando através da pele em diferentes direções. Fiquei surpresa que ele sobreviveu ao choque do mesmo, juntamente com o trauma do ataque para não falar de uma noite e parte do dia que passou deitado no raso rio imundo depois. A carne macerada estava inchada, crua, vermelha, e feia, as feridas profundamente infectadas. Eu respirei suavemente, meio que esperando o fedor de gangrena, mas não. Ainda não.

—Ele colocou sua cabeça em chamas?— Jamie estava dizendo incrédulo. Ele se inclinou para frente, tocando a massa escurecida no lado esquerdo da cabeça do jovem. —Quem?

—Não sei. — A mão de Tench flutuou, tocou a de Jamie, mas Tench não tentou puxá-la para longe. Ele repousava sobre Jamie, como se seu toque dissesse a Tench o que ele precisava saber, mas não podia suportar descobrir por si mesmo.

—Acho que era ele... ele falou. Talvez a Inglaterra, talvez Irlanda. Ele derramou... passo sobre a minha cabeça e polvilhou as penas. Outros teriam me deixado então, eu acho. Mas, de repente, virou-se para trás e pegou uma tocha... —Ele tossiu, encolhendo contra o

espasmo, e terminou sem fôlego, —... como ele... odiava-me. —Ele parecia atônito.

Jamie foi cuidadosamente raspando pequenos pedaços de cabelo chamuscado e aglomerados emaranhado de lama e piche, revelando a pele empolada por baixo.

—Não está tão ruim, homem— disse, incentivando. —Seu ouvido ainda está lá, não, mas um pouquinho preto e duro na periferia.

Isso realmente fez Tench rir, não mais do que um ofegante suspiro, embora este fosse extinto abruptamente quando eu toquei a perna.

—Vou precisar de mais luz, — eu disse, virando para o servo. —É um monte de bandagens. — Ele balançou a cabeça, evitando olhar para o homem na cama, e foi embora.

Nós trabalhamos por alguns minutos, murmurando estímulos ocasionais para Tench. Em um ponto, Jamie puxou o penico de debaixo da cama, desculpou-se com uma breve palavra, e levou-o para o corredor; ouvi vomitando. Ele voltou alguns momentos depois, pálido e com cheiro de vômito, e retomou o delicado trabalho de descobrir o que poderia permanecer do rosto de Tench.

—Você pode abrir esse olho, homem?— Ele perguntou, tocando suavemente o lado esquerdo. Olhei para cima do meu posto sobre sua perna, ao ver como estava à pálpebra, evidentemente, toda, mas mal empolada e inchada, os cílios chamuscados.

—Não. — A voz de Tench mudou, e nos mudamos abruptamente até a cabeça. Ele parecia quase sonolento, sua voz indiferente. Eu coloquei a palma da minha mão contra sua bochecha; estava quente e úmida. Eu disse algo muito ruim em voz alta, e seu olho trabalharam para abrir, olhando para mim.

—Oh, lá está você, — eu disse, muito aliviada. —Eu pensei que você ia entrar em choque.

—Se ele não pode ficar chocado com o que já aconteceu com ele, eu não deveria pensar em nada que faria Sassenach— disse Jamie, mas inclinou-se para olhar. —Acho que ele só está cansado com a dor, sim? Às vezes você pode ser incomodado para aturar mais isso, mas você não está pronto para morrer, por isso você apenas se afasta um pouco.

Tench suspirou profundamente e deu um pequeno aceno espasmódico.

—Se você pudesse... Parar por um tempo — ele sussurrou. —Por favor.

—Sim— disse Jamie suavemente, e, acariciando seu peito, puxou o lençol manchado por cima dele. —Descanse um pouco, *mo charaid*.

Eu não tinha certeza de que ele não estava tentando morrer, mas não havia um limite para o que eu poderia fazer para impedi-lo, se fosse esse o caso. E havia um limite muito mais grave do que eu poderia fazer se ele *não* quisesse morrer.

Por outro lado, eu tinha uma compreensão nítida de exatamente o que Jamie entende por *se afastando* e dos sintomas da perda de sangue grave. Não havia como dizer o quanto de sangue Tench perdeu, deitado no rio. A fratura por algum milagre não rompeu uma das principais artérias tibiais e se fizesse ele estaria morto há muito tempo, mas ele certamente parecia uma coisa errada para um número de navios menores.

Por outro lado... O Delaware era um rio bastante frio, mesmo no verão. O frio da água poderia muito bem ter contraído os pequenos vasos sanguíneos, bem como diminuído o metabolismo e até mesmo, talvez, minimizado os danos devido a queimaduras, tanto por extinguir o fogo e pelo resfriamento da pele queimada. Eu de pro forma fiz um torniquete com a bandagem em volta da perna acima do joelho, mas não apertei; perda de sangue no momento não era mais que uma exsudação lenta.

E, de fato, as queimaduras *eram* mínimas. Sua camisa estava rasgada, mas o alcatrão no peito, mãos e roupas não eram suficientemente quentes para empolar a pele e enquanto houve certamente danos visíveis para um lado de seu rosto e cabeça, eu não fiz *pensar* mais do que alguns centímetros quadrados de couro cabeludo teria queimaduras de terceiro grau; o resto era vermelhidão e bolhas. Dolorosa, é claro, mas não fatais. Quem quer que o atacou provavelmente não tinha a intenção de matá-lo, mas tiveram uma boa chance de fazê-lo, de qualquer maneira.

—Piche de nivelamento, eles chamam— disse Jamie, em voz baixa. Tínhamos afastado para a janela, mas ele balançou a cabeça de volta para a cama. —Eu nunca vi isso antes, mas eu já ouvi falar. — Ele balançou a cabeça, os lábios apertados, então pegou a jarra e me ofereceu. —quer água, Sassenach?

—Não, oh, espere. Sim, eu não, obrigado. —A janela estava bem fechada, de acordo com o costume da época, e o quarto pequeno estava

abafado. Peguei o jarro e acenei com a cabeça para a janela. —Você pode abrir isso?

Virou-se para lutar com a janela; presa rapidamente em sua estrutura, a madeira inchada com umidade e desuso.

—E sobre a perna?— Disse, de costas para mim. —tem que tirá-lo, não?

Baixei o jarro da água era plano e tinha gosto de terra e suspirei.

—Sim— eu disse. Eu lutava com essa conclusão quase desde o momento em que eu vi a perna de Tench, mas ouvir de Jamie isso com naturalidade tornou mais fácil de aceitar.

—Eu duvido que eu pudesse salvá-la em um hospital moderno, com transfusões de sangue e anestésico e, *Deus*, eu gostaria de ter éter agora! — Mordi o lábio, olhando para a cama, e observando de perto para ver se o peito de Tench ainda estava subindo e descendo. Uma pequena parte, traiçoeira minha estava esperando que não estivesse, mas estava.

Pés na escada, e tanto Peggy e o servo estavam conosco novamente, armado, respectivamente, com uma lanterna estável e um enorme candelabro, Peggy com uma garrafa de vidro quadrado apertado contra o peito. Ambos viraram os rostos ansiosos para a cama, em seguida, em direção a mim, de pé para além da janela. —Ele está morto?

—Não— eu disse, balançando a cabeça e vi o mesmo meio arrependido de alívio em seus rostos que eu acabei de experimentar. Eu não era simpatia; não importa o que os seus sentimentos para o homem ferido, de tê-lo no local era um perigo para os Shippens.

Eu vim para frente e expliquei em voz baixa o que tinha que ser feito observando Peggy ir à cor de ostra à luz bruxuleante. Ela oscilou um pouco, mas engoliu em seco e se empertigou.

—Aqui?— Disse. —Eu não acho que você possa levá-lo a... Bem, não, eu não acho. —Ela tomou uma respiração profunda. —Tudo certo. O que podemos fazer para ajudar?

O mordomo tossiu atrás dela de uma forma significativa, e ela enrijeceu.

—Meu pai diria a mesma coisa, — ela o informou com frieza.

—Só assim, senhorita— disse, com uma deferência que não era tão respeitosa. —Mas ele gostaria de ter a chance de dizer isso a si mesmo, você não acha?

Ela lançou-lhe um olhar de raiva, mas antes que pudesse dizer qualquer coisa, houve um grito de moagem de madeira como a janela deu lugar à vontade de Jamie, e os olhos de todos foram para ele.

—Eu não queria interromper— disse suavemente, voltando-se. —Mas eu acredito que o governador chegou a ser chamado.

Jamie empurrou à senhorita Shippen e seu servo antes de qualquer um pudesse reagir. Ele correu levemente para baixo a escada de volta e veio através da casa, assustando um ajudante de cozinha. É evidente que o governador não estava indo ser admitido pela porta da cozinha.

Ele chegou à porta da frente, assim como uma batida firme soou, e abriu-a.

—Senhorita Margaret!— Arnold passou por Jamie, como se ele não estivesse lá, não sendo pouca coisa, e apreendeu as mãos de Peggy Shippen na dele. —Eu pensei que deve vir ver seu primo? Como é que ele está?

—Ele está vivo— Peggy ingeriu o rosto da cor da vela de cera de abelha que estava segurando. —Sra. Fraser ela diz... —Ela engoliu em seco novamente, e Jamie engoliu com ela, por simpatia, sabendo muito bem o que ela estava pensando. Os ossos da perna quebrados de Tench Bledsoe, vermelho e viscoso como um inepto massacre por um porco. A parte de trás de sua garganta ainda estava com o gosto amargo de vômito.

—Eu agradeço a você *assim* muito por enviar a Sra. Fraser para nós, senhor, eu não conseguia pensar no que estávamos a fazer. Meu pai está em Maryland e minha mãe com a irmã, em Nova Jersey. Meus irmãos... —Ela parou, olhando distraído.

—Não, não, minha cara, posso chamá-la assim? É a minha mais ardente preocupação, para ajudá-la e a sua família, a... Protegê-la. —Ele não soltou as mãos, Jamie notou, e ela não estava puxando.

Jamie olhou dissimuladamente de Arnold para Peggy Shippen, em seguida, virou-se um pouco, recuando. Não foi difícil para eles ignorá-lo; eles se concentraram em outro.

Isso tornou as coisas simples, ou pelo menos mais claras. Arnold queria a menina, e queria que ela tão abertamente que Jamie estava um pouco envergonhado pelo homem. Você não podia deixar de luxúria, mas com certeza um homem deve ter controle suficiente para escondê-la. *E não apenas por uma questão de decência, ou,* pensou, ao ver certo olhar de cálculo cauteloso aparecer no rosto de Peggy. Era, pensou ele, o olhar de um pescador que acaba de ver uma truta de gorda nadar direito sob a isca.

Ele limpou a garganta de forma pontiaguda, e ambos se sacudiram como se ele tivesse corrido um pino em si.

—Minha mulher diz que será necessário amputar a perna lesionada — disse. —Rapidamente. Ela requer algumas coisas... instrumentos e assim por diante.

—*Eu preciso tanto da grande serra e a pequena lunar, o conjunto de tentáculos longos que parecem ganchos e pinças, bastante sutura...*

Ele estava tentando manter a lista em sua cabeça, que ele fez mal imaginar a maioria dos itens, pensando no uso que eles estavam prestes a ser colocado. Sob a sensação de repulsa e pena, porém, estava a cautela, a mesma cautela ele viu na parte de trás dos olhos de Benedict Arnold.

—Será que ela— disse Arnold, não é bem uma pergunta. Os olhos dele de voltaram para Peggy Shippen, que mordeu o lábio de forma a tornar-se.

—Você pode talvez enviar o seu cocheiro a gráfica?— perguntou Jamie. —Eu posso ir com ele e buscar de volta o que é necessário.

—Sim— disse Arnold lentamente, mas de forma abstrata, a forma como ele fez quando ele estava pensando rapidamente. —Ou... Não. Vamos sim remover o Sr. e a Sra. Bledsoe e os Fraser, com certeza a da gráfica. Sra. Fraser terá acesso lá para tudo o que ela exige, e com a ajuda e apoio de sua família.

—O quê?— Jamie exclamou, mas Peggy Shippen já estava pendurada no braço de Arnold, seu rosto transformado por alívio. Jami viu Arnold prender pelo braço para obrigar a sua atenção, e os olhos do governador estreitaram.

A intenção de Jamie era de exigir retoricamente se Arnold era louco, mas a demora da segunda divisão foi o suficiente para mudar isso para uma forma mais política —Não há espaço na gráfica para tal empreendimento, senhor. Vivemos uns sobre os outros, e pessoas entram e saem o dia todo. Esta não será uma questão simples; o homem irá precisar ser assistido por um tempo.

Peggy Shippen fez um pequeno gemido de ansiedade, e foi ficando claro para Jamie que Tench Bledsoe era uma batata quente, tanto ou mais por Arnold como para os Shippens. A última coisa que Arnold poderia querer como governador militar da cidade era um escândalo público e desordem, os legalistas remanescentes na Filadélfia ameaçando e assustando, os filhos da liberdade vistos como vigilantes secretos, uma lei para si mesmos.

Arnold tem muito em relação ao incidente e ficou quieto. Ao mesmo tempo, ele queria ser o nobre cavaleiro, montando para a ajuda da muita jovem e encantadora senhorita Shippen por cuidar de seu primo ao remover o perigo potencial que ele representa para a sua família.

*Ao trazê-lo para mim*, Jamie pensou, sua desconfiança começa a se transformar em raiva.

—Senhor— disse formalmente. —Não há nenhuma possibilidade de impedir a questão de ser conhecido você levando o homem à gráfica do meu filho. E claramente você sabe o perigo disso.

A verdade disso era evidente, e Arnold fez uma pausa, franzindo a testa. Mas Jamie lutou com o homem e sabia bem o suficiente; Jamie viu que, depois de aliviar sua mente da preocupação da Senhorita Peggy, Arnold destinou a fazê-lo, faça chuva ou sol.

Evidentemente Claire estava certa no que disse a ele sobre a testosterona, e ele já sabia que Arnold era um carneiro, em termos tanto de bolas e teimosia.

—Ah, eu tenho isso!— Arnold exclamou triunfante, e Jamie viu com admiração relutante emergente. Essa admiração desapareceu com a próxima frase de Arnold.

—Lord John Grey, — disse. —Nós poderíamos transportar o Sr. Bledsoe para a casa de seu senhorio.

—Não!— Disse Jamie por reflexo.

—Sim— disse Arnold, mas na autocongratulação ao invés de contradição; ele não estava prestando atenção. —Sim, a solução ideal! Seu senhorio e seu irmão me devem — explicou a Peggy, com uma modéstia fingida que fez Jamie quer bater nele. —E, como seu senhorio e Sra. Fraser... — Neste momento, ele viu o rosto de Jamie e prendeu seu discurso a tempo de evitar exatamente como um acaso. Ele tossiu. —A solução ideal — repetiu. —Será que você possa ir dizer a Sra. Fraser o que pretendemos senhor?

—Nós?— Jamie disse. —Eu não pretendo nada...

—O que o *inferno* dos diabos está acontecendo aqui? —a voz de Claire veio da escada atrás dele, e ele virou-se para vê-la apoiando-se no corrimão, uma cintilação como um fantasma à luz do candeeiro de lata em cima dela. Havia sangue manchando seu avental, manchas pretas sobre o pano pálido.

—Nada, *a nighean*— Disse a fixação de Arnold com um olhar firme. — Só discutindo onde o Sr. Bledsoe deveria ir.

—Eu não me importo onde ele *deveria* ir — ela retrucou, descendo para o hall de entrada, saias farfalhando com agitação. —Onde ele *ira* morrer, se eu não puder cuidar de sua perna rapidamente. —Então, ela percebeu o gritante dos acontecimentos entre ele e Arnold e subiu ao lado de Jamie, olhando firme para o governador por si mesma.

—General Arnold, — ela disse, —se você se preocupa com a vida do primo da Srta. Shippen, você vai me obrigar a mandar meu marido prontamente para buscar os instrumentos que eu preciso. Depressa!

Arnold piscou, e Jamie teria sorrido se não fosse à ansiedade da moça, ela era acirrada, mas estava pálida, e seus punhos estavam cerrados no pano de seu avental. Poderia ter sido para evitar que ela desse um tapa no governador, mas ele, mas em vez pensei disso era para esconder o fato de que suas mãos tremiam, e ele percebeu com choque que ela estava com medo.

Não tinha medo da circunstância ou qualquer perigo futuro que ela não pudesse fazer o que ela sabia e que devia.

Seu coração batia com o pensamento. Ele levou Arnold firmemente pelo braço, obrigando-o na direção da escada.

—Sim, — ele disse abruptamente para Claire. —Vamos levar o homem para a casa de Lord John, e vou trazer suas coisas para o trabalho lá, eu vou buscar o que vocês precisam da gráfica. O general vai me ajudar a movê-lo.

Forte resistência de Arnold cessou abruptamente quando ele tomou o significado de Jamie.

—Sim— disse. —Sim, eu... — Um longo gemido de cima o interrompeu, e o rosto de Claire apertou.

—Não há tempo— disse, calmamente. —Senhorita Shippen... Peggy. Traga-me a maior faca que você tem na cozinha, e faça agora. Tenha os seus servos trazendo mais água quente e um pano para bandagens. Uma forte agulha de costura e linha preta. —Seus olhos procuraram Jamie, e ele soltou o governador de uma vez e foi até ela.

—Você está bem, moça?— Ele disse em voz baixa, tomando pelo cotovelo.

—Eu estou— disse, e apertou sua mão rapidamente. —Isso é muito ruim, no entanto. Eu não... desculpe-me, eu preciso de você para ajudar a segurá-lo.

—Eu vou ficar bem— disse. —Não se preocupe. Só faça o que você precisa fazer. Eu prometo que não vou vomitar em cima dele enquanto você

está tirando a perna.

Ele não faria, na verdade, queria dizer, para ser engraçado, e ficou surpreso, mas satisfeito, quando ela riu. Não muito de uma risada, mas a tensão em seu braço relaxou, e seus dedos estavam firmes nos dele.

Ele poderia dizer no momento em que entrou na sala. Ele não sabia o que estava mudando, mas é evidente que Claire ouviu o bater das asas da morte do andar de baixo; ele podia senti-los agora. Bledsoe ainda estava consciente, mas apenas isso; uma fatia branca mostrava como uma pálpebra levantada em sua entrada.

—Nós estamos aqui, homem— Jamie sussurrou, caindo de joelhos e segurando a mão de Bledsoe. Estava frio ao toque e úmida de suor. —Nada asqueroso, estamos aqui. Vai ser feito em breve.

Havia um forte cheiro de láudano no ar, junto com o cheiro de alcatrão e sangue e cabelo queimado. Claire estava do outro lado da cama, segurando o pulso de Bledsoe, com os olhos cintilando de seu rosto solto na perna mutilada.

—Aqui— disse, em voz baixa, mas com uma voz normal. —Você vê a linha vermelha lá?— Ela apontou para a perna ferida, e Jamie viu isso claramente: a raia de uma cor vermelho-escuro feia que ele pensou que não esteve lá antes, ou talvez estivesse, e ele não notou. A visão que fez os pelos finos ondular em seus ombros, e ele se moveu, inquieto.

—Envenenamento sanguíneo— disse Claire. —bactérias, germes no sangue. Ele se move muito rápido, e se entrar no próprio corpo... Não há nada que eu possa fazer.

Ele olhou para cima afiada, ouvindo um pequeno tremor em sua voz.

—Mas antes disso, pode? Há uma chance? —Ele tentou soar encorajador, embora o pensamento da alternativa arrepiasse muito pior.

—Sim. Mas não é uma boa. —Ela engoliu. —O choque da amputação pode muito bem matá-lo no local. E se isso não acontecer, ainda há uma grande chance de infecção.

Ele se levantou em seguida e deu a volta na cama com ela, levantando suavemente, mas firmemente pelos ombros. Seus ossos estavam perto da superfície, e ele pensou que seus sentimentos estavam também.

—Se ele tem uma chance, temos de dar a ele, Sassenach.

—Sim— ela murmurou, e ele sentiu o arrepio percorrer tudo por ela, embora o ar estivesse quente e fechado. —Deus me ajude.

—Ele vai, — Jamie murmurou, cruzando os braços em volta dela brevemente. —Então eu vou.

Eu estava no lugar errado. O fato de que eu entendia o que estava acontecendo comigo não ajudava em nada.

Um cirurgião treinado também é um potencial assassino, e um pouco importante do treinamento está em aceitar o fato. Sua intenção é totalmente benigna, ou pelo menos você espera que sim, mas você está colocando as mãos violentas em alguém, e você deve ser implacável, a fim de fazê-lo de forma eficaz. E às vezes a pessoa sob suas mãos morre, e sabendo que... Você faz de qualquer maneira.

Eu trouxe mais velas, embora o ar no quarto já estivesse sufocando. O miasma de umidade e lentamente evaporando o suor fez a luz de o candelabro encher a câmara com um suave brilho romântico; apenas a coisa para um jantar cheio de vinho, flertes, e dança.

O vinho podia esperar, e qualquer cirurgião dançaria com a morte de forma rotineira. O problema era que eu esqueci os passos e estava flertando com o pânico.

Inclinei-me para verificar a taxa de coração de Tench e respiração. Ele estava respirando superficialmente, mas rápido. A falta de oxigênio, perda de sangue grave... e eu senti meu peito apertar, levantando para o ar, e levantei tonta, martelando meu coração.

—Sassenach. — Voltei-me, mão na cabeceira da cama, para ver Jamie me observando, sobrancelhas desenhadas em conjunto. —Está bem?

—Sim— eu disse, mas minha voz soou estranha mesmo para os meus próprios ouvidos. Eu balancei minha cabeça com força, tentando limpá-la. Jamie chegou perto de mim e colocou a mão sobre a minha, onde descansou no pé da cama. Era grande e constante, e isso ajudou.

—Você não vai ajudá-lo, moça, se desmaiar no meio— disse, em voz baixa.

—Eu não vou desmaiar— disse eu, um pouco irritada pela ansiedade. — Eu só... eu... eu estou bem.

Sua mão caiu, e depois de um longo olhar para o meu rosto, ele acenou com a cabeça sobriamente e recuou.

**Eu não ia desmaiar. Ou pelo menos eu esperava que não. Mas eu estava presa lá em perto, a sala quente, com cheiro de sangue e alcatrão**

e o perfume de mirra no láudano, sentindo a agonia de Tench. E eu poderia *não* fazer isso. Eu não podia, eu não precisava.

Peggy se apressou uma serva atrás dela, várias grandes facas apertadas contra o peito.

—Será que uma delas serve?— Ela colocou-as em uma pilha tinindo ao pé da cama, em seguida, ficou para trás, olhando ansiosamente para o pálido rosto de seu primo.

—Tenho certeza de que uma sim. — Eu agitei a pilha com cuidado, extraindo algumas possibilidades: uma faca que parecia afiada, e uma faca grande, pesada, do tipo utilizado para cortar legumes. E, com uma lembrança vívida do que era a sensação de cortar tendões, eu peguei uma faca com uma borda prateada recém-afiada.

—Você destrincha a sua própria carne? Se você tiver algo como uma serra óssea...

O servo estava pálido como um homem negro razoavelmente possível, e saiu, provavelmente para adquirir uma.

—Ferveram água?— Eu perguntei sobranceiras levantadas.

—Chrissy está trazendo isso— Peggy me assegurou. Ela lambeu os lábios, inquieta. —Você-mmm— Ela parou de falar, evitando por pouco a dizer o que ela tão claramente pensou: —*Você sabe o que você está fazendo?*

**Eu sabia. Esse era o problema.** Eu sabia muito sobre o que eu estava fazendo a partir de ambos os lados.

—Tudo vai ficar bem— eu assegurei a ela, com uma aparência decente de calma e confiança. —Vejo que temos linhas e agulhas. Você tomaria a maior agulha de tapete, talvez, e passe para mim, por favor? E, em seguida, um par de menores, se eu precisar — Apenas no caso eu tivesse tempo e oportunidade de realmente capturar e ligadura dos vasos sanguíneos. Era muito mais provável que a única opção que eu teria era cauterizar brutalmente o coto fresco para estancar o sangramento, para Tench não perder sangue suficiente e ser capaz de poupar algum.

Eu precisava ficar sozinha na minha cabeça, em um lugar calmo e claro. O lugar de onde eu podia ver tudo, sentir o corpo sob a minha mão em todas as suas particularidades, mas não *ser* esse corpo.

Eu estava prestes a destrinchar a perna de Tench Bledsoe como uma galinha. Jogar fora seus ossos e carne. Cauterizar o toco. E eu senti o seu medo na boca do estômago.

Benedict Arnold entrou com uma braçada de lenha e uma faca de mesa de prata em uma mão meu ferro de cautério, se não houvesse tempo para costurar. Colocou na lareira, e o mordomo começou a picar o fogo.

Fechei os olhos por um instante, tentando não respirar pelo nariz, fechando o brilho da vela. Denny Hunter me operou à luz de velas; lembrei-me de assistir através de uma névoa de cílios, incapaz de abrir os olhos mais do que um tipo de fenda, quando cada uma das seis grandes velas estava acesa, as chamas subindo pura e quente e cheirando o pequeno aquecimento de ferro no braseiro ao lado deles.

Uma mão tocou minha cintura, e, engolindo ar, inclinei-me cegamente em Jamie.

—O que está errado, *a nighean*? — Ele sussurrou para mim.

—Láudano— eu disse, quase ao acaso. — você não perde a consciência por completo. Ele faz a dor ir embora, não para, simplesmente não parece ligado a você, mas está *lá*. E você... você sabe o que está acontecendo com você. —Engoli em seco, forçando a bile descer.

Eu senti isso. A sonda dura espetando o seu caminho para o meu lado, assustando. O notável senso de intrusão fria, misturada com ecos quentes fracos incongruentes de movimento interno, os pontos fortes de uma criança no ventre.

—Você sabe o que está acontecendo— eu repeti, abrindo meus olhos. Eu encontrei o seu, olhando para mim com gentileza.

—Eu sei sim— ele sussurrou, e segurou meu rosto com a mão de quatro dedos. —Venha e me diga o que você precisa de mim para fazer, *mo ghràidh*.

O pânico momentâneo foi diminuindo; forcei-o de lado, sabendo que mesmo o pensar nisso era deslizar de cabeça de volta para ele. Eu coloquei a mão sobre a perna ferida de Tench, desejando senti-la, encontrar a verdade.

A verdade era tudo muito óbvio. A perna era um desastre completo, mecanicamente, e assim comprometido pela septicemia que não havia chance de salvá-la. Eu estava procurando desesperadamente uma maneira de salvar o joelho; ter um joelho fazia uma enorme diferença na capacidade de andar, de girar. Mas eu não poderia fazê-lo.

Ele estava longe da lesão, perda de sangue e choque; ele era um homem teimoso, mas eu podia sentir a sua vida piscando em sua carne, morrendo no meio de infecção, perturbação e dor. Eu não poderia pedir o seu corpo

para suportar a cirurgia mais trabalhosa que seria necessário para amputar abaixo do joelho, mesmo que eu tivesse certeza de que tal amputação seria suficiente para evitar a septicemia avançada, e eu não podia.

—Eu vou levar sua perna acima do joelho, — eu disse a Jamie. Eu pensei que falava calmamente, mas minha voz soava estranha. —Eu preciso que você segure a perna para mim e mova quando eu disser. Governador — eu me virei para Arnold, que estava com um braço reconfortante sobre cintura de Peggy Shippen — venha e segure — Laudano por si só não seria suficiente.

Para seu crédito, Arnold veio imediatamente e colocou uma mão contra a bochecha solta de Tench por um momento em garantia antes de tomar firme seus ombros. Seu próprio rosto estava calmo, e lembrei-me das histórias que eu ouvi falar de suas campanhas no Canadá: queimaduras, ferimentos, fome... Não, não é um homem cheio de melindres, e eu senti uma pequena sensação de tranquilidade na presença dos meus dois ajudantes.

Não, três: Peggy Shippen veio ao meu lado, pálida com os lábios e com a garganta balançando todos os poucos segundos, ela engoliu, o maxilar definido com determinação.

—Diga-me o que fazer— ela sussurrou, e manteve a boca fechada dura quando avistou a perna mutilada.

—Tente não vomitar, mas se você precisar, afastar-se da cama, — eu disse. —Caso contrário, fique lá e me dê às coisas quando pedir.

Não houve mais tempo para reflexão ou preparação. Eu apertei o torniquete, peguei a faca mais afiada, acenei para os meus ajudantes, e comecei.

Uma incisão de profundidade, rápida, e em torno de toda a parte superior da perna, de corte duro para baixo para expor o osso. Um cirurgião do exército poderia podar uma perna em menos de dois minutos. Eu poderia, mas seria melhor se eu conseguisse cortar retalhos para cobrir o coto, poderia selar os grandes vasos...

—Grande agulha— eu disse para Peggy, segurando a minha mão. Na falta de um tentáculo para aproveitar os grandes vasos sanguíneos que batia de volta para a carne quando cortava, eu tinha que investigar com a ponta da agulha e arrastá-los para fora, ancorá-los em estado bruto, carne exposta, e depois ligá-los o mais rápido como pudesse, chicoteando fio em volta com

uma das agulhas menores e amarrando. Melhor do que cautério se houvesse tempo...

O suor corria nos olhos; eu tive que arregaçar a manga do meu antebraço; minhas mãos estavam ensanguentadas até o pulso.

—Jogos Mortais— disse, e ninguém se moveu. Se eu tivesse falado em voz alta? —*Serra*— Eu disse, muito mais alto, e a cabeça de Jamie torceu os implementos sobre a mesa. Apoiando-se pesadamente na perna de Tench com uma mão, ele se esticou para pegar a serra da mesa com a outra.

Onde estava Peggy? No piso. Eu vi a flor da saia do canto do meu olho e me senti vagamente através do assoalho os passos de um servo que vieram para levá-la para fora do caminho.

Procurei por outra sutura, cega e do frasco de aguardente em que eu guardava caído, derramando sobre o lençol e adicionei sua doce viscosidade na atmosfera. Eu ouvi Jamie apertar a mordaca, mas ele não se mexeu; os dedos apertando a coxa dura acima do torniquete. Tench teria contusões, pensei preguiçosamente. Se ele vivesse tempo suficiente para que seus vasos capilares a sangrasse...

A serra era feita para destrinchar porcos. Resistente, não afiada, e não bem mantida metade dos dentes dobrados, e ela deu um salto e deslizou na minha mão, ralando sobre o osso. Eu cerrei os dentes e empurrei minha mão deslizando sobre a alça, untada com sangue e suor.

Jamie fez um profundo e ruído desesperado e se mudou de repente, pegando a serra da minha mão e me empurrando para o lado. Ele agarrou o joelho de Tench e se abateu sobre a serra, dirigindo-o para dentro do osso pela força principal. Três, quatro, cinco cursos arrastando e o osso, três quartos serrado, fez um barulho de rachar que me sacudiu em ação.

—Pare, — eu disse, e ele fez, suor pálido escorria. —Levante sua perna. Cuidadosamente. —Ele fez, e eu fiz o corte de baixo, longo, traços profundos da faca aprofundando a incisão em um ângulo para fazer o retalho, juntando o corte com a incisão superior. O lençol estava molhado e escuro com sangue, mas não muito. Ou o torniquete estava segurando, ou o homem tinha tão pouco sangue a perder...

—Vai de novo— eu disse com urgência, descartando a faca. —Segure firme! Ambas as peças. —Não havia mais do que uma seção fina de osso remanescente; o osso esponjoso da medula mostrava florescendo com sangue lentamente da superfície de corte. Eu coloquei nenhuma pressão sobre a serra; a última coisa que eu queria era quebrar o osso de algum

modo estranho. Ele não estava funcionando, embora, e eu olhei para trás em direção à linha de ferramentas, desesperado para encontrar algo mais.

—Lima— disse Jamie, sua voz áspera com tensão. Ele acenou com a cabeça em direção à mesa. —Lá.

Aproveitei a grossa coisa como um rabo-de-rato, encharcada com conhaque, e, virando de lado, arquivei pelo último pedaço de osso, que se separava suavemente. Com uma borda irregular, mas intacta, não quebrando.

—Ele está respirando?— Perguntei. Eu estava tendo problemas para respirar sozinho, e não podia sentir os sinais vitais do paciente de economia para perceber o seu coração estava batendo, porque o sangue pulsava um pouco fora das embarcações menores, mas Arnold concordou, com a cabeça baixa, com a intenção do rosto de Tench.

—Ele vai aquecer— disse a voz firme e forte, e eu sabia que ele estava falando tanto a Tench quanto para mim. Agora eu podia sentir a agitação na parte superior da perna, um desejo violento reflexivo para se mover, e Jamie inclinou-se duro para ele. Meus dedos roçaram a perna descartada, a carne horrivelmente flácida parecendo borracha, e eu fui de volta, limpando convulsivamente no meu avental.

Eu passei o avental sujo de sangue depois no meu rosto e empurrei para trás os pedaços de cabelo solto com a palma da minha mão. Ele estava tremendo; ambos estavam.

*O que diabos você está balançando agora pare?* Eu pensei, irritada. Mas eu estava, e levei muito mais tempo do que deveria para cauterizar os últimos pequenos vasos adicionando o cheiro medonho de assar carne no resto no quarto; pensei mesmo que o General Arnold vomitaria em um ponto as abas, enfaixar a ferida, e, finalmente, soltei o torniquete.

—Tudo bem— eu disse, e me endireitei. —Agora... —Mas se eu dissesse qualquer outra coisa, eu não ouvi. A sala girava lentamente a minha volta e se dissolveu em um lampejo de manchas pretas e brancas, e então tudo ficou escuro.

## ***Capítulo 118 - A Segunda Lei da Termodinâmica***

Tench viveu.

—Eu deveria saber que você faria— eu disse a ele. —Se você fosse determinado o suficiente para sobreviver à noite toda no rio, claramente uma mera amputação não iria pará-lo.

Ele tinha força o suficiente para rir a viagem de liteira para Chestnut Street deixou pálido e ofegante, mas ele contorceu a boca o suficiente para qualificar a sua expressão como um sorriso.

—Oh... Eu vou viver — ele conseguiu. —Não seria... dar... a satis... fação... de morrer. — Desgastado por isso, ele fechou os olhos, peito arfando. Limpei o rosto delicadamente com meu lenço, deu um tapinha em seu ombro, e deixei para descansar.

Eu tinha os portadores da maca o levando para cima, o que foi o meu quarto, e eu fechei a porta atrás de mim agora com uma sensação estranhamente mista de triunfo e depressão.

Eu passei a manhã com a Sra. Figg e a empregada, Doreen, embalando longe o que restou da mobília de Lord John muita coisa já foi enviada para Nova York, e reorganizando a casa para servir como um consultório temporário. Mesmo que tivesse que deixar a Carolina do Norte em breve, e quanto mais cedo melhor, eu tinha que ter um lugar para colocar Tench onde ele poderia ser cuidado em condições que se aproximassem de conforto e higiene. E os pacientes que eu vi na tipografia certamente poderiam ser cuidados de forma mais conveniente aqui.

Ao mesmo tempo... estando aqui novamente trouxe de volta ecos do desespero entorpecido que vivi todas aquelas semanas de acreditei que Jamie estivesse morto. Eu pensei que a azáfama do trabalho e a limpeza geral do mobiliário talvez evitasse aquela sensação distante de afogamento, mas no momento tinha um redemoinho inquieto em torno de meus tornozelos.

Opressão mental não era a única condição debilitante conectada com a nova situação. Deixando o numero 17 para voltar para a casa dos Shippen, eu fui seguida na rua por uma gangue de jovens. Principalmente os meninos, mas alguns grandes companheiros de dezesseis ou dezessete anos, grandes o suficiente para me fazer desconfortável com os olhares.

Ainda mais desconfortável quando eles começaram a chegar perto de mim, dando um passo rápido para sussurrar, —prostituta do Rei!— No meu ouvido antes de cair para trás, ou para tentar pisar na barra da minha saia, com risadinhas.

Eu pensei que vi um ou dois deles na multidão, quando eu trouxe Hal aqui. Talvez eles me seguissem e, em seguida, achando que eu era casada com Lord John, acharam que eu era uma traidora, uma traidora à causa rebelde. Ou talvez, eu pensei, enrijecendo minha espinha, eles eram apenas insignificantes infratores.

Virei para encará-los, segurando minha sombrinha. Ele não era muito uma arma, mas nenhuma arma física teria sido de uso contra tantos. Mesmo um menino de doze anos de idade, provavelmente era mais forte do que eu nesse momento.

—O que você quer?— Eu exigi, utilizando a memória da voz de minha matrona, chicote cortando e aço, ou pelo menos eu esperava que eu ainda pudesse fazer isso.

Algumas das pequenas verrugas piscaram e deram um passo atrás, mas um dos maiores deu um passo em minha direção, sorrindo. Levou todo o meu controle para não recuar.

—Eu não sei, mula— disse, olhando-me de cima a baixo com uma insolência preguiçosa. —O que faz um senhora Legalista achar que tem *poder*?

—Um puxão rápido no olho é tudo o que posso oferecer — Eu informei a ele secamente, com um apontamento significativo de minha sombrinha. —Aparentemente eu estou andando muito lentamente, impedindo o seu progresso, senhores. Você vá à minha frente. —Segurando seu olho com um olhar ameaçador, eu pisei na rua e fez um gesto com a minha sombrinha, indicando que eles deviam passar.

Isso fez com que alguns deles rissem, mas o grande companheiro corou um rosa desagradável que fez suas espinhas de adolescentes florescer. Eu recuei mais para dentro da rua, em uma imitação de polidez, mas na verdade, na esperança de atrair alguma atenção.

Eu tive sorte: um carrinho de pano e osso estava descendo a estrada, os cascos do cavalo batendo nas pedras, e eu ainda fui mais longe, bloqueando o caminho. Isso me despertou da semi-sonolência, meio de pé, olhando para fora debaixo de seu chapéu.

—Que diabo vocês estão xingando parados na estrada? Tirem sua gordura do meu caminho! —Ele levantou o chicote de uma forma ameaçadora, e os meninos, que começaram a avançar para mim, rapidamente recuaram.

O carroceiro levantou-se todo o caminho, tirou o chapéu, e se inclinou para mim.

—Tenha um bom dia, Vossa Senhoria; eu espero que eu vê-la bem. Posso oferecer uma carona, por ventura —Ele estava falando em tom de brincadeira? Eu não acho que ele realmente sabia que eu recentemente *fui* à senhoria. Ele estava certamente surpreendido quando eu varria as minhas saias e montava em seu carrinho, no entanto.

—Casa, James, — eu disse, enrolando minha sombrinha — e não poupe os cavalos.

A lembrança me fez sorrir um pouco, mas o sorriso desapareceu ao pensar que os arruaceiros que me abordaram certamente viviam em algum lugar nas proximidades. Eu posso não ter a mesma sorte uma segunda vez. E com esse pensamento, uma onda de terror frio tomou conta de mim e eu senti uma banda de dor em meu meio, o atrito e hematomas de horas gastas amarrado de braços nas costas de um cavalo, que estava sendo impotente para...

—Pare com isso!— Eu disse bruscamente para mim mesma. —Pare com isso de uma só vez. Eu não vou fazer. —Eles eram meninos adolescentes. Eu não tinha medo... o primeiro homem a me estuprar tinha uns dezesseis anos; ele me pediu desculpas. Eu pisei em um beco estreito entre dois prédios e vomitei.

Eu consegui ir. Voltei para a casa dos Shippens recolhi minhas coisas, então voltei para a tipografia para almoçar e arrumar o resto das minhas ervas e medicamentos; Fergus e Germain iriam trazê-los para Chestnut Street em sua tarde de entrega.

Ninguém me molestou no caminho de volta para Chestnut Street. Eu poderia ter pedido a Jenny para vir comigo, mas o orgulho me impediu. Eu gostaria de *não* deixar que o medo simplório parasse de me fazer o que precisava ser feito.

*Mas quanto tempo você pode continuar fazendo isso? E qual é o ponto?*

—Há sempre um ponto— eu murmurei. —É a vida de alguém. Isso é um ponto.

Uma vida que poderia ser arrancada, jogada fora, desperdiçada em um campo de batalha... Quantos homens morreram dessa maneira? E ele não parou, ele não melhorou... eu fui *cedo* para a guerra, pelo amor de Deus. Uma cadeia interminável de guerras estava entre minhas vidas: a Revolução aqui, a Grande Guerra no outro lado e constante entre eles.

O verão estava morrendo; o ar estava começando a ter um toque de frescor no período da manhã, mas no meio da tarde ainda estava grosso e pesado. Muito pesado para dar uma respiração completa.

Fiquei por um momento do lado de fora do Número 17, sentindo-me desigual ao entrar e lidar com as coisas. Depois de um momento, eu me virei para o caminho que levava ao redor do lado da casa, para o pequeno jardim na parte de trás e sentei no banco lá, entre as rosas, sentindo mais doente.

Eu não sei por quanto tempo eu estava sentada lá, a cabeça entre as mãos, ouvindo o zumbido alto de abelhas. Mas eu ouvi passos vindo pelo caminho e consegui levantar a cabeça.

—Está tudo bem, Sassenach?— era Jamie, a grande caixa de remédios e ataduras em seus braços. E a partir do olhar de alarme em seu rosto, era razoavelmente óbvio que eu não parecia bem. Eu não conseguia reunir a energia para tentar parecer tudo bem.

—Eu só pensei em sentar, — eu disse, batendo uma mão sem poder fazer nada.

—Estou feliz que você fez. — Ele colocou a caixa na grama amarelada e chegou a agachar-se diante de mim, examinando meu rosto. —O que aconteceu?

—Nada— eu disse, e sem aviso comecei a chorar. Ou melhor, a vazar. Não havia nada da natureza de soluços, convulsivos, torturantes de choro; lágrimas apenas escorriam pelo meu rosto sem a minha aprovação.

Jamie me cutucou mais um pouco e sentou-se ao meu lado, envolvendo os braços a minha volta. Ele estava usando seu velho kilt, e o cheiro do tecido de lã empoeirado, desgastada com a idade, fez-me completamente dissolver.

Ele se apertou ainda mais e, com um suspiro, apertou sua bochecha na minha cabeça e disse coisas pequenas e sem sentido em gaélico. E em pouco tempo, o esforço para compreendê-las deu-me um aperto tênue em mim mesmo. Eu respirei fundo e ele me soltou, mas ele manteve um braço em volta de mim para o apoio.

—*Mo Donn nighean*— ele disse suavemente, e alisou o cabelo da minha cara. —Tem um lenço?

Isso me fez rir. Ou melhor, emitir uma espécie de risadinha estrangulada, mas ainda...

—Sim. Pelo menos, eu acho que sim. —Procurei em meu seio e retirei um quadrado resistente de linho muito lavado, em que eu limpei meu nariz várias vezes e, em seguida, enxuguei os olhos, tentando pensar o que na terra para oferecer como uma explicação para o meu desordenado estado e minha mente, assim como o corpo. Não havia nenhuma boa maneira de começar, então eu apenas falei.

—Você sempre bem, não. Eu sei que você faz.

—Provavelmente— disse, sorrindo um pouco. —O que eu faço?

—Veja o... O vazio. O abismo — Falando as palavras reabriu o aluguel em minha alma, e o vento frio veio. Um arrepio percorreu-me, apesar de o calor do ar e do corpo de Jamie. —Quero dizer ele está sempre lá, sempre bocejando a seus pés, mas a maioria das pessoas conseguem ignorar, não pensar sobre isso. Eu era na maioria capaz. Você tem para fazer remédios. —Eu limpei meu nariz na minha manga, depois de ter deixado cair o meu lenço. Jamie puxou um lenço amarrotado de sua manga e entregou-o para mim.

—Você não se refere apenas à morte?— Questionou. —Porque eu a tenho visto que muitas vezes suficiente. Ela não tem realmente chegado para mim desde que eu tinha dez anos ou mais, no entanto. —Ele olhou para mim e sorriu. —E duvido que você tenha medo de qualquer uma. Eu vi você enfrentá-la mil vezes e mais.

—Diante de algo não significa que você não tenha medo — eu disse secamente. —Normalmente, muito pelo contrário. E eu *sei* você sabe disso.

Ele fez um pequeno som de acordo com a garganta e me abraçou gentilmente. Eu normalmente teria achado reconfortante, e o fato de que eu não apenas adicionei à minha sensação de desespero.

—É... é apenas... *nada*. E tanto nada sem fim... é como se nada fizer, nada que você é, pode, eventualmente, a matéria, tudo é apenas engolido... —Eu fechei meus olhos, mas a escuridão por trás de minhas pálpebras me assustando e eu abri novamente. —Eu... — Eu levantei a mão, em seguida, deixei cair.

—Eu não posso explicar, — eu disse derrotada. —Ele não estava lá, ou eu não estava olhando para ele, depois de ter sido baleado. Não foi quase morrer que me fez olhar para dentro, vê-lo bocejar lá. Mas sendo assim... tão *frágil!* Sendo tão fedorento *de medo*. —Eu cerrei os punhos, vendo os ossos nodosos de meus dedos, as veias azuis que se destacavam nas costas das minhas mãos e curvadas para baixo em meus pulsos.

—Não é a morte— eu disse finalmente, farejando. —Futilidade. Inutilidade. Entropia idiota. *Assuntos* de morte, Pelo menos às vezes.

—Eu entendo— disse Jamie suavemente, e pegou minhas mãos nas dele; elas eram grandes, e surradas, com cicatrizes e mutiladas. —É por isso que um guerreiro não pode temer a morte. Ele tem a esperança, por vezes, a certeza que sua morte vai importar.

—*O que acontece comigo entre agora e depois se nada importa a alguém.*

Essas palavras nadaram do nada e me impressionaram na boca do estômago, com tanta força que eu mal podia respirar. Ele disse, para mim, do fundo do desespero, no calabouço da prisão de Wentworth, uma vida atrás. Ele esperava minha vida, então, com o que ele tinha, e não sua vida, já perdida, mas sua alma.

—*É importante para mim!*— Eu disse a ele e, contra todas as probabilidades, resgatei a alma e o trouxe de volta.

E então ela veio novamente, a necessidade gritante e terrível, e ele deu a sua vida sem hesitação para seus homens e para a criança que eu carregava. E naquela época eu fui à única que sacrificou minha alma. E isso importava para nós dois.

Ele ainda importava. E a concha do medo rachado como um ovo e tudo por dentro derramava como sangue e água se misturando e eu soluçava em seu peito até que não havia mais lágrimas e mais fôlego. Debrucei-me contra ele, mole como um pano de prato, e vi a lua crescente começar a subir no leste.

—O que você disse?— perguntei, me acordando depois de um longo tempo. Sentia-me tonta e desorientada, mas em paz.

—Eu perguntei o que é entropia?

—Oh, — eu disse, momentaneamente desconcertada. Quando o conceito de entropia foi inventado? Ainda não, obviamente. —É, um... uma falta de ordem, uma falta de previsibilidade, uma incapacidade de um sistema para fazer o trabalho.

—Um sistema de qual?

—Bem, lá você tem-me— eu admiti, sentando-se e limpando o nariz. — Só um tipo ideal de sistema, com energia térmica. A Segunda Lei da Termodinâmica diz basicamente que em um sistema isolado, que não está recebendo energia de algum lugar, quero dizer a entropia sempre aumenta.

Eu acho que é apenas uma forma científica de dizer que tudo está indo para a panela, o tempo todo.

Ele riu, e apesar do meu estado de espírito quebrado, eu também.

—Sim, bem, longe de eu discutir a Segunda Lei da Termodinâmica— disse. —Eu acho que está provavelmente certa. Quando foi a última vez que comeu, Sassenach?

—Eu não sei— eu disse. —Eu não estou com fome. — Eu não queria fazer nada, mas ficar parada ao lado dele.

—Quer ver o céu?— Disse, um pouco mais tarde. Era um violeta profundo puro no horizonte, desaparecendo em uma imensidão azul e preta em cima, e as primeiras estrelas como lâmpadas queimadas distantes.

—Difícil não querer— disse eu.

—Sim— Ele estava sentado com a cabeça inclinada para trás, olhando para cima, e eu admirava a linha limpa de seu nariz reto longo, a boca macia e a longa garganta, como vi pela primeira vez.

—Não é vazio lá?— Disse em voz baixa, ainda olhando para cima. —E ainda estamos sem medo de olhar.

—Há luzes— eu disse. —Isso faz a diferença. — Minha voz estava rouca, e eu engoli. —Embora eu suponha que até mesmo as estrelas estão queimando, de acordo com a Segunda Lei.

—Mmphm. Bem, suponho que os homens podem fazer todas as leis que eles queiram — disse, —, mas Deus fez a esperança. As estrelas não irão queimar. —Ele virou-se e, pegando meu queixo, me beijou suavemente. — E nem nós.

Os ruídos da cidade foram silenciados agora, embora ainda trevas não a sufocassem inteiramente. Ouvia vozes distantes e ao som de um violino: uma festa, talvez, de uma das casas da rua. E o sino de São Jorge bateu a hora com um pequeno e plano *bong!* Nove horas. E tudo está bem.

—É melhor eu ir e ver ao meu paciente— eu disse.

### ***Capítulo 119 - Ai de mim, pobre Yorick!***

*17 setembro, 1778 Middlebrook acampamento, New Jersey*

Duas noites mais tarde, William ficou na beira de um vale escuro, vendo uma lua crescente torta lançar sua luz sobre o acampamento de Middlebrook. Seu coração estava batendo em seus ouvidos e ele estava

respirando rápido, suas mãos apertadas em torno do punho da pá ele teria acabado de roubar.

Ele foi correto em sua avaliação de ser bem-vindo. Ele mudou seu sotaque para áspero passando por um jovem imigrante da Inglaterra interessado em aderir às tropas de Washington, e foi convidado para se juntar à família de Hamilton para a ceia e recebeu uma cama para a noite. No dia seguinte, ele caminhou até o acampamento de Middlebrook com o filho mais velho Hamilton, um homem da sua idade, onde ele foi apresentado a um capitão Ronson, um dos poucos oficiais que ainda estava lá.

Uma coisa levou a outra, e, aos poucos, ele dirigiu a conversa para a batalha em Brandywine Creek e daí para os prisioneiros de guerra britânicos... E, eventualmente, ele foi levado para o pequeno terreno enterro que estava diante dele agora.

Ele foi cauteloso sobre Ben, mencionando o seu nome apenas casualmente entre vários outros conhecidos na família, dizendo, que ele ouviu na batalha. Alguns dos homens que ele falou não reconheceu o nome em tudo; dois ou três, disse, oh, sim, o visconde Inglês, prisioneiro, alojados com uma família chamada Tobermory, sujeito muito civil, uma vergonha que ele morreu...

E um homem, um tenente Corey, disse a mesma coisa, mas seus olhos piscaram um pouco quando ele disse isso. William foi sábio o suficiente para abandonar o assunto de uma vez, mas procurou o Capitão Benjamin Grey com outra pessoa, muito mais tarde e de audição de Corey.

—Ele está enterrado perto?— Ele perguntou, com uma suposição razoável de preocupação casual. —Eu conheço sua família. Gostaria de ser capaz de escrever para eles, diga a eles que eu visitei, você sabe...

Levou algum esforço; o solo enterrando estava bem do lado de fora do acampamento, em uma pequena colina arborizada, e enquanto alguns dos túmulos estavam cuidadosamente classificados, outros eram escavados às pressas, e muitos estavam sem identificação. Seu companheiro não estava ocupado, no entanto, e de uma tez útil; ele foi desenterrado e contado como ajudante nos mortos listados e, com algumas mordidas, eventualmente, levou William para um monte achatado com um pedaço de ripa preso nele, sobre a qual estava GREY riscado com um prego.

—Sorte que veio antes de mais um inverno chegar a ele, — seu companheiro comentou, puxando a ripa fora e examiná-la criticamente. Ele

balançou a cabeça, enfiou a mão no bolso, e, buscando um lápis de grafite, reforçado com o nome forte, traços de lavagem antes de empurrá-lo de volta para a Terra. —Talvez isso vá durar um pouco, caso a família queira criar uma pedra.

—Isso é... Muito bem de você — William disse, sua apertada garganta. —Eu vou contar a sua família sua bondade. —, mas ele não podia chorar por um homem que ele teoricamente não conhecia e assim engoliu suas emoções e afastou-se, encontrando algo comum para falar sobre quando fizeram o seu caminho ladeira abaixo.

Ele *choraria* em particular, depois, inclinando-se contra a maior parte reconfortante da égua, a quem ele chamou Miranda. Ela não era alegre, mas ela era um bom cavalo, e apenas bufava um pouco e muda seu peso para dar apoio.

Ele estava insistindo teimosamente em si mesmo que devia ter algum engano. Ben *não podia* estar morto. Essa crença foi sustentada pela recusa completa de tio Hal a acreditar que a notícia. E era plausível; tudo o que Ezequiel Richardson estava fazendo, ele quis dizer nada de bom para os Greys.

Mas ali estava o túmulo de Ben, silencioso e lamacento, salpicado com as primeiras folhas amareladas de setembro. E tudo ao seu redor estava em decomposição, os corpos de outros homens alguns prisioneiros, alguns frequentadores Continentais, alguns das milícias... Igual, e igualmente sozinhos na morte.

Ele jantou naquela noite com os Hamiltons, novamente, respondeu automaticamente à sua conversa, mas preocupado com a sua própria miséria e o pensamento da maior miséria por vir quando ele teria que voltar a Nova York e contar a seu pai e tio Hal...

William pediu licença aos Hamiltons na manhã seguinte, consignando os restos do cervo para eles, e seguiu pela estrada estreita por seus bons desejos e esperanças que iria vê-lo novamente com o General Washington, quando as tropas voltassem para a Middlebrook no inverno. Ele fez isso várias milhas abaixo da montanha, arrastando o seu espírito por trás dele, quando ele parou para mijar.

Ele estava caçando uma vez com Ben, e eles pararam assim; Ben disse uma piada particularmente escabrosa, e ele riu tanto que ele não conseguia urinar e Ben urinou em seus sapatos, que os fez rir tanto mais duro, e...

—Putá que pariu— disse em voz alta, e, abotoando as moscas, carimbado de volta para Miranda e virou-se na sela. —Sinto muito, moça— disse, controlando a cabeça para enfrentar subidas. —Nós estamos voltando.

E ali estava ele, oscilando entre a convicção de que esta era uma loucura e o fato gritante que não ter nada mais que pudesse fazer além de voltar para Nova York, e ele não faria isso e até menos que ele não tivesse outra escolha. Pelo menos ele pode ser capaz de salvar uma mecha de cabelo de Ben para a tia Minnie...

Esse pensamento fez querer vomitar, mas ele tocou a faca em sua cintura, pegou uma retenção mais firme da pá, e fez o seu caminho cuidadosamente por entre as sepulturas.

O luar estava claro o suficiente para encontrar a pé, mas não para ler a maioria dos marcadores. Ele teve que se ajoelhar e correr o polegar sobre vários antes de sentir as letras GREY.

—Certo— ele disse em voz alta. Sua voz soou pequena e embargada, e ele limpou a garganta e cuspiu de lado, e não sobre o túmulo. —Certo— ele disse de novo, com mais força, e, de pé, pegou a pá e dirigiu-se para dentro da terra.

Ele começou perto do que ele achava que devia ser o chefe, mas cavou do lado o pensamento dirigindo a pá para baixo o rosto de Ben surgindo em sua mente. A sujeira era macia e úmida, com chuva recente, mas era um trabalho pesado, e apesar do frescor da noite na montanha, ele estava encharcado de suor antes que ele cavasse um quarto de hora. Se Ben morreu de febre no acampamento, como se dizia e chegaram a pensar, isso era sensato? Ele não esteve na paliçada com os homens alistados. Como um oficial, ele teria sido alojado com Tobermorys. Quando pegou a febre? Mas ainda assim, se ele tivesse, em seguida, outros teriam morrido ao mesmo tempo; era uma espécie de mal infeccioso da peste, ele sabia muito.

Mas se *que* fosse verdade, então uma série de outros homens estariam enterrados ao mesmo tempo, e sepultado às pressas, para evitar o contágio dos corpos. (Oh, *lá* isso não era uma boa ideia: ele pode estar abrindo uma cova cheia de peste...) De qualquer forma, se fosse esse o caso, os túmulos seriam rasos.

Este era. Sua pá bateu em algo mais duro do que a sujeira, e ele parou de repente, os músculos tremendo. Ele engoliu em seco e voltou pá, mais cautela.

O corpo estava envolto em um manto de pano de saco grosseiro. Ele não podia ver, mas sondando com os dedos disse isso. Agachado, ele cavou com as mãos, desenterrando o que ele esperava era o chefe. Seu estômago se apertou e ele estava respirando pela boca. O fedor era menos do que ele esperava, mas ainda definitivamente lá.

*Oh, Deus. Ben...* Ele estava amamentando a esperança de que o túmulo estava vazio.

Acariciando e sondando, ele virou e respirou fundo, sentindo a borda da mortalha. Se estivesse costurada? Não, a vantagem estava solta.

Ele pensou em trazer uma tocha, mas descartou a ideia, pois não queria correr o risco de detecção. No geral, ele estava feliz que ele não fez. Ele limpou a sujeira de suas mãos em suas calças e retirou o pano de saco suavemente para trás, fazendo uma careta quando ele ficou preso na pele por baixo. Ela se soltou com um som horrível, áspero, e ele quase deixou cair e correu. Mas ele preparou-se e tocou o rosto do homem morto.

Não era tão terrível como ele pensou que poderia ser; o corpo parecia em grande parte ainda intacto. *Quanto tempo leva um homem para a terra comê-lo antes que ele apodreça?* O que o coveiro disse em resposta de nove anos? Bem, então... Ele viu *Aldeia* com Ben e Adam, em Londres...

William lutou por uma vontade louca de rir e sentiu-se suavemente sobre as características mortas. O nariz era largo e atarracado, não bicudo e afiado, mas sem dúvida, o processo de decadência de Ben... Ele deslizou os dedos sobre a testa, pensando para ver se um bloqueio apresentável de cabelo tivesse e parou, sem respirar.

O cadáver estava faltando uma orelha. Caramba, estava faltando *as duas* orelhas. Olhou mais uma vez, ambos os lados, sem conseguir acreditar. Mas era verdade, e as orelhas desapareceram há algum tempo; mesmo com a sensação desagradável de folga a carne em decomposição, os sulcos de tecido cicatricial eram diferentes. Um ladrão.

William sentou-se nos calcanhares e inclinado para cima de sua cabeça, deixando escapar um enorme suspiro. Sentiu-se tonto, e as estrelas pareciam pequenos cata-ventos em sua visão.

—Jesus— ele respirou, inundado de alívio, gratidão e rastejando horror. —Oh, Jesus, obrigado! E, oh, Cristo — acrescentou ele, olhando para o estranho invisível no túmulo de Ben, —*agora* o quê?

## ***Capítulo 120 - Um Crepitar de Espinhos***

18 setembro, 1778 Filadélfia

Eu tive um sonho agradavelmente incoerente envolvendo folhas de outono e vaga-lumes. Os vaga-lumes estavam vermelhos, em vez de verdes, e estavam flutuando para baixo através das árvores como as faíscas ao vivo, e onde eles roçaram as folhas amarelas, as bordas douradas e enroladas como as folhas pegando fogo. Fumaça enrolado para cima por entre as árvores, preguiçosa contra um céu da noite, pungente como tabaco, e eu estava caminhando por baixo, fumando um cigarro com Frank...

Acordei confusa, pensando como era bom ver Frank novamente, seguido por abruptamente *Sonhos não tem cheiro, não é?* juntamente com *Eu não fumo*, E, em seguida...

—Jesus! Estamos pegando fogo! —Sentei-me, em pânico e me contorcendo para sair dos lençóis. Fumaça já estava grossa no sótão, à deriva em camadas acima da minha cabeça, e Jamie estava tossindo, agarrando o meu braço e me arrastando antes que eu pudesse localizar todos os meus membros.

—Rápido— disse, rouco como um corvo. —Não espere para vestir, desça!

Eu não vesti, mas me aproveitei da minha anágua e puxei sobre minha cabeça enquanto eu rastejei em direção à borda do loft. Jamie tinha a escada sobre a borda quando cheguei nele e já estava iniciado para baixo, gritando em alta voz, rachado.

Eu podia ouvir o fogo. Ele sacudia e estalava, e o cheiro de cinza de papel em chamas e o cheiro de entretelas chamuscado era espessa no ar.

—Na gráfica — Eu engasguei, aproximando com Jamie na cozinha. —É na gráfica. As Bíblias estão se queimando e fundindo...

—Pegue as crianças. — Ele correu pela cozinha, as fraldas da camisa voando, e fechou a porta que dava para a tipografia, da qual a fumaça vinha formando as nuvens. Eu corri para o outro lado, para a sala que servia a Fergus e Marsali como sala e quartos de dormir, com um loft menor de cima, onde as bairns e Jenny dormiam.

A porta estava fechada, graças a Deus. A fumaça ainda não chegando a eles. Eu abri, gritando: —Fogo! Fogo! Levante-se, levante-se! —E corri para a escada para o sótão, ouvindo Fergus xingar atrás de mim em francês e Marsali se confundir— O quê? *O quê?*

Minhas mãos suavam e caíram no corrimão de madeira lisas da escada.

—Jenny! Germain! —Eu berrava ou tentava. Fumaça estava à deriva, também aqui, no alto sob o telhado, e eu estava tossindo, os olhos e coriza.

—Jo-hoan!

Havia um pequeno estrado, duas pequenas bossas sob os lençóis. Corri para a cama, jogando as cobertas. Joan e Félicité estavam enroladas juntas, camisola de Félicité levantada para mostrar um pouco da parte inferior. Agarrei-a pelos ombros, sacudindo-a e tentando falar com calma.

—Meninas, meninas! Você tem que se levantar. Agora mesmo. Você pode me ouvir, Joan? Acorde!

As pálpebras de Joan vibraram, e ela estava tossindo, virando a cabeça para lá e para cá para escapar da fumaça, os olhos teimosamente fechados. Félicité normalmente dormia como os mortos, e esta noite não era exceção; balançava a cabeça como uma boneca de pano, quando eu a sacudi.

—O quê? O que é isso? —Jenny estava lutando fora das colchas sobre seu catre no canto.

—Estamos pegando fogo!— Eu gritei. —Apreste para ajudar!

Ouvi um barulho de craqueamento da cozinha e um grito de Marsali. Eu não sabia o que aconteceu, mas no desespero peguei Félicité fora da cama, ainda a gritar com Joan para acordar, pelo amor de Deus!

Eu senti a vibração da escada contra o loft e Jamie estava lá, arrebatando Joan para fora da cama.

—Os rapazes, onde estão os rapazes?— Perguntou ele com urgência. Na frenética necessidade de acordar as meninas, eu esqueci Germain e Henri-Christian. Olhei em volta em um torpor urgente; havia um colchão fino no chão, achatado e amassado por corpos, mas nenhum sinal dos meninos.

—Germain! Joan! Henri-Christian! —O rosto de Marsali apareceu ao longo da borda do loft, pálida de medo. —Félicité !— Em um instante, ela estava comigo, tendo Félicité comigo. A menina estava tossindo e lamentando-se, começando a chorar.

—Está tudo bem, *a nighean*, está tudo bem; você está segura, sim? — Marsali estava acariciando suas costas, tossindo como a fumaça espessa. — Onde estão os meninos?

Jamie empurrou Jenny na escada e estava seguindo para baixo, Joan estendida sobre seu ombro, pés pequenos rosa chutando com urgência.

—Vou encontrá-los!— Eu disse, empurrando Marsali em direção à escada. —Leve Félicité para baixo!

Algo na gráfica explodiu com uma alta *lufada* provavelmente um barril de tinta, feitos com verniz e fuligem. Marsali suspirou, agarrou Félicité duro, e afundou para a escada. Comecei a procurar a fonte loucamente através dos pedaços de móveis e caixas e bolsas no sótão, chamando os nomes dos meninos entre acessos de tosse.

A fumaça estava muito pior agora; eu mal podia ver. Eu estava chutando meu caminho através dos cobertores, um penico cheio e outras coisas, mas não havia nenhum sinal de Henri-Christian ou Germain. Mesmo se tivessem sido superado pela fumaça, certamente...

—Sassenach!— Jamie estava de repente ali ao meu cotovelo. —Desce, desce! O fogo na parede; o loft vai cair a qualquer minuto!

—Mas...

Ele não esperou pelo argumento me pegou pela cintura e me virou para baixo na escada. Eu perdi meu pé e deslizei os últimos degraus, joelhos flambando quando bati no chão. A parede na minha frente estava iluminada, gesso quebrado e o movimento do fogo, brilhando ao longo das bordas das ripas. Jamie pousou ao meu lado com um baque que sacudiu o chão, agarrou meu braço, e nós corremos para a cozinha.

Eu ouvi um estalo rasgar e, em seguida, um estrondo que parecia em câmera lenta, como os suportes para o sótão das crianças cedendo e as madeiras descendo.

—Germain, — Eu engasguei. —Henri...

—Não aqui— disse Jamie, e balançou com tosse. —Fora, temos de sair. — O ar na cozinha era um pouco mais claro, mas não por muito. Estava quente o suficiente para selar os cabelos dentro do meu nariz. Olhos lacrimejando, fizemos o nosso caminho através da sala para a porta dos fundos, que hoje está aberta, e mais ou menos dando para o corredor atrás.

Marsali e Jenny estavam agachadas no quintal detrás da casa do outro lado da rua, as duas meninas agora acordadas e aderindo a elas, gritando.

—Onde está Fergus?— Jamie gritou, empurrando-me para Marsali. Ela apontou para o edifício em chamas, gritando algo que eu não podia ouvir sobre o barulho do fogo. Em seguida, houve um segundo de descanso no meio do ruído, e um longo zurro de pânico dividido ao ar da noite.

—Clarence!— Jamie girou sobre os calcanhares e correu para a pequena parada, pouco mais que um galpão ao lado do edifício principal. Corri atrás dele, pensando que talvez os meninos fossem se refugiar lá. Meus pés descalços escorregaram nas pedras, arrancando meus dedos dos pés, mas eu

quase não notei, meu coração batendo em meus ouvidos com medo, pulmões trabalhando para encontrar o ar fresco.

—Germain!— Eu ouvi o grito, desmaiado sobre o fogo, e me virei para ver uma sombra se movendo um pouco além da porta aberta para a cozinha. Fumaça estava derramando da porta em uma coluna branca e espessa, brilhante do fogo além. Tomei um grande gole de ar e mergulhei na fumaça, agitando os braços em uma vã tentativa de dissipar o suficiente para ver.

Um dos meus braços agitados atingiu algo sólido, porém, e Fergus desmoronou em mim, até agora superado com o calor e fumaça que ele não podia suportar. Agarrei-o sob os braços e arrastei para a porta com esse tipo de força que vem da determinação absoluta para não morrer.

Nós caímos no beco, e houve gritos que provaram ser dos vizinhos correndo para ajudar. Mãos me agarraram e me puxaram para fora. Eu podia ouvir Fergus, ofegando e soluçando, lutando contra as mãos úteis, desesperadamente coaxando pelos nomes de seus filhos.

Através das lágrimas nos olhos, vi o telhado em chamas estável e Jamie trazendo Clarence para fora, a manga arrancada de sua camisa envolvida em volta dos olhos da mula.

E então eu ouvi um grito que subiu acima de todo o barulho, fogo, vizinhos, zurro de Clarence. Marsali levantou-se em linha reta, olhos e boca em O com horror, olhando para cima.

A porta de carregamento, que levava para o sótão da cozinha estava aberta, fumaça e faíscas fumegantes para fora, e no meio estava Germain, arrastando Henri-Christian pela mão.

Ele gritou alguma coisa, mas ninguém podia ouvir acima do barulho. Houve um abafado *estrondo* do sótão como outro barril estourando, e o fogo brilhando de repente como as pilhas de papel preso marcando a silueta dos meninos na porta.

—Pule! Pule! —Jamie estava gritando, e todo o resto do beco estava gritando, também, as pessoas empurrando uns aos outros na tentativa de começar por baixo, para ajudar. Germain olhou freneticamente para lá e para cá; Henri-Christian estava em pânico, lutando para voltar para o loft. A corda usada para levantar e abaixar as cargas de uma carroça de espera estava ali, quase ao alcance. Germain viu e soltou Henri-Christian por um instante para alcançá-la, agarrando-se a borda do batente da porta.

Ele fez, e um suspiro atravessou a multidão. Seu cabelo loiro estava em pé no vento do fogo, em torno de sua cabeça como chamas, e por um

instante eu pensei que *era* as chamas.

Henri-Christian, tonto por causa da fumaça, havia caído no batente da porta e estava agarrada a ele. Ele estava com muito medo de se mover; Eu podia vê-lo balançando a cabeça quando Germain veio para ele.

—Jogue-o, Germain! Jogue seu irmão! —Fergus estava gritando o mais alto que podia, com a voz embargada com a cepa e várias outras vozes se juntou dentro— Jogue-o!

Eu vi o queixo de Germain definir duro, e ele arrancou Henri-Christian soltando do batente, pegando e agarrou com um braço, enrolando a corda em torno do outro.

—Não!— Jamie gritou, vendo. —Germain, *não* —Mas Germain inclinou a cabeça sobre o seu irmão, e eu pensei que eu vi seus lábios se movem, dizendo: —*Segure-se firme!*— E então ele saiu para o ar, às mãos agarrando-se à corda, pernas atarracadas de Henri-Christian envolta de suas costelas.

Foi o que aconteceu de imediato e tão lentamente. As pernas curtas de Henri-Christians perderam a aderência. A pegada de Germain não conseguiu, pois o menino já estava caindo, os braços estendidos, em uma meia cambalhota no ar enfumaçado.

Ele caiu em linha reta através do mar de mãos erguidas, e o som quando sua cabeça bateu no calçamento era o som do fim do mundo.

## ***Capítulo 121- Andando em Carvões***

*19 de setembro de 1778 Filadélfia*

Mesmo quando o mundo acabar, as coisas ruins continuam *acontecimento*. Você simplesmente não sabe o que fazer com elas.

Tudo cheirava a fumaça e chamas. O ar, o meu cabelo, a pele de Jamie, o vestido mal ajustado que alguém me deu... Até a comida tinha gosto de cinzas. Mas, então, seria, não é? Eu refleti. Não importava; Eu não podia comer mais do que o bocado ou dois exigido pela polidez.

Ninguém dormiu. A tipografia queimou até o chão até altas horas da madrugada; não havia nada a ser feito, mas para vencer fora brasas voando e acabar com faíscas em um esforço para preservar as casas próximas. Por misericórdia, não era uma noite ventosa.

Os vizinhos nos deram abrigo, roupas, comida e simpatia abundante. Nada disso parecia real, e eu esperava em uma espécie vaga de maneira que esse estado de coisas fosse continuar, mesmo que eu sabia que não podia.

O que parecia real, porém, era à pequena coleção de imagens vivas que foram marcadas a ferro, literalmente, na minha mente durante a noite. Os pés descalços de Henri-Christian, sujo com a sola grande em comparação com as pernas, saindo debaixo da saia de sua mãe enquanto ela o embalava, balançando para lá e para cá, envolto em uma dor muito densa para qualquer som escapar dela. Germain, soltando a corda em uma tentativa frenética de voar depois que seu irmão, caindo como uma pedra nos braços de Fergus. Fergus agarrando Germain tão duro contra ele que devia ter machucado os dois, o seu gancho reluzente contra Germain de volta manchado de fuligem.

Os meninos estavam dormindo no telhado. Havia um pequeno alçapão no teto do loft, que ninguém lembrou no pânico do fogo.

Quando Germain começou finalmente a falar, em algum momento na direção do amanhecer, ele disse que saiu para estar no fresco e olhar para as estrelas. Eles haviam caído no sono e não acordaram até começarem a se sentir quente e então fumaça estava enrolando-se através das rachaduras do alçapão. Eles se deparam com o telhado do outro lado, onde um alçapão semelhante deixava para o sótão da impressão. Metade do sótão caiu e o resto estava em chamas, mas eles andaram por meio da fumaça e escombros para a porta de carregamento.

—Por quê?— Ele chorou, passou de um conjunto de armas para outro, ignorando todas as palavras fúteis de aspirantes a conforto. —Por que eu não o segurei! Ele era muito pequeno; ele não conseguia segurar.

Apenas sua mãe não o abraçou. Ela segurou Henri-Christian e não deixou ir até a luz do dia vir e por pura exaustão afrouxou seu alcance. Fergus e Jamie aliviaram o corpo pequeno robusto de sua mão e tiraram para ser lavado e vestido decentemente para o longo negócio de ser morto. Então Marsali veio encontrar seu filho mais velho, o tocou suavemente em seu sono amortecido, triste.

O reverendo Figg veio mais uma vez vem em nosso auxílio, uma pequena figura elegante em seu terno preto e branco gola alta, oferecendo a sua igreja para a realização de velório.

Eu estava sentada na igreja, agora, no meio da tarde, sozinha, em um banco com as costas contra a parede, sentindo o cheiro de fumaça e

tremendo de forma intermitente com ecos de chama e perda.

Marsali estava dormindo na cama de um vizinho. Eu a coloquei com suas filhas enroladas em ambos os lados, Félicité chupando o dedo, olhos negros redondos vigilantes como os de sua boneca de pano, fortuitamente salva das chamas. Então, algumas coisas sobreviveram. Lembrei-me da angústia constante de perda após o pedra da Casa Grande queimando, pegando algo e percebendo que não estava lá.

Jenny, cansada com a cor cinza-branco de osso resistido, foi se deitar na casa dos Figgs, seu rosário nas mãos, as contas de madeira de correr suavemente por entre os dedos enquanto caminhava, seus lábios se movendo em silêncio; eu duvidava de que ela iria parar de orar, mesmo durante o sono.

As pessoas iam e vinham, trazendo coisas. Mesas, bancos extras, pratos de comida. Flores de final de verão, rosas e jasmim e início das hastes azuis, e pela primeira vez, as lágrimas corriam pelo meu rosto a esta lembrança perfumada do casamento realizado aqui tão pouco tempo antes. Eu pressionei um lenço de um estranho em meu rosto, porém, não querendo que ninguém visse e sentisse que eles deviam tentar me confortar.

O banco ao meu lado rangeu e moveu, e eu espreitava por cima da borda do meu lenço para ver Jamie ao meu lado, vestindo um terno gasto que claramente pertencia a um soldado que tinha uma banda em volta da manga do casaco lendo 82 e com a sua cara lavada, mas as espirais de suas orelhas ainda exibindo a face de fuligem. Ele pegou minha mão e segurou-a firmemente, e eu vi as bolhas nos dedos, algumas frescas, algumas explodindo e desfiando pelo esforço para salvar o que poderia ser salvo do fogo.

Ele olhou para frente da igreja, para o que não poderia ser salvo, então suspirou e olhou para as nossas mãos entrelaçadas.

—Tudo bem, moça?— Sua voz era rouca, sua garganta crua e como minha própria engasgada de fuligem.

—Sim— eu disse. —Você já teve alguma coisa para comer?— Eu já sabia que ele não dormiu.

Ele balançou a cabeça e recostou-se contra a parede, fechando os olhos, e eu senti o relaxamento de seu corpo em exaustão momentânea. Havia coisas ainda a serem feitas, mas apenas por um momento... Eu queria vestir suas mãos, mas não havia nada para vesti-las. Eu levantei a mão que ele segurou e beijei seus dedos.

—O que vocês pensam que acontece quando vocês morrem— ele perguntou de repente, abrindo os olhos e olhando para mim. Seus olhos estavam vermelhos como um saco de esmeril.

—Eu não posso dizer que eu realmente pensei sobre isso— eu respondi, surpreso. —Por quê?

Ele esfregou dois dedos lentamente entre as sobrancelhas; pensando a partir de seu olhar sua cabeça devia estar doendo.

—Eu só perguntei se é assim. — Ele fez um breve gesto, abrangendo a sala meio vazia, as pessoas bem-intencionadas indo e vindo em sussurros, os enlutados estando, branco de rosto e flácidos como sacos de lixo, mexendo-se com um visível esforço somente quando falavam. —Se você não sabe o que fazer, e não quer fazer nada. Ou gostaria de ir dormir e acordar em um novo lugar fresco e querendo sair de uma vez e ver o que é?

—De acordo com o padre O'Neill, inocentes estão apenas na presença de Deus imediatamente. No limbo, sem purgatório. Assumindo que eles foram devidamente batizados — acrescentei. Henri-Christian, de fato foi batizado e, como ele ainda não tinha sete anos, a Igreja entendeu que ele não tinha senso suficiente de motivo para cometer pecados. Logo...

—Eu conheço as pessoas na casa dos cinquenta que tiveram menos sentido do que Henri-Christian— eu disse, limpando o nariz, pela milésima vez. Minhas narinas estavam tão cruas como minhas pálpebras.

—Sim, mas eles têm mais capacidade para causar dano por sua tolice. — Um leve sorriso tocou sua boca. —Eu pensei que eu estava morto no campo Culloden; eu disse isso a você?

—Eu não acho que você fez. Sob as circunstâncias, acho que teria sido uma suposição razoável, porém, você quase foi?

Ele balançou a cabeça, os olhos fixos no assoalho.

—Sim. Se eu tivesse sido capaz de olhar em volta, eu deveria ter sabido melhor, mas meus olhos estavam selados pelo sangue. Era tudo vermelho e escuro, então eu acho que eu estava no purgatório e só teria que esperar até que alguém desse a volta para me castigar. Depois de um pouco, eu estava entediado e achei que era parte da punição. —Ele olhou para o pequeno caixão em seu banco na frente da sala. Germain sentado perto, com uma mão sobre a sua tampa. Ele não se moveu pela última meia hora.

—Eu nunca vi Henri-Christian entediado— eu disse em voz baixa, depois de um momento. —Nem uma única vez.

—Não— disse Jamie suavemente, e pegou minha mão. —Eu não acho que ele nunca esteve.

A língua gaélica têm o seu próprio ritmo. Fergus e Marsali entraram silenciosamente ou menos uma hora depois e sentaram juntos no primeiro banco, de mãos dadas perto do caixão, mas à medida que mais pessoas vieram, os homens gradualmente cercaram Fergus, absorvendo-o, tanto quanto uma gangue de fagócitos cercando um micróbio, levando junto com eles, e depois de um tempo, como acontece normalmente em tais situações, a metade dos homens estavam em um lado da sala, conversando em voz baixa, e os outros do lado de fora, incapaz de suportar ambientes fechados e emoção exigente mas querendo emprestar a sua presença e simpatia.

As mulheres em aglomerados, primeiro perto de Marsali, abraços e choro, então se reunindo em pequenos grupos com seus amigos, à deriva de volta para as mesas para reorganizar as coisas ou colocar mais pão ou bolos. Josias Prentice veio com seu violino, mas deixou-o em sua caixa por enquanto. O fumo do tabaco dos cachimbos dos homens flutuando através da igreja em suaves nuvens azuis. Fazendo cócegas inquietas na parte de trás do meu nariz, também uma reminiscência do fogo para o conforto.

Jamie deixou-me com um breve aperto de mão e foi falar com Ian. Eu vi os dois olharem para Germain; Ian balançando a cabeça e mudando em silêncio ao seu sobrinho, colocando as duas mãos em seus ombros. Rachel pairou perto, olhos escuros vigilante.

O banco ao meu lado rangeu, e Jenny se sentou. Sem palavras, ela colocou o braço sobre meu ombro, e igualmente sem palavras, eu dobrei a minha cabeça para ela e chorei um pouco, não só por Henri-Christian, mas pelos bebês que cada um de nós perdemos, minha natimorta Faith, seu bebê Caitlin. E por Marsali, agora se juntando a nós neste parentesco triste.

A noite atraiu, cerveja e cervejas foram derramadas, alguma bebida mais forte foi levada para fora, e o clima sombrio do encontro levantando um pouco. Ainda assim, era o velório de uma criança e de uma vida interrompida; não poderia haver o sentido de memória compartilhada e risos que poderiam ter por um homem que viveu uma vida plena e cujos amigos vieram para compartilhar em sua morte.

Josias Prentice tocou seu violino, mas em silêncio, misturou lamentos com melodias calmas e um hino ocasional; não haveria muito de cantar esta noite. Eu queria de repente e violentamente que Roger estivesse aqui. Ele talvez tivesse sabido o que dizer, em uma situação onde não havia nada que

se pudesse dizer. E mesmo com sua voz arruinada, ele teria conhecido uma canção para cantar, uma oração para oferecer.

Padre O'Neill da Igreja de St. George veio com muito tato em vista pelo casamento heterodoxo Quaker de um mês antes, e ficou conversando perto da porta com Fergus e alguns outros homens.

—Pobre criança— disse Jenny, sua voz rouca pelas lágrimas, mas constante agora. Ela estava segurando a minha mão, e eu a dela e ela não estava olhando para o caixão, mas para Fergus. —Seus bairns significam tudo para ele, e, especialmente, o nosso homem pequenino. — Seus lábios tremeram, mas ela apertou junto e endireitou as costas.

—Você acha que Marsali querera mais — ela disse muito baixinho, olhando para Marsali, com Joan e Félicité agarradas a suas saias, cabeça de Joan no colo. A mão da mãe repousando sobre seu cabelo, alisando suavemente.

—Eu não acho— eu disse, tão suavemente.

Ela assentiu com a cabeça, e sua mão se contraiu meio escondida nas dobras de sua saia, fazendo chifres contra o mal.

Mais pessoas chegaram. O Congresso estava reunido na Filadélfia, e vários delegados que fizeram negócios com Fergus chegaram. Jonas Phillips e Samuel Adams estavam ambos lá, conversando à mesa de refrescos. Em um quadro diferente da mente, eu poderia ter me maravilhado com estar no mesmo quarto com dois signatários da Declaração de Independência, mas, afinal de contas, eles eram apenas homens, embora eu pegasse gentilmente que eles viriam.

Procurei Germain todos os poucos minutos; agora ele estava de pé pelas mesas com Ian, bebendo algo de um copo. Pisquei e olhei de novo.

—H... quero dizer, bom Senhor Jesus. Ian deu a Germain cherry!

Jenny olhou para os lábios vermelhos brilhantes de Germain, e uma aljava de diversões percorreu.

—Não consigo pensar em nada melhor para o rapaz agora, não é?

—Bem... Não. —Levantei-me, sacudindo minhas saias. —você quer um pouco?

—Eu quero— disse, e levantou-se com entusiasmo. —E talvez uma mordida pequenina, também. Vai ser uma longa noite; vamos precisar de um pouco para nos sustentar, sim?

Era melhor ir e se mover. A névoa de tristeza ainda anestesiava a sensação, e eu não olhei para frente a sua passagem, mas ao mesmo tempo...

Eu percebi que eu *estava* com fome agora.

O sentimento na sala mudou gradualmente, desde o primeiro impacto de choque e tristeza, para apoio reconfortante para a família, e agora para falar mais geralmente. O que estava, eu percebi, inquieta, começando a concentrar na especulação sobre o que ou quem causou o fogo.

No choque e tristeza do evento, nenhum de nós falaram sobre isso, mas mesmo através desse entorpecente nevoeiro, a pergunta insidiosa pairava como uma sobrecarga de morcego: Por quê? Como? E... Quem?

Se alguém. O fogo era uma praga comum em um momento em que cada agregado familiar tinha lareiras abertas, e uma tipografia, com o seu tipo de forja e seu estoque de produtos inflamáveis, era ainda mais vulneráveis um simples acidente. Uma janela aberta, uma brisa perdida, papéis soltos soprando uma brasa... cuspiendo de uma agarrando fogo mal sufocando...

E, no entanto.

A memória da carta anônima flutuando pesadamente na superfície da minha mente. *Sua casa está em chamas e seus filhos se foram...*

E os jovens que me seguiram desde Chestnut Street, o arrancar furtivo e provocação sussurrada. Deus, eu poderia ter trazido a sua inimizade para a porta de Fergus?

Jamie veio para ficar ao meu lado de novo, firme e sólido como uma rocha, e entregou-me uma chávena de volta de cherry. Era como beber um xarope muito forte para a tosse, mas era inegavelmente órtese. Até o ponto em que você caía insensível, pelo menos. Vi que Germain deslizou lentamente pela parede; Rachel ajoelhou-se ao lado dele e o segurou ao chão, em seguida, dobrou o xale e colocou sob sua cabeça.

A cherry tomou o lugar do nevoeiro; e pensei que a embriaguez fosse, provavelmente, uma melhoria, em geral.

—Sra. Fraser? —Uma voz estranha à minha esquerda me chamou a atenção da contemplação confusa das profundezas vermelho-escuras do meu copo. Um jovem em roupas surradas estava de pé ao meu lado, um pequeno pacote na mão.

—É ela sim— disse Jamie, dando ao jovem um olhar inquisitivo. —Esta precisando de um médico? Uma vez que a...

—Oh, não, senhor— o jovem garantiu, obsequioso. —Disseram-me para dar na mão da Sra. Fraser, isso é tudo. — Ele me entregou e, com um arco curto, se virou e saiu.

Intrigada, e lenta, com fadiga, a dor e rejeição da cherry, Eu me atrapalhei com o laço, depois desisti e entreguei o pacote para Jamie, que estendeu a mão para a faca, não conseguiu encontrar a que ele tinha, é claro, perecendo no fogo e, com um lampejo de irritação, simplesmente arranquei a fita. A embalagem se abriu para revelar uma pequena bolsa de couro e uma nota, dobrada mas não selada.

Pisquei e olhei por um momento, em seguida, mergulhei a mão no meu bolso. Por um milagre, meus óculos estavam baixo, deixado para trás na cozinha quando eu os tirei enquanto cortava cebolas, e Jamie recuperou em sua incursão correndo para dentro da casa em chamas. A caligrafia elegante apareceu em uma clareza reconfortante.

*Sra. Fraser,*

*Eu não consigo pensar se minha presença seria bem-vinda e eu não quero me intrometer em uma dor tão privada. Não peço nada, nem Reconhecimento nem Obrigação. Eu peço que você me permita ajudar na única maneira que eu posso e que você não vai revelar a fonte desta Assistência ao mais jovem Sr. Fraser. Confio em sua descrição, como para uma pessoa idosa.*

Estava assinado, simplesmente, *P. Wainwright (Beauchamp)*.

Eu levantei minhas sobancelhas para Jamie e passei a nota. Ele leu, os lábios apertados juntos, mas olhou para Marsali e as meninas, agora agrupadas com Jenny, conversando com a Sra. Phillips, todas elas chorando baixinho. Em seguida, do outro lado da sala, para Fergus, ladeado por Ian e Rachel. Ele fez uma careta, muito brevemente, mas seus recursos definidos em resignação. Havia uma família para sustentar; ele não poderia, no momento, pagar seu orgulho.

—Bem, provavelmente não era ele, então— eu disse, com um suspiro, e colocou a pequena bolsa no bolso debaixo da minha saia. Anestesiada como eu estava, eu ainda me sentia um vago sentimento de alívio por isso. Tudo o que ele poderia ser, poderia ter feito, ou talvez a intenção, eu ainda gostava do antigo Monsieur Beauchamp.

Eu não tinha tempo para considerar Percy ainda mais, porém, neste momento houve um tumulto entre as pessoas perto da porta, e, olhando para ver o que causou, eu vi George Sorrel entrando.

Era evidente à primeira vista que o dono da taverna se valeu de sua própria mercadoria, possivelmente como um meio de ter sua coragem, pois

ele estava balançando levemente, com os punhos cerrados ao lado do corpo, olhando lentamente em volta do quarto, encontrando o beligerante olhar que o saudaram.

Jamie disse algo muito inadequado em uma casa de Deus sob sua respiração em gaélico, e encaminhou-se para a porta. Antes que ele pudesse alcançá-lo, porém, Fergus se virou para ver a causa da agitação e avistou Sorrel.

Fergus não mais sóbrio do que Sorrel, mas muito mais chateado. Ele endureceu por um instante, mas depois se retirou livre as mãos agarrando seus partidários e se dirigiu para Sorrel, sem uma palavra, com os olhos vermelhos como um furão em caça e tão perigoso.

Ele bateu com o punho em Sorrel quando o homem estava abrindo sua boca. Instável como estavam, ambos cambalearam com o impacto, e os homens correram para separá-los. Jamie chegou a Sorrel e, agarrando o braço, empurrou-o para fora do local.

—Eu sugiro que vá, senhor— disse, educadamente, dadas as circunstâncias, e virou o homem com firmeza em direção à porta.

—Não— disse Fergus. Ele estava respirando como um trem, o suor escorrendo pelo rosto de giz branco. —Não vá. Pare e diga-me o porquê. Por que você veio aqui? Como se atreve a vir aqui? —Esta última foi proferida num grito rachado que fez Sorrel piscar e dar um passo para trás. Ele balançou a cabeça obstinadamente, porém, e se ergueu.

—Eu vim para oferecer a Sra. Fraser... condolências e dizer que sentia muito sobre seu filho— disse mal-humorado. —E você não é um curso para me parar, você seu filho francês da puta!

—Você não oferece a minha esposa nada— disse Fergus, tremendo de fúria. —Nada que você tenha? Quem pode dizer que você não colocou o fogo? Para me matar, para apoderar-se de minha esposa? *Salaud!*

Eu teria apostado dinheiro que Sorrel não sabia o que um *salaud* era, mas isso não importava; ele estava de cor de beterraba e investiu contra Fergus. Ele não alcançou, quando Jamie conseguiu agarrar o colarinho, mas não havia um som de cortar o pano e Sorrel parou, cambaleando.

Houve um estrondo pela sala, homens e mulheres que se recolheram em uma nuvem de desaprovação. Eu podia ver Jamie indo a si mesmo e, acomodando-se para transportar Sorrel fora antes que alguém além de Fergus desse um soco nele. Certa prontidão baralhou e sugeriu de um número de homens em mente.

E, em seguida, Rachel andou entre os dois homens. Estava muito pálida, embora um ponto vermelho queimado em cada face, e suas mãos estavam cerradas no tecido da saia.

—Será que realmente veio oferecer conforto, amigo?— Disse para Sorrel, com uma voz que tremeu só um pouco. —Porque, se é assim, deveria oferecê-lo a todos aqueles que são atendidos aqui para o bem da criança. Particularmente a seu pai.

Ela se virou para Fergus, chegando a colocar uma mão cuidadosa em sua manga.

—Você não vai ver sua mulher afligida ainda mais, eu sei— disse em voz baixa. —Será que não iria com ela agora? Por enquanto ela está grata pela presença de tantos populares, é só você que ela quer.

O rosto de Fergus mudou, angústia e fúria em guerra com a confusão. Vendo-o incapaz de decidir o que fazer ou como fazê-lo, Rachel se aproximou e tomou o braço, enfiando a mão na curva de seu cotovelo, e obrigou a virar e caminhar com ela, a multidão se despedindo na frente deles. Eu vi a curva da cabeça loira de Marsali quando ela levantou-se lentamente, seu rosto mudando enquanto observava Fergus andar.

Jamie respirou fundo e lançou a Sorrel.

—Bem— ele disse calmamente. —Fique ou vá. Como quiser.

Sorrel ainda estava um pouco ofegante, mas ele mesmo estava sozinho agora. Ele balançou a cabeça bruscamente, empertigou-se e ajustou o casaco rasgado. Em seguida, ele entrou no meio da multidão em silêncio, cabeça para cima, para dar suas condolências aos enlutados.

## ***Capítulo 122 - Solo Sagrado***

Apesar da generosidade dos vizinhos, havia muito pouco para embalar. Também não havia nenhuma razão para permanecer na Filadélfia. Nossa vida não terminou.

Não havia-especulação, sempre era considerável sobre a causa do fogo. Mas, depois da explosão no velório, um sentido de finalidade plano estabeleceu sobre todos nós. Os vizinhos continuariam a falar, mas entre a família havia um acordo tácito de que isso faria pouca diferença se o fogo foi puro acidente ou projeto de alguém do mal. Nada traria Henri-Christian de volta. Nada mais importava.

Jamie tomou Fergus para fazer os arranjos para a nossa viagem: não porque ele precisava de ajuda, mas como uma forma de manter Fergus em movimento, para que ele simplesmente não sentasse perto do pequeno caixão de Henri-Christian e nunca levantasse novamente.

As coisas eram mais fáceis e mais difíceis para Marsali. Ela tinha filhos para cuidar, bairns que precisavam de seu amor.

Rachel e eu arrumamos o que havia para embalar, compramos comida para a viagem, e tratamos com os detalhes finais de sair. Arrumei os detalhes do meu consultório e, com lágrimas e abraços mútuos, dei as chaves do número do 17 Chestnut Street a Sra. Figg.

E no início da tarde do dia seguinte ao acordar, nós pegamos um pequeno carrinho, engatado Clarence, e seguimos Henri-Christian para o túmulo.

Não houve qualquer discussão quanto ao sepultamento. Após o velório, Ian simplesmente se levantou e disse: —Eu sei onde ele precisa descansar.

Foi um longo caminho, talvez duas horas de caminhada fora da cidade. O calor esquentou no último, porém, o ar deslocado suavemente sobre nós, com o primeiro toque frio do outono. Não houve cerimônia para a nossa procissão; nada de lamentações em gaélico por uma vida abreviada, nenhuma das lamentações profissionais. Apenas uma pequena família, caminhando juntos pela última vez.

Nós deixamos a estrada ao sinal de Ian. Jamie desamarrou Clarence e mancando colocou-a para pastar, então ele e Fergus levantaram o caixão e seguiram Ian no sussurro das árvores, ao longo de um caminho pequeno e escondido feito pelos cascos dos veados, e assim por cima, para uma pequena clareira na floresta.

Havia dois grandes montes de pedras ali, na altura do joelho. Um menor, na borda da clareira, sob os galhos de um cedro vermelho. A pedra lisa estava contra ele, à palavra ROLLO riscado nela.

Fergus e Jamie colocaram o caixão, gentilmente. Joanie e Félicité pararam de chorar durante a longa caminhada, mas vê-las ali, tão pequenas e abandonadas, em frente ao pensamento de se afastar... Elas começaram a chorar em silêncio, agarrando-se duro uma na outra, e com a visão delas, a dor subiu em mim como uma fonte.

Germain estava segurando duro a mão de sua mãe, mudo e mandíbula apertada, sem lágrimas. Não em busca de apoio, dando, embora a agonia

mostrasse clara em seus olhos enquanto descansavam o caixão de seu irmão.

Ian tocou suavemente o braço de Marsali.

—Este lugar é santificado pelo meu suor e minhas lágrimas, prima— disse em voz baixa. —Deixem-nos santificar também por nosso sangue e deixe o nosso pequenino rapaz aqui seguro com sua família. Se ele não pode ir com a gente, vamos permanecer com ele.

Ele tomou a *sgian dubh* de sua bainha e desenhou em seu pulso, levemente, em seguida, colocou o braço por cima do caixão de Henri-Christian, deixando algumas gotas caírem sobre a madeira. Eu podia ouvir o som, como o início da chuva.

Marsali respirou entrecortadamente, ficou em linha reta, pegando a faca de sua mão.

## ***Parte VIII - Busca e Salvamento***

### ***Capítulo 123 - Quod Scripsi, Scripsi***

*De Sra. Abigail Bell, Savannah, Royal Colônia da Geórgia  
Para o Sr. James Fraser, Filadélfia, Colônia da Pensilvânia  
Querido Sr. Fraser,*

*Escrevo em resposta a sua da carta do dia 17 para informar que meu marido de seu retorno à América transmitiu a ele por um amigo em Wilmington.*

*Como você vai ver a partir da direção desta Carta, nós nos mudamos de Wilmington, Savannah o clima político da Carolina do Norte tendo-se tornado cada vez mais perigoso para Legalistas principalmente a meu marido dada a sua História e Profissão.*

*Quero assegurar que sua imprensa foi preservada em excelente estado de conservação, mas não está atualmente em uso. Meu marido contraiu uma grave malária logo após a nossa chegada aqui, e tornou-se evidente que sua doença era um surto periódico, ou do tipo. Ele passa um pouco melhor esses dias mas, é incapaz de sustentar o trabalho difícil do Comércio da impressão. (Vou acrescentar, se você pensa em estabelecer um negócio aqui, que, embora a Política do lugar seja muito mais agradável aos Legalistas com persuasão do que os das colônias do norte, uma*

*impressa estará exposta a muito ao dissabor, qualquer que seja suas crenças pessoais).*

*Sua prensa está atualmente armazenada no celeiro de um fazendeiro chamado Simpson, que mora a uma curta distância do lado de fora da cidade. Eu já a vi e ele garanti-me que o instrumento está limpo, seco (está embalado em palha) e protegido do tempo. Por favor, informar-me de seus desejos, se você quiser me vender a Imprensa e encaminharei o dinheiro para você, ou se você deseja vir buscá-la.*

*Estamos muito agradecidos por sua ajuda e bondade, e as meninas oraram por você e sua família a cada dia.*

*Sua mais Atenciosamente,*

*Abigail Sino*

*William Ransom, a Sua Graça Harold, Duque de Pardloe*

*24 de setembro de 1778*

*Caro tio Hal,*

*Você estará satisfeito em saber que o seu instinto paternal foi correto. Eu estou muito contente de dizer que Ben provavelmente não está morto.*

*Por outro lado, eu não tenho a menor ideia de onde diabo está ou porque está lá.*

*Foi-me mostrada uma sepultura no Acampamento Middlebrook em Nova Jersey, pretendia ser Ben, mas o corpo nela não é Ben. (É provavelmente melhor se você não souber como aquele pedaço de informação foi apurada).*

*Claramente alguém no exército Continental deve saber alguma coisa do seu paradeiro, mas a maioria das tropas de Washington que estavam no acampamento quando foi capturado. Há um homem que, eventualmente, produziu alguma informação, mas, além disso, a única ligação possível parece ser o capitão com os quais estão familiarizados.*

*Proponho, portanto, caçar o cavalheiro em questão, e extrair o que puder possuir de informações quando eu encontrá-lo.*

*Seu sobrinho mais obediente,*

*William*

*Lord John Grey, para Harold, Duque de Pardloe*

*Charleston, Carolina do Sul*

28 de setembro de 1778

Caro Hal,

Chegamos a Charleston por navio, há dois dias, depois de ter encontrado uma tempestade ao largo da Chesapeake que soprou-nos ao mar, atrasando-nos por vários dias. Tenho certeza que você não será surpreendido no mínimo, ao saber que Dottie é um marinheiro muito melhor do que eu.

Ela também mostra a promessa como um agente de investigação. A primeira coisa esta manhã, descobriu o paradeiro de Amaranthus Cowden pelo simples expediente de parar uma senhora bem vestida na rua, admirando seu vestido, e depois perguntar pelos nomes das melhores costureiras na cidade, em Assunção (como explicou mais tarde para mim) que Ben não teria casado ou uma mulher simples ou um sem interesse em moda.

A terceira loja que visitamos, de fato, se gabando de que a senhorita Cowden (ela chamava-se Sra. Grey, eles disseram, mas sabia que seu nome de solteira, como ela residia com uma tia chamada Cowden) era um cliente, e eles foram capazes de descrevê-la para mim como uma ligeira jovem mulher de meia altura, com uma excelente compleição, grandes olhos castanhos e cabelo abundante de um loiro-escuro. Eles não poderiam, no entanto, dar seu endereço, como a Senhora recentemente fugiu para o inverno com amigos em Savannah. (A tia irritantemente morreu, eu acho). Curiosamente, ela classificou a si mesma como viúva, para que aparentemente fosse informada e por quem? Eu gostaria de saber da morte presumida de Ben, em algum momento após a data de sua carta, caso contrário, certamente teria mencionado.

Eu também acho interessante que ela deva ser capaz de pagar os serviços de Madame Eulalie e estes para não pequena extensão; Consegui induzir Madame para me mostrar suas últimas notas, quando sua carta para que você professe que esteja em dificuldades financeiras devido à captura de Ben.

Se Ben está realmente morto e tanto a morte pela união provada, então, presumivelmente, ela herdaria alguma propriedade, ou pelo menos a criança. Mas não pode ter tomado essas medidas legais no período entre a sua carta e a presente; ele poderia facilmente levar tanto tempo apenas para enviar uma carta para Londres supondo que ela tivesse alguma ideia

*para quem devia ser enviada. E assumindo também que quem recebeu não seria imediatamente informado.*

*Oh, ela possuir um bebê, um menino, e como a criança é sua; Madame fez seus dois vestidos e um conjunto de anáguas para acomodar a gravidez. Naturalmente, não há como dizer se Benjamin é o pai da criança. Ela claramente pelo menos conheceu Bem ou possivelmente Adam; onde poderia ter conhecido Wattiswade como prova de qualquer casamento ou paternidade familiar, mas isso não faz.*

*Em tudo, uma mulher interessante, sua putativa cunhada. Claramente o nosso caminho está agora em direção a Savannah, embora isso possa exigir um pouco mais de esforço investigativo, como não sabemos o nome dos amigos com quem está se refugiado, e se ela é realmente pobre, não vai ser a compra de novos vestidos.*

*Espero convencer Dottie que não precisa me acompanhar. Ela está mais determinada, mas eu posso ver que anseia por seu médico Quaker. E se nossa busca pode ser muito prolongada... Eu não vou deixá-la para ser colocada em perigo, eu lhe asseguro.*

*Seu irmão mais carinhoso,*

*John*

*General Sir Henry Clinton, Comandante-em-Chefe para Norte América, para o Coronel Sua Graça Duque de Pardloe, 46º a pé Senhor,*

*Você está aqui ordenado e dirigido para montar e reajustar suas tropas de qualquer maneira que você julgar necessário, em seguida, para fazer junção com o tenente-coronel Archibald Campbell, para marchar sobre a cidade de Savannah na colônia da Geórgia, e tomar posse dela em Seu nome de Sua Majestade.*

*H. Clinton*

Harold, Duque de Pardloe, sentiu seu aperto no peito e tocou por sua ordem.

—Café, por favor, —disse ao homem. —Faça muito forte, e rapidamente. E traga o conhaque enquanto você estiver fazendo.

## **Capítulo 124 - Trazido a Você Pelas Letras Q, E, e D**

Era, claro, impensável que deveríamos vender Clarence.

—Você acha que ela pesa tanto quanto uma prensa? — eu perguntei, olhando para ele com ar de dúvida. Seu minúsculo estábulo ao lado da tenda sobreviveu ao fogo, e enquanto torcia o nariz e espirrava quando o vento levantava um cheiro de cinzas dos restos carbonizados da tipografia, não parecendo muito afetado.

—Muito mais, eu acho. — Jamie coçou a testa e passou a mão até o comprimento de uma longa orelha. —Você acha que mulas sofrem de enjoos?

—Eles podem vomitar?— Eu tentei lembrar se eu já vi um cavalo ou mula regurgitando em oposição a cair bocados piegas qualquer comiam, mas não poderia chamar de uma instância à mente.

—Eu não poderia dizer que eles podem, — Disse Jamie, pegando uma escova de dente e batendo nuvens de poeira a partir da ampla cinza a volta de Clarence, —, mas não faz, não.

—Então, como você sabe se uma mula está enjoada?— O próprio Jamie ficou violentamente enjoado, e eu me pergunto como estava indo gerenciar se nós íamos de navio; as agulhas de acupuntura que eu usei para acabar com sua náusea morrendo no incêndio, com tantas outras coisas.

Jamie me deu um olhar invejoso sobre o dorso de Clarence.

—Você pode não dizer se eu estou enjoado, mesmo quando eu não estou vomitando?

—Bem, sim, — eu disse suavemente, — mas você não está coberto de pelos, e você pode falar. Você fica verde e despeja suor e mente sobre, gemendo e implorando para ser morto.

—Sim. Bem, ficando verde, uma mula pode parecer extremamente bem, se estiver parecendo pálida e doente. E ela pode certamente fazê-lo quer matá-la.

Ele passou a mão pela perna de Clarence para pegar o casco esquerdo da frente da mula. Clarence forçou e colocou-se novamente muito solidamente, exatamente onde o pé de Jamie esteve um instante antes. Suas orelhas se contraíram.

—Por outro lado, — disse Jamie —Eu poderia fazer andar todo o caminho para Savannah, puxando um carrinho por trás. Pense sobre isso,

sim? —Ele saiu da tenda e fechou a lona, balançando-a para ter certeza de que estava bem fechada.

—Sr. Fraser! —Um grito no final do beco chamou sua atenção. Era Jonas Phillips, presumivelmente a caminho de casa para um jantar do meio-dia da sala de montagem, onde o Congresso Continental ainda estava trancado em luta. Jamie acenou de volta e, com um aceno de cabeça para mim, desceu o beco. Enquanto esperava por ele, eu voltei minha atenção para a confusão de itens que ocupam a outra metade do estável.

O pouco espaço que havia além de tenda de Clarence foi preenchido com as coisas que os vizinhos conseguiram resgatar dos restos dos impressos. Tudo isso tinha o fedor azedo de cinzas, mas alguns dos itens podiam ser reaproveitados ou vendidos, eu supunha.

A carta da Sra. de Bell causou certa reavaliação das nossas perspectivas imediatas. A imprensa de Fergus definitivamente pereceu nas chamas; a carcaça abandonada ainda estava lá, as peças de metal torcida de uma maneira que sugeria desconfortavelmente que a coisa morreu em agonia. Fergus não chorou; depois de Henri-Christian, eu não acho nada poderia fazê-lo chorar de novo. Mas ele desviou os olhos sempre que chegava perto das ruínas.

Por um lado, a perda da imprensa era terrível mas, por outro lado, que nos salvou do problema de transportar...

Bem, isso era outro problema. Onde estávamos indo?

Jamie me garantiu que estávamos indo para casa de volta para Ridge. Mas era final de setembro, e até mesmo se encontramos o dinheiro para pagar a passagem para muitas pessoas e Clarence, éramos afortunados o suficiente para não afundar ou ser capturados por um cortador de Inglês... Nós nos separaríamos de Fergus e Marsali em Wilmington, em seguida, íamos até o rio Cape Fear no sertão da Carolina do Norte, deixando Marsali, Fergus, e as crianças para irem sozinhos para Savannah. Eu sabia que Jamie não queria fazer isso. Em toda a honestidade, nem eu.

A pequena família estava sobrevivendo, mas não havia dúvida de que a morte de Henri-Christian e o fogo os deixaram gravemente feridos. Especialmente Germain.

Você podia vê-lo em seu rosto, até mesmo na maneira como andava, não mais alegre e de olhos brilhantes, ansiosos pela aventura. Ele andava com os ombros curvados, como se esperasse um golpe para sair do nada. E, embora às vezes fosse esquecer por alguns momentos e reverter a sua

arrogância normal e falar, você podia vê-la quando o golpe de memória vinha do nada para mandá-lo cambalear.

Ian e Rachel tomaram para si a certeza de que ele não escapulisse por si mesmo; um ou outro sempre estava chamando por ele para vir e ajudar a levar a comercialização ou sair para a floresta para procurar a madeira apropriada para um cabo de machado ou um novo arco. Isso ajudou.

Se Fergus fosse para Savannah para recuperar Bonnie, a impressa original de Jamie, Marsali seria prejudicada e ficaria preocupada com o avanço da gravidez e as dificuldades tanto de viajar com uma família e, em seguida, do estabelecimento de um novo lar, Fergus a necessidade de dedicar-se à criação de novos negócios e lidar com o que quer que a política local poderia ser. Germain poderia facilmente deslizar através das rachaduras em sua família e se perder.

Gostaria de saber se Jenny iria com eles ou com Ian e Rachel. Marsali certamente poderia usar sua ajuda, mas me lembrei do que Marsali disse, e achei que estava certa: *Ian era seu mais novo... E ela teve muito pouco dele.* Ian essencialmente esteve perdido para ela com a idade de quatorze anos, e não o viu novamente até que era um homem adulto e um Mohawk. Eu a vi de vez em quando olhando para ele enquanto falava e comia, com um pequeno interior brilhando em seu rosto.

Eu coloquei com cuidado a pilha de remanescentes. O caldeirão de Marsali sobreviveu ileso, embora coberto de fuligem. Alguns pratos de estanho, um meio derretido de madeira todo queimado e uma pilha de Bíblias, resgatada da sala da frente por alguma alma piedosa. Uma linha de lavagem foi pendurada por todo o beco; roupas eram tudo que sobreviveram, apesar de um par de camisas de Fergus e um avental de Joanie mal chamuscado. Eu deveria fervente com sabão de soda cáustica para tirar o cheiro de fogo das roupas, mas eu duvidava que alguém da família fosse usá-las novamente.

Clarence, depois de ter terminado o seu feno, esteve metodicamente esfregando a testa contra o trilho superior de sua porta, chocalhando e batendo.

—Comichão, não é?— Eu risquei, então coloquei a minha cabeça para fora do estábulo. Jamie ainda estava em conversa com o Sr. Phillips na entrada do beco, embora, e eu voltasse para minhas explorações.

Sob uma pilha de manuscritos jogados manchados de fumaça eu achei pequeno relógio carrilhão de Marsali, de alguma forma milagrosamente

intacto. Ele parou, é claro, mas emiti um pequeno *Bing* de prata doce! Quando eu peguei, me fazendo sorrir.

Talvez fosse um bom presságio para a viagem. E, afinal de contas, mesmo que Jamie e eu e Rachel e Ian fôssemos de uma vez para Fraser Ridge, não havia nenhuma chance de alcançar as montanhas da Carolina do Norte antes da neve fechar as passagens para o inverno. Seria março, com a maior brevidade, antes que pudéssemos voltar para o interior.

Eu suspirei relógio na mão, imaginando o cume na primavera. Seria uma boa hora para chegar, o bom tempo para plantar e construir. Eu poderia esperar.

Ouvi passos de Jamie descendo o beco pela calçada e parando. Pisando na frente aberta do estábulo, vi que parou no local onde Henri-Christian morreu. Ele ficou imóvel por um momento, em seguida, benzeu-se e virou-se.

A solenidade deixou seu rosto quando me viu, e ergueu uma pequena bolsa de couro, sorrindo.

—Olha, Sassenach!

—O que é isso?

—Um dos meninos Phillips encontrou na limpeza, e trouxe a seu pai. Estenda suas mãos.

Intrigada, eu fiz isso, e ele inclinou a bolsa, decantando uma pequena cascata de surpreendentemente pesados blocos cinza-escuros de chumbo do tipo para um conjunto completo de... Eu peguei um e olhei para ele. —Tipos de letras Carson Romanas?

—Melhor do que isso, Sassenach, — disse, e, colocando a letra Q da pilha na minha mão, ele cavou a unha do polegar no metal macio, revelando um brilho amarelo fraco. —O tesouro de Marsali.

—Meu Deus, é! Eu esqueci tudo sobre isso. —No auge da ocupação britânica, quando Fergus foi obrigado a sair de casa para evitar a prisão, dormindo em um lugar diferente a cada noite, Marsali pegou um conjunto de tipos em ouro, cuidadosamente esfregando cada peça com graxa, fuligem, e tinta, e trazia a bolsa debaixo do avental, caso em que ela e as crianças devessem ser igualmente obrigadas a fugir.

—Então se Marsali... , espere. — Seu sorriso desapareceu um pouco, pensando nas causas de distração de Marsali. —Ela enterrou-os sob os tijolos da lareira suponho que quando o exército voltou. Sam Phillips descobriu isso quando eles estavam derrubando a chaminé. —Ele acenou

com a cabeça em direção ao local onde a carbonizada gráfica estava. A chaminé esteve danificada pelo muro caindo, portanto, certo número de homens a derrubaram, ordenadamente empilhando os tijolos, a maioria dos quais estavam intactos apesar do fogo e poderiam ser vendidos.

Eu coloquei o tipo cuidadosamente de volta na bolsa e olhei por cima do ombro para Clarence.

—Eu suponho que um ourives poderia me fazer um conjunto de realmente *grandes* agulhas de acupuntura. Apenas no caso de precisar.

### ***Capítulo 125 - Lula da Noite, Bonita Lula***

*Charleston, Royal colônia da Carolina do Sul*

**Senhor John e sua sobrinha, Dorothea, comeram naquela noite em uma pequena taberna comum perto da costa, cujo ar estava impregnado com os aromas deliciosos de peixe assado, enguias em molho de vinho, e todas pequenas lulas fritas torradas na farinha de milho. John respirou fundo com prazer, entregou Dottie para um banquinho e sentou-se, aproveitando o momento de indecisão gustativa.**

**—É aquele momento em que você pode imaginar de forma convincente a perspectiva agradável de comer tudo o que o estabelecimento tem a oferecer, — disse Dottie. —Momentaneamente sem se incomodar com o conhecimento de que o estômago tem uma capacidade limitada e, portanto, uma obrigação, infelizmente, na escolha no final.**

**Dottie parecia um pouco duvidosa, mas, exortou assim, tomando uma profunda fungada na atmosfera, para que o cheiro de pão fresco acabado de ser adicionado quando a empregada servindo entrou com um grande pão e um prato de manteiga com um trevo de quatro folhas sendo este o nome do estabelecimento estampado em sua superfície oleaginosa.**

**—Oh, que cheiro maravilhoso!— Ela disse seu rosto iluminando. — Posso ter algum, por favor? E um copo de cidra?**

**Ele ficou satisfeito ao vê-la avidamente morder o pão e tomar uma respiração profunda de cidra, o que era aromático suficiente para desafiar até mesmo a lula, sua própria escolha relutantemente final, embora esta fosse acompanhada por uma dúzia de ostras frescas, sem**

concha para preencher o que quer que as fendas pudessem ter. Dottie escolheu a pescada cozida, embora só escolhesse para ele até agora.

—Eu vim até o porto, esta tarde, enquanto você estava descansando, — disse, arrancando um pedaço de pão para neutralizar o rabanete ralado misturado com água salgada das ostras. —Eu perguntei sobre e encontrou de dois ou três pequenos barcos cujos proprietários não são avessos a uma viagem rápida para Savannah.

—Rápido quanto? — perguntou com cautela.

—Um pouco mais de uma centena de quilômetros de água, — disse, encolhendo os ombros no que esperava que fosse de forma casual. — Talvez dois dias, com um bom vento e bom tempo.

—Mmm— Dottie lançou um olhar cético em janela fechada do local. As persianas tremiam de uma rajada de chuva e vento. —É outubro Tio John. O clima é raramente previsível.

—Como você sabe? Senhora, eu poderia ter um pouco de vinagre para a lula? —A esposa do proprietário concordou, saindo, e ele repetiu— Como você sabe?

—O filho de nossa senhoria é um pescador. Assim era seu marido. Ele morreu em um outubro passado — ela terminou com doçura, e colocou o último pedaço de pão na boca.

—Tal prudência e escrúpulos são diferentes de você, Dottie, — observou, aceitando a garrafa de vinagre da proprietária e encharcou como um rapaz as suas nitidamente. —Oh, Deus, — disse, mastigando. —Ambrosia. Aqui, experimente um. —Ele espetou um com o garfo e passou para ela.

—Sim. Bem... —Ela considerou o garfo carregado de lula com uma clara falta de entusiasmo. —Quanto tempo levaria para viajar por terra?

—Talvez quatro ou cinco dias. Novamente, com o bom tempo.

Ela suspirou, levantou a lula à boca, hesitou, e depois, com o ar de um gladiador romano diante de um crocodilo que se aproximava na arena, colocou em sua boca e mastigou. Ela ficou branca.

—Dottie— pulou, batendo seu banquinho mais, e conseguiu pegá-la quando ela murchou em direção ao chão.

—Gah, — disse fracamente, e, se lançando para fora de seus braços, correu para a porta, vomitando. Ele seguiu e foi a tempo de segurar a cabeça quando ela perdeu o pão, cidra, e as lulas meio mastigadas.

—Eu sinto muito, — disse alguns momentos depois, quando saiu da taberna com uma caneca e um pano úmido. Ela estava encostada na parede mais abrigada do prédio, envolta em seu manto, e era a cor de pudim de sebo mimado. —Como sou nojenta.

—Não foi nada, — disse amavelmente. —Eu fiz a mesma coisa por todos os três de seus irmãos, de vez em quando, embora eu duvide que alguma forma que fosse pela mesma causa. Há quanto tempo você sabe que esta com a criança?

—Tornei certo a cerca de cinco minutos atrás, — ela disse, engolindo de forma audível e estremeando. —Querido Senhor, eu nunca vou comer lula de novo.

—Você já comeu lula antes?

—Não. Eu nunca mais quero *ver* outra lula. Nossa, a minha boca tem gosto doente.

John, que tinha de fato experiência em tais assuntos, entregou a caneca de cerveja.

—Lave a boca com isso, — disse —Então, beba o resto. Vai resolver o seu estômago.

Ela olhou duvidosa para isso, mas fez o que disse, e voltou o copo ainda pálida, mas muito melhor.

—Melhor? Boa. Eu não suponho que você queira voltar para dentro? Não, claro que não. Deixe-me pagar, e eu vou leva-la para casa —No interior, perguntou a dona da casa para fazer uma trouxa de sua abandonada ceia e não se importava de comer lulas fritas frias, mas queria comer; ele estava morrendo de fome, e segurou isto com cuidado a barlavento, enquanto caminhavam de volta para seus aposentos.

—Você não sabe?— Ele perguntou, curioso. —Eu sempre me perguntei sobre isso. Algumas mulheres disseram-me que sabiam de uma vez, e ainda assim eu já ouvi de outras pessoas que de alguma forma se manteve alheias à sua condição até o momento do nascimento estava chegando, por incrível que pareça.

Dottie riu; o vento frio trouxe um pouco da cor de volta para seu rosto, e ele ficou aliviado ao ver seu espírito recuperado.

—Muitas mulheres discutem suas intimidades com você, tio John? Isso parece um pouco fora do comum.

—Eu pareço atrair mulheres incomuns, — disse, tristemente. —Eu também pareço ser o tipo de cara que as pessoas se sentem compelidas a

dizer coisas. Em outra época, talvez eu devesse ter sido um confessor, se essa é a palavra. Mas voltando ao ponto, — tomou seu cotovelo para guiá-la a volta de uma grande pilha de excrementos de cavalo— agora que você *sabe...* o que vamos fazer sobre isso?

—Eu não acho que qualquer coisa realmente precise ser *feito* por cerca de oito meses, — disse, e ele deu um olhar.

—Você sabe o que quero dizer, — disse. —Eu duvido que você deseje fixar residência em Charleston até depois que seu filho chegar. Você deseja voltar para a Filadélfia ou Nova Jersey, ou qualquer lugar esquecido por Deus onde Denzell possa estar, no momento, ou devo fazer arranjos para prosseguir a Savannah e permanecer lá por algum tempo? Ou... —Outro pensamento o feriu, e alterou o olhar serenamente.

—Você quer ir para casa, Dottie? Para a Inglaterra, eu quero dizer. Para sua mãe?

Seu rosto ficou em branco com surpresa, que deu lugar a um olhar de saudade que partiu seu coração. Ela desviou o olhar, piscando para conter as lágrimas, mas sua voz era firme quando se virou para ele.

—Não, — ela disse, e engoliu em seco. —Eu quero estar com Denzell. Todas as outras considerações à parte, —acrescentou, esboçando um sorriso, — ele sabe como fazer um parto. Seu primo William é *parteiro* da Rainha, e Denny estudou com ele por um tempo.

—Bem, isso *parece* ser útil, —Grey concordou, secamente. Ele se entregou a uma criança uma vez completamente contra a sua vontade, e ainda tinha pesadelos com isso.

Ele estava tão bem que Dottie não queria voltar para a Inglaterra, no entanto. Ele sugeriu a noção por impulso, mas agora percebeu que poderia ser mais perigoso do que qualquer uma das alternativas. Desde que a França entrou na guerra, todo o transporte Inglês estaria em risco.

—Eu estou pensando que deveria ir para Savannah, no entanto, — Dottie estava dizendo. —Nós estamos tão perto, eu quero dizer, e se a mulher de Ben *está* lá... ela pode precisar da nossa ajuda, não pode?

—Sim, — ele concordou com relutância. Havia uma obrigação familiar. E, afinal de contas, a menos que *fosse* fixar residência em Charleston pelos próximos oito meses, parecia não haver alternativa para viajar para Dottie, em qualquer direção. Ainda assim... o pensamento de seu nascimento *aqui*, ele sendo responsável por encontrar parteiras e enfermeiras... e então ela e a criança sendo que ser transportados...

—Não, — disse, mais definitivamente. —Amaranthus, supondo que ela exista, terá que se cuidar sozinha um pouco mais. Vou levá-la de volta para Nova York.

## ***Capítulo 126 - O Plano Oglethorpe***

### *Final de novembro*

Savannah, ao contrário da maioria das cidades americanas, foi cuidadosamente planejada por seu fundador, um homem chamado Oglethorpe. Eu sabia disso porque a senhora Landrum, a mulher de quem nós alugamos nosso quarto, me explicou que a cidade foi estabelecida de acordo com o *plano de Oglethorpe* este falado em tons portentosos, pela Sra. Landrum um parente do acima referido Oglethorpe e intensamente orgulhoso da cidade e sua perfeição cívica.

O plano chamado por seis alas, uma ala sendo composta por quatro blocos para negócios cívicos, e quatro blocos de divisões administrativas[54]

para as casas, estas dispostas em torno de uma praça aberta. Havia dez casas para um bloco, e os homens de um bairro treinavam juntos para o serviço da milícia.

—Embora isso não fosse tão importante agora como costumava ser, — a Sra. Landrum me explicou. —Os índios ainda são um incômodo na floresta, mas foi há anos, uma vez pelo trabalho de vir para a cidade.

Prefiro pensar que os índios eram o de menos, mas como à senhora Landrum não parecia preocupada com a guerra com os britânicos, eu não fiquei também. Era evidente a partir de suas referências que, como não só sua família, mas todo mundo que ela conhecia eram legalistas, claramente isso foi o bom estado das coisas, e os danos ambientais como uma rebelião, uma vez que o prazer de chamá-lo! Em breve seria colocar para baixo e poderíamos obter chá a um preço decente novamente.

Do meu ponto de vista, a coisa mais interessante a respeito do plano do Sr. Oglethorpe, durante a conversação, revelou-se para mim que ele não só fundara Savannah, mas toda a Província da Geórgia, e foi fornecida a todas as casas de cada divisão administrativa um tratado com uma milha de terra fora da cidade e próximo a uma horta de cinco hectares.

—Realmente, — eu disse, meus dedos começam a coçar com a ideia de sujeira. —Er... O que você planta?

O resultado desta conversa, e muitas outras, foi que eu fiz um acordo para ajudar na manutenção da horta, em troca de uma participação de *insolência* (como à senhora Landrum intrigante se referia ao material verde como couve e nabos) , feijão e milho seco, bem como um pequeno lote onde eu poderia cultivar ervas medicinais. A consequência secundária deste conhecimento amável era que Rachel e Ian, cujo quarto era inferior ao nosso, começou a se referir ao seu nascituro como Oglethorpe, embora este fosse educadamente encurtado para *Oggy* sempre que a senhora Landrum estava em audiência.

E o terceiro e mais importante efeito da amizade com a senhora Landrum foi que eu era mais uma vez uma médica.

Nós tínhamos estado em Savannah por algumas semanas, quando a senhora Landrum veio até o nosso quarto uma tarde e perguntou se eu poderia saber algo sobre a cura para a dor de dente, ela sabendo que eu tinha um jeito com as ervas?

—Oh, eu poderia, — eu respondi, com um olhar furtivo em minha maleta de médico, que juntava poeira debaixo da cama desde a nossa chegada. —De quem é o dente?

O dente pertencera a um senhor chamado Murphy de Ellis Ward, com quem vivemos. Digo *pertencera*, porque eu extraí a muito inflamada e terrivelmente quebrada bicúspide[55] do Sr. Murphy antes que ele pudesse dizer Jack Robinson, embora estivesse com tanta dor que mal conseguisse lembrar o próprio nome, quanto mais o de Jack.

Murphy foi extremamente grato pela sua libertação. Murphy também era o proprietário de uma pequena loja vaga do outro lado da Ellis Square. Foi o trabalho de alguns momentos para adquirir um pequeno seixo com dentes extraídos. E dentro de vinte e quatro horas saindo com meu seixo, eu estava orgulhosamente depositando meus ganhos na mesa da cozinha que também preparava minhas ervas e era a mesa de Jamie, que ocupava o centro do nosso quarto individual.

—Muito bem, Sassenach!— Jamie pegou um pequeno pote de mel, tomado em pagamento de um dente do siso arrancado impactado. Ele amava mel. Eu também adquiri dois grandes ovos de peru salpicados (um deles enchia toda a palma da minha mão), um pedaço de pão razoavelmente fresco, seis moedas de um centavo, e uma pequena moeda de prata espanhola.

—Eu acho que você poderia sustentar a família toda em seu próprio país, *a nighean*, — Disse, mergulhando um dedo no mel e lambendo antes que eu pudesse impedi-lo. — Ian e Fergus e eu podemos nos aposentar e nos tornar senhores de lazer.

—Bom. Você pode começar por fazer o jantar , — eu disse, esticando minhas costas. O espartilho fazia manter-me na posição vertical por meio do trabalho de um dia longo, mas eu estava ansiosa para tirá-lo, comer a ceia, e deitar, em rápida sucessão.

—É claro, Sassenach. — Com um pequeno floreio, ele tirou a faca do cinto, cortou uma fatia do pão, mel regado sobre ele, e deu para mim. — Não é.

Eu levantei uma sobancelha para ele, mas mordi. Doçura inundando minha boca e minha corrente sanguínea ao mesmo tempo, e eu provei a luz solar e flores. Eu gemi.

—O que fala, Sassenach?— Ele estava ocupado com a manteiga em outra fatia.

—Eu disse: *Muito bem*, — eu disse, e peguei o pote de mel. —Nós vamos fazer um cozinheiro de você ainda.

As questões básicas de moradia e alimentação cuidadas, claramente a próxima ordem do dia era recuperar Bonnie. Jamie localizou a família Bell, e três semanas depois de nossa chegada em Savannah, ele e Fergus juntaram dinheiro suficiente para contratar um carrinho e uma mula extra do estábulo onde Clarence embarcou. Nós conhecemos Richard Bell, na parte da manhã, e ele veio com a gente para a fazenda de um Zachary Simpson, o agricultor com quem Bonnie embarcou.

Sr. Simpson limpou o último do feno e se afastou da tela com o ar de um mágico produzindo um coelho de uma cartola. A partir da reação de três quartos dos seus espectadores, você acharia que ele *tinha*: Jamie e Fergus tanto suspirando audivelmente, e Richard Bell emitindo um zumbido de satisfação. Mordi o lábio e tentei não rir, mas eu duvidava que fosse notado se eu tivesse rolado no chão, em paroxismos de alegria.

—*Nom de Dieu*— Fergus disse, estendendo uma mão reverente. —*é belo.*  
—Melhor que eu já vi, — Sr. Bell concordou, claramente dividido entre o respeito e pesar.

—*Aye*— Jamie estava corado com prazer, tentando visivelmente manter uma restrição modesta. —*Aye.* Ela é Bonnie, não?

Eu sabia que *ela* era um conhecedor de máquinas de impressão, que eu não era. Ainda assim, eu confessei algum carinho por Bonnie; quando nos conhecemos antes, em Edimburgo. Jamie lubrificava alguma parte de seu mecanismo quando eu voltei para encontrá-lo depois de vinte anos, e foi testemunha de nossa reunião.

E ela resistiu aos rigores da desmontagem, viagens marítimas, a remontagem, e meses de ser emparedada em um celeiro com coragem louvável. Um sol de inverno pálido brilhava através de uma rachadura na parede do celeiro, fazendo a madeira brilhar com orgulho sombrio, e seu metal era tão brilhante quanto eu podia ver bastante livre de ferrugem.

—Muito bem, — eu disse, dando uma pequena palmadinha. Sr. Simpson modestamente aceitou os aplausos da multidão por sua façanha de preservar Bonnie do mal, e eu podia ver que eles teriam algum tempo para coloca-la no carro que a trouxe, então eu fiz o meu caminho de volta para a casa. Eu notei um número de galinhas arranhando no quintal e tinha algumas esperanças de adquirir ovos frescos.

A provisão de Marsali, e a novena de Jenny para Santa Brígida, Rainha do Mar, mais uma modesta ajuda de minhas agulhas de acupuntura (Clarence felizmente provou ser um bom marinheiro), nos trouxe em segurança para Savannah, mas as exigências de acomodar dez pessoas e alugar instalações adequadas para um pequeno negócio de impressão esgotou os dois, o ouro Caslon English Roman e o dinheiro do seguro pago para Fergus pela destruição do fogo.

Com a necessidade de renda um pouco aguda, Ian e Jamie encontraram emprego em um dos armazéns no rio. Uma escolha sábia, como se viu: além de seus salários e do barril danificado ímpar de peixe salgado ou biscoito, estando nas docas durante todo o dia permitia a primeira e mais barata da escolha dos pescadores que entram com as suas capturas. Nós, portanto, não estávamos com fome nem ainda ameaçados de escorbuto com o clima leve o suficiente para que muitas coisas verdes crescessem mesmo no final de novembro, mas eu estava ficando cansada de arroz e peixe e

couve do inverno. Um bom prato de ovos mexidos, agora... Possivelmente com manteiga fresca...

Eu estava equipada para negociação, com vários pacotes de pinos e um saco de sal, e Sra. Simpson e eu concluimos amigavelmente uma pechincha para uma cesta de ovos e uma pequena lata de manteiga antes dos homens terem Bonnie fora do celeiro e dando a volta pela varanda, confortavelmente bebendo cerveja.

—Que galinhas notáveis, — eu disse, abafando um pequeno arrote. A cerveja, de produção própria da Sra. Simpson, era deliciosa, mas forte. As galinhas em questão eram mais do que notáveis: elas pareciam não ter pernas, mas para rolar voltando para o quintal em seus lados inferiores, bicando seu milho com alegre imperturbabilidade.

—Oh, sim, — disse a Sra. Simpson, acenando com orgulho. —Minha mãe trouxe a grande bisavó da Escócia, 30 anos atrás. *Creepies*, ela sempre as chamou assim, mas elas tinham um nome verdadeiro. Galinhas Escocesas Troncudas, mais ou menos como um cavalheiro de Glasgow me contou.

—Como é muito apropriado, — eu disse, tomando um gole de cerveja e olhando para as galinhas. Eles *tinham* depois de tudo pernas; aquelas apenas muito curtas.

—Eu produzo e as vendo, — a Sra. Simpson acrescentou amavelmente. —Se não puder encontrar a falta de uma boa galinha ou duas.

—Eu não consigo pensar em nada que eu gostaria mais, — disse melancolicamente. Os arrozais e palmitos de Savannah pareciam infinitamente longe do ar limpo afiado de Fraser Rigde... Mas estávamos no Sul, pelo menos. E Março viria e um bom tempo viajando, Marsali e Fergus deviam estar estabelecidos de forma segura, e nós poderíamos virar nossas faces em direção à Carolina do Norte. —Talvez em alguns meses... —Eu adicionei *Galinhas escocesas Troncudas* para a lista mental e fui acumulando e bebendo a cerveja.

Os homens colocaram a imprensa sobre o carrinho, devidamente embrulhada em lona e reembalada com palha para a viagem para a cidade, e agora entrando na casa para retomar o seu próprio refresco merecido.

Sentamos em companhia na volta da mesa de cozinha limpa da Sra. Simpson, bebendo cerveja e comendo rabanetes salgados. Jamie e Fergus estavam brilhando de emoção e satisfação; os olhares em seus rostos me aqueciam mais do que a cerveja. Pobre Richard Bell tentando o seu melhor

para ser generoso e compartilhar sua alegria, mas era claro que acabou em ambos os corpo e espírito.

Eu o conheci apenas alguns dias antes, e por pouco tempo, por isso ainda não cultivei um conhecido suficiente para permitir fazê-lo se despir e me apalpar o fígado, mas eu estava moralmente certo de que a *recaída* da Sra. Bell escreveu era de malária. Eu não poderia dizer com certeza absoluta, sem olhar para as suas células de sangue sob um microscópio e Deus sabia quando eu poderia alguma vez ter outro, mas eu vi bastante gente sofrendo de *malária* ou a *febre do quarto dia* para ter alguma dúvida.

Felizmente, eu tive uma pequena oferta de casca de jesuíta entre a seleção de ervas e medicamentos que eu trouxe comigo. Não iria curá-lo, mas eu poderia, com sorte, limitar os ataques mais severos e aliviar alguns dos sintomas. Pensando nisso me lembrei de repente de Lizzie Wemyss. Vindo para a América como vínculo de serva de Brianna, ela também contraiu malária dos mosquitos costeiros. Eu consegui controlar a doença razoavelmente bem, mas como ela se saia na minha ausência?

—Sinto muito, o que você disse?— Minha atenção foi empurrada de volta para a conversa, mas eu adicionei *LOTES de casca de jesuíta* à minha lista mental antes de responder.

### ***Capítulo 127 - Canalização***

Como encanamento, a medicina é uma profissão onde você aprende desde cedo que não se coloca os dedos em sua boca. Senti o cheiro de meu próximo paciente vindo e estava pegando o pote de sabão suave e uma garrafa de álcool bruto antes que entrasse pela porta. E no instante em que a vi, eu sabia qual era o problema.

Havia duas mulheres, de fato: um era um homem alto, uma vez comandando uma mulher bonita, bem vestida e usando um chapéu em vez do gorro de costume. A outra era uma pequena menina ligeira, que poderia ter qualquer idade entre doze e vinte. Ela era o que eles chamavam de uma mulata, meio branca e meio preta, com pele *café au lait* e características desprezadas. Eu a coloquei limite de idade inferior a doze anos só porque ela tinha seios aparentes borbulhando por cima de suas anáguas. Ela estava vestida impecavelmente, mas claramente em azul riscado, e ela fedia como esgoto a céu aberto.

A mulher alta fez uma pausa, olhando-me pensativamente.

—Você é um médico do sexo feminino? — ela perguntou, em um tom um pouco abaixo da acusação.

—Eu sou a Dra. Fraser, sim, — eu respondi igual. —E você é? ...

Ela corou com isso e olhou desconcertada. Também muito duvidosa. Mas, depois de uma pausa constrangedora, ela fez a sua mente e deu um aceno de cabeça afiada. —Eu sou Sarah Bradshaw. Sra. Phillip Bradshaw.

—Tenho o prazer de conhecê-la. E sua companheira...? —Eu balancei a cabeça para a jovem, que estava com os ombros curvados e a cabeça inclinada, olhando o chão. Eu podia ouvir um barulho de gotejamento suave, e ela se moveu como se estivesse tentando pressionar as pernas juntas, estremeando enquanto fazia.

**—Esta é Sophronia... Uma das escravas do meu marido— Os lábios da Sra. Bradshaw comprimiram e apertaram em linhas que cercam sua boca, ela devia fazer isso de forma rotineira. —É que eu pensei que talvez... — Seu rosto bastante simples inflamou de vermelho, ela não conseguia descrever o problema.**

—Eu sei o que é, — eu disse, salvando-lhe a dificuldade. Eu vim em volta da mesa e peguei Sophronia pela mão; era pequena e muito calejada, mas as unhas estavam limpas. Uma casa com escravos, então. —O que aconteceu com o bebê?— Eu perguntei a ela suavemente.

Uma pequena ingestão, com medo de respirar, e ela olhou de lado para a Sra. Bradshaw, que lhe deu outro aceno afiado, lábios ainda apertados.

—Ele morreu dentro de mim— disse a moça, tão baixinho que mal podia ouvi-la, mesmo que ela não estivesse mais do que um comprimento de minha parcialidade. —Tivemos que cortá-lo em pedaços. — Isso provavelmente salvou a vida da menina, mas certamente não ajudou a sua condição.

Apesar do cheiro, eu respirei fundo, tentando manter minhas emoções sob-controle.

—Eu vou precisar examinar Sophronia, Sra. Bradshaw. Se você tiver alguns recados a dar, talvez você gostasse de ir e cuidar deles...?

Ela abriu os lábios suficientemente como para fazer um pequeno barulho frustrado. Obviamente, ela não gostaria de nada melhor do que deixar a menina e nunca mais voltar. Mas, assim, obviamente, ela

tinha medo do que a escrava pudesse me dizer se deixada sozinha comigo.

—Era? A criança do seu marido— Eu perguntei sem rodeios. Eu não tinha tempo para rodeios, a pobre menina estava pingando urina e fezes no chão e parecia pronta para morrer de vergonha.

Eu duvidava que a senhora Bradshaw estivesse destinada a morrer dessa condição, mas ela claramente sentia quase tão agudamente como Sophronia. Ela ficou branca com o choque, então o rosto inflamou novamente. Ela se virou e saiu, batendo a porta atrás de si.

—Vou levar isso como um *sim*, então— eu disse para a porta, e me virei para a menina, sorrindo em segurança. —Aqui, querida. Vamos dar um olhar nesse problema, não é?

Fístula vesicovaginal e fístula retovaginal. Eu sabia desde o primeiro momento; eu só não sabia o quão ruim elas poderiam ser ou quão longe o canal vaginal estava. Uma fístula é uma passagem entre duas coisas que nunca deveriam ser unidas e é, em geral, uma coisa ruim.

Não era uma condição comum em países civilizados no século XX, mas mais comum do que se poderia pensar. Eu já vi várias vezes em Boston, em uma clínica onde dava plantão uma vez por semana para fornecer assistência médica aos pobres da cidade. As jovens, jovem demais para considerar o sexo oposto de forma alguma sério, ficavam grávidas antes de seus corpos amadurecerem o suficiente. As prostitutas, algumas delas. Outras apenas meninas que estavam no lugar errado na hora errada. Como essa.

Um bebê de termo que não poderia ser forçado a sair pelo canal do parto, e dias de trabalho improdutivo, a cabeça da criança um aríete contra os tecidos da pelve, a bexiga, a vagina, e do intestino. Até que enfim os tecidos diluíam e dividiam, deixando um buraco irregular entre a bexiga e a vagina, ou entre a vagina e o reto, permitindo desperdício do corpo a escorrer para fora sem obstáculos através da vagina.

Não é uma questão de vida ou morte, mas revoltante, incontrolável, e sangrenta desconfortável também. A parte interna das coxas de Sophronia estava inchada um brilhante vermelho desigual, a pele macerada pela umidade constante, o lodo fecal irritante. Como uma assadura permanente, pensei, reprimindo um desejo profundamente visceral para encontrar Sr. Bradshaw e fazer algumas fístulas nele com uma sonda sem corte.

Eu falei com ela, enquanto eu fazia meus exames, suavemente, e depois de um pouco ela começou a me responder, embora ainda em sussurros. Ela tinha treze anos. Sim, Sr. Bradshaw a levou para sua cama. Ela não se importou. Ele disse que sua esposa era ruim para ele, e foi tudo o que os escravos sabiam. Sr. Bradshaw foi gentil com ela, gentil, e quando ficou grávida, ele a levou da lavanderia e colocou para o trabalho na cozinha, onde ela teria boa comida e não teria que quebrar suas costas com as roupas de cama pesadas.

—Ele estava triste, — disse em voz baixa, olhando para o teto enquanto eu limpava a imundice entre as pernas. —Quando o bebê morreu. Ele chorou.

—Será — eu disse no que eu esperava era uma voz neutra. Dobrei uma toalha limpa e apertei entre as pernas, jogando a molhado que ela estava usando no meu balde de água e vinagre. —Quando o bebê morreu, há muito tempo, eu quero dizer?

Ela franziu a testa, a expressão mal ondulando a pele jovem pura de sua testa. Ela poderia contar? Eu me perguntava.

—Seja algum tempo antes de fazer salsicha — disse hesitante.

—No outono, então?

—*Siemm*.

E era meados de dezembro agora. Eu derramei água sobre a minha mão suja e driblei um pouco de sabão em minha palma. Eu realmente devia tentar arrumar uma escova de unhas, pensei.

Sra. Bradshaw voltou, mas não entrou; eu puxei as cortinas sobre a janela da frente, mas seu contorno sombreado estava claro sobre o pano, as penas vistosas em seu chapéu preso como uma silueta de topete.

Eu bati o pé, pensativa, em seguida, balancei em ordem e fui abrir a porta.

—Eu posso ser capaz de ajudar, — eu disse, sem preâmbulos, assustando a mulher.

—Como?— Ela piscou para mim, e, de surpresa tomei, seu rosto estava corado, perturbado, mas sem o olhar beliscando que usou antes.

—Venha para dentro, — eu disse. —Está frio aqui fora com o vento, — e guiou uma mão em suas costas. Ela estava muito magra; eu podia sentir os botões de sua espinha, mesmo através de seu casaco e corpete.

Sophronia estava sentada em cima da mesa, com as mãos cruzadas no colo; quando sua patroa entrou, ela inclinou a cabeça, olhando para o chão

novamente.

Expliquei a natureza da dificuldade, tão bem quanto pude, nenhum delas tinha qualquer compreensão da anatomia interna em tudo; era simplesmente uma questão de buracos para elas. Ainda assim, eu consegui obter o ponto geral de diâmetro.

—Você sabe que uma ferida pode ser costurada, para manter a pele junta enquanto ela cura?— Eu disse pacientemente. —Bem, este é o mesmo tipo de coisa, mas não fica muito mais difícil pelas feridas que estão dentro e os tecidos sendo muito finos e escorregadios. Seria muito difícil de consertar e eu não estou *certa* se posso fazer isso, mas pelo menos é possível experimentar.

Fui justa. No final do século XIX, um médico chamado J. Marion Sims mais ou menos inventou toda a prática de cirurgia ginecológica, a fim de abordar exatamente essa condição. Levava anos para desenvolver as técnicas, e eu sabia, fiz o procedimento mais de uma vez. O problema era que realmente precisava de anestesia boa, sólida, a fim de ter uma chance de sucesso. Láudano ou uísque poderia responder por mais cruas, as operações mais rápidas, mas para uma cirurgia meticulosamente delicada como esta, o paciente teria que estar completamente inconsciente e imóvel. Eu teria que ter éter.

Eu não tinha ideia de como eu ia fazer éter, vivendo em uma pequena casa alugada com um número de pessoas eu realmente não queria correr o risco de voar em pedaços. E o pensamento do que poderia fazer o éter inflamável fizera-me rachar em um suor frio. Mas vendo o aumento ténue de esperança em ambos os seus rostos, eu fiz minha mente para fazê-lo.

Eu dei a Sophronia uma pequena jarra de pomada de cera de abelha para a pele de suas coxas e disse para voltar em uma semana; eu gostaria de saber então se seria possível. Ao vi ir para fora, e quando foi embora pelo fim da rua, a Sra. Bradshaw estendeu inconscientemente e tocou o ombro de Sophronia em uma breve carícia de segurança.

Eu respirei fundo e resolvi que eu *encontraria* um caminho. Virando para ir para dentro, olhei para o outro lado da rua e vi um homem alto cujos magros ombros me surpreenderam com um sentimento de reconhecimento imediato. Pisquei uma vez, e a imaginação prontamente vestiu de escarlate.

—William!— Eu liguei, e, peguei minhas saias, correndo atrás dele.

Ele não me ouviu em primeiro lugar, e eu tive tempo para dúvidas, mas não muito; o conjunto de cabeça e ombros, o longo passo, decisivo... ele

estava mais magro do que Jamie, e seu cabelo era um castanho escuro, não vermelho, mas ele tinha os ossos de seu pai. E seus olhos: ouvindo, finalmente, se virou, e esses olhos de gato azul-escuros se arregalaram de surpresa.

—Mãe Cl... — Ele cortou a palavra fora, com o rosto endurecimento, mas estendeu a mão e pegou sua mão grande entre as minhas (e esperando que eu começasse tudo do lodo.).

—William, — eu disse, ofegando um pouco, mas sorrindo para ele. — Você pode me chamar do que quiser, mas eu não sou menos e não mais para você do que... que eu já era.

Seu olhar severo suavizou um pouco com isso, e ele abaixou a cabeça, sem jeito.

—Eu acho que devo chamar de Sra. Fraser, não devo?— Ele destacou sua mão, embora gentilmente. —Como é que você veio parar aqui?

—Eu poderia perguntar o mesmo de você e talvez com mais razão. Onde está o seu uniforme?

—Eu já renunciei a minha comissão, — disse um pouco tenso. —Dadas às circunstâncias, parecia de pouco sentido ao restante no exército. E eu tenho negócios que exigem um pouco mais de independência no movimento que eu deveria ter como um dos assessores de Sir Henry.

—Você quer beber algo quente comigo? Você pode contar sobre o seu negócio. —Eu corri para fora, sem o meu manto, e uma brisa fria estava me tocando com mais intimidade do que eu gostava.

—Eu... — Ele se conteve, franzindo a testa, em seguida, olhou para mim, pensativo e esfregou um dedo para baixo da ponte longa e reta do nariz, assim como Jamie fazia ao pensar. E assim como Jamie fazia, ele deixou cair à mão e acenou brevemente como se falasse consigo mesmo.

—Tudo bem, — disse, uma vez bruscamente. —Na verdade, o meu negócio pode ser de alguma... Importância para você.

Mais cinco minutos nos deixou sair com um ordinário Ellis Square, bebendo cidra quente, rica, com canela e noz-moscada. Savannah não era igual a Filadélfia graças a Deus em termos de clima de inverno desagradável, mas o dia estava frio e ventoso, e o copo de estanho estava deliciosamente quente em minhas mãos.

—O que o traz aqui, então, Willie? Ou devo chamá-lo de William agora?

—William, por favor, — disse secamente. —É o único nome que eu sinto meu por direito, pelo momento. Gostaria de preservar a pequena

dignidade que eu tenho.

—Mmm — eu disse sem me comprometer. —William, então.

—Quanto ao meu negócio... —Ele suspirou brevemente e esfregou os nós dos dedos entre as sobrancelhas. Ele então explicou sobre seu primo Ben, esposa e o filho de Ben, então Denys Randall, e, finalmente, o Capitão Ezequiel Richardson. *Esse nome me fez sentar em linha reta.*

Ele percebeu minha reação e balançou a cabeça, fazendo uma careta.

—Isso é o que eu quis dizer quando eu disse que a minha companhia poderia ter alguma relevância para você. Pa... Lord John disse que Richardson estava ameaçando prendê-la como um espião que o levou a, er, se casar com você. —Ele corou um pouco.

—Isso, — eu disse, tentando não lembrar a ocasião. Na verdade, lembrei-me apenas fragmentos desses vazios, dias gritantes quando eu acreditava que Jamie estava morto. Um desses trechos, porém, era uma lembrança vívida de estar na sala do número 17, segurando um buquê de rosas brancas, com John, eu e um capelão militar junto com um livro diante de nós e, de pé sobre John do outro lado, alto e bonito, William em seu uniforme de capitão e gorget brilhando, parecendo tão como Jamie que eu conhecia por um instante vertiginoso o fantasma de Jamie vindo assistir. Incapaz de decidir se desmaiava ou corria para fora da sala gritando, eu simplesmente ficava congelada, até que John me cutucou gentilmente, sussurrando em meu ouvido, e eu soltei: —eu aceito — e cai no otomano, flores derramando de minhas mãos.

Apanhada na memória, eu perdi o que William estava dizendo e balancei a cabeça, tentando me concentrar.

—Eu estive procurando por ele nos últimos três meses, — disse, pousando o copo e limpando a boca com as costas da mão. —Ele é um canalha indescritível. E eu não sei o que está fazendo em Savannah em tudo, agora. Mas a última dica que eu tive dele era em Charleston, e saiu dali, há três semanas, em direção ao sul.

—Agora, pelo que sei, a companhia foi para a Flórida ou já tomou navio para a Inglaterra. Por outro lado Amaranthus... está aqui, ou pelo menos eu acredito que sim. Richardson parece ter um interesse exagerado na família Grey e suas conexões, por isso, talvez... conheça Denys Randall, a propósito?

Ele estava me olhando atentamente sobre seu copo, e eu percebi que, com um leve senso de diversão misturada com indignação, que jogou o

nome para mim, de repente, na esperança de surpreender qualquer conhecimento culpado, que poderia ter.

*Por que, você seu malandro, pensei, diversão recebendo a vantagem. Você precisa de um pouco mais de prática antes que possa retirar esse tipo de coisa, meu rapaz.*

Eu de fato sabia alguma coisa sobre Denys Randall, e William que quase certamente não sabia e que o próprio Denys Randall poderia não saber, mas não era informações que lançaria alguma luz sobre o paradeiro e os motivos de Ezequiel Richardson.

—Eu nunca o conheci, — disse, muito sinceramente, e levantei meu copo em direção à empregada servindo mais cidra. —Eu conhecia sua mãe, Mary Hawkins; nós nos encontramos em Paris. Uma linda menina doce, mas eu não tive contato com ela nos últimos... Trinta... não, 34 anos. Eu assumo a partir do que você me diz que se casou com um Sr. Isaacs, você disse que ele era um comerciante judeu?

—Sim. Então Randall disse e eu não posso ver por que mentiria sobre isso.

—Nem pode. Mas o que você sabe... você pensa, — eu corrigi, —é que enquanto Denys Randall e Ezequiel Richardson até agora parecem estar trabalhando juntos, agora eles não estão?

William encolheu os ombros, impaciente.

—Tanto quanto eu sei. Eu não vi Randall desde que me alertou sobre Richardson, mas eu não vi Richardson, também.

Eu podia sentir seu desejo crescente para se instalar e desligar; estava batendo os dedos suavemente sobre a mesa, e a própria mesa estremeceu um pouco quando sua perna cruzou.

—Onde está hospedado, William?— Eu perguntei impulsivamente, antes que pudesse ir. —Em caso que eu veja Richardson. Ou ouça algo de Amaranthus, para essa matéria. Eu sou um médico; um monte de gente vem me ver, e todo mundo fala com um médico.

Ele hesitou, mas depois deu de ombros novamente, desta vez infinitesimal. —Eu tomei um quarto no Hendry da River Street.

Ele se levantou, jogou um pouco de dinheiro em cima da mesa, e estendeu a mão para me ajudar a levantar.

—Nós vamos ficar em Landrum, uma quadra ao longo do Mercado Municipal, — eu disse por impulso, subindo. —Se você precisar, desejar falar. Ou precisa de ajuda. Apenas no caso, quero dizer.

Seu rosto estava cuidadosamente em branco, embora seus olhos estivessem queimados com jogo de chamas. Eu senti um arrepio, sabendo por experiência própria o tipo de coisa que provavelmente estava acontecendo por trás dessa fachada.

—Eu duvido Sra. Fraser, — disse educadamente. E, beijando minha mão em breve despedida, saiu.

## ***Capítulo 128 – Sapos se Apresentando***

*22 dezembro 1778*

**Jamie deu um aperto firme da parte de trás da camisa de Germain, e acenou com a mão livre para Ian, que segurou a tocha.**

**—Olhe para a água, primeiro sim?— Jamie sussurrou, levantando o queixo para o brilho negro do pântano submerso. Ele quebrou por aglomerados de capim de ribeira na altura da cintura, e os menores de juncos, verde brilhante à luz das tochas. Este era um ponto profundo, porém, como dois ou três dos nativos o chamavam *redes* embora claramente que eles queriam dizer *pequeno monte* como ilhas altas, com árvores como cera de murta e arbustos de azevinho, embora estes também fossem espetados pela natureza, como tudo o mais em um pântano, salvo os sapos e peixes.**

**Alguns dos habitantes demasiados intransigentes do pântano, porém, eram móveis, e nada que você quisesse conhecer de forma inesperada. Germain olhou obedientemente na escuridão, sua lança a postos segura, firme e alta, pronta para o movimento. Jamie podia senti-lo tremer, em parte, pelo frio, mas na maior parte, ele pensou de emoção.**

**Um movimento súbito rompeu a superfície da água, e Germain avançou, mergulhando com um show na água com um grito estridente.**

**Fergus e Jamie soltaram gritos muito mais profundos, cada um agarrando Germain por um braço e puxando-o para trás sobre a lama, quando a cobra cottonmouth irada quase o picou se voltando contra ele, bocejando com a boca queimando em branco.**

**Mas a cobra felizmente tinha negócios em outro lugar e nadou com uma sinuosidade irritada. Ian, de forma segura ao lado, estava rindo.**

—Acha que é engraçado, não é?— Disse Germain, carrancudo, a fim de fingir que não estava tremendo.

—Sim, eu acho— seu primo lhe assegurou. —É ainda mais engraçado se você fosse comido por um jacaré, no entanto. Veja lá— Ian ergueu a tocha e apontou a dez metros de distância, havia uma onda na água, entre eles e a rede mais próxima. Germain franziu a testa com incerteza no que faz, em seguida, virou a cabeça para o avô.

—Isso é um jacaré? Como você sabe disso?

—É— disse Jamie. Seu coração estava batendo a partir da visão da cottonmouth. Cobras enervavam, mas ele não estava feliz com os jacarés. Cauteloso, sim. Gritar, não. —Veja como as ondulações voltar da ilha lá?

—Sim— Germain olhou através da água. —Então?

—Essas ondas estão vindo em nossa direção agora. A única que Ian apontou? Está vindo em um ângulo reto à direita em direção a nós.

Era, embora lentamente.

—Jacarés são bons para comer— perguntou Fergus, assistindo pensativo. —Um bom negócio mais de carne em uma do que em um sapo, pas ne c'est?

—Eles são, e não há, sim. — Ian mudou o peso um pouco, avaliando a distância. —Nós não podemos matar um com essas lanças, no entanto. Eu deveria ter trazido o meu arco.

—Devemos passar... — perguntou Germain com dúvida.

—Não, veja o quanto ele é grande primeiro— disse Ian, tocando a longa faca em seu cinto. Ele estava vestindo uma tanga solta e as pernas nuas eram longas e firme como uma garça-real, em pé no meio da lama com água na panturrilha.

Os quatro assistiram com grande concentração, quando a ondulação veio, fez uma pausa, veio um pouco mais devagar.

—Eles estão atordoados pela luz, Ian— perguntou Jamie, em voz baixa. Os sapos estavam eles tinham uma dúzia de sapos-boi em seu saco, surpreendidos na água e mortos antes que de saber o que os atingiu.

—Eu não penso assim— Ian sussurrou de volta. —Eu não tenho caçado antes, apesar de tudo.

Havia um brilho súbito na água, uma dispersão de ondas e o brilho de duas orbitas queimadas nos pequenos olhos de um demônio.

—*A Dhia!*— Jamie disse, fazendo um sinal contra o mal convulsivo. Fergus puxado Germain de volta mais para longe, fazendo um sinal desajeitado de cruz com o seu gancho. Mesmo Ian parecia levado de volta um pouco; sua mão caindo de sua faca e deu um passo para trás em direção à lama, sem tirar os olhos da coisa.

—É um pequenino, eu acho, — disse, chegando à segurança. —Vejam, seus olhos são ainda maiores do que os meus.

—Será que isso importa, se ele está possuído, — perguntou Fergus, desconfiado. —Mesmo se fôssemos para matá-lo, poderíamos envenenar-lo.

—Oh, eu não penso assim, — disse Jamie. Ele podia vê-lo agora, uma vez que pairava imóvel na água, pés com garras curtas no meio do caminho parado. Eram talvez dois pés longos um maxilar aberto talvez seis polegadas. Poderia dar uma mordida desagradável, ou mais. Mas não estava perto o suficiente para chegar.

—Sabe por que os olhos de um lobo parecem no escuro? Pois não? — Ele levou Fergus para caçar um gambá, é claro, quando era jovem, mas raramente à noite as coisas que você caçava à noite nas Highlands geralmente fugiam de você, não olhavam para você.

Ian balançou a cabeça, sem tirar os olhos do pequeno réptil.

—Sim, isso é verdade. Os olhos dos lobos são geralmente verdes ou amarelos, mas eu vi os vermelhos, por vezes, à luz de tochas.

—Eu suponho que um lobo poderia ser possuído por um espírito maligno tão facilmente como um jacaré pode, — Fergus disse um pouco irritado. Ficou claro, porém que ele não tinha medo da coisa, ou, agora que deu uma boa olhada; todos estavam começando a relaxar.

—Ele acha que está roubando seus sapos, — disse Germain, rindo. Ele ainda estava segurando a lança, e quando falou, ele viu algo e bateu a lança três vezes na água com um grito.

—Eu consegui, eu consegui! — Ele gritou, e jogou na água, sem se importar com o jacaré. Ele inclinou-se para ver que sua presa estava firmemente paralisada, soltou outro pequeno grito, e puxou a sua lança, exibindo um peixe-gato de tamanho médio com a barriga branca a mostra em seu bater frenético, sangue correndo em filetes dos buracos feitos pelos dentes.

—Mais carne sobre isso do que no lagarto pequenino lá, sim?— Ian tomou a lança, puxou o peixe fora e bateu a cabeça com o punho de sua faca para matá-lo.

Todos olharam, mas o jacaré partiu alarmado com o tumulto.

—Sim, nós o limpamos, eu acho. — Jamie pegou tanto sacos e um meio cheio de rãs-touro, e o outro ainda se contorcendo um pouco da inclusão de uma série de camarão e lagostim rendidos a partir de águas rasas. Ele abriu a um com os sapos para Ian lançar o peixe para dentro, dizendo um verso da Benção de Caça, por Germain: —*Tu não come peixe nem carne caído, caído/Nem um pássaro que a tua mão não deve derrubar/Sê agradecido por aquele/Embora nove deva estar nadando.*

Germain não estava prestando atenção, embora; estava de pé, imóvel, levantando os cabelos louros ao vento, com a cabeça virada.

—Olha *Grand-père*, — Disse a voz urgente. —Olhe!

Todos olharam e viram os navios, muito para além do pântano, mas próximos, indo para o pequeno promontório ao sul. Sete, oito, nove... Uma dúzia, pelo menos, com lanternas vermelhas em seus mastros, as azuis na popa. Jamie sentiu o aumento do cabelo em seu corpo e seu movimento sangue frio.

—Britânicos homens de guerra, — disse Fergus, sua voz vazia com o choque.

—Eles são, — disse Jamie. —melhor irmos para casa.

Já estava quase amanhecendo, **antes de sentir Jamie deitar na cama atrás de mim, trazendo a pele gelada e o cheiro de água salgada, lama fria, e plantas do pântano com ele. Também...**

—Que cheiro é esse?— Eu perguntei sonolenta, beijando o braço que ele colocou em volta de mim.

—Sapos, eu espero. Deus, você está quente, Sassenach. — Ele aconchegou-se mais perto, pressionando seu corpo no meu, e eu o senti puxar a alça da fita que reunia o pescoço da minha camisola.

—Boa caça, então?— Eu gentilmente balancei minha bunda no oco de suas coxas e ele suspirou em apreciação, seu hálito quente em meu ouvido, e colocou uma mão fria a minha volta. —Oo.

—Sim. Germain pegou um grande bagre, e que trouxe de volta um saco de lagosta e camarões cinza pequeninos.

—Mmm. Nós vamos ter um bom jantar, então. — Sua temperatura estava rapidamente equalizando com a minha, e eu estava à deriva agradavelmente de volta para o sono, embora muito disposta a ser despertada pelas razões certas.

—Nós vimos um jacaré pequenino. E uma cobra, um mocassim de água.

—Você não pegou esses, eu espero. — Eu sabia que cobras e jacarés eram tecnicamente comestíveis, mas eu não acho que estávamos com muita fome o suficiente para fazer os desafios de cozinhar isso.

—Não. Ah, e uma dúzia de navios britânicos cheios de soldados apareceram, também.

—Isso é *O quê?*—Eu virei em seus braços, terminando face a face.

—Soldados britânicos, — ele repetiu suavemente. — Nada asquerosos Sassenach. Espero que ele esteja bem. Fergus e eu já escondemos a prensa, e nós não temos nenhuma prata para enterrar. Isso é uma coisa a ser dito pela pobreza, — acrescentou reflexivamente, acariciando minha bunda. — Vocês não precisam temer ser saqueadas.

—Isso o quê diabos eles estão fazendo *aqui?* —Eu rolei e sentei na cama, puxando minha manta até ao redor dos meus ombros.

—Bem, você disse que Pardloe falou para você que eles queriam cortar as colônias do sul, sim? Eu imagino que eles decidiram começar aqui.

—Por que aqui? Por que não em Charleston...? Ou Norfolk?

—Bem, eu poderia não saber, não estar a par de conselhos de guerra britânicos, — disse suavemente. —Mas se eu fosse dar um palpite, eu diria que talvez haja um bom número de tropas já na Flórida, e eles estarão marchando para aderir a este novo lote. Os legalistas são grossos como pulgas em um cão ao longo da costa das Carolinas; se o exército está garantido na Flórida e Geórgia, eles estariam bem posicionados para avançar em direção ao norte, pegando suporte local.

—Você tem tudo planejado, eu vejo. — Eu apertei minhas costas contra a parede, não havia cabeceira e comecei a reatar a fita de minha camisola. Eu não me sentia bem para atender uma invasão com meu peito descoberto.

—Não, — ele admitiu. —Mas só há duas coisas a fazer, Sassenach: ficar ou fugir. É o auge do inverno nas montanhas; nós não conseguiremos passar até março, e não seria bom eu ficar vagando sem rumo sobre o campo com três crianças, duas mulheres grávidas, e sem dinheiro. E eu duvido que eles fossem queimar a cidade, não se aqui for à base para invadir o resto do Sul — Ele estendeu a mão e passou a mão suave no meu ombro e braço. —Não é como se você não vivesse em uma cidade ocupada antes.

—Hmm, — eu disse com ar de dúvida, mas ele tinha um ponto. Lá *existiam* algumas vantagens para a situação, o chefe de um exército já

detinha uma cidade, eles não atacariam: sem brigas nas ruas. Mas, então... eles não prenderam ainda.

—Nada asqueroso mesmo, moça, — ele disse suavemente, e enroscou o dedo na minha fita. —Eu não disse a você quando se casou que tinha a proteção do meu corpo?

—Você disse, — eu admiti, e coloquei a mão sobre a dele. Era grande, forte, e capaz.

—Em seguida, não me faça mentir, *a Donn nighean*, E deixe-me provar isso, — disse, e puxou a fita solta.

As pernas de rã eram do tamanho realmente se pareciam muito como coxinhas de frango. E gosto muito parecido, também, cobertas em farinha e ovo com um pouco de sal e pimenta e fritas.

—Por que é que a carne de animais estranhos é muitas vezes descrita como com gosto de frango? — perguntou Rachel, ordenadamente pegando outra perna debaixo de mão atingindo de seu marido. —As pessoas que eu ouvi dizer sobre isso, desde leões da montanha a jacaré.

—Porque parecem, — respondeu Ian, levantando uma sobrancelha para ela e esfaqueando o garfo em um prato de pedaços de peixe-gato, semelhante empanados e fritos.

—Bem, se você quer ser técnico sobre isso, — eu comecei um coro de gemidos se misturavam e risos. Antes que eu pudesse lançar uma explicação sobre a bioquímica da fibra muscular, no entanto, houve uma batida na porta. Vínhamos fazendo tanto barulho durante o jantar que eu não ouvi passos na escada e fui pega de surpresa.

Germain apareceu para abrir a porta e olhou com surpresa para dois oficiais Continentais, de uniforme completo.

Houve uma raspagem geral de cadeiras, enquanto os homens se levantaram, e Jamie saiu de trás da mesa. Ele estava trabalhando no armazém durante todo o dia, após caçar nos pântanos metade da noite, e não só estava com os pés descalços, mas vestindo uma muito manchada camisa encardida e uma manta desbotada tão gasta que era fina em alguns pontos. Ainda assim, ninguém teria duvidado que ele fosse o dono da casa. Quando ele inclinou a cabeça e disse: —Senhores? Seja bem-vindo, —ambos os oficiais tiraram o chapéu, inclinando e entraram, murmurando — Seu servo, Senhor.

—O general Fraser, — o oficial sênior disse, o título não era bem uma pergunta, enquanto olhava o traje de Jamie. —Eu sou o major-general

Robert Howe.

Eu nunca vi o major-general Howe antes, mas eu sabia que o seu companheiro, e minha mão apertou a faca de pão. Ele estava vestindo um uniforme de coronel agora, e seu rosto era tão suavemente esquecível como sempre, mas não era provável que eu me esquecesse do capitão Ezequiel Richardson recentemente um capitão em seu exército de Sua Majestade, visto pela última vez na sede da Clinton, na Filadélfia.

—Seu humilde servo, senhor, — disse Jamie, em um tom bastante desmentindo o elogio habitual. —Eu sou James Fraser, mas já não um oficial em qualquer exército. Eu me demiti de minha comissão.

—Então, eu entendo senhor. — Olhos esbugalhados uma vez de Howe esquadrinharam a mesa, sacudindo passando por Jenny, Rachel, Marsali, e as meninas antes de se decidir por mim. Ele deu um pequeno aceno com convicção e se inclinou para mim. —Sra. Fraser? Eu a confirmo e a vejo bem, minha senhora. —Obviamente, ele ouviu a história por trás da renúncia dramática de Jamie.

—Sim, obrigado, — eu disse. —Não atente para o lagostim lá, Coronel. — Richardson estava de pé em frente da banheira de lata em que eu colocará o lagostim, coberto com água e cobri com um punhado de farinha de milho, com os quais eles se purgariam de suas pequenas vísceras desagradáveis pelas próximas vinte e quatro horas e tornariam seguros para comer.

—Perdão, minha senhora, — disse educadamente, movendo-se de lado. Ao contrário de Howe, ele era essencialmente preocupado com os homens; E vi seus olhos tocarem por um instante no gancho de Fergus, descartando, em seguida, descansando sobre Ian, com um ar de satisfação. O que Jamie chamava de temor frio desceu a minha volta. Eu já sabia o que eles queriam; esta era uma gangue de imprensa de alto nível.

Jamie reconheceu o seu propósito, também.

—Minha esposa está bem, graças a Deus, General. Espero que ela goste que seu marido permaneça nessa condição, também.

Bem, isso foi bastante contundente. Howe, evidentemente, decidiu que não havia sentido em mais civilidade e entrei diretamente.

—Você está ciente, senhor, que um número de tropas britânicas desembarcaram nos arredores da cidade e, sem dúvida, significa invasão e captura?

—Eu estou, — disse Jamie pacientemente. —Eu os vi vindo à noite passada. Quanto a capturar a cidade, eu acho que eles estão extremante bem colocados para fazer exatamente isso. E se eu fosse você, General e eu agradeço a Deus que eu não sou você deveria reunir seus homens neste minuto e marchar para fora da cidade longe deles. Conhece o provérbio sobre o viver para lutar outro dia, sim? Eu recomendo como uma estratégia.

—Eu o compreendo bem, senhor?— Richardson colocou seu tom irritado. —Você se recusar a participar da defesa de sua própria cidade?

—Sim, nos recusamos, — Ian colocou antes Jamie pudesse responder. Ele olhou para os visitantes de uma forma hostil, e eu vi a mão cair para o seu lado direito, atingindo a cabeça de Rollo, em seguida, seus dedos enrolando apertado, faltando. —Não é a nossa cidade e nós não estamos dispostos a morrer por ela.

Eu estava sentada ao lado de Rachel e senti seus ombros perderem um pouco de sua tensão. Do outro lado da mesa, os olhos de Marsali deslizaram para o lado, para Fergus, e eu vi um momento de comunicação civil silenciosa e forte. —*Se eles não sabem quem somos, não diga a eles.*

Howe, um homem bastante corpulento, abriu e fechou a boca várias vezes antes de encontrar palavras.

—Estou chocado, senhor, — falou, finalmente, com o rosto muito vermelho. —Consternado, — repetiu, seu segundo queixo tremendo de indignação e, pensei, não pouco desespero. —Que um homem conhecido por sua bravura em combate, sua constância para a causa da liberdade, iria apresentar covardia à regra do tirano sanguinário!

—Uma escolha pouco curta de traição, — Richardson colocou, balançando severamente. Eu levantei minhas sobrancelhas para isso e olhei para ele, mas ele diligentemente evitou meu olho.

Jamie ficou olhando para eles por um momento, esfregando o dedo indicador para baixo da ponte de seu nariz.

—Sr. Howe, —disse finalmente, deixando cair sua mão. —Quantos homens tem em seu comando?

—Por... Quase mil!

—Como quase?

—Seiscentos, — disse Richardson, no mesmo momento em que Howe exclamou: —Novecentos, senhor!

—Sim, — disse Jamie, claramente impressionado. —Esses transportes levam três mil homens, facilmente bem armados, com artilharia e eles têm

todo um regimento Highland a seu lado, também; ouvi seus cachimbos quando desembarcaram.

A cor de Howe desapareceu visivelmente. Ainda assim, ele fechou; ele manteve sua dignidade.

—Quaisquer que sejam as chances, senhor, — disse, —é meu dever lutar e proteger a cidade confiada aos meus cuidados.

—Eu respeito a sua devoção a seu dever, general, — disse Jamie, muito a sério. —E que Deus esteja com vocês. Mas eu não vou.

—Nós poderíamos fisicamente obrigá-lo, — Richardson assinalou.

—Vocês poderiam, — Jamie concordou imperturbável. —Mas para quê? Você não pode me fazer homem de comando se eu me recusar a fazer isso, e que bom é um soldado indisposto?

—Isso é covardia, senhor! — Disse Howe, mas estava claro que se tratava de arrogância e fanfarronice ruim, aqui.

—*Dia eadarainn 's an t-olc*— Jamie disse calmamente, e acenou com a cabeça em direção à porta. —*Deus entre nós um mal*, — disse. —Vá com Deus, meus senhores, mas saiam da minha casa.

—Você fez bem, Jamie, — disse Rachel em voz baixa, após o som dos passos dos soldados desaparecendo pela escada. —Nenhum Amigo poderia ter falado com mais sabedoria.

Ele olhou para ela, arqueando boca.

—Obrigado, moça, — disse. —Mas acho que vocês sabem que não estava falando das mesmas razões que um Amigo pode ter.

—Oh, eu não sabia, — disse, sorrindo. —Mas o efeito é o mesmo, e Amigos são gratos por tudo os que eles podem obter. Vai querer a última perna de sapo?

Uma pequena onda de risos percorreu os adultos, e as crianças, que estavam sentadas rígidas durante a visita dos soldados, relaxaram como se fossem balões que alguém deixou sair o ar para fora e começaram a zumbir em torno do quarto em alívio. Temendo pela banheira de lagostas, Jenny e Marsali empacotaram em algum tipo de ordem e marcharam para o quarto, Marsali parando para beijar Fergus e adjurando querendo ficar sozinho cuidado do andamento da casa.

—Os britânicos não estão na cidade, no entanto, *mon chou*, — Disse, beijando-a de volta.

—Sim, bem, nunca é demais para manter a prática, — disse com sarcasmo. —Venha, pequenas *rattans*.

Os que sobraram sentaram por um tempo a discutir o futuro imediato e que pouco poderia ser feito. Jamie estava certo sobre as vantagens da pobreza em uma situação, mas, ao mesmo tempo...

—Eles vão levar qualquer alimento que encontrarem, — eu disse. —Pelo menos no início. — Eu dei a prateleira atrás de mim um olhar rápido; era nossa despensa e seguro a soma total da loja do agregado familiar: um pequeno pote de banha, sacos de pano de farinha de aveia, farinha, arroz, feijão e grão tostado uma trança de cebolas e algumas maçãs secas, metade de uma roda de queijo, uma pequena caixa de sal e um pote de pimenta, e os restos de um pão de açúcar. Além disso, o nosso pequeno estoque de velas.

—Sim— Jamie balançou a cabeça, levantou-se e foi buscar sua bolsa, que ele colocou na mesa. —Cerca de quatorze xelins. Ian? Fergus? —Os recursos de Ian e Rachel somaram mais nove xelins, um guiné de Fergus, dois xelins, e um punhado de moedas de um centavo.

—Veja o que pode obter na taverna amanhã, moça, — disse empurrando uma pequena pilha de moedas em direção a Rachel. —Eu acho que pode colocar de lado um barril de peixe salgado do armazém. E você, Sassenach, se você for rápida no mercado de manhã, pode conseguir mais arroz e feijão, talvez um pedaço de bacon? —Pedaços de cobre e prata piscaram na mesa diante de mim, semblante impassível do rei cinzelado de perfil.

—Não há um bom esconderijo no nosso quarto, — Ian observou, olhando ao redor. —Nem aqui. O consultório pequenino da tia, você acha?

—Sim, isso é o que eu estava pensando. É um piso de bordo, e o prédio tem uma boa base. Eu talvez vá fazer um pequenino esconderijo amanhã. Eu não deveria pensar que há algo em seu consultório que os soldados possam querer? —Este última foi dito interrogativamente para mim.

—Somente os medicamentos que são feitos com álcool, — disse. Eu respirei profundamente. —Falando de soldados eu tenho que contar uma coisa. Pode não ser importante mais uma vez... —E eu disse sobre Ezequiel Richardson.

—Você tem certeza disso, Sassenach?— Jamie franziu a testa um pouco, sobrancelhas vermelhas acendendo a luz das velas. —O jovem homem tem um rosto que pode pertencer a qualquer um.

—Ele não é o que você chamaria memorável, em tudo, — eu admiti. — Mas, sim, eu tenho certeza. Ele tem aquela verruga no lado do queixo; eu me lembro disso. É mais do jeito que estava olhando para mim, no entanto. Ele *me* reconheceu, eu tenho certeza.

Jamie respirou fundo e soltou o ar lentamente, considerando. Então ele colocou as mãos sobre a mesa e olhou para Ian.

—Sua tia viu meu filho, William, na cidade outro dia, — disse, sua voz cuidadosamente neutra. —Diga a eles o que ele disse de Richardson, Sassenach, sim?

Eu fiz, mantendo um olho no pulso na garganta de Ian. Então Rachel; colocou a mão em silêncio na sua, que estava apertando em um punho sobre a mesa. Ele olhou para ela, sorriu brevemente, e relutantemente abriu, entrelaçando os dedos com os dela.

—E o que William está fazendo aqui, então? — Perguntou Ian, obviamente, trabalhando para manter qualquer indício de hostilidade em sua voz.

—Ele estava procurando por Richardson, de fato, mas ele também está procurando a mulher de seu primo, uma mulher chamada Amaranthus Grey ou talvez Cowden, — acrescentei. —Ela pode estar passando por seu nome de solteira. Eu queria perguntar se algum de vocês ouviu qualquer menção a ela.

Tanto Ian e Rachel balançaram a cabeça.

—Você iria lembrar um nome como esse, — disse Rachel. —Mas acha que William não sabe que Richardson está aqui?

—Tenho certeza que não sabe, — eu disse. —Nem que Richardson se virou para os rebeldes. Aparentemente.

Houve silêncio por um momento. Eu podia ouvir o clique fraco do lagostim na banheira atrás de mim e do ligeiro pop quando uma ouve uma falha no pavio a chama dançando.

—Este homem Richardson pode simplesmente ter mudado a sua lealdade, — Rachel sugeriu. —Eu sei de muitos que fizeram, ao longo dos últimos dois anos.

—Ele pode, — eu disse lentamente, —, mas a coisa está que John achava que ele era um espião da inteligência ou agente secreto de algum tipo. E quando alguém dessa faixa transforma seu casaco... Você tem que perguntar se o transformou uma ou duas vezes. Ou não. Você não acha?

Jamie colocou a mão sobre a mesa, pensando.

—Sim, bem, — disse finalmente, e, sentando-se em linha reta, estendeu-se com um suspiro. —Se há alguma coisa duvidosa sobre o homem, vamos saber em breve.

—Vamos? — eu perguntei. Ele me deu um sorriso irônico.

—Sim, Sassenach. Ele vai procura-la. Mantenha sua faquinha perto da mão, sim?

## **Capítulo 129 – Invasão**

*29 de dezembro*

Ouvimos pistolas logo após o amanhecer. Jamie se deteve no ato de fazer a barba para ouvir. Foi um trovão distante, irregular, abafado pela distância. Mas eu ouvi falar de artilharia perto e senti o som como um eco em meus ossos, pedindo voo instante. Jamie ouviu falar de artilharia em uma escala muito mais perto do que eu e largou a navalha, plantando suas mãos espalmadas sobre o lavatório. Para mantê-las de tremer, pensei.

—Eles estão disparando canhões dos navios no rio, — disse em voz baixa. —E artilharia regular a partir do sul. Deus ajude Howe e seus homens. —Ele atravessou e pegou a navalha.

—Quão longe você acha que eles estão?— Eu parei no ato de colocar minhas meias e agora ensaiava para levantar, prendendo lentamente minha liga. Jamie balançou a cabeça.

—Não contando a partir daqui. Eu vou sair daqui a pouco, no entanto, e depois eu vou ver como o vento se encontra.

—Você está saindo?— Eu perguntei, preocupada com a perspectiva. — Certamente você não está indo para o trabalho hoje. — O armazém dos Fadler, onde trabalhava como supervisor e funcionário sênior, era *no* rio.

—Eu não vou, — disse brevemente. —Mas eu pensei em ir buscar as crianças e Marsali e minha irmã. Fergus irá para ver o que está acontecendo, e eu não os quero sozinhos sem um homem. —Sua boca diluiu. — Especialmente se os soldados vêm para a cidade.

Eu balancei a cabeça, ao mesmo tempo incapaz de falar. O pensamento das coisas que aconteceram, que poderia acontecer durante uma invasão... Eu, graças a Deus, nunca vivi um evento como esse, mas vi muitos noticiários e fotografias para ter ilusões quanto às possibilidades. E já vi relatos de uma companhia britânica acima da Flórida sob um oficial chamado major Prevost, invadindo o campo em torno de Sunbury, correndo o gado e celeiros e fazendas em chamas. Sunbury não era longe o suficiente para o conforto.

Quando Jamie saiu, eu me abalei por alguns minutos, indecisos o que fazer primeiro, mas depois me recompus e decidi fazer uma visita rápida ao meu consultório. Seria uma boa ideia tirar meus mais valiosos instrumentos, não que qualquer um deles tivesse um grande valor; não havia mercado negro de serras de amputação (pelo menos ainda não...) e tais medicamentos e insumos podiam ser necessários se...

Cortei o se bruscamente e olhei em torno do nosso modesto quarto. Eu estava mantendo apenas alguns mantimentos, como farinha e manteiga, e os itens mais perecíveis dos alimentos aqui; qualquer coisa que pudesse ser armazenada por um tempo agora estava escondido sob o assoalho do meu consultório. Se estivéssemos prestes a fazer Marsali, Jenny, e as crianças ficarem por um tempo indefinido, porém, é melhor eu trazer de volta algumas coisas mais.

Eu levei a minha maior cesta e bati na porta do quarto de Rachel no andar de baixo. Ela respondeu de uma vez, já vestida para sair.

—Ian foi com Fergus, — disse, antes que eu pudesse perguntar. —Ele diz que não vai lutar com a milícia, mas que Fergus é seu irmão e é seu dever para deixá-lo seguro. Eu não posso reclamar sobre isso.

—Eu poderia, — eu disse com franqueza. —Eu reclamei como Billy que achava que ele iria fazer nenhum bem. Resíduos de ar, apesar de tudo. Você vem comigo até o consultório? Jamie foi buscar Jenny e Marsali e os filhos, então eu pensei que era melhor trazer de volta algo para eles comerem.

—Deixe-me pegar minha cesta.

As ruas estavam cheias de pessoas a maioria delas em algum processo de deixar a cidade, buscando bens, ou empurrando carrinhos pelas ruas, embora alguns claramente empenhados em saques. Vi dois homens quebrar uma janela e rastejar por ela em uma grande casa fora de Ellis Square.

Chegamos ao consultório sem incidentes, embora, encontramos duas prostitutas do lado de fora. Eram mulheres que eu conhecia, e eu os apresentei a Rachel, que era muito menos desconcertada pela introdução.

—Nós estamos querendo comprar remédio para varíola, senhora, — disse Molly, uma garota irlandesa resistente. —Tantos quanto tenha à mão e esteja disposta a se desfazer.

—Você, hum espera uma erupção de varíola? Por assim dizer? —Eu estava abrindo a porta à medida que falava, calculando se a safra atual de penicilina era susceptível de ser suficientemente potente como fazer qualquer diferença.

—Não importa muito se ela funciona ou não, minha senhora, — disse Iris, que era muito alta, muito magra, e muito preta. —Nós pretendemos vender para os soldados.

—Eu sei, — disse eu, e sem expressão. —Bem, então...

Dei o que eu tinha de penicilina na forma líquida, recusando a carregá-la. Eu mantive o molde em pó e os restos de queijo Roquefort, porém, no caso da família poder ter necessidade deles, e sofri um raio de medo vivo no pensamento de Fergus e Ian, fazendo Deus sabe o quê. A artilharia parou ou o vento mudou, mas ele começou a subir novamente, como fizemos o nosso caminho para casa, segurando nossas cestas sob nossas capas para evitar ataques de arrebatamento e agarrar.

Jamie trouxe Marsali e Jenny e as crianças, todos levando o que podiam na forma de roupas, alimentos e roupas de cama. Houve um longo período de caos total, enquanto as coisas eram organizadas, mas, finalmente, se arrumaram em uma espécie de chá áspero, por volta das três da tarde. Jamie, recusando-se a ser envolvido na engenharia nacional, exerceu sua prerrogativa masculina de desaparecer vagamente indeterminado *negócio*, mas, com instinto infalível, reapareceu, assim como o bolo estava sendo definido, tendo um grande saco de aniagem de mariscos, o barril de farinha, e um mínimo de notícia.

—A luta acabou, — disse, procurando um local para colocar os mariscos.

—Eu observei que as armas pararam há algum tempo. Sabe o que aconteceu? —Peguei o saco e decantei os mariscos com um barulho alto no caldeirão vazio, então derramei um balde de água sobre eles. Eles se manteriam até o jantar.

—Exatamente o que eu disse ao General Howe que iria acontecer, — disse, embora não com qualquer sensação de prazer em estar certo. — Campbell, esse é o tenente-coronel britânico, Archibald Campbell, circulado Howe e os seus homens e ensacados como peixes em uma rede. Eu não sabia o que ele fez ir, mas eu espero que não haja tropas na cidade antes do anoitecer.

Todas as mulheres se entreolharam e relaxaram visivelmente. Esta foi realmente uma boa notícia. Que com uma coisa e outra, o exército britânico era muito bom em ocupar cidades. E enquanto a cidadania pudesse justificadamente se ressentir do aquartelamento de tropas e da requisição de

material, o fato subjacente era que não havia nada para manter a ordem pública como ter um exército vivendo com você.

—Será que vamos estar seguros, então, com os soldados aqui? — perguntou Joanie. Ela estava com os olhos brilhantes com a aventura, como seus irmãos, e que veio a seguir de perto a conversa de adultos.

—Sim, principalmente, — disse Jamie, mas seus olhos se reunindo com Marsali, e ela fez uma careta. Nós provavelmente estaríamos seguros o suficiente, embora comida pudesse ser curta por um tempo, até que os intendentess do exército fizesse as coisas em ordem. Fergus e Bonnie, porém, eram outro assunto.

—Felizmente, nós não iniciamos *L'Oignon* ainda — disse, respondendo ao olhar de Jamie. —É só imprimimos panfletos e volantes e trato religioso ímpar. Eu acho que vai dar tudo certo — disse bravamente, mas chegou a tocar cabeça escura de Félicité, para se tranquilizar.

Tivemos os mariscos feitos em sopa, sim uma sopa aguada, pois tínhamos muito pouco de leite, mas engrossado com biscoito esfarelado, e *muita* manteiga e arrumamos a mesa para a ceia quando Fergus e Ian vieram fazendo barulho até as escadas, liberados com entusiasmo e cheio de novidades.

—Foi um escravo negro que fez a diferença, — disse Fergus, enfiou um pedaço de pão na boca. —*Mon Dieu* estou faminto! Não comi o dia todo. Este homem entrou no acampamento britânico logo após a luta começou e se ofereceu para mostrar um caminho secreto através do pântano. O tenente-coronel Campbell enviou um regimento de Highlanders, podíamos ouvir os tubos; lembrei-me de Prestonpans. —Ele sorriu para Jamie, e eu podia ver o magricela órfão francês de dez anos de idade, que foi, montado em um canhão capturado. Ele engoliu em seco e lavou a mordida com água, sendo que tudo o que tínhamos no momento.

—Highlanders, — ele continuou, —e alguns outros de infantaria, e seguiram o escravo através do pântano e homens da bem rodados do general Howe, que foram todos aglutinados, pois é claro que eles não sabiam de que direção à luta poderia vir .

Campbell então enviou outra companhia de infantaria de volta a Howe, —para fazer algumas demonstrações, — disse Fergus, acenando com uma mão arejada e espalhando migalhas. —Viraram, é claro, para responder a este, e em seguida, os Highlanders caíram sobre eles a partir do outro lado, e *voilà!*—Ele estalou os dedos.

—Eu duvido que Howe sinta qualquer gratidão àquele escravo, — Ian colocou, pegando sua taça no caldeirão de sopa. —Mas ele fez. Ele não perdeu mais de trinta ou quarenta homens e se levantou e lutou, provavelmente eles estariam todos mortos, se não tivessem o bom senso de se render. E ele não me parece um homem nesse sentido , — acrescentou, pensativo.

—Há quanto tempo você acha que eles vão ficar, o exército?— Jenny cortou o pão e distribuiu os pedaços em volta da mesa, mas fez uma pausa para enxugar um antebraço pela testa. Era inverno, mas com o fogo na sala pequena e tanta gente amontoadada, a temperatura estava se aproximando rapidamente de níveis de um banho turco.

Todos os homens trocaram olhares. Então, Jamie falou, relutante.

—Muito tempo, *a piuthar*.

### ***Capítulo 130 - A Cura Soberana***

Tinha que ser feito, e tinha que ser feito agora. Entre a inquietação de Jamie e minhas dúvidas, eu adiei a questão da tomada de éter. Mas agora nós éramos contra ele: eu simplesmente não podia fazer o que precisava ser feito por Sophronia sem um anestésico geral de confiança.

Eu já decidi que eu poderia fazer a produção no pequeno galpão no jardim enorme cozinha da Sra. Landrum. Ele estava fora dos limites da cidade, com um acre de espaço aberto de todos os lados, este ocupado apenas por couve e cenoura de inverno hibernando. Se eu me soprasse para o reino, eu não levaria ninguém comigo.

Eu duvidava que esta observação tranquilizasse Jamie para qualquer grande medida, no entanto, assim que eu mencionasse adiar meus planos. Eu montei o que eu precisava e disse apenas no último minuto, poupando da preocupação. E, afinal, se eu não pudesse obter os ingredientes necessários... Mas eu tinha certeza que poderia. Savannah era uma cidade de tamanho considerável, e uma porta de transporte. Havia pelo menos três boticários da cidade, bem como vários armazéns que importavam itens especiais da Inglaterra. *Alguém* era obrigado a ter ácido sulfúrico, também conhecido como óleo de vitríolo.

O tempo estava frio, mas ensolarado, e vendo um número de soldados de casacas vermelhas na rua, eu perguntei vagamente se considerações

climáticas tivessem algo a ver com o britânico decidindo mudar seu teatro de operações para o sul.

O velho Sr. Jameson, um cavalheiro enérgico em seus setenta me recebeu agradavelmente quando entrei no Boticário de Jameson. Eu tive a oportunidade de fazer pequenas compras de ervas dele antes, e nós nos demos bem. Eu apresentei com a minha lista e naveguei entre os frascos em suas prateleiras, enquanto afastava para lá e para cá em busca de meus pedidos. Havia três jovens soldados do outro lado da loja, se reuniram em conversa furtivas com o mais jovens Sr. Jameson sobre algo que estava mostrando a eles sob seu contador. Remédio para varíola, presumi ou dei o benefício da dúvida a respeito de previsão, possivelmente preservativos.

Eles concluíram suas compras clandestinas e foram para fora, de cabeça para baixo e sim com o rosto vermelho. Quanto mais jovem Sr. Jameson, que era o neto do proprietário e sobre a mesma idade que os soldados recém-falecidos, também bastante rosa, mas cumprimentou-me com calma, fazendo uma reverência.

—Seu servo, Sra. Fraser! Posso ajudar?

—Oh, obrigado, Nigel, — eu disse. —Seu avô tem a minha lista. Mas — um pensamento me ocorreu, talvez correr pelos soldados— Gostaria de saber se você poderia conhecer uma Sra. Grey. Amaranthus Grey é o nome dela, e eu acredito que seu nome de solteira era... Oh, o que era? Cowden! Amaranthus Cowden Grey. Você já ouviu esse nome?

Ele franziu a testa muito lisa em pensamentos.

—O que um nome estranho. Er. sem intenção de ofender, senhora, — ele rapidamente me assegurou. —Eu quis dizer... Bastante exótico. Bastante incomum.

—Sim é. Eu não a conheço — disse, —, mas um amigo meu disse que ela morava em Savannah e me pediu para... Er ... achá-la.

—Sim, é claro. — Nigel se mexeu um pouco, mas balançou a cabeça. — Não, me desculpe, minha senhora, eu não acredito que eu já encontrei uma Amaranthus Cowden.

—Cowden? — Disse Jameson, surgindo de repente a partir de seu quarto de volta com várias garrafas em suas mãos. —É claro que conhecemos rapaz. Ou melhor, não conhecemos; ela nunca veio à loja. Mas tivemos um pedido trazido por correio, apenas duas ou três semanas atrás, pedindo... Oh, o que foi, minha mente é uma peneira, Sra. Fraser, uma peneira absoluta, eu garanto quando você ficar velha, que é o meu conselho, oh sim.

Creme para a pele, água da Villette para gripe, uma caixa de pastilhas para adoçar a respiração, e uma dúzia de barras de sabão Savon D'Artagnan francês. Foi isso. —Ele sorriu para mim por cima dos óculos. —Ela vive em Saperville, — acrescentou, como uma reflexão tardia.

—Você é uma maravilha, vovô, — Nigel murmurou obedientemente, e estendeu a mão para as garrafas que seu avô estava segurando. —Quer que eu embrulhe estes, ou estamos misturando algo para a senhora?

—Oh— Sr. Jameson olhou para as garrafas em suas mãos, como se perguntando como chegaram lá. —Oh, sim! Eu queria perguntar, Sra. Fraser, o que foi que você tinha em mente para *fazer* com óleo de vitríolo. É incrivelmente perigoso, você sabe.

—Hum, sim, eu sei. — Eu olhei para ele pensativamente; alguns homens seriam capazes de se recusar a vender para uma mulher algo que eles pensavam impróprio ou perigoso, mas o Sr. Jameson parecia um espécie mundano, e era, pelo menos sabia que eu sabia que o uso de ervas medicinais.

—Eu tenho em mente fazer éter, — eu disse. A substância era conhecida, eu sabia que alguém ou outro descobriu de volta no século VIII, ou assim me foi dito na escola médica, mas seu uso como anestésico não seria desenvolvido em algum lugar, no século XIX. Eu perguntei vagamente se alguém no intervalo de 1.100 anos *teria* notado que o material colocava as pessoas para dormir, mas inadvertidamente os matou e assim abandonou mais experimentação.

Tanto o Sr. Jameson pareceu surpreso.

—Éter? — Disse Nigel, abertamente intrigado. —Por que você faria isso.

—Por que eu, o quê, você quer dizer que você tem o material que se apresenta?— Eu perguntei atônita.

Ambos assentiram, contente por estar de serviço.

—Oh, sim, — disse Jameson. —Nós nem sempre estocamos, é claro, mas com o... Er ... exército, — ele acenou com a mão, englobando a recente invasão e ocupação — há o transporte de tropas, e haverá um grande aumento do transporte marítimo, agora que o bloqueio não está em vigor.

—O que significa o aumento do transporte tem a ver com a venda de éter? — eu perguntei, querendo saber se o Sr. Jameson só poderia estar certo sobre os efeitos do avanço da idade sobre o cérebro.

—Por que, minha senhora, — disse Nigel. —É um remédio soberano para o enjoo. Você não sabia?

### ***Capítulo 131 - Um Jogador Nascido***

Contei meus instrumentos, pela terceira vez e, achando que nenhum deles escapou desde a última contagem, cobri com um pano de linho limpo e acariciando levemente na garantia dos bisturis ou eu mesma, eu não tinha certeza. Sutura de seda, suturas intestinais, agulha as mais finas de bordar obtidas em Savannah. Pequenas compressas, compressas, retalhos, ligaduras laminadas. Um galho de salgueiro de seis polegadas, cuidadosamente limpo em sua medula, polido e liso, e cozido lentamente, de modo a não quebrar para ser usado como um cateter para estabilizar a uretra e a bexiga e manter a urina para fora do campo cirúrgico. Eu pensei em usar um maior para o intestino, mas decidi que seria melhor usar os dedos para manipular os tecidos escorregadios lá, desde que eu conseguisse nem me cortar nem me perfurar no processo.

Rachel estava vindo para ajudar com a cirurgia, e eu passei por todos os instrumentos e procedimentos de novo com ela. Eu desci uma hora mais cedo, no entanto, querendo tanto fazer meus preparativos finais e para passar um pouco de tempo sozinha, estabelecendo a minha mente e espírito para o trabalho adiante.

Eu me senti surpreendentemente calma, considerando a complexidade e os riscos da operação com antecedência. Pode-se argumentar que mesmo se eu falhasse a pobre criança não poderia ser pior do que estava, mas é claro que poderia morrer, como resultado da cirurgia, a partir de choque, infecção, hemorragia ou mesmo acidental. Cirurgia abdominal era muito mais grave do que tentar uma correção, mas dado o que eu tinha em mãos, eu pensei que as chances de conseguir uma cura eram muito melhor assim transvaginais. E depois havia a questão da curetagem que retirou a criança morta; eu não tinha ideia de que tipo de danos que poderia ter causado, mas se havia alguma, eu poderia ser capaz de corrigi-la.

Olhei automaticamente na prateleira onde minha fábrica de penicilina estava trabalhando, ou pelo menos eu esperava que estivesse trabalhando, milhares de milhões de pequenos esporos excretando suas substâncias úteis. Eu não tinha tempo de ir a Savannah para estabelecer um bom processo e

testar o produto resultante; não havia como era tão frequentemente o caso, garantia alguma de que eu *teria* penicilina utilizável no meu caldo. Mas eu tinha um pequeno pedaço de queijo francês muito maduro, adquirido ao custo extravagante e agitado em um pouco de leite fervido para fazer uma pasta; o cheiro meio lutando pela supremacia com o cheiro forte de éter.

Eu podia ouvir os sons no início da manhã da cidade do lado de fora, calmante em sua simplicidade: o batedor de uma vassoura na calçada, o trotar de vagões puxados a cavalo, um cheiro tentador de pão quente como passos rápidos do menino do padeiro passando. As exigências da vida simples rapidamente fez a rotina de qualquer tipo de caos, e, como as invasões foram à ocupação de Savannah era razoavelmente sem derramamento de sangue.

Meu senso de bem-estar e calma destacada foi interrompido um momento mais tarde, a abertura da porta do consultório.

—Posso ajudá... — eu comecei, virando. Então eu vi o meu visitante e alterou a minha observação para um bastante hostil —O que *você* quer?

Capitão... não, ele era um coronel agora; os salários de traição, eu devo dizer de Richardson sorrindo encantadoramente para mim, então se virou e fechou a porta. Abri uma gaveta e peguei minha pequena serra de amputação; era pequena suficiente para lidar rapidamente, e a borda serrilhada levaria o nariz fora, se meu objetivo fosse bom.

O encantador sorriso abriu-se num sorriso quando viu quem eu era, e ele fez uma reverência. Ele não estava vestindo um uniforme e nenhuma maravilha, mas estava vestido decentemente, fato bastante sóbrio, com o cabelo amarrado simplesmente pela volta. Ninguém teria olhado para ele duas vezes.

—Seu servo mais humilde, minha senhora. Não se alarme; eu apenas queria ter certeza de que não seremos interrompidos.

—Sim, isso é o que eu *estou* alarmada, —Eu disse, dando um aperto firme na serra. —Destrave aquela porta neste minuto.

Ele me olhou por um momento, um dos olhos se estreitou no cálculo, mas depois soltou uma risada curta e, voltando-se, puxou o ferrolho. Cruzando os braços, inclinou-se contra a porta.

—Melhor?

—Muito. — Eu deixei a serra, mas não movi minha mão longe disso. — Repetindo o que *você* quer?

—Bem, eu pensei que talvez tivesse chegado a hora de colocar minhas cartas sobre sua mesa, Sra. Fraser e ver se você pode querer jogar uma mão ou duas.

—A única coisa que eu poderia estar inclinada a jogar com você, coronel, é mumblety-peg[56], — eu disse, batendo os dedos na alça da serra. —Mas se você quer me mostrar as suas cartas, vá em frente. Você tem que ser rápido sobre isso, porém, eu tenho uma operação a realizar em menos de uma hora.

—Não deve demorar muito tempo. Posso? —Levantando as sobrancelhas, ele apontou para um dos bancos. Eu balancei a cabeça, e ele sentou-se, parecendo bastante descontraído.

—A essência da questão, minha senhora, é que eu sou um rebelde e sempre fui.

—Você o quê?

—Eu sou atualmente um coronel do exército continental, mas quando você me conheceu, eu estava trabalhando como um agente americano disfarçado de um capitão do exército de Sua Majestade, na Filadélfia.

—Eu não entendo. — Agarrei *o que* ele estava me dizendo, mas não podia entender *por que* diabo deveria estar me dizendo.

—Você é uma rebelde mesmo, não é?— Uma sobrancelha levantada escassa em inquérito. Ele realmente era o homem mais aparência comum pensei. Se *for* um espião, ele estava fisicamente bem adequado para isso.

—Eu sou — eu disse cautelosamente. —O que tem isso?

—Então, nós estamos do mesmo lado, — disse pacientemente. — Quando eu fiz Lord John Grey se casar com você, eu...

—Você *o que*?

—Certamente, ele disse que eu ameacei prendê-la por distribuir materiais sediciosos? Em que você era muito desajeitada, devo acrescentar — acrescentou friamente. —Sua senhoria me garantiu que não tinha nenhum interesse pessoal em você, em seguida, mais gentilmente casou com você no dia seguinte. Sua senhoria é um homem-particularmente muito galante, tendo em vista suas próprias preferências.

Ele inclinou a cabeça, sorrindo de forma conspiratória, e uma lança de gelo atravessou minha barriga.

—Oh, você sabe, então, — ele observou, vendo meu rosto. —Eu pensei que você soubesse. Ele é extremamente discreto, mas eu acho que você é uma mulher muito perspicaz, especialmente em assuntos sexuais.

—Levante-se, — eu disse, na minha voz mais fria — e saia. Agora mesmo.

Ele não fez, é claro, e amaldiçoei a minha falta de premeditação em não manter uma pistola carregada no consultório. A serra poderia servir, se ele me atacasse, mas eu sabia melhor do que tentar atacá-lo.

*Além disso, o que você faria com o corpo, se você o matasse?* O lado lógico da minha mente perguntou. *Ele não iria caber no armário, muito menos o esconderijo.*

—Porque agora, — eu disse. —O que você precisa?

—Sua ajuda, — disse prontamente. —Eu originalmente tinha em mente usá-la como um agente no local. Você poderia ter sido muito valiosa para mim, movendo-se nos mesmos círculos sociais como o alto comando britânico. Mas você parecia muito instável perdoe-me, minha senhora, para abordar imediatamente. Eu esperava que a sua dor ao longo do seu primeiro marido desaparecesse e teria chegado a um estado de resignação em que eu pudesse buscar seu conhecimento e por graus atingir um estado de intimidade em que você poderia ser persuadida a descobrir pequenas e, a princípio, aparentemente inocentes pedaços de informação, o que você devia passar para mim.

—Apenas o que você quer dizer com *intimidade*?— Eu disse, cruzando os braços. Porque enquanto a palavra na linguagem corrente muitas vezes significava apenas amizade, ele não usou com essa entonação de todo.

—Você é uma mulher muito desejável, Sra. Fraser, — ele disse, me olhando por cima de uma forma objetivamente avaliando. —E quem sabe sua conveniência. Sua senhoria, obviamente, não estava obrigando você a esse respeito, por isso... —Ele ergueu um ombro, sorrindo de um modo depreciativo. —Mas como o general Fraser voltou dos mortos, eu imagino que você não está mais suscetível a iscas desse tipo.

Eu ri e deixei cair meus braços.

—Você se iludiu, coronel, — eu disse secamente. —Se não eu. Olha: por que não para de tentar me perturbar e me diga o que você quer que eu faça e por que diabos você acha que eu faria isso.

Ele riu, também, me dando algum senso de individualidade para seu rosto.

—Muito bem. Pode ser difícil de acreditar, mas esta guerra não será vencida no campo de batalha.

—Oh, sim?

—Sim, eu asseguro minha senhora. Ela será vencida por espionagem e pela política.

—Uma nova abordagem tenho certeza. — Eu estava tentando colocar seu sotaque; era Inglês, mas uma espécie bastante plana de sotaque. Não Londres, não o norte... Educado, mas não polido. —Eu suponho que você não estava solicitando minha ajuda na linha política.

—Não, na verdade, eu estou, — disse. —Algo indiretamente.

—Eu sugiro que você tente a abordagem direta, — disse eu. —Meu paciente vai chegar muito em breve. — Os sons do lado de fora mudaram; aprendizes e empregadas domésticas estavam passando em pequenos grupos, com destino ao trabalho ou compras diárias. Chamadas para lá e para cá, o risadinha ocasional de um flerte de passagem.

Richardson assentiu em aceitação.

—Você está ciente da opinião do Duque de Pardloe nessa guerra?

Fiquei um pouco surpresa com isso. Estupidamente, não me ocorreu que Hal pudesse ter uma, fora as exigências do seu serviço. Mas se alguma vez eu conheci um homem a garantia de ter opiniões, era Harold, segundo Duque de Pardloe.

—O que com uma coisa e outra, eu nunca trocaria pontos de vista com o duque em assuntos políticos. Nem com o meu nem com seu irmão, para que o assunto.

—Ah. Bem, senhoras, muitas vezes não têm interesse em coisas fora da sua própria esfera de interesse, embora eu prefira que você possa ter uma apreciação mais ampla..., diremos? —Ele olhou diretamente do meu avental para a tela e bandeja de instrumentos para os outros compromissos do meu consultório.

—E quanto a sua política?— Eu perguntei logo, desconsiderando suas implicações.

—Sua Graça é uma voz forte na Câmara dos Lordes, — disse Richardson, brincando com um fio desgastado na borda de seu punho. —E enquanto ele estava primeiro muito a favor da guerra suas opiniões ultimamente têm sido notoriamente mais... Moderadas. Ele escreveu uma carta pública para o primeiro-ministro, no outono, pedindo uma consideração da reconciliação.

—E então?— Eu não tinha a menor ideia de onde ele estava indo com isso e estava ficando impaciente.

—A reconciliação não é o que queremos minha senhora, — disse, e, puxando o fio livre, jogou-o de lado. —Este esforço só vai adiar o inevitável e interferir com o compromisso dos cidadãos de que precisamos desesperadamente. Mas o fato de que Sua Graça mostra essa moderação de perspectiva é útil para mim.

—Muito bem, — eu disse. —Vá direto ao ponto, se você quiser.

Ele ignorou isso e prosseguiu sua exposição sobre como se tivesse todo o tempo do mundo.

—Se ele fosse ferozmente comprometido com um extremo ou outro, seria difícil... Influenciar. Enquanto eu não sei de Sua Graça, tudo o que sei *de* é que indica que ele valoriza o seu senso de honra.

—Ele faz.

—Quase tanto quanto ele valoriza a sua família, — concluiu Richardson. Ele olhou diretamente para mim, e pela primeira vez, senti um lampejo de medo real.

—Já há algum tempo vem trabalhando para adquirir influência, direta ou de outra forma, sobre esses membros da família do duque como estão ao meu alcance. Com, digamos um filho, um sobrinho? Talvez até mesmo seu irmão em meu controle, então seria possível afetar sua posição pública de sua Graça, de qualquer maneira que parecia mais vantajosa para nós.

—Se você está sugerindo o que eu acho que você está então sugiro que você saia da minha vista neste instante, — disse eu, no que eu esperava que fosse um tom de ameaça calma. Embora eu estragasse o que for estragado pelo efeito pode ter, acrescentando: —Além disso, eu não tenho absolutamente nenhuma ligação com qualquer um da família de Pardloe agora.

Ele sorriu levemente, sem nenhum senso de brincadeira em tudo.

—Seu sobrinho, William, está na cidade, minha senhora, e você foi vista falando com ele há nove dias. Talvez você não tenha conhecimento, no entanto, que tanto Pardloe e seu irmão estão aqui, também?

—Aqui?— Minha boca estava aberta por um instante e eu fechei. — Com o exército?

Ele acenou com a cabeça.

—Percebi que, apesar de seu recente rearranjo conjugal...? ... Você permanecer em bons termos com Lord John Grey.

—Suficientemente bom que eu não faria nada que seja para entregá-lo em suas mãos de sangue, se é isso que você tinha em mente.

—Nada tão bruto senhora, — ele me assegurou, com um breve flash de dentes. —Eu tinha em mente apenas a transmissão de informações em ambas as direções. Pretendo nenhum dano ao duque ou de sua família; eu só desejo que...

O que quer que suas intenções, elas foram interrompidas por uma batida hesitante na porta, que então abriu e a cabeça da Sra. Bradshaw apareceu. Ela olhou para mim e apreensiva com desconfiança para Richardson, que limpou a garganta, levantou-se e curvou-se para ela.

—Seu servo, minha senhora, — disse. —Eu estava levando minha licença da Sra. Fraser. Bom dia para você. —Ele virou-se e inclinou-se para mim, mais elaborado. —Seu servo mais humilde, Sra. Fraser. Estou ansioso para vê-la novamente. Em breve.

—Eu aposto que você está, — eu disse, mas longe o suficiente sob a minha respiração que eu duvidava que ele me ouvisse.

Sra. Bradshaw e Sophronia entraram na sala, chegando perto o suficiente de Richardson em seu caminho para fora com seu rosto enrugado em repulsa involuntária pelo cheiro de Sophronia, e ele lançou um olhar assustado por cima do ombro para mim, este fazendo colidir fortemente com Rachel, correndo para dentro e dançando durante um ou dois passos, finalmente conseguindo o equilíbrio e fazendo a sua fuga deselegante, perseguido por meu riso.

Este pouco de palhaçada dissipou parcialmente o mal-estar que ele trouxe no consultório, e eu coloquei firmemente para fora da minha mente. Suficiente no dia que Richardson e eu tínhamos trabalho a fazer. Foi com um sentimento de confiança que eu peguei a pequena mão de Sophronia entre a minha e sorri para o rosto abatido.

—Não se preocupe querida, — eu disse. —Eu vou cuidar de você.

Com um hospital e equipamentos modernos, eu teria feito a cirurgia por via transvaginal. Dado os meus recursos atuais, porém, teria que ser abdominal. Com a Sra. Bradshaw ansiosamente empoleirada num banco fora do caminho, ela não ia embora, e eu esperava que ela não fosse desmaiar e Rachel contando cuidadosamente as gotas de éter sob sua respiração, peguei meu melhor bisturi e cortei Sophronia pela barriga limpamente. As estrias deixadas pela sua gravidez foram desaparecendo, mas ainda visíveis em sua jovem carne.

Eu tinha estribos improvisados, devendo precisar deles, feito com blocos de madeira para a mesa em um ângulo, e eu ia colocar uma toalha entre suas

coxas, embebida com a loção antibacteriana quando a limpasse, uma extração alcoólica de alho esmagado misturado com um extrato de água quente de erva-cidreira. Cheirava agradavelmente a cozinha e fez algo como matar o cheiro de esgoto, bem como germes, eu esperava.

O éter, porém, era mais forte do que qualquer outra coisa, e dentro de dez minutos de partida, comecei a sentir uma leve náusea na minha cabeça.

—Sra. Bradshaw, —Eu empurrei para cima do meu ombro. —Você abriria a janela, por favor? E as persianas? —Eu esperava que não fosse atrair todos os espectadores, mas a necessidade de ar fresco era imperativa.

A fístula vesicovaginal estava felizmente bastante pequena e em uma posição razoavelmente fácil de alcançar. Rachel estava segurando um afastador para mim com uma mão, mantendo a outra em pulso de Sophronia e administrando mais éter em todos os poucos minutos.

—Está tudo bem, Rachel?— Eu perguntei, aparando de volta das bordas da fístula, a fim de obter um campo decente para costurar-as bordas foram planificadas e maceradas, e o tecido se rasgar e separar sob qualquer tipo de pressão. Eu tinha alguma hesitação em pedir para ajudar hoje; eu teria perguntado a Jenny, mas ela estava sofrendo do que era chamado de catarro e espirros e tosse era à última coisa que eu queria em um assistente cirúrgico.

—Eu estou, — respondeu ela, com a voz um pouco abafada por trás da máscara não muito estéril, mas ao menos fervida. Ela usou um dos lenços de Ian para o efeito; era uma chita incongruente alegre em rosa escuro e branco. O gosto de Ian para roupa Mohawk era forte.

—Bom. Diga-me se você se sentir tonta. —Eu não tinha ideia do que eu faria se ela se sentisse tonta, talvez a Sra. Bradshaw pudesse assumir a garrafa caindo por alguns minutos...

Poupei um rápido olhar por cima do meu ombro. Sra. Bradshaw sentou em seu banquinho, com as mãos enluvadas apertando no colo e com o rosto pálido como um lençol, mas ela estava firme.

—Está indo bem até agora, — eu disse, tentando soar tão reconfortante quanto possível através da minha própria máscara branca casta. As máscaras pareciam enervá-la, e ela desviou o olhar, engolindo.

Ele realmente estava indo bem, apesar de tudo. Embora fosse a juventude de Sophronia que causou o problema, que também significava que seus tecidos eram saudáveis, em boa forma, e ela teve considerável

vitalidade animal. Se a cirurgia fosse bem sucedida, havendo pouca ou nenhuma infecção subsequente, ela curaria muito rapidamente. Se.

Pairar *ses* no ar acima de sua cabeça o tempo todo quando você está fazendo uma cirurgia, como uma nuvem de mosquitos. Para a maior parte, porém, eles mantinham uma distância respeitosa, apenas zumbindo fracamente em segundo plano.

Concluído.

—Um já foi um para ir, — eu murmurei, e, mergulhando um chumaço de gaze esterilizada na minha loção queijo, eu reboquei alguns, não sem o menor escrúpulo, sobre a reparação recém-costurada. —Avante.

A reparação do intestino era mais fácil, embora mais desagradável. Estava bastante frio na sala, eu não acendi um fogo, não querendo fuligem no ar, mas eu estava suando; gotas de suor correndo fazendo cócegas do lado do meu nariz e na minha nuca onde meu cabelo estava amarrado.

Eu podia sentir a garota, porém, a vida de seu eco em minhas mãos, seu batimento cardíaco forte e constante, havia um grande vaso sanguíneo visível na superfície do útero, e eu podia vê-lo pulsando. Ela teve sorte em uma coisa: o útero não havia sido perfurado, e parecia saudável. Eu não poderia dizer se houve cicatrização interna, mas quando coloquei minha mão suavemente sobre o órgão, era normal para mim. Por um momento, eu fechei os olhos, sentindo mais profundo, e encontrei o que eu pensei que eu precisava. Eu abri novamente, apaguei o lodo de sangue dos tecidos cortados, e estendi a mão para uma nova agulha.

*Quão mais?* Complicações anestésicas eram um dos desagradáveis pequenos voadores *ses*, e que um voou e pousou no meu ombro. Eu não tinha relógio ou relógio de bolso, mas trouxe uma pequena ampulheta emprestada de nossa senhoria.

—Quanto tempo se passou Rachel?

—Vinte minutos. — Sua voz era suave, e eu olhei para cima, mas ainda estava firme, os olhos fixos na barriga aberta. Ela estava grávida, sua própria barriga de quase quatro meses ligeiramente arredondada. —Não se preocupe, — eu disse a ela por alguns instantes. —Isso não vai acontecer com você.

—Certamente *poderia*? — Disse, ainda mais suavemente.

Eu balancei minha cabeça.

—Não, se eu estou com você quando você der à luz.

Ela fez um pequeno som divertido e pegou a garrafa cair novamente.

—Você estará, garanto Claire.

Rachel estava tremendo um pouco na hora que eu acabei; eu estava torcendo o pano molhado, mas sentindo o brilho da vitória, pelo menos temporário. As fístulas foram reparadas, o vazamento parou. Eu irriguei o campo cirúrgico com solução salina e os órgãos brilhavam as belas cores profundas do corpo por manchas de matéria fecal.

Parei por um momento para admirar a compacidade pura dos órgãos pélvicos, todos em seus lugares. Houve uma pequena gota de urina pálida do cateter, manchando a toalha com uma sombra amarela fraca. Em um hospital moderno, eu teria deixado o cateter durante a cicatrização, mas seria difícil de gerir, sem um saco de drenagem, e as chances de irritação ou infecção do dispositivo eram provavelmente maiores do que os possíveis benefícios de deixá-lo. Eu o tirei livre de seu corpo, observando. Dentro de poucos segundos, o fluxo de urina cessou, e deixei escapar um suspiro que eu não percebi que estava segurando.

Eu tomei uma nova agulha enfiada com seda, para fechar a incisão, quando algo me ocorreu.

—Rachel você quer olhar? De perto, eu quero dizer —Sophronia recebeu éter no último par de minutos e ainda estava profundamente adormecida; Rachel verificou sua cor e respiração e, em seguida, deu a volta na mesa para ficar ao meu lado.

Eu não acho que ela iria ficar perturbada pelo sangue ou a visão de órgãos, dado as coisas que ela viu em campos militares e campos de batalha. Ela não estava, mas *era* perturbador.

—Isso — Ela engoliu em seco e colocou uma mão em seu estômago inchado, muito suavemente. —Tão bonito — sussurrou. —Como o corpo é feito. Como essas coisas podem ser.

—É — eu disse, sua admiração me fez abaixar a minha própria voz.

—Pensar em sua pobre criança, embora... E ela não mais do que uma criança...

Olhei para Rachel e vi lágrimas em pé em seus olhos. E eu vi o pensamento atravessar o rosto, mascarado como era: *Poderia acontecer comigo.*

—Sim, — eu disse calmamente. —Volte para o éter; vou fechar a incisão agora. —Mas, quando eu mergulhei minhas mãos de novo na bacia de álcool e água, outra coisa me ocorreu.

*Oh, Deus, pensei, horrorizada com o pensamento. Mas...*

—Sra. Bradshaw, —eu disse. Ela estava sentada com a cabeça baixa, os braços em volta contra o frio, talvez meio adormecida. Quando falei, porém, sua cabeça surgiu bruscamente.

—Já acabou?— Ela perguntou. —Será que ela sobreviveu?

—Ela fez, — eu disse. —E, com sorte, vai continuar a fazer. Mas... —Eu hesitei, mas eu tinha que perguntar. E eu tive que perguntar a essa mulher.

—Antes de costurar a incisão... Posso fazer um procedimento muito menor que vai parar Sophronia de engravidar de novo.

Sra. Bradshaw piscou.

—Você pode?

—Sim. É uma coisa simples de fazer, mas, uma vez feito, não pode ser desfeito. Ela nunca seria capaz de ter filhos. —Uma nuvem fresca de *sês* havia se formado, zumbindo ansiosamente por cima do meu ombro.

Ela tinha treze anos. Ela era uma escrava. E tinha um senhor que a usou. Se ela fosse engravidar novamente em breve, ela poderia muito bem morrer durante o trabalho de parto e quase certamente ser seriamente danificada. Isso nunca pode ser seguro para ela ter um filho, mas que não era seguro para qualquer mulher, nunca. E *nunca* é uma palavra muito grande.

Sra. Bradshaw se afastou lentamente em direção à mesa, seus olhos se contorcendo em direção ao corpo, meio envolto exposto, então, incapaz ou olhar ou para ficar longe. Eu coloquei a mão, afastando-a.

—Não se aproxime, por favor.

—*Ele ficou triste quando o bebê morreu. Ele chorou.* — Eu ainda podia ouvir a tristeza na voz de Sophronia; lamentando seu filho. Como não poderia? Eu poderia tirar a possibilidade de outro para sempre, sem sequer perguntar o que sentia em relação a isso?

E, no entanto...

Se ela desse à luz um filho, ele, também, seria um escravo e poderia ser tirado dela e vendido. Mesmo se não fosse ele provavelmente iria viver e morrer na escravidão.

E, no entanto...

—Se ela não for capaz de ter filhos... , — Disse a Sra. Bradshaw lentamente. Ela parou de falar, e eu podia ver os pensamentos cruzando seu rosto branco, apertou; os lábios desaparecendo, tão firmemente pressionados juntos. Eu não acho que estava preocupada com o fato de que o valor da Sophronia seria diminuído se não pudesse reproduzir.

Será que o receio de dano devido à gravidez pararia o Sr. Bradshaw de usar a garota?

Se ela fosse estéril, ele iria sentir alguma hesitação?

—Ele não hesitou, porque ela tinha doze anos, — eu disse minhas palavras frias como pelotas de gelo. —Será a chance de matá-la na próxima vez vai impedi-lo?

Ela olhou para mim em estado de choque, a boca entreaberta. Ela piscou, engoliu em seco e olhou para Sophronia, mole e indefesa, corpo escancarado nas toalhas encharcadas de sangue, o chão em volta dela densamente salpicado com seus fluidos.

—Eu acho que não posso, — disse Rachel calmamente. Ela olhou de mim para a senhora Bradshaw, e não estava claro a quem ela estava falando: talvez nós duas. Ela estava segurando a mão de Sophronia.

—Ela sentiu seu filho se mover dentro dela. Ela adorou. —A voz de Rachel quebrou, e ela engasgou um pouco. Lágrimas brotaram e rolou a desapareceram em sua máscara. —Ela não faria... Ela... —Ela parou, engolindo um pouco, e balançou a cabeça, incapaz de seguir em frente.

Sra. Bradshaw colocou a mão desajeitadamente sobre o rosto, como se quisesse parar de me ver seus pensamentos.

—Eu não posso, — ela disse, e repetiu quase com raiva, atrás do escudo de sua mão: —Eu *não posso*. Não é minha culpa! Eu tentei, eu tentei fazer a coisa certa —Ela não estava falando comigo! Eu não sabia se era com o Sr. Bradshaw ou Deus.

Os ses ainda estavam lá, mas assim estava Sophronia, e eu não podia deixá-la por mais tempo.

—Tudo bem, — eu disse calmamente. —Vá sentar Sra. Bradshaw. Eu disse que ia cuidar dela, e eu vou.

Minhas mãos estavam frias, e o corpo debaixo delas estava muito quente, pulsando com a vida. Eu peguei a agulha e coloquei na primeira sutura.

### **Capítulo 132 - Coisa Obscura**

Saperville? William estava começando a se perguntar se Amaranthus Cowden Grey realmente existiu ou se era algo criado por Ezequiel Richardson. Mas se assim fosse, para quê?

Ele fez perguntas cuidadosas depois de receber a nota da Sra. Fraser ontem; realmente havia um lugar chamado Saperville um pequeno assentamento cerca de vinte quilômetros a sudoeste de Savannah, em que o seu interlocutor disse que era *o bosque de pinheiros*, em um tom de sugerir que os bosques de pinheiros estavam ao lado para o inferno de voz, tanto em termos de condições de afastamento e incivis. Ele não podia imaginar o que poderia ter feito a mulher, se ela realmente existisse, indo para um lugar assim.

Se ela *não existia*... então alguém a inventou, e o suspeito mais provável para tal engano era Ezequiel Richardson. William foi atraído para uma armadilha por Richardson antes. Toda a experiência no Pântano Sombrio ainda o fez cerrar os dentes, em retrospecto, ainda mais quando refletiu que, se não fosse por essa cadeia de eventos, nem ele nem Ian Murray teriam encontrado Rachel Hunter.

Com esforço, ele descartou Rachel de sua mente, ela não iria ficar de fora de seus sonhos, mas ele não tem que pensar sobre ela, enquanto acordava, e voltou a indescritível Amaranthus.

Em termos puramente práticos, Saperville estava do outro lado do exército de Campbell, que ainda estava acampado ao longo de vários hectares de terreno fora Savannah, enquanto a organização de aquartelamento era feitos, casa construída, e fortificações escavadas. Uma grande parte das forças continentais que se opuseram foi cuidadosamente ensacados e enviados como prisioneiros para o norte, e as chances dos restos causando problemas para Campbell era minúscula. Isso não significava que William poderia andar em linha reta através do acampamento sem chamar a atenção. Ele pode não se encontrar com alguém que o conhecia, mas isso não significava que ninguém iria interrogá-lo. E, no entanto inócua sua missão, a última coisa que ele queria era ter que explicar a alguém por que ele renunciou a sua comissão.

Ele teve tempo, enquanto Campbell estava arrumando suas forças, pegando Miranda de Savannah e embarcando com um agricultor há cerca de dez milhas ao norte. Os forrageiros do exército[57]

s da campanha que criavam numerosas pequenas escaramuças que ocorreram durante a [Guerra Revolucionária Americana](#)

ainda podiam encontrá-la, eles certamente fariam, se o exército permanecesse em Savannah para qualquer grande momento, mas no

momento em que ela estivesse a salvo. Muito familiarizado com a capacidade dos militares ele apreendeu cavalos e, muitas vezes, não estava disposto a levá-la à vista do exército.

Ele bateu os dedos sobre a mesa, pensando, mas relutantemente concluindo que era melhor ir a pé a Saperville, fazendo um grande círculo em torno dos homens de Campbell. Ele não ia descobrir sobre *Amaranthus* sentado aqui, tinha certeza.

**Resolvido, ele pagou por sua refeição, envolveu-se em sua capa, e partiu. Não estava chovendo, isso era uma coisa boa.**

Era janeiro, porém, e os dias ainda eram curtos; as sombras se alongavam pelo tempo que ele chegou à beira do mar de seguidores de acampamento que se formou em torno do exército. Ele fez o seu caminho passado um conclave de lavadeiras vermelho-armado, suas chaleiras tudo fumegando no ar frio e o cheiro de fumaça e lixívia de sabão que paira sobre eles em uma espécie de névoa fantasmagórica.

*—Dobro, labuta casal e problemas—* ele cantava baixinho. *— Queimadura e bolha de caldeirão. Filé de uma cobra pantanosa, na fervura no caldeirão e leve ao forno. Olho de salamandra e pés de sapo, lâ de morcego e língua de cão...* — Ele não conseguia se lembrar de o que veio em seguida e abandonou o esforço.

Além das lavadeiras, o terreno era irregular, as manchas pantanosas intercaladas com pedaços maiores de terra, estes coroados de árvores raquíticas e arbustos baixos obviamente proporcionando uma base, por assim dizer, para as prostitutas para dobrar seu próprio comércio.

Ele deu a estas uma vaga um pouco mais larga e, conseqüentemente, encontrou-se esmagando através de algo que não era um pântano, mas não muito longe, também. Era notavelmente bonito, porém, em uma espécie de caminho escuro; a luz fraca de alguma forma em cada galho estéril se destacando em contraste com o ar, os botões inchados ainda dormindo, mas arredondado, equilibrado na borda entre a morte de inverno e a vida da primavera. Desejou por um momento que ele pudesse desenhar ou pintar, ou escrever poesia, mas como ele estava só poderia fazer uma pausa por alguns segundos para admirá-la.

Ao fazê-lo, porém, ele sentiu uma forma permanência em seu coração, uma sensação tranquila que mesmo que apenas estes alguns segundos, ele teria para sempre, poderia voltar a este lugar, desta vez, em sua mente.

**Ele estava certo, embora não inteiramente pelas razões que supunha.**

Ele teria passado direto por ela, pensando que era uma parte do pântano, pois estava enrolada em uma bola mais apertada e o capuz de seu manto de cor triste cobrindo a cabeça. Mas ela fez um pequeno som, um gemido de coração partido que o fez parar em seu caminho, e viu-a em seguida, se agachando na lama no pé de uma goma doce.

—Senhora, — ele disse hesitante. Ela não o conheceu; ela se desenrolou de repente, seu rosto branco olhando para ele, chocado e com lágrima escorrendo como listras. Então ela engoliu ar e saltou para seus pés, atirando-se para ele.

—Willlliam! Willlliam! —Era Fanny, a irmã de Jane, sozinha, rebocada com lama, e em um estado de histeria completa. Ela catapultou seus braços; ele a agarrando com firmeza, segurando-a para que não voasse em pedaços, o que parecia muito como fazer.

—Frances. Frances! Está tudo bem; estou aqui. O que aconteceu? Onde está Jane?

No nome de sua irmã, ela deu um gemido que fez seu sangue gelar e enterrar o rosto em seu peito. Ele bateu as costas e, isso não ajudar, então balançou um pouco.

—Frances! Se acalme. Querida, — ele adicionou mais suavemente, vendo os olhos avermelhados nadando em lágrimas e rosto inchado. Ela estava chorando por um longo tempo. —Diga-me o que aconteceu, para que eu possa ajudá-la.

—Você não pode, — ela soluçava, e bateu a testa com força contra o peito, várias vezes. —Você não pode você não pode, ninguém pode você *não pode!*

—Bem, vamos ver isso. — Ele olhou em torno de um lugar para sentar, mas não havia nada mais sólido do que aglomerados de grama e árvores finas à vista. —Vamos lá, está ficando escuro. Precisamos sair deste lugar, pelo menos. —Ele a colocou firmemente em seus pés, a pegou pelo braço e obrigou-a a começar a andar, na teoria de que não podia ser histérica e andar em linha reta no mesmo tempo.

Na verdade, este parecia ser o caso. No momento em que teve sua volta para a área dos seguidores do acampamento, ela estava fungando, mas já não chorando, e estava olhando para onde estava indo. Ele comprou uma xícara de sopa quente de uma mulher com um caldeirão fumegante e bebeu,

embora um pensamento remanescente dos dedos de bebês estrangulados no nascimento o fez renunciar a um para si mesmo.

Ele devolveu o copo vazio e, vendo Fanny, pelo menos superficialmente acalma agora, rebocou-a para a colina com árvores, em busca de um lugar para sentar. Ela ficou rígida, porém, quando eles se aproximaram, e puxado para trás com um pouco de medo confinado.

Perdendo a paciência, ele colocou a mão sob o queixo e a fez encará-lo.

—Frances, — disse em um tom nível. —Diga-me o que o diabo está acontecendo, e faça agora. Palavras de uma sílaba, por favor.

—Jane, — disse, e seus olhos começaram a transbordar novamente. Ela correu para eles com seu antebraço cobertas de manto, porém, e, com um esforço visível, conseguiu dizer a ele.

—É ele veeiio.

—Um o quê? Oh, um simples, desculpe. No bordel, você quer dizer. Sim?

Ela assentiu com a cabeça.

—Ele a estava procurando e achou JJane... e a levou —Ela engoliu em seco. —Ele tinha uma noita do Capitão Hahkness. Ele veio da casa quando ele Captaão Hahkness morreu. Ele a recconheceu hein.

A bola de gelo formou nas entranhas de William com suas palavras.

—O diabo que ele fez, — disse em voz baixa. —O que ele fez Fanny?

O Major Jenkins um homem, ela disse prendeu Jane pelo braço e arrastou-a fora, Fanny correu atrás deles. Ele a levou todo o caminho para a cidade, para uma casa com os soldados do lado de fora. Eles não iriam deixar Fanny entrar, assim que ela ficou na rua, apavorada, mas determinada a não ir embora, e depois de um tempo eles desistiram de tentar afastá-la.

A casa com os soldados do lado de fora era muito provável ser a sede do coronel Campbell, William pensou, começando a sentir-se doente. Presumivelmente Jenkins transportou Jane antes que algum oficial superior, se não o próprio Campbell, para denunciá-la pelo assassinato de Harkness.

Será que eles se incomodam mesmo em dar um julgamento? Ele duvidava. A cidade estava sob a lei marcial; o exército, ou melhor, o tenente-coronel Campbell fazia o que ele bem entendesse, e duvidava muito que Campbell daria a uma prostituta acusada de assassinar um soldado com o benefício da dúvida.

—Onde ela está agora?— Ele se forçou a continuar soando calmo, como se não sentisse nada.

Fanny engoliu em seco e limpou o nariz em sua capa novamente. Neste ponto, ele quase não importava, mas por instinto tirou o lenço da manga e entregou a ela.

—Elle levou para outra casa. No de beira de da cidade. Erra uma grande com umma árvore, forra. Eu achho que vvão enforcá-la, Willffam.

William estava com muito medo que eles fossem. Ele engoliu a saliva que coletou em sua boca e deu um tapinha no ombro de Fanny.

—Vou ver o que posso descobrir. Você tem amigos aqui, alguém para ficar —Ele fez um gesto para a massa do acampamento, onde pequenos incêndios estavam começando a brilhar em meio às sombras que se aproximam da noite. Ela assentiu com a cabeça, apertando os lábios para impedi-los de tremer.

—Tudo certo. Vá e encontre-os. Eu vou de manhã, na primeira luz. Encontre-me onde eu encontrei você, tudo bem?

—Certtto, — ela sussurrou, e colocou uma pequena mão branca sobre o peito, um pouco mais de seu coração. —Obrrigado a você, Willifam.

Sua única chance era conversar com Campbell. Fanny falou qual era a casa onde Jenkins levou Jane, a grande casa cinzenta ao norte de Reynolds Square; que era o lugar mais provável para começar.

Ele parou na rua para limpar o pior da lama seca e pedaços de vegetação de sua capa. Ele estava muito bem ciente como ele se parecia exatamente quando estava fingindo ser para os últimos três meses: um trabalhador desempregado. Por outro lado...

Quando renunciou a sua comissão, não estava mais sob a autoridade de Campbell. E não importa como, pessoalmente, sentia sobre o assunto de seu título, ainda era dele, por lei. O nono conde de Ellesmere se ergueu em toda sua estatura, endireitou os ombros, e indo para a guerra.

Com sua maneira e fala o fizeram passar pelas sentinelas à porta. O servo que veio para buscar sua capa olhou com espanto absoluto, mas tinha medo de jogá-lo fora, e desapareceu para encontrar alguém que iria assumir a responsabilidade de lidar com ele.

Havia um jantar acontecendo; podia ouvir o tilintar de prata e porcelana, o borbulhar de garrafas sendo derramadas, e o estrondo mudo de conversa, pontuada por explosões de risos educados. Suas mãos estavam suando; ele enxugou-as discretamente em seus calções.

Que diabo ele ia dizer? Ele tentou formular uma linha de argumentação razoável em seu caminho, mas tudo parecia cair aos pedaços no momento em que pensou nisso. Ele teria que dizer algo, embora...

Em seguida, ele ouviu uma voz, levantou em questão, que fez seu coração saltar uma batida. Tio Hal! Ele não poderia ser confundido; seu tio e seu pai ambos tinham luz, mas penetrantes vozes, claras como cristal lapidados e afiados como bom aço de Toledo quando queriam ter.

—Aqui, você!— Ele caminhou pelo corredor e pegou um servo saindo da sala de jantar com um prato de cascas de caranguejo em suas mãos. —Dê-me isso, — ele ordenou, tomando o prato das mãos do homem, —volte lá e diga ao Duque de Pardloe que seu sobrinho gostaria de ter uma palavra.

O homem arregalou os olhos para ele, de boca aberta, mas não se mexeu. William repetiu o pedido, acrescentando: —Por favor, —, mas também a adição de um olhar pretende indicar que, no caso de resistência, o seu próximo passo seria para bater na cabeça do homem com o prato. Isso funcionou, e o homem virou-se automático e marchou de volta para a sala de jantar que, em muito pouco tempo, seu tio surgiu, polido no vestido e forma, mas claramente animado no rosto.

—William! Que diabo você está fazendo com isso? —Ele pegou o prato de William e empurrou-o descuidadamente sob uma das cadeiras douradas variando ao longo da parede do hall de entrada. —O que aconteceu? Você encontrou Ben?

Cristo, não pensou nisso. Naturalmente, tio Hal assumiria... Com uma careta, ele balançou a cabeça.

—Eu não, tio, eu sinto muito. Eu acho que eu sei onde sua esposa está, mas...

O rosto de Hal passou por um par de mudanças de raios, de emoção para decepção de calma para fora.

—Bom. Onde você vai ficar? John e eu iremos e...

—Papai está aqui, também?— William soltou, sentindo-se como um tolo. Se ele não tivesse sido tão sensível sobre a sua posição e, assim, evitar que alguém do exército, ele teria aprendido que o 46º fez parte da força de Campbell na ordem.

—Naturalmente, — disse Hal, com um toque de impaciência. —Onde mais poderia estar?

—Com Dottie, olhando para a esposa de Ben, — William falou esperto. —Ela está aqui, também?

—Não. — Seu tio olhou descontente, mas não de todo descontente. — Ela descobriu que estava grávida então John levou muito corretamente a Nova York e menos devidamente consignado aos cuidados de seu marido. Ela está, presumivelmente, onde as tropas de Washington estão, no momento, a não ser que aquele maldito Quaker teve o bom senso de...

—Oh, Pardloe. — Um oficial robusto no uniforme de um tenente-coronel e uma peruca dupla enrolada ornamentada estava na porta, olhando um pouco surpreso. —Pensei que você tivesse ficado doente, do jeito que você saiu correndo. — Apesar do tom ameno, houve uma tendência na voz do homem que levou uma criança de dois centavos prego na coluna de William. Este era Archibald Campbell, e a frieza visível com a qual tio Hal estava a ver uns aos outros, a coragem de tio Hal como um negociador pode não ser o seu sobrinho poderia esperar.

Ainda assim, tio Hal poderia introduziu William Campbell, tirando, assim, a preocupação de produzir uma adequada *bona fides*.

—Seu servo, meu senhor, — disse Campbell, olhando-o desconfiado. Ele olhou por cima do ombro, movendo-se para fora do caminho de alguns servos transportando uma jarra de vinho maciça gelada. —Eu temo que o jantar esteja quase concluído, mas se você quiser, eu vou ter os servos proporcionamos uma pequena ceia para você no escritório.

—Não, senhor, eu agradeço, — disse William, curvando-se o cheiro de comida fez o seu estômago murmurar. —Tomei a liberdade de vir falar com você sobre um... um... um assunto urgente.

—De fato— Campbell parecia descontente e não foi preocupante para escondê-lo. —Não pode esperar até a manhã?

—Eu não sei se ele pode senhor. — Ele tinha um olhar para o grande carvalho na orla da cidade, o que ele achava que deve ser o que Fanny falou. Como o corpo de Jane não estava pendurado ele assumiu que ainda estava sendo mantida prisioneira na casa vizinha. Mas isso não era garantia de que não tinha a intenção de executá-la ao amanhecer. O exército era amante de executar prisioneiros de madrugada; começar o dia no frame direito da mente...

Ele pegou seus pensamentos de corrida e se inclinou novamente.

—Trata-se de uma jovem mulher, senhor, que eu entendo foi presa hoje cedo, em caso de suspeita de... de assalto. Eu...

—Assalto?— A testa de Campbell enrugou em disparando em direção os cachos de sua peruca. —Ela esfaqueou um homem vinte e seis vezes, em

seguida, cortou sua garganta a sangue frio. Se essa é a sua noção de assalto, eu odiaria ver...

—Quem é este jovem, meu senhor?— Tio Hal perguntou seu tom formal e seu rosto impassível.

—O nome dela é Jane, — William começou, e parou, sem ter ideia de qual fosse seu sobrenome. —Uh... Jane...

—Pocock, diz ela, — colocou Campbell. —Ela é uma prostituta.

—Ah... — Hal cortou sua exclamação fora uma sílaba tarde demais. Ele estreitou os olhos para William.

—Ela está... sob a minha proteção — disse William, tão firmemente quanto pôde.

—Sério?— Demorou Campbell. Ele deu a tio Hal um olhar de desprezo divertido e tio Hal ficou branco de fúria reprimida, a maioria dos quais não foi suprimida em tudo no olhar que deu a William.

—Sim. Realmente — disse William, ciente de que este não foi brilhante, mas incapaz de pensar em nada melhor. —Eu gostaria de falar em seu nome. Fornecer um advogado — acrescentou, uma vez descontroladamente. —Eu tenho certeza que ela não é culpada do crime do qual é acusada.

Campbell realmente riu, e William sentiu as orelhas ardendo de sangue quente. Ele poderia ter dito algo imprudente que Lord John não aparecesse neste momento, como impecavelmente uniformizado como seu irmão e olhando levemente curioso.

—Ah, William, — disse, como se ele tivesse bastante esperado para ver seu filho aqui. Seus olhos rapidamente de cara a cara, obviamente, tirando conclusões sobre o teor da conversa, se não seu sujeito. Com apenas uma pausa, se aproximou e abraçou calorosamente William.

—Você está aqui! Estou muito feliz por vê-lo — disse, sorrindo para William. —Eu tenho notável notícia! Dê-nos licença por um momento, senhor? — Disse para Campbell, e, sem esperar por uma resposta, agarrou William pelo cotovelo, abriu a porta da frente, rebocado para fora na varanda ampla, e fechou a porta firmemente atrás.

—Tudo certo. Diga-me o que está acontecendo — disse Lord John, em voz baixa. —E faça isso rápido.

—Jesus, — disse, quando William soltou uma conta apenas um pouco confuso da situação. Ele passou a mão lentamente sobre seu rosto, pensando, e repetiu: —Jesus.

—Sim, — disse William, ainda chateado, mas sentindo um pouco de conforto na presença de seu pai. —Eu pensei que falar com Campbell, mas, em seguida, quando tio Hal estava aqui, eu esperava... Mas ele e Campbell parecem ser...

—Sim, a sua relação pode ser mais bem descrita como um de ódio cordial, — Lord John concordou. —Archibald Campbell é altamente improvável que faça a Hal qualquer tipo de favor, a menos que fosse para escoltá-lo pessoalmente para o próximo campo sul para o inferno. — Ele soltou a respiração e balançou a cabeça, como se quisesse limpá-la dos vapores de vinho.

—Eu não sei William, eu realmente não sei. A menina, ela é uma prostituta?

—Sim.

—Será que ela fez isso?

—Sim.

—Oh, Deus. — Ele olhou desesperadamente para William, por um momento, então endireitou os ombros. —Tudo certo. Eu vou fazer o que posso, mas não prometo nada. Há uma taberna na praça, chamada de Tudy. Vá até lá e esperar, eu prefiro pensar que sua presença não será útil nesta discussão.

Parecia para sempre, mas deve ter sido menos de uma hora, quando Lord John apareceu em Tudy. Um olhar em seu rosto disse a William que não foi bem sucedido.

—Sinto muito, — disse, sem preliminar, e sentou-se ao lado de William. Ele veio sem o chapéu e limpou as gotas de chuva capturadas em seu cabelo. —A menina...

—O nome dela é Jane, — interrompeu William. Parecia importante que ele insiste nisso, não deixando todo mundo simplesmente descartá-la como *a prostituta*.

—Srta. Jane Eleanora Pocock, — seu pai concordou, com um breve aceno de cabeça. —Aparentemente, ela não só cometeu o crime, mas confessou. A confissão assinada, nada menos. Eu li isso. —Ele passou a mão sobre o rosto cansado. —Sua única objeção era a afirmação de que esfaqueou Harkness vinte e seis vezes e cortou sua garganta. De acordo com ela, só esfaqueou uma vez antes de cortar sua garganta. Pessoas *exageram* estas coisas.

—Isso é o que ela me disse. — A garganta de William pareceu apertada. Seu pai lançou um olhar para ele, mas preferiu não dizer nada em resposta a isso. O que ele pensava que era tudo muito claro, no entanto.

—Ela estava tentando salvar sua irmã mais nova de ser contaminada pelo homem, — disse, com urgência defensiva. —E Harkness era um sodomita depravado que a teria usado, Jane quero dizer, abominável! Eu o ouvi falar sobre isso. Ele teria transformado o seu estômago ao ouvir.

—Eu ousou dizer: — Lord John concordou. —Clientes perigosos são um dos perigos dessa profissão. Mas não houve recurso disponível para o outro do que uma faca? A maioria dos bordéis que atendem a soldados têm alguns meios de resgatar as prostitutas de... importunação excessiva. E a senhorita Pockock, a partir do que o coronel Campbell diz-me, é uma...

—Peça rara. Ela é. Foi.

William estendeu a mão cegamente para a caneca de cerveja que estava ignorando, tomou um gole enorme, e tossiu convulsivamente. Seu pai olhava com certa simpatia.

William finalmente respirou fundo e sentou, olhando para os punhos, cerrados sobre a mesa.

—Ela o odiava, — disse finalmente, em voz baixa. —E a senhora não teria mantido a irmã; ele pagou por sua virgindade.

Lord John suspirou e cobriu um dos punhos de William com a mão, apertando.

—Você ama a jovem, William? — perguntou baixinho. A taberna não estava ocupada, mas havia homens suficientes bebendo lá que ninguém estava observando-os.

William balançou a cabeça, impotente.

—Eu... tentei protegê-la. Para salvá-la de Harkness. E... eu a comprei por uma noite. Eu não parei para pensar que ele ia voltar, mas é claro que ele fez — ele terminou amargamente. —Eu provavelmente piorei as coisas para ela.

—Não teria sido uma maneira de torná-los melhor, exceto se casar com a garota ou matar Harkness por si mesmo— Lord John disse secamente. —E eu não recomendo o assassinato como uma forma de resolver situações difíceis. Ele tende a levar a complicações, mas não tantas quanto o casamento. —Ele se levantou e foi até o bar, voltando com duas xícaras fumegantes de ponche de rum quente.

—Beba isso, — disse, empurrando uma na frente de William. —Você parece completamente gelado.

Ele estava; ele tomou uma mesa em um canto distante, em nenhum lugar perto do fogo, e sua culpa, arrepio incontável estava correndo através dele, o suficiente para ondular da superfície quando ele passava a mão em volta do copo de estanho. O ponche era bom, embora feito com casca de limão em conserva doce, forte e quente e feito com boa aguardente, bem como rum. Ele não comeu nada em horas, e aqueceu o estômago imediatamente.

Beberam em silêncio o que havia para dizer? Não havia nenhuma maneira de salvar Jane, barrar algum tipo de agressão física, e ele não poderia pedir a seu pai ou tio para juntar ou apoiá-lo nesse tipo de alcaparra desesperado. Ele não achava que eles fizessem isso, pois uma coisa. Ele acreditava em sua afeição considerável para ele, mas sabia muito bem que eles vinham como seu dever de impedi-lo de cometer loucura que poderia muito bem ser fatal.

—Ele não terá sido totalmente em vão, você sabe, — disse Lord John calmamente. —Ela salvou sua irmã.

William balançou a cabeça, incapaz de falar. A ideia de ver Fanny pela manhã, só para dizer a ela e, em seguida, o quê? Ele deve ficar ao lado dela e assistir Jane ser enforcada?

Lord John levantou-se e, sem pedir, voltou para o bar por mais bebida. William olhou para a xícara fumegante gentilmente colocada diante dele e, em seguida, para o pai.

—Você acha que me conhece, não é? — Disse, mas com verdadeiro carinho em sua voz.

—Sim, eu acho William, — disse seu pai, no mesmo tom. —Beba sua bebida.

William sorriu e, levantando-se, bateu seu pai no ombro.

—Talvez você faça, pelo menos. Vejo você pela manhã, papai.

### ***Capítulo 133 - Último Recurso***

Eu estava deitada na cama ao lado de Jamie, sonolenta querendo saber quais as razões que eu poderia induzir a Sra. Weisenheimer para coletar sua urina para mim. Ela sofria de cálculo biliar, no qual o tratamento à base de

plantas mais eficaz que eu tinha era ursina. Felizmente, o Sr. Jameson tinha algumas das folhas secas em estoque. Era precisava tomar cuidado ao usá-la, no entanto, porque ele continha arbutin, que era hidrolisado a hidroquinona muito eficaz como antisséptico urinário, mas perigosamente tóxico. Por outro lado... Era um clareador de pele eficaz, se aplicado topicamente.

Eu bocejei e decidi que não valia a pena o incômodo de fazer Jamie ir ao consultório e falar com a Sra. Weisenheimer em alemão sobre a sua urina. Ele faria isso se eu pedisse, mas eu nunca iria ouvir o final do mesmo.

Eu descartei a ideia e rolei, me abraçando contra Jamie, que estava dormindo tranquilamente em suas costas, como de costume, mas meio que acordou com o meu toque, me deu um tapinha desajeitado, enrolou em volta de mim, e caiu profundamente no sono de novo ao mesmo tempo. Noventa segundos depois, houve uma batida na porta.

—*Ifrinn!*— Jamie ficou ereto, esfregou a mão mais ou menos sobre o rosto, e jogou as cobertas. Gemendo, eu segui menos atleticamente, rastejando para fora da cama e tateando às cegas para os meus chinelos de malha.

—Deixe-me ir. Provavelmente é para mim. —A esta hora da noite, uma batida na porta era mais provável alguém com uma emergência médica envolvendo peixe salgado ou cavalos, mas, dada a ocupação militar da cidade, nunca se sabe.

Um certamente não previa abrir a porta para encontrar William de pé do outro lado, pálido e selvagem.

—O Sr. Fraser em casa? — Disse laconicamente. —Eu preciso de sua ajuda.

Fraser vestiu-se de uma vez, tomado um cinto com um punhal com bainha e uma bolsa de couro sobre ele, e prendeu este na cintura, sem dúvida. Ele estava usando a roupa Highland, William viu uma manta muito usada, desvanecida. Ele reuniu-se uma dobra ao redor de seus ombros, apontando para a porta.

—Melhor nós irmos até o consultório de minha mulher, — disse em voz baixa, apontando para a parede fina, as ripas visíveis através de seu gesso. —Você pode me dizer o que precisa.

William seguiu pelas ruas escorregadias da chuva, a água como lágrimas frias em suas bochechas. Lá dentro, ele sentiu seco e couro, rachado ao redor de um núcleo de terror sólido. Fraser não falou sobre o caminho, mas

agarrou-o uma vez pelo cotovelo, empurrando-o em um espaço estreito entre dois edifícios, assim quando uma patrulha do Exército chegou à esquina. Ele apertou com força contra a parede, ombro a ombro com Fraser, e sentiu densidade e o calor do homem como um choque.

No fundo de sua mente tinha a lembrança de ter sido pequeno e perdido no nevoeiro sobre as colinas de Lake District. Frio e apavorado, ele caiu em um buraco rochoso e ficou lá, congelado, ouvindo fantasmas na névoa. E então o alívio esmagador de Mac o encontrando, o calor envolvente dos braços do cavaliço.

Ele empurrou a memória impaciência de lado, mas uma sensação persistente de algo que não era bastante esperança permaneceu quando a última das botas espezinhadas audíveis e Fraser deslizando de seu esconderijo, chamando-o a seguir.

O pequeno consultório estava frio e escuro, com cheiro de ervas e medicamentos e sangue velho. Havia um cheiro adocicado, também, estranho, mas familiar, e depois de um momento de desorientação, ele percebeu que devia ser éter; ele cheirou na Mãe Claire e Denzell Hunter quando operaram seu primo Henry.

Fraser trancou a porta atrás deles e encontrou um castiçal no armário. Ele entregou isso para William, tomou um barril de pólvora do mesmo armário, e ascendeu à vela com uma eficiência rápida. A luz vacilante brilhou em seu rosto, e a ousadia de seus recursos saltou à vista: nariz e pesado e sobrancelhas retas longas, maçãs do rosto largas e profundas modelando uma mandíbula e temporã. Era esquisito e abominável ver a semelhança tão marcante e tão perto, mas no momento William realmente achava um conforto ímpar.

Fraser colocou o castiçal sobre a mesa e indicou William a um dos dois bancos, e pegou o outro.

—Diga-me, então, — disse calmamente. —É seguro aqui; ninguém ouvirá. Percebi que é uma questão perigosa?

—De vida e morte, — disse William, e, com um profundo suspiro, começou.

Fraser ouviu com atenção completa, com os olhos fixos atentamente no rosto de William enquanto falava. Quando ele terminou, houve um momento de silêncio. Então Fraser assentiu uma vez, como se para si mesmo.

—Esta jovem mulher, — disse. —Posso saber o que ela é para você?

William hesitou, sem saber o que dizer. O que *era* Jane para ele? Não é um amigo, nem mesmo um amante. E, no entanto...

—Ela... Eu a levei e sua irmã sob minha proteção, — disse. —Quando elas saíram Filadélfia com o exército.

Fraser assentiu como se isso fosse uma explicação perfeitamente adequada da situação.

—Sabe que o seu tio e seu regimento estão com o exército de ocupação? Que ele está aqui, eu quero dizer?

—Sim. Falei com o meu... com Lord John e Pardloe. Eles não são capazes de ajudar. Eu... renunciei a minha comissão — ele sentiu-se compelido a acrescentar. —Isso não tem nada a ver com o porquê eles não podem ajudar só que eu não quero mais me submeter qualquer comando militar.

—Sim, eu vi que você não estava de uniforme, — disse. Ele tamborilou os dedos de sua mão direita brevemente sobre a mesa, e William viu com surpresa que o dedo anelar estava faltando, uma grossa cicatriz nas costas da mão. Fraser viu notar.

—Saratoga, — disse, com o lampejo de algo que poderia ser um sorriso em outras circunstâncias.

William sentiu um pequeno choque ao ouvir a palavra, as coisas despercebidas no momento de repente retornar a ele. Si mesmo de joelhos durante a noite ao lado de leito de morte do Brigadeiro Simon Fraser e um homem alto, do outro lado, uma atadura branca na mão, inclinando-se das sombras para dizer algo em voz baixa na língua escocesa para o brigadeiro, que respondeu na mesma língua.

—O brigadeiro, — disse, e parou abruptamente.

—Meu parente, — disse Fraser. Ele delicadamente absteve-se de acrescentar, *E seu*, mas William fez essa conexão com facilidade. Ele sentiu-o como um eco distante de dor, uma pedra jogada na água, mas isso podia esperar.

—É a vida da jovem mulher que vale a pena pela sua? — Perguntou Fraser. —Porque eu acho que a consideração é provável que se encontre por trás de seus... seus outros parentes — O canto de sua boca se contorceu, mas William não poderia dizer se com humor ou desgosto —fracasso para ajudar a você.

William sentiu seu sangue subir quente em seu rosto, a raiva suplantando desespero.

—Eles não *falharam* comigo. Eles não podiam ajudar. Você está dizendo que você não vai me ajudar, também, senhor? Ou não pode? Você tem medo do risco?

Fraser deu um olhar reprimindo; William registrou isso, mas não se importou. Ele estava de pé, com os punhos cerrados.

—Não se preocupe, então. Eu vou fazer isso sozinho.

—Se você só pensa que poderia você nunca viria a mim, rapaz, — disse Fraser uniformemente.

—Você não me chame de *rapaz*, você, você... — William sufocou o epíteto, não por prudência, mas pela incapacidade de escolher entre os vários que surgiram de uma vez em sua mente.

—Sente-se, — disse Fraser, não levantar a voz, mas a infundindo com um ar de comando que tornou impensável, ou pelo menos desconfortável desobedecer. William olhou para ele. Seu peito arfava e ainda não conseguia respirar o suficiente para falar. Ele não se sentou, mas desenrolou os punhos e ficou parado. Por fim, ele conseguiu um aceno espasmódico. Fraser respirou longamente, visível e deixou lentamente, branco no frio da sala pouco escuro.

—Tudo bem, então. Diga-me onde ela está e o que sabe da situação física. —Ele olhou para a janela fechada, onde escorria úmido mostrando preto entre as ripas como a chuva penetrava. —A noite não é o suficiente.

Eles foram para o armazém onde Fraser trabalhou na beira do rio. Fraser deixou William fora para olhar o relógio, abriu uma porta para o homem ao lado, e deslizou por ela, sem som, reaparecendo alguns minutos depois vestido com calças ásperas e uma camisa que não se encaixava, carregando um pequeno saco de serapilheira e dois grandes lenços pretos. Ele entregou um destes para William e, dobrando o outro em diagonal, amarrou em volta de seu rosto, cobrindo nariz e boca.

—Será que isso é realmente necessário?— William amarrou em seu próprio rosto, mas parecia um pouco ridículo, como se vestir para alguma pantomima bizarra.

—Você pode ir sem, — Fraser aconselhou tendo um gorro de lã de malha para fora do saco, colocando seu cabelo para cima sob ele, em seguida, puxando-o para baixo sobre as sobrancelhas. —Eu não posso correr o risco de ser reconhecido.

—Se você acha que o risco muito grande, — William começou, uma borda em sua voz, mas Fraser parou, agarrando seu braço.

—Você fez uma reivindicação pela minha ajuda, — disse a voz baixa e brusca. —Você considera qualquer risco digno. Mas eu tenho uma família que tem uma reivindicação sobre minha proteção. Eu não posso deixá-los morrer de fome se eu for pego.

William não teve chance de responder a isso; Fraser trancou a porta e já estava saindo, acenando com impaciência. Ele pensou sobre isso, no entanto, após o escocês andando através da névoa que se erguia na altura do joelho nas ruas. Parou de chover; que era uma coisa a seu favor.

—*Você considera qualquer risco digno.* — Nem uma palavra sobre Jane de ser uma prostituta ou sobre ela ser uma assassina confessa. Talvez fosse o próprio Fraser um criminoso e sentia alguma simpatia por conta disso.

*Ou talvez seja apenas que esteja disposto a levar a minha palavra que eu tenho que fazer. E disposto a assumir o diabo de um risco para me ajudar.*

Mas esses pensamentos poderiam fazer nada de bom agora, e os pôs fora de sua mente. Eles se apressaram em pés macios e sem rosto, pelas praças vazias de Savannah, na direção da casa pela árvore de enforcamento.

—Eu não suponho que você sabia qual quarto é o dela?— Jamie murmurou para William. Eles foram sob o grande carvalho vivo, escondido não só por suas sombras, mas pelas longas barbas de musgo espanhol que pendiam seus ramos e a névoa que derivava sob eles.

—Não.

—Espere aqui— Fraser desapareceu dessa forma felina irritante dele. Voltando a sua própria sorte e ainda mais nervoso com o silêncio, William pensou para explorar o conteúdo do saco que Fraser deixou no chão. Estes mostraram várias folhas de papel e um frasco com rolha de que não era rolha provando estar melada.

Ele ainda estava confuso sobre quando Fraser estava de volta, tão repentinamente como desapareceu.

—Não há apenas um guarda em casa, na frente, — disse, movendo-se perto o suficiente para sussurrar no ouvido de William. —E todas as janelas são escuras, senão um no andar de cima. Não há uma única vela acesa; deve ser o dela.

—Por que você acha isso?— William sussurrou de volta, assustado.

Fraser hesitou por um momento, mas depois disse ainda mais baixinho: —Certa vez, passei uma noite à espera de ser enforcado na manhã seguinte. Eu não teria ficado nas trevas, tendo uma escolha. Venha.

Era uma casa de dois andares e, apesar de bastante grande, simplesmente construída. Dois quartos no andar de cima na parte de trás, dois na frente. As persianas das janelas superiores estavam abertas, e o brilho de uma vela cintilava na sala do lado direito na parte de trás. Fraser insistiu em circundar a casa, a uma distância cautelosa, correndo de arbusto em árvore para o arbusto para ter certeza da posição do guarda. O homem, armado com uma espingarda pendurada em suas costas, estava na varanda que corria em toda a frente da casa. A julgar pela sua construção, ele era jovem, provavelmente mais jovem do que William. E por sua postura, foi negligente ao extremo, ele não esperava nenhum problema.

—Eu não acho que eles pensaram que uma prostituta teria qualquer amigos, — disse William baixinho, ficando uma breve grunhido escocês em troca. Fraser chamou e levou-o em volta da parte de trás da casa.

Eles passaram por uma janela que provavelmente pertencia à cozinha; não havia cortinas, e podia ver a luz tênue de uma lareira sufocado no fundo, apenas visível através das persianas. Haveria o risco de que um ou mais escravos ou servos dormiam na cozinha, embora, e ficou satisfeito ao ver que Fraser parecia estar tendo essa suposição. Moveram-se ao virar da esquina da casa, o mais silenciosamente possível.

Fraser pressionou o ouvido nas persianas de uma grande janela, mas parecia não ouvir nada. Coube à lâmina da sua faca robusta entre as persianas e, com alguma dificuldade, alavancou o parafuso para fora de seu suporte. Ele apontou para William para vir e se apoiar com força no obturador, para manter o parafuso de cair de repente, e com um esforço conjunto composto por show sem falas e frenéticos gestos que provavelmente teriam parecido cômicos para quem não estivesse envolvido em realizá-lo, eles conseguiram fazer com que as persianas abrissem, sem muito barulho.

A janela de trás tinham cortinas, tudo para o bem, mas uma janela, com uma trava de polegar que não iria ceder à faca de Jamie. O grande escocês estava suando; ele puxou a barra por um momento para enxugar a testa, em seguida, colocou de volta, e, tomando o melaço da bolsa, ele tirou a rolha da garrafa e derramou um pouco do xarope pegajoso em sua mão. Isso manchando sobre um painel da armação e, pegando uma folha de papel, colado no vidro.

William poderia não fazer sentido do presente processo, mas Fraser recuou o braço e bateu no vidro de um buff afiado com o punho. Ele

rompeu com não mais do que um pequeno ruído rachado, e os pedaços quebrados eram removidos facilmente, preso ao papel melecado.

—Onde você aprendeu isso?— William sussurrou profundamente impressionado, ouviu uma risadinha de satisfação por trás da máscara de Fraser.

—Minha filha me falou sobre isso, — ele sussurrou em resposta, colocando o vidro e papel no chão. —Ela leu em um livro.

—Isso é... — William parou abruptamente, e assim fez o seu coração. Ele esqueceu. —Sua... filha. Quer dizer, eu tenho uma irmã?

—Sim, — disse Fraser brevemente. —Você a conheceu. Vamos. —Ele passou através do buraco no vidro, desfez a trava, e puxou a moldura da janela. A janela se abriu, com um grito alto inesperado de dobradiças sem óleo.

—Merda! — Disse William, em voz baixa.

Fraser disse algo que William assumiu fosse o sentimento equivalente em gaélico, mas ele não perdeu tempo. Ele empurrou William de costas contra a parede e, com um sussurrou —Fique aí! — Desapareceu na noite.

William parou contra a parede, com o coração martelando. Ele podia ouvir passos rápidos fazendo barulho para baixo os degraus de madeira da varanda, então abafou as batidas no chão úmido.

—Quem está aí?— O guarda gritou, enquanto contornava a casa. Vendo William, empurrou sua espingarda e mirou. E Fraser saiu da névoa escura como um fantasma furioso, agarrou o menino pelo ombro, e deitou-o fora com uma pedra bateu na traseira de seu crânio.

—Depressa, — disse, em voz baixa, empurrando o queixo em direção à janela aberta quando abaixou o corpo inerte do guarda no chão. William não perdeu tempo, mas levantou-se para dentro da casa, contorcendo-se em todo o peitoril para pousar quase silenciosamente, de cócoras no tapete do que deve ser uma sala de estar, a julgar pelos contornos escuros do mobiliário. Um relógio invisível assinalava acusador, em algum lugar na escuridão.

Fraser içou-se na moldura da janela aberta e parou por um momento, escutando. Mas não havia nenhum som na casa salvo o relógio, e ele saltou levemente para baixo dentro.

—Você não sabe de quem é a casa? — Ele sussurrou para William, olhando em volta.

William balançou a cabeça. Devia ser de um oficial, mas ele não tinha ideia de qual poderia ser, provavelmente o maior responsável por questões

disciplinares. Presumivelmente Campbell apresentou Jane aqui como uma alternativa para colocá-la em paliçada do acampamento. Próprio dele.

Seus olhos se adaptaram rapidamente; houve uma oblonga escura a poucos metros de distância, a porta. Fraser viu, também; sua mão repousava sobre as costas de William, por um instante, empurrando em direção a ela.

Houve um losango oval de vidro colocado na porta da frente, e leve o suficiente veio para mostrar o pano do chão e telas pintadas correndo pelo corredor, o seu padrão de diamante negro à luz incolor. Perto da porta, um grupo de sombra os escondeu o pé da escada, e em poucos segundos eles estavam subindo as escadas, tão rapidamente e tão silenciosamente como dois grandes homens com pressa podiam ir.

—Desta forma— William estava na liderança; ele fez um gesto para Fraser quando se virou para a esquerda. O sangue estava batendo em sua cabeça, e mal podia respirar. Ele queria arrancar a máscara e respirar ar em goles, mas ainda não... Ainda não.

*Jane.* Se ela ouviu o guarda gritar? Se ela estava acordada, ela teria ouvido falar deles na escada.

O pouso foi sem janelas e muito escuro, mas havia um brilho fraco de luz de velas sob a porta de Jane, ele pediu a Deus que fosse essa a porta de Jane. Passando a mão para baixo no batente da porta, ele sentiu a maçaneta, e sua mão se fecharam em volta. Estava trancada, naturalmente, mas em tentar a maçaneta, o calcanhar de sua mão roçou a chave, ainda na fechadura.

Fraser estava atrás dele; podia ouvir a respiração do homem. Atrás da porta do quarto ao lado, alguém estava roncando em uma espécie de forma tranquilizadora regular. Enquanto o guarda ficava fora por muito tempo...

—Jane, — ele sussurrou tão alto quanto ousou, colocando os lábios na fresta entre a porta e o seu batente. —Jane! Sou eu, William. Fique quieta!

Ele pensou ter ouvido uma entrada rápida de ar do outro lado da porta, apesar de que poderia ter sido apenas o som de seu próprio sangue correndo em seus ouvidos. Com infinito cuidado, abriu a porta e virou a chave.

A vela estava de pé sobre uma pequena mesa, a chama bruxuleante descontroladamente no projeto da porta aberta. Havia um forte cheiro de cerveja; uma garrafa quebrada estava deitada no chão, vidro marrom um brilho à luz vacilante. A cama estava amarrotada, lençóis pendurados metade para fora do colchão... Onde estava Jane? Ele girou, esperando vê-la encolhida no canto, assustado com a sua entrada.

Ele viu a mão primeiro. Ela estava deitada no chão ao lado da cama, ao lado da garrafa quebrada, a mão estendida branca e semiaberta como se em súplica.

—*A Dhia*— Fraser sussurrou atrás dele, e agora podia sentir o cheiro de corte de aço de sangue, misturado com cerveja.

Ele não se lembrava de cair de joelhos ou a levantando em seus braços. Ela era pesada, mole e desajeitada, toda a graça e calor de sua ida e sua fria bochecha para sua mão. Só o cabelo ainda estava como Jane, brilhando a luz das velas, macio contra a sua boca.

—Aqui, *a bhalaich*. —Uma mão tocou seu ombro, e virou-se, sem pensamento.

Fraser puxou a máscara para baixo em torno de seu pescoço, e seu rosto estava sério, a intenção. —Nós não temos muito tempo, — disse em voz baixa.

Eles não falaram. Eles ajeitaram as roupas de cama em silêncio, colocaram uma colcha limpa sobre o pior do sangue, e a colocaram sobre ele. William molhou seu lenço do jarro e limpou os respingos de sangue de seu rosto e mãos. Ele hesitou por um momento, então rasgou o lenço violentamente em dois e enfaixou os pulsos rasgados, então cruzou as mãos sobre o peito.

Jamie Fraser estava ao seu lado em seguida, com um brilho fugitivo da lâmina da faca.

—Para a irmã, — ele disse, e, inclinando, cortou uma mecha do cabelo castanho brilhante. Ele colocou isso no bolso das calças rasgadas e saiu silenciosamente. William ouviu o breve rangido de seus passos na escada e entendeu que ele foi deixado para fazer sua despedida com privacidade.

Ele olhou para o rosto à luz de velas, pela primeira vez, e última. Sentia-se esvaziado, oco como um cervo eviscerado. Sem noção o que dizer, tocando um lado preto saltado e falou a verdade, com uma voz muito baixa para ninguém, mas para os mortos ouvirem.

—Eu queria salvá-la, Jane. Perdoe-me.

### ***Capítulo 134 – Últimos Ritos***

Jamie chegou à casa pouco antes do amanhecer, pálido e gelado até os ossos. Eu não estava dormindo. Eu não dormi desde que ele saiu com

William, e quando ouvi seus passos nas escadas rangentes, eu peguei água quente do caldeirão sempre em fogo brando na caneca de madeira que preparei metade cheia de uísque barato e uma colher de mel. Eu pensei que ele ia precisar, mas eu não tinha ideia de quanto.

—A garota cortou os pulsos com uma garrafa quebrada, — disse, agachando-se em um banquinho junto ao fogo, uma colcha sobre os ombros e a caneca quente segura entre as mãos grandes. Ele não conseguia parar de tremer.

—Que Deus a tenha e perdoe o pecado do desespero. — Ele fechou os olhos e balançou a cabeça violentamente, como se para dissipar a sua memória sobre o que ele viu na sala à luz de velas. —Oh, Jesus, meu pobre rapaz.

Eu o fiz ir para a cama e me arrastei para aquecê-lo com o meu corpo, mas eu não dormi em seguida, também. Eu não senti a necessidade. Havia coisas que precisam ser feitas, quando chegasse o dia; eu podia senti-las esperar, uma multidão paciente. William. A menina morta. E Jamie disse algo sobre irmã mais nova da menina... Mas, no momento, o tempo estava ainda, equilibrado no limite da noite. Eu estava ao lado de Jamie e ouvi respirar. No momento, isso era suficiente.

Mas o sol levantou-se, como sempre fazia.

Eu estava mexendo o mingau de café da manhã quando William apareceu, trazendo com ele uma menina suja de lama que parecia uma árvore atingida por um relâmpago. William não parecia melhor, mas estavam menos propensos a cair aos bocados.

—Esta é Frances, — disse, em voz baixa e rouca, colocando uma grande mão em seu ombro. —Estes são Sr. e Sra. Fraser, Fanny. — Ela era tão fina de ossos que eu meio que esperava que ela fosse cambalear sob o peso de sua mão, mas ela não fez. Depois de um momento atordoado, ela percebeu a introdução e deu um aceno espasmódico.

—Sente-se, querida, — eu disse, sorrindo para ela. —O mingau está quase pronto, e há pão torrado com mel.

Ela olhou para mim, piscando estupidamente. Seus olhos estavam vermelhos e inchados, seu cabelo liso sob a touca esfarrapada. Eu pensei que estava tão chocada que era incapaz de compreender qualquer coisa. William olhou como se alguém o tivesse atingido na cabeça, atordoado como um boi com destino o abatesse. Eu olhei incerta para Jamie, sem

saber o que fazer para qualquer um deles. Ele olhou de um para o outro, então se levantou e calmamente pegou a menina em seus braços.

—Não há *a nighean*, — Ele disse em voz baixa, acariciando suas costas. Seus olhos encontraram os de Willie e eu vi algo passar entre eles, uma pergunta feita e respondida. Jamie assentiu. —Eu vou cuidar dela, — disse.

—Obrigado. Ela, Jan... , — disse William com dificuldade. —Eu quero enterrá-la. Decentemente. Mas eu acho que eu não posso... reclamá-la.

—Sim, — disse Jamie. —Vamos ver. Vá e faça o que você precisa fazer. Volte quando puder.

William ficou mais um momento, os olhos vermelhos fixos nas costas da menina, então me deu um arco abrupto e saiu. Ao som de seus passos partindo, Frances deu um pequeno grito desesperado, como um cachorro órfão. Jamie envolveu-a mais perto em seus braços, segurando-a confortável contra seu peito.

—Vai ficar tudo bem, *a nighean*, — Disse em voz baixa, embora seus olhos estivessem fixos na porta por onde William saiu. —Você está em casa agora.

Eu não percebi que Fanny tinha a língua presa, até que eu a levei para ver o coronel Campbell. Ela não falou nada até aquele momento, apenas balançando a cabeça sim ou não, fazendo pequenos movimentos de recusa ou de gratidão.

—Focê matou minha rimã, — ela disse em voz alta, quando Campbell levantou-se da mesa para nos receber. Ele piscou e sentou-se.

—Eu duvido, — disse, olhando-a com cautela. Ela não estava chorando, mas seu rosto estava manchado e inchado, como se alguém a tivesse esbofeteado repetidamente. Era muito simples, porém, pequenos punhos cerrados, e olhou para ele. Ele olhou para mim. Dei de ombros ligeiramente.

—É a que está *morta*, — Disse Fanny. — Uma que erra sua prisionerra. Campbell uniu suas mãos e limpou a garganta.

—Posso perguntar quem você é, filha? E quem é a sua irmã?

—O nome dela é Frances Pocock, — Eu falei apressadamente. —Sua irmã era Jane Pocock, se eu entendo... Morreu ontem à noite, enquanto em sua custódia. Ela gostaria de reivindicar o corpo de sua irmã, para o enterro.

Campbell me deu um olhar sombrio.

—Eu vejo que as notícias viajam rápido. E você é minha senhora?

—Uma amiga da família, — disse eu, tão firme quanto possível. —Meu nome é Sra. James Fraser.

Seu rosto mudou um pouco; ele já ouviu o nome. Isso provavelmente não era uma coisa boa.

—Sra. Fraser, — disse lentamente. —Já ouvi falar de você. Você dá remédios de varíola para prostitutas da cidade, não é?

—Entre... outras coisas, sim, —eu disse, bastante surpresa por esta descrição da minha prática médica. Ainda assim, parecia oferecer uma conexão lógica entre Fanny e eu, pois ele olhou de uma de nós para a outra, balançando a cabeça para si mesmo.

—Bem, — disse lentamente. —Eu não sei onde o, er o corpo está...

—Não chama minha rimã de *corpo*! —Fanny gritou. —Seu nome *erra* Jane!

Comandantes, como regra geral não estavam acostumados com gritos, e Campbell parecia não ser uma exceção. Seu rosto quadrado corou e ele colocou as mãos espalmadas sobre a mesa, preparando-se para subir. Antes que ele levantasse em suas calças claras de sua cadeira, no entanto, seu assessor entrou e tossiu discretamente.

—Peço perdão, senhor; O tenente-coronel Lord John Grey deseja vê-lo.

—Ele deseja, de fato. — Este não parecia ser uma boa notícia para Campbell, mas era para mim.

—Está claramente ocupado, senhor, — eu disse rapidamente, segurando Fanny pelo braço. —Voltaremos mais tarde. — E sem esperar ser mandada embora, eu mais ou menos a arrastei para fora do escritório.

Com certeza, John estava na antessala, de uniforme completo. Seu rosto estava calmamente agradável e eu vi que ele estava no modo diplomático, mas sua expressão alterada no instante em que me viu.

—O que você está fazendo aqui? — desabafou. —E— olhando para Fanny— quem diabos é essa?

—Você sabe sobre Jane?— Eu disse, agarrando-o pela manga. —O que aconteceu com ela na noite passada?

—Sim, eu...

—Queremos reclamar o seu corpo, para o enterro. Você pode ajudar?

Ele soltou minha mão, com cortesia, e afastou a manga.

—Eu posso, sim. Eu estou aqui na mesma incumbência. Vou mandar falar...

—Vou esperar por você, — eu disse apressadamente, vendo a carranca do assessor em minha direção. —Lá fora. Venha, Fanny!

Lá fora, encontramos um lugar para esperar em um banco ornamental situado no jardim da frente formal. Mesmo no inverno, era um lugar agradável, com diversas árvores de palmito pulando para fora dos arbustos como tantas sombrinhas japonesas, e até mesmo a presença de um número de soldados indo e vindo não muito prejudicando a sensação de paz graciosa. Fanny, porém, não estava com disposição para a paz.

—Quem *ela elle*? —Ela exigiu, virando para olhar para trás na casa. —O que ele faz querer com Jane?

—Ah... ele é o pai de William, —eu disse cuidadosamente. —Lord John Grey é o nome dele. Eu imagino que William pediu-lhe para vir.

Fanny piscou por um momento, depois virou um par extremamente penetrante de olhos castanhos para mim, avermelhados e vermelhos, mas decididamente inteligente.

—Ele não parece muito com Willliam, — disse ela. — Senhor Frraser parece muito mais com Willliam.

Olhei para ela por um momento.

—Sério? — Eu disse. —Eu não notei isso. Você se importa de não falar pouco, Fanny? Eu preciso pensar.

John saiu cerca de dez minutos mais tarde. Ele fez uma pausa nos degraus, olhando em volta, e eu acenei. Ele veio até onde nós nos sentamos e logo se inclinou muito formalmente a Fanny.

—Seu servo, senhorita Frances, — disse. —Eu entendo pelo coronel Campbell que você é a irmã da Srta. Pocock; por favor, permita-me oferecer minhas mais profundas condolências.

Ele falou de forma muito simples e honesta, e os olhos de Fanny se encheram de lágrimas.

—Posso tê-la né?— Ela disse suavemente. —*Por favrror?*

Sem se importar com as calças imaculadas, ajoelhou-se no chão em frente a ela e tomou a mão.

—Sim, querida, — disse, assim como em voz baixa. —Claro que você pode. — Ele afagou a mão. —Você vai esperar aqui, apenas por um momento, enquanto eu falo com a Sra. Fraser?— Ele se levantou e, pensando bem, tirou um grande lenço de alvo fora de sua manga e entregou a ela com outro pequeno arco.

—Pobre criança, — disse, pegando a minha mão e colocando-a na curva do cotovelo. — Ou crianças, a outra menina não podia ter mais de dezessete anos — Nós andamos por alguns passos, por uma pequena trilha de tijolos

entre canteiros vazios, até que estivéssemos em segurança, fora do alcance da voz de ambos a rua e casa. —Presumo que William procurou a ajuda de Jamie. Eu pensei que ele faria, embora eu esperasse que ele não fizesse pelo bem de ambos.

Seu rosto estava sombreado, e havia manchas azuis sob os olhos; evidentemente que ele teve uma noite perturbada, também.

—Onde *está* William, você sabe? — Perguntei.

—Eu não sei. Ele disse que tinha uma missão fora da cidade, mas iria voltar hoje à noite. —Ele olhou por cima do ombro para a casa. —Arranjei para que Jane... ... seja devidamente cuidada. Ela não pode ser enterrada em um cemitério, é claro...

—É claro, — eu murmurei, irritada com o pensamento. Ele notou, mas limpou a garganta e prosseguiu.

—Eu conheço uma família com um pequeno cemitério particular. Eu acredito que posso fazer o arranjo para um enterro quieto. Rapidamente, é claro; amanhã, muito cedo?

Eu balancei a cabeça, me contendo. Não era sua culpa

—Você foi muito bom, — eu disse. A preocupação e a falta de sono iam se aproximando; as coisas pareciam estranhamente não dimensionais, como se as árvores e as pessoas e o mobiliário de jardim estivessem apenas colados em um cenário pintado. Eu balancei minha cabeça para limpá-la, no entanto; havia coisas importantes a serem ditas.

—Eu tenho que dizer uma coisa, — eu disse. — Gostaria que eu não precisasse, mas aí está. Ezequiel Richardson veio ao meu consultório no outro dia.

—O diabo que ele fez. — John endureceu ao nome. —Ele não está com o exército aqui, não é? Eu teria...

—Sim, mas não com *seu* exército —Eu disse a ele, tão brevemente quanto eu pude, o que Richardson agora era, ou melhor, revelou a ser; só Deus sabia quanto tempo ele foi um rebelde espião e quais eram suas intenções para com Hal e a família Grey em geral.

John ouviu, seu rosto calmamente absorto, embora o canto de sua boca se contorcesse quando descrevi o plano de Richardson para influenciar as ações políticas de Hal.

—Sim, eu sei, — eu disse secamente, vendo isso. —Eu não acho que ele seja, na verdade, nunca *conheceu* Hal. Mas a coisa importante... —Eu hesitei, mas ele tinha que saber.

—Ele sabe sobre você, — eu disse. —O que você... é. Quero dizer que você...

—O que eu sou, — ele repetiu, sem expressão. Seus olhos estavam fixados em meu rosto a este ponto; agora desviando o olhar. —Eu vejo. — Ele respirou fundo e soltou o ar lentamente.

John era um soldado distinto e um cavalheiro honrado, membro de uma antiga família nobre. Ele também era um homossexual, em uma época em que determinado atributo era uma ofensa capital. Que esse conhecimento estivesse nas mãos de um homem que quis fazer mal para ele e sua família... Eu não estava sob qualquer ilusão sobre o que eu acabei de fazer, com três palavras, eu mostrei que ele estava de pé em uma corda bamba muito estreita sobre um poço muito profundo, com Richardson segurando a ponta da corda.

—Sinto muito, John, — eu disse bem baixinho. Toquei seu braço, e ele colocou a mão brevemente sobre a minha, apertou-a delicadamente, e sorriu.

—Obrigado. — Ele olhou para a pavimentação de tijolos sob seus pés por um momento, em seguida, olhou para cima. —Você sabe como ele chegou a... informação?— Ele falou calmamente, mas um nervo estava pulando apenas sob seu olho ferido, um pequeno tremor. Eu queria colocar o dedo sobre ele, ainda. Mas não havia nada que eu pudesse fazer.

—Não. — Eu olhei de volta para o banco distante. Fanny ainda estava lá, uma pequena figura desolada, a cabeça inclinada. Virei o meu olhar de volta para John; sua testa estava enrugada, pensando.

—Uma última coisa. , A nora de Hal, a jovem mulher de estranho nome...

—Amaranthus, — ele interrompeu, e sorriu ironicamente. —Sim, o que acontece com ela? Não me diga que Ezequiel Richardson inventou algo para seus próprios fins.

—Não duvidaria nada se ele o fizesse, mas provavelmente não. — Contei a ele o que descobri com o Sr. Jameson.

—Eu disse a William anteontem, — eu disse. —Mas o que com tudo — eu acenei com a mão, abrangendo Fanny, Jane, o coronel Campbell, e algumas outras coisas: —Eu duvido que tenha tempo para ir a Saperville e procurar por ela. Você não acha que esse é o recado que ele falou, não é? — Eu perguntei, impressionada com o pensamento.

—Deus sabe. — Ele passou a mão sobre o rosto, em seguida, se endireitou. —Eu tenho que ir. Eu vou ter que contar a Hal algumas coisas. Não que..., eu não acho, — disse, vendo meu rosto. —Mas, obviamente, há coisas que ele precisa saber, e saber rapidamente. Deus a abençoe, minha querida. Vou mandar uma nota amanhã. —Ele pegou minha mão e beijou-a com muito cuidado, e deixou ir.

Eu o observei afastar-se as costas muito retas, o escarlate, brilhante como sangue, do seu casaco contra os cinza e verde do jardim de inverno desbotado.

Enterramos Jane na manhã de um dia frio maçante. O céu estava encharcado com baixas nuvens cinzentas e um vento bruto soprava do mar. Era um pequeno cemitério particular, pertencente a uma grande casa que ficava fora da cidade.

Todos nós viemos com Fanny: Rachel e Ian, Jenny, Fergus e Marsali mesmo as meninas e Germain. Eu me preocupava um pouco; eles não podiam deixar de sentir os ecos da morte de Henri-Christian. Mas a morte era um fato da vida e um comum, e enquanto eles estavam solenes e pálidos entre os adultos, eles estavam compostos. Fanny não estava muito composta quando estava completamente entorpecida, pensei; ela chorou todas as lágrimas de seu pequeno corpo poderia conter e estava branca e dura como uma vara branqueada.

John veio vestido com seu uniforme (no caso de alguém ser curioso e tentar nos perturbar, explicou-me em voz baixa). O fabricante de caixão tinha apenas caixões de adultos prontos; corpo envolto de Jane parecia tão como uma crisálida, eu meio que esperava ouvir um som de chocalhando seco, quando os homens pegaram. Fanny se recusou a olhar para o rosto de sua irmã uma última vez, e eu achei melhor assim.

Não havia nenhum sacerdote ou ministro; foi um suicídio, e este era solo sagrado apenas por respeito. Quando o último da terra foi empurrada nós ficamos quietos, esperando, o vento duro passando por nossos cabelos e roupas.

Jamie respirou fundo e deu um passo à frente da sepultura. Ele falou uma oração em gaélico chamada Canto Fumebre da Morte, mas em Inglês, em consideração a Fanny e Lord John.

*Tu vais para casa esta noite para a tua casa de inverno,  
Para a tua casa de outono, da primavera, do verão;  
Tu vais para casa esta noite para a tua casa perpétua,  
Para o teu leito eterno, ao teu sono eterno.*

*Dorme, dorme e acabe com a tua dor,  
Dorme, dorme e acabe com a tua dor,  
Dorme, dorme e acabe com a tua dor,  
Dorme, tu que és amado, na Rocha que te abriga.*

*A sombra da morte paira sobre a tua face, amado,  
Mas o Jesus da graça tem sua mão ao redor de ti;  
Na proximidade da despedida a Trindade para os teus sofrimentos,  
Cristo está diante de ti e da paz está na sua mente.*

Jenny, Ian, Fergus e Marsali juntaram-se, murmurando o verso final com ele,

*Dorme, ó dorme na tranquilidade de toda a calma,  
Dorme, ó dorme na direção de orientação,  
Dorme, ó dorme no amor de todos os amores,  
Dorme, ó amado, no Senhor da vida,  
Dorme, ó amado, no Deus da vida!*

Não foi até que viramos para ir embora que eu vi William. Ele estava de pé do lado de fora da cerca de ferro forjado que cercava o terreno, alto e sombrio em um manto escuro, o vento agitando a cauda escura de seu cabelo. Ele estava segurando as rédeas de uma grande égua com uma volta tão ampla como uma porta de celeiro. Quando saí da do local do enterro, segurando a mão de Fanny, ele veio em nossa direção, o cavalo gentilmente seguindo.

—Está é Miranda, — disse a Fanny. Seu rosto estava branco e esculpido em dor, mas sua voz era firme. —Ela é sua agora. Você vai precisar dela. — Ele pegou a mão inerte de Fanny, colocou as rédeas nela, e fechou os dedos sobre elas. Então ele olhou para mim, tufo de cabelos ao vento em seu rosto. —Você vai cuidar dela, mãe Claire?

—É claro que vou — eu disse, minha garganta apertada. —Onde você está indo, William?

Ele sorriu então, muito fracamente.

—Não importa, — disse, e se afastou.

Fanny estava olhando para Miranda na total incompreensão. Tomei suavemente as rédeas, acariciando a mandíbula do cavalo, e virei para encontrar Jamie. Ele estava apenas dentro da cerca, conversando com Marsali; os outros saíram e já estava de pé em um pequeno aglomerado frio, Ian e Fergus conversando com Lord John, enquanto Jenny guiava os filhos, todos eles estavam olhando para Fanny.

Jamie estava franzindo a testa um pouco, mas finalmente concordou com a cabeça e, inclinando-se para frente, beijou Marsali na testa e saiu. Ele

levantou uma sobrancelha quando viu Miranda, e eu expliquei.

—Sim, bem, — disse, com um olhar para Fanny. —O que é mais um?— Houve um tom estranho em sua voz, e eu olhei para ele inquirindo.

—Marsali me perguntou se nós levaríamos Germain, — disse, pegando Fanny contra ele em um abraço abrigando, como se isso fosse uma coisa comum.

—Sério?— Olhei por cima do ombro para o resto da família. —Por quê? — Tínhamos todos discutido o assunto durante algum tempo na noite anterior, e concluíamos que não iríamos esperar até a primavera para deixar Savannah. Com a cidade ocupada, não havia nenhuma possibilidade de Fergus e Marsali retomarem a publicação de seu jornal, e com o coronel Richardson à espreita por trás das cenas, o lugar estava começando a parecer nitidamente perigoso.

Nós todos viajaríamos juntos para Charleston, teríamos Fergus e Marsali estabelecidos lá, e então o resto de nós iria para o norte para Wilmington, onde iríamos começar a nos equipar para a viagem para as montanhas quando a neve começasse a derreter, em março.

—Você disse a eles, Sassenach, — Jamie disse, coçando topete de Miranda com a mão livre. —O que seria da guerra, e quanto tempo iria durar. Germain estará em uma época em que ele vai ficar fora do grosso das coisas. A preocupação de Marsali é que ele vá vir a se meter em encrencas, solto em uma cidade onde as coisas que acontecem *acontecessem* em tempo de guerra. Deus sabe o que as montanhas podem ser mais segura, — ele fez uma careta, obviamente recordando alguns incidentes que tiveram lugar lá, —, mas, no geral, é provavelmente melhor não estar em um lugar onde ele poderia ser recrutado pela milícia ou pressionado pela marinha britânica.

Eu olhei para baixo o caminho de cascalho que levava a casa; Germain se afastou de sua mãe, avó, Rachel, e suas irmãs e se juntou a Ian e Fergus em conversa com Lord John.

—Sim, ele sabe o que é um homem, — disse Jamie secamente, seguindo a direção do meu olhar. —Vamos, *a leannan*, — Disse a Fanny. —É hora de todos nós termos um café da manhã.

## **Capítulo 135 - *Amaranthus***

*Saperville*

*15 de janeiro de 1779*

Saperville era difícil de encontrar, mas, uma vez encontrado, pequeno suficiente para que isso fosse uma questão de apenas três inquéritos para descobrir a residência de uma viúva chamada Grey.

—Lá— Hal refreou-se, apontando para uma casa que ficava a cem metros afastada da estrada, à sombra de uma enorme árvore magnólia. Ele estava sendo casual, mas John podia ver a contração muscular na mandíbula de seu irmão.

—Bem... Acho que só ir e bater, então. —virou a cabeça do seu próprio cavalo pela pista esburacada, fazendo um balanço no lugar, enquanto caminhavam em direção. Era uma casa pobre, a varanda da frente solta em um canto onde a sua fundação deu lugar, e metade de suas poucas janelas embarcadas de novo. Ainda assim, o lugar estava ocupado; a chaminé estava soltando fumaça irregularmente, de uma forma que sugeria que ela não foi recentemente varrida.

A porta foi aberta a eles por uma mulher desmazelada. Uma mulher branca, em um vestido com uma capa manchada e chinelos, com olhos desconfiados e uma boca com azedume para baixo cujos cantos mostravam as manchas de tabaco de mascar.

—A Sra. Grey está em casa?— Hal perguntou educadamente.

—Ninguém com esse nome aqui, — disse a mulher, e ia fechando a porta, esta ação está sendo impedida pela bota de Hal.

—Fomos encaminhados para este endereço, minha senhora, — disse Hal, a polidez diminuindo acentuadamente. —Tenha a bondade de informar a Sra. Grey que ela tem visitantes, por favor.

Os olhos da mulher se estreitaram.

—E quem condenado é você, Sr. Fancy Pants?

A estima de John pela mulher subiu consideravelmente com isso, mas ele achou que deveria intervir antes que Hal começasse a respirar ofegante.

—Esta é a Sua Graça o Duque de Pardloe, minha senhora, — disse, com a máxima delicadeza. Seu rosto alterado de uma vez, mas não para melhor. Sua mandíbula endureceu, mas um brilho predatório entrou em seu olho.

—*Elle nom connait votre*— disse a Hal. *Ela sabe o seu nome.*

—Eu sei disso, — seu irmão estalou. —Senhora,...

Tudo o que ele teria dito foi interrompido pela gritaria repentina de um bebê, em algum lugar lá em cima.

—Eu imploro seu perdão, minha senhora, — disse Lord John educadamente a moça, e, agarrando-a pelos cotovelos, caminhando para trás para dentro da casa, girando a sua volta, e empurrou-a para a cozinha. Havia uma despensa, e ele a empurrou para este cubículo, fechou a porta sobre si, e, pegou uma faca de pão da mesa, empurrando através da trava como um parafuso improvisado.

Hal, entretanto, desapareceu no andar de cima, fazendo barulho suficiente para uma companhia de cavalaria. John galopou atrás dele, e pelo tempo que chegou à cabeça da escada, seu irmão estava ativamente envolvido na tentativa de arrombar a porta de uma sala de onde vinham os gritos de sirene de um bebê e os gritos ainda mais altos, provavelmente, da mãe do bebê.

Era uma boa porta, sólida; Hal se atirou nela de ombro primeiro e recuperou como feitos de borracha da Índia. Mal parando, ele ergueu o pé e bateu com a palma da sua única bota contra o painel, que gentilmente dividiu mas não quebrou.

Enxugando o rosto na manga, ele olhou para a porta e, pegando o lampejo de movimento através do painéis lascados, gritando: —Jovem, mulher! Viemos para salvá-la! Fique bem longe da porta!

—Afasto, por favor, — disse, voltando-se para John com a mão.

—Eu vou fazer isso, — John disse, resignado. —Você não tem nenhuma prática com maçanetas.

Diante disso, com um ar de descontração assumido, ele tirou a pistola do cinto, visando com cuidado, e atirou na maçaneta em pedaços. O boom da arma evidentemente assustou os moradores da sala, por um silêncio mortal caindo. Ele empurrou a haste da maçaneta quebrada através da porta; os remanescentes do botão caindo no chão do outro lado, e abriu a porta cautelosamente.

Hal, acenou agradecendo, adiantou-se através das nuvens de fumaça.

Era um pequeno quarto, uma vez encardido, e equipado com não mais do que uma cama, cômoda, penico e lavatório. O banco era particularmente notável, uma vez que estava sendo brandido por uma jovem de olhos arregalados, segurando um bebê ao peito com a outra mão.

Um cheiro forte de amoníaco veio de uma cesta no canto, empilhado com retalhos sujos; uma colcha dobrada em uma gaveta mostrando onde o bebê estava dormindo, e a jovem era mantida menos do que sua mãe teria

gostado de ver, sua touca torta e seu babador manchado. Hal desconsiderou todos os assuntos de circunstância e se inclinou para ela.

—Não me dirijo à senhorita Amaranthus Cowden?— Disse educadamente. —Ou é a Sra. Grey?

John deu a seu irmão um olhar depreciativo e virou um sorriso cordial sobre a jovem.

—*Viscondessa* Grey, —disse, e fez uma perna em estilo cortês. —Seu servo mais humilde, Lady Grey.

A jovem olhou selvagemmente de um homem para o outro, o banco ainda erguido, claramente incapaz de entender na cabeça esta invasão, e, finalmente, para John como a melhor ainda duvidosa fonte de informação.

—Quem são vocês, — ela perguntou, pressionada contra a parede. — Calma, querida. — falou para o bebê, recuperado do choque, decidiu desabafar.

John pigarreou.

—Bem... Este é Harold, Duque de Pardloe, e eu sou seu irmão, Lord John Grey. Se a nossa informação está correta, acredito que está, respectivamente, o sogro e seu tio por casamento. E, afinal, —ele comentou, voltando-se para Hal — quantas pessoas nas colônias que você acha que poderiam, eventualmente, *ser* nomeadas de Amaranthus Cowden?

—Ela ainda não disse que é Amaranthus Cowden, —Hal apontou. Ele, no entanto, sorriu para a jovem, que reagiu como a maioria das mulheres fazia, olhando para ele com a boca ligeiramente aberta.

—Posso?— John estendeu a mão e pegou o banquinho delicadamente de sua mão sem resistência, colocando no chão e apontando para se sentar. — Que tipo de nome é Amaranthus, posso perguntar?

Ela engoliu em seco, piscou, e sentou-se, segurando o bebê.

—É uma flor, — ela disse, soando um tanto atordoada. —Meu avô é um botânico. Poderia ter sido pior — acrescentou de forma mais acentuada, vendo John sorrir. —Poderia ter sido *Ampelopsis* ou *Petúnia*.

—Amaranthus é um nome muito bonito, minha cara, se posso chamá-la assim?— Hal disse, com grave cortesia. Ele mexeu um dedo para o bebê, que parou de chorar e estava olhando para ele com cautela. Hal puxou o gorget oficial pela cabeça e balançou o objeto brilhante, perto o suficiente para que a criança pegasse e ela fez.

—É muito grande para sufocá-lo, — assegurou Hal a Amaranthus. — Seu pai e o pai, irmãos, todos os morderam. Então eu, cheguei a esse ponto.

—Ele sorriu novamente. Ela ainda estava com o rosto branco, mas deu um aceno de cabeça cauteloso em resposta.

—Qual é o nome do pequeno companheiro, minha cara? — perguntou John.

—Trevor, — disse, tendo uma retenção mais firme sobre a criança, agora completamente absorta em tentar obter o gorget em formato de meia lua do tamanho de sua cabeça, em sua boca. —Trevor Grey. — Ela olhou para trás e para frente entre os irmãos Grey, uma carranca franzindo as sobrancelhas. Então, ela ergueu o queixo e disse, enunciando claramente — Trevor... *Wattiswade*... Grey. Sua Graça.

—Então você é a esposa de Ben. — Um pouco da tensão deixou ombros de Hal. —Você sabe onde Ben está, minha querida?

Seu rosto ficou duro, e ela agarrou o bebê mais apertado.

—Benjamin está morto, Vossa Graça, — disse. —Mas este é seu filho, e se você não se importa... gostaríamos muito de ir com você.

### ***Capítulo 136 – Negócios Inacabados***

William abriu caminho a empurrões por entre a multidão no Mercado Municipal, ignorando as queixas daqueles recuperando de seu impacto.

Ele sabia para onde estavam indo e o que queria fazer quando chegasse lá. Era a única coisa que restava a fazer antes de sair de Savannah. Depois disso... Não importa.

Sua cabeça latejava como um furúnculo inflamado. Tudo latejava. Sua mão provavelmente quebrou alguma coisa, mas não se importava. Seu coração, batendo e dolorido dentro de seu peito. Ele não dormiu desde que enterraram Jane; provavelmente nunca dormiria de novo e não se importava.

Lembrou-se onde era o armazém. O lugar estava quase vazio; sem dúvida, os soldados levaram tudo o que o proprietário não teve tempo de mover fora do alcance. Três homens estavam à beira da parede do fundo, sentado em poucos barris remanescentes de peixe salgado e fumando seus cachimbos; o cheiro do tabaco chegou a ele, um pequeno conforto no frio duvidoso ecoando do prédio.

—James Fraser? — Disse a um dos vagabundos, e o homem apontou com a haste do cachimbo para um pequeno escritório, uma espécie de

galpão em anexo à parede distante do armazém.

A porta estava aberta; Fraser estava sentado em uma mesa coberta de papéis, escrevendo algo pela luz que caiu através de uma pequena janela gradeada atrás dele. Ele olhou para o som de passos de William e, vendo, largou a pena e se levantou lentamente a seus pés. William veio para frente, encarando-o sobre a mesa.

—Vim para dar minhas despedidas, — disse William, muito formalmente. Sua voz estava menos firme do que gostava, e limpou a garganta dura.

—Sim? Onde pretende ir? —Fraser estava usando o xadrez, as cores desbotadas silenciadas ainda mais pela penumbra da luz, mas a luz não provocava repentinamente de seu cabelo quando moveu a cabeça.

—Eu não sei, — disse William, áspero. —Isso não importa. — respirou profundamente. —Eu... gostaria dizer obrigado. Pelo que você fez. Mesmo que... —Sua garganta fechou apertada; por mais que tentasse, não conseguia afastar a pequena mão branca de Jane de seus pensamentos.

Fraser fez um ligeiro movimento de desprezo e disse baixinho: —Deus está com ela, pobre menininha descansou.

—Mesmo assim, — disse William, e limpou a garganta novamente. — Mas há mais um favor que eu queria lhe pedir.

A cabeça de Fraser virou olhando surpreso, mas balançou a cabeça.

—Sim, é claro, — disse. —Se eu puder.

William virou-se e fechou a porta, em seguida, virou-se para o homem de novo.

—Diga-me como nasci.

O branco nos olhos de Fraser brilharam em breve espanto, e depois desapareceu enquanto seus olhos se estreitaram.

—Eu quero saber o que aconteceu, — disse William. —Quando você estava com a minha mãe. O que aconteceu naquela noite? Como *foi* a noite — acrescentou, em seguida, sentiu-se tolo por isso.

Fraser olhou para ele por um momento.

—Vocês quer que eu diga como foi, pela primeira vez que me deitei com uma mulher?

William sentiu o sangue em sua cabeça, mas antes que pudesse falar, o escocês continuou.

—Sim, exatamente. Um homem decente não fala de tais coisas. Você não conta a seus amigos tais coisas, não é? Não, claro que não. Então, muito

menos iria contar ao seu... pai, ou seu pai...

A hesitação antes de *pai* foi breve, mas William pegou, sem problemas. A boca de Fraser estava firme, porém, e os seus olhos estava virados diretamente.

—Eu não diria a você, não importa quem você fosse. Mas sendo que és...

—Sendo quem sou, eu acho que tenho o direito de saber!

Fraser olhou para por um momento, sem expressão. Ele fechou os olhos por um instante e suspirou. Em seguida, abriu-os e retirou-se, endireitando seus ombros.

—Não, você não tem. Mas não é isso que você *quer* saber, em qualquer caso, — disse. —Vocês quer saber, se eu forcei sua mãe. Eu não fiz. Você quer saber, se eu amava a sua mãe. Eu não amava.

William deixou aquela mentira ali por um momento, controlando sua respiração até que ele tinha certeza de que sua voz seria estável.

—Ela o amava?— *Teria sido fácil amá-lo*. O pensamento veio a ele espontaneamente e indesejável, mas com suas próprias memórias de Mac o cavalariço. Algo que ele dividia com sua mãe.

Os olhos de Fraser foram lançados, assistindo a um rastro de minúsculas formigas correndo ao longo das tábuas gastas.

—Ela era extremante jovem — disse em voz baixa. —Eu tinha o dobro de sua idade. A culpa foi minha.

Houve um breve silêncio, quebrado apenas por sua respiração e os gritos distantes de homens que trabalham no rio.

—Eu vi os retratos, — disse William abruptamente. —do meu... do oitavo conde. Seu marido. Você sabia?

A boca de Fraser torceu um pouco, mas balançou a cabeça.

—Sabia, porém, sabia. Ele tinha 50 anos a mais do que ela.

A mão mutilada de Fraser se contraiu, os dedos tocando levemente contra sua coxa. Sim, ele sabia. Como poderia *não* saber? Ele baixou a cabeça, não bem um aceno de cabeça.

—Eu não sou idiota, você sabe, — disse William, mais alto do que pretendia.

—Não acho que seja — Fraser murmurou, mas não olhou.

—Eu posso contar, — William continuou, por entre os dentes. —Você se deitou com ela pouco antes de seu casamento. Ou foi logo depois?

Aquilo acertou em cheio; a cabeça de Fraser se ergueu e houve um flash de raiva azul-escuro.

—Eu não enganei outro homem em seu casamento. Acredite que de mim, pelo menos.

Curiosamente, ele acreditava. E, apesar da raiva que ainda lutava para manter sob controle, começou a pensar que talvez entendesse como *poderia* ter sido.

—Ela era imprudente. — Ele fez uma afirmação, não uma pergunta, e viu Fraser piscar. Não foi um aceno de cabeça, mas pensou que era o reconhecimento e continuou mais confiante.

—Todo mundo diz, todos que a conheciam. Ela era imprudente, bonita, descuidada... teve as chances...

—Ela teve coragem. — Foi dito em voz baixa, as palavras caíram como pedras na água, e as ondas se espalharam pelo quarto minúsculo. Fraser ainda estava olhando diretamente para ele. —Disseram, então? Sua família, as pessoas que a conhecia?

—Não, — disse William, e sentiu a palavra afiada como uma pedra na garganta. Por apenas um instante, a viu com essas palavras. Ele a viu, e o conhecimento da imensidão de sua perda atingido através de sua raiva como um relâmpago. Ele dirigiu o punho na mesa, batendo uma vez, duas vezes, martelando isso até a madeira balançar e as pernas vibrarem sobre o chão, papéis voando e tinteiro caindo.

Ele parou de repente, quando começou, e o barulho cessou.

—Você está *desculpando*? — Disse, e não fez nenhum esforço para manter a voz firme. —Você está triste por isso, maldito?

Fraser se afastou; agora virando bruscamente para encarar William, mas não falando ao mesmo tempo. Quando fez, sua voz era baixa e firme.

—Ela morreu por sua causa, e eu vou pesar pela sua morte e fazer penitência, de minha parte até meu próprio dia de morrer. Mas — comprimindo os lábios por um instante, e então, muito rápido para William recuar, deu a volta à mesa e, levantando a mão, segurou o rosto de William, o toque leve e feroz.

—Não, — sussurrou. —Não! Eu não sinto muito. —Então se virou em seu calcanhar, abriu a porta e foi embora, kilt voando.

***Parte IX “Thig crioch air an t- saoghal ach mairidh ceol agus gaol.”***

***O mundo pode chegar ao fim, mas o amor e a música são para sempre.***

## ***Capítulo 137 No Deserto um Lugar para Hospedar***

Eu não conseguia parar de respirar. A partir do momento em que deixei o cheiro de sal de Savannah, com sua névoa constante de arrozais, lama, e crustáceo em decomposição, o ar cresceu mais claro de aromas, mais limpos, deixando de lado a alagada Wilmington, cheirando com as memórias picantes de seus crocodilos e piratas mortos, e mais distinção. E lá cheguei ao cume do passe final, eu pensei que eu poderia explodir de alegria simples ao sentir o cheiro da mata de fim de primavera, a mistura inebriante de pinho e os homens de bálsamo, misturando ao tempero das folhas verdes frescas com a obrigação de bolotas caídas do inverno, e a doçura de noz de castanha sob uma camada de folhas mortas molhadas, tão espessas que fez o ar parecer flutuantes, me pegando. Eu não poderia obter o suficiente dele em meus pulmões.

—Está ofegante assim, Sassenach, você gostaria de descer, —disse Jamie, sorrindo para ele veio ao meu lado. —Como está a nova faca, então?

—Maravilhosa! Olha, eu encontrei uma enorme raiz de ginseng, e um pedaço de bétula e...

Ele parou isso com um beijo, e eu deixei cair o ginseng no saco encharcado cheio de plantas no caminho e beijei de volta. Ele estava comendo cebolas selvagens e agrião arrancado escorrendo de um riacho e ele cheirava perfume masculino de sua autoria, seiva de pinheiros, e o cheiro de sangue dos dois coelhos mortos pendurados no cinto; era como beijar o próprio deserto, e ele passou um pouco, apenas interrompido por uma tosse discreta a poucos metros de distância.

Deixamos um paciente cavalo, e eu levei o passo automático de volta, mesmo por trás de Jamie dando um passo na minha frente, a mão pairando ao alcance de seu punhal. Uma fração de segundo depois, ele tomou um enorme passo em frente e engoliu o Sr. Wemyss no enorme olá.

—Joseph! *O querido! Ciamar um thu tha?*

Senhor Wemyss, um pequeno, leve, homem idoso, era literalmente varrido de seus pés e eu podia ver um sapato pendurado solto dos dedos de um pé fora de suas meias tateando pela tração. Sorrindo para isso, eu olhei em volta para ver se Rachel e Ian estavam à vista ainda e em vez disso vi um menino pequeno, de rosto redondo no caminho. Ele tinha talvez quatro ou cinco, com cabelos claros, voando solto sobre os ombros.

—Er... Rodney? —eu perguntei, fazendo uma suposição precipitada. Em não o via por dois anos mais ou menos, mas eu não conseguia pensar em quem mais poderia estar acompanhando o Sr. Wemyss.

A criança assentiu sobriamente me examinando.

—Você é a mulher conjurada— Ele disse, com uma voz extraordinariamente profunda.

—Sim— eu disse um pouco surpresa com isso, mas ainda mais surpresa com o reconhecimento do meu direito parecia. Percebi naquele momento que eu fui retomada para minha identidade, que passo a passo, subimos a montanha, cheirando seus aromas e colhendo a sua abundância, eu descartei algumas camadas do passado recente e, novamente, o que transformou este lugar no passado. Eu voltei.

—Sim— eu disse de novo. —Eu sou a Sra. Fraser. Você pode me chamar de *vovó Fraser*, se quiser.

Ele acenou com a cabeça, pensativo, falando isso na boca *vovó Fraser* para si mesmo uma ou duas vezes, em seguida, para prová-lo. Então ele mostrou as ervas para Jamie, que colocava duro o Sr. Wemyss de volta em seus pés e estava sorrindo para ele com um olhar de alegria que o meu coração voltou para casa.

—Esse é *Ele Mesmo*?— Rodney sussurrou, aproximando-se de mim.

—Esse é *Ele Mesmo*, — eu concordei, balançando a cabeça gravemente.

—Aidan disse que ele era grande— comentou Rodney, após uma análise de outro momento.

—Ele é grande o suficiente, o que você acha?— Eu perguntei um pouco surpresa ao perceber que eu não queria que Rodney se decepcionasse nesta primeira visão de si mesmo.

Rodney deu a inclinação para o lado ímpar de sua cabeça, terrivelmente familiar, que era o que sua mãe, Lizzie, fazia ao fazer um julgamento sobre algo, e disse filosoficamente: —Bem, ele é muito maior do que eu, de qualquer maneira.

—Tudo é relativo— eu concordei. —E por falar em parentes, como está sua mãe? E o seu... er... pai?

Eu queria saber se o casamento não ortodoxo de Lizzie ainda estava em vigor. Tendo acidentalmente se apaixonado pelos irmãos gêmeos idênticos, ela tinha uma astúcia e esperteza inesperada para uma menina recatada de dezenove anos de idade, para uma empregada escocesa planejando se casar

com eles. Não havia como dizer se o pai de Rodney era Josias Beardsley ou Keziah, mas eu queria saber.

—Oh, Mamãe esta grávida novamente— disse Rodney casualmente. — Ela diz que castrar ou papais ou suas cabanas, se é isso o que é preciso para colocar um fim a isso.

—Ah... bem, isso *faria* o negocio — disse eu, uma vez surpresa. — Quantos irmãos ou irmãs você tem?— Entreguei sua irmã antes que deixasse Ridge, mas...

—Uma irmã, um irmão. — Claramente Rodney foi crescendo aborrecido comigo e ficou na ponta dos pés para olhar para o caminho atrás de mim. — Quem é Mary?

—O quê?— Voltando, eu vi Ian e Rachel navegando até ferradura de alguma forma declarando oficial o desaparecendo no meio das árvores até mesmo sem eu poder ver.

—Você sabe, Mary e Joseph viajaram para o Egito— disse, e eu ri em súbita compreensão. Rachel, muito visivelmente grávida, estava andando em Clarence, com Ian, que não tinha problemas em fazer a barba nos últimos meses e era uma barba de dimensões quase bíblicas, andando ao seu lado. Jenny estava, presumivelmente, ainda fora de vista por trás deles, montando a égua com Franny e liderando a mula de carga.

—Essa Rachel, — eu disse. —E seu marido, Ian. Ian é seu sobrinho. Você mencionou Aidan e sua família estão bem, também? —Jamie e o Sr. Wemyss Toward começaram a andar, falando dezesseis coisas sobre os assuntos sobre Ridge. Rodney segurava minha mão de uma forma cavalheira e acenou com a cabeça atrás deles.

—Melhor pararmos. Eu quero dizer a mamãe primeiro não havendo *Opa para* chega lá.

—*Opa...* oh, seu avô? — Joseph Wemyss casou-se com uma senhora alemã chamada Monika, logo após o nascimento de Rodney, e eu pensei que lembrava que *Opa* era uma expressão alemã para *avô*.

—*Ja*— Rodney disse, confirmando essa suposição.

A trilha serpenteava para trás e para frente através das encostas superiores do cume, oferecendo-me vislumbres tentadores por entre as árvores do assentamento abaixo: cabanas com luz entre os louros brilhantes de flor, a terra preta fresca que virava hortas e toquei a faca cavando no meu cinto, de repente morrendo de vontade de ter as minhas mãos na terra, para arrancar as ervas daninhas...

—Oh, você perdeu sua aderência, Beauchamp — murmurei em êxtase com o pensamento de puxar erva daninha, mas sorri mesmo assim.

Rodney não era um tagarela, mas mantivemos uma conversa amável enquanto caminhávamos. Ele disse que sua *Opa* caminhava até a cabeça do passe todos os dias durante a última semana, para ter a certeza de nos conhecer.

—Mamãe e a patroa Higgins ter um presunto guardado para vocês, para a ceia— ele me disse, e lambeu os lábios em antecipação. —E há mel para ter com o nosso pão de milho! Papai encontrou uma árvore de abelha na última terça-feira à tardinha e eu o ajudei com a fumaça. E...

Eu respondi, mas distraída, e depois de um pouco, ambos caíram em um silêncio sociável. Eu estava me preparando para a visão da clareira onde a Casa Grande esteve uma vez e uma breve sensação de enjoo, no fundo passou por mim, lembrando-se do fogo.

A última vez que vi a casa, não era mais do que um amontoado de madeiras enegrecidas. Jamie já escolheu um local para uma casa nova e derrubou as árvores para ela, deixando-as empilhados. Tristeza e pesar que poderia ter neste retorno, mas havia pontos verdes brilhantes de antecipação cutucando através dessa terra arrasada. Jamie me prometeu um novo jardim, um novo consultório, uma cama o tempo suficiente para se esticar dentro e janelas de vidro.

Apenas antes de virmos para o local onde a trilha terminava acima da clareira, Jamie e Sr. Wemyss pararam, à espera de Rodney e eu. Com um sorriso tímido, o Sr. Wemyss beijou a minha mão e, em seguida, levou Rodney, dizendo: —Venha, Roddy, você pode ser o primeiro a contar a sua mamãe que *Ele Mesmo* e sua senhora estão de volta!

Jamie pegou minha mão e apertou com força. Ele foi liberado do pé, e ainda mais de emoção; a cor correu direito para dentro do pescoço aberto de sua camisa, transformando sua pele um belo bronze rosado.

—Eu trouxe você para casa, Sassenach— disse, com a voz um pouco rouca. —Não vai ser o mesmo, e eu não sei dizer como as coisas vão ser agora, mas eu mantive minha palavra.

Minha garganta estava tão embargada que eu mal conseguia sussurrar —Obrigado. — Ficamos por um longo momento, apertados juntos, convocando a força para ir desse último canto e olhar para o que foi, e que poderia ser.

Algo roçou a barra da minha saia, e eu olhei para baixo, esperando que um cone tarde do grande pinheiro tivesse caído.

Um grande gato cinzento olhava para mim com olhos grandes e calmos verdes e deixou cair um gordo e peludo rato muito morto aos meus pés.

—Oh, *Deus*— Eu disse, e comecei a chorar.

### ***Capítulo 138 Frênuo de Fanny***

Jamie mandou dizer a frente, e os preparativos foram feitos para a nossa vinda. Jamie e eu gostaríamos de ficar com Bobby e Amy Higgins; Rachel e Ian com os MacDonalds, um casal jovem que vivia até o cume de uma maneira; e Jenny, Fanny, e Germain iriam esperar com a Viúva MacDowall, que tinha uma cama extra.

Houve uma festa modesta em nossa honra a primeira noite e, pela manhã, levantou-se e foi mais uma vez a parte de Fraser Ridge. Jamie desapareceu na floresta, voltando ao cair da noite para relatar que seu esconderijo de uísque estava seguro, e trouxe um pequeno barril de volta com ele para usar como bens de comércio para o que talvez fosse necessário configurar o serviço de limpeza, uma vez que tinha uma casa para manter novamente.

Quanto a casa, disse começando os preparativos para a construção de uma nova casa antes que deixasse Ridge, a seleção de um bom local na cabeça da enseada grande que abria um pouco abaixo do próprio cume. O lugar era elevado, mas o terreno com bastante nível e, graças à indústria de Bobby Higgins, estava limpo de árvores, madeira para o enquadramento da casa colocada em pilhas, e uma quantidade surpreendente de grandes pedras arrastadas para cima e empilhadas, prontas para ser utilizadas para a fundação.

Para Jamie, a primeira ordem do dia era ver que a sua casa ou o começo dela fosse como deveria ser, e a segunda era visitar cada família de Ridge, ouvindo e dando notícias, ouvindo seus inquilinos, restabelecendo se como o fundador e proprietário de Fraser Ridge.

Minha primeira ordem do dia era o frênuo de Fanny. Passei um ou dois dias para organizar as várias coisas que trouxe com a gente, em especial, o meu equipamento médico, durante uma visita com as várias mulheres que vieram na cabana *nossa primeira cabana agora dos Higginses*, que Jamie e

Ian construíram quando viemos pela primeira vez para Ridge. Mas, uma vez que vieram eu convoquei as minhas tropas e iniciei a ação.

—Você pode colocar a pobre moça fora bebendo uísque assim, — Jamie observou, lançando um olhar preocupado no copo cheio de líquido âmbar sentado na bandeja ao lado de minha tesoura de bordado. —Não seria mais fácil para ela ter éter?

—De certa forma, sim— eu concordei, deslizando a tesoura com o primeiro ponto em um segundo copo, desta vez cheio de álcool claro. —E se eu fosse fazer um frenectomia lingual, eu precisaria. Mas há perigo de se utilizar éter, e não me refiro apenas incendiar a casa. Eu vou fazer apenas um frenectomia, pelo menos por agora. Que é uma operação muito simples; ele vai literalmente levar cinco segundos. E, além disso, Fanny diz que não quer ser colocada para dormir, talvez ela não confie em mim —Eu sorri para Fanny quando eu disse isso; ela estava sentada no carvalho perto da lareira, solenemente tomando nota dos meus preparativos. Com isso, porém, ela olhou para mim de repente, seus grandes olhos castanhos surpresos.

—Oh, dó— disse. —Eu *gusto*. Eu só *quelo* três.

—Não a culpo nem um pouco— eu assegurei a ela, entregando o copo de uísque. —Aqui, então, tome um bom gole disso e prenda em sua boca e deixe ir para baixo sob a sua língua durante o tempo que puder.

Eu tive um pequeno ferro cautério, sua alça envolta em lã torcida, aquecida no cinturão de Amy. Eu supunha que não importava se ele tinha gosto de salsichas. Eu tinha uma agulha de sutura fina, rosca com seda preta, também, para o caso.

O frênuo é uma banda muito fina de tecido elástico que amarras a língua ao assoalho da boca, e na maioria das pessoas é exatamente o tempo que ele precisa ser para permitir que a língua faça todos os movimentos complexos necessários para falar e comer, sem deixá-lo vaguear entre os dentes móveis, onde ele poderia ser muito danificado. Em alguns, como Fanny, o freio é demasiado longo e, por fixação a maior parte do comprimento da lingueta para o chão da boca, impedido fácil manipulação desse órgão. Ela muitas vezes tinha mal hálito, porque, enquanto ela limpava os dentes todas as noites, ela não poderia usar a língua para retirar pedaços de comida que ficavam preso entre a bochecha e a gengiva ou nas cavidades da mandíbula abaixo da língua.

Fanny engoliu audivelmente, então tossiu violentamente.

—Isso... *florte*— Ela disse, com os olhos lacrimejando. Ela não foi adiada, no entanto, e no meu aceno tomou outro gole e sentou-se estoicamente, deixando o uísque infiltrar em seus tecidos bucais. Era de fato entorpecer o freio, pelo menos um pouco, e ao mesmo tempo proporcionar a desinfecção.

Ouvi Aidan e Germain chamando lá fora; Jenny e Rachel desceram para a operação.

—Eu acho que é melhor fazer isso do lado de fora— eu disse para Jamie. —Eles nunca vão todos caber aqui, não com Oglethorpe. — A barriga de Rachel tinha feito progressos consideráveis nas últimas semanas e era de um tamanho para tornar os homens tímidos nervosamente longe dela para que ela não saísse de repente, como uma bomba.

Pegamos a bandeja de instrumentos e fomos para fora e montamos o nosso local de funcionamento no banco que estava perto da porta da frente. Amy, Aidan, Orrie e Rob agrupados atrás Jamie, que foi acusado de segurar o copo, ambos olhando para a luz direta na boca de Fanny para me ajudar e para que Fanny pudesse realmente ver o que estava acontecendo.

Como Oglethorpe impedia Rachel de ser posta em serviço como uma cinta em volta, no entanto, nós reformulamos a equipe um pouco e terminou com Jenny segurando o espelho e Jamie sentado no banco, segurando Fanny no joelho, seus braços confortavelmente ao redor dela. Germain estava junto, segurando uma pilha de panos limpos e solene como coroinha e Rachel se sentou ao meu lado, a bandeja entre nós, para que ela pudesse me dar às coisas.

—Tudo bem, querida?— Eu perguntei a Fanny. Ela estava de olhos arregalados como uma coruja no sol atordoada e sua boca estava aberta só um pouco. Ela me ouviu, embora, e acenou com a cabeça. Peguei o copo de sua mão-mole que estava vazio, e eu entreguei a Rachel, que encheu rapidamente.

—Espelho, por favor, Jenny?— Ajoelhei-me na grama diante do banco e, com não mais do que um pouco de tentativa e erro, tivemos um feixe de luz solar treinado na boca de Fanny. Tomei a tesoura de bordar de sua banheira, enxuguei, e, com um chumaço de pano, pegou da língua de Fanny com a mão esquerda e levantei.

Não demorou até três segundos. Eu examinei com cuidado várias vezes, fazendo-a mover a língua, tanto quanto pôde, e sabia exatamente onde eu

pensei que o ponto de ligação devia estar. Dois recortes rápidos e isso estava feito.

Fanny fez um pouco de barulho surpresa e puxou nos braços de Jamie, mas não parecia estar com dor aguda. A ferida estava sangrando, mas, de repente, e profusamente, e eu apressadamente empurrei a cabeça para baixo, de modo que o sangue poderia correr para fora da boca para o chão e não sufocá-la.

Eu tinha outro chumaço à espera; mergulhei isso rapidamente no uísque e, agarrando o queixo de Fanny, levantei a cabeça e enfiei o chumaço sob a língua. *Que* a fez emitir um abafado —*Owy!*—, *mas* segurou seu queixo e fechou a boca, adjurando ela com firmeza para pressionar para baixo sobre o chumaço com a língua.

Todo mundo esperou sem fôlego, enquanto eu contava silenciosamente até sessenta. Se o sangramento não mostrasse nenhum sinal de parar, eu teria que colocar uma sutura, o que seria confuso, ou cauterizar a ferida, o que certamente seria doloroso.

—... cinquenta e nove... sessenta! —Eu disse em voz alta, e olhando para a boca de Fanny, encontrei o pano substancialmente encharcado de sangue, mas não dominado por ele. Eu extraí e coloquei outro, repetindo a minha contagem de silêncio. Desta vez, o chumaço estava manchado, não mais; o sangramento foi parar por conta própria.

—Aleluia!— Eu disse, e todo mundo gritou. A cabeça de Fanny balançou um pouco e ela sorriu, muito timidamente.

—Aqui, querida— eu disse, entregando o copo cheio pela metade. —Concluo que, se você pode apenas saborear lentamente e deixá-lo ir para a ferida, se puder; eu sei que arde um pouco.

Ela fez isso, muito rapidamente, e piscou. Se fosse possível escalonar sentada, ela faria.

—É melhor eu colocar a mocinha na cama, sim?— Jamie ficou de pé, segurando-a suavemente em seu ombro.

—Sim. Eu virei e farei com que a cabeça permaneça em pé, apenas para o caso de sangrar novamente e correr para baixo sua garganta. —Virei para agradecer aos assistentes e espectadores, mas Fanny chegou antes de mim.

—Patroa... Fraser? — Disse, sonolenta. —eu não... — A ponta da sua língua estava para fora de sua boca, e ela olhava estrábica em direção a ela, espantada. Ela nunca foi capaz de furar a língua para fora antes e agora mexia para lá e para cá, como uma cobra muito tímida testando o ar. —s...

— Ela parou, então, contorcendo as sobrancelhas em uma expressão terrível de concentração, disse, — Obrigada a você!

Lágrimas vieram aos meus olhos, mas eu consegui dar um tapinha com a cabeça e dizer: — Você é muito bem-vinda, Frances. — Ela sorriu para mim, em seguida, um pequeno sorriso sonolento, e no instante seguinte estava dormindo, com a cabeça sobre o ombro de Jamie e uma pequena linha de baba de sangue escorrendo pelo canto de sua boca em sua camisa.

### ***Capítulo 139 Uma Visita ao Comércio***

Beardsley Trading Post era, talvez, nenhum grande estabelecimento em comparação com as lojas de Edimburgo ou Paris, mas no sertão das Carolinas, era um posto avançado raro da civilização. Originalmente nada além de uma casa com tudo e pequeno celeiro, o lugar se expandiu ao longo dos anos, os proprietários, ou melhor, seus gerentes de agregação de estruturas adicionais, alguns ligados aos edifícios originais, outros galpões de pé livre. Ferramentas, couros, animais vivos, alimentos para animais de milho, tabaco e barricas de tudo, de peixe salgado para melão podiam ser encontrados nos anexos, enquanto comestíveis e produtos secos estavam no prédio principal.

As pessoas vieram para Beardsley de uma centena de quilômetros, literalmente, em todas as direções. Cherokee das aldeias Snowbird, morávios de Salem, os habitantes múltiplos de Brownsville, e é claro, os habitantes de Fraser Ridge.

O posto de troca cresceu espantosamente nos oito anos desde que eu andei a pé no lugar. Vi parques de campismo na floresta próxima, e uma espécie de mercado free-lance de pulgas surgindo ao lado dos correios de negociação adequado, pessoas que traziam pequenas coisas para negociar diretamente com seus vizinhos.

O gerente do posto de troca, um magro, homem agradável de meia-idade chamado Herman Stoelers, sabiamente saudou esta atividade, entendendo que quanto mais as pessoas vinham, maior a variedade de que estava disponível, e quanto mais atraente Beardsley se tornava global.

E o mais rico tornou-se o proprietário do comércio de Beardsley pós uma mulata de oito anos chamada Alicia. Gostaria de saber se alguém além

de Jamie e eu sabíamos que o segredo de seu nascimento, mas se alguém o fez, eles sabiamente decidiu mantê-lo para si.

Foi uma caminhada de dois dias para o comércio, especialmente que tivemos apenas Clarence, Jamie pegou Miranda e o pacote da mula de Jenny chamada Annabelle de Salem. Mas o tempo estava bom, e Jenny e eu podíamos andar acompanhadas por Germain e Ian, deixando Clarence para levar Rachel e os nossos bens de comércio. Eu deixei Fanny com Amy Higgins. Ela ainda era tímida para falar na frente das pessoas; que seria necessário uma boa dose de prática antes que ela pudesse falar normalmente.

Mesmo Jenny, sofisticada como ela agora estava atrás de Brest, Filadélfia e Savannah, ficou impressionada com o posto de troca.

—Eu nunca vi tantas pessoas estranhas de aparência em todos os meus dias nascidos— disse, sem fazer nenhum esforço para não olhar como um par de bravos Cherokee em trajes de gala cavalgando até o posto de comércio, seguido por várias mulheres a pé em uma mistura de peles e trocas europeias, saias, calças e jaquetas, estes arrastando feixes de peles em uma padiola ou carregando fardos de pano enormes cheios de abóbora, feijão, milho, peixe seco, ou outras na cabeça ou costas.

Eu peguei a atenção, vendo as protuberâncias nodosas de raiz de ginseng saindo de mochila de uma senhora.

—Fique de olho em Germain, — eu disse, empurrando-o às pressas para Jenny, e mergulhando na multidão.

Saí dez minutos depois, com um quilo de ginseng, tendo dirigido um bom negócio para um saco de passas. Eles eram as passas de Amy Higgins, mas gostaria de obter o pano de chita que ela queria.

Jenny de repente levantou a cabeça, escutando.

—Será que vocês ouvem um bode só agora?

—Eu ouço vários. Queremos uma cabra? —Mas ela já estava fazendo seu caminho em direção a um barracão distante. Evidentemente nós *queríamos* uma cabra.

Enfiei meu saco de ginseng no saco de lona que eu trouxe e segui apressadamente.

—Nós não precisamos disso— disse uma voz de desprezo. —Peças de lixo inútil, é isso.

Ian levantou os olhos do espelho, ele estava inspecionando e olhou de lado para alguns homens jovens no outro lado da loja envolvidos em

discussões com um funcionário sobre uma pistola. Eles pareciam de alguma forma familiar para ele, mas ele tinha certeza de que ele nunca se encontrou com eles. Pequeno e magro, com o cabelo amarelado cortado curto para seus crânios estreitos e lançando os olhos, eles tinham o ar de arminhos: alerta e mortal.

Então uma deles se endireitou do balcão e, virando a cabeça, avistou Ian. O jovem ficou tenso e cutucou seu irmão, que olhou para cima, irritado, e por sua vez viu Ian.

—O que o diabo...? Arroz com queijo! — Disse o segundo jovem.

Claramente eles não sabiam quem era *ele*; eles estavam avançando sobre ele, ombro a ombro, com os olhos brilhando de interesse. E vê-los lado a lado, de repente, ele os reconheceu.

—A *Dhia*— ele disse em voz baixa, e Rachel olhou para cima.

—Amigos seu?— Disse suavemente.

—Você pode dizer que sim. — Ele saiu na frente de sua mulher, sorrindo para a... bem, ele não tinha certeza do que eles *eram* agora, mas eles não eram meninos altos por mais tempo.

Ele pensou que eles eram meninos quando ele se encontrou com eles: alguns órfãos holandeses selvagens chamados Herman e Vermin, e eles *pensavam* que seu sobrenome era Kuykendall. No caso, eles acabaram por ser, na realidade, Hermione e Ermintrude. Ele encontrou um refúgio temporário com... oh, Cristo.

—Deus, por favor, não!— Disse em gaélico, fazendo Rachel olhar para ele, alarmada.

Certamente eles não estavam ainda com... mas eles eram. Ele viu a parte de trás da cabeça e muito familiar uma bunda ainda mais familiar pelo barril de picles.

Ele olhou em volta rapidamente, mas não havia nenhuma maneira de sair. Os Kuykendalls estavam se aproximando rápido. Ele respirou fundo, elogiou sua alma a Deus, e se virou para a esposa.

—Lembra por acaso uma vez que disse que você não queria ouvir falar de todas as mulheres que eu tive na cama?

—Eu lembro— disse, dando um olhar interrogativo profundamente. — Por quê?

—Ah. Bem... —Ele respirou fundo e teve que sair na hora certa. —Você disse *sempre* ei devo falar a você se eu encontrar alguém que eu... er...

—Ian Murray?— Disse a Sra. Sylvie, voltando-se. Ela veio na direção dele, um olhar de prazer em seu rosto com óculos bastante simples.

—Senhora— disse Ian às pressas para Rachel, sacudindo o polegar na direção da Sra. Sylvie antes de virar para a senhora.

—Sra. Sylvie! — Disse cordialmente, agarrando-a com ambas as mãos no caso de ela pudesse tentar beijá-lo, como ocasionalmente costumava fazer em cima de sua reunião. —Eu estou tão feliz em vê-la! E ainda mais o prazer de apresentar a minha... er... esposa. —A palavra surgiu em uma pequena coaxar, e ele limpou a garganta dura. —Rachel. Rachel, está é...

—Amiga Sylvie — disse Rachel. —Sim, eu estou vendo. Tenho o prazer de conhecer, Sylvie. —Seu rosto estava um pouco ruborizado, mas ela falou timidamente, oferecendo uma mão na forma dos amigos, em vez de se curvar.

Sra. Sylvie olhava Rachel e Oglethorpe de relance e sorriu calorosamente através de seus óculos de aros de aço, apertando a mão oferecida.

—Meu prazer inteiramente, eu lhe asseguro, Sra. Murray. — Ela deu a Ian um olhar de esguelha e uma contração tremendo da boca que disse tão claramente como palavras, —*Você? Você casou com uma Quaker?*

—É *ele* fez! Você acertou! —Os Kuykendalls o cercaram, ele não sabia como eles entenderam isso, a existência de apenas dois deles, mas ele *sentiu-se* cercado. Em vez disso, para sua surpresa, um deles agarrou-o pela mão e apertou-a com ferocidade.

—Herman Wurm— ele, *ele?* Disse Ian com orgulho. —Prazer em rever de novo, senhor!

—Verme?— Rachel murmurou, observando-os em fascínio.

—Sim, Herman, eu tenho o prazer de vocês fazendo isso... er... bem. E você, também... —Ian estendeu a mão em direção cautelosa que costumava ser Ermintrude, que respondeu com uma voz estridente, mas visivelmente rouca.

—Trask Wurm— disse o jovem, repetindo o aperto de mão vigoroso. —É alemão.

—Wurm, elas querem dizer: —Sra. Sylvie falou, pronunciá-lo —*Vehrm.* —Ela era rosa com diversão. —Eles não poderia pegar o jeito de ortografia Kuykendall, — por isso, deu-se e estabeleceu por algo mais simples. E como você fez isso *bastante* claro que você não quer que eles se tornem prostitutas, chegamos a um entendimento útil. Herman e Trask fornecer

proteção para o meu... estabelecimento. —Ela olhou diretamente para Rachel, que viu uma sombra rosa, mas sorriu.

—Qualquer um mexer com as meninas, nós vamos cuidar dele diretamente inteligente— o mais velho Wurm assegurou a Ian.

—Não é tão difícil, — disse o outro com sinceridade. —quebre apenas um de seus narizes com um cabo da enxada e o resto dos bastardos vão direto para baixo.

Havia uma dúzia ou cabras leiteiras de forma a escolher no galpão, em diferentes estados de gravidez. Os Higginses tiveram um bom bode, embora, então eu não precisasse de problemas quanto a isso. Eu escolhi duas jovens cabras mal-educadas amigáveis, uma toda marrom, a outra marrom e branco, com uma marcação do seu lado, que parecia o ajuste arredondado de duas peças de um quebra-quebra-cabeça, um marrom e outro branco.

Eu indiquei as minhas escolhas para o jovem responsável pelo gado e, como Jenny ainda estava deliberando sobre a sua própria escolha, saiu para olhar sobre as galinhas.

Eu tinha algumas esperanças de achar uma escocesa Troncuda mas encontrei apenas a habitual corrida de Dominiques e calças de nanquim. Bem o suficiente de sua espécie, mas eu pensei que devia esperar até que Jamie tivesse tempo para construir um galinheiro. E enquanto nós poderíamos levar as cabras para casa com bastante facilidade, eu não estava indo para transportar galinhas por dias.

Saí do galinheiro e olhei em volta, um pouco desorientada. Foi quando eu o vi.

No início, eu não tinha ideia de quem ele era. Nenhuma. Mas aos olhos do homem grande e lentos congelaram em meu estômago enrolado em pânico instantâneo.

*Não, Pensei. Não. Ele está morto; eles estão todos mortos.*

Ele era um homem desleixado construído, com ombros caídos e uma barriga saliente que esticava o colete surrado, mas grande. Grande. Senti mais uma vez a sensação de pavor repentino, de uma grande sombra saindo da noite ao meu lado, me empurrando, então rolando sobre mim como uma nuvem de tempestade, me esmagando na sujeira e agulhas de pinheiro.

*Martha.*

Um frio tomou conta de mim, apesar do sol quente eu estava aqui.

—*Martha*— ele disse. Ele me chamou pelo nome de sua esposa morta e chorou no meu cabelo quando ele terminou.

*Martha*. Eu tinha que estar enganada. Esse foi o meu primeiro pensamento consciente, teimosamente articulado, cada palavra dita em voz alta dentro da minha mente, cada palavra colocada no lugar como um pequeno monte de pedras, a primeira fundação de um baluarte. *Você. Estão. Enganados.*

Mas eu não estava. Minha pele sabia disso. Estava ondulado, uma coisa viva, pelos crescendo em recuo, em defesa vão, pois o que poderia fazer para manter a pele tais coisas?

*Você. Estão. Enganados!*

Mas eu não estava. Meus seios sabiam que, formigando em indignação, inchados contra sua vontade de mãos ásperas que espremiavam e comprimiam.

Minhas coxas também sabiam disso; a queimadura e fraqueza dos músculos tensos rolados no passado, os nós onde socos e polegares brutais fizeram contusões que iam até os ossos, deixou uma dor que persistia quando as contusões desbotaram.

—*Você está enganado*— eu disse, sussurrando, mas em voz alta. —*Enganado.*

Mas eu não estava. A carne macia profunda entre as minhas pernas sabia, escorregadia com o horror impotente repentino da lembrança e eu também.

Fiquei ali hiperventilando por vários minutos antes de eu perceber que eu estava fazendo isso, e parei com um esforço consciente. O homem estava fazendo o seu caminho através do conjunto de galpões de gado; ele parou por uma caneta de porcos e inclinou-se em cima do muro, observando as costas arfando suavemente com um ar de meditação. Outro homem empregou a mesma recreação falando com ele, e ele respondeu. Eu estava muito longe para ouvir o que disse, mas eu peguei o timbre de sua voz.

—*Martha. Eu sei que você não quer, Martha, mas você tem que fazer. Eu tenho que dar a você.*

Eu não ia ficar doente. Eu não estava. Com essa decisão tomada, eu me acalmei um pouco. Eu não deixei ele ou seus companheiros matarem meu espírito no momento; por que eu iria deixá-lo me prejudicar agora?

Afastei os porcos, e eu o segui. Eu não tinha certeza *por que* eu estava seguindo, mas sentiu uma forte compulsão para fazê-lo. Eu não tinha medo

dele; logicamente, não havia nenhuma razão para ter. Ao mesmo tempo, meu corpo irracional ainda sentia os ecos daquela noite, de sua carne e dedos, e gostaria de fugir. Eu não estava tendo isso.

Segui pelos suínos para as galinhas, volta novamente para os porcos, ele parecia interessado em uma jovem porca preto-e-branco; ele apontou-a para o guardador de porcos e parecia estar a fazer perguntas, mas, em seguida, balançou a cabeça de forma abatida e foi embora. Muito caro?

*Eu poderia descobrir quem ele é.* O pensamento me ocorreu, mas rejeitei com uma sensação surpreendente de violência. Eu não queria saber seu nome.

E, no entanto... Segui. Ele entrou no edifício principal e comprou um pouco de tabaco. Eu percebi que eu sabia que ele usava tabaco; eu cheirei as cinzas azedas dele em seu hálito. Ele estava conversando com o funcionário que media sua compra, uma voz lenta e pesada. Tudo o que ele estava dizendo foi por muito tempo; o funcionário começou a olhar tenso, sua expressão dizendo muito claramente, —*Estamos fazendo aqui; vá embora. Por favor, vá embora...* — E um total de cinco minutos depois, o alívio foi tão claramente marcado no rosto do funcionário quando o homem virou-se para olhar barris cheios de pregos.

Eu sabia do que ele me disse que sua esposa estava morta. De sua aparência e do jeito que ele era chato quando conversei, eu achei que ele não encontrou outra. Ele era claramente insuficiente; que não era incomum no país de volta. Mas ele também estava sujo e desgastado, barba por fazer, despenteado e de uma forma que nenhum homem que vive com uma mulher normalmente é.

Ele passou a um metro de mim quando ele foi em direção à porta, sua torção de papel de tabaco e seu saco de pregos em uma das mãos, um pedaço de açúcar de cevada na outra. Ele estava lambendo este com uma língua grande, molhada, o rosto mostrando uma espécie fraca, vazia de prazer no sabor. Havia uma pequena mancha vinho do porto, uma marca de nascença, ao lado de sua mandíbula. Ele era bruto, pensei. Grosseiro. E a palavra veio a mim: *ineficaz*.

*Cristo*, pensei com um desgosto leve, esta misturado com uma pena não quer que me deixe ainda mais revoltada. Eu tive algum vago pensamento e percebi que só agora de confrontá-lo, de caminhar até ele e querendo saber se ele me conhecia. Mas ele olhou diretamente para mim quando ele passou por mim, sem um sinal de reconhecimento em seu rosto. Talvez houvesse

bastante diferença entre o que eu parecia agora limpa e penteada, vestida decentemente e que eu parecia à última vez que ele me viu: imunda, com os cabelos selvagens, seminua, e espancada.

Talvez ele realmente não tivesse me visto em tudo na época. Estava completamente escuro quando ele veio até mim, amarrada e lutando para respirar, tentando respirar através de um nariz quebrado. Eu não o vi.

*Tem certeza de que é realmente ele?* Sim, eu tinha. Eu tinha certeza que quando eu ouvi a sua voz e, mais ainda, o vi, senti o ritmo de seu volumoso corpo, bamboleando.

Não, eu não queria falar com ele. Qual seria o ponto? E o que eu diria? Exigir um pedido de desculpas? Mais do que provavelmente, ele nem sequer se lembra de ter feito isso.

Esse pensamento me fez bufar com uma amarga diversão.

—O que é engraçado, *Grand-mère*?— Germain apareceu pelo meu cotovelo, segurando dois bastões de açúcar de cevada.

—Apenas um pensamento, — eu disse. —Nada importante. Grannie Janet está pronta para ir?

—Sim, ela me mandou procura-la. Você quer um desses? —Ele generosamente estendeu um pedaço de doce para mim. Meu estômago virou, pensando na grande língua rosada do homem lambendo seu deleite.

—Não, obrigado— eu disse. —Por que você não leva para casa para Fanny? Seria exercício maravilhoso para ela —Cortar seu freio não milagrosamente libertou seu discurso, ou até mesmo sua capacidade de manipular alimentos; ele só faria tais coisas possíveis com o trabalho. Germain passava horas com ela, os dois mostrando a língua um para o outro, balançando em todas as direções e rindo.

—Oh, eu tenho uma dúzia de varas para Fanny, — Germain me assegurou. —E cada uma para Aidan, Orrie e o pequeno Rob, também.

—Isso é muito generoso, Germain— eu disse, um pouco surpresa. — Er... o que você comprou para você?

—A pele de castor— respondeu, parecendo satisfeito consigo mesmo. — Sr. Kezzie Beardsley deu-me para levar os jovens até o riacho e cuidando enquanto ele e Sra. Beardsley falaram uma mentira por ai.

—Uma mentira— eu repeti, minha boca se contraindo com a vontade de rir. —Eu vejo. Tudo bem. Vamos encontrar vovó Janet, então.

Não foi preciso pouco tempo para nos organizar para a viagem de volta para Ridge. Foi uma viagem de dois dias; em pé, com as cabras, que

provavelmente levaria quatro. Mas tivemos comida e cobertores, e o tempo estava bom. Ninguém estava com pressa, certamente não as cabras, que estavam inclinadas a fazer uma pausa para um gole rápido de qualquer coisa ao alcance.

A paz da estrada e na companhia de meus companheiros fez muito para resolver os meus sentimentos perturbados. Imitação de Rachel durante o jantar de expressões de Ian de repente encontrando a Senhora Sylvie e os Wurms se ainda mais, e eu adormeci pelo fogo dentro de momentos de deitar, e dormir sem sonhar.

### ***Capítulo 140 Mulher, você se deita comigo?***

Ian não poderia dizer se Rachel achou graça, chocada, irritada, ou todos os três. Esta desbaratou. Ele normalmente *queria* saber o que ela achava das coisas, porque ela disse a ele; ela não era o tipo de mulher que ele conhecia que esperava um homem lesse sua mente e se irritasse quando ele não fazia.

Ela manteve seu próprio conselho sobre o assunto da Sra. Sylvie e o Wurms, no entanto. Eles fizeram o seu pouquinho de negócio, negociação de duas garrafas de uísque pelo sal, o açúcar, pregos, agulhas, linha, uma lâmina de enxada, e um raio de atravessar rosa, e ele comprou um pepino de endro que era tão longo como a extensão de seus dedos estendidos. Ela agradeceu por isso, mas não disse muito mais a caminho de casa. Ela foi logo lambendo o vegetal em uma espécie de meditação de forma que ela se balançava junto com Clarence.

Ele ficou fascinado vê-la fazer isso, e ele quase foi direto fora de um afloramento rochoso íngreme fazendo. Ela virou-se em sua exclamação quando ele prendeu o pé, embora, e sorriu para ele, de modo que ela talvez não estivesse tão preocupada com Sylvie.

—Você não quer comer isso?— Ele perguntou, aproximando-se ao lado dela no estribo.

—Eu faço— disse com calma —, mas tudo há seu tempo. — Ela lambeu o comprimento substancial da coisa verde com um golpe longo e lento de sua língua e, em seguida, segurando nos olhos sugou deliberadamente sobre o fim de tudo. Ele andou em linha reta em um galho de pinheiro elástico, que bateu no rosto com suas agulhas.

Ele xingou, esfregando seus olhos lacrimejando. Ela estava rindo!

—Você fez isso de propósito, Rachel Murray!

—Será que acusar de impulsionar em uma árvore?— Ela perguntou, arqueando uma sobrancelha. —Você é um batedor índio experiente, ou assim eu fui levada a acreditar. Certamente deve olhar para onde está indo.

Ela puxou Clarence para uma parada e Clarence era sempre agradável para parar, especialmente se havia alguma coisa comestível à vista e ficou lá sorrindo para Ian, atrevida como um macaco.

—Dê-me isso, sim?— Ela entregou o pickle voluntariamente, limpando a mão úmida em sua coxa. Ele levou uma mordida grande, a boca inundada com alho e endro e vinagre. Então ele enfiou o pepino em um dos alforjes e estendeu a mão para ela. —Venha até aqui.

—Por quê?— Ela perguntou. Ela ainda estava sorrindo, mas seu corpo havia mudado, inclinando-se em direção a ele, mas não fazendo nenhum esforço para sair. Ele entendeu *que* tipo de conversa e estendeu a mão, tomou-a pela o que restava de sua cintura, e a puxou para fora em uma onda de saias. Ele parou por um instante para engolir o pedaço de pickles, então a beijou completamente, uma mão no seu traseiro. Seu cabelo tinha cheiro de pinhas, penas de galinha, e o sabonete suave que Tia Claire chamava de shampoo, e ele poderia provar a salsicha alemã que tiveram para o almoço, sob o véu da decapagem das especiarias.

Seus braços estavam em volta de seu pescoço, sua barriga apertada contra ele, e de repente ele sentiu um pequeno empurrão duro em sua própria barriga. Ele olhou com espanto, e Rachel deu uma risadinha. Ele não percebeu que ela não estava usando espartilho; seus seios estavam presos com uma banda simples sob a anágua, mas sua barriga estava apenas *lá*, redonda e firme como uma abóbora sob seu vestido.

—Ele ou ela está acordado— disse, colocando a mão em seu bojo, que estava se movendo um pouco como minúsculos membros cutucou experimentalmente aqui e ali, dentro dela. Isso foi sempre fascinante em sua própria maneira, mas Ian ainda estava sob a influência da sucção do pickle.

—Eu vou balançar-lo de voltar para dormir para você— ele sussurrou em seu ouvido, e, inclinando-se, levantou-a em seus braços. Quase de oito meses, ela estava visivelmente pesada, mas ele conseguiu com não mais do que um leve gemido e, com o cuidado de galhos baixos e pedras soltas, levou-a para dentro da floresta, deixando Clarence para pastar em uma moita de suculentas grama.

—Eu prefiro esperar que não fosse o encontro com o seu ex-amante que causasse este surto de paixão— comentou Rachel, pouco tempo depois, sacudindo uma madeira vagando um piolho pelo antebraço do marido, que era apenas por seu rosto. Eles estavam deitados de lado no manto xadrez de Ian, nu e juntos como colheres em uma caixa. Era legal, sob as árvores, mas ela parecia nunca esfriar nos dias de hoje; a criança era como um pequeno forno sem dúvida, tomando após o seu pai, pensou. A pele de Ian era geralmente quente, mas para ele, o calor da paixão não era uma mera metáfora; ele brilhou quando colocam juntos.

—Ela não é minha amante, — Ian murmurou em seu cabelo, e beijou a parte de trás da orelha. —Foi apenas uma transação comercial.

Ela não gostou de ouvir isso e endureceu um pouco.

—Eu disse a vocês que eu estive com prostitutas. — A voz de Ian ficou em silêncio, mas ela podia ouvir o leve reprovação nele. —Será que você, em vez descartou amantes espalhadas pelo campo?

Ela respirou fundo, relaxou, e esticou o pescoço para beijar a parte de trás de sua longa mão bronzada pelo sol.

—Não, é verdade você me disse— ela admitiu. —E enquanto não há uma pequena parte de mim que poderia desejar a virgem em mim, casta e intocada... honestidade me obriga a reconhecer alguns gratidão pelas lições aprendidas com os gostos de Senhora Sylvie. —Ela queria perguntar se ele aprendeu as coisas que ele acabou de fazer a ela da Sra. Sylvie ou talvez de sua esposa índia mas, ela não tinha nenhum desejo de trazer qualquer pensamento disso com suas mãos entre eles.

Sua mão se levantou e segurou o peito, brincando muito suavemente com o mamilo, e ela se contorceu involuntariamente, um processo lento, insinuando contorcendo que empurrou as nádegas para trás contra ele. Seus mamilos estavam muito grande nestes dias e tão sensíveis que não podia suportar a fricção do espartilho. Ela se encolheu de novo, e ele riu baixinho e rolou-a para encará-lo para que ele pudesse tomar o mamilo na boca.

—Não faça ruídos como esse— ele murmurou contra sua pele. —Os outros estarão vindo ao longo da trilha a qualquer momento.

—O que será que eles pensarão quando virem Clarence sozinha?

—Se alguém perguntar mais tarde, vamos dizer que foram *gatherin* cogumelos.

Eles não deviam ficar muito mais tempo, ela sabia disso. Mas ela queria ficar assim para sempre, ou pelo menos por cinco minutos mais. Ian estava

mais uma vez atrás dela, quente e forte. Mas sua mão estava agora em seu estômago, carinhosamente acariciando o mistério arredondado da criança.

Ele pode ter pensado que ela estava dormindo. Talvez ele não se importasse se ela o ouvia. Ele falou em gaélico, No entanto, e enquanto ela ainda não sabia o suficiente da língua para entender tudo o que ele disse, ela sabia que era uma oração. *A Dhia* significa *O Deus*. E é claro que ela sabia o que era uma oração.

—Está tudo bem— ela disse em voz baixa, quando ele parou, e colocou a mão sobre a dele.

—O que?

—Isso te deve fazê-lo pensar nos seus primeiros filhos. Eu sei que faz. E eu sei o quanto tem medo por esse — acrescentou ela, ainda mais suavemente.

Ele suspirou profundamente, a respiração, ainda perfumado com aneto e alho, quente em seu pescoço.

—Você transformou o meu coração em água, moça e se alguma coisa acontecer a você ou ao pequeno Oggy, seria um buraco em mim, que iria deixar a minha vida acabada.

Ela queria dizer a ele que nada iria acontecer com eles, que ela não iria deixar. Mas isso estava tomando às coisas sobre si mesma que não era dela a promessa.

—Nossas vidas estão nas mãos de Deus— disse, apertando a sua. —E aconteça o que acontecer, estaremos contigo para sempre.

Vestidos de novo, e decente como os dedos pelo cabelo penteado poderia torná-los, eles chegaram à trilha apenas quando Claire e Jenny fizeram o seu caminho ao redor da curva, carregando pacotes e cada uma levando duas cabras leiteiras, criaturas amigáveis que montavam um alto *mehh* de saudação como eles avistaram os dois estranhos.

Rachel viu a mãe de Ian olhar acentuadamente em seu filho e, em seguida, seu olhar azul-escuro levantou de uma vez para Rachel empoleirada nas costas de Clarence. Ela deu um sorriso que Rachel sabia, tão claro como as palavras, que ela sabia exatamente o que eles estavam fazendo e achava engraçado. Sangue quente subiu no rosto de Rachel, mas ela manteve a compostura e inclinou a cabeça graciosamente para Jenny, a despeito do fato de que amigos não abaixam a cabeça economizando na adoração.

Ainda corando, ela não prestou atenção a Claire, mas depois de terem ido longe o suficiente à frente das mulheres mais velhas e as cabras de forma a não ser ouvida, Ian levantou o queixo e fez um gesto por cima do ombro com ele.

—Será que alguma coisa parece errada com tia Claire, você acha?

—Eu não notei. O que quer dizer?

Ian ergueu um ombro, franzindo a testa ligeiramente.

—Eu não sei dizer muito. Ela estava sozinha no caminho para o posto de comércio e quando chegamos lá, mas quando ela voltou para as cabras, ela parecendo... diferente. —Ele lutou para encontrar palavras para explicar o que ele quis dizer.

—Não é bem o que você diz que alguém parece se viu um fantasma, não é isso, quero dizer. Mas... atordoada, talvez? Surpreendida, ou talvez chocada. Mas então, quando ela me viu, ela tentou agir como se fosse tudo como de costume, e eu estava ocupado com os pacotes para fora e esqueci o assunto.

Ele virou a cabeça de novo, olhando por cima do ombro, mas a trilha atrás estava vazia. Um leve *mehhhh* filtrou por entre as árvores por trás deles, e ele sorriu, mas seus olhos estavam preocupados.

—Você sabe que tia Claire não sabe esconder as coisas muito bem. Tio Jamie sempre diz que ela tem uma cara de vidro, e é verdade. Seja o que for que ela viu lá atrás... Eu acho que está com ela, ainda.

### ***Capítulo 141 Os mais Profundos Sentimentos se Mostram no Silêncio***

Foi algum tempo no meio da tarde do terceiro dia que Jenny limpou a garganta de uma maneira significativa. Nós tínhamos uma pausa por um riacho onde a grama selvagem crescia longa e grossa e metemos os pés cansados na água, observando as cabras prejudicadas se divertem. Uma raramente se deu ao trabalho de mancar uma cabra, uma vez que podia se quisessem mastigar seu caminho livre em questão de segundos. No presente caso, porém, não havia muita comida disponível para eles querem perder tempo em comer corda, e o coxear manteria dentro da nossa visão.

—Tem algo preso em sua garganta?— Perguntei agradavelmente. — Felizmente, há uma abundância de água.

Ela fez um ruído escocês indicando valorizar educadamente esta fraca tentativa de sagacidade e, atingindo a mão no bolso, tirou um frasco de prata muito maltratado e desarrolhou. Eu podia sentir o cheiro do licor de onde eu estava sentado, um precursor local do Bourbon, pensei.

—Você trouxe isso com você da Escócia— eu perguntei, aceitando o frasco, que tinha uma flor-de-lis bruta na lateral.

—Sim, era de Ian. Ele tinha quando ele e Jamie foram soldado na França; trouxe de volta quando ele perdeu a perna. Sentávamos na parede na casa para partilhar um trago, enquanto ele estava consertando; ele precisa pobre rapaz, depois que eu o fiz subir e descer a estrada dez vezes todos os dias, para aprender o uso de seu toco. —Ela sorriu olhos oblíquos vincando, mas com uma volta melancólica em seus lábios.

—Eu disse que não me casaria com ele, certo? A menos que ele pudesse estar ao meu lado no altar sobre duas pernas e me levando do corredor após os votos.

Eu ri.

—Isso não é completamente a maneira que ele *disse*. —Eu tomei um gole cauteloso, mas o interior líquido era surpreendentemente bom, ardente, mas suave. —Onde você conseguiu isso?

—Um homem chamado Gibbs, de Aberdeenshire. Você não acha que eles sabem nada há de tomada de uísque, mas, sem dúvida, ele aprendeu em outro lugar. Ele vive em um lugar chamado Hogue Corners; você sabe onde é?

—Não, mas ele pode não estar tão longe assim. É a sua própria marca, é isso? Jamie estaria interessado. —Eu levei um segundo gole e devolvi o frasco, segurando o uísque na minha boca para saborear.

—Sim, eu pensava assim também. Eu tenho uma garrafa pequenina para ele no meu saco. —Ela tomou um gole e acenou com a cabeça em aprovação. —Quem foi o imbecil gordo e sujo que você seguiu em Beardsley?

Engasguei com o uísque, engolindo o caminho errado, e quase tossi meus pulmões em consequência. Jenny colocou o frasco, no meio das saias, e entrou no riacho, molhando seu lenço na água fria; ela entregou-me, em seguida, segurou a água na mão e derramou um pouco em minha boca.

—Felizmente que há abundância de água, como disse— ela comentou. —Aqui, tenha um pouco mais. — Eu balancei a cabeça, os olhos lacrimejando, mas puxei minha saia, fiquei de joelhos, e bebi por mim

mesmo, fazendo uma pausa para respirar entre garfadas, até que eu parei chiado.

—Eu não estava em dúvida, na minha cabeça— disse Jenny, olhando meu desempenho. —Mas se eu estivesse eu não estaria agora. Quem é ele?

—Eu não sei por Deus— eu disse, irritada, subir de volta na minha rocha. Jenny não era de se intimidar com tons de voz, no entanto, e apenas levantou a testa em forma de asa.

—Eu não sei— eu repeti um pouco mais calma. —Eu tinha acabado de ver em outro lugar. Não tenho ideia de quem ele é apesar de tudo.

Ela estava me examinando com ar interessado de um cientista com um novo micro-organismo preso sob seu microscópio.

—Sim, sim. E onde foi que vocês viram o companheiro antes? Porquanto certamente sabe desta vez. Você esteve muito chocada.

—Se eu achasse que faria a menor diferença, eu diria a você que não é da sua conta, — eu disse, dando um olhar. —Dê-me aquele frasco, sim?

Ela deu, observando pacientemente enquanto eu tomava vários goles pequenos e tinha minha mente no que dizer. Finalmente eu desenhei uma respiração com cheiro de uísque profundo e dei de volta o frasco.

—Obrigado. Eu não sei se Jamie disse que cerca de cinco anos atrás, uma gangue de bandidos que estavam aterrorizando a zona rural veio através de Ridge. Eles queimaram nosso malte derramado ou tentaram ferir Marsali. E eles, eles me levaram. Refém.

Jenny devolveu o frasco, sem falar, mas com um olhar de profunda simpatia em seus olhos azul-escuros.

—Jamie... trouxe-me de volta. Ele levou os homens com ele, e houve uma terrível luta. A maior parte da quadrilha foi morta, mas, obviamente alguns fugiram na escuridão. Aquele, o homem era um deles. Não, está tudo bem, eu não preciso de mais nada. —Eu segurava o frasco como um talismã de coragem quando eu disse a ela, mas agora devolvia. Ela tomou um longo a testa como uma andorinha meditando.

—Mas você não tentou descobrir o nome dele? O povo lá saberia quem é ele, eu podia ver; eles teriam dito a você.

—Eu não quero saber!— Falei em voz alta o suficiente para que uma das cabras nas proximidades emitisse um assustado *meh-eh-eh!* e saltei sobre um tufo de grama, evidentemente, não incomodado a todos por seus coxear.

—E... isso não importa— eu disse, menos em voz alta, mas não menos firmeza. —Os líderes estão todos mortos; assim, é a maior parte das outras

peessoas. Esse sujeito... ele... bem, você pode dizer só de olhar para ele, você não pode? O que você chama de uma imbecil gordo e sujo? Isso é exatamente o que ele é. Ele não é um perigo para nós. Eu só quero esquecer sobre ele — eu terminei, sem convicção.

Ela assentiu, abafou um pequeno arrotto, parecia assustado com o som, e, sacudindo a cabeça, arrolhado o frasco e guardando.

Nós nos sentamos para um pouco em silêncio, ouvindo o ruído da água e os pássaros nas árvores atrás de nós. Houve um rouxinol em algum lugar próximo, correndo através de seu longo repertório em uma voz como a de bronze.

Depois de dez minutos ou mais, Jenny esticou, arqueando as costas e suspirando.

—Lembrar-se de minha filha Maggie— ela perguntou.

—Lembro— eu disse, sorrindo um pouco. —Eu a entreguei a você. Ou melhor, eu a peguei. Você fez o trabalho.

—Então você fez— disse, jogando um pé na água. —Eu tinha esquecido.

Eu dei-lhe um olhar penetrante. Se tivesse, seria a primeira coisa que ela já *teria* esquecido, pelo menos que eu saiba, e eu não acho que ela tinha idade suficiente para ter começado a esquecer das coisas agora.

—Ela foi estuprada— disse, com os olhos na água e com a voz muito firme. —Nada ruim, o homem não a venceu, mas ela teve uma criança dele.

—Como é terrível— eu disse em voz baixa, depois de uma pausa. —É, não um soldado do governo, porém, não é?— Isso foi o meu primeiro pensamento, mas Maggie não seria mais do que uma criança durante os anos da Nascente e Cumberland da compensação das Highlands, quando o exército britânico queimou, saqueou, e, sim, de fato, estuprou seu caminho através de qualquer número de aldeias e pequenas parcelas.

—Não, não foi— disse Jenny, pensativa. —Foi o irmão de seu marido.

—Oh, meu Deus!

—Sim, isso é o que eu disse sobre isso, quando ela me disse. — Ela fez uma careta. —Essa foi à única coisa boa sobre isso, embora; Geordie que era da mesma cor do cabelo e dos olhos como seu marido, Paul, por isso o bairn poderia ser passado bastante fácil por um irmão.

—E ela fez?— Eu não poderia deixar de perguntar. —Passar?

Jenny soltou um longo suspiro e balançou a cabeça, tirou os pés para fora da água e colocou debaixo de sua saia.

—Ela me perguntou o que fazer pobre garota. Eu orei sobre isso para Deus, rezei — ela disse, com súbita violência, então bufou um pouco. —E eu disse para não contar a ele, dizer a Paul, quero dizer. Porque, se ela fizesse, qual seria o fim de tudo? Um deles morto para um homem vivo nas Highland seria um homem que estuprou sua esposa por perto, nem devia e podia ser Paul, como não. E mesmo que ele só batesse em Geordie e o mandasse embora, todo mundo iria começar a saber o que estava por trás dele, e o pobre rapaz pequenino, Wally naturalmente nós não sabíamos, no entanto, enquanto falávamos sobre isso, o bairn seria marcado como um bastardo e filho de estupro e o que viria ser disso?

Ela inclinou-se e, pegando um punhado de água, jogou-o sobre o rosto. Ela colocou a cabeça para trás, os olhos fechados e a água corrente fora de suas altas maçãs do rosto acentuadas, e balançou a cabeça.

—E a família de Paul e Geordie? Uma coisa dessas iria rasgá-los em pedaços e colocá-los em conflito conosco, na dúvida, porque estaria insistindo para cima e para baixo que Maggie estava mentindo, e não iam acreditar numa coisa dessas. Criaturas cheias de teor de gordura, o Carmichaels — disse judiciosamente. —Leal o suficiente, mas teimosos como rochas.

—Assim diz um Fraser— comentei. —O Carmichaels devem ser algo especial nessa linha.

Jenny bufou mas não respondeu por um momento ou dois.

—Então, — ela disse finalmente, voltando-se para olhar para mim, —eu disse a Maggie que eu orei sobre isso, e pareceu-me que, se ela poderia suportá-lo por causa de seu homem e seus bairns, ela não devia dizer nada. Tentar perdoar Geordie se pudesse, e se ela não pudesse ficar longe dele, mas não dizer nada. E foi isso que ela fez.

—O que Geordie fez?— Eu perguntei curiosa. —Ele... ele sabe que Wally é o seu filho?

Ela balançou a cabeça.

—Eu não sei. Ele saiu um mês depois do bairn nascer emigrando para o Canadá. Ninguém ficou surpreso com isso; todos sabiam ele estava louco de amor por Maggie e fora de si quando ela escolheu Paul. Esperava que tornasse mais fácil.

—Longe da vista, longe do coração? Sim, eu acho que sim, —eu disse secamente. Eu pensei que não deveria perguntar, mas não pude me ajudar. —Será que Maggie já disse a Paul sobre Geordie depois, eu quero dizer?

Ela balançou a cabeça e se levantou um pouco tensa, balançando para baixo de suas saias.

—Eu não tenho certeza, mas eu não penso assim. Para ela dizer-lhe, depois de tanto tempo de manter o silêncio... como ele iria tomar isso? E ele ainda odiaria seu irmão, mesmo que ele não pudesse mata-lo imediatamente. —Seus olhos azuis, assim como Jamie, olharam para mim com ar divertido triste. —Você viveu com um marido e um homem das Highlands todos estes anos e não sabe quão profundo eles podem odiar. Vamos reunir os TEREMOS melhor essas criaturas antes que eles estourarem. —E ela nadou para dentro da grama, sapatos na mão, cantando em um *Gaélico* charmoso para reunir o gado.

*Os três que estão acima na cidade de glória,  
Ser pastorear o meu rebanho e minhas vacas,  
Tendendo devidamente no calor, na tempestade, e no frio,  
Com a bênção de poder levá-los  
De altura ali ao redil Sheiling.*

Eu pensei sobre isso, depois que todos se enrolaram em seus cobertores e começamos a roncar naquela noite. Bem... Eu não tinha *parado* para pensar sobre isso desde que eu vi o homem. Mas, à luz da história que Jenny havia me dito, meus pensamentos começaram a esclarecer, tanto quanto jogar um ovo em um pote de café iria resolver os motivos.

A noção de dizer nada era, naturalmente, o primeiro a vir à minha mente e ainda era minha intenção. A única dificuldade, bem, havia duas para ser honesto. Mas o primeiro era que, irritante como era para dizer tão repetidamente, eu não podia negar o fato de que eu tinha um rosto de vidro. Se alguma coisa ficou gravemente me incomodando, as pessoas que viviam imediatamente começariam a olhar para mim de lado, na ponta dos pés exageradamente em torno de mim, ou, no caso de Jamie, exigindo sem rodeios de saber qual era o problema.

Jenny fez a mesma coisa, embora ela não tivesse me pressionado por detalhes da minha experiência. Muito claramente, que ela adivinhou os contornos da mesma, embora ou ela não tivesse escolha para me contar à história de Maggie. Ocorreu-me pensar se tardiamente Jamie *disse* algo sobre o ataque de Hodgepile e suas consequências.

A dificuldade subjacente, porém, era a minha própria resposta para o cumprimento do imbecil gordo e sujo. Eu bufei cada vez que eu repetia a

descrição para mim mesmo, mas realmente ajudou. Ele era um homem, e não uma forma muito atraente. Não é um monstro. Não... não nada *que valesse a pena* fazer um alarido sobre isso. Deus sabia como ele veio para se juntar a Hodgepile suposto que a maioria dos grupos criminosos era em grande parte composta de idiotas irresponsáveis, chegando a esse ponto.

E... pouco como eu queria reviver essa experiência... Eu fiz. Ele não veio por mim com qualquer intenção de me magoar, de fato não me machucar (o que não era para dizer que ele *não* me *esmagava* com seu peso, forçando minhas coxas, e enfiando o pênis em mim).

Eu abria meus dentes, respirava fundo, e começava tudo de novo.

Ele veio me tirar da oportunidade e necessidade.

—*Martha*— ele disse, chorando, suas lágrimas e ranho quente no meu pescoço. —*Marta, Eu te amei tanto.*

Será que eu poderia perdoá-lo por esses motivos? Por de lado o dissabor de que ele fez comigo e vê-lo apenas como a criatura patética que ele era?

Se eu pudesse, teria que impedi-lo de viver em minha mente, uma rebarba constante sob o cobertor dos meus pensamentos?

Eu coloquei minha cabeça para trás, olhando para o céu profundo nadando em preto com estrelas quentes. Se você sabia onde estavam realmente as bolas de gás em chamas, você poderia imaginá-las como van Gogh viu, sem dificuldade... e olhando para o vazio iluminado, você entenderia por que as pessoas sempre olhavam para o céu quando falavam de Deus. Você precisa sentir a imensidão de algo muito maior do que você mesmo, e aí está incomensuravelmente vasto, e sempre à mão. Cobrindo você.

*Ajude-me*, Eu disse silenciosamente.

Eu nunca falei com Jamie sobre Jack Randall. Mas eu sabia das poucas coisas que ele me falava e as coisas desconexas, segundo ele, no pior dos seus sonhos que foram assim que ele escolhia para sobreviver, ele me contou. Ele perdoou Jack Randall. Mais e mais. Mas ele era um homem teimoso; ele poderia fazê-lo. Mil vezes, e ainda mais uma.

*Ajude-me*, Eu disse, e senti as lágrimas escorrem minhas têmporas, em meu cabelo. *Por favor. Ajude-me.*

## ***Capítulo 142 Coisas que temos em Vista***

Trabalhando. Não facilmente, e muitas vezes não mais do que alguns minutos de cada vez, mas o choque desapareceu e, de volta em casa, com a paz da montanha e do amor da família e dos amigos que me cercava eu senti uma sensação de boas-vindas de equilíbrio de volta. Eu orei, e eu perdoei, e eu lidei.

Isto foi de muita ajuda pela distração. O verão é a época mais movimentada em uma comunidade agrícola. E quando os homens estão trabalhando com foices e enxadas e carroças e animais e armas e facas, eles se machucam. Quanto às mulheres e crianças queimam e acidentes domésticos e constipação e diarreia e dentição e... vermes.

—Lá, você vê?— Eu disse em voz baixa, segurando uma vela acesa a poucos centímetros das nádegas de Tammás Wilson, duas velhas. Tammás, chegando à conclusão razoável de que eu estava prestes a queimar suas costas ou sua bunda com a vela por trás, começou a gritar e chutar, tentando escapar. Sua mãe deu um aperto mais firme sobre ele, no entanto, e puxou as nádegas para além de novo, revelando os pequenos pedaços brancos de vermes fêmeas que pulavam em volta do seu pequeno e idealmente imaculado ânus.

—Cristo entre nós o mal— disse Annie Wilson, deixando ir com uma das mãos, a fim de cruzar. Tammás fez um esforço determinado à fuga e quase conseguiu se lançar de cabeça para o fogo. Agarrei-o por um pé, embora, e arrastou-o de volta.

—Essas são as mulheres— eu expliquei. —Eles rastejam para fora durante a noite e põem ovos sobre a pele. Os ovos causar coceira, e assim, naturalmente, o rapaz pequenino coça. Isso é o que faz com que a vermelhidão e erupção cutânea. Mas então ele espalha os ovos nas coisas que ele toca —e, Tammás tendo dois anos, tocou tudo ao seu alcance— e é por isso que toda a sua família está provavelmente infectada.

Sra. Wilson se contorceu um pouco em seu banquinho, seja por causa de vermes ou constrangimento, eu não poderia dizer, e endireitou Tammás, que prontamente se contorceu para fora de seu colo e foi para a cama contendo suas duas irmãs mais velhas, com idades entre quatro e cinco. Agarrei-o pela cintura e arrastei de volta para a cama.

—Santa Brígida nos salve o que devo fazer para isso?— Annie perguntou, olhando impotente das meninas para dormir com o Sr. Wilson, que, cansados de seu dia de trabalho estava enrolado na outra cama, roncando.

—Bem, para as crianças mais velhas e os adultos, você pode usar isso. — Eu tomei uma garrafa da minha cesta e entreguei, uma vez cautelosamente. Não era realmente explosivo, mas, conhecendo os seus efeitos, ele sempre me deu essa ilusão.

—É um tônico da floração purgatória e raiz de ipeca selvagem. É um  *muito* forte laxante, isto significa que ele vai deixar as merdas em chamas: —Eu alterei, vendo-a compreender—, mas algumas doses vão fazer se livrar dos vermes, desde que você possa manter Tammás e as meninas de por a mão aí. E para as crianças menores —Entreguei um pote de pasta de alho, forte o suficiente para fazer Annie enrugar o nariz, apesar de estar tampada. —Tome um grande pedaço em seu dedo e passe nas crianças besuntando, er, por dentro.

—Sim— ela disse, parecendo resignada, e tomou tanto pote e garrafa. Provavelmente não foi a pior coisa que ela já fez como uma mãe. Dei-lhe instruções sobre a ebulição da cama e aconselhamento rigoroso sobre sabão e lavar as mãos religiosamente, desejando bem, e sai, sentindo um forte desejo de arranhar meu próprio fundo.

Isso desaparecendo na caminhada de volta à cabana dos Higginses, embora eu deslizasse na varanda ao lado de Jamie com a sensação pacífica de um trabalho bem feito.

Ele rolou sonolento e me abraçou, então fungou.

—O que em nome de Deus estava fazendo, Sassenach?

—Você não quer saber— eu assegurei a ele. —O que eu cheiro?— Se fosse apenas alho, eu não estava me levantando. Se fossem fezes, apesar de tudo...

—Alho— disse, felizmente. —Você cheirar como um francês *Gigot d'agneau*. —Seu estômago roncou com a ideia, e eu ri calmamente.

—Eu acho que o melhor é que você receba mingau para o seu café da manhã.

—Está tudo bem— disse confortavelmente. —Há mel para ele.

À tarde seguinte, não sendo urgentes sem chamadas médicas, subi para o novo lugar da casa com Jamie. As folhas verdes em forma de escudo e as hastas arqueando dos morangos silvestres estavam em toda parte, salpicando a encosta com pequenos corações vermelhos agridoces. Eu trouxe uma pequena cesta comigo, nunca ia à parte alguma sem uma na primavera ou no verão e tinha meio cheio no momento em que cheguei à clareira, com a sua bela vista de toda a enseada que ficava abaixo de Ridge.

—Parece que há uma vida que viemos aqui pela primeira vez— comentei, sentando em uma das pilhas de madeiras semiescavada e tirando meu chapéu de abas largas para deixar o sopro da brisa pelo meu cabelo. — Você se lembra de quando nós encontramos os morangos?— Eu ofereci um punhado da fruta para Jamie.

—Mais como duas ou três. Vida quer dizer. Mas, sim, eu me lembro. — Ele sorriu, sentou-se ao meu lado, e arrancou um dos pequenos frutos da palma da minha mão. Ele apontou para o chão mais ou menos ao nível antes de nós, onde ele estabeleceu um plano no chão áspero com estacas cravadas no solo e cordas descrevendo os quartos.

—Você quer que seu consultório na frente, sim? O mesmo como era? É assim que eu colocaria, mas é fácil mudar, se você quiser.

—Sim, acho que sim. Eu vou estar lá mais do que em qualquer lugar; seria bom ser capaz de olhar para fora da janela e ver que tipo de emergência hedionda está chegando.

Eu falava na seriedade completa, mas ele riu e deu mais alguns morangos.

—Pelo menos, se eles têm que vir para cima, vai atrasá-los um pouco. — Ele levantou o pano áspero que ele agora colocava em seu joelho, abrindo-a para me mostrar seus planos, perfeitamente governado a lápis.

—Eu vou ter o meu escritório do outro lado do corredor com você, como fizemos antes, veja que eu fiz o corredor mais largo, por causa da escada, e eu acho que talvez um salão pequenino lá, entre a sala de estar e a cozinha. Mas a cozinha... Você acha que nós deveríamos talvez ter uma cozinha separada, também, como John Grey fez na Filadélfia?

Eu considerei isso um por um momento, minha boca franzindo um pouco das bagas adstringentes. Eu não fiquei surpresa que o pensamento lhe ocorrera; quem viveu um incêndio em casa, muito menos dois, estaria não muito animado com a consciência dos perigos.

—Ah, eu acho que não— eu disse finalmente. —Eles fazem isso, tanto por causa do calor do verão como para o perigo de incêndio, e isso não é um problema aqui. Teremos de ter lareiras em casa, depois de tudo. O perigo de incêndio não pode ser muito maior se está cozinhando em uma delas.

—Certamente isso depende de quem está cozinhando— disse Jamie, levantando uma sobrancelha para mim.

—Se você quer dizer nada pessoal por essa observação, você pode recolhê-la— disse eu friamente. —Eu posso não ser o melhor cozinheiro do mundo, mas eu nunca servi cinzas.

—Bem, você é o único membro da família que já queimou a casa, Sassenach. Você tem que admitir isso. —Ele estava rindo e colocando uma mão casual para interceptar o golpe simulado que eu apontei para ele. Sua mão completamente fechada no meu punho e ele me puxou sem esforço do meu lugar para seu joelho.

Ele colocou um braço a minha volta e seu queixo no meu ombro, escovando meu cabelo fora do seu rosto com a mão livre. Ele estava descalço e vestindo apenas uma camisa e seu surrado xale xadrez de trabalho verde e marrom, o que ele comprou de um negociante de pano em Savannah. Ia até sobre a sua coxa; Puxando a dobra debaixo de minha bunda e alisei para baixo a longo músculo de sua perna.

—Amy diz que há um tecelão escocês em Cross Creek— eu disse. —Na próxima vez que formos lá, talvez você deva encomendar um novo xale, talvez um em seu próprio tartan, se o tecelão tiver um vermelho Fraser.

—Sim, bem. Temos muitas outras coisas para gastar dinheiro, Sassenach. Eu não preciso estar bonito para caçar ou pescar e eu trabalho nos campos na minha camisa.

—Eu poderia ir rodada dia a dia em uma saia de flanela cinza, com buracos e não faria qualquer diferença para *eu* trabalhar, mas você não iria querer que eu fizesse isso, não é?

Ele fez um baixo nível de ruído escocês de diversões e trocou seu peso, me segurando com mais firmeza.

—Eu não faria isso. Eu gosto de olhar para você agora e, em seguida, em um vestido bonito, moça, seu cabelo e seus seios doces brancos. Além disso, —ele acrescentou — um homem julgado por bem ele fornece a sua família. Se eu deixar você andar em farrapos, as pessoas iriam pensar que eu sou malvado ou imprudente. —Ficou claro que o tom destas condições seria o pecado mais terrível.

—Oh, eles não pensariam— eu disse, principalmente provocando por causa do argumento. —Todo mundo em Ridge sabe perfeitamente bem que você não é nenhum dos dois. Além disso, você não acha que eu gosto de olhar para *você* em toda a sua glória?

—Ora, isso é extremamente frívolo, Sassenach; Eu nunca deveria ter esperado algo assim de Dra. C.E.B.R. Fraser. —Ele estava rindo de novo,

mas parou abruptamente quando ele se virou um pouco.

—Olhe— disse em meu ouvido, e apontou para o lado da enseada. —Só ali, no lado direito, onde o riacho sai das árvores. Vê?

—Oh, *não*— Eu disse, vendo a mancha de movimento branco lentamente entre os tapetes verdes de agrião e lentilha. —Não pode ser, é? — Eu não poderia ver os detalhes nessa distância sem meus óculos, mas da maneira como ele se movia, o objeto em questão era quase certamente um porco. Um grande porco. A grande *branca* porca.

—Bem, se não é a porca branca, é uma filha dela. Mas o meu palpite é que ela é a nossa velha conhecida. Eu conheço esse barulho orgulhoso em qualquer lugar.

—Bem, então. — Eu me inclinei contra ele com um suspiro de satisfação. —Agora eu *sei* que estamos em casa.

—Você dormirá sob seu próprio teto dentro de um mês, *a nighean*— Ele disse, e eu podia ouvir o sorriso em sua voz. —E sua mente, não pode ser mais do que o telhado de um alpendre, para começar, mas vai ser nosso. No inverno, no entanto, eu vou ter as chaminés construídas, as paredes tudo para cima, e sobre o telhado; eu posso colocar o chão e as portas, enquanto houver neve no chão.

Eu coloquei a mão em xícara em seu rosto, quente e levemente mal barbeado. Eu não me iludo que este era o paraíso ou mesmo um refúgio que as guerras tendem a não ficar em um lugar, mas mudando ao redor, muito à maneira dos ciclones e ainda mais destrutivas, onde elas tocaram para baixo. Mas por quanto tempo durasse, aqui estava em casa, e agora era a paz.

Ficamos em silêncio por um tempo, assistindo falcões circularem sobre o campo aberto abaixo e as maquinações do branco, na verdade, foi ela que agora se juntava em sua forragem por uma série de bolhas de suíno menores, sem dúvida ninhada desta Primavera. Ao pé da enseada, dois homens a cavalo entraram em vista a partir da estrada em uma carroça, e eu senti a atenção nítida de Jamie, então relaxei.

—Hiram Crombie e o novo corredor— disse. —Hiram disse que pretendia ir até a encruzilhada e buscar o homem, de modo que ele não iria perder o seu caminho.

—Você quer dizer então que Hiram pode ter certeza que ele é severo o suficiente para o trabalho— disse, rindo. —Você percebe que eles têm o hábito de pensar que você é humano, não é?— Hiram Crombie foi chefe do

homem do pequeno grupo de colonos que Jamie adquiriu seis anos antes. Todos eles eram presbiterianos de uma disposição particularmente dura com nervuras e inclinadas a considerar papistas como sendo profundamente perversa, se não realmente a semente de Satanás.

Jamie fez um pequeno barulho, mas foi um de demissão tolerante.

—Eles vão se acostumar comigo novamente— disse. —E eu pagaria para assistir Hiram falar com Rachel. Aqui, Sassenach, minha perna dormiu. —Ele me levantou de seu colo e levantou-se, sacudindo a kilt no lugar. Desvanecer ou não, lhe convinha, e meu coração subiu para vê-lo parecendo tanto como devia: alto e de ombros largos, a cabeça de sua casa, uma vez mais senhor de sua própria terra.

Ele olhou para a enseada de novo, suspirou profundamente, e virou-se para mim.

—Falando em emergências hediondas— disse pensativo — você quer vê-los chegando. Assim poderia estar contra eles, sim? —Seus olhos encontraram os meus diretamente. —Agora seria um bom momento para me dizer o que está vindo, você acha?

—Não há nada de errado— disse, provavelmente, pela décima vez. Peguei em uma crosta de casca ainda agarrada à madeira Sentei-me. —Está perfeitamente bem. Sério.

Jamie estava em pé na minha frente, a enseada e o céu brilhante nublado atrás dele, com o rosto sombrio.

—Sassenach— disse suavemente. —Eu sou muito mais teimoso do que você é, e você sabe muito bem. Agora, eu sei que algo está chateando você quando fomos para a casa dos Beardsley, e eu sei que vocês não iria quer que eu falasse sobre isso. Às vezes eu sei que você precisa arrumar sua mente sobre um assunto antes de você dizer, mas você já teve tempo e mais para fazer isso, e eu vejo que é pior do que eu pensava, ou você teria dito até agora.

Eu hesitei, tentando pensar em algo para dizer que talvez não fosse bem assim... Eu olhei para ele e decidi que, não, eu não podia mentir para ele, e não só porque ele seria capaz de dizer imediatamente que eu *estava* mentindo.

—Você se lembra, — eu disse lentamente, olhando para ele, —na nossa noite de núpcias? Você me disse que não iria me pedir para dizer-lhe coisas que eu não podia. Você disse que o amor tinha espaço para segredos, mas

não para mentiras. Eu não vou mentir para você, Jamie, mas eu realmente não quero dizer.

Ele mudou o peso de uma perna para a outra e suspirou.

—Se você pensa que isso vai aliviar a minha mente, Sassenach... — Ele disse, e balançou a cabeça. —Eu disse isso, de qualquer maneira. Eu me lembro da ocasião-vividamente — e ele sorriu um pouco para mim, — e o que eu disse foi que não havia nada entre nós, em seguida, mas o respeito e que eu pensei que talvez o respeito tivesse espaço para segredos, mas não para mentiras.

Ele parou por um momento, então disse muito suavemente, —você não acha que há mais do que respeito entre nós agora, *mo Chridhe*?

Eu tomei uma respiração profunda. Meu coração estava batendo contra meu espartilho, mas foi só agitação normal, não entre em pânico.

—Eu acho, — eu disse, olhando para ele. —Jamie... por favor, não me pergunte agora. Eu realmente acho que está tudo bem; tenho orado sobre isso, e... e... eu acho que vai ficar tudo bem, —eu terminei, e sem convicção. Levantei-me, porém, e tomei suas mãos. —Eu vou dizer quando eu achar que posso, — eu disse. —Você pode viver com isso?

Seus lábios apertaram quando ele pensava. Ele não era um homem de respostas fáceis. Se ele não pudesse viver com ele, ele me dizia.

—É uma questão que eu teria que precisar ter uma preparação para ouvir?— ele perguntou sério. —Se pode causar uma luta de algum tipo, eu quero dizer, eu deveria precisa estar pronto.

—Oh— Deixei escapar a respiração que estava segurando, um pouco aliviada. —Não. Não, não é nada disso. Mais de uma questão moral, esse tipo de coisa.

Eu podia ver que ele não estava feliz com isso; seus olhos procuraram o meu rosto, e eu vi o olhar perturbado em si, mas, finalmente, ele balançou a cabeça, lentamente.

—Eu vou viver com isso, *a nighean*, —Ele disse suavemente, e beijou minha testa. —Por enquanto.

### ***Capítulo 143 Interrompido***

As outras coisas que requeriam atenção principal de um curandeiro no verão eram à gravidez e o parto. Rezei todos os dias que Marsali tivesse

com segurança seu filho. Mesmo que ele já viesse em 01 de junho, ele provavelmente estaria meses antes que nós tivemos qualquer notícia, mas eu a examinei antes que nos separarmos em lágrimas em Charleston, e tudo parecia normal.

—Não acho que este possa ser... como Henri-Christian? —Ela falou o nome com dificuldade e apertou uma mão para sua barriga inchaço.

—Provavelmente não— eu disse, e vi as emoções ondulando em seu rosto com a passagem do vento sobre a água. O medo, arrependimento... alívio.

Eu atravessei, com outra oração rápida, e andei até o caminho para a casa de campo dos MacDonald, onde Rachel e Ian estavam hospedados até Ian poder construir sua casa própria. Rachel estava sentada no banco na frente, descascando ervilhas em uma bacia, a bacia sentada confortavelmente em cima de seu estômago.

— *Madainn mhath!*— ela disse, sorrindo de alegria quando me viu. —você não está impressionada com a minha facilidade linguística, Claire? Posso dizer *Bom dia, Boa noite, Como você está? E Cai fora de St. Kilda agora.*

—Parabéns— disse, sentando ao lado dela. —Como é que este ultimo?

— *Rach a h-Irt,* — ela me disse. —Eu reunir St. Kilda —é realmente uma figura de linguagem que indica algum local extremamente remoto, em vez de ser especificado como o destino real.

—Eu não ficaria surpreso. Você tenta impor os princípios do discurso claro sobre *Gaélico*, Ou isso é mesmo possível?

—Eu não tenho ideia— disse com franqueza. —Mãe Jenny se propõe a ensinar a oração do Senhor em *Gaélico*. Talvez eu possa dizer a partir, como presumivelmente um aborda o Criador no mesmo tipo de voz que se usa para a fala simples.

—Ah. —Eu não tinha pensado nisso, mas era sensata. —Então vocês chamam de Deus de *você* ao falar com Ele?

—Claro. Quem deve ser um Amigo mais próximo?

Não me ocorreu, mas que presumivelmente *era* por que usando *você, seu, etc.*, na oração; que era originalmente a forma familiar do pronome singular *você*, mesmo que o discurso comum em Inglês já mudou e perdeu a distinção, para salvar a linguagem clara dos *Amigos*.

—Que interessante— eu disse. —E como está Oggy hoje?

—Inquieto— disse, pegando a borda da bacia como um pontapé vigoroso fez saltar, espalhando ervilhas. —Eu também, — ela acrescentou, enquanto escovava as ervilhas derramadas fora de sua saia e derramando de volta na panela.

—Eu não duvido, — eu disse, sorrindo. —Gravidez na verdade *parece* durar para sempre, até que de repente você entrar em trabalho de parto.

—Eu não posso esperar— disse com fervor. —Nem Ian.

—Algum motivo em particular?

O glorioso rubor lento se levantou do pescoço e impregnado-a para o couro cabeludo.

—Eu acordo seis vezes por noite, subindo para mijar — disse, evitando meus olhos. —E Oggy chuta quase tanto como ele.

—E então?— Eu disse convidativa.

O rubor aumentou ligeiramente.

—Ele diz que não pode esperar para, er, mamar em mim— disse timidamente. Ela tossiu e, em seguida, olhou para cima, o blush sumindo um pouco.

—Realmente, — disse, agora sério — ele está ansioso pela criança. Conhecer seus filhos por mulher Mohawk; ele disse que ia dizer tornando-se sua mente se era certo para ele se casar novamente.

—Ah. Sim, ele falou. —Eu coloquei a mão em sua barriga, sentindo a pressão reconfortante de um pé e empurrando a longa curva de uma pequena volta. O bebê não desceu, mas Oggy estava pelo menos de cabeça para baixo. *Que* era um grande alívio.

—Vai ficar tudo bem, — eu disse, e apertei a mão dela. —Eu tenho certeza disso.

—Eu não tenho medo por mim em tudo— disse, sorrindo e apertando de volta. O sorriso desapareceu um pouco quando ela colocou a mão em seu estômago. —Mas com muito medo por eles.

O tempo estando claro e os menores dos Higgins dando alguns cobertores caminhamos até o local da casa, depois do jantar, para aproveitar o longo crepúsculo. E um pouco de privacidade.

—Você não acha que é provável que sejamos interrompidos por um urso ou alguma outra forma de vida selvagem, não é?— Eu perguntei, dançando fora do vestido áspero eu usava para trabalhar.

—Não. Falei com Jo Beardsley ontem; ele me disse que o urso mais próximo está a uma boa légua daqui... —Ele acenou com a cabeça em

direção ao outro lado da enseada. —E eles não viajam muito no verão, enquanto a alimentação seja boa onde eles estão. E os leões da montanha não têm problemas com as pessoas embora procurem coisas mais fáceis para matar. Eu vou fazer uma fogueira pequenina, porém, apenas a princípio.

—Como está Lizzie?— eu perguntei, desdobrando as colchas quando eu vi montar uma pequena fogueira com eficiência hábil. —Será que Jo disse?

Jamie sorriu os olhos sobre o que ele estava fazendo.

—Ele fez, durante algum tempo. A carne era bem o suficiente, mas quantidades inclinadas a morder pedaços fora dele e Kezzie para distrair sua mente. É por isso que Jo estava caçando; Kezzie ficava em quando ela está se desculpando, porque ele não podia ouvi-la tão bem. —Os gêmeos Beardsley eram idênticos, e tão parecidos que a única maneira de dizer com quem você estava falando era que Keziah tinha dificuldade de ouvir, como o resultado de uma infecção na infância.

—Isso é bom. Sem malária, quero dizer. —Eu visitei Lizzie logo após a nossa chegada e encontrei-a e a ninhada próspera, mas ela me disse que ela teve alguns *problemas* de febre durante o ano passado, sem dúvida, devido à falta de casca jesuíta. Eu deixei com mais do que eu trouxe de Savannah. *Eu deveria ter pensado em perguntar se tinham algum no posto de troca*, Pensei e afastei o pesado sentimento de mal-estar que acompanha o pensamento do lugar, pensando firmemente, *Eu o perdoou*.

A fogueira pronta, nós nos sentamos alimentando com paus e vimos o último do sol ir para baixo em banners de nuvem dourada atrás dos piquetes negros do cume mais distante flamejante.

E com a luz da dança do fogo nas madeiras empilhadas e as pilhas de pedras fundamentais, nós apreciamos a privacidade de nossa casa, rudimentar como a casa podia ser no momento. Ficamos deitados pacificamente depois entre nossos quilts e não estava frio, mas tão alto, o calor do dia desapareceu rapidamente do ar e vimos às luzes piscando de faíscas de chaminés e janelas iluminadas, nas poucas casas visíveis entre as árvores da enseada. Antes das luzes se apagaram para a noite, estávamos dormindo.

Acordei algum tempo depois de um sonho erótico, contorcendo lentamente sobre a colcha irregular, membros pesados de desejo. Isso parecia acontecer com mais frequência quando levantei, como se fazer amor com Jamie acendesse um fogo que não chegasse a morrer, mas continuasse

a arder durante a noite. Se eu não acordasse o suficiente para fazer algo sobre isso, eu acordava de manhã estúpida e nebulosa com sonhos e sono inquietos.

Felizmente, eu estava acordada e, embora ainda muito agradavelmente sonolenta capaz de fazer algo sobre isso, o processo muito mais fácil pela presença do grande e quente de sexo masculino com cheiro pungente ao meu lado. Ele se mexeu um pouco como eu gumes para as minhas costas, fazendo um pouco de espaço entre nós, mas retomou a sua respiração pesada normal de uma vez, e eu coloquei minha mão para baixo, encontrando calor. Não levaria muito tempo.

Poucos minutos depois, **Jamie mudou de novo, e minha mão ficou imóvel entre as minhas coxas. Então, sua mão deslizou rapidamente entre os lençóis e me tocou no mesmo lugar, quase parando meu coração.**

—Eu não queria interromper você, Sassenach— ele sussurrou em meu ouvido. —Mas você gostaria de um pouco de ajuda nisso?

—Hum, — eu disse, bastante fraca. —Ah... o que você tem em mente?

Em resposta, a ponta da língua se lançou no meu ouvido e eu deixei escapar um pequeno grito. Ele bufou com diversão e segurou a mão entre minhas pernas, desalojando os meus próprios dedos, que estavam muito molhados. Um dedo grande me acariciou delicadamente e arqueei as costas.

—Oh, você está bem no começo, então, — ele murmurou. —Você está lisa e salgada como uma ostra, Sassenach. Você ainda não terminou, embora?

—Oh, eu quanto tempo você estava ouvindo?

—Oh, por muito tempo, — ele me assegurou, e cessou as operações por um momento, pegando minha mão livre e dobrando firmemente em torno de algo muito entusiasmado de sua própria anatomia. —Mm?

—Oh, — eu disse. —Bem... —Minhas pernas tomaram um balanço da situação muito mais rapidamente do que a minha mente, e por isso ele fez. Ele abaixou a cabeça e beijou-me no escuro, com um rigor suave, ansioso, em seguida, puxou sua boca longe o tempo suficiente para perguntar: —Como é que os elefantes fazem amor?

Felizmente, ele não esperou por uma resposta, porque eu não tinha uma. Ele rolou por cima de mim e deslizou para casa no mesmo movimento, e o

universo encolheu de repente a um único ponto vivas.

Poucos minutos depois, nós deitamos sob as estrelas em chamas, colcha jogada fora e os corações batendo lentamente de volta ao normal.

—Você sabia— eu disse, —que o seu coração realmente não parou por um momento no ponto de clímax? É por isso que o seu batimento cardíaco é lento por um minuto ou dois depois; o sistema nervoso simpático foi acionado todas as suas sinapses, deixando o parassimpático para executar o seu coração, e o parassimpático diminui a taxa de coração.

—Eu percebi que parou— ele me assegurou. —Realmente não importa porque, desde que ele comece de novo. — Ele colocou seus braços sobre a cabeça e esticou luxuosamente, aproveitando o ar fresco em sua pele. —Na verdade, eu nunca me importei se ele começasse de novo, de qualquer maneira.

—Há um homem em você— eu comentei com tolerância. —Não premeditação.

—Você não precisava premeditação para isso, Sassenach. O que você estava fazendo quando eu interrompi você, quero dizer. Eu admito, se há uma mulher envolvida, você tem que pensar em todos os tipos de coisas, mas não por isso. —Ele fez uma pausa por um momento.

—Hum. Será que eu não... servi bem o suficiente antes, Sassenach? — ele perguntou, um pouco timidamente. —Gostaria de ter mais tempo, mas eu poderia não ter, e...

—Não, não, — eu assegurei a ele. —Não foi isso, quero dizer, eu só... gostei tanto que eu acordei querendo mais.

—Oh. Boa.

Ele relaxou com um profundo suspiro de satisfação, fechando os olhos. Havia uma lua crescente e eu podia vê-lo claramente, embora o luar lavado todas as cores da cena, deixando uma escultura em preto e branco. Corri a mão no peito e levemente sobre seu trabalho físico de sua barriga dura que ainda tinha o seu preço, mas também os seus benefícios e segurei seus órgãos genitais, quentes e úmidos na minha mão.

—*Bola-ratha Tha Sinte riut*— ele disse, colocando uma mão grande sobre a minha.

—Um o quê?— Disse. —A sorte... perna?

—Bem, a integridade física, realmente; perna seria exagero por um bom negócio. Há um membro de sorte esticado contra você. —É a primeira linha

de um poema de Alasdair Mac Mhaighistir Alasdair. Para um excelente Pênis — que é chamado.

—Pensou muito de si mesmo, fez Alasdair?

—Bem, ele não quis *dizer*. Que fosse o seu, embora eu admita que seja a implicação. —Ele apertou um pouco, os olhos ainda fechados, e declamou:

*Tha bola-ratha Sinte riut  
A buaidh Mile choisinn  
Sar-bodh acfhainneach iallach  
Rinn-gheur sgaiteach cruaidh  
Ùilleach feitheach feadanach  
Làidir buan seasmhach  
Beòdha treòrach togarrach  
Nach diùltadh bog no cruaidh.*

—Eu ousou dizer, — eu disse. —Falando em Inglês; eu acredito que eu perdi alguns dos pontos mais delicados. Ele não pode realmente ter comparado seu pênis com o do cantor de uma gaita de foles, poderia?

—Oh, sim, ele fez— confirmou Jamie, então traduziu:

*Existe um membro de sorte esticado contra você  
Esse fez milhares de conquistas:  
Um excelente pênis é esse couro, bem equipado,  
Pontiagudo, penetrante, firme,  
Lubrificado, musculoso, duro,  
Forte, durável, longo e duradouro,  
Vigoroso, poderoso, alegre,  
Isso não quer ser macio ou duro no corpo.*

—Leathery, não é?— Eu disse, rindo. —Eu não me pergunto, depois de mil conquistas. O que ele quer dizer com *bem equipado*, embora?

—Eu não iria saber. Acho que deve ter visto uma ou duas vezes Havin dar uma mijada pelo lado *da estrada*, eu quero dizer, mas se assim for, eu não estava muito impressionado com as suas virtudes.

—Você *conhecia* este Alasdair? —Eu rolei e apoiou a cabeça no meu braço.

—Oh, sim. Então, não é, porém você talvez não saiba que ele escreveu poesia, você não sabia muito *Gaélico* naqueles dias.

Eu ainda não sabia muita coisa, mas agora que estávamos entre pessoas que falavam *Gaélico* novamente, ele estava voltando.

—Onde é que nós o conhecemos? No Nascente?

Ele era o professor do príncipe de *Gaélico*.

—Sim. Ele escreveu muitos poemas e canções sobre a causa Stuart. —E agora que ele me lembrou, eu pensei que eu *podia* talvez chamá-lo: um homem de meia-idade cantando à luz do fogo, de cabelos compridos e bem barbeado, com uma fenda profunda em seu queixo. Eu sempre me perguntei como ele conseguiu fazer a barba tão bem com uma navalha cruel.

—Hmm. — Eu tinha sentimentos mistos sobre diferentes pessoas como Alasdair. Por um lado, sem eles mexendo a panela e emocionante romantismo irracional, a causa poderia facilmente ter murchado e morrido muito antes de Culloden. Por outro... por causa deles, os campos de batalha e aqueles que caíram lá, foram lembrados.

Antes que eu pudesse pensar muito profundamente sobre o assunto, no entanto, Jamie interrompeu meus pensamentos de braços cruzados colocando seu pênis de lado.

—Os mestres me fizeram aprender a escrever com a mão direita — observou ele, —, mas felizmente isso não ocorreu a ninguém me forçar a me abusar dessa maneira, também.

—Por que chamá-lo assim— eu perguntei, rindo. —Abusar mesmo, quero dizer.

—Bem, *masturbar* soa muito mais perverso, sim? E se você está abusando de si mesmo, soa menos como se estivesse a ter um bom tempo.

—*Forte, durável, longo e duradouro* — Citei acariciando o objeto em questão de ânimo leve. —Talvez Alasdair quisesse dizer algo como luva de couro?

—Vigoroso e poderoso que seja, Sassenach, e, certamente, alegre, mas digo a você, não é e nem vai subir para a ocasião três vezes em uma noite. Não na minha idade. —Retirei a minha mão e ele virou-se, me pegando em forma de colher antes dele, e em menos de um minuto estava dormindo.

Quando acordei pela manhã, ele se foi.

### ***Capítulo 144 Visita a um Jardim Assombrado***

Eu sabia. A partir do momento que eu acordei com o canto dos pássaros e uma colcha de frio ao meu lado, eu sabia. Jamie muitas vezes se levantava antes do amanhecer, para a caça, pesca, ou viajar, mas ele invariavelmente me tocava antes de sair, deixando-me com uma palavra ou um beijo. Nós vivemos o suficiente para saber como a vida poderia ser arriscada e como rapidamente as pessoas poderiam se separar para sempre. Nós nunca falamos sobre isso ou fazíamos de um costume formal, mas nós quase nunca nos separávamos sem algum breve sinal de afeto.

E agora ele foi ao escuro, sem uma palavra.

—Você sangrento, sangrento *homem* —Eu disse, e bati no chão com o meu punho em frustração.

Eu fiz meu caminho descendo a colina, mantas dobradas debaixo do braço, furiosa. Jenny. Ele foi e falou com Jenny. Claro que ele fez; por isso que eu não previ isso?

Ele concordou em não me perguntar. Ele não disse que não iria perguntar a mais ninguém. E enquanto Jenny claramente me amava, eu nunca estive sob qualquer ilusão a respeito de onde sua lealdade final jazia. Ela não teria desistido voluntariamente do meu segredo, mas se seu irmão perguntasse, à queima-roupa, ela certamente teria dito a ele.

O sol estava espalhando calor como o mel ao longo da manhã, mas nada disso estava alcançando meus ossos frios.

Ele sabia. E ele tinha ido à caça.

Eu não precisava olhar, mas olhei de qualquer maneira. O rifle de Jamie desapareceu do seu lugar atrás da porta.

—Ele veio no início— Amy Higgins me disse dando uma tigela de mingau para mim. —Estávamos todos na cama ainda, mas ele gritou suave, e Bobby se levantou para destrancar a porta. Eu o teria alimentado, mas ele disse que estava bem o suficiente e ele foi embora. Caçar, disse.

—É claro— eu disse. A taça estava quente em minhas mãos, e, apesar do que eu pensei que eu *sabia e* estava acontecendo, o cheiro grosso granulado era atraente. E havia mel e um pouco de creme mantido volta da tomada de manteiga; Amy permitiu estes em deferência ao gosto inglês debochado de Bobby, embora preso ao sal virtuosamente escocês habitual no mingau em si mesmo.

Comer me acalentou, um pouco. O fato contundente foi de que não havia absolutamente nada que eu pudesse fazer. Eu não sabia o nome do nojento ou onde ele morava. Jamie saberia. Se ele tivesse falado com Jenny

imediatamente, ele poderia facilmente enviar a palavra à feitoria de Beardsley e perguntar quem era o imbecil gordo com a mancha de vinho do porto no rosto. Mesmo que ele ainda não conhecia e estava a caminho de descobrir, eu não tinha meios de me aproximar, e muito menos impedi-lo.

—*Um homem não pode ficar vivo ainda mais se for um homem que estuprou sua esposa por perto, nem deve.* — Isso é o que Jenny havia me dito. Em alerta, agora eu percebi.

—Gak!— Era o pequenino Rob, cambaleando pelo quarto, que se apoderou de minha saia com as duas mãos e foi me dando um sorriso com todos os seus quatro dentes. —Fome!

—Hallo, não— eu disse, sorrindo de volta, apesar da minha inquietação. —Com fome, você disse?— Eu estendi uma pequena colherada de mingau doce em sua direção, e ele foi para ela como uma piranha faminta. Nós compartilhamos o resto da tigela em amistoso silêncio, Rob não era um conversador criança, e eu decidi que eu iria trabalhar no jardim hoje. Eu não queria ir muito longe, como Rachel podia entrar em trabalho a qualquer momento, a partir de sua aparência. E um curto período de solidão em meio à companhia suave do reino vegetal pode me emprestar um pouco de muito necessária calma.

Ele também queria sair da cabana, refleti, como Rob, depois de ter lambido a tigela, devolvendo para mim, passeando pela cabana, e, levantando o vestido, fazendo xixi na lareira.

Haveria uma nova horta perto da casa nova. Foi medida e planejada, a terra quebrada, e postes para a cerca de veado começando a acumular. Mas não havia muito sentido em andar tão longe a cada dia para cuidar de um jardim, quando não havia ainda uma casa para viver e eu me importava pela trama de Amy, entretanto, esgueirando mudas ocasionais e propágulos para ele entre os repolhos e nabos mas hoje eu estava destinada a visitar o Jardim Velho.

Isso é o que as pessoas do cume chamavam, e eles não iam lá. Eu chamava em particular de Jardim da Malva, e era.

Foi em uma pequena subida atrás de onde a Casa Grande estava. Com a nova casa já subindo na minha mente, eu passei o ponto desencapado onde a Casa Grande esteve, sem o menor escrúpulo. Havia coisas mais exigentes para ter escrúpulo sobre isso, eu pensei, e ri.

—Você está perdendo sua mente, Beauchamp — eu murmurei, mas me senti melhor.

A cerca de veado resistiu e discriminadas em alguns pontos, e os veados aceitaram naturalmente o convite. A maioria das plantas estava apalpada e comidas, e enquanto algumas das plantas mais suaves, como alface e rabanete, escaparam por tempo suficiente para propagar novamente a si mesmas, o crescimento das plantas era mordiscado pelos talos brancos. Mas uma selvagem muito espinhosa subia os espinhos florescendo fora em um canto, vinha pepino arrastando no chão, e uma enorme videira de cabaça ondulado sobre uma parte desmoronada da cerca, grossa com frutas infantis.

A fitolaca monstruosa aumentou a partir do centro do lugar, quase dez metros de altura, seu caule grosso vermelho suportando uma grande variedade de folhas verdes longas e centenas de hastes florais vermelho-arroxeadas. As árvores próximas cresceram imensamente, protegendo o enredo, e à luz verde difusa os longos caules em pedaços parecia nudibrânquios, essas lesmas do mar coloridas, balançando suavemente em correntes de ar ao invés de água. Toquei-o respeitosamente, de passagem; ele tinha um cheiro estranho medicinal, bem merecido. Havia uma série de coisas úteis que se poderia fazer com a fitolaca, mas comer não era um delas. O que era para dizer as pessoas *fazia* comer as folhas de vez em quando, mas as chances de uma intoxicação acidental não valia a pena o trabalho de preparação, a menos que não houvesse absolutamente nada para comer.

Eu não conseguia lembrar o local exato onde ela morreu. Onde a fitoclaca crescia? Isso seria totalmente pertinente, mas talvez demasiado poético.

Malva Christie. Uma estranha, uma jovem machucada, mas uma que eu amava. Quem talvez tivesse me amado, assim que pôde. Ela estava grávida e perto dela o tempo quando o pai como um irmão da criança cortara sua garganta, aqui no jardim.

Eu encontrei momentos depois e tentei salvar a criança, realizando uma cesariana de emergência com a minha faca de jardinagem. Ele estava vivo quando eu puxei do ventre de sua mãe, mas morreu de uma vez, a breve chama da sua vida um brilho azul passando em minhas mãos.

*Será que alguém o deu um nome?* Perguntava de repente. Eles enterraram o bebê com Malva, mas eu não me lembro de ninguém mencionar o seu nome.

Adso veio perseguindo através do mato, os olhos com a intenção de um rato gordo cutucando ocupado por vermes no canto. Eu ainda mantinha,

observando, admirando a forma ágil, em que ele afundava imperceptivelmente inferior quando vinha mais lentamente, rastejando em seu ventre para os últimos metros, parando, movendo-se, parando de novo por um longo, desesperador segundo, não mais do que a ponta de sua cauda uma contração.

E então ele se moveu rápido demais para o olho ver, e na explosão breve e silenciosa de penas, tudo estava acabado.

—Muito bem, gato, — eu disse, embora de fato a violência súbita tivesse me assustado um pouco. Ele não prestou atenção, mas saltou através de um ponto baixo em cima do muro, a presa em sua boca, e desapareceu para desfrutar de sua refeição.

Fiquei parada por um momento. Eu não estava procurando por Malva; o povo do cume disse que seu fantasma assombrava o jardim, chorando por seu filho. Apenas o tipo de coisa que eles *achariam*, eu pensei, uma vez impiedosamente. Eu esperava que o seu espírito tivesse fugido e estivesse em paz. Mas eu não pude deixar de pensar, também, em Rachel, de forma muito diferente a alma, mas uma jovem mãe, assim, tão perto dela o tempo, e assim por perto.

Minha faca de jardinagem velha muito longe. Mas Jamie me fez uma nova durante as noites de inverno, em Savannah, a alça esculpida em osso de baleia, em forma, já que a última tinha sido para caber a minha mão. Levei-a de sua bainha no meu bolso e peguei meu pulso, não parando para pensar.

A cicatriz branca na base do meu polegar havia desaparecido, não mais agora do que uma linha fina, quase perdida nas linhas que marcavam minha palma. Ainda legível, porém, se você soubesse para onde olhar a letra *J*, ele cortou em minha carne, pouco antes de Culloden. Alegando por mim.

Eu massageava a carne perto do corte suavemente, até que uma gota vermelha cheia correu para o lado do meu pulso e caiu no chão ao pé da fitolaca.

—Sangue por sangue— eu disse as palavras tranquilas em si, mas parecendo afogada pelo farfalhar das folhas ao redor. —Descanse tranquila, criança e não faça mal.

Não faça mal. *Bem, você tentou.* Como médico, como amante, como mãe e esposa. Eu disse um adeus silencioso para o jardim e subi a colina, em direção à casa de campo dos MacDonalds.

Como Jamie faria isso? Eu me perguntava, e fiquei surpresa ao descobrir que eu me perguntava, e se perguntava de uma forma puramente desapaixonada. Ele levou o rifle. Será que ele esperaria o homem fora à distância, como se ele fosse um cervo na água? Um tiro limpo, o homem morto antes que ele percebesse.

Ou será que ele sentia que ele devia enfrentar o homem, dizer por que ele estava prestes a morrer e oferecer a chance de lutar por sua vida? Ou apenas caminhar com o rosto frio da vingança, não diga nada, e matar o homem com as mãos?

—*Você foi casada com um homem das Highlands todos estes anos e não sabe quão profundo eles podem odiar.*

Eu realmente não queria saber.

Ian atirou em Allan Christie com uma seta, como seria para um cão raivoso, e por razões semelhantes, precisamente.

Eu já vi Jamie com ódio brilhante na noite em que me salvou e disse aos seus homens: —*Mate todos eles.*

Como era agora para ele? Se o homem fosse encontrado naquela noite, não haveria nenhuma dúvida de que ele iria morrer. Caso fosse diferente agora, só porque passou um tempo?

Eu andei no sol agora, mas ainda sentia frio, as sombras do Jardim de Malva comigo. O assunto estava fora de minhas mãos; não mais o meu negócio, mas Jamie.

Eu encontrei Jenny no caminho, chegando rapidamente, uma cesta em seu braço e seu rosto iluminado de excitação.

—Já?— Exclamei.

—Sim, Matthew MacDonald desceu há meia hora para dizer que estourou sua bolsa. Ele foi embora para encontrar Ian agora.

Ele encontrou Ian; encontramos os dois jovens na porta da cabana, Matthew vermelho brilhante com emoção, Ian branco como um lençol sob seu bronzeado. A porta da cabana estava aberta; eu podia ouvir o murmúrio das vozes das mulheres dentro.

—Mamãe— disse Ian com voz rouca, vendo Jenny. Seus ombros, duros de terror, relaxando um pouco.

—Nada mesmo asqueroso, a bhalaich— Ela disse confortavelmente, e sorriu simpaticamente para ele. —Sua tia e eu fazemos isso uma ou duas vezes antes. Vai dar tudo certo.

—Vovó! Vovó! —Virei para encontrar Germain e Fanny, ambos cobertos com terra e com paus e folhas em seus cabelos, rostos brilhantes de excitação. —É verdade? Rachel está tendo seu bebê? Podemos assistir?

Como é que isso funciona? Eu me perguntava. Notícias nas montanhas pareciam viajar através do ar.

—Vigia e reze!— Jenny exclamou, escandalizada. —Aqui não é qualquer tipo de lugar para os homens. Vá para fora agora!

Germain parecia dividido entre a decepção e prazer em ser chamado de homem. Fanny olhou esperançosa.

—Eu não sou um homem— disse.

Jenny e eu olhamos em dúvida para ela e depois para o outro.

—Bem, você não é uma mulher ainda, tampouco, é?— Disse Jenny para ela. Se não, ela estava perto. Seios minúsculos estavam começando a mostrar quando ela estava de anáguas, e sua menarca não foi muito longe.

—Eu tenho visto os bebês nascerem. — Foi uma simples declaração de fato, e Jenny balançou a cabeça lentamente.

—Aye. Tudo bem, então.

Fanny ficou radiante.

—O que nós fazendo? —Germain exigiu, indignado. —nós homens.

Eu sorri, e Jenny deu uma risada profunda, que era mais velha que o tempo. Ian e Matthew olharam assustados, Germain bastante surpreso.

—Seu tio fez a sua parte do negócio há nove meses, rapaz, assim como você vai fazer quando for à hora. Agora, você e Matthew levem seu tio e o embebedem, sim?

Germain assentiu muito a sério e se virou para Ian.

—Você quer o vinho de Amy, Ian, ou devemos usar o bom uísque do vovô, não parece?

O longo rosto de Ian se contraiu, e ele olhou para a porta da cabana aberta. Um grunhido profundo, não era bem um gemido, saiu e ele desviou o olhar, empalidecendo ainda mais. Ele engoliu em seco e tateou na bolsa de couro que ele usava na cintura, saindo com o que parecia uma pele de animal rolando de algum tipo e entregando a mim.

—Se— ele começou, então parou para reunir e começou de novo. — Quando o bebê nascer poderá envolvê-lo ou ela, — ele acrescentou rapidamente, —nisso?

Era uma pequena pele, macia e flexível, com muito espessa pele, fina em tons de cinza e branco. Um lobo pensei surpreso. A pele de um filhote de

lobo por nascer.

—Claro, Ian, — eu disse, e apertei seu braço. —Não se preocupe. Vai dar tudo certo.

Jenny olhou para a pequena pele, macia e balançou a cabeça.

—Eu duvido rapaz, que isso vá cobrir o seu meio-homem. Porventura não viu o tamanho de sua mulher ultimamente?

### ***Capítulo 145 E Você Sabe Disso***

Jamie voltou para casa três dias depois, com um grande fanfarrão amarrado na sela de Miranda. O cavalo parecia sem entusiasmo sobre isso, embora tolerante, e ela soltasse ar pelas narinas e estremeceu seu esconder quando ele arrastou a carcaça fora, deixando-o cair com um baque.

—Sim, moça, você fez bem— disse, batendo-lhe no ombro. —É sobre Ian, *a nighean* — Ele fez uma pausa para me beijar brevemente, olhando para cima a colina em direção à casa dos MacDonald. —Eu poderia ter um pouco de ajuda aqui.

—Oh, ele está aqui— eu disse, sorrindo. —Eu não sei se ele virá pela pele do seu veado ou por você, no entanto. Ele tem um novo filho e não vai deixar o bebê para fora de sua vista.

O rosto de Jamie, um pouco cansado e desgastado, abriu um sorriso.

—Um filho? A bênção de Santa Brígida e o Arcanjo Miguel esteja com ele! Um rapaz?

—Muito— eu assegurei a ele. —Acho que ele deve pesar quase cinco quilos.

—Pobre moça, — ele disse, com uma careta simpática. —E pela primeira vez, também. Tudo bem com a pequena Rachel, embora?

—Uma vez cansada e dolorida, mas tudo bem, — eu assegurei a ele. — Quer que eu lhe traga um pouco de cerveja, enquanto você cuida do cavalo?

—Uma boa esposa é valorizada acima de rubis— disse, sorrindo. —Vinde a mim, *mo Donn nighean*. —Ele estendeu um braço longo e me atraiu, me segurando perto contra ele. Coloquei meus braços em torno dele e senti o tremor de seus músculos, exausto, e a força árdua ainda nele, que segurava, não importa o quão cansado ele poderia estar. Ficamos muito ainda por algum tempo, minha bochecha contra seu peito e seu rosto contra o meu cabelo, tirando força do outro para o que pudesse vir. Ser casado.

Em meio à alegria geral e confusão sobre o final da manhã ainda estava sendo chamado Oggy, seus pais sendo estragados para a escolha sobre o seu nome, o abate do cervo, e a festa subsequente durando bem na noite, era o bebê o próximo do dia antes de nós nos encontramos sozinhos novamente.

—A única coisa que falta na noite passada foi de rejeição de Cherry— comentei. —Eu nunca vi tanta gente bebendo tanto de tantas coisas diferentes. — Nós estávamos fazendo o nosso caminho-lentamente subindo para o lugar da casa, carregando vários sacos de pregos, uma pequena serra muito cara, e um plano que Jamie trouxe de volta, além do veado.

Jamie fez um pequeno som divertido, mas não respondeu. Ele parou por um momento para olhar para o local, presumivelmente imaginando o contorno da casa a ser.

—Você acha que deveria talvez ter um terceiro andar— ele perguntou. —As paredes iriam suportá-lo com bastante facilidade. Tomando cuidado na construção das chaminés, porém, mantendo o prumo, quero dizer.

—Não precisamos de muito espaço— eu perguntei em dúvida. Tinha vezes certamente que na antiga casa quando eu gostava de ter *tive* muito espaço: influxos de visitantes, novos emigrantes ou refugiados tinham muitas vezes enchido o lugar, a ponto de explosão de minas. —Fornecer mais espaço pode apenas incentivar os clientes.

—Você faz parecer que eles são formigas brancas, Sassenach.

—Ou, cupins. Bem, sim, há uma forte semelhança superficial.

Chegamos à clareira, eu empilhei as unhas de forma conveniente e fui banhar meu rosto e as mãos na água da pequena mola que fluía das rochas um pouco no caminho até a colina. No momento em que eu voltei, Jamie tirou a camisa e foi batendo juntos a alguns dos cavaletes irregulares. Eu não o vi sem camisa por muito tempo e fez uma pausa para apreciar a vista. Além do simples prazer de ver o seu corpo flexível em movimento, músculos rígidos móveis facilmente debaixo de sua pele, eu gostava de saber que ele se sentia seguro aqui e podia ignorar suas cicatrizes.

Sentei-me em um balde virado para cima e observei por um tempo. Os golpes de seu martelo silenciando temporariamente os pássaros, e quando ele parou e colocou o cavalete em seus pés, o ar vazio tocou em meus ouvidos.

—Eu queria que você não sentisse que tinha que fazer isso— eu disse calmamente.

Ele não respondeu por um momento, mas franziu os lábios quando ele se agachou e pegou alguns pregos vadios. —Quando a gente casou— disse, sem olhar para mim. —Quando nos casamos, eu disse a você que eu daria a proteção do meu nome, meu clã e meu corpo. — Levantou-se então e olhou para mim, sério. —Não me diga agora que você já não quer isso?

—Eu, não, — eu disse abruptamente. —Eu só gostaria que não o tivesse matado isso é tudo. Gostaria da gestão para perdoá-lo. Não foi uma coisa fácil de fazer, mas eu fiz isso. Não permanentemente, mas eu pensei que eu *poderia* fazê-lo de forma permanente, mais cedo ou mais tarde.

Sua boca se contorceu um pouco.

—E, se você poderia perdoá-lo, ele não precisaria morrer você está dizendo? Isso é como um juiz deixaria um assassino em liberdade, porque a família da vítima o perdoou. Ou um soldado inimigo expulsasse pela vontade de todas as suas armas.

—Eu não sou um estado em guerra, e você não é meu exército!

Ele começou a falar, em seguida, parou, procurando o meu rosto, os olhos intencional.

—Eu não sou?— Disse em voz baixa.

Abri a boca para responder, mas descobri que não podia. Os pássaros vieram de volta, e uma gangue de casa de tentilhões bateram ao pé de um grande abeto que crescia no lado da clareira.

—Você é — eu disse com relutância, e, de pé, passei meus braços em torno dele. Ele estava quente de seu trabalho, e as cicatrizes em suas costas estavam bem como tópicos sob meus dedos. —Eu desejo que você não tivesse que ser.

—Sim, bem, — ele disse, e me segurou perto. Depois de um pouco, nós andamos de mãos dadas para a maior pilha de madeira e sentamos. Eu podia senti-lo pensando, mas estava disposta a esperar até que ele formou o que ele queria dizer. Não demorou muito. Ele se virou para mim e pegou minhas mãos, formal como um homem prestes a dizer seus votos de casamento.

**—Você perdeu seus pais jovens, e percorreu o mundo, sem raízes. Amou Frank... —sua boca comprimida por um momento, mas eu pensei que ele estava inconsciente dela. —E, claro, amou Brianna e Roger Mac e as crianças... mas Sassenach, eu sou o verdadeiro lar de seu coração, e eu sei disso.**

**Ele levou as mãos à sua boca e beijou as palmas para cima, uma e depois a outra, seu hálito quente e o pelo macio de sua barba em meus**

**dedos.**

**—Eu amei outras pessoas, e eu a amo muito Sassenach, mas, só você tem todo o meu coração, todo em suas mãos, —disse em voz baixa. —E você sabe disso.**

Nós trabalhamos durante o dia, então, Jamie montava as pedras para a fundação, eu cavando o novo jardim e alimentando através da floresta, trazendo de volta pipsisewa e cimicifuga preta, hortelã e gengibre selvagem para transplante.

Por volta do fim da tarde, paramos para comer; eu trouxe queijo e pão e maçãs na minha cesta e coloquei duas garrafas de cerveja de pedra na primavera para manter fria. Sentamos na grama, inclinando para trás contra uma pilha de madeira que foi protegida pela grande abeto, cansados comemos em silêncio sociável.

—Ian diz que ele e Rachel vão chegar amanhã para ajudar— disse Jamie finalmente, parcimoniosamente comendo seu núcleo de maçã. —Não vai comer o seu Sassenach?

—Não— eu disse, entregando. —Sementes de maçã têm cianeto nelas, você sabe.

—Será que vai me matar?

—Não tem até agora.

—Ótimo. — Ele puxou para fora da haste e comeu o núcleo. —Já ouviu algum um nome para o rapaz pequenino?

Fechei os olhos e recostei na sombra do grande abeto, desfrutando de seu afiado cheiro aquecido pelo sol.

—Hmm. A última vez que ouvi, Rachel estava sugerindo Fox para George Fox, você sabe; ele foi o fundador da Sociedade de Amigos, mas, naturalmente, eles não chamariam o bebê de George, por causa do rei. Ian disse que não pensa muito em raposas, porém, e que cerca de Wolf, em vez disso?

Jamie fez um ruído escocês meditativo.

—Sim, isso não é ruim. Pelo menos ele não está querendo chamar de Rollo à criança.

Eu ri, abrindo meus olhos.

—Você realmente acha que é o que ele tem em mente? Sei que as pessoas dão os nomes a seus filhos de parentes falecidos, mas nomear pelo seu cão falecido...

—Sim, bem, — disse Jamie criteriosamente. —Ele era um *bom* cão.

—Bem, sim, mas... — Um movimento para baixo do outro lado da enseada chamou minha atenção. As pessoas que vinham até a estrada de carroça. —Olha, quem é?— Havia quatro pequenos pontos que se deslocam, mas a esta distância eu não poderia fazer muito mais do que isso, sem meus óculos.

Jamie protegeu os olhos, espiando.

—Ninguém que eu saiba— disse, soava levemente interessado. —Parece que uma família, embora com eles tenham crianças. Talvez um novo povo, querendo se estabelecer. Eles tinham muito na forma de bens, embora.

Eu olhava; eles estavam mais próximos agora, e eu podia ver a disparidade de altura. Sim, um homem e uma mulher, ambos vestindo chapéus de aba larga, e um menino e uma menina.

—Olha, o cabelo do rapaz é vermelho— disse Jamie, sorrindo e levantando o queixo para o ponto. —Ele parece Jem.

—Parece mesmo. — Curiosa agora, levantei-me e procurei em minha cesta, encontrando o pedaço de seda no qual eu mantive meus óculos quando não usava. Eu coloquei e virei, satisfeita como sempre fui ver detalhes finos surgindo de repente. Pouco menos satisfeita por ver que o que eu pensei que era uma escala de casca na madeira perto de onde eu estava sentada era de fato uma enorme centopeia, desfrutando da sombra.

Voltei minha atenção para os recém-chegados, embora; eles pararam e a menina deixou cair alguma coisa. Sua boneca eu podia ver o cabelo da boneca, uma mancha de cor no chão, ainda mais vermelho do que o pequeno menino. O homem estava vestindo um casaco, e a mulher tinha um grande saco sobre o ombro. Ela colocou para baixo e se abaixou para pegar a boneca, escovando e entregando de volta para sua filha.

A mulher virou-se então para falar com o marido, jogando um braço para apontar para algo, a cabana dos Higginses, pensei. O homem colocou as duas mãos à boca e gritou, e o vento levou suas palavras para nós, fracas, mas claramente audível, gritou com voz forte, rachada.

—Olá, de casa!

Eu estava em meus pés, e Jamie levantou-se e agarrou a minha mão, com força suficiente para machucar os dedos.

Movimento na porta da cabana e uma pequena figura que eu reconheci como Amy Higgins apareceu. A mulher alta tirou o chapéu e acenou seu longo cabelo vermelho fluindo para fora como uma bandeira ao vento.

—Olá, de casa!— Ela chamou, rindo.

Então, eu estava voando para baixo do morro, com Jamie um pouco antes de mim, braços abertos, nós dois juntos voando no mesmo vento.

Fim

---

[1] **Obligamos Aerobe** - S.m. Microrganismo cuja existência não se pode prolongar sem o oxigênio do ar. (Antôn.: **anaeróbio**.); Adj. Que vive no ar.

[2] Cunhada em gaélico.

[3] Journeycake ou Johnnycake – espécie de bolo de viagem

[4] reflexo da planta do pé

[5] Dia de São João – ou Midsummer Day como a autora escreveu, é o período compreendido entre solstício de verão, e ocorre entre o dia entre 21 e 25 de junho, a data é comemorada com entusiasmo no Norte da Europa, e está relacionada ao surgimento da Igreja Católica

[6] Criança em gaélico.

[7] Bebe em gaélico.

[8] Jorneycake ou Johnnycake - Espécie de bolo de viagem.

[9] castidade

[10] Como se fosse uma mulher santa.

[11] Um pão redondo liso, tipicamente ázimo, associado com a Escócia e o norte da Inglaterra.

[12] Ruivo em gaélico.

[13] Rainha da torta.

[14] Ano novo.

[15] Marca de chocolate.

[16] Calças escocesas que vão ate o joelho.

[17] Padrinho em gaélico.

[18] Expressão em latim que quer dizer “Como se queira demonstrar”.

[19] Resulta em latim.

[20] Espécie de passarinho.

[21] Uma moeda escocesa sem muito valor.

[22] No texto original, a autora refere-se a “*Solicitor*” ou “*Barrister*” são dois termos usados para denominar as duas classes de advogado no direito inglês (Inglaterra, Irlanda do Norte, algumas províncias do Canadá, etc.). Enquanto o Solicitor é o advogado que orienta e representa clientes nas instâncias inferiores, o Barrister é o advogado que possui permissão para atuar nos tribunais superiores e, normalmente, é o profissional contratado para emitir pareceres especializados.

[23] Uma peça de armadura que protege o pescoço.

[24] Jogo carteadado em que podem participar duas, três ou quatro pessoas, com dois, três ou quatro baralhos de 32 cartas.

[25] uma conclusão ou declaração de que não segue logicamente a partir do argumento ou declaração anterior.

[26] Um rio no nordeste dos EUA, que nasce nas montanhas de Catskill, em Nova York e flui para o sul por cerca de 280 milhas (450 quilômetros) ao norte de Delaware, onde se encontra com o Oceano Atlântico, na baía de Delaware. Durante grande parte da sua extensão que forma a fronteira leste da Pensilvânia.

[27] Jovem em gaélico.

[28] Merda obscena! Filho da mãe!

[29] Estomago em gaélico.

[30] Uma espécie de laranja.

[31] São seus olhos em francês.

[32] Auxiliares alemães contratados pelo exercito britânico.

[33] Alô, em alemão.

[34] Onde está o ferreiro mais próximo? em alemão.

[35] Obriado, em alemão.

[36] Ele fala alemão, ouviu!

[37] Perdão.

[38] Machadinha.

[39] Espécie de laranja.

[40] Expressão latina – tomar uma coisa pela outra.

[41] Espécie de pássaro.

[42] Quantidade de grânulos pequenos cilíndricos feitos por índios norte-americanos a partir de conchas Quahog, amarradas juntas e usadas como um cinto de decoração ou usado como dinheiro.

[43] Um monumento pré-histórico que consiste em um círculo de pedra ou pilares de madeira.

[44] é um efeito sonoro muito utilizado por guitarristas. O efeito "phaser" é obtido através de pedais de efeito ou pedaleiras, e consiste em criar um efeito que dá sensação de um efeito rotacional através do atraso de phase de um amplificador operacional

[45] Espécie de passarinho.

[46] E uma musica medieval do século XIII, a tradução seria mais ou menos “A Primavera Chegou”.

[47] Cante em voz alta, cuco.

[48] Aqui ela quer xingar merda, mas mães não xingam!!!!

[49] Um espírito de água do folclore escocês, geralmente tomando a forma de um cavalo, a fama de deliciar-se com o afogamento de viajantes.

[50] Uma injeção de liquido através do ânus para estimular a evacuação.

[51] A linguagem usada pelos judeus na Europa Central e Oriental antes do Holocausto. Foi originalmente um dialeto do alemão com as palavras do hebraico e várias línguas modernas e é hoje falado principalmente em os EUA, Israel e Rússia.

[52] “The Revelled Sleeve of Care”: Uma frase de Macbeth de Shakespeare

[53] Uma espécie de peixe de água doce.

[54] No texto a autora usa a palavra “tything”, que é um termo histórico para as divisões administrativas ou unidades territoriais <http://en.wikipedia.org/wiki/Tithing>

[55] Válvula cardíaca, também designada válvula mitral pela sua semelhança com a mitra de um bispo, constituída por duas lâminas. Separa o ventrículo esquerdo da aurícula esquerda, e permite a passagem dosangue da aurícula para o ventrículo impedindo que este retroceda.

[56] Um jogo em que cada jogador joga uma faca ou pau pontiagudo de uma série de posições, continuando até que ele não consegue ficar no chão.

[57]Eram [partidário](#)